

Discurso Desenhado

Paulo Mendes da Rocha em concursos de arquitetura

volume 1

Paulo Victor Borges Ribeiro

Tese de doutorado

Linha de pesquisa
História e Teoria da Arquitetura

orientadora
Sylvia Ficher

Brasília, dezembro de 2022

Tese de doutorado

Discurso Desenhado

Paulo Mendes da Rocha
em concursos de arquitetura

volume 1

Design and Discourse.
Paulo Mendes da Rocha
in architectural competitions

Paulo Victor Borges Ribeiro

palavras-chave:
Paulo Mendes da Rocha, concurso de projeto, geografia, Milton Santos, arquitetura potencial, desenho, discurso

Programa de Pós-Graduação
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Universidade de Brasília

Tese de doutorado

Discurso Desenhado
Paulo Mendes da Rocha
em concursos de arquitetura

presidente da banca examinadora
Profa. Sylvia Ficher (PPG-FAU/UnB)

membros titulares
Prof. Eduardo Pierrotti Rossetti (PPG-FAU/UnB)
Profa. Ana Carolina de Souza Bierrenbach (FA/UFBA)
Prof. Angelo Bucci (FAU/USP)

membro suplente
Profa. Ana Elisabete de Almeida Medeiros (PPG-FAU/UnB)

Brasília, 20 de dezembro de 2022.

Programa de Pós-Graduação
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Universidade de Brasília

Para os meus pais,
Lívia Patrícia e Romildo.
E às Universidades Públicas.

resumo

O trabalho aqui apresentado navega no sentido de ler o projeto de arquitetura como um campo ampliado que anseia dialogar com disciplinas diversas com o intuito de compreender a própria história e assim, quem sabe, produzir cidades plurais e solidárias. Nesse contexto, o pensamento de Paulo Mendes da Rocha oferece múltiplos caminhos, um deles é a sua densa obra de concursos de projeto (45 participações). Tendo em vista a latência da construção de uma ideia com base no discurso e no desenho que esses certames propiciam, encontra-se uma seara de reflexões possíveis no campo da arquitetura potencial. Com isso, esquadrinha-se a ideia de discurso e desenho regidos por um desígnio. Utilizando o discurso (entrevistas, textos e memórias) do arquiteto, encontram-se algumas pautas constantes, tais como cidade, história e geografia. E assim, levanta-se a hipótese da possibilidade de leitura dos projetos do arquiteto sob a luz de três conceitos que permeia arquitetura e geografia. *Paisagem*, *território* e *espaço*. Os conceitos são construídos no eco encontrado com o pensamento do geógrafo Milton Santos.

Palavras-chave: Paulo Mendes da Rocha; concurso de projeto; geografia; Milton Santos; arquitetura potencial; desenho; discurso.

abstract

The work here presented navigates in the sense of reading the architectural project as an expanded field that longs to dialogue with different disciplines in order to understand its own history and thus, who knows, produce plural and solidary cities. In this context, Paulo Mendes da Rocha's way of thinking offers multiple paths, one of which is his dense presence in architectural competitions (45 participations). Bearing in mind the latency of the construction of an idea based in discourse and drawing these contests provide, there is a vast opportunity of reflections with this architectural potential. Herewith, the prospects open at the idea of discourse and drawing oriented by an intention. Using the architect's own discourse (interviews, texts and memoirs), it is promising to find some constant guidelines, such as the city, history and geography. Then, the hypothesis arises of the possibility of interpretation of Mendes da Rocha's projects in the light of three concepts that permeate architecture and geography. *Landscape*, *territory* and *space*. These concepts are built echoing the thought of Brazilian geographer Milton Santos.

Key-words: Paulo Mendes da Rocha; architectural competitions; geography; Milton Santos; potential architecture; design; discourse.

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

email: paulovbribeiro@gmail.com

Imagem da capa é um recorte dos desenhos presentes na prancha do projeto para o concurso de transformação da área central de Santiago no Chile de
Paulo Mendes da Rocha em 1972. Fonte: Casa da Arquitectura.

considerações necessárias e agradecimentos

> "Arquitetura é, antes de mais nada, construção; mas, construção concebida com o propósito primordial de ordenar o espaço para determinada finalidade e visando a determinada intenção."
> Lúcio Costa, 1995

Arquitetura sem intenção carregada de valores humanos é uma produção desnorteada. De certa maneira o Paulo Mendes da Rocha nos apresenta em várias entrevistas uma espécie de eco em Lucio Costa e nos apresenta um caminho para definir arquitetura como campo de encontro da geografia, percorrendo a história, a sociologia, a filosofia e assim preencher a técnica de valores.

Cabe o registro do quanto fui amparado ao longo de todo o percurso durante esse período. Primeiro, acudido pelo professor Fabiano Sobreira, apresentando caminhos e pessoas que oportunizaram participar de certames como concorrente, coordenador e jurado. Nesse mesmo contexto também ser acolhido pelos professores Sylvia Ficher e Nonato Veloso, encontro que resultou na dissertação (2017) sobre a premiada e longeva obra do professor arquiteto.

Em 2018, auxiliado pela professora Maria Helena Flynn, fizemos duas entrevistas com Paulo Mendes da Rocha acerca da sua obra em concursos para o portal *concursosdeprojeto.org*, registrado com a pequena publicação *Paulo Mendes da Rocha: sobre concursos e memórias* de 2018. De certa maneira, foi esse registro o arranque para o trabalho aqui apresentado, novamente sob a orientação de Sylvia.

Como docente, os concursos se apresentaram como ferramenta de ensino, uma alternativa para estabelecer um diálogo qualitativo e como aparato para construção de uma narrativa de projeto. A montagem de uma proposta para essas competições convoca a necessidade de criação de uma linguagem autônoma e complexa, que ora convoca o texto, imagem e/ou um título que pavimenta os caminhos interpretativos do desenho, que por fim decodifica aquilo que as palavras tangenciam. A definição de Walter Benjamin em um de seus ensaios sobre a linguagem, onde acende a questão da construção da comunicação por meio de uma língua:

> '"Pode-se falar de uma linguagem da música e da escultura... pode falar-se de uma linguagem da técnica, que não é um jargão especializado dos técnicos. ... toda comunicação de conteúdos espirituais é linguagem, sendo que a comunicação pela palavra é apenas um caso particular."
>
> Benjamin, 2008

Arquitetura compreendida como linguagem passa por um exercício de colecionar signos, textos e desenhos, para então comunicar um desejo que almeja ser espaço. O discurso projetual solicita um propósito estético. Sob esse espectro de arguir, esse exercício específico da profissão demanda uma espécie de sedução para então, e finalmente, se fazer ser entendido. No contexto contemporâneo, é possível identificar os destacamentos da particularidade técnica do processo de projeto no seu conjunto. Nesse universo particular se moldam olhares sobre reflexões que contingenciem um discurso generoso, coletivo, que caminhe a um sentido de conter a pluralidade, temas caríssimos em um contexto de *tanta mentira, tanta força bruta*.

Dadas as dificuldades de deslocamento, contei com o cuidado de vários para ter acesso aos documentos que subsidiaram a pesquisa.

Agradeço o constante e atencioso auxílio com o envio de documentos e informações de Eliane Duarte Alves.

À Casa da Arquitectura pela cessão de mais de 100 desenhos, sob os nomes de Ana Filipe e, posteriormente, José Fonseca que sempre estiveram dispostos.

Sylvia Ficher pelas orientações em grande e pequena escala.

A Maria Helena Flynn, pelas longas e carinhosas conversas sobre concursos e sobre os anos em que colaborou no escritório de Paulo Mendes da Rocha.

Fabiano Sobreira que nunca deixou de ser meu professor.

Aos membros da banca Ana Carolina Bierrenbach, Ana Elisabete Medeiros, Angelo Bucci, Eduardo Rossetti pelas diretrizes de continuidade na qualificação.

Diego Luna pelos resolvidos no PPG FAU UnB.

Aos professores Carlo Gandolfi, Catherine Otondo Daniele Pisani, Edison Hiroyama, Maria Isabel Villac, Pedro Mendes da Rocha e Renato Maia, pelas atenciosas respostas e compartilhamento de arquivos e experiência. Pedro de Melo Saraiva e ao escritório de Bak Gordon por compartilharem materiais e informações sobre as parcerias com Paulo Mendes da Rocha.

Isadora Banducci, Luana Alves e Lucas Sousa pelas leituras, revisões e amizade.

Andressa Borges, Deolinda Farias, Deryck Dantom, Elcio Gomes, Lucas Brasil, Paulo Lourenço e Paulo Losi por instigarem reflexões diárias sobre a vida e arquitetura...

Ao Paulo Mendes da Rocha e Helene Afanasieff pela abertura e estímulo.

E Thaís pelas revisões e companheirismo.

sumário – volume 01

introdução 16

1. aproximações
   - concursos de projeto 20
   - concurso como arquitetura potencial 23
   - mendes da rocha revisitado 25
   - os concursos na carreira de paulo mendes da rocha 34
     - paulo mendes da rocha como jurado 37
     - cronologia 40
     - paulo mendes da rocha como participante 41

2. discurso e desenho 109

geografia da arquitetura 116
   - paisagem 127
   - território 133
   - espaço 140
     - sobre o olhar e as aproximações de estudo 145
     - clube da orla do guarujá – 1963 147
     - pavilhão de osaka, japão – 1969 165
     - transformação da área central de santiago, chile - 1972 180
     - biblioteca do rio de janeiro – 1984 193
     - instituto de engenharia - 1988 206
     - faculdade de arquitetura e urbanismo de assunção, paraguai - 2018 223

considerações finais e anseios de continuidade 243

lista de figuras 247

bibliografia 254

sumário – anexo

anexos

carta paulo mendes da rocha	3
clube da orla do guarujá – 1963	4
pavilhão de osaka – 1969	5
crea, são paulo - 1978	6
biblioteca do rio de janeiro – 1984	8
instituto de engenharia - 1988	12
edifício de correios e telégrafos de buenos aires, argentina - 2005	16
faculdade de arquitetura e urbanismo de assunção, paraguai - 2018	18

sumário – volume 2

1957 - Assembleia Legislativa de Santa Catarina - SC	10
1958 - Palácio dos esportes do Clube Atlético Paulistano - SP	15
1958 - Sede do Jóquei de São Paulo - SP	25
1958 - Sede Administrativa da Companhia Siderúrgica Paulista - SP	27
1958 - Sociedade Harmonia do Tênis - SP	29
1960 - Novos Pavilhões da Escola da Aeronáutica - SP	31
1962 - Sede do Jóquei Clube de Goiás - GO	33
1963 - Clube da Orla Guarujá - SP	49
1966 - Sede da Petróleo Brasileiro (PETROBRÁS) - RJ	61
1966 - Sede Social do Esporte Clube Sírio São Paulo - SP	64
1969 - Escola Técnica Federal de São Paulo - SP	66
1969 - Pavilhão do Brasil Expo Osaka - Japão	68
1970 - Estádio do Paraná - PR	92
1971 - Sede da União dos Bancos Brasileiros - SP	97
1971 - Edifício Sede do Conselho Federal de Engenharia e Arquitetura (CONFEA) Brasília - DF	99
1971 - Centro Beaubourg Paris (Pompidou) - França	101
1972 - Transformação da Área Central de Santiago - Chile	109
1976 - Sede do Serviço Social do Comércio (SESC) Rio de Janeiro - RJ	120
1975 - Centro de Congressos de Campos do Jordão - SP	122
1976 - Instituto Caetano de Campos - SP	134
1977 - Biblioteca Nacional Pahlavi - Teerã, Irã	150
1978 - Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura (CREA-SP) - SP	152

1978 - Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) - SP 168
1984 - Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro - RJ 170
1986 - Museu Brasileiro da Escultura - SP 189
1987 - Sede Administrativa H. Stern - SP 200
1988 - Biblioteca de Alexandria - Cairo, Egito 217
1988 - Instituto de Engenharia de São Paulo - SP 228
1991 - Edifício Comercial da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) - SP 246
1991 - Conselho Regional de Contabilidade (CRC) do Estado de São Paulo - SP 248
1995 - Escola Fundação Getúlio Vargas (FGV) - SP 250
1996 - Sede do Serviço Social do Comércio (SESC) Tatuapé - SP 256
1997 - Museu Constantini - Buenos Aires, Argentina 272
1998 - Centro de Coordenação Geral do Sistema de Vigilância da Amazônia (SIVAM) - DF 280
2000 - Concurso de Ideias para o Boulevard dos Esportes de Paris - França 295
2001 - Centro Beaubourg Paris (Pompidou) - França 307
2005 - Edifício dos Correios e Telégrafos de Buenos Aires - Argentina 325
2006 - Novo Centro Judiciário, Trento, Itália 327
2007 - Sede do Serviço Social do Comércio (SESC) Edifício Glória, Vitória - ES 339
2008 - Pavilhão do Brasil Expo Xangai - China 354
2011 - Parque Olímpico do Rio de Janeiro - RJ 356
2014 - Sede Axel Springer - Berlim, Alemanha 364
2016 - Museu para o Século XXI - Berlim, Alemanha 371
2018 - Mobiliário para Avenida Paulista - SP 385
2018 - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Assunção - Paraguai 391
lista de figuras volume 2 408

Latino-americanos

Dizem que temos faltado ao nosso encontro com a história e, enfim, é preciso reconhecer que chegamos tarde a todos os encontros.

Tampouco conseguimos tomar o poder, e a verdade é que, às vezes, nos perdemos pelo caminho ou nos enganamos de rumo e depois tratamos de fazer um longo discurso sobre o tema.

Nós, latino-americanos, temos a má fama de charlatães, vagabundos, criadores de caso, esquentados e festeiros, e não há de ser por nada. Ensinaram-nos que, por lei do mercado, o que não tem preço não tem valor, e sabemos que nossa cotação não é muito alta. No entanto, nosso aguçado faro para negócios nos faz pagar por tudo que vendemos e comprar todos os espelhos que traem nosso rosto.

Levamos quinhentos anos aprendendo a nos odiar entre nós mesmos e a trabalhar de corpo e alma para a nossa perdição, e assim estamos; mas ainda não conseguimos corrigir nossa mania de sonhar acordados e esbarrar em tudo, e certa tendência à ressurreição inexplicável.

Eduardo Galeano, 2009.

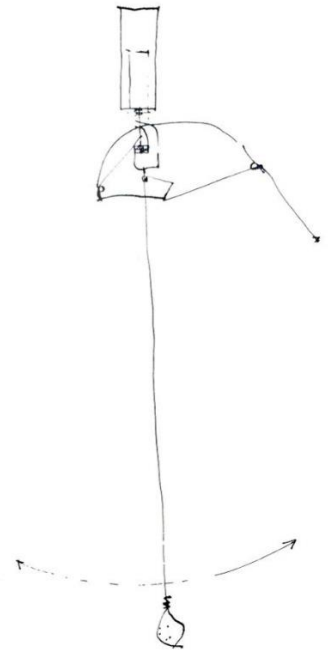


Figura 1: pmr-galileu

introdução

> Para o dialético, o que importa é ter o vento da história universal [Weltgeschichte] em suas velas. Pensar significa para ele: içar as velas. O que é decisivo é como elas são posicionadas. As palavras são suas velas. O modo como são dispostas transforma-as em conceitos.
>
> Ser dialético significa ter o vento da história nas velas. As velas são os conceitos. Porém, não basta dispor das velas. O decisivo é a arte de posicioná-las.
>
> Walter Benjamin sobre a Teoria do Conhecimento, publicado pela primeira vez em 1982.[1]

Tendo em vista que a obra de Paulo Mendes da Rocha é amplamente estudada sob diversas perspectivas, anseia-se operar uma leitura projetual sob a ótica do desenho como resposta à leitura de cidade e totalidade. Para isso são necessários alguns apontamentos acerca da trajetória, obra, discurso e paralelos conceituais. Parte majoritária da obra textual do arquiteto foi concedida oralmente em entrevistas, aulas e palestras. Em menor quantidade, mas há uma diversidade interessante de textos produzidos pelo arquiteto, vários já republicados nas coletâneas monográficas, em especial as organizadas por Maria Isabel Villac, Guilherme Wisnik e mais recentemente Daniele Pisani. Por meio de uma leitura desarmada é possível notar um exercício constante na trajetória de Paulo Mendes da Rocha, para muito além da arquitetura, os depoimentos ampliados passam por Hannah Arendt, Habermas, Heiddeger, Benjamin, Guimarães Rosa, Miles Davis, Tom Jobim, Van Gogh, Pixinguinha, Cartola, Richard Serra, Walter de Maria, Picasso, Milton Santos, Darcy Ribeiro, Shakespeare, Jorge Luis Borges, Fidel Castro, Paulo Augusto Vivacqua, Saturnino de Brito, Mario Schenberg, Otilia Arantes, Umberto Eco, Caetano Veloso, Padre Vieira, Bloom, Galileu, Bakhtin, Schinkel, Flavio Motta, Chaplin, Giacometti, Heitor Villa-Lobos, Anatole Kopp, André Malraux, Che Guevara, Freud, Mandela, Luis Carlos Prestes, Hemingway, Paul Klee, Billie Holiday, Rabelais, Claudio Abramo, Edmund Wilson e Graciliano

[1] 2009, p. 515.

Ramos, passando por Emília e Visconde de Sabugosa, entre outros. A ausência de lógica clara na sequência dos citados talvez seja passível de explicação do porquê dessas menções, possivelmente por saber que a cidade é diversidade e memória.

Um dos pontos que perpassa a pesquisa como um todo é a ideia/resgate do projeto de arquitetura gestado de forma generalista para então adentrar o campo técnico. Ressaltamos que não se trata do entendimento da técnica como elemento segundo, mas no sentido de permanecer vinculado à um discurso ampliado. Em um contexto social e cultural onde é cada vez mais comum a presença do especialista, a produção arquitetônica deve apontar em uma direção onde o "êxito da técnica" ocorra quando construído de maneira dialógica com outras disciplinas.

A tese é composta por dois cadernos, o volume 1 contém a pesquisa teórica, acompanhado do volume 2 com a série completa dos arquivos encontrados nas 45 participações de Paulo Mendes da Rocha nos concursos de projeto. Logo de partida, é necessário o registro de duas situações que movem a pesquisa: (1) destacar a relação intrínseca entre discurso e desenho no projeto de arquitetura e (2) investigar/compreender um fazer arquitetônico que abarca um contexto físico e cultural complexo, consciente que a morfologia urbana e seus espaços são resultantes de camadas sobrepostas de história e de política.

A pesquisa teórica (volume 1) está estruturada em dois momentos. No primeiro, intitulado "aproximações", é abordado o *estado da arte* por assim dizer e se organiza também em duas temáticas. Inicia-se com a apresentação dos concursos de projeto como possiblidade reflexiva que vai além do processo licitatório. Arquitetura potencial como um campo denso de possibilidades de análises projetuais sobre várias perspectivas, como linguagem arquitetônica, estratégias de projeto, técnicas construtivas e a que mais nos interessa, como modo de expressão de um conjunto de valores que despontam de maneira sutil a partir da concomitância do desenho com texto.
Nesse contexto, a obra de Paulo Mendes da Rocha se apresenta, inédita, como vasta possibilidade de ampliar as formas de leitura. Assumindo a relevância de uma obra já amplamente debatida e sobrepondo as diversas pesquisas acadêmicas e publicações[2], aponta-se que diferentemente de outros nomes da nossa arquitetura latino-americana, a relevância dos concursos para sua apreensão, seja pelas

[2] Em especial a de Maria Isabel Villac (2001), Daniele Pisani (2013) e Catherine Otondo (2013).

obras construídas (4), seja pelo conjunto de participações (41) que estiveram presentes até o final de sua longeva trajetória de 66 anos de carreira.

Algumas das obras mais difundidas de Paulo Mendes da Rocha são frutos dessas participações, a exemplo do Clube Atlético Paulistano (com João de Gennaro), de 1958, o Pavilhão do Brasil para EXPO Osaka 70, de 1969, e o concurso por carta convite para o Museu Brasileiro da Escultura de 1985, além da Assembleia Legislativa de Santa Catarina (com Pedro Paulo de Melo Saraiva e Alfredo Paesani), de 1957, e a Sede do Jóquei Clube de Goiânia (também com João de Gennaro), de 1962. As participações de Mendes da Rocha podem ser lidas como um campo de demonstração, em suas próprias palavras: "*campo supremo da liberdade na arquitetura*"[3].

A obra do arquiteto é revisitada de maneira sistemática. Primeiro ao repassar as diversas pesquisas acadêmicas, publicações e periódicos, seguido de um levantamento de todas as participações de Mendes da Rocha em concursos, como jurado e proponente. As 45 participações catalogadas são apresentadas brevemente e estão estruturadas em: informações técnicas (termo, edital e notícias), júri, participantes, desdobramentos e projetos vencedores, seguido de um parágrafo com informações sobre a participação do arquiteto, equipe e o material disponível.

Nesse ponto é necessário destacar que, tendo em vista o volume de material disponível, optou-se pela elaboração do volume 2, o caderno de desenhos, que complementa graficamente a leitura técnica que segue com a disponibilização de todos os desenhos encontrados. Esse material é fruto da cessão de diversas fontes. A primeira e primordial, o próprio escritório do arquiteto, sob a organização da Eliane Duarte que partilhou informações diversas ao longo desses cinco anos. Em vida, o arquiteto elaborou uma carta endossando a pesquisa aqui apresentada com intuito de validar as solicitações feitas aos diversos parceiros de projeto que colaboraram com ele, em especial a partir dos anos 90, quando as ferramentas de produção se tornaram digitais. A segunda fonte, que inclusive fomenta grande parte do material inédito aqui apresentado, a Casa da Arquitectura em Matosinhos, de maneira honrosa e atenciosa compartilhou e cedeu os direitos de publicação de mais de cem documentos em alta resolução. Também destacamos o compartilhamento de materiais dos professores Carlo Gandolfi, Catherine Otondo, Daniele Pisani, Renato Maia, Edison Hiroyama e o filho Pedro Mendes da Rocha, além do escritório português Bak Gordon.

[3] Em conversa em seu escritório em maio de 2017.

Feito esse levantamento, recorremos ao professor Miguel Pereira para conceituar o processo e elucidar a complementariedade entre **Discurso e Desenho**. A leitura do discurso (textos, entrevistas, depoimentos e memoriais) de Paulo Mendes da Rocha percorre todo o processo com o intuito de gerar paralelos. Nesse exercício, encontra-se um mapeamento, um plano de fundo amplamente diversificado que nos auxilia na compreensão dos instantes inaugurais do processo de projeto. Em paralelo a essa leitura, ambicionou-se compreender outra temática também manifestada com bastante frequência ao longo de toda a trajetória do arquiteto: como a disciplina "arquitetura" pode ser veículo de produção de espaços que pertencem a uma totalidade complexa que é a cidade.

Com isso, nos encaminhamos ao assunto **Geografia da Arquitetura** no qual encontramos a hipótese que se arrisca, sobrepondo a construção até aqui, a possibilidade de decodificação da obra de Paulo Mendes da Rocha sob alguns conceitos da Geografia. Dentre as várias temáticas passíveis de interpretação do discurso do arquiteto, ao elencarmos cidade, geografia, sociologia, história e totalidade, quase que de maneira natural, outro pensador brasileiro se apresenta ao diálogo, Milton Santos. Ambos compartilham uma pauta reflexiva comum, ambos irromperam os seus respectivos campos e compartilham de valores fundados em uma mesma base ideológica. Tem o intuito de reverberar o debate sobre formas de fazer as cidades latino-americanas, consciente das sobreposições históricas, sociológicas e políticas públicas. Três conceituações são construídas por meio de um diálogo aberto e amplo entre o arquiteto e o geografo, tendo em vista a natureza propositiva da arquitetura de um e a geografia humana que lê o espaço urbano das cidades latino-americanas com ferramentas carregadas de consciência histórica. Forma-se um horizonte complementar. Descrição e proposição.

Paisagem. *Território*. *Espaço*.

Trata-se de três imagens projetuais, ancoradas de suas amarrações e horizontes possíveis, que se alimentam e amparam sem hierarquia. Portanto, uma hierarquização é possível apenas como caminho de construção, uma aproximação que ocorre conforme as circunstâncias projetuais.

E assim, nesse campo dialógico imagético, a pesquisa aqui apresentada deseja navegar com as velas de Walter Benjamin orientadas pelo humanismo, desejo e cidade.

1. Aproximações

Concursos de projeto

Os concursos de projeto ocupam uma posição de destaque no debate profissional e nos portfólios de escritórios de arquitetura. Trata-se de um cenário no qual arquitetos expressam ideias e conceitos com maior autonomia em relação ao mercado, além de ser uma maneira democrática de se destinar a elaboração de uma encomenda, seja pública ou privada. Essas competições podem ser compreendidas como um campo de confrontação onde “os fatores subjetivos pesam da mesma maneira que os objetivos, e são nesses eventos que a questão da técnica, aliada e complementar, aos critérios artísticos aparece de maneira mais explícita” (FIALHO, 2009). Entendemos aqui a necessidade de uma leitura projetual onde o discurso e sua relação retórica com o desenho se mostram novamente fundamental para sua compreensão. Gera-se, como consequência, debates sobre metodologias, diretrizes, linguagens e a própria retórica entre texto e desenho, propiciado forma peculiar de construção do conhecimento, tendo em vista o objetivo de selecionar o “melhor” projeto e não necessariamente o “melhor” arquiteto.

Projetos fruto de concursos são de fundamental importância na trajetória de inúmeros arquitetos. Internacionalmente, podemos citar profissionais para os quais os concursos são marcos fundamentais em seu reconhecimento, a exemplo da tese de Pedro Guilherme (2016), na qual é destacada a importância dos certames na internacionalização da obra dos portugueses Álvaro Siza e Eduardo Souto de Moura. Alguns dos arquitetos mais publicados e premiados nos últimos anos têm uma sólida participação em concursos, especialmente no início da carreira, a exemplo de Peter Zumthor, Kazuyo Sejima e Alberto Campo Baeza. Entre os jovens, que estão se destacando no cenário e se tornando internacionalmente estudados e laureados, o escritório catalão RCR Arquitectes consolidou uma densa participação, com 23 primeiros lugares. É possível ainda destacar os também espanhóis H Arquitectes e Barozzi Veiga, além dos portugueses Aires Mateus e Carrilho da Graça e o austríaco Bernardo Bader.

No contexto nacional, do mesmo modo, é possível destacar vários exemplos. Por mais que os concursos não sejam uma constante durante sua carreira, a primeira grande obra de Vilanova Artigas, o Estádio Morumbi, é fruto de concurso fechado em 1952. Outros arquitetos de gerações subsequentes também continuaram constantemente envolvidos e premiados, como Ubyrajara Giglioli, Pedro Paulo de Melo Saraiva, Hector Vigliecca, Nonato Veloso, entre outros.

Viglieca publicou o livro **Hipóteses do Real** (2012), que reúne 22 propostas cujo intuito central é a ideia dos concursos como campo de proposição de conceitos amplos e possibilidade de pensar a cidade como um território complexo e diverso. Outros vários escritórios de produção recente também têm projetos importantes, construídos ou não, em seus trajetos, a exemplo do Estúdio 41, MMBB, SIAA, GrupoSP e SPBR. Da mesma maneira, ainda é possível destacar os arquitetos fundadores dos dois últimos escritórios citados, Alvaro Puntoni e Angelo Bucci, somados a José Oswaldo Vilela, que se tornaram centro de um debate intenso em diversos periódicos nacionais após vencerem os concursos para o Pavilhão em Sevilha do Brasil– para Expo 92. O projeto vencedor, que sequer foi contratado, marcou o início da carreira de um grupo de arquitetos paulistas posteriormente chamados por Fernando Serapião (2001) de "geração de Sevilha". O embate foi ricamente documentado e visitado por diversos autores, a exemplo de Fialho (2009), Veloso (2014) e Sobreira (2018).

No campo acadêmico, a temática tem sido cada vez mais abordada nos últimos vinte anos. A tese pioneira de Maria Helena Flynn (2001) é um marco importante nossa pesquisa. O trabalho apresenta uma catalogação sistemática de todos os concursos ocorridos no Brasil até o ano 2000, tendo seus primeiros registros em 1850. Em texto mais recente, Flynn (2018) nos aponta cerca de 700 concursos realizados entre 1850 e 2018. Outro relevo sobre o tema é a continuada pesquisa de Fabiano Sobreira que, além da editoração do portal concursosdeprojeto.org (2008)[4], recentemente lançou o livro **Dinâmicas do jogo: concursos de arquitetura no Brasil** (2018). Na obra, faz-se uma breve visita ao panorama da produção acadêmica acerca do assunto, seguida de um olhar sobre como os concursos aparecem na legislação[5] e suas alterações até os dias atuais. Nos é

[4] O portal e revista eletrônica é resultado da pesquisa de pós-doutoramento do arquiteto pela Universidade de Montreal em 2008.

[5] O concurso aparece como modalidade licitatória obrigatória para contratação de todas as obras públicas na Lei nº 125/35. Posteriormente, em uma de suas atualizações, pela Lei nº 8666/93, o termo "obrigatório" foi substituído por "preferencialmente". A lei nunca foi de fato colocada em prática, e esses eventos sempre foram e têm se tornado, cada vez mais, esporádicos e distantes das políticas vigentes. A título comparativo, conforme destaca artigo de Sobreira (2015), no período entre 2007 e 2010 na Alemanha, com aproximadamente 82 milhões de habitantes, sendo dos quais 95.000 arquitetos, foram realizadas 667 competições, enquanto no Brasil, com cerca de 190 milhões de habitantes e os mesmos 95.000 profissionais, ocorreram apenas 17.

apresentado o concurso sob um olhar de jogo, evidenciando um campo de tomadas de posições e confrontações de interesses.
Esse aspecto nos permite traçar um paralelo com o nosso estudo, partindo de um campo amplo que envolve a organização dos certames e seus conflitos de interesses no âmbito nacional para um campo específico da relação do proponente e as formas de enfrentamento das demandas ansiadas/solicitadas pelos promotores e organizadores. Em suma, uma decisão, uma tomada de posição. Os projetos de arquitetura aqui analisados, assim como os concursos na pesquisa de Sobreira, nos interessam como uma tomada de posição que vai além da resolução técnica, funcional e gráfica. Ainda que os concursos não sejam uma prática rotineira na profissão no contexto nacional, importantes projetos brasileiros foram resultantes dessas competições, tendo talvez o mais significativo exemplo o Plano Urbanístico para Brasília em 1956.

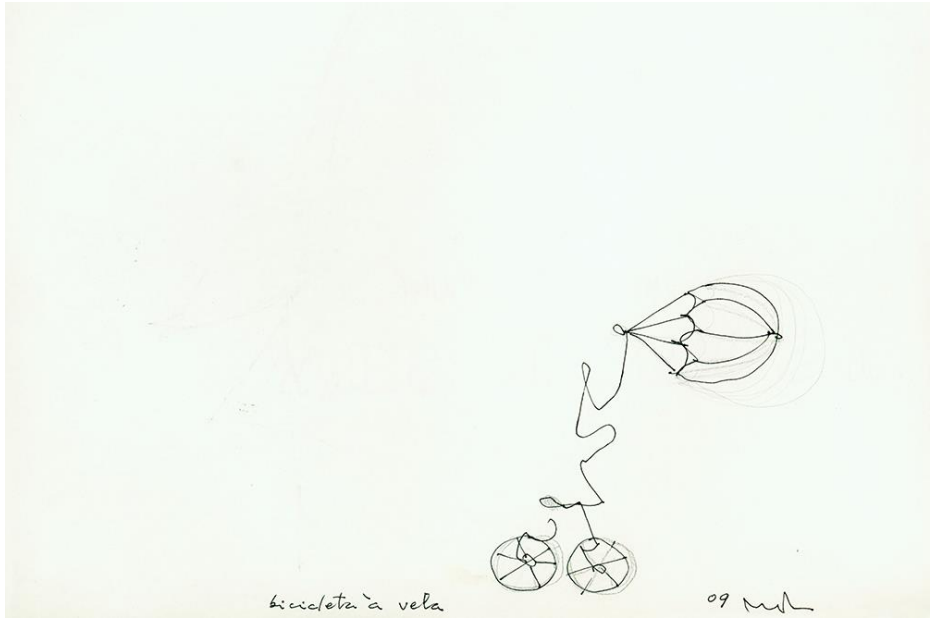


Figura 2: pmr-bicicleta à vela

Concurso como arquitetura potencial

Passando para o campo específico do estudo de projeto no contexto dos concursos, o núcleo de pesquisa Laboratoire d'Étude de l'Architecture Potentielle (LEAP), da Universidade de Montreal, designou a expressão *Arquitetura Potencial* para destacar o campo de investigação e debate, denso e original, que é produzido por um certame. Esse aspecto cabe ser destacado por se tratar de um dos debates centrais aqui almejados sobre o estudo de projeto de arquitetura, ainda que não se trate de obra edificada. Tendo em vista que não se trata de um estudo amparado pelo campo físico, volta-se o olhar para os campos imagético e discursivo contidos no desenho.

Porém, antes de adentrarmos ao campo específico de projeto, entre as várias etapas de consolidação de compartilhamento de informações, é necessário destacar os produtos elaborados para a competição em si, prévios aos estudos dos proponentes. Tais produtos tratam-se de instrumentos complexos e devem ser resultados de uma série de pesquisas com o envolvimento de órgãos públicos e empresas a fim de auxiliar na constituição das bases da licitação, a exemplo do edital e do termo de referência. Essa documentação, que compõe as bases por si, é resultado de aglomerado de conhecimentos somados e, em teoria, envolve um cuidadoso levantamento historiográfico, geográfico e sociológico do contexto, seguido da elaboração do programa de necessidades. Outra etapa do processo também geradora de reflexões pertinentes, já minuciosamente destrinchada por Sobreira (2019), são as complexidades e subjetividades do julgamento qualitativo das propostas. O artigo **Reflective knowledge and potential architecture** (ADAMCZYK et al, 2004) destaca a relevância do projeto do escritório OMA, de Rem Koolhaas, na competição para o Parc de la Villette em Paris (1982), sua maior reverberação no ensino e debate profissional em comparação com a proposta vencedora do arquiteto suíço Bernard Tschumi.

Direcionando especificamente o olhar central ao qual nos lançamos nos certames, o da formulação de projeto, destaca-se em especial a síntese, para ressaltar os valores contidos. Há uma necessidade peculiar de construção e desenvolvimento de uma ideia, tendo em vista, salvo certames onde não há anonimato, que o autor não faz uma defesa presencial do projeto, gerando a necessidade de uma construção didática e comunicação de valores por meio da retórica presente nas representações gráficas, textos e diagramas. Essas informações contidas nas pranchas submetidas ao corpo de jurados propiciam uma esfera vasta de estudo comparativo no âmbito interpretativo, propositivo e de linguagens em arquitetura. O julgamento desses certames já é por si um julgamento baseado em uma hipótese.

Entre as várias possibilidades analíticas que esse processo de contratação permite, a pesquisa volta o olhar para a análise do projeto

em sua etapa preliminar propositiva, onde encontramos as ideias norteadoras que visam dar resposta ao edital e ao termo de referência, somadas às formulações com base na interpretação de cada proponente. Também é necessário destacar que a compreensão almejada desses projetos vai além das fronteiras pragmáticas (programa de necessidades, edital e termo de referência), traçando as estratégias de enfrentamento dessas condicionantes contextuais e sociais ou até o questionamento do próprio edital.

As pranchas submetidas à apreciação do júri têm como objetivo primordial a comunicação. Essa comunicação é uma construção retórica entre texto e desenho. As estratégias de desenhos, textos e imagens elaboradas geram um conhecimento sensível, partilhado de maneira quase silenciosa e não necessariamente tangível e visível em uma leitura desavisada, uma espécie de síntese ou a *essência de linguagem* (BENJAMIN, 2018, p. 43) contida nessa construção complementar. Nessa seara, o nosso olhar se voltará à apreciação da linguagem produzida como campo de reflexão e investigação, sob a luz de imagens projetuais.

Com base nos apontamentos e possibilidades que o processo propicia, o intuito da investigação é o discurso implícito contido nas pranchas submetidas aos certames.

Mendes da Rocha revisitado

A produção textual do arquiteto, excetuando-se pelas memórias de projetos, é sucinta. A reprodução do seu pensamento foi majoritariamente falada, transmitida de maneira oral, seja em palestras, aulas e inúmeras entrevistas, somadas a alguns textos preparados para aulas inaugurais, congressos e artigos para revistas e jornais. O trabalho de levantamento e catalogação da obra escrita e projetual do arquiteto foi sendo revisado e acrescentado a partir do primeiro trabalho organizado por Sophia Silva Telles (1989), seguido de Rosa Artigas (2000), Catherine Otondo (2013) e Daniele Pisani (2013).

A extensa e densa obra de Paulo Mendes da Rocha foi publicada em diversas revistas nacionais e internacionais e, a partir do final dos anos 90, em pesquisas acadêmicas e, obviamente intensificada, após a condecoração do prêmio Pritzker em 2006. A obra do arquiteto, desde o final dos anos 50 e início dos 60, já frequentava as edições da revista paulistana **Acrópole**, período em que se encontrava sob a curadoria de Manfredo Grunwald. A primeira publicação de sua obra estampou a capa da **Acrópole** de fevereiro de 1958 (nº 232) com o projeto vencedor do concurso para a Assembleia Legislativa de Santa Catarina, em 1956, em coautoria com Pedro Paulo de Melo Saraiva e Alfredo Paesani, dois anos após sua graduação na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Mackenzie. A primeira compilação de sua obra também viria a ser publicada pelo mesmo periódico, em duas edições monográficas[6] consecutivas, em agosto e setembro de 1967, sendo que a primeira leva em sua capa o projeto – não premiado – para o concurso para o Clube da Orla de 1963. Ao longo dos anos 60, 70 e 80, seus projetos foram publicados com relativa frequência em diversos periódicos técnicos como a **Módulo, Projeto e Construção**. E inclusive não técnicos, como **Veja** e **Manchete**, à época do projeto do Brasil para EXPO Osaka em 1970, e consideravelmente dilatado nos anos 90. Destaca-se os frequentemente citados artigos de Sophia Silva Telles sobre o Museu da Escultura e um panorama geral sobre as estratégias projetuais nas edições nº 17 (1990) e nº 60 (1995), para a revista **AU Arquitetura e Urbanismo**, que fundamentaram diversas reflexões posteriores.
Nos periódicos internacionais, os projetos foram esparsamente publicados, com destaque no Japão, e intensificados após o ano de 1994, período em que o MuBE se encontrava em fase final de execução. O artigo de Josep Maria Montaner em novembro de 1993,

[6] Em conjunto com João Eduardo de Gennaro, com quem compartilhou um escritório até meados dos anos 60.

para o jornal catalão **La Vanguardia**, provavelmente foi um dos pontapés importantes para a difusão da obra do arquiteto na Europa, fundamental para os prêmios futuros. Ainda são dignos de nota alguns periódicos monográficos, pós-premiações, as revistas espanholas **AV Monografías**, edição nº 161 (2013), e **EN BLANCO**, edição nº 15 (2014), as quais trazem uma grande quantidade de ensaios e projetos ricamente ilustrados e, recentemente, a revista japonesa **GA Masterpieces**, edições nº 23 e nº 27 dedicadas exclusivamente às Residências Butantã (1964) e James Frances King (1972). Em dezembro de 2021, a também japonesa **Architecture and Urbanism (A+U)**, nº 615, dedicou uma edição ao arquiteto. Nela, estão alguns ensaios escritos por Nuno Sampaio, diretor da Casa da Arquitectura em Matosinhos, e Eduardo Souto de Moura, além de Daniele Pisani e José Paulo Gouvea.

Nos anos 90, já reintegrado à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (após a sua cassação pelo AI-5 em 1969, durante a ditadura militar), iniciou-se o período em que seus projetos começam a ser registrados em livros monográficos. De maneira pontual, suas obras já haviam ocupado publicações historiográficas importantes a exemplo dos livros **Arquitetura Contemporânea no Brasil**[7], **Arquitetura Moderna Brasileira**[8] e **Arquitetura Moderna Paulistana**[9]. Porém, a primeira publicação monográfica, impulsionada pela construção do MuBE, é feita na Espanha/Portugal, em 1996, sob a organização conjunta de Montaner e Maria Isabel Villac. Além de um ensaio de cada editor, o livro faz um recorte diverso tipológico de 15 obras, entre construídas e não construídas, ilustrado com plantas, imagens em preto e branco e croquis. A primeira publicação nacional é organizada por Rosa Artigas, no ano 2000, mesmo ano em que recebe o Prêmio Mies van der Rohe latino-americano, pela intervenção na Pinacoteca do Estado de São Paulo. Trata-se de uma publicação densa com foco no desenho; os projetos estão ricamente ilustrados por conjuntos completos redesenhados de plantas, cortes e elevações, acompanhados de legendas, memórias descritivas e imagens, somados a uma longa entrevista e um texto de autoria do arquiteto. Posteriormente, após o Pritzker, Rosa Artigas fará uma continuação[10], com o mesmo rigor editorial com os desenhos, reunindo a produção arquitetônica entre 2000 e 2007. No ano seguinte, em 2001, outra publicação internacional, organizada pela professora e arquiteta suíça Anette

[7] Yves Bruand, 1981.

[8] Sylvia Ficher e Marlene Acayaba, 1982.

[9] Alberto Xavier; Carlos Lemos e Eduardo Corona, 1983.

[10] Também em 2007, a Editora Rizzoli publica os dois livros da Cosac Naify, em uma edição única em inglês.

Spiro, segue a mesma linha da publicação nacional, ainda que alguns desenhos estejam em *fac simile*, dando um forte enfoque nos projetos e seus desenhos técnicos. Nela são incluídos alguns projetos não presentes na publicação anterior, a exemplo da Estação Rodoviária de Goiânia, do SENAC Campinas e do Museu de Arte de Vitória (Centro Krajcberg). Esses dois livros, somados, continuam sendo o conjunto de registro mais robusto da obra projetual do arquiteto.

Em 2002, Hélio Piñon lança, simultaneamente na Espanha e no Brasil, uma seleção de obras muito semelhante ao formato de Montaner e Villac, acompanhada de um ensaio do autor e um longo recorte de cinco entrevistas ao professor Luis Espallargas Gimenez. E, por fim, nessa linha editorial, o oportuno **Paulo Mendes da Rocha: Obra Completa**[11] de Daniele Pisani. O texto visita a obra amparando-se ao contexto social, político e cultural no qual os projetos estão inseridos, em certos momentos até biográficos. O texto faz uma varredura geral por toda a carreira do arquiteto, amarrado por uma quantidade de desenhos e projetos, até então inéditos, em seus formatos originais nas pranchas.

As publicações sobre os registros escritos e entrevistas do arquiteto são bem variadas. Em 2011, José Maria Garcia del Monte organizou uma seleção de entrevistas[12], **La Ciudad es de todos**, traduzidas para o espanhol, concedidas em diversos meios, em um recorte histórico entre 2000 e 2001. No ano seguinte, dois dos mais significativos livros de registros escritos do arquiteto foram lançados. O primeiro, organizado por Guilherme Wisnik, com um extenso recorte de entrevistas e pequenos textos[13] de vários momentos da carreira do arquiteto, sendo a primeira uma entrevista à *Revista Artes* em 1970. O segundo, **América, Cidade e Natureza**[14]**,** de Villac, no qual estão reunidos um conjunto de depoimentos, entrevistas, memórias de projetos e textos elaborados pelo autor ao longo de sua trajetória, alguns inéditos, entre eles a prova didática para professor titular da FAUUSP, de 1998, e uma longa entrevista presente como anexo em dissertação (2000). Esses dois livros são registros fundamentais, nos quais é possível identificarmos um núcleo rígido, fundante do pensamento, presente ao longo de sua carreira. Manuel da Graça Dias, em 2014, publica uma longa entrevista feita em Portugal com o arquiteto, intitulada **Ao volante pela Cidade: Paulo Mendes da Rocha**. Em 2018, o já citado livro **Paulo Mendes da Rocha: Sobre concursos e**

[11] Publicado em português pela Editora Gustavo Gili e em italiano pela Editora Electa (Mondadori) em 2013 e, dois anos depois, em inglês, pela Rizzoli.

[12] Publicado pela Fundación Caja de Arquitectos, em Barcelona.

[13] Publicado pela Azougue, para a Coleção Encontros.

[14] Villac, 2012.

memórias, organizado por Fabiano Sobreira, Maria Helena Flynn e Paulo Ribeiro, é resultado de duas longas entrevistas concedidas sobre os concursos na obra do arquiteto. Nele são dados depoimentos mais minuciosos de projetos pouco comentados até então, a exemplo do Clube de Orla, de 1962, e a Biblioteca de Alexandria, de 1988. O livro também conta um raro e importante registro de Flynn sobre concursos após a tese (2001). A última dessas publicações, **O Futuro Desenhado**[15]**,** foi organizada e editada por Daniela Sá, Guilherme Wisnik e João Carmo Simões. O livro segue o modelo e a estrutura dos livros acima citados, do próprio Wisnik e Villac. Divididos em três tipologias, essenciais, arquitetura e projeto, o livro traz alguns textos e transcrições de depoimentos inéditos.

Houve duas publicações portuguesas que expõem o processo de projeto e construção do Museu dos Coches em Portugal (2015). Ambos os livros têm uma abordagem editorial similar: trazem uma série fotográfica da obra e a obra em processo de conclusão, amparada por desenhos de detalhamento e ensaios diversos. Em 2015, por ocasião do título de *Dr. Honoris Causa* ao arquiteto pela Universidade Nacional del Litoral, em Santa Fé na Argentina, foi organizado pela própria universidade o livro **Paulo Mendes da Rocha; Entre ideas y dibujos**[16]. O último destacado, **La Città per Tutti** (2021), de Carlo Gandolfi, trata-se de uma coletânea de textos traduzidos para o italiano sob a curadoria do arquiteto e professor da Universidade de Parma, o qual, além do doutorado, publicou outros livros, como um catálogo (2017) sobre o projeto para o Pavilhão de Osaka, evidenciando a reverberação da obra fora do país.

No campo acadêmico, o arquiteto já foi objeto parcial e integral de pesquisas. Umas das primeiras dissertações monográficas[17] sobre a sua obra de Paulo Mendes da Rocha foi feita pela professora Denise Chini Solot, em 1998, intitulada: **Paixão do Início na Arquitetura de Paulo Mendes da Rocha**. O texto da dissertação foi posteriormente publicado em formato de livro[18] sob o título: **Paulo Mendes da Rocha, Estrutura: O êxito da forma**. Solot investiga a relação entre arte e técnica na obra do arquiteto, para isso se ampara primordialmente na compreensão do desejo de civilidade presente no discurso e no contexto cultural de formação. O trabalho está organizado em um primeiro momento de embasamento teórico,

[15] Publicado em 2018, pela editora portuguesa Monade. O livro reúne alguns textos do arquiteto, memórias de projeto e entrevistas.

[16] Publicado pela própria Universidade, editado por Julio Arroyo, contou com ensaios diversos a exemplo de Abílio Guerra, Fernando Diez, Ruth Verde Zein.

[17] A primeira que se tem registrada é de autoria de Paulo Cesar Castral, intitulada **Territórios - a construção do espaço nas residências de Paulo Mendes da Rocha** (1998), defendida na Escola de Engenharia USP de São Carlos.

[18] Denise Solot, 2004.

incluindo um breve histórico dos paralelos entre o brutalismo inglês[19] e o brutalismo presente em uma fase final da obra de Le Corbusier, e a visão conflitiva da ideia de natureza entre a Escola Carioca e a Escola Paulista. Diferentemente da visão bucólica da natureza de grande parte dos arquitetos cariocas, entre os arquitetos paulistas, talvez movidos pelo contexto urbano denso, discursam uma visão mais intervencionista e de domesticação do natural com o objetivo de amparar os anseios humanos. De certa maneira, nesse primeiro momento, talvez por ainda se tratar de uma temática pouco estudada até então, o intuito é situar onde se insere a produção do arquiteto no espectro maior da arquitetura brasileira. O texto é operado, em grande parte, sob um olhar técnico executivo da obra e o viés implícito contido no discurso sobre a utilização do concreto. Em suas considerações finais, a autora destaca a importância do desenho de corte como ferramenta fundamental de compreensão da obra do arquiteto que "apoia-se em valores sociais interativos... e no atendimento das necessidades humanas" por meio de uma apurada solução técnico-estrutural. Recentemente, em 2020[20], a autora relançou o livro **Horizonte Urbano: Paulo Mendes da Rocha**, com a mesma estrutura do anterior, com a escrita revisada e com acréscimo das obras da Escola Jardim Calux (1972), da Pinacoteca (1993) e do Museu dos Coches (2013).

A dissertação de mestrado de Ruth Verde Zein (2000) está estruturada em duas partes. A primeira, com enfoque histórico da constituição da "arquitetura paulista e sobre seu qualificativo 'brutalista'", na qual é feita uma investigação sobre os laços já reconhecidos com Le Corbusier e agrega uma leitura sobre a semelhança de estratégias projetuais e domínio estrutural com Mies van der Rohe. Digno de nota, a autora argumenta e refuta a alcunha de brutalismo ao movimento cultural arquitetônico liderado por Artigas em São Paulo a partir dos anos 50. Essa temática se tornou objeto de pesquisa de doutorado (2005), seguido da formação de um grupo de pesquisa[21], culminando inclusive em uma revisão crítica sobre como o termo "brutalismo" é aplicado no estudo de projeto conforme o livro **Brutalist connections: a refreshed approach to debates and buildings** (2014). No segundo momento da pesquisa, houve um levantamento da produção de casas na obra do arquiteto, seguido de um rigoroso redesenho do material selecionado de 32 casas para estudo. Posteriormente, as casas foram separadas em sete

[19] O texto base que disseminou a ideia do brutalismo a um "estilo" arquitetônico é de Reyner Banham, de 1955.

[20] Publicado pela Rio Books e PUC Rio.

[21] Disponível em: <www.arquiteturabrutalista.com.br>. Coordenação: Prof. Dra.Ruth Verde Zein.

grupos tipológicos, seguidos de sua apreciação estrutural, disposição espacial, volumetria e geometria. Trata-se de um trabalho de fôlego e rigoroso acerca do estudo espacial dessas casas, amparado pelo objetivo principal de investigação da delimitação e conceituação da arquitetura brutalista paulista.

A dissertação de Maria Isabel Villac, também de 2001, é, de certa maneira, uma pesquisa continuada a partir do livro publicado cinco anos antes com Montaner (1996). Trata-se da construção do pensamento arquitetônico do arquiteto a partir do contexto cultural e histórico ao qual está amparado. Há uma sobreposição cuidadosa de disciplinas de cunho humanista na investigação das diversas abordagens sociais presentes nas falas de Paulo Mendes da Rocha, somadas aos paralelos próprios convocados pela autora. Destaca-se o intuito da verificação do teor político social e ético presente no pensamento do arquiteto. Os projetos analisados, de diversas escalas e tipologias, surgem aparelhados aos memoriais descritivos da obra. Assim como o trabalho de Verde Zein (2000), além de Artigas, nos precedentes históricos, Le Corbusier e Mies van der Rohe também surgem como bases teóricas para explicar algumas estratégias básicas presentes nos projetos. A hipótese é que o pensamento é fruto de *"una personalid productora y de un ambiente histórico originário"* que tem como foco a construção de uma *mirada* cultural emancipadora e crítica. Em suma, Villac evidencia na obra e pensamento do arquiteto o desejo de "despertar em el sujeto la consciencia de 'ser histórico'". Há também dois anexos, sendo o primeiro uma longa entrevista e uma listagem das obras do arquiteto em ordem cronológica, posteriormente encorpada e detalhada por trabalhos seguintes.

Ana Elisa Moraes Souto, em sua tese de 2010, elaborou um extenso trabalho de redesenho e modelagem de projetos de diversas escalas do arquiteto. O trabalho recorre a um largo recorte de 50 projetos para analisar a relação intrínseca com o contexto físico de maneira geral. A metodologia de trabalho está estruturada em etapas progressivas de elementos presentes nas obras construídas ou não, podendo-se destacar os desenhos das praças, passeios públicos, ruas e vias. As análises concluem que todas as decisões projetuais são fruto de uma leitura cuidadosa do aspecto físico, seja ele natural ou urbano. Diferentemente dos outros trabalhos aqui abordados, onde as questões discursivas aparecem com maior ênfase, a pesquisa aprofunda o debate no aspecto técnico formal do projeto.

Catherine Otondo, professora e com trajetória projetual notável, dedicou a pesquisa de doutorado – **Relações entre pensar e fazer na obra de Paulo Mendes da Rocha** – a relacionar o processo de desenho e espaço construído (2013). Nele é possível destacarmos a importância do desenho como ferramenta de apuração da espacialidade imaginada. A autora se debruçou sobre todo o acervo existente no escritório do arquiteto. O trabalho é ricamente ilustrado por desenhos nas etapas iniciais de projeto. A partir das conceituações

de Robin Evans e Rafael Moneo, Otondo encaminha a reflexão no sentido de "reconhecer as particularidades de pensamento de cada arquiteto a fim de compreender os espaços que constroem", laceando, ainda que de maneira ampla, tanto as ideias fundadoras presentes nos trabalhos de Verde Zein (2000) e Villac (2000), como o contexto físico e cultural que se manifestam na obra. Passando ao campo propositivo do processo de desenho, a autora destaca a concepção dos projetos dos Cais da Artes (2007) e Museu dos Coches (2008), os quais presenciou. Otondo destaca o desenho como elemento fundamental no caso do arquiteto, porém não se trata de uma ferramenta de investigação e sim de constatação: a transposição da ideia em desenho é feita em um estágio onde a reflexão já se encontra madura. Ainda que a manipulação das intenções projetuais ocorram no desenho, especialmente no desenho de corte, são pequenos ajustes, em sua grande maioria no mesmo desenho. Posteriormente surgem as maquetes de papel ainda como instrumento de desenho. O pequeno livro publicado por Otondo em 2007, em conjunto com Marina Grinover, intitulado **Maquetes de Papel**[22], ecoa a tese ao destrinchar a maquete como um processo de aferição das ideias. Não se trata de uma maquete elaborada para apresentação ou comunicação para terceiros, mas ainda de uma etapa propositiva quando, segundo Paulo Mendes da Rocha, se "tem uma ideia sobre uma certa questão, consegue imaginá-la em sua integridade e totalidade, entende o que é preciso para construí-la, então submete essa ideia ao modelo" (p. 30). Válido destacar que a tese de Otondo, a qual considera o desenho como uma comunicação já clara e maturada, diferente de outros arquitetos que se utilizam do desenho como ferramenta de investigação, encontra paralelo na pesquisa de Leandro Schenk (2010)[23] onde também é destacada a noção de totalidade presente nos desenhos e croquis de concepção. Otondo, em 2016, editora uma pequena e refinada publicação dedicada exclusivamente à **Casa Butantã**, com uma série de desenhos e detalhamentos até então inéditos. O livro destaca-se pela sensibilidade e refinamento gráfico e é finalizado por um texto de Flavio Motta.

Outros trabalhos destacados são, o de Matheus Beck, também sobre o discurso, sobre o projeto da pinacoteca, em **Visão e Movimento** (2011), o delicado olhar sobre o imaginário sobre a cidade no qual Paulo Mendes da Rocha é um dos analisados no trabalho de Luis Ludmer, em **Memória e Cidades em dois tempos** (2019). Os livros de José Maria Garcia del Monte, Espanha, **Paulo Mendes da Rocha:**

[22] Publicado pela Editora Cosac Naify em 2007, é um resumo de um *workshop* ministrado por Mendes da Rocha na Fundação Vilanova Artigas em 2006. Publicado em espanhol em 2010, pela Gustavo Gili.

[23] Publicado pela Editora Annablume, é fruto da sua dissertação de mestrado, na qual são pesquisados o processo de concepção de quatro projetos, sendo o Mube o projeto estudado.

Conciencia arquitectónica del pretensado (2012) e **Matter of Space**, de Carlo Gandolfi, (Itália, 2018), também são fruto de tese de doutoramento.

Com base no levantamento das publicações, em especial as acadêmicas, constata-se uma lacuna considerável de projetos para concursos ainda pouco ou nunca publicados da trajetória internacionalmente reconhecida e premiada do arquiteto.

Conforme esse espectro de leituras que nos aproximam do olhar generalista e contínuo acerca do discurso e das relações projetuais do arquiteto, faz-se necessário apontar alguns trabalhos, ensaios que nos amparam ao longo do processo. Algumas das pesquisas acadêmicas dignas de nota são: as já citadas pesquisas e seus desdobramentos (artigos e ensaios) de Villac, Verde Zein e Otondo, acompanhados dos ensaios e artigos de Sophia Telles, que conformam os primeiros trabalhos acadêmicos específicos sobre a obra do arquiteto. Mais recentes, a tese e os livros de Denise Chini Solot, sendo ainda necessário destacar os diversos ensaios de Guilherme Wisnik e os artigos de David Libeskind.

Ainda que o arquiteto não seja objeto central da análise, o livro[24] (fruto de tese de doutoramento **São Paulo, razões de arquitetura, Da dissolução aos edifícios e de como atravessar paredes**), de Angelo Bucci, nos apresenta uma leitura do pensar arquitetônico de Mendes da Rocha, com quem o autor, além de aluno, colaborou em projetos durante sua passagem no escritório MMBB entre 1996 e 2002. A tese nos convida a um trajeto imersivo pela cidade de São Paulo esquadrinhado pelo autor e adverte sobre incompatibilidades e impactos que as decisões de "fazer" cidade sem leitura crítica possuem. Assim, lança a pergunta chave que orienta o estudo: "Como propor projetos em uma cidade que parece já ter perdido o sentido?"

> Mas, então, seria necessário aceitar para sustentar o sentido da cidade numa proposição é necessário desfazê-la incessantemente, como se a cidade, para não perder o seu sentido, precisasse pulsar? Sim. E aceitar tal condição equivale a dizer que a cidade se apresenta ao arquiteto, como uma totalidade. (BUCCI, p. 71)

Na construção das quatro operações propostas como possibilidade de superação (transpor, infiltrar, invadir e mirar) onde o autor arquiteta o resgatar as potencialidades adormecidas em pontos

[24] Publicado pela Romano Guerra em 2010.

específicos da cidade, restituindo urbanidade a esses espaços, Paulo Mendes da Rocha é convocado de uma forma que nos interessa, como possibilidade de enfrentamento dos impasses das nossas cidades, destrinchando suas premissas investigativas que anteveem as práticas de projetação. Mendes busca, nesse sentido, encontrar potencialidades possíveis de evidenciar a cidade nos equipamentos arquitetônicos que, com o tempo, se tornam ou se tornaram segregadores. Um paralelo interessante, ainda segundo essa análise, é a comparação referencial da organização espacial entre a proposta para concurso para Fundação Getúlio Vargas, em 1995, em parceria com seus antigos alunos do escritório MMBB, e o Viaduto do Chá e seus edifícios adjacentes. Com isso, Bucci sustenta a hipótese de que a cidade é a origem das proposições de Mendes da Rocha.

A maneira como o arquiteto é convocado elucida uma premissa fundamental a qual trataremos ao longo do trabalho. A ideia da correlação do contexto cultural como elemento que nutre os anseios aos quais o projeto visa equacionar, amparado por uma leitura generalista e total, é o ponto de ancoragem no olhar que nos lança sobre o discurso e o desenho e suas relações retóricas.



Figura 3: Capa Revista Acrópole, ano 29, nº342, agosto 1967

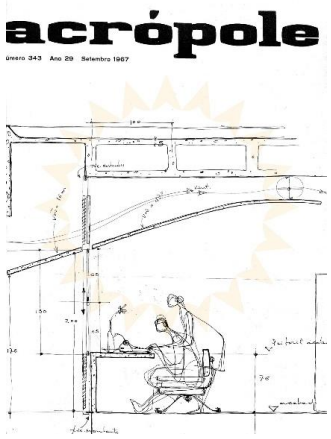


Figura 4: Capa Revista Acrópole, ano 29, nº343, setembro 1967

Os concursos na obra de Paulo Mendes da Rocha

Diferentemente de alguns cânones da arquitetura brasileira, os concursos são fundamentais na leitura da trajetória do arquiteto. Com base nas diversas publicações e trabalhos acadêmicos já citados, foram elaboradas uma sobreposição e posteriormente a catalogação sistemática dos projetos já disponíveis que listam a obra completa de projetos[25]. Encontramos o expressivo número de 45 participações, das quais cinco consagraram-se vencedoras: Assembleia Legislativa de Santa Catarina (1957), Clube Atlético Paulistano (1958), Jóquei Clube de Goiás (1962), Pavilhão de Osaka (1969) e Museu da Escultura e da Ecologia (1986), sendo as últimas quatro edificadas. As propostas vencedoras correspondem a 11% das participações, ou seja, há um campo extenso de possibilidades de aproximações de projetos ainda pouco ou nunca publicados não construídos. Os projetos fruto desses certames, Clube Atlético Paulistano (1958), Jóquei Clube de Goiás (1962), Pavilhão de Osaka (1969) e o MuBE (1986) são obras muito significativas para compreensão das intenções projetuais contidas. O primeiro concurso vencido em parceria com Melo Saraiva e Alfredo Paesani foi edificado, porém não se trata da proposta vencedora, e sim de uma revisão feita por Melo Saraiva anos depois – da qual o arquiteto não participou. Durante o período de levantamento, não foram encontrados registros de desenhos técnicos, croquis ou imagens de maquetes de 10 propostas das 45 listadas. Grande parte dessas participações, comum à época, foi por meio de carta convite, 17 no total. Em licitações públicas, ao todo foram 21 participações, nacionais ou internacionais. De maneira geral, parte majoritária das temáticas de projeto são de ordem de equipamentos arquitetônicos, totalizando 42 entre internacionais, nacionais, abertos e por carta convite. Ainda que essa delimitação entre objeto e espaço urbano seja um exercício complexo na leitura da obra do arquiteto, a exemplo da proposta para a Biblioteca de Alexandria, o sítio de implantação dado nas bases da competição foi alterado com base na leitura urbana do arquiteto, estratégia radical e determinante para a compreensão de como o arquiteto opera o projeto embasado em premissas fundamentais. Voltaremos a analisar o projeto de maneira mais cuidadosa mais à frente. Foram encontradas três participações de ordem urbana em grande escala: Transformação da Área Central de Santiago do Chile (1972), Concurso de Ideias para o Boulevard dos Esportes Paris 2008 (2000) e o Parque Olímpico do Rio de Janeiro (2011).

[25] Artigas, 2000; Spiro, 2001; Pisani, 2013; e Otondo, 2013. Destaca-se, também, a varredura feita na primeira monografia do arquiteto, organizada por Villac e Montaner em 1995.

As informações sobre as participações são variadas, em algumas há um extenso acervo do projeto, contextualização, documentação e organização do certame e desdobramentos, a exemplo do projeto do Brasil para a EXPO Osaka; em contrapartida, em outras, até mesmo o resultado e informações básicas do certame não foram encontrados, como no concurso para a Cosipa (1958) e Sede da União dos Bancos Brasileiros (1971). Registra-se também a ausência de informações disponíveis dos concursos organizados pela rede SESC - Rio de Janeiro (1973) e Tatuapé (1996). A listagem e o breve panorama de cada uma das participações estão organizados em seguimento cronológico.

As participações em concursos internacionais são totalizadas em 11, grande parte está nas últimas duas décadas. Alguns concursos são recorrentes nas publicações monográficas. O arquiteto foi premiado em um deles, recebendo uma menção honrosa concedida aos finalistas para o Centro Beaubourg Georges Pompidou em 1971. Além do projeto na capital francesa, o projeto para a Nova Biblioteca de Alexandria (1988), no Cairo, é comum nas entrevistas do arquiteto que os convoca para elucidar estratégias e leituras. Há outros projetos pouco ou nunca publicados, como a Biblioteca de Teerã no Irã (1977), a Transformação da área central de Santiago no Chile (1972), o Museu Constantini em Buenos Aires na Argentina (1997)[26] e, mais recente, o Plano Diretor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Assunção no Paraguai (2018).

Abaixo segue um pequeno relato sobre as 45 participações registradas do arquiteto, em cada uma foi inserida, conforme a disponibilidade, ilustrações do projeto do arquiteto, ainda que o objetivo, nesse momento, não seja o estudo da proposta. O relato está organizado em dois momentos: o primeiro com as informações acerca do certame, acompanhado de uma breve contextualização, conforme a disponibilidade, sucedido de um material elucidativo da proposta do arquiteto. A leitura é amparada pelo catálogo anexo, o Volume 2 – caderno de desenhos (coleção dos arquivos encontrados das participações em concurso de Mendes da Rocha). O caderno é resultado da soma de quatro pastas: a primeira que é o ajuntamento das pranchas e informações já publicadas em livros, pesquisas, periódicos e sítios de escritórios de colaboradores; a segunda trata-se do material disponível nos arquivos do escritório do arquiteto[27]; e a terceira que se soma é o acervo cuidadosamente digitalizado de 109 desenhos de pranchas cedidos pela Casa da Arquitetura. Conjunto

[26] Apenas dois croquis presentes na tese de Otondo (2013).

[27] O material foi organizado e compartilhado por Eliane Duarte Alves, colaboradora do escritório desde 2009.

esse que contém desenhos inéditos, trata-se das participações para Remodelação da Área Central de Santiago no Chile (1972), Edifício da H. Stern (1987), Instituto de Engenharia de São Paulo (1988), além de algumas pranchas não publicadas presentes, a exemplo de Jóquei Clube de Goiânia (1962), Clube da Orla Guarujá (1963) e Instituto Campus do Jordão (1977). No caso dos projetos mais recentes, já graficados em meio digital (a partir da Fundação Getúlio Vargas), em 1995, presentes nos arquivos do escritório, com exceção do projeto da Faculdade de Assunção (2018), as pranchas estavam em formato de arquivo CAD, para isso foi elaborado um *ctb* (arquivo configuração de plotagem) simplificado, e plotados, como no caso das propostas para FGV (1995), Museu Constantini (1997) e o SIVAM (1998) que tiveram sua diagramação formatada no próprio *software*. Dos projetos mais recentes, alguns foram pouco publicados, tendo suas pranchas ainda não publicadas, a exemplo das propostas para Museu do Século XX em Berlin (2016) e a última participação do arquiteto para a Faculdade de Assunção (2018). A organização está estruturada em uma sequência cronológica, com uma ficha técnica contendo: (1) Tipo de concurso; (2) Entidade Promotora; (3) Organizador do concurso; (4) Número de projetos entregues; (5) Colocação de Paulo Mendes da Rocha; (6) Premiados; (7) Jurados; (8) Anotações; (9) Acervo disponível; (10) Equipe de projeto; (11) Bibliografia. Todas as pranchas submetidas ao certame disponíveis estão publicadas em sequência. Em uma segunda situação, foram inseridos os documentos incompletos, como memória, croquis e outros registros diversos conforme a disponibilidade. Há quatro projetos que constam na listagem do acervo da Casa, porém não foram encontrados arquivos ou ainda se encontram em processo de digitalização: Sede da Petrobrás (1966), Sede da União dos Bancos Brasileiros (1971), Biblioteca Nacional Pahlavi de Teerã (1977) e Conselho Regional de Contabilidade (1991).

Alguns dos arquivos e informações que aqui seguem são fruto da colaboração generosa de antigos colaboradores e/ou pesquisadores da obra do arquiteto[28]. Grande parte das informações sobre os concursos se encontram presentes, em especial os períodos entre os anos 50 e 80, que foram encontradas quase exclusivamente na tese de Flynn (2001). Após esse período, as documentações já se difundem em diversos outros meios, com destaque para as revistas **Projeto**, **Módulo, Caramelo** e **Vitruvius**.

[28] Depoimentos e informações acerca do processo e equipe de alguns concursos foram cedidos por Maria Helena Flynn, amiga e colaboradora no escritório nos anos 70 e Angelo Bucci, aluno e colaborador em diversos projetos à época do escritório MMBB, além de diversos arquivos que foram compartilhados pelos professores Daniele Pisani, Carlo Gangolfi, Catherine Otondo, Edison Hyorama e Renato Maia.

Paulo Mendes da Rocha como jurado

E, por fim, além das participações como proponente, Mendes da Rocha também participou em três oportunidades como jurado. Com base em Flynn (2001), na primeira delas, meses após o golpe militar, na segunda metade de 1964, acompanhado de Jorge Wilheim e do engenheiro Evaristo Valadares Costa, julgou o concurso para o Clube Sírio Libanês de Santos, vencido por Siegbert Zanettini, Cândido Filho e Manoel Correa. A revista **Acrópole**, nº 313, de janeiro de 1965, dedicou cinco páginas ao vencedor, com parte do trecho da ata do júri. Situado em um terreno longitudinal de quarteirão que faz frente em duas ruas, o projeto efetiva como estratégia principal a comunicação entre as duas ruas por meio de uma estrutura pavilhonar que abriga as atividades livres do programa. Com base na geração de arquitetos formados em contexto social no qual Paulo Mendes da Rocha se situa, conforme já apontado por Villac (2001), Verde Zein (2001) e Pisani (2013), é destacado como principal critério na Ata de julgamento a implantação e sua continuidade urbana, ainda que haja o inerente diálogo entre espaço público e privado. Destaca-se o trecho que enfatiza essa concomitância dos aspectos públicos e privados e sua relação dialógica:

> Os acessos e a apropriação feita da situação dos terrenos entre duas ruas proporcionam um "passeio" privativo para os associados, definem com clareza e correção os conceitos gerais (...). A sucessão de espaços diversificados e de proporção adequada, no primeiro pavimento, asseguram uma constante vivência de todas as áreas (...).
>
> Acrópole, nº 313, jan. 1965.

O projeto selecionado não se concretizou em obra construída.

O segundo concurso do qual se tem registro do arquiteto como membro da comissão julgadora foi para a Sede da Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo em 1968. Na tese de Flynn (2001), os registros sobre o certame se encontram praticamente completos. O arquiteto teve a companhia dos arquitetos Henrique Mindlin, Jon Maitrejean, Antônio Rodrigues Filho e Breno Simões como jurados. Ao todo, foram 20 projetos avaliados e o resultado divulgado no dia 11 de novembro. O concurso contou com vários arquitetos renomados no Estado, o primeiro lugar foi dado a equipe formada por Arnaldo Martino, Antônio Bergamin, José Castro, Paulo Bruna, Ana Maria de Biasi, Alfredo Taalat e Marcos Acayaba. Eduardo de Almeida e equipe receberam a segunda colocação, seguido de Adolfo Rubio Morales e Fabio Moreira em terceiro, Siegbert Zanettini e equipe em quarto lugar, e, por fim, em quinto lugar, Fábio Penteado e Alfredo Paesani. Ainda foram concedidas duas menções honrosas a Francisco Petracco e Luiz Forte Neto. O projeto localizado na região da Água Funda foi

construído com área aproximada de 60 mil m² e tornou-se referência. A obra foi catalogada e destacada no sítio elaborado para documentar a pesquisa continuada da professora Ruth Verde Zein, **Arquitetura Brutalista**[29]. Nele a autora destaca arquitetura exemplar sob o ponto de vista técnico da utilização "sem excessos" de elementos pré-moldados.

A terceira e última participação de Paulo Mendes da Rocha encontrada foi provavelmente a mais intensa, de grande repercussão e que gerou acalorados debates sobre os rumos da arquitetura brasileira: o concurso para a o Pavilhão do Brasil para a EXPO Sevilha em 1991. Em um contexto em que a linguagem arquitetônica se afirmava com cada vez mais intensidade no sentido estilístico, em especial impulsionado pela onda pós-moderna dos anos 80, a escolha de um projeto na contramão dessa arquitetura de arrojo visual e/ou high tech, gerou grande repercussão. Trata-se do primeiro pavilhão do Brasil para as Feiras Mundiais desde o Pavilhão de Osaka, em 1970, de autoria de Mendes da Rocha. O certame gerou uma grande mobilização profissional tendo em vista a enorme quantidade de inscrições: 253, das quais 166 propostas foram enviadas. Organizado pelo Diretório Nacional do IAB e promovido pelo Ministério da Relações Internacionais, o concurso, lançado no início de novembro de 1990, teve o seu resultado anunciado em janeiro de 1991. Tendo em vista a grande participação, a quantidade de prêmios e destaques acompanharam o número, além das cinco premiações, foram outorgadas 15 menções e um destaque. A equipe vencedora de São Paulo era composta por Angelo Bucci, Alvaro Puntoni e José Oswaldo Vilela, além da colaboração de Clovis Cunha, Edgar Dente, Fernanda Barbara, Geraldo Vespasiano e Pedro Puntoni. Os outros quatro premiados, por escolha do júri, não receberam distinção de colocação: foram Vinicius Gorgatti (SP), Sydney Rodrigues e Pedro Paulo de Melo Saraiva (SP), Paulo Silva (DF) e Sergio Parada (DF). A menções foram para: Índio da Costa (RJ), Tito Frascino (SP), Joaquim Filho (SP), Matheus Gorovitz (DF), Nonato Veloso (DF), Jônatas Silvino (RJ), Marcos Acayaba (SP), Leticia Zambrano (RJ), Joel Campolina (MG), Roberto Loeb (SP), Neide Cabral (SP), Wilson Spinardi (SP) e Humberto Mezzadri (PR). O projeto que recebeu Menção Especial de autoria do arquiteto mineiro Paulo Roberto Laender posteriormente foi comentado por Paulo Mendes da Rocha à Francisco Spadoni e publicado no artigo de Renato Aneli[30] para a revista **ARQ Texto**, nº 16, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFGRS):

[29] Acessado em 23 de outubro de 2022: <http://www.arquiteturabrutalista.com.br/fichas-tecnicas/DW%201968-108/1968-108--fichatecnica.htm>.

[30] Acessado em 23 de outubro de 2022: <https://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/pdfs_revista_16/06_RA.pdf>.

> (...) uma estrutura levíssima, metálica, coberta por películas de náilon, uma coisa assim. Mas muito terno, muito bonito, uma forma que sugeria a vida, uma crisálida, uma coisa linda, muito pré-colombiana, muito indígena, sem formalmente reproduzir ocas.

A repercussão foi intensa, dentre os diversos artigos publicados à época, destaca-se o de Hugo Segawa intitulado: **O Pavilhão de Sevilha deu em vão**, publicado em janeiro, na edição nº 138 da revista **Projeto**, na qual, além da transcrição da Ata do Júri, também é apresentado um resumo em números do certame, uma crítica dura geral ao processo e ao resultado como um todo. Anos depois, Mendes da Rocha voltou a ser indagado sobre o processo por Andrea Macador[31], respondendo sucintamente:

> No caso de Sevilha, a votação foi unânime frente ao projeto vencedor do concurso para o Pavilhão Brasileiro. É certo que houve outros projetos interessantes, houve de certa forma uma abertura de idéias na diversidade das propostas relacionadas no concurso.
> Revista Projeto, n138, fev. 1991

Ainda com base na síntese de Segawa, destaca-se os onze jurados de diversas áreas que compuseram júri, além de Mendes da Rocha convidado pelos promotores. Foram os funcionários do corpo diplomático: Luiz Castro, Geraldo Rivello e Maria da Silva, indicados pelo organizador (IAB): José de Almeida, Roberto Castelo, Walmyr Amaral e Germano Galler, somaram-se aos representantes de diversas Secretarias, Vera de Almeida, Dirceu Domingues da Cruz e Bruno Pagnoccheschi. O projeto foi descontinuado e não materializado na EXPO, porém, ainda assim, é constantemente visitado por pesquisas e publicações.

[31] Também publicada na revista **ARQ Texto**, nº 6, acessada em 23 de outubro de 2022. Disponível em: https://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/PDFs_revista_6/02_Depoimento%20Paulo%20Mendes%20da%20Rocha.pdf>.



ano	concurso	licitação			tipo			bibliografia					acervo			cronologia pmr	contexto
1954	-															Graduação na faculdade de Arquitetura Mackenzie	Morre Getúlio Vargas. Juscelino Kubitschek é indicado como candidato.
1957	Assembleia Legislativa de Santa Catarina															Desenho da cadeira Paulistano.	Lucio Costa vence o concurso para Brasília.
1958	Palácio dos esportes do Clube Atlético Paulistano															Vence o concurso Clube Paulistano.	Brasil vence a Copa do Mundo na Suécia.
	Sede do Jóquei de São Paulo																Inaugurado o Palácio da Alvorada em Brasília.
	Sede Administrativa da Companhia Siderúrgica Paulista																Miles Davis lança Kind of Blue - 1959.
	Sociedade Harmonia do Tênis															Convidado por Artigas para lecionar na FAUUSP - 1959.	Revolução Cubana - 1959.
1960	Novos Pavilhões da Escola da Aeronáutica															Prêmio Presidente da República - Bienal SP - 1961.	Miles Davis lança Sketches of Spain.
1962	Sede do Jóquei Clube de Goiás															Inauguração obra Clube Atlético Paulistano.	Obra da Garagem de Barcos de Vilanova Artigas.
1963	Clube da Orla Guarujá																Golpe Militar em 1 de abril de 1964.
1966	Sede da Petróleo Brasileiro (PETROBRÁS)															Representante da FAUUSP no Congresso UIA - Havana 65.	Obra Piscinas de Leça da Palmeira de Alvaro Siza.
	Sede Social do Esporte Clube Sírio São Paulo																Mudança para a FAU Maranhão para FAUUSP 1968.
1969	Escola Técnica Federal de São Paulo															Cassado pela ditadura, afastado da Universidade	Inauguração do MASP de Lina Bo Bardi. 1968.
	Pavilhão do Brasil Expo Osaka - Japão															e proibido de qualquer atividade profissional no país.	Ato Inconsticional n5. AI-5. 1968.
1970	Estádio do Paraná															Convidado 1 Bienal de Arquitectura do Peru.	Salvador Allende é eleito presidente do Chile.
1971	Sede da União dos Bancos Brasileiros															Represente permanente na UIA-UNESCO sobre Problemas	Chico Buarque lança album Construção.
	Edifício Sede do CONFEA Brasília															do Habitat.	Eduardo Galeano lança
	Centro Beaubourg Georges Pompidou Paris - França															Premiado no Concurso Pompidou.	As Veias Abertas da América Latina.
1972	Transformação da Área Central de Santiago - Chile															Presidente do IAB-SP 72/73.	Morre Gregori Warchachik.
1973	Sede do Serviço Social do Comércio (SESC) Rio de Janeiro															Projeto para o Estádio Serra Dourada-GO.	Morre Allende, início da ditadura no Chile. E Uruguai.
1975	Centro de Congressos de Campos do Jordão															Projeto para o MAC USP com Jorge Wilheim.	Gilberto Gil lança Refazenda.
1976	Instituto Caetano de Campos															Projeto para a Rodoviária de Cuiabá.	Maria Perón, início da ditadura na Argentina.
1977	Biblioteca Nacional Pahlavi - Teerã, Irã																Morre Carolina Maria de Jesus e Clarice Lispector.
1978	CREA SP																Morre Joaquim Cardozo.
	Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC)															Retorna como professor auxiliar FAUUSP - 1980.	
1984	Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro															Projeto Edifício Keiralla Sahran-SP.	Fim da ditadura militar 15 de março de 1985.E Uruguai.
1986	Museu Brasileiro da Escultura															Presidente do IAB-SP 87/88.	Morre Vilanova Artigas 1985.
1987	Sede Administrativa H. Stern															Projeto para a Capela São Pedro-SP.	
1988	Biblioteca de Alexandria - Cairo, Egito																Promulgada a Constituição no país.
	Instituto de Engenharia de São Paulo																Oscar Niemeyer vence o Pritzker.
1991	Edifício Comercial da FAPESP															Projeto de Ampliação do Teatro Oficina de Lina Bo Bardi.	Fim da ditadura militar no Chile.
	Conselho Regional de Contabilidade (CRC) do Estado de São Paulo															Projeto para a Praça do Patriarca - 1992.	Morre Lina Bo Bardi em 1992.
1995	Novo Campus da Fundação Getúlio Vargas (FGV)															Inauguração obra MuBE.	Fernando Henrique é eleito presidente do Brasil 1994.
1996	Sede do Serviço Social do Comércio (SESC) Tatuapé															Projeto para oTerminal Rodoviário Parque Dom Pedro II.	Obra das Termas da Vals Zumthor.
1997	Museu Constantini Buenos Aires - Argentina															Projeto para III Bienal Internacional de Arquitetura de SP.	Morre Darcy Ribeiro e Paulo Freire.
1998	Sede do Sistema de Monitoramento da Amazônia (SIVAM) Brasília															*Professor titular da FAUUSP.*	Fernando Henrique é reeleito presidente do Brasil.
2000	Concurso de Ideias para o Boulevard dos Esportes Paris 2008															Prêmio Mies van der Rohe Latino Americano (Pinacoteca).	Morre Milton Santos.
2001	Museu de Arte Contemporânea da USP															Início do projeto para o SESC 24 de Maio.	Lula é eleito presidente do Brasil 2002.
2005	Edificio de Correos y Telegrafos Buenos Aires - Argentina															Capela Nossa Senhora da Conceição-PE.	
2006	Novo Centro Judiciário - Trento, Itália															* Prêmio Pritzker 2006 *	Lula é reeleito presidente do Brasil.
2007	Sede do Serviço Social do Comércio (SESC) Edifício Glória, Vitória															Projeto para o Museu Cais das Artes-ES.	
2008	Pavilhão do Brasil para Expo Xangai - China															Projeto para a Praça dos Museus da USP.	
2011	Parque Olímpico do Rio de Janeiro															*Professor Emérito da FAUUSP 2010.*	Pepe Mujica é eleito presidente do Uruguai 2010.
2014	Sede Axel Springer - Berlin, Alemanha															Obra do Museu dos Coches em Lisboa.	Morre Eduardo Galeano - 2015.
2016	Novo Museu de Arte - Berlin, Alemanha															***Leão de Ouro da Bienal de Veneza e Prêmio Imperial Japão***.	Golpe parlamentar contra a Presidente Dilma.
2018	Mobiliário para Avenida Paulista															***Medalha de Ouro RIBA - 2017***	Lula é impedido de disputar as eleições.
2018	Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Assunção - Paraguai																Bolsonaro é eleito preseidente do Brasil. Andrés Obrador é eleito no México.
2019	-																Início da Pandemia Covid-19. 689 mil mortes no Brasil até aqui.
2021	-															***Medalha de Ouro UIA - 2021*** Falece Paulo Mendes da Rocha em 23 de maio 2021.	Boric é eleito no Chile. Alberto Fernandez é eleito na Argentina.
2022	-																Lula é eleito presidente do Brasil. Gustavo Petro é eleito na Colômbia.

Paulo Mendes da Rocha como participante
1957 - Assembleia Legislativa de Santa Catarina

A primeira participação de Mendes da Rocha em concursos ocorreu em parceria com Pedro Paulo de Melo Saraiva e Alfredo S. Paesani, todos jovens arquitetos formados na Universidade Mackenzie. Venceram o certame para a Assembleia Legislativa de Santa Catarina, o resultado foi anunciado em setembro de 1957. Essa parceria ocorreria novamente em outros concursos e projetos diversos.

O projeto foi capa da edição da revista **Acrópole**, nº 232, de fevereiro de 1958. A composição do júri, curiosamente, contava com apenas dois arquitetos, Rino Levi e Castellar Penha, somados a três deputados, Rui Hölse, Volnei Colasso de Oliveira, A. Romanowski, e aos engenheiros Otto Entres e Celso Rilho, e teve apenas 12 projetos entregues. A ata do júri, parcialmente publicada na revista, destaca:

> É se de notar neste anteprojeto, a extrema simplicidade e clareza do partido adotado, resultando daí ótima distribuição funcional de todas as dependências do edifício, circulação bem diferenciada, ligações imediatas, a par de uma área de construção reduzida. A solução feliz do partido geral se revela e resulta da disposição do Plenário junto aos acessos externos, selecionando claramente as circulações de deputados, autoridades, funcionários e público.
>
> Acrópole, nº 232, fev. 195

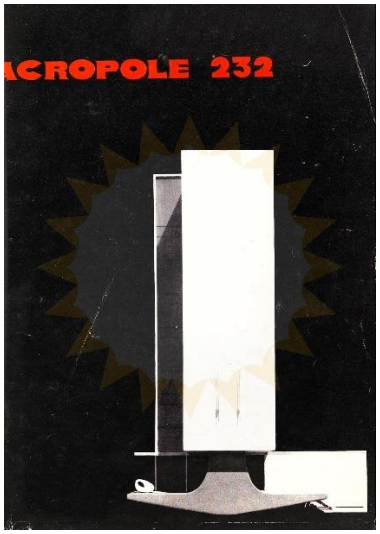


Figura 06: FEB 1958 - ANO 20 - N° 232 - capa

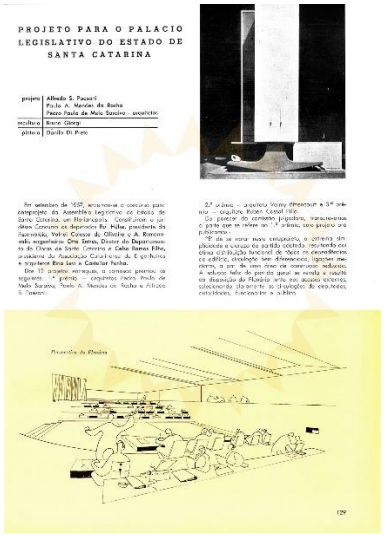


Figura 07 : FEB 1958 - ANO 20 - N° 232 - pg.129

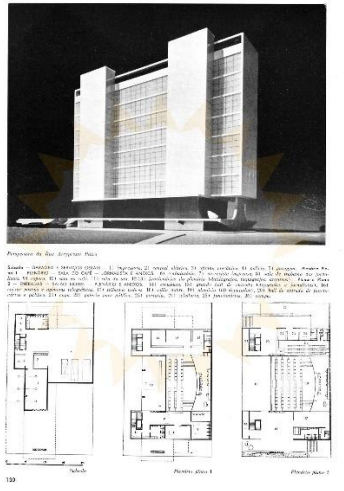


Figura 08: FEB 1958 - ANO 20 - N° 232 - pg.130

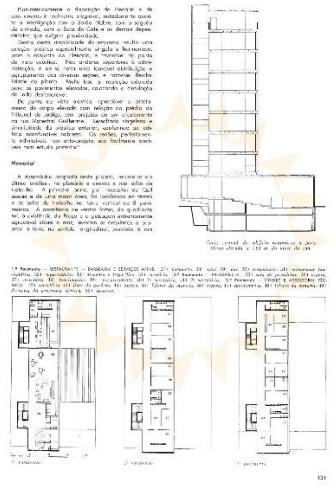


Figura 09 : FEB 1958 - ANO 20 - N° 232 - pg.131

Partindo do destaque dado a ata, o projeto está organizado em dois momentos, a plataforma térrea onde se localizam as atividades com maior concentração de público que, junto com a plataforma, formam uma praça elevada em meio nível, e uma lâmina esbelta, de fachada uniforme, articulada por duas torres de circulação vertical que dão acesso ao programa de gabinetes, serviços diversos e biblioteca, distribuídos ao longo de oito pavimentos. O desenho dos pilares no térreo carrega um desenho formal expressivo, incomum nas obras do arquiteto. No livro **Pedro Paulo de Melo Saraiva Arquiteto**, de Luis Espallargas Gimenez, em depoimento, Pedro Paulo aponta que a equipe chegou a ser contratada para desenvolver o projeto com um programa reformulado e para um outro terreno, sete anos depois, em 1964, mas o projeto não saiu do papel. Quarenta anos depois, e agora sem o envolvimento de Mendes da Rocha e Paesani, o arquiteto, juntamente com Pedro de Melo Saraiva e Fernando Mendonça, desenvolveu outro projeto e teve a obra inaugurada em 2004 para Assembleia Legislativa de Santa Catarina (ALESC). Esse projeto não costuma aparecer na seleção de projetos nas publicações sobre Mendes da Rocha, apenas depois na revista Acrópole e volta a aparecer apenas no livro de Pisani (2013), constando apenas nas listagens, porém sem informações gráficas. Não há registros documentais do projeto no acervo de Mendes da Rocha doado à Casa da Arquitectura. No projeto intermediário, fruto da contratação em 1964, também não há registro de publicações em nenhuma publicação vinculada aos três autores.

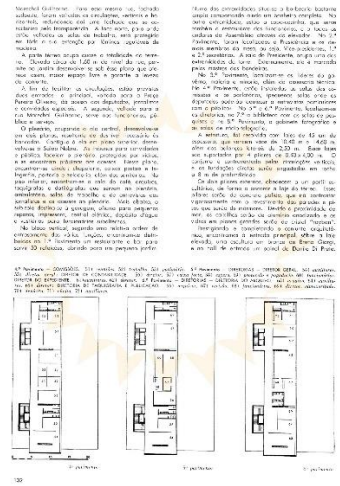


Figura 10: FEB 1958 - ANO 20 - N° 232 - pg.132

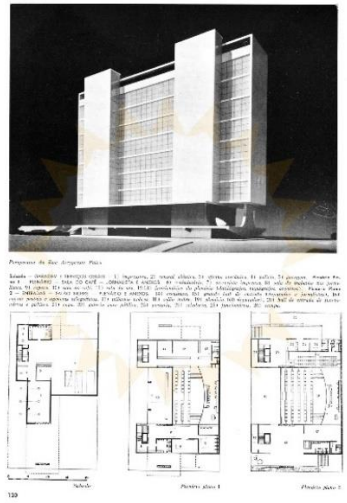


Figura 11: FEB 1958 - ANO 20 - N° 232 - pg.133

1958 - Palácio dos Esportes do Clube Atlético Paulistano

No ano seguinte, 1958, o arquiteto vence o concurso para o Ginásio do Clube Atlético Paulistano, organizado pela própria entidade. Conforme o próprio arquiteto, esse projeto foi de fundamental importância para o desenho de sua carreira. Feito em parceria com seu sócio, João Eduardo de Gennaro, concorreu com outros 22 projetos (FLYNN, 2001). O projeto foi construído e inaugurado em 1962, ainda em fase final de obra, e recebeu o Prêmio Presidência da República da VI Bienal Internacional de São Paulo em 1961. O concurso e seu desdobramento são um marco significativo na carreira do arquiteto: em depoimento em seu escritório, esse projeto foi "a sua apresentação para a vida pública" (2018). No ano seguinte, inclusive, junto com Melo Saraiva, foi convidado por Artigas para atuar como professor assistente na FAU-USP. O júri foi composto pelos arquitetos Rubens Viana, Plínio Croce, novamente Rino Levi e pelo engenheiro Tulio Stucchi, que posteriormente participou do desenvolvimento do projeto executivo.

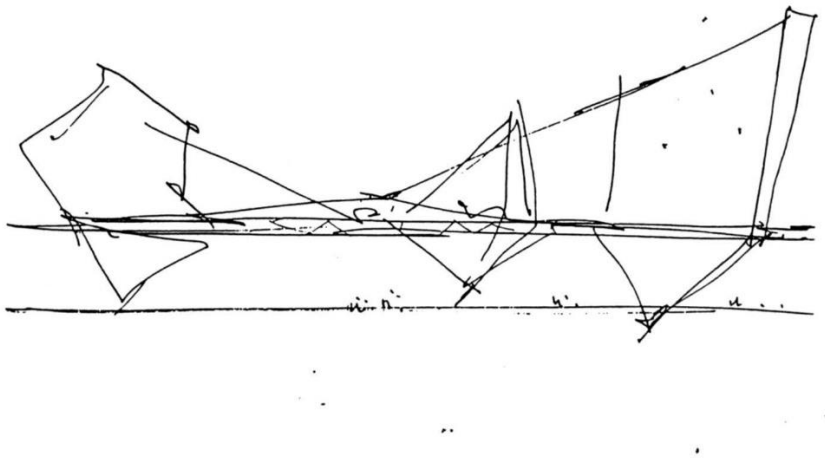


Figura 12: pmr-c-pcap-croqui-01

Pedro Paulo de Melo Saraiva, amigo e parceiro do concurso no ano anterior, ficou com a segunda colocação, seguido de Jorge Wilheim. No total, foram entregues 24 propostas. Como já destacado por Flynn (2000), os três jovens premiados, ainda em início de carreira, viriam a se tornar arquitetos com trajetórias sólidas e estudadas. Na época, competiram com arquitetos já renomados como Artigas, Elisiário Bahiana e Rodolfo Ortemblad. O programa de necessidades envolvia a remodelação do Clube onde já se encontrava o edifício Sede, projeto de Gregori Warchavchik, e o acréscimo do ginásio de esportes, teatro, auditório, cinema, escola de infância e vestiários.

Como já destacado por Pisani (2013), e aqui fazemos coro, sobre a série de questões projetuais estabelecidas: "Não faltarão ajustes em sua trajetória extraordinariamente coerente, mas vários dos princípios que o palácio dos esportes enuncia de modo inequívoco jamais seriam questionados", com destaque para o arrojo da solução estrutural que marca, o qual é destacado pelo arquiteto em depoimento[32] sobre o processo com o calculista Tulio Stucchi:

> Ele fez todos os detalhes comigo, acertou tudo, resolveu. Inclusive o cabo de aço, eu tinha feito um cabo. Ele falou: "É melhor colocar dois cabos por causa do ajuste, porque tem que ter a mesma tensão, a gente passa em uma roldana. A gente ancora o cabo no concreto e depois ele passa em uma roldana e volta, e aqui a gente põe o esticador e nós vamos fazer um medidor de tensão para que todos tenham a mesma tensão." Aquilo foi afinado... [risos] O IPT fez o medidor. Era um "instrumentinho" que tinha essas roldanas que o cabo fica no meio, como se fosse um carrinho, uma travessa em cima e um tensor que você deformava o cabo e ele media e tensão em cada cabo. Pra você inaugurar aquilo com equilíbrio. Tulio Stucchi, uma figura interessante porque o Artigas era arquiteto formado na Politécnica no curso de Arquitetura, não existia Escola de Arquitetura, e o Túlio Stucchi foi colega de turma do Artigas, só que fez civil. Então encontrava na rua a gente se abraçava, os dois, o Túlio e ele, e o Artigas nem sabia quem eu era (...).

32 Depoimento dado pelo arquiteto em seu escritório posteriormente presente no livro **Sobre concursos e memórias**.

Além da ordem técnica, o posicionamento sobre a responsabilidade dialógica, tanto no ponto de vista social, quanto histórico presentes no discurso, já se manifestam de maneira clara no ponto de vista espacial conforme aponta Villac (2000, p. 100). Em sua tese, no subtítulo *La sociabilidade,* destaca a continuidade e flexibilidade existentes no grande vazio que configura a praça que articula o complexo e presentes na estratégia de projeto: “Esta plaza está aberta al paisaje, de manera que el edifício se alimenta del entorno y lo transforma. De esa manera, algunas características del entorno se incorporán as sus previsiones funcionales.” Estratégias essas que se encontram presentes ao longo de toda sua longeva carreira, manipuladas das mais diferentes formas baseadas na interpretação do sítio.

Trata-se de um dos mais publicados trabalhos do arquiteto, sejam livros ou periódicos. Os desenhos disponíveis compelem praticamente todas as etapas de projeto; em grande parte, são desenhos em suas etapas de desenvolvimento e detalhamentos executivos. Curiosamente, o concurso enquanto processo não foi publicado pela revista paulista Acrópole, apenas anos depois, com as premiações e repercussões da obra construída. O projeto recebeu destaque na edição nº 47 da revista **Habitat** de março de 1958. As pranchas do projeto submetido ao concurso se encontram parcialmente publicadas em diversos livros, porém não completas.

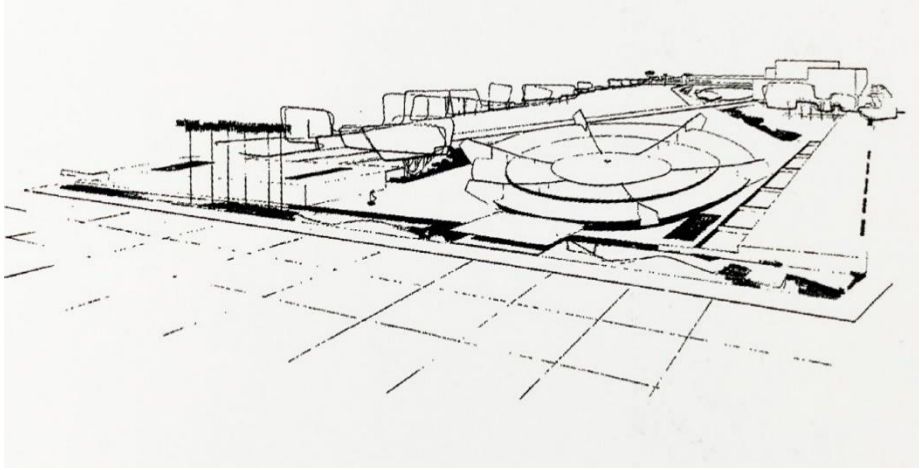


Figura 13: pmr-c-pcap-perspectiva-01

1958 - Sede do Jóquei de São Paulo

O concurso para a sede social do Jockey Club de São Paulo foi organizado pelo IAB-SP e teve um total de 12 projetos. A competição ocorreu sob a modalidade de carta convite e a organização ficou a cargo do presidente Ícaro de Castro Mello que selecionou e convidou 11 equipes para participação – todas receberam um pró-labore no valor de 150.000 cruzeiros (Flynn, 2001, p. 223). Mendes da Rocha participou em parceria novamente com Pedro Paulo de Melo Saraiva e Alfredo Paesani.

O projeto localizado no Largo do Ouvidor teve como júri o trio composto de arquitetos formado por Lauro Lima, Oswaldo Bratke e Marcelo Roberto. Foi escolhido como vencedor o projeto de Carlos Barjas Millan, Jorge Wilheim, Maurício Tuck Schneider e Gabriel Feitosa (engenheiro). A tese de Flynn lista todas as equipes participantes, inclusive com participação de arquitetos renomados a exemplo de Artigas e Cascaldi; Rino Levi, Roberto Cerqueira César e Luis Franco; Eduardo Knesse de Mello, Fabio Penteado e Nestor Lindeberg; Alberto Botti, Marc Rubin e Rodolpho Ortenblad. Ainda com base em Flynn, o concurso gerou uma manifestação dos sócios do IAB-SP descontentes com a Entidade pela realização do concurso privado, sendo convocada uma reunião geral. O projeto não foi executado. As revistas **Acrópole**, nº 259, de abril de 1959, e **Módulo** (nº 16) publicaram apenas o projeto vencedor, se abstendo dos desdobramentos pós resultado.

A participação de Mendes da Rocha no concurso se encontra documentada, além de Flynn, apenas na listagem de projetos do livro de Pisani (2013). Não foram encontrados desenhos, textos ou croquis referentes à proposta nas publicações, seja do arquiteto ou dos outros autores. Na listagem de documentos disponibilizada pela Casa da Arquitetura, também se encontra na lista dos documentos relacionados.

1958 - Sede administrativa da Companhia Siderúrgica Paulista (Cosipa)

O concurso para a sede administrativa da “Cosipa” tem poucas informações publicadas acerca da organização e participantes. A revista Acrópole publicou apenas o segundo colocado de autoria de Rodolpho Ortenblad e José Luiz Oliveira. Não foram encontrados registros do vencedor e/ou desdobramentos do processo.

Não há documentos gráficos publicados sobre a participação de Mendes da Rocha. O projeto foi listado pela primeira vez no trabalho de Otondo (2013) e posteriormente no de Pisani (2013), o qual destaca que a proposta foi elaborada em coautoria com o sócio João Eduardo de Gennaro e também foi organizado por meio de carta convite.

1958 - Sociedade Harmonia do Tênis

A proposta de Fabio Penteado, Luís Forte Neto e José Maria Gandolfi, escolhida como vencedora, foi densamente explorada na publicação da **Acrópole** de maio de 1960, nº 260. Ainda que a matéria tenha sido fartamente ilustrada com desenhos, diagramas, maquete, perspectivas e memória, não houve informações sobre o processo seletivo. Posteriormente, em 1964, foi feito outro concurso, o qual também foi vencido por Fabio Penteado, agora em coautoria com Alfredo Paesani e Teru Tamaki, também divulgado na revista de junho de 1967, nº 340. Ainda que ambas as publicações tenham sido minuciosas com relação aos projetos, as informações sobre o júri e o processo licitatório não acompanharam. Segundo Flynn, ambos os concursos foram organizados pelo IAB. Na edição de maio de 1971, novamente o periódico divulga o projeto construído com uma nota sobre os dois certames.

A participação de Mendes da Rocha está catalogada em Otondo (2013) e Pisani (2013), novamente em parceria com Pedro Paulo de Melo Saraiva. Assim como as duas participações anteriores, não há bibliografia gráfica disponível.

1960 - Novos pavilhões da Escola da Aeronáutica

Não foi encontrado nenhuma informação sobre a organização e outros participantes, o concurso é provavelmente o com menor quantidade de informações disponíveis[33]. A equipe de Mendes da Rocha novamente formada com Pedro Paulo de Melo Saraiva e Alfredo Paesani, e agora contava também com Ícaro de Castro Mello para o desenvolvimento do projeto destinado a cidade de Pirassununga em São Paulo. Não foram encontrados documentos gráficos das propostas. Em depoimento a revista PÓS, de 2005, nº 18, Melo Saraiva ao comentar os concursos que já competiu com Artigas no júri, notícia a proposta. Anos depois, em entrevista a Grace Vasconcellos[34], novamente cita a participação. Nas diversas listas elaboradas, o projeto consta apenas na de Pisani (2013).

[33] Em contato com o Pedro de Melo Saraiva, arquiteto e filho, está catalogada no acervo de Pedro Paulo de Melo Saraiva a participação dos arquitetos, porém os documentos não foram encontrados. O acervo de Melo Saraiva, falecido em 2016, se encontra em catalogação.

[34] O depoimento está no caderno anexo da dissertação (2012) intitulada**:** **A Arquitetura de Pedro Paulo de Melo Saraiva: 1954 a 1975 e o Edifício 5ª Avenida**.

1962 - Sede do Jóquei Clube de Goiás

A Sede do Joquéi Clube de Goiás em Goiânia, o terceiro concurso vencido por Mendes da Rocha de 1962, em coautoria com De Gennaro, foi organizado pelo IAB-GO e teve a obra inaugurada em 1974 (FLYNN, 2001). O júri foi composto por Jon Maitrejean, Maurício Batista e Heitor Vignelli. Trata-se de um projeto publicado em diversos meios, em especial após a execução. Curiosamente a revista paulista **Acrópole** publicou apenas na edição nº 342, agosto de 1967, na primeira das duas edições monográficas dedicadas à produção de Mendes da Rocha e De Gennaro. O projeto marca também uma sequência de uma série de outros projetos os quais o arquiteto foi convidado a desenvolver nos anos subsequentes: o Estádio Serra Dourada, inaugurado em 1973, e a Rodoviária de Goiânia, em 1984, além de uma residência e uma sede de banco.

O projeto se encontra em praticamente todas as monografias sobre o arquiteto, podendo ser destacadas as publicações de Artigas (2000), Spiro (2001), pelo conjunto de textos e desenhos, e a revista espanhola **AV Monografías**, nº 161 de 2013, que contém um conjunto de desenhos originais e fotografias até então inéditas da época da construção. O conjunto de pranchas aqui apresentado foi quase totalmente cedido pela Casa da Arquitectura, exceção feita à folha 10 que se encontrava digitalizada no escritório do arquiteto.

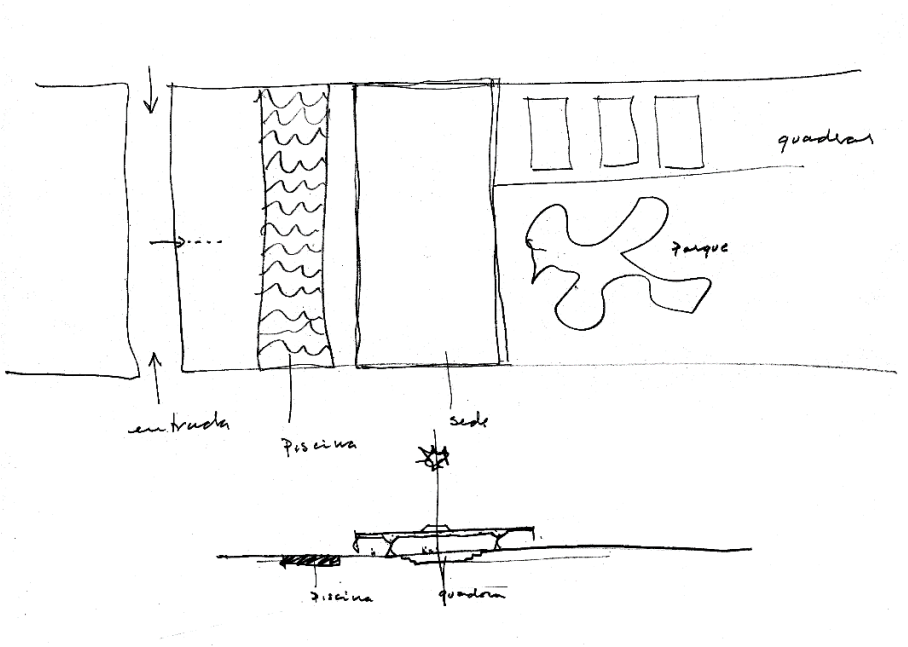


Figura 14 : pmr-c-jcg-croqui-01

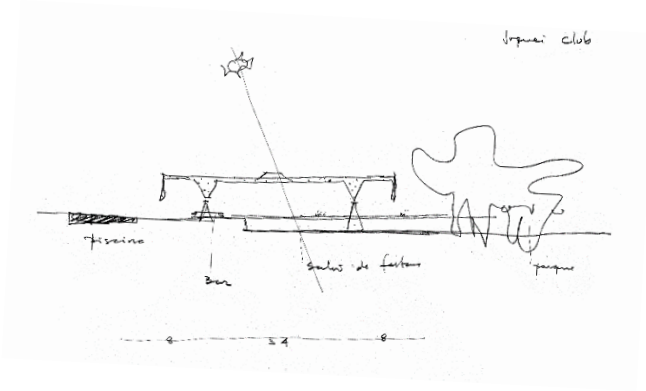


Figura 14 : pmr-c-jcg-croqui-02

O projeto hoje se encontra em estado de abandono, sob risco de demolição. Em 2017, o pedido de tombamento do edifício foi indeferido pelo IPHAN. Em 2019, foi requisitada pela Entidade uma alteração na solicitação e novamente foi dada entrada no processo que ainda se encontra em tramitação. O parecer de solicitação foi elaborado pelo arquiteto e professor Lucas Jordano Barbosa e foi endossado por diversos órgãos, dentre eles, o Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU) e o IAB.

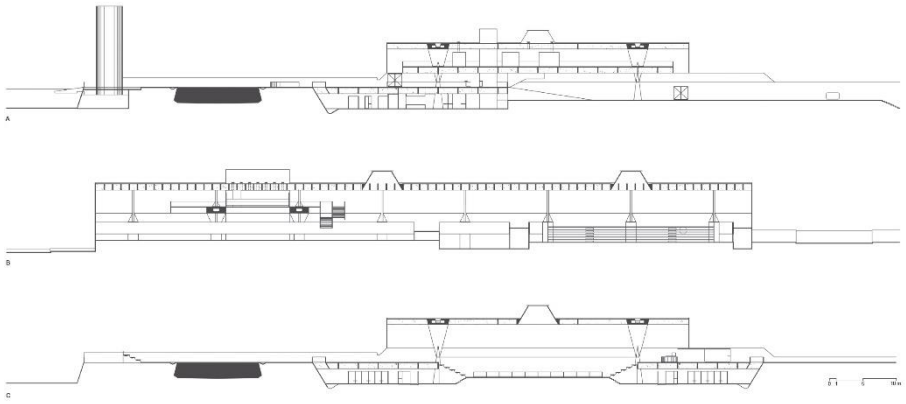


Figura 16 : pmr-c-jcg-croqui-02

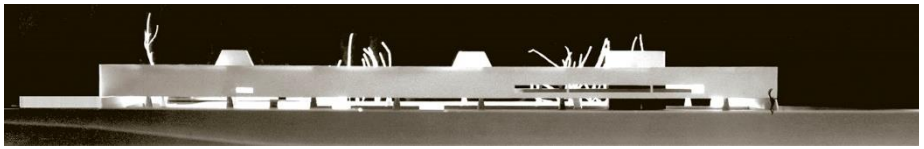


Figura 17 : pmr-c-jcg-maquete-01

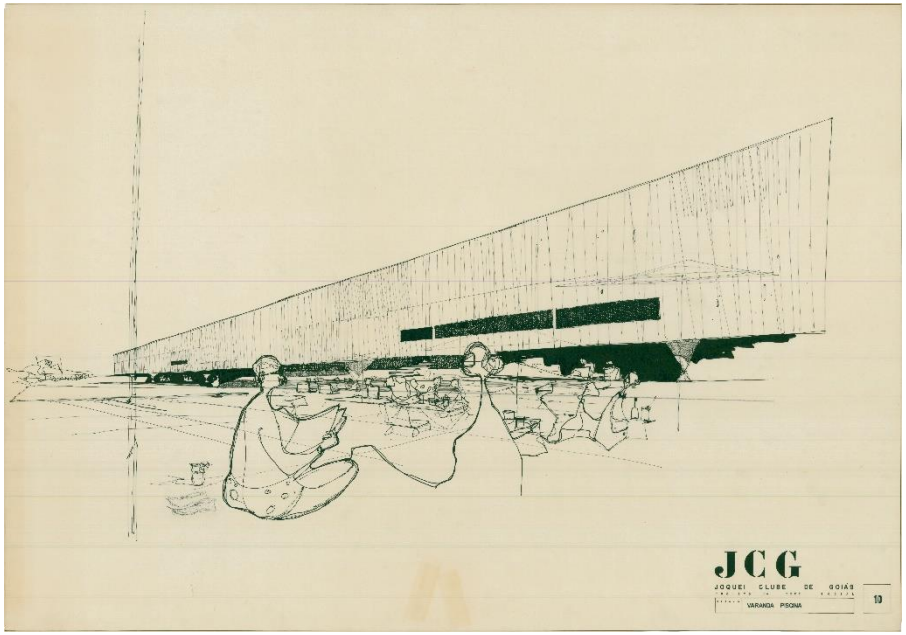


Figura 18 : pmr-c-flh-10-digitalização feita no escritório pelo arquiteto por Daniele Pisani

1963 - Clube da Orla Guarujá

O concurso de projeto para o Clube da Orla do Guarujá, localizado na Avenida Marechal Deodoro da Fonseca, na Praia das Pitangueiras, promovido em setembro de 1963 pela entidade homônima, foi por carta-convite, na qual nove dos 12 convidados submeteram suas propostas (FLYNN, 2001). Ainda que tenha sido informada aos concorrentes, na carta-convite, a não garantia de execução do projeto vencedor, o certame contou com um renomado júri composto por Vilanova Artigas, Oswaldo Bratke e Joaquim Guedes. Como previsto, o projeto vencedor não foi executado. O projeto construído é fruto da contratação posterior ao concurso, do arquiteto Sérgio Bernardes. O terreno fazia parte do antigo Hotel La Plage, reconstruído em 1912, por Ramos de Azevedo e demolido em 1959. No local hoje se encontra um shopping. Mendes da Rocha participou em coautoria de João de Gennaro e Waldemar Hermann.

O resultado foi publicado com destaque na revista paulista **Acrópole**, nº 300 de outubro de 1963, além dos desenhos técnicos, perspectivas, e memorial do projeto vencedor de autoria de Israel Sancovski e Jerônimo Bonilha. Também foram publicados um desenho de cada um dos outros oito concorrentes e um pequeno trecho da curta Ata de Julgamento. O concurso contou com a participação de Gregori Warchavchik em parceria com Wolfgang Schoedon, e de outros, individualmente ou em grupo, ainda no início de suas

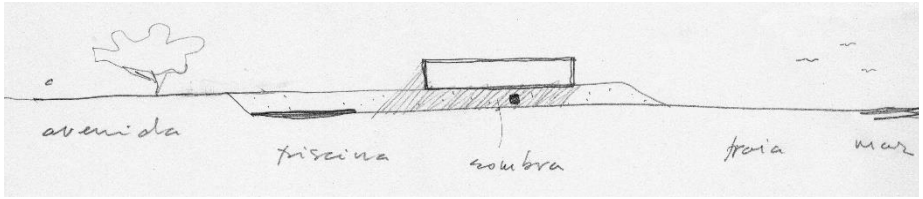


Figura 19 : pmr-c-cog-croqui-00

trajetórias, se estabelecendo no cenário arquitetônico nacional: Pedro Paulo de Melo Saraiva; Rodolpho Ortenblad e Marcelo Fragelli; Sérgio Ferro e Rodrigo Lefèvre; Jorge Wilheim, Miguel Juliano e Paulo Zimbres. Curiosamente a proposta de Melo Saraiva parece ser uma continuidade de investigação estrutural e formal da proposta que venceu o concurso para o Clube XV em Santos cinco meses antes.

O projeto de Paulo Mendes da Rocha foi publicado parcialmente pela primeira vez na edição nº 342, de agosto de 1967, da revista **Acrópole**, quando ocupou a capa do primeiro volume da edição dupla dedicada à produção conjunta de Paulo Mendes da Rocha e João de Gennaro. O croqui do Clube da Orla, apesar de ocupar a capa da publicação, não está na lista dos projetos apresentados. Posteriormente, o projeto foi publicado de forma completa, com conjunto de cortes e plantas, no livro do ano 2000, organizado pela historiadora Rosa Artigas e editado pela Cosac Naify. Em 2010, o projeto foi objeto de estudo na tese de Ana Elisa Souto, onde foram feitos o redesenho e a modelagem. Em Pisani (2013), quatro das pranchas submetidas ao concurso foram publicadas, além dos desenhos técnicos refeitos para o primeiro livro. Em 2018, o projeto novamente ocupa a capa de uma publicação, dessa vez para o livro fruto da entrevista concedida (Sobreira et al.), na qual o projeto é descrito em detalhes, especialmente em relação às suas intenções projetuais. As perspectivas e memorial nunca foram publicados. Foram encontrados junto ao acervo do escritório uma memória feita a posteriori, além do texto presente na monografia de Artigas (2000). Das pranchas aqui apresentadas, algumas já se encontravam digitalizadas no escritório por Pisani (foram cedidas pela Casa da Arquitectura), com apontamento para a folhas 8 e 9 inéditas, com uma perspectiva interna a nanquim e grafite, e um diagrama acompanhado de um detalhe estrutural do vão interno de aproximadamente 30 metros.

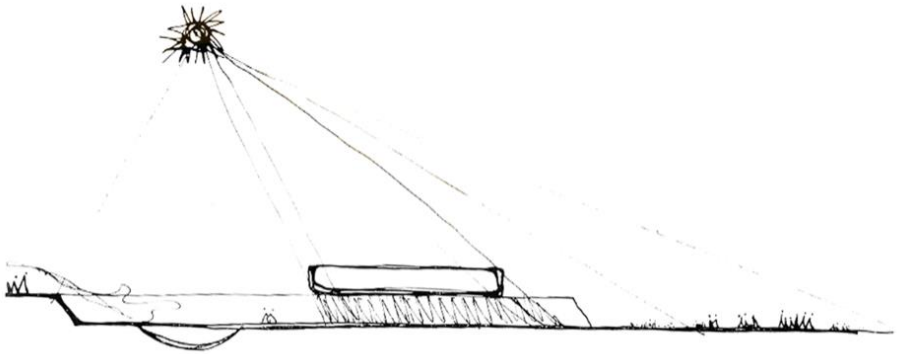


Figura 20 : pmr-c-cog-croqui-01

1966 - Sede do Petróleo Brasileiro (Petrobrás)

O concurso para a Sede da Petrobrás no Rio de Janeiro, promovido pela própria empresa, movimentou o contexto nacional e resultou em uma obra construída amplamente debatida e pesquisada. O certame contou com Vilanova Artigas como presidente do júri, Helio Marinho, Mauro Viegas, somados aos quatro representantes indicados pela Petrobrás, Ernani Vasconcelos, Lucas Mayerhofer, Ruy Guaraná e Antônio Netto. O processo foi em duas etapas, a primeira selecionou as propostas representadas por Paulo de Mello Bastos (SP); David Ottoni e Dácio Ottoni (SP); José Sanchonete e Roberto Luis Gandolfi (PR), Manoel Figueiredo (SP); e Miguel Alves Pereira (RS). Segundo Flynn (2001), foram 126 inscritos, sendo que 32 apresentaram propostas. Destaca-se ainda o processo longo, de mais de um ano entre a publicação do edital, junho de 1966, e a divulgação do vencedor da 2ª etapa, 11 de agosto de 1967. À proposta vencedora (Sanchonete e Gandolfi), foi acrescida a de Abraao Assad e Luis Fortes Netto na segunda etapa e posteriormente no desenvolvimento do projeto executivo. Os jardins são de autoria de Burle Marx. O edifício foi inaugurado no início dos anos 70. A proposta de Mendes da Rocha foi elaborada em equipe, além de seu sócio João De Gennaro, Pedro Paulo de Melo Saraiva, Sami Bussab e Miguel Juliano. Não foram encontrados desenhos e pranchas no acervo do escritório do arquiteto ou na listagem disponível pela Casa da Arquitectura. Há apenas o registro na listagem de Pisani (2013).

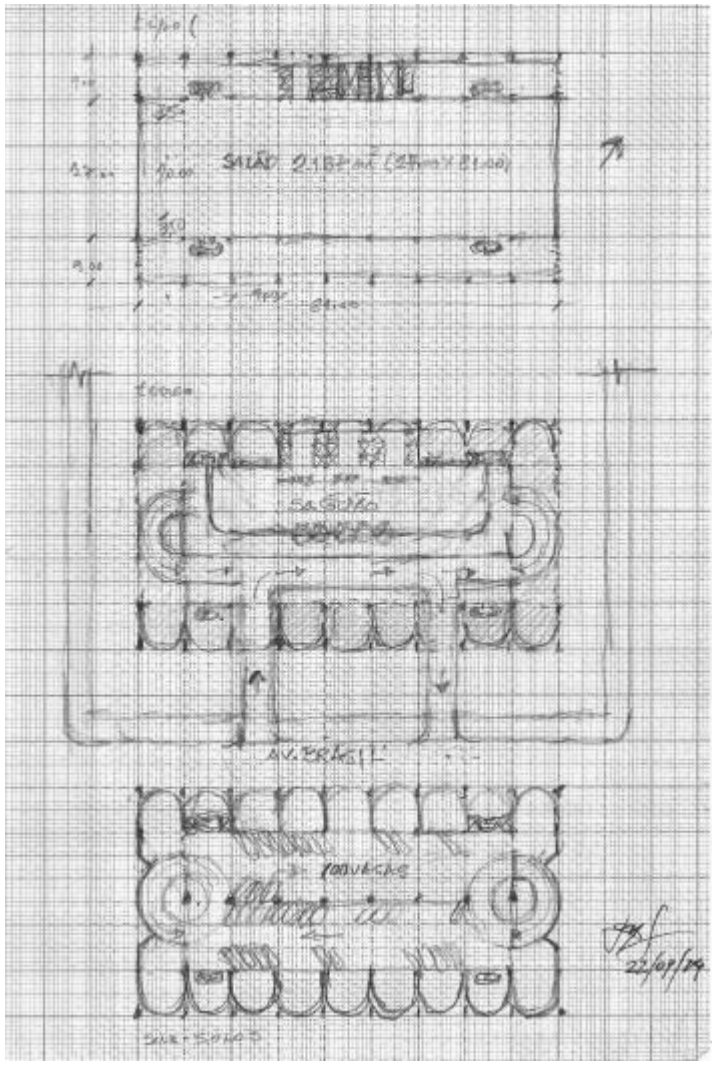


Figura 21 : Croquis feitos por Pedro Paulo de Melo Saraiva para a publicação sobre sua obra de autoria do Professor Luis Espallagas Gimenez (2016)

Ainda que o projeto não tenha a documentação submetida ao concurso, trata-se de um encontro significativo tanto pelas reflexões envolvidas quanto pelo encontro. O projeto foi redesenhado, em nível de croquis por Saraiva conforme detalha Espallargas (2016):

> Quando a conversa retorna ao edifício da Petrobrás, contata-se a inexistência de desenhos da proposta feita para o concurso, e ao surgir perguntas sobre o projeto, Saraiva compromete-se a preparar um desenho explicativo. Como é de se esperar produz esquemas com notável precisão, medidas e informações – não retorna com rabiscos, ou indicações imprecisas de um partido, mas com um desenho montado em escala sobre papel quadriculado. Acrescenta que consegue reproduzir o esquema porque recorda perfeitamente das medidas que definem as plantas e a estrutura, lembra-se também engenheiro politécnico Siger Mitsutani (1923-1994) acatar as medidas sugeridas para o cálculo. Uma planta retangular com 81 metros de comprimento por 45 metros de largura com dois pares de linhas duplas e opostas de pilares espaçados enquadrados de 9m x 9m nas fachadas longitudinais que foram vãos centrais três vezes maiores, com 27 metros de largura, ou uma respeitável desimpedida com 2.187m². Um conceito estrutural engenhoso prevê que o eixo interno de pilares seja comprimido, sustente as lajes, enquanto a bateria de pilares nas fachadas seja tracionada como uma sucessão de tirantes, que contrabalançam da flexão do impressionante vão central.

Sendo possível ainda acrescentar mais algumas informações ao imaginário com base em depoimento[35] dado por Pedro de Melo Saraiva[36] que reafirma as estratégias:

> (...)precursor do conceito adotado às últimas consequências no Pompidou de Rogers e Piano. Toda a estrutura periférica com grandes vãos livres permitindo qualquer tipo de *layout*, usos e sobrevida do edifício. Tendo todas as instalações em geral, circulação vertical e demais utilidades locadas entre a vedação do edifício e sua 'pele estrutural'.

[35] O depoimento entre Pedro de Melo Saraiva e o autor ocorreu por meio mensagens no dia 24 de janeiro de 2022.

[36] Pedro de Melo Saraiva, filho de Pedro Paulo de Melo Saraiva, é arquiteto e continua o escritório que dividiu com o pai, Coletivo PPMS, hoje coordenado em conjunto com Mariana Fabretti de Freitas.

Posteriormente em novo depoimento[37], com o objetivo de elucidar o partido estrutural, destaca a importância da proposta que de certa maneira "continuou" nos anos seguintes sendo investigada e revistada na obra de Melo Saraiva:

> (...) ouvi tanto sobre esse projeto além disso ele abriu uma linha de pesquisas nos projetos do Pedro Paulo. Se analisar o Edifício Sede do CONFEA[38], o partido estrutural é semelhante.

Como é possível aferir, com base na descrição de organização programática, o projeto ainda que não tenha sido premiado, trata-se de uma reflexão que será continuada nos próximos anos, em especial na obra de Saraiva. Além de abalizar a última da frutífera parceria entre Mendes da Rocha e Melo Saraiva.

[37] Depoimento concedido por meio de mensagens em 29 de agosto de 2022.

[38] Concurso vencido em 1999, para a sede em Brasília. Autores: Pedro Paulo de Melo Saraiva, Pedro de Melo Saraiva, Fernando de Magalhães Mendonça; colaboradores: Ricardo Kinai, Claudio Reuss, Noemi Kayo, Gustavo Cedroni.

1966 - Sede Social do Esporte Clube Sírio São Paulo

Promovido pelo próprio clube, o concurso fechado foi organizado pelo IAB-SP sob consultoria do então presidente Julio Neves. O concurso contou com o renomado júri composto por Ubirajara Giglioli, Alberto Botti, Rubens Carneiro Viana e Eduardo Corona. Ao todo concorreram nove propostas. Dentre as diversas equipes, é possível destacar alguns participantes já reconhecidos no cenário, como a equipe representada por Giancarlo Gasperini, Ícaro de Castro Melo e Roberto Aflalo. O projeto de Mendes da Rocha não foi premiado. A equipe vencedora era composta por Pedro Paulo de Melo Saraiva, Sami Bussab, Miguel Juliano e consultoria estrutural de Mario Franco, futuramente engenheiro calculista do Museu da Escultura. Curiosamente Mendes da Rocha, dois meses depois, integrou essa mesma equipe que vendeu o concurso para a elaboração da Sede da Petrobrás no Rio. O projeto vencedor foi construído e tornou-se amplamente publicado e debatido no meio arquitetônico. O resultado do concurso foi publicado na edição **Acrópole** nº 333 de outubro de 1966.

Este concurso é o único que não consta em nenhuma das listas de obras do arquiteto. A participação aparece apenas na tese de Flynn (2001), que o cita entre os participantes. Não há registros, documentos e desenhos no escritório ou na lista disponibilizada pela Casa da Arquitectura.

1969 - Escola Técnica Federal de São Paulo

Este concurso com base na revista **Acrópole**, nº 363, de julho 1969, foi um concurso fechado no qual foram selecionados currículos de arquitetos com base na experiência de projetos na área educacional. O projeto escolhido por um júri composto por representantes das escolas de arquitetura, Ministério da Educação e Cultura e da Escola Técnica foi o da equipe composta por Zenon Lotufo, Victor Pini, Cláudio Sganzerla e Vitor A. Lotufo. O projeto foi construído e se encontra em funcionamento sob a mesma função, na atual Rua Pedro Vicente.

O projeto de Mendes da Rocha é citado por Pisani (2013), porém com a data hipotética no ano de 1967. Não foram encontrados desenhos ou documentos.

1969 - Pavilhão do Brasil Expo Osaka 70 – Japão

Em 1969, o arquiteto vence o concurso para o Pavilhão do Brasil para a Expo Osaka em 1970. O concurso organizado pelo IAB-DN, em 1969, teve o júri formado por Pedro Paulo Melo Saraiva, Henrique Mindlin, Miguel Pereira, Giancarlo Gasperini e Macedo Soares. O Ministério das Relações Exteriores solicitou ao IAB a indicação de cinco nomes para elaboração de um concurso fechado, no entanto, houve um apelo para que o concurso fosse aberto a todos profissionais. Posteriormente, após o certame se estender para âmbito nacional, foram entregues 83 propostas. O projeto tem sido estudado sob diversos aspectos, sejam eles projetuais e/ou contextuais e históricos. O anúncio da premiação do arquiteto foi praticamente simultâneo a sua cassação como docente na Universidade pela ditadura militar. O trabalho de Pisani (2013) retrata com riqueza de detalhes o contexto da vida pessoal do arquiteto durante o duro período. O projeto é um dos mais estudados na obra do arquiteto; destacamos aqui o artigo de Sperling (2003) e Villac (2019), os quais voltam o olhar para a potência do discurso projetual presente na proposta. Por se tratar de um projeto para abrigar um conteúdo expositivo, a relação entre espaço e expografia ganha laços mais fortes nesse tipo de projeto. A expografia, elaborada em parceira com o professor e filósofo Flávio Motta, visitava e fazia uma revisão crítica à colonização e à forma de ocupação do território natural do Brasil e das Américas.



Figura 22 : pmr-c-pbo-croqui-01

O projeto expográfico não foi continuado no desenvolvimento por intervenção governamental que optou por uma imagem festiva e rasa a ser exposta. Os pavilhões para as Expos por si só já contêm uma natureza alegórica e uma série de produções complementares paralelas, de ordem simbólica, retórica e representativa. A oportunidade de relacionar um discurso expográfico e espaço surge de maneira decisiva. O projeto expográfico elaborado em parceria com o também professor da FAU Flávio Motta nos direciona categoricamente em direção à leitura crítica do passado brasileiro, e por consequência, da América Latina, “traz a história para o presente, e se afirma como projeto.” Diferentemente do que Spiro (2001, p. 21) aponta, o projeto para Osaka não ganhou dimensão política pelo contexto social e político, foi apenas potencializado. O arquiteto recebeu o resultado da escolha de seu projeto pouco tempo antes de ter seus direitos docentes cassados pelo regime militar ditatorial, intensificado após a instauração do Ato Inconstitucional (AI-5) de dezembro de 1968. O contexto político e alguns bastidores importantes de ordem pessoal do arquiteto foram minuciosamente descritos em sua compilação sobre o tema em seu livro (2013). Destaca-se a latência do pensamento político, legado de Artigas, presente desde os primeiros anos de carreira.

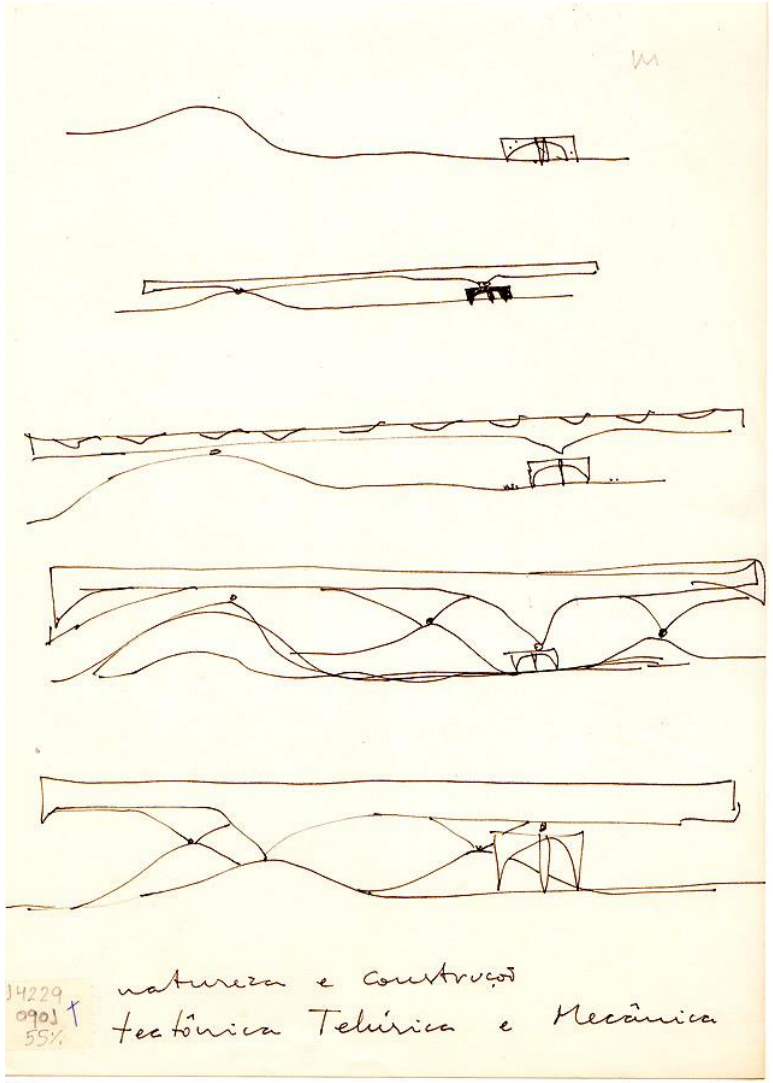


Figura 23 : pmr-c-pbo-croqui-02

O projeto expográfico ricamente ilustrado por desenhos e textos revisita criticamente a forma de ocupação territorial legada do período colonial, em conflito com a famigerada visão carnavalesca dos napoleões retintos. Justamente pela densidade discursiva única presente nesse projeto específico, foi gerada uma série de trabalhos e ensaios necessários sobre o assunto, a destacar o texto de Sperling (2003) onde o autor destaca “o todo da expressão de um arquiteto profundamente brasileiro e intensamente humano”. O discurso contido na expografia tem fundamental importância para o arquiteto para a própria compreensão do objeto arquitetônico, conforme o destacado por Pisani (2013) ao citar: “foi apenas construído o edifício e foi enfiado uma estúpida mostra de artefatos indígenas e quinquilharias folclóricas, sem a presença de qualquer discurso ou crítica”[39]. O desapreço por parte dos governantes brasileiros chegou ao ápice quando se optou pela demolição, apesar das ofertas de compra por instituições japonesas, como a Universidade de Tóquio. Ainda assim, o governo brasileiro optou pela demolição.

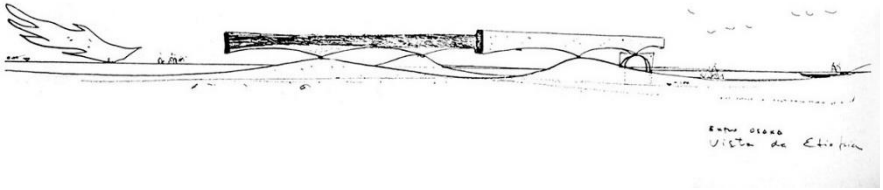


Figura 24 : pmr-c-pavilhão de osaka - fonte Acrópole, ano 31, nº372, abril 1970

[39] Em depoimento à revista **Caramelo**, nº 6, p. 42, 1992.

O pavilhão do Brasil para Osaka, em 1970, é provavelmente o projeto com maior quantidade de publicações e ensaios depois do MuBe e é uma peça importante na compreensão da paisagem cultural que acompanhou o arquiteto ao longo de toda a sua carreira. Dentre as inúmeras publicações, podemos destacar o pequeno livro organizado e editado na Itália por Carlo Gandolfi (2017). Recentemente, em 2019, o projeto recebeu uma grande exposição com os desenhos originais na Escola da Cidade com curadoria de José Paulo Gouvea. Ainda que o projeto tenha existido fisicamente por pouco mais de um ano, trata-se de um projeto carregado de informações fundamentais para decodificação do pensamento.

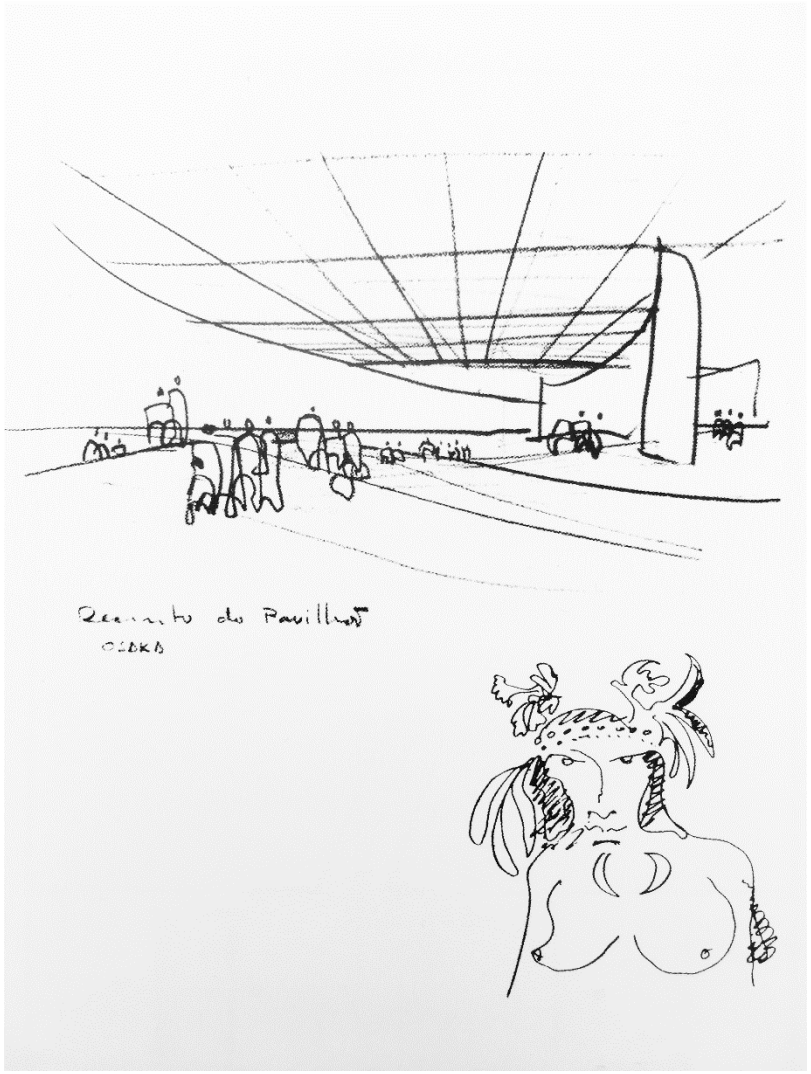


Figura 25 : pmr-c-pavilhão de osaka interna

1970 - Estádio do Paraná

Promovido pela Federação Paranaense de Futebol, o concurso movimentou o cenário arquitetônico nacional. Organizado pelo IAB/PR, teve representantes do IAB/SP (Marcelo Fragelli), IAB/RJ (Marcos Neto) e do diretório do Paraná (Cyro Lira e Leo Grossman e o engenheiro Euro Brandão). O projeto vencedor foi da equipe de José Sanchonete, Alfred Willer e Oscar Miller. Além do primeiro, as equipes em segundo lugar, lideradas por Ludomir Dunis, seguido de Roberto Gandolfi e Luiz Forte Neto, também eram sediadas no Paraná (PACHECO, 2004). Foram ainda designados quarto e quinto lugares, de Flávio Ferreira e Carlos Porto, respectivamente. Ao todo, foram 16 projetos entregues, segundo a revista **Acrópole,** nº 382, de março de 1971.

A proposta de Mendes da Rocha foi publicada uma única vez, no livro de Pisani (2013). Foram publicadas três perspectivas submetidas ao concurso. As pranchas não constam da lista disponibilizada da Casa da Arquitectura. Também não foram encontrados dados sobre a equipe e memória descritiva no escritório. Destacável ainda a imagem inédita, até então, publicada no sítio da chamada para a Trienal de Milão, na qual o arquiteto foi homenageado com uma sala expositiva, sob a curadoria de Daniele Pisani.

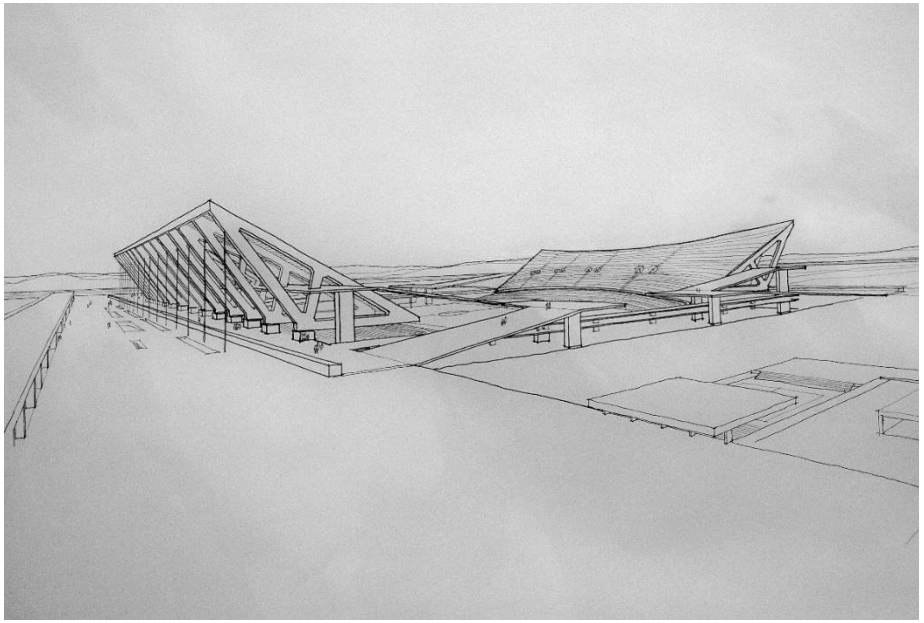


Figura 26 : pmr-c-epr-des-02-imagem disponível em http www.arcvision.orgwp-contentoqey_gallerygalleriestriennale-di-milano-mendes-da-rochagalimgmg_2798.jpg Acessado em

1971 - Sede da União dos Bancos Brasileiros

Há pouquíssimas informações disponíveis acerca do projeto, com base na antológica publicação **Arquitetura Moderna Paulistana**, de Alberto Xavier, Carlos Lemos e Eduardo Corona, onde é publicado o projeto construído de autoria de Roberto Loed, Flávio Mindlin e Marklen Landa. Na memória, é citado que a obra é fruto de um concurso fechado entre quatro equipes convidadas. O conjunto construído totaliza 35.000m² em terreno de 83.000m².

O projeto de Mendes da Rocha feito em coautoria com o professor e arquiteto Sami Bussab. O registro de participação se encontra nas listas de 2013 de Pisani e Otondo, porém não há desenhos, croquis ou plantas disponíveis. As pranchas do projeto constam no catálogo da Casa da Arquitectura, mas ainda não foram digitalizadas/disponibilizadas até o momento.

1971 - Edifício Sede do CONFEA

Organizado pelo IAB-DF, o concurso foi aberto e de âmbito nacional. A dupla de Porto Alegre, David Bondar e Arnaldo Knijnik, ficou em primeiro lugar, seguida de equipes paranaenses, de Mauro Tuleski, Nereu Barão e Ricardo Bahr, e em terceiro lugar Manoel Coelho e Roberto Luis Gandolfi. O projeto vencedor foi construído e se encontrou como sede do Conselho até os anos 2000, quando novamente foi feito um outro concurso tendo em vista a necessidade de mais espaço de trabalho. O projeto também construído se encontra no terreno ao lado da antiga sede, tendo sua autoria, já citada anteriormente, de Pedro Paulo de Melo Saraiva e equipe. O projeto se situa entra as ruas W2 e W3, na Asa Norte, Brasília.

A proposta consta na lista de Pisani (2013), porém com a data hipotética no ano de 1968. Com base na tese de César Pacheco (2004), o concurso ocorreu em 1971. O trabalho de Mendes da Rocha não foi publicado, nem consta na relação de documentos doados à Casa da Arquitectura.

1971 - Centro Beaubourg Georges Pompidou – Paris, França

O concurso para o centro Beaubourg em Paris é a primeira participação internacional de Paulo Mendes da Rocha. O certame gerou um enorme debate no meio arquitetônico, tendo em vista o contexto no auge do questionamento da linguagem moderna. Posteriormente com a obra construída e inaugurada em 1977 de autoria de Richard Rogers e Renzo Piano, ampliaram-se ainda mais as reflexões. Com base no artigo de Susan Holden (2015), ***Possible Pompidous***, publicado na revista **AA files** do Reino Unido, o concurso internacional foi aberto à participação sem restrições e recebeu 681 propostas. O renomado júri foi composto e presidido pelo francês Jean Prouvé, Philip Johnson (EUA), Emile Aillaud (França) que substituiu o dinamarquês/finlândes Jorn Utzon e Oscar Niemeyer somados a outros cinco administradores de museu, Michel Laclotte (Louvre), Frank Francis (Museu Britânico), Willem Sandberg (Museu Stedelijk), Herman Liebaers (Biblioteca Royal da Bélgica) e Gaetan Picon que participou da organização e elaboração da documentação para o concurso. Quase metade das propostas submetidas eram provenientes da França e Estados Unidos. Ainda no artigo, destaca-se as participações não premiadas de dois futuros vencedores do Pritzker, Sverre Fehn (1997) e Jean Nouvel (2008). Pontua-se ainda, no trabalho da pesquisadora, a análise da proposta do também professor da USP, Eduardo de Almeida.



Figura 27 : pmr-c-beaubourg 01

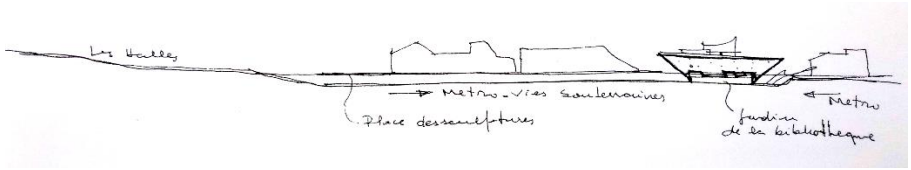


Figura 28: pmr-c-beaubourg 02

Além dos vencedores, foram outorgadas 30 menções honrosas aos finalistas, dentre elas a proposta de Mendes da Rocha. Localizado em uma área densa e central de Paris, um grande terreno que ocupa um quarteirão, o platô Beaubourg é alimentado por duas vias de maior fluxo, as ruas Beaubourg e Rambuteau, e duas de menor fluxo, Rua Sant-Martin e Saint-Merri.

A proposta do arquiteto é de comum conhecimento aos pesquisadores de sua obra e está presente em quase todas coletâneas sobre sua obra com destaque à publicação completa de Artigas (2000). O projeto se encontra digitalizado e disponível na Casa da Arquitetura. Compuseram a equipe: Abrahão Sanovicz, Osvaldo Gonçalves e Cláudio Gomes. É necessário destacar dois pontos sobre a participação: conforme o artigo de Pisani, publicado na edição nº 395, de janeiro de 2013, da **Revista Projeto**, curiosamente foi a primeira experiência do arquiteto com o programa museu, que posteriormente será uma das mais se repetirá em sua obra; outro ponto é que se trata de um projeto que irá "acompanhar" Mendes da Rocha ao longo de sua trajetória, considerando que a proposta para o Pompidou é a primeira vez em que ele se utiliza da estratégia da pirâmide invertida, presente na proposta para o Museu de Caracas de Niemeyer, de 1955. Três anos depois, Mendes da Rocha se utiliza novamente da estratégia para resolver sua primeira encomenda, para o museu MAC-USP. Comentaremos mais adiante sua participação também em 2001 para o mesmo museu.

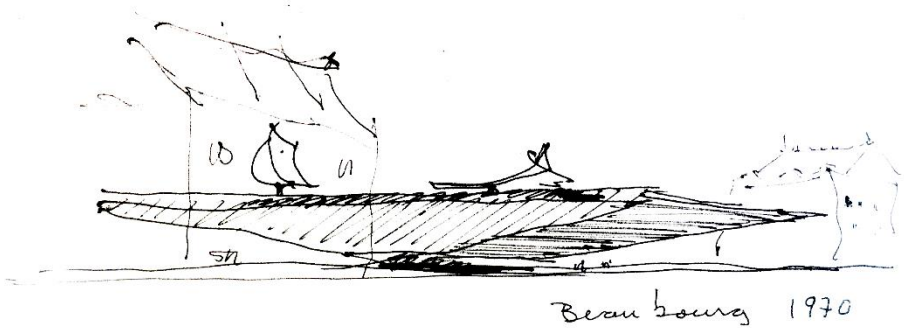


Figura 29: pmr-c-beaubourg 03

Essa estratégia da pirâmide invertida “voltará”, treze anos depois, nos ensaios para a proposta da Biblioteca do Rio de Janeiro, ainda que não tenha sido a ideia desenvolvida e submetida ao júri. A Casa da Arquitectura cedeu as pranchas aqui apresentadas, ressalta-se que as seis fotos da maquete não se encontram locadas nas folhas. As imagens foram publicadas nas mais diversas publicações, além de outros diversos croquis.

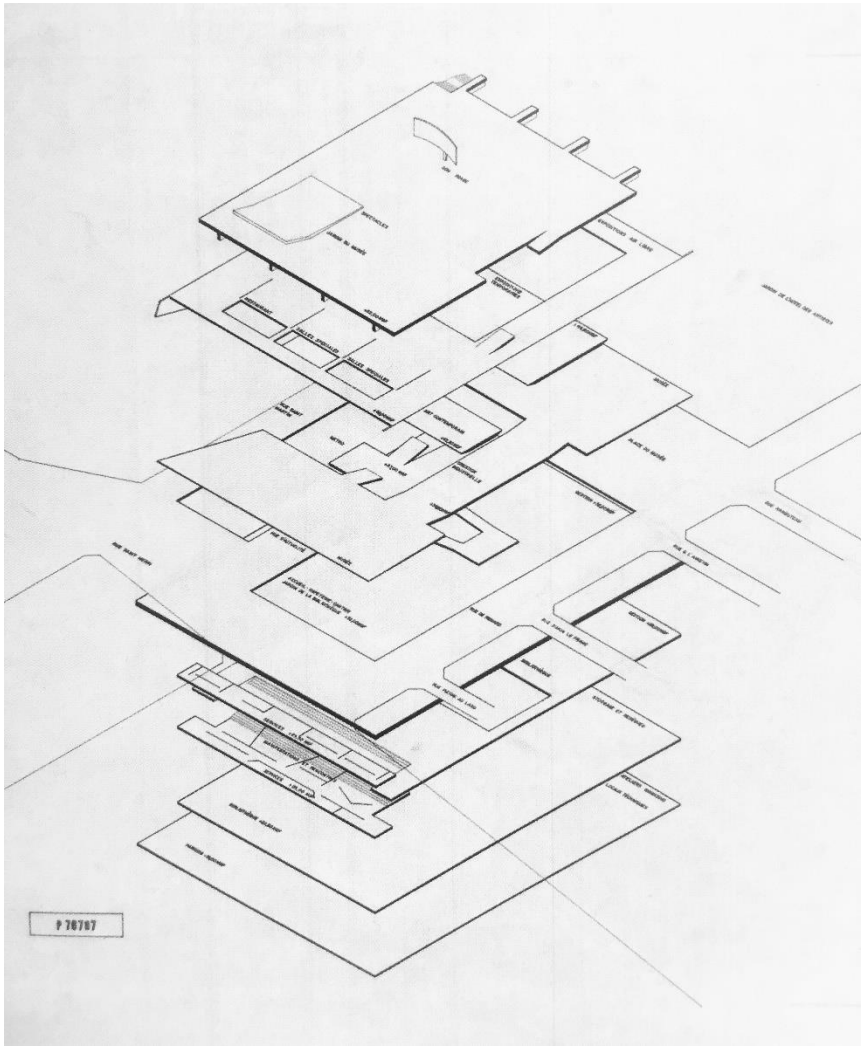


Figura 30: pmr-c-beaubourg diagrama

1972 - Transformação da área central de Santiago, Chile

O concurso para a transformação da área central de Santiago no Chile é a primeira experiência internacional de Mendes da Rocha. Com base no cuidadoso trabalho feito pela professora uruguaia Carolina Tobler (2018), condensa a ata, parte do termo de referência além de vários participantes. O certame foi organizado pelo Governo do Chile junto com a União Internacional dos Arquitetos (UIA) e contou com um renomado júri internacional. Com destaque para o renomado arquiteto cubano Antonio Quintana, o holandês Aldo van Eyck, Marcos Winograd (Argentina), Santiago Agurto (Peru) e os chilenos Jorge Wong, Moisés Bedrack e Hector Valdés, a organização do concurso foi da arquiteta Maria Rosa Giugliano. O concurso contou com 86 projetos entregues, sendo três brasileiros: Mendes da Rocha e equipe, Luis Forte e José Gandolfi e equipe e Lutz Quaresma. Participaram equipes de diversos países do mundo: Chile (11 participantes), União Soviética (8), Estados Unidos (7), Polônia (7), Canadá (7), Inglaterra (6), Argentina (5), França (4), Japão (4), Israel (4), Cuba (3), Brasil (3), Espanha (3), Egito (2), Suécia (2) e um participante de cada país da Alemanha Ocidental, Alemanha Oriental, Austrália, Hungria, Iugoslávia, Suíça, Turquia e Uruguai. É importante destacar a participação do japonês Fumihiko Maki e equipe e o espanhol Carlos Ferrater e equipe. O vencedor do concurso foi a equipe argentina representada por Enrique D. Bares, seguida do sul africano Ivor Prinsloo. Receberam menções os projetos de André Wiss (Suiça), Jadwiga Guzicka (Polônia), Teresa Bielus (Argentina), Jean Dupuy (França) e as três equipes chilenas lideradas por Hernán Resco, Tomás de la Barra e Hernán Flaño.

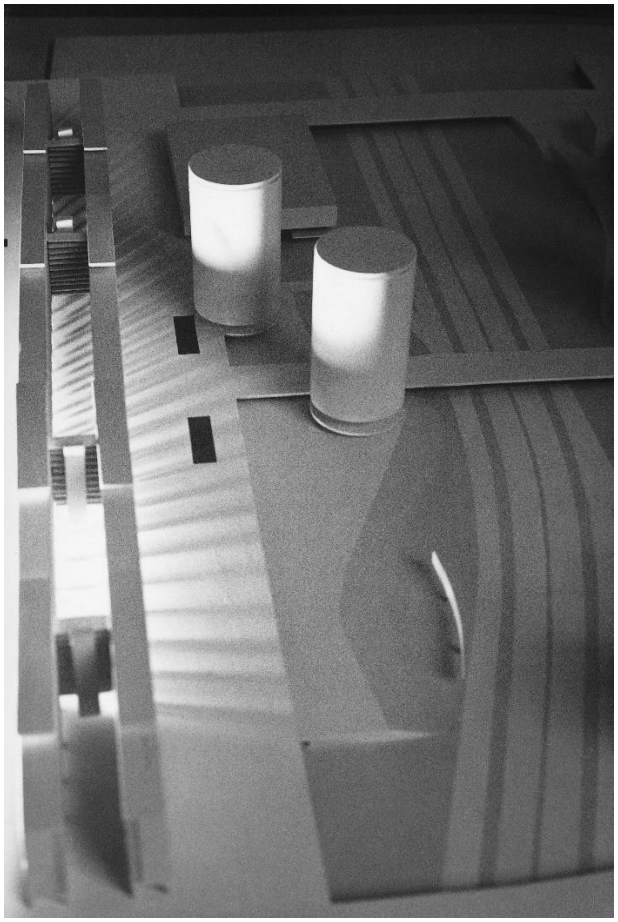


Figura 31 : pmr-c-tacs-maquete-03

Tendo em vista a vasta disponibilidade da documentação acessível pelo trabalho já citado, destacamos alguns pontos presentes no início do Termo de referência: “El magnitud plantea um período de câmbios estructurales que configuran las bases de uma sociedade socialista” – o Chile era presidido pelo então presidente progressista Salvador Allende, morto no ano seguinte durante o Golpe.

A equipe de Mendes da Rocha é provavelmente a maior equipe listada, composta por Edgar Dente, Ana María Dente, Georges Sallouti, Helene Afanasieff, Maria Helena Flynn, Eduardo Homem, Marcelo Nitsche, Newton Arakawa, Roberto Leme e Roberto Portugal. O escritório do arquiteto enviou, por solicitação da arquiteta Tobler para o desenvolvimento de sua dissertação de mestrado, as imagens até então inéditas da maquete física elaborada à época do concurso.

Os desenhos, memórias e croquis nunca haviam sido publicados até então, apesar de constarem na listagem de obras de Spiro (2001), Pisani e Otondo, ambos de 2013. Foram cedidas pala Casa da Arquitectura as pranchas do projeto submetido ao concurso, pela primeira vez publicadas. As imagens da maquete foram disponibilizadas pelo escritório do arquiteto.

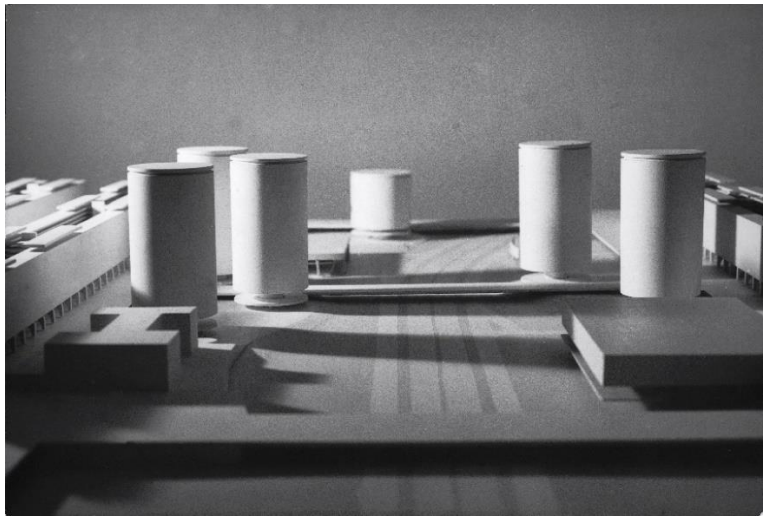


Figura 32 : pmr-c-tacs-maquete-01

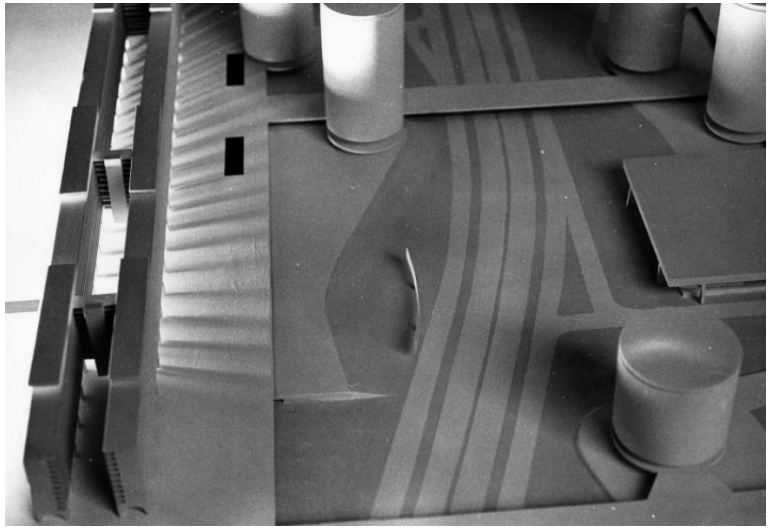


Figura 33 : pmr-c-tacs-maquete-02

1973 - Sede do Serviço Social do Comércio (SESC), Rio de Janeiro

O concurso para o SESC Rio de Janeiro é um dos que estão com informações imprecisas. A participação de Mendes da Rocha é apontada tanto por Pisani quanto por Otondo, ambos de 2013, porém ambos sem informações de data. Pisani informa como data hipotética o certame em 1972. Entretanto, com base na tese de Pacheco (2004), aconteceram duas competições no Estado sob a mesma alcunha de Sede do Núcleo Social. No sítio do arquiteto Índio da Costa[40], a publicação do projeto construído aponta na memória enquanto selecionado por meio de uma competição feita por carta-convite para a Sede em Madureira. Todavia, não há como ter certeza de que se trata do mesmo certame.

Segundo a catalogação na tese de Otondo (2013), no tubo 2 do escritório de Mendes da Rocha, havia 13 pranchas A0, em nanquim sobre vegetal, porém nenhum desses desenhos foram publicados. Não há informações sobre a equipe.

[40] Acessado em 19 de outubro: <http://indiodacosta.com/projetos/sesc-madureira/>.

1975 - Centro de Congressos de Campos do Jordão

Assim como o certame anterior, foram encontradas pouquíssimas informações. Não há informações sobre promotor, premiados ou outros participantes. A significativa obra do ponto da historiografia da arquitetura brasileira de Giarcarlo Gasperini, Roberto Aflalo e Orpheu Zamboni e equipe, datada de 1977, apenas dois anos após a data do concurso, parece estar situada em um terreno muito semelhante ao contexto natural e topográfico presente nos desenhos da proposta de Mendes da Rocha. Com base em diversos textos publicados em vários meios sobre a obra construída, dentre eles a edição da revista **Projeto**, edição nº 18 de janeiro/fevereiro 1980, e texto disponível no *site* do **Acervo de Aflalo Gasperini Arquitetos**, o Centro de Congressos foi fruto de uma encomenda direta do governo estadual, reforçando a hipótese de que o projeto vencedor deve ter sido descontinuado ao somar-se a ausência de informações sobre o vencedor ou informações acerca do processo.

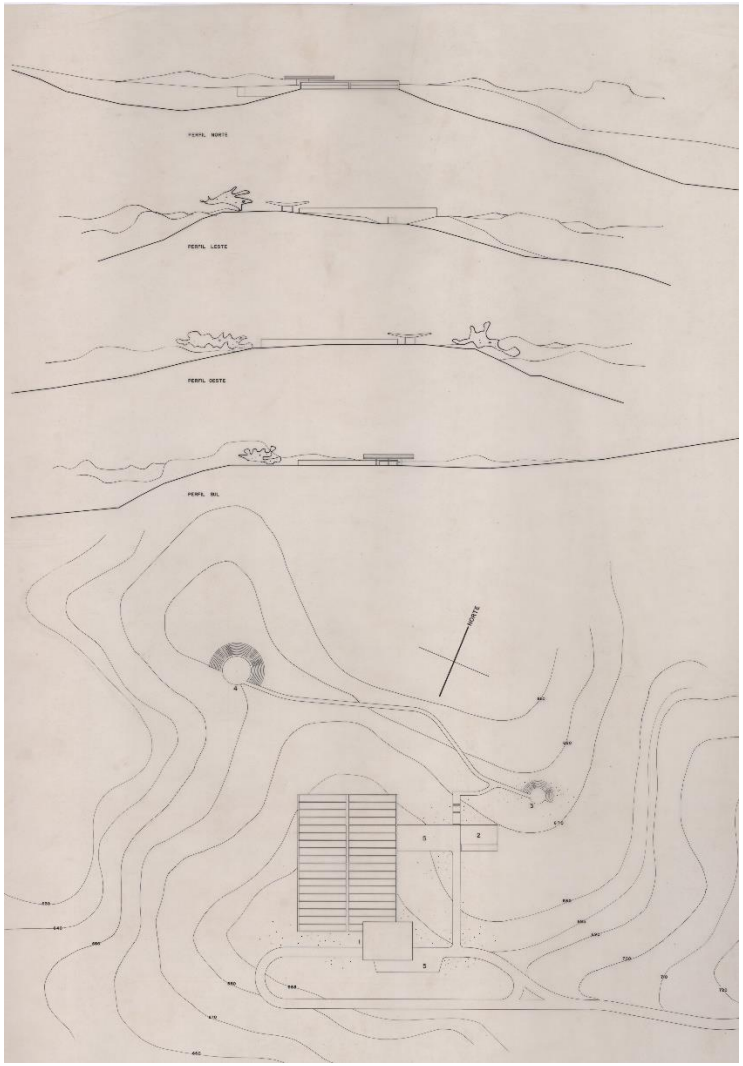


Figura 34 : pmr-c-cccj-01

O projeto de Mendes da Rocha consta publicado, quase que integralmente, apenas no livro **Obra Completa** de Pisani (2013). As pranchas, ainda que sem a memória, estão no livro acompanhada de informações da equipe de projeto. Após a catalogação e digitalização feita pela Casa da Arquitectura, evidenciou-se que se trata de um projeto completo, envolvendo todo o projeto em nível executivo nas disciplinas de estrutura e acústica. Os projetos de estrutura somam ao todo 78 pranchas, somadas as disciplinas não tão desenvolvidas quanto a parte estrutural, totalizando 158 pranchas, todas já disponíveis e documentadas pela Casa. A equipe extensa equipe contou com Roberto Ferreira (arquiteto coordenador), Ercules Turbiani, Luiz Albuquerque, Regina Mottin, Claudio Dias, Aluisio Miranda e Eduardo Colonelli, desenhistas; estrutura desenvolvida por Julio Kassoy e Mario Franco; instalações, CAEG; acústica, Igor Sresnewsky; paisagismo, Burle Marx; consultoria construtiva, Alfredo Paesani; modelos: Afredo Paesani; e apresentação gráfica de Helene Afanasieff. Com certeza trata-se da participação com a maior equipe envolvida e quantidade de material elaborado. Levando-se em conta que há poucas informações e participações, supõe-se que tenha se tratado de um concurso amplo, o qual o projeto em grau avançado de desenvolvimento fazia parte de um conjunto de itens que deveriam a serem avaliados, algo próximo de uma licitação que envolva técnica e preço. As dez primeiras pranchas que compõem o estudo preliminar foram cedidas para o trabalho pela Casa da Arquitectura.

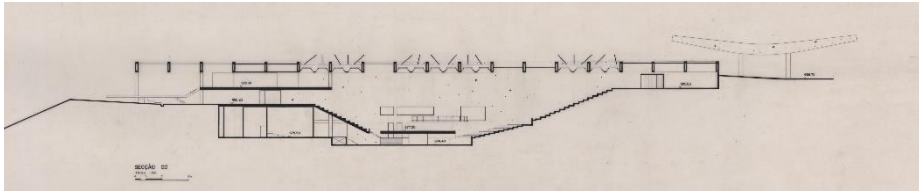


Figura 35 : pmr-c-cccj-02

1976 - Instituto Caetano de Campos

Com base nas informações disponíveis no *site* **Acervo de Aflalo Gasperini Arquitetos**, vencedores do certame, o concurso foi promovido pelo Governo do Estado de São Paulo. Posteriormente a publicação da revista **Projeto,** edição nº 18 de janeiro/fevereiro 1980, ao publicar o projeto construído, informa o total de três participantes convidados. Em entrevista para a dissertação de Marcus Damon (2015), Mendes da Rocha comenta brevemente sobre a proposta e um pouco dos bastidores do julgamento que soube por meio de Maurício Roberto, inclusive atribuindo, erroneamente, Jorge Wilheim como vencedor. Não foram encontradas outras informações sobre o outro participante, ata de julgamento e outros membros do júri.

O Projeto foi publicado diversas vezes, ainda que as pranchas do concurso não tenham sido, no livro de Artigas (2000), no qual o projeto foi publicado integralmente, incluindo desenhos, croquis e memória. Posteriormente algumas das pranchas aparecem em destaque em Pisani (2013). O conjunto de pranchas submetidas ao concurso foi cedido pela Casa da Arquitectura.

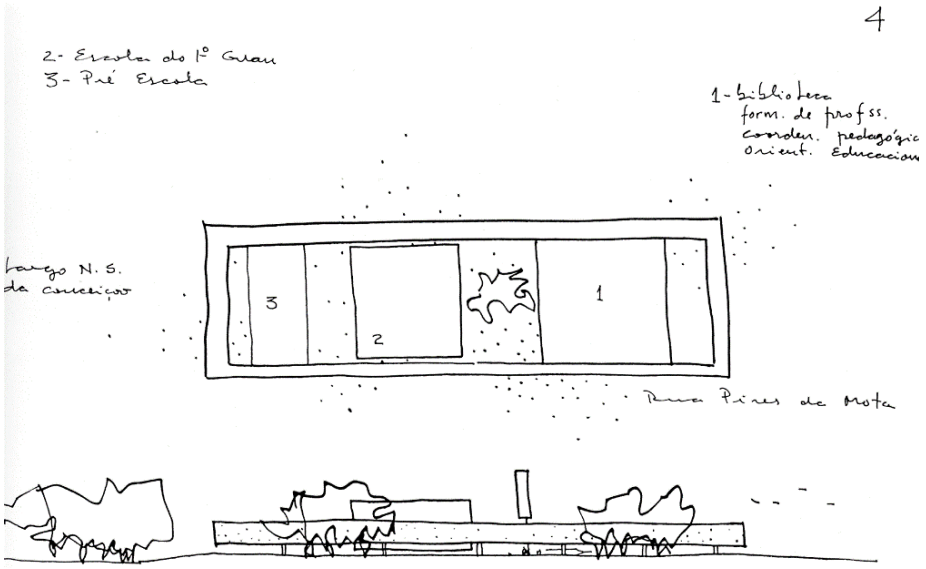


Figura 36 : pmr-c-iecc 03



Figura 37 : pmr-c-iecc maquete 01

1977 - Biblioteca Nacional Pahlavi – Teerã, Irã

O concurso, ainda que tenha movimentado consideravelmente o cenário da arquitetura internacional, tem pouquíssimas informações disponíveis sobre o processo, organização, julgamento e desdobramentos. Parte majoritária das informações foram encontradas fragmentadas em projetos participantes, a exemplo do projeto vencedor do escritório alemão GMP[41], Von Gerkan und Marg e o currículo do arquiteto ao qual está atribuída a organização do concurso: o iraniano Bijan Safavi. Outro escritório CO-ARC que detém os direitos intelectuais do escritório de Wilheim O. Mayer and Partners descreve em sua página[42] a sua proposta como uma das três vencedoras do certame. Na breve ficha, ainda informa que houve 601 propostas entregues. Ainda que não haja informações acerva de desdobramentos, deduz-se que o processo deve ter se perdido tendo em vista a Revolução iraniana islâmica ocorrida no país em 1979, que retirou do poder o Xá Mohammad Reza Pahlavi e a monarquia instituída desde 1941.

A proposta de Mendes da Rocha se encontra apenas na lista de Pisani (2013), sem creditação de equipe. Com base em contato junto à Casa da Arquitectura, ainda que se encontre listado no acervo, o material não se encontra disponível.

[41] Acessado em 16 de outubro de 2022: <https://www.gmp.de/en/office/32/profile/48/history>.

[42] Acessado em 17 de outubro de 2022: <https://www.co-arc.com/who-we-are/>.

1978 – CREA, São Paulo

O certame promovido pelo CREA 6ª Região, organizado pelo IAB-SP, teve o renomado júri presidido por Máximo Cruz e os representantes do IAB, Eduardo Knesse de Mello, Ariosto Mila, Eduardo Cornona e Carlos Fayet (Flynn, 2001). Segundo a edição de 24 de outubro DE 1980 da revista **Projeto,** é destacada a participação de 116 projetos no concurso público nacional. A proposta de Mendes da Rocha ficou em terceiro lugar. O primeiro colocado ficou com o premiado arquiteto e cenografista Ubyrajara Giglioli, seguido de Adalberto Sobrinho, Aldo Matsuda em quarto lugar e Ronaldo Rêgo na quinta posição. Foram ainda concedidas Menções Honrosas a Leonardo Tossiaki Oba, Claudio Farah, Rogério Garcia, Ana Luisa Magalhães e José Luiz Prieto. Tendo em vista a grande participação dos arquitetos, a licitação gerou um debate extenso acerca da contratação do projeto e da relação entre projeto e obra e sua indissociabilidade. Por conta de uma contratação confusa que não garantia a autoria dentro de todo o processo de desenvolvimento do projeto, somando-se mudança de gestão da Entidade, o certame foi descontinuado. Ao todo, foram mais de dez anos das suas idas e vindas, incluindo uma revisão do projeto de Giglioli com o intuito de atualizar as necessidades do órgão. Anda assim, não se materializou em obra construída.

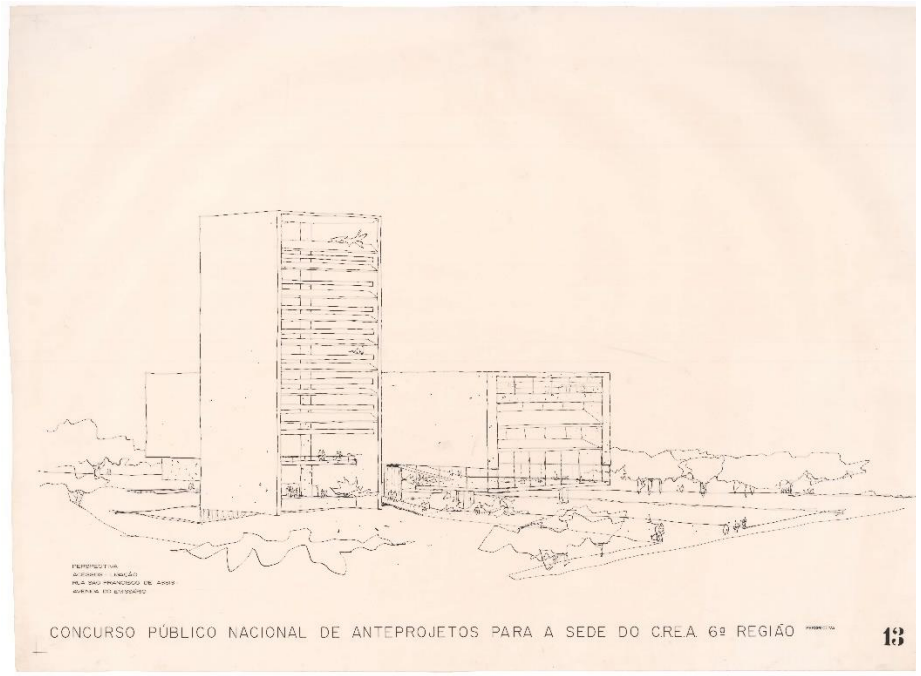


Figura 38 : pmr-cresp-00 fonte_Casa da Arquitectura

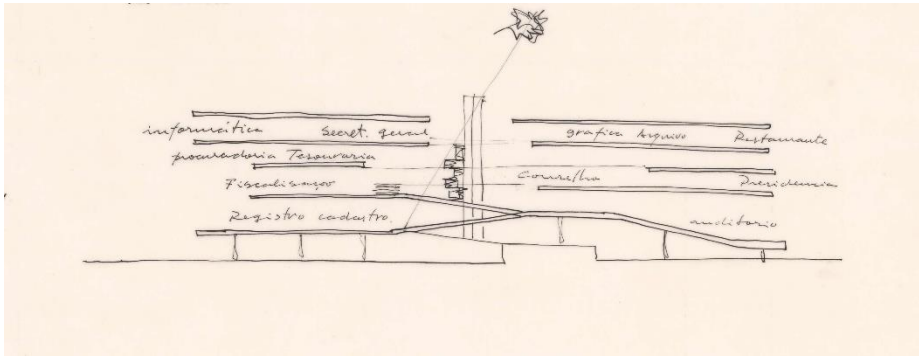


Figura 39 : pmr-cresp-02 fonte_Casa da Arquitectura

O projeto teve a consultoria do engenheiro Siger Mitsutani. Não havia sido publicado até 2013 com Pisani. As pranchas completas e alguns croquis estão disponibilizados de maneira inédita pela Casa da Arquitectura, à qual o material submetido ao concurso foi cedido. Há também algumas imagens da maquete física publicadas esporadicamente, a título de ilustração, mas sem desenvolvimento sobre a proposta, a exemplo da listagem na parte final de Artigas (2000).

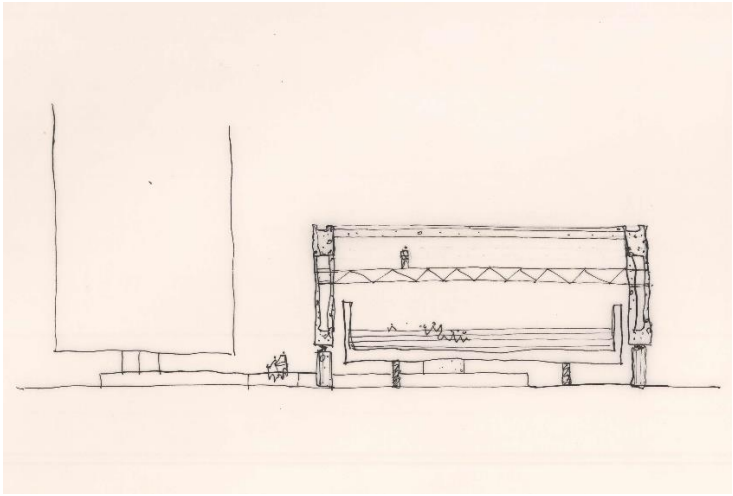


Figura 40 : pmr-cresp-03 fonte_Casa da Arquitectura

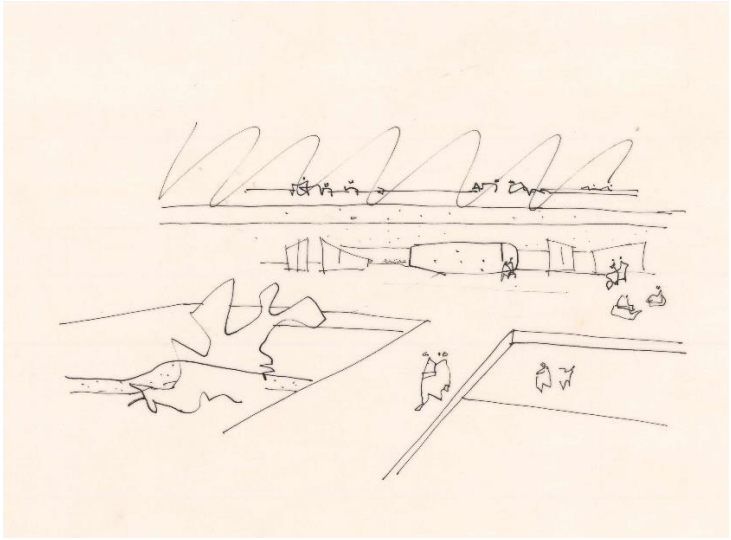


Figura 41 : pmr-cresp-04 fonte_Casa da Arquitectura

1978 - Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC)

O concurso para a Sede Brasileira para o Progresso da Ciência foi público e aberto em âmbito nacional, organizado pelo IAB-SP. O concurso também teve uma grande repercussão: 300 inscritos, sendo 70 propostas entregues. A licitação contou com um júri de três arquitetos, Marcelo Fragelli, Telesforo Cristofani e João Filgueiras Lima (Lélé). No trabalho de Pacheco (2004), foi feita uma cuidadosa descrição do processo, incluindo uma análise da ata e alguns comentários do próprio júri sobre as premissas. O primeiro colocado ficou com o paranaense José Sanchonete e equipe. O posto de segundo prêmio foi atribuído a quatro equipes: Bernardo Klopfer, Abrahão Sanovicz e Alberto Sobrinho, todos de São Paulo, e Aldo Matsuda do Paraná.

A proposta de Mendes da Rocha nunca foi publicada e não consta na listagem da Casa da Arquitectura, consta apenas na lista de Pisani (2013).

1984 - Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

O concurso lançado em setembro de 1984, organizado pelo IAB-RJ[43], gerou grande mobilização profissional, com 358 inscritos, sendo 168 projetos entregues (Flynn, 2001). O concurso contou com Oscar Niemeyer tanto na etapa de organização, quanto como presidente do júri, somando-se ao arquiteto Marcelo Fragelli e à bibliotecário Lydia Sambaquy. Destaca-se a participação de Darcy Ribeiro na comissão organizadora. O projeto vencedor, de autoria do arquiteto carioca Glauco Campello, foi construído e em 2011 restaurado. O júri ainda concedeu o prêmio de segundo lugar para Luiz Márcio Filho também do Rio de Janeiro. O resultado do concurso gerou um debate considerável no meio profissional sobre a proposta de Glauco Campello. Mendes da Rocha, na edição da revista **Projeto** nº 74, de abril 1985, envia uma nota enaltecendo o resultado:

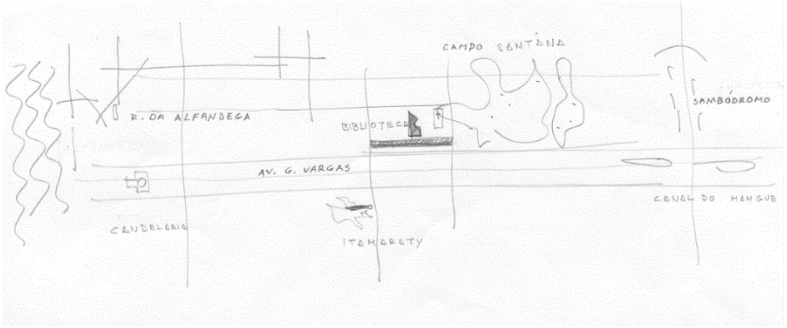


Figura 42 : pmr-croqui brj 00

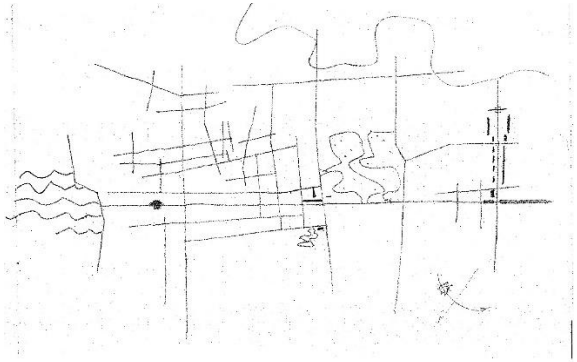


Figura 43 : pmr-croqui brj 02

[43] A comissão organizadora ficou a cargo de Oscar Niemeyer, Darcy Ribeiro, Leonel Kaz e Janice Monte-Mor. Curiosamente Niemeyer também foi o presidente da comissão julgadora. O arquiteto Marcelo Fragelli e a professora e bibliotecária Lydia de Queiroz Sambaquy completaram o corpo de jurados.

> Os projetos apresentados a um júri são para serem examinados todos como bons. O júri é soberano e decide como quiser. Contribuí para esse concurso [de anteprojetos para a Biblioteca Pública do Rio de Janeiro] com meu projeto porque, além do interesse do assunto, foi previamente anunciado que Oscar Niemeyer seria o presidente do júri. Concordo com sua opinião, e o projeto do colega Glauco Campello, com quem fico solidário, é o que melhor, entre todos os outros, atende ao futuro projeto definitivo para a construção da Bilblioteca Pública do Rio de Janeiro.
>
> (Paulo Mendes da Rocha, São Paulo PROJETO nº 74, abril de 1985)

O projeto de Mendes da Rocha é uma constante em suas monografias, aparecendo pela primeira vez integralmente no livro de Artigas (2000). Posteriormente as três pranchas com a memória inclusa submetidas ao júri foram publicadas por Pisani (2013). É possível destacar um artigo para a revista **A+U**, nº 615 de dezembro, dedicado ao arquiteto, artigo também escrito por Pisani onde o projeto recebe destaque. Também destacada por Sobreira (2019), a proposta do arquiteto parece ser uma espécie de ensaio para o próximo concurso, provavelmente a mais publicada obra de Paulo Mendes da Rocha, o MuBE.

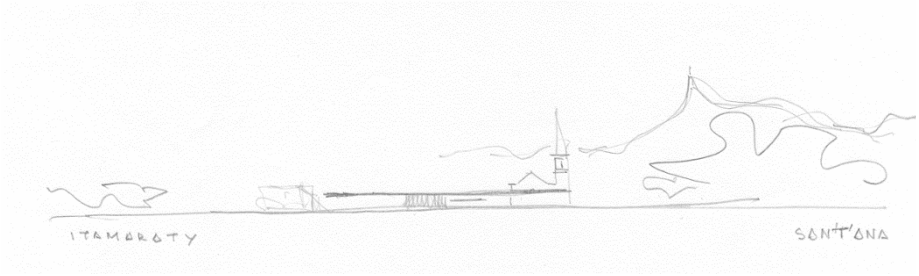


Figura 44 : pmr-croqui brj 03

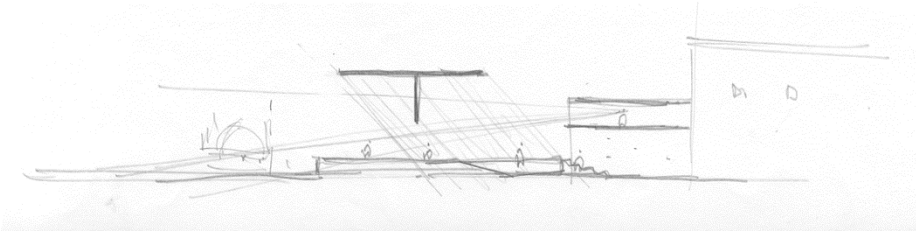


Figura 45 : pmr-croqui brj 04

Além das pranchas, foram disponibilizadas, junto ao escritório, um conjunto de croquis e estudos desenhados em folhas A4 de diversos partidos projetuais para o concurso. Destaca-se outra estratégia que sempre retorna no repertório estrutural, a pirâmide invertida, posteriormente descartada no desenvolvimento. É provavelmente a proposta mais bem documentada em relação à concepção projetual disponível no acervo do arquiteto. Compuseram a equipe do arquiteto Eduardo Argenton Colonelli e Eduardo Aquino, e a consultoria de cálculo estrutural foi de Siger Mitsutani.

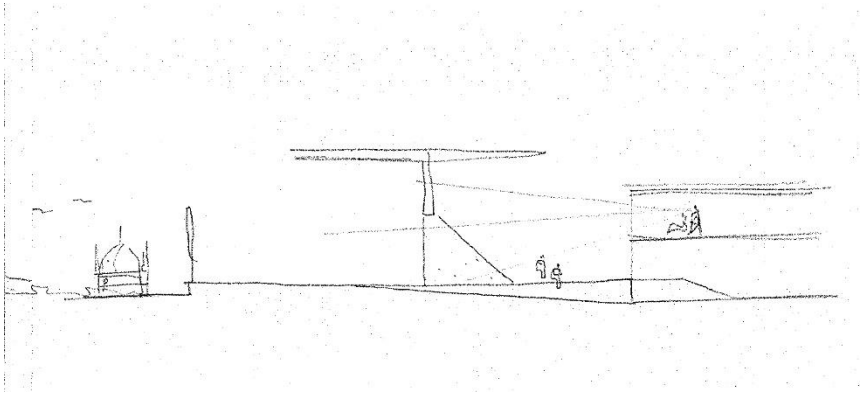


Figura 46 : pmr-croqui brj 05

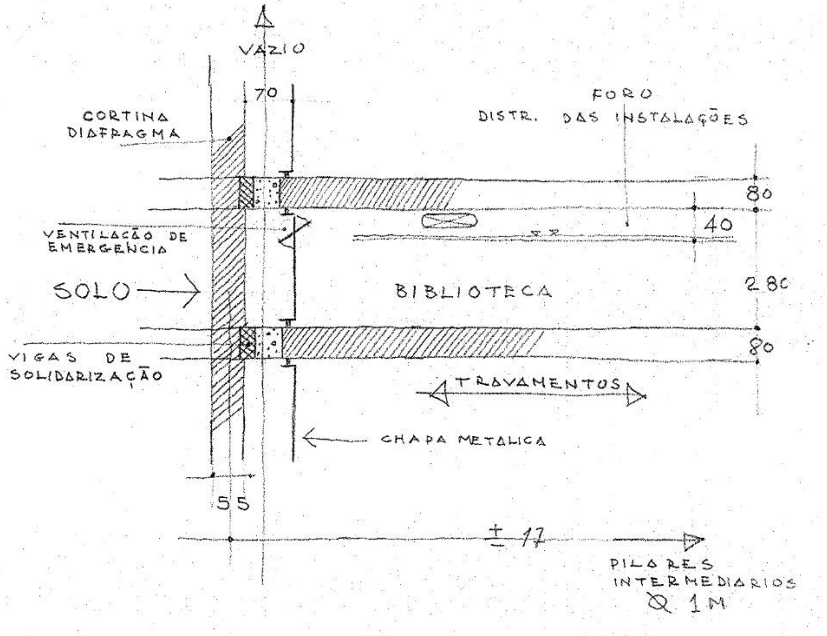


Figura 47: pmr-croqui brj 06

1986 - Museu Brasileiro da Escultura e Ecologia (MuBE)

O certame foi de caráter privado, organizado pela Sociedade Amigos do Museu (SAM) no final de 1986. Uma nota curiosa sobre o processo, conforme Flynn (2000), é a de que o júri do concurso foi escolhido pelos próprios concorrentes convidados que selecionaram: Fábio Penteado, João Walter Toscano, Salvador Candia, Jon Maitrejean e Décio Tozzi para somarem aos representantes das diversas entidades – Jorge Yunes (Secretário Municipal de Cultura), Fábio Magalhães (Ministério da Cultura), Marilisa Rathsan (Presidente da SAM), Maius Rathsan (Presidente da SAJEP) e Roberto Saruê (Diretor da SAJEP). Foram convidados 12 arquitetos para a concorrência, além de Paulo Mendes da Rocha: Ottoni Arquitetos; Croce, Aflalo e Gasperini; Pedro Paulo de Melo Saraiva; Siegbert Zanettini; Eduardo de Almeida; Ubirajara Giglioli; Marcos Acayaba; Paulo Bastos; Clovis Olga; Ruy Otahke e Newton Yamato. O projeto foi julgado em apenas um dia, no dia 22 de dezembro. Situado em uma área residencial nobre de São Paulo, soma ao Museu de Imagem e do Som, na esquina da Avenida Europa com a Rua Alemanha. O projeto foi uma reação comunitária contra a construção de um shopping.

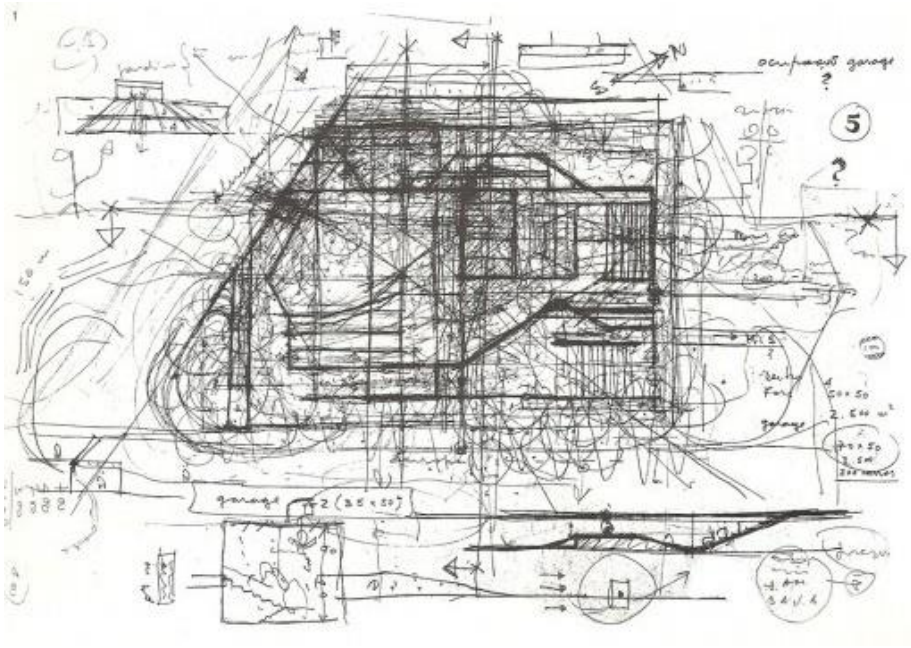


Figura 48 : Croqui-de-Paulo-Mendes-da-Rocha-MUBE

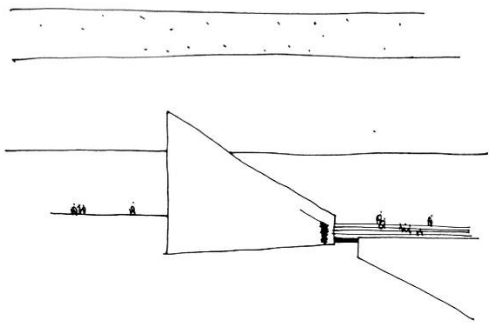


Figura 47: pmr-c-mube-croqui-01

O Museu Brasileiro da Escultura e Ecologia é provavelmente o projeto mais difundido do arquiteto. É nele que as mais significativas de suas publicações no exterior estão ancoradas, as quais posteriormente, como sabemos, foram de fundamental importância para a difusão de sua obra internacionalmente. Os desenhos do projeto executivo também foram bastante difundidos nas revistas brasileiras. A equipe de projeto foi formada por José Armênio de Cruz Brito, Alexandre Delijaicov, Carlos Dantas Dias, Vera Domeschke, Rogério Machado, Pedro Mendes da Rocha e Takeuchio Sugai. Posteriormente no desenvolvimento do projeto executivo foram produzidos diversos produtos de publicação, dentre os quais destaca-se a série de vídeos feita pela USP com as diversas frentes de trabalho, como as de Mario Franco (engenheiro calculista) e Burle Marx (arquiteto paisagista). Duas das pranchas apresentadas ao concurso foram digitalizadas e disponibilizadas pela Casa da Arquitectura.

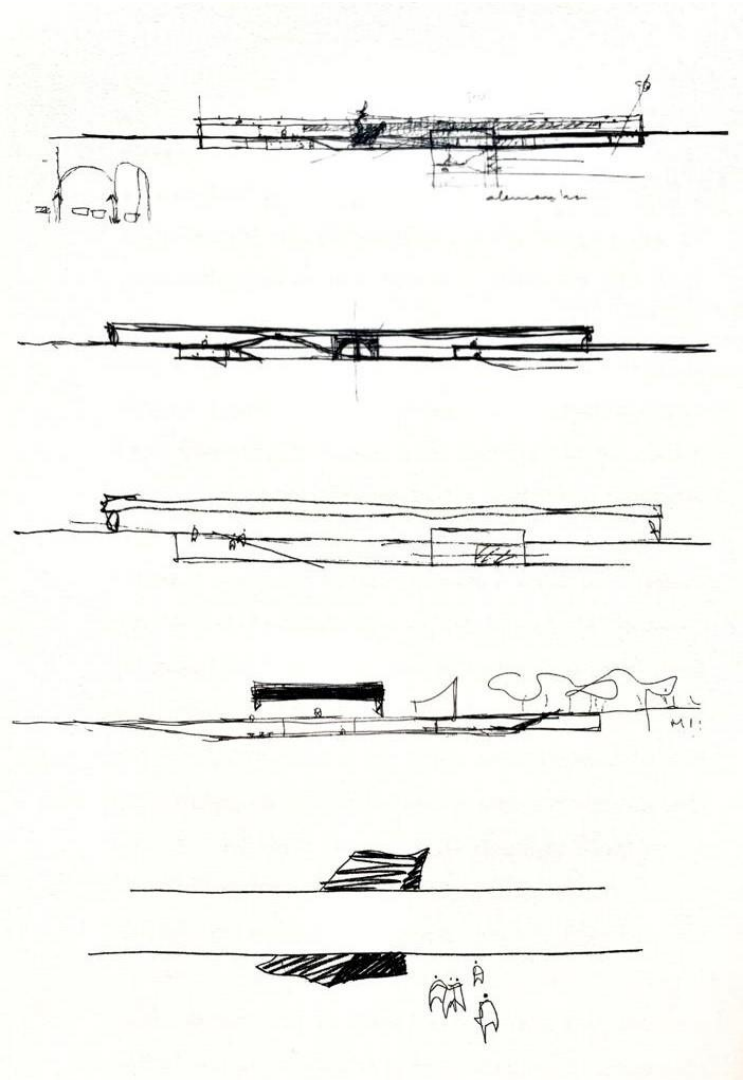


Figura 51 : pmr_mube ensaios

1987 - Sede administrativa H. Stern

O concurso para a sede administrativa da H. Stern foi um concurso fechado, provavelmente promovido pela própria empresa, tendo em vista a ausência de informações sobre a organização do certame. As informações sobre a competição só foram encontradas em publicações de outros dois participantes, o escritório vencedor Loeb Capote[44], e a proposta participante do professor Marcos Acayaba. O projeto não foi construído. Ambas as propostas estão ricamente ilustradas com croquis, maquetes e desenhos técnicos. Com base nos desenhos de Paulo Mendes da Rocha, os desenhos finais para a competição foram desenvolvidos em março daquele ano. O terreno era localizado na esquina das ruas Leopoldo Couto Magalhães e Dona Luísa Júlia, de frente à Avenida Juscelino Kubitschek no bairro de Itaim Bibi. O terreno se assemelha com a situação do projeto para o SESC 24 de maio, iniciado quinze anos depois, ainda que a qualidade e dinâmica urbana sejam outras e a estratégia da grande praça livre junto ao térreo seja um constante.

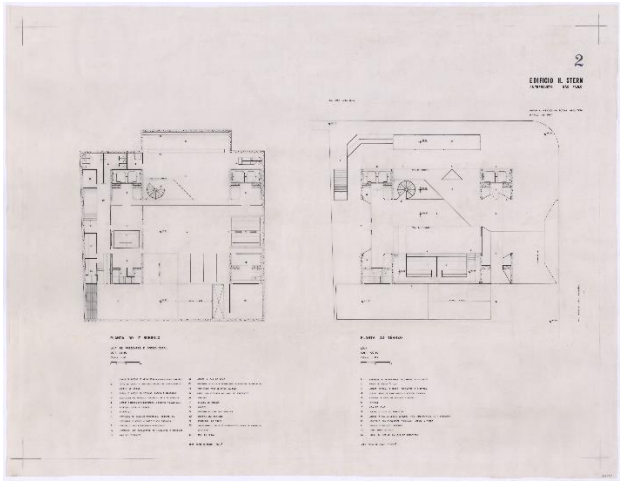


Figura 51: pmr-c-hstern-pch-02

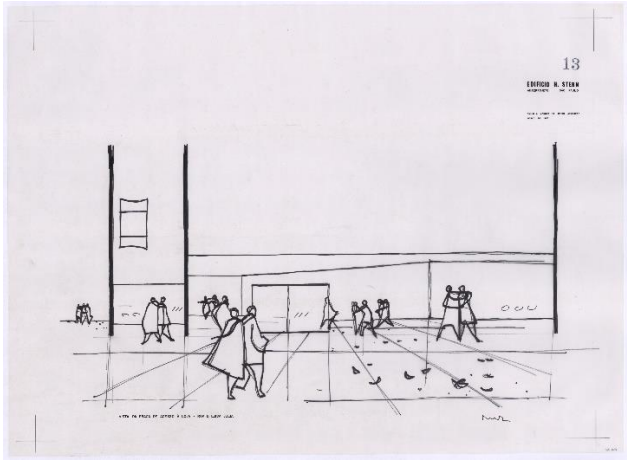


Figura 52: pmr-c-hstern-pch-13

[44] Disponível em: <http://www.loebcapote.com/projetos/6/prizes_publications>.

A participação de Paulo Mendes da Rocha consta em todas as publicações que elaboraram listas da obra, porém nunca foram divulgados desenhos e ou informações da equipe. O projeto está incluso no acervo da Casa da Arquitectura e cedido a esta publicação. Ao todo, foram submetidas 15 pranchas ao júri, sendo as 12 primeiras desenhos técnicos de todos os 11 andares, seguidos de três perspectivas internas da proposta.

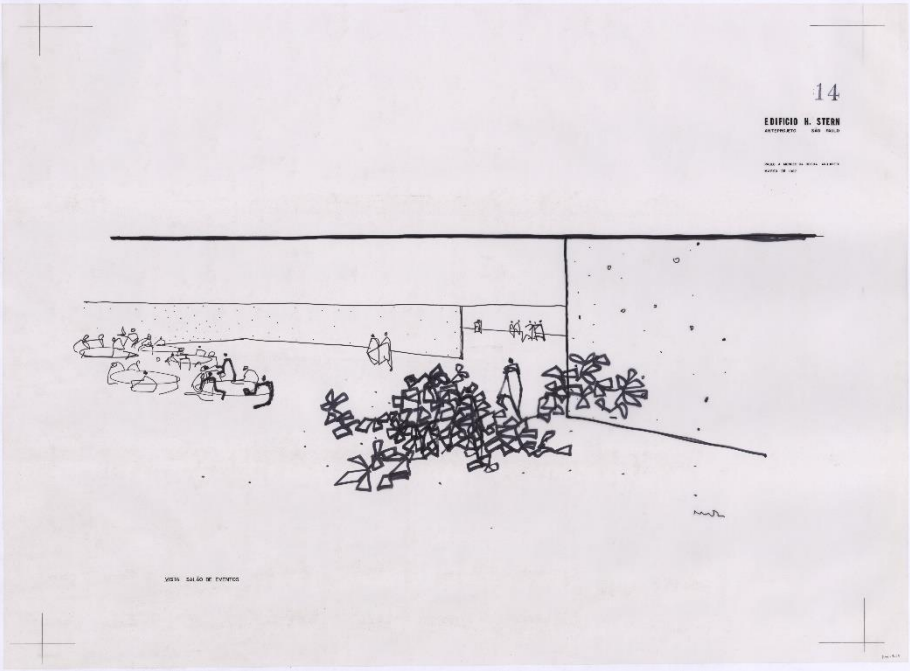


Figura 53: pmr-c-hstern-pch-02

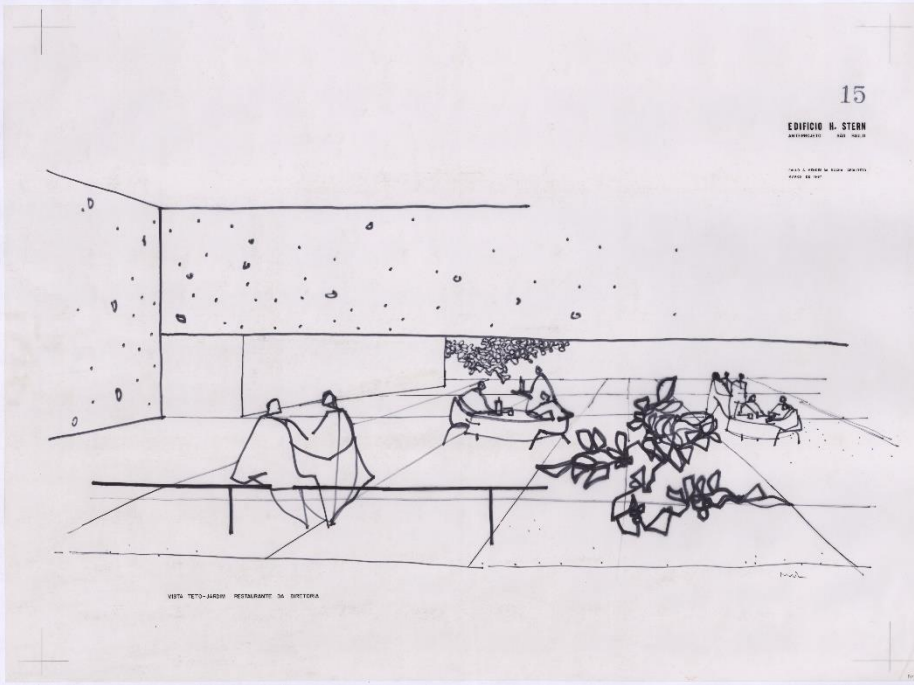


Figura 54: pmr-c-hstern-pch-13

1988 - Biblioteca de Alexandria – Cairo, Egito

Organizado pela Unesco, respeitando as normas da União Internacional de Arquitetos (UIA), a Biblioteca de Alexandria, capital egípcia, é um dos concursos mais significativos dos anos 80. Foi lançado no dia 26 de junho pelo então presidente egípcio Hosni Mubarak. O sítio de implantação é de enorme importância histórica, em frente à Península dos Faraós, que serve como conformação de uma baía náutica, saída para o mar mediterrâneo. Ainda que o terreno esteja de frente para a península, está parcialmente apartado pela Avenida costeira El-Gaish. O certame gerou um debate amplo e profundo e há bastante material disponível dentre pesquisas e matérias. Com base no extenso relatório disponível no sítio da UNESCO[45], está contida uma série de informações sobre a organização do certame. Os trabalhos do júri se iniciaram em julho de 1989. Houve uma primeira análise técnica feita por três técnicos que visavam avaliar apenas especificidades básicas, dentre eles estavam o bibliotecário alemão Ahmed Helal e os arquitetos Harry Brown (Reino Unido) e Jan Meissner (Polônia).

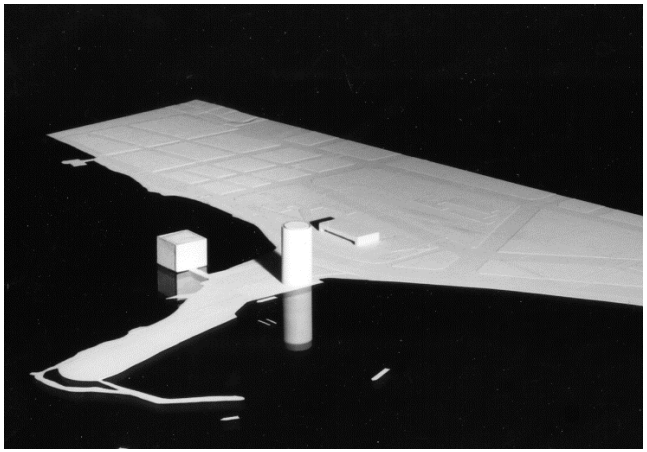


Figura 55 : pmr-c-bace-maquete-01

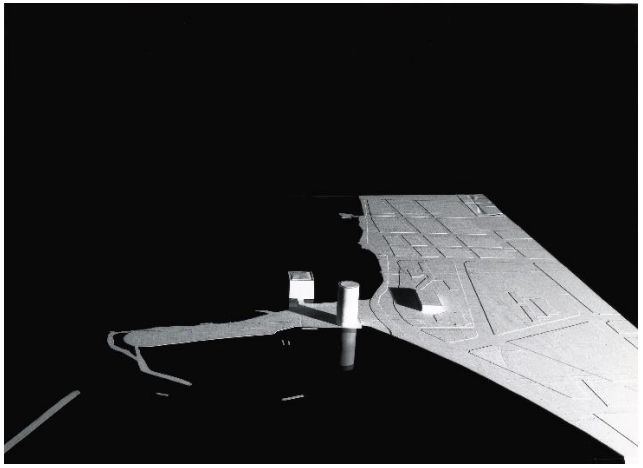


Figura 56: pmr-c-bace-maquete-02

[45] Acessado em 16 de outubro de 2022: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000084880>.

Posteriormente, o júri do concurso foi composto por Charles Correa (India), François Lombard (França), Fumihiko Maki (Japão), Franco Zagari (Itália), Pierre Clavel (Suíça - bibliotecário) John Carl Warnecke (EUA), Mohammed Aman (EUA - bibliotecário), Mohsen Zahran (Egito), Pedro Ramirez Vasquez (México). Ao todo foram 1.366 equipes de 77 países inscritas, das quais 524 foram entregues. Acerca do projeto vencedor do escritório norueguês Snohetta, os autores Pe Josefson, Christoph Kapeller, Oyvind Mo, Kjetil Thorsen e Craig Dykers inauguraram, em 2002, a icônica obra. O segundo lugar ficou com Manfredi Nicoletti da Itália, seguido da equipe brasileira composta de Carlos Antônio Brandão, José Eduardo Ferolla e Fernando Ramos. Foram outorgadas ainda treze menções honrosas e outros dezoito projetos foram citados pelo júri.

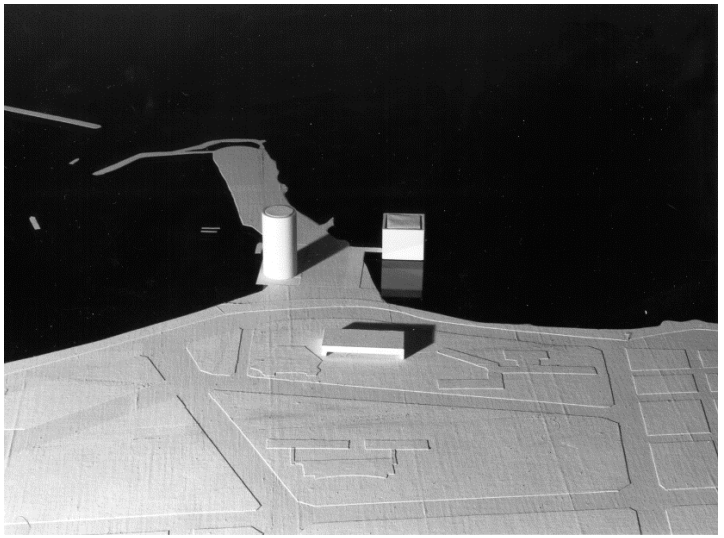


Figura 57 : pmr-c-bace-maquete-03

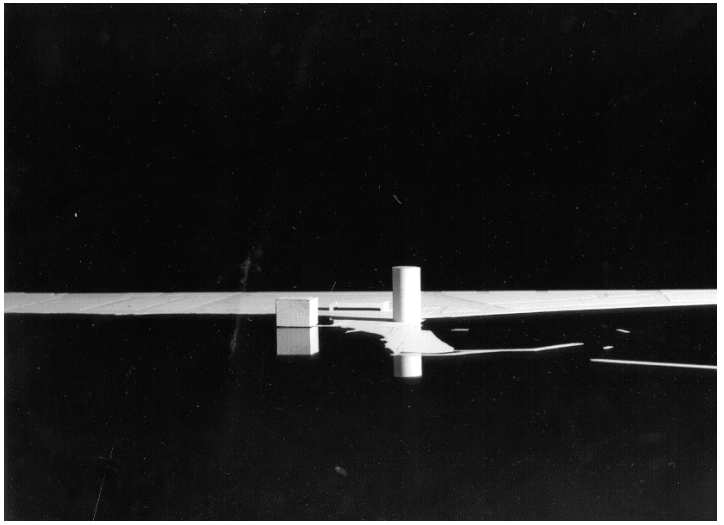


Figura 58: pmr-c-bace-maquete-04

A participação de Mendes da Rocha é extensamente publicada, presente em praticamente todas suas monografias. A equipe de colaboradores foi composta por Alexandre Deilijacov, R. Ferreira de Fuveia, Ciro Pirondi, Alvaro Putoni, Álvaro Razuk, José Ricca, F.Rosa e G. Sugai (PISANI, 2013). Ainda que os desenhos, textos e em diversas entrevistas a proposta tenha sido abordada, as pranchas submetidas ao concurso não foram publicadas. A Casa da Arquitectura cedeu o material digitalizado aqui apresentado.

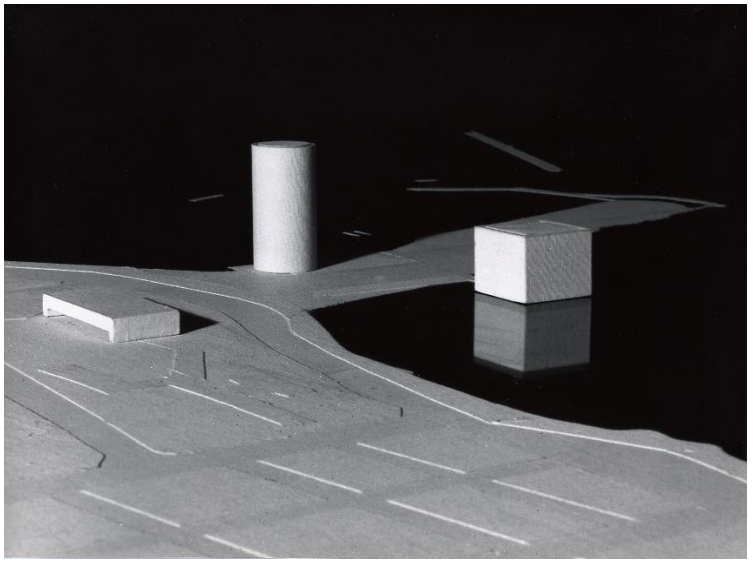


Figura 59 : pmr-c-bace-maquete-05

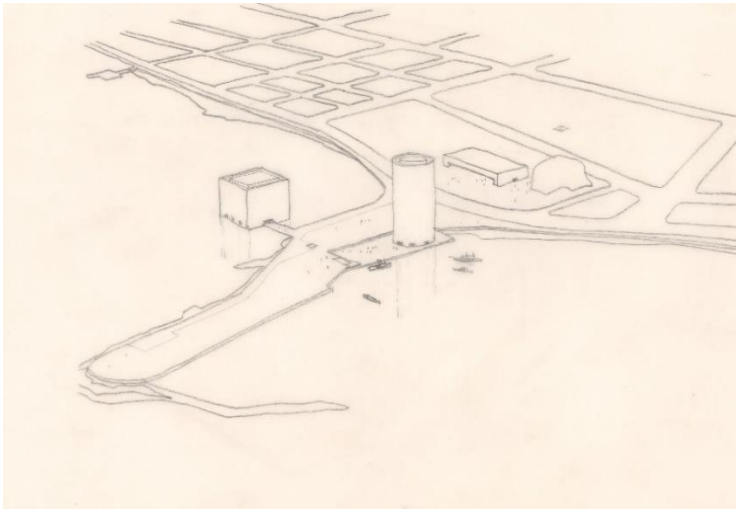


Figura 60 : pmr-c-cae-perspectiva-01

1988 - Instituto de Engenharia de São Paulo

Curiosamente o concurso diverge no que diz respeito ao nível de informações gerais quando comparado aos demais: não foram encontradas quaisquer informações sobre o certame, organização ou júri. Em contrapartida, trata-se de um dos projetos com maior quantidade de informações sobre a proposta de Paulo Mendes da Rocha.

Todas as 12 pranchas e três folhas de memória com croquis diagramáticos foram digitalizadas e cedidas pela Casa da Arquitectura de maneira inédita. A participação do arquiteto é registrada apenas por Pisani (2013), porém o material nunca foi publicado até então. O fato que atesta a hipótese de ter havido um processo seletivo são os carimbos com código de identificação (I35) datando o projeto em dezembro de 1988. Provavelmente tratou-se de um processo por meio de carta convite.

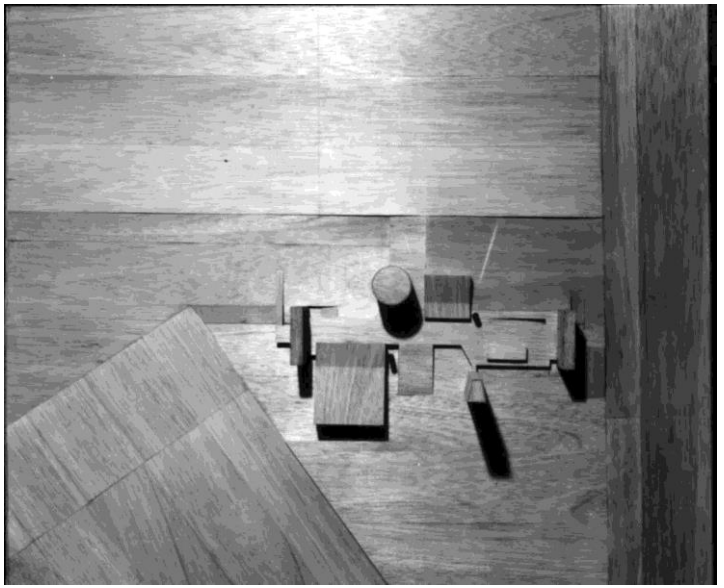


Figura 61 : pmr-c-ie-maquete-01

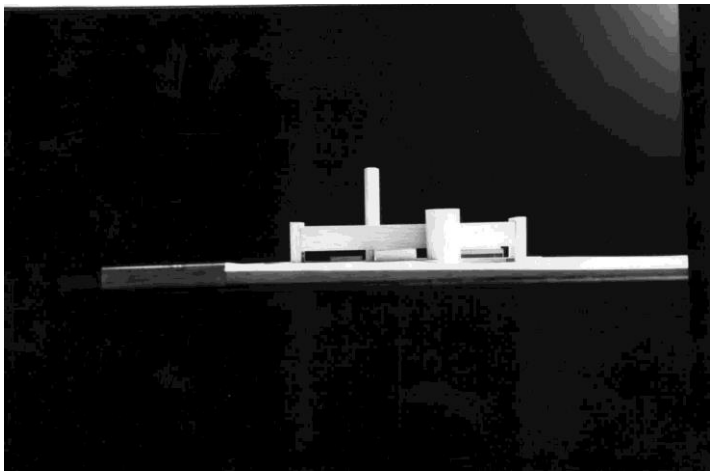


Figura 62 : pmr-c-ie-maquete-02

1991 - Edifício Comercial da Fapesp

O concurso para o edifício comercial da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, organizado pelo IAB-SP, foi um concurso realizado por meio de carta convite. Com base no acervo digital das organizações do IAB-SP disponibilizado no *site*[46], o júri era composto por três arquitetos: Joaquim Guedes, Ruy Otahke e Luis Paulo Conde. Ao todo, foram dez arquitetos convidados, todos já relevantes no cenário arquitetônico nacional, além de Paulo Mendes da Rocha (nº de inscrição 01), foram convidados: Eduardo de Almeida (nº 2), Aflalo Gasperini Arquitetos (nº 3), Siegbert Zanettini (nº 4), Abrahão Sanovicz (nº 5), Jon Maitrejean (nº 6), Marcello Fragelli (nº 7), Ícaro de Castro Mello (nº 8), Rino Levi Arquitetos Associados (nº 9) e Carlos Bratke (nº 10). Segundo a ata do júri, a proposta do arquiteto não passou da primeira etapa de seleção. A proposta escolhida foi de Ícaro de Castro Mello e equipe (Cláudio Cianciarullo, Eduardo Mello, Christina Mello e Rita de Cássia Vaz), seguido de Rino Levi e Aflalo Gasperini arquitetos. Também foram concedidos dois destaques a Eduardo de Almeida e Siegbert Zanettini.

O projeto de Mendes da Rocha não foi publicado. A tese de Otondo (2013) indica a existência de: “croquis, plantas, desenho de apresentação, papel manteiga e 4/4 pranchas" na organização do escritório do arquiteto, mas, até o momento, o projeto não consta na listagem da Casa da Arquitectura.

1991 - Conselho Regional de Contabilidade (CRC) do Estado de São Paulo

Há poucas informações sobre o processo licitatório, apesar do projeto vencedor dos arquitetos Roberto Amá e Marcelo Barbosa ter sido construído. Na edição da Revista **Projeto,** nº 251, de janeiro de 2001, a obra construída, tratada na matéria **A arquitetura brasileira nos anos 90: Edifícios institucionais**, é destacada como pertencente ao pequeno grupo de concursos que se materializaram. Com base na tese de Flynn (2001), também foram concedidas quatro menções honrosas: Marcos Bambicini, Valério Piatratoria, Escritório Projeto Paulista e Rino Levi Arquitetos Associados.

A participação de Mendes da Rocha está registrada na listagem de Pisani (2013), porém com a data hipotética de 1978. Não foram encontrados qualquer material ou informação referente à equipe do arquiteto.

[46] https://www.iabsp.org.br/concursos-decada-de-90/

1995 - Novo *campus* da Fundação Getúlio Vargas - FGV

Com base na tese de César Shundi Iwamizu (2015), dedicada à pesquisa, organização e sistematização da obra do consagrado arquiteto paulista Eduardo de Almeida, tratou-se de um concurso fechado que Eduardo de Almeida venceu. Não foram encontrados documentos sobre a organização, júri e ata.

A obra foi publicada em diversos meios, dentro os quais destaca-se o livro de Artigas (2000) que dedicou várias páginas da publicação. A proposta marca o primeiro projeto para concurso de Mendes da Rocha desenvolvido em meio digital. Os arquivos cedidos pelo escritório, incluem as pranchas em formato .dwg ainda em diagramação prévia e croquis à mão; a memória se encontra publicada no livro já destacado. A equipe contou com a colaboração dos arquitetos Fernando de Mello Franco, Marta Moreira, Milton Braga, Roberto Klein e Ana Paula Koury. Os três primeiros formam uma das colaborações mais constantes nas últimas duas décadas de trabalho do arquiteto. A Colaboração foi evidenciada na revista espanhola monográfica **2G Paulo Mendes da Rocha**, nº 45 de 2011, na qual é feita uma entrevista com os diversos escritórios parceiros. A partir dos anos 90, Mendes da Rocha mantém uma equipe enxuta no escritório e opta por parcerias para o desenvolvimento técnico dos projetos, em grande parte foram vínculos com ex-alunos. A exemplo desse, que forma o escritório paulista MMBB, presentes em diversas colaborações a partir de então, à exemplo das últimas obras do arquiteto, Museu dos Coches em Lisboa (2015) e o Sesc 24 de maio (2017) em São Paulo.

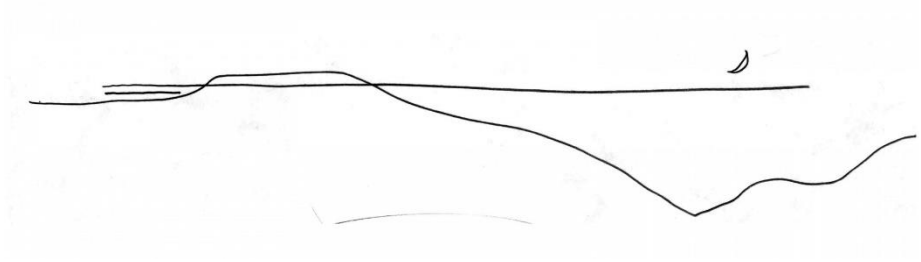


Figura 63 : pmr-c-ncfgv-croqui-01

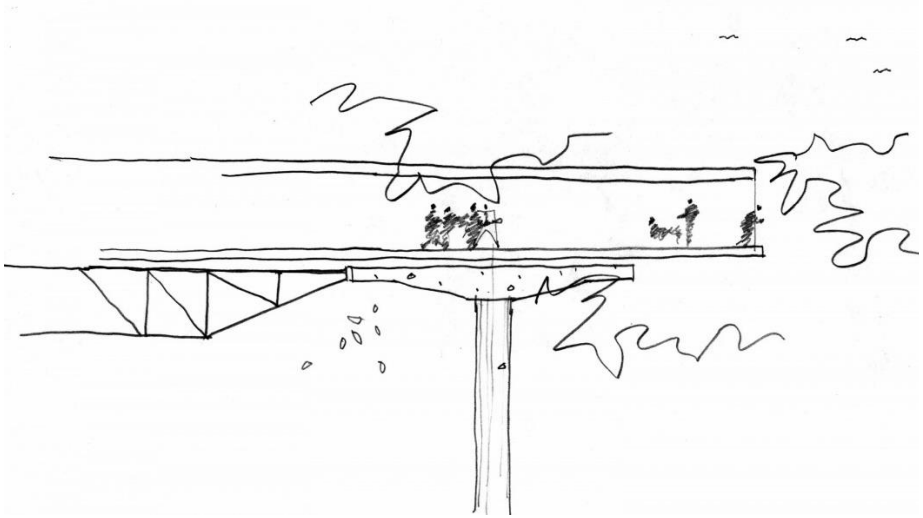


Figura 64 : pmr-c-ncfgv-croqui-02

1996 - Sede do Serviço Social do Comércio - SESC, Tatuapé

Não foram encontradas informações documentais sobre o processo. Pela ausência de informações públicas, levanta-se a hipótese que o concurso tenha sido promovido e organizado pelo próprio SESC, como é de praxe. Hoje, no mesmo sítio do concurso, se encontra construído o SESC Belenzinho de autoria do arquiteto Ricardo Chahin. Não há qualquer menção ou indicação de que o projeto foi fruto de um processo seletivo, ainda que com base na revista **Monolito** nº 33, **SESC-SP**, o projeto esteja datado no período de 1997/2010. Também não há informações sobre outras propostas participantes.

A proposta de Paulo Mendes da Rocha para o concurso do SESC também foi desenvolvida em parceria com o escritório MMBB, agora acrescidos de seu então sócio, Angelo Bucci e os estudantes Carmem Moraes, José Barbedo e Keila Costa. O projeto, por ser em meio digital, assim como o anterior, não consta na listagem do acervo doada à Casa da Arquitectura. Ainda que as pranchas não tenham sido encontradas no acervo digital do escritório do arquiteto, no sítio do MMBB, o conjunto completo de desenhos técnicos, fotos da maquete física e memorial estão disponibilizados.

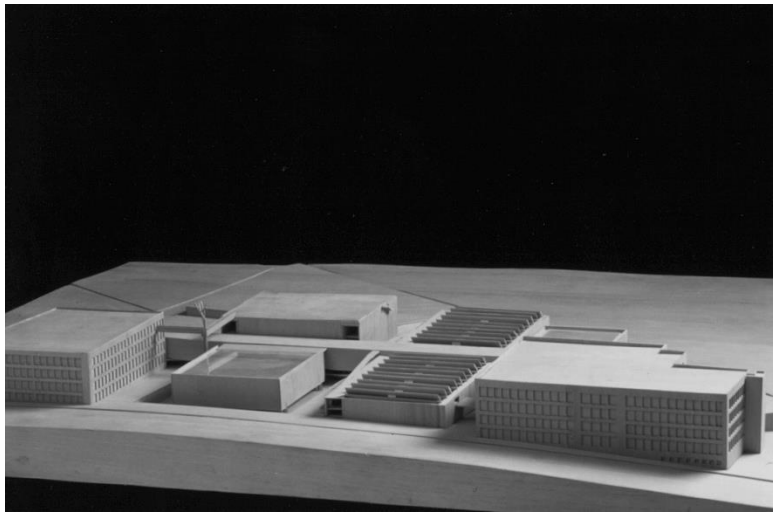


Figura 65 : pmr-c-sesct-maquete-01

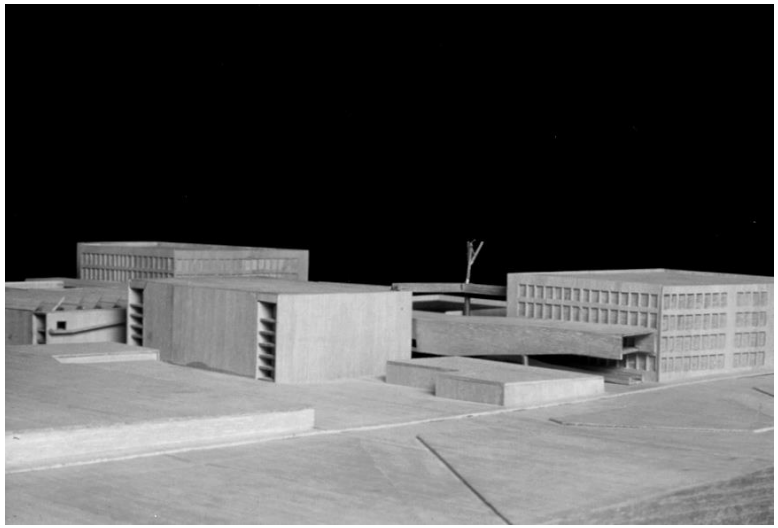


Figura 66 : pmr-c-sesct-maquete-02

1997 - Museu Constantini de Arte Latino-Americana de Buenos Aires - Argentina

O concurso internacional aberto para o Museu de Arte Latino-Americano de Buenos Aires tinha como objetivo abrigar a coleção de Eduardo Constantini. Ocorreu em 1997 e teve sua obra inaugurada em 2001. O corpo de jurados do concurso foi formado por sete arquitetos, majoritariamente europeus: Norman Foster (Inglaterra), Mario Botta (Suíça), Kenneth Frampton (Inglaterra), Enric Miralles (Espanha), Terence Riley (EUA), Sara Topelson (México) e Cesar Pelli (Argentina). Ainda que tenha se materializado em obra construída, e por consequência, recebido olhares midiáticos, são poucas informações disponíveis acerca do processo seletivo. Ao todo foram enviados 450 projetos de 45 países. A proposta vencedora foi do escritório argentino AFT Arquitectos de Alfredo Tapia, Martpin Fourcade e Gaston Atelman, todos tinham menos de 30 anos à época, seguidos de seu compatriota Gerardo Caballero e equipe. O sítio está localizado em uma área importante da cidade, abastecida pela Avenida Figueroa Alcorta, adjacente à Praça Peru.

A proposta de Mendes de Rocha consta na listagem de Otondo e Pisani, porém em ambas não há creditação de equipe. O projeto nunca foi publicado, salvo os dois croquis presentes na tese de Otondo (2013). O projeto completo foi cedido pelo escritório do arquiteto, as pranchas e a memória descritiva diagramadas em arquivo CAD.

Acredita-se que MMBB tenha sido novamente parceiro, tendo em vista que as propriedades dos arquivos estão atribuídas ao escritório e o fato de que parte majoritária das colaborações desse período ocorreu com o escritório de seus ex-alunos.

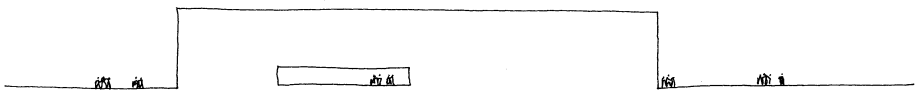


Figura 67 : pmr-c-mcba-croqui-cidade-01

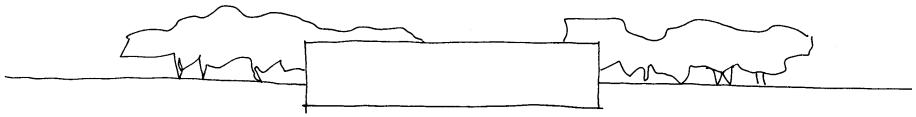


Figura 68: pmr-c-mcba-croqui-flutua-02

1998 - Sede do Sistema de Vigilância da Amazônia (Sivam) - Brasília

O projeto para a Sede do Sistema de Vigilância da Amazônia foi um concurso fechado promovido pela própria entidade. Não existem informações disponíveis acerva do processo de seleção. O projeto vencedor é de Sérgio Parada e não foi construído.

O projeto de Paulo Mendes da Rocha foi publicado densamente, o conjunto de desenhos, croquis, memória e fotos da maquete física estão na publicação de Artigas (2000). A equipe novamente com o escritório MMBB (Angelo Bucci, Fernando de Mello Franco, Marta Moreira E Milton Braga) somados aos arquitetos, Keila Costa, Maria Imbronito e Omar Dalank, e o estagiários Carmem Morais e Pablo Hereñu. O projeto ainda contou com a consultoria estrutural de Jorge Zaven Kurkdjian. As pranchas e a memória estão montadas em arquivo formato CAD, incluindo croquis, desenhos técnicos e memória descritiva. Ao todo foram submetidas 15 pranchas, os arquivos se encontram em extensão .dwg onde as pranchas foram diagramadas, cedidas pelo escritório do arquiteto, ainda que sem as imagens que compuseram as pranchas finais apresentadas.

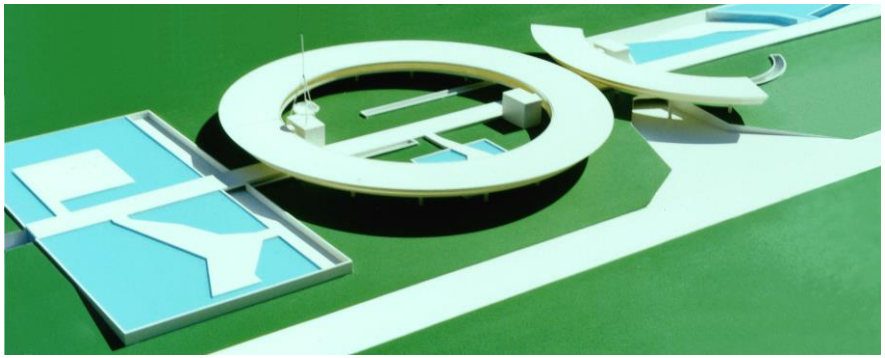


Figura 69 : pmr-c-sivam-maquete-01

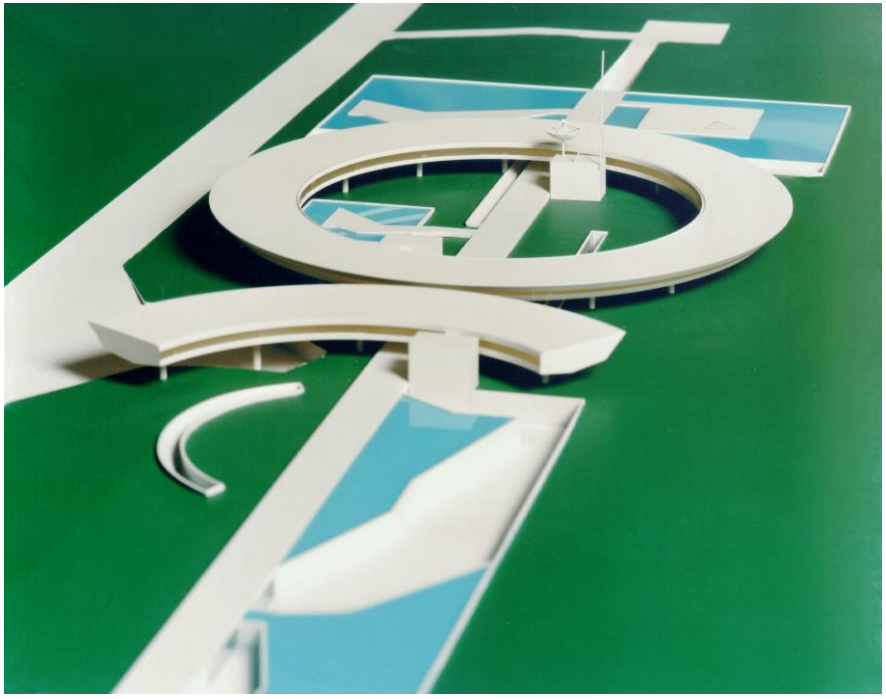


Figura 70: pmr-c-sivam-maquete-02

2000 - Concurso de ideias para o Boulevard dos Esportes Paris 2008

O concurso de ideias foi uma convocação de arquitetos escolhidos para proporem possiblidades e estratégias de projeto na capital francesa para receber o evento esportivo. A proposta deveria pensar a cidade não apenas para as Olímpiadas, mas também em seu desenvolvimento sustentável dentro dos próximos 50 anos. Com base no artigo de Cecília Scharlach, que participou da equipe de Paulo Mendes da Rocha, publicado na revista digital **Vitruvius** titulada **As Olimpíadas de 2008 em Paris e a participação de Paulo Mendes da Rocha**, o concurso de ideias foi organizado pelo Comitê Olímpico Francês com o intuito de reforçar a candidatura da capital francesa aos jogos olímpicos. Posteriormente os projetos foram expostos e debatidos em um âmbito maior acerca do desenvolvimento urbano e da revitalização de áreas degradadas.

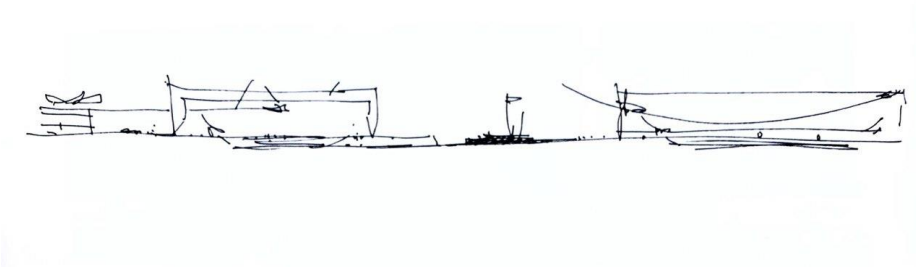


Figura 71 : pmr-c-pjop-croqui-01

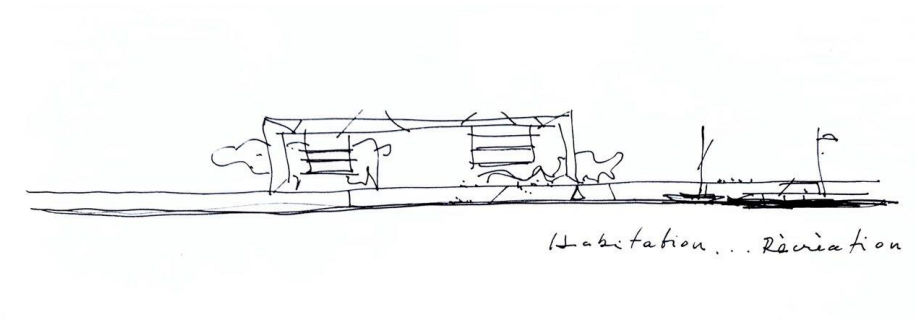


Figura 72: pmr-c-pjop-croqui-02

O artigo descreve de maneira minuciosa e delicada o dia da apresentação da proposta. Os renomados arquitetos convidados e suas equipes foram divididos em três temas com quatro equipes cada, o grupo 1, intitulado “O olimpismo e a cidade” composto por: Toyo Ito (Japão), Jean Nouvel (França), Patrick Berger (França) e Elie Mouyal (Marrocos); grupo 2: “Habitar esportivamente”, composto po Otto Steidle (Alemanha), Raj Rewal (Índia), Steven Holl (Estados Unidos) e Eduardo Arroyo (Espanha); e por fim o grupo 3, “O Bulevar dos Esportes”, formado por Ben Van Berkel (Holanda), Alexandre Chemetoff (França), Paulo Mendes da Rocha e Christian de Portzamparc (França). Ainda segundo Scharlach, além da apresentação, o projeto deveria contar com quatro pranchas físicas e vídeo da maquete eletrônica. Por se tratar de um concurso de ideias, não houve um projeto vencedor de fato, nesse caso específico, foi aguçado o carácter cultural e complementar presente na essência de um certame, onde são debatidas visões, premissas e diretrizes a serem tomadas e colocadas em diálogo. Ainda que Xangai tenha sido selecionada como cidade sede e os projetos não levados adiante, havia também o desejo de ampliar as perspectivas urbanas da cidade no futuro. Os projetos, ao fim, foram comentados por Jean Louis Cohen (diretor do Instituto Francês de Arquitetura), pelo arquiteto e urbanista Yves Lion e outros membros do IFA e técnicos da Prefeitura de Paris.

Provavelmente, pela complexidade e volume de trabalho, trata-se da maior equipe de trabalho do arquiteto para um concurso, curiosamente, vários ex-alunos com seus respectivos escritórios: Alexandre Delijacov, Angelo Bucci, Cecília Scharlach, Eduardo Colonelli, Eduardo Ferroni, Emilie Boudet, Fernando Franco, Hernan Pecci, Maria Herklotz, Marta Moreira, Martin Corullun, Milton Braga, Rastko Kovacevic, Roberto Klein, Silvio Oskman e Weliton Torres, e com a consultoria de estrutura de Jorge Zaven Kurkdjian.

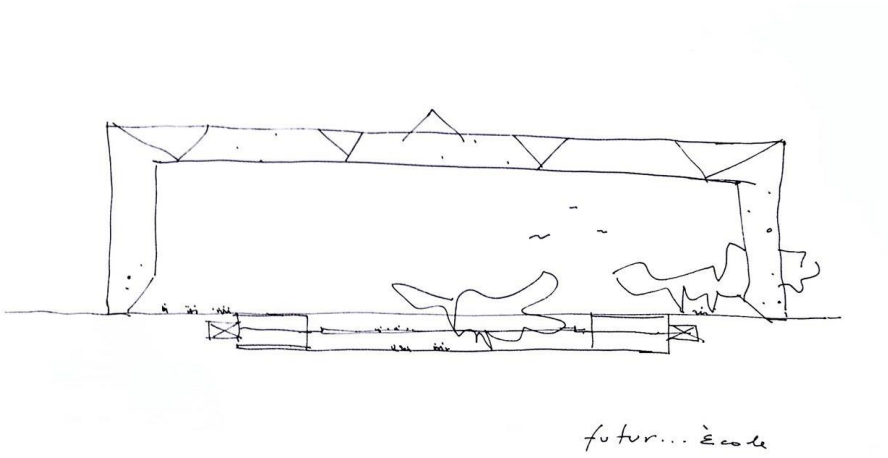


Figura 73 : pmr-c-pjop-croqui-03

2001 - Museu de Arte Contemporânea da USP

O concurso fechado para o novo Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo gerou um debate fervoroso à época. A sede para o Museu foi tema de projetos e debates desde a década de cinquenta. Inclusive Paulo Mendes da Rocha já havia feito um projeto locado no campus da Universidade no Butantã para sediar a coleção em 1975, em coautoria com Leo Tomchinsky e Jorge Wilheim e cálculo estrutural de Mario Franco. O projeto foi fruto de uma contratação direta por parte da Fundação do museu. A obra chegou a ser iniciada, mas por conta de dificuldades com a fundação e revisões orçamentárias, com as mudanças de gestão, o projeto foi descontinuado. Em 2001, na gestão de José Teixeira Coelho Neto, com base no trabalho de Adriana Turrin (2012), foi convocado um concurso por meio de carta convite para a nova sede. A Associação dos Amigos do Museu de Arte Contemporânea da USP (AAMAC), solicitou ao Ministério da Cultura financiamento para elaboração de um concurso fechado. Ainda que o Ministério tenha sugerido que o concurso ocorresse de maneira pública, foram enviados treze convites a diversos arquitetos nacionais e internacionais.

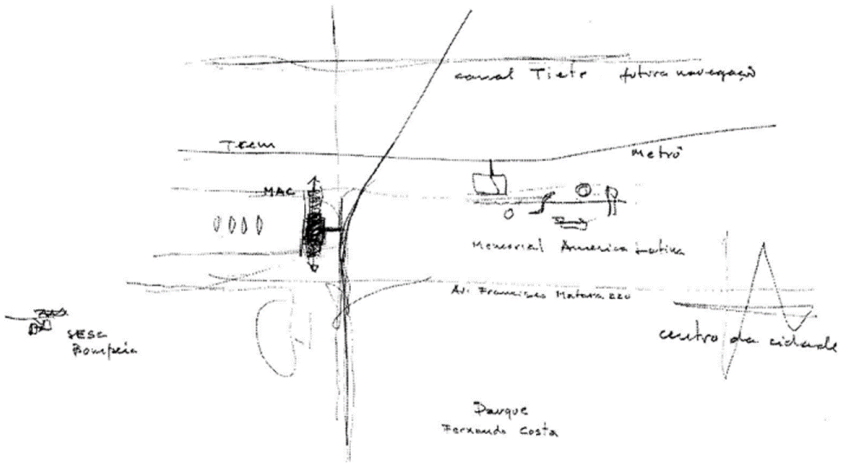


Figura 74 : pmr-c-mac-croqui-02

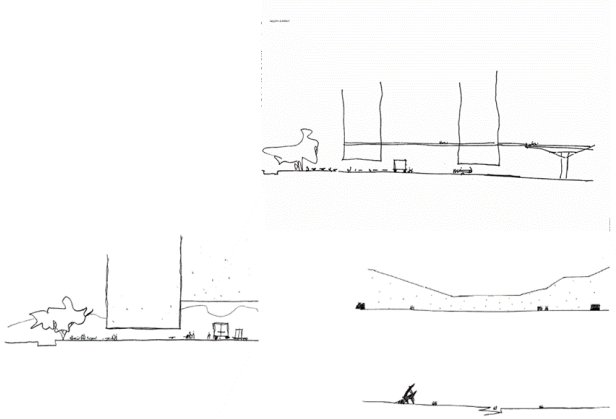


Figura 75: pmr-c-mac-croqui-02

Apenas quatro escritórios submeteram propostas, além de Mendes da Rocha, o também professor da USP Eduardo de Almeida, os arquitetos Arata Izozaki (Japão) e o Bernd Tschumi (Suiça). O júri contou com o diretor do MAC, José Teixeira Neto e Walter Zanini. O projeto vencedor foi do arquiteto Suíço, tendo em vista que se trata de uma Instituição Pública, o certame foi alvo de questionamentos IAB-SP, por não ter sido aberto aos profissionais, que entrou com uma representação no Ministério Público. Além do embrolho jurídico, o terreno destino ao projeto não chegou sequer a ser cedido pela Prefeitura de São Paulo ao Instituto (Maia Neto, 2005), localizado ao lado do viaduto da Antártica em Água Branca em São Paulo. O museu hoje se encontra sediado no edifício de Oscar Niemeyer, ao lado do Ibirapuera, onde se localiza o Departamento de Trânsito (DETRAN).

O projeto de Mendes da Rocha foi publicado em apenas uma de suas publicações, um conjunto de dois cortes e dois croquis no livro de Pisani (2013). Compuseram a equipe do arquiteto: Milton Braga (MMBB), R. Cervino, Martin Corullon, Ana Ferrari e Guilherme Wisnik (Metro Arquitetos), e Edison Hiroyama[47]. Não foram encontradas informações e/ou pranchas no escritório do arquiteto.

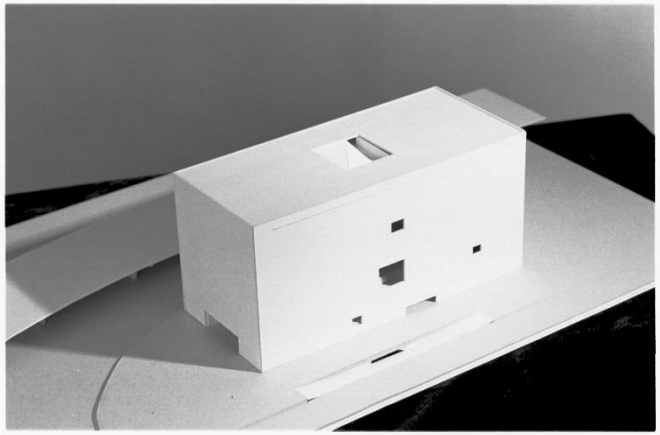


Figura 76 : pmr-c-mac-maquete-01

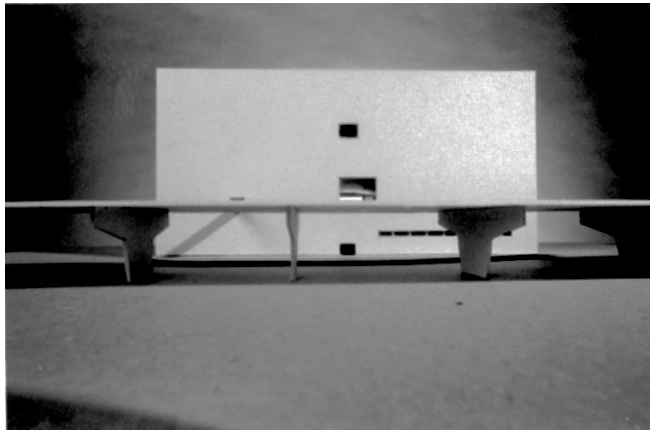


Figura 77: pmr-c-mac-maquete-05

[47] Arquiteto e professor que gentilmente cedeu as imagens da maquete por ele elaborada e aqui publicadas.

A proposta do arquiteto foi apresentada integralmente no trabalho de Renato Maia Neto, em sua tese de doutorado, intitulada **Arquiteturas para a Museu de Arte Contemporânea da USP**[48], defendida em 2005. Digno de registro que além da publicação e descrição minuciosa das quatro propostas apresentadas no concurso, por se tratar uma varredura histórica sobre as diversas propostas, encontramos na pesquisa todo o processo de bastidores de contratação e desenvolvimento do primeiro projeto de Mendes da Rocha em coautoria com Jorge Wilheim em 1974, situado dentro da cidade universitária. Nele é destacada algumas situações de bastidores como as críticas que o projeto recebeu do Museu de Arte Contemporânea de Nova Iorque (MoMA) sobre a setorização e tamanho das áreas destinadas as reservas técnicas. O projeto chegou a ter suas fundações executadas, antes de ser descontinuado. O envolvimento de Mendes da Rocha com a Instituição voltaria a se repetir em 2013, quando foi contratado para desenvolver uma torre, também no campus, próximo de onde se encontra a praça dos museus da USP[49].

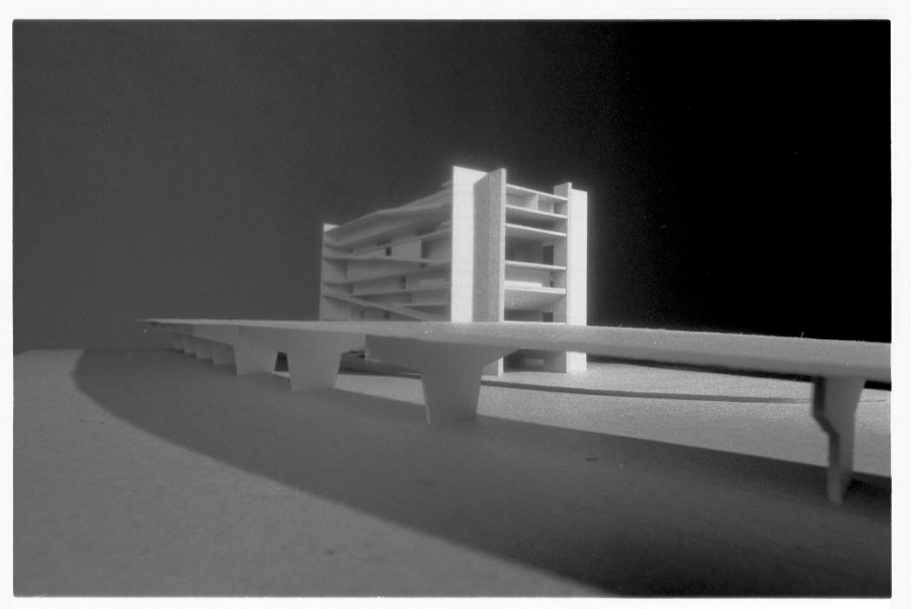


Figura 78: pmr-c-mac-maquete-08

[48] A tese, apesar de não estar disponível no repositório Institucional da Universidade, foi cedida pelo autor, acompanhada de um depoimento do processo de pesquisa, em especial o envolvimento de Mendes da Rocha com o Instituto.

[49] Projeto de Mendes da Rocha em conjunto com Piratininga Arquitetos: foi iniciado em 2011 e paralisado desde 2014. Segundo diversas matérias da Universidade, as obras têm a previsão de ser retomadas ainda em 2022.

2005 - Edifício de Correios e Telégrafos de Buenos Aires, Argentina

O concurso para a revitalização do prédio histórico dos Correios e Telégrafos tinha como objetivo a transformação do espaço em Centro Cultural do Bicentenário. Situado na Praça de Maio, o edifício de alto valor histórico foi projetado pelo arquiteto francês Norbert Mailart e construído entre 1889 e 1928. Tornou-se Monumento Histórico Nacional em 1997. Tratou-se de um certame internacional do *Ministerio de Planificicación Federal, Inversión Pública y Servicios de Nacíon*, somados à *Secretaria de Cultura de Nación* e à Prefeitura de Buenos Aires e contou com aproximadamente 40 projetos entregues de diversos países. O projeto, com base no termo de referência, deveria englobar estratégias urbanas tendo em vista o local estratégico do ponto de vista urbano. A revitalização da área tinha como um dos objetivos a integração entre as praças Roma e Justo. O conjunto de intervenções na área antevia as comemorações dos 200 anos da Revolução de Maio que marcou a formação do primeiro governo genuinamente argentino. O resultado foi divulgado no dia 7 de novembro e teve o júri composto por oito arquitetos: Carlos Berdichevsky, Mario Línder, Mederico Faivre, José Miguens, Javier Castro, María Egozcue, Edgardo Minond e Ramón Boix. O projeto vencedor foi do escritório sediado na própria capital B4FS Arquitectos, de autoria de Enrique Bares, Federico Bares, Nicolás Bares, Daniel Becker, Claudio Ferrari e Florencia Schnack. A proposta vencedora se dá por uma intervenção contrastante, com a inserção de um bloco autônomo dentro do edifício histórico. Curiosamente não foi concedido um segundo prêmio, e o terceiro lugar foi dividido entre as equipes de Juan José Vicario & Juan Ignacio Meoz, and Luis Ibarlucía & César Jaimes. Com base na matéria da revista **Projeto**, nº 393, de novembro de 2012, o projeto original do concurso não foi construído, e sim uma revitalização de um edifício menor adjacente ao Palácio dos Correios. Por terem sido os vencedores do concurso, a mesma equipe foi contratada para desenvolver, tendo em vista que se tratava de uma área de intervenção do concurso. Diferentemente da maioria dos arquivos encontrados no escritório de Mendes da Rocha, na pasta com os arquivos referentes ao concurso foram encontrados apenas documentos técnicos como termo de referência e anexos de esclarecimentos, e curiosamente, um ensaio da memória escrita pelo arquiteto. O documento é datado do dia 28 de junho de 2005, uma carta que ao mesmo que esboça premissas norteadoras do projeto, registra também indagações a ser enviadas para o parceiro de projeto. Ainda que a pesquisa de Otondo (2013) indique a existência de um conjunto de 12 pranchas, não foram localizadas nos arquivos do escritório. A participação de Mendes da Rocha também se encontra registrada em Pisani (2013), também sem creditação de parceiros de projetos envolvidos. Aqui transcrevemos no anexo o “croqui” da memória desenvolvida pelo arquiteto por nos interessar o imaginário que o horizonte discursivo dirige às tomadas de decisões e suas bases fundantes.

2006 - Novo Centro Judiciário de Trento – Itália

O processo de projeto iniciado ainda no fim de 2005 teve seu resultado publicado em fevereiro de 2006, dois meses antes do anúncio do Pritzker daquele ano concedido a Paulo Mendes da Rocha. A seleção do projeto para o Novo Polo Judiciário de Trento foi um certame com pré-qualificação com o objetivo de selecionar dez participantes. A convite da arquiteta e professora Maura Manzelle e os arquitetos do escritório italiano MAP Studio Stefano Rocchetto, A.Lazzaroni, F.Gadotti, formou-se a primeira parceria feita com equipe de estrangeiros. O local de implantação era no centro da cidade e devia estabelecer um diálogo com o edifício histórico e seu pátio existente. O processo de seleção por parte do júri foi por pontuação: 45 pontos para qualidade geral do projeto (implantação em relação ao edifício histórico e relação de espaço interno e externo); 20 pontos para comunicação com o contexto urbano, acessibilidade e fruição das áreas lindeiras; 25 pontos para respeito às normas construtivas e 10 pontos para proposta de restauro do edifício histórico.

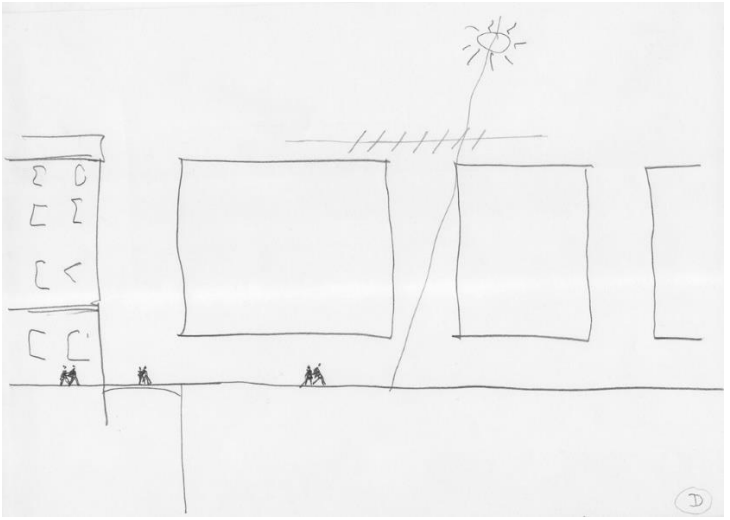


Figura 78 : pmr-c-ncjt-croqui-01

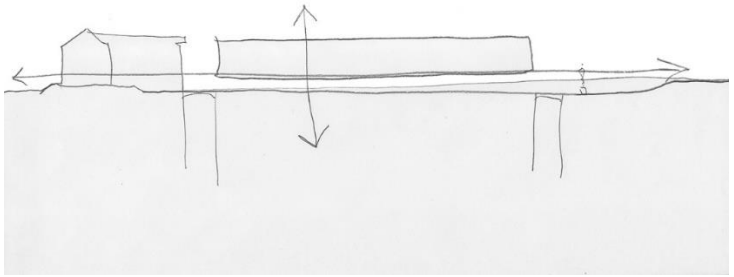


Figura 79 : pmr-c-ncjt-croqui-02

O projeto vencedor da equipe italiana liderada pelo arquiteto Pierluigi Nicolin somou 81,33 pontos dos 100 possíveis. O segundo colocado, sediado na Holanda, representado por Francine Houben teve 69,43 pontos, e o terceiro colocado, 66,55 pontos de Guillermo Consuegra da Espanha. A equipe de Paulo Mendes da Rocha ficou em décimo lugar com 37,45 pontos. O projeto vencedor, com base em diversas matérias, ainda se encontra em processo de desenvolvimento com previsão de inauguração adiada para 2029.

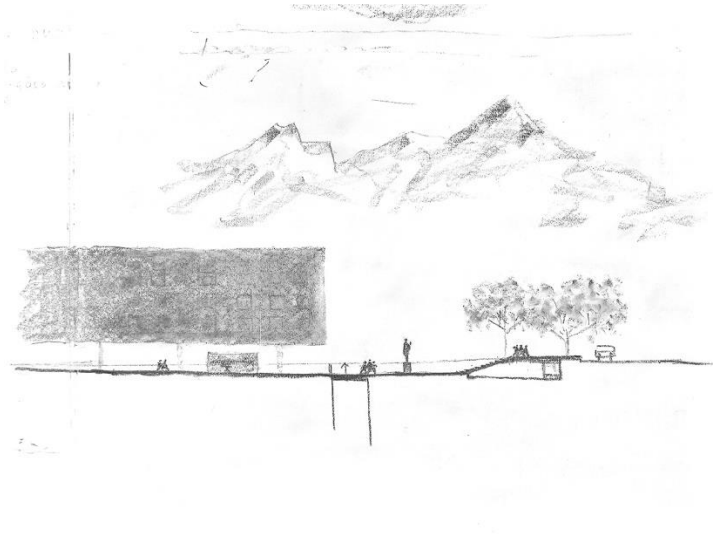


Figura 81 : pmr-c-ncjt-croqui-03



Figura 82 : pmr-c-ncjt-maquete-01

2007 - Sede do Serviço Social do Comércio (SESC) - Edifício Glória – Vitória, Espírito Santo

O concurso de revitalização do edifício Glória, em Vitória, localizado na área portuária da cidade, foi um concurso fechado. Não há informações sobre do processo licitatório no sítio da Entidade. O projeto vencedor, com base no currículo do arquiteto, foi em coautoria entre Ciro Pirondi e Sheila Basilio. Há apenas algumas propostas de outros participantes, sem nenhum estar identificado como vencedor.

Tanto Pisani (2013), quanto Otondo (2013) registram a participação. As pranchas 13 pranchas inéditas presentes no catálogo foram gentilmente cedidas pelo coautor e filho Pedro Mendes da Rocha.

2008 - Pavilhão do Brasil Expo Xangai 09 - China

Como é de conhecimento, as participações do Brasil sob o ponto de vista arquitetônico costumam gerar debates apaixonados e, nessa edição, o processo de seleção foi o tema central. Com base no sítio concursosdeprojeto.org[50], foi um concurso fechado para membros da Associação Brasileira de Escritórios de Arquitetura (ASBEA) e promovido pela Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (ApexBrasil). O processo foi conturbado tendo em vista a sua completa ausência de clareza com relação à escolha de júri que, apesar das solicitações, não foi compartilhada ainda que se tratasse de projeto de interesse público. O projeto vencedor foi do arquiteto Fernando Brandão, que fazia parte da diretoria da Entidade organizadora. Ainda na matéria são destacados outros concorrentes: Klaus Dal Pai Bohne, Tria Sistemas de Arquitetura, Gustavo T. Bertozzi e Nexo Arquitetura e Construções. A participação de Paulo Mendes da Rocha é destacada por Otondo (2013) e tem como produtos produzidos apenas croquis na lousa, aumentando a hipótese que o trabalho não chegou a ser desenvolvido e enviado. O projeto foi em parceria com Bia Lessa, atriz e diretora brasileira, a qual o arquiteto fez várias parcerias na produção da cenografia de peças teatrais da diretora, como bem destacado no cuidadoso trabalho de Fernanda Ferreira (2018), orientada por Maria Isabel Villac. Os desenhos não foram encontrados nos arquivos do escritório.

[50] Acessado em 10 de outubro de 2022: <https://concursosdeprojeto.org/2010/04/23/pavilhao-do-brasil-em-xangai-e-construido/>.

2011 - Parque Olímpico do Rio de Janeiro

O concurso para o Parque Olímpico foi um processo extremamente conturbado que também despertou uma série de questionamentos da classe. O concurso foi organizado pelo IAB-RJ, promovido pelo Município do Rio de Janeiro, teve seu edital lançado no dia 11 de novembro, e contou com nove arquitetos, quatro indicados pela promotora: Gisele Raymundo, Miriam D'Avila Cavalcanti, Washington Fajardo e Gustavo Nascimento; e cinco pela Entidade organizadora: Ivan Mizoguchi, Alder Catunda, Marcio Tomassini, Ricardo Villar e Sergio Magalhães. O processo de julgamento se tornou longo, com alguns adiamentos do resultado, o que, segundo o processo aberto pelo Ministério Público permitiu o vazamento dos projetos. Além do fato dos vencedores do certame, João Pedro Backheuser e Flávio Oliveira Ferreira, serem membros da gestão do Instituto. Após longo processo e debate intenso, o certame foi cancelado. Porém, o escritório vencedor ainda assim foi contratado pelo consórcio de empreiteiras responsáveis pela construção do Porto. Os outros premiados do concurso foram, em segundo lugar, o escritório Aflalo Gasperini, seguido de Francisco Spadoni e equipe, e em quarto lugar o arquiteto argentino radicado no Rio de Janeiro, Jorge Jauregui. O projeto consideravelmente modificado foi construído e utilizado no evento esportivo, fechando um ciclo infeliz, no qual nenhum dos equipamentos construídos para os dois eventos esportivos (Copa do Mundo 2014 e Rio 2016) foram selecionados de maneira democrática.



Figura 83 : pmr-c-polr-img-01



Figura 84 : pmr-c-polr-img-02

Paulo Mendes da Rocha participou do concurso com uma equipe grande, incluindo o escritório do arquiteto português Bak Gordon com quem estava desenvolvendo o projeto executivo para o Museu dos Coches em Lisboa, inaugurado em 2016. Também participou a equipe de engenharia AFA Consult liderada por Rui Furtado, calculista de outros vários projetos do arquiteto. Além dos parceiros do além-mar, também constituíram as equipes do MMBB e Metro Arquitetos, nas quais, segundo Otondo (2013), a proposta foi desenvolvida. No escritório do arquiteto não há documentos, as pranchas aqui publicadas foram gentilmente compartilhadas pelo escritório Bak Gordon Arquitetos.



Figura 85 : pmr-c-polr-img-03



Figura 86 : pmr-c-polr-img-05

2014 - Sede da Axel Springer – Berlim, Alemanha

Como é comum na Alemanha, as competições para equipamentos de grande porte ocorrem em um primeiro momento em uma etapa de pré-qualificação onde os participantes devem comprovar experiencia prévia na temática. Posteriormente, as equipes habilitadas submetem uma proposta em nível de estudo preliminar onde são selecionados os finalistas que então, agora sem anonimato, apresentam um nível maior de definições projetuais. Paulo Mendes da Rocha participou apenas da primeira etapa. Com base nas informações disponíveis na revista digital alemã dedicada apenas para concursos **Wettbewerbe Aktuell**[51], o júri foi formado por 13 profissionais de diversas áreas, dentre os quais sete atribuídos como arquitetos e outros seis das mais diversas áreas do conhecimento, prática ainda muito pouco difundida no Brasil. O projeto está localizado em uma área urbana central consolidada da capital, onde se encontrava a divisão do país na época de Guerra Fria, próximo ao parque Lindenpark. O programa, em suma, solicitava a criação de um *campus* de mídia digital da empresa Axel Springer em aproximadamente 10.000m² de área construída. Foram selecionados cinco finalistas, dentre os quais os escritórios OMA de Rem Koolhaas, Bjarke Ingels Group (BIG), Kazuyo Sejima e Ruye Nishisawa (SANAA) e dois escritórios locais Büro Ole Scheeren e Kuen Malvezzi. Curiosamente, o júri apontou três vencedores, tendo em vista a complexidade e solicitou esclarecimentos para a uma definição posterior. Foram declarados primeiros colocados OMA, BIG e Büro Ole Scheeren. Três anos depois, o escritório holandês liderado por Koolhaas foi declarado o vencedor e contratado para o desenvolvimento do projeto. A obra se encontra em reta final de construção.



Figura 87 : pmr-c-sasb-img-02

[51] Acessado em 11 de outubro de 2022: <https://www.wettbewerbe-aktuell.de/ergebnis/axel-springer-medien-campu-12905#resultWinner>.

A equipe de Mendes da Rocha envolvida foram os arquitetos Gustavo Cedroni, Martin Corullon, Sol Camacho (Metro Arquitetos) e equipe, somados novamente à consultoria estrutural de Rui Furtado e Pedro Pereira (AFA Consult). A participação dos arquitetos consta apenas na listagem mais recente da obra do arquiteto (Sobreira et al 2018). Não foram encontradas as pranchas do concurso no acervo do escritório, apenas duas imagens de perspectivas humanizadas e três imagens da maquete física, além de um breve memorial e ficha técnica disponível no sítio do escritório parceiro[52].

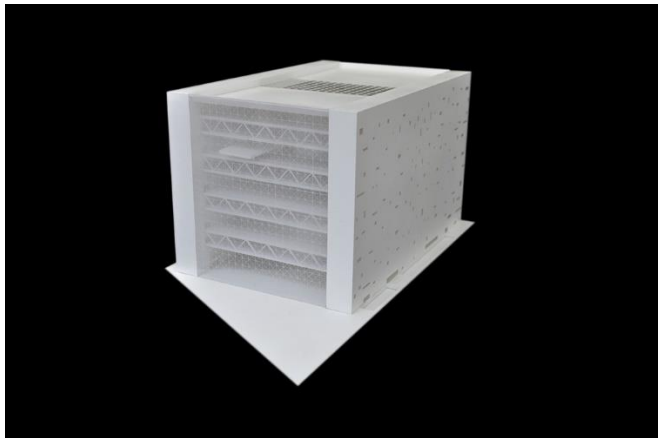


Figura 88 : pmr-c-sasb-maquete-02

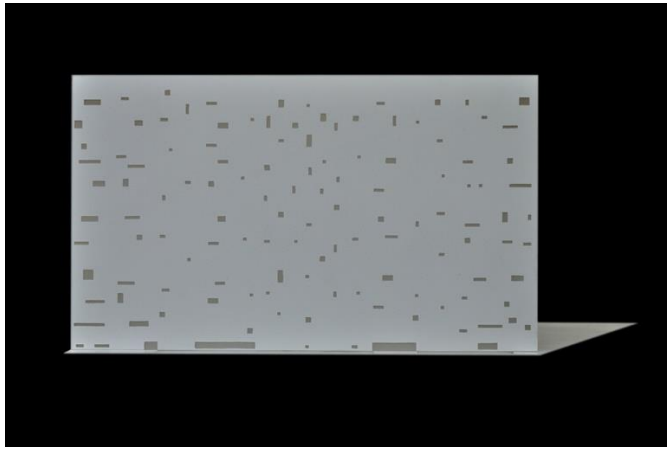


Figura 89 : pmr-c-sasb-maquete-03

[52]Acessado em 11 de outubro de 2022: <https://metroarquitetos.com.br/project/axel-springer-berlim-2013/?lang=en>.

2016 - Novo Museu de Arte de Berlim – Alemanha

O concurso para o Novo Museu de Arte do Século XX de Berlim foi promovido pela própria entidade e organizado pelo Conselho de Arquitetos de Berlim. O sítio é em uma área delicada sob o ponto de vista cultural, entre a última obra pública de Mies van der Rohe, inaugurada postumamente em 1969 a National Galerie, e a icônica filarmônica de Berlim de Hans Scharoun, aberta em 1963. O local é rodeado de outras atrações culturais, próximo ao Tiergarten e ao lado da igreja São Matheus. A estrutura do concurso ocorreu de maneira muito cuidadosa e alongada. Foi feito em duas etapas, uma primeira internacional e aberta, seguida de uma segunda com dez projetos selecionados que se juntariam a escritórios convidados com expertise comprovada, a exemplo de OMA, SANAA, Herzog de Meuron, Sou Fujimoto, Aires Mateus, Snohetta, Lacaton y Vassal, Domique Perrault, Emilio Tuñon, Benisch Architekten, David Chipperfield e Barozzi Veiga. A primeira etapa, designada como concurso de ideias, da qual Paulo Mendes da Rocha e equipe participaram, teve o mesmo modelo de júri do concurso anterior, formado por sete arquitetos e seis profissionais de áreas diversas, entre curadores, museólogos e diretores de casa de cultura. Ao todo foram 1.082 inscrições, sendo 51% de fora da Alemanha, e foram entregues 460 propostas. Além das pranchas, os participantes deveriam enviar um modelo físico com escala específica para que fosse inserida em uma maquete com o contexto urbano para avaliação do júri. Com base na ata, o processo de julgamento ocorreu entre os dias 18 de dezembro e 29 de janeiros de 2016. O único participante brasileiro foi a de Mendes da Rocha. A proposta identificada sob o nº 1294 foi uma das 327 excluídas na primeira etapa de seleção. Posteriormente foram selecionadas dez propostas que juntariam na segunda etapa com 19 equipes selecionadas por meio de portfólio e mais outras 13 equipes convidadas diretamente pelos promotores. Foram concedidos os prêmios ao suíço Herzog de Meuron (em primeiro), Lundgard & Tranberg da Dinamarca (em segundo), seguido de Bruno Fioretti da Alemanha. Também foram concedidas quatro menções honrosas à OMA, SANAA, Aires Mateus (Portugal) e Staab Architekten (Alemanha).

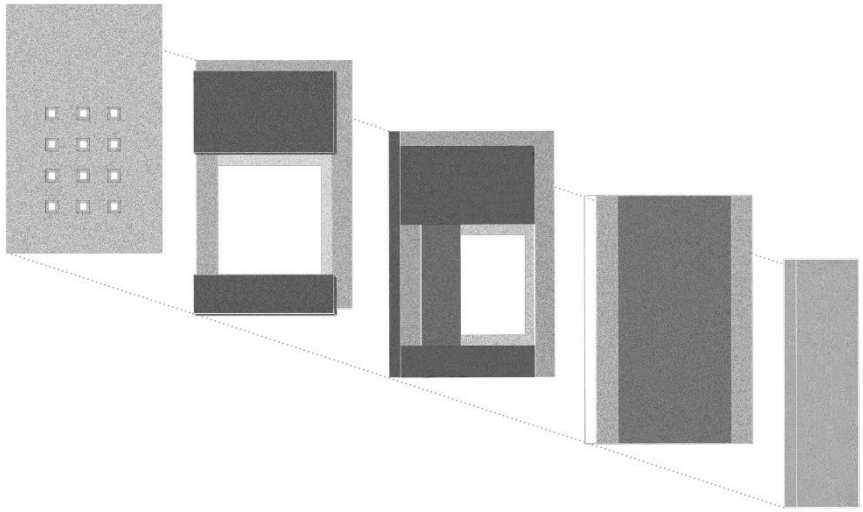


Figura 90 : pmr-c-mab-diag-01

A equipe de projeto de Mendes da Rocha contou com o escritório Metro Arquitetos e Helena Cavalheiro, Marina Ioshii, Juliana Ziebell, Amanda Amicis, Bruna Canepa, Alessandra Musto e Nara Diniz. A proposta consta na listagem de Sobreira (2018), mas não foi publicada em meios físicos. O projeto está parcialmente publicado no sítio do escritório Metro, com algumas imagens, um conjunto completo de desenhos, memória descritiva e ficha técnica. A prancha submetida ao concurso se encontra disponível no *site* da Instituição promotora[53].

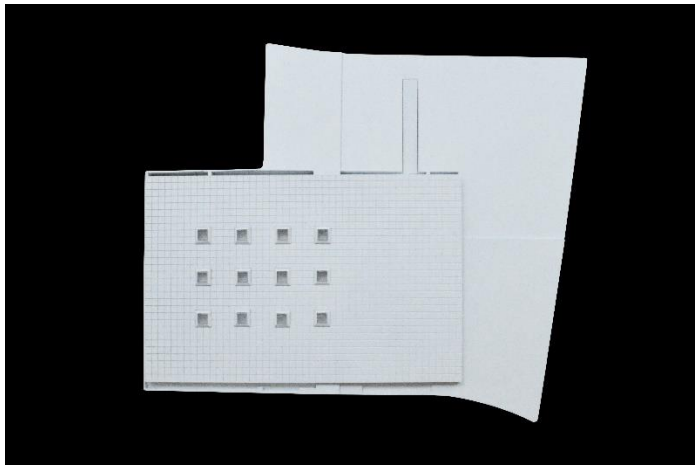


Figura 91 : pmr-c-mab-maquete-01



Figura 92 : pmr-c-mab-img-01

[53] Acessado em 11 de outubro: <https://www.nationalgalerie20.de/wettbewerb/wettbewerbsverfahren/zeitplan>.

2018 - Mobiliário para a Avenida Paulista

O concurso para o mobiliário da Paulista foi iniciativa da Plataforma Esquina com o apoio de um grupo de escritórios de advocacia sediados na Avenida Paulista. Foi um concurso sem anonimato e regras rígidas. Foram convidados pela promotora quatro escritórios de São Paulo para elaborarem propostas de mobiliário para serem inseridos ao longo da Avenida e o concurso foi intitulado “Paulista para Todos”. Como se tratava de um concurso de ideias e sem grandes amarrações técnicas e diretrizes, as propostas foram diversas tanto do ponto vista tipológico, quanto econômico. Paulo Mendes da Rocha participou em parceira com a sua filha, Nadezhda Mendes da Rocha. Propuseram o desenho de um banco em aço, a ser inserido em pontos estratégicos do espaço urbano com o intuito contemplativo e interativo da paisagem. O projeto selecionado foi do escritório de São Paulo Königsberger Vannucchi.

A proposta de Mendes da Rocha foi colocada em prática, em entrevista de março de 2022 para a **Revista Projeto**, Nadezhda pontua sobre as possibilidades de leitura urbana com base na implantação, “... a vista é a própria cidade pulsante e seus transeuntes, sugere-se as diferentes formas de observá-la, por diferentes pontos de vista, possibilitando pausa e encontro entre pessoas desconhecidas”. Ainda com base na matéria da revista, em 2020 Adriana Bianchi do Instituto Iadê de Arte e Design iniciou o processo de produção da peça. O banco nomeado Trianon 2018, ficou em exposição até março de 2022 no MuBE e entrará em circulação e amostragem com objetivo de ser implementado e reproduzido e contextos diversos. Além de vídeos dos autores explicando a proposta à ép oca do concurso, tendo em vista o não anonimato do processo, há uma série de registros da maquete física, e mais recentemente a peça reproduzida e colocado em exposição.



Figura 93 : pmr-c-mobp-maquete-01



Figura 94 : pmr-c-mobp-maquete-02

2018 - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Assunção, Paraguai

A última participação de Mendes da Rocha em um concurso que se tem registro foi o projeto para o Bloco Acadêmico/Administrativo e Biblioteca da Faculdade de Arquitetura de Assunção. Organizado pela própria faculdade, não foram encontrados documentos técnicos sobre as diretrizes e ata de julgamento, apenas a chamada pública para o lançamento do certame. O chamamento data o lançamento em 11 de outubro e convoca empresas, consórcios e escritórios de arquitetura que tivessem ao menos um representante técnico egresso da Faculdade de Arquitetura de Assunção ou docente com credencial de atuação. Foram encontradas nos respectivos sítios dos escritórios as premiações outorgadas. O primeiro lugar foi dado ao prestigiado paraguaio Javier Corvalán e equipe, seguido de Equipo de Arquitectura, liderados por Viviana Pozzoli e Horacio Cherniavsk. Ambos anunciaram em suas respectivas redes sociais o resultado no dia 28 de dezembro de 2018, além da menção honrosa para o escritório Biocons de Nicolás Morales e Pablo Barbadillo.

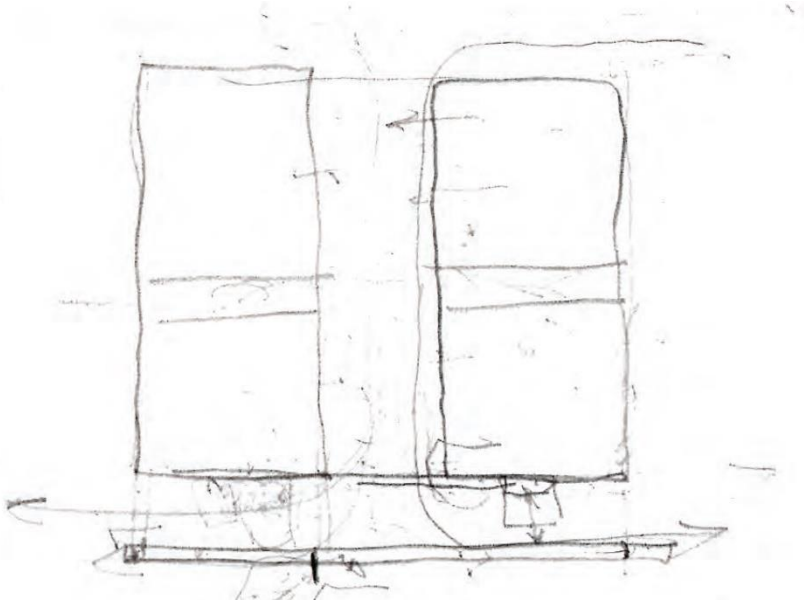


Figura 95 : pmr.meraki.m.tda-c-fada-croqui-01

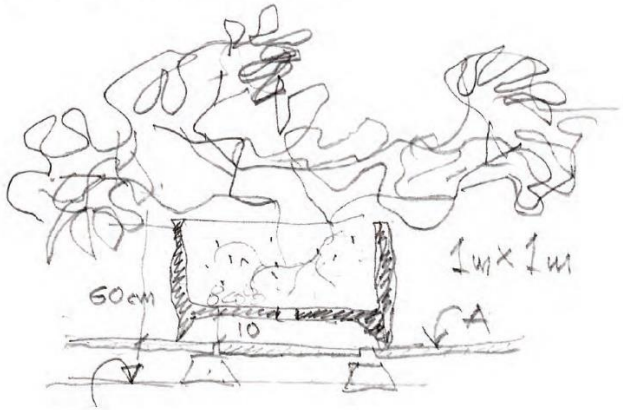


Figura 96 : pmr.meraki.m.tda-c-fada-croqui-02

Paulo Mendes da Rocha, a convite dos escritórios paraguaios encabeçados por Violeta Perez (MERAKI), Paola Moure (M+) e Miguel Duarte (tdarq), elaborou um partido que extrapolava as reflexões ao *campus* universitário como um todo, não apenas ao objeto solicitado. O material completo do concurso foi disponibilizado pelo escritório de Mendes da Rocha, todas as 15 pranchas em formato A1 vertical. Também colaboraram com a equipe Mariana Tucci, Agustina Burt, Ivana Rovira, Eloisa Barriocanal, Matias Barrios, Amado Franco, Daniel Diaz e Alvaro Iparraguirre.

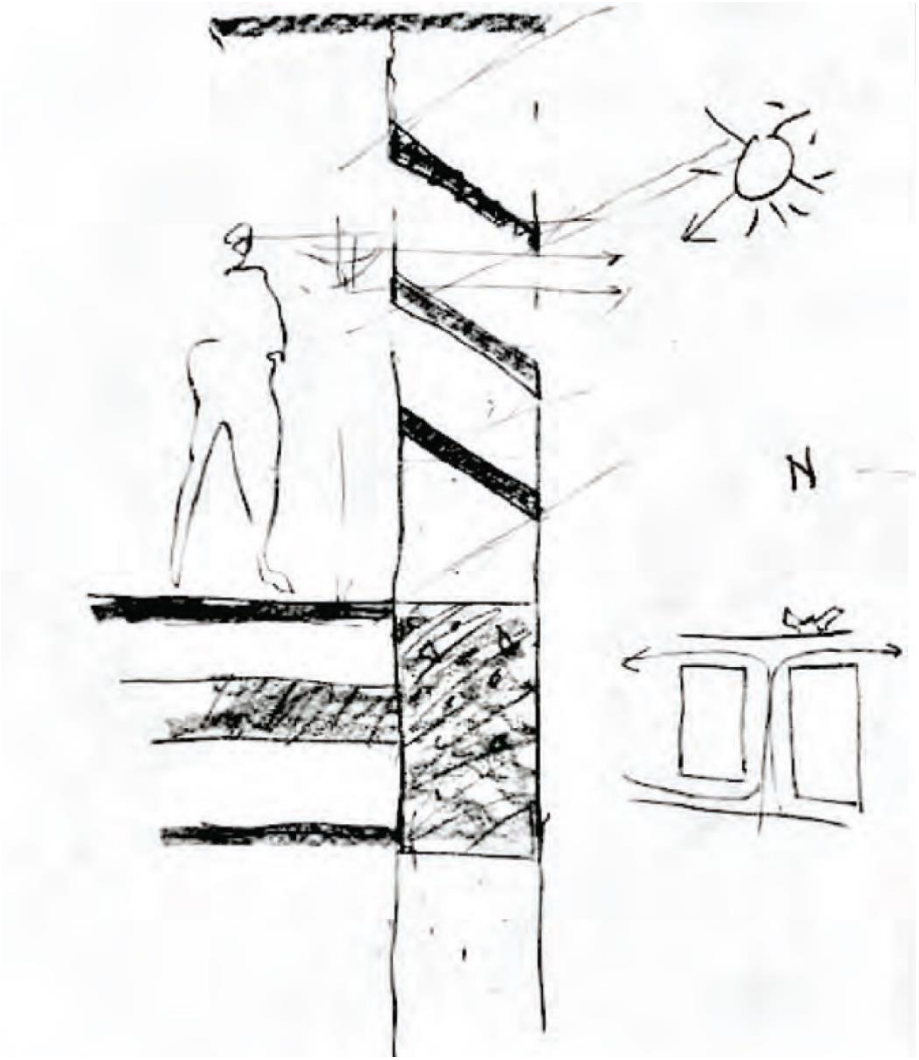


Figura 97 : pmr.meraki.m.tda-c-fada-croqui-03

2. Discurso e desenho

> Mesmo que saibamos que o sol não se põe, diz Gadamer, seguimos dizendo que ele se põe, e não poderíamos nos separar daquilo que a língua diz com a justeza do sentimento. Inversamente, um saber não sabido, as pistas, refugos de crenças e de mundos antigos, ressoam longamente em nós. Saber ignorante de si mesmo, que forma, a nossa revelia, a maioria de nossos juízos de gosto.
> (CAUQUELIN, 2007, p. 43)

Partiremos da premissa de que a arquitetura, essencialmente, deve falar em sua linguagem própria, não no sentido no qual a arquitetura fala para si, mas no sentido que carrega valores próprios que não comportam individualidades e/ou juízo pessoal. Diversos arquitetos navegam nesse esforço de síntese e resgate desse cerne, Zumthor (2005, p. 24) fala sobre o dever da arquitetura: "... hoje em dia, deve recordar das suas tarefas e possibilidades genuínas, A arquitetura não é nenhum veículo ou símbolo de coisas que não fazem parte da sua natureza". Zumthor ainda comenta sobre como o contexto social, de certa maneira, ajuda a ludibriar a compreensão do fazer arquitetônico, e completa: "Numa sociedade que celebra o insignificante, a arquitetura pode opor resistência, contrariar o desgaste de formas e significados e falar a sua própria linguagem". Regressando à epígrafe de Cauquelin, o questionamento dos aprendizados hierárquicos, passados de geração em geração e incorporados sem crítica sobre a sua pertinência e/ou aplicabilidade, conhecimento esse, nomeado pela autora como um saber não sabido, é a base fundamental para a construção de um pensamento com base reflexiva capaz de se libertar do *desgaste de formas e significado*. A ponderação de Cauquelin (2007) parece encontrar eco no texto de Miguel Pereira (2005), elaborado para o seu concurso de ingresso de carreira docente na FAU-USP: "Esta é a condição inexorável de crescimento do conhecimento, em seu processo de transmissão. Em suma, é preciso destruir para construir o conhecimento" (p. 155). Esse saber não sabido no campo da arquitetura opera como reprodução/manutenção do quadro atual, incorporando solicitações da contemporaneidade sem as ponderações necessárias, entrando em um ciclo de conformação[54]. Com isso, nos afastamos de qualquer hipótese que paira no sentido de um posicionamento antiquado ou reacionário; pelo contrário, é a revisão consciente.

[54] Angelo Bucci, 1994.

Essas considerações se fazem necessárias para nos amparar na constituição de algumas premissas objetivas sobre o projeto de arquitetura elaborado sob uma base reflexiva acerca do contexto em que se insere. O projeto deve convocar disciplinas diversas com o intuito de melhor compreender o contexto e se afastar de uma prática ensimesmada que, em grande parte, resulta em uma investigação tecno-formal desarticulada de valores culturais. Portanto, esse processo de conectar e desconectar é de fundamental importância para o engendramento de leituras aparentemente autônomas. A definição de arquitetura para vários arquitetos, entre eles Mendes da Rocha, é um campo de diálogo de diversas disciplinas. Esse conceito nos oferece um caminho de libertação da ideia do projeto de arquitetura como um objeto técnico isolado e/ou escultórico. É ainda necessário destacar que a pesquisa não almeja a formulação de um método projetual, muito menos ser capaz de sintetizar o pensamento do arquiteto, porém se faz necessário compreendermos algumas estruturas para formularmos uma das possibilidades de leitura da obra do arquiteto. Ainda em concordância com texto de Miguel Pereira, adotaremos algumas premissas como ponto de partida para lacearmos a ideia da relação e construção entre ideia e desenho.

Com base no diagrama abaixo, tomamos o objeto arquitetônico, também entendido como projeto arquitetônico no contexto, como fruto de uma retroalimentação direta e indireta entre discurso filosófico e o discurso arquitetônico. Em outras palavras, a manipulação consciente, e não necessariamente hierárquica, do conhecimento orientada pelo desejo.

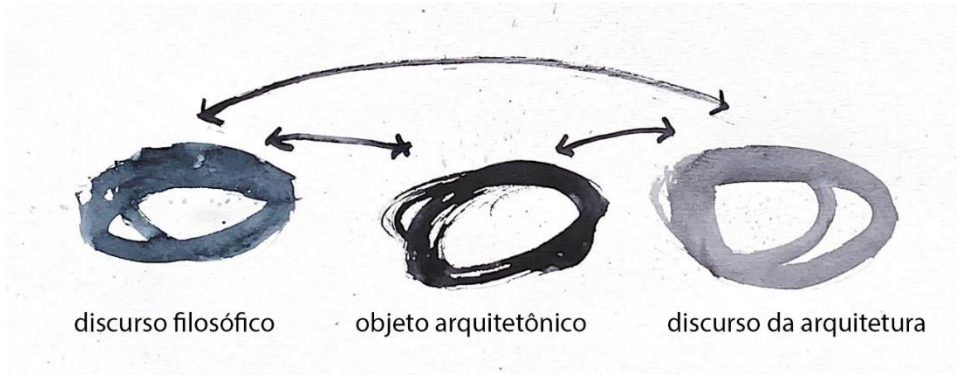


Figura 98: Diagrama redesenhado a partir do original de Miguel Pereira feito para o texto para carreira docente na FAU-USP. Fonte: Própria do autor (2021).

> A partir desse pequeno universo é possível e conveniente admitir-se que o relacionamento entre o mundo das ideias e o objeto arquitetônico se dá através da linguagem escrita e do desenho, depois, feito o projeto, e em seguida, construção, o sítio adequado do fato arquitetônico – compromisso técnico e compromisso histórico.
> (PEREIRA, 2005. p. 153)



Figura 99: Diagrama 2 redesenhado a partir do original de Miguel Pereira feito para o texto para carreira docente na FAU-USP. Fonte: Própria do autor (2021).

O segundo diagrama, também baseado no elaborado por Pereira, nos lança a uma aproximação definitiva ao campo de interesse e operação desta pesquisa.

Anseia-se navegar nessas estruturas sensíveis onde a designação e suas formas de enfrentamento da problemática são pautadas por um arcabouço teórico denominado pelo autor como de discurso filosófico. A configuração de como esses campos se sustentam em cada projeto é amorfa, a intensidade de cada uma é variável. A linha que separa esses campos elencados pelo autor é relativa e não faz parte do esforço aqui concentrado delimitá-la, inclusive entende-se como um esforço analítico perigoso, o qual nos afastaria da aspiração de uma leitura ampliada e generalista do processo. O discurso filosófico não é pautado por uma erudição aleatória, o próprio autor nos acena onde está fundado, “a um compromisso técnico e histórico”.

O livro **Inquietação Teórica e Estratégia Projetual,**[55] de Rafael Moneo, também se propõe a criar uma mirada sobre o processo conceptivo de projeto, separado em dois momentos. No primeiro, interessa-nos a construção de um imaginário a ser percorrido, em

[55] Trata-se de uma publicação de uma série de aulas e palestras dadas pelo arquiteto no período de 1992-1994 na Universidade de Harvard, onde são estudadas as obras de diversos arquitetos europeus e americanos, a exemplo de Siza, Rossi, Venturi e Scott Brown.

especial a configuração como *inquietação* é apresentada, como uma leitura da convocação de conhecimentos de disciplinas diversas, não necessariamente do campo arquitetônico, distanciando-se da ideia de uma teorização geral do pensamento como forma. Posteriormente, após esse levantamento contextual, amparado pelo conjunto cultural em áreas diversas, não fixas, transfere-se a uma etapa de compreensão das estratégias aplicadas em projeto, análises de desenhos, modelos e experiências espaciais, as quais são sempre amparadas pelas indagações do primeiro momento, para então compreender as formulações e construções que cada arquiteto estudado anseia responder. Há nesses profissionais questões supra técnicas as quais cada um formula à sua maneira e se dispõe a responder.

Os leitores desavisados, em uma visita rápida, em especial nas entrevistas, talvez sejam induzidos a uma divagação descontextualizada ou uma certa dificuldade de conectar os paralelos discursivos, sempre muito presentes no discurso de Paulo Mendes da Rocha. Porém, nesses paralelos encontramos elementos fundamentais para o olhar que orienta e alimenta essas decisões projetuais. Pisani em 2017, inclusive, se utilizou desse imaginário ao escrever **Uma Genealogia da Imaginação**, em um tom de narrativa investigativa, como a cidade de Veneza opera no pensamento imagético do arquiteto, ora no discurso, ora no desenho. Nele nos é apresentada uma visita histórica sobre a ideia do Teatro do Mundo no conflito drástico entre natureza e construção, temática constante no pensamento de Mendes da Rocha.

Ampliando e continuando a questão da relação indissociável entre desenho e discurso, é possível identificarmos uma espécie de linguagem autônoma que surge a partir da complementariedade entre palavra e desenho. Cada um contém sua própria independência comunicativa, porém, como já destacado, há uma espécie de penumbra de linguagem que ocupa aquele *vazio* entre o que Pereira identifica como discurso filosófico e discurso arquitetônico. Portanto, nos encaminhamos para a ideia de uma linguagem sensível implícita em uma prática projetual emancipada. Nesse campo, talvez a ideia e o conceito de revelação de Walter Benjamin, em seu ensaio ***Sobre a linguagem em geral e sobre linguagem humana*** (1916), refletem sobre as formas de comunicação humana e sua construção parece nos apontar um caminho. Parte-se da premissa de que toda comunicação de conteúdo espiritual, ou seja, individual, é uma linguagem, sendo a palavra apenas um caso particular. Para isso, novamente tomaremos como base algumas premissas. A língua é um meio que comunica a essência espiritual que lhe corresponde, logo essa essência se comunica na língua e não por meio da língua. Isso nos deixa vigilantes a nos mantermos atentos e não perder a ideia de totalidade durante o percurso de aproximação, pois “cada linguagem comunica-se em si mesma. Ou mais exatamente: cada linguagem comunica-se em si própria, ela é, no sentido mais puro, o *medium* da comunicação” (p.

11). Esse caminho nos leva a uma reflexão complexa com base em "inconfundível e incomensurável infinitude" do próprio discurso e suas especulações, o que nos afastaria de nosso objetivo central. Entretanto, o próprio Benjamin nos coloca em rota novamente: "a essência-de-linguagem do ser humano está no fato de ele nomear as coisas"; do mesmo modo, também sabemos que "a linguagem nunca se limita a fornecer meros signos" (p. 19). Por fim, Benjamin trata do pecado original da linguagem ao constatar que "a palavra passa a comunicar *alguma coisa* (que está fora de si mesma)" e assim nos é apresentada a criação de uma linguagem superior, uma formulação capaz de comunicar campos maiores, como o próprio filósofo que, ao exemplificar a linguagem da poesia, escultura e pintura, construída na palavra, até o seu limite onde talvez não seja mais comunicável, conclama algo mais. Para o nosso caso específico do projeto de arquitetura, nasce o desenho, não como linguagem autônoma, mas como continuação de um desejo comunicativo. Em ensaio posterior, sobre **A *sociologia da linguagem***, Benjamin (1935) cita Henri Delacroix para afirmar que o desejo central de qualquer comunicação "visa essencialmente ser-se compreendido", assim como a acepção de Artigas sobre desenho que adentraremos mais à frente. Discurso e desenho na arquitetura não podem ser compreendidos como elementos desassociados, ainda que a prática esteja caminhando a sua sistematização autônoma como linguagens independentes. Mesmo que a prática profissional peregrine em direção à fragmentação e especialização das áreas, aqui tentamos como premissa fundamental romper esse curso, destacando o discurso filosófico para a compreensão do discurso arquitetônico no seu sentido amplo. Portanto, encaminhamos a ideia de que a manipulação do desenho auxiliado ao texto, e vice-versa, finda em uma comunicação sensível, uma espécie de linguagem associativa. O entendimento, em seu sentido mais puro de comunicação do desejo, ao passar para linguagem do desenho, encontra uma nova conjuntura de possibilidades comunicativas. Como exemplificadas pelo argentino Alfonso Corona Martinez, ainda que o foco central da investigação do autor seja no ato do pensamento projetual em relação à espacialização e suas relações compositivas, e posteriormente representativas (croquis e desenhos técnicos), ao descrever a concepção sob a luz do desenho, reitera a etapa do processo de trabalho nas quais as "... relações contextuais, às necessidades a serem satisfeitas" são balizadas. Essas descrições são verbais ou escritas; uma parte delas fica determinada no programa" (2000, p. 37) e posteriormente manifesta a necessidade incorporada na essência da prática do projeto:

> (...) não temos como único objetivo criar a beleza do objeto, buscamos apenas melhorar a trama de relações de relações objeto-sociedade, mas tentamos dominá-la por meios que eram por excelência idôneos para definir e mostrar essa beleza do mundo do renascimento. (MARTINEZ, 2000. p. 51.)

A base do pensamento renascentista é calcada em uma reflexão que tem o ser humano e suas necessidades como ponto de partida. Essa breve regressão histórica é necessária para orientarmos os olhares sobre quais são construídos os imaginários que orientam o pensamento e pautas de Paulo Mendes da Rocha. O próprio arquiteto refuta a ideia de pensar ou explicar um projeto a partir de uma primeira ideia, e propõe explicar um conjunto de fatores (programa de necessidades, contexto etc.) que se apresenta frente à convocação de tudo que se colecionou na vivência. Em outras palavras, refuta-se a ideia do projeto como uma inspiração e/ou ato indivisível. O próprio, de certa maneira, já comentou a temática do pensamento e sua complexidade de transposição e/ou tradução por meio, em um primeiro momento, de uma linguagem escrita que acompanha a linguagem oral humana. Conforme a contemporaneidade agrega complexidade e densidade, a comunicação, e por consequência a língua, se torna cada vez mais intricada e intensa, o se fazer entendido coletivamente parece ter se tornado cada vez menos necessário e o diálogo acontecendo em linguagens cada vez mais isoladas, logo conversando com poucos. A aspiração humana de estabelecer comunicação e transmitir se encontra no cerne da criação da linguagem da arquitetura que contém em sua essência o diálogo, em sua criação primária, portanto, feita para o outro. Em sua constituição, a arquitetura é uma disciplina que nasce do anseio de comunicar ao outro, para então ser ocupada, lida, interpretada e configurar novas linguagens e comunicações.

Vilanova Artigas parece nos lançar um olhar definitivo sobre essas relações em seu texto **O desenho** (1967), onde é apresentada a relação indissociável entre desígnio e desenho. A palavra *disegno* carrega em sua acepção "designar", "idear". Segundo Artigas: “O conflito entre a técnica e a arte prevalece ainda hoje. Ele desaparecerá na medida em que a arte for reconhecida como linguagem dos desígnios humanos” (p. 117). As cidades e os equipamentos que a constituem parecem estar perdendo essa capacidade de diálogo contida na essência da prática arquitetônica. A obra do arquiteto ascende como uma possibilidade de revisitar e resgatar essas premissas que parecem ter perdido o desejo de se abrir e continuar. De certa maneira, voltando para Mendes da Rocha, essa é uma temática presente em diversas entrevistas ao longo de sua carreira; trata-se do “êxito da técnica” e aborda a necessidade da técnica estar aplicada a um desejo maior, não necessariamente uma função. A ideia de desejo, desígnio humano, parece ganhar contornos mais claros, 14 anos depois, quando o arquiteto tange Artigas em 1981 em seu artigo, **Ideia e Desenho**, para a Folha de São Paulo, sobre o porquê do prestígio internacional da arquitetura brasileira:

> E se arquitetura se envolve diretamente com a paisagem construída, com a expressão de todos esses anseios nas coisas que edifica quando a necessidade imediata se alia à convicção de que é aí que se organiza o futuro, consolida-se um alicerce para o próximo passo, compreende-se a sagacidade, o tino e o senso de oportunidade com os arquitetos tentam abordar as questões que lhes competem. Mesmo inventar outras. (...)Não como monumento a alguma circunstância, mas com a monumentalidade indispensável ao exercício da própria vida na sociedade.
> (MENDES DA ROCHA, 1981. p. 206)[56]

Portanto, uma estratégia projetual imbuída de um plano crítico é indispensável ao exercício da própria vida na sociedade.

[56] In: Isabel Villac, 2012.

Geografia da arquitetura

> A primeira, a primordial arquitetura é a geografia (...) Um trabalho como a geografia pode ser arquitetura. É na minha opinião, o fundamento, a fundação da arquitetura, porque antes de construir, o homem com certeza escolhe um lugar onde se antevê uma situação arquitetônica sobre o espaço.[57]

Dando continuidade na ampliação e construção de um olhar que ampare as abordagens presentes no discurso de Paulo Mendes da Rocha, a epígrafe se apresenta como peça norteadora. Provavelmente instigado pela presença do geógrafo e professor Milton Santos como membro da banca avaliadora de sua arguição em sua prova para professor titular[58], o arquiteto enfatiza e reforça, aquilo já estabelecido em diversos textos e entrevistas, a geografia como disciplina fundante para a leitura de seu pensamento. Esse encontro do pensamento e suas afinidades entre o arquiteto e o geógrafo, por meio de justaposições breves, ocorre quase que de maneira indutiva. O corpo central desse trabalho recebe contornos mais objetivos ao nos dirigirmos a essa sobreposição entre arquitetura e geografia. Como veremos adiante, não se trata de uma estratégia, o que buscamos é uma postura crítica que aproxima o pensamento de Mendes da Rocha e Santos.

Obviamente que não se trata de uma proposta primária, pelo contrário, levando em conta as circunstâncias de diversas frentes de pesquisa e investigação abertas na contemporaneidade, trata-se de um regresso de incorporar algumas questões ao pensamento projetual. Dentro dessa lógica, destacamos o Jornal **New Geographies** da Universidade de Harvard que publica, sem periodicidade fixa, desde 2010, artigos que refletem como questões socioeconômicas podem oferecer alternativas de projeto capaz de responder criticamente perante o processo impositivo e violento da globalização.

Necessário pontuar que o esforço aqui empreendido na leitura de projeto está construído com base na abrangência de um pensamento arquitetônico resultante de uma profunda reflexão da cidade, questionamento que vai além do espaço físico imediato e encontra-se em uma base sólida na revisão crítica do passado colonial, perpassando pelo surgimento de demandas contemporâneas aplicadas a compreensão lógica do crescimento urbano. Com isso, encontramos o contexto social e histórico como base comum entre os

[57] Trecho do texto apresentado por Paulo Mendes da Rocha para a prova de didática para professor titular. FAU-USP, 26 de agosto de 1998. Villac (2012), p.149.

[58] Também compuseram a banca avaliadora os professores Guilherme Motta, Teixeira Coelho, Giancarlo Gasperini e Júlio Roberto Katinsky.

pensadores para a aplicação de uma leitura do espaço físico das cidades brasileiras e latino-americanas. Ao avançarmos nessa visada, encontraremos esse diálogo desses dois pensadores brasileiros que tinham em comum uma base marxista de pensamento, ancorada na história e na política para a compreensão da construção e ocupação do indivíduo e do coletivo na cidade.

Como já destacado, é comum encontrarmos a convocação da geografia pelo arquiteto, ainda que em grande parte, como geografia clássica, atrelada ao contexto físico, estabelecendo marcos fundamentais e iniciando suas indagações que servirão como narrativa de hipótese a ser respondida projetualmente. De todo modo, também encontramos à reflexão a geografia mais humanizada presente na reformulação da disciplina feita por Milton Santos.

Milton Santos foi professor contemporâneo de Mendes da Rocha na USP. Sua obra se dispôs a versar e rever os limites da disciplina geografia, tendo em vista sua insatisfação ao constatar a pouca aplicabilidade para a compreensão do processo de urbanização e organização social nos países subdesenvolvidos, em especial, os da América Latina. Sua obra se ocupou especialmente em ampliar o foco da discussão dos espaços sociais e suas disputas aplicadas ao contexto latino-americano e suas conformações históricas, posteriormente ampliadas, em segundo momento, nas consequências de uma globalização que se impõe de maneira totalitária nos países, até então, cunhados de terceiro mundo. Ao longo dos seus mais de quarenta anos de atividade, publicou uma dezena de livros, somados a outros inúmeros ensaios, posteriormente compilados e publicados após sua morte em 2001, compondo uma importante ferramenta de leitura do espaço urbano e revisão crítica das cidades latino-americanas e sua conformação perversa e excludente.

Após o retorno de seu exílio do período mais covarde da ditadura, em 1977, podemos dizer, de certa maneira, que se inicia a fase de sua produção intelectual na qual encontramos o eco mais claro com discurso do arquiteto. Em 1982, publica o livro **Pensando o espaço do homem**[59], no qual apresenta conceituações iniciais sobre a conformação do espaço social das cidades dentro de uma organização socioeconômica, excludente e segregadora e a revisão do percurso para elaboração de uma espacialização democrático das cidades e seus espaços públicos em disputa. Cinco anos depois, no livro **O Espaço do Cidadão**[60], Santos, já professor na USP, aborda como a atividade econômica e a herança social distribuem o indivíduo de maneira desigual no espaço físico e social da cidade, sendo ainda

[59] Primeira edição, Hucitec, 1982.

[60] Primeira edição, Livraria Nobel, 1987.

possível assinalar a crítica central acerca do capitalismo como elemento central de segregação e o projeto de esfacelamento na tentativa de construção de um "*discurso coerente da cidade*".

Em 1994, a conceituação da técnica como elemento fundamental para compreender a conformação espacial surge de maneira determinante no livro **Técnica, Espaço, Tempo**[61]. Nele o "estudo das técnicas ultrapassa largamente, desse modo, o dado puramente técnico e exige uma incursão bem mais profunda na área das próprias relações sociais." (2013. p. 59), temática que também encontra diálogo nas diversas respostas de Mendes da Rocha para demonstrar como a técnica desarticulada de um plano crítico pode se tornar ferramenta vazia e perversa na construção da cidade. Além do tema da técnica, Santos lança mais um possível laço quando aponta que "O espaço é uma categoria histórica e, por conseguinte, o seu conceito muda, já que aos modelos se acrescentam novas variáveis no curso do tempo" (2013. p. 67). Portanto, no espaço urbano em contexto de intensas desigualdades, intensifica-se a obrigatoriedade de compreendê-lo com amarrações técnicas/histórias impostas ou criadas no território. Na terceira parte do livro, o geógrafo faz mais um "ensaio" sobre os *sistemas de ações* e *sistemas de objetos*, que irão ser abordados de maneira definitiva dois anos depois em seu livro mais difundido. Trata-se do entendimento de um sistema complexo retroalimentado, ora consciente, ora consequente, na conformação do espacial da cidade pautada pela história, que tem um jogo de objetos que organiza (liberta e nega) sistemas de ações. Nele também encontramos outro dado recorrente no discurso do arquiteto, quando Santos aponta que "os sistemas de objetos não funcionam e não tem realidade filosófica, isto é, não nos permitem conhecimentos, se os vemos separados dos sistemas de ações." (2013. p. 86). Ainda na mesma linha de raciocínio do geógrafo, também é lançada uma consciência sobre como esses objetos são produzidos para operarem no espaço: "Os objetos não são as coisas, dados naturais; eles são fabricados pelo homem para serem, a fábrica da ação" (2013. p. 86). Justamente nesse ponto, de consciência e revisão de como devemos ou não operar esses objetos com intuito de rever o alcance das ações que devem ser inclusivas e coletivas no espaço urbano, que encontramos outro ponto nodal do pensamento crítico de ambos. Instrumentando para o campo arquitetônico, há no texto de Mendes da Rocha para a Aula Inaugural para os 50 anos da FAU-USP uma posição clara sobre a precariedade do pensamento arquitetônico que não considera como premissa o anseio de ocupação humana, portanto coletiva, de amparar essas ações:

[61] Primeira edição, Hucitec.

> "Construção de um território para ser habitado no modo humano, no confronto com o espanto inaugural da nossa presença no universo revelada na consciência e na linguagem. A cidade, que não é fenômeno, premeditada ação, projeto."[62]

E, finalmente, talvez a obra que culmina quase em sua totalidade o pensamento do geógrafo, lançado em 1996, **A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. O livro revê e sintetiza os conceitos, aqui já citados anteriormente, de espaço amarrados à complexidade histórica, técnica temporal para entendermos como os sistemas hegemônicos fragmentam, gentrificam e segregam os espaços urbanos. Essa consciência é elaborada com objetivo de solucionar uma forma de atuação capaz de irromper essa regra. Na arquitetura, essa pauta surge em nível mais objetivo quando Mendes da Rocha comenta[63] que "a arquitetura não se dirige a uma estética desvinculada de uma realidade social. Ela, ao contrário, só pode existir enquanto vinculada a essa realidade." Portanto, correndo o risco de ser repetitivo, o próprio esforço reflexivo de buscar na cidade, no espaço urbano, na coletividade, a própria resposta dessa consciência comum da necessidade de revisão da forma de ocupar já é o próprio diálogo do pensamento entro o arquiteto e o geógrafo. Essa postura de resgatar uma essência desvirtuada, ou interrompida, também é uma pauta comum entre eles, isso provavelmente se deve às conexões que ambos têm com os filósofos da Escola de Frankfurt, que tem como pressuposto a retomada do projeto de *modernidade*. No caso do arquiteto, surge em diversos momentos ao citar Hannah Arendt, Walter Benjamin, Martin Heidegger e Juergen Habermas, em diversas respostas e textos.

Passando ao campo da documentação das diversas conversas e escritos do arquiteto encontraremos uma sorte de paralelos e apontamentos acerca da mesma temática e a preocupação de uma arquitetura socialmente responsável na constituição daquilo que o próprio arquiteto definiu como o desejo da disciplina como a construção de *"uma cidade para todos".* Porém, infelizmente, não há registros, ao menos documentados, de outros encontros entre o geógrafo e o arquiteto, além da presença do geógrafo na banca para professor titular do arquiteto. Dentro de uma ampla de gama de entrevistas pesquisadas, foram encontradas duas perguntas formuladas a Mendes da Rocha sobre o pensamento de Santos. A primeira delas ocorreu em uma longa entrevista concedida ao

[62] Villac (2012), p.141

[63] Em entrevista para a Revista Artes, nº 20, em 1970, reeditada no livro **Encontros: Paulo Mendes da Rocha**, organizado por Guilherme Wisnik.

Professor Sylvio Barros Sawaya[64], na qual não houve continuidade na ideia. No ano seguinte, na já bastante difundida entrevista intitulada ***A Natureza é um trambolho,***[65] ao ser indagado pelo entrevistador sobre o quanto de sua visão de território brasileiro continha o pensamento de Darcy Ribeiro e Milton Santos, em sua resposta Paulo compartilha a existência de uma admiração acerca do pensamento de ambos:

> A história do gênero humana é indivisível, claro, mas, se quiséssemos conversar, poderíamos pensar, por exemplo, num dilema da nossa condição humana. Um deles é a questão de uma separação, que pode ser convocado para refletir, entre ciências naturais – que é toda a ciência, física, astronomia, mecânica celeste-, e essa preocupação com nossas origens, que estabeleceu no que chamamos de ciências humanas. Justamente o que fica para as realizações de caráter político, o que vamos fazer, o modo humano de existir, obrigatoriamente esses âmbitos de conhecimento têm de andar juntos, você só pode realmente avançar quando raciocina com uma totalidade. (...) aí entram Milton Santos e o Darcy Ribeiro, principalmente o Milton Santos enquanto geógrafo, um cientista, o que ele disse da geografia é de uma dimensão humana incrível.

E no outro sentido, há uma breve e generosa declaração de Milton Santos sobre o arquiteto, ao ser abordado pelo jornalista da Cassiano Elek Machado[66], sobre sua participação na banca para professor titular: "Não vai ser fácil examinar um monumento desses". Esses breves depoimentos resumem os "encontros" registrados dos pensadores.

A geografia no discurso do arquiteto pode ser encontrada sob diversos aspectos. Navegando por essas *convocações*, não é incomum encontrarmos em entrevistas o plano, elaborado por seu pai, o engenheiro Paulo de Menezes da Rocha em suas aulas, sobre a conexão dos rios navegáveis e as possibilidades de ocupação e urbanização no interior do país, ou mesmo criticando a ausência de irmandade entre os países sul-americanos, em especial o Brasil. Outro exemplo significativo, a expografia elaborada em conjunto com Flávio Motta para o projeto do Pavilhão do Brasil para Osaka em 1970, revisita e coloca em debate as consequências históricas da colonização, possibilidades de nova forma de ocupação do território das Américas, na contramão de uma ocupação trágica e devastadora, somadas aos horrores da escravidão e o genocídio dos povos nativos.

[64] A entrevista foi publicada na Revista **Cadernos de Arquitetura FAUUSP**, nº 2, publicado pela própria faculdade em 2001, p.18-54.

[65] Publicada na revista **Caros Amigos**, nº 61, de abril de 2002.

[66] Matéria intitulada: **Mendes da Rocha, enfim, vira titular da FAU.** Publicada no jornal *Folha de São Paulo* de 7 de agosto de 1998.

A exemplo da entrevista[67] a Jupira Corbucci e Sophia Telles de 1996, o arquiteto opera com lucidez a transição dessa geografia de Milton Santos como adoção de uma localização estratégica para a consolidar e potencializar no tipo de espaço que a cidade deve oferecer aos usuários. Ao citar o Ministério da Educação como imagem ideal de consolidação, "Pois o seu encanto está na passagem do público, por dentro do edifício, como se a cidade pudesse ser toda assim: anda-se por dentro do construído, um pavimento de larga extensão...", a ideia de fluxos, a relação entre os sistemas de objetos e de ações e suas dinâmicas espaciais e sociais se entrelaçam, conceitos esses que analisaremos mais adiante com maior profundidade. Nessa entrevista também encontramos, provavelmente pela primeira vez, a frase de Le Corbusier sobre seu projeto sobre o Plano Diretor para Argel: "*c'est un dispositif fait de dessins imprevisibles de la vie*", sob a qual, Mendes da Rocha parece referenciar uma das suas mais célebres respostas, presente em diversas entrevistas, sobre o objeto da arquitetura: "amparar a imprevisibilidade da vida". Com isso, seguimos no exercício de abrir-se para uma consciência que acolhe a multiplicidade com o objetivo de se materializar espacialmente.

Logo, se faz de maneira quase que natural a promoção do encontro das conceituações de Milton Santos em uma leitura da obra projetual de Paulo Mendes da Rocha.

A aproximação de pensamento já ocorreu em algumas oportunidades em trabalhos acadêmicos, ainda que de maneira indireta ou muito breve. As já citadas teses de Villac (2001) e Otondo (2013) utilizam o geógrafo em momentos específicos. A primeira, na introdução ao contextualizar a urbanização no país nos anos 60 e o contexto cultural. E Otondo resgata, ainda que sem explorar as definições e os campos ampliados, ao estudar o território como conceito no pensamento do arquiteto. Milton Santos no caso é abordado como aporte a definição do geógrafo Rogério Haesbaert sobre desterritorialização.

Mas é novamente em Bucci (2010) que Milton Santos surge em um paralelo similar, em sua já citada tese sobre a construção de quatro operações projetuais. No capítulo três, em busca de sentido, ao levantar uma série de indagações sobre as extensões privadas e públicas, abre-se a reflexão de suas consequências no campo humano, a dualidade que engendra duas dimensões da existência humana, isolamento e dissolução. E então, Santos é convocado quase que em

[67] Reeditada em **Encontros** (2012), organizada por Guilherme Wisnik.

paralelo a Mendes da Rocha para elucidar como a noção de uma abordagem simultânea deve ser considerada no pensamento arquitetônico, para então a conceituação de espaço e totalidade, presente em **A Natureza do Espaço** (1996), ocupar recinto central na tese. Esse laço significativo na pesquisa demonstra que quando se lança a ideia de totalidade e constituição forma-conteúdo[68] e desemboca na estratégia de disposição espacial como projeto em Mendes da Rocha, apresenta-se a operação dos fluxos e ações que têm como objetivo permitir transformações e diversidade no lugar. Um processo projetual aberto e ciente de suas limitações de controle, que resgata a potencialidade cívica "presente na ideia de disposições espaciais a noção de totalidade, que ele percebe, e a aceita como fugaz" (BUCCI, 2010. p. 73). Curiosamente Segawa (2010)[69], depois de Bucci, volta a justapor o conceito das dimensões humanas e a obra de Mendes da Rocha.

Tendo em vista a complexidade e a vasta obra do arquiteto e do geógrafo, lançaremos três olhares necessários para a construção de conjunto que amplie os campos dialógicos sob a perspectiva da geografia aplicada ao ato projetual arquitetônico, reiterando que o objetivo é a uma leitura do desenho e do discurso. A leitura dessas "entrelinhas" tem o intuito de encontrar aquilo que já destacamos como essência da linguagem. Necessário reiterar que a compreensão de linguagem não como estilo arquitetônico não é parte do processo de investigação, mas no sentido de encontrar uma formulação específica de um pensamento complexo.

E assim, nos lançaremos a três ações de projeto, orientados pelo encontro do pensamento entre ambos. De certa maneira, com base na epígrafe primeira do trabalho de Walter Benjamin, nossas velas parecem estar orientadas no nosso objetivo central, a compreensão de um pensamento arquitetônico amparado e com objetivos claros de um desenho que seja socialmente responsável e consciente da imprevisibilidade das ocupações coletivas e plurais dos espaços urbanos. Com base na mirada de Milton Santos, iremos nos servir de três conceituações: Paisagem, território e espaço. Vale reiterar que o exercício que aqui se apresenta não deve ser compreendido como etapas isoladas e subsequentes. Ora uma emerge

[68] Conceito de Milton Santos presente em **A Natureza do Espaço**, a qual, em suma, revê a hierarquização da estrutura, forma e função, quando operada simultaneamente por meio da ação presente no espaço; tornando-se forma-conteúdo, é capaz retomar a noção de totalidade e, como consequência, gerar uma dialética social no espaço.

[69] Anos depois, Hugo Segawa também aborda essas duas dimensões para reverenciar a obra de PMR no texto produzido para a cerimônia de titulação de professor emérito na FAU-USP. Nele o autor se utilizada das conceituações *comunhão* e *solidão* como os valores centrais na obra do arquiteto.

com maior potência, a depender da necessidade discursiva, ora outra, sempre sob um aspecto de complementariedade.

A paisagem, de certa maneira, nos auxilia em especial na formulação de uma leitura crítica, passada para uma etapa de formulação a qual o projeto ambiciona responder. Necessário destacar que a paisagem, mais do que a conceituação básica da materialidade, seja ela natural ou artificial, contém uma carga fundamental de sua composição no campo histórico, social e político. Segundo Santos (2014), "a paisagem é o conjunto de objetos que nosso corpo alcança e identifica". Passando para o campo projetual, a palavra "identifica" é de fundamental importância para uma tomada de posição. O que o corpo alcança e identifica é particular, portanto, é por si, um partido. E é relativo aos objetivos e indagações que são escolhidas para compor o corpo teórico e crítico do discurso. A ideia de paisagem aqui nos interessa como ato primário de projeto, a ação de escolha de premissas. Como veremos adiante, a conceituação de paisagem carrega uma série de valores que vão se ajustando, somando e reformulando. Logo a ideia de paisagem irrompe a ideia renascentista de uma associação ao natural e intocado, a paisagem aqui nos interessa como arcabouço cultural, resultado de elementos físicos e históricos. No caso da arquitetura, a consciência a qual firmamos é a compreensão da paisagem como um dado carregado de consciência histórica e memória de "diferentes momentos do desenvolvimento de uma sociedade ... é o resultado de uma acumulação de tempos" (SANTOS, 2012, p. 54).

A definição de território, sob a luz de Santos, é exercício amplo e complexo. Ao longo de sua obra, surge ora como conceito, ora como categoria, e foi sendo abordada e encorpada a partir das vertentes de estudo ao longo dos anos, como aponta Lucas Fuini (2015). Dentro do nosso esforço de amarrar o pensamento que desemboca de um processo projetual, a abordagem do geógrafo dada em Espaço e Método (2014)[70], na qual o território parece ser fruto da manipulação espacial em fase inicial, lúcida de uma série de situações que envolvem de certa maneira parte da construção da paisagem no movimento anterior. Nesse ponto, é possível destacar novamente a consciência e a opção de se trabalhar com algumas bases. Conforme Santos "O território é formado por frações diversas. ... A articulação entre diversas frações do território se opera exatamente através dos fluxos que são criados em função das atividades, da população e da herança espacial." (2014, p. 96). O esforço concentrado no sentido de operar tais conceitos, sob uma ótica de projeto, parece se tornar mais natural com as conceituações subsequentes presentes no território de

[70] Primeira edição, Hucitec, 1985.

ações existentes, independente da escala, com base no artigo escrito por Santos em 1993, quando discerne os tipos de lugares presentes no território, seja urbano ou no campo.

> O território, hoje, pode ser formado de lugares contíguos e de lugares em rede: São, todavia, os mesmos lugares que formam redes e que formam o espaço banal. São os mesmos lugares, os mesmos pontos, mas contendo simultaneamente funcionalidades diferentes, quiçá divergentes ou opostas. Esse acontecer simultâneo, tornado possível graças aos milagres da ciência, cria novas solidariedades: a possibilidade de um acontecer solidário, malgrado todas as formas de diferença, entre pessoas, entre lugares. (SANTOS, 1993)

Ainda que outras definições, as quais retomaremos mais adiante, auxiliem na compreensão mais aprofundada, por ora, podemos nos ater ao paralelo do território como uma manipulação consciente de sua própria história somada ao intuito projetual. Novamente, independente da escala, trata-se de uma conduta perante a resposta projetual almejada. O geógrafo também deixa o caminho aclarado em como essa manifestação pode/deve recair sob a ótica arquitetônica.

> No caso do acontecer homólogo e do acontecer complementar, isto é, nas áreas de produção homóloga no campo ou de produção homóloga na cidade, o território atual é marcado por um cotidiano compartilhado mediante regras que são formuladas ou reformuladas localmente. (SANTOS, 1993)

É possível traçar paralelos com o lançamento das *estratégias projetuais*, Moneo e/ou da *disposição espacial*, Bucci, ambas amparadas por essa percepção, somada ao desígnio de uma revisão crítica civilizatória. É uma atitude de descortinar o próximo momento, já ligado à ocupação e ao *sistema de ações* nele contido, que tem como objetivo a promoção de um *acontecer solidário*.

Por fim, o encontro comum e final dos pensamentos do geógrafo e do arquiteto. O espaço. No qual adentraremos em um diálogo mais roteirizado tanto na prática, quanto passível de aplicado no ensino de projeto que almeja romper as funções sociais da disciplina. O estudo da estratégia de composição do espaço, tramada nas reflexões anteriores, sob a ótica dos *sistemas de objetos* e *ações* que compõem o espaço:

> Sistemas de objetos e sistemas de ações interagem. De um lado os sistemas de objetos condicionam a forma como se dão as ações e, de outro, o sistema de ações leva à criação de objetos novos ou se realiza sobre objetos pré-existentes. É assim que o espaço encontra a sua dinâmica e se transforma. (SANTOS, 1993)

Por mais que essas temáticas estejam sempre nas pautas e no cotidiano arquitetônico, a forma de manipulação e objetivo dessas ferramentas no processo projetual continuam sendo um debate pouco versado, ainda que urgente.

Antes de embarcarmos nas imagens conceituais de forma mais intensa, reitera-se que, por estarem subsequentes não devem ser lidas somente como tal, devem ser somadas e encaixadas em justaposição, de maneira correlata, ou seja, complementares. Em cada uma das três imagens, nos orientaremos por três desses projetos. Ainda que tenham sido escolhidos três projetos em cada, a expectativa é a construção de uma linha contínua e complementar. Podemos dizer, ou almejar, a ideia de que um arquiteto só faz um projeto em vida, todos eles são complementares e abrem campos de investigação que carregam os anteriores, não apenas no sentido da experiencia técnica, mas no sentido de serem capazes de comunicar um *desígnio*.



Figura 100: pmr-grande sertão veredas

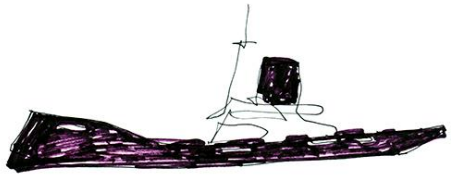


Figura 101: pmr-navio

Paisagem

> ... want to create buildings that speak about their time of their place and talk to people. So I have to do something to make memory speak. ... To me, landscapes are historical documents; I can try to read and interpret the place where i have to act as an architect ...
> (ZUMTHOR, 2018, p. 20)

> ... a paisagem é de formas heterogêneas, de idades diferentes, pedaços de tempos históricos representativos das diversas maneiras de produzir as coisas, de construir o espaço.
> (SANTOS, 1988, p. 75)

A paisagem é objeto de estudo em várias diversas disciplinas, portanto possui vários olhares e definições. Aqui, se apresenta como um caminho de interpretação crítica dos contextos objetivo e subjetivo. Ela fornece um suporte de leitura e compreensão da problemática na construção e afirmação do discurso filosófico citado por Miguel Pereira, o qual subsidiará o projeto como uma resposta. A ideia de paisagem é visitada sob dois aspectos: físico e cultural.

A paisagem já foi abordada na obra de Paulo Mendes da Rocha por alguns vieses. Novamente na tese de Villac (2001) ela surge como análise histórica provisória e experimental, como costura, "... la raiz común es, evidentemente, la consciência del valor del hacer humano, que presupone la experiencia del passado y um proyecto de futuro." (2001, p. 402). Nesse caso, a autora traz o conceito do indivíduo moderno, não no sentido de linguagem, e sim no de estado de ação, uma inquietação, comumente presente nas abordagens de diversos sociólogos e filósofos, em especial os da Escola de Frankfurt. A troca nesse caso, se apresenta no sentido objetivo de "emitir juicios y mirar em perspectiva". E assim, "... estabelecer uma periodicidad que enlace la obra com los fenômenos que la motivan, y que es um posible punto de partida y de llegada para la obra y para el texto crítico." O trabalho da professora focou na construção de um olhar geral acerca dos valores presentes ao longo de toda a carreira do arquiteto. Ainda que de abordagens diferentes, essa leitura caminha em paralelo à leitura de Bucci (2010) e Gandolfi (2016), citados anteriormente. Com base nesses apontamentos iniciais, é importante destacar a contextualização política e histórica na construção dessa mirada crítica; destacam-se as palavras do arquiteto sobre essa conduta e postura referentes à arquitetura como ferramenta de um projeto maior:

> (...) O arquiteto Vilanova Artigas legou-me essa visão crítica. Minha arquitetura sempre foi inspirada por ideias, não evoca modelos de palácios ou de castelos, mas a habilidade do homem em transformar o lugar que habita, com fundamental interesse social, através de uma visão aberta, voltada para o futuro. Porque o homem deve compreender que precisa agir na

> sociedade transformando a gruta em uma casa, a soleira da casa em ponte para cruzar o rio, o outro lado do rio em outra casa. O homem conversa, fala, transmite e constrói objetos materiais, máquinas. Isso é resultado de uma projeção: imagina-se o futuro e planeja-se o projeto, considerando a materialidade necessária para realizá-lo. Desde cedo o homem aprendeu que essa projeção é monumental, e monumental a sua presença no universo. É a sublime capacidade de prever o que vai ser feito. É a antevisão de forma resultante, de todo o engenho fabril, de toda a movimentação da máquina, da energia necessária, tornada, em determinado instante, imóvel na forma. Nessas projeções, o homem sempre foi além da necessidade estrita que a forma poderia suprir, ou seja, além de seu conteúdo útil. Passou a projetar a cisão que tinha desse mesmo nas formas. (MENDES DA ROCHA, 2000, p. 73)

Outro trabalho digno de nota, que nos interessa, ainda que sob um aspecto mais amplo das imagens mentais, o livro de Pisani, **Uma Genealogia da Imaginação**, faz uma série de costuras específicas acerca do arcabouço imaginário sobre a relação do arquiteto e seu encantamento pela cidade de Veneza. O fascínio que a cidade italiana opera no imaginário do arquiteto é mais uma luz sobre os valores que estamos procurando. O título do livro é um resgate de um dos raros textos, de mesma intitulação, produzidos pelo arquiteto e publicado no livro organizado por Rosa Artigas, onde encontramos um direcionamento assertivo sobre a importância do referencial imagético como ferramenta e justificativa da intenção, imagens diversas essas que carregam valores muito além dos aspectos formais, tipológicos ou qualquer outra aproximação projetual; a leitura criteriosa da história como ferramenta de transformação da paisagem natural.

> A disposição espacial comparece na memória como parte flutuante de seu território. Há um discurso e para haver um discurso ele tem que ser editado de algum lugar. Esse lugar construído só tem significado a partir de sua especificidade, uma edição da universalidade do conhecimento.
>
> ... É muito interessante, para mim, o exemplo de Veneza, não a Veneza decantada pela beleza de seus palácios, mas vista como uma nova geografia. (MENDES DA ROCHA, 2000, p. 70-71)

Com base nessas considerações, partimos a uma compreensão da paisagem como ato projetual. Segundo Milton Santos, “a dimensão da paisagem é a dimensão da percepção, o que chega aos sentidos” e “... percepção é sempre um processo seletivo de apreensão” (2014b, p. 68). Obviamente que a interpretação é amparada pela experiência acumulada, mas o que está em jogo é como ela atua de maneira resoluta no processo.

Santos, em **Metamorfoses do Espaço Habitado**[71] (1988), nos apresenta uma perspectiva mais profunda sobre o laço cultural na leitura de paisagem ao trazer a ideia de paisagem natural e artificial. Destaca-se a paisagem não no sentido de sobreposição ou de devastação, e sim do ponto de vista de adaptabilidade às demandas da vida coletiva urbana, apresentada por Carl Sauer: "... à medida que o homem se defronta com a natureza, há entre os dois uma relação cultural, que é também política, técnica etc. É a marca do homem sobre a natureza, chamada de socialização por Marx." (1988, p. 70). Diferentemente de outros arquitetos brasileiros contemporâneos, a exemplo de Lucio Costa que sempre construiu uma visão bucólica da paisagem e da natureza, em diversos depoimentos Paulo Mendes da Rocha ecoa a ideia de uma relação mais dramática entre o construído e a natureza. Talvez o exemplo mais simbólico dessa leitura seja a entrevista dada à revista **Caros Amigos**, 2002, intitulada **A natureza é um trambolho***,* onde trata da perspectiva do natural como algo a ser interpretado, adaptado e condicionado ao uso humano:

> A cidade por si é o lugar absoluto para conviver. Havendo a cidade, você não precisa destacar muito o que é praça. O que é parque. O povo com sua ação inaugura o lugar.

Nesse momento prévio, que antecede proposta aplicada e comunicável, Paulo Mendes da Rocha parece novamente lacear seus pensamentos com Milton Santos. Sobre a datação e movimento da paisagem, Santos destaca: "A técnica tem um papel importante, mas não tem existência histórica fora das relações sociais" (2014b, p. 75). Esse trecho é repetidamente abordado em suas entrevistas: "Nossa técnica tem que ser, ela mesma, elogiada. Ultimamente se percebe uma separação entre o que corresponde à nossa criação e o que corresponde à técnica".[72] A produção do arquiteto é, como já destacado, uma resistência no contexto da produção arquitetônica contemporânea que desarticula as investigações técnicas e desenho, do contexto e valores. Provavelmente um dos pontos decisivos para essa abordagem seja o fato da técnica sempre cumprir esse autoelogio. Em outras palavras, a técnica não deve ser utilizada desamparada de sua função natural de amparar e ampliar o desenho da paisagem e das ações envolvidas. Santos, por fim, parece aclarar definitivamente: "Desvendar essa dinâmica social é fundamental: as paisagens nos restituem todo um cabedal histórico de técnicas, cuja era revela; mas ela não mostra todos os dados, que nem sempre são visíveis". Delimitamos um importante marco, o entendimento da arquitetura como objeto que atinge sua utilidade quando servente a

[71] O livro é uma continuação, com adição de outros campos, das reflexões presentes em **Manual de Geografia Urbana**, de sete anos antes.

[72] Em entrevista a Luis Espallargas, em 2000, para **Paulo Mendes da Rocha**, de Helio Piñon.

um conjunto de ações. Ações essas que devem se fundamentar em um sentido amplo e coletivo.

Com isso, somando-se às considerações apresentadas, a conferência de Santos à FAU-USP, intitulada **Da paisagem ao Espaço** (1995), adotaremos alguns apontamentos para as aproximações projetuais:

- Sociedade e paisagem interagem de maneira constante e dinâmica.
- Paisagem é um fragmento de uma percepção maior.
- Percepção depende dos valores aplicados.

Em um primeiro momento, laceando com a narrativa proposta, é possível fazer uma analogia da diferença entre paisagem e espaço a partir de um pensamento arquitetônico. Ainda que dialógicos, paisagem e espaço contêm em sua natureza a diferença entre o local onde o indivíduo se encontra. A paisagem é um ato de aproximação e o espaço está relacionado ao ato de ocupar.

Para o processo de projeto de arquitetura, assim como na definição do geógrafo, o espaço deve ser compreendido como um engendramento, atribuído de valores, entre dois sistemas complementares indissociáveis: o dos *objetos* e o das *ações*. Diferentemente das operações contemporâneas do processo de arquitetura, voltaremos nosso olhar à leitura dos espaços propostos como atores, e não à atribuição do objeto como ator. Para Santos, a paisagem é formada por um horizonte do olhar, na qual há uma disposição de um conjunto de objetos. O sistema de ações pode ser percebido a partir da impressão dos valores abordados. Aplicando ao ofício arquitetônico, podemos inferir que a leitura da paisagem física associada de seus valores culturais permite um discurso propositivo para o espaço. A abordagem de Bernand Lassus também nos ampara: “El paisaje es siempre lo que está más lejos... lo inalcanzable. Y si alguna vez podemos acercarnos, em el mismo momento em que llegamos a él, el paisaje se convierte em lugar; ... el lugar em el que me encuentro” (2007, p. 144).

Portanto, considerando a palavra paisagem como um ato primário de projetação, adotaremos a paisagem cultural como a interpretação do contexto histórico sob a luz da memória e princípios, onde a interpretação, nesse caso, é a leitura com base na experiência colecionada para auxiliar a formulação das indagações às quais o projeto almeja responder, levando em consideração os objetos, as ações e o ser humano como ator.

De certa maneira, por meio do desejo humano, a paisagem quer ser espaço, em sua plenitude conceitual.

A aproximação projetual para a construção do imaginário no pré-projeto é um exercício necessário na obra de Paulo Mendes da Rocha. Como já exemplificado, é constante nas entrevistas do arquiteto a visitação em um campo ampliado para justificar os caminhos adotados. Todavia, a construção da tese se faz por meio de uma revisão crítica da aplicação técnica sobre um fazer. Conforme o próprio arquiteto, ao iniciar um projeto, não sabe como será, sabe como não será. Essa postura de memória como âncora assinala um caminho sem volta. É possível atinar que se sabe o que não será, subentende-se um conhecimento prévio recusado ou revisitado graças ao "instante inaugural da concomitância entre consciência e linguagem"[73]. Obviamente, tudo que produzimos é uma continuidade da linguagem humana propagada, ainda que não necessariamente de maneira consciente. No caso o que está em jogo é justamente a consciência da história no pensamento de Mendes da Rocha. Essa compreensão irrompe a ideia de utilização tecnocrática desamparada.

[73] Em entrevista a Fernanda Barbara e Fabio Valentim, em **Futuro desenhado** (2018).

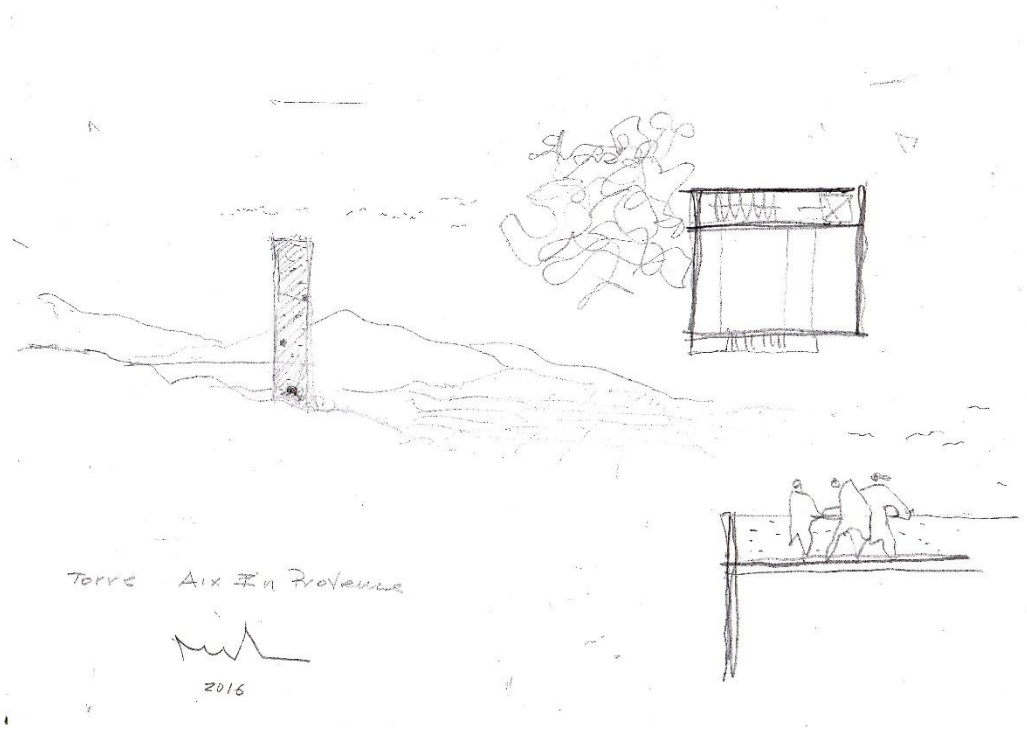


Figura 102: pmr-torre das andorinhas

Território

> (...) Por tanto, configurar el territorio me parece el primer riesgo de la Arquitectura, la primera imagen, la imagen fundamental para un vision de la Arquitectura. Como el Museo de Arte Moderno de Río de Janeiro, el MAM, de Affonso Eduardo Reidy, Su implantación es un elogio de todo eso.
> (MENDES DA ROCHA, 2011, p. 34)[74]

> O território é formado por frações funcionais diversas. Sua funcionalidade depende de demandas de níveis, desde o local até o mundial. A articulação entre diversas frações do território se opera exatamente através dos fluxos que são criados em função das atividades, da população e da herança espacial.
> (SANTOS, 2014, p.96)

O conceito de território em Milton Santos surge em diferentes momentos da produção do geógrafo. Destacamos dois dos primeiros, presentes em **Espaço e Método**[75] e **Metamorfoses do espaço habitado**[76]. A epígrafe agora nos lança a uma justaposição que nos aproxima da noção de espaço, tendo em vista a necessidade de fragmentação. Ainda em Santos, "não se deve esquecer de que, no espaço, o econômico, o social, o político e o cultural se dão de forma diferenciada" (p. 97). Reitera-se que a fragmentação é um instante que auxilia na compreensão do conjunto, e não a escolha de uma leitura em detrimento da outra. Três anos depois, o geógrafo nos aponta, de maneira objetiva, a interpretação enquanto ato projetual, o território como uma passagem para o objetivo final que é a consolidação do espaço: "a configuração territorial é o conjunto total, integral, de todas as coisas que formam a natureza em seu aspecto superficial e visível" (2014b, p. 85). Portanto, destacamos aqui que nesse momento ainda não encontramos os fluxos, ou melhor, o sistema de ações que operam e consolidam o espaço. Ainda nesse trecho, Santos nos apresenta uma reflexão simples que nos auxilia a

[74] Entrevista republicada no livro **La Ciudad es de todos**, organizada pela Fundación Caja de Arquitectos, originalmente na revista **D´art**, nº 7, de setembro de 2000.

[75] Primeira vez publicado em 1985 pela Livraria Nobel, e recentemente, versão aqui utilizada, pela Edusp em 2014.

[76] Primeira vez publicado pela Editora Hucitec em 1988. Aqui utilizamos a versão editada pela Edusp de 2014b.

aplicar a ideia de totalidade no campo arquitetônico: “A configuração territorial, todavia, é um todo. O mais rico e afoito dos mercadores, de nada valerá comprar um trecho da estrada de rodagem” (2014b, p. 85). Em outras palavras, ainda que soe óbvio, um projeto de arquitetura só encontra a sua plenitude se compreender e colocar em prática a premissa de continuidade. Nesse aspecto, surge uma crítica, quase que definitiva, ao pensamento do objeto isolado e sua incompletude, caso não se integre a uma totalidade. Provavelmente aqui se descobre o ponto mais intenso do encontro dos pensamentos do geógrafo e de Paulo Mendes da Rocha: a capacidade de compreender e almejar a continuidade. Por mais presente que se encontre na retórica do ensino de projeto, as noções de espaço urbano, espaços de cidade e a continuidade dos fluxos são um campo ainda pouco investigado sob o ponto de vista prático; isso submerge em uma nova seara de debate, em especial acerca de demandas mercadológicas. Não iremos adentrar nesse campo, pois não estamos assumindo a prática profissional como um produto comercial, almejamos, pelo contrário, reencontrar um fazer crítico pautado não apenas pelo caráter estético e técnico, e sim, primordialmente, pelo campo ético, regido por uma responsabilidade social consciente de suas virtudes e reverberações em todas as escalas citadas por Santos: *espacial*, *econômica*, *social*, *política* e *cultural*. Novamente na entrevista ***A Natureza é um trambolho***, encontramos uma resposta de Mendes da Rocha que reafirma a caminhada, ao ser indagado sobre o tema: “... o mercado que é incompatível com essa estética. A esperança suprema é a consciência dos homens, o mercado não pode construir o mundo”. Retomando a construção dos paralelos de território, em outra entrevista densa e complexa concedida à revista de psicanálise **IDE**[77], talvez pela sua temática incomum à arquitetura, encontramos uma coleção de respostas incomuns e reveladoras de Mendes da Rocha. A entrevista é intitulada ***Engendrando o humano***. Destaca-se a resposta ao descrever o projeto do MuBE:

> Estar de acordo – isso é fundamental. Não é isso, você está condenado a um museu mais ou menos de tal jeito. E aí, uma coisa que é muito bonita em arquitetura – talvez seja a chave em arquitetura: o que existe por dentro, o que se chama de disposição espacial. (p.8)

[77] Ide, Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, nº 31, 1998, entrevistadores Luis Carlos Junqueira e Roberto Kehdy. Essa entrevista também foi republicada na já citada coletânea **Encontros**, organizada por Guilherme Wisnik em 2012.

Nos encaminhamos a um campo mais prático e objetivo da prática projetual. Iniciamos um processo no qual as imagens de projeto começam se estabelecer sob o ponto de vista de conformação espacial, ainda sem conter o espaço em si. Nesse sentido também encontramos eco, novamente em Bucci, ao comentar Mendes da Rocha sobre *disposição espacial*:

> Ele faz isso como se procurasse nos objetos a substância do mundo – cuja o mundo, para os arquitetos, não é outra coisa senão a cidade. Porque ele, primeiro, precisa desmontar a estrutura das formulações existentes para recuperar a potência propositiva de cada um dos objetos que compõe a sua substância. Atravessa ou supera, para finalizar o desmonte analítico e reencontrar, na simplicidade dos objetos isolados, a sua potência propositiva para novas possibilidades – todas as possíveis – de configurações espaciais. (...) É assim que Paulo Mendes da Rocha elabora as suas "disposições espaciais" como imagens – modelos da realidade – que se desdobram em projetos. (2010, p. 69)

No sentido aqui objetivado, essa recuperação da *potência propositiva*, é onde encontramos a paisagem, *engendrando* essa organização espacial inicial. Continuando nesse esforço de colocar em diálogo o discurso de Santos e Mendes da Rocha, a entrevista do geógrafo concedida à revista Caramelo[78] da FAUUSP coloca em pauta justamente um dos assuntos mais caros presentes nos textos e entrevistas de Mendes da Rocha: a relação do espaço público e privado. No caso do geógrafo, essa temática surge a partir da formação social, que, no sentido que buscamos, reverbera nas estratégias de ocupação e sua integração ou não com a totalidade da cidade.

> (...) porque não temos cidadãos. No Brasil e no terceiro mundo não se criou um cidadão, enquanto o primeiro mundo o preparou desde o iluminismo. O cidadão é a mistura do homem público e do homem privada; nós não temos nenhum dos dois. ... No Brasil a classe média não quer direitos, quer privilégios."
> (1992, p.70)

[78] Edição nº 7, de 1992, intitulada **Caramelo + Cidade**.

Mendes da Rocha ecoa esse contexto do agudo conflito social em duas respostas em sua entrevista ao jornal espanhol *El País*, intitulada **Si es espacio, debéria ser público[79]:**

> Os edifícios isolados não encarnam a liberdade arquitetônica: ao contrário, representam incompreensão, incapacidade. A arquitetura é sempre uma invenção, algo vivo que deve mudar com o mundo e com a vida dos homens, portanto depende claramente não só de um contexto físico, mas também de muitos outros contextos.
> (...)
> Nós arquitetos, não deveríamos pensar em espaços privados e espaços públicos. O único espaço privado é a mente humana e o grande desejo do homem é que sua mente se faça pública, que consiga se comunicar, sem os outros não somos nada e arquitetura deveria refletir sobre isso.

No livro póstumo de Santos, intitulado **Da totalidade ao Lugar[80]**, no qual o tema volta ser objeto central de estudo em *O Retorno do Território*, o geógrafo novamente destaca que a conformação desses lugares, muitas vezes, é uma continuidade de conceitos puros e desprovidos dessa consciência.

> Vivemos com uma noção de território herdada da Modernidade incompleta e de seu legado de conceitos puros, tantas vezes atravessando os séculos praticamente intocados. O uso do território, e não o território em si mesmo, que faz dele o objeto da análise social. Trata-se de uma forma impura, um híbrido, uma noção que, por isso mesmo, carece constante revisão histórica. ... Seu entendimento é, pois, fundamental para afastar o risco de alienação, o risco da perda de sentido da existência individual e coletiva, o risco de renúncia ao futuro.
> (2014c, p. 137)

A partir daí, o diálogo e as conceituações entre ambos ficam francos, inclusive se utilizando de leituras e estratégias análogas como forma de leitura.

Ainda no mesmo livro de Santos, ao avançar sobre a categorias que organizam o território, utiliza-se de uma imagem *arquitetônica*, aproximando-se e facilitando o diálogo:

> É a partir dessa realidade que encontramos no território, hoje, novos recortes, além da velha categoria região; e isso é um resultado da nova construção do espaço e do novo funcionamento do território, através daquilo que

[79] Republicado no livro de coletânea de textos e entrevistas, **Futuro desenhado**, 2018, originalmente publicado na edição de 9 de junho de 2001.

[80] Edusp, 2014c.

> estou chamando de horizontalidades e verticalidades. As horizontalidades serão os domínios da contiguidade, daqueles lugares vizinhos reunidos por uma continuidade territorial, enquanto as verticalidades seriam formadas por pontos distantes uns dos outros, ligados por todas as formas e processos sociais. ... a noção de rede. As redes constituem uma realidade nova, mas além das redes, há espaço banal, o espaço de todos, todo o espaço, porque as redes constituem apenas uma parte do espaço e o espaço de alguns.
> (2014c, p. 139)

Na primeira entrevista, já citada, a Sawaya[81], na qual Milton Santos é abordado em pergunta a Mendes da Rocha, não houve uma continuidade direta, mas, como podemos ver, foi nesse mesmo depoimento que encontramos conceituações semelhantes sobre a disposição, agora sob a luz do arquiteto, incluindo temáticas técnicas aplicadas à mobilidade e à infraestrutura básica, como destaca e aplica o arquiteto. A continuidade é destacada em sentido amplo.

> Mais uma vez fica patente que o que é menos efêmero é justamente essa construção primordial das instalações. Nós hoje devemos considerar a arquitetura também no âmbito da mecânica: então você vê, a cidade é feita por uma sucessão, uma série de instrumentos mecânicos que trabalham no plano horizontal, metrô, trem, etc. uma rede de elevadores na vertical e esses paradigmas é que devem orientar a arquitetura e nem sempre esse ou aquele modelo.
> (2001, p. 21)

Feita essa conversa, por assim dizer, é possível aferir que há, de fato, um projeto ético, anterior ao produto técnico, no caso da arquitetura, o objeto. Há um admirável esforço de ambos os pensadores, no sentido de contornar a conformação espacial da cidade, não apenas sob a ótica morfológica ou sintática. Essa revisão perpassa necessariamente pela consciência histórica e pela experiência dentro desse avanço de somar a paisagem como leitura e reflexão, e transferir para esse conjunto estratégias de organização macro desse território, que posteriormente, agregado as ações, se tornará espaço. Esse jogo de estratégias, de aberturas e fechamentos, concessões e franqueamento, agregado ao sistema de ações, se tornará espaço.

Nosso olhar agora se volta a buscar nesses projetos que seguem como as *disposições espaciais* se conformam pautadas pela paisagem social e histórica, no intuito de conformar um território, apto a receber essa

[81] A entrevista foi publicada na revista **Cadernos de Arquitetura FAUUSP**, nº 2, publicado pela própria faculdade em 2001, p. 18-54.

diversidade de ações contidas no âmbito público da cidade. Importante destacar ainda por último, antes de nos lançarmos aos projetos, que Milton Santos em seu livro didático, **O espaço do cidadão**[82] também reverbera a noção comentada por Mendes da Rocha de contiguidade não apenas no campo espacial, e sim no campo de acesso e disponibilidade aos equipamentos de mobilidade e infraestrutura. E nesse ponto, também destacamos não apenas a capacidade crítica do geógrafo, mas também a propositiva, que reafirma como pauta primária a ação dos indivíduos no espaço. Segundo o próprio, "é impossível imaginar uma cidadania concreta que prescinda do componente territorial":

> Isso significa, em outras palavras, um arranjo territorial desses bens e serviços de que, conforme a sua hierarquia, os lugares sejam pontos de apoio, levando em conta a densidade demográfica e econômica da área e sua fluidez. Num território onde a localização dos serviços essenciais é deixada à mercê da lei do mercado, tudo colabora para que as desigualdades sociais aumentem. Uma repartição espacial não mercantil desses bens e serviços, baseado exclusivamente no interesse público, traria, ao mesmo tempo, mais bem-estar para uma grande quantidade de gente e serviria como alavanca para novas atividades. (2014, p. 144-145)

[82] Publicado pela primeira vez em 1987, pela Hucitec. Utilizamos aqui a versão da Edusp de 2014d.



Figura 103: pmr-arraia

Espaço

> Talvez esteja aí a raiz da arquitetura. Talvez essa seja a razão da arquitetura, agora com luzes, informações, com notícias do vir a ser. Uma visão poética sobre a forma, que ultrapassa, na sua dimensão humana, a estrita necessidade. Arquitetura não deseja ser funcional, mas oportuna. (MENDES DA ROCHA, 2000, p. 73)

> O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como um quadro único no qual a história se dá. (SANTOS, 2020, p. 63)

Transcorridas as duas primeiras conceituações, paisagem e território, culminamos no ponto de encontro comum das disciplinas: o espaço (em especial para Milton Santos e Paulo Mendes da Rocha, em suas áreas afins). E assim como o avanço de um projeto, as imagens anteriores vão perdendo a nebulosidade e se condensando, ganhando contornos mais definidos e densos. O espaço é tema de análise em diversas disciplinas e, por consequência, possui diversas definições, todavia, com base na construção feita até aqui, encontramos um esforço dialógico no entendimento espacial entre o arquiteto e o geógrafo. Talvez essa confluência e/ou complementariedade ocorra justamente pela natureza propositiva da arquitetura e a natureza descritiva e analítica da geografia. As disciplinas, nesse sentido, caminham de encontro. Ao lembrarmos do desígnio de Mendes da Rocha de imputar uma consciência histórica e cultural para costurar a proposição espacial de seus projetos, e em Santos, a leitura não apenas analítica, mas propositiva da geografia, atesta-se de fato um encontro natural. Uma arquitetura amparada por uma geografia histórica humana e uma geografia que de certa maneira propõe arquitetura[83].

O imaginário do arquiteto, como destacado em diversos momentos, descreve essas *imagens projetuais,* densamente carregadas de interpretações, no campo da história, além de muitas vezes, recorrer à sociologia e à filosofia para então iniciar aproximações projetuais pautadas por anseios coletivos. Nesse mesmo senso, Santos encaminha suas reflexões no sentido de encontrar alternativas que reconfigurem o espaço urbano segregador como regra, visando uma construção coletiva e democrática. Portanto, nessa perspectiva, há o desejo de uma revisão crítica de compreensão das

[83] Necessário destacar que essa reflexão é decorrente do depoimento dado pelo Professor Angelo Bucci, na banca de qualificação, com base na arguição de Milton Santos na, já comentada, banca de professor titular na FAUUSP em 1998. Infelizmente, os documentos da apresentação, segundo a Instituição, são sigilosos e não podem ser cedidos, ainda que se trate de um evento público.

cidades, seguido de um plano estratégico e propositivo de reorganização de áreas urbanas que sejam carregadas de ações coletivas e plurais, especialmente sob o ponto de vista da desigualdade socioeconômica. Feitas as considerações, é importante destacar que o intuito do trabalho aqui apresentado não é empreender a ideia ingênua de uma disciplina (arquitetura) capaz de reconduzir um processo complexo e multidisciplinar que proporcione uma transformação radical na política urbana e social, e sim resgatar a responsabilidade nela contida.

Antes de adentrarmos na conceituação de espaço proposta por Milton Santos, é necessário anotar o ponto de partida presente na base comum da noção de espaço entre o geógrafo e o arquiteto. O conteúdo central da compreensão do espaço são as ações nele contidas, os fluxos e suas atividades existentes, elevando o usuário ao centro gravitacional do pensamento (aqui é necessário destacar que não se trata de uma mudança de paradigma no pensamento arquitetônico). No campo da arquitetura, ainda que soe óbvio, tendo em vista que esse discurso das ações e do usuário costuma estar presente na cultura arquitetônica, ele não encontra retórica na produção espacial. Parte majoritária dessa prática projetual contemporânea, a técnica e a estética são apartadas do campo ético, o que resulta em objetos isolados desse sistema de cidade. Em Mendes da Rocha, a inserção da cidade no discurso não cumpre uma função lúdica; tal inserção visa ao sentido infraestrutural, consciente da necessidade de um funcionamento complexo e acessível sob a ótica do uso plural por parte dos habitantes em sua totalidade. Anseia, assim, reconfigurar as estratégias excludentes contidas no espaço urbano.

Em **A Natureza do Espaço**, Milton Santos sintetiza a construção de seu pensamento sobre a conformação espacial. Santos nos apresenta uma complexa rede de ferramentas a serem justapostas para compreendermos o espaço, suas dinâmicas e como os interesses hegemônicos manuseiam a seu gosto a distribuição desigual dos territórios e precarizam a sociedade. É o resultado do esforço concentrado de pesquisa do geógrafo, que consiste em apresentar uma visão capaz de explicar como técnica, mobilidade, acessibilidade, história e trabalho se organizam e segregam espacialmente a cidade. Uma leitura ampliada permite, por meio da totalidade, compreender como os espaços se organizam para aumentar as diferenças, e não por acaso, por um conjunto de ferramentas que produzem e energizam a alienação e individualidade nos cidadãos. Importante destacar que não se trata de uma situação momentânea, mas sim de um sistema que age por essa lógica por meio de diversos dispositivos que potencializam essa disparidade em todas as dimensões cívicas do cidadão: cultural, educacional, habitacional, infra estrutural e acessibilidade.

A sistematização do espaço, segundo Santos, é bastante dialógica com o pensamento arquitetônico, seja pelo didatismo ou

pela lógica cartesiana de explicação. Como dado de partida, o espaço é o conjunto indissociável de dois sistemas, o de *objetos* e o de *ação*. Em suma, as *ações* são fundamentais quando se tem como objetivo uma revisão da forma de ocupação: "o espaço são essas formas mais a vida que as anima" (SANTOS, 2021, p. 103). Seguimos a uma breve síntese, tendo em vista a densa e longa teorização feita por Santos desses elementos, abreviados aqui de maneira objetiva até onde entende-se necessário para continuarmos tecendo o diálogo.

O *sistema de objetos* trata-se de conjunto material, inanimado, que dá a morfologia do território, objetos esses com maior e menor grau de complexidade. Essa diferença decorre justamente pelos atributos que lhe são valorados, a exemplo do sistema mais complexo que é a cidade: um conjunto de objetos que foram constituídos em diferentes momentos da história, com a técnica disponível e funções a ele atribuídas, que não são estáticas, que vão sendo reformuladas, adaptadas e descartadas ao longo do tempo. Desse modo, "para os geógrafos, os objetos são tudo o que existe na superfície da Terra, toda a herança da história natural e todo resultado da ação humana que se objetivou" (SANTOS, 2021, p.72).

Já o *sistema de ações* trata-se do movimento, do ato, do indivíduo ocupando o espaço. Adentrando na complexidade contemporânea e suas demandas legítimas, Santos nos alerta que "muitas dessas ações que exercem num lugar são o produto de necessidades alheias, de funções cuja geração é distante e das quais apenas a resposta é localizada naquele ponto preciso da Terra" (2021, p. 80). Devemos destacar um ponto importante e incluí-lo na equação: há ações que são mobilizadas por meio de ações hegemônicas, que influenciam as ações individuais de diversas maneiras. Essas *ações* resultam de necessidades, sejam elas naturais ou criadas; "essas necessidades: materiais, imateriais, econômicas, sociais, morais, afetivas, é que conduzem os homens a agir e levam as funções" (p. 82). Essas funções transpassam para os objetos sua disposição e operabilidade.

Trazendo novamente Mendes da Rocha para a conversa, mais do que um posicionamento crítico com relação ao processo de trabalho de suas disciplinas, a construção filosófica de modernidade compartilha de uma base comum, presente tanto no pensamento de Habermas como no de Arendt: há a necessidade de revisão da consciência, tendo em vista a deturpação desse projeto emancipatório, portando coletivo, da construção da sociedade. Santos (2021, p. 80) registra e destaca que "a escolha do homem comum, em muitas das ações que empreende, é limitada. Frequentemente, o ator é apenas o veículo da ação, e não seu verdadeiro motor". Isso se deve ao conjunto de interesses hegemônicos; nessa perspectiva, uma "limitação à consciência implica uma forma particular de tomar ação. A outra vertente na limitação das escolhas vem das limitações à própria ação." (2021, p.81). Isso se dá por meio de diversos meios

comunicativos, diretos e indiretos, potencializados pela tecnologia. Com isso, podemos aferir uma consciência e intencionalidade anterior que orienta na leitura e na proposição desses sistemas. Essa breve consideração acerca das complexidades das ações sociais nos aponta um laço ainda mais ampliado entre os pensadores. Ambos se encontram movidos por um pensamento pautado que anseia proporcionar um resgate que possibilite amparar a emancipação do cidadão e suas ações, um valor fixo, em que há um conjunto de conceituações estabelecidas previamente para efetuar a leitura desses *sistemas*. Portanto, pauta-se sobre uma ética. Dessa maneira, reforça-se que o encontro entre ambos, e esse resgate presente no pensamento de Habermas e Arendt, vai além: as visões compartilham anseios comuns.

> Há um raciocínio muito bonito da Hannah Arendt que diz assim: "A promessa é a memória da vontade". Mas você não pode prometer algo em vão. Você tem que prometer um feito configurado para se constituir em promessa. A cidade deve estar pronta antes na mente dos homens para ser depois construída. É impossível que ela seja uma sucessão de ações não programadas, pois justamente a imprevisibilidade das ações individuais, que é grande encanto da nossa vida, só pode ser assegurada pela parte prevista daquilo que é fundamental: água, esgoto, escola, educação, saúde, atração, correntes, navegação etc."
> (MENDES DA ROCHA, 2012, p. 104[84])

E com o objetivo de amarrarmos a conjectura lançada no início do capítulo, da qual a relação entre desenho e discurso é previamente orientada por valores fixos, encontramos, agora, com mais clareza, a ideia de como o desenho é dirigido por um desígnio carregado de responsabilidades sociais, consciente desse enlaçamento de promessa e memória citado por Mendes da Rocha, pautando um plano crítico, amplo, consciente da necessidade de um funcionamento pleno desses *sistemas de objetos* para abrigar essas *ações*.

Sobre a conceituação de Santos, traremos a paisagem uma última vez, no sentido de elucidar o entendimento da mesma na construção e destacar a importância dos pontos levantados acerca das ações no campo arquitetônico. Já dentro do ideário do processo de projeto, é importante afastarmos definitivamente a ideia de arquitetura como disciplina autônoma. Com o objeto final da arquitetura sendo a produção do espaço urbano, a "paisagem é história congelada, mas participa da história viva" (SANTOS, 2021, p. 107). E assim, com a reconstituição dessa história, atrelada a

[84] Entrevista concedida à Professora Marta Bogéa, originalmente publicada na **Imagem Urbana: Revista Capixaba de Arquitetura**, de dezembro de 1998, e republicada no livro **Encontros** (2012), org. Wisnik.

demandas e conflitos contemporâneos que surgem conforme as desigualdades e complexidades se intensificam, a paisagem se torna elemento gerador de reflexões, tanto para o geógrafo quanto para o arquiteto. Santos ainda destaca nesse sentido: "(...) reconstituímos a história pretérita da paisagem. Mas a função da paisagem atual nos será dada por sua confrontação com a sociedade atual" (SANTOS, 2021, p. 107). Portanto, o laço da trajetória do processo, tanto na geografia quanto na arquitetura, deve ser costurado pelo entendimento de que, segundo Santos, "paisagem e sociedade são variáveis complementares cuja síntese, sempre por refazer, é dada pelo espaço humano" (2021, p. 106).

Lançadas essas novas pontes sobre o entendimento do processo de projeto de Mendes da Rocha, sob a lógica da geografia de Milton Santos, encontramos um recorte mais específico: nos direcionamos ao encontro das imagens projetuais. Como já comentado, Pisani fez um exercício parecido ao recortar a cidade de Veneza no imaginário do arquiteto e, aqui, com lógica parecida, iremos nos enveredar no imaginário espacial. Para isso, destacamos a entrevista dada logo após receber o Prêmio Pritzker em 2006[85], intitulada **O desejo sempre insatisfeito:**

[85] Concedida a Guilherme Wisnik e Martin Corullón, publicada no livro de Rosa Artigas (2007).

> Se você se propõe a ficar um pouco de fora, acaba vendo tudo como se fosse uma águia, ou uma gaivota. Eu acho que li muito pouco. Mas, para dizer assim, me lembro agora de relatos belíssimos de Walter Benjamin centrados na viagem extraordinária que ele fez a Moscou nos anos 1920, se não me engano. Relatos em que ele diz o seguinte: "Em parte alguma Moscou se parece consigo própria, mas com sua periferia". É uma reflexão crítica muito profunda. O que quer dizer "consigo própria"? Todos aqueles palácios e cúpulas... Então aquilo não era Moscou? Moscou é o povo. E ela pouco a pouco, no entanto, cai se parecendo com a sua periferia".

Curiosamente, essa convocatória de Benjamin, por Mendes da Rocha, representa a viagem à Moscou, mais precisamente em 1928 que conforme Bernd Witte[86] aponta, inaugura a primeira das descrições urbanas que posteriormente se tornaria a obra mais importante do filósofo alemão, **Passagens**[87]. O livro **Passagens** é uma coletânea, inacabada, publicada pós-morte, no qual Benjamin titula "Passagens" com base na experiência urbana de Paris. Nele o filósofo descreve fenomenologicamente as galerias, os seus ocupantes, a diversidade de usuários, a miséria, o luxo e a sobreposição dessas vivências na cidade como experiência. Nessa mesma década, Benjamin também publica um de seus poucos livros em vida, **Rua de Mão Única**

[86] **Walter Benjamin - Uma Biografia**, pela editora autêntica em 2017.

[87] Publicado pela primeira vez em português pela Editora UFMG em 2007.

Infância Berlinense: 1900, no qual revive suas memórias de criança sob a perspectiva da experiência do espaço das ruas da capital alemã, outro livro caro a essa forma de aproximação da vivência urbana, algo próximo ao que as **Cidades Invisíveis** de Italo Calvino fornecem para reflexões e ganchos em diversos trabalhos sobre os espaços urbanos. Regressando ao arquiteto, ainda na mesma resposta na qual comenta a *imagem* de Moscou, curiosamente o arquiteto comenta sobre a leitura da cidade de Buenos Aires pelo escritor francês André Malraux. Inevitável a conexão com a memória escrita no ano anterior para o concurso para a Sede dos Correios e Telégrafos em Buenos Aires[88]:

> Essa reflexão do Benjamin se parece com um relato que uns colegas argentinos me fizeram, há dois anos ou três anos, a propósito de uma vista do André Malraux a Buenos Aires. Depois de ver o Teatro Colón, a Praça de Maio, e todos os principais monumentos arquitetônicos da cidade, ele, lá pelas tantas, comentando aquilo tudo, disse o seguinte: "Muito interessante em Buenos Aires me parece a capital de um país imaginário". Ou seja, você faz um determinado cenário para algo que vai se apresentar enquanto cidade, enquanto nação, enquanto república. Mas quase nunca os cenários andam de acordo com as personagens. Por isso a sugestão do Benjamin é tão promissora. Não é só uma questão visual, do centro se parecer com a periferia. É como se não pudéssemos evitar a constatação necessária de que é nos hábitos da cultura popular que surge, sempre, o futuro. Quer dizer: as cidades, todas, serão eminentemente populares. Serão para todos.

De maneira mais manifesta, se apresenta aqui um ponto sensível para essa condensação de uma possiblidade para o pensamento projetual do arquiteto e a trajetória paralela à geografia de Santos. Evidencia-se um imaginário lançado, uma projeção, na qual está contida a cidade ocupada de maneira diversa no sentido de classes.

Ainda sobre como as imagens operam no imaginário projetual de Mendes da Rocha, na mesma entrevista já citada ao IDE, ao ser indagado se o processo de projeto do MuBE, o objeto surgiu como imagem pronta:

> Vai surgindo pouco a pouco. Eu já devo ter visto isso em algum lugar – uma gruta que eu entrei, sei lá. (...) Me ocorreu então de fazer essa grande laje. Uma boa ideia, portanto, é um desenho; ele se desenvolve sozinho; ele engendra os seus próprios espaços. O discurso, se eu der a epígrafe, ele se faz sozinho.

[88] Conforme já destacada na listagem dos projetos, para essa proposta só foi encontrado um esboço da memória descritiva.

Esse imaginário pautado por uma ética e um pacto incontornável de se arranjar a cidade sob uma ótica coletiva.

Regressando a Benjamin, na explicação poética do nome dado ao projeto literário inacabado de **Passagens**, podemos abstrair uma figura arquitetônica. É possível apontar uma dupla analogia do título, pelo fato da estrutura literária se organizar por meio de passagens escritas ao longo dos treze anos (1927-1940), mas também temáticas específicas que foram revisitadas ao longo desse período, reflexões que foram sofrendo adendos (seja mudança espacial, seja por uma nova forma de compreensão dos fenômenos). A escrita se estrutura em três momentos: fases *inicial*, *média* e *tardia*. Nisso encontramos uma seara de leituras possíveis, como as próprias passagens/galerias construídas nos anos 1800, sob a ótica de apropriação, onde as *ações* ocorriam em sua multiplicidade. Essas galerias foram um acontecimento na cidade que propiciaram a experiência de perpassar novas ruas transversais, uma nova perspectiva de experiência urbana que não acontecia na cidade de herança medieval. O encantamento de Benjamin por esses locais talvez ocorra pelo fato de ser onde as contradições urbanas se evidenciavam. Benjamin, ao descrever Baudelaire e as ruas de Paris, nos acena de maneira definitiva ao que procuramos:

> Aqui se dá através da ambiguidade própria das relações sociais e dos produtos dessa época. A ambiguidade é a manifestação imagética da dialética, a lei da dialética na imobilidade. Esta imobilidade é utopia e a imagem dialética, portanto, imagem onírica. Tal imagem é dada pela mercadoria: como fetiche. Tal imagem é representada pelas passagens, que são tanto casa quanto rua, Tal imagem é representada também pela prostituta que é vendedora e mercadoria numa só pessoa.
> (BENJAMIN, 2007, p. 48)

Em suma, Benjamin afirma: “de modo que uma tal passagem é uma cidade, um mundo em miniatura” (2007, p. 78). A intensidade da cidade sob o ponto de vista de fenômeno, que sempre gerou reflexões acerca da sociedade, se fez intensamente nesses espaços de contradição de contradição.

As reflexões sobre a técnica desarticulada de uma ética também já se encontravam nas anotações de Benjamin ao comentar que “o século não soube responder às novas virtualidades técnicas com uma nova ordem social” (2007, p. 67). O encantamento de Benjamin pelas passagens talvez seja mais um diálogo imaginário com Mendes da Rocha, que nos auxilia a entender o objetivo do espaço proposto pelo arquiteto. Dentro dessa lógica de espaço, distribuição desigual do espaço urbano, encontramos um cerne rígido e comum que permeia os pensamentos aqui combinados.

Sobre o olhar e as aproximações de estudo

Com base nos conceitos: *paisagem*, *território* e *espaço*, fundamentados no diálogo do pensamento de Paulo Mendes da Rocha e o de Milton Santos, no encaminhamos à hipótese de uma decodificação possível dos projetos. A estrutura de leitura segue um roteiro básico inicial. A entrada nos projetos se dará por meio de uma contextualização social/cultural e física sobre o sítio conforme a disponibilidade de informações, tendo em vista que as informações técnicas sobre equipe, documentação sobre o concurso e comentários gerais já foram visitadas no capítulo anterior. Todo o conjunto de pranchas submetidas ao concurso antecede cada análise. Com o objetivo de tratarmos especificamente dos projetos, essas informações de ordem técnica e objetiva sobre o certame aparecem apenas quando são necessárias para compreensão de alguma especificidade, seguidas de uma breve descrição sobre o material disponível ao qual a análise se aporta. As diversas memórias descritivas utilizadas na análise que segue, em grande parte, não se encontram disponíveis. Com o intuito de facilitar a leitura e promover o acesso às memórias que não foram transcritas na íntegra ao longo da análise, elas foram transcritas e se encontram anexadas ao final do trabalho. Por fim, adentra-se no projeto por meio de apontamentos e reflexões sobre a memória descritiva que acompanha os desenhos técnicos que se somam à estrutura teórica desenvolvida, além de entrevistas concedidas pelo arquiteto em períodos diversos de sua trajetória.

Com essa estrutura parcial comum, os projetos se tornam, enfim, elementos de análise. Com o objetivo de evitar pressupostos analíticos, as três imagens de projeto são utilizadas como ferramentas interpretativas, ou seja, elas vão ser requeridas conforme os projetos vão conduzindo *por assim dizer*. Lembramos que o trabalho intelectual implícito no processo de projeto de arquitetura, como já descrito em Miguel Pereira, não é linear e não necessariamente responde à mesma metodologia utilizada em uma circunstância como regra. Partimos da premissa que essas três "imagens-conceito" fazem parte de uma mesma expressão comunicativa única. Portanto, o projeto em si é sim passível de ser analisado sob a luz de cada uma delas, com a ressalva, como já dito, de que fazem parte de uma totalidade do pensamento. Todavia, para evitar que se perca a intensidade com que cada imagem se manifesta a depender da proposta, seja por tipologia ou mesmo por intenção de projeto, é com base na leitura do discurso imagem que análise inicial será identificada. Desse modo, reitera-se que não há hierarquia sob ponto de vista das imagens, ainda que a relação de paisagem – território – espaço passe a ideia de uma escala macro a uma escala micro. O exercício aqui empenhado é que elas aconteçam simultaneamente.

Necessário registrar que naturalmente a parte técnica/descritiva da natureza do projeto de arquitetura faz parte do estudo aqui empenhado, mas parte-se da hipótese, com base nos apontamentos das etapas anteriores, que a técnica é um meio comunicação, e não um elemento independente. Até sabemos que o domínio da técnica é uma constante na obra do arquiteto, capaz de se um gancho prolífico para a leitura de sua obra. Outra hipótese que permeia a análise é de que haja uma continuidade de pensamento entre os trabalhos estudados, já que há a ideia de que são complementares e abrem campos de investigação que contemplam os anteriores, não apenas no sentido da experiência técnica, mas no sentido de serem capazes de comunicar um desígnio.

A escolha dos projetos para análise da manifestação do *discurso filosófico* e *arquitetônico* se deu na ordem de disponibilidade de informações e a partir da contemplação de tipologias e escalas diversificadas. Tendo em vista a ênfase do trabalho em se voltar para uma leitura da relação entre desenho e discurso, optou-se por uma navegação livre de imagens associadas à experiência espacial e ao resguardo das obras que se encontram construídas: Clube Atlético Paulistano (1960), Jóquei Clube de Goiás (1962) e MuBE (1995), (excetuando-se pelo Pavilhão de Osaka (1969-1970) demolido após o término da Feira. Feitas as breves considerações, nos lançamos aos projetos:

- Clube da Orla do Guarujá - 1963;
- Pavilhão de Osaka - 1969;
- Transformação da Área Central de Santiago no Chile - 1972;
- Biblioteca do Rio de Janeiro - 1984;
- Instituto de Engenharia - 1988;
- Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Assunção - 2018.

Clube da Orla do Guarujá – 1963

conjunto de pranchas

figura104: PT_CA_PMR_2_PA-028-01-0001

figura105: PT_CA_PMR_2_PA-028-01-0002

figura106: PT_CA_PMR_2_PA-028-01-0003

figura107: PT_CA_PMR_2_PA-028-01-0004

figura108: PT-CA-PMR-2-PA-028_01019

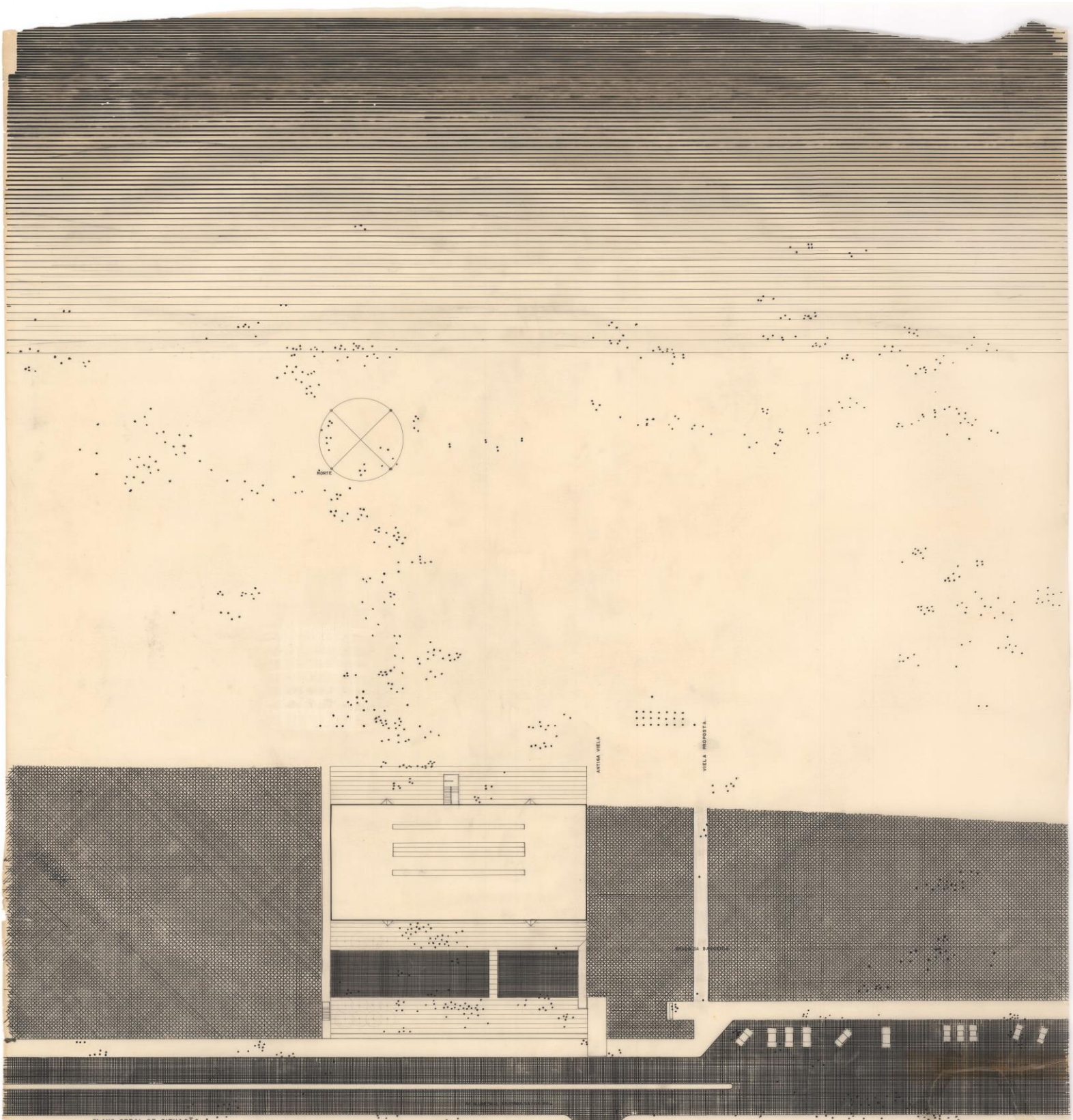
figura109: PT-CA-PMR-2-PA-028_01020

figura110: PT-CA-PMR-2-PA-028_01021

figura111: PT-CA-PMR-2-PA-028_01022

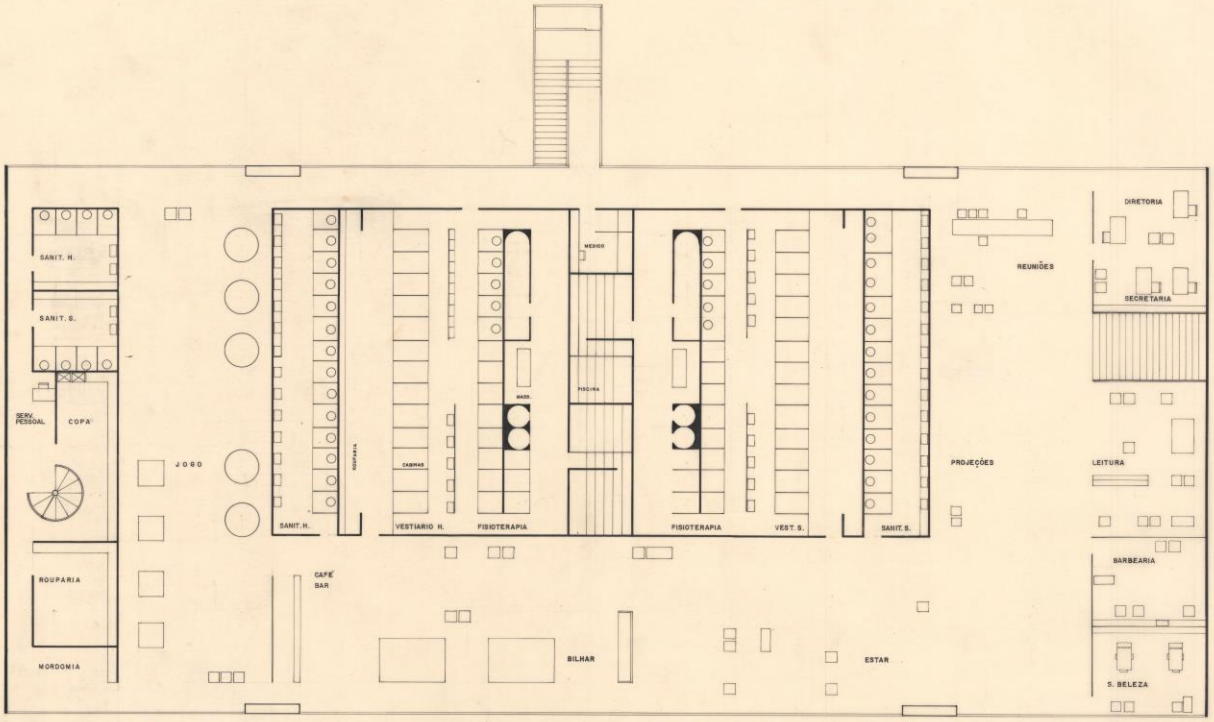
figura112: PT-CA-PMR-2-PA-028_01024

Fonte: Casa da Arquitectura



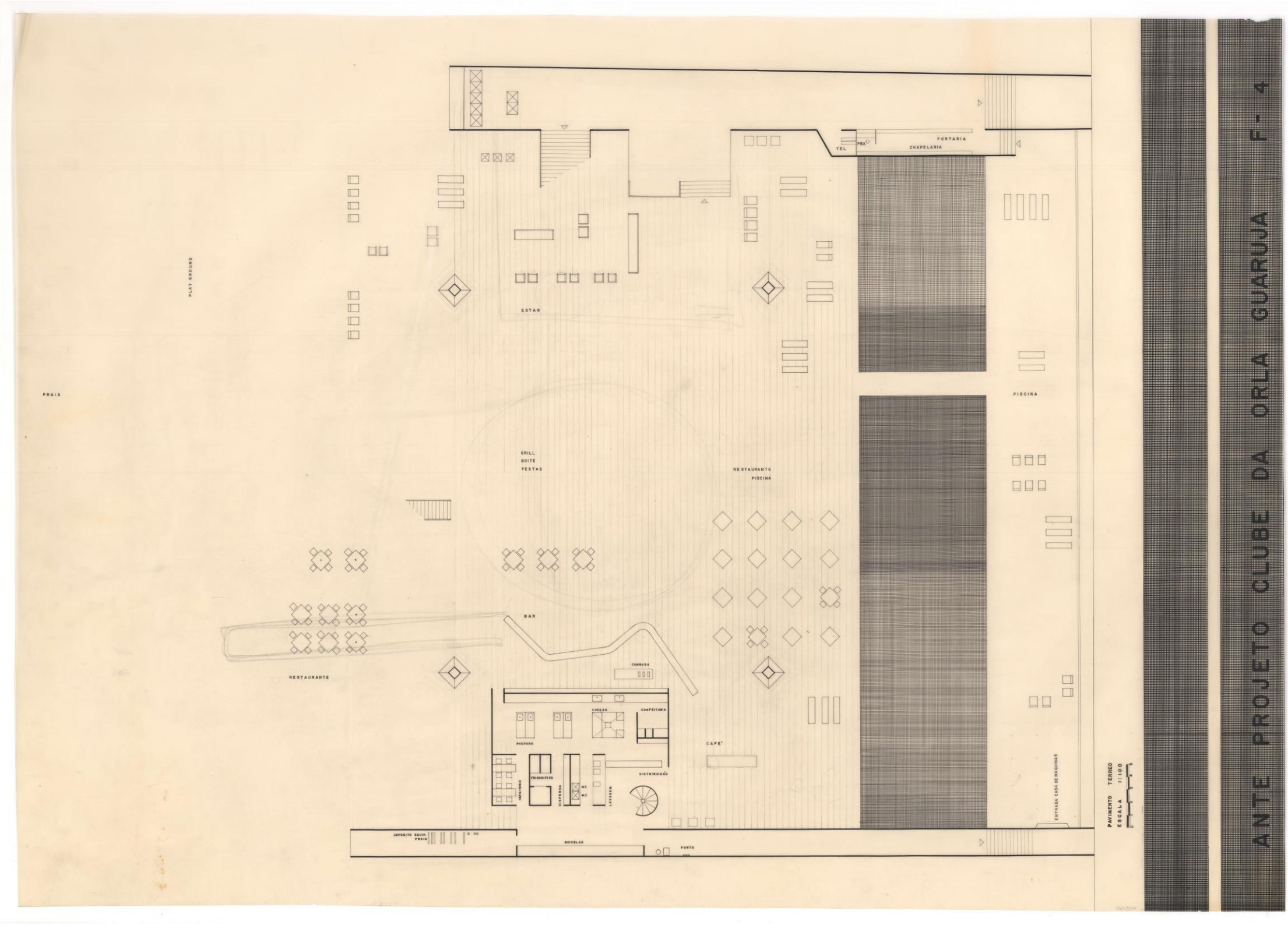
PLANO GERAL DE SITUAÇÃO
ESCALA 1:300

ANTE PROJETO CLUBE DA ORLA GUARUJA F- I

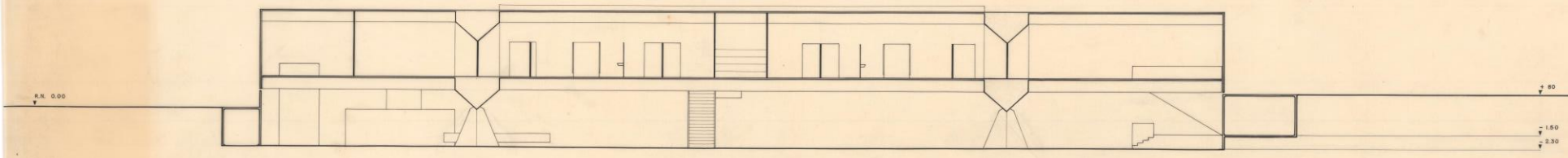


PAVIMENTO SUPERIOR
ESCALA 1:100
0 1 2 3 4 5

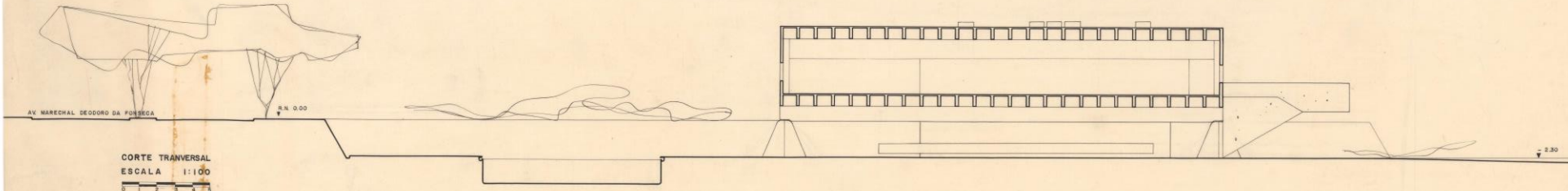
ANTE PROJETO CLUBE DA ORLA GUARUJA F- 3


PLAY GROUND
PRAIA
ESTAR
TEL
PBX
PORTARIA
CHAPELARIA
PISCINA
GRILL
BOITE
FESTAS
RESTAURANTE
PISCINA
BAR
RESTAURANTE
CAMBUSA
COZINHA
CONFEITARIA
PREPARO
CAFE'
REFEITORIO
FRIGORIFICO
DISPENSA
W.C.
W.C.
LAVAGEM
DISTRIBUIÇÃO
ENTRADA CASA DE MAQUINAS
DEPOSITO EQUIP. PRAIA
BAIXELAS
PONTO
PAVIMENTO TERREO
ESCALA 1:100
ANTE PROJETO CLUBE DA ORLA GUARUJA
FT- 4

ANTE PROJETO CLUBE DA ORLA GUARUJA F- 5



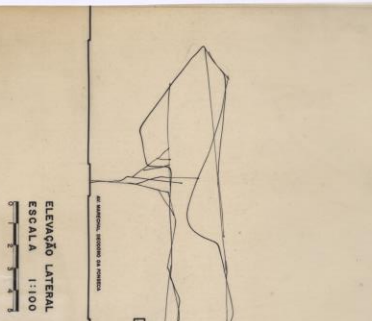
CORTE LONGITUDINAL.
ESCALA 1:100

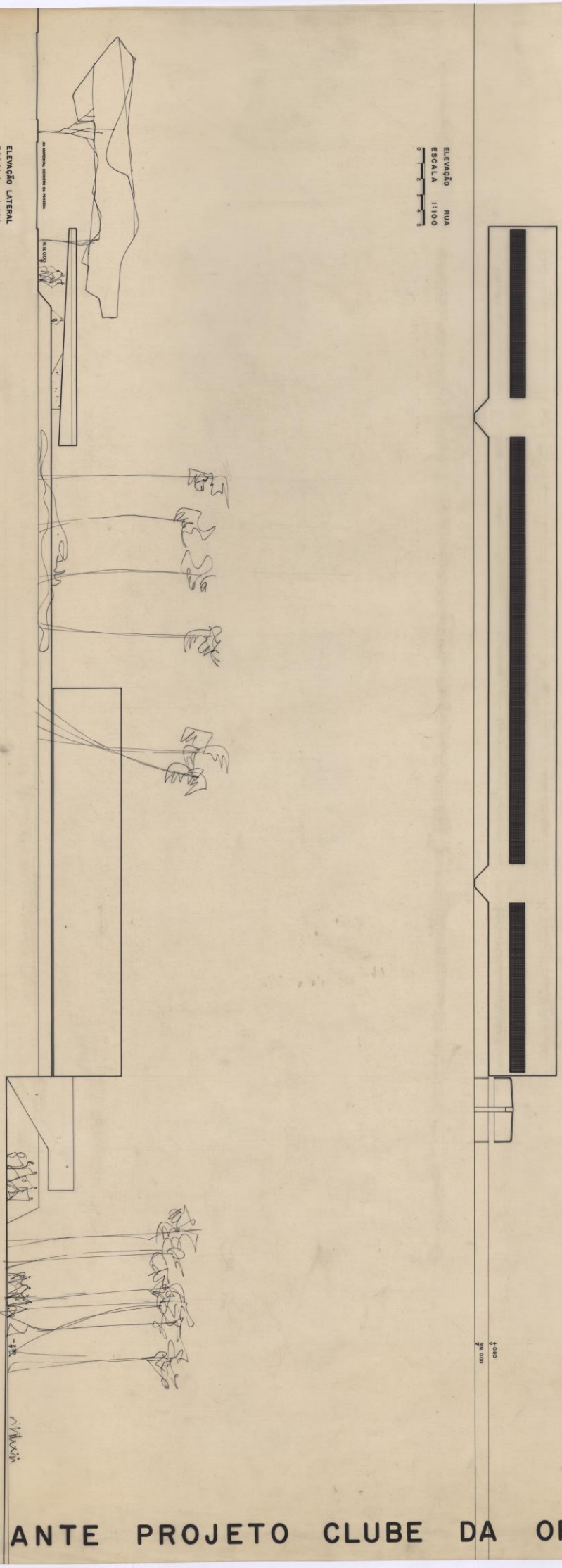


CORTE TRANVERSAL
ESCALA 1:100

ANTE PROJETO QUIOSQUES DA ORLA DA PRAIA

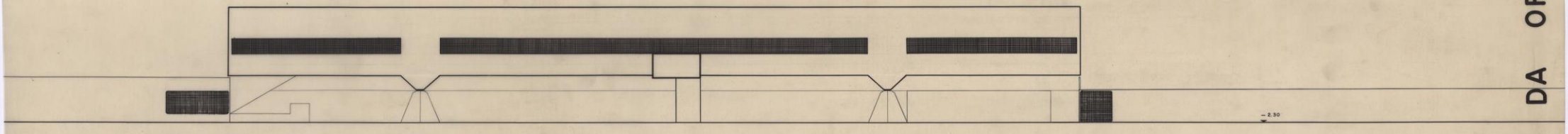
PLANTA COBERTURA
ESCALA 1:100



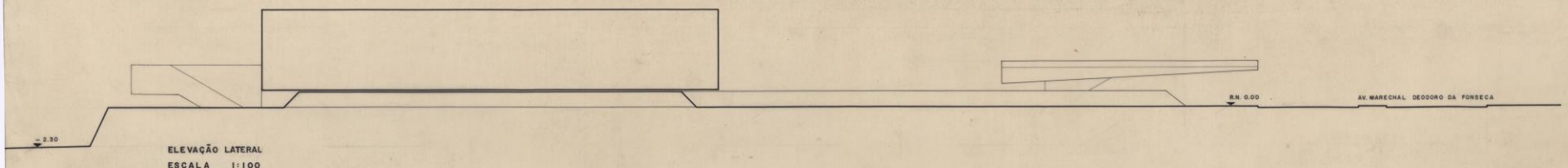


ANTE PROJETO CLUBE DA ORLA GUARUJA F- 6

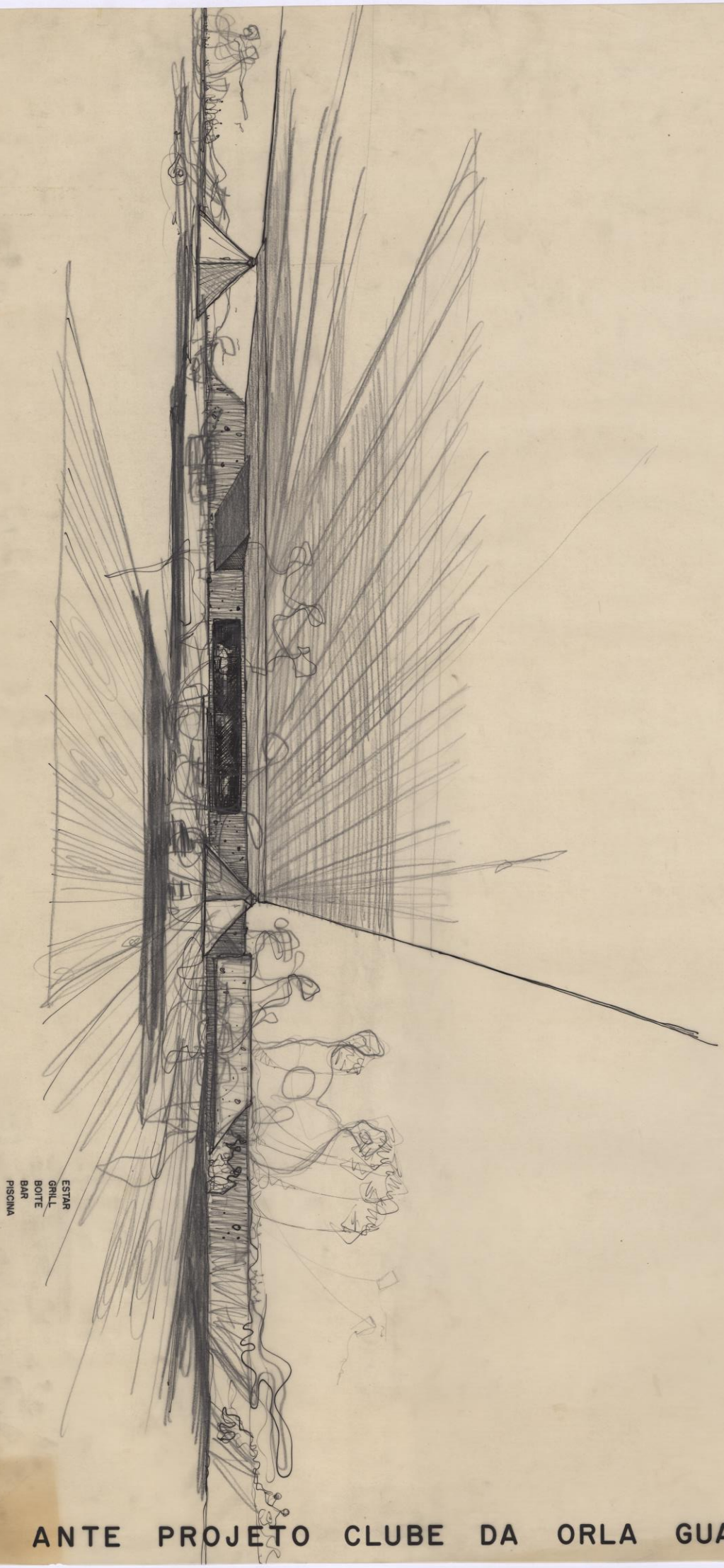
ANTE PROJETO CLUBE DA ORLA GUARUJA F- 7



ELEVAÇÃO PRAIA
ESCALA 1:100
0 1 2 3 4 5

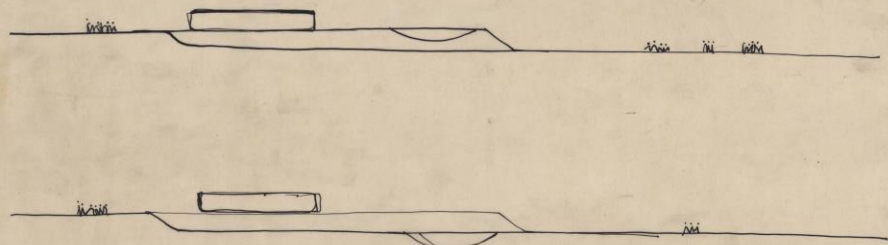


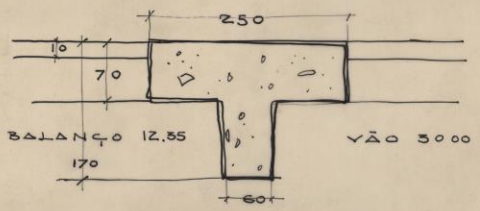
ELEVAÇÃO LATERAL
ESCALA 1:100
0 1 2 3 4 5

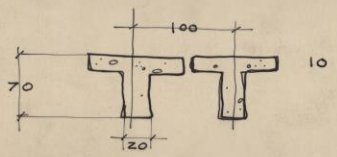


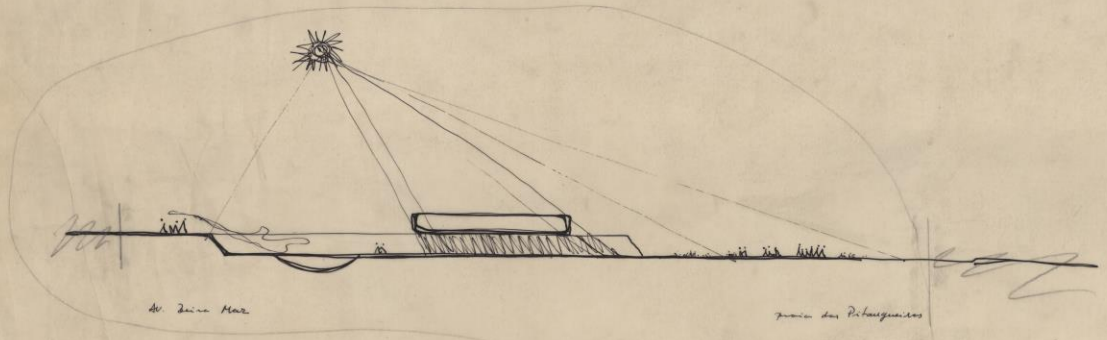
ANTE PROJETO CLUBE DA ORLA GUARUJA F-8

ANTE PROJETO CLUBE DA ORLA GUARUJA F- 9









22,8 cm

todos os traços
finos devem sair
clicher etcha-form

clube da orla do guarujá - 1963

O projeto para o Clube da Orla do Guarujá pertence ao início da carreira de Paulo Mendes, com 34 anos à época, ainda um jovem arquiteto, porém já nos aponta uma série de estratégias projetuais recorrentes ao longo de toda sua trajetória. O projeto em questão, ainda que não tenha recebido prêmio ou menção, ainda sim contém uma sorte interessante de investigação, inclusive é uma proposta que foi publicada algumas vezes depois. Em depoimento Paulo Mendes da Rocha destaca o apreço pela ideia contida: “poderia ser construído até hoje e eu diria, ah, pode fazer que é uma maravilha. Porque ele contém a ideia: tudo que seria do ponto de vista funcionalidade que é, digamos, o chato, difícil, foi resolvido”.

O concurso tinha como objetivo a seleção de um projeto para o clube privado a beira mar, situado na Avenida Marechal Deodoro da Fonseca, na Praia das Pitangueiras. Promovido em setembro de 1963, pela entidade homônima[89]. Com base nos desenhos dos participantes e a memória do projeto vencedor, é possível fazer alguns apontamentos sobre a paisagem urbana física. O terreno localiza-se muito próximo ao mar, onde geralmente se encontram equipamentos menores, tanto em escala quanto programa, a verticalização ao longo da orla já era uma realidade existente, levada em consideração na elaboração das propostas. Faz divisa lateral com uma praça, intermediada por uma rua peatonal e um lote vizinho, o qual inclusive é indicado na proposta vencedora como uma possibilidade de expansão. Há uma inclinação suave em direção ao mar. O terreno fazia parte do antigo Hotel La Plage, construído em 1912, por Ramos de Azevedo e demolido em 1959.

Foram encontradas 9 folhas em formato A1 submetidas ao concurso, dentre elas uma contendo uma perspectiva inédita, inclusive importante para a retórica com o discurso. A memória descritiva do projeto não está nas pranchas. A memória encontrada no acervo do escritório foi uma lauda enumerada (1) escrita em papel A4 acompanhada de um croqui. Foram elaboradas/adaptadas outras memórias para o projeto para as publicações, a exemplo da publicação de Artigas (2000).

> Este clube a beira mar é uma construção cuja disposição espacial transforma o lugar com um sentido de nova natureza. Paisagem além do cenário visual, com a determinação de transformar e produzir virtudes na

[89] O certame foi por carta convite, 9 dos 12 convidados submeteram suas propostas. (Flynn, 2001).

natureza, entre o urbano, avenida beira-mar, a praia e o mar.
Um novo recinto resultante da suspensão do edifício produzindo uma sombra acolhedora.
Todas as instalações técnicas do Clube estão nos dois tuneis-muralhas e no volume suspenso. Serviços gerais, salões de estar e jogo, vestiários e fisioterapia.
O espaço principal e a grande área de sombra entre a piscina e o mar, com o bar e o restaurante.

Transcrição da lauda encontrada no escritório.

O projeto para o Clube da Orla tem uma estratégia que irá se revisitada, adaptada e utilizada em diversos projetos do arquiteto. Destacamos aqui, com base nas imagens projetuais que acompanham o pano de fundo do imaginário da leitura aqui proposto, que a ideia que de reutilização dessa estratégia não é apenas no sentido volumétrico formal, e sim no campo da *paisagem*, manipulação do *território* e na ideia dos *sistemas* que conformam o espaço. Destacamos que essa estratégia pavilhonar é uma espécie de continuação reflexiva, iniciada ou menos documentada, na proposta vencedora para o Jóquei Clube de Goiás um ano antes. Dentre as diversas possiblidades de "entrada" no projeto, adotaremos aqui a estrutura da memória e acrescentando o depoimento dado por Mendes da Rocha sobre.

A memória inicia propondo, de certa maneira, a existência de um conflito, como sabemos é uma constante no pensamento do arquiteto, entre espaço habitado e o espaço *in natura* a ser humanizado. O próprio parece atribuir a outra dimensão não física da paisagem, como cultura, nesse caso como possibilidade de adequação e transformação dialógica. Logo em seguida podemos fazer uma analogia direta sobre a ideia de *território*, a operação de recorte do chão, adequação da topografia, conformando e organizando em um grande recinto a continuidade entre o espaço do clube e a praia pública, de certa maneira um espaço ainda carente de significado. A ideia de acolhimento sobre a sombra, pode ser entendida como a imagem da futura ocupação desse espaço, a contemplação das *ações*, ainda de maneira superficial. Segue-se de uma leitura sintética de ordem técnica, assim como a própria solução da disposição espacial dos *objetos*, e então, a palavra espaço surge sob a luz, ou melhor sob a sombra, que abriga as ações, agora alimentadas do programa solicitado, e do programa *inventado*, por assim dizer por Mendes da Rocha, a diluição das barreiras entre o espaço interno do Clube e a praia pública. Essas definições ainda ganharam profundidade discursiva, dando significado ao espaço a partir das intenções. Os concursos para o arquiteto, são uma ferramenta onde essas reflexões podem ser manifestadas e evidenciadas.

Passamos a uma breve descrição de como estão solucionadas as questões estruturais, que se confundem no caso com a disposição do

sistema de objetos. Duas fitas semienterradas nas extremidades do terreno servem como elementos de transição entre a rua e o Clube. Sua cobertura, inserida no mesmo nível da calçada/rua, cria uma relação visual generosa, eliminando a necessidade de criação de muros ou barreiras visuais na escala do pedestre. Ao longo dessas barras perpendiculares entre a rua e o mar, são dispostos serviços de informação e apoio. O túnel mais largo é destinado ao público e o outro ao apoio do bar/restaurante. O conjunto programático mais recluso, que exige fechamento está disposto no bloco suspenso. Nosso anseio é o encontro do *discurso implícito* em seu sentido amplo. Como bem explanado por Denise Solot, são nos cortes que grande parte das intenções projetuais de Paulo Mendes da Rocha estabelecem comunicação por meio da linguagem técnica, onde as intenções são cristalizadas através de estratégias projetuais. Uma possibilidade de elucidação, seria evocar a conceituação de tectônico e estereotômico de Alberto Campo Baeza. Dividir a leitura do conjunto em dois momentos nos auxilia na compreensão dessas estratégias de configurar o construído. O elemento tectônico, os túneis, são uma estrutura maciça com pequenas aberturas zenitais. O estereotômico é o pavilhão suspenso (64x25m), apoiado em quatro pilares, faceados no sentido longitudinal. Esse pavilhão iluminado por grandes aberturas na cobertura recebe aberturas horizontais ao longo de quase toda sua extensão. Os balanços no sentido longitudinal estão próximos da relação ideal de equilíbrio estrutural, 1/5 do vão total, na proporção de 12m/30/12m. Os pilares de formato piramidal recebem a carga de uma grande viga transversal distribuída, essa, por sua vez, recebe um jogo de vigotas esbeltas espaçadas em uma malha de 1m.

> Em alguns casos, a seção transversa mostra toda a estrutura. Pelo seguinte: a questão da técnica, que diz como fazer aquilo, põe para a Arquitetura uma posição de uma dignidade incrível. É como quem escreve. Se você não conhecer a língua, não adianta você ser poeta… Alguém já disse: as palavras estão para o literata, de um modo geral, como as pedras de uma catedral. O discurso é uma construção. Se você não sabe escrever, você não pode fazer poesia nenhuma. Não adianta ter imaginação, ninguém vai ver aquilo. (...)
> MENDES DA ROCHA, 2018, p. 38

O projeto se assemelha em diversos aspectos às soluções estruturais utilizadas pelo arquiteto na proposta vencedora para concurso para o Jockey Clube de Goiânia, no qual o elemento base destinado a usos diversos é entrincheirado no chão e o pavilhão de funções livres sobreposto. O pavilhão elevado do Jockey Clube (103x47m) é resolvido com mais elementos de apoio, porém a solução estrutural de escoamento de cargas segue a mesma lógica da proposta para o Clube da Orla. Os pilares piramidais, com proporções mais delgadas remetem à solução dada por Vilanova Artigas na FAU-USP. É notável também destacar na obra do arquiteto as referências a elementos de arquitetura e releituras formais e comportamentais da estrutura ao longo de toda sua carreira.

> Portanto o concurso é uma oportunidade para você editar aquilo que você quer dizer, sem querer agradar o cliente, que te cobrou pra você fazer o produto que ele vai vender e ter lucro.
> MENDES DA ROCHA, 2017.[90]

Feita essa breve descrição do objeto físico, retoma-se a hipótese que nos anima, a ideia que a técnica responde a um desígnio maior. E necessário reiterar que o objetivo não é colocar a técnica como um discurso menor, até porque nela está contida, tanto no desenho quanto no discurso, o discurso do todo, que é regido dentro de conjunto de intenções ampliadas, além do objeto técnico isolado em si. A construção da cidade a partir de um entendimento crítico da paisagem cultural e física, estabelece valores vigentes a serem mantidos/revistos em novos modos de operar a geografia da cidade desejada. Nesse caso específico do Clube da Orla, que envolve paisagem litorânea, temática constante no imaginário do arquiteto, a representatividade da sombra ganha uma função lúdica que revisa a forma de habitar o território que deve conter espaços diversificados e complementares.

> Nós ficávamos tomando banho de mar, por exemplo, na Praia do Canto, lá em Vitória, e aparecia um menino, coitado, condenado, entre outros, que tinha uma vara aqui, com aqueles dois cestos pendurados, que ele vendia laranja… o pai que mandava. Aí ele largava aquilo tudo e entrava no mar com a gente, também. E ficava uma farra enorme.
> Ou seja, na praia todos são iguais.

Com base nesses apontamentos nos aproximamos de uma camada mais densa e complexa das intenções contidas no discurso, tanto aspecto das ações que ali devem estar contidas e quando no desejo de uma solução de um objeto único capaz de abrigar. O discurso ganha em complexidade quando incluímos evidenciamos a consciência e a imagem de correção do quadro das diferenças, nesse caso social, e como a disciplina tenta/almeja propor alternativas. Não há a possibilidade de aferir se é ou não suficiente para tal, o exercício é encontrar e aferir essas ancoragens do pensamento. E ainda, continuando no mesmo depoimento, a partir do exemplo dado pelo arquiteto, da praia como espaço de democracia, questionou-se os espaços de democracia nas cidades sem espaço naturalmente democrático. Encontramos na sua resposta mais uma *imagem* fixa:

> Aí é que está a graça… tem que ser construído. É a própria cidade. A cidade foi feita, se você quisesse, para

[90] Posteriormente o depoimento se tornou livro**, Sobre Concursos e Memórias: Paulo Mendes da Rocha** pela editora MGSR, 2018. (2018, p.38)

> que nós pudéssemos conversar. Não existe espaço privado, do ponto de vista de um arquiteto. Se é espaço, é público
> ....
> Portanto a Arquitetura, antes de mais nada, ela exibe o êxito da técnica em relação à realização de desejos. Estar na praia, sem estragar a praia. Construir a cidade, sem destruir a natureza. São Paulo é um exemplo claro. Os rios estão podres, são esgotos. Uma tragédia. [91]

Com isso, de certa maneira, migrando da geografia para arquitetura esse projeto também nos orienta no sentido de uma constante na obra do arquiteto, a sombra. Esse elemento, tão comum, enquanto imagem na disciplina arquitetônica, também se apresenta carregado de valores implícitos.

> Não parece uma forma inventada de uma nova espacialidade que resolve tudo, tanto que o sol tá aqui, a sombra… a grande virtude disto é essa área de sombra. Equivale a dois mil guarda-sóis na praia, que é o horror que você vê hoje. A praia fica virgem, e a construção é construção.
> MENDES DA ROCHA, 2017.[92]

A forma como o objeto se amarra a um conjunto de valores é um ponto fundamental para uma leitura da técnica no sentido de ampliar os limites de sua compreensão. Por último, sobre esses valores simbólicos atribuídos, ao ser questionado sobre a lógica da sombra no MuBE, o arquiteto faz uma ressalva, que demonstra que esse mesmo elemento, a depender do discurso, se altera enquanto valor:

> A ideia do MUBE é mais a marcação de um lugar, que produz uma sombra interessante… isso é outra questão. Não tem o valor dessa sombra [referindo-se ao Clube da Orla, do Guarujá][93]

O posicionamento social e político de um jovem arquiteto, ainda em lapidação, se apresenta com um núcleo rígido já definido, se manifesta de maneira crítica em relação ao desenho urbano das cidades brasileiras, consciente de suas complexidades sociais e da responsabilidade que a disciplina arquitetônica, apesar de não ser capaz de resolver sozinha, deve refletir e responder. É nesse sentido que encontramos as indagações e revisões da forma como

[91] Posteriormente em **Sobre Concursos e Memórias: Paulo Mendes da Rocha** (2018, p.48 e p. 38)

[92] Idem. (2018, p.36)

[93] Idem. (2018, p.42)

desenhamos e habitamos a cidade e as diretrizes que norteiam as estratégias projetuais adotadas como manifesto e posicionamento crítico. No desenho, o discurso é convertido em espaços generosos, criando laços democráticos com o território e a uma paisagem cultural tecida por meio de um olhar que mira uma nova forma de ocupação. Conforme Matheus Gorovitz destaca em **Desenho e soberania** (1999), o desenho assume um caráter libertário quando tem como objetivo o processo dialético de transformar a natureza e a si mesmo. Dessa maneira, o desenho recebe desígnios de liberdade e emancipação:

> ... ao promover a interação das dimensões subjetivas e objetivas e exercitar tais prerrogativas, a obra-de-arte faculta ao indivíduo, seja no instante da concepção ou da apreciação, objetivar a consciência da totalidade - a plenitude das capacitações individuais.
>
> GOROVITZ, 1999, p. 38.

Extrapolando as reflexões aqui investigas, nesse mesmo período, do outro lado do Atlântico em Matosinhos Portugal, uma outra obra fruto de concurso, com um programa e contexto muito semelhantes, estava sendo desenvolvida, posteriormente inaugurada em 1966. A piscina de Leça da Palmeira, de Álvaro Siza. Pela situação curiosa se apresenta como um diálogo interessante de formas de enfrentamento diferentes mas igualmente potentes. Em Siza, um acesso e diálogo silencioso e introspectivo, enquanto no caso de Paulo Mendes da Rocha, com base em um imaginário urbano denso e complexo, o objeto impõe um diálogo espacial por meio de uma estratégia operacional que coloca como objeto e como vazio simultaneamente, acenando para a paisagem.

Pavilhão de Osaka – 1969

conjunto de pranchas

figura 113: PT_CA_PMR_3_PA-002-01-0008

figura 114: PT_CA_PMR_3_PA-002-01-0009

figura 115: PT_CA_PMR_3_PA-002-01-0010

figura 116: PT_CA_PMR_3_PA-002-01-0011

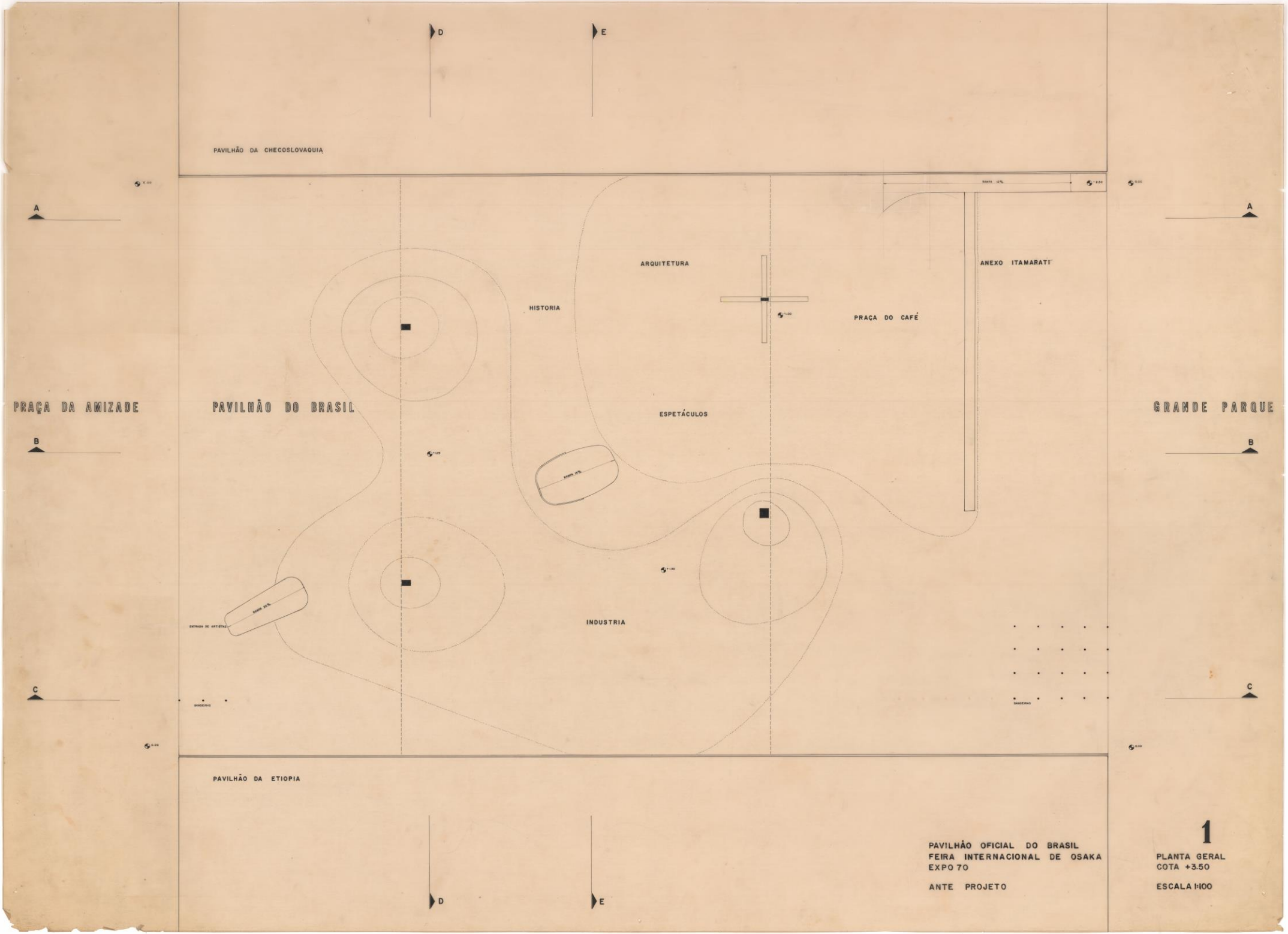
figura 117: PT_CA_PMR_3_PA-002-01-0012

figura 118: PT_CA_PMR_3_PA-002-01-0013

figura 119: PT_CA_PMR_3_PA-002-01-0014

figura 120: PT_CA_PMR_3_PA-002-01-0015

Fonte: Casa da Arquitectura



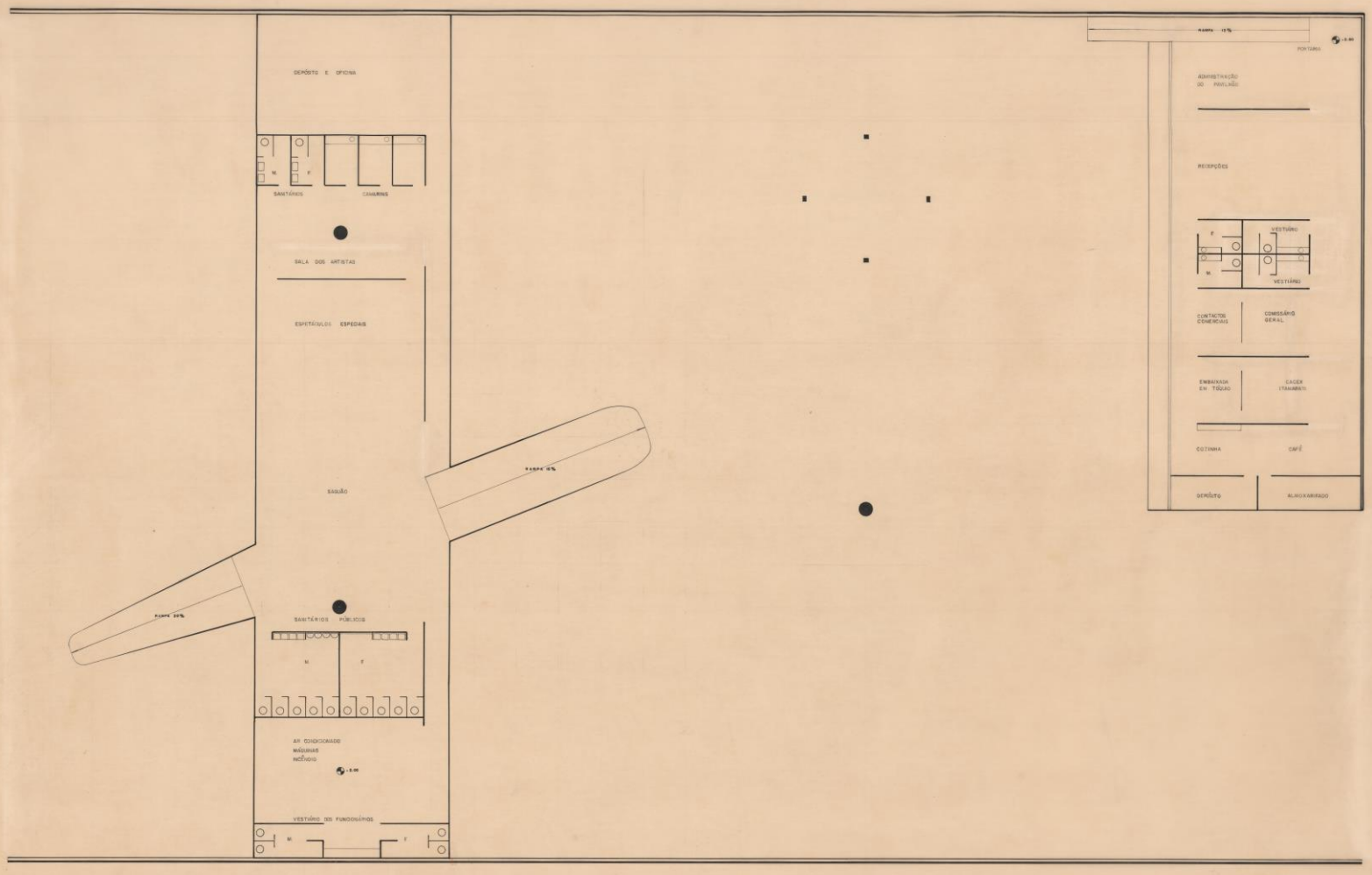
PAVILHÃO OFICIAL DO BRASIL
FEIRA INTERNACIONAL DE OSAKA
EXPO 70

ANTE PROJETO

1

PLANTA GERAL
COTA +3.50

ESCALA 1:100



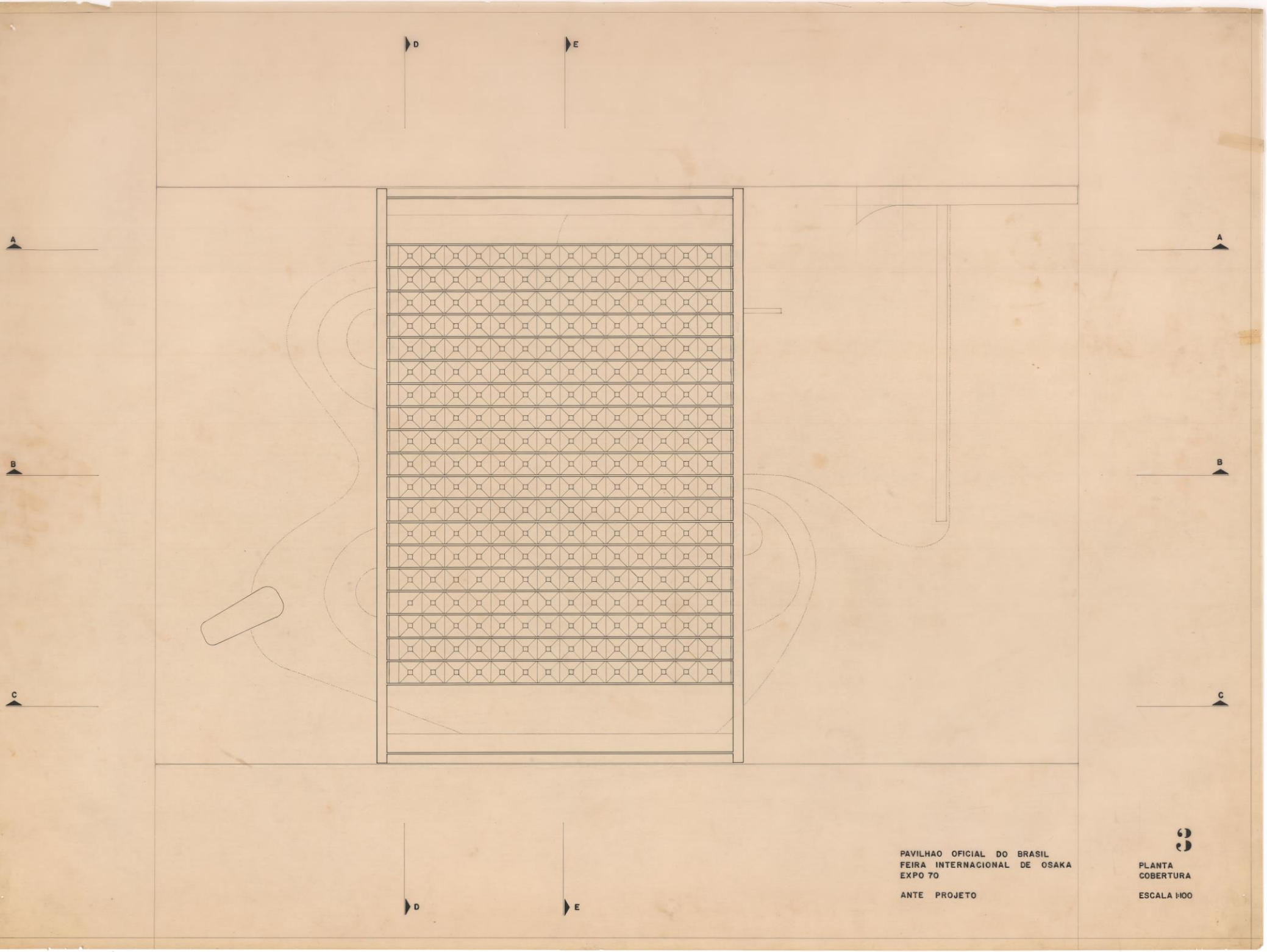
PAVILHAO OFICIAL DO BRASIL
FEIRA INTERNACIONAL DE OSAKA
EXPO 70

ANTE PROJETO

2

PLANTA
COTA - 1.50

ESCALA 1:100

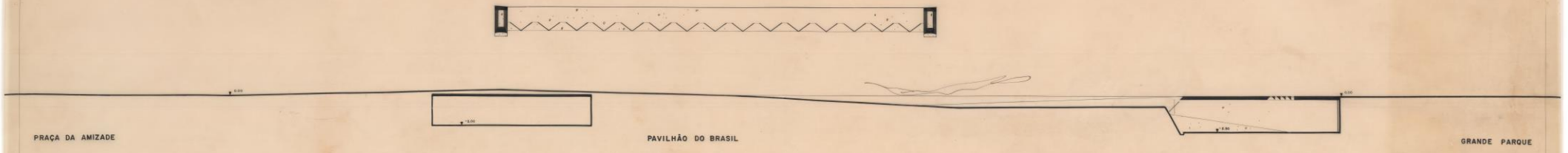


PAVILHAO OFICIAL DO BRASIL
FEIRA INTERNACIONAL DE OSAKA
EXPO 70

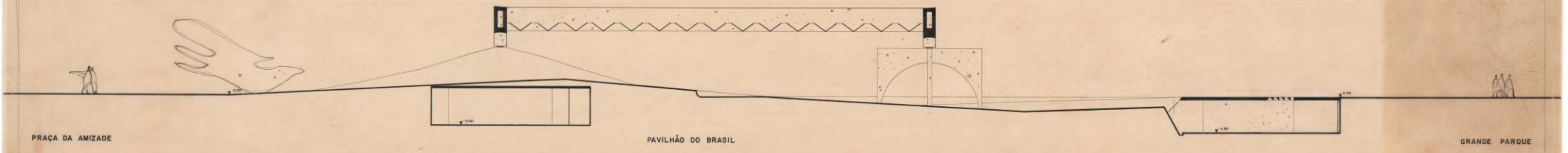
ANTE PROJETO

PLANTA
COBERTURA

ESCALA 1:100



CORTE AA



CORTE BB



CORTE CC

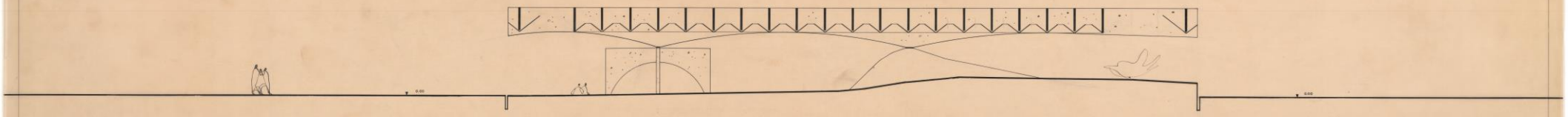
PAVILHÃO OFICIAL DO BRASIL
FEIRA INTERNACIONAL DE OSAKA
EXPO 70

ANTE PROJETO

4

CORTES
AA BB CC

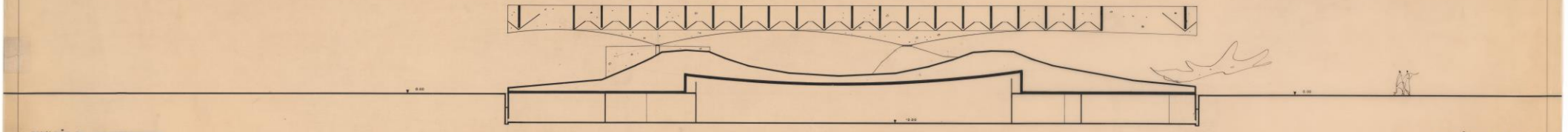
ESCALA 1:100



PAVILHÃO DA CHECOSLOVAQUIA

PAVILHÃO DA ETIOPIA

CORTE EE



PAVILHÃO DA CHECOSLOVAQUIA

PAVILHÃO DA ETIOPIA

CORTE DD

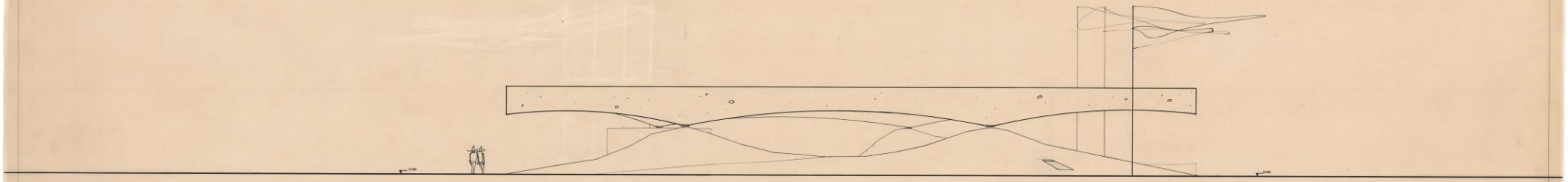
PAVILHÃO OFICIAL DO BRASIL
FEIRA INTERNACIONAL DE OSAKA
EXPO 70

ANTE PROJETO

5

CORTES
DD EE

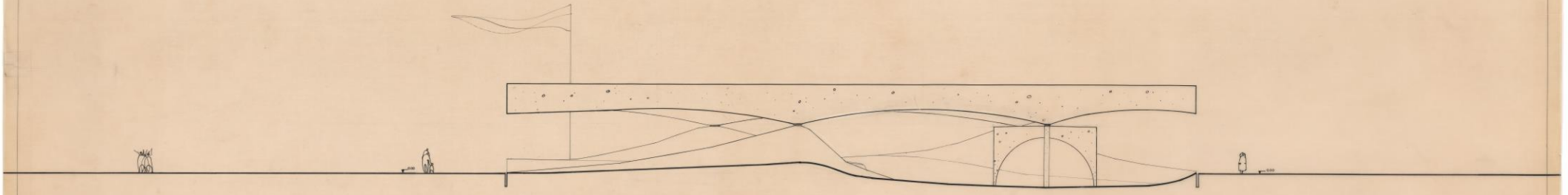
ESCALA 1:100



PAVILHÃO DA CHECOSLOVAQUIA

ELEVAÇÃO PRAÇA DA AMIZADE

PAVILHÃO DA ETIOPIA



PAVILHÃO DA CHECOSLOVAQUIA

ELEVAÇÃO GRANDE PARQUE

PAVILHÃO DA ETIOPIA

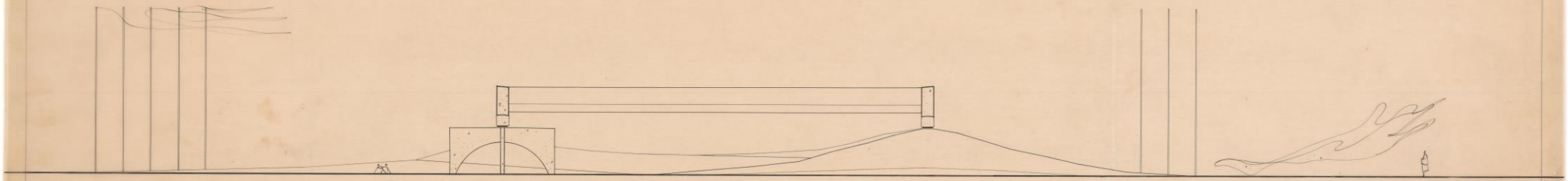
6

PAVILHÃO OFICIAL DO BRASIL
FEIRA INTERNACIONAL DE OSAKA
EXPO 70

ELEVAÇÕES

ANTE PROJETO

ESCALA 1:100



GRANDE PARQUE

ELEVAÇÃO CHECOSLOVAQUIA

PRAÇA DA AMIZADE



PRAÇA DA AMIZADE

ELEVAÇÃO ETIOPIA

GRANDE PARQUE

PAVILHÃO OFICIAL DO BRASIL
FEIRA INTERNACIONAL DE OSAKA
EXPO 70

ANTE PROJETO

7

ELEVAÇÕES

ESCALA 1:100

A Feira Internacional de Osaka é um encontro de grande significado humanístico; um projeto para o mundo em que vivemos.
O Pavilhão do Brasil une a Praça da Amizade com o Grande Parque, num gesto de confraternização, onde mostrará o trabalho de seu povo como contribuição para esse Projeto.
É aberto para os Pavilhões vizinhos, Checoslováquia e Etiópia.



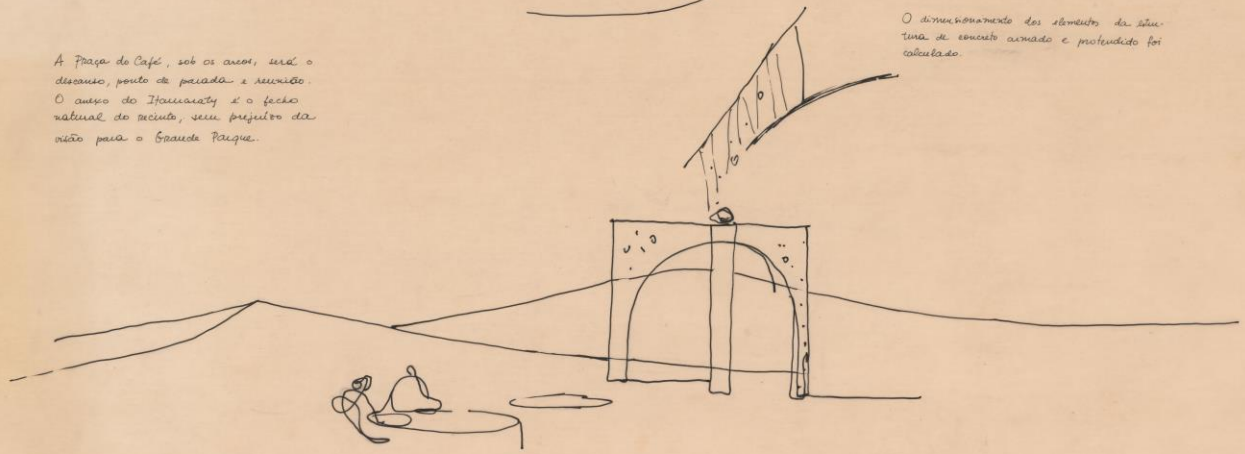
O chão será o mesmo que o de Osaka.
Uma sombra como a dos bosques cobre parte do recinto. Chão de estrelas.



O piso terá ondulações suaves como o das ruas de uma cidade onde o passeio e o encontro se dão naturalmente.



O anfiteatro natural no recinto permite o Espetáculo que com a localização dos camarins e salas de montagens poderá criar situações imprevistas.

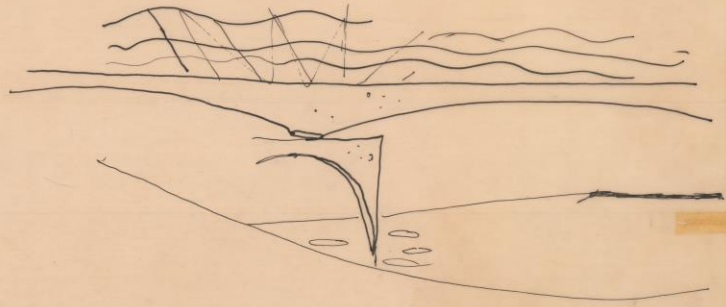


A Praça do Café, sob os arcos, será o descanso, ponto de parada e reunião.
O anexo do Itamaraty é o fecho natural do recinto, sem prejuízo da visão para o Grande Parque.

As comunicações, com os recursos que a ciência moderna dispõe, nos igualam e proporcionam encontro em Osaka. A luta por sua conquista será contada através da obra dos nossos cientistas e artistas.
Nesse sentido o Brasil fixa com Brasília e as Novas Cidades sua busca de um Espaço e um Tempo de constante significação humana.
Este trabalho traz a história para o presente e se afirma como projeto.

A exposição se organiza assim:
1. História e Projeto:
   1.1. Brasília
   Novas cidades. Neguev - Aszel - Goas.
   1.2. Cidades em transformação - Novo Rio - Nova São Paulo.
2. Indústria - História e Projeto:
   2.1. Índio escravo (Debret)
   Índio como homem
   Imigrantes (Portinari, Segall)
   2.2. Caminhos (Rugendas)
   Belém - Brasília
   Ligação Amazônia - Prata
   Itaboraí - T.V.
   2.3. Plano Brasileiro para o desenvolvimento da ciência.
3. Espetáculos:
   serão organizados, para o tempo que durar a Expo 70, apresentação de música, teatro, cinema, mostras de artistas plásticos, dança, e toda manifestação de cultura - contribuição a esse encontro que desejamos.

O dimensionamento dos elementos da estrutura de concreto armado e protendido foi calculado.



PAVILHÃO OFICIAL DO BRASIL
FEIRA INTERNACIONAL DE OSAKA
EXPO 70

ANTE PROJETO

8

DESCRIÇÃO E PERSPECTIVAS

Pavilhão de Osaka - 1969

Há uma grande disponibilidade de acervo sobre o processo do certame, como trechos da ata de julgamento, comentários sobre as documentações técnicas, além da repercussão em diversos periódicos da época. As participações do Brasil nas Feiras são revisitadas constantemente por diversos trabalhos acadêmicos. Os pavilhões brasileiros, ao longo da história, geralmente geram um burburinho no meio profissional, desde o pavilhão de Lúcio Costa e Niemeyer para Feira em Nova Iorque em 1939. O lote destinado ao pavilhão brasileiro era de tamanho modesto em relação aos países considerados desenvolvidos; era vizinho dos pavilhões da Etiópia e Tchecoslováquia, próximo do imponente pavilhão soviético, de autoria de Mikhail Posokhin.

O contexto social em que foi convocado o concurso coincidia com a escalada autoritária da ditadura militar que assolava o país com a assinatura do AI-5. Nessa situação, os profissionais propuseram a participação do Brasil na Feira de Osaka em 70.

É necessário registrar que o olhar político sobre o projeto para Osaka de Paulo Mendes da Rocha já foi cuidadosamente abordado por Villac (2001), Sperling (2003) e Pisani (2013). O projeto de Mendes da Rocha foi construído, porém, o projeto de expografia elaborado com o também professor da FAU, Flavio Motta, não foi executado. O arquiteto foi cassado e cerceado de assinar projetos públicos e de suas funções como professor da FAU. Em depoimento[94] em seu escritório em 2017, o arquiteto comenta o contexto:

> Eu fiz junto com o Flávio. Eu fui cassado, sem saber, no dia em que ganhei o concurso. Mas a FAU já estava "ofendida", o Artigas já estava fora. E eu resolvi, não sei porque, que quem iria fazer esse concurso, quem iria concorrer era a FAU. Convidei o Júlio Katinsky para representar a FAU, do departamento crítico. Convidei o Júlio como colega arquiteto porque ele era um professor de história e crítica. E o Flávio Motta para discutir a questão a representação de tudo isso. E deu no que deu, fez a amostra toda coerente com o edifício.

O primeiro fato relevante é que estamos tratando de um projeto com uma série de peculiaridades. Envolve efemeridade do ponto vista físico e uma certa alegoria, tendo em vista o fato do

[94] Posteriormente o depoimento se tornou livro**: Sobre Concursos e Memórias: Paulo Mendes da Rocha**, pela editora MGSR (2018, p. 74).

projeto arquitetônico estar atrelado à uma expografia, que também era parte da solicitação do concurso. Naturalmente, essa imagem metafórica se abre a um campo de expressão não comum a prática arquitetônica cotidiana.

O material disponível da proposta de Paulo Mendes da Rocha é bastante extenso pelo fato de o projeto ter se sagrado vencedor e todas as suas etapas subsequentes de desenvolvimento terem sido elaboradas. O trabalho enviado ao corpo de jurados foi formatado em oito pranchas em formato A1. Soma-se ao intuito do nosso objeto de trabalho o texto da expografia, em 20 folhas formato A4, escrito pelo professor e coautor da parte expositiva Flavio Motta.

> O chão será o mesmo que o de Osaka. Uma sombra como a das árvores cobre parte do recinto. Chão de estrelas. O piso terá ondulações suaves como o das ruas de uma cidade onde o passeio e o encontro se dão naturalmente. O anfiteatro natural no recinto permite o espetáculo que, com a localização dos camarins e salas de montagens, poderá criar situações imprevistas. A Praça do Café, sob os arcos, será o descanso, ponto de parada e reunião. O anexo do Itamarati é fecho natural do recinto, sem prejuízo da visão para o Grande Parque. As comunicações, com os recursos que a ciência moderna dispõe, nos igualam e propõe esse encontro em Osaka. A luta por essa conquista será contada através de nossos cientistas e artistas. Nesse sentido o Brasil fixa com Brasília e as Novas Cidades essa busca de um espaço e um tempo de constante significação humana. Esse trabalho traz a história para o presente e se afirma como projeto.[95]

O projeto, conforme destacado pelo júri em ata, cumpre com singeleza a expectativa da participação do Brasil na Feira. A organização espacial e de fluxos é o resultado da manipulação do próprio terreno: a alteração da topografia para conformar três elevações, complementada por uma cruzeta de arcos, conforma os quatro apoios nos quais a cobertura pousa. O programa de ordem mais comercial (escritórios e salas, banheiros, vestiários e salão multiuso) ficou semienterrado, potencializando o pilar na praça do café como único elemento construído a tocar visualmente o solo de Osaka. As duas grandes vigas protendidas de 50 metros de comprimento delimitam a cobertura (32x50m), filiada ao teto de claraboias da FAU-USP. A memória por si é repleta de conceituações simbólicas que os elementos arquitetônicos carregam. Destacamos aqui, agora em projeto, o entendimento do solo natural não como algo intocado e bucólico, e sim como algo que deve ser moldado

[95] Transcrição da memória descritiva apresentada na revista **Acrópole** que publicou os projetos premiados, nº 361, em maio de 1969.

conforme a necessidade. Os arcos onde se encontra o café, de certa maneira, representam uma espécie de marco fundador da ocupação, seja no espaço do café, seja nos cruzamentos dos eixos de Lúcio para Brasília. A singeleza da matéria construída, nesse caso, resultou em uma espacialidade desconsertadamente nua, associada a um plano expográfico em que o próprio edifício carregava os valores discursivos apresentados pelo ambiente. Fazer uma análise sob a perspectiva de espaço, aqui formulada, torna-se um exercício ingrato, até mesmo desconexo, tendo em vista o caráter artificial e momentâneo do contexto físico criado e sua acessibilidade limitada. Com isso, os sistemas de *objetos* e de *ações* só poderiam ser analisados sob uma ótica reduzida, dado o intuito aqui perseguido. Isso, de certa maneira, também se aplica à noção de *território* aqui construída. Ressalta-se que não se trata uma análise qualitativa do espaço em si, boa ou ruim, e sim como esse conjunto de valores se relacionam e se complementam ou não. A proposta para Osaka dentro da lógica que percorremos se apresenta como peça importante para a *paisagem*.

Dada a diversidade de possibilidades de olhares, tomemos a última frase da memória como rumo: “Esse trabalho traz a história para o presente e se afirma como projeto”. Tendo em vista as considerações feitas, esse projeto evidenciou e potencializou a pauta constante em suas falas, a visão crítica de como o colonialismo operou no território latino-americano baseado na exploração do ser humano pelo ser humano, a qual se arrasta e alastra nas nossas cidades conforme vimos em Milton Santos. Outro ponto de interesse é destacar que o objeto que Mendes da Rocha e Motta se utilizam para exemplificar essa agenda é justamente a cidade, ao convocar o imaginário de cidades projetadas com base nessas interpretações. Esse posicionamento não é de revolta ou desprezo pelo passado, mas no sentido de encontrar um caminho de compreensão das consequências e possibilidades de novas perspectivas a partir de um debate que seja colocado em prática. A posição no texto não é uma visão melancólica da história, é uma visão de estabelecimento de consciência. Nesse sentido de ansiedade sobre a busca por essa identidade, cabe trazer para a conversa Eduardo Subirats, a memória das origens[96]:

> Entre a recuperação do passado enquanto discurso científico, como *historie*, a sua subsequente banalização como ficção narrativa e *entertainment*, ou a sua manipulação e produção industriais como simulacros da memória e, por outro lado, os reais processos de destruição de culturas, línguas e formas de vida, não somente existe uma relação paradoxal de contiguidade, ambos os processos são cumplices e complementários. As imagens de um passado museologicamente

[96] Capítulo do livro **A existência sitiada**, publicado pela Romano Guerra em 2010.

> comodificado conservam a boa consciência do sujeito sem memória. Ocultam, ao mesmo tempo, seu processo real de eliminação. (2010, p. 126)

Ecoando nesse mesmo rumo, Milton Santos comenta sobre como o acesso a esse pseudoconhecimento do *museologicamente comodificado* gera uma inércia interpretativa dessas imagens, funcionando na contramão de uma emancipação e capacidade de acessar essa memória de forma consciente:

> Esse efêmero não é criação exclusiva da velocidade, mas de outra vertigem trazida com o império da imagem e a forma como ela é engendrada, através da engenharia das comunicações, ao serviço da mídia – um arranjo deliberadamente destinado a impedir que se imponham a ideia duração e a lógica de sucessão. (SANTOS, 2013. p. 28)

Milton Santos, depois da citação acima, remete à responsabilidade de leitura do espaço, sob a luz dessa consciência para encontrar esses subsídios sensíveis como a possibilidade de superação:

> A memória olha para o passado. A nova consciência olha para o futuro. O espaço é um dado fundamental nessa descoberta. Ele é o teatro dessa novação por ser, ao mesmo tempo, futuro imediato e passado imediato, um presente ao mesmo tempo concluído e inconcluso, num processo sempre renovado. (2020, p. 330)

Paulo Mendes da Rocha escreve em **América, arquitetura e natureza**, para a publicação de Artigas (2000), reflexões que reforçam esse posicionamento, ainda que otimista, de uma necessidade da construção dessa consciência crítica:

> Nós, os americanos, somos protagonistas particulares desses acontecimentos porque instalamo-nos nesses novos recintos descobertos como quem ocupa um planeta novo. A aventura desse território é, por outro lado, uma sucessão de horrores e erros trágicos, de escravatura, de extermínio das populações locais, do empreendimento colonial desmantelando o território. Essa história deixou, para nós brasileiros, um desenho imposto pela colonização, a linho Tratado de Tordesilhas, cuja o estigma deve ser contrariado. (...) Trata-se de estabelecer territórios reconfigurados para que os altos ideais humanos se efetivem. É uma resistência contra a miséria. (2000, p. 16)

Feitos os alinhamentos de eixos que nos auxiliam a reforçar como essas reflexões estão enraizadas no pensamento arquitetônico de Mendes da Rocha (onde os valores estão ancorados), nos lançamos ao texto síntese da expografia: “e assim se chega a cidade pela história”. É possível identificarmos uma série de paralelos de temas que aparecem sempre em suas entrevistas. O texto da expografia, elaborado por Flávio Motta, é uma baliza para a leitura do discurso do arquiteto sob a ótica de trajetória; as referências nele contidas voltam e continuam presentes em suas entrevistas e textos a partir de então –

o que não quer dizer que o pensamento já não estivesse lá, destacando-se como marco documental. A estruturação, ou plano básico como o próprio texto sugere, gira em torno da ideia de projeto da cidade. E, a partir dela, estrutura-se um plano crítico sobre a visão no Brasil do desenvolvimento, confrontando a miscigenação forçada de povos durante a colonização, seguido das reflexões e experiências de desenho de cidades, a citar duas: Brasília de Lúcio Costa e Negev de Niemeyer. Posteriormente são escolhidas ferramentas que ocupavam o núcleo crítico de reflexões por onde essas formas de enfrentamento devem orbitar: econômico e social; científico e artístico. Como afirmação desses campos, foram selecionadas esculturas de Mário Cravo, Lygia Clark e Bruno Giorgi; pinturas de Laser Segall, Portinari, Tarsila, Frans Post, Jean-Baptiste Debret, Albert Eckhout, entre outros; a música seria com base em um concurso promovido pelo Museu da Imagem e do Som, complementada por músicas populares e eruditas brasileiras; fotografia por Gautherot e Pierre Verger, entre outros. Ainda que várias diretrizes fossem melhor validadas por especialistas de cada área como o próprio texto sugere, fica claro que a seleção dos artistas que compunham a expografia tratava de uma concomitância de olhares e posturas sobre a cultura.

Em um belo texto intitulado **O silêncio do Flavio Motta**[97], Mendes da Rocha retoma a questão do projeto histórico contido e destaca a importância do trabalho museográfico no projeto como um todo e a sua incompletude como consequência da expografia censurada:

> Essa exposição não se realizou porque todos nós fomos cassados pelo AI-5. Só se construiu o prédio e se encaixou uma amostra tola de artefatos indígenas e quinquilharias folclóricas, sem ter sido realizado discurso ou crítica alguma.

A forma como o pavilhão se apresenta como expressão do próprio discurso, tanto arquitetônica quanto expográfica, exemplifica a capacidade de síntese projetual do arquiteto e a importância do discurso para sua compreensão. O projeto para Osaka foi feito na *paisagem* como forma de ocupar o futuro, além do fato do próprio objeto se comportar como um detentor do próprio discurso. A poética de como o pavilhão dissolve o terreno e constrói uma cobertura dilui a nossa leitura do que é chão, objeto, limites e acessos. Ainda que o próprio edifício seja a expressão do próprio discurso, dadas as circunstâncias simbólicas de apresentar uma leitura crítica da nossa

[97] Publicado na Revista **Caramelo**, nº 6 de 1992.

própria história, que aspira mudanças no sentido emancipador, a frustração registrada por Mendes da Rocha sobre a censura da ditadura sobre o projeto expográfico corrobora com a indissociabilidade entre objeto e discurso. A alegoria contida na própria natureza de um pavilhão possibilita traçarmos paralelos com as conceituações aqui construídas: *paisagem*, *território* e *espaço* (e seus sistemas), emaranhados sob um discurso e expressados simbolicamente.

> Aqui em Osaka eu quis por uma notícia sobre a natureza e a construção, o teto da FAU. Uma visão simbólica a cidade, não só a natureza. A cidade, dois arcos cruzados. Porque quando você faz uma construção qualquer, você tem que imaginar que tudo que você vê é o outro, e o anexo é uma forma de dizer que é um diálogo com você mesmo, de uma forma intrigante. E como o pavilhão fica assim, concebido desse jeito como um grande vazio Então você vê o prédio do chão, porque você entra por uma rampa. (MENDES DA ROCHA, 2017)[98]

[98] Posteriormente o depoimento se tornou livro, intitulado **Sobre Concursos e Memórias: Paulo Mendes da Rocha** pela editora MGSR (2018, p.73).

Transformação da área central de Santiago, Chile - 1972

conjunto de pranchas

figura 121: PT_CA_PMR_3_PU-001-01-0001

figura 122: PT_CA_PMR_3_PU-001-01-0002-A+B

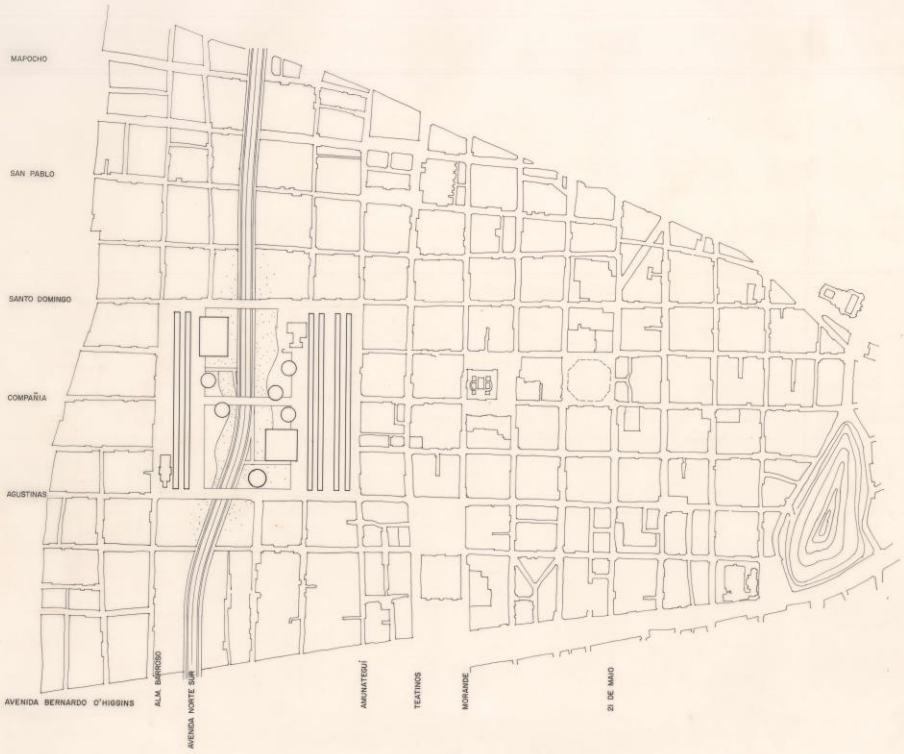
figura 123: PT_CA_PMR_3_PU-001-01-0003-A+B

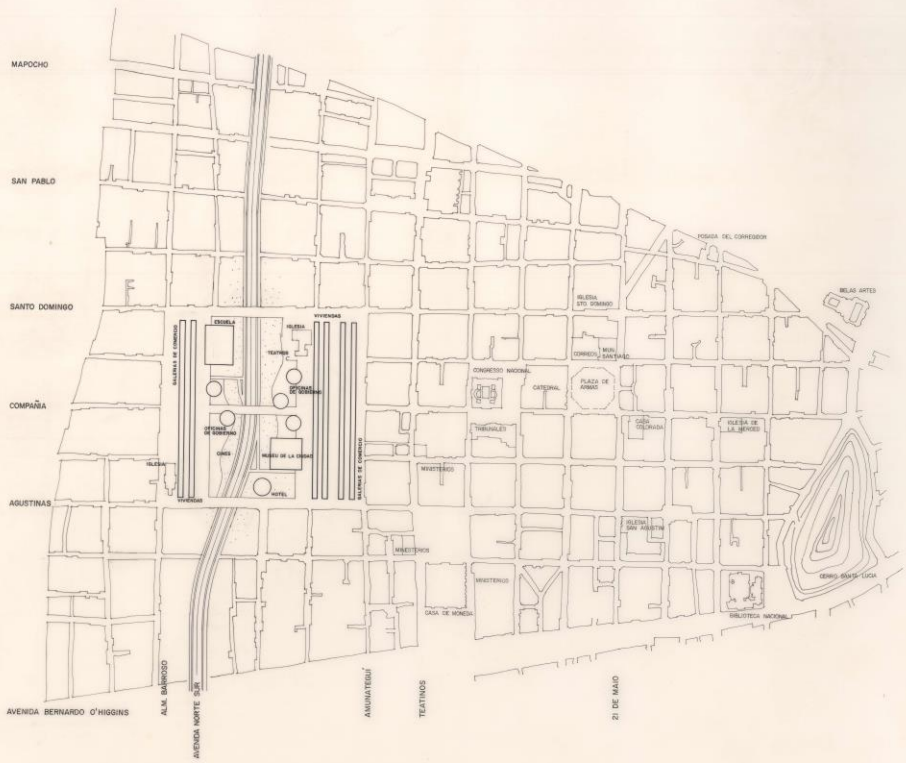
figura 124: PT_CA_PMR_3_PU-001-01-0004-A+B

figura 125: PT_CA_PMR_3_PU-001-01-0005-A+B

figura 126: PT_CA_PMR_3_PU-001-01-0006-A+B

Fonte: Casa da Arquitectura





R 3679

CONCURSO INTERNACIONAL

AREA DE REMODELACION
EM EL CENTRO DE SANTIAGO
CHILE

ARQUITECTOS
PAULO A. MENDES DA ROCHA
Y COLABORADORES

USOS DEL SUELO
RELACIONES URBANAS
1:5000



SANTO DOMINGO

CATEDRAL

COMPAÑIA

HUERFANOS

AGUSTINAS

AMUNATEGUI

AVENIDA NORTE SUR

ALMIRANTE BARROSO

R 3879

CONCURSO INTERNACIONAL

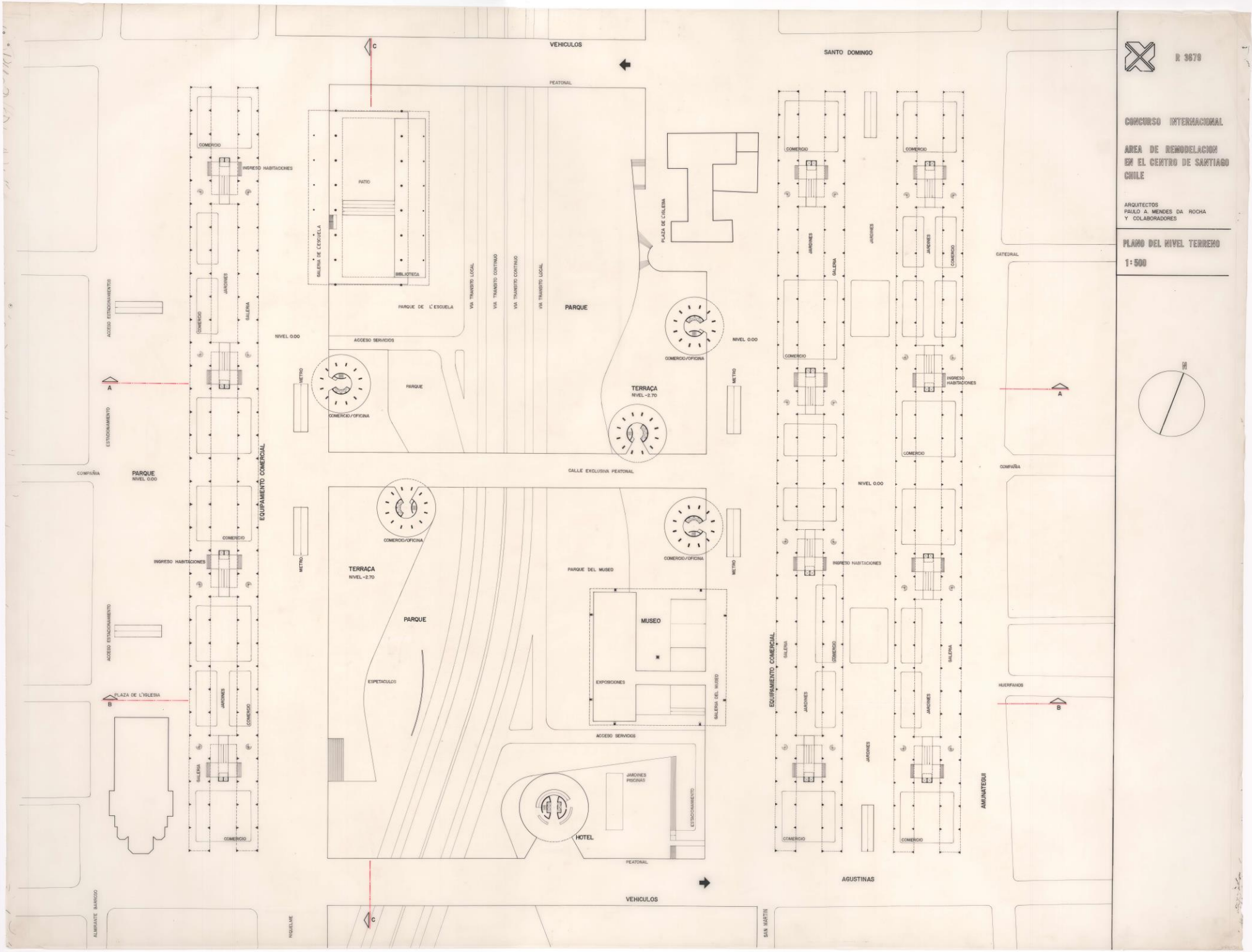
AREA DE REMODELACION
EN EL CENTRO DE SANTIAGO
CHILE

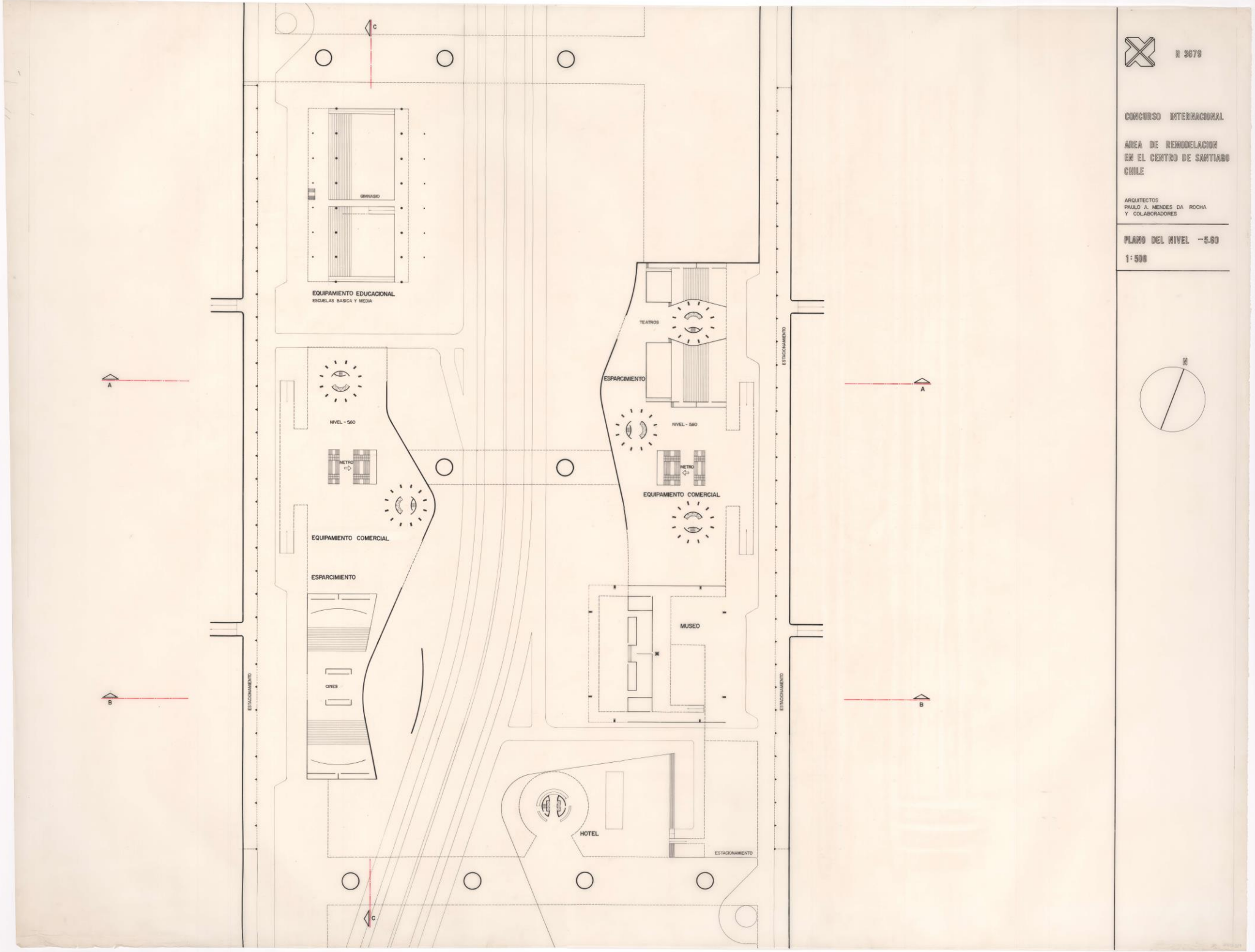
ARQUITECTOS
PAULO A. MENDES DA ROCHA
Y COLABORADORES

VISTA AEREA VERTICAL

1:500

N


R 3678
CONCURSO INTERNACIONAL
AREA DE REMODELACION EN EL CENTRO DE SANTIAGO CHILE
ARQUITECTOS
PAULO A. MENDES DA ROCHA
Y COLABORADORES
PLANO DEL NIVEL TERRENO
1:500
N
VEHICULOS
PEATONAL
SANTO DOMINGO
PARQUE
NIVEL 0.00
TERRAÇA
NIVEL -2.70
CALLE EXCLUSIVA PEATONAL
EQUIPAMIENTO COMERCIAL
COMERCIO
INGRESO HABITACIONES
JARDINES
GALERIA
ACCESO ESTACIONAMIENTO
ESTACIONAMIENTO
PARQUE DE L'ESCUELA
GALERIA DE L'ESCUELA
PATIO
BIBLIOTECA
VIA TRANSITO LOCAL
VIA TRANSITO CONTINUO
ACCESO SERVICIOS
PLAZA DE L'IGLESIA
COMERCIO/OFICINA
METRO
PARQUE DEL MUSEO
MUSEO
EXPOSICIONES
GALERIA DEL MUSEO
ESPETACULOS
HOTEL
JARDINES PISCINAS
CATEDRAL
COMPAÑIA
HUERFANOS
AMUNATEGUI
AGUSTINAS
ALMIRANTE BARROSO
RIQUELME
SAN MARTIN



R 3679

CONCURSO INTERNACIONAL

AREA DE REMODELACION
EN EL CENTRO DE SANTIAGO
CHILE

ARQUITECTOS
PAULO A. MENDES DA ROCHA
Y COLABORADORES

PLANO DEL NIVEL -5.60

1:500

R 3679

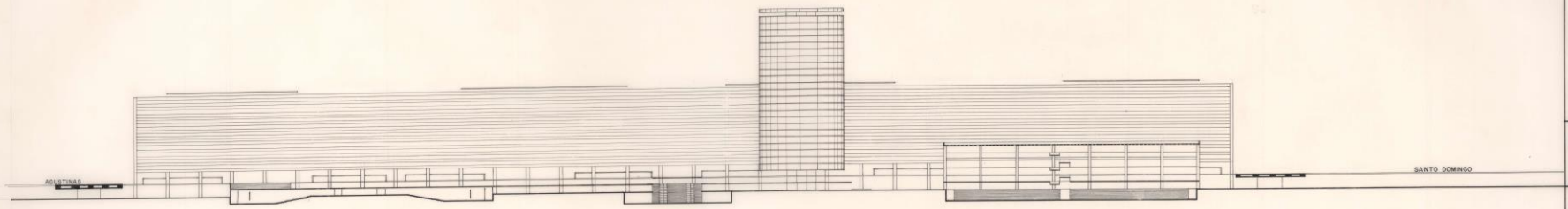
CONCURSO INTERNACIONAL

AREA DE REMODELACION
EM EL CENTRO DE SANTIAGO
CHILE

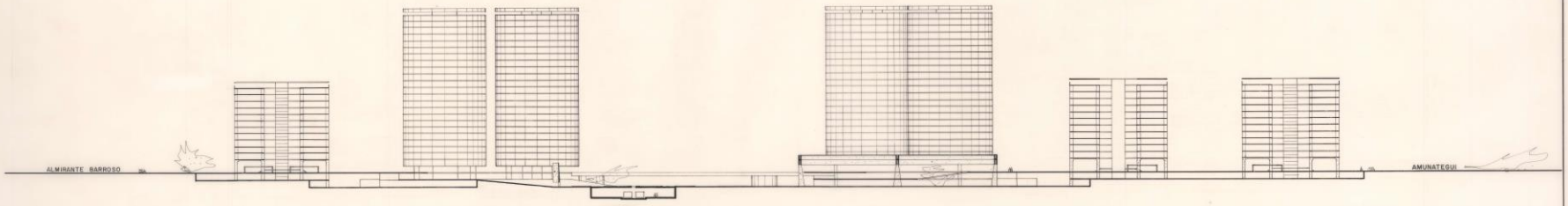
ARQUITECTOS
PAULO A. MENDES DA ROCHA
Y COLABORADORES

CORTES

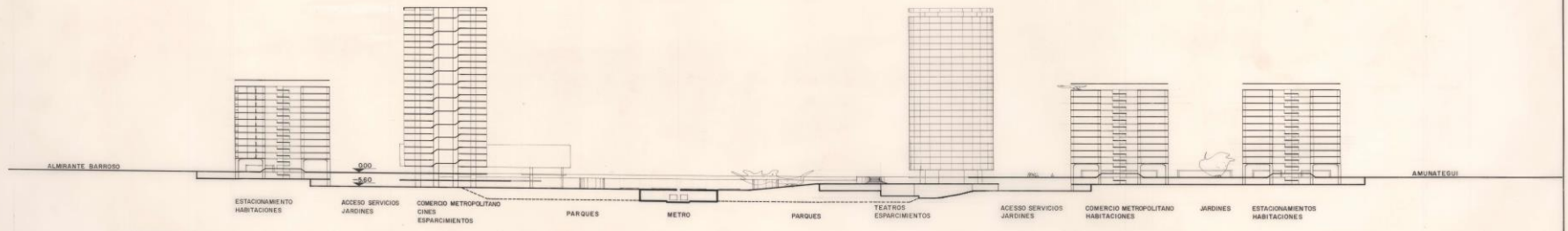
1:500



CORTE C



CORTE B



CORTE C

R 3679

CONCURSO INTERNACIONAL

AREA DE REMODELACION
EN EL CENTRO DE SANTIAGO
CHILE

ARQUITECTOS
PAULO A. MENDES DA ROCHA
Y COLABORADORES

ESQUEMAS DE FUNCIONAMIENTO
CROQUIS Y
PERPECTIVAS

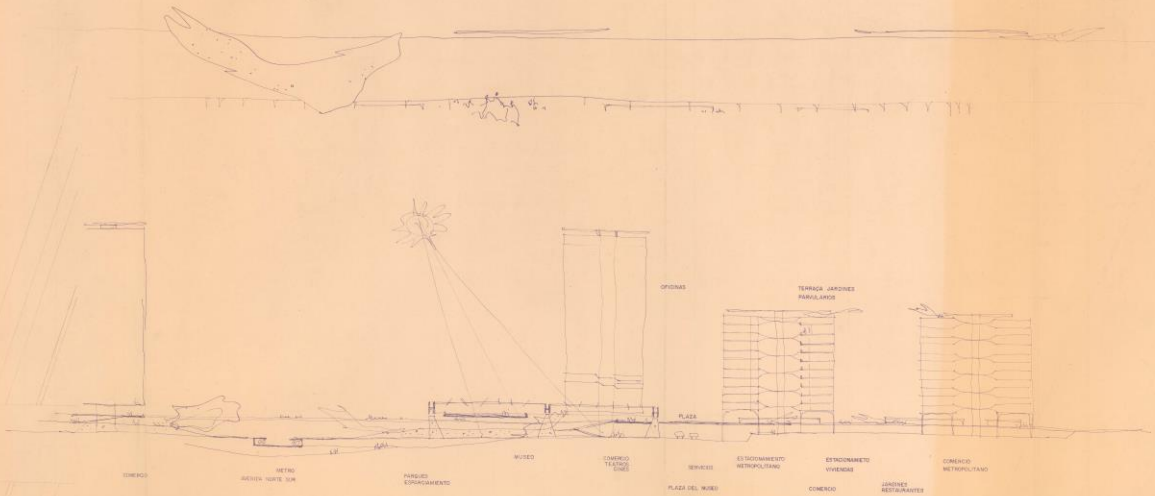


1 2 3 4 5 AREAS DE EXPANSION METROPOLITANA
ASIMILACION DEL DISEÑO

N

PLANO TIPO DE OFICINAS
900 m² 23 PAVIMENTOS

PLANO TIPO DE VIVIENDAS
10 PAVIMENTOS
16 VIVIENDAS DE 90m²
42 VIVIENDAS DE 70m²
58 VIVIENDAS DE 50m²



1972 - Transformação da área central de Santiago, Chile

O concurso para a Transformação da Área Central de Santiago no Chile foi a primeira experiência internacional e urbana em concursos de Mendes da Rocha. A pesquisa elaborada pela professora uruguaia Carolina Tobler (2018) sobre o certame apresenta uma longa contextualização acerca da organização, ata, diretrizes do edital e um recorte das perguntas e respostas.

O Chile era presidido pelo então presidente progressista Salvador Allende, morto no ano seguinte durante o Golpe de Estado que culminou em 27 anos da ditadura de Pinochet, provavelmente uma das mais covardes desse período da América Latina. Destacamos aqui algumas diretrizes presentes na documentação e no Termo de Referência: “El magnitud plantea um período de câmbios estructurales que configuran las bases de uma sociedade socialista”.
Entre algumas das diretrizes gerais estavam:

1. Retificar os processos que geraram a segregação e a estratificação da cidade;
2. Retificar o crescimento descontrolado da área;
3. Conter o crescimento da área central, densificando as áreas centrais que se encontram em estado deteriorado;
4. Integração social e de atividades na planificação física;
5. Centro Metropolitano como lugar de encontro e produzir essa integração.

O concurso que teve uma grande participação internacional, organizado pela UIA, já lançava uma série de projeções sobre reflexões atuais e constantes do urbanismo contemporâneo, acerca do adensamento, diversidade de usos, mobilidade local e o favorecimento do pedestre no desenho urbano. Por fim, com intuito de diálogo internacional, convocou-se por meio de um concurso aberto a colaboração internacional: “La magnitude de las metas propuestas, así como el alto fin humanista que ellas envuelven, justifican el llamado a los técnicos de todo el mundo...”.

Em termos objetivos e estratégicos, era solicitado um plano geral de intervenção no centro da capital chilena e que o projeto orientasse as expansões subsequentes. A área total de interesse do projeto englobava 25 hectares. A área de intervenção se encontra perto do centro histórico, próximo aos edifícios legislativos e executivos do país, entre Ministérios, Casa da Moeda, Tribunal e um conjunto de equipamentos culturais a exemplo da Casa Colorada (Museu de Santiago) e a Praça da Constituição. Provavelmente a grande complexidade que envolve o projeto seja o fato desse miolo conter a Avenida Norte-Sul que, segundo o Termo de Referência, dada a sua importância de articulação da cidade com as outras áreas da cidade, deveria ser repensada, tendo em vista que, da forma que foi

implantada, gerou uma segregação do espaço urbano. Um dos pontos centrais seria justamente o desafio de reconectar a cidade e restaurar a urbanidade. Destaca-se também outra diretriz que reforça a prioridade dada aos habitantes e usuários: “Es necesario senalar que toda accion de Remodelacion en Chile tiene como usuarios, en primera prioridad, a los mismos habitantes del area”.

Os desenhos, memória e croquis da proposta ainda não haviam sido publicados. O material disponível são seis folhas em um formato próximo do A0 e não estão enumeradas. A curta memória do projeto foi encontrada no escritório, junto com três imagens da maquete. A memória deve se tratar de uma síntese da original, tendo em vista que o cálculo de densidade e outras diversas de terminações técnicas solicitadas eram entregues em um caderno à parte em formato A4. Transcreve-se abaixo a memória disponível.

> El diseño presentado para el area central de Santiago empieza por considerar la importancia de intervención en la problemática de las ciudades latinoamericanas por lo que respecta al crecimiento incontrolado extensivo de las areas urbanas y la segregación de diferentes clases sociales.
>
> Comprende que las bases de una sociedad más democrática en latinoamérica implica el diseñar y construir ciudades e intentar invertir el proceso de especulación predadora del suelo urbano, del paisage, de la urbanización, del trabajo, a través de um proyecto que califica la ciudad como habitat del hombre, lugar donde se exhibe su actividad como extensión plena y estética de su existencia, y donde su contribución creadora tiene su mayor expresión.

É possível identificar pontos de partida sobre a paisagem cultural e física. Encontramos, de certa maneira, o discurso já maduro em comparação ao que percebemos nas entrevistas de Paulo Mendes da Rocha ao longo de toda sua trajetória. A premissa é de uma renovação completa da forma de se ocupar, colocando conceituações do humanismo como pauta primeira, além de tecer uma crítica contundente sobre a especulação da cidade desarticulada de um plano crítico. Encontramos também um eco direto em Milton Santos, em especial ao imaginário básico de reformulação contida na memória, ainda que sem a mesma profundidade técnica do geógrafo, Milton Santos em seu livro **Ensaios Sobre a Urbanização Latino-americana**[99], no capítulo intitulado Crescimento Urbano e Organização do Espaço, lança uma terminologia para investigação: *As Metrópoles Incompletas da América Latina*. Nela o geográfico assinala diversos exemplos do porquê dessa *Incompletude*, por uma necessidade de adequação e

[99] Publicado pela primeira vez em 1982 pela Editora Hucitec.

subserviência de um país dependente de interesses hegemônicos. Outro aspecto que se aplica em todas a ausência de um Estado que implemente esse crescimento predatório e desarticulado.

> Assim, podemos repetir que a urbanização dos país subdesenvolvidos, sobretudo no que respeita às grandes cidades, representa um traço de união entre as condições históricas da atividade mundial (Santos, 1961) e as condições da vida local. Esse traço de união é essencialmente representado pela ação do Estado nacional. Se este não existe, a situação de colonização não permite falar de industrialização. No entanto, a existência de um Estado nacional é a condição de uma política econômica que modifica não só a relação original entre os fatores de produção (a distribuição das infraestruturas, a direção da atividade industrial e agrícola), como ainda a importância das cidades e os dados da organização do Estado. (2017, p. 75-76)

Obviamente que se trata de uma reflexão em uma instância muito mais profunda do que a singela memória que o arquiteto nos oferece, porém, aqui, nos atentaremos novamente a uma reformulação ampliada. A necessidade de uma revisão profunda convoca diversas camadas (disciplinas) a elaborar um plano maior do que o objeto arquitetônico em si e criar uma agenda cívica de feitura desse território. Assim, posteriormente, é possível complementar com o *sistema de objeto* equipamentos de menor escala que compõem uma cidade e que irão abrigar a ansiada diversidade do *sistema de ações*. Portanto, de certa maneira, atesta-se a inseparabilidade da política no pensamento do arquiteto e fica evidenciada que essa ambição social perpassa por uma política de caráter atuante, de um Estado capaz de gerir e não delegar a apropriação individualizada que permite interesses pessoais. Essa constatação por parte do arquiteto se ancora em outros diversos depoimentos, a exemplo de recorte de algumas respostas presente na entrevista à Revista **Trip**[100]:

> Sou um privilegiado: meu pai era engenheiro, minha mãe professora. Não justo que você seja fruto da sorte. A ideia de sociedade dos homens é construir uma sociedade igualitária em que você pode decidir o que quer ser. Somos muito felizes na América Latina porque temos Cuba. Quem dá o estatuto do nosso futuro é o povo cubano. Deveríamos considerar a possibilidade de transformar esse paradigma estúpido da miséria.
> (...)
> Quanto à marxista, bem gostaria de ter um vínculo forte,

[100] Entrevista intitulada **O ideal do homem contemporâneo é não possuir nada**, publicada na Revista **Trip,** de outubro de 2001, e republicada pela coleção **Encontros** (2012).

> porque Marx foi um pensador interessante em relação à visão da transformação do mundo, com a ideia de trabalho que produza um sucesso que beneficie a todos.
> (...)
> Tenho esperança, sim. É evidente que nós teremos outro homem no futuro. O problema que nós teremos que vamos para essas transformações. E a possibilidade de um pacto de carácter mundial, não é a globalização pelo mercado.

Naturalmente que, se tratando de um tema complexo, essas questões amplas se cristalizem no debate e evidenciem a importância para o entendimento da paisagem cultural do arquiteto. Em Milton Santos encontramos outro paralelo, onde se reforça a necessidade de se ampliar o debate, tendo em vista o desejo dessa leitura que almeja uma compreensão da totalidade: “O espaço não pode ser estudado como se os objetos materiais que formam a paisagem trouxessem neles mesmos sua própria explicação” (SANTOS, 2012. p. 58). Há a necessidade de buscarmos informações sutis, nem sempre reveladas da conformação desses objetos.

No projeto para a capital chilena, a conceituação de *território* é evidenciada com maior clareza, os *sistemas de objetos* e *ações* estão lá com igual importância, porém, dada a escala, o tom é dado pelo território. Tendo em vista que a dimensão do projeto envolve questões antes não passíveis de debate, como mobilidade, acessibilidade em larga escala e bens de serviço, ancora-se na lógica de rede. Dá-se a oportunidade de debater o plano urbano e esse processo auxilia e facilita o entendimento dos sistemas de objetos no campo da arquitetura, considerando a imprescindibilidade de lidar e compreender sob uma ótica de lógica continuidade. A ideia naturalizada da arquitetura objeto fica mais abertamente relegada ao segundo plano.

Na prancha com os desenhos de situação (escala 1.5000), onde estão lançados os desenhos da ocupação imediata, é possível identificar um contraste na adoção de um partido em uma escala maior em relação às quadrículas de herança colonial da cidade de quase meio século de vida. Dentro dessa lógica, é possível identificar toda a gama de usos dentro da proposta: habitacional, recreativo, governamental, educacional, cultural, comercial e pontos de mobilidade urbana, em especial a linha do metrô na Avenida Norte-Sul.

Os blocos de uso mistos estão organizados a partir dos conjuntos habitacionais que demarcam um limite simbólico e físico. Estes três edifícios habitacionais em fita, longilíneos de aproximadamente 500 metros de comprimento (dobro das superquadras de Lucio Costa) arrematam o conjunto proposto. A partir dele, encontramos os outros equipamentos urbanos em edifícios de

menor escala, culturais e educacionais. As torres comerciais e institucionais de forma circular complementam o centro urbano.

Com base no corte, identificamos como a interrupção urbana causada pela Avenida foi enfrentada. Foi elaborado um grande térreo artificial em níveis variados, que articulam essa plataforma na qual os edifícios assentam. Essas passarelas sobem e descem conforme a necessidade e receberam dimensões generosas, talvez para configurar a sensação de continuidade e reforçar a ideia de um elemento de conexão. Sob essa plataforma, conforma-se um térreo inferior arborizado, conformando uma praça linear na área marginal à linha metrô. O arquiteto opta por criar um arvoredo/parque linear na área onde a topografia se acidenta em direção ao metrô. Os programas destinados aos térreos (superior e inferior) são de atividades urbanas que intensifiquem os fluxos, como comércio e atividades culturais. Extrapolando as reflexões, a proposta é uma espécie de versão de superquadra de Paulo Mendes da Rocha sob a ótica dos arquitetos paulistas de sua geração. É um conjunto ordenado de funções de ótica humanistas, porém de alta densidade, usos mistos e intensos, subvertendo a lógica do carro junto com o pedestre; nele os carros vão para o subsolo, deixando a ocupação do térreo majoritariamente peatonal. Há uma intenção de uma sobreposição desses sistemas complexos, uma heterogeneização, em detrimento da setorização.

Esse mesmo conjunto de estratégias vai ser adaptado e continuado no estudo dois anos depois para o Parque da Grota, na região do Bexiga da capital paulista. A intervenção nesse caso ocorre com um aproveitamento maior do térreo da cidade já configurado, diferentemente de Santiago, onde a topografia e a linha de tráfego de alta velocidade e metrô criaram a necessidade de propor uma transposição sobre o complexo.

O projeto para Santiago foi um exercício que permitiu essa aspiração de Mendes da Rocha de refletir em uma escala ampliada, que permite falar de questões de cidadania sem que haja a necessidade ou esforço, de construir uma narrativa que se liberte das amarras inerentes que o projeto de um edifício contém. A citar outras situações em que o arquiteto se posiciona nessa questão de prever a melhor organização dos sistemas de ações, que é sempre o elemento central, a proposta para o Concurso da Biblioteca de Alexandria, na qual o arquiteto refuta o sítio destinado ao projeto e propõe em uma península pública em frente ao local previsto. E a outra situação, talvez mais conhecida, que inclusive resultou em obra construída foi o Poupatempo em Itaquera-SP, o arquiteto justificou e solicitou a mudança do terreno original por enxergar uma possibilidade de potencializar a acessibilidade ao equipamento tendo em sua a proximidade com os modais coletivos e a lógica de uso existente. Essa situação é minuciosamente descrita na tese de Otondo (2013).

Nesse caso, por se tratar de uma escala onde o território é o tema central, os sistemas de *objetos* e *ações* surgem quase que naturalmente, como consequência, tendo em vista que se trata de uma operação que já carrega em sua escala macro as necessidades amplas que a cidade contém e necessita para o funcionamento sob a ótica “humanista que ellas envuelven”, conforme o Termo de Referência.

Biblioteca do Rio de Janeiro – 1984

conjunto de pranchas

figura 127: pmr-c-bnrj-flh-01

figura 128: pmr-c-bnrj-flh-02

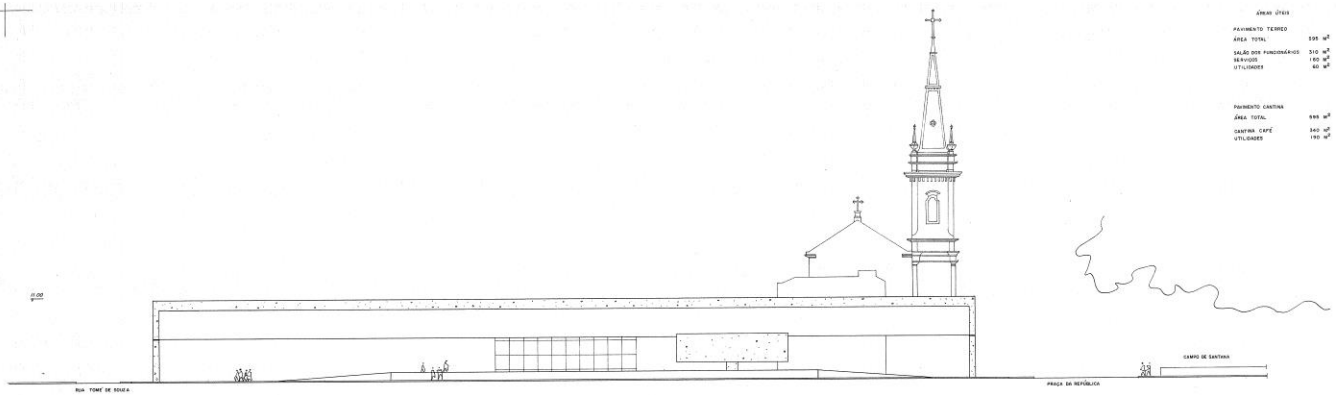
figura 129: pmr-c-bnrj-flh-03

fonte: Escritório Paulo Mendes da Rocha

CONCURSO NACIONAL DE ANTEPROJETOS PARA A BIBLIOTECA PÚBLICA DO RIO DE JANEIRO

ESCALA 1:200

I



FACHADA AV. PRESIDENTE VARGAS

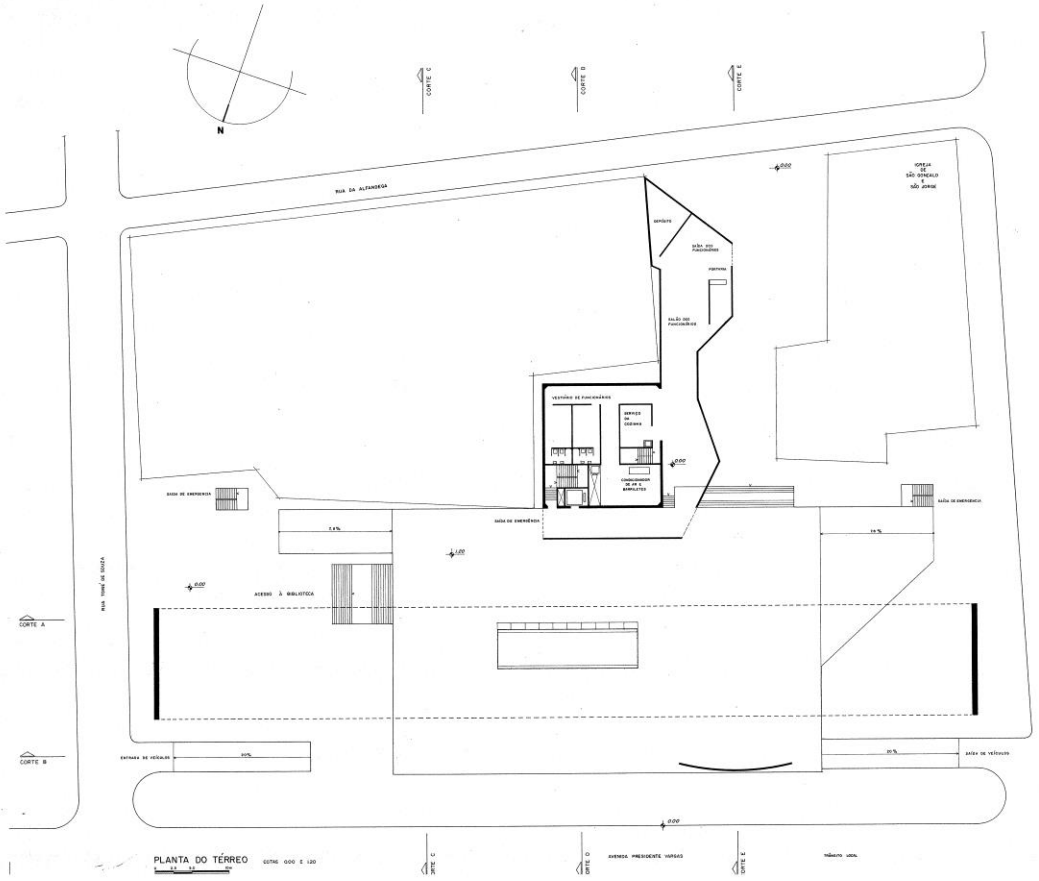
ÁREAS ÚTEIS

PAVIMENTO TÉRREO

ÁREA TOTAL	595 m²
SALÃO DOS FUNCIONÁRIOS	310 m²
SERVIÇOS	160 m²
UTILIDADES	60 m²

PAVIMENTO CANTINA

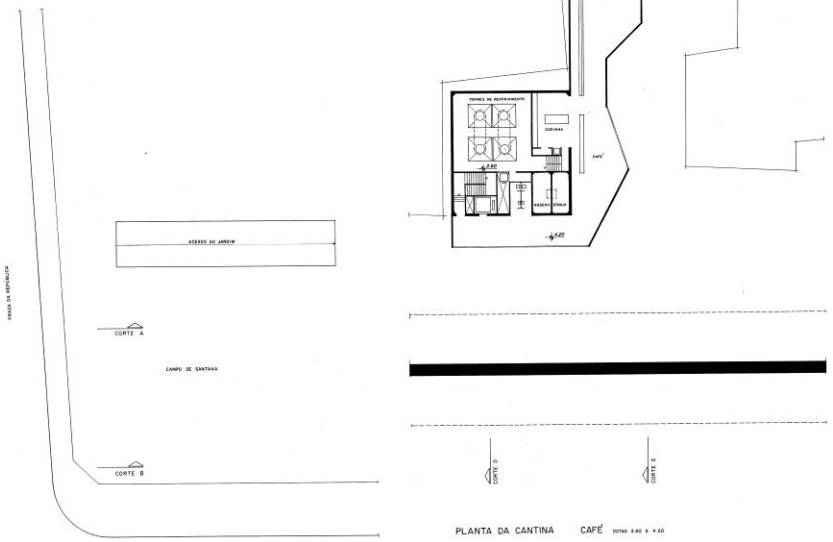
ÁREA TOTAL	595 m²
CANTINA CAFÉ	340 m²
UTILIDADES	190 m²



PLANTA DO TÉRREO COTAS 0.00 E 1.20



PLANTA DA COBERTURA



PLANTA DA CANTINA CAFÉ COTAS 3.40 E 4.20

TEXTO EXPLICATIVO

O CORREDOR CULTURAL NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO HÁ DE IMPLUIR DECISIVAMENTE COMO FATOR DE EXPERIÊNCIA À REURBANIZAÇÃO E AO CARÁTER DA CIDADE.

NESSE PROJETO DA BIBLIOTECA PÚBLICA, O ABRAÇO ENTRE ESSES ESPAÇOS APARECE COMO PRIMORDIAL. QUITANDA, OUVIDOR, BARÃO DO, OITIZÃO, ARMADAS, ALFÂNDEGA... MARECHAL FLORIANO (TIRADENTES), TOMÉ DE SOUZA E OUTROS MUITO AMPLOS, CASAL DO MARQUÊS, CAMPO DE SANT'ANA E CANDELÁRIA. UM CENÁRIO MARCANTE, DIMENSÃO DEFINITIVA DO RECINTO DESSA CIDADE: CORCOVADO, SERRA DA CARIOCA, TIJUCA.

O TRANSPORTE PÚBLICO, QUE SE MOSTRARÁ AOS POUCOS COMO FUNDAMENTAL PARA A POPULAÇÃO, TAMBÉM IMPRIME UM CARÁTER ESPECIAL AO LUGAR, COMO A CENTRAL DO BRASIL, A LINHA DO METRÔ, E QUE REALIZA PLENAMENTE A IMPLANTAÇÃO DA NOVA BIBLIOTECA.

ESTA CONSTATAÇÃO INDISPENSÁVEL CONDUZ O PROJETO PARA O LADO DE UM DESENHO LEVE, EM ARRANJO DE COMPROMISSO COM TODO O CENÁRIO CIRCUNDANTE. COMO ESTÁ AGORA E COMO PODERÁ VIR A SER.

PARA TANTO, IMAGINAMOS O APROVEITAMENTO DAS ÁREAS ABAIXO DO NÍVEL DO SOLO, TAMBÉM INTERESSANTES QUANTO À QUESTÃO DO RUÍDO E DO ISOLAMENTO TÉRMICO DO CONJUNTO.

A LEITURA DAS PLANTAS E DOS MAPAS HISTÓRICOS DA EVOLUÇÃO URBANA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO REVELAM A IDÉIA DO PROJETO COMO UM "DIVISOR DE ÁGUAS", TERRENO FIRME.

AS CONSULTAS À EXPERIÊNCIA DA ENGENHARIA NACIONAL E UM EXAME ANALÍTICO DOS PRIMEIROS DESENHOS FEITOS MOSTRARAM A VIABILIDADE DO PROJETO. AS SONDAGENS GEOTÉCNICAS E ENSAIOS NAS OBRAS ADJACENTES CONFIRMAM QUE É POSSÍVEL A CONSTRUÇÃO NESSAS CONDIÇÕES. NA COTA - 25 HÁ TERRENO CAPAZ DE ASSUMIR O EDIFÍCIO, TERRENOS RESISTENTES, SOLO RESIDUAL.

TAMBÉM SERIA FÁCIL AVALIAR SEU PESO (CARGA PERMANENTE) PARA EQUILIBRAR AS CARGAS DA SUBPRESSÃO. É O CASO DE ADOTAR O SISTEMA "CORTINA ESTAQUEADA" CONSTRUÍDA COM EQUIPAMENTO GRABE (TAMBÉM EMPREGADO COM INJEÇÃO DE LAMA BENTONÍTICA, EM TODO O PERÍMETRO DO TERRENO, CORRIGIDO NAS SUAS IRREGULARIDADES PARA ENCONTRO ORTOGONAL DAS PAREDES TRATADAS PELAS SUCESSIVAS LAJES DOS ANDARES ATÉ A PROFUNDIDADE ± 15 M.

O QUE PRETENDEMOS É COMPOR UM ESPAÇO ONDE POSSA CONVIVER O ANTIGO COM O NOVO COMO HISTÓRIA DA CIDADE E DESTE PROJETOS. PRETO PARA O ESTUDO, A MEMÓRIA E O CONHECIMENTO E QUE NÃO DEVE REPETIR IMAGENS COMUNS AOS OUTROS PRÉDIOS.

SERIA UM ACOLHIMENTO RÚSTICO, UMA VILA PARALELA À RUA DA ALFÂNDEGA COM UMA PEQUENA PRAÇA AO LADO DA IGREJA DE SÃO GONÇALO, AGORA DESTACADA CONTRA O ARVOREDO DO CAMPO DE SANT'ANA, COM SOMBRA. COMO MANUEL DE CARVALHO - TEATRO MUNICIPAL.

A COTA DA PORTE, SOBRE O LAGO, NO CAMPO DE SANT'ANA É DE ± 1,50 M SOBRE O NÍVEL FIO DA AV. PRESIDENTE VARGAS, ELEVANDO O RECINTO. NESSA VISEA, ATÉ ESSA COTA.

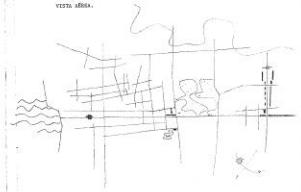


AÍ, FICA DO PROGRAMA QUE PREVÊ CAFÉ E REFEITÓRIO PARA OS FUNCIONÁRIOS EM ANEXO, AO LADO DA IGREJA QUE DISTINGUE O MOMENTO DE DESCANSO COM VISTAS IMPREVISTAS PARA O PÚBLICO PRINCIPAL, PARA A RUA DA ALFÂNDEGA, PARA O ARVOREDO.

ADOTAMOS COMO COTA MÁXIMA PARA A CONSTRUÇÃO A MESMA DO CORREDOR CULTURAL NA RUA DA ALFÂNDEGA (11 M) PARA AMPLIAR AS VISUAIS, ALARGAR O ESPAÇO ATÉ A PRESIDENTE VARGAS, DE QUEM VAI DA MARECHAL FLORIANO, PELA TOMÉ DE SOUZA, PARA A ALFÂNDEGA. VISTA EXCELENTE COM AS PEDRAS AO FUNDO, E O SÍTIO DA PRESIDENTE VARGAS QUE ANUNCIA O MAR. PARA QUEM VEM DO CENTRO A PÉ, AS ENTRADAS SÃO NOUTRA ESCALA, PRINCIPALMENTE PELO LARGO AO LADO DA IGREJA, NA RUA DA ALFÂNDEGA.



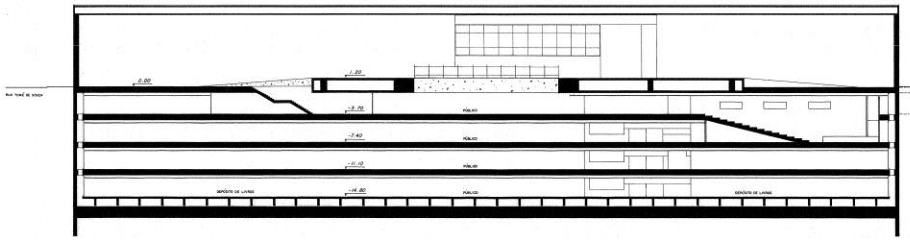
ESTAS PROPORÇÕES, A IDÉIA DE OCUPAR TODA A FRENTE, LEVOU AOS DESENHOS FINAIS, ONDE TAMBÉM CONSIDERAMOS A IMPORTÂNCIA DA VISTA AÉREA.



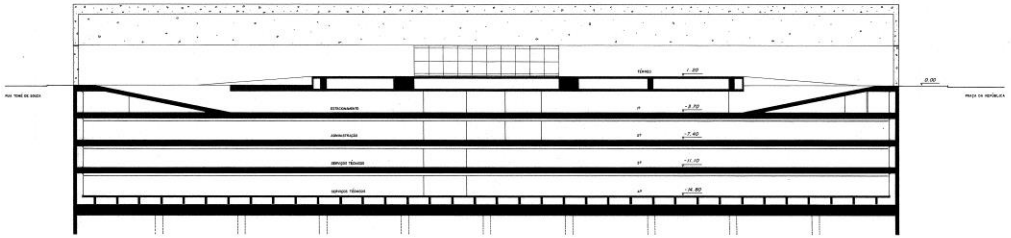
CONCURSO NACIONAL DE ANTEPROJETOS PARA A BIBLIOTECA PÚBLICA DO RIO DE JANEIRO

ESCALA 1:200

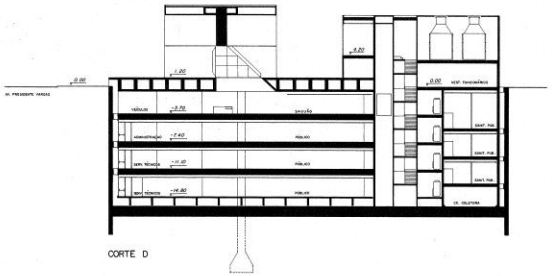
2



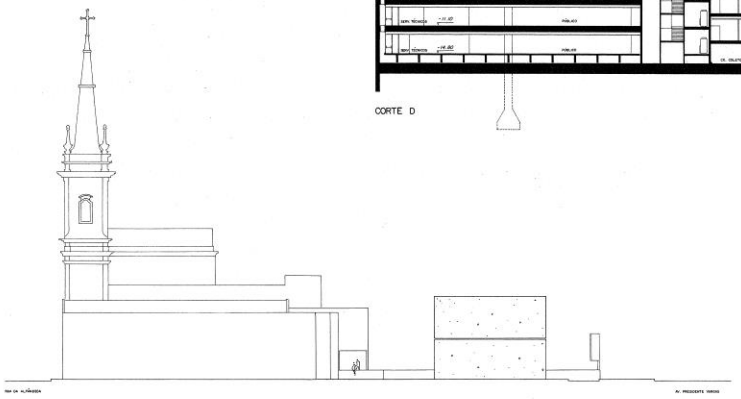
CORTE A



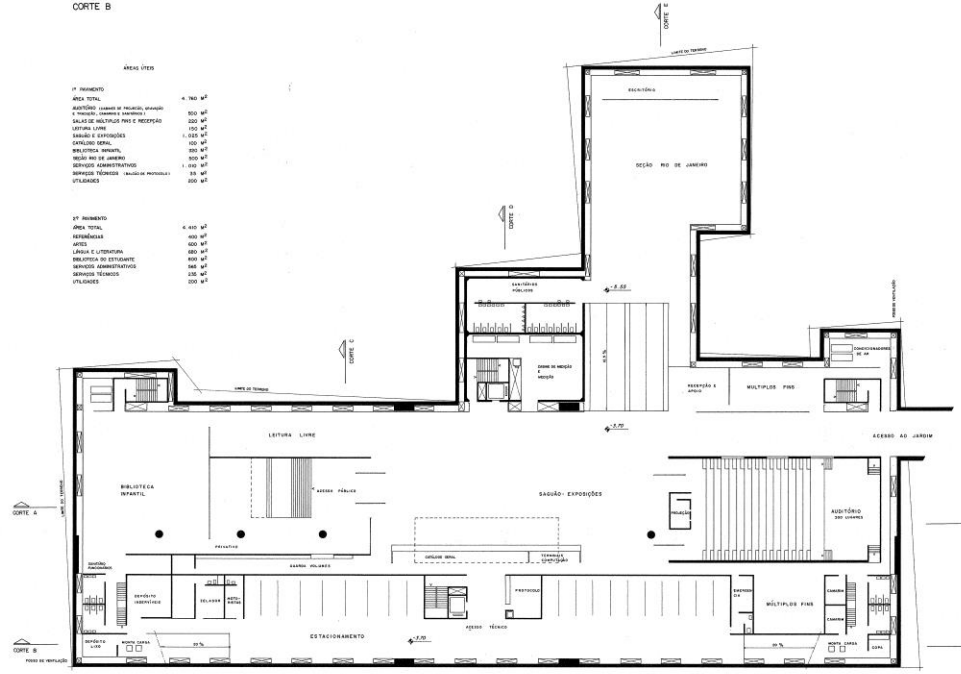
CORTE B



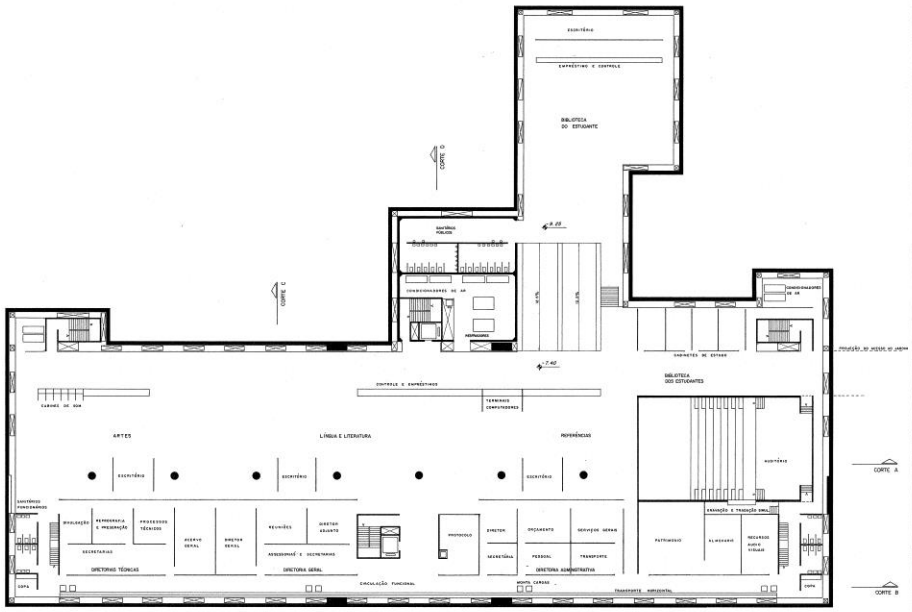
CORTE D



FACHADA TOMÉ DE SOUZA



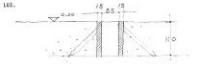
PLANTA DO 1º PAVIMENTO



PLANTA DO 2º PAVIMENTO

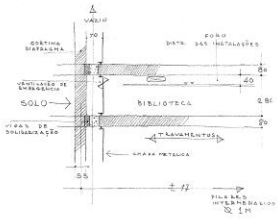
TEXTO EXPLICATIVO

A CONSTRUÇÃO EXECUTA-SE COM UMA MORETA GUIA EM NÍVEL, EM TODO O PERÍMETRO DE PROJETO ATÉ 1,10 M ABAIXO DA COTA ZERO DO PROJETO, COM 55 CM DE LRG.

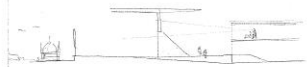


POR ESSA GUIA INICIA-SE A ESCAVAÇÃO COM EQUIPAMENTO CLAM-SHEL ATÉ A ÚLTIMA COTA DA CONSTRUÇÃO, COM FIXA DE 2,5 A 3 M.
INSTALA-SE A ARMAÇÃO DA CORTINA E EXECUTA-SE A CONCRETAGEM POR PARTES, DE ACORDO COM O GABARITO DA MÍSCINA (2,20 M) QUE UMA VEZ CONCLUÍDA, DEVERÁ RESISTIR AOS ESFORÇOS DE EMPUXO DO TERRENO COM ÊXITO, E JÁ SE CONSTITUINDO, AO MESMO TEMPO, EM PILARES E FUNDAÇÃO.
ASSOCIOU-SE A VINCULAÇÃO DA ESTRUTURA COM A CORTINA ATRAVÉS DE UMA VIGA DE SOLIDARIZAÇÃO MEDIANTE ESPERAS (FIXADAS À ARMADURA) COM 15 CM DE PROFUNDIDADE E ALTURA IGUAL À DAS LAJES DOS PAVIMENTOS DE ACORDO COM O CÁLCULO, EM TODO O PERÍMETRO, CADA PAVIMENTO, PARA DEPOIS TRAVÁ-LAS DEFINITIVAMENTE COM AS LAJES.
A ÚLTIMA LAJE SERÁ TAMBÉM A FUNDAÇÃO. A VINCULAÇÃO DAS LAJES DOS PAVIMENTOS COM A CORTINA PODERÁ SER NA PROPORÇÃO DE 50% DO PERÍMETRO, EM CADA ANDAR. DESSA FORMA, PODE-SE ESTABELECER UMA ÁREA DE SEGURANÇA, VENTILAÇÃO, ESTANQUEIDADE E MANUTENÇÃO, COM CINTA DE 70 CM ISOLADO COMPLETAMENTE A BIBLIOTECA, PREFERIVELMENTE VISTA, DA PARTE EXTERNA... COMO UMA PARTE INDEPENDENTE.

DE ACORDO COM O PERFIL GEOLÓGICO DO TERRENO (DAS VIZINHANÇAS), A SUBPRESSÃO SERÁ DE 14 M DE ÁGUA, APROXIMADAMENTE, PELOS DESENHOS QUE FIZEMOS, E DEVERÁ SER ABSORVIDA PELO PESO PRÓPRIO DO EDIFÍCIO (CARGA PERMANENTE) JÁ QUE O CÁLCULO DA ESTRUTURA RECOMENDA O MENOR NÚMERO DE PILARES POSSÍVEL, DIMENSIONA ESPESSURAS DE 0,80 M PARA AS PRIMEIRAS 4 LAJES E 1,20 M PARA A ÚLTIMA DE FUNDAÇÃO COM CONCRETO CLÁSSICO E LAJES NACIÇAS.
O VÃO MÉDIO ENTRE AS PAREDES DE 25 M. SERÁ DIVIDIDO EM DOIS VÃOS IGUAIS POR UMA LINHA DE PILARES COM ESPAÇAMENTO DE 11 M, COM TIRANTES ENGENHADOS, SISTEMA DEPOSTO, DO PRIMEIRO PISO ATÉ AS DUAS FUNDAÇÕES.
A IMPERMEABILIZAÇÃO DA CORTINA SERÁ FEITA COM A TOMADA DE TODAS AS JUNTAS, TRATAMENTO ESPECIAL TIPO "MEIOS" PENETRANTE E REVESTIMENTO COM ARGAMASSA RÍGIDA.
A VEDAÇÃO FINAL DO RECINTO INTERNO ESTÁ PREVISTA COM ESTRUTURA DE CHAPAS METÁLICAS, DE FÁCIL MANUTENÇÃO, PINTADAS.

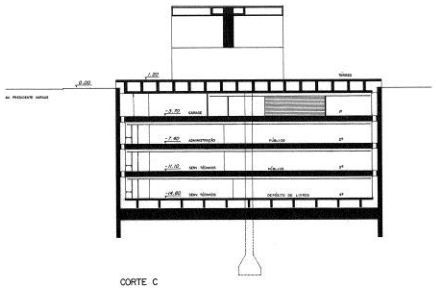


A VIGA, COBERTURA DA PRAÇA, TERÁ VÃO DE 111,20M (PARA ACERTAR NA IMPLANTAÇÃO COM OS ALINHAMENTOS VIZINHOS), DE CONCRETO PROTENDIDO, ARTICULADA NOS APOIOS EXTREMOS, PAREDES QUE MARCAM O ESPAÇO DA RUA, DO PRAÇA DA BIBLIOTECA.
A ESTRUTURA DO RESTAURANTE APOIA-SE COMO PAREDE CORTINA, SOBRE A LAJE DO PISO DA PRAÇA, TRANSMITE A SUA AÇÃO PRINCIPAL.
A CLARABOIA TERÁ UMA ESTRUTURA METÁLICA PRÓPRIA E TAMBÉM SERÁ RECURSO PARA VENTILAÇÃO DE EMERGÊNCIA.

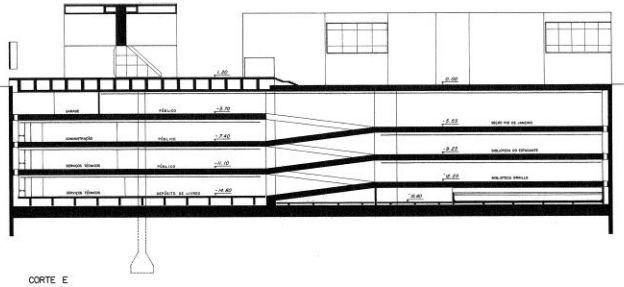


CONCURSO NACIONAL DE ANTEPROJETOS PARA A BIBLIOTECA PÚBLICA DO RIO DE JANEIRO

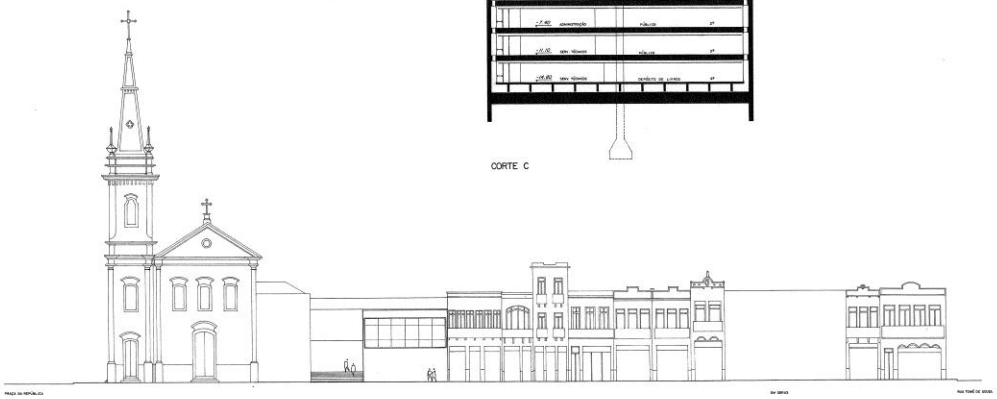
ESCALA 1:200



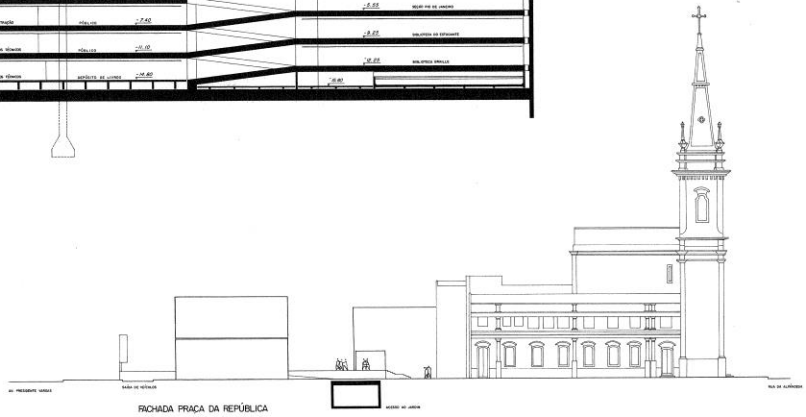
CORTE C



CORTE E



FACHADA RUA DA ALFÂNDEGA



FACHADA PRAÇA DA REPÚBLICA

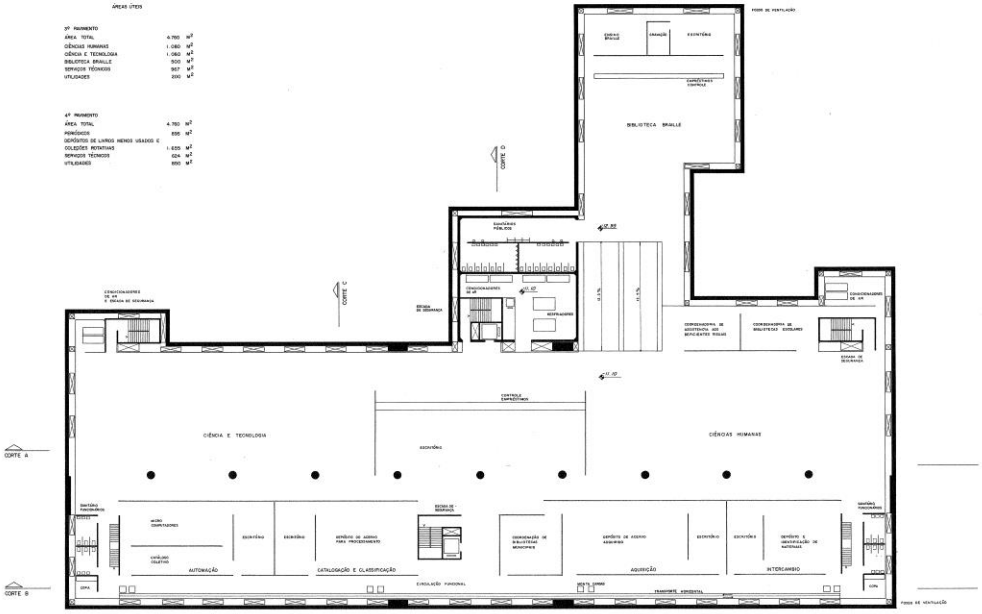
ÁREAS ÚTEIS

3º PAVIMENTO

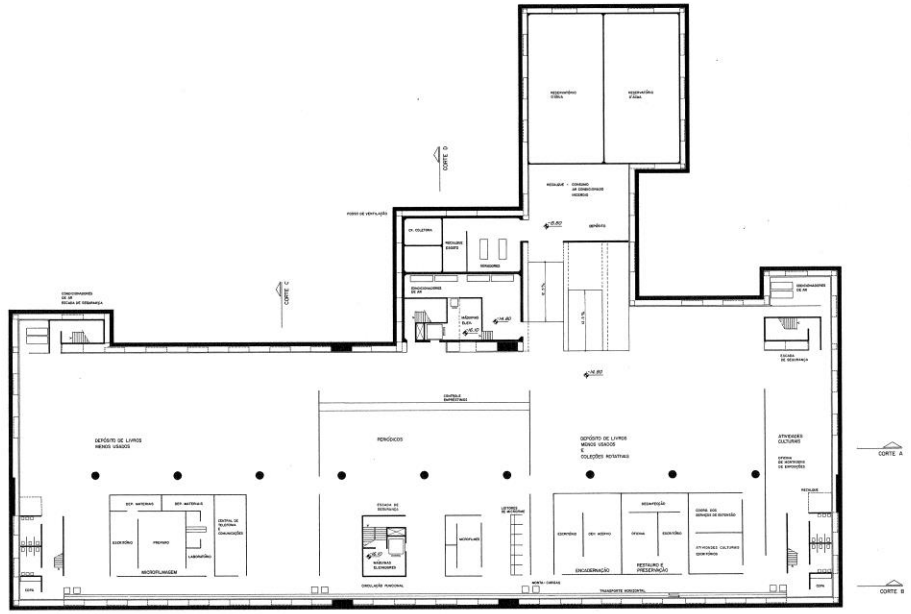
ÁREA TOTAL	4.700	M²
CIÊNCIAS HUMANAS	1.080	M²
CIÊNCIA E TECNOLOGIA	1.080	M²
BIBLIOTECA BRAILLE	500	M²
SERVIÇOS TÉCNICOS	967	M²
UTILIDADES	200	M²

4º PAVIMENTO

ÁREA TOTAL	4.700	M²
PERIÓDICOS	896	M²
DEPÓSITOS DE LIVROS MENOS USADOS E COLEÇÕES ROTATIVAS	1.025	M²
SERVIÇOS TÉCNICOS	624	M²
UTILIDADES	850	M²



PLANTA DO 3º PAVIMENTO COTAS +11.40 E +12.95



PLANTA DO 4º PAVIMENTO COTAS +14.60 E +16.10

TEXTO EXPLICATIVO

O EDIFÍCIO FOI ORGANIZADO PELO PROGRAMA QUE SE INSTALA RIGOROSAMENTE COM AS ÁREAS PREVISTAS NO EDITAL, DE FORMA LIVRE E FLEXÍVEL, MARCADO PELO PARTIDO DO PROJETO QUE DISTINGUE UMA ALA DE SERVIÇOS E APOIO, E OUTRA PARA O PÚBLICO, COM EXTENSÃO PARA A ÁREA JUNTO À RUA DA ALFÂNDEGA COM AS BIBLIOTECAS ESPECIALIZADAS NOS MEIOS PAVIMENTOS. AMBAS AS ALAS COM SISTEMA DE TRANSPORTE MECÂNICO E ACESSOS INDEPENDENTES E ADEQUADOS:ELEVADORES PARA 25 PASSAGEIROS SENDO PREVISTO NA ALA TÉCNICA, SEU USO TAMBÉM PARA CARGAS. MONTA CARGAS E TRANSPORTE HORIZONTAL. RAMPAS JUNTO À GALERIA DE PÚBLICO, AO LONGO DO EIXO MAIOR DO PRÉDIO, HÁ 3 ESCADAS DE EMERGÊNCIA, EQUIDISTANTES DE ACORDO COM AS LEIS, UMA OUTRA ESCADA DE SEGURANÇA FICA JUNTO À ÁREA DOS SERVIÇOS DE APOIO TÉCNICO ADMINISTRATIVO.

NO 1º PISO, SAGUÃO DA BIBLIOTECA, AO LONGO DA PRESIDENTE VARGAS, JUNTO AO LEITO CARROÇÁVEL DE TRÁFEGO LOCAL; COM ENTRADA PELA TOMÉ DE SOUZA E SAÍDA NA PRAÇA DA REPÚBLICA, HÁ UMA VIA INTERNA DOS VEÍCULOS DA BIBLIOTECA, CARGA E DESCARGA, GARAGE, PORTARIAS ETC.

TODO O EDIFÍCIO, NOS SEUS RESPECTIVOS PAVIMENTOS, É SUPRIDO DE EQUIPAMENTOS TÉCNICOS E MECÂNICOS COMPLEMENTARES, CONDICIONADORES DE AR, ESCALEIRAS, GERADORES, CABINES DE MEDIÇÃO, RESERVATÓRIOS, APARELHOS DE REFRIGAMENTO... UMA TORRE INDEPENDENTE, COM TRANSPORTE VERTICAL PRÓPRIO E ACESSO PELO TÉRREO NA RUA DA ALFÂNDEGA, PARA MANUTENÇÃO E CONTROLE DOS COMO SERVIÇOS DA CANTINA E OUTROS, COM INDEPENDÊNCIA DOS RECURSOS EXCLUSIVOS DA BIBLIOTECA.

OS SANITÁRIOS PÚBLICOS TAMBÉM ESTÃO NESSA TORRE, SENDO NO MEIO GERAL EM RELAÇÃO AO SALÕES.

INDEPENDENTE DO CAFÉ E DA CANTINA, QUE SITUADOS JUNTO À RUA DA ALFÂNDEGA, EM TODO PAVIMENTO HÁ SANITÁRIOS E COPA (PEQUENA) NA ALA DOS SERVIÇOS.

ESSE REPOUSO E CAFÉ COMUNS O PROJETO ATÉ UM MARCO NA RUA DA ALFÂNDEGA, COM A FACHADA EM FUGA PARA O INTERIOR DA PEQUENA PRAÇA. HÁ PORTAS LATERAIS NA IGREJA DE SÃO GONÇALO, MUITO ATRAENTES, OPOSTAS E ALINHADAS, QUE LIGAM ESSA PRAÇA LATERAL COM A PRAÇA DA REPÚBLICA (FECHADAS ATUALMENTE COM ALVENARIA).

ESPERAMOS QUE OS DESENHOS POSSAM ESCLARECER AS DEMAIS INSTALAÇÕES DO PROGRAMA.

O ACESSO E SAÍDA GERAL DO PÚBLICO É NO LARGO, JUNTO À RUA TOMÉ DE SOUZA E AV. PRESIDENTE VARGAS, ESCADARIA, PORTARIA E GUARDA VOLUMES. A BIBLIOTECA INFANTIL PODERÁ TER ACESSO INDEPENDENTE.

UMA RUA INTERNA DESSE SAGUÃO COMUNICA DIRETAMENTE ESSE RECINTO DE ACOLHIMENTO GERAL DA BIBLIOTECA COM OS JARDINS ESUERRADINHO NO CAMPO DE SANT'ANA, POR SAINO DO LEITO DA RUA LATERAL, PRAÇA DA REPÚBLICA. ADJUNTÓRIO, COLEÇÃO RIO DE JANEIRO, BIBLIOTECA INFANTIL, SALA DE LEITURA LIVRE, CATÁLOGO GERAL, RAMPAS, ELEVADORES E ESCADAS, LIGADOS A UM JARDIM, COMO FORMA DE DIVISÃO DOS ESPAÇOS DEBAIXO ALÉM DO QUE SE CONVENCIONA NORMALMENTE POR "TERRENOS".

NO ALINHAMENTO DA AV. PRESIDENTE VARGAS AO LADO DA PRAÇA DA REPÚBLICA, HÁ UMA TELA ELETRÔNICA, VOLTADA PARA O RECINTO INTERNO DA PRAÇA QUE MANTÉM UMA NOTÍCIA DA BIBLIOTECA PARA O RECINTO.

ALGUNS PAINÉIS DO PESADO METÁLICO DOS SALÕES, PODERÃO CONTER VITRINE PARA SE CONHECER A ENGENHARIA DA CONSTRUÇÃO, EM LUGAR OPORTUNO.

ESSAS PAREDES, JUNTO AO POSSO DE SEGURANÇA, CONTERÃO JANELAS HERMÉTICAS, COM VENTILAÇÃO DE EMERGÊNCIA.

O POSSO DE SEGURANÇA NÃO RECEBE ÁGUA PLUVIAL OU DIRETA DA CHUVA. AS ABERTURAS PARA SUA VENTILAÇÃO PERMANENTE DEVÃO SAR EMPREGO DA ELEVAÇÃO DE 1,20 M SOBRE O QUE ADOTAMOS COMO COTA 0,00 M CHEIO PIO DA AV. PRESIDENTE VARGAS).

A PROPOSTA QUE APRESENTAMOS DEVERÁ SER CAPAZ, ENQUANTO UMA CONSTRUÇÃO, DE ABRIGAR A BIBLIOTECA PÚBLICA DO RIO DE JANEIRO COM CONFORTO E FLEXIBILIDADE, COM ATENÇÃO AO USO PÚBLICO DE FORMA DEMOCRÁTICA NA DISTRIBUIÇÃO DOS SERVIÇOS GERAIS, DE FÁCIL MANUTENÇÃO E CAPAZ DE SE MODERNIZAR COM O TEMPO.

Biblioteca do Rio de Janeiro - 1984

> O corredor cultural na cidade do Rio de Janeiro há de se influir decididamente como fator de referência a reurbanização e ao caráter da cidade.
> (...)
> O que pretendemos é compor um espaço onde possa conviver o antigo com o novo como história da cidade e seus projetos. Feitos para estudo, a memória e o conhecimento e que não deve repetir imagens comuns aos outros prédios. Seria um acolhimento nítido, uma viela paralela à rua da Alfândega com uma pequena praça ao lado da igreja de São Gonçalo, agora destacada contra o arvoredo do Campo de Sant´ana, com sombra.[101]

O local de inserção do projeto foi localizado em frente à Avenida Presidente Vargas, rua essa de fundamental importância para leitura da cidade carioca. Trata-se de uma das importantes articulações urbanas da cidade sob o ponto de vista de mobilidade que, ainda com outro nome, é a mesma que se conecta com o Estádio Maracanã, parte do Campus da UFRJ, no sentido continente adentro. No outro sentido, desemboca no mar a 1,5km. Nesse trajeto, perpassa a Igreja da Candelária, que teve sua obra iniciada em 1608, e chega em uma grande praça rodeado por uma de série de equipamentos públicos. O terreno é a metade de um quarteirão, onde também se localiza a Igreja de São Gonçalo e um conjunto de edificações geminadas de pequena escala que abrigam usos diversos. Na via local, paralela à Avenida da Alfândega, acontece uma grande feira informal. O quarteirão se situa ao lado da Praça da República, também denominado como Campo de Sant´ana conforme o projeto dividido pela rua da Praça da República. Do outro lado do terreno, perpendicularmente se encontra a Rua Tomé de Souza.

O conjunto de desenhos submetidos ao concurso foram três pranchas em formato A1 estendido. Paulo Mendes da Rocha se utiliza de suas estratégias usuais de diagramação e organização das informações. Reserva uma coluna para textos nas três folhas que vão sendo intercalados por croquis complementares à memória que vão desde a escala urbana, envolvendo o mar e parte da malha da cidade até alguns detalhamentos construtivos. Os desenhos, como de praxe, seguem um grande rigor técnico, sempre correlacionando a planta com os cortes. Os cortes, como já muitas vezes destacado em diversos trabalhos do arquiteto, são fundamentais para compreensão da proposta. Nota-se também um cuidado técnico gráfico que exalta as

[101] Transcrição de trecho da memória descritiva presente na primeira prancha submetida ao concurso. 1984.

técnicas construtivas, em especial nas contenções do volume enterrado. Vemos novamente a opção de se utilizar apenas desenhos técnicos, sem perspectivas ou imagens de maquetes. Destaca-se o grande acervo de croquis de ideias iniciais e especulações projetuais encontrado no escritório, ao todo um conjunto de 14 folhas A4.

A memória descritiva do projeto se organiza em três blocos, a folha 01 resume a proposta em geral com ênfase no contexto urbano/histórico; a folha 02, resume as técnicas executivas utilizadas e a folha 03 apresenta o objeto edificado com programa de necessidades. Tendo em vista a complexidade construtiva proposta, parte grande do texto é voltada para as estratégias construtivas das cortinas de concreto que alcançam aproximadamente 15 m de profundidade. Em meio às definições técnicas, são inseridas algumas possíveis respostas acerca de indagações sobre o contraste da edificação: “O que pretendemos é um espaço onde possa conviver o antigo com o novo como história da cidade e seus projetos. Feito para o estudo, a memória e o conhecimento e que não deve repetir imagens comuns aos outros prédios.” Seguido de algumas situações imaginárias acerca da experiência espacial proporcionada.

Seria um acolhimento nítido, uma viela paralela à rua da Alfândega com uma pequena praça ao lado da Igreja de São Gonçalo, agora destacada contra o arvoredo do campo de Sant'ana, com sombra. Como Manuel de Carvalho – Teatro Municipal. A cota da ponte, sobre o lago, no campo de Sant'ana é de +1,50m sobre o meio fio da Av. Presidente Vargas, elevamos o recinto. Nessa viela, até essa cota.

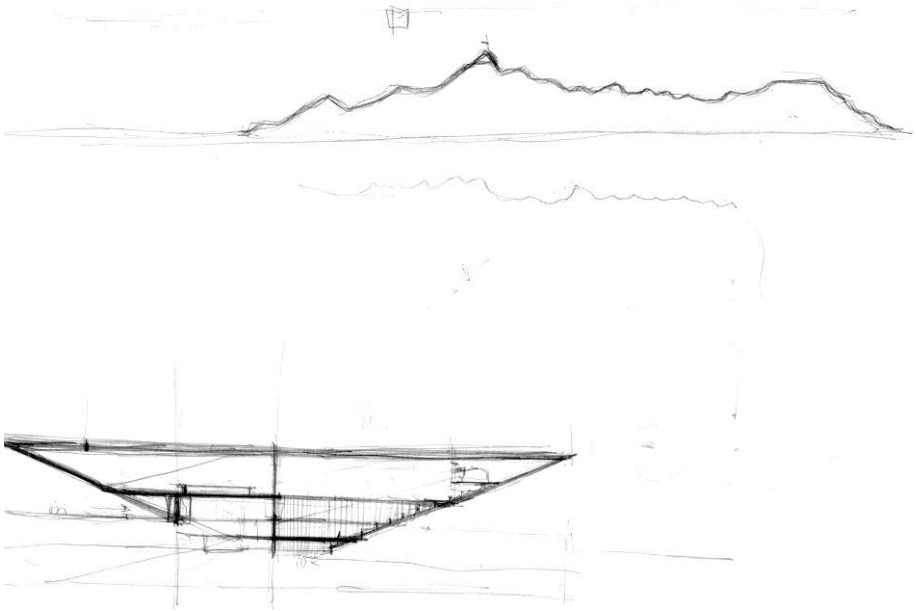


Figura 130 : pmr-estudo brj 01

Essa amarração física correlata a elementos físicos existentes torna-se simbólica para delimitação da praça, sem que se perca a continuidade. A plataforma é levemente destacada do terreno com objetivo de definir um recinto e auxiliar tecnicamente a ventilação do programa enterrado. Na segunda folha, tendo em vista o grande esforço técnico construtivo e elevado custo executivo, já se antevendo talvez a uma resistência por parte do júri, o texto apresenta um domínio executivo e justificado. Ainda que seja bem mais simples do ponto de vista executivo, a mesma estratégia é utilizada dois anos depois na proposta para o MuBe. A inserção de corredores de manutenção ao longo das cortinas de contenção serve tanto para redobrar o isolamento em relação à umidade quanto para ventilação, além de galeria técnica. Ao longo de todo texto, também é utilizada a estratégia de ilustração de croquis, agora de ordem técnica. A terceira folha se atém a explicar a distribuição do programa e a lógica operacional; destaca-se ao final a abordagem sobre manutenção e intenção de um partido flexível que seja “capaz de se modernizar com o tempo”.

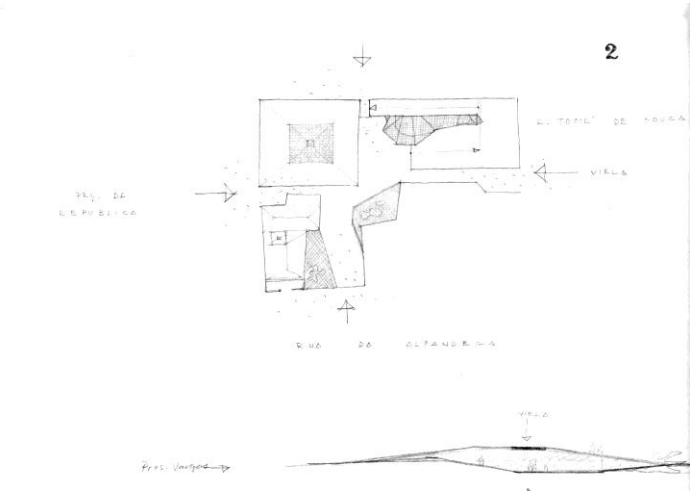


Figura 131 : pmr-estudo brj 02

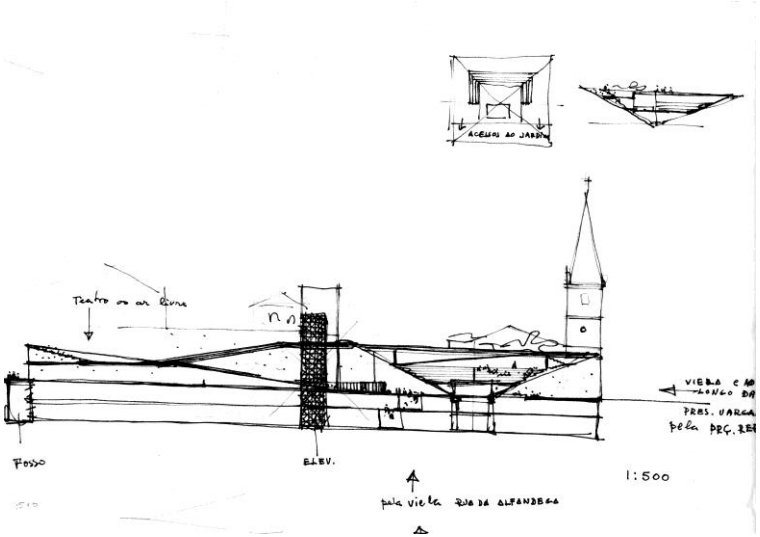


Figura 132 : pmr-estudo brj 03

A *paisagem* do imaginário de Paulo Mendes da Rocha, por assim dizer, desse projeto é provavelmente uma das mais intrigantes tendo em vista o acervo com uma série de reflexões que precederam a elaboração do projeto submetido. Nesse belo conjunto de memória de croquis, encontramos um importantíssimo registro sobre o discurso desenhado do arquiteto. Nele nos é apresentado uma formatação do imaginário do arquiteto em processo. Ao lado dos desenhos com maior quantidade de definições, talvez os que contenham ideias mais maduras, encontramos pequenos croquis, traçados de maneira sutil com o lápis, de outros vários projetos de referência, inclusive de outro arquiteto. É possível identificarmos os cortes ou elevações do Pavilhão de Osaka e o Clube Atlético Paulistano. Nessa mesma folha, também é passível interpretarmos no corte uma espécie de investigação, aumentado os apoios da laje por meio de pilares com o formato peculiar da Rodoviária de Jaú, inaugurada em 1973, de Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi, carinhosamente apelidado por *repolhinho*[102]. Esse conjunto parece se tratar de uma reflexão sobre como o objeto construído iria tocar o solo.

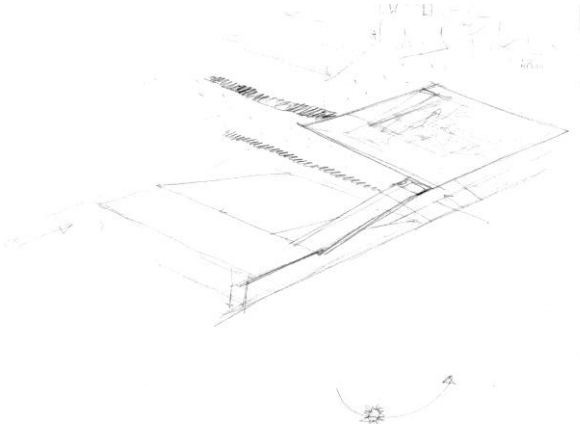


Figura 133 : pmr-estudo brj 04

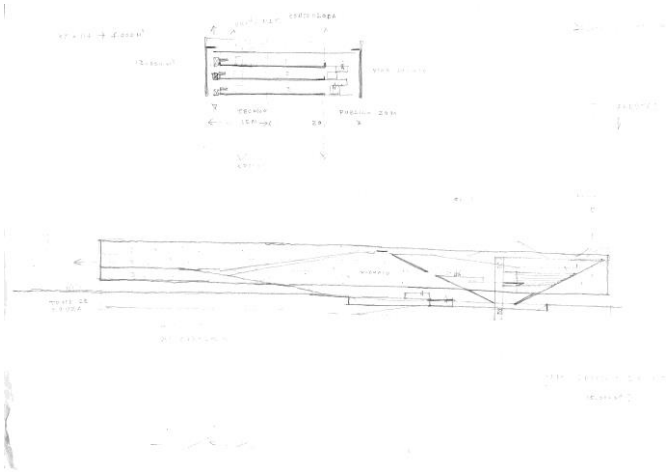


Figura 134 : pmr-estudo brj 05

[102] Com base no depoimento de Jon Maitrejean no documentário **Vilanova de Artigas: o arquiteto e a luz**, de 2015, com direção de Laura Artigas e Pedro Gorski.

Identifica-se a não ocupação do térreo como premissa, seja qual for a especulação envolvida. Os outros desenhos de obras paralelas são de projetos de Niemeyer, um pequeno croqui da catedral e alguns outros como o projeto do Museu de Arte Moderna de Caracas (1954), que é uma constante no imaginário de Mendes da Rocha ao longo de toda sua trajetória. A volumetria da pirâmide invertida foi utilizada em dois momentos anteriores, na proposta para Centro Beaubourg em 1971 e posteriormente para o MAC-USP em 1974. O fascínio do arquiteto pelo projeto de Niemeyer aparece em algumas entrevistas na qual comenta: “O museu do Oscar é uma nova expressão da mesma coisa. Não como mesmice, é claro, mas como reflexão que se prolonga”.[103] E nessa mesma lógica de prolongamento, Mendes da Rocha avança em um partido que contém essa volumetria, associada a novos elementos, que ora conformam um anfiteatro ou um conjunto de rampas laterais (destaca-se que em ambas a implantação da pirâmide reforça a conexão com uma galeria proposta que se conecta com a rua da Alfândega). Um dos partidos mais maduros enquanto produto é composto por uma pirâmide invertida e um grande jogo de passarelas e rampa que conformam um grande teatro de arena.

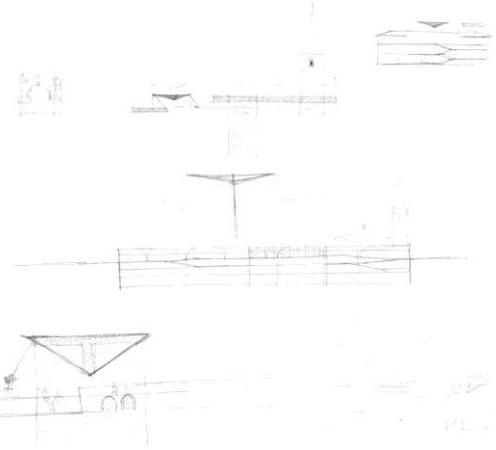


Figura 135 : pmr-estudo brj 06

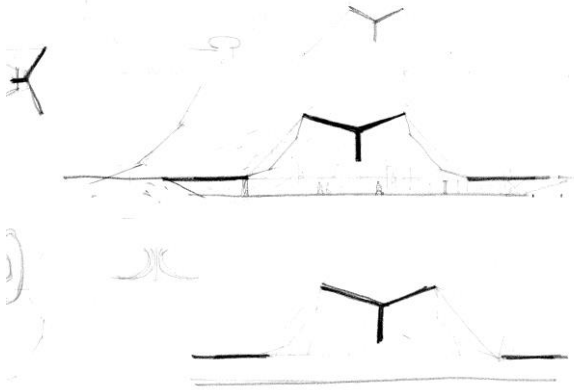


Figura 136 : pmr-estudo brj 07

[103] A exemplo da entrevista concedida a Guilherme Wisnik, intitulada **Niemeyer Construtor**, publicada na Folha de São Paulo, em 9 de dezembro de 2007, e posteriormente na coletânea **Encontros** (2012).

Extrapolando o campo de paralelos, seria algo semelhante ao que o português Carrilho da Graça projetou para o Terminal de Cruzeiro em Lisboa, projeto escolhido por meio de concurso internacional em 2010, cuja obra foi concluída em 2018, ainda que a urbanidade não seja tão intensa, talvez pela natureza fechada do programa. No croqui em que a pirâmide recebe uma disposição inicial de programas internos, o arquiteto desenha a paisagem, literalmente nesse caso, ao que parece um conjunto de montanhas da cidade, incluindo um pequeno teleférico, nos levando a crer que essa volumetria estava se atrelando ao discurso no sentido de monumentalidade da natureza em meio à cidade. A igreja de São Tomé também é uma constante presente nos croquis, tanto nas especulações em planta como nas elevações. E, por fim, desse conjunto de indagações destaca-se primordialmente a liberação do solo e a conformação de uma grande praça e o acúmulo de funções programáticas no subsolo. Grande parte das reflexões contidas são especulações, em cortes, acerca do elemento que demarca a conformação dessa praça, uma espécie de pórtico que, de certa maneira, delimita um abrigo e acena para cidade centenária. Há uma intenção não negociável do recuo e estabelecimento de um grande vazio a ser conformado como praça e conectar-se com a rua local. Importante ressaltar que essa praça é um programa “extra” que o arquiteto utiliza como premissa, até porque o projeto vencedor de Glauco Campello ocupa toda a delimitação do terreno. Portanto, é possível presumir um desejo próprio com relação à inserção de um espaço não previsto em edital que orienta a tomada de decisões subsequentes. Ainda fazendo eco à citação sobre o domínio técnico para justificar o desejo projetual no depoimento sobre o Clube da Orla, os croquis, de certa maneira, já contêm o partido final adotado, a grande viga biapoiada como elemento simbólico da biblioteca e há uma série de cálculos de pré-dimensionamento. Ainda que o programa não esteja sendo registrado em desenho, o cálculo espacial de volume e área vai sendo anotado em diversos momentos, já prevendo uma área passível de receber o somatório total do programa.

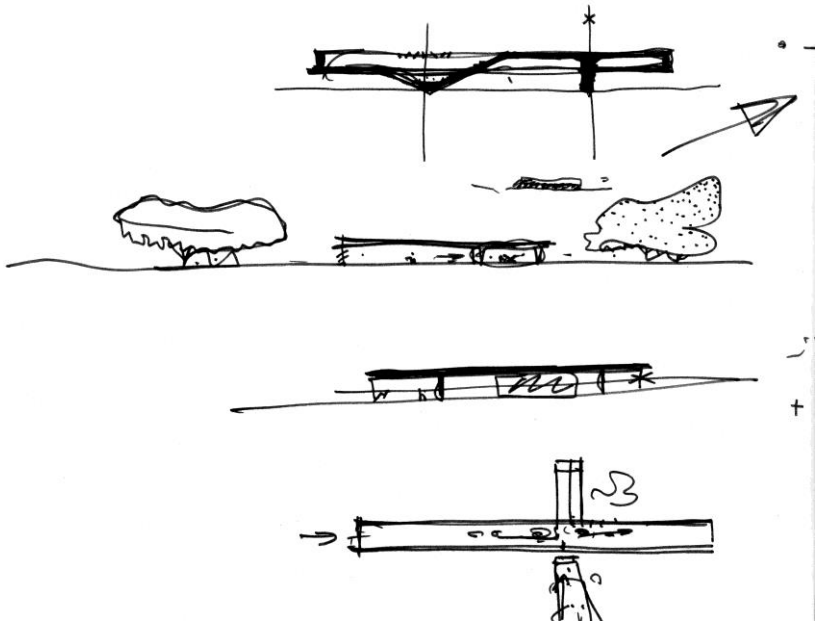


Figura 137 : pmr-estudo brj 08

A proposta final, submetida ao certame, pode ser assumida como uma espécie de ensaio para o projeto que viria a ser o vencedor para o concurso do MuBE em 1986, conforme já destacado nos textos de Sobreira (2018) e no artigo de Pisani para a Revista **A+U** de dezembro de 2021. A estratégia de enterrar parte majoritária do programa para permitir a criação de áreas livres na superfície não era uma solução inédita na obra do arquiteto, porém essa talvez tenha sido a mais incisiva até então. Essa estratégia volta a se repetir em uma das últimas participações em competições, na proposta para o Museu do Século XX de Berlim de 2016 na praça ao lado da National Galerie, última elaborada por Mies van der Rohe.

O projeto enviado ao certame, em síntese, trata-se de uma plataforma levemente elevada da calçada sob um grande pórtico (111,2m) com praticamente todo o programa operacional abaixo do nível do solo. O único programa acima do nível do solo se encontra verticalizado ao longo da conexão entre as ruas, nele foi inserido parte do programa que contém fluxo mais intenso, provavelmente para ativar a passagem no espaço em que a permeabilidade visual não é tão franca. Porém, ainda na primeira prancha é justificada a altura máxima do pequeno edifício de apoio e pórtico em 11m, com o objetivo de descortinar as visuais, ainda assim mantendo-se mais baixo em relação aos edifícios do entorno já consolidados, reforçando e continuando a ideia contida no discurso de Osaka de não refutação do passado, e sim alternativas de conciliar, sem perder a noção crítica e continuar. O recorte de outros trechos do texto explicativo nos aproxima de uma escala de projeto mais íntima e nos auxilia na leitura projetual da praça: "... o eixo da Presidente Vargas que anuncia o mar. Para quem vem do Centro a pé, as entradas são noutra escala…". Portanto, além do imaginário maior de orientação na cidade ao evocar o mar, constata-se um cuidado em relação à escala do cotidiano, evidenciando o cuidado com relação às *ações*, ainda que de maneira superficial. O grande pórtico paralelo à via principal cumpre uma função de marco simbólico que acena para a cidade uma nova forma de ocupação do território. Os elementos edificados são costurados a partir de réguas ortogonais orientadas pelos edifícios que circundam, como quem busca conversar, nesse caso específico, de forma paralela à Avenida Presidente Vargas. Posteriormente no MuBE, o pórtico surge como marco, agora em um ângulo de 90 graus em relação à Avenida Europa e ao depois pórtico da Praça do Patriarca (1992), amarrado ao desenho da praça centenária e encaixada entre as esculturas que carregam parte da história do bairro, com seus pilares implantados abalizando as vias que ali existiram.

No primeiro nível da biblioteca, se encontra o grande salão com o programa mais público, como auditório, exposições e estacionamento, além de um túnel que irá emergir no Parque da República (Campo de Sant'Ana). Também digno de registro, é a utilização de um grande elemento escultórico curvo, um anteparo alinhado com a viela, talvez com o intuito de criar um recinto e visuais,

resguardando dinâmicas peculiares na praça. Essa estratégia já havia sido utilizada no Centro Pompidou, e depois não voltou a ser utilizada na obra do arquiteto.

A partir dos dois trechos da memória "...para ampliar as visuais, alargar o espaço até a Presidente Vargas, de quem vai da Marechal Floriano, pela Tomé de Souza, para a Alfândega" e "estas proporções, a ideia de ocupar toda a frente, levou aos desenhos finais … ", é possível perceber o intuito de configurar uma grande praça pública, desimpedida de controle de acessos. Nesse caso, isso passa também pelo desejo de reconfigurar a lógica fechada de quarteirão, criando uma *passagem*, aumentando as possibilidades de integração e convidando o fluxo descompromissado da cidade a perpassar o local. Além da praça, a passagem se conecta a uma outra escala de ações mais desaceleradas da Rua da Alfândega. Tendo em vista que o local poderia gerar uma área residual e insegura pela redução abrupta de escala de passagem, o arquiteto insere parte do programa, dentre os quais o próprio acesso para biblioteca, para que se intensifiquem as atividades e fluxos. É uma estratégia presente e contínua na arquitetura brasileira, a exemplo do SESC Pompeia de Lina Bo Bardi e mais recentemente a Praça das Artes do escritório Brasil Arquitetura.

Sob a ótica técnica desarticulada do contexto, consiste em uma estratégia contraditória; porém, há, de fato, ainda que o programa principal fique em segundo plano, a opção de criar um vazio e qualificá-lo para conter as ações dos transeuntes. É uma forma do arquiteto devolver a rés do chão ao cidadão. A cidade pública é a totalidade não variável que tem ou deveria ter alguns poucos espaços reclusos, portanto esse envelopamento desses espaços de natureza fechada é feito com base na tomada de decisão estabelecida na coletividade. Constata-se sob uma perspectiva semelhante e complementar, na tese Bucci (2010), que o momento inaugural de qualquer projeto é a partir do outro e não de si próprio. Podemos ainda avançar na suposição de que, dadas as circunstâncias, o desenho desse grande largo é quase como quem diz: "olha a história da cidade acontecendo". Há deliberadamente a escolha de retirar esses *sistemas de objetos* de ordem programática fechada do nível do pedestre, permitindo uma livre apropriação das ações. Nesse sentido, cabe a citação de um texto de Mendes da Rocha, talvez um dos seus mais sensíveis, sobre a obra de Lina de Bardi, publicado na Revista **Caramelo**, nº 4 de 1992, intitulado a **Imagem do Brasil**[104], ano da morte da arquiteta. Nele encontramos a projetação de grande parte de seu próprio discurso na obra da arquiteta. No texto, é apresentada a questão de uma nova forma de ocupação do território na América a

[104] Republicado no livro de coletânea de textos e entrevistas **Futuro desenhado** de 2018.

partir dos erros europeus, ponto quase que cristalizado e humanizado na própria Lina por sua trajetória:

> Eu sinto na obra dela, uma monumentalidade, uma noção de resgate da América dos escombros do colonialismo, desse horror todo do nosso passado perdido. Daí as formas da Lina me darem a impressão de uma arquitetura que é a da paisagem também. Como se fossem grandes pedras, grandes espaços, tudo isso como um hino à magnificência da América, uma visão de esperança ao futuro.
> (...)
> Lina tem a consciência daquilo que é fundamenta na cultura de um povo, do que é eminentemente popular. (...) Ela faz uma arrumação das belezas que aqui já estavam, e isso traz a imediata identificação das pessoas com a sua obra.

Projeta-se, de certa maneira, essa ênfase de como lidar com o conflito de se construir em uma área com enorme valor histórico, negando historicamente o seu discurso implícito, porém, sem deixar de ser dialógico fisicamente. Por último, destaca-se novamente, a título de resumo, um posicionamento crítico com relação às demandas do certame, ainda que o discurso naturalize a ideia de praça e vazio. Isso faz parte exclusivamente da proposição do arquiteto. Por meio dessa disposição espacial de não ocupação no território, as ações externas passam a fazer parte desse novo programa proposto. Talvez a grande qualidade comunicativa dessa posição é a forma contundente de se questionar, de maneira propositiva e silenciosa, por meio de um imaginário espacial amplo, ainda que geral, sob o ponto de vista urbano e de uma linguagem objetiva resoluta criada pela complementariedade entre discurso e desenho.

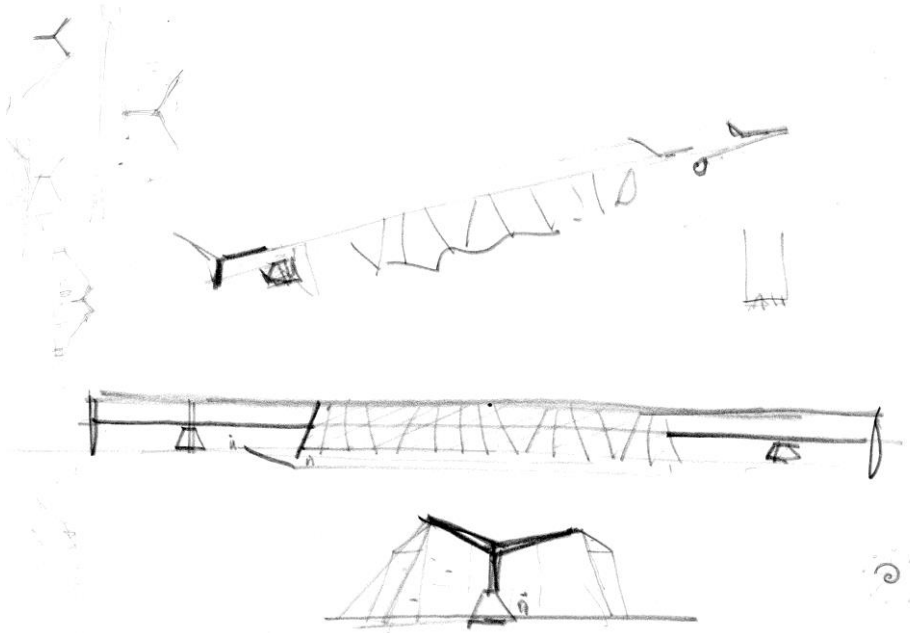


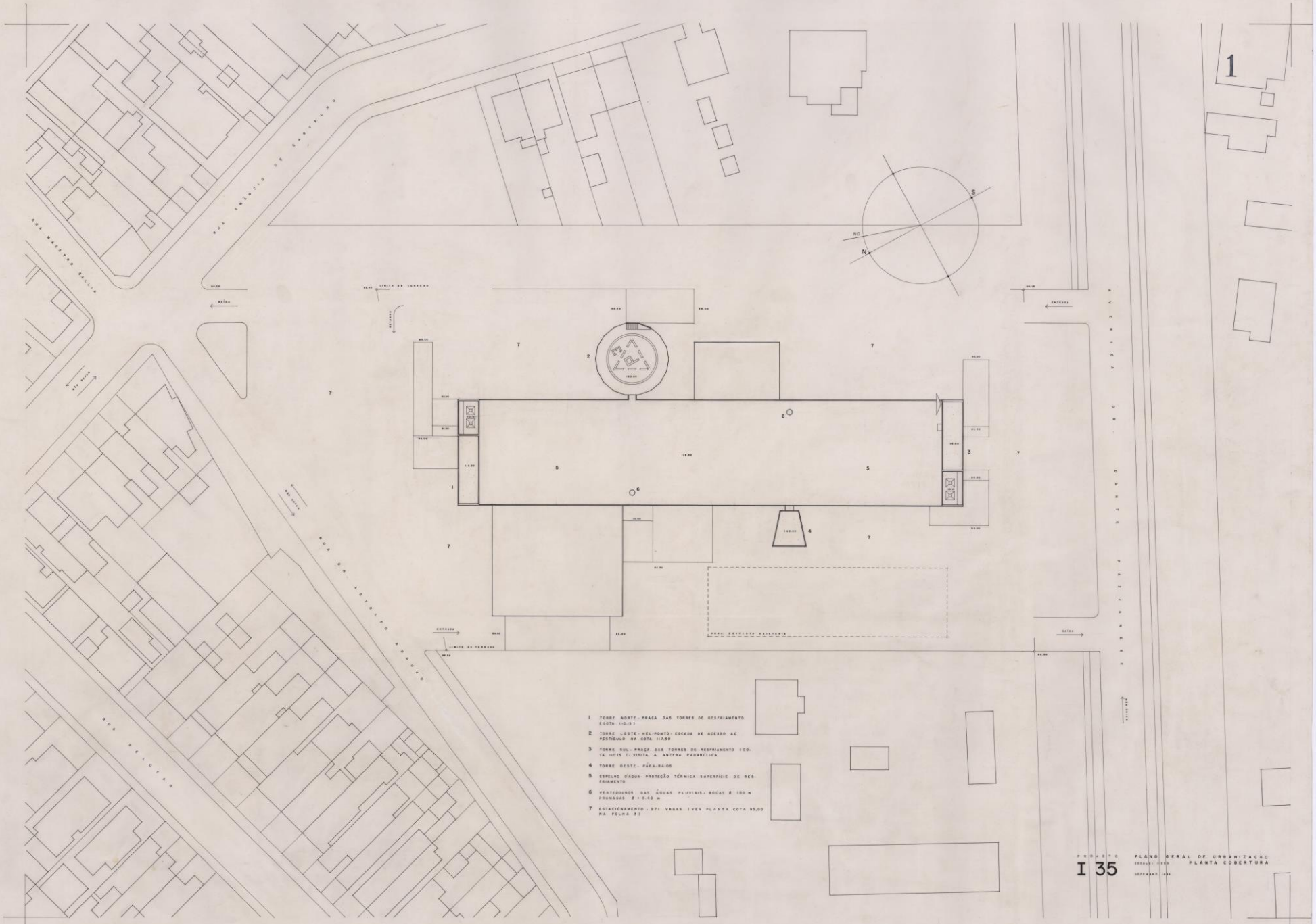
Figura 138 : pmr-estudo brj 09

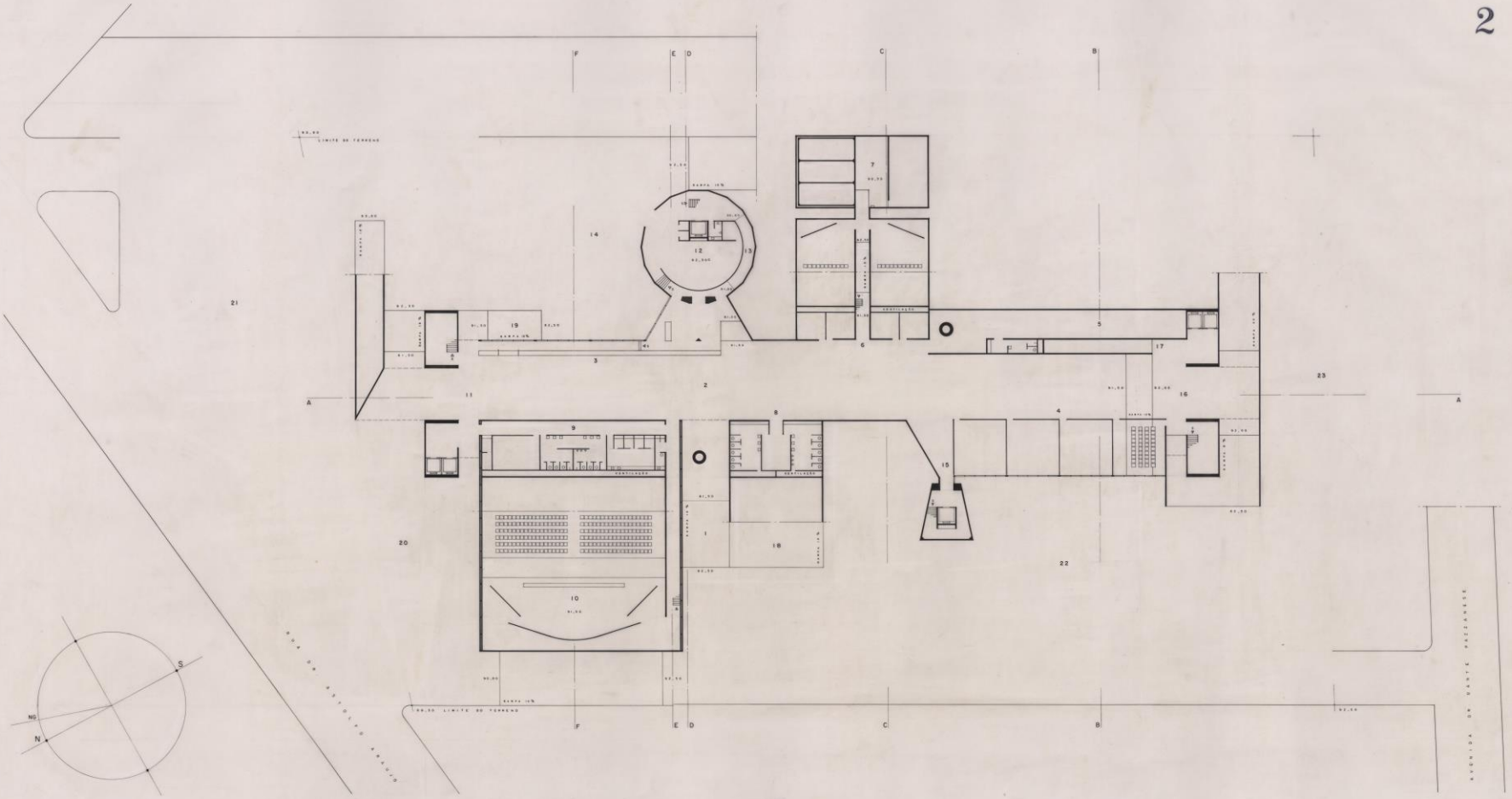
Instituto de Engenharia - 1988

conjunto de pranchas

figura 137: PT-CA-PMR-3-PA-097_02998
figura 138: PT-CA-PMR-3-PA-097_03000
figura 139: PT-CA-PMR-3-PA-097_03002
figura 140: PT-CA-PMR-3-PA-097_03004
figura 141: PT-CA-PMR-3-PA-097_03006
figura 142: PT-CA-PMR-3-PA-097_03008
figura 143: PT-CA-PMR-3-PA-097_03010
figura 144: PT-CA-PMR-3-PA-097_03012
figura 145: PT-CA-PMR-3-PA-097_03014
figura 146: PT-CA-PMR-3-PA-097_03016
figura 147: PT-CA-PMR-3-PA-097_03018
figura 148: PT-CA-PMR-3-PA-097_03020
figura 149: PT-CA-PMR-3-PA-097_03022
figura 150: PT-CA-PMR-3-PA-097_03023
figura 151: PT-CA-PMR-3-PA-097_03024
figura 152: PT-CA-PMR-3-PA-097_03025

Fonte: Casa da Arquitectura


1
S
NO
N
AVENIDA DO CONTORNO
RUA CONSELHEIRO DE CARVALHO
RUA MAESTRO GALLIA
RUA GENERAL ARAUJO
RUA PELOTAS
LIMITE DE TERRENO
ENTRADA
SAÍDA
PROJ. EDIFÍCIO VIZINHO
1 TORRE NORTE - PRAÇA DAS TORRES DE RESFRIAMENTO (COTA 110.15)
2 TORRE LESTE - HELIPONTO - ESCADA DE ACESSO AO VESTÍBULO NA COTA 117.50
3 TORRE SUL - PRAÇA DAS TORRES DE RESFRIAMENTO (COTA 110.15) - VISTA A ANTENA PARABÓLICA
4 TORRE OESTE - PÁRA-RAIOS
5 ESPELHO D'ÁGUA - PROTEÇÃO TÉRMICA - SUPERFÍCIE DE RESFRIAMENTO
6 VERTEDOUROS DAS ÁGUAS PLUVIAIS - BOCAS Ø 100 m PROVIDAS Ø = 0.40 m
7 ESTACIONAMENTO - 871 VAGAS (VER PLANTA COTA 99,00 NA FOLHA 3)
PROJETO
I 35
PLANO GERAL DE URBANIZAÇÃO
PLANTA COBERTURA
DEZEMBRO 1982



1 RAMPA DE ACESSO PRIVATIVO DOS SÓCIOS DO INSTITUTO DE ENGENHARIA

2 VESTÍBULO – ACOLHIMENTO E INFORMAÇÕES EXPOSIÇÕES 1090 m2

3 MESA DE ATENDIMENTO, CENTRAL TELEFÔNICA, SEGURANÇA, INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES PARA CONGRESSOS – VENDA DE PUBLICAÇÕES – CAFÉ

4 SALAS PARA CURSOS E COMISSÕES 270 m2

5 EDITORA DA REVISTA E GRÁFICA – APOIO A CONGRESSOS 235 m2

6 INSTALAÇÕES DE APOIO DOS PEQUENOS AUDITÓRIOS (100 LUGARES CADA UM) – QUATRO SALAS PARA REUNIÃO DE COMISSÕES – ACESSO AS MESAS E A CABINE DE PRODUÇÃO TRADUÇÃO SIMULTANEA E SALA DOS "SELF CONTAINED"

7 ANEXO DAS INSTALAÇÕES HIDRAULICAS E ELETRICAS – RESERVATORIO D'AGUA (300.000 LITROS), BOMBAS DE RECALQUE, GERADORES DE EMERGENCIA E SUB-ESTAÇÃO 240 m2

8 INSTALAÇÕES SANITÁRIAS E MATERIAL DE LIMPEZA

9 INSTALAÇÕES DE APOIO DO GRANDE AUDITÓRIO (600 LUGARES) – CAMARINS INDIVIDUAIS E COLETIVOS, DEPÓSITO DE INSTRUMENTOS MUSICAIS, INSTALAÇÕES SANITARIAS, CABINE TELEFÔNICA E SANITÁRIO PARA A MESA, GALERIA DE ACESSO AO PALCO, CABINES PARA TRADUÇÃO SIMULTÂNEA, CABINES DE PROJEÇÃO E SALAS DOS "SELF CONTAINED"

10 PALCO

11 ESPLANADA NORTE – LIGAÇÃO COM AS PRAÇAS EXTERNAS, JARDINS, PATIOS DE EXPOSIÇÃO AO AR LIVRE E ESTACIONAMENTOS – TORRE DE ACESSOS – ESCADA DE SEGURANÇA E ELEVADORES (20 PASSAGEIROS CADA UM) PARA ASSOCIADOS E FUNCIONÁRIOS – PORTARIA DOS ARTISTAS E PESSOAL DO TEATRO

12 DEPÓSITO DA TORRE LESTE DE APOIO DOS SERVIÇOS DE "BUFFET" – COPAS – CAFÉS E COZINHAS – CONTROLE DE ENTRADA DE MERCADORIAS E PESSOAL, DEPÓSITO FRIGORIFICADO DE LIXO, SANITÁRIO DE SERVIÇO – ESCADA E ELEVADOR PRIVATIVO (1.400 kg) 227 m2

13 GALERIA PRIVATIVA DE CHEGADA DO HELIPORTO

14 ESTACIONAMENTO PRIVATIVO DE FUNCIONÁRIOS E DA TORRE (28 VAGAS) – CARGA E DESCARGA

15 TORRE OESTE – ESCADA E ELEVADOR (20 PASSAGEIROS) PRIVATIVO DOS ASSOCIADOS – ACESSO ESPECIAL AOS RECINTOS DO RESTAURANTE, BAR E BIBLIOTECA

16 ESPLANADA SUL – ACESSO DE VEÍCULOS DE AUTORIDADES – LIGAÇÃO COM AS PRAÇAS EXTERNAS, JARDINS E PATIOS DE EXPOSIÇÃO AO AR LIVRE E ESTACIONAMENTOS – TORRE DE ACESSOS – ESCADA DE SEGURANÇA E ELEVADORES (20 PASSAGEIROS CADA UM) PARA ASSOCIADOS E FUNCIONÁRIOS

17 RAMPA DE ACESSO GERAL A ESPLANADA DOS AUDITÓRIOS COTA 95.00

18 RAMPA DE ACESSO DO PUBLICO A ESPLANADA DOS AUDITÓRIOS COTA 95.00

19 RAMPA DE ACESSO DE FUNCIONÁRIOS

20 AREA DE ESTACIONAMENTO PARA PESSOAL DE TEATRO – CARGA E DESCARGA (17 VAGAS)

21 AREA EVENTUALMENTE INCORPORADA PARA JARDINS E ESTACIONAMENTO (100 VAGAS)

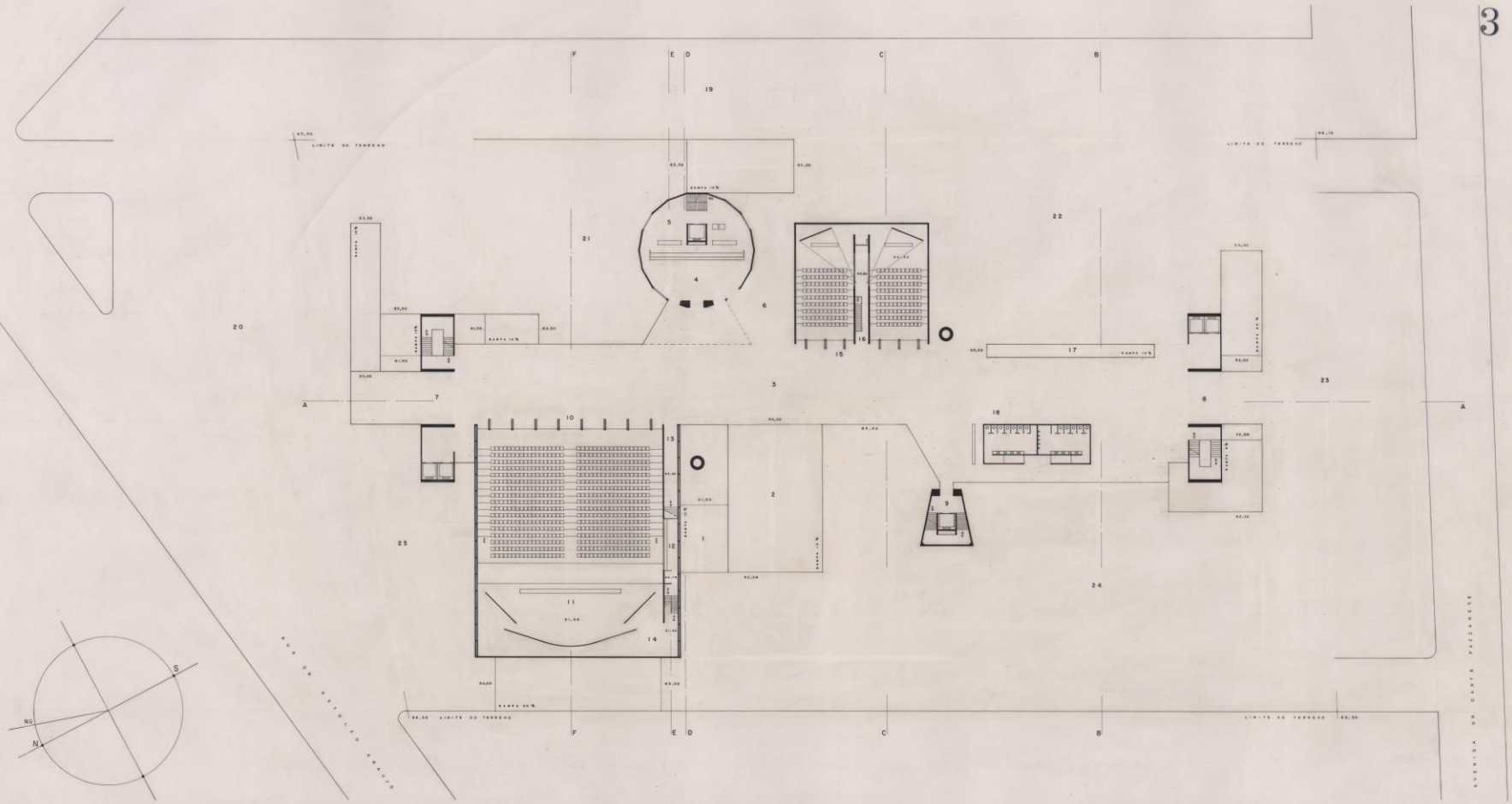
22 AREA DE ESTACIONAMENTO (90 VAGAS)

23 AREA DE ESTACIONAMENTO DE AUTORIDADES (30 VAGAS COM MANOBRISTA)

AREA TOTAL DO ANDAR 2603 m2

PROJETO
I 35

PLANTA COTA 91,50 m
ESCALA 1:200
DEZEMBRO 1968



1 RAMPA DE ACESSO PRIVATIVO DOS SÓCIOS DO INSTITUTO DE ENGENHARIA - VER DESENHO 2(PLANTA COTA 91,50)

2 RAMPA DE ACESSO DO PÚBLICO

3 ESPLANADA DOS AUDITÓRIOS - PASSEIO E EXPOSIÇÕES 1100 m2

4 BAR E CAFÉ DOS AUDITÓRIOS - SERVIÇO DE BUFFET 227 m2

5 ÁREA DE APOIO DO SERVIÇO DO BAR - ESCADA E ELEVADOR DE SERVIÇO (CAPACIDADE 1400 Kg)

6 ÁREA PARA SERVIÇO DE BAR, MESAS AO AR LIVRE

7 ESPLANADA NORTE - LIGAÇÃO COM AS PRAÇAS EXTERNAS, JARDINS, PÁTIOS DE EXPOSIÇÃO AO AR LIVRE E ESTACIONAMENTOS - TORRE DE ACESSOS - ESCADA DE SEGURANÇA E ELEVADORES (20 PASSAGEIROS CADA UM) PARA ASSOCIADOS E FUNCIONÁRIOS

8 ESPLANADA SUL - LIGAÇÃO COM AS PRAÇAS EXTERNAS, JARDINS, PÁTIOS DE EXPOSIÇÃO AO AR LIVRE E ESTACIONAMENTOS - TORRE DE ACESSOS - ESCADA DE SEGURANÇA E ELEVADORES (20 PASSAGEIROS CADA UM) PARA DIRETORIA, ASSOCIADOS E FUNCIONÁRIOS

9 TORRE OESTE - ESCADA E ELEVADOR (20 PASSAGEIROS) PRIVATIVO DOS ASSOCIADOS - ACESSO ESPECIAL AOS RECINTOS DO RESTAURANTE, DO BAR E DA BIBLIOTECA.

10 GRANDE AUDITÓRIO (1800 LUGARES) 1050 m2

11 PALCO PARA CONFERÊNCIAS, CONGRESSOS E ESPETÁCULOS - MÚSICA E TEATRO

12 CABINE PARA TRADUÇÃO SIMULTÂNEA

13 GALERIA DE ACESSO AO PALCO (COTA 91,50), CABINES DE TRADUÇÃO SIMULTÂNEA (COTA 93,75) E DE PROJEÇÃO, ILUMINAÇÃO DO PALCO E DOS "SELF CONTAINED" (COTA 97,20)

14 INSTALAÇÕES DO PALCO E ACESSO AOS CAMARINS (COTA 91,50)

15 PEQUENOS AUDITÓRIOS (100 LUGARES CADA UM) 360 m2

16 GALERIA DAS INSTALAÇÕES DE APOIO DOS PEQUENOS AUDITÓRIOS - CABINE DE PROJEÇÃO E TRADUÇÃO SIMULTÂNEA E SALA DOS "SELF CONTAINED" (COTA 97,20)

17 RAMPA DE ACESSO AO VESTÍBULO NA COTA 92,00

18 INSTALAÇÕES SANITÁRIAS, TELEFONES PÚBLICOS E PAINEL DE INFORMAÇÕES

19 FAIXA DE SERVIDÃO, ARBORIZADA

20 ÁREA EVENTUALMENTE INCORPORADA PARA JARDINS E ESTACIONAMENTO (1100 VAGAS)

21 ESTACIONAMENTO PRIVATIVO DE FUNCIONÁRIOS E DOS SERVIÇOS DA TORRE (220 VAGAS) - CARGA E DESCARGA

22 ÁREA DE ESTACIONAMENTO (140 VAGAS)

23 ÁREA DE ESTACIONAMENTO DA DIRETORIA, FUNCIONÁRIOS E ASSOCIADOS (230 VAGAS COM MANOBRISTA)

24 ÁREA DE ESTACIONAMENTO (160 VAGAS)

25 ÁREA DE ESTACIONAMENTO PARA PESSOAL DE TEATRO (10 VAGAS) - CARGA E DESCARGA

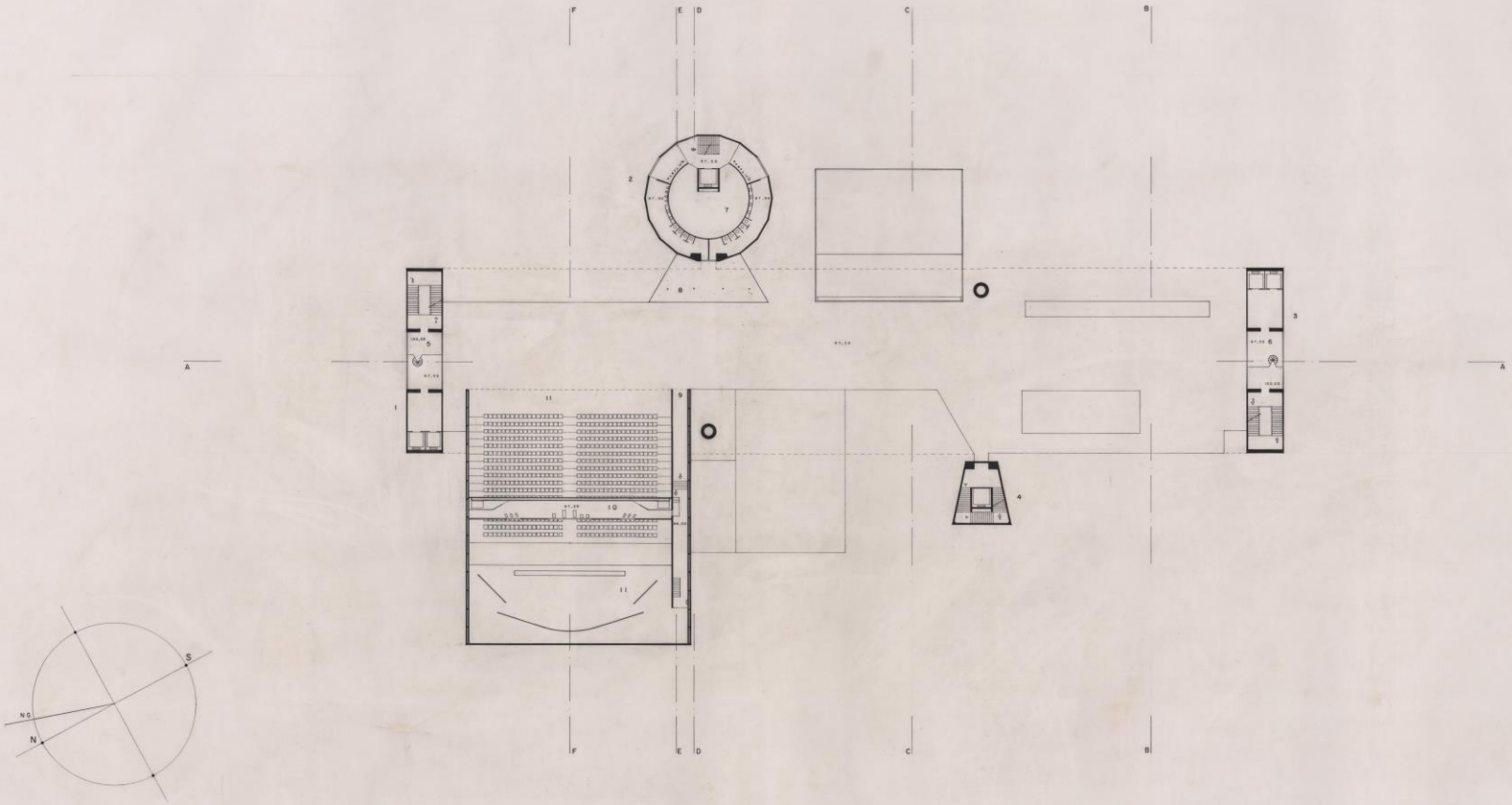
ÁREA TOTAL DO ANDAR 2020 m2

ÁREA DE JARDINS E ESTACIONAMENTOS 2980 m2

ÁREA DE EXPOSIÇÕES 1100 m2

PROJETO
I 35

PLANTA COTA 95,00 m
ESCALA: 1:500
DEZEMBRO 1968



1 TORRE NORTE - ESCADA DE SEGURANÇA E ELEVADORES (20 PASSAGEIROS CADA UM)

2 TORRE LESTE - ESCADA DE SERVIÇO E ELEVADOR (CAPACIDADE: 1600 Kg) - SANITÁRIOS DE APOIO DO BAR E CAFÉ DOS AUDITÓRIOS - APOIO PARA ENTRADA DE EVENTUAL SERVIÇO DE BUFFET NA ESPLANADA DOS AUDITÓRIOS (COTA 95,00 m)

3 TORRE SUL - ESCADA DE SEGURANÇA E ELEVADORES (20 PASSAGEIROS CADA UM)

4 TORRE OESTE - ESCADA E ELEVADOR PRIVATIVO DOS ASSOCIADOS

5 SALA DO SERVIÇO DE SEGURANÇA 38 m2

6 ZELADORIA 38 m2

7 VAZIO SOBRE O BAR E CAFÉ DOS AUDITÓRIOS (COTA 95,00 m)

8 MARQUISE SOBRE A ESPLANADA DOS AUDITÓRIOS

9 GALERIA DOS SERVIÇOS DE APOIO DO GRANDE AUDITÓRIO - ACESSO AO PALCO, À CABINE DE TRADUÇÃO SIMULTÂNEA E À CABINE DE PROJEÇÃO

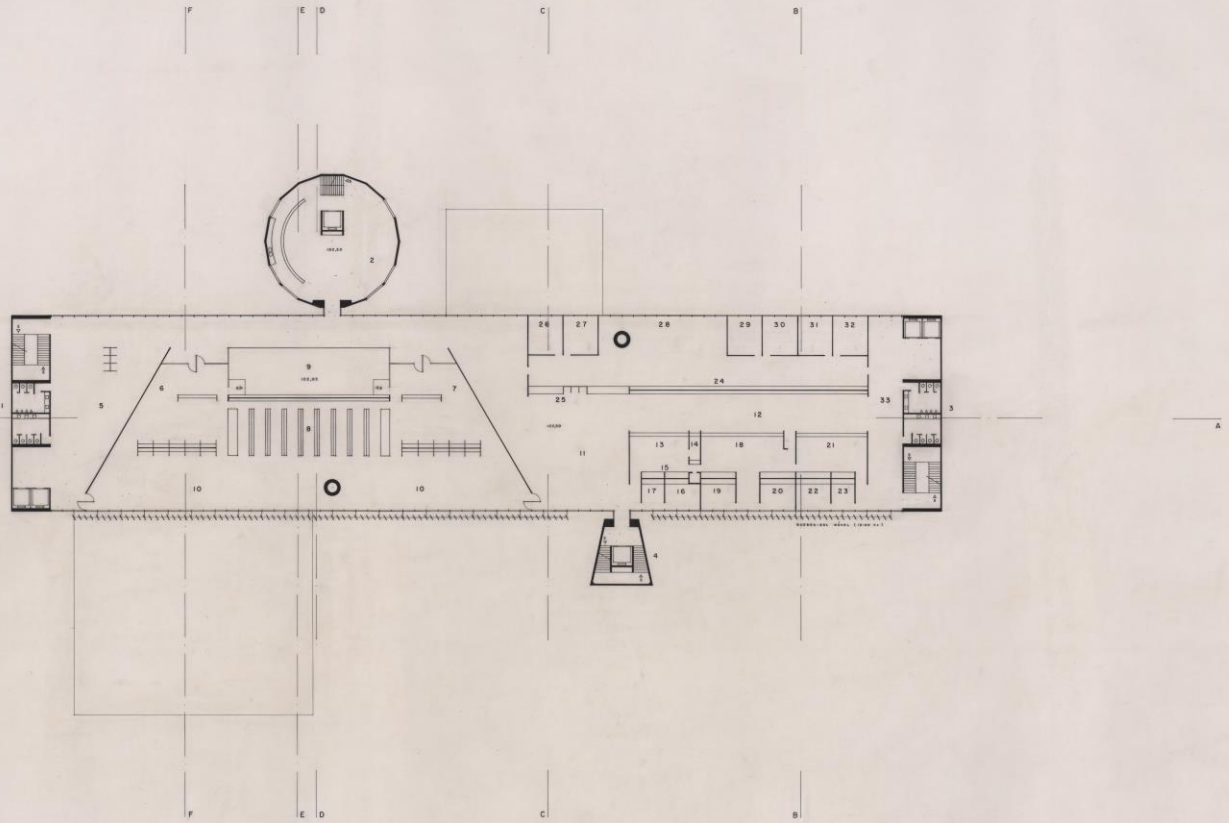
10 CABINE DE PROJEÇÃO E ILUMINAÇÕES ESPECIAIS - SALA DOS "SELF CONTAINED" (SISTEMA DE AR CONDICIONADO)

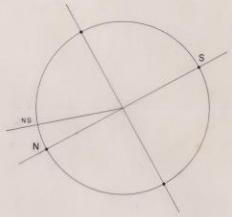
11 VISTA DA PLATÉIA E PALCO DO GRANDE AUDITÓRIO (1600 LUGARES)

ÁREA DO ARGAR 297 m2

PROJETO
I 35

PLANTA COTA 97,50 m
ESCALA 1:500
DEZEMBRO 1998





1 TORRE NORTE- ACESSOS DE ESCADA DE SEGURANÇA, ELEVADORES (20 PASSAGEIROS CADA UM) E SANITÁRIOS ASSOCIADOS E FUNCIONÁRIOS.

2 TORRE LESTE- SALÃO DE ESTAR E CAFÉ DA BIBLIOTECA- ESCADA E ELEVADOR DE SERVIÇO (CAPACIDADE 1400 kg) 227 m2

3 TORRE SUL- ACESSOS DE ESCADA DE SEGURANÇA E ELEVADORES (20 PASSAGEIROS CADA UM) E SANITÁRIOS- DIRETORIA, ASSOCIADOS E FUNCIONÁRIOS.

4 TORRE OESTE- ESCADA E ELEVADOR PRIVATIVO DOS ASSOCIADOS (20 PASSAGEIROS)- ACESSO ESPECIAL AOS RECINTOS DO RESTAURANTE, BAR E BIBLIOTECA.

5 VESTÍBULO DA BIBLIOTECA- SALA DE ESTAR E CABINES TELEFÔNICAS

6 RECEPÇÃO DA BIBLIOTECA- TERMINAIS DE COMPUTADOR, CABINES INDIVIDUAIS.

7 RECEPÇÃO DA BIBLIOTECA- HEMEROTECA, VIDEOTECA, CABINES INDIVIDUAIS.

8 DEPÓSITO DO ACERVO- 1500 VOLUMES.

9 CENTRO DE PROCESSAMENTO DE DADOS - COMPUTADORES, IMPRESSORAS.

10 SALÃO DE LEITURA

ÁREA TOTAL BIBLIOTECA 940 m2

11 VESTÍBULO DA BIBLIOTECA E DAS SECRETARIAS.

12 GALERIA DE ATENDIMENTO AOS ASSOCIADOS - BALCÕES.

13 TESOURARIA

14 CAIXA

15 ARQUIVOS E CAIXA FORTE

16 SECRETÁRIO TESOUREIRO

17 AUXILIAR

18 SECRETARIA.

19 DIRETOR SECRETÁRIO

20 SECRETÁRIO

21 SECRETARIA ADMINISTRATIVA

22 SECRETÁRIO ADMINISTRATIVO

23 AUXILIAR

24 SERVIÇOS GERAIS DE ESCRITÓRIO - AUXILIARES E ARQUIVO MORTO.

25 BALCÕES DE ATENDIMENTO - CABINES TELEFÔNICAS

26 DIRETORIA DA BIBLIOTECA

27 DIRETORIA DA "REVISTA"

28 COMISSÕES TÉCNICAS - COMISSÕES PERMANENTES

29 ACESSORIA DE IMPRENSA.

30 DIRETORIA DE DIVULGAÇÃO - RELAÇÕES INTERNACIONAIS

31 DIRETORIA DE INFORMÁTICA

32 ACESSORIA JURÍDICA

33 VESTÍBULOS DAS SECRETARIAS

ÁREA TOTAL ADMINISTRAÇÃO 1075 m2

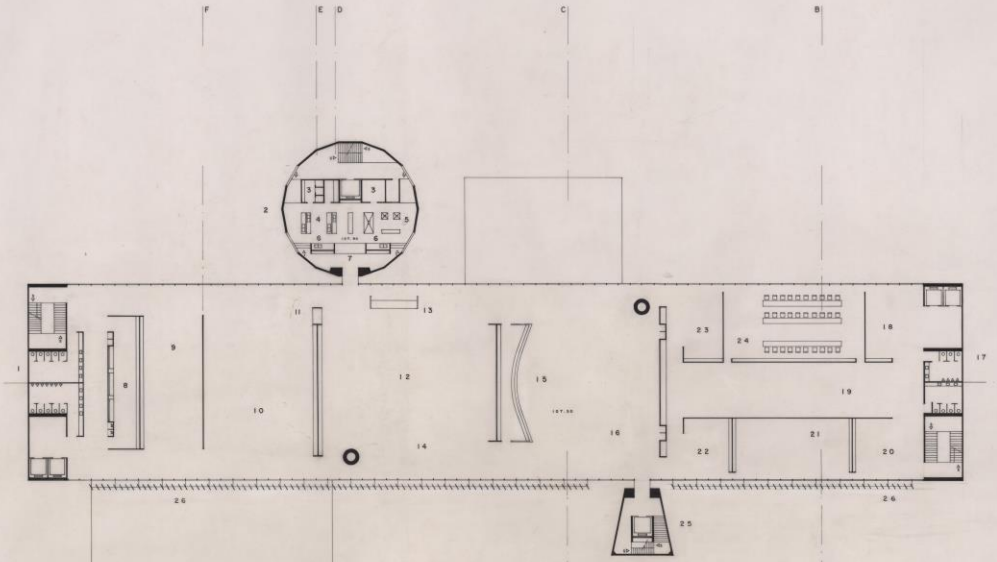
ÁREA TOTAL DO ANDAR 3230 m2

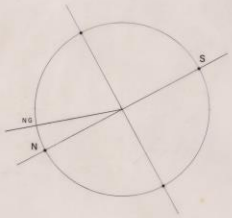
PROJETO I 35

PLANTA COTA 102,50 m

ESCALA: 1:200

DEZEMBRO 1968

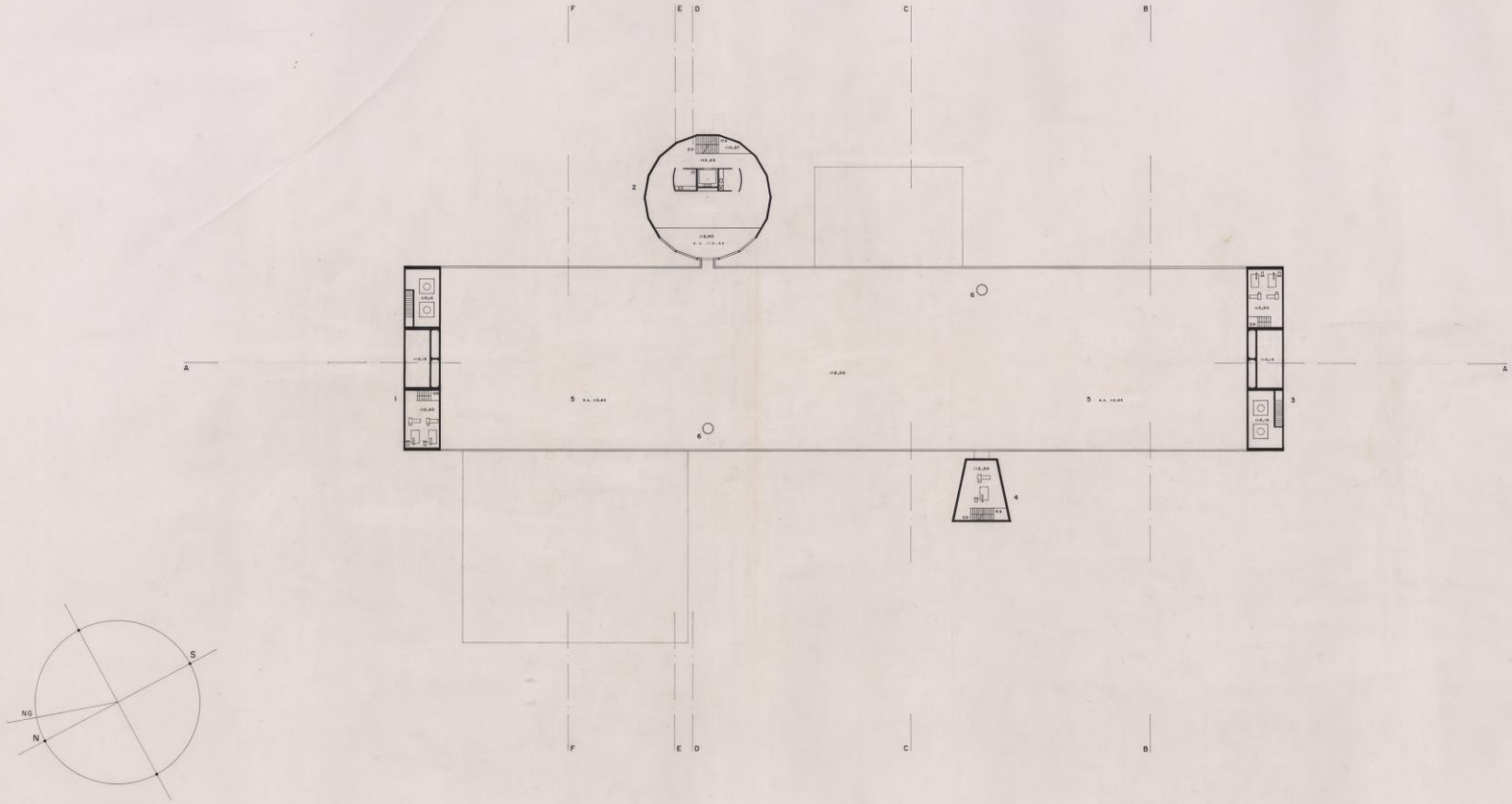




1	TORRE NORTE - ESCADA DE SEGURANÇA, ELEVADORES (20 PASSAGEIROS CADA UM), INSTALAÇÕES SANITARIAS - ASSOCIADOS E FUNCIONARIOS.		
2	TORRE LESTE - ESCADA E ELEVADOR DE SERVIÇO (CAPACIDADE 1400 Kg) - COZINHA	226	M2
3	CAMARAS FRIGORIFICAS, DESPENSA, SALA DE CONTROLE.		
4	PREPARO - MASSAS - CARNES - PEIXES E LEGUMES.		
5	COCÇÃO		
6	LAVAGEM		
7	BALCÃO DE DISTRIBUIÇÃO		
8	SALÃO DE BELEZA, BARBEARIA - CABINES TELEFÔNICAS	48	M2
9	JOGOS, XADREZ, CARTEADO	200	M2
10	BILHAR - ESTAR	350	M2
11	SERVIÇO DE BAR DOS SALÕES DE BILHAR E JOGOS		
12	SALÃO DO RESTAURANTE	550	M2
13	CAMBUZA - APOIO DO SERVIÇO DO RESTAURANTE		
14	ESTAR		
15	BAR		
16	VESTÍBULO DO BAR E RESTAURANTE - ESTAR CABINES TELEFÔNICAS	500	M2
17	TORRE SUL - ESCADA DE SEGURANÇA E ELEVADORES (20 PASSAGEIROS CADA UM), INSTALAÇÕES SANITARIAS - DIRETORIA, ASSOCIADOS E FUNCIONARIOS		
18	RECEPÇÃO DA PRESIDÊNCIA	70	M2
19	SAGUÃO DA PRESIDÊNCIA, ESTAR - SERVIÇOS DE APOIO - ACESSORES	231	M2
20	SECRETARIA DA PRESIDÊNCIA	72	M2
21	SALA DA PRESIDÊNCIA - PEQUENA BIBLIOTECA	120	M2
22	SALA DOS DIRETORES VICE PRESIDENTES PEQUENA BIBLIOTECA	64	M2
23	SALA DOS DIRETORES SECRETÁRIOS	70	M2
24	REUNIÕES DO CONSELHO	180	M2
25	TORRE OESTE - ELEVADOR (20 PASSAGEIROS) E ESCADA PRIVATIVA DOS ASSOCIADOS		
26	QUEBRA SOL, REGULÁVEL, POR ANDAR - PROTEÇÃO DO SOL POENTE		
	ÁREA TOTAL DO ANDAR	3230	M2

PROJETO
I 35

PLANTA COTA 107,50 m.
ESCALA: 1:200
DEZEMBRO 1958



1 TORRE NORTE - PRAÇA DAS TORRES DE RESFRIAMENTO - RESERVATÓRIOS D'AGUA (15000 LITROS) - CASA DE MAQUINAS DOS ELEVADORES

2 TORRE LESTE - SALÃO DO HELIPONTO - ACESSO AO ELEVADOR - COPA E SANITARIO

3 TORRE SUL - PRAÇA DAS TORRES DE RESFRIAMENTO - RESERVATÓRIOS D'AGUA (15000 LITROS) - CASA DE MAQUINAS DOS ELEVADORES

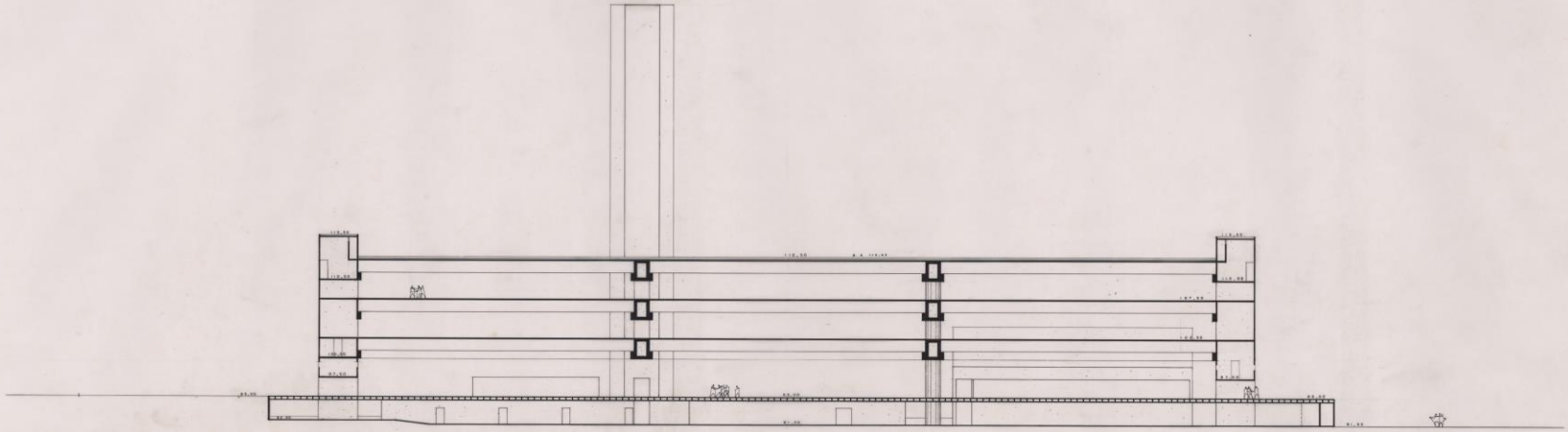
4 TORRE OESTE - CASA DE MÁQUINAS DO ELEVADOR - ACESSO AOS RESERVATÓRIOS D'AGUA (60.000 LITROS) NA COTA 140.00

5 ESPELHO D'AGUA - PROTEÇÃO TÉRMICA - SUPERFÍCIE DE RESFRIAMENTO DAS TORRES DE AR CONDICIONADO

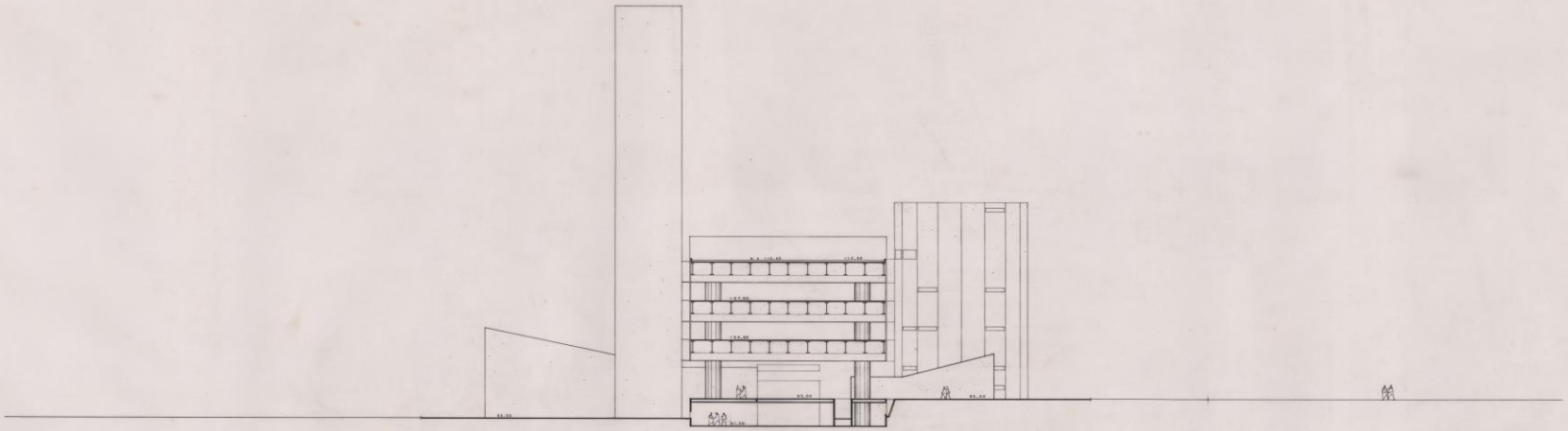
6 VERTEDOUROS DAS ÁGUAS PLUVIAIS - BOCAS Ø 100 m PRUMADAS @ 0.40 m

PROJETO
I 35

PLANTA COTA 112,50 m
ESCALA 1:250
DEZEMBRO 1968



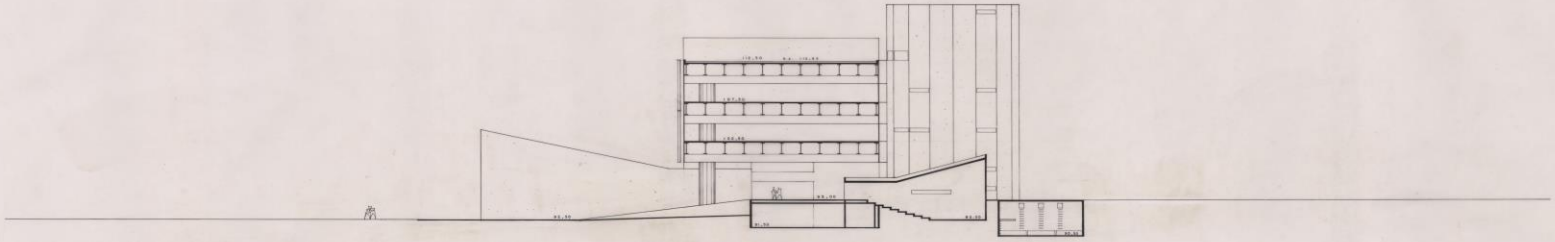
SECÇÃO A - ESTRUTURA



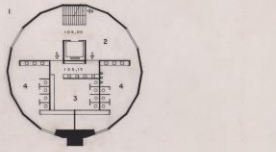
SECÇÃO B

PROJETO
I 35

SECÇÕES LONGITUDINAL / TRANSVERSAL
ESCALA 1:200
DEZEMBRO 1988



SECÇÃO C



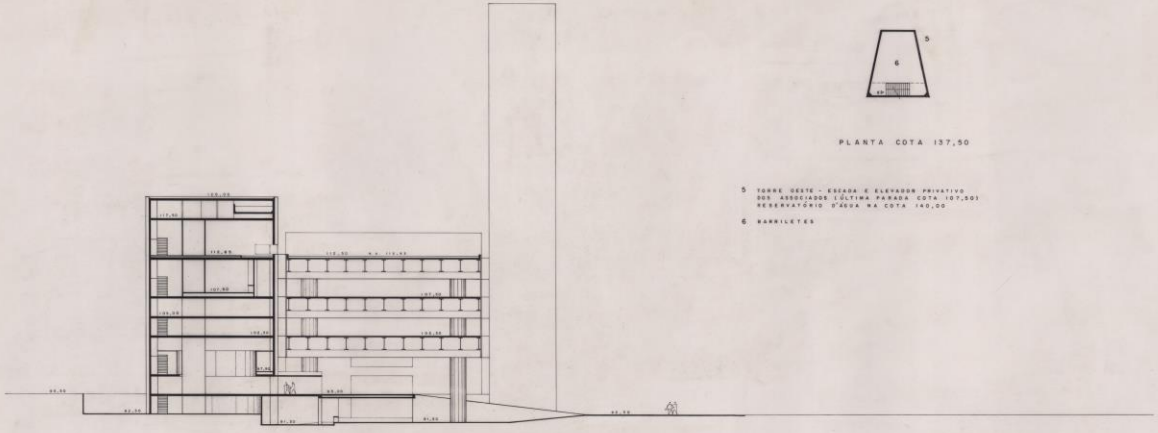
PLANTA COTA 105,00

1 TORRE LESTE - ESCADA E ELEVADOR DE SERVIÇO (CAPACIDADE 1400 Kg)

2 SALA DE ESTAR E REFEITÓRIO DE SERVIÇO

3 VESTIÁRIOS E SANITÁRIOS DOS GARÇONS

4 VESTIÁRIOS E SANITÁRIOS, MASCULINO E FEMININO DE SERVIÇO



SECÇÃO D

PLANTA COTA 137,50

5 TORRE OESTE - ESCADA E ELEVADOR PRIVATIVO DOS ASSOCIADOS (ÚLTIMA PARADA COTA 137,50) RESERVATÓRIO D'AGUA NA COTA 140,00

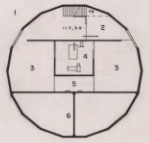
6 BARRILETES

PROJECTO
I 35

SECÇÕES TRANSVERSAIS

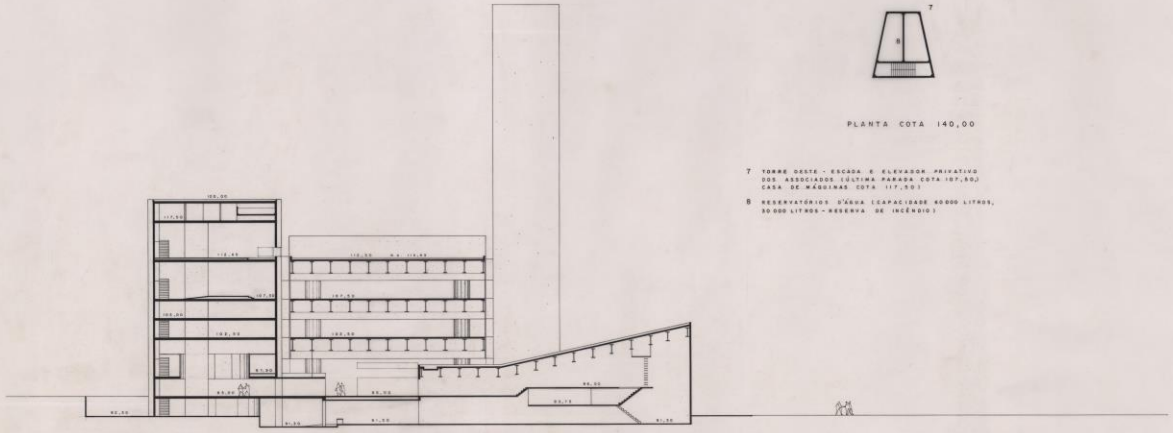
ESCALA 1:200

DEZEMBRO 1948



PLANTA COTA 117,50

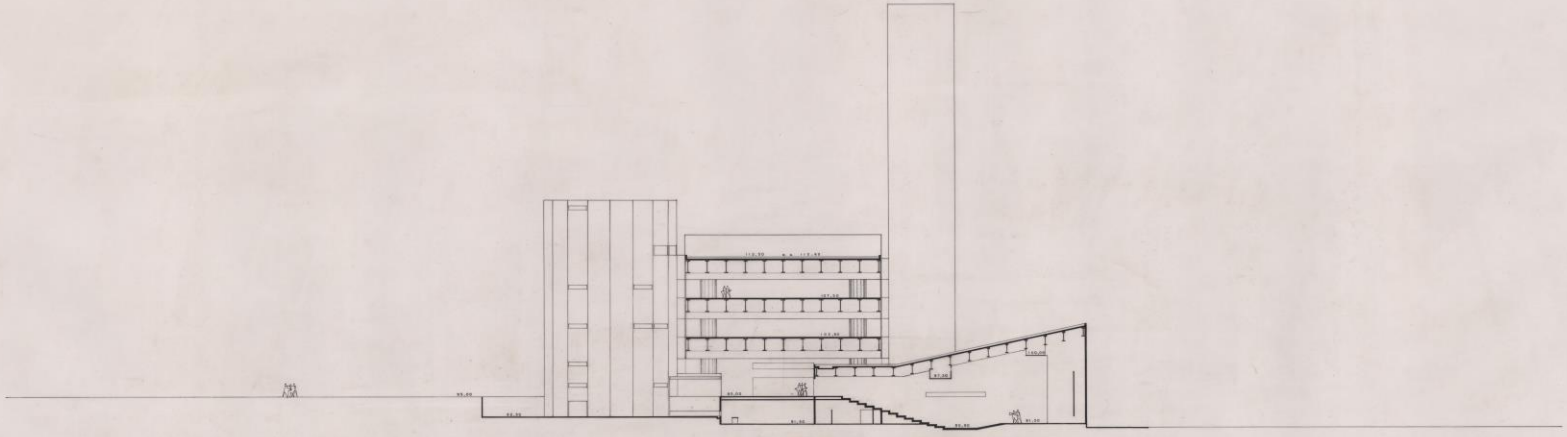
1 TORRE LESTE - ESCADA E ELEVADOR DE SERVIÇO (ÚLTIMA PARADA COTA 112,65)
2 VARANDA DE ACESSO AO HELIPONTO
3 OFICINA DE MANUTENÇÃO
4 CASA DE MÁQUINAS DO ELEVADOR
5 BARRILETE
6 RESERVATÓRIOS D'ÁGUA (CAPACIDADE 40000 LITROS)



SECÇÃO E

PLANTA COTA 140,00

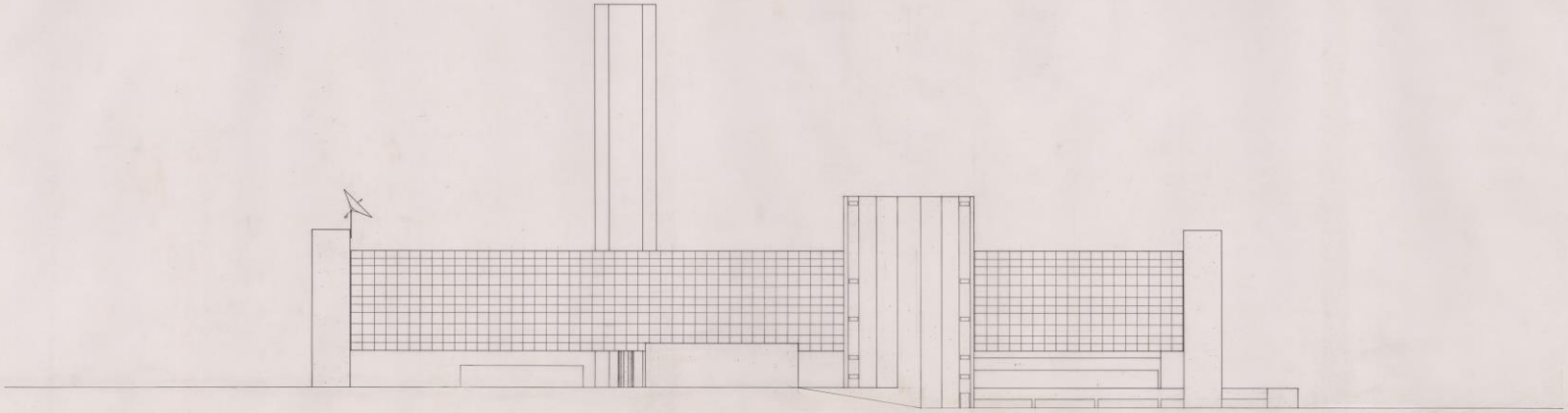
7 TORRE OESTE - ESCADA E ELEVADOR PRIVATIVO DOS ASSOCIADOS (ÚLTIMA PARADA COTA 137,80) CASA DE MÁQUINAS COTA 117,50)
8 RESERVATÓRIOS D'ÁGUA (CAPACIDADE 40000 LITROS, 30000 LITROS - RESERVA DE INCÊNDIO)



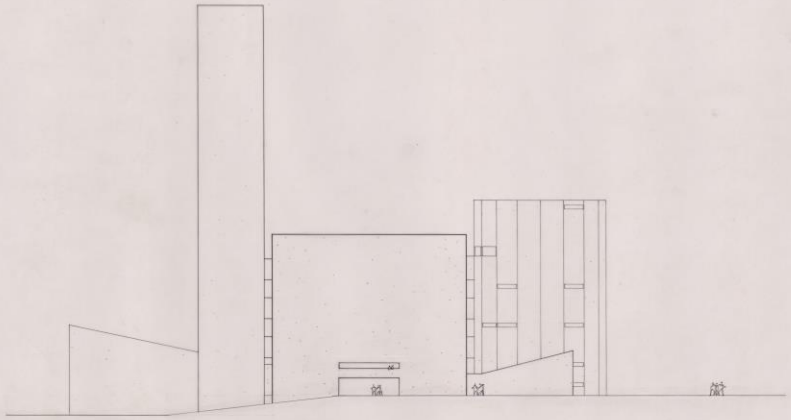
SECÇÃO F

PROJETO
I 35

SECÇÕES TRANSVERSAIS
ESCALA 1:200
DEZEMBRO 1998



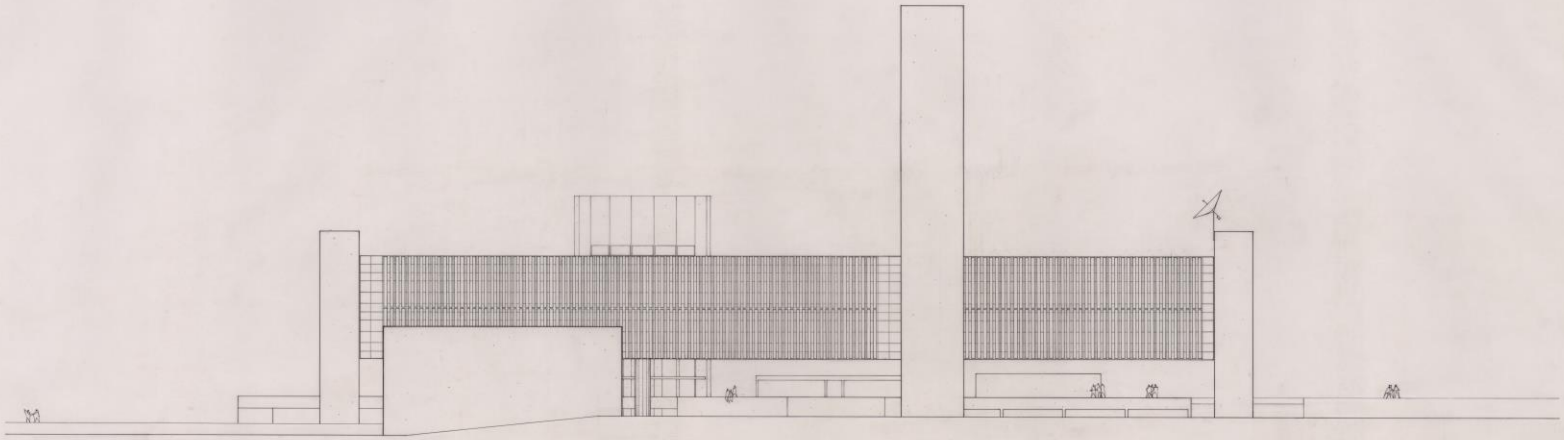
ELEVAÇÃO LESTE



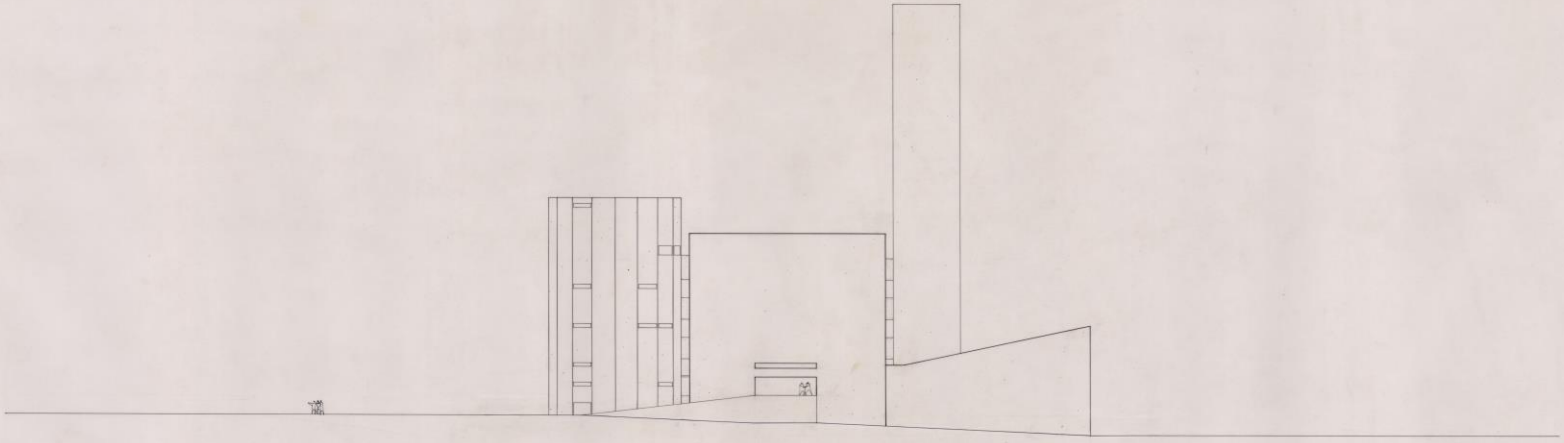
ELEVAÇÃO SUL - AVENIDA DR. DANTE PAZZANESE

PROJETO
I 35

ELEVAÇÕES LESTE E SUL
ESCALA 1:200
DEZEMBRO 1980



ELEVAÇÃO OESTE



ELEVAÇÃO NORTE - RUA DR. ASTOLFO ARAÚJO

PROJETO
I 35

ELEVAÇÕES OESTE E NORTE
ESCALA 1:200
DEZEMBRO 1996

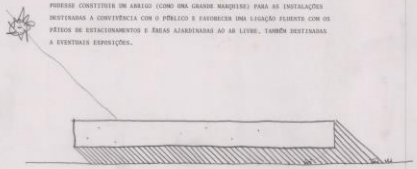
A HISTÓRIA DA ENGENHARIA NO NOSSO PAÍS É DE TAL MANEIRA RESPONSÁVEL PELO PERFIL DO DESENVOLVIMENTO TÉCNICO, MATERIAL E CULTURAL DA NAÇÃO QUE, O CARÁTER DESTE EDIFÍCIO É A QUESTÃO BÁSICA. O INSTITUTO DE ENGENHARIA, DE SÃO PAULO É, SEMPRE FOI, O FORO DAS DISCUSSÕES MAIS CANDENTES SOBRE NOSSO DESENVOLVIMENTO, SIDERURGIA, TRANSPORTES, PORTOS, ENERGIA, URBANIZAÇÃO, FORMAÇÃO PROFISSIONAL E AGORA, PRINCIPALMENTE, A QUESTÃO CHAMADA ECOLÓGICA. A ENGENHARIA É A ENTIDADE, DIGAMOS, QUE PRIMORDIALMENTE TRANSFORMA A NATUREZA. A ARQUITETURA DESTE EDIFÍCIO DEVE EXPRIMIR OU REVELAR VALOR DE COMUNICAÇÃO CAPAZ DE REFLETIR A CONSCIÊNCIA QUE O I.E. TEM SOBRE SEU PAPEL, SEUS OBJETIVOS.

SER SIMPLES E TRANQUILAMENTE URBANO NO QUE QUER ATRAIR SEUS ASSOCIADOS PARA O CONVÍVIO DAS AMENIDADES DOS ENCONTROS: LEITURA, JOGOS, BAR, ALMOÇOS E JANTARES, ENQUANTO MANTEM A DISCUSSÃO SOBRE AS MAIS SÉRIAS QUESTÕES NACIONAIS, EDITA UMA REVISTA E ALARGA O UNIVERSO DA INFORMAÇÃO PARA SEUS ASSOCIADOS: CURSOS DE EXTENSÃO E ATUALIZAÇÃO, SIMPÓSIOS, SEMINÁRIOS, EXPOSIÇÕES DE PRODUTOS E EQUIPAMENTOS TÉCNICOS, CONGRESSOS, RELAÇÕES DE INTERCÂMBIO INTERNACIONAIS.

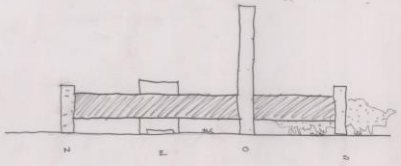
HÁ UMA CONTRADIÇÃO, APARENTE, ENTRE ESTAS DUAS ATIVIDADES BÁSICAS DO I.E., A RELAÇÃO COLOQUIAL E DE AMENIDADES ENTRE SEUS SÓCIOS E O TRABALHO TÉCNICO CIENTÍFICO E A LIGAÇÃO COM O GRANDE PÚBLICO. A ARQUITETURA DESTE EDIFÍCIO DEVERÁ, PELA FORMA, HARMONIZAR ESTE CONFLITO APARENTE.

ASSIM O EDIFÍCIO QUE IMAGINAMOS É UM ARRANJO IDEAL DESTAS FORMAS PREDESTINADAS A FUNÇÕES ESPECÍFICAS DE TAL SORTE QUE POSSAM FLUIR AS ATIVIDADES DA ENTIDADE, SEM CONFLITO:

PARA TANTO, IMAGINOU-SE UM EDIFÍCIO HORIZONTAL COM DOIS PAVIMENTOS QUE ABRIGASSE AS INSTALAÇÕES PRIVATIVAS DOS ASSOCIADOS DO I.E. DE TAL MANEIRA QUE PUDESSE CONSTITUIR UM ABRIGO (COMO UMA GRANDE MARQUISE) PARA AS INSTALAÇÕES DESTINADAS A CONVIVÊNCIA COM O PÚBLICO E FAVORECER UMA LIGAÇÃO FLUENTE COM OS PÁTIOS DE ESTACIONAMENTOS E ÁREAS AJARDINADAS AO AR LIVRE, TAMBÉM DESTINADAS A EVENTUAIS EXPOSIÇÕES.



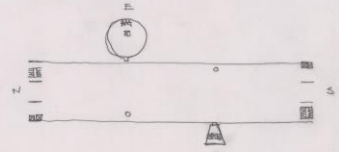
ESTE EDIFÍCIO COM 25 METROS DE LARGURA POR 120 DE COMPRIMENTO É ARTICULADO POR QUATRO TORRES DE CIRCULAÇÃO VERTICAL E QUE TAMBÉM CUMPREM FUNÇÕES ESPECÍFICAS OPORTUNAS, ORGANIZANDO O ESPAÇO DA GRANDE ESPLANADA QUE ABRIGA, E AS DEMAIS PLANTAS EM TODOS OS OUTROS NÍVEIS.



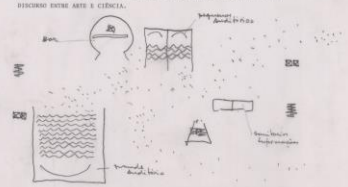
TORRES NORTE E SUL: ESCADAS DE SEGURANÇA, ELEVADORES PRIVATIVOS DOS FUNCIONÁRIOS, ASSOCIADOS E DIRETORIA DO I.E., INSTALAÇÕES SANITÁRIAS, CASAS DE MÁQUINAS, TORRES DE RESFRIAMENTO DO SISTEMA DE AR CONDICIONADO E RESERVATÓRIOS D'ÁGUA.

TORRE LESTE: ELEVADORES E ESCADAS DE SERVIÇO E TODAS AS INSTALAÇÕES DO TIPO CAFÉ, COPAS, COZINHA, DEPÓSITOS, CÂMARAS FRIGORÍFICAS, DESPENSAS, VESTIÁRIOS, SANITÁRIOS, SALA DE ESTAR E REPETITÓRIO DO PESSOAL DE SERVIÇO E GARÇONS, CASA DE MÁQUINAS, RESERVATÓRIOS D'ÁGUA E OFICINA DE MANUTENÇÃO. TAMBÉM UM HELIPONTO, QUANDO SE USA O MESMO ELEVADOR, DE MANEIRA EXCEPCIONAL PARA SEU ACESSO.

TORRE OESTE: ELEVADOR E ESCADA PARA O ACESSO DIRETO DOS ASSOCIADOS DO I.E. E CONVIDADOS ACOMPANHANTES, PRINCIPALMENTE À BIBLIOTECA E AO BAR-RESTAURANTE. CASTELO D'ÁGUA GERAL E RESERVA PARA INCÊNDIO (10 M ACIMA DO ÚLTIMO PISO + 10% DE PERDA HORIZONTAL), CASA DE MÁQUINAS, NOBRANTE, PARA BÉBOS.

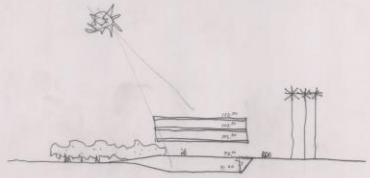


AGORA PODE-SE INSTALAR NESTA PRAÇA ABRIGADA, DE 25 x 120 METROS, NO TÉRREO; DIRETAMENTE LIGADA AOS JARDINS E ESTACIONAMENTOS, OS AUDITÓRIOS, UM BAR CAFÉ E TODO UM CONJUNTO PARA CONGRESSOS E EXPOSIÇÕES, INCLUSIVE AO AR LIVRE. A ÁREA PRINCIPAL DE CONVIVÊNCIA DO I.E. COM A POPULAÇÃO EM GERAL, SUA EXPRESSÃO EXTERNA E URBANIZADA, SITUAMENTE LIGADA A VIDA DA CIDADE, INCLUSIVE CONCERTOS E ESPETÁCULOS TEATRAIS. AMBIENTE FESTIVO, DE CONFRATERNIZAÇÃO AMPLA E QUE DEVE SER ESPECIALMENTE CONSIDERADO COM VISTAS A REGIÃO, PARQUE IBIRAPUERA, RECINTO URBANO POR EXCELÊNCIA LIGADO A ATIVIDADES DE RECREAÇÃO E CULTURAIS. DEVE-SE DESTACAR A PRESENÇA DA FUNDAÇÃO BIENAL DE SÃO PAULO COM A OPORTUNIDADE DO DISCURSO ENTRE ARTE E CIÊNCIA.



PARA OS ASSOCIADOS DO I.E. E CONVIDADOS ESPECIAIS, HÁ UMA ÁREA DE ARTICULAÇÃO, COM TODO ESTE SISTEMA, E QUE COMPLETA O PROGRAMA, NA PLANTA COTA 91.50, DESENHADA NA PRANCHA Nº 2:

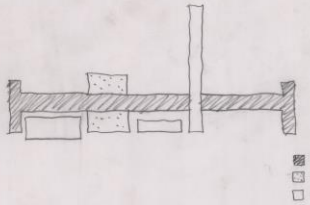
GRANDE VESTÍBULO, BALCÃO DE INFORMAÇÕES, TELEFONIA, SEGURANÇA, CAFÉ, ACESSOS ÀS MESAS DOS AUDITÓRIOS, PALCO E AS CABINES DE PROJEÇÃO E TRADUÇÕES, VENDA DE IMPRESSOS E PUBLICAÇÕES, SALAS DE CURSOS E OU COMISSÕES NOS CONGRESSOS, CAMARINS, TIPOGRAFIA E EDITORA, CHEGADA DE AUTORIDADES E CONVIDADOS ESPECIAIS, POR AUTOMÓVEL OU DO HELIPONTO, DEPÓSITOS E ÁREA ESPECIAL DE CARGA E DESCARGA.



PARA REALIZAR ESTA VISÃO ESPACIAL DA NOVA SÉDE DO I.E. DESDE JÁ FICA DEFINIDO A A INDEPENDÊNCIA DAS EDIFICAÇÕES QUE SE COMPORTAM COMO UM CONJUNTO IDEALMENTE ARRUMADO, OU, MENS LINGUAGEM MAIS ARQUITETÔNICA, COMO UMA CIDADELA IDEAL, NA COMPOSIÇÃO VOLUMÉTRICA E NA EXIBIÇÃO DE SUAS NÍTIDAS FUNÇÕES, COM O PODER DE COMUNICAÇÃO DESEJADO. EDIFÍCIO COM UM CARÁTER. PARA DIZER AQUILO QUE PRETENDE SER.



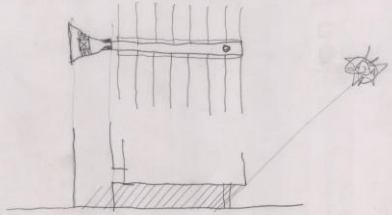
TAMBÉM OFERECE, ESTE PARTIDO ARQUITETÔNICO, AMPLAS POSSIBILIDADES DE PROGRAMAÇÃO DA CONSTRUÇÃO POR ETAPAS.
POR EXEMPLO:



OS SISTEMAS CONSTRUTIVOS ADOTADOS SÃO MUITO SIMPLES, E A ESTRUTURA DO EDIFÍCIO PRINCIPAL, HORIZONTAL, É CONSTITUÍDA POR 3 LANCES SUCESSIVOS COM VÃOS LIVRES DE 31 M FORMADOS POR SISTEMA MISTO AÇO-CONCRETO (h= 1,50) APLICADOS EM VIGAS CAIXÃO DE CONCRETO ARMADO.

AS VIGAS METÁLICAS COMPONENTES DO PISO RECEBEM LAJE DE CONCRETO LIGADA ÀS MESAS DAS VIGAS I POR CONECTORES; O SISTEMA PERMITE A CONCRETAGEM DIRETAMENTE SOBRE UMA PRÉ-LAJE METÁLICA, DISPENSANDO QUALQUER ESCORAMENTO.
A TRANSMISSÃO DAS CARGAS LATERAIS, NO SENTIDO TRANSVERSAL, SE FAZ ATRAVÉS DO DIAFRAGMA HORIZONTAL FORMADO PELO SISTEMA MISTO, TRANSMITINDO AS CARGAS ÀS TORRES E PILARES CONVENIENTES DO PROJETO.
NO SENTIDO LONGITUDINAL A ESTRUTURA SE COMPORTA DA MESMA FORMA, SENDO QUE AS TORRES EXTREMAS (NORTE E SUL) SÃO AS RESPONSÁVEIS PELA ESTABILIDADE DO EDIFÍCIO.

A INDEPENDÊNCIA DA FABRICAÇÃO DA PARTE METÁLICA, PERMITE A SUPERPOSIÇÃO DE CRONOGRAMAS EM BENEFÍCIO DOS PRAZOS DE EXECUÇÃO DA OBRA.
HÁ AQUI UM ARTIFÍCIO, NA GEOMETRIA DOS APOIOS, QUE QUEREMOS DESTACAR:
DE MODO ALTERNADO, "ESCONDE-SE" OS PILARES DAS VIGAS, DE CONCRETO ARMADO, TRANSVERSAIS, NAS TORRES LESTE E OESTE E SEUS RESPECTIVOS PARES TAMBÉM (A=2,00) COM A SOMBRA, UMA VEZ QUE ESTÃO RECUADOS, COM AS VIGAS EM BALANÇO (2,00M).



13

TODA A ESTRUTURA FOI CALCULADA, ISTO É, PRÉ DIMENSIONADA E OS DESENHOS CONTIDOS NAS PRANCHAS DE 1 A 12 RESPEITAM RIGOROSAMENTE AQUELAS DIMENSÕES. OS DEMAIS ELEMENTOS ESTRUTURAIS, SÃO SIMPLES E CORRENTES NÃO HAVENDO NECESSIDADE DE COMENTÁ-LOS.

NAS ÁREAS SUBDIVIDIDAS HAVERÁ, FORRO, PROVAVELMENTE METÁLICO PARA ORGANIZAR AS PAREDES, COM ISOLAMENTO ACÚSTICO. TODOS OS ELEMENTOS ESTRUTURAIS, METÁLICOS E DE CONCRETO PERMITEM ABERTURAS DE PASSAGEM PARA AS REDES ELÉTRICAS, DE SOM E TELEFONIA.

AS "TORRES" ABRIGAM AS INSTALAÇÕES HIDRÁULICAS NÃO HAVENDO INSTALAÇÕES DESTE TIPO NO EDIFÍCIO HORIZONTAL PROPRIAMENTE DITO.
O SISTEMA DE CLIMATIZAÇÃO DOS AMBIENTES ESPECIAIS, QUE EXIGEM ESSE RECURSO, É TODO FEITO PELOS QUATRO (DOIS A DOIS) CHILLERS NAS TORRES NORTE E SUL E EQUIPAMENTOS TIPO "SELF-CONTAINED" JUNTO AOS RECINTOS ESPECÍFICOS. (AUDITÓRIOS INFORMÁTICA, ETC.)

AS ÁGUAS PLUVIAIS ESCOAM PELOS DOIS PILARES Ø=2,00 ATRAVÉS DE LENÇOL D'ÁGUA. PARA PROTEÇÃO DA LAJE DE COBERTURA E ACABAMENTO PAISAGÍSTICO DO EDIFÍCIO.

ESTE LENÇOL DEVE SER USADO COMO SUPERFÍCIE DE RESFRIAMENTO PARA O SISTEMA DE AR CONDICIONADO.

BREVES NOTAS:

1 - COM O PARTIDO ADOTADO, AS ETAPAS DE CONSTRUÇÃO PODEM SER PROGRAMADAS COM INÚMERAS ALTERNATIVAS.

2 - A CONVIVÊNCIA DAS ETAPAS EVENTUALMENTE CONSTRUÍDAS E A SEDE PROVISÓRIA ATUAL TAMBÉM SERÁ CONSEQUÊNCIA DESTA PROGRAMAÇÃO.

3 - A SEDE ATUAL, PROVISÓRIA, NO FINAL SERÁ TOTALMENTE DESMONTADA.

4 - A EXISTÊNCIA DA SEDE DE CAMPO, RECOMENDA NÃO VACILAR SOBRE O USO DESTA ÁREA. AÍ NÃO RECOMENDAMOS ATIVIDADES DO TIPO ESPORTIVAS. A QUALIDADE DOS SERVIÇOS E DO COMPORTAMENTO DOS ASSOCIADOS, NO RECINTO, NA NOSSA OPINIÃO, SERIA CONFLITANTE.

5 - A COBERTURA PODE, SEM PREJUÍZO DO PARTIDO BÁSICO, SER DE ALUMÍNIO, COM PROTEÇÃO TÉRMO-ACÚSTICA, ASSIM TAMBÉM, AS ÁREAS COBERTAS NA COTA 91,00 PODERÃO SER VEDADAS COM CASTELINOS. COMO ESTÁ, ABERTAS COMO UMA GALERIA, NOS PARECE MELHOR.

6 - AS LEGENDAS DAS PRANCHAS DE DESENHO, DESCREVEM, NITIDAMENTE, O QUE OMITIMOS NESTE MEMORIAL.

7 - NÃO SE REGISTROU NESSUM ELEMENTO DE AJARDINAMENTO PARA NÃO SE PREJUDICAR A CLAREZA DOS DESENHOS. TODA A ÁREA, INCLUSIVE PRAÇAS DE ESTACIONAMENTOS SERÁ DEVIDAMENTE AJARDINADA.
A INCORPORAÇÃO DE ÁREAS ADJACENTES É SUGERIDA A TITULO DE URBANIZAÇÃO NÃO CONSTITUINDO PROPOSTA PARA AUMENTAR A PROPRIEDADE DO I.E.

8 - A COTA MÍNIMA ADOTADA PARA O PROJETO (91,50) ESTA ISENTA DE PROBLEMAS COM SUB-PRESSÃO E OUTRAS AGRESSÕES DO LENÇOL FREÁTICO, SEGUNDO CONSULTORIA ESPECIALIZADA.

9 - NA FACE SUDESTE, DO EDIFÍCIO HORIZONTAL HÁ INCIDÊNCIA DE SOL, APROXIMADAMENTE ATÉ ÀS 10 HS., DESLIZÍVEL. A FACE NOROESTE É PROTEGIDA, PRINCIPALMENTE DO SOL POENTE, COM QUEBRA-SOL ESCOLÍVEL, POR ANDAR E SETOR.
OS CASTELINOS SÃO EXTERNOS À ESTRUTURA, E SOBREPOSTOS À MESMA, COMO "REVESTIMENTO" PROTETOR DA ESTRUTURA METÁLICA.

10 - A ÁREA TOTAL CONSTRUÍDA É DE 11.634,00 M2 PRESSUPONDO A DESMONTAGEM DA SEDE ATUAL.

11 - AS ILUSTRAÇÕES, DESTE MEMORIAL, SÃO DESENHOS SEM ESCALA.

SÃO PAULO, JANEIRO DE 1989.

PROJETO I 35 — MEMÓRIA DESCRITIVA — JANEIRO 1989

Instituto de Engenharia - 1988

O concurso para a o Instituto de Engenharia em São Paulo é uma proposta interessante sob vários aspectos das estratégias de projeto adotadas. A primeira situação destacada é o fato de se tratar de um projeto com uma série de peculiaridades. O terreno para implantação do Instituto é situado em uma área no centro de São Paulo. Próximo ao Parque Ibirapuera, o desenho do quarteirão de formato triangular é margeado pelas ruas Dr. Astolfo Araújo, Amâncio de Carvalho e a Avenida Dante Pazzanese. Na mesma gleba, na porção leste, se encontra um conjunto de habitações individuais que complementam do outro lado, ao oeste, um conjunto fragmentado de edificações de pequena escala. O terreno, em que já havia uma edificação existente, à margem oeste, pode ser acessado tanto pela Avenida quanto pela Rua Astolfo Araújo.

Conforme já descrito, há um material denso e ainda não publicado sobre o concurso. A proposta foi elaborada em doze pranchas com desenhos técnicos A1, além de quatro recortes com a memória, croquis e diagramas de formato vertical que juntos compõem a décima terceira prancha. Novamente, é possível destacar um grande rigor gráfico com o conjunto de desenhos técnicos apresentados. O arquiteto opta por incluir perspectivas para apresentação do partido. No escritório do arquiteto, foram encontradas três imagens da maquete em balsa que provavelmente foi submetida ao concurso ou teve suas fotos enviadas, o que era comum a época.

Paulo Mendes da Rocha dirige o texto explicativo com sua estratégia recorrente de introduzir croquis e diagramas ao longo da memória e, em grande parte, se utiliza de cortes para isso. De início, é digno de nota que a ênfase no contexto urbano, diferentemente das suas majoritárias participações, é bem menor, ao menos no discurso de intenções. Há uma introdução voltada à ideia e à conceituação da Engenharia como disciplina e, em seguida, adentra no partido projetual. Essa mesma estratégia, coincidentemente ou não, também ocorre na proposta para o CREA-SP de 1978: a memória também com a mesma estratégia de intercalar croquis e texto e um teor técnico grande, parecendo consistir em uma estratégia de comunicação tendo em vista se tratar de um órgão técnico. O projeto para o CREA, na narrativa explicativa, tem um grande teor técnico ainda maior. A proposta para o Instituto pode ser considerada como representante de uma estratégia de projeto que se torna cada vez mais utilizada na obra no arquiteto a partir de então. É possível apontar e identificar a rua elevada do chão que orienta a implantação de edifícios satélites em quase todas as participações na década seguinte: está presente na Fundação Getúlio Vargas (1995), SESC Tatuapé (1996) e SIVAM (1998). Cada uma está amarrada à topografia de maneira peculiar a seu contexto. O destaque é a disposição em compartimentação dos blocos. Cabe ainda destacar que, no mesmo ano, o arquiteto

participou do concurso internacional para a biblioteca de Alexandria no Egito, na qual essa lógica também é utilizada, porém com uma rua subterrânea, deixando o nível do solo também desobstruído. Essa proposta se assemelha formalmente e estrategicamente ao projeto para a Praça dos Museus da USP (2002). Nesse caso, esses satélites funcionam mais como apoio e elementos simbólicos que ajudam a conformar a praça sombreada e principalmente liberar os pavimentos de elementos que enrijecem a possiblidade de ocupação, do que como programas independentes.

A nossa ideia de *paisagem* se manifesta de maneira muito menos explícita do que nas outras propostas analisadas até aqui; o discurso dessa paisagem cultural e sua ética, nesse caso, está praticamente contido na própria poética técnica construtiva proposta do Instituto. A ênfase dada à técnica construtiva, assim como o arquiteto faz na proposta do CREA, é a forma de apresentar o discurso da técnica regida pela ética já comentada. Nessa proposta, a paisagem se comporta muito mais no sentido de fomentar uma ocupação e se apresenta menos como resposta e mais como proposição de possibilidade. Não foram utilizadas referências diretas do contexto físico como diretriz de projeto. Nesse caso, encontramos com maior intensidade a manipulação do conceito de *território* como elemento balizador da leitura. Desse modo, há a intenção deliberada de permitir o solo sobre uma grande área sombreada e gerar uma continuidade espacial livre. Nesse caso, podemos extrapolar a interpretação projetual como uma estratégia de se liberar do sistema de *objetos* para que as *ações* usufruam dessa sombra. Assim, é possível cumprir, de maneira retórica, como o arquiteto resolve a hipotética contradição levantada por ele na existência de um conflito programático, entre os programas institucionais e de lazer/cultural. Em um térreo franqueado, que induz uma ocupação no sentido de conexão das ruas, se potencializa o uso pela inserção do programa mais público. Nesse aspecto, esse projeto se apresenta de maneira mais clara no sentido de evidenciar a construção narrativa e retórica das estratégias de projeto do arquiteto. Ao nos afastarmos momentaneamente do projeto em si, é possível observar a uma outra situação significativa, a narrativa. Essa postura evidencia uma visão do arquiteto sobre os certames enquanto possibilidade reflexiva. É claro que isso faz parte da própria argumentação e construção, mas destaca-se justamente a imposição dessa conduta de expressão de um discurso ampliado, implícito nas dimensões técnicas e formais. O próprio arquiteto comenta sobre como enxerga no concurso uma forma de se manifestar:

> É uma indagação do outro que você tem que aproveitar para dizer: “ah, você não sabe” (...) “então, que tal você pensar nisso”... É uma réplica, inclusive a tudo aquilo que a escola teria posto pra você como coisa dogmática,

> já pronta, é assim que se faz Arquitetura.
> (MENDES DA ROCHA, 2017)[105]

E, no mesmo depoimento, ao ser indagado sobre a ideia do professor Jean Pierre Chupin que afirmou sobre a postura do júri (sobre o diálogo que se pretende entre concorrente e membro da banca julgadora em um concurso de projeto em que "julgar é conceber"), Mendes da Rocha complementa e reitera a visão de arquitetura:

> Julgar é saber ler. O Júri poderia nunca ter imaginado uma coisa assim, mas vendo, ele diz assim "meu Deus, que maravilha". Isso não é conceber, propriamente. Sei, talvez tenha razão quem disse, que talvez dizia o seguinte: que ao julgar, o cara vê a coisa pronta, e sendo usada pela população, porque não existe Arquitetura para ser olhada de longe. Ela é feita pra ser vivida.
> (MENDES DA ROCHA, 2017)[106]

Voltando ao projeto, evidencia-se o entendimento do funcionamento de tipos de *ações* ocorrendo no objeto. Com isso, o térreo é liberado do programa de natureza mais ensimesmada e controlada e tira partido do próprio volume suspenso para qualificar esse uso público no chão. A sombra se torna aqui de fundamental importância para o funcionamento das ações abrigadas, com função semelhante ao já comentado Clube da Orla.

[105] Posteriormente o depoimento se tornou livro**, Sobre Concursos e Memórias: Paulo Mendes da Rocha**, publicado pela editora MGSR (2018, p. 32).

[106] Posteriormente o depoimento se tornou o livro **Sobre Concursos e Memórias: Paulo Mendes da Rocha** pela editora MGSR, 2018. (2018, p.40)

Faculdade de Arquitetura de Assunção (FADA) -2018

conjunto de pranchas

figura 153: pmr.meraki.m.tda-c-fada-flh-01
figura 154: pmr.meraki.m.tda-c-fada-flh-02
figura 155: pmr.meraki.m.tda-c-fada-flh-03
figura 156: pmr.meraki.m.tda-c-fada-flh-04
figura 157: pmr.meraki.m.tda-c-fada-flh-05
figura 158: pmr.meraki.m.tda-c-fada-flh-06
figura 159: pmr.meraki.m.tda-c-fada-flh-07
figura 160: pmr.meraki.m.tda-c-fada-flh-08
figura 161: pmr.meraki.m.tda-c-fada-flh-09
figura 162: pmr.meraki.m.tda-c-fada-flh-10
figura 163: pmr.meraki.m.tda-c-fada-flh-11
figura 164: pmr.meraki.m.tda-c-fada-flh-12
figura 165: pmr.meraki.m.tda-c-fada-flh-13
figura 166: pmr.meraki.m.tda-c-fada-flh-14
figura 167: pmr.meraki.m.tda-c-fada-flh-15

Fonte: Escritório Paulo Mendes da Rocha



01 introduccion

universidad nacional de asuncion
san lorenzo / paraguay / 2018

MEMORIA CONCEPTUAL.

INTRODUCCIÓN.

ATENDIENDO A LOS REQUERIMIENTOS DE LAS BASES DEL CONCURSO (**1**) Y A LOS EFECTOS DE EXPONER LOS CONCEPTOS PRINCIPALES INVOLUCRADOS, ESTE ANTEPROYECTO PARA LA AMPLIACIÓN DE LA FADA SE ORGANIZÓ ATENDIENDO A TRES ESCALAS COMPLEMENTARIAS E INSEPARABLES. LA PRIMERA CONSIDERA AL CAMPUS UNIVERSITARIO COMO CONJUNTO; LA SEGUNDA EL SECTOR QUE OCUPA LA FADA DENTRO DEL MISMO Y LA TERCERA CONTEMPLA AL EDIFICIO EN SÍ DEL ANTEPROYECTO DE AMPLIACIÓN QUE ES EL OBJETO DE ESTE CONCURSO.

ESCALA 1.
EL CAMPUS COMO CIUDAD PERMEABLE (LA RE-ESTRUCTURACIÓN COMO IDENTIDAD COLECTIVA)
CONSIDERAMOS QUE PENSAR LA AMPLIACIÓN DE LA FADA CONLLEVA INELUDIBLEMENTE A RE-PENSAR LA SITUACIÓN DEL CAMPUS, EN GENERAL.

EN ESE SENTIDO, CABE DESTACAR QUE, POR DIVERSOS MOTIVOS, DESDE LA CREACIÓN DEL MISMO -CON ANTECEDENTES DE INTERÉS EN OTRO SECTOR DE LA CIUDAD . (ITA PYTA PUNTA, SATURNINO DE BRITO, FOTO ADJUNTA).
EL CRECIMIENTO DEL CAMPUS NO SIEMPRE SE HA DADO DE MANERA COORDINADA. ASÍ, LA CONDICIÓN ACTUAL DEL MISMO REQUIERE DE UN CRITERIO ESTRUCTURANTE CLARO Y LEGIBLE EN CUANTO ORGANIZADOR DE UNA TOTALIDAD SOLIDARIA.



DE NUEVO: PENSAR LA FADA IMPLICA NECESARIAMENTE RE-PENSAR EL CAMPUS. PROPONEMOS DOS ESTRATEGIAS PRINCIPALES PARA ESTA PRIMERA ESCALA DEL ANTEPROYECTO:

I. UN EJE EUSEBIO AYALA/MARISCAL LÓPEZ, ARTICULADOR DE LOS ELEMENTOS HOY EXISTENTES Y DE LAS FUTURAS AMPLIACIONES DEL CAMPUS.
EL MISMO NO SOLO CUMPLIRÁ FUNCIONES INFRAESTRUCTURALES (SERVICIOS SANITARIOS A PROVEERSE (**2**) Y OTRAS VINCULADAS A LA MOVILIDAD INTERNA Y A LA CONECTIVIDAD EXTERNA (TRANSPORTE PÚBLICO; BICI-SENDAS, CIRCULACIÓN PEATONAL Y VEHICULAR, ESTACIONAMIENTOS Y MOVILIDAD VEHICULAR PRIVADA CONTROLADA (**3**) , ETC.). TAMBIEN DEFINIRA EL ELEMENTO SIMBÓLICAMENTE ESTRUCTURANTE DEL CAMPUS, EN TANTO ESPACIO-ESTRUCTURA COMPARTIDA POR LA TOTALIDAD DE LAS UNIDADES ACADÉMICAS QUE LO COMPONEN COMPLEMENTARIAMENTE, ESTE EJE ESTRUCTURADOR POSEERÁ UNA CIRCULACIÓN PERIMETRAL ANEXA DE SERVICIO.
DICHO EJE ES EXCLUSIVAMENTE PEATONAL A EXCEPCION DE UN SISTEMA PROPUESTO DE TRANVIA ELECTRICO.

II. LA RE-ZONIFICACIÓN Y EL RE-ORDENAMIENTO INTERNO.
IMPLICA LA RECTIFICACIÓN DE CIERTOS ELEMENTOS EXISTENTES (**4**) Y LA PROVISIÓN DE LOCALES COMPLEMENTARIOS, DESEABLES PARA UN MEJOR FUNCIONAMIENTO DEL CAMPUS.

ESCALA 2.
LA FADA COMO BARRIO INTEGRADO (EXPANSIÓN SOLIDARIA CON EL CAMPUS)
EN TÉRMINOS RELATIVOS A SU MOMENTO Y A LA CONDICIÓN GENERAL DEL CAMPUS, EL PROYECTO ORIGINAL DE LA FADA SE ESTRUCTURÓ DE MANERA NÍTIDA Y DIFERENCIALMENTE POSITIVA (**5**).
CON EL TRANSCURRIR DEL TIEMPO, LOS LÓGICOS REQUERIMIENTOS DERIVADOS DE LA INCORPORACIÓN DE NUEVAS ACTIVIDADES ACADÉMICAS Y OTRAS DEMANDAS, CONDUJERON A AMPLIACIONES QUE -SI BIEN SE REALIZARON DESDE ELEMENTOS SINGULARES DEL MAYOR INTERÉS- NO SIEMPRE INCORPORARON DEL TODO EL POTENCIAL ESTRUCTURADOR DEL ESPACIO PATIO, CARACTERÍSTICO DE LA CONFORMACIÓN INICIAL.
ENTONCES, ATENDIENDO A ESTAS CONSIDERACIONES Y A LA ESCALA MAYOR ANTES MENCIONADA, PROPONEMOS TRES ESTRATEGIAS PARA ARTICULAR LA AMPLIACIÓN DE LA FADA, A UNA ESCALA INTERMEDIA:

I. ARTICULAR SOLIDARIAMENTE LA AMPLIACIÓN (BLOQUE ACADÉMICO/ADMINISTRATIVO Y BIBLIOTECA) CON LA ESTRUCTURACIÓN MACRO PROPUESTA PARA EL CAMPUS. SE TRATA DE "PREDICAR CON EL EJEMPLO", PODRÍA DECIRSE, DE MANERA QUE ESTA UBICACIÓN DEL BLOQUE CONSTITUIRÁ UN DEMOSTRATIVO DE LAS POSIBILIDADES ARTICULADORAS DEL EJE PROPUESTO.
II. ZONIFICACIÓN Y CIRCULACIONES INTERNAS: PROPONEMOS CONSERVAR LA UBICACIÓN DE LOS TALLERES Y AUN AMPLIARLOS AL TIEMPO PROLONGAR Y AMPLIAR LAS CIRCULACIONES INTERNAS DEL CONJUNTO.
III. LAS OPERACIONES ANTERIORES APUNTAN A RECUPERAR Y AUN A AMPLIAR EL PROTAGONISMO DE LA PLAZA ORIGINAL, COMO SE DIJO, UN ELEMENTOS ESTRUCTURADOR SIGNIFICATIVO, TANTO DE LA ESPACIALIDAD DEL CONJUNTO COMO DE LA MEMORIA COLECTIVA DE LA FADA.

ESCALA 3.
LA AMPLIACIÓN (BLOQUE ACADÉMICO/ADMINISTRATIVO Y BIBLIOTECA)
EN CUANTO A SU UBICACIÓN, DIRECCIONALIDAD RELATIVA AL CAMPUS EN LA IMPLANTACIÓN Y A SU FUNCIONALIDAD INTERNA Y MATERIALIDAD Y PROCESO CONSTRUCTIVO, EL ANTEPROYECTO DE AMPLIACIÓN RESPONDE A LAS SIGUIENTES ESTRATEGIAS:

I. LA ORIENTACIÓN DE LA TRAMA CON RELACIÓN AL EJE (SU CARÁCTER DE DEMOSTRATIVO SOLIDARIO, COMO SE DIJO).
II. LA SECUENCIA ESPACIAL EJE- FADA: LA AMPLIACIÓN DEL PATIO COMO TRANSICIÓN Y RE-VALORACIÓN DE ESTE ELEMENTO.
III. FUNCIONAMIENTO INTERNO (NIVELES Y ZONIFICACIÓN, ACTIVIDADES, ETC.)
IV. MATERIALIDAD Y PROCESO CONSTRUCTIVO VIABLES.
V. AMPLIACIONES: MODULARIDAD/SERIALIDAD.

FINALMENTE,
SI, "LA PRIMERA ARQUITECTURA ES LA GEOGRAFÍA", CABRÍA EXTENDER Y VINCULAR ESTA REFLEXIÓN AL LUGAR DE IMPLANTACIÓN DE LA AMPLIACIÓN DE LA FADA; ESTO ES, AL CAMPUS UNIVERSITARIO ENTENDIDO COMO CIUDAD PERMEABLE E INCLUSIVA. Y DE ALLÍ CABE INFERIR QUE EN TANTO "GEOGRAFÍA ARTIFICIAL", EL CAMPUS EN SI CONSTITUYE "LA PRIMERA ARQUITECTURA".DE ESTA FORMA -SIN MENOSCABO ALGUNO DE LA ESPECIFICIDAD DEL ANTEPROYECTO DE AMPLIACIÓN- EL ÉNFASIS DE ENMARCARLO (CONTEXTUALMENTE) EN UNA SITUACIÓN MAS GENERAL QUE NO SOLO NO PUEDE OMITIRSE, SINO QUE ADEMÁS -EN ÚLTIMA INSTANCIA- A ELLA DEBEN RESPONDER SOLIDARIA Y COORDINADAMENTE LAS ACCIONES PROYECTUALES PARTICULARES, COMO ENTENDIMOS ES EL CASO Y OBJETO DE ESTE CONCURSO.

1 Según transcribimos de las Bases y Condiciones: las necesarias consideración de la ampliación atendidas desde "desde una perspectiva global (…) enmarcada en su contexto", que entendemos primeramente como el propio Campus Universitario.
2 Ya que a presente, la infraestructura sanitaria y otros servicios internos del Campus deben ser ampliados y/o proveídos (desagües, movilidad interna pública, estacionamientos, etc.)
3 La ubicación -hipotética- propuesta para los estacionamientos ni excluye otros menores internos ni la movilidad mecánica individual dentro del Campus; pero si apunta a una condición y demandas eseables de lo que podría ser una movilidad multimodal interior del conjunto, acorde con la vivencia adecuada de un Campus universitario.
4 Por ejemplo, y a modo de propuesta tentativa a ajustar: el campo de futbol actual no posee una orientación adecuada y por tanto podría trasladarse; asimismo el eje podrá albergar otros programas (viviendas para estudiantes, re-ubicación del sector de deportes, etc.), según se ilustra en los gráficos correspondientes.
5 Como se mencionó, con el tiempo y sin perjuicio de su adecuación funcional y calidad de diseño, las ampliaciones tendieron a restar protagonismo a patio, mismo que buscamos aquí recuperar.

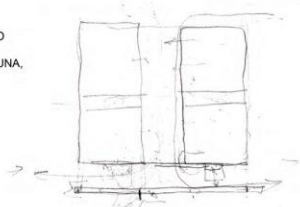
MEMORIA TECNICA.

PLAN MAESTRO ESCALA CAMPUS UNIVERSIDAD NACIONAL.

SE PLANTEA UN SISTEMA DE RAMAL GENERAL DE DISTRIBUCIÓN DE DUCTOS BAJO EL EJE PRINCIPAL O AVENIDA, QUE COMPRENDE LINEAS DE ALIMENTACIÓN HIDRÁULICA, RECOLECCIÓN DE AGUAS DE LLUVIA Y DE AGUAS NEGRAS, QUE LLEGARAN EN SU EXTREMO DE COTA MENOR A LAS PLANTAS DE TRATAMIENTO.
TAMBIÉN SE UBICARAN LOS DUCTOS PARA LAS ACOMETIDAS DE CABLES DE MEDIA TENSIÓN Y LAS SEÑALES DÉBILES DE INTERNET, TELEFONÍA, CIRCUITO CERRADO Y OTROS ; QUE GARANTIZARAN TODOS LOS SERVICIOS PÚBLICOS Y SU CORRESPONDIENTE DISTRIBUCIÓN A LOS PROGRAMAS DEL CAMPUS.

ESTRUCTURA.

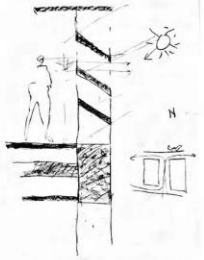
ESTA CONFORMADA POR UN SISTEMA DE PIEZAS PREFABRICADAS DE CONCRETO ARMADO, MODULADAS EN ESPACIOS LIBRES DE 12X12 METROS, Y UN ENVIGUETADO INTERIOR CON SEPARACIÓN DE 1,5M DE DISTANCIA ENTRE CADA UNA, Y CERRANDO EL SISTEMA CON LOSETAS PREFABRICADAS. SE PRESENTAN VIGAS TIPO: UNA DE BORDE Y UNA INTERNA, DOS TIPOS DE PILARES (DE BORDE E INTERNOS) Y UN TIPO DE LOSETA PARA TODOS LOS CASOS.
DE ESTA MANERA SE OPTIMIZAN TIEMPOS DE ARMADO Y SENCILLEZ EN EL PROCESO DE CONSTRUCCIÓN YA QUE EL MONTAJE SE HACE EN SECO.
EL EDIFICIO ES UN CONTENEDOR DE PLANTAS LIBRES SUPERPUESTAS LAS VECES NECESARIAS SEGÚN EL CRECIMIENTO Y DEMANDA DE LA POBLACIÓN UNIVERSITARIA. CROQUIS MODULOS Y CORTE



ACONDICIONAMIENTO FISICO.

UN PISO TÉCNICO CUBIERTO EN EL NIVEL 9 ALOJA DOS CONTENEDORES DE INSTALACIONES A MODO DE VENTILAR TODO EL EDIFICIO. EL MODULO CENTRAL ADEMAS DE ALBERGAR LAS CIRCULACIONES, (CALLE VERTICAL), FUNCIONA COMO ELEMENTO DE VENTILACIÓN NATURAL DE AIRE E ILUMINACION CENITAL PARA TODO EL EDIFICIO.

LAS CUATRO ELEVACIONES DEL EDIFICIO PLANTEAN EL TRATAMIENTO SIGUIENTE: UN PERÍMETRO EXTERIOR DE PARASOLES VERTICALES Y HORIZONTALES DE CONCRETO PREFABRICADO,
DISPUESTOS DELICADAMENTE SEGUN LA ORIENTACIÓN Y ASOLEAMIENTO EN PARTICULAR; LA SEGUNDA PIEL DE VIDRIO CON CAPACIDAD DE APERTURA DE 80% DEL EDIFICIO, EN SOMBRA . CROQUIS PARASOL



INSTALACIONES.

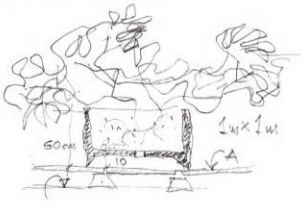
EL PROYECTO PLANTEA UN VACÍO DE 12X12 METROS QUE CENTRALIZAN LAS CONEXIONES: ESCALERAS (1 ABIERTA Y OTRA PRESURIZADA), ASCENSORES, PUENTES, ADEMAS DE LAS INSTALACIONES DIFERENCIADAS POR DUCTOS:
DE PREVENCIÓN CONTRA INCENDIO, AIRE ACONDICIONADO, INSTALACIONES SANITARIAS, ELÉCTRICAS Y DE SEÑALES DÉBILES.
LAS INSTALACIONES LLEGAN A LOS DUCTOS DE MANERA EXTERNA POR DEBAJO DE LAS LOSAS, Y SE PROPONE UN CIELORRASO MODULADO DESMONTABLE POR PIEZAS EN CUADRICULA DE MATERIAL METÁLICO; DE FÁCIL MONTAJE Y DESMONTAJE TENIENDO EN CUENTA EL MANTENIMIENTO.

UN PAQUETE DE APOYO (BAÑOS, KITCHENETTE Y DEPÓSITOS) EN CADA NIVEL RESPONDE EFICIENTEMENTE A CADA PROGRAMA, UBICADO POSTERIOR AL VOLUMEN DE ESCALERAS, ASCENSORES Y DUCTOS, GANANDO EFICIENCIA EN LA ALIMENTACIÓN Y DESAGÜES, HASTA LLEGAR AL SUBSUELO, Y BAJO EL MODULO CENTRAL DE CIRCULACIONES EN UN JARDIN REBAJADO SE UBICA EL RESERVORIO DE ALIMENTACIÓN DE AGUA Y SALA DE BOMBAS DEL MISMO.
SE GARANTIZA LA SUFICIENTE CAPACIDAD HIDRAULICA GRACIAS A LOS RESERVORIOS UBICADOS EN EL PISO 9.

EN DICHO NIVEL SE DISPONE UN AREA TÉCNICA DONDE SE UBICAN ESTRATEGICAMENTE LOS EQUIPOS DE AA, TANQUE ELEVADO, SOBRE RECORRIDO DE ASCENSORES, SANITARIOS PARA EL PERSONAL DE MANTENIMIENTO Y GENERADORES ELÉCTRICOS, TODOS ELLOS CUBIERTOS POR UNA LOSA EN DOS VOLÚMENES PARALELOS AIREADOS, ILUMINADOS Y DE FÁCIL ACCESO. EL SISTEMA DE CLIMATIZACIÓN SE REALIZA MEDIANTE EL SISTEMA DE VCR QUE PERMITE ENFRIAR LOS AMBIENTES A TRAVÉS DE CAÑERÍAS DE AGUA DISTRIBUIDAS POR PLANTA EN ANILLOS PERIMETRALES AL VACÍO DE LAS CIRCULACIONES, QUE SE CONECTAN A LA MONTANTE PRINCIPAL PERMITIENDO LA FLEXIBILIDAD EN EL AUMENTO O
REDUCCIÓN DE EQUIPOS SEGÚN LA NECESIDAD POR PLANTA, Y REDUCIENDO EL ÁREA DE DUCTOS Y DE OCUPACIÓN DE EQUIPOS YA QUE ESTOS CHILLERS OCUPAN UN ESPACIO MENOR A LOS CONVENCIONALES, SIENDO ECOLÓGICOS Y ECONÓMICOS EN SU FUNCIONAMIENTO.

4 RESERVORIOS DE AGUA PERMITEN LA DISTRIBUCIÓN EFICIENTE DEL SISTEMA DE PREVENCIÓN DE INCENDIOS EN TODOS LOS NIVELES, ADEMAS DE LOS EQUIPOS DE DETECCIÓN NECESARIOS (ALARMAS, DETECTORES DE HUMO CALOR GENERALES Y TERMO VELOCIMETRICOS EN LOS AMBIENTES REQUERIDOS), ROCIADORES, PULSADORES, MANGUERAS Y BIE.

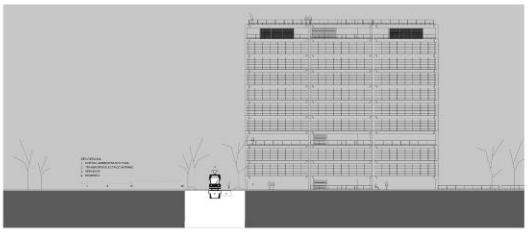
LA CUBIERTA DEL ULTIMO NIVEL, ES TRANSITABLE, CON UN SISTEMA DE AISLACIÓN MECANICA (HIDROFUGA Y TERMICA) Y DE DESAGÜES POR DEBAJO DE UN PISO ELEVADO, GARANTIZANDO EL DESAGOTE DEL AGUA DE LLUVIA.
UN TRATAMIENTO DE JARDINERIA DISPONE PLANTERAS MODULADAS DE 1X1X0,60 DE PROFUNDIDAD (CAJAS JARDÍNERAS), EVITA DE ESTA FORMA UNA SOBRECARNA INNECESARIA SOBRE LA ESTRUCTURA Y FUTUROS PROBLEMAS DE AISLACION DE LOSAS COMPLETAS. ESTA ACCION, DETERMINA Y ORDENA ESE ESPACIO QUE PERMITE ENTENDER LA INTERVENCIÓN A ESCALA URBANA DEL CAMPUS.

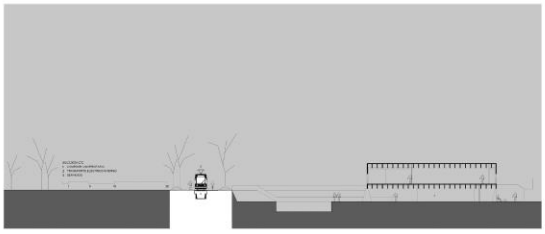


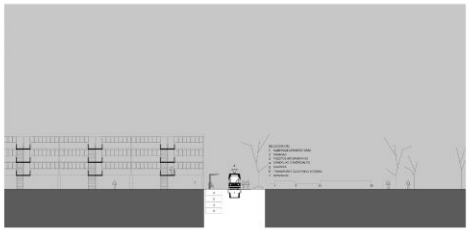
02 masterplan

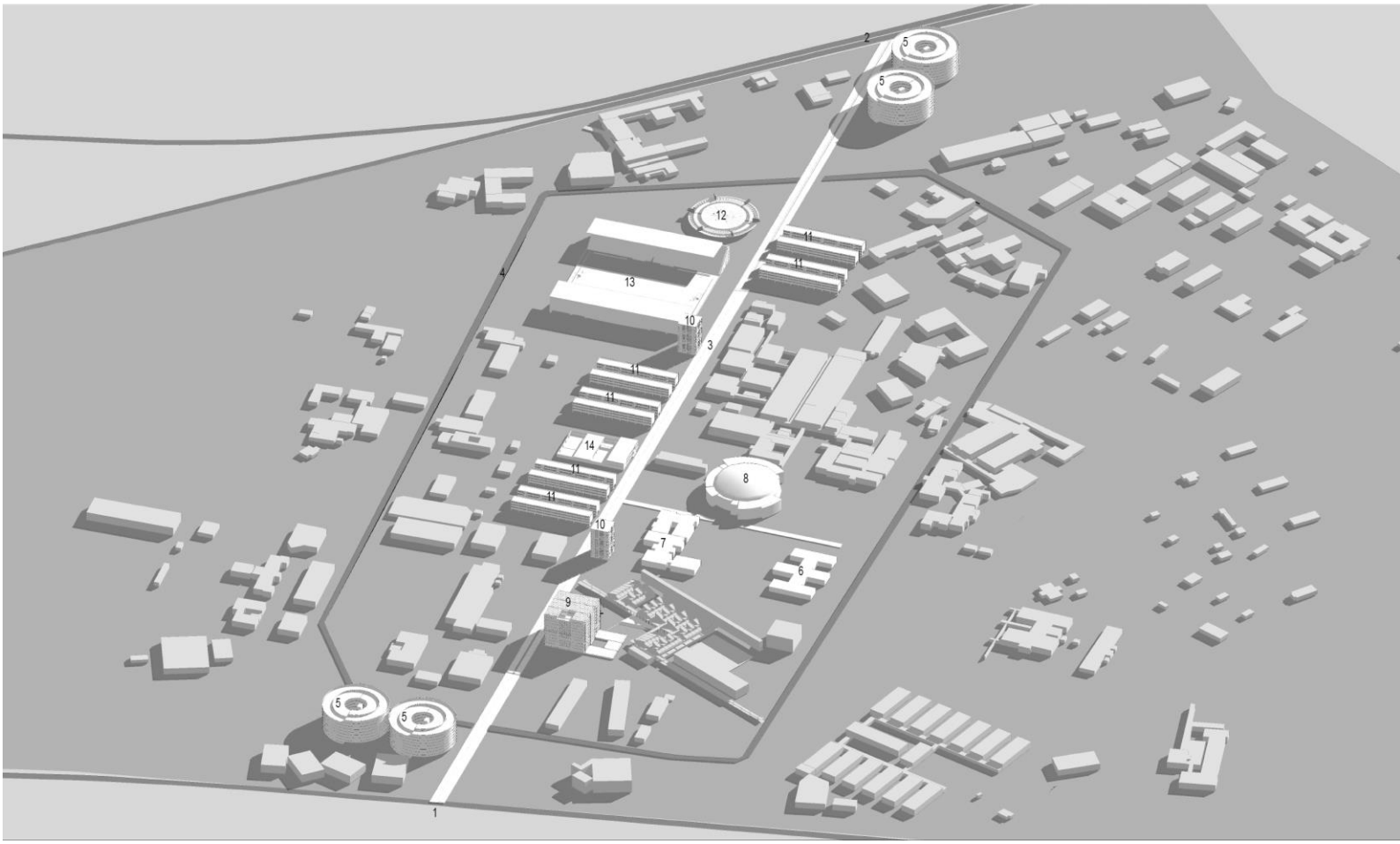
universidad nacional de asuncion
san lorenzo / paraguay / 2018











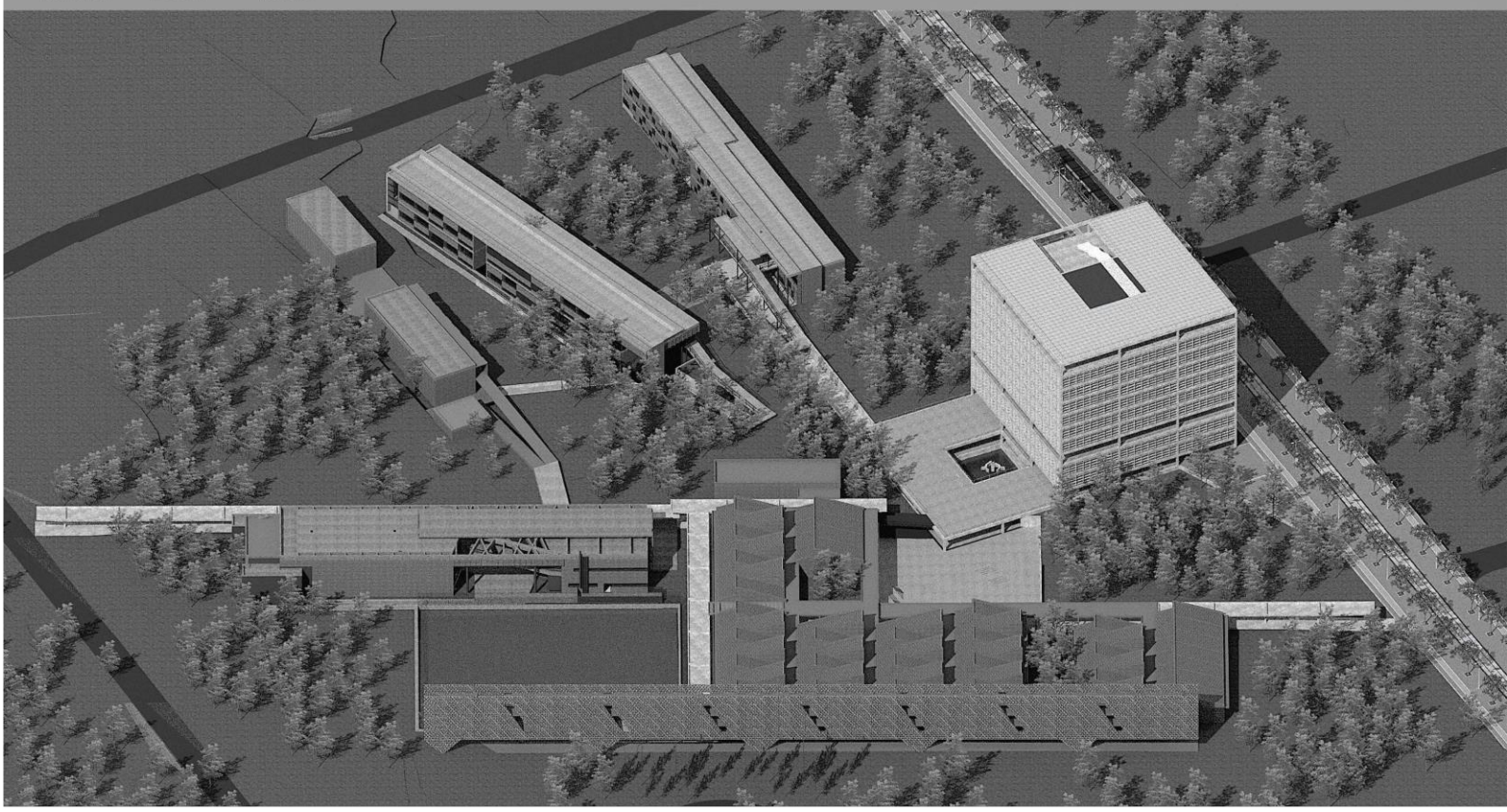
03 masterplan

facultad de arquitectura diseno y arte
san lorenzo / paraguay / 2018

REFERENCIAS

1- EDIFICIO ADMINISTRATIVO
2- PLAZA CENTRAL
3- PLAZA DE ARTE SUPERIOR
4- BLOQUE MUSICA
5- BLOQUE ARQUITECTURA
5.1- TALLER A - ARQ
5.2- TALLER B - ARQ
5.3- TALLER C - ARQ
5.4- TALLER D - ARQ
5.5- TALLER E - ARQ
6- BLOQUE DISEÑO
7- BLOQUE ISA
8- BLOQUE CANTINA-AUDITORIO
9- BLOQUE TEATRO/CINEMATOGRAFIA
10- BLOQUE DANZA
11- BOSQUE MEMORIAL PROFESORES
12- CAMPO DE FUTBOL
13- ALBERGUE
14- EJE PRINCIPAL UNIVERSIDAD

1 5 10 20 50 100



05 edificio administrativo

facultad de arquitectura diseno y arte
san lorenzo / paraguay / 2018





acceso principal

06 edificio administrativo

facultad de arquitectura diseno y arte
san lorenzo / paraguay / 2018

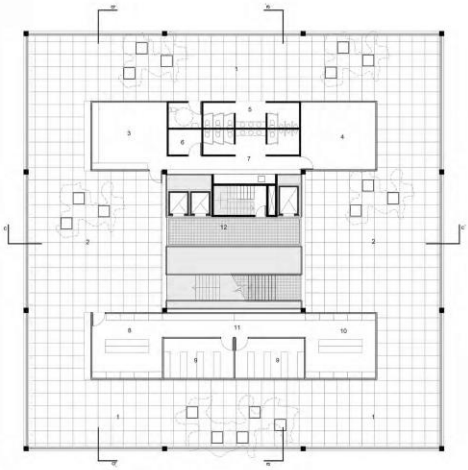


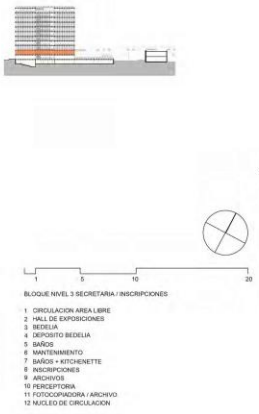


plaza cubierta

07 edificio administrativo

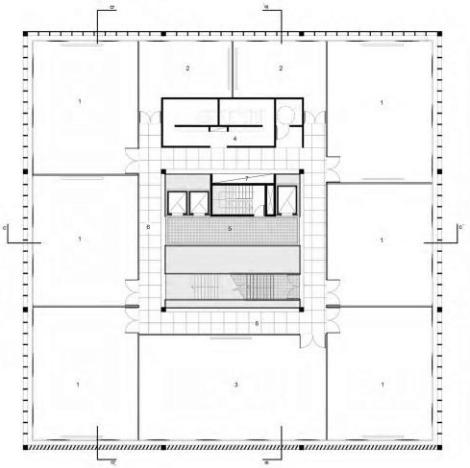
facultad de arquitectura diseno y arte
san lorenzo / paraguay / 2018

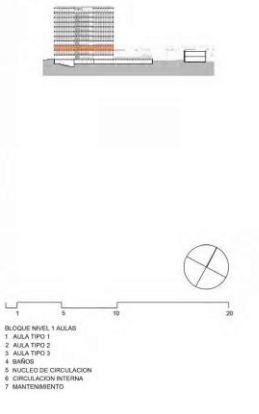




BLOQUE NIVEL 3 SECRETARIA / INSCRIPCIONES

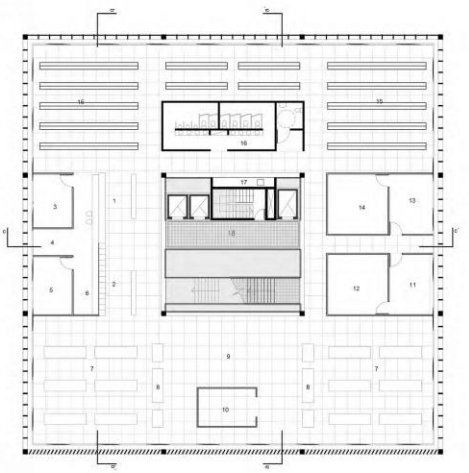
1 CIRCULACION AREA LIBRE
2 HALL DE EXPOSICIONES
3 BEDELIA
4 DEPOSITO BEDELIA
5 BAÑOS
6 MANTENIMIENTO
7 BAÑOS + KITCHENETTE
8 INSCRIPCIONES
9 ARCHIVOS
10 PERCEPTORIA
11 FOTOCOPIADORA / ARCHIVO
12 NUCLEO DE CIRCULACION

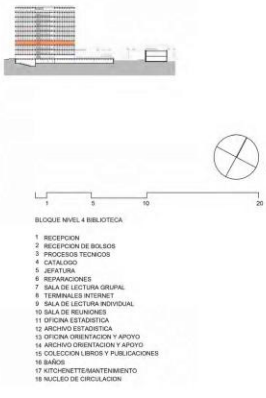




BLOQUE NIVEL 1 AULAS

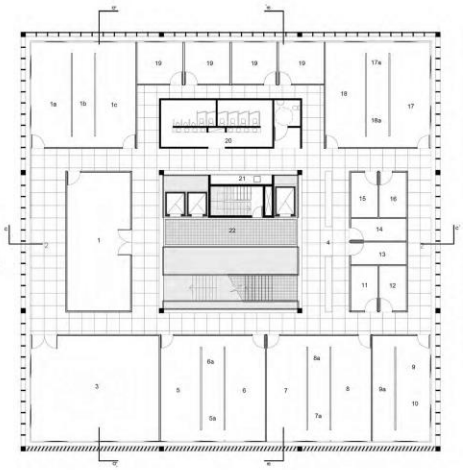
1 AULA TIPO 1
2 AULA TIPO 2
3 AULA TIPO 3
4 BAÑOS
5 NUCLEO DE CIRCULACION
6 CIRCULACION INTERNA
7 MANTENIMIENTO





BLOQUE NIVEL 4 BIBLIOTECA

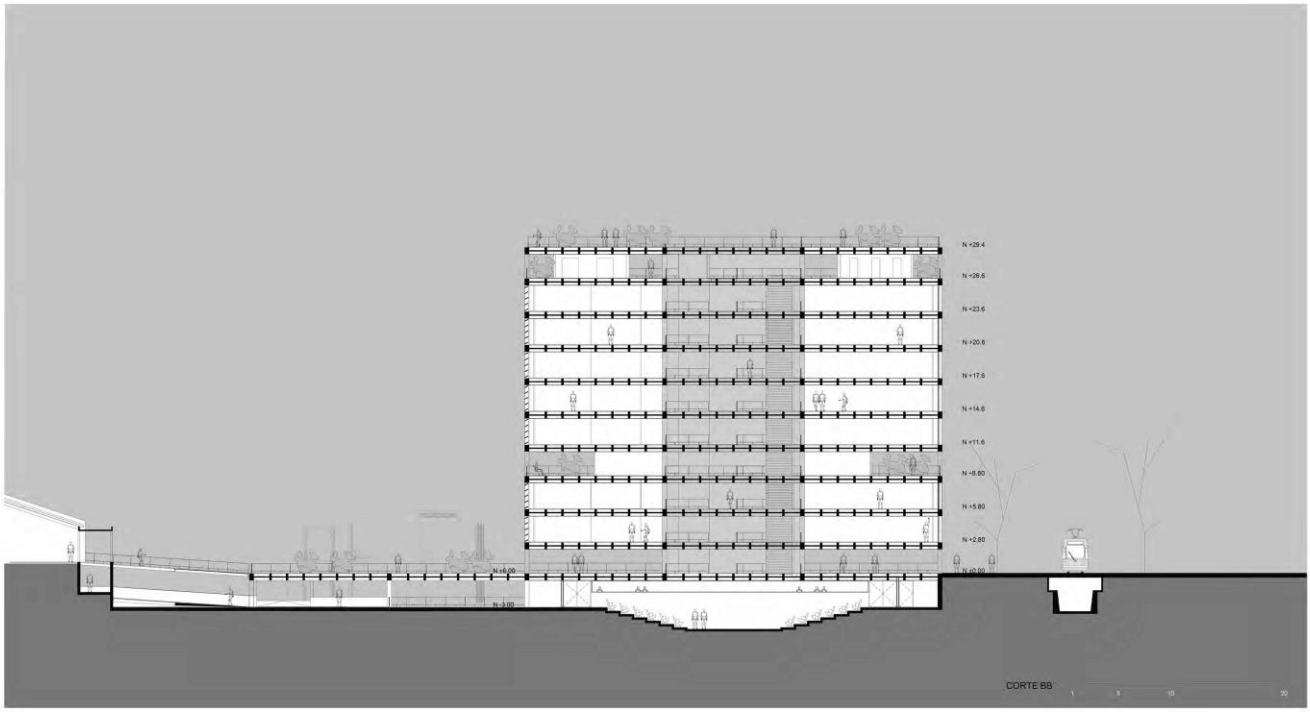
1 RECEPCION
2 RECEPCION DE BOLSOS
3 PROCESOS TECNICOS
4 CATALOGO
5 JEFATURA
6 REPARACIONES
7 SALA DE LECTURA GRUPAL
8 TERMINALES INTERNET
9 SALA DE LECTURA INDIVIDUAL
10 SALA DE REUNIONES
11 OFICINA ESTADISTICA
12 ARCHIVO ESTADISTICA
13 OFICINA ORIENTACION Y APOYO
14 ARCHIVO ORIENTACION Y APOYO
15 COLECCION LIBROS Y PUBLICACIONES
16 BAÑOS
17 KITCHENETTE/MANTENIMIENTO
18 NUCLEO DE CIRCULACION





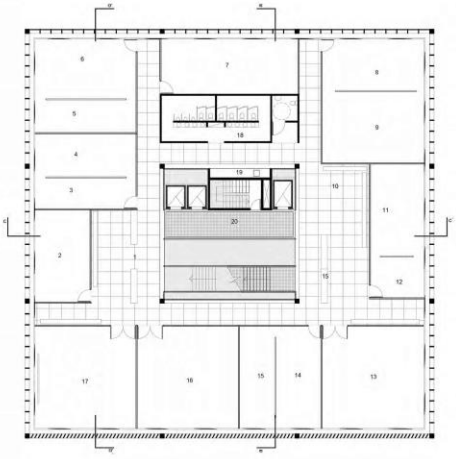
BLOQUE NIVEL 2 COORDINACIONES DE AREAS ACADEMICAS

1 SECRETARIA CPA
a OFICINA DIRECTOR CPA
b ARCHIVO
c SALA DE REUNIONES
2 CIRCULACION
3 SUM
4 SECRETARIAS Y SALA DE ESPERA
5 OFICINAS Y ARCHIVO (DIBUJO)
6 OFICINAS YARCHIVO (AMBIENTE)
7 OFICINAS Y ARCHIVO (TEORIA)
8 OFICINAS Y ARCHIVO (HISTORIA)
9 OFICINAS Y ARCHIVO (HABITAT)
10 OFICINA PRINCIPAL (HABITAT)
11 OFICINA PRINCIPAL (AMBIENTE)
12 OFICINA PRINCIPAL (TEORIA)
13 OFICINA PRINCIPAL (HISTORIA)
14 OFICINA PRINCIPAL (DIBUJO)
15 OFICINA PRINCIPAL (SINTESIS)
16 OFICINA PRINCIPAL (TFG)
17 OFICINAS Y ARCHIVO (BINTESIS)
18 OFICINAS Y ARCHIVO (TFG)
19 SALA DE REUNIONES
20 BAÑOS
21 KITCHENETTE/MANTENIMIENTO
22 NUCLEO DE CIRCULACION



08 edificio administrativo

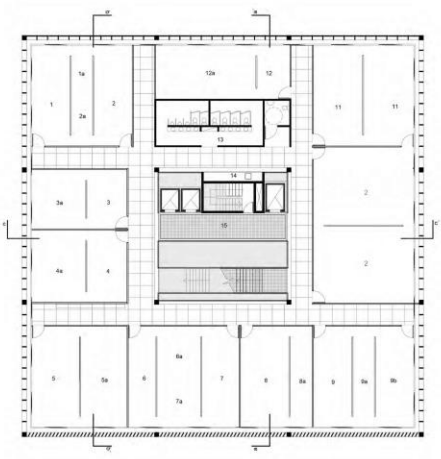
facultad de arquitectura diseno y arte
san lorenzo / paraguay / 2018





BLOQUE NIVEL 5 POSTGRADO, INVESTIGACION Y EXTENSION
APOYO TECNICO E INFORMATICO

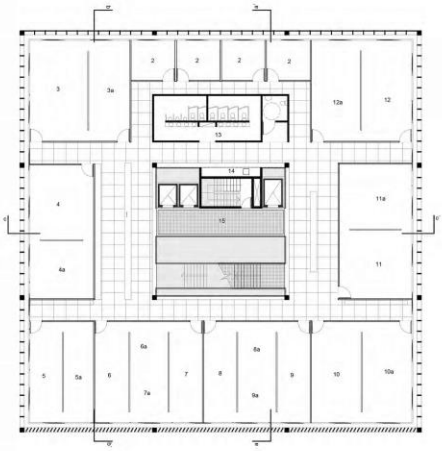
1 SECRETARIAS PG+EXT
2 OFICINAS POSTGRADO
3 ARCHIVO POSTGRADO
4 OFICINA + SALA REUNIONES P.GRADO
5 ARCHIVO EXTENSION
6 OFICINA SEG. EGRESADOS + SALA REUNIONES
7 OFICINAS PARA ACOMPAÑAMIENTO ACAD.
8 OFICINAS CIDI
9 ARCHIVO CIDI
10 SALA DE ESPERA INVESTIGACION
11 SALA REUNIONES INVESTIGACION
12 OFICINA PRINCIPAL INVESTIGACION
13 OFICINAS PARA INVESTIGACION
14 OFICINAS PUBLICACION Y DIFUSION
15 ARCHIVO PUBLICACION Y DIFUSION
16 SALA VIRTUAL
17 AULA POST GRADO
18 BAÑOS
19 KITCHENETTE/MANTENIMIENTO
20 NUCLEO DE CIRCULACION





BLOQUE NIVEL 6 COORDINACIONES DE AREAS ACADEMICAS
APOYO TECNICO E INFORMATICO

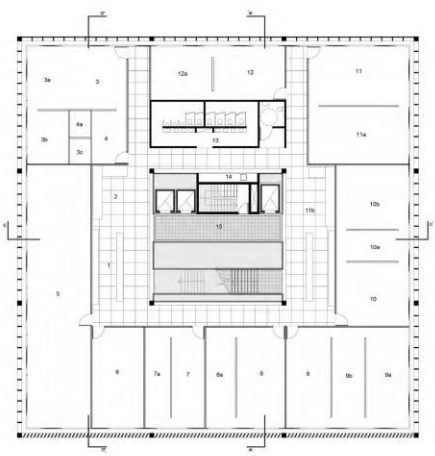
1 OFICINA ESTADISTICA
a ARCHIVO ESTADISTICA
2 OFICINA ORIENTACION Y APOYO
a ARCHIVO ORIENTACION Y APOYO
3 OFICINA EVALUACION
a SALA DE REUNIONES EVALUACION
4 OFICINA DIRECCION ACADEMICA
a SALA DE REUNIONES DIRECCION ACADEMICA
5 OFICINA + SALA DE REUNIONES COORD. ACADEMICA
a ARCHIVO DE LEGAJO DOCENTE
6 OFICINA SECRETARIA ACADEMICA
a ARCHIVO SECRETARIA ACADEMICA
7 OFICINA MOVILIDAD DOCENTE
a ARCHIVO MOVILIDAD DOCENTE
8 SALA DE REUNIONES PROFESORES
a KITCHENETTE + LOCKERS
9 OFICINAS + SECRETARIA ACREDITACION
a ARCHIVO ACREDITACION
b OFICINA PRINCIPAL + SALA DE REUNIONES ACREDITACION
10 TALLER Y DEPOSITO DE INFORMATICA
11 OFICINAS + SALA GENERAL INFORMATICA
12 OFICINA MEDIATECA
a ARCHIVO MEDIATECA
13 BAÑOS
14 KITCHENETTE + MANTENIMIENTO
15 NUCLEO DE CIRCULACION

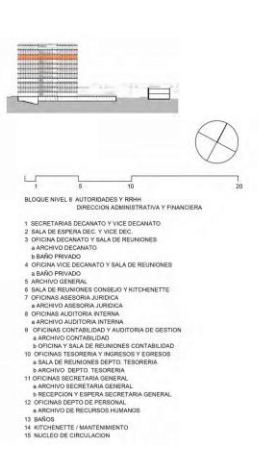




BLOQUE NIVEL 7 DIRECCIONES DE CARRERA
DIRECCION ADMINISTRATIVA Y FINANCIERA

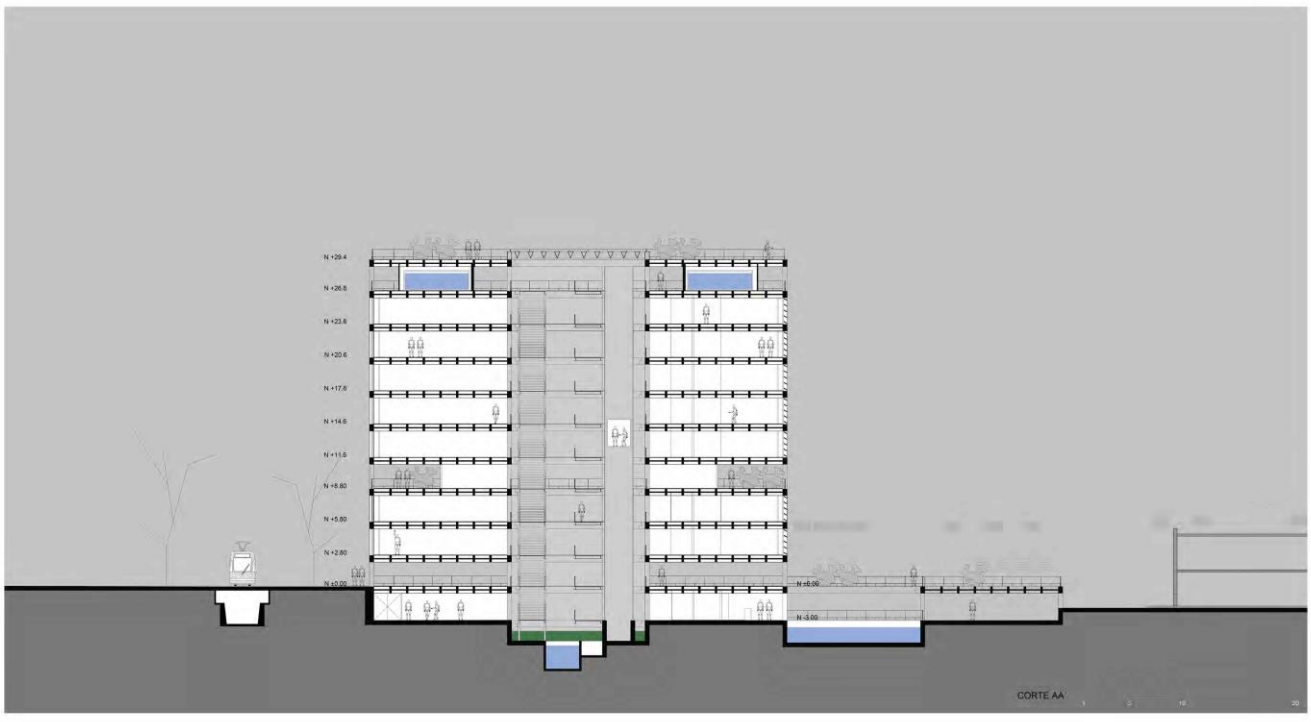
1 SECRETARIAS DE CARRERAS
2 SALAS DE REUNIONES
3 OFICINAS DIREC. ARQUITECTURA
a ARCHIVO DIREC. ARQUITECTURA
4 OFICINAS DIREC. DISEÑO INDUSTRIAL
a ARCHIVO DIREC. DISEÑO INDUSTRIAL
5 OFICINAS DIREC. ISA
a ARCHIVO DIREC. ISA
6OFICINAS DIREC. MUSICA
a ARCHIVO DIREC. MUSICA
7 OFICINAS DIREC. DANZA
a ARCHIVO DIREC. DANZA
8 OFICINAS DIREC. TEATRO
a ARCHIVO DIREC. TEATRO
9 OFICINAS DIREC. CINEMATOGRAFIA
a ARCHIVO DIREC. CINEMATOGRAFIA
10 OFICINAS DEPTO DE PRESUPUESTO
a ARCHIVO DEPTO DE PRESUPUESTO
11 OFICINAS DEPTO DE UOC
a ARCHIVO DEPTO DE UOC
12 OFICINAS DIRECCION DE ADMIN. Y FINANZAS
a ARCHIVO DE ADMIN. Y FINANZAS
13 BAÑOS
14 KITCHENETTE + MANTENIMIENTO
15 NUCLEO DE CIRCULACION





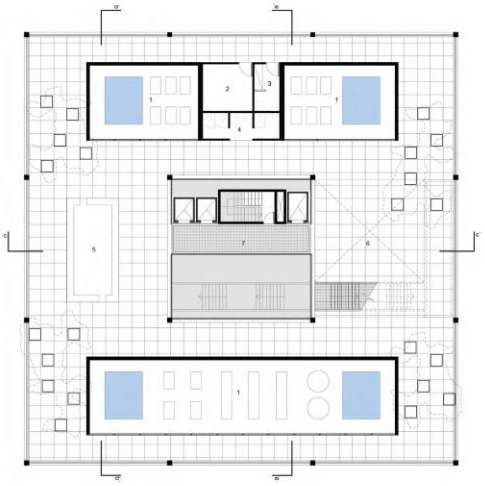
BLOQUE NIVEL 8 AUTORIDADES Y RRHH
DIRECCION ADMINISTRATIVA Y FINANCIERA

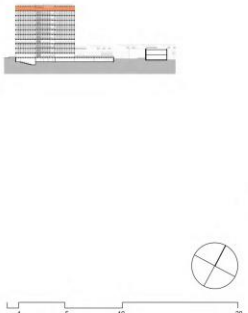
1 SECRETARIAS DECANATO Y VICE DECANATO
2 SALA DE ESPERA DEC. Y VICE DEC.
3 OFICINA DECANATO Y SALA DE REUNIONES
a ARCHIVO DECANATO
b BAÑO PRIVADO
4 OFICINA VICE DECANATO Y SALA DE REUNIONES
a BAÑO PRIVADO
5 ARCHIVO GENERAL
6 SALA DE REUNIONES CONSEJO Y KITCHENETTE
7 OFICINAS ASESORIA JURIDICA
a ARCHIVO ASESORIA JURIDICA
8 OFICINAS AUDITORIA INTERNA
a ARCHIVO AUDITORIA INTERNA
9 OFICINAS CONTABILIDAD Y AUDITORIA DE GESTION
a ARCHIVO CONTABILIDAD
b OFICINA Y SALA DE REUNIONES CONTABILIDAD
10 OFICINAS TESORERIA Y INGRESOS Y EGRESOS
a SALA DE REUNIONES DEPTO. TESORERIA
b ARCHIVO DEPTO. TESORERIA
11 OFICINAS SECRETARIA GENERAL
a ARCHIVO SECRETARIA GENERAL
b RECEPCION Y ESPERA SECRETARIA GENERAL
12 OFICINAS DEPTO DE PERSONAL
a ARCHIVO DE RECURSOS HUMANOS
13 BAÑOS
14 KITCHENETTE / MANTENIMIENTO
15 NUCLEO DE CIRCULACION



09 edificio administrativo

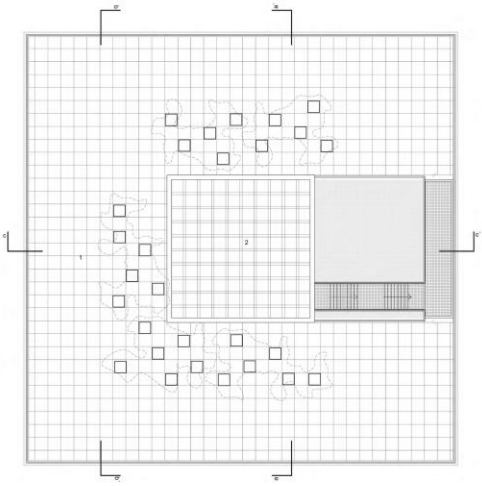
facultad de arquitectura diseno y arte
san lorenzo / paraguay / 2018





BLOQUE NIVEL PISO TECNICO

1 AREA DE MAQUINAS Y EQUIPOS
2 SALA TECNICA
3 BAÑOS / LOCKER TECNICO
4 BAÑOS PUBLICOS
5 CAFE / LOUNGE / BAR
6 TERRAZA EXPANSION
7 NUCLEO DE CIRCULACION





BLOQUE NIVEL TERRAZA

1 TERRAZA
2 CLARABOYA



CORTE CC´





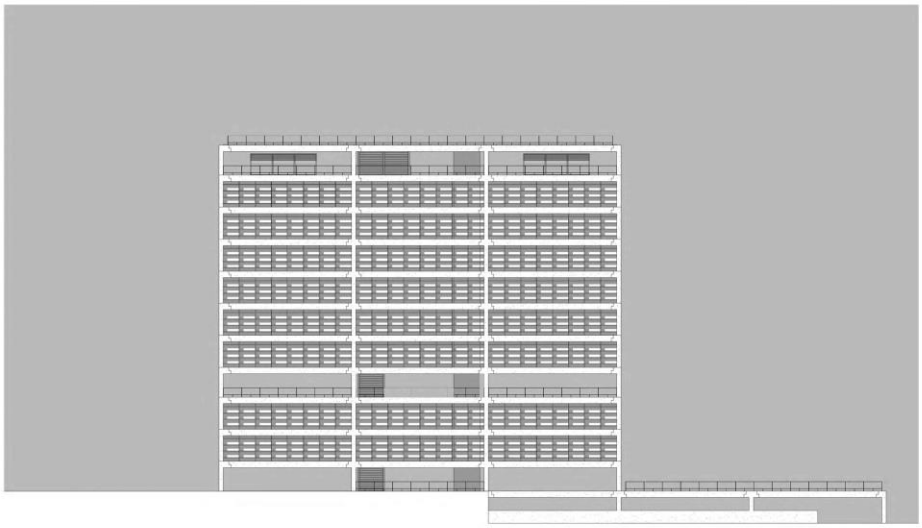
10 edificio administrativo

facultad de arquitectura diseno y arte
san lorenzo / paraguay / 2018

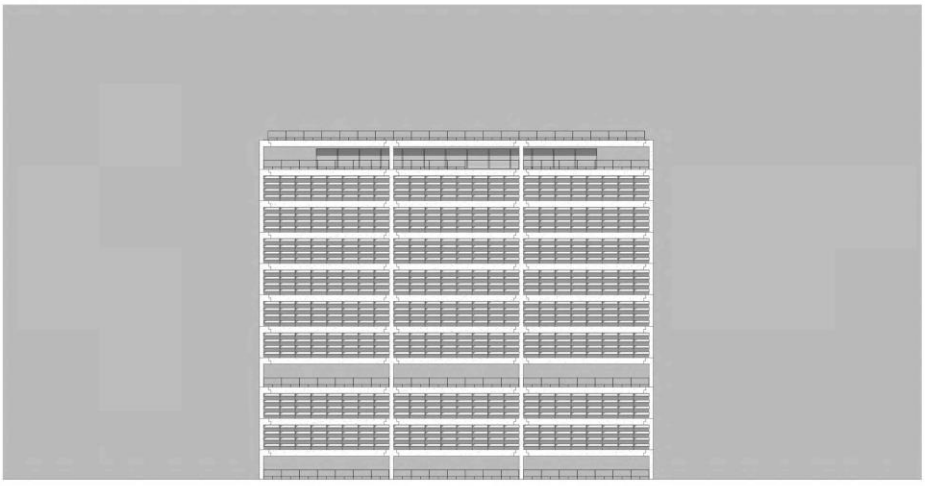
sureste



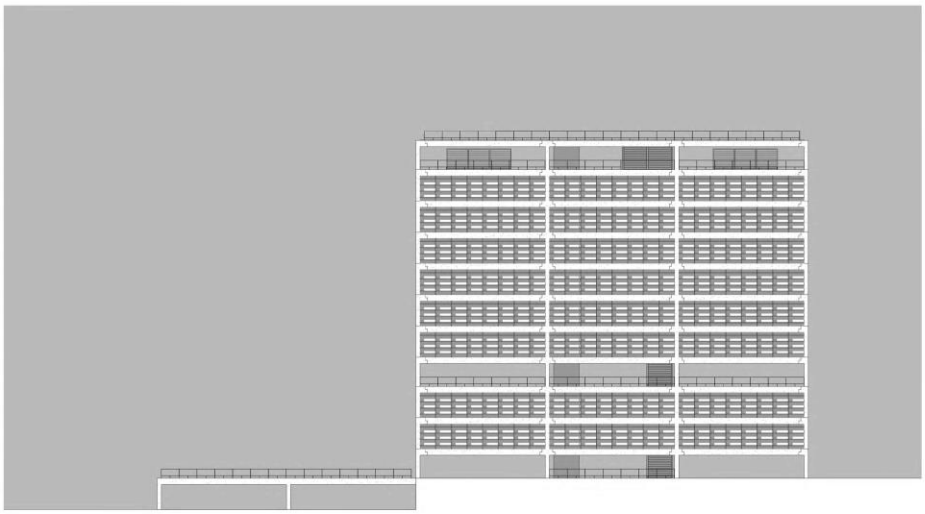
noreste



noroeste



suroeste



11 espacio publico

facultad de arquitectura diseno y arte
san lorenzo / paraguay / 2018



vista aerea



aproximacion desde el eje universitario

12 espacio publico

facultad de arquitectura diseno y arte
san lorenzo / paraguay / 2018



plaza de encuentros



aula magna

13 espacio publico

facultad de arquitectura diseno y arte
san lorenzo / paraguay / 2018



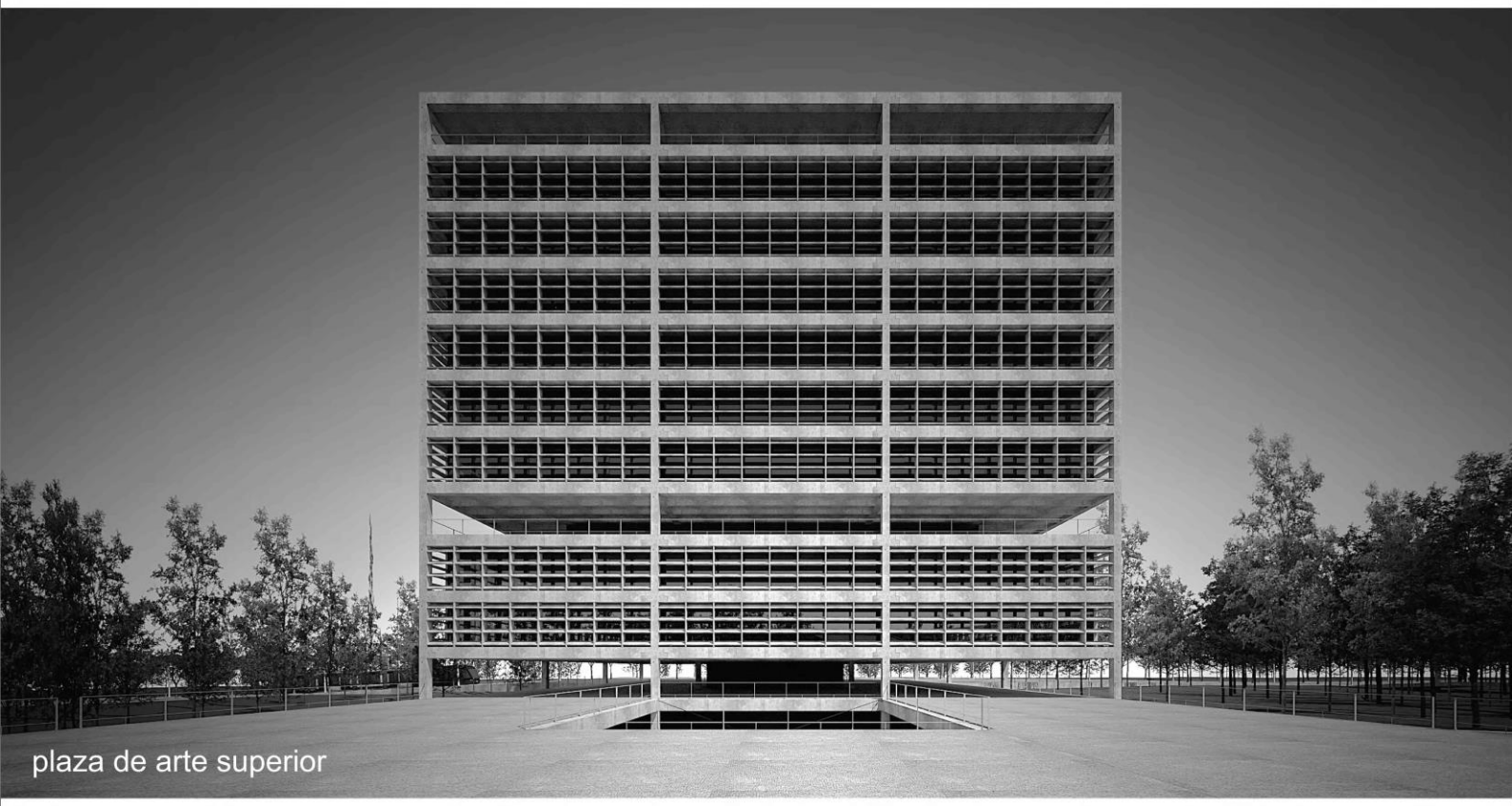
conector a plaza cubierta



plaza abierta

14 espacio publico

facultad de arquitectura diseno y arte
san lorenzo / paraguay / 2018



plaza de arte superior



terraza publica intermedia

15 espacio publico

facultad de arquitectura diseno y arte
san lorenzo / paraguay / 2018



nucleo central de circulaciones



biblioteca

2018 - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Assunção (FADA)

O projeto para a Faculdade de Arquitetura para Assunção é a última participação em concurso de Paulo Mendes da Rocha. A proposta é simbólica por conter algumas das estratégias projetuais que mais se ecoaram nas últimas duas décadas de sua produção arquitetônica e se apresenta com um caráter de síntese. O edital solicitava a elaboração de um bloco para a sede acadêmica/administrativa e a Biblioteca da FADA dentro do *campus* da Universidade Nacional de Assunção (UNA). A Faculdade de Assunção está espalhada em toda a capital, com um núcleo concentrado de diversas faculdades, com 132 anos de vida, em uma área residencial de pequena e média escala da cidade. Trata-se de uma densidade urbana média.

O conjunto de documentos utilizado no projeto foi de 15 pranchas em painéis verticais em formato A1 alongado. A memória explicativa do partido contém a mesma estratégia utilizada ao longo de quase todas suas participações, na qual o texto está diagramado junto às pranchas de desenho; os tópicos elencados pelo arquiteto vão sendo ilustrados com croquis tanto diagramáticos como técnicos. Ainda que as ferramentas gráficas tenham se diversificado a partir dos anos 90/2000, a estratégia de condução explicativa se manteve. Um fato curioso que se oferece a nós, como um laço histórico ao próprio imaginário do arquiteto, é a imagem de Fernando Saturnino de Brito[107] logo no início da memória descritiva. O arquiteto trabalhou durante alguns anos, nas décadas de 50 e 60, na capital paraguaia. Na imagem, Fernando apresenta o plano de urbanização de Ita Pyta Punta, um bairro em Assunção. Apenas a título de curiosidade, Saturnino de Brito[108] também é o nome do engenheiro sanitarista comumente citado em entrevistas de Paulo Mendes da Rocha para comentar as grandes obras de saneamento dos canais de Santos e para exemplificar as obras infraestruturais como fundação de uma arquitetura que anseia cidade. A organização da memória, de certa maneira, para nós, se apresenta como afirmação da hipótese lançada no início do capítulo. O texto está estruturado em dois momentos: memória conceitual e memória técnica.

A primeira (conceitual) está estruturada em três tópicos/escalas:

[107] Arquiteto importante da historiografia da arquitetura brasileira. No início de carreira, trabalhou associado com Luiz Nunes e Joaquim Cardozo em Recife, nas primeiras obras de linguagem moderna do país.

[108] Engenheiro Francisco Saturnino de Brito (1864-1929).

1. O *campus* como cidade permeável (a reestruturação como identidade coletiva);
2. FADA como bairro integrado (expansão solidária com o *campus*);
3. A ampliação do bloco acadêmico, administrativo e biblioteca.

A própria estrutura discursiva do projeto já resume, de maneira geral, como o arquiteto se colocava perante a problemática de um concurso, independentemente do que era solicitado pelo edital ou pelo termo de referência. A aproximação do objeto se dá pela lógica da *paisagem*, de forma quase análoga a nossa conceituação. A interpretação, como imagem congelada da lógica de funcionamento da Universidade, o remete a uma colocação crítica da necessidade de repensar a lógica de ocupação e organização do *campus*. A primeira parte da memória destaca justamente a proposição de uma correção. O *campus* da universidade é composto por um conjunto de blocos diversos, em diversas disposições e pouca comunicação entre eles, que aparentemente foram sendo construídos ao longo do tempo. O arquiteto e sua equipe propõem que o traçado regulador no centro da gleba se reconfigure, com o objetivo de destinar à rua um *boulevard* exclusivo para pedestres e transportes coletivos, a qual hoje é destinada para o uso de carros, com calçadas pequenas nas laterais. Esse eixo ressignificado também deve ser utilizado para pautar as futuras expansões da Universidade, organização de instalações e inserção de blocos de apoio ao longo. Os carros são marginalizados do espaço central do *campus*, inclusive são propostos pequenos edifícios e garagens marginais. Com isso, como transição imediata dessa leitura de paisagem e a identificação desses problemas estruturais, constata-se a ideia de território sob a lógica de infraestrutura e continuidade, de conexão dos espaços diversos existentes. Essa tomada de posição em escala ampliada, em relação à solicitação de um edifício, segundo o texto, tem como objetivo intensificar o *campus* como um elemento de conexão com o bairro como um todo, que potencialize o *campus* como rua de passagem entre as áreas do bairro. Assim, com a organização dos fluxos, seria possível recuperar e ampliar o protagonismo da Praça Central. A terceira e última parte da memória é apresentação ainda no campo conceitual do bloco com as funções requeridas pelo edital.

O bloco, de certo modo, parece carregar algumas das estratégias de projetos mais recentes do arquiteto, a citar o Cais das Artes (2011), no sentido de liberação do térreo como forma de narrar uma continuidade. Tendo em vista o aspecto técnico-estrutural a partir da Loja Forma (1987), a utilização de estruturas mistas em aço e concreto se intensificaram consideravelmente. A proposta para Assunção retoma algumas leituras técnicas e volumétricas mais comuns nas primeiras décadas de sua trajetória; os grandes blocos em concreto se tornaram menos comuns, exceção feita à Praça dos Museus da USP (2002). A proposta se resolve em um bloco quadrado de dez pavimentos, único, que abriga as três funções (administrativa,

acadêmica e biblioteca). O edifício recorre à técnica de pré-fabricação para sua execução. Os desenhos, nesse caso específico, deixam evidente a lógica de modulação que é uma constante na obra do arquiteto, presente em todos os seus projetos. O programa se organiza de maneira muito permissiva, no sentido do núcleo rígido com circulações verticais e apoios ocupando o centro, uma lógica quase que miesiana, liberando assim as quatro fachadas e suas respectivas visuais. Replica os pavimentos de maneira uniforme, permitindo o lançamento do programa de forma livre. O edifício conta em seu subsolo com um auditório.

A inserção do bloco se ajusta entre a futura rua de pedestres e os edifícios pavilhonares de pequena escala que abrigam os ateliês de desenhos e salas de aula. Há uma visível intenção de retirar o enclausuramento do auditório com a abertura de um anfiteatro/praça que cria uma articulação entre os blocos existentes e franqueia o acesso ao programa inferior. Essa mesma estratégia de recuo permite também resolver as questões de acessibilidade. Há ainda no conjunto de pranchas a previsão da possibilidade de se replicar outros edifícios iguais com base na implantação inicial caso haja necessidade. E assim o projeto adentra em definições de ordem técnica que são igualmente importantes para compreensão da obra do arquiteto. Como o próprio destaca:

> Pelo seguinte: a questão da técnica, que diz como fazer aquilo, põe para a Arquitetura uma posição de uma dignidade incrível. É como quem escreve. Se você não conhecer a língua, não adianta você ser poeta… (MENDES DA ROCHA, 2017)[109]

A ordem técnica é chave fundamental para leitura de sua obra, aprofundamento técnico característico da obra do arquiteto e presente desde o Clube Atlético Paulistano. Regressando a nossa hipótese, continuamos no sentido de compreender como as conceituações de ordem ampliadas se manifestam sobre as outras decisões de um processo de projeto.

Destaca-se que antes da memória conceitual adentrar na memória técnica, foi elaborada uma espécie de conclusão. Curiosamente, ela se inaugura com a citação que nos orientou até aqui:

[109] Posteriormente o depoimento se tornou o livro **Sobre Concursos e Memórias: Paulo Mendes da Rocha**, publicado pela editora MGSR (2018, p. 38).

> Finalmente, si, “la primera arquitectura es la geografia”, cabría extender y vincular esta reflexion al lugar de implantación de la ampliacion de la fada; esto es, al al campus universitário entendido como Ciudad permeable y inclusiva. Y de allí cabe inferir que em tanto “geografia artificial”, el campus em si constituye “la primera arquitectura”. De esta forma – sin menoscabo alguno de la especificad del anteproyecto de ampliacion – el enfasis de enmarcalo (contextualmente) em uma situacion mas responder solidaria y cordialmente las acciones proyectuales particulares, como entendimos es el caso y objeto de este concurso.

Com isso, também podemos fazer paralelos com uma síntese objetiva das várias imagens trabalhadas até aqui. A ideia de “primeira arquitetura” é empregada como compreensão, em uma leitura com o intuito de se vincular ao lugar, à implantação de um edifício específico. O ato de recuar para fazer esse exercício de vinculação anterior é o que permite ao arquiteto fazer essa analogia constante do “campus *universitário entendido como Ciudad*” e assim o faz em qualquer projeto. Ainda nos conectamos com a nossa ideia de *território*, quando lemos “responder solidaria y cordialmente acciones proyectuales”; convoca-se naturalmente a ideia de uma continuidade de algo, de maneira dialógica ao contexto, e se é solidária e cordial, necessariamente físico e cultural. Dessa maneira, a disposição de um *sistema de objetos* responderá, quase que de maneira natural, à conformação de um *sistema de ação* que seja “*permeable y inclusiva”*.



Figura 170 : Angelus Novus - Paul Klee - 1928

Há um quadro de Klee que se chama *Angelus Novus*.
Nele se apresenta um anjo que parece estar na eminência de afastar-se de algo
que ele encara fixamente. Seus olhos estão arregalados,
sua boca está aberta e suas asas estão estiradas.
É assim que deve parecer o Anjo da História.
Sua face se volta para o passado. Lá onde *nós* vemos surgir uma sequência de eventos,
ele vê uma catástrofe única,
que incessantemente empilha escombros sobre escombros e os lança a seus pés.
Ele gostaria de se demorar, de despertar os mortos e reunir de novo o que foi esmagado.
Mas uma tempestade sopra do paraíso, que se agarra às suas asas,
e é tão forte que o Anjo já não as consegue mais fechar.
Essa tempestade o leva inexoravelmente para o futuro, para o qual ele dá as costas
enquanto diante dele a pilha de escombros cresce rumo ao céu.
Aquilo que chamamos de progresso é essa tempestade.

Walter Benjamin, 2020, p.118.

considerações finais e anseios de continuidade

Sobre a arquitetura de Paulo Mendes da Rocha

A interpretação de Benjamin sobre o quadro de Klee, talvez nos encaminhe a leitura melancólica, porém, destaque-se aqui a postura de olhar para o passado para compreender o presente. Ainda mais quando nos encontramos em um contexto que carrega tantas camadas de violência. E a obra de Paulo Mendes da Rocha, dentre as diversas possibilidades de leitura, oferece uma forma de fazer uma arquitetura consciente das mazelas do passado latino-americano. Dentro do campo de estudo de projeto, mais do que a uma obra em si, encontramos uma postura regular de como fazer, um conjunto de ferramentas de enfrentamento. Essa postura se deve ao posicionamento crítico e insatisfeito sobre o contexto social presente nos espaços urbanos. Conjunto de valores que fazem com que a obra de Paulo Mendes deva ser vista como um instrumento, que vai moldando conforme a leitura contextual. Nelas estão contidas estratégias de indagação e enfrentamento. Nesse sentido a dimensão de tempo entra cena, uma atemporalidade por se tratar de um estado de crítico de consciência. Não se trata de colocar a obra do arquiteto como exemplo, ou em um pedestal de engessado, justamente o contrário, sempre colocá-la a prova, em diálogo. Miguel Pereira destacou em sua tese que o discurso de Oscar Niemeyer foi majoritariamente negligenciado pela crítica especializada, provavelmente "sob a pressão da expectativa do espetáculo arquitetural proposto pela exuberância plástica de sua obra". Paulo Mendes da Rocha, talvez pela exuberância técnica e capacidade de síntese de sua obra, talvez também tenha oferecido essa "chance" de especialistas se concentrarem em particularidades. Porém, como compartilhamos, necessita ser lida ancorada pelo seu discurso. A dimensão técnica é carregada dessa consciência histórica. Nele estão os anseios que norteiam as decisões de projeto no sentido de produzir espaços de cidade, ou seja, democráticos. Reverberando Eduardo Subirats[110], a potência da arquitetura de Paulo Mendes da Rocha ganha ares de resistência quando colocada ao lado de outros arquitetos contemporâneos, pela coerência sensível abordada por Vilanova Artigas no texto *O desenho* (1967) entre desígnio e desenho.

Os concursos de projeto na obra de Paulo Mendes da Rocha

Diferentemente do que foi levantado anteriormente na pesquisa, os concursos não foram uma ferramenta que possibilitaram a ampliação das reflexões, ao menos, não mais do que os concursos já proporcionam por sua natureza. Desde muito jovem, constata-se uma postura muito clara ao se colocar alguns passos atrás e iniciar o projeto por meio de imagens, geralmente carregada de histórias e/ou experiência pessoal, que almeja lacear ética, técnica e estética. Outro destaque é justamente aquilo que o próprio aponta como *genealogia da imaginação*. As descrições espaciais de cidades, com as *ações*

[110] Prefácio do livro dedicado a obra do arquiteto, org. Villac (2012), p. 14.

acontecendo, quase sempre em primeiro plano, orientam o olhar daquilo que é ambicionado como espaço tanto nas memórias e quanto nas entrevistas. De certa maneira encontramos um paralelo ao texto de Ruth Verde Zein e Maria Bastos (2001), sobre o arquiteto intitulada **Fiel a si mesma**, onde é destacada a linearidade do pensamento do arquiteto e segurança dos conceitos. Portanto, entendemos que os concursos facilitaram, aguçaram a leitura de cidade que o arquiteto carrega, e não o inverso.

O encontro do pensamento

O encontro entre Milton Santos e Paulo Mendes da Rocha se mostra, de fato, natural. Ambos se esforçam para ampliar os campos dialógicos de suas disciplinas. Sob a luz de cada um, as disciplinas parecem querer conter a essência da outra, a natureza descritiva da geografia, instrumentalizada pela história e sociologia por Milton Santos, e a natureza propositiva da arquitetura, somada a reflexão imposta por Paulo Mendes da Rocha da cidade democrática como centro das suas intenções projetuais. Fazendo um exercício de criar essa *imagem* mental das disciplinas irrompendo-se de encontro uma à outra, além do objeto comum que é o espaço, isso talvez ocorra pelo fato de ambos os pensadores compartilharem de valores humanistas fundados por pensadores que compartilham de visões próximas. E se somam, a experiencia da cidade de São Paulo e suas contradições urbanas, históricas e espaciais, e assim geográficas, extremamente intensas.

Paisagem. Território. Espaço.

Sob a luz dos conceitos construídos com base em diversas leituras, em especial a do geografo, encontramos uma possibilidade de fato compreender a obra do arquiteto e sua contribuição à formação do espaço urbano. A paisagem sob uma ótica dupla: física e cultural. O território como ferramenta de consciência de um sistema que precisa ser contínuo para conformar espaços de cidade em sua potência máxima. Portanto os *sistemas de objetos* e *ações* aqui citados são orientados por essas etapas de consciência. Registra-se que a profundidade desse debate é estabelecida justamente na leitura simultânea delas.

Sobre cidade, urbanidade e democracia

Estabelecer um diálogo na profissão de uma prática crítica e consciente é de fundamental necessidade para estabelecermos um horizonte emancipado. Pensar um **espaço** que anseia **continuidade** como premissa em seu sentido mais amplo, que transpassa a função e se torna passível de adaptação e apropriação que foge ao controle, a ideia de domínio nesse caso é contraponto ao êxito do espaço.
E por último, trazendo Benjamin novamente, o objetivo não é só a melancolia pelas nossas catástrofes do passado, e sim, respeito pelo nosso passado, consciência de somos resultantes dele, e assim projetar alternativas. Nesse contexto de retomada social e política, o pensamento de **Paulo Mendes da Rocha** e **Milton Santos**, sempre **otimistas**, comparecem como farol de como ver, sentir, pensar e fazer cidades latino-americanas conscientes de suas próprias ***veias abertas***.

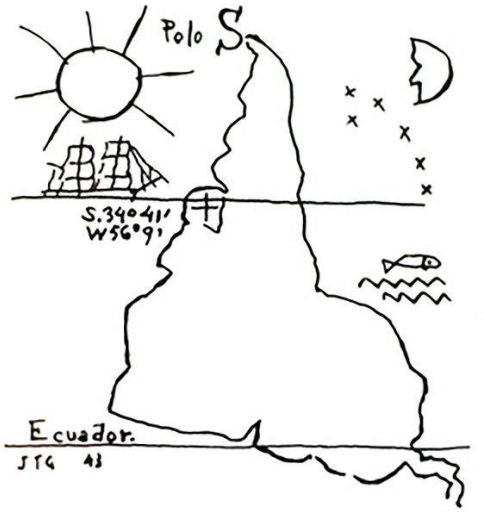


Figura 171 : Joaquín Torres García - América Invertida - 1943

Uma pergunta

No século XII, o geógrafo oficial do reino da Sicília, Al-Idrisi, traçou o mapa do mundo, o mundo que a Europa conhecia, com o sul na parte de cima e o norte na parte de baixo. Isso era habitual na cartografia daquele tempo. E assim, com o sul acima, desenhou o mapa sul-americano, oito séculos depois, o pintor uruguaio Joaquín Torres-García. "Nosso norte é o sul", disse. "Para ir ao norte, nossos navios não sobem, descem."

Se o mundo está, como agora está, de pernas pro ar, não seria bom invertê-lo para que pudesse equilibrar-se em seus pés?

Eduardo Galeano, 2009.



lista de figuras volume 1

1	pmr-galileu	fonte: Escritório PMR
2	pmr-bicicleta à vela	fonte: Escritório PMR
3	pmr-croqui clube da orla Guaruja	fonte: Escritório PMR
4	Capa Revista Acrópole, ano 29, nº342, agosto 1967	fonte: Revista Acrópole
5	Capa Revista Acrópole, ano 29, nº343, setembro1967	fonte: Revista Acrópole
6	FEB 1958 - ANO 20 - N° 232 – capa -	fonte: Revista Acrópole
7	FEB 1958 - ANO 20 - N° 232 - pg.129	fonte: Revista Acrópole
8	FEB 1958 - ANO 20 - N° 232 - pg.130	fonte: Revista Acrópole
9	FEB 1958 - ANO 20 - N° 232 - pg.131	fonte: Revista Acrópole
10	FEB 1958 - ANO 20 - N° 232 - pg.132	fonte: Revista Acrópole
11	FEB 1958 - ANO 20 - N° 232 - pg.133	fonte: Revista Acrópole
12	pmr-c-pcap-croqui-01	fonte: Escritório PMR
13	pmr-c-pcap-perspectiva-01	fonte: Escritório PMR
14	pmr-c-jcg-croqui-01	fonte: Escritório PMR
15	pmr-c-jcg-croqui-02	fonte: Escritório PMR
16	pmr-c-jcg-desenho-01	fonte: Escritório PMR
17	pmr-c-jcg-maquete-01	fonte: Escritório PMR
18	pmr-c-flh-10-digitalização feita pelo escritório no arquiteto por Daniele Pisani	fonte: Escritório PMR
19	pmr-c-cog-croqui-00	fonte: Escritório PMR
20	pmr-c-cog-croqui-02	fonte: Escritório PMR
21	Croquis feitos por Pedro Paulo de Melo Saraiva. Espallagas Gimenez (2016)	fonte: ESPALLARGAS GIMENEZ, 2016.
22	pmr-c-pbo-croqui-01	fonte: Escritório PMR
23	pmr-c-pbo-croqui-02	fonte: Escritório PMR
24	pmr-c-pavilhão de osaka - fonte Acrópole, ano 31, nº372, abril 1970	fonte: Escritório PMR
25	pmr-c-pavilhão de osaka interna	fonte: Escritório PMR

26	pmr-c-epr-des-02-imagem	fonte: Escritório PMR
27	pmr-c-beaubourg 01	fonte: Escritório PMR
28	pmr-c-beaubourg 02	fonte: Escritório PMR
29	pmr-c-beaubourg 03	fonte: Escritório PMR
30	pmr-c-beaubourg diagrama	fonte: Escritório PMR
31	pmr-c-tacs-maquete-03	fonte: Escritório PMR
32	pmr-c-tacs-maquete-02	fonte: Escritório PMR
33	pmr-c-tacs-maquete-01	fonte: Escritório PMR
34	pmr-c-cccj-01	fonte: Escritório PMR
35	pmr-c-cccj-02	fonte: Escritório PMR
36	pmr-c-iecc 03	fonte: Escritório PMR
37	pmr-c-iecc maquete 01	fonte: Escritório PMR
38	pmr-cresp-00. cedido pela Casa da Arquitectura	fonte: Casa da Arquitectura
39	pmr-cresp-02. cedido pela Casa da Arquitectura	fonte: Casa da Arquitectura
40	pmr-cresp-03. cedido pela Casa da Arquitectura	fonte: Casa da Arquitectura
41	pmr-cresp-04. cedido pela Casa da Arquitectura	fonte: Escritório PMR
42	pmr-croqui brj 00	fonte: Escritório PMR
43	pmr-croqui brj 01	fonte: Escritório PMR
44	pmr-croqui brj 02	fonte: Escritório PMR
45	pmr-croqui brj 03	fonte: Escritório PMR
46	pmr-croqui brj 04	fonte: Escritório PMR
47	pmr-croqui brj 05	fonte: Escritório PMR
48	Croqui-de-Paulo-Mendes-da-Rocha-MUBE	fonte: Escritório PMR
49	pmr-c-mube-croqui-01	fonte: Escritório PMR
50	pmr_mube ensaios	fonte: Escritório PMR
51	PT-CA-PMR-3-PA-093_01006. cedido pela Casa da Arquitectura	fonte: Casa da Arquitectura

52	pmr-c-hstern-perspectiva-02. cedido pela Casa da Arquitectura	fonte: Casa da Arquitectura
53	pmr-c-hstern-perspectiva-02. cedido pela Casa da Arquitectura	fonte: Casa da Arquitectura
54	pmr-c-hstern-perspectiva-03. cedido pela Casa da Arquitectura	fonte: Casa da Arquitectura
55	pmr-c-bace-maquete-01	fonte: Escritório PMR
56	pmr-c-bace-maquete-02	fonte: Escritório PMR
57	pmr-c-bace-maquete-03	fonte: Escritório PMR
58	pmr-c-bace-maquete-04	fonte: Escritório PMR
59	pmr-c-bace-maquete-05	fonte: Escritório PMR
60	pmr-c-cae-perspectiva-01	fonte: Escritório PMR
61	pmr-c-ie-maquete-01	fonte: Escritório PMR
62	pmr-c-ie-maquete-03	fonte: Escritório PMR
63	pmr-c-ncfgv-croqui-01	fonte: Escritório PMR
64	pmr-c-ncfgv-croqui-02	fonte: Escritório PMR
65	pmr-c-sesct-maquete-01	fonte: Escritório PMR
66	pmr-c-sesct-maquete-02	fonte: Escritório PMR
67	pmr-c-mcba-croqui-cidade-01	fonte: Escritório PMR
68	pmr-c-mcba-croqui-flutua-02	fonte: Escritório PMR
69	pmr-c-sivam-maquete-01	fonte: Escritório PMR
70	pmr-c-sivam-maquete-02	fonte: Escritório PMR
71	pmr-c-pjop-croqui-01	fonte: Maia Neto, 2004.
72	pmr-c-pjop-croqui-02	fonte: Maia Neto, 2004.
73	pmr-c-pjop-croqui-03	fonte: Maia Neto, 2004.
74	pmr-c-mac-croqui-01	fonte: Maia Neto, 2004.
75	pmr-c-mac-croqui-02	fonte: Maia Neto, 2004.
76	pmr-c-mac-maquete-01	autor: Edison Hiroyama
77	pmr-c-mac-maquete-05	autor: Edison Hiroyama

78	pmr-c-mac-maquete-08	autor: Edison Hiroyama
79	pmr-c-ncjt-croqui-01	fonte: map-studio.it
80	pmr-c-ncjt-croqui-02	fonte: map-studio.it
81	pmr-c-ncjt-croqui-03	fonte: map-studio.it
82	pmr-c-ncjt-maquete-02	fonte: map-studio.it
83	pmr-c-polr-img-02	fonte: Bak Gordon Arquitetos
84	pmr-c-polr-img-03	fonte: Bak Gordon Arquitetos
85	pmr-c-polr-img-04	fonte: Bak Gordon Arquitetos
86	pmr-c-polr-img-05	fonte: Bak Gordon Arquitetos
87	pmr-c-sasb-maquete-01	fonte: metroarquitetos.com.br
88	pmr-c-sasb-maquete-02	fonte: metroarquitetos.com.br
89	pmr-c-sasb-maquete-03	fonte: metroarquitetos.com.br
90	pmr-c-mab-diag-01	fonte: metroarquitetos.com.br
91	pmr-c-mab-img-01	fonte: metroarquitetos.com.br
92	pmr-c-mab-maquete-01	fonte: metroarquitetos.com.br
93	pmr-c-mab-maquete-02	fonte: metroarquitetos.com.br
94	pmr-c-mab-maquete-03	fonte: metroarquitetos.com.br
95	pmr.meraki.m.tda-c-fada-croqui-01	fonte: metroarquitetos.com.br
96	pmr.meraki.m.tda-c-fada-flh-01-01	fonte: metroarquitetos.com.br
97	pmr.meraki.m.tda-c-fada-flh-01-02	fonte: metroarquitetos.com.br
98	Diagrama 1 redesenhado a partir do original de Miguel Pereira	fonte: metroarquitetos.com.br
99	Diagrama 2 redesenhado a partir do original de Miguel Pereira	fonte: Escritório PMR
100	mr-grande sertão veredas	fonte: Escritório PMR
101	pmr-barco	fonte: Escritório PMR
102	pmr-torre das andorinhas	fonte: Autor
103	pmr-arraia	fonte: Autor
104	PT_CA_PMR_2_PA-028-01-0001	fonte: Escritório PMR

105	PT_CA_PMR_2_PA-028-01-0002	fonte: Escritório PMR
106	PT_CA_PMR_2_PA-028-01-0003	fonte: Escritório PMR
107	PT_CA_PMR_2_PA-028-01-0004	fonte: Escritório PMR
108	PT-CA-PMR-2-PA-028_01019	fonte: Casa da Arquitectura
109	PT-CA-PMR-2-PA-028_01020	fonte: Casa da Arquitectura
110	PT-CA-PMR-2-PA-028_01021	fonte: Casa da Arquitectura
111	PT-CA-PMR-2-PA-028_01022	fonte: Casa da Arquitectura
112	PT-CA-PMR-2-PA-028_01024	fonte: Casa da Arquitectura
113	PT_CA_PMR_3_PA-002-01-0008	fonte: Casa da Arquitectura
114	PT_CA_PMR_3_PA-002-01-0009	fonte: Casa da Arquitectura
115	PT_CA_PMR_3_PA-002-01-0010	fonte: Casa da Arquitectura
116	PT_CA_PMR_3_PA-002-01-0011	fonte: Casa da Arquitectura
117	PT_CA_PMR_3_PA-002-01-0012	fonte: Casa da Arquitectura
118	PT_CA_PMR_3_PA-002-01-0013	fonte: Casa da Arquitectura
119	PT_CA_PMR_3_PA-002-01-0014	fonte: Casa da Arquitectura
120	PT_CA_PMR_3_PA-002-01-0015	fonte: Casa da Arquitectura
121	PT_CA_PMR_3_PU-001-01-0001	fonte: Casa da Arquitectura
122	PT_CA_PMR_3_PU-001-01-0002-A+B	fonte: Casa da Arquitectura
123	PT_CA_PMR_3_PU-001-01-0003-A+B	fonte: Casa da Arquitectura
124	PT_CA_PMR_3_PU-001-01-0004-A+B	fonte: Casa da Arquitectura
125	PT_CA_PMR_3_PU-001-01-0005-A+B	fonte: Casa da Arquitectura
126	PT_CA_PMR_3_PU-001-01-0006-A+B	fonte: Casa da Arquitectura
127	pmr-c-bnrj-flh-01	fonte: Casa da Arquitectura
128	pmr-c-bnrj-flh-02	fonte: Casa da Arquitectura
129	pmr-c-bnrj-flh-03	fonte: Casa da Arquitectura
130	pmr-estudo brj 01	fonte: Escritório PMR
131	pmr-estudo brj 02	fonte: Escritório PMR

132	pmr-estudo brj 03	fonte: Escritório PMR
133	pmr-estudo brj 04	fonte: Escritório PMR
134	pmr-estudo brj 05	fonte: Escritório PMR
135	pmr-estudo brj 06	fonte: Escritório PMR
136	pmr-estudo brj 07	fonte: Escritório PMR
137	pmr-estudo brj 08	fonte: Escritório PMR
138	pmr-estudo brj 09	fonte: Escritório PMR
139	PT-CA-PMR-3-PA-097_02998	fonte: Casa da Arquitectura
140	PT-CA-PMR-3-PA-097_03000	fonte: Casa da Arquitectura
141	PT-CA-PMR-3-PA-097_03002	fonte: Casa da Arquitectura
142	PT-CA-PMR-3-PA-097_03004	fonte: Casa da Arquitectura
143	PT-CA-PMR-3-PA-097_03006	fonte: Casa da Arquitectura
144	PT-CA-PMR-3-PA-097_03008	fonte: Casa da Arquitectura
145	PT-CA-PMR-3-PA-097_03010	fonte: Casa da Arquitectura
146	PT-CA-PMR-3-PA-097_03012	fonte: Casa da Arquitectura
147	PT-CA-PMR-3-PA-097_03014	fonte: Casa da Arquitectura
148	PT-CA-PMR-3-PA-097_03016	fonte: Casa da Arquitectura
149	PT-CA-PMR-3-PA-097_03018	fonte: Casa da Arquitectura
150	PT-CA-PMR-3-PA-097_03020	fonte: Casa da Arquitectura
151	PT-CA-PMR-3-PA-097_03022	fonte: Casa da Arquitectura
152	PT-CA-PMR-3-PA-097_03023	fonte: Casa da Arquitectura
153	PT-CA-PMR-3-PA-097_03024	fonte: Casa da Arquitectura
154	PT-CA-PMR-3-PA-097_03025	fonte: Casa da Arquitectura
155	pmr.meraki.m.tda-c-fada-flh-01	fonte: Casa da Arquitectura
156	pmr.meraki.m.tda-c-fada-flh-02	fonte: Casa da Arquitectura
157	pmr.meraki.m.tda-c-fada-flh-03	fonte: Casa da Arquitectura
158	pmr.meraki.m.tda-c-fada-flh-04	fonte: Casa da Arquitectura

159	pmr.meraki.m.tda-c-fada-flh-05	fonte: Escritório PMR
160	pmr.meraki.m.tda-c-fada-flh-06	fonte: Escritório PMR
161	pmr.meraki.m.tda-c-fada-flh-07	fonte: Escritório PMR
162	pmr.meraki.m.tda-c-fada-flh-08	fonte: Escritório PMR
163	pmr.meraki.m.tda-c-fada-flh-09	fonte: Escritório PMR
164	pmr.meraki.m.tda-c-fada-flh-10	fonte: Escritório PMR
165	pmr.meraki.m.tda-c-fada-flh-11	fonte: Escritório PMR
166	pmr.meraki.m.tda-c-fada-flh-12	fonte: Escritório PMR
167	pmr.meraki.m.tda-c-fada-flh-13	fonte: Escritório PMR
168	pmr.meraki.m.tda-c-fada-flh-14	fonte: Escritório PMR
169	pmr.meraki.m.tda-c-fada-flh-15	fonte: Escritório PMR
170	Angelus Novus - Paul Klee - 1928	fonte: Escritório PMR
171	Joaquín Torres García - América Invertida - 1943	fonte: Escritório PMR
172	pmr-escritório	foto: Thaís Losi

bibliografia

2G, Barcelona: n. 45, 2011.
ACRÓPOLE, São Paulo, ano 20, n. 232, fev. 1958.
_____. São Paulo, ano 22, n. 259, abr. 1959.
_____. São Paulo, ano 22, n. 260, mai. 1960.
_____. São Paulo, ano 25, n. 300, out./nov. 1963.
_____. São Paulo, ano 27, n. 313, ago. 1965.
_____. São Paulo, ano 28, n. 333, out. 1966.
_____. São Paulo, ano 29, n. 342, ago. 1967.
_____. São Paulo, ano 31, n. 363, jul. 1969.
_____. São Paulo, ano 32, n. 382, mar. 1971.
ADAMCZYK, G.; CHUPIN, J.; BILODEAU, D.; CORMIER, A. Architectural competitions and new reflexive practices. In ARCC- AEEQ CONFERENCE ON ARCHITECTURAL RESEARCH. **Anais**… Dublin: 2004. Disponível em: <http://www.leap.umontreal.ca/pdf/adamczyk/2004_ADAMCZYK_architectural.PDF>. Acesso em: 7 out. 2017.
ARQTEXTO, Porto Alegre: n. 16, 2010.
ARROYO, J (org.). **Paulo Mendes da Rocha: entre ideas y dibujos**. Santa Fé: Editora UNL, 2015.
ARTIGAS, R. **Paulo Mendes da Rocha**. São Paulo: Cosac Naify, 2000.
_____. **Paulo Mendes da Rocha 2**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
_____; LIRA, J. (orgs.) **Os caminhos da Arquitetura Moderna. João Batista Vilanova Artigas**. São Paulo: Cosac Naify, 2004.
AS, D.; WISNIK, G.; SIMÕES, J. **Futuro desenhado: textos escolhidos de Paulo Mendes da Rocha**. Lisboa: Monade, 2018.
AU ARQUITETURA E URBANISMO, São Paulo, n. 17, 1990.
_____, São Paulo, n. 60, 1995.
A+U ARCHITECTURE AND URBANISM, v. 2021:12, Tokio: n. 615, 2021.
AV MONOGRAFÍAS, Madrid: n. 161, 2013.
BAEZA, A. **Pensar com as mãos**. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2011.
BASTOS, M. A. J. Paulo Mendes da Rocha. Breve relato de uma mudança. **Vitruvius**, **Arquitextos**, São Paulo, ano 11, n. 122.01, jul. 2010 <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/11.122/3472>. Acesso em: 13 jul. 2017.

_____; ZEIN, R. V. **Arquitetura após 1950**. São Paulo: Perspectiva, 2011.
BAUMAN, Z. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
BECK, M.P. **Arquitetura, visão e movimento: o discurso de Paulo Mendes da Rocha na Pinacoteca do Estado de São Paulo.** 2011. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
BENJAMIN, A.; RICE, C. (eds.). **Walter Benjamin and architecture of modernity**. Melbourne: Re. Press, 2009.
BENJAMIN, W. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG/Imprensa Oficial, 2007
_____. **A modernidade e os modernos**. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 2000.
_____. **Escritos sobre Mito e Linguagem**. São Paulo: Editora 34, 2011.
_____. **Rua de mão única: Infância berlinense**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
_____. **Baudelaire e Modernidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
_____. **Estética e Sociologia da arte**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
_____. **Linguagem, tradução e literatura (filosofia, teoria e crítica)**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.
_____. **Sobre o conceito de história**. São Paulo: Alameda, 2020.
BENOIT, A.; PIANCA, G.; TSCHIPTSCHIN, I.; NAKEL, L.; URANO, R. **Memória moderna de São Paulo. Corredor das Humanas**. São Paulo: Grupo Contravento, 2017.
BERLANDA, T. **Architectural Topographies: A graphic lexicon of how buildings touch the groud**. New York: Routledge, 2014.
BRUAND, Y. **Arquitetura contemporânea brasileira**. São Paulo: Perspectiva, 1981.
BUCCI, A. **São Paulo, razões de arquitetura. Da dissolução aos edifícios e de como atravessar paredes**. São Paulo: Romano Guerra, 2010.
_____. **Anhangabaú: uma arqueologia do futuro**. Disponível em < http://www.spbr.arq.br/anhangabau-uma-arqueologia-do-futuro/>. Acesso em: 21 nov. 2017
_____. (2019) in SOBREIRA, F. **Dinâmicas do Jogo: Concursos de Arquitetura no Brasil**. Brasília: Editora MGSR, 2019.
CARAMELO, São Paulo: n. 4, 1992.
_____. São Paulo: n. 6, 1992.
_____. São Paulo: n. 7, 1992.
CARRANZA, L E.; LARA, F. L. **Modern architecture in Latin America: art, technology, and utopia**. Austin: University of Texas Press, 2014.
CAUQUELIN, A. **A invenção da paisagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
_____. **No angulo dos mundos possíveis**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
CORONA MARTÍNEZ, A. **Ensaio sobre o projeto**. Brasília: Editora da UnB, 2001.
COHEN, J-L. **O futuro da arquitetura desde 1889**. São Paulo: Cosacnaify, 2013.

COLAFRANCESCHI, D. **Landscape + 100 palabras para habitarlo**: Barcelona: Gustavo Gili, 2007.
CHUPIN, J.; CUCUZZELLA, C.; HELAL, B. (eds). **Architecture competitions and the production of culture, quality and knowledge**. Montreal: Potential Books, 2015.
CLARK, R.H.; Pause, M. **Arquitectura: temas de composición**. Barcelona: Gustavo Gili, 1997.
COSTA, L. **Registro de uma vivência**. São Paulo: Empresa das artes; Brasília: Editora da UnB, 1995.
DAMON, Marcus Vinicius. **Arquiteturas não construídas: modos de aproximação e representação aplicadas no MACUSP de 1975**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
DIAS, M.G. **Ao volante pela cidade: Paulo Mendes da Rocha**. Lisboa: Relógio d´água, 2014.
ESPALLARGAS GIMENEZ, L. **Pedro Paulo de Melo Saraiva, arquiteto**. São Paulo: Romano Guerra e Instituto Lina Bo e P.M. Bardi, 2016.
EN BLANCO, Valencia: n. 15, 2014.
FIALHO, V. C. dos S. **Concursos de arquitetura em São Paulo**. 2002. 280p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
_____. **Arquitetura, texto e imagem: a retórica da representação nos concursos de arquitetura**. 2007. 400p. Tese (Doutorado em Arquitetura e urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
FICHER, S. “Mitos e perspectivas: profissão de arquiteto e ensino de arquitetura”. **Projeto**, São Paulo, n. 185, maio 1995.
_____, S; ACAYABA, M. M. **Arquitetura moderna brasileira**. São Paulo: Projeto, 1982.
FUINI, L. L. Território e territórios na leitura geográfica de Milton Santos. **Brazilian Geographical Journal: Geosciences and Humanities research medium**, Ituiutaba, v. 6, n. 1, p. 253-271, jan./jun. 2015. Página | 253
FLYNN, M. H. **Concursos de arquitetura no Brasil 1850-2000**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, 2001.
_____. (2019) in SOBREIRA, F. **Dinâmicas do Jogo: Concursos de Arquitetura no Brasil**. Brasília: Editora MGSR, 2019.
FRAMPTON, K. **História crítica da arquitetura moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
FRANCO, R. **Dez lições sobre Walter Benjamin**. Petrópolis: Vozes, 2015.
GALEANO, E. **As veias abertas da América Latina**. Porto Alegre: L&PM, 2015.
_____. **De pernas para o ar. A escola do mundo ao avesso**. Porto Alegre: L&PM, 2015.
GA MASTERPIECES, Tokio: n. 23, 2016.
_____, Tokio: nº 27, 2018.
GANDOLFI, C.; RUSSO, M. **Il Padiglione del Brasili a Osaka: tra tierra e cielo, lo spazio: Paulo Mendes da Rocha**. Napoli: Clean, 2017.
_____, C. **La città per tutti. Scritti scelti.** Milão: Nottetempo, 2021.

_____, C. **Matter of Space. Città e Architettura in Paulo Mendes da Rocha**. Parma: Accademia University Press, 2018.
GOROVITZ, M. Desenho e soberania: da educação do juízo de gosto, in **Contribuição ao ensino de arquitetura e urbanismo**, Brasília: INEP, 1999.
_____. **Os riscos do projeto: Contribuição à análise do juízo estético na arquitetura**. Brasília: Editora da UnB, 1993.
GOUVÊA, J.; VALENTIM, F.; FREITAS, A. **Educação e Sociedade**. São Paulo: Escola da Cidade, 2015.
GUARUJÁ de antigamente. **O Grande Hotel La Plage** (versão III). Novo Milênio, 2010. Disponível em: <https://www.novomilenio.inf.br/guaruja/gfoto019b.htm>. Acesso em: 28 abr 2020.
GUERRA, A. **Textos fundamentais sobre a história da arquitetura moderna brasileira_parte1**. São Paulo: Romano Guerra, 2010.
_____. Textos fundamentais sobre a história da arquitetura moderna brasileira_parte2. São Paulo: Romano Guerra, 2010.
GUILHERME, P. **O concurso internacional de Arquitectura como processo de internacionalização e investigação na Arquitectura de Álvaro Siza Vieira e Eduardo Souto de Moura**. Tese de Doutoramento em Arquitetura. Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2016.
HABITAT, São Paulo: n. 47, 1958.
Holden, S. "Possible Pompidous." **AA Files**, no. 70, 2015, pp. 33–45. JSTOR, http://www.jstor.org/stable/43432925. Acesso 04 out. 2022.
Iwamizu, C. S. **Eduardo de Almeida. Reflexões sobre estratégias de projeto e ensino**. Tese (Doutorado - Área de Concentração: Projeto de Arquitetura). FAUUSP, São Paulo, 2015.
JUCÁ, C. B. M. **João Batista Vilanova Artigas, arquiteto: Gênese de uma obra (1934-1941).** Dissertação (Mestrado em Arquitetura e urbanismo). Universidade de Brasília, Brasília, 2006.
LEITE, M.A.F.P. (org.). **Encontros: Milton Santos**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2007.
LUDMER, L.C.B. **Memória e cidade em dois tempos (1995-2016): espaços narrados por Paulo Mendes da Rocha e Jean-Claude Bernardet.** 2019. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.
MENDES DA ROCHA, P. **Conversaciones com Paulo Mendes da Rocha**. Barcelona: Gustavo Gili, 2010.
_____. **Maquetes de papel**. São Paulo: Cosac Naify, 2007
_____. Entrevista: Oscar Niemeyer Construtor. Entrevistador: Guilherme Wisnik. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 9 dez. 2007.
MENDES DA ROCHA, P. Entrevista: Paulo Mendes da Rocha, um depoimento. Entrevistadora: Andrea Macadar. São Paulo, 14 jul. 2004. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/PDFs_revista_6/02_Depoimento%20Paulo%20Mendes%20da%20Rocha.pdf>. Acesso em: 12 out. 2017.
_____. Olhando para as paisagens. **Projeto**, São Paulo, n. 175, p. 58-60, jun. 1994.
_____. Perspectivas da arquitetura brasileira – recomendações para sua adequação aos trópicos. Arquitetura nos trópicos. In **Anais do I Seminário Nacional**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Massangana, 1995. p. 155-161;
_____; CARBONCINI, A. (orgs.) **Morar no século XX. A virada do século: reflexões sobre a passagem do milênio**. São Paulo: Paz e

Terra/UNESP/Secretaria de Estado da Cultura, 1987.
MÓDULO, Rio de Janeiro: n. 16, 1959.
MONEO, R. **Inquietação teórica e estratégia projetual**. São Paulo: CosacNaify, 2008.
MONOLITO, São Paulo: n. 33, 2016.
MONTAÑER, J. M. **A modernidade superada**. São Paulo: Gustavo Gili, 2012.
_____. **Arquitetura e crítica**. Barcelona: Gustavo Gili, 2007.
_____. **Arquitetura e política**. Barcelona: Gustavo Gili, 2011.
_____. **Arquitetura e crítica na América Latina**. São Paulo: Romano Guerra, 2014.
_____; VILLAC, M. I. **Mendes da Rocha**. Lisboa: Blau, 2005.
MONTE, J. **La ciudad es de todos: Paulo Mendes da Rocha**. Barcelona: Fundación Caja de Arquitectos, 2011.
_____, **Paulo Mendes da Rocha: Conciencia arquitectónica del pretensado.** Buenos Aires: Nobuko, 2012.
NETO, R.M. **Arquiteturas para a Museu de Arte Contemporânea da USP.** 2004. Tese (Doutorado em Arquitetura e urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
OTONDO, C. **Relações entre pensar e fazer na obra de Paulo Mendes da Rocha**. 247 p. Tese (Doutorado em Arquitetura e urbanismo). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
_____. **Casa Butantã: Paulo Mendes da Rocha**. São Paulo: UBU, 2016.
PACHECO, P. C. B. **O Risco do Paraná e os Concursos Nacionais de Arquitetura 1962-1981**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade do Rio Grande do Sul. Curitiba e Porto Alegre, 2004.
PERRONE, R. **Os croquis e os processos de projeto de arquitetura**. São Paulo: Almira, 2018.
PFEIFFER, L. **Helio Piñon: Ideias e Formas**. São Paulo: Editora da Cidade, 2010.
PIÑÓN, H. **Paulo Mendes da Rocha**. São Paulo: Romano Guerra, 2002.
_____. **Teoria do projeto**. Porto Alegre: Livraria do Arquiteto, 2006.
PISANI, D. **Paulo Mendes da Rocha, Obra Completa**. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.
_____. **Uma genealogia da imaginação de Paulo Mendes da Rocha**. Porto: DAFNE, 2017.
_____. The MuBE, or Architecture as Construction of an Artificial Landscape. **a+u magazine**, Tokio, v. 2021:12, p. 10-18, dez., 2021.
PEREIRA, M. **Arquitetura, texto e contexto. O discurso de Oscar Niemeyer**. Brasília: Editora da UnB, 1997.
PROJETO, São Paulo: n. 24, 1980.
_____, São Paulo: n. 74, 1985.
_____, São Paulo: n. 18, 1990.

_____, São Paulo: n. 251, 2001.
_____, São Paulo: n. 393, 2012.
_____, São Paulo: n. 395, 2013.
_____. **Sai do papel Banco Trianon, de Nadezhda e Paulo Mendes da Rocha**. São Paulo, mar. 2022 < https://revistaprojeto.com.br/noticias/sai-do-papel-banco-trianon-de-nadezhda-e-paulo-mendes-da-rocha/>. Acesso em: 19 nov. 2022.
RACY, G. (org.). **Walter Benjamin está morto**. São Paulo: Sobinfluencia, 2020.
RANCIERÈ, J. **O inconsciente estético**. São Paulo: Editora 34, 2009.
_____. **O espectador emancipado**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
_____. **A partilha do sensível**. São Paulo: Editora 34, 2009.
RIBEIRO, P. **Arquitetura potencial: Nonato Veloso, concursos de projeto**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade de Brasília, Brasília, 2017.
_____. Resgate como possibilidade de superação. Angelo Bucci e as razões da arquitetura. **Vitruvius**, **Resenhas Online**, São Paulo, ano 16, n. 170.02, fev. 2016. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/16.170/5930>. Acesso em: 21 nov. 2017.
_____. Uma dose de memória para tempos de amnésia. **Vitruvius**, **Resenhas Online**, São Paulo, ano 17, n. 195.02, mar. 2018. Disponível em: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/17.195/6908>. Acesso em: 27 nov. 2018.
_____. FARIA, L.A. Sobre Sombra E Democracia. Clube Da Orla De Paulo Mendes Da Rocha 1963. VI ENANPARQ 2020. **Anais: Limiaridade Processos e Práticas em Arquitetura e Urbanismo**. Brasília: 2021. Disponível em: <http://enanparq2020.com.br/wp-content/uploads/2021/10/14-07_-EIXO-1_-DIAGRAMAC%CC%A7A%CC%83O-ENANPARQ-FN.pdf>. Acesso em: 3 ago. 2021.
RIOS, M. **Intervenção na pré-existência: O projeto de Paulo Mendes da Rocha para a transformação do Educandário Santa Teresa em Museu de Arte Contemporânea**. 2013. 98 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e urbanismo). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
ROSSETTI, E. **Arquitetura em transe. Lucio Costa, Oscar Niemeyer, Lina Bo Bardi e Vilanova Artigas: nexos da arquitetura brasileira pós-Brasília [1960-85]**. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
_____. Lucio Costa e a Plataforma Rodoviária de Brasília. **Vitruvius**, ***Arquitextos***, São Paulo, ano 10, n. 119.03, abr. 2010 <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/10.119/3371>. em: Acesso em 2 mar. 2019.
RUBANO, L. M. **Hipóteses do real, concursos de arquitetura e urbanismo Vigliecca e Associados**. São Paulo: Lamar em coche, 2012.
SANTOS, M. **A natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Editora da USP, 2020.
_____. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: Editora da USP, 2012.
_____. **Manual de Geografia Urbana**. São Paulo: Editora da USP, 2012b.
_____. **Técnica, espaço e tempo**. São Paulo: Editora da USP, 2013.

_____. **Espaço e método**. São Paulo: Editora da USP, 2014.
_____. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. São Paulo: Editora da USP, 2014b.
_____. **Da totalidade ao Lugar**. 1ed., 3ª reimpr. São Paulo: Editora da USP, 2014c.
_____. **Espaço do cidadão**. São Paulo: Editora da USP, 2014d.
_____. **Ensaios Sobre a Urbanização Latino-americana**. São Paulo: Editora da USP, 2017.
_____. Da paisagem ao espaço: Uma discussão. In: II ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE PAISAGISMO EM ESCOLAS DE ARQUITEURA E URBANISMO DO BRASIL, **Anais do II ENEPEA**. São Paulo: Universidade São Marcos/FAU/USP, 1996.
_____. **Da paisagem ao espaço - Prof. Milton Santos - FAU-USP - 1995**. (47m46s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=juUkCzFTO5U&t=780s&ab_channel=geoleandro1945>. Acesso em: 6 jun. 2020.
_____. O retorno do território. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria A. A.; SILVEIRA, Maria L., **Território: Globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec/Anpur, 1993.
SCHARLACH, C. As Olimpíadas de 2008 em Paris e a participação de Paulo Mendes da Rocha. **Vitruvius**, **Arquitextos**, São Paulo, ano 02, n. 015.01, ago. 2001 < https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.015/854>. Acesso em: 19 nov. 2022.
SCHENK, L.R. **Os croquis na concepção arquitetônica**. São Paulo: Annablume, 2010.
SCHÖN, D. A. **The Architectural Studio as an exemplar for Reflection-in-Action**. San Francisco: Basic Books, 1984.
_____. **Educating the reflective practitioner: toward a new design for teaching and learning the professions**. San Francisco: Jossey-Bass, 1990.
SEGAWA, H. **Arquitectura latino americana contemporanea**. Barcelona: Gustavo Gili, 2005.
_____. **Arquiteturas no Brasil; 1900-1990**. São Paulo: Editora da USP, 1998.
_____. (2010) in. **Revista do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP**, São Paulo, v. 17, n. 28, p. 220-224, dez 2010.
SERAPIÃO, F. A década da "geração de Sevilha", do Pritzker de Mendes da Rocha, dos estrangeiros e do novo milagre. **Projeto Design**, São Paulo, n. 371, p. 30-33. 2011.
_____. Pavilhão de Sevilha: deu em vão. PROJETO, n° 138, p. 34-42, fev. 91.
SILVA, E.G. **Os palácios originais de Brasília**. Brasília: Editora Câmara, 2014.
SIZA, A. **Imaginar a evidência**. São Paulo: Estação da Liberdade, 2012.
SOBREIRA, F. Arquitetura e notoriedade: ensaio sobre a cegueira. **concursosdeprojeto.org**, Brasília, 2009. Disponível em <http://concursosdeprojeto.org/2009/02/01/arquitetura-notoriedade/.> Acesso em: 25 out. 2017.
_____. Concursos: reflexões contemporâneas (tradução de trechos do verbete Concours, in **Encypédie Méthodique - Architecture**. Tome II, 1801). **concursosdeprojeto.org**, Brasília, 2009. Disponível em < http://concursosdeprojeto.org/2009/01/14/quatremere/>. Acesso em: 4 mar. 2016
_____. Concursos de arquitetura no Brasil: 2005 a 2014. **concursosdeprojeto.org**, Brasília, 2014. Disponível em:

<https://concursosdeprojeto.files.wordpress.com/2015/03/concursos-de-arquitetura-no-brasil-2005-2014.pdf>. Acesso em: 10 set. 2017.
_____. Concursos de arquitetura e urbanismo e os conflitos de interesse na gestão do espaço público. In: PROJETAR 2009. **Projeto como investigação: ensino, pesquisa e prática**. São Paulo, 2009. Disponível em <http://fabianosobreira.files.wordpress.com/2009/07/concursos-e-conflitos-fabianosobreira-projetar2009.pdf>. Acesso em: 2 fev. 2017.
_____. Oscar Niemeyer e os concursos de Arquitetura no Brasil: entre o instrumento democrático e o culto à genialidade. V ENANPARQ. **Anais**... Salvador: 2018. Disponível em: <https://fabianosobreira.files.wordpress.com/2018/10/artigo_fabianosobreira_niemeyer_concursos.pdf> Acesso em: 24 ago. 2019.
_____; FLYNN, M. H.; RIBEIRO, P.V.B. (orgs.) **Paulo Mendes da Rocha: sobre concursos e memórias** (entrevista). Brasília: MGSR, 2018.
_____; RIBEIRO, P.V.B. O Lugar dos Concursos na Propaganda da Arquitetura Moderna Brasileira: Registros e Análises das revistas Acrópole e Módulo entre 1955 e 1965. 11º SEMINÁRIO DOCOMOMO BRASIL. **Anais: O campo ampliado do movimento moderno**. Recife: 2016. Disponível em: <http://seminario2016.docomomo.org.br/artigos_apresentacao/sessao%203/DOCO_PE_S3_SOBREIRA_RIBEIRO.pdf>. Acesso em: 8 out. 2017.
SOUTO, A. **Projeto Arquitetônico e a relação com o lugar nas obras de Paulo Mendes da Rocha**. 357p. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.
SOUZA, A. de. **Arquitetura no Brasil. Depoimentos**. São Paulo: Editora da USP, 1978.
SPERLING, D. Arquitetura como discurso. O Pavilhão Brasileiro em Osaka de Paulo Mendes da Rocha. **Vitruvius**, **Arquitextos**, São Paulo, ano 04, n. 038.03, Vitruvius, jul. 2003. <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.038/667>.
SPIRO, A. **Paulo Mendes da Rocha, Bauten und Projekte**. Zurich: Niggli, 2002.
SOLOT, D. **Paulo Mendes da Rocha: Estrutura: o Êxito da Forma**. Rio de Janeiro: Viana & Mosley, 2004.
_____. **Paulo Mendes da Rocha: Horizonte Urbano**. Rio de Janeiro: PUCRIO/RioBooks, 2020.
STEVENS, G. **O círculo privilegiado: fundamentos sociais da distinção arquitetônica**. Brasília: Editora da UnB, 2003.
SUBIRATS, E. **A existência sitiada**. São Paulo: Romano Guerra, 2010.
_____. **A penúltima visão do paraíso: Ensaios sobre memória e globalização**. São Paulo: Studio Nobel, 2001.
_____. **A flor e o cristal: ensaios sobre arte e arquitetura modernas**. São Paulo: Nobel, 1988.
_____. (2013) in **Paulo Mendes da Rocha, América, cidade e natureza**. São Paulo: Estação Liberdade, 2012.
SUZUKI. E. H. **Concursos de arquitetura e urbanismo no Brasil de 1984 a 2012: a eficiência dos concursos públicos nacionais**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
SVENSSON, F.; **Arquitetura, criação e necessidade**. Brasília: Editora da UnB, 1992.
VELOSO FILHO, R. N. **Arquitetos paulistas e os concursos nacionais de arquitetura de 1990 a 2010**. Tese (Doutorado em Arquitetura e urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

TELLES, S. Documento: Paulo Mendes da Rocha. **AU – Arquitetura & Urbanismo**, São Paulo, n°60, p. 69-81, jun/jul. 1995.
_____. Museu Brasileiro da Escultura. **AU - Arquitetura & Urbanismo**, São Paulo, ano IV, n. 17, p. 51-53, abr./maio 1990.
VILLAC, M. I. **La construcción de la mirada - Naturaleza, Ciudad y Discurso en la Arquitectura de Paulo Archias Mendes da Rocha**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Universitat Politecnica de Catalunya, Barcelona, 2000.
_____. **Paulo Mendes da Rocha, América, cidade e natureza**. São Paulo: Estação Liberdade, 2012.
_____. O projeto de identidade entre ideia e desenho. Intencionalidade tectônica e poética do discurso em Paulo Mendes da Rocha. **Vitruvius**, **Arquitextos**, São Paulo, ano 16, n. 181.00, jun. 2015. <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/16.181/5590>. Acesso em: 3 mai. 2022
WA WETTBEWERBE AKTUELL. Axel Springer Media Campus, Berlim / Alemanha. Freiburg, n. 11/2020, ago. 2020 < https://www.wettbewerbe-aktuell.de/zeitschriften/wa-ausgabe/wa-2020-11 >. Acesso em: 19 nov. 2022.
WISNIK, G. **Estado Crítico, à deriva nas cidades**. São Paulo: Publifolha, 2009.
_____. (org.). **Encontros: Paulo Mendes da Rocha**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2012.
_____. **Paulo Mendes da Rocha: A natureza como projeto**. Vila Velha: Ministério da Cultura, 2012. Catálogo de exposição, 26 out 2012 - 17 fev 2013, Museu Vale, Vila Velha.
_____. **Dentro do nevoeiro**. São Paulo: UBU, 2018.
XAVIER, A; CORONA, E; LEMOS, C. **Arquitetura moderna paulistana.** São Paulo: Romano Guerra, 2017.
ZEIN, R. V. **A arquitetura da escola paulista brutalista 1953-1973**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.
_____. **Brutalist connections: a refreshed approach to debates and buildings.** São Paulo: Altamira Editorial,2014.
ZUMTHOR, P. **Atmosferas**. Barcelona: Gustavo Gili, 2005.
_____. **Pensar a arquitectura**. Barcelona: Gustavo Gili, 2014.
_____; LENDING, M. **A feeling of history**. Zurich: Scheidegger & Spiess, 2018

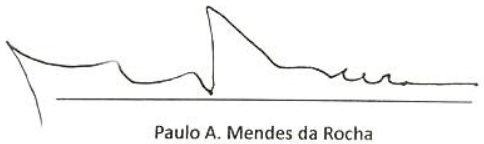
ANEXO

CARTA
TRANSCRIÇÃO DE MEMÓRIAS DESCRITIVAS DE PROJETOS

São Paulo, 26 de maio de 2020

Declaramos que o Escritório do Arquiteto Paulo Mendes da Rocha está ciente da solicitação do pesquisador Paulo Victor Borges Ribeiro, doutorando pela Universidade de Brasília (UnB), para coleta de dados dos projetos realizados em Concursos por Paulo Mendes com os escritórios parceiros. As informações vão colaborar para o desenvolvimento da Tese de Doutorado intitulada "Discurso desenhado; estratégias projetuais e retórica nos concursos de Paulo Mendes da Rocha" sob orientação da Professora Emérita Dra. Sylvia Ficher e a Professora Dra. Maria Helena Flynn.

O escritório agradece o cuidado com as informações e os documentos cedidos pelos parceiros, em especial as pranchas submetidas nos certames, e espera que seja de grande valia para a pesquisa.



Paulo A. Mendes da Rocha



Paulo Victor Borges Ribeiro

1963 - Clube da Orla Guarujá

Este clube a beira mar é uma construção cuja disposição espacial transforma o lugar com um sentido de nova natureza. Paisagem além do cenário visual, com a determinação de transformar e produzir virtudes na natureza, entre o urbano, avenida beira-mar, a praia e o mar.

Um novo recinto resultante da suspensão do edifício produzindo uma sombra acolhedora.

Todas as instalações técnicas do Clube estão nos dois tuneis-muralhas e no volume suspenso. Serviços gerais, salões de estar e jogo, vestiários e fisioterapia.

O espaço principal e a grande área de sombra entre a piscina e o mar, com o bar e o restaurante.

Pavilhão de Osaka - 1969

A Feira Internacional de Osaka é um encontro de grande significado humanístico; um projeto para o mundo em que vivemos.

O Pavilhão do Brasil une a Praça da Amizade com o grande Parque, num gesto de confraternização, onde mostrará o trabalho de seu povo como contribuição para esse Projeto.

É aberto para os Pavilhões vizinhos, Checoslováquia e Etiópia.

O chão será o mesmo que o de Osaka. Uma sombra como a das árvores cobre parte do Recinto. Chão de Estrelas.

O piso terá ondulações suaves como o das Ruas de uma cidade onde o passeio e o encontro se dão naturalmente.

O anfiteatro natural no Recinto permite o Espetáculo que com a localização dos camarins e salas de montagens poderá criar situações imprevistas.

A Praça do Café, sob os arcos, será o descanso, ponto de parada e reunião.

O anexo do Itamaraty é o fecho natural do Recinto, sem prejuízo da visão para o Grande Parque.

As comunicações, com os recursos que a ciência moderna dispõe, nos igualam propõem esse encontro em Osaka. A luta por essa conquista será contada através da obra dos nossos cientistas e artistas.

Nesse sentido o Brasil fixa com Brasília e as Novas Cidades essa busca de um Espaço e um Tempo de constante significação humana.

Esse trabalho traz a presente história para o presente e se afirma como projeto. A exposição se organiza assim:

1. História e Projeto:

    1.1. Brasília

    Novas cidades. Nequev - Argel - Gras.

    1.2. Cidades eue transformação - Novo Rio - Nova São Paulo.

2. Indústria- História e Projeto:

    2.1. Índio escravo (Debret)

    Índio como homem

    Imigrantes (Portinari, Segall)

    2.2. Caminhos (Rugendas)

    Belém - Brasília

    Ligação Amazônia. Prata

    Itaboraí - T.V.

    2.3. Plano Brasileiro para desenvolvimento da ciência.

3. Espetáculos:

Serão organizados, para o tempo que durar a Expo 70, apresentações de música, teatro, cinema, mostras de artistas plásticos, dança, e toda manifestação de cultura - contribuição a esse encontro que desejamos.

O dimensionamento dos elementos da estrutura de concreto armado e protendido foi calculado.

1978 – CREA, São Paulo

Considerações Gerais

O partido arquitetônico adotado é uma síntese das situações sugeridas pelo programa, adequação dos espaços ao destino da entidade, representativa da atividade profissional dos engenheiros, arquitetos e agrónomos no país e, também, das características do terreno, posturas e leis municipais.

Todo o terreno, tratado como recinto para estacionamentos, densamente arborizado, e a imposição dos dois blocos, um para construção imediata com o programa proposto e outro, como ampliação futura, determinaram a implantação definitiva e o sistema construtivo e estrutural que resolvemos adotar.

Uma estrutura predominante de concreto armado e lajes livremente distribuídas no espaço a fim de permitir flexibilidade e entrosamento adequado entre recintos para atendimento intenso ao público e aqueles privativos do CREA. Destaca-se nessa situação o auditório. Resolvemos distinguir como "embasamento", com estrutura autônoma essa última parte, que articulada com um talude elevado, aproveitado, em parte, para falso subsolo, enfrenta os problemas do lençol freático e define o plano principal dos acessos, mesmo depois de construída a segunda fase;

E a" estrutura principal", duas paredes travadas pela cobertura de concreto armado, com o sistema de lajes montadas sobre estrutura metálica.

O conjunto, seu volume, sugerem a partir desse momento uma série de propostas interessantes como, por exemplo, a relação entre balanços e vão para as duas vigas-paredes, onde decide-se pela acentuação dos balanços, para simplificar o desenvolvimento da cablagem de protensão, com vantagens para a beleza do conjunto.

A distribuição livre, nesta estrutura espacialmente favorável, das áreas do programa, organiza-se com galeria ligando dois conjuntos de situações, com elevadores, escadaria e marcando com claraboia um recinto central, como jardim iluminado, lugar das rampas principais de acesso.

Quanto as instalações em geral, as lajes com estrutura metálica permitem total liberdade para as passagens necessárias para as redes de água, esgotos, elétricas e demais equipamentos até as prumadas assinaladas nos desenhos, bem como para as situações especiais como o departamento de informática, climatizado. Estão previstos reservatórios de segurança para cozinha sistema pneumático de alimentação de água e incêndio. Quanto à segurança, o partido adotado, bem como a situação e dimensão da escadaria e número de andares, apresenta as condições necessárias.

O edifício anexo, futura ampliação, mantém e ratifica a implantação proposta, criando uma complementação ao mesmo plano geral dos acessos, sendo construído com o mesmo sistema estrutural descrito.

Descrição do sistema estrutural

O sistema adota como básicos os seguintes elementos que o caracterizam: um prisma aberto de três faces, apoiado sobre 4 colunas, que constitui a “carcaça" externa, primeira etapa a ser construída e que terá estabilidade para a construção posterior dos pisos internos;

Após a construção desta estrutura básica, serão levantadas as treliças de aço protendidas contra as paredes de concreto, conferindo rigidez ao conjunto.

A laje de cobertura será de concreto, protendida de tal modo que se elimine ao máximo o efeito de pórtico e, portanto, o empuxo sobre o topo do pilar.

Tal sistema proporciona, além da simplificação no processo construtivo, uma grande redução no peso da estrutura, importante diante das condições existentes de solo.

A protensão das treliças, solidarizando-se com as paredes de concreto, tem a finalidade de reduzir a altura da treliça e também minimizar a flecha com a carga móvel.

As paredes apoiar-se-ão nas colunas através de apoio de neoprene blindado, que permita uma pequena rotação e translação. As colunas, prolongamento dos tubulões, resistirão às cargas verticais e aos empuxos no topo devidos ao vento e, ao mesmo terão esteltez suficiente para evitar esforço demasiado devido à temperatura e retração.

Quanto ao edifício para ampliação, com 7 pavimentos- tipo, foi adotado o mesmo princípio estrutural: as paredes laterais contraventadas pelas "caixas" dos elevadores serão levantadas in totum na etapa inicial, para depois ser construída a estrutura metálica dos pisos.

Pré-dimensionamento:

Vigas- parede, protendidas de 1,50 x 12,00 m, apoiadas sobre pilares circulares com diâmetro externo Ø = 2,50m.

Laje de cobertura, com 10 cm de espessura, nervuras protendidas de 0,20 x 1,00 m. Lajes de pisos, com capeamento de concreto de 7 cm de espessura sobre treliça de aço com 1,00 m de altura construída com tubos de diâmetro externo Ø = 16 cm, com 1 cabo de protensão 12Ø7mm - 50t.

Esta solução prevê forro nos pavimentos, que deverá ser de material isolante. A estrutura foi totalmente calculada e pré-dimensionada por escritório técnico especializado, com consultoria específica para o sistema metálico.

Biblioteca do Rio de Janeiro - 1984

Texto explicativo

O corredor cultural na cidade do rio de janeiro há de influir decididamente como fator de referência à reurbanização e ao caráter da cidade.

Nesse projeto da biblioteca pública, o arranjo entre esses espaços aparece como primordial. Quitanda, Ouvidor, Ramalho, Ortigão, Andradas, Alfândega... Marechal Floriano (Itamaraty), Tomé de Souza e outros muito amplos, canal do mangue, campo de Sant'ana e candelária. Um cenário marcante, dimensão definitiva do recinto dessa cidade: Corcovado, Serra da Carioca, Tijuca.

O transporte público, que se moderniza aos poucos como fundamental para a população, também imprime um caráter especial ao lugar, como a central do Brasil, a linha do metrô, e que realiza plenamente a implantação da nova biblioteca.

Essa constatação indispensável conduz o projeto para o lado de um desenho leve, um arranjo de compromisso com todo o cenário circundante. Como está agora e como poderá vir a ser.

Para tanto, imaginamos o aproveitamento das áreas abaixo do nível do solo, também interessantes quanto à questão do ruído e do isolamento térmico do conjunto.

A leitura das plantas e dos mapas históricos da evolução urbana da cidade do Rio de Janeiro revelam a área do projeto como um "divisor de águas", terreno firme.

As consultas à experiência da engenharia nacional e um exame analítico dos primeiros desenhos feitos mostraram a viabilidade do projeto. As sondagens geotécnicas e ensaios nas obras adjacentes confirmam que é possível a construção nessas condições. Na cota -25 há terreno capaz de ancorar o edifício, terrenos resistentes, solo residual.

Também seria fácil avaliar seu peso (carga permanente) para equilibrar as carcas da subpressão. É o caso de adotar sistema "cortina diafragma" construída com equipamento grabs (clam shel buckets) com injeção de lama betonítica, em todo o perímetro do terreno, corrigido nas suas irregularidades para encontro ortogonal das paredes travadas pelas sucessivas lajes dos andares até a profundidade +-15 m.

O que pretendemos é um espaço onde possa conviver o antigo com o novo como história da cidade e seus projetos. Feito para o estudo, a memória e o conhecimento e que não deve repetir imagens comuns aos outros prédios.

Seria um acolhimento nítido, uma viela paralela à rua da Alfândega com uma pequena praça ao lado da Igreja de São Gonçalo, agora destacada contra o arvoredo do campo de Sant'ana, com sombra. Como Manuel de Carvalho – Teatro Municipal.

A cota da ponte, sobre o lago, no campo de Sant'ana é de +1,50m sobre o meio fio da Av. Presidente Vargas, elevamos o recinto. Nessa viela, até essa cota.

Aí, fica do programa (que prevê café e refeitório para os funcionários) um anexo, ao lado da Igreja que distingue o momento de descanso com visuais imprevistas para o prédio principal, para a rua da Alfândega, para o arvoredo.

Adotamos como cota máxima para a construção a mesma do corredor Cultural na rua da Alfândega a (11m) para ampliar as visuais, alargar o espaço até a Presidente Vargas, de quem vai da Marechal Floriano, pela Tomé de Souza, para a Alfândega. Vista excelente com as pedras ao fundo, e o eixo da Presidente Vargas que anuncia o mar. Para quem vem do centro a pé, as entradas são noutra escala, principalmente pelo largo ao lado da Igreja, na Rua da Alfândega.

Estas proporções, a ideia de ocupar toda a frente, levou aos desenhos finais, onde também consideramos a importância da vista aérea.

PÁGINA 2

Construção inicia-se com uma mureta guia em nível, em todo o perímetro de projeto até 1,10m abaixo cota zero do projeto, com 55cm de luz.

Por essa guia inicia-se a escavação com equipamento clam-shel até a última cota da construção, com fixa de 2,5 a 3m.

Instala-se a armação da cortina e executa-se a concretagem por partes, de acordo com o gabarito da máquina (2,20 m) que uma vez concluída, deverá resistir aos esforços de empuxo do terreno com água, e já se constituindo, ao mesmo tempo, em pilares e fundação.

Assegura-se a vinculação da estrutura com a cortina através de uma viga de solidarização mediante esperas (fixadas à armadura) com 15 cm de profundidade e altura igual à das lajes dos pavimentos de acordo cálculo, em todo o perímetro, cada pavimento, para depois travá-las definitivamente com as lajes.

A última laje será também a fundação. A vinculação das lajes dos pavimentos com a cortina poderá ser na proporção de 50% do perímetro, em cada andar. Dessa forma, pode-se estabelecer uma área de segurança, ventilação, estanqueidade e manutenção, com cerca de 70cm isolando completamente a biblioteca, propriamente dita, da parede diafragma. Como uma nave independente.

De acordo com o perfil geológico do terreno (nas vizinhanças), a subpressão será de 14 m de água, aproximadamente, pelos desenhos que fizemos, e deverá ser absorvida pelo peso próprio do edifício (carga permanente) já que o cálculo da estrutura recomenda o menor número de pilares possível, dimensiona espessuras de 0,80m para as primeiras 4 lajes e 1,50m para a última de fundação com concreto clássico e lajes maciças.

O vão médio entre as paredes de 35m. Será dividido em dois vãos iguais por linha de pilares com espaçamento de 11 m, tubulões encamisados, sistema benoto, do primeiro piso até as suas fundações.

A impermeabilização da cortina será feita com a tomada de todas as juntas, tratamento especial tipo "heidy" penetrante e revestimento com argamassa rígida.

A vedação final do recinto interno está prevista com estrutura de chapas metálicas, de fácil manutenção, pintadas.

A viga, cobertura da praça, terá vão de 111 ,20m (para acertar na implantação com os alinhamentos vizinhos), de concreto protendido,

articulada nos apoios extremos, paredes que marcam o espaço na rua, ou praça da biblioteca.

A estrutura do restaurante anexo, apoia-se como parede contínua, sobre a laje do piso da praça, transversa à sua armação principal.

A claraboia terá uma estrutura metálica própria e também será recurso para ventilação de emergência.

PÁGINA 3

O edifício foi organizado pelo programa que se instala rigorosamente com as áreas previstas no edital, de forma livre e flexível, marcado pelo partido do projeto que distingue uma Ala de serviços e apoio, e outra para o público, com extensão para área junto à rua da Alfândega com as bibliotecas especializadas nos meios pavimentos. Ambas as alas com sistema de transporte mecânico e acessos independentes e adequados: elevadores para 25 passageiros sendo previsto na ala técnica, seu uso também para cargas. Monta cargas e transporte horizontal. Rampas junto à Galeria de público, ao longo do eixo maior do prédio, há 3 Escadas de emergência, equidistantes de acordo com as leis, uma outra escada de segurança fica junto à área dos serviços de apoio Técnico e Administrativo.

No 1° piso, saguão da biblioteca, ao longo da Presidente Vargas, junto ao leito carroçável de tráfego local; com entrada pela Tomé de Souza e saída na Praça da República, há uma via interna dos veículos da biblioteca, carga e descarga, garagem, portarias etc.

Todo o edifício, nos seus respectivos pavimentos, é suprido de equipamentos técnicos e mecânicos complementares, condicionadores de ar, recalques, geradores, cabines de medição, reservatórios, aparelhos de resfriamento... Numa torre independente, com transporte vertical próprio e acesso pelo térreo na rua da Alfândega, para manutenção e controle bem como serviços da cantina e outros, com independência dos recintos exclusivos da Biblioteca.

Os sanitários públicos também estão nessa torre, sempre no meio andar em relação ao salões.

Independente do café e da cantina, que sugerimos junto à rua da Alfândega, em todo pavimento há sanitários e copa (pequena) na Ala dos serviços.

Esse refeitório e café conduz o projeto até um marco na rua da Alfândega, com a fachada em fuga para o interior da pequena praça. Há portas laterais na Igreja de São Gonçalo, muito atraentes, opostas e alinhadas, que ligam essa praça lateral com a praça da República (fechadas atualmente com alvenaria).

Esperamos que os desenhos possam esclarecer as demais instalações do programa.

O acesso e saída geral do público é no Largo, junto à rua Tomé de Souza e Av. Presidente Vargas, escadaria, portaria e guarda volumes. A biblioteca infantil poderá ter acesso independente.

Uma rua interna nesse saguão comunica diretamente esse recinto de acolhimento geral da biblioteca com os jardins exuberantes no Campo de Sant’Ana, por baixo do leito da rua lateral, praça da República. Auditório, coleção Rio de Janeiro, biblioteca infantil, Sala de leitura livre, catálogo geral, rampas, elevadores e escadas, ligados a um jardim, como forma de ocupação dos espaços urbanos além do que se convenciona normalmente por "terrenos".

No alinhamento da Av. Presidente Vargas ao lado da praça da República, há uma tela eletrônica, voltada para o recinto interno da praça que mantém uma notícia da biblioteca para o recinto.

Alguns painéis do fecho metálico dos salões, poderão conter vitrine para se conhecer a engenharia da construção, em lugar oportuno.

Essas paredes, junto ao fosso de segurança, conterão janelas herméticas, com ventilação de emergência.

O fosso de segurança não recebe água pluvial ou direta da chuva.

As aberturas para sua ventilação permanente serão nas empenas da elevação de 1,20m sobre o que adotamos como cota 0,00 m (meio fio da Av. Presidente Vargas).

A proposta que apresentamos deverá ser capaz, enquanto uma construção, de abrigar a biblioteca pública do rio de janeiro com conforto e flexibilidade, com atenção ao uso público de forma democrática na distribuição dos serviços gerais, de fácil manutenção e capaz de se modernizar com o tempo.

1988 - Instituto de Engenharia de São Paulo

A história da engenharia no nosso pais é de tal maneira responsável pelo perfil do desenvolvimento técnico, material e cultural da nação que, o caráter deste Edifício é a questão básica. O instituto de engenharia, de São Paulo é, sempre foi, o foro das discussões mais candentes sobre nosso desenvolvimento, siderurgia, transportes, portos, energia, urbanização, formação profissional e agora, principalmente, a questão chamada ecológica. A engenharia é a entidade, digamos, que primordialmente transforma a natureza. A arquitetura deste Edifício deve exprimir ou revelar valor de comunicação capaz de refletir a consciência que o I.E. tem sobre seu papel, seus objetivos.

Ser simples e tranquilamente urbano no que quer atrair seus associados para o convívio das amenidades dos encontros: leitura, jogos, bar, almoços e jantares, enquanto mantem a discussão sobre as mais sérias questões nacionais, edita uma revista e alarga o universo da informação para seus associados: cursos de extensão e atualização, simpósios, seminários, exposições de produtos e equipamentos técnicos, congressos, relações de intercâmbio internacionais.

Há uma contradição, aparente, entre estas duas atividades básicas do I.E. , a relação coloquial e de amenidades entre seus sócios e o trabalho técnico científico e a ligação com o grande público. A arquitetura deste edifício deverá, pela forma, harmonizar este conflito aparente.

Assim o edifício que imaginamos é um arranjo ideal destas formas predestinadas a funções específicas de tal sorte que possam fluir as atividades da entidade, sem conflito:

Para tanto, imaginou-se um edifício horizontal com dois pavimentos que abrigasse as instalações privativas dos associados do I.E. De tal maneira que pudesse constituir um abrigo (como uma grande marquise) para as instalações destinadas a convivência com o público e favorecer uma ligação fluente com os pátios de estacionamentos e áreas ajardinadas ao ar livre, também destinadas a eventuais exposições.

Este edifício com 25 metros de largura por 120 de comprimento é articulado por quatro torres de circulação vertical e que também cumprem funções específicas oportunas, organizando o espaço da grande esplanada que abriga, e as demais plantas em todos os outros níveis.

Torres norte e sul: escadas de segurança, elevadores privativos dos funcionários, associados e diretoria do I.E., instalações sanitárias, casas de máquinas, torres de resfriamento do sistema de ar condicionado e reservatórios d' água.

Torre leste: elevadores e escadas de serviço e todas as instalações do tipo café, copas, cozinha, depósitos, câmaras frigoríficas, despensas,

vestiários, sanitários, sala de estar e refeitório do pessoal de serviço e garçons. Casa de máquinas, reservatórios d' água e oficina de manutenção. Também um heliponto, quando se usa o mesmo elevador, de maneira excepcional para seu acesso.

Torre oeste: elevador e escada para o acesso direto dos associados do I.E. e convidados acompanhados, principalmente à biblioteca e ao bar-restaurante. Castelo d' água geral e reserva para incêndio (16 m acima do último hidrante +10% de perda horizontal) , casa de máquinas, mirante, para raios.

Agora pode-se instalar nesta praça abrigada, de 25 x 120 metros, no térreo; diretamente ligada aos jardins e estacionamentos; os auditórios, um bar café e todo um conjunto para congressos e exposições, inclusive ao ar livre, a área principal de convivência do I.E. Com a população em geral, sua expressão externa e urbanizada, nitidamente ligada a vida da cidade, inclusive concertos e espetáculos teatrais, ambiente festivo, de confraternização ampla e que deve ser especialmente considerado com vistas a região, parque Ibirapuera, recinto urbano por excelência ligado a atividades de recreação e culturais. Deve-se destacar a presença da fundação bienal de São Paulo com a oportunidade do discurso entre arte e ciência.

Para os associados do I.E. e convidados especiais, há uma área de articulação, com todo este sistema, e que completa o programa, na planta cota 91,50, desenhada na prancha n° 2:

Grande vestíbulo, balcão de informações, telefonia, segurança, café, acessos às mesas dos auditórios, palco e as cabines de projeção e traduções, venda de impressos e publicações, salas de cursos e ou comissões nos congressos, camarins, tipografia e editora, chegada de autoridades e convidados especiais, por automóvel ou do heliponto, depósitos e área especial de carga e descarga.

Para realizar esta visão espacial da nova sede do I.E. desde já fica definido a independência das edificações que se comportam como um conjunto idealmente arrumado, ou, numa linguagem mais arquitetônica, como uma cidadela ideal, na composição volumétrica e na exibição de suas nítidas funções, com o poder de comunicação desejado. Edifício com um caráter, para dizer aquilo que pretende ser.

Também oferece, este partido arquitetônico, amplas possibilidades de programação da construção por etapas.

Por exemplo:

Os sistemas construtivos adotados são muito simples, e a estrutura do edifício principal, horizontal, é constituída por 3 lances sucessivos com vãos livres de 35 m formados por sistema misto aço-concreto (h- 1,50) aplicados em vigas caixão de concreto armado.

As vigas metálicas componentes do piso recebem laje de concreto ligada às mesas das vigas I por conectores; o sistema permite a concretagem diretamente sobre uma pré-laje metálica, dispensando qualquer escoramento.

A transmissão das cargas laterais, no sentido transversal, se faz através do diafragma horizontal formado pelo sistema misto, transmitindo as cargas às torres e pilares componentes do projeto.

No sentido longitudinal a estrutura se comporta da mesma forma, sendo que as torres extremas (norte e sul) são as responsáveis pela estabilidade do edifício.

A independência da fabricação da parte metálica, permite a superposição de cronogramas em benefício dos prazos de execução da obra.

Há aqui um artifício, na geometria dos apoios, que queremos destacar: de modo alternado, "esconde-se" os pilares das vigas, de concreto armado, transversas, nas torres leste e oeste e seus respectivos pares também (Ø=2,00) com a sombra, uma vez que estão recuados, com as vigas em balanço (2,00m).

Toda a estrutura foi calculada, isto é, pré dimensionada e os desenhos contidos nas pranchas de 1 a 12 respeitam rigorosamente aquelas dimensões, os demais elementos estruturais, são simples e correntes não havendo necessidade de comentá-los.

Nas áreas subdivididas haverá, forro, provavelmente metálico para organizar as paredes, com isolamento acústico. Todos os elementos estruturais, metálicos e de concreto permitem aberturas de passagem para as redes elétricas, de som e telefonia.

As "torres" abrigam as instalações hidráulicas não havendo instalações deste tipo no edifício horizontal propriamente dito.

O sistema de climatização dos ambientes especiais, que exigem esse recurso, é todo feito pelos quatro (dois a dois) chillers nas torres norte e sul e equipamentos tipo "self-contained" junto aos recintos específicos, (auditórios informática, etc.)

As águas pluviais escoam pelos dois pilares Ø=2,00 através de lençol d'água, para proteção da laje de cobertura e acabamento paisagístico do edifício.

Este lençol deve ser usado como superfície de resfriamento para o sistema de ar condicionado.

Breves notas:

1. Com o partido adotado, as etapas de construção podem ser programadas com inúmeras alternativas.
2. A convivência das etapas eventualmente construídas e a sede provisória atual também será consequência desta programação.
3. A sede atual, provisória, no final será totalmente desmontada.
4. A existência da sede de campo, recomenda não vacilar sobre o uso desta área. Ai não recomendamos atividades do tipo esportivas. A qualidade dos serviços e do comportamento dos associados, no recinto, na nossa opinião, seria conflitante.

5. A cobertura pode, sem prejuízo do partido básico, ser de alumínio, com proteção termo acústica, assim também, as áreas cobertas na cota 95, 00 poderão ser vedadas com caixilhos. Como está, abertas como uma galeria, nos parece melhor.
6. As legendas das pranchas de desenho, descrevem, nitidamente, o que omitimos neste memorial.
7. Não se registrou nenhum elemento de ajardinamento para não se prejudicar a clareza dos desenhos. Toda a área, inclusive praças de estacionamentos será densamente arborizada.
   A incorporação de áreas adjacentes é sugerida a título de urbanização não constituindo proposta para aumentar a propriedade do i.e.
8. A cota mínima adotada para o projeto (91 ,50) está isenta de problemas com sub-pressão e outras agressões do lençol freático, segundo consultoria especializada.
9. Na face sudeste, do edifício horizontal há incidência de sol, aproximadamente até às 10 hs., desejável. A face noroeste é protegida, principalmente do sol poente, com quebra-sol regulável, por andar e setor.
   Os caixilhos são externos à estrutura, e sobrepostos à mesma, como "revestimento" protetor da estrutura metálica.
10. A área total construída é de 11.834,00 m2 pressupondo a desmontagem da sede atual.
11. As ilustrações, deste memorial, são desenhos sem escala.

São Paulo, Janeiro de 1989.

Descritiva Memoria Projeto I35

Janeiro 1989

2005 - Edifício de Correios e Telégrafos de Buenos Aires, Argentina

Resumo

A lembrança da imagem feita por Malraux, que eu não conhecia, é significativa. Não se aplica só as cidades do terceiro mundo, Berlim também esta reconstruída sob as mesmas ilusões.

A população de Buenos Aires que anima a vida urbana, cotidiana, dorme fora da cidade, a maior parte. Esta praça é o lugar das suas maiores aflições e desconforto.
Esta cidade, por outro lado, só recentemente enfrenta, com caráter urbano, sua frente para as águas. Esta magnífica situação fluvial – oceânica. A ligação com Uruguai é extraordinária. A navegação interior na America latina tem sido desprezada no seu imenso potencial para o desenvolvimento, a construção da paz e união da nossa América. Esta frente para o Rio de la Plata, na área urbana de Buenos Aires é monumental.

Deve-se tentar construir a cidade real, atual. Reconstruí-la sempre sobre os mesmos alicerces fundadores. A cidade para todos.

Uma reflexão sobre um "projeto de uso e ocupação do antigo Palácio de Correos e Telecomunicaciones" implica n'uma nítida transformação espacial por dentro e por fora desta construção histórica, conservando a memória de seus ideais inaugurais com um sentido um tanto geográfico, de ocupação do lugar transformado em cidade.

Uma "transfiguração espacial", um certo desmonte de suas entranhas aristocaticas para um uso atual popular. Submetê-lo a imprevisibilidade criativa da vida, da vida da cidade. Um sentido de atualização.

Instalar no edifício atividades múltiplas com o recurso do transporte público vertical, para abrigar o programa que conversamos. O programa do Fabio. Diversos institutos culturais, instalados em níveis, pisos, determinados. Com elevadores privativos, dos já existentes.

Abrir completamente o piso térreo Corrientes e Sarmiento, L.N. Alen e Bouchard. Ligar o nível de modo horizontal perfeito – do saguão com frente para Sarmiento – com a praça dos Correos-Colón através de ponte (não mais de sete metros de ancho) até um ponto conveniente na praça, onde se abre em T com grande escadaria-arquibancada (50 m), espetáculos públicos, teatro ao ar livre, eventualidades.

Uma passagem de Corrientes, através do edifício – que estaria como uma parte coberta da mesma praça – para Colón. Sarmiento poderia passar por baixo desta "ponte" com ligeira acomodação em rampas somente para pedestres, de Alen em diante. O público poderia descer,

em passeata por Corrientes, atravessar o edifício, atravessar Sarmiento e baixar pelas arquibancadas, grande escadaria, à praça Colón, em direção a Casa Rosada e subir para Plaza de Maio. Um exemplo da dinâmica espacial que se pretende. Não há necessidade, no momento, para se preocupar se no interior desta praça coberta haverá cafés, serviços de informática, etc. É um espaço livre, naturalmente também para grandes exposições temporárias do que se quiser: Artes, moda, técnicas...

Neste saguão, serão instalados novos elevadores, para 50, 80, passageiros que se dirigem diretamente a uma outra praça, no alto, n'um certo nível do edifício, de onde se vê as águas. O Rio de la Plata. O porto da cidade. As novas e extraordinárias instalações de Porto Madero. A ponte do Calatrava. O porto dos Vaporetos para Uruguai. Os navios. O parque ecológico... Riquezas peculiares desta cidade. Será um outro nível também totalmente aberto, o mais possível, como um "jardim coberto" e com amplos visuais. Só pavimento de praça, alguma vegetação e bancos para sentar. Para ver o tamanho das coisas, da cidade. Para ver: onde estamos! Em que lugar do mundo. Um jardim suspenso. Um belvedere. Pode ser no 7º piso. Não deve ser uma coisa nova construída por cima dos telhados. Deve ser o mais alto possível, porém dentro do edifício. Cujo volume externo permanecera intacto.

Esta parte toda da construção, da recomposição do edifício, até aqui descrita, terá total autonomia em relação aos usos dos outros andares, para aquele programa do Fabio. É a parte aberta à visitação turística espontânea. Como se fossem lugares geográficos, construídos para conhecer Buenos Aires, paisagens. Um passeio. Deve-se notar, nesta realização, o elogio da dimensão mecânica das cidades modernas, na horizontal - metrô – trens – autobus – e na vertical – os ascenssores, os edifícios altos, a verticalização das construções na cidade contemporânea.

—Para expor a idéia é indispensável considerar a construção de um confortável terminal de autobus para a população que todo dia, ali transita e anima a cidade. Um simples pavilhão de (cristal ?) longo e esbelto, onde estão atualmente as paradas de autobus, com WC, telefones, etc. Aberto, simples abrigo porém acolhedor.

—Também é necessário opinar sobre a passagem livre, que discutimos, da via expressa. Na minha opinião deveria se recomendar à decidida solução elevada. Com coragem. Deve-se considerar que é um trecho de via expressa com belíssimo visual sobre o recinto da cidade e o Rio de la Plata. Esta passagem, um tanto quanto, também ela flutuante, não deixa de exibir a riqueza da cidade. À noite com as luzes o movimento é muito lindo, não horrível como se imagina. E libera o tráfego local, gentil, urbano. Deve-se considerar esta solução para um problema tão grave.

São Paulo, 28 de junho de 2005
Paulo Mendes da Rocha

PS: Por favor, avise se recebeu.

2018 - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Assunção (FADA)

Memoria conceptual.

Introducción.

Atendendo a los requerimentos de las bases del concurso (1) y a los efectos de exponer los conceptos principales involucrados, este anteproyecto para laampliación de la fada se organizó atendendo a tres escalas complementarias e inseparables. La primera consideraal campus universitario como conjunto; la segunda el sector que ocupa la fada dentro del mismo y la tercera contemplaal edificio en sí del anteproyecto se ampliación que es el objeto de este concurso

Escala 1.

El campus como ciudad permeable (la re-estructuración como identidad colectiva)

Consideramos que pensar laampliación de la fada conlleva ineludiblemente a re-pensar la situación del campus, en general.

En ese sentido, cabe destacar que, por diversos motivos, desde la creación del mismo -con antecedentes de interés en otro sector de la ciudad . (ita pyta punta, saturnino de brito, foto adjunta).

El crecimiento del campus no sempre se ha dado de manera coordinada. Así, la condición actual del mismo requiere de un criterio estructurante claro y legible en cuanto organizador de una totalidad solidaria.

De nuevo: pensar la fada implica necesariamente re-pensar el campus. Proponemos dos estrategias principales para esta primera escala del Anteproyecto:

1. Un eje eusebio ayala/mariscal lópez, articulador de los elementos hoy existentes y de las futuras ampliaciones del campus.

El mismo no solo cumplirá funciones infraestructurales (servicios sanitarios a proveerse (2) y otras vinculadas a la movilidad interna y a la conectividad externa (transporte público; bici-sendas, circulación peatonal y vehicular, estacionamentos y movilidad vehicular privada controlada (3) , etc.). Tambien definira el elemento simbólicamente estructurante del campus, en tanto espacio-estructura compartida por la totalidad de las unidades académicas que lo componen complementariamente, este eje estructurador poseerá una circulación perimetral anexa de servicio.

Dicho eje es exclusivamente peatonala excepcion de un sistema propuesto de tranvia electrico.

2. La re-zonificación y el re-ordenamiento interno.

Implica la rectificación de certos elementos existentes (4) y la provisión de locales complementarios, deseables para un mejor funcionamento del campus

Escala 2.

La fada como barrio integrado (expansión solidaria con el campus)

En términos relativos a su momento y a la condición general del campus, el proyecto original de la fada se estructuró de manera nítida y diferencialmente positiva (5).

Con el transcurrir del tempo, los lógicos requerimentos derivados de la incorporación de nuevas actividades académicas y otras demandas, condujeron aampliaciones que -si bien se realizaron desde elementos

singulares del mayor interés- no sempre incorporaron del todo el potencial estructurador del espacio patio, característico de la conformación inicial.

Entonces, atendendo a estas consideraciones y a la escala mayor antes mencionada, proponemos tres estrategias paraarticular laampliación de la fada, a una escala intermedia:

1. Articular solidariamente laampliación (bloque académico/administrativo y biblioteca) con la estructuración macro propuesta para el campus. Se trata de "predicar con el ejemplo", podría decirse, de manera que esta ubicación del bloque constituirá un demostrativo de las posibilidades articuladoras del eje propuesto.

2. Zonificación y circulaciones internas: proponemos conservar la ubicación de los talleres y aun ampliarlos al tempo prolongar y ampliar las circulaciones internas del conjunto.

3. Las operaciones anteriores apuntan a recuperar y aun aampliar el protagonismo de la plaza original, como se dijo, un elementos estructurador significativo, tanto de la espacialidad del conjunto como de la memoria colectiva de la fada.

Escala 3.

Laampliación (bloque académico/administrativo y biblioteca)

En cuanto a su ubicación, direccionalidad relativaal campus en la implantación y a su funcionalidad interna y materialidad y proceso constructivo, el anteproyecto de ampliación responde a las siguientes estrategas.

1. La orientación de la trama con relación al eje (su carácter de demostrativo solidario, como se dijo).

2. La secuencia espacial eje- fada: laampliación del patio como transición y re-valoración de este elemento.

3. Funcionamento interno (niveles y zonificación, actividades, etc.)

4. Materialidad y proceso constructivo viables

5. Ampliaciones: modularidad/serialidad

Finalmente,

Si, "la primera arquitectura es la geografía", cabría extender y vincular esta reflexión al lugar de implantación de la ampliación de la fada; esto es, al campus universitario entendido como ciudad permeable e inclusiva. Y de allí cabe inferir que en tanto "geografía artificial", el campus en si constituye "la primera arquitectura".de esta forma -sin menoscabo alguno de la especificidad del Anteproyecto de ampliación- el énfasis de enmarcarlo (contextualmente) en una situación mas general que no solo no puede omitirse, sino que ademãs -en última instancia- a ella deben responder solidaria y coordinadamente las acciones proyectuales particulares, como entendimos es el caso y objeto de este concurso.

Notas

I- según transcribimos de ias bases y condiciones: ias necesarias consideración de ia ampliación atendidas desde "desde una perspectiva global (...) Enmarcada en su contexto" que entendemos primeramente como el propio campus universitario.

II- ya que a presente, ia infraestructura sanitaria y otros servicios internos del campus deben ser ampliados y/o proveídos (desagües, movilidad interna pública, estacionamientos, etc.)

III- la ubicación -hipotética- propuesta para 10s estacionamientos ni excluye otros menores internos ni ia movilidad mecánica individual dentro del campus; pero si apunta a una condición y demandas eseables de io que podría ser una movilidad multimodal interior del conjunto, acorde con ia vivencia adecuada de un campus universitario.

IV- por ejemplo, y a modo de propuesta tentativa a ajustar: el campo de futbol actual no posee una orientación adecuada y por tanto podría trasladarse; asimismo el eje podrá albergar otros programas (viviendas para estudiantes, re-ubicación del sector de deportes, etc.), según se ilustra en 10s gráficos correspondientes.

V- como se mencionó, con el tiempo y sin perjuicio de su adecuación funcional y calidad de diseño, ias ampliaciones tendieron a restar protagonismo a patio, mismo que buscamos aquí recuperar.

MEMORIA TECNICA.

Plan maestro escala campus universidad nacional.

Se plantea un sistema de ramal general de distribución de ductos bajo el eje principal o avenida, que comprende lineas de alimentación hidráulica, recolección de aguas de lluvia y de aguas negras, que llegaran en su extremo de cota menor a las plantas de tratamento

También se ubicaran los ductos para las acometidas de cables de media tensión y las señales débiles de internet, telefonía, circuito cerrado y otros , que garantizaran todos los servicios públicos y su correspondente distribución a los programas del campus.

Estructura.

Esta conformada por un sistema de piezas prefabricadas de concreto armado, moduladas en espacios libres de 12x12 metros, y un enviguetado interior con separación de 1,5m de distancia entre cada una, y cerrando el sistema con losetas prefabricadas. Se presentan vigas tipo: una de borde y una interna, dos tipos de pilares (de borde e internos) y un tipo de loseta para todos los casos. De esta manera se optimizan tempos de armado y sencillez en el proceso de construcción ya que el montaje se hace en seco. El edificio es un contenedor de plantas libres superpuestas las veces necesarias según el crecimiento y demanda de la población Universitaria. Croquis modulos y corte

Acondicionamento fisico.

Un piso técnico cubierto en el nivel 9 aloja dos contenedores de instalaciones a modo de ventilar todo el edificio. El modulo central ademas de albergar las circulaciones, (calle vertical), funciona como elemento de ventilación natural de aire e Iluminacion cenital para todo el edifício.

Las cuatro elevaciones del edificio plantean el tratamento siguiente: un perímetro exterior de parasoles verticales y horizontales de concreto prefabricado, dispuestos delicadamente segun la orientación y asoleamiento en particular; la segunda piel de vidrio con capacidad de apertura de del edificio, en sombra . Croquis parasol

Instalaciones.

El proyecto plantea un vacío de 12x12 metros que centralizan las conexiones: escaleras (1 aberta y otra presurizada), ascensores, puentes, ademas de las instalaciones diferenciadas por ductos: de prevención contra incendio, aire acondicionado, instalaciones sanitarias, eléctricas y de señales débiles. Las instalaciones llegan a los ductos de manera externa por debajo de las losas, y se propone un cielorraso modulado desmontable por piezas en cuadricula de material metálico; de fácil montaje y desmontaje temendo en cuenta el mantenimiento.

Un paquete de apoyo (baños, kitchenette y depósitos) en cada nivel responde eficientemente a cada programa, ubicado posterior al volumen de escaleras, ascensores y ductos, ganando eficiencia en la alimentación y desagúes, hasta llegar al subsuelo, y bajo el modulo central de circulaciones en un jardin rebajado se ubica el reservorio de alimentación de agua y sala de bombas del mismo. Se garantiza la suficiente capacidad hidraulica gracias a los reservorios ubicados en el piso 9.

En dicho nivel se dispone un area técnica donde se ubican estrategicamente los equipos de aa, tanque elevado, sobre recorrido de ascensores, sanitarios para el personal de mantenimiento y generadores eléctricos, todos ellos cubiertos por una losa en dos volúmenes paralelos areados, iluminados y de fácil acceso. El sistema de climatización se realiza mediante el sistema de vcr que permite enfriar los ambientes a través de cañerías de agua distribuidas por planta en anillos perimetrales al vacío de las circulaciones, que se conectan a la montante principal permitiendo la flexibilidad en el aumento o reducción de equipos según la necesidad por planta, y reduciendo el área de ductos y de ocupación de equipos ya que estos chillers ocupan un espacio menor a los convencionales, sendo ecológicos y económicos en su funcionamento .

4 reservorios de agua permiten la distribución eficiente del sistema de prevención de incendios en todos los niveles, ademas de los equipos de detección necesarios (alarmas, detectores de humo calor generales y termo velocimetricos en los ambientes requeridos), rociadores, pulsadores, mangueras y bie.

La cubierta del ultimo nivel, es transitable, con un sistema de aislación mecanica (hidrofuga y termica) y de desagúes por debajo de un piso elevado, garantizando el desagote del agua de lluvia. Un tratamento de jardineria dispone planteras moduladas de de profundidad (cajas jardíneras), evita de esta forma una sobrecarna innecesaria sobre la estructura y futuros problemas de aislacion de losas completas. Estaaccion, determina y ordena ese espacio que permite entender la intervención a escala urbana del campus.

Discurso Desenhado
Paulo Mendes da Rocha
em concursos de arquitetura

volume 2

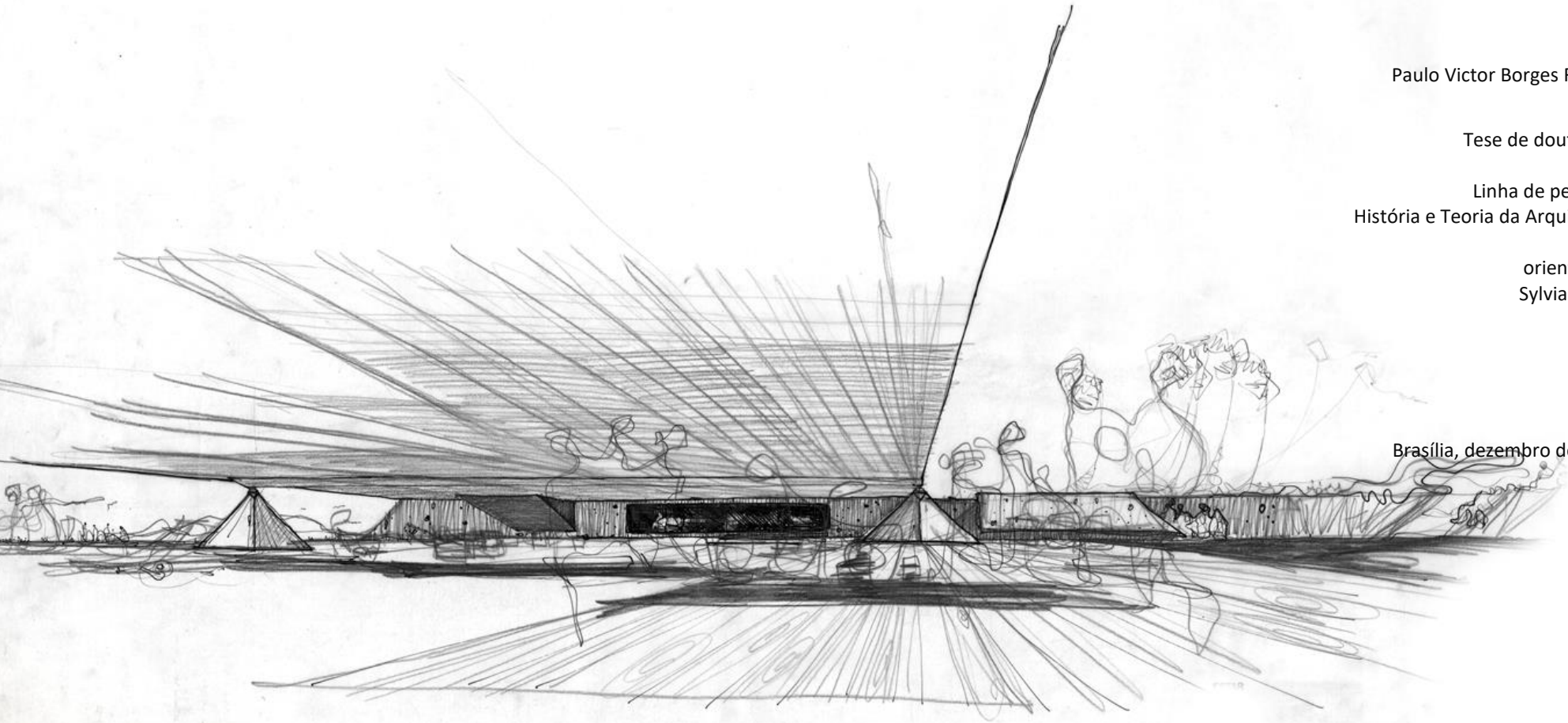
Paulo Victor Borges Ribeiro

Tese de doutorado

Linha de pesquisa
História e Teoria da Arquitetura

orientadora
Sylvia Ficher

Brasília, dezembro de 2022



Tese de doutorado

Discurso Desenhado

Paulo Mendes da Rocha em concursos de arquitetura

volume 2

Design and Discourse.
Paulo Mendes da Rocha
in architectural competitions

Paulo Victor Borges Ribeiro

palavras-chave:
Paulo Mendes da Rocha, concurso de projeto, geografia, Milton Santos, arquitetura potencial, desenho, discurso

Programa de Pós-Graduação
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Universidade de Brasília

Tese de doutorado

Discurso Desenhado
Paulo Mendes da Rocha
em concursos de arquitetura

presidente da banca examinadora
Profa. Sylvia Ficher (PPG-FAU/UnB)

membros titulares
Prof. Eduardo Pierrotti Rossetti (PPG-FAU/UnB)
Profa. Ana Carolina de Souza Bierrenbach (FA/UFBA)
Prof. Angelo Bucci (FAU/USP)

membro suplente
Profa. Ana Elisabete de Almeida Medeiros (PPG-FAU/UnB)

Brasília, 20 de dezembro de 2022.

Programa de Pós-Graduação
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Universidade de Brasília

resumo

O trabalho aqui apresentado navega no sentido de ler o projeto de arquitetura como um campo ampliado que anseia dialogar com disciplinas diversas com o intuito de compreender a própria história e assim, quem sabe, produzir cidades plurais e solidárias. Nesse contexto, o pensamento de Paulo Mendes da Rocha oferece múltiplos caminhos, um deles é a sua densa obra de concursos de projeto (45 participações). Tendo em vista a latência da construção de uma ideia com base no discurso e no desenho que esses certames propiciam, encontra-se uma seara de reflexões possíveis no campo da arquitetura potencial. Com isso, esquadrinha-se a ideia de discurso e desenho regidos por um desígnio. Utilizando o discurso (entrevistas, textos e memórias) do arquiteto, encontram-se algumas pautas constantes, tais como cidade, história e geografia. E assim, levanta-se a hipótese da possibilidade de leitura dos projetos do arquiteto sob a luz de três conceitos que permeia arquitetura e geografia. *Paisagem*, *território* e *espaço*. Os conceitos são construídos no eco encontrado com o pensamento do geógrafo Milton Santos.

Palavras-chave: Paulo Mendes da Rocha; concurso de projeto; geografia; Milton Santos; arquitetura potencial; desenho; discurso.

abstract

The work here presented navigates in the sense of reading the architectural project as an expanded field that longs to dialogue with different disciplines in order to understand its own history and thus, who knows, produce plural and solidary cities. In this context, Paulo Mendes da Rocha's way of thinking offers multiple paths, one of which is his dense presence in architectural competitions (45 participations). Bearing in mind the latency of the construction of an idea based in discourse and drawing these contests provide, there is a vast opportunity of reflections with this architectural potential. Herewith, the prospects open at the idea of discourse and drawing oriented by an intention. Using the architect's own discourse (interviews, texts and memoirs), it is promising to find some constant guidelines, such as the city, history and geography. Then, the hypothesis arises of the possibility of interpretation of Mendes da Rocha's projects in the light of three concepts that permeate architecture and geography. *Landscape*, *territory* and *space*. These concepts are built echoing the thought of Brazilian geographer Milton Santos.

Key-words: Paulo Mendes da Rocha; architectural competitions; geography; Milton Santos; potential architecture; design; discourse.

A catalogação aqui apresentada no volume 2 é parte integrante da tese no volume 1.

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

email: paulovbribeiro@gmail.com

Imagem da capa é um recorte da prancha 08 do projeto para o concurso para o clube da orla do Guarujá de Paulo Mendes da Rocha em 1963.
Fonte: Casa da Arquitectura.

sumário – volume 2

1957 - Assembleia Legislativa de Santa Catarina - SC	10
1958 - Palácio dos esportes do Clube Atlético Paulistano - SP	15
1958 - Sede do Jóquei de São Paulo - SP	25
1958 - Sede Administrativa da Companhia Siderúrgica Paulista - SP	27
1958 - Sociedade Harmonia do Tênis - SP	29
1960 - Novos Pavilhões da Escola da Aeronáutica - SP	31
1962 - Sede do Jóquei Clube de Goiás - GO	33
1963 - Clube da Orla Guarujá - SP	49
1966 - Sede da Petróleo Brasileiro (PETROBRÁS) - RJ	61
1966 - Sede Social do Esporte Clube Sírio São Paulo - SP	64
1969 - Escola Técnica Federal de São Paulo - SP	66
1969 - Pavilhão do Brasil Expo Osaka - Japão	68
1970 - Estádio do Paraná - PR	92
1971 - Sede da União dos Bancos Brasileiros - SP	97
1971 - Edifício Sede do Conselho Federal de Engenharia e Arquitetura (CONFEA) Brasília - DF	99
1971 - Centro Beaubourg Paris (Pompidou) - França	101
1972 - Transformação da Área Central de Santiago - Chile	109
1976 - Sede do Serviço Social do Comércio (SESC) Rio de Janeiro - RJ	120
1975 - Centro de Congressos de Campos do Jordão - SP	122
1976 - Instituto Caetano de Campos - SP	134
1977 - Biblioteca Nacional Pahlavi - Teerã, Irã	150

1978 - Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura (CREA-SP) - SP	152
1978 - Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) - SP	168
1984 - Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro - RJ	170
1986 - Museu Brasileiro da Escultura - SP	189
1987 - Sede Administrativa H. Stern - SP	200
1988 - Biblioteca de Alexandria - Cairo, Egito	217
1988 - Instituto de Engenharia de São Paulo - SP	228
1991 - Edifício Comercial da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) - SP	246
1991 - Conselho Regional de Contabilidade (CRC) do Estado de São Paulo - SP	248
1995 - Escola Fundação Getúlio Vargas (FGV) - SP	250
1996 - Sede do Serviço Social do Comércio (SESC) Tatuapé - SP	256
1997 - Museu Constantini - Buenos Aires, Argentina	272
1998 - Centro de Coordenação Geral do Sistema de Vigilância da Amazônia (SIVAM) - DF	280
2000 - Concurso de Ideias para o Boulevard dos Esportes de Paris - França	295
2001 - Centro Beaubourg Paris (Pompidou) - França	307
2005 - Edifício dos Correios e Telégrafos de Buenos Aires - Argentina	325
2006 - Novo Centro Judiciário, Trento, Itália	327
2007 - Sede do Serviço Social do Comércio (SESC) Edifício Glória, Vitória - ES	339
2008 - Pavilhão do Brasil Expo Xangai - China	354
2011 - Parque Olímpico do Rio de Janeiro - RJ	356
2014 - Sede Axel Springer - Berlim, Alemanha	364
2016 - Museu para o Século XXI - Berlim, Alemanha	371
2018 - Mobiliário para Avenida Paulista - SP	385
2018 - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Assunção - Paraguai	391
lista de figuras volume 2	408

sumário – volume 01

introdução 16

1. aproximações

concursos de projeto 20

concurso como arquitetura potencial 23

mendes da rocha revisitado 25

os concursos na carreira de paulo mendes da rocha 34

paulo mendes da rocha como jurado 37

cronologia 40

paulo mendes da rocha como participante 41

2. discurso e desenho 109

geografia da arquitetura 116

paisagem 127

território 133

espaço 140

sobre o olhar e as aproximações de estudo 145

clube da orla do guarujá – 1963 147

pavilhão de osaka, japão – 1969 165

transformação da área central de santiago, chile - 1972 180

biblioteca do rio de janeiro – 1984 193

instituto de engenharia - 1988 206

faculdade de arquitetura e urbanismo de assunção, paraguai - 2018 223

considerações finais e anseios de continuidade 243

lista de figuras 247

bibliografia 254

sumário – anexo

anexos

carta paulo mendes da rocha	3
clube da orla do guarujá – 1963	4
pavilhão de osaka – 1969	5
crea, são paulo - 1978	6
biblioteca do rio de janeiro – 1984	8
instituto de engenharia - 1988	12
edifício de correios e telégrafos de buenos aires, argentina - 2005	16
faculdade de arquitetura e urbanismo de assunção, paraguai - 2018	18

Assembleia Legislativa de Santa Catarina 1957

santa catarina

_ Tipo de Concurso

público nacional

_ Entidade Promotora

_ Organizador do Concurso

_Número de Projetos Entregues

12

_ Colocação Paulo Mendes da Rocha

1° lugar

_ Premiados

2° lugar- Valmy Bittencourt

3° lugar- Ruben Cassal Pilla

_ Jurados

Rui Hulse

L. Romanowiki

Castellar Penha

Celso Ramos Filho

Volnei Colasso de Oliveira

Rino Levi

Otto Entres

_ Anotações

- projeto não construído

- em 1964 os arquitetos foram convidados a desenhar uma nova sede para a Assembléia
- Paulo Mendes da Rocha não participou do processo de revisão de projeto

_ Acervo Disponível

- não foram encontrados registros no acervo do arquiteto
- Revista Acrópole, nº 252, fevereiro de 1958

_ Equipe de Projeto

Paulo Mendes da Rocha (autor)

Pedro Paulo de Melo Saraiva (autor)

Alfredo Paesani (autor)

_ Bibliogafia

ACRÓPOLE. São Paulo: Editora Max Gruenwald & Cia., ano 19, n. 228, OUT. 1957.

ACRÓPOLE. São Paulo: Editora Max Gruenwald & Cia., ano 20, n. 252, FEV. 1958.

ARTIGAS, R. Paulo Mendes da Rocha. São Paulo: Cosac Naify, 2000.

ESPALLARGAS GIMENEZ, L. Pedro Paulo de Melo Saraiva, arquiteto. São Paulo: Romano Guerra e Instituto Lina Bo e P.M. Bardi, 2016.

MATTOS, Melissa Laus. Arquitetura institucional em concreto aparente e suas repercussões no espaço urbano de Florianópolis entre 1970 e 1985 [dissertação] / Melissa Laus Mattos ; orientadora, Maria Inês Sugai.- Florianópolis, SC, 2009.

OTONDO, C. Relações entre pensar e fazer na obra de Paulo Mendes da Rocha. 247 p. Tese (Doutorado em Arquitetura e urbanismo). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

PISANI, D. Paulo Mendes da Rocha, Obra Completa. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

SPIRO, A. Paulo Mendes da Rocha, Bauten und Projekte. Zurich: Niggli, 2002.

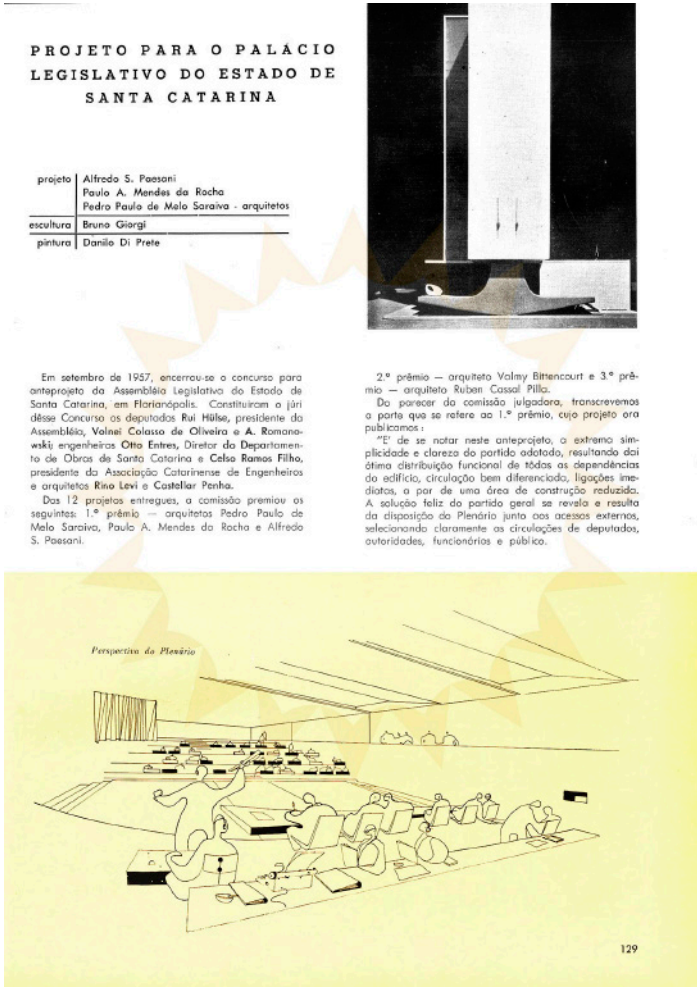
SOBREIRA, F; FLYNN, M. H.; RIBEIRO, P.V.B. (orgs.) Paulo Mendes da Rocha: sobre concursos e memórias (entrevista). Brasília: MGSR, 2018.

Assembleia Legislativa de Santa Catarina 1957

santa catarina



figura 1. FEB 1958- ANO 20- N° 232 – capa. fonte: Revista Acrópole



PROJETO PARA O PALÁCIO LEGISLATIVO DO ESTADO DE SANTA CATARINA

projeto	Alfredo S. Paesani Paulo A. Mendes da Rocha Pedro Paulo de Melo Saraiva - arquitetos
escultura	Bruno Giorgi
pintura	Danilo Di Prete

Em setembro de 1957, encerrou-se o concurso para anteprojeto da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, em Florianópolis. Constituiram o júri dêsse Concurso os deputados **Rui Hülse**, presidente da Assembléia, **Volnei Colasso de Oliveira** e **A. Romanowski**; engenheiros **Otto Entres**, Diretor do Departamento de Obras de Santa Catarina e **Celso Ramos Filho**, presidente da Associação Catarinense de Engenheiros e arquitetos **Rino Levi** e **Castellar Penha**.

Das 12 projetos entregues, a comissão premiou os seguintes: 1.º prêmio — arquitetos Pedro Paulo de Melo Saraiva, Paulo A. Mendes da Rocha e Alfredo S. Paesani.

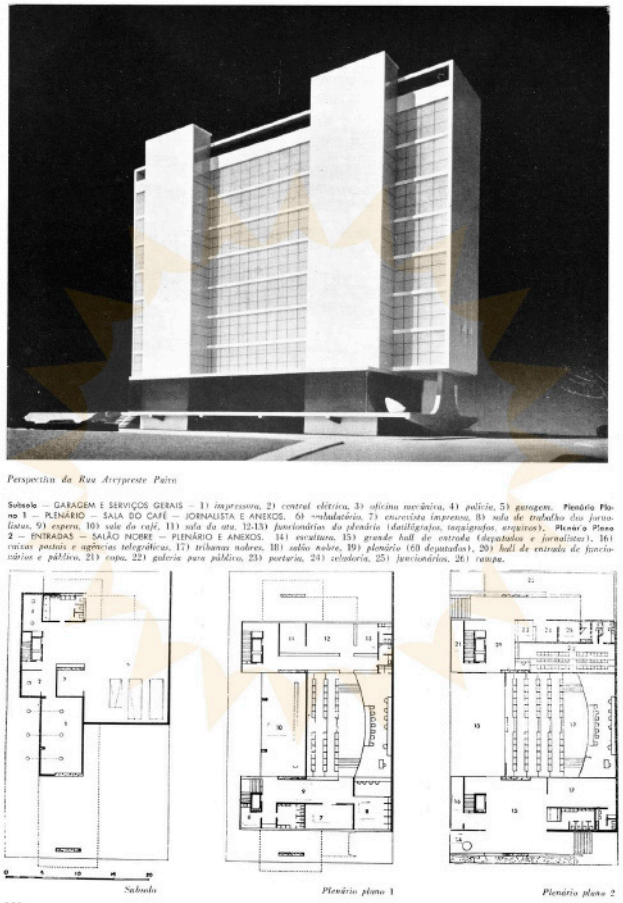
2.º prêmio — arquiteto Volmy Bittencourt e 3.º prêmio — arquiteto Ruben Cassal Pilla.

Do parecer da comissão julgadora, transcrevemos a parte que se refere ao 1.º prêmio, cujo projeto ora publicamos:

"E' de se notar neste anteprojeto, o extremo simplicidade e clareza do partido adotado, resultando daí ótima distribuição funcional de tôdas as dependências do edifício, circulação bem diferenciada, ligações imediatas, a par de uma área de construção reduzida. A solução feliz do partido geral se revela e resulta da disposição do Plenário junto aos acessos externos, selecionando claramente as circulações de deputados, autoridades, funcionários e público.

Perspectiva do Plenário

figura 2. FEB 1958- ANO 20- N° 232- pg.129. fonte: Revista Acrópole



Perspectiva da Rua Arcipreste Paiva

Subsolo — GARAGEM E SERVIÇOS GERAIS — 1) *impressora*, 2) *central elétrica*, 3) *oficina mecânica*, 4) *polícia*, 5) *garagem*. **Plenário Plano 1** — PLENÁRIO — SALA DO CAFÉ — JORNALISTA E ANEXOS. 6) *vestiário*, 7) *entrevista imprensa*, 8) *sala de trabalho dos jornalistas*, 9) *espera*, 10) *sala do café*, 11) *sala da ata*, 12-13) *funcionários do plenário (datilógrafos, taquígrafos, arquivos)*. **Plenário Plano 2** — ENTRADAS — SALÃO NOBRE — PLENÁRIO E ANEXOS. 14) *escultura*, 15) *grande hall de entrada (deputados e jornalistas)*, 16) *caixas postais e agências telegráficas*, 17) *tribunas nobres*, 18) *salão nobre*, 19) *plenário (68 deputados)*, 20) *hall de entrada de funcionários e público*, 21) *copa*, 22) *galeria para público*, 23) *portaria*, 24) *zeladoria*, 25) *funcionários*, 26) *rampa*.

Subsolo *Plenário plano 1* *Plenário plano 2*

130

figura 3. FEB 1958- ANO 20- N° 232- pg.130. fonte: Revista Acrópole

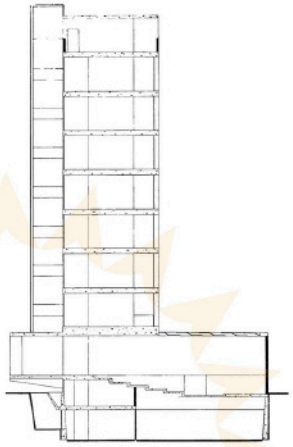
Planimètricamente a disposição do Plenário e de seus anexos é realmente elogiável, notadamente quanto a interligação com o Salão Nobre, com o saguão de entrada, com a Sala do Café e as demais dependências que exigem proximidade.

Dentro desta simplicidade do esquema resulta uma solução plástica especialmente singela e harmoniosa, para o conjunto do Plenário, e favorável do ponto de vista acústico. Nos andares superiores à administração, é de se notar uma louvável distribuição e agrupamento das diversas seções, e razoável flexibilidade da planta. Muito boa a insolação adotada para os pavimentos elevados, colocando a circulação do lado desfavorável.

Do ponto de vista plástico, apreciável o afastamento do corpo elevado com relação ao prédio do Tribunal de Justiça, sem prejuízo de um afastamento na rua Marechal Guilherme. Ressaltado singeleza e simplicidade da plástica exterior, conferindo ao edifício inconfundível nobreza. Os senões, perfeitamente admissíveis num ante-projeto, são fàcilmente sanáveis num estudo posterior".

Memorial

A Assembléia proposta neste projeto, resume-se em última análise: no plenário e anexos e nos salas de trabalho. A primeira parte, por necessitar de fácil acesso e de uma maior área, foi localizado no térreo e as salas da trabalho na torre vertical de 8 pavimentos. A ocorrência de ventos fortes, do quadrante sul, a existência da Praça e a paisagem extremamente agradável sôbre o mar, levaram os arquitetos a projetar a torre no sentido longitudinal, paralela à rua



Corte vertical do edifício notando-se a parte térrea elevada a 1,60 m do nível da rua.

1.º Pavimento — RESTAURANTE — BARBEARIA E SERVIÇOS AFINS. 27) *barbearia*, 28) *estar*, 29) *bar*, 30) *restaurante*, 31) *restaurante funcionários*, 32) *copa-cozinha*, 33) *dispense e frigorífico*, 34) *vestiário*. **2.º Pavimento** — PRESIDÊNCIA. 35) *sala do presidente*, 36) *espera*, 37) *secretário*, 38) *funcionários*, 39) *vice-presidente*, 40) 1º *secretário*, 41) 2º *secretário*. **3.º Pavimento** — LÍDERES E ASSESSORIA TÉCNICA. 42) *secretário*, 43) *líder do govêrno*, 44) *espera*, 45) *líderes da maioria*, 46) *espera*, 47) *funcionários*, 48) *líderes da minoria*, 49) *diretoria da assessoria técnica*, 50) *assessor*.



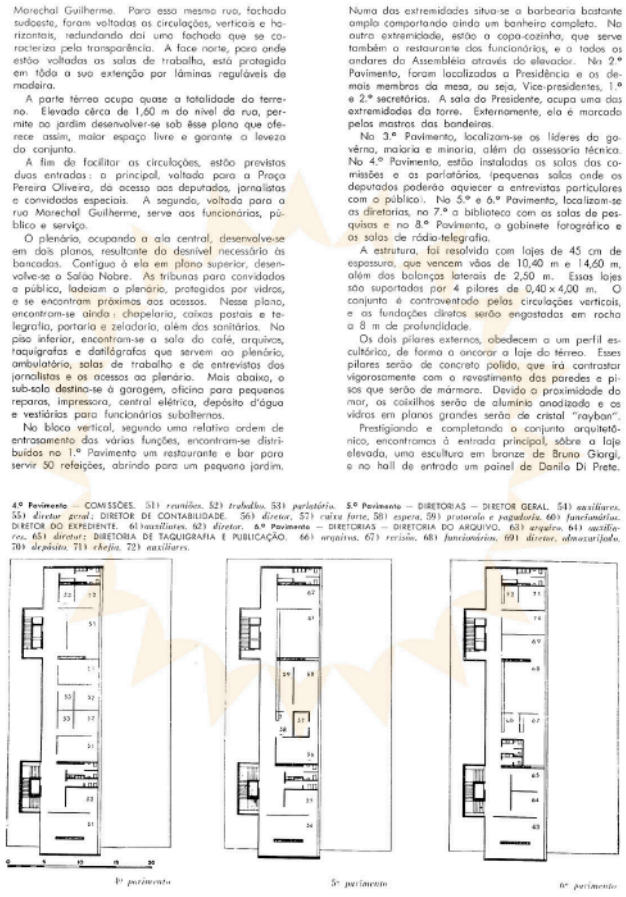
1º pavimento *2º pavimento* *3º pavimento*

131

figura 4. FEB 1958- ANO 20- N° 232- pg.131. fonte: Revista Acrópole

Assembleia Legislativa de Santa Catarina 1957

santa catarina



Marechal Guilherme. Para esse mesmo rua, fachada sudoeste, foram voltadas as circulações, verticais e horizontais, redundando daí uma fachada que se caracteriza pela transparência. A face norte, para onde estão voltadas as salas de trabalho, está protegida em tôda a sua extenção por lâminas reguláveis de madeira.

A parte térrea ocupa quase a totalidade do terreno. Elevada cêrca de 1,60 m do nível da rua, permite ao jardim desenvolver-se sob êsse plano que oferece assim, maior espaço livre e garante a leveza do conjunto.

A fim de facilitar as circulações, estão previstas duas entradas: a principal, voltada para a Praça Pereira Oliveira, dá acesso aos deputados, jornalistas e convidados especiais. A segunda, voltada para a rua Marechal Guilherme, serve aos funcionários, público e serviço.

O plenário, ocupando a ala central, desenvolve-se em dois planos, resultante do desnível necessário às bancadas. Contíguo à ela em plano superior, desenvolve-se o Salão Nobre. As tribunas para convidados e público, ladeiam o plenário, protegidos por vidros, e se encontram próximas aos acessos. Nesse plano, encontram-se ainda: chapelaria, caixas postais e telegrafia, portaria e zeladoria, além dos sanitários. No piso inferior, encontram-se a sala do café, arquivos, taquigratas e datilógrafas que servem ao plenário, ambulatório, salas de trabalho e de entrevistas dos jornalistas e os acessos ao plenário. Mais abaixo, o sub-solo destina-se à garagem, oficina para pequenos reparos, impressora, central elétrica, depósito d'água e vestiários para funcionários subalternos.

No bloco vertical, segundo uma relativa ordem de entrasamento das várias funções, encontram-se distribuidos no 1.º Pavimento um restaurante e bar para servir 50 refeições, abrindo para um pequeno jardim.

Numa das extremidades situa-se a barbearia bastante amplo comportando ainda um banheiro completo. No outra extremidade, estão a copa-cozinha, que serve também o restaurante dos funcionários, e a todos os andares do Assembléia através do elevador. No 2.º Pavimento, foram localizados a Presidência e os demais membros da mesa, ou seja, Vice-presidentes, 1.º e 2.º secretários. A sala do Presidente, ocupa uma das extremidades da torre. Externamente, ela é marcado pelos mastros das bandeiras.

No 3.º Pavimento, localizam-se os líderes do govêrno, maioria e minoria, além da assessoria técnica. No 4.º Pavimento, estão instaladas as salas das comissões e as parlatórios, (pequenas salas onde os deputados poderão aquiecer a entrevistas particulares com o público). No 5.º e 6.º Pavimento, localizam-se as diretorias, no 7.º a biblioteca com as salas de pesquisas e no 8.º Pavimento, o gabinete fotográfico e as salas de rádio-telegrafia.

A estrutura, foi resolvida com lajes de 45 cm de espessura, que vencem vãos de 10,40 m e 14,60 m, além dos balanços laterais de 2,50 m. Essas lajes são suportados por 4 pilares de 0,40 x 4,00 m. O conjunto é contraventado pelas circulações verticais, e as fundações diretas serão engastadas em rocha a 8 m de profundidade.

Os dois pilares externos, obedecem a um perfil escultórico, de forma a ancorar a laje do térreo. Esses pilares serão de concreto polido, que irá contrastar vigorasamente com o revestimento dos paredes e pisos que serão de mármore. Devido a proximidade do mar, os caixilhos serão de alumínio anodizado e os vidros em planos grandes serão de cristal "rayban".

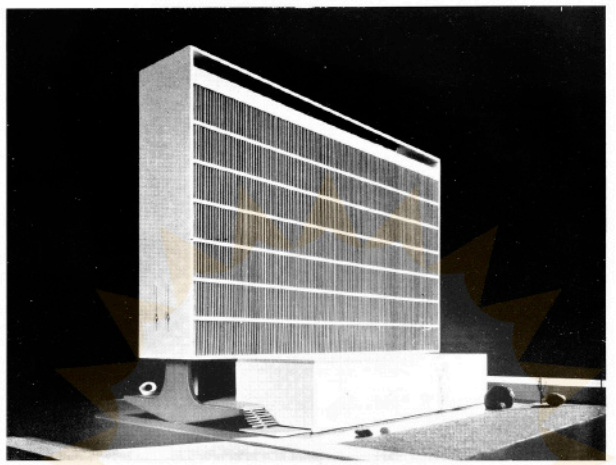
Prestigiando e completando o conjunto arquitetônico, encontramos à entrada principal, sôbre a laje elevada, uma escultura em bronze de Bruno Giorgi, e no hall de entrada um painel de Danilo Di Prete.

4.º Pavimento — COMISSÕES. 51) *reuniões*. 52) *trabalho*. 53) *parlatório*. 5.º Pavimento — DIRETORIAS — DIRETOR GERAL. 54) *auxiliares*. 55) *diretor geral*: DIRETOR DE CONTABILIDADE. 56) *diretor*. 57) *caixa forte*. 58) *espera*. 59) *protocolo e papelaria*. 60) *funcionários*. DIRETOR DO EXPEDIENTE. 61) *auxiliares*. 62) *diretor*. 6.º Pavimento — DIRETORIAS — DIRETORIA DO ARQUIVO. 63) *arquivo*. 64) *auxiliares*. 65) *diretor*: DIRETORIA DE TAQUIGRAFIA E PUBLICAÇÃO. 66) *arquivos*. 67) *revisão*. 68) *funcionários*. 69) *diretor, datilografado*. 70) *depósito*. 71) *chefia*. 72) *auxiliares*.

4º pavimento 5º pavimento 6º pavimento

132

figura 5. FEB 1958- ANO 20- N° 232- pg.132. fonte: Revista Acrópole



Perspectiva da Praça Pereira e Oliveira

7.º Pavimento — BIBLIOTECA. 73) *sala de leitura*. 74) *pesquisa*. 75) *diretor*. 76) *funcionários*. 77) *depósito*. 78) *mapoteca*. 79) *conservação*. 8.º Pavimento — RÁDIO-COMUNICAÇÃO E FOTOGRAFIA. 80) *casa de máquinas*. 81) *radiotelegrafia*. 82) *aparelhagem*. 83) *retrato*. 84) *gabinete fotográfico*. 85) *câmara*. 86) *laboratório*.



7º pavimento 8º pavimento Cobertura

133

figura 6. FEB 1958- ANO 20- N° 232- pg.133. fonte: Revista Acrópole

Palácio dos esportes do Clube Atlético Paulistano 1958

são paulo

_ Tipo de Concurso

público nacional

_ Entidade Promotora

Clube Atlético Paulistano

_ Organizador do Concurso

C.A.P.- Comissão de obras C.O.

_Número de Projetos Entregues

24

_ Colocação Paulo Mendes da Rocha

1° lugar

_ Premiados

2° lugar- Pedro Paulo de Mello Saraiva e Julio Neves

colaboradores: Miguel Juliano, Luiz Forte Neto, José Gandolfi

3° lugar- Jorge Wilheim

_ Jurados

Rino Levi

Plínio Croce

Rubens Carneiro Vianna

Tullio Strucchi

_ Anotações

o juri realizou 12 sessões para avaliar os trabalhos

_ Acervo Disponível

plantas, cortes, fachadas, perspectivas e croquis

_ Equipe de Projeto

Paulo Mendes da Rocha (autor)

João Eduardo de Gennaro (autor)

_ Bibliogafia

ACRÓPOLE. São Paulo: Editora Max Gruenwald & Cia., ano 23, n. 276, NOV 1961.

ARTIGAS, R. Paulo Mendes da Rocha. São Paulo: Cosac Naify, 2000.

FLYNN, M. H. Concursos de arquitetura no Brasil 1850-2000. 2001. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo.

OTONDO, C. Relações entre pensar e fazer na obra de Paulo Mendes da Rocha. 247 p. Tese (Doutorado em Arquitetura e urbanismo). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

PISANI, D. Paulo Mendes da Rocha, Obra Completa. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

SPIRO, A. Paulo Mendes da Rocha, Bauten und Projekte. Zurich: Niggli, 2002.

SOBREIRA, F; FLYNN, M. H.; RIBEIRO, P.V.B. (orgs.) Paulo Mendes da Rocha: sobre concursos e memórias (entrevista). Brasília: MGSR, 2018.

Palácio dos esportes do Clube Atlético Paulistano 1958

são paulo

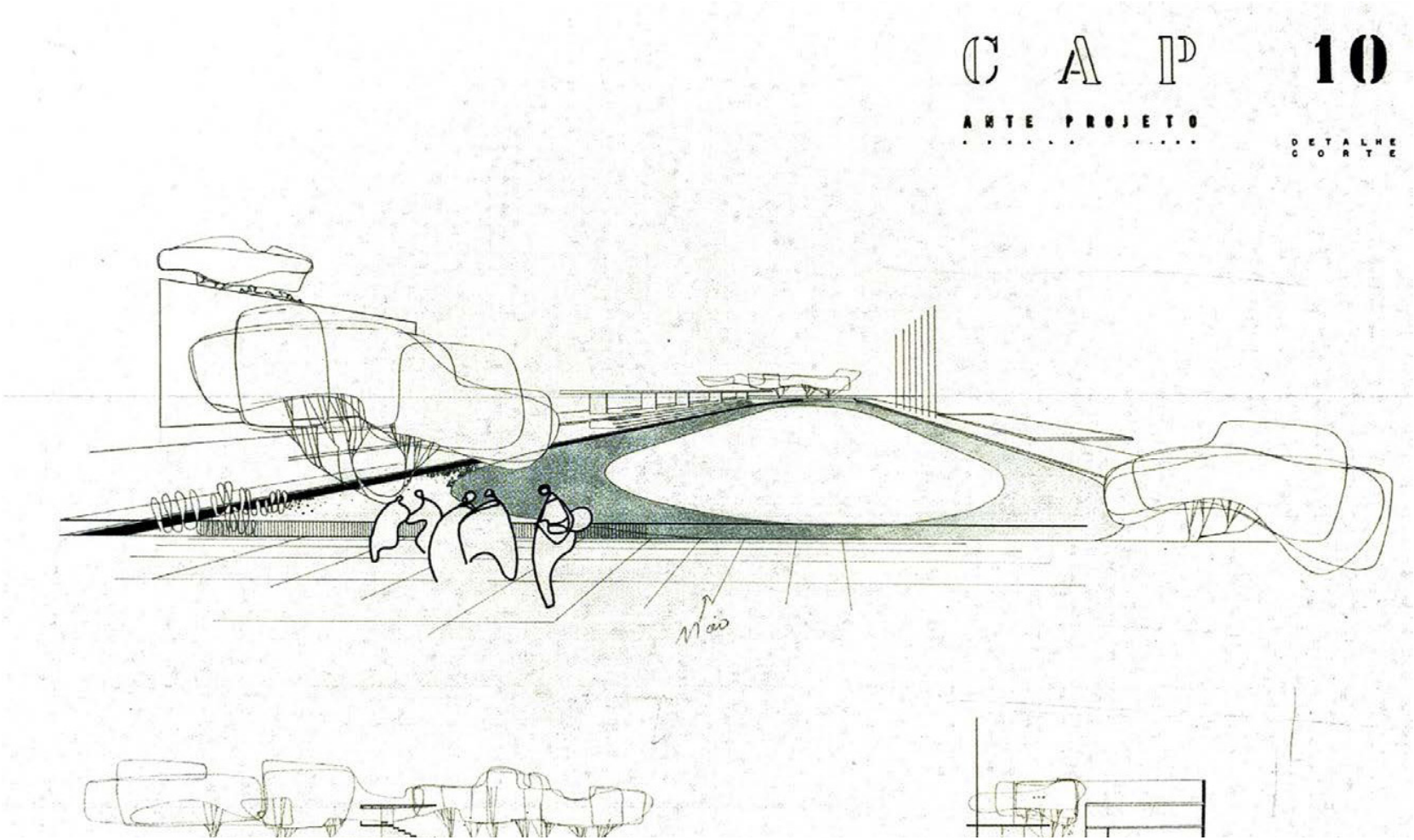


figura 7. pmr-c-pcap-ap-flh-01. fonte: PISANI, 2013

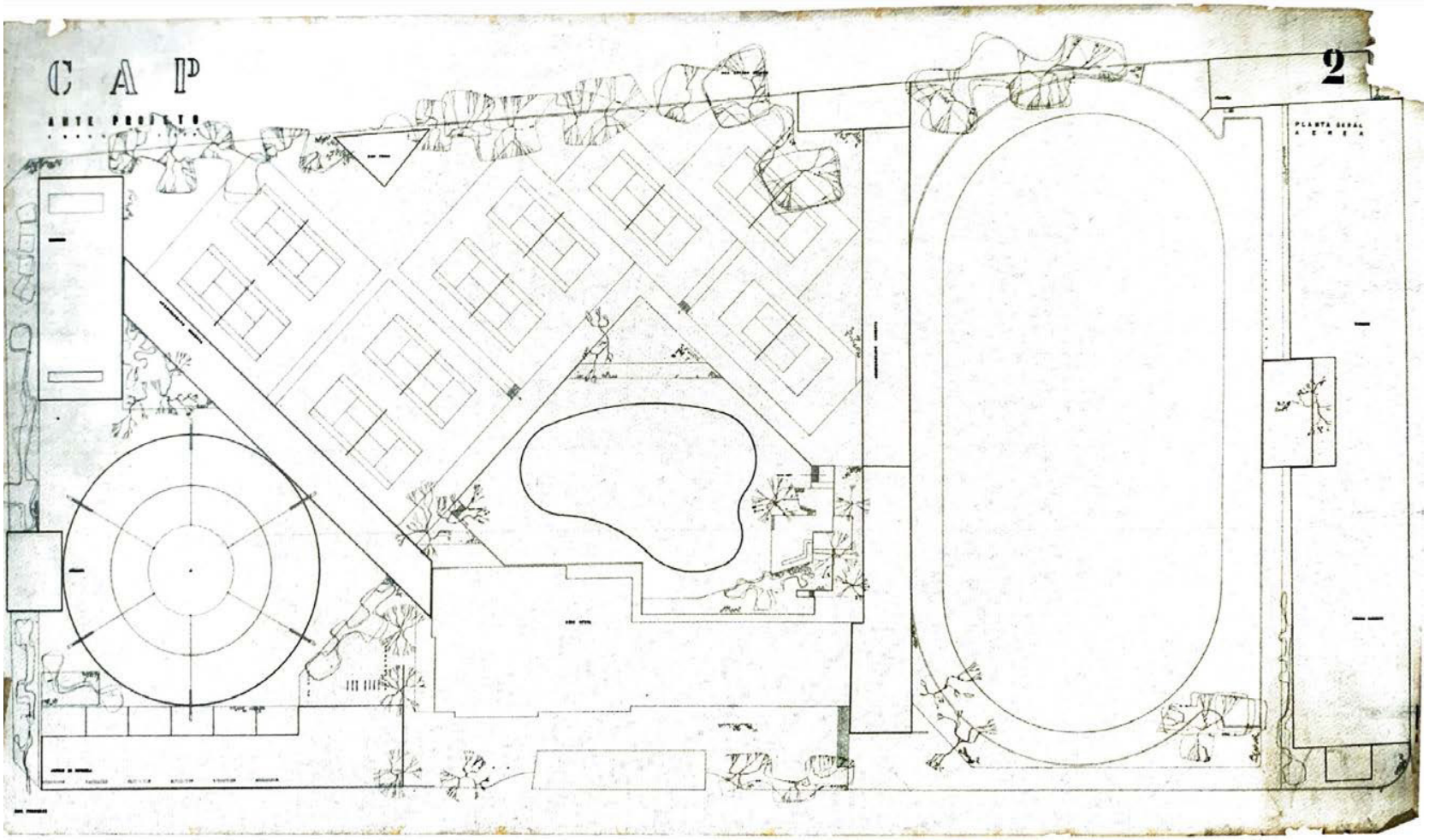


figura 8. pmr-c-pcap-ap-flh-02. fonte: PISANI, 2013.

Palácio dos esportes do Clube Atlético Paulistano 1958

são paulo

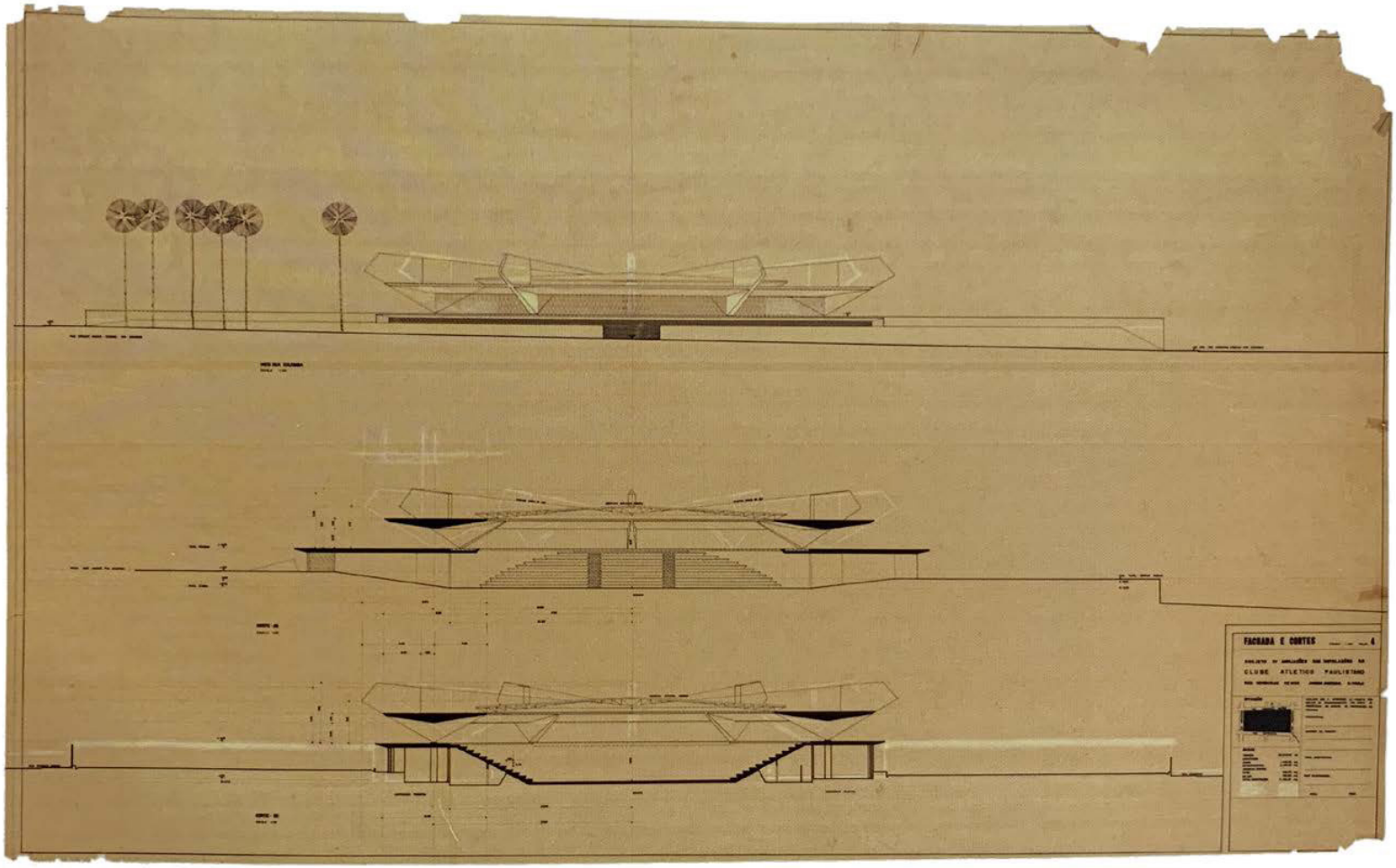


figura 9. pmr-c-pcap-ap-flh-03. fonte: OTONDO, C; GOUVEA,J. 2011

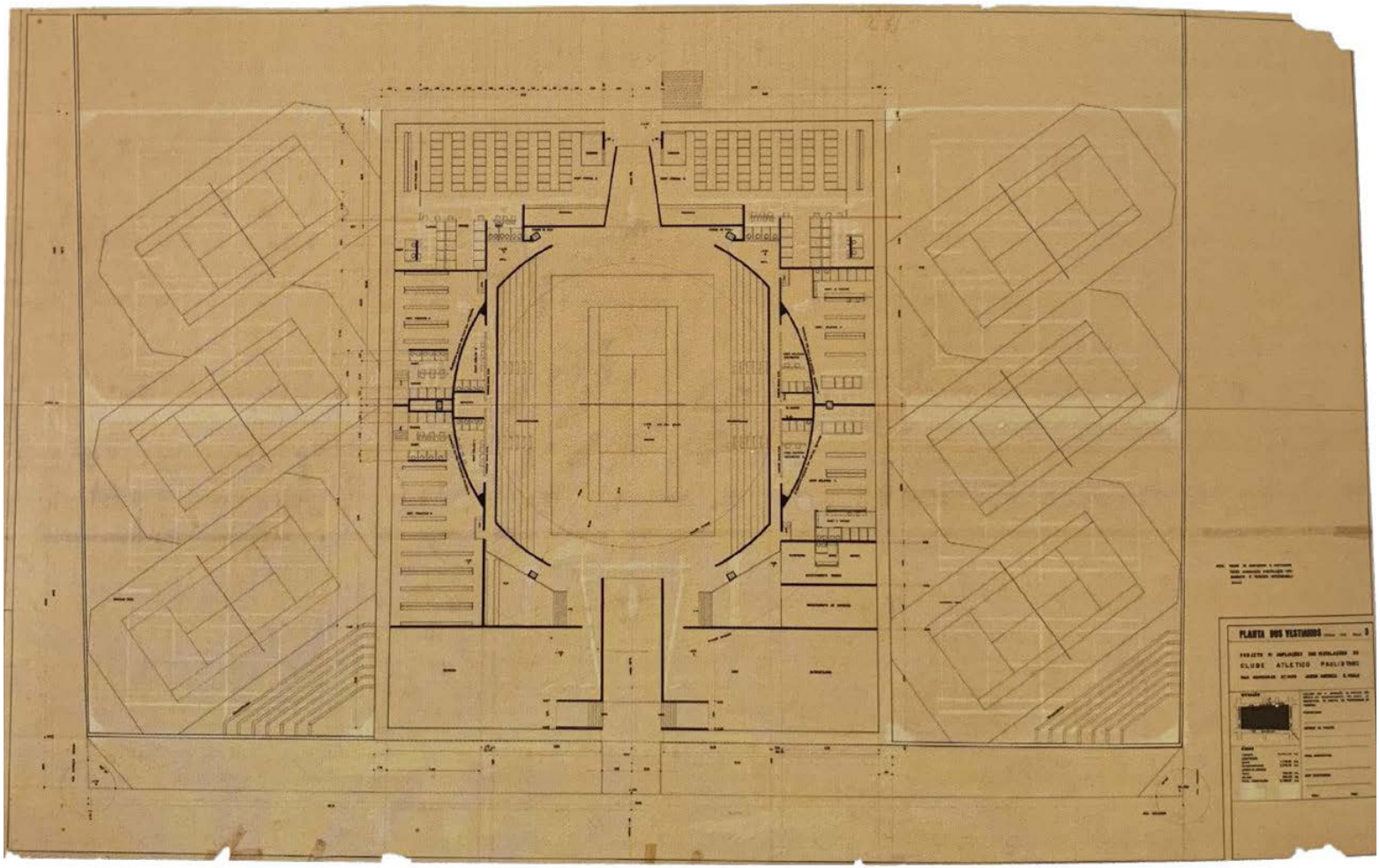


figura 10. pmr-c-pcap-ap-flh-04. fonte: OTONDO, C; GOUVEA,J. 201

Palácio dos esportes do Clube Atlético Paulistano 1958

são paulo

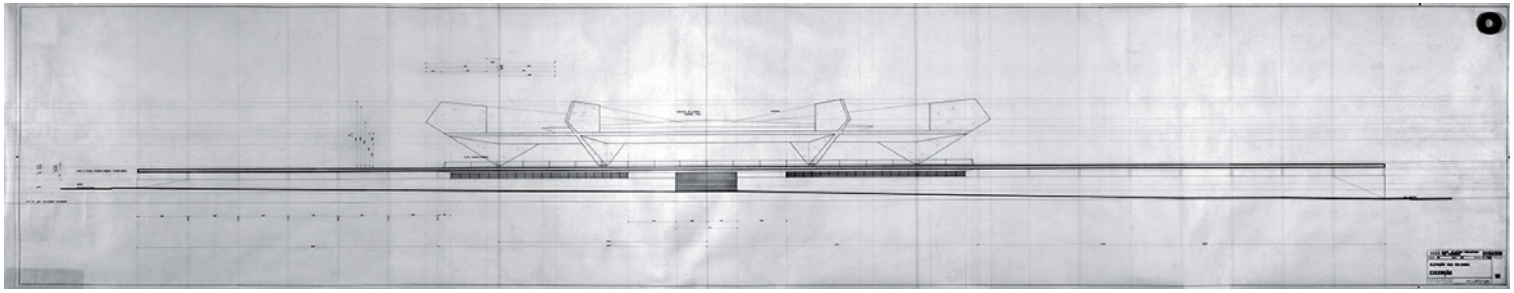


figura 11. pmr-c-pcap-pe-flh-2a.

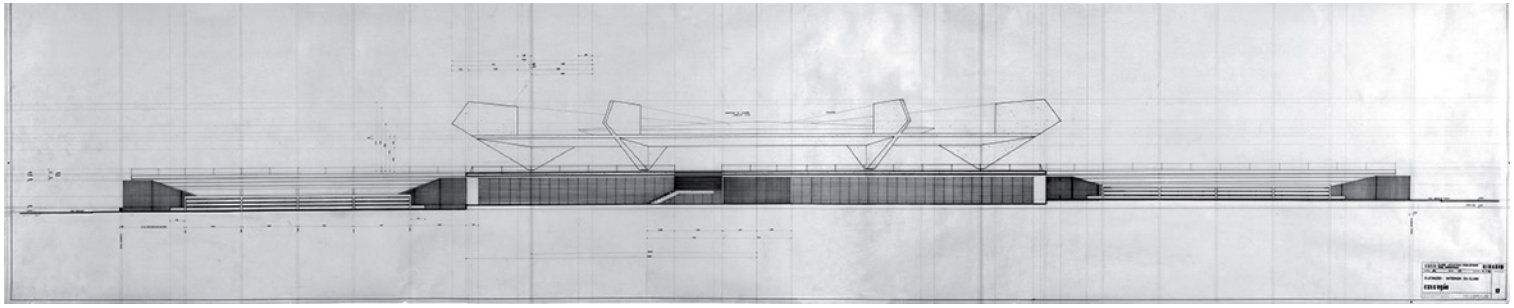
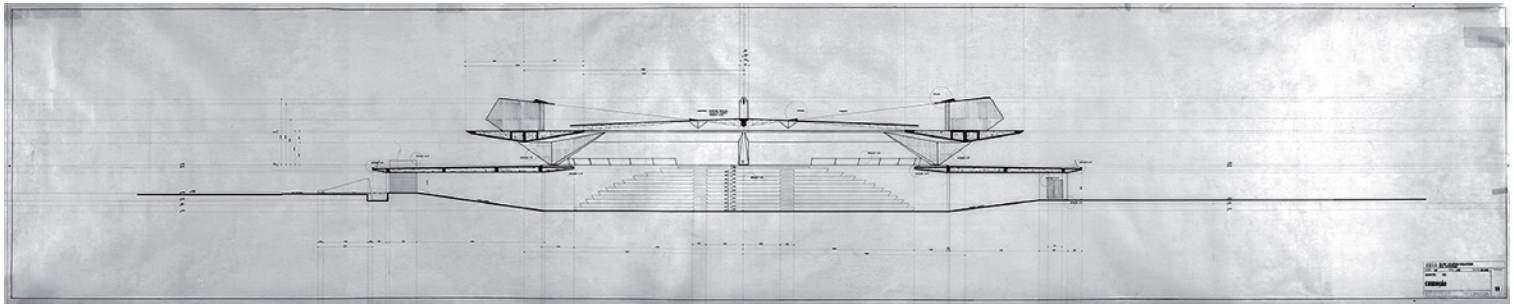


figura 12. pmr-c-pcap-pe-flh-2b. fonte: OTONDO, C; GOUVEA,J. 2011



igura 13. pmr-c-pcap-pe-flh-2c. fonte: OTONDO, C; GOUVEA,J. 2011

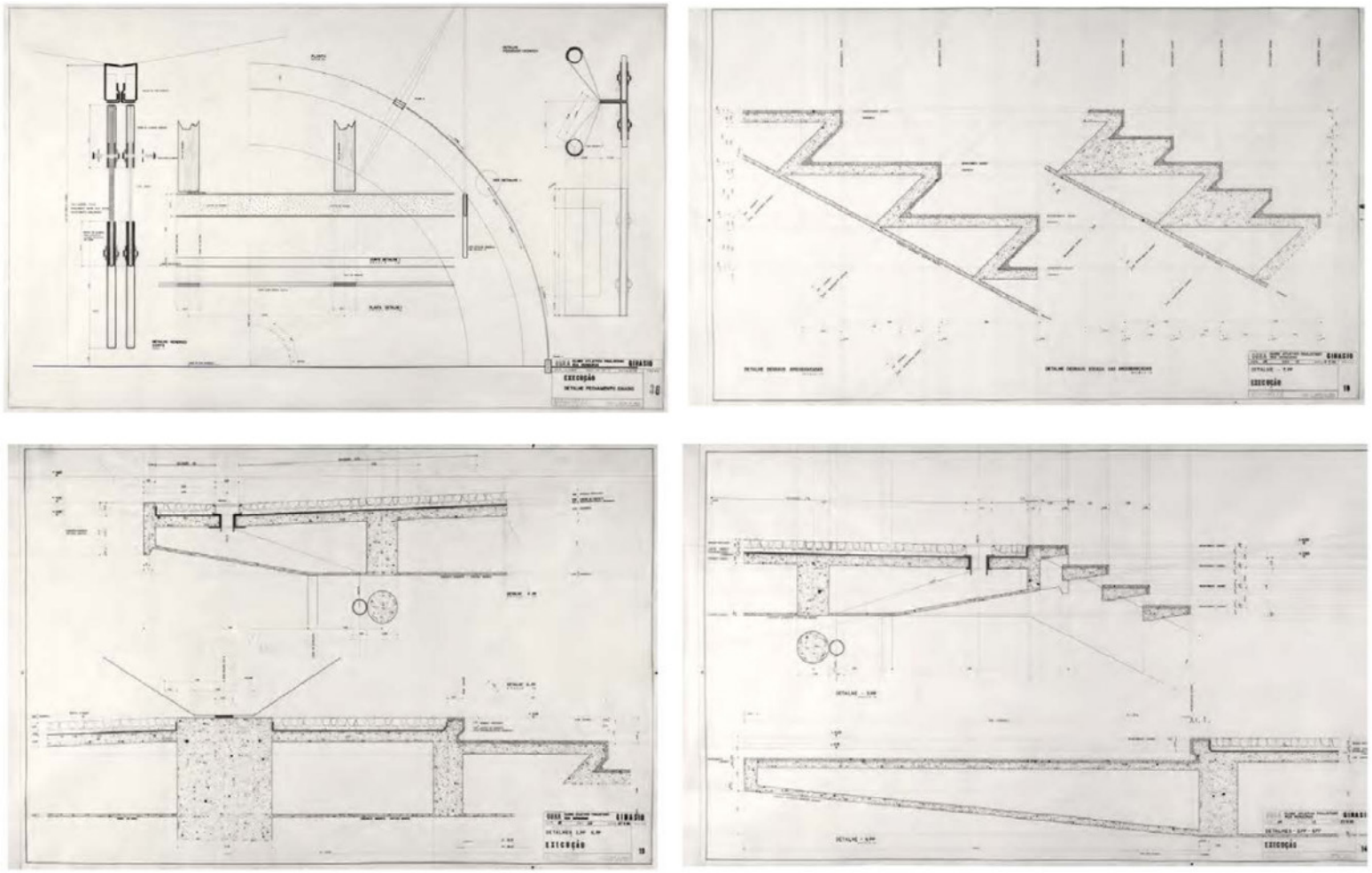


figura 14. pmr-c-pcap-pe-det-diversos. fonte: OTONDO, C; GOUVEA,J. 2011

Palácio dos esportes do Clube Atlético Paulistano 1958

são paulo

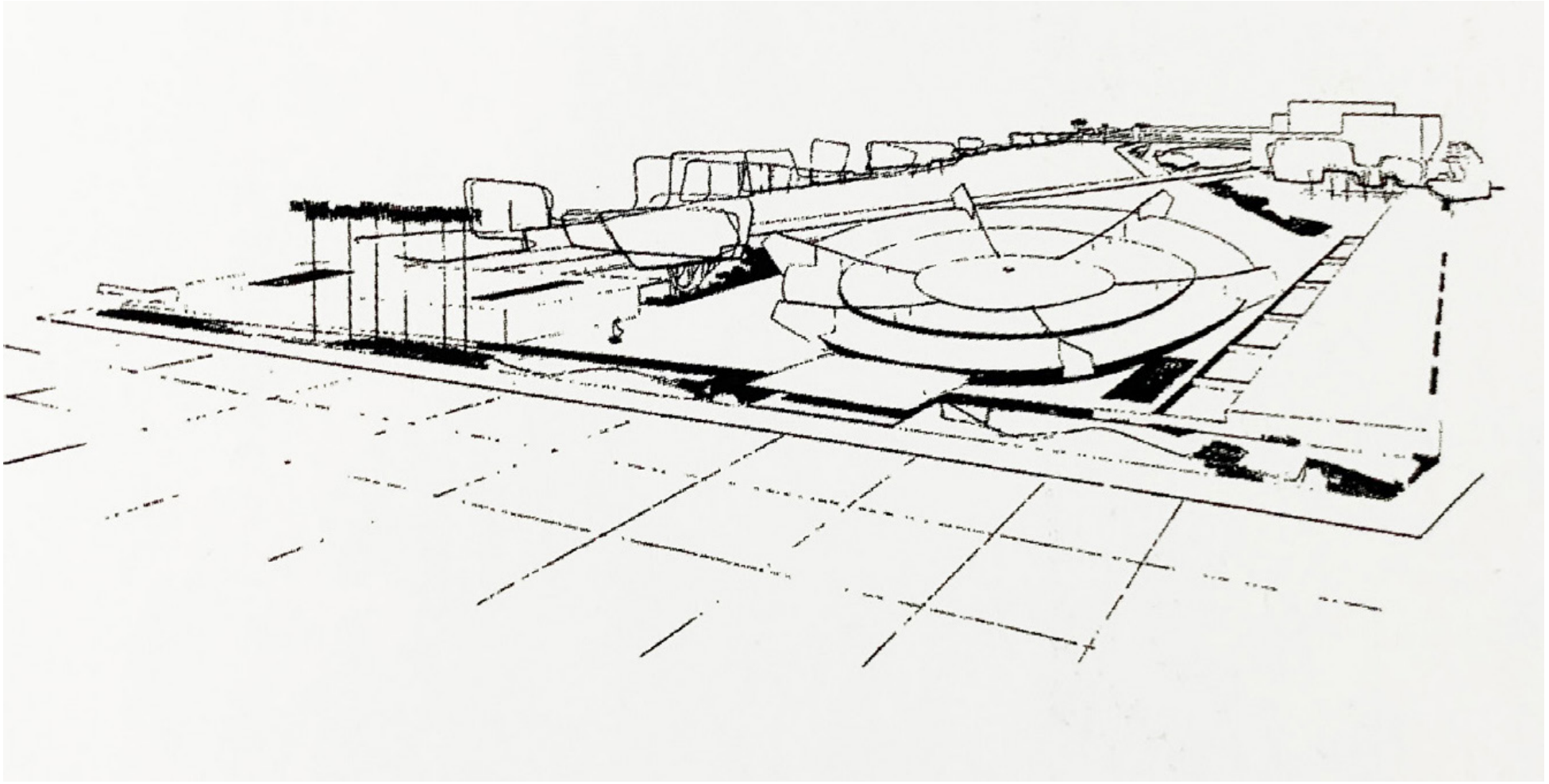


figura 15. pmr-c-pcap-perspectiva-01. fonte: PISANI, 2013.

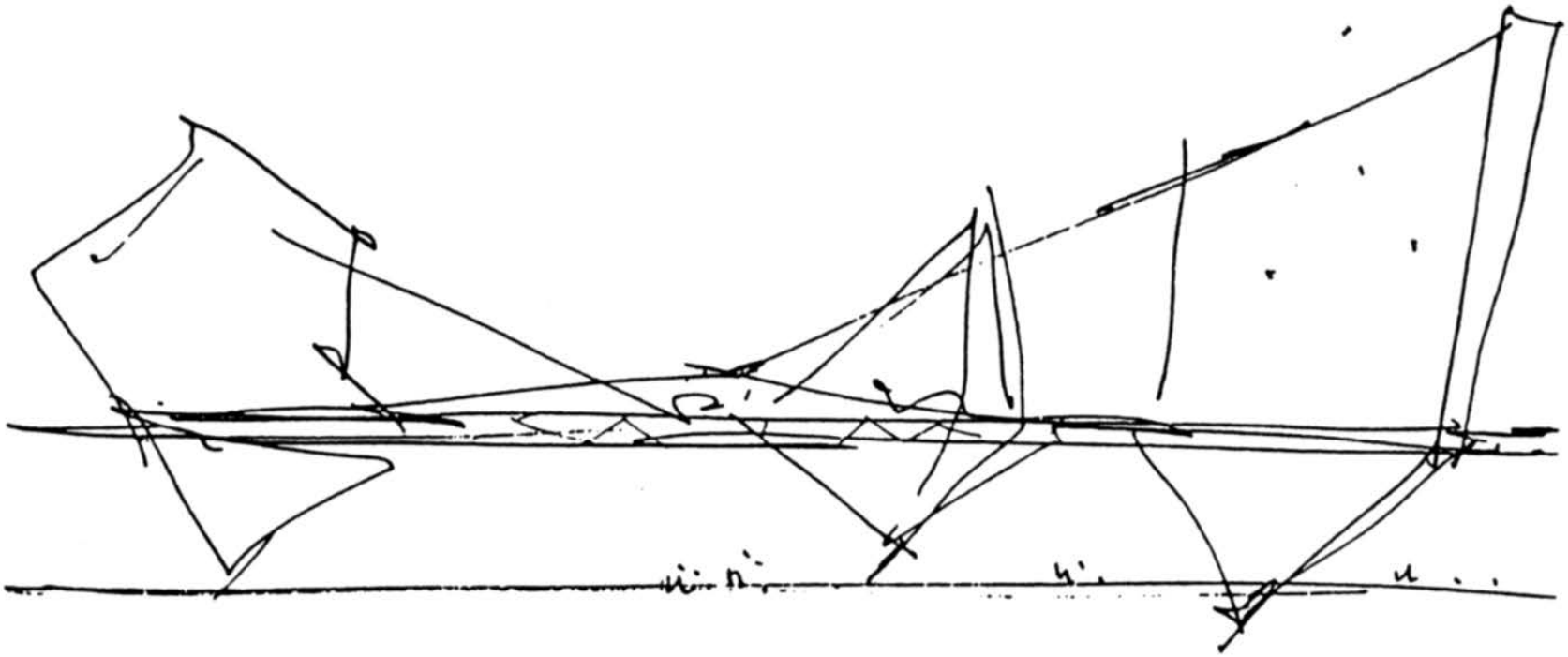


figura 16. pmr-c-pcap-croqui-01. fonte: PISANI, 2013

Sede do Jóquei de São Paulo 1958

são paulo

_ Tipo de Concurso

fechado (carta convite)

_ Entidade Promotora

Jóquei Clube de São Paulo

_ Organizador do Concurso

IAB-SP

_Número de Projetos Entregues

12

_ Colocação Paulo Mendes da Rocha

não premiado

_ Premiados

1° lugar- Carlos Barjas Millan, Jorge Wilheim, Maurício Tuck Scheneider e Gabriel Feitosa.

_ Jurados

Lauro da Costa Lima

Oswaldo Arthur Bratke

Marcelo Roberto

_ Anotações

equipes foram convidadas pelo presidente do IAB-SP

_ Acervo Disponível

não foram encontrados registros no acervo do arquiteto

_ Equipe de Projeto

Paulo Mendes da Rocha (autor)

Pedro Paulo de Melo Saraiva (autor)

Alfredo Paesani (autor)

_ Bibliogafia

ACRÓPOLE. São Paulo: Editora Max Gruenwald & Cia., ano 22, n. 259, AGO. 1960.

FLYNN, M. H. Concursos de arquitetura no Brasil 1850-2000. 2001. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo.

PISANI, D. Paulo Mendes da Rocha, Obra Completa. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

SOBREIRA, F; FLYNN, M. H.; RIBEIRO, P.V.B. (orgs.) Paulo Mendes da Rocha: sobre concursos e memórias (entrevista). Brasília: MGSR, 2018.

Sede Administrativa da Companhia Siderúrgica Paulista 1958

são paulo

_ Tipo de Concurso

fechado (carta convite)

_ Entidade Promotora

COSIPA- Companhia Siderúrgica Paulista

_ Organizador do Concurso

_Número de Projetos Entregues

_ Colocação Paulo Mendes da Rocha

_ Premiados

2º lugar- José Luiz Fleury de Oliveira, Rodolpho Ortenblad Filho

_ Jurados

_ Anotações

_ Acervo Disponível

_ Equipe de Projeto

Paulo Mendes da Rocha (autor)

João Eduardo de Gennaro (autor)

_ Bibliogafia

ACRÓPOLE. São Paulo: Editora Max Gruenwald & Cia., ano 22, n. 253, NOV. 1959.

OTONDO, C. Relações entre pensar e fazer na obra de Paulo Mendes da Rocha. 247 p. Tese (Doutorado em Arquitetura e urbanismo). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

PISANI, D. Paulo Mendes da Rocha, Obra Completa. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

SOBREIRA, F; FLYNN, M. H.; RIBEIRO, P.V.B. (orgs.) Paulo Mendes da Rocha: sobre concursos e memórias (entrevista). Brasília: MGSR, 2018.

Sociedade Harmonia do Tênis 1958

são paulo

_ Tipo de Concurso

_ Entidade Promotora

Sociedade Harmonia de Tênis

_ Organizador do Concurso

Conselho diretor do IAB

Departamento SP 63/65

Julio Nenes

_Número de Projetos Entregues

_ Colocação Paulo Mendes da Rocha

não premiado

_ Premiados

1° lugar- Fabio Penteado, Alfredo S. Paesani, Escritório técnico Oswaldo Moura Abreu, W. Tietz, N. Camargo, Igor Sresnewsky, Antonio Maluf, Walter Doening, Const.Dumez

_ Jurados

_ Anotações

- O projeto publicado, analisado e executado não é o vencedor do concurso

- O desenho da nova sede da Sociedade Harmonia de Tênis foi objeto de dois concursos, um em 1958 e outro em 1964

_ Acervo Disponível

não foram encontrados registros no acervo do arquiteto

_ Equipe de Projeto

-

_ Bibliogafia

ACRÓPOLE. São Paulo: Editora Max Gruenwald & Cia., ano 22, n. 260, AGO. 1960.

FLYNN, M. H. Concursos de arquitetura no Brasil 1850-2000. 2001. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo.

OTONDO, C. Relações entre pensar e fazer na obra de Paulo Mendes da Rocha. 247 p. Tese (Doutorado em Arquitetura e urbanismo). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

PISANI, D. Paulo Mendes da Rocha, Obra Completa. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

PRÓSPERO, Victor. Clubes privados, desenho e cidade dos anos 1960: o caso da Sociedade Harmonia de Tênis em São Paulo.

SOBREIRA, F; FLYNN, M. H.; RIBEIRO, P.V.B. (orgs.) Paulo Mendes da Rocha: sobre concursos e memórias (entrevista). Brasília: MGSR, 2018.

Novos Pavilhões da Escola da Aeronáutica 1960

são paulo

_ Tipo de Concurso

_ Entidade Promotora

_ Organizador do Concurso

_Número de Projetos Entregues

_ Colocação Paulo Mendes da Rocha

_ Premiados

_ Jurados

João Batista Vilanova Artigas

- não foram encontrados outros participantes do júri

_ Anotações

_ Acervo Disponível

não foram encontrados registros no acervo do arquiteto

_ Equipe de Projeto

Paulo Mendes da Rocha (autor)

Pedro Paulo de Melo Saraiva (autor)

Alfredo Paisani (autor)

Ícaro de Castro Mello (autor)

_ Bibliogafia

PISANI, D. Paulo Mendes da Rocha, Obra Completa. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

SOBREIRA, F; FLYNN, M. H.; RIBEIRO, P.V.B. (orgs.) Paulo Mendes da Rocha: sobre concursos e memórias (entrevista). Brasília: MGSR, 2018.

Sede do Jóquei Clube de Goiás 1962

goiás

_ Tipo de Concurso

_ Entidade Promotora

Jóquei Clube de Goiás

Delegacia de Goiás

_ Organizador do Concurso

IAB- GO

_Número de Projetos Entregues

5

_ Colocação Paulo Mendes da Rocha

1° lugar

_ Premiados

2° lugar- Ariel da Costa Campos

3° lugar- Renan de Barros Oliveira

_ Jurados

Heitor Annes Dias Vignelli

Jon Maitregean

Maurício Nogueira Batista

_ Anotações

_ Acervo Disponível

acervo completo (disponível na Casa da Arquitectura)

_ Equipe de Projeto

Paulo Mendes da Rocha (autor)

João Eduardo Gennaro (autor)

_ Bibliogafia

ACRÓPOLE. São Paulo: Editora Max Gruenwald & Cia., ano 29, n. 342, OUT. 1967.

ARTIGAS, R. Paulo Mendes da Rocha. São Paulo: Cosac Naify, 2000.

FLYNN, M. H. Concursos de arquitetura no Brasil 1850-2000. 2001. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo.

OTONDO, C. Relações entre pensar e fazer na obra de Paulo Mendes da Rocha. 247 p. Tese (Doutorado em Arquitetura e urbanismo). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

PISANI, D. Paulo Mendes da Rocha, Obra Completa. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

SPIRO, A. Paulo Mendes da Rocha, Bauten und Projekte. Zurich: Niggli, 2002.

SOBREIRA, F; FLYNN, M. H.; RIBEIRO, P.V.B. (orgs.) Paulo Mendes da Rocha: sobre concursos e memórias (entrevista). Brasília: MGSR, 2018.

Sede do Jóquei Clube de Goiás 1962

goiás

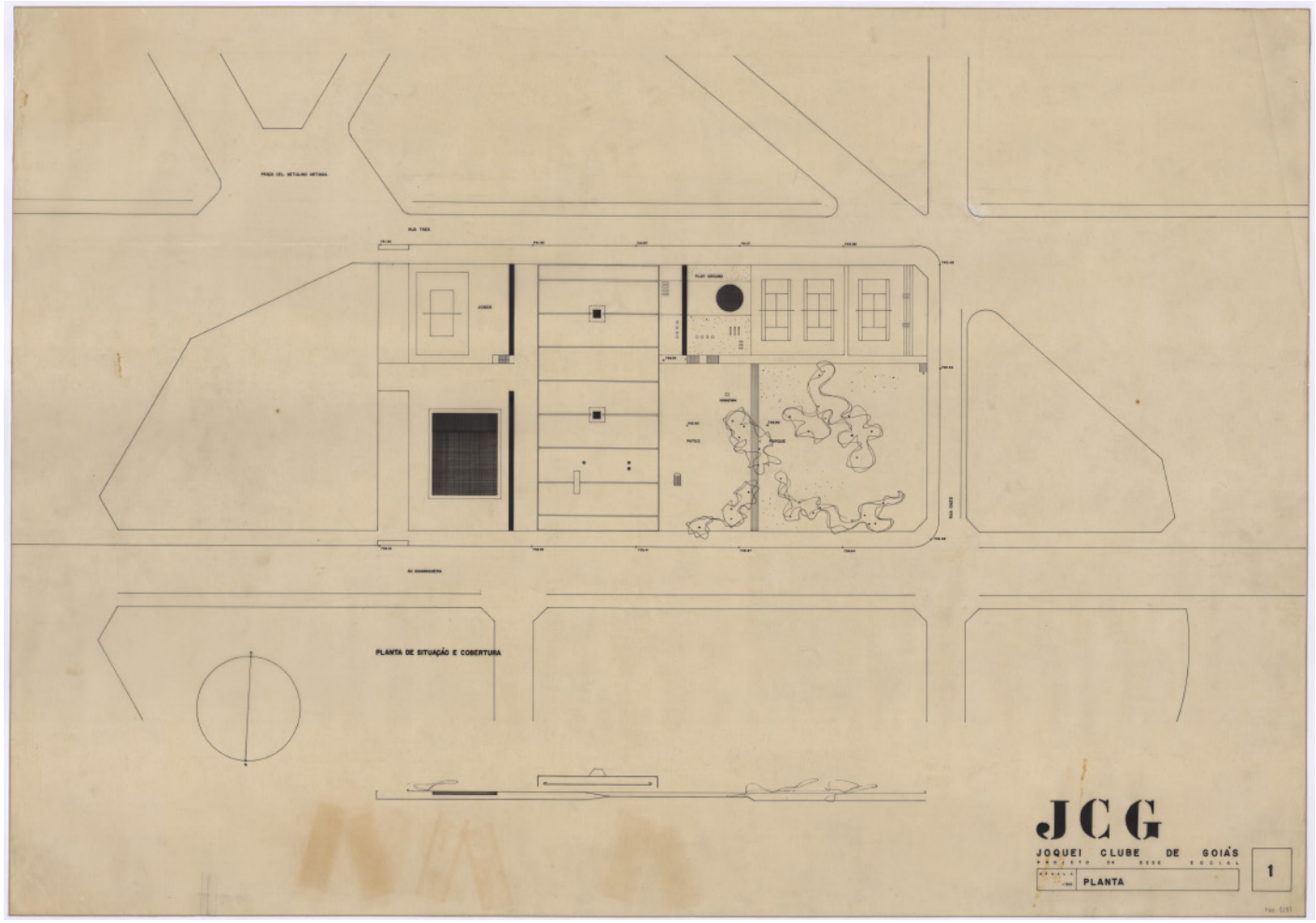


figura 17. PT-CA-PMR-2-PA-021_01283. fonte: Casa da Arquitectura

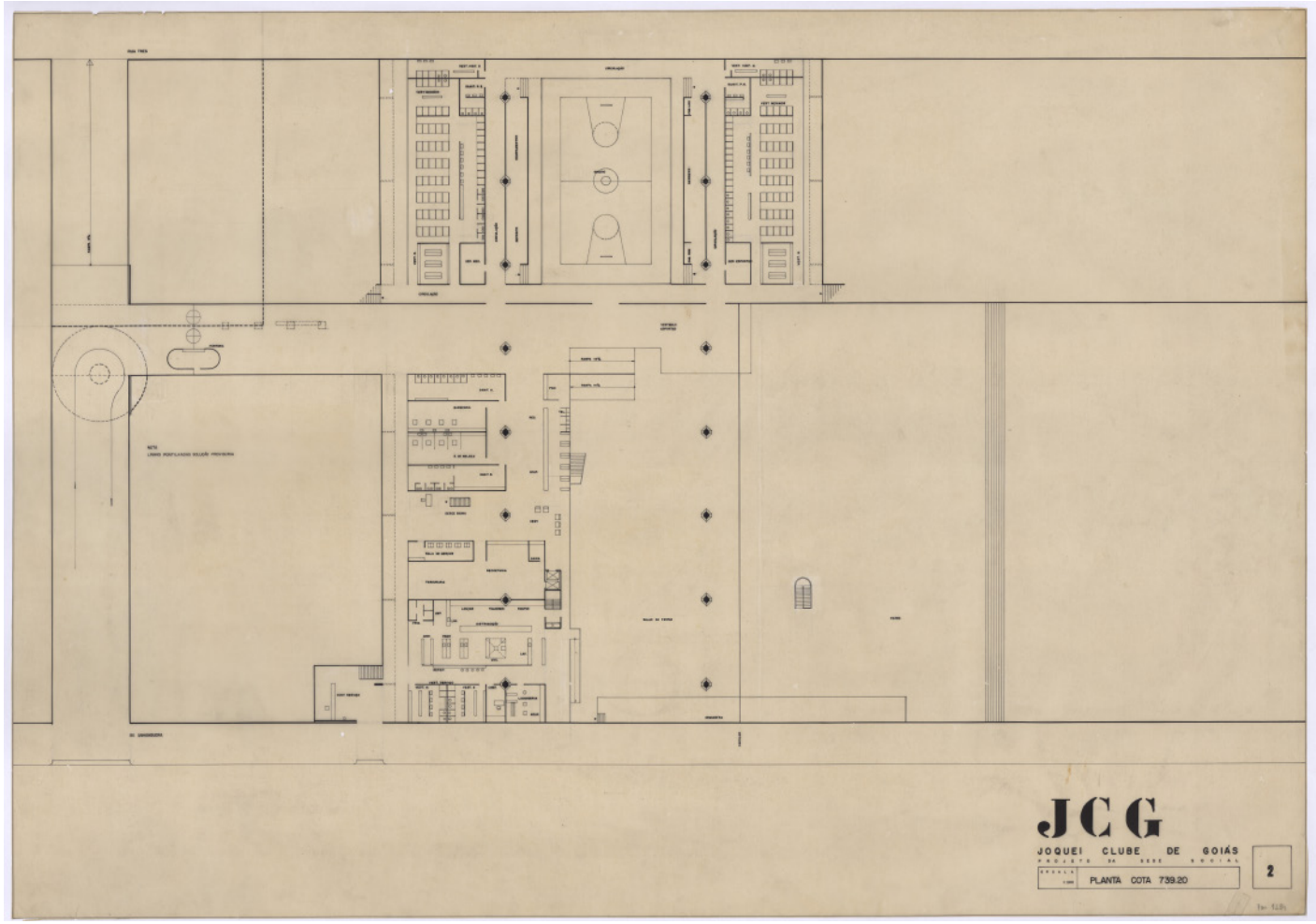


figura 18 JPT-CA-PMR-2-PA-021_01284. fonte: Casa da Arquitectura

Sede do Jóquei Clube de Goiás 1962

goiás

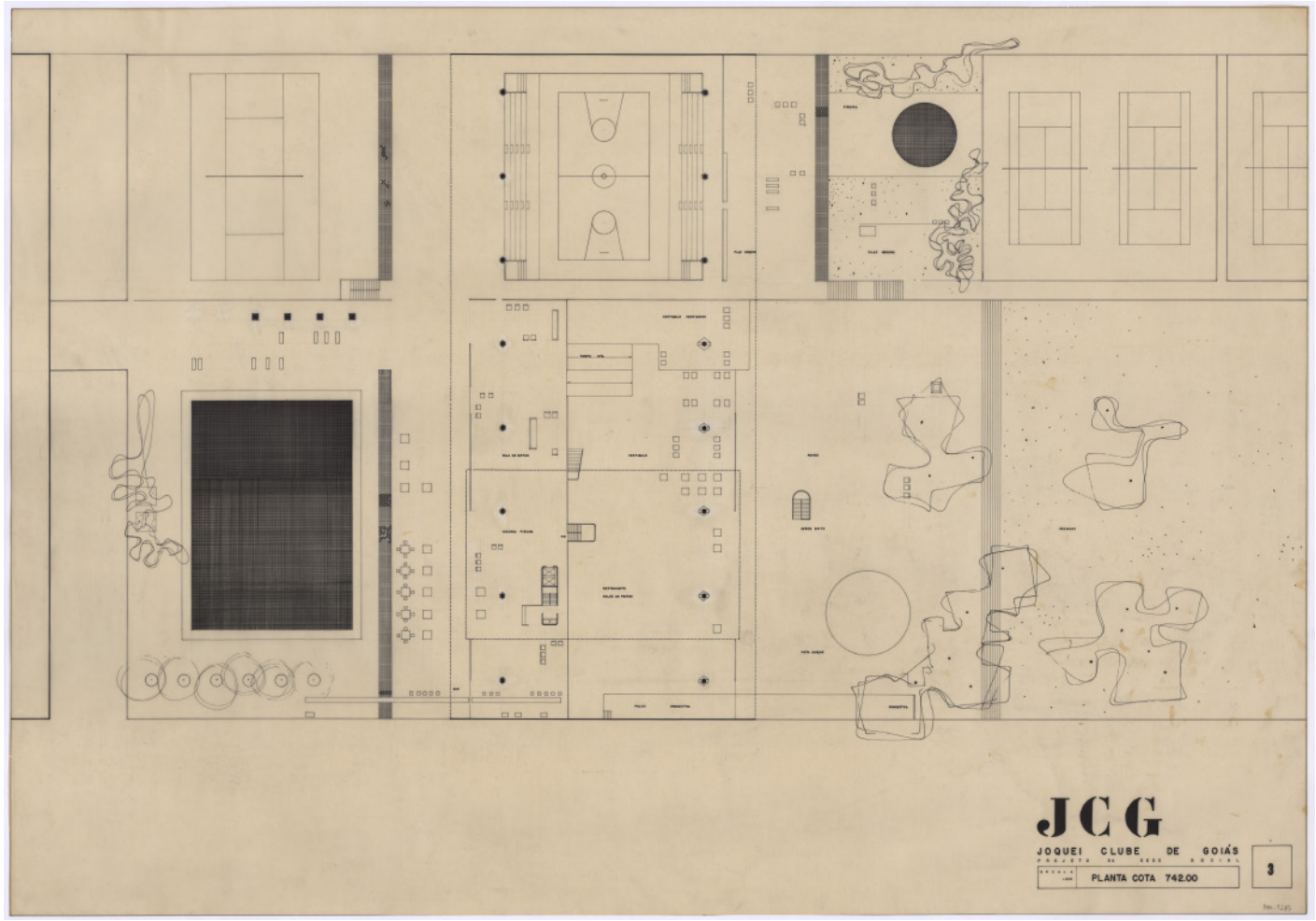


figura 19. PT-CA-PMR-2-PA-021_01285. fonte: Casa da Arquitectura

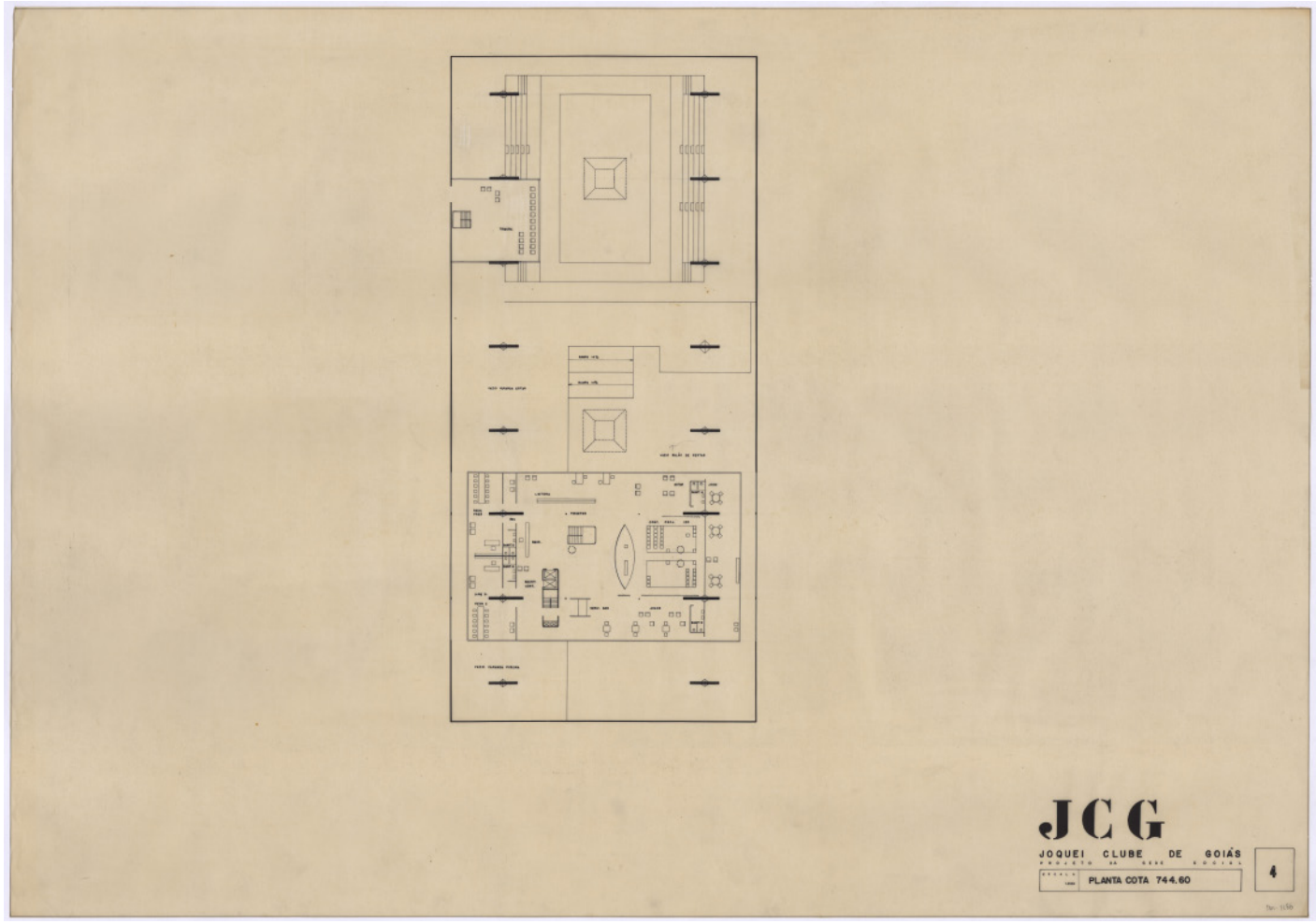


figura 20. JPT-CA-PMR-2-PA-021_01286. fonte: Casa da Arquitectura

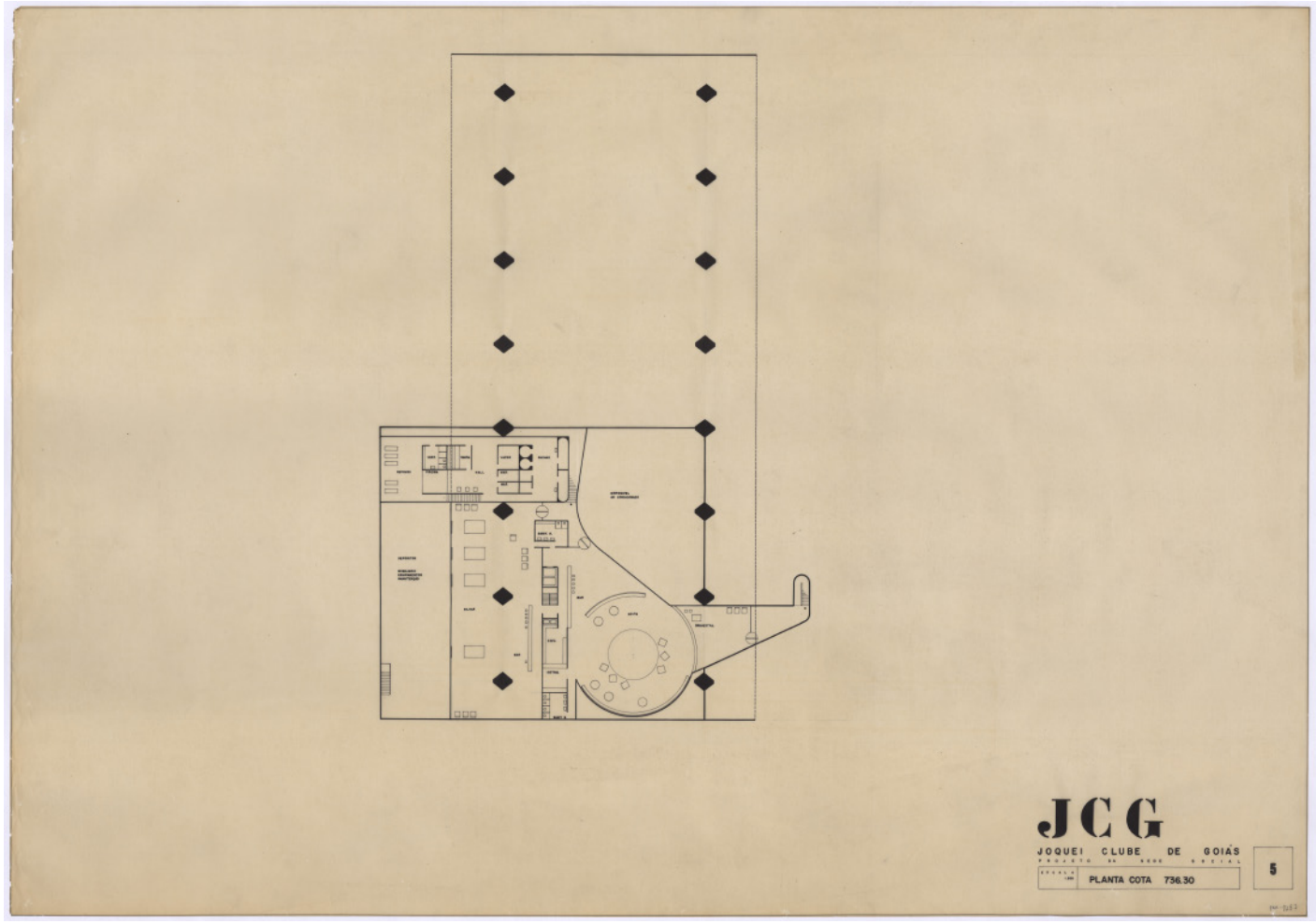


figura 21. PT-CA-PMR-2-PA-021_01287. fonte: Casa da Arquitectura

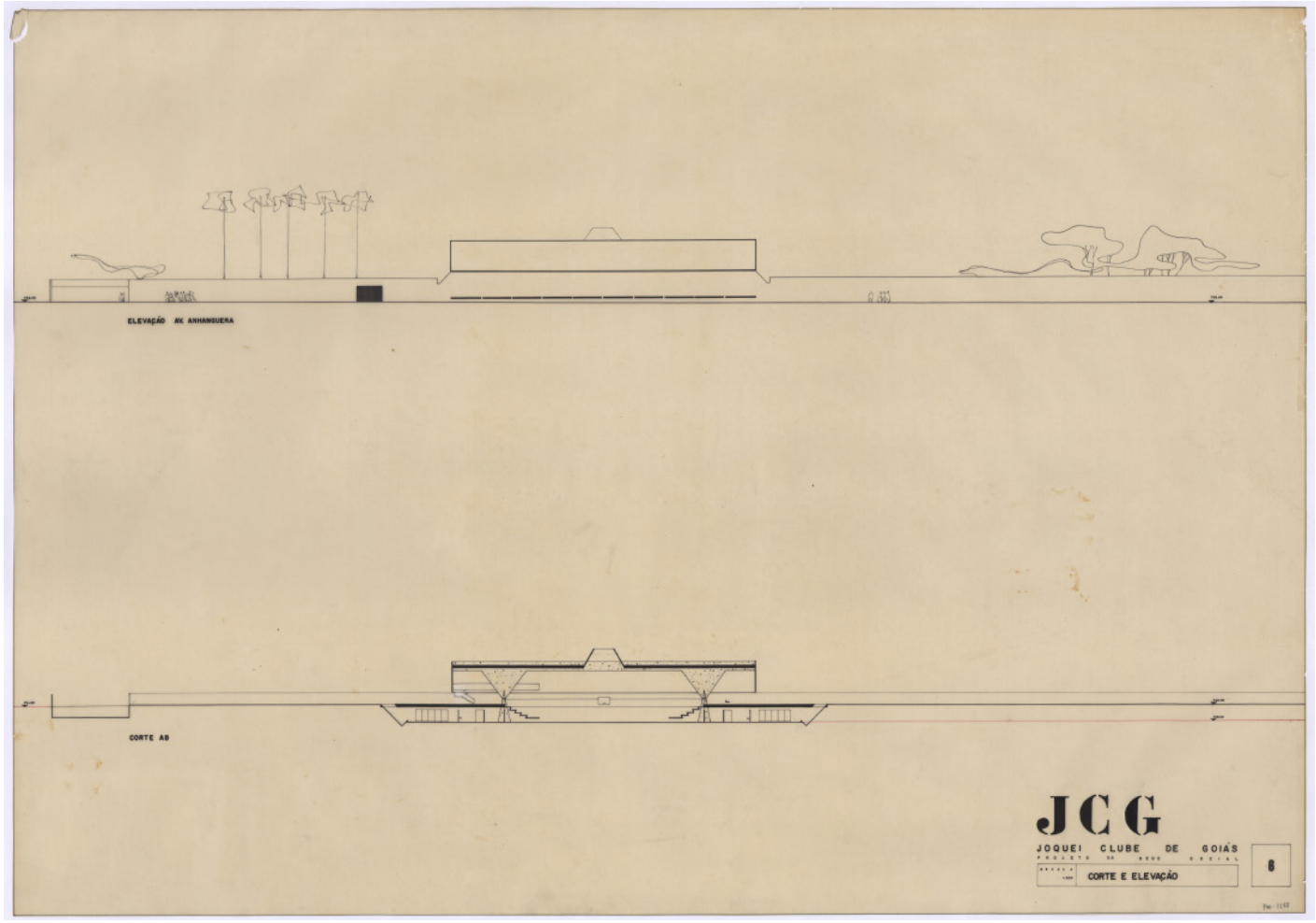


figura 22. JPT-CA-PMR-2-PA-021_01288. fonte: Casa da Arquitectura

Sede do Jóquei Clube de Goiás 1962

goiás

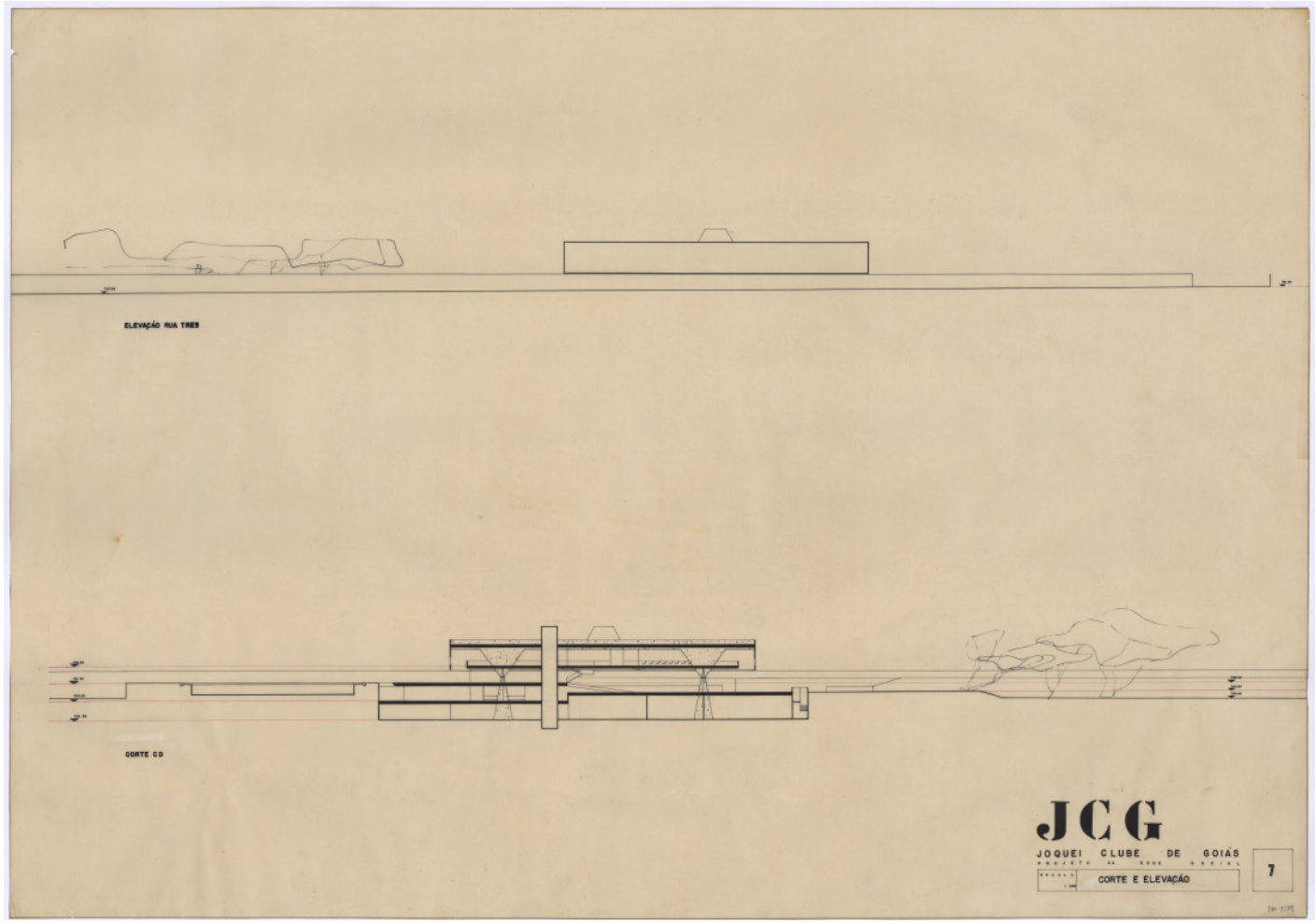


figura 23. PT-CA-PMR-2-PA-021_01289. fonte: Casa da Arquitectura

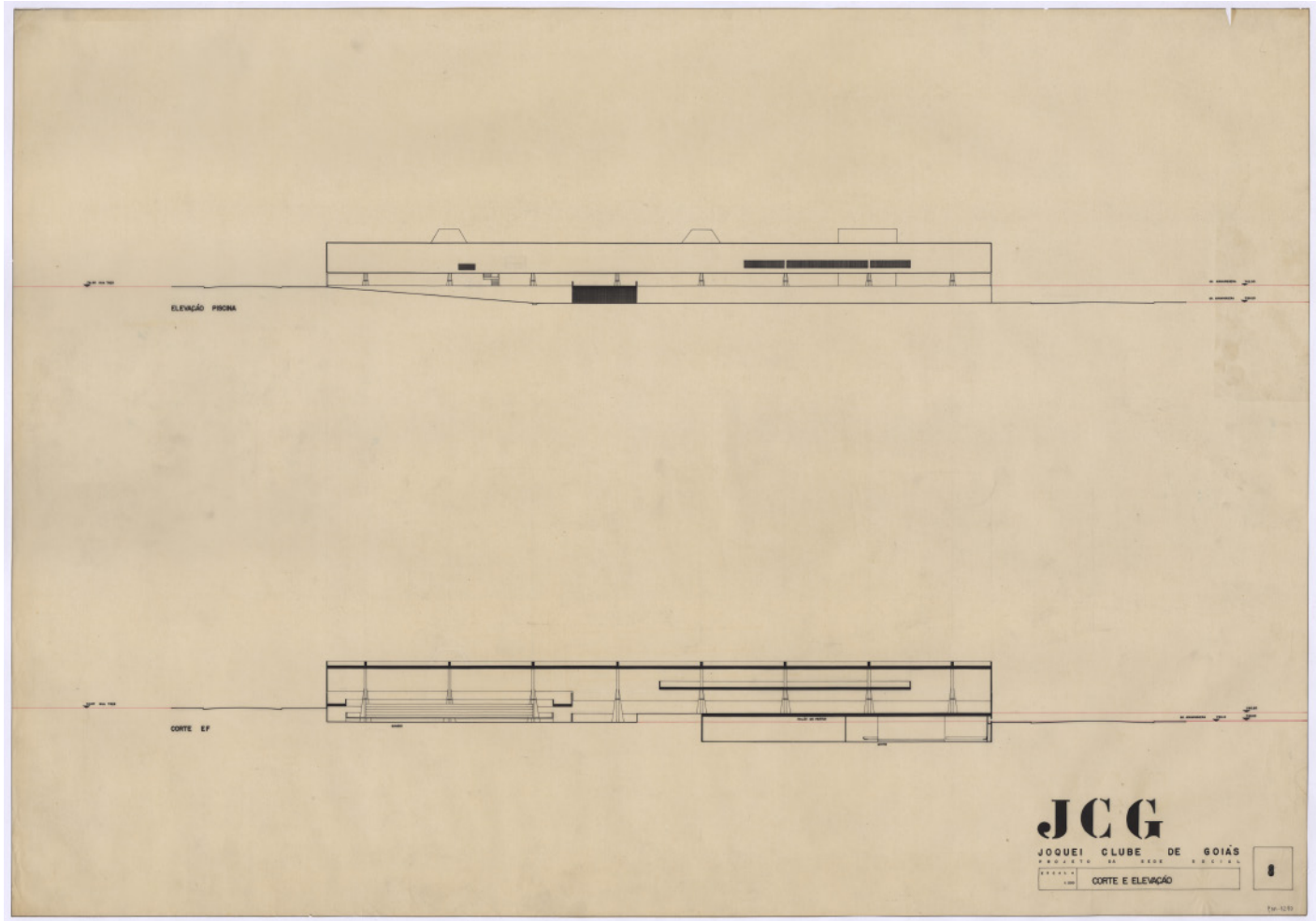


figura 24. JPT-CA-PMR-2-PA-021_01290. fonte: Casa da Arquitectura

Sede do Jóquei Clube de Goiás 1962

goiás

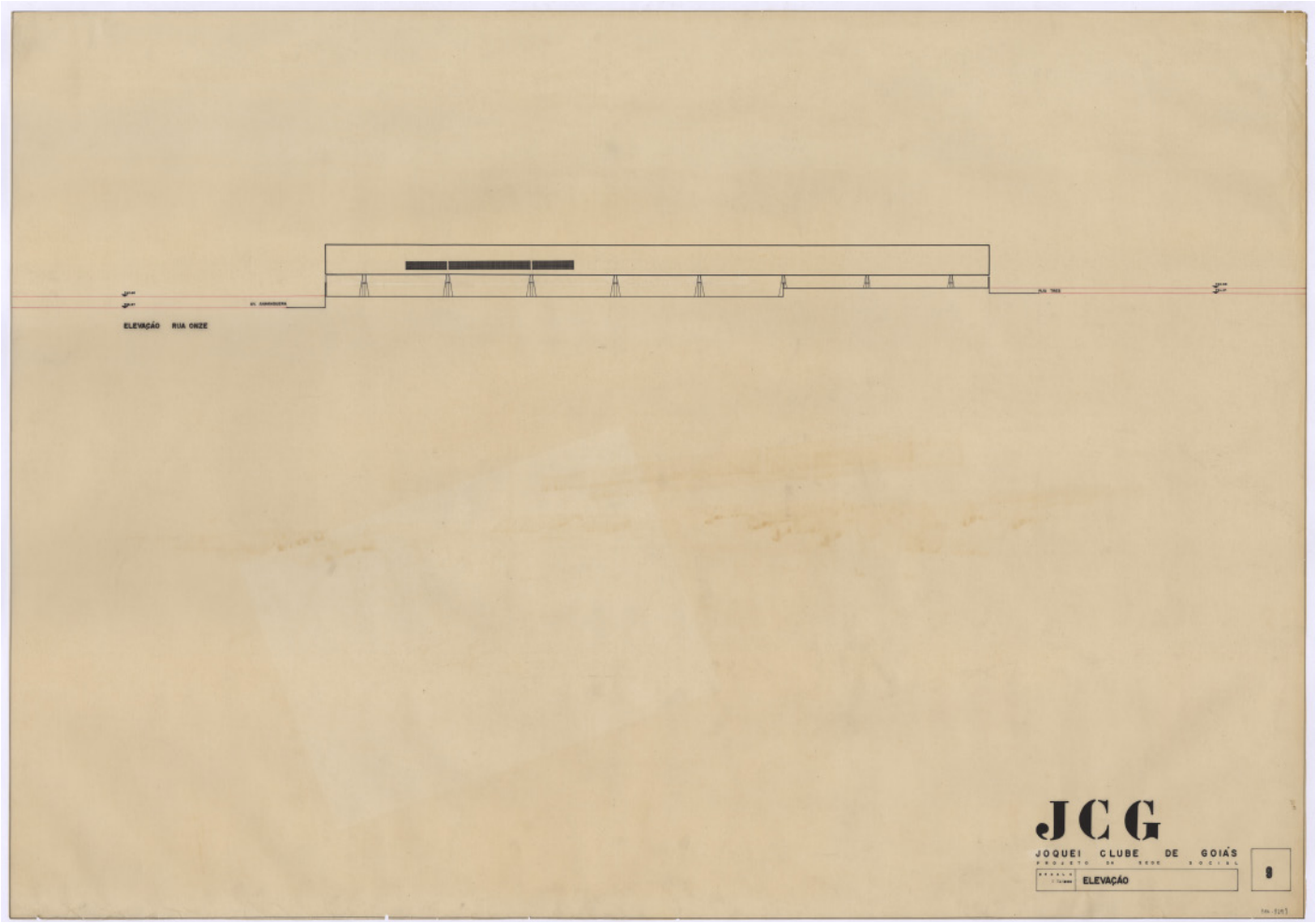


figura 25. PT-CA-PMR-2-PA-021_01291. fonte: Casa da Arquitectura

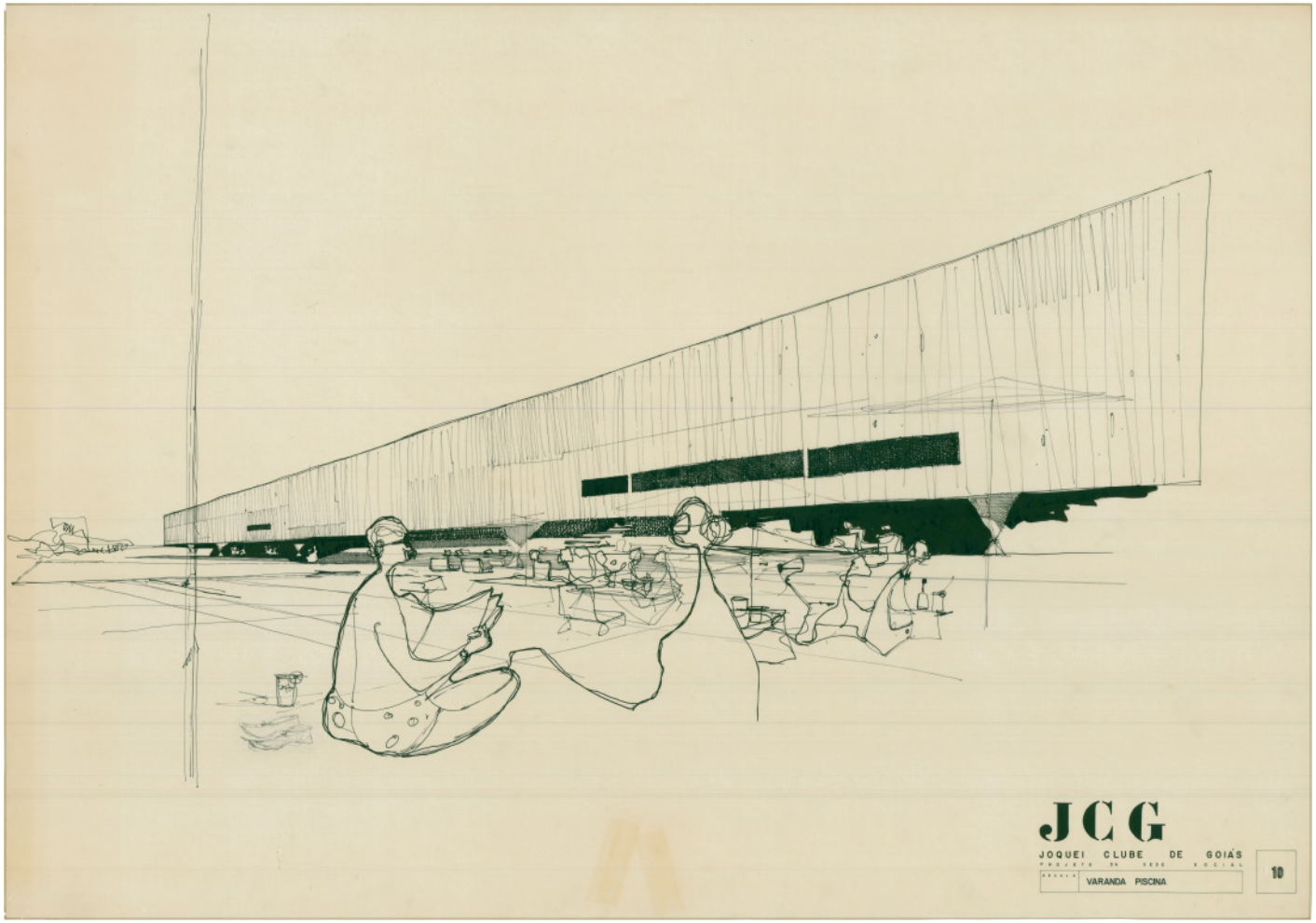


figura 26. Joquei Clube de Goias Fl 10. fonte: Escritório PMR

Sede do Jóquei Clube de Goiás 1962

goiás

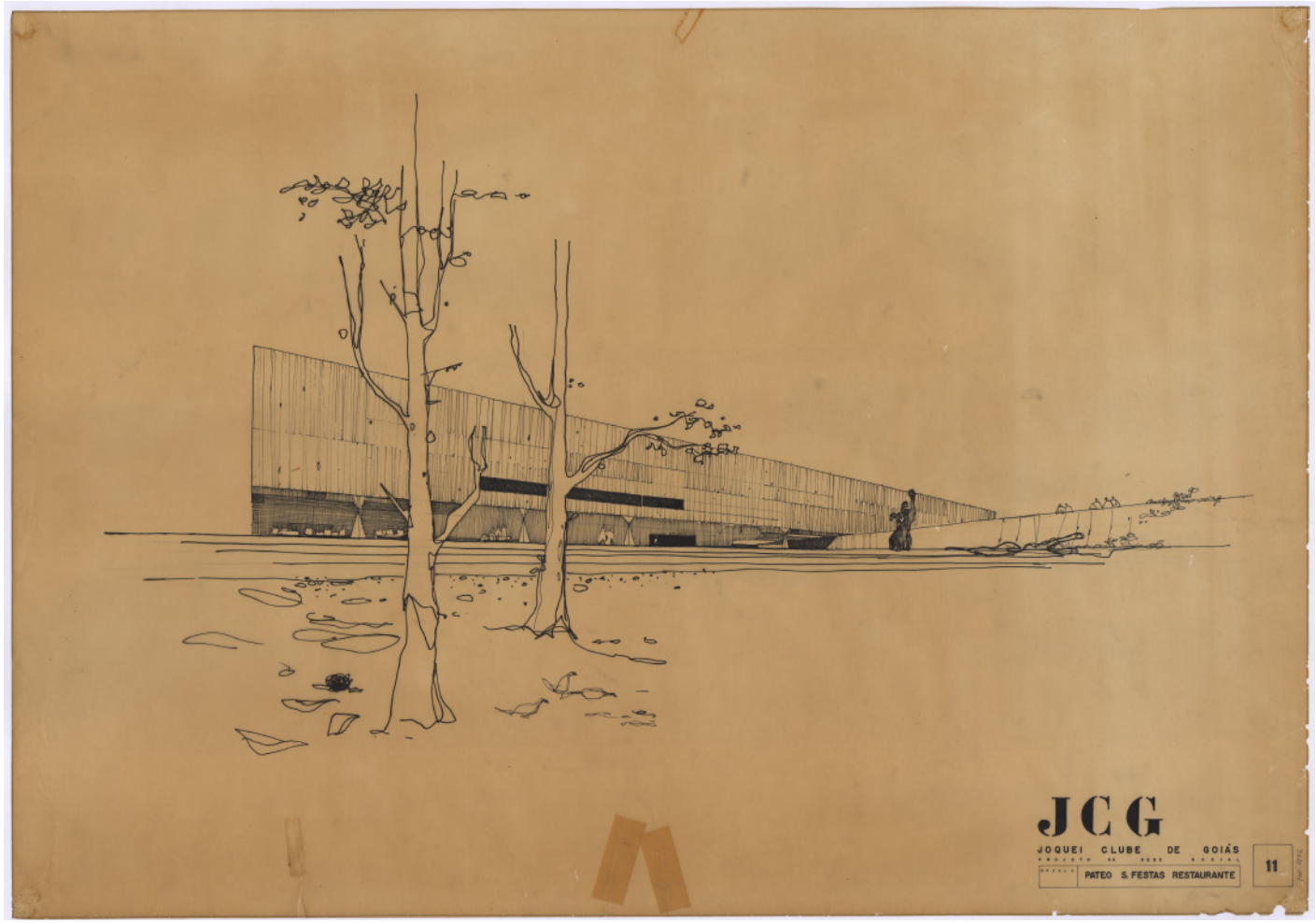


figura 27. JPT-CA-PMR-2-PA-021_01292. fonte: Casa da Arquitectura

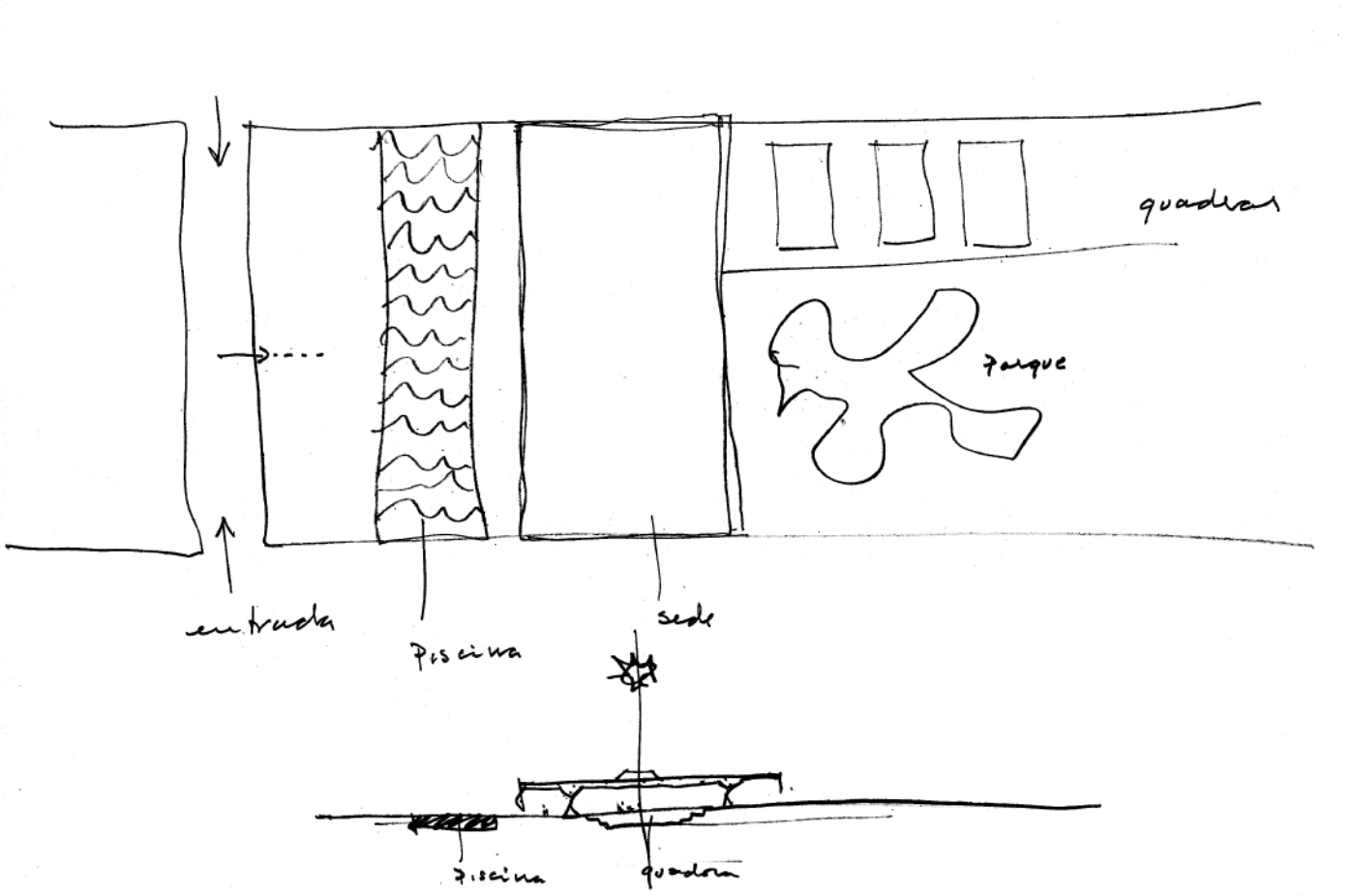


figura 28. pmr-c-jcg-croqui-01. fonte: Escritório PMR

Sede do Jóquei Clube de Goiás 1962

goiás

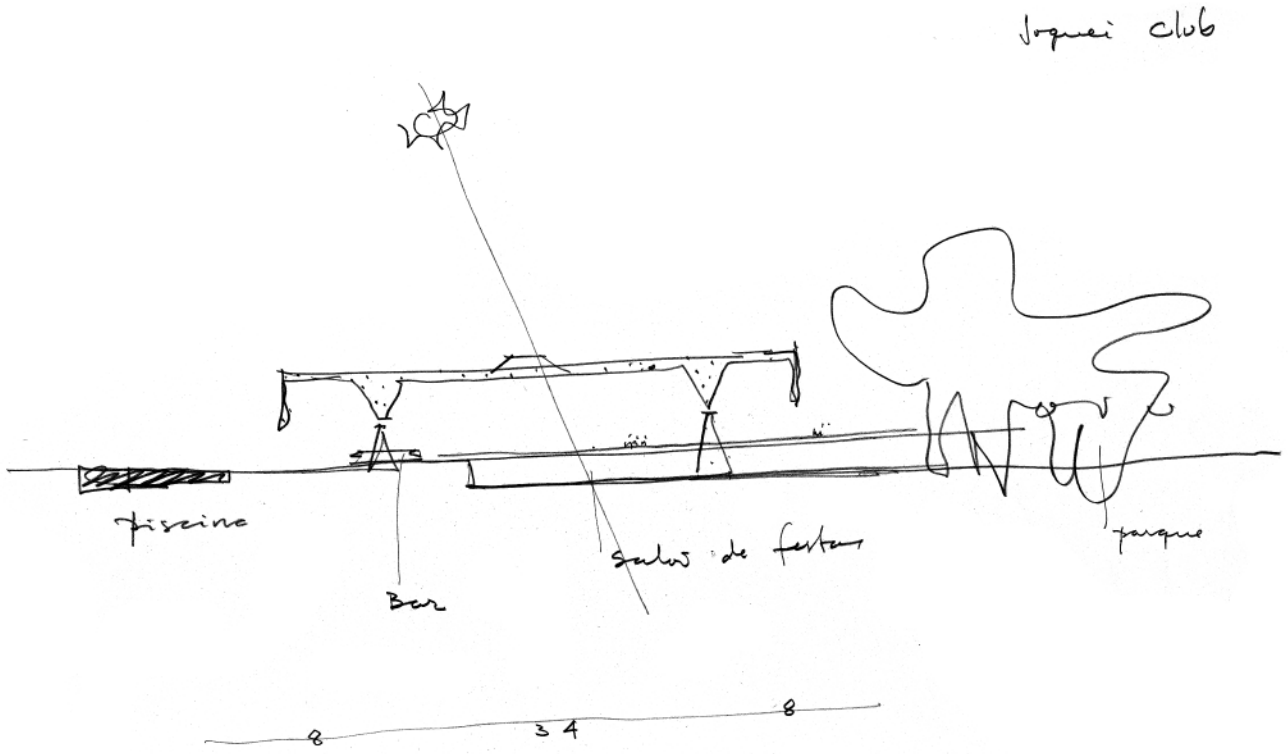


figura 29. pmr-c-jcg-croqui-02. fonte: Escritório PMR



figura 30. pmr-c-jcg-maquete-01. fonte: Escritório PMR

Clube da Orla do Guarujá 1963

são paulo

_ Tipo de Concurso

fechado (carta convite)

_ Entidade Promotora

Clube da Orla

_ Organizador do Concurso

_Número de Projetos Entregues

9

_ Colocação Paulo Mendes da Rocha

não premiado

_ Premiados

1° lugar- Israel Sancovsky, Jerônimo Bonilha Esteves

_ Jurados

João Batista Vilanova Artigas

Oswaldo Arthur Bratke

Joaquim Guedes

_ Anotações

projeto vencedor não foi construído

_ Acervo Disponível

acervo completo (disponível na Casa da Arquitectura)

_ Equipe de Projeto

Paulo Mendes da Rocha (autor)

_ Bibliogafia

ARTIGAS, R. Paulo Mendes da Rocha. São Paulo: Cosac Naify, 2000.

ACRÓPOLE. São Paulo: Editora Max Gruenwald & Cia., ano 25, n. 300, OUT. 1963.

ACRÓPOLE. São Paulo: Editora Max Gruenwald & Cia., ano 26, n. 307, OUT. 1964.

ACRÓPOLE. São Paulo: Editora Max Gruenwald & Cia., ano 29, n. 342, OUT. 1967.

FLYNN, M. H. Concursos de arquitetura no Brasil 1850-2000. 2001. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo.

PISANI, D. Paulo Mendes da Rocha, Obra Completa. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

SPIRO, A. Paulo Mendes da Rocha, Bauten und Projekte. Zurich: Niggli, 2002.

SOBREIRA, F; FLYNN, M. H.; RIBEIRO, P.V.B. (orgs.) Paulo Mendes da Rocha: sobre concursos e memórias (entrevista). Brasília: MGSR, 2018.

Clube da Orla do Guarujá 1963

são paulo

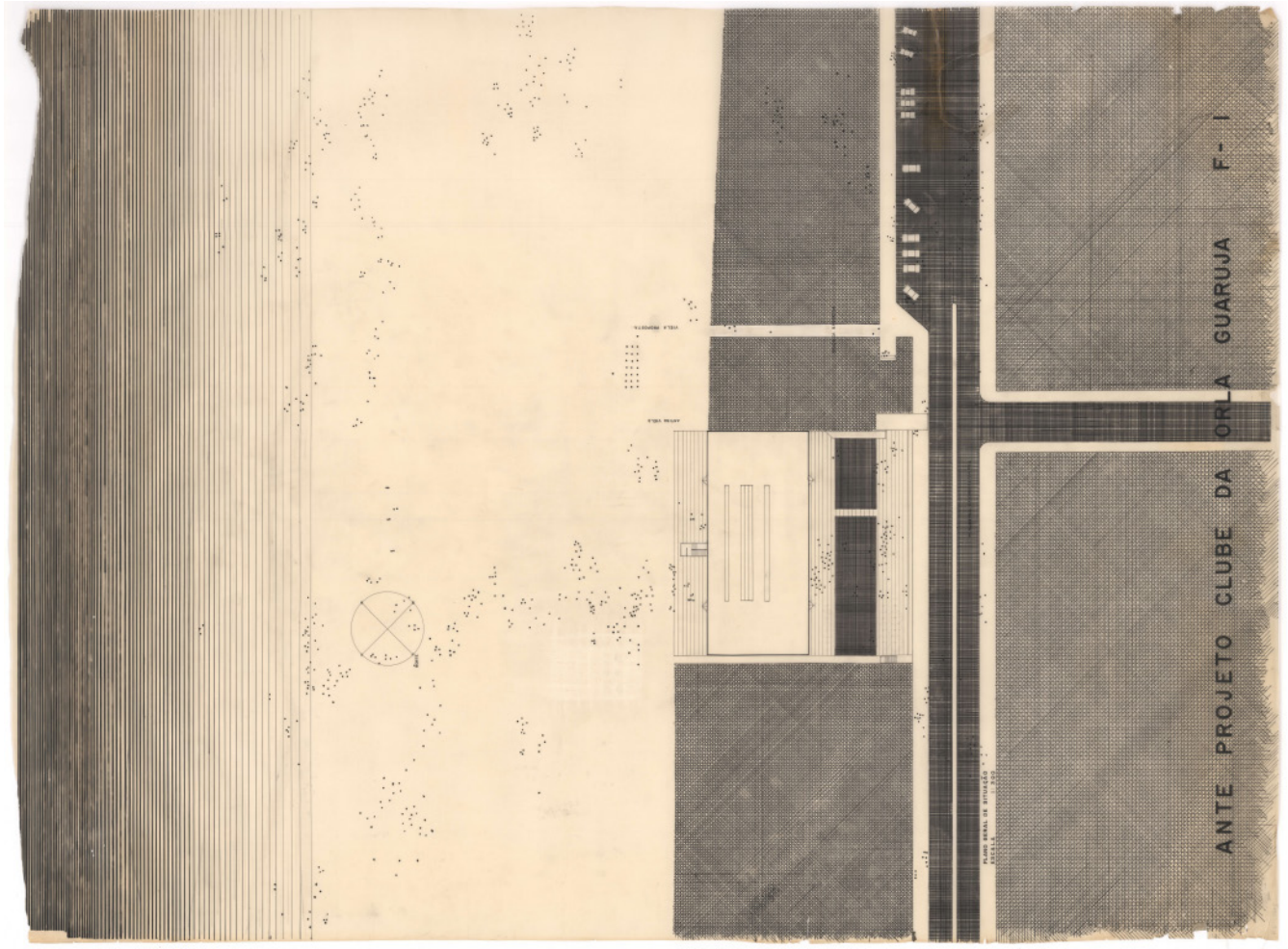


figura 31. PT_CA_PMR_2_PA-028-01-0001. fonte: Casa da Arquitectura

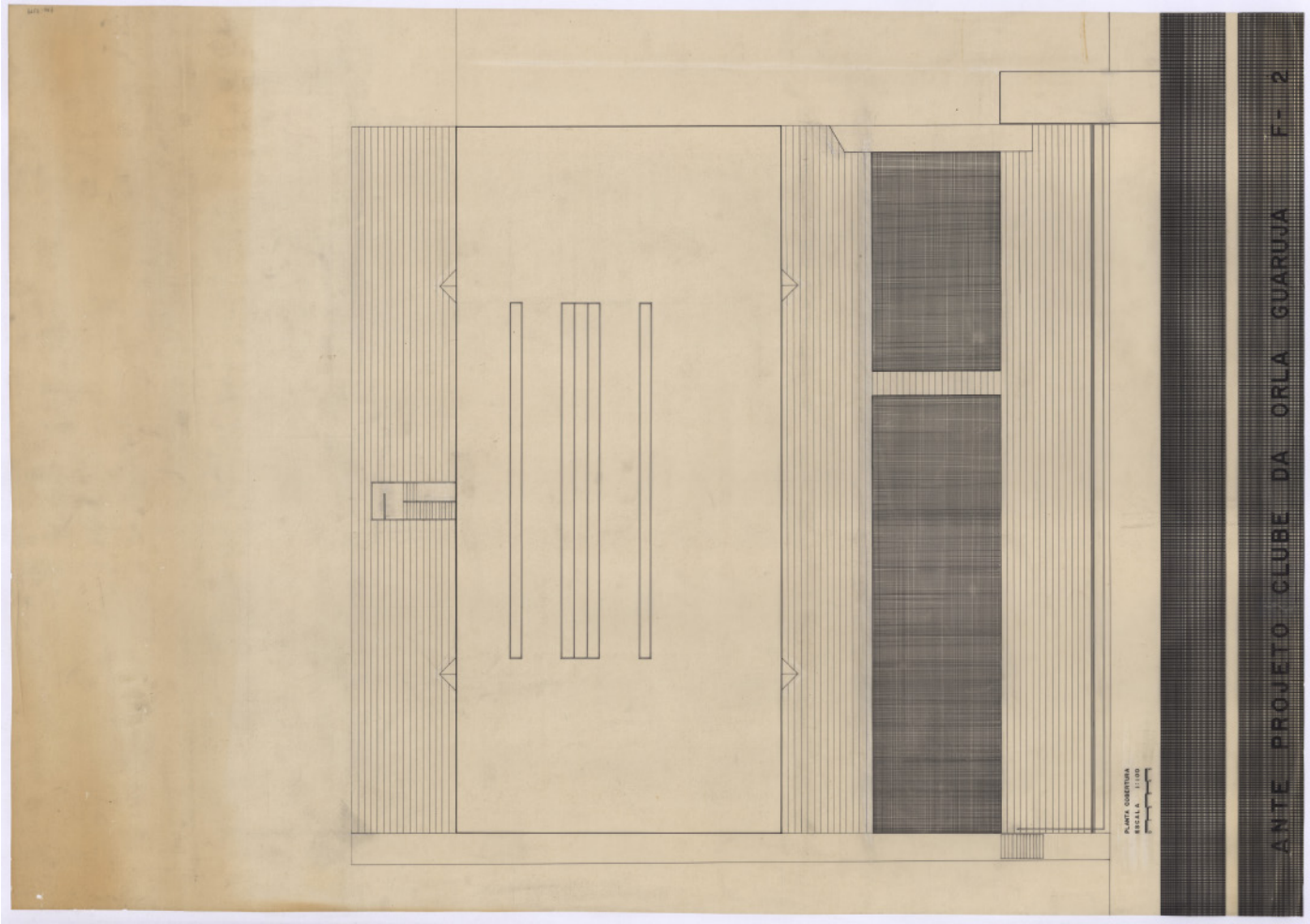


figura 32. PT-CA-PMR-2-PA-028_01019. fonte: Casa da Arquitectura

Clube da Orla do Guarujá 1963

são paulo

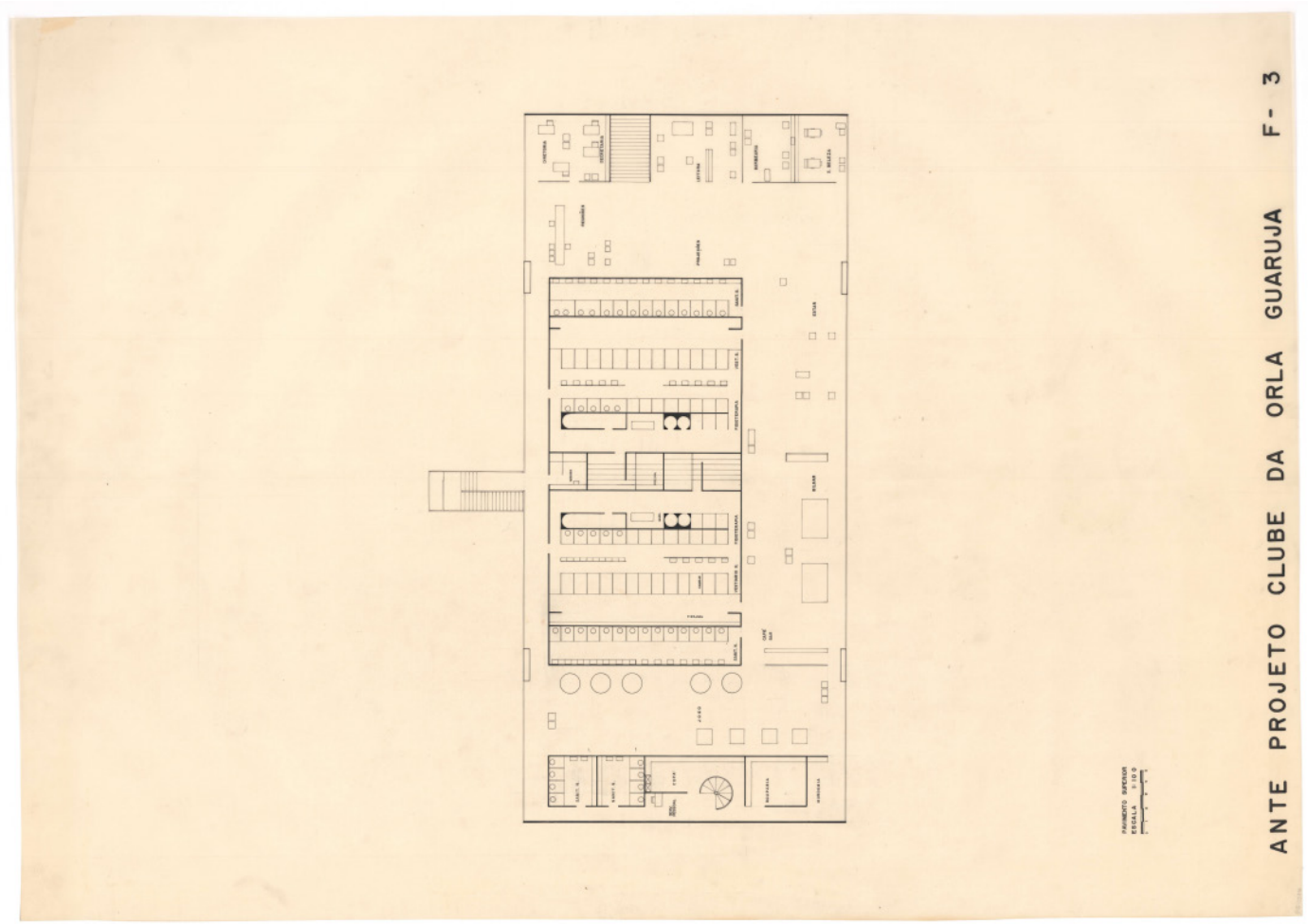


figura 33. PT_CA_PMR_2_PA-028-01-0002. fonte: Casa da Arquitectura

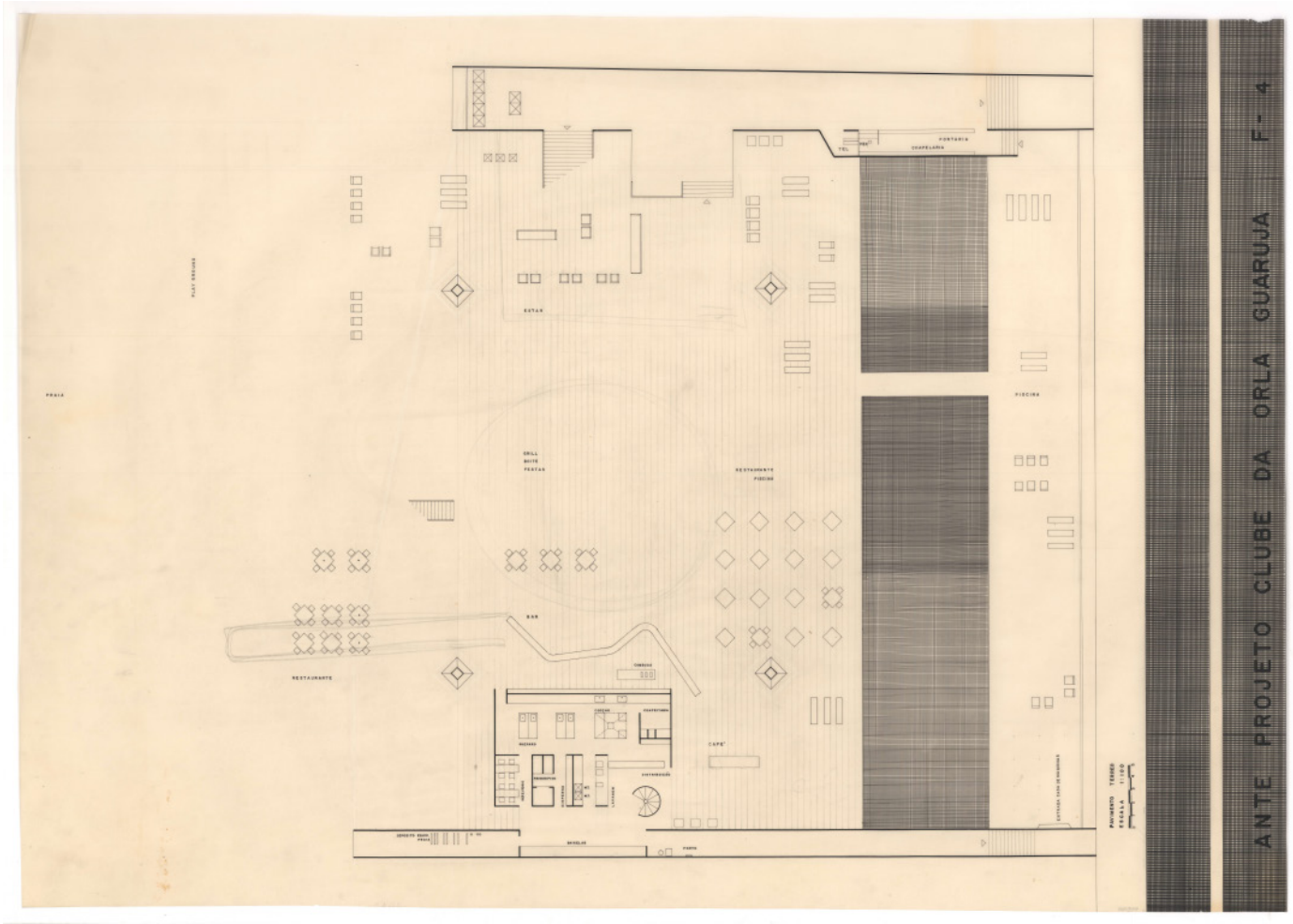


figura 34. PT_CA_PMR_2_PA-028-01-0003. fonte: Casa da Arquitectura

Clube da Orla do Guarujá 1963

são paulo

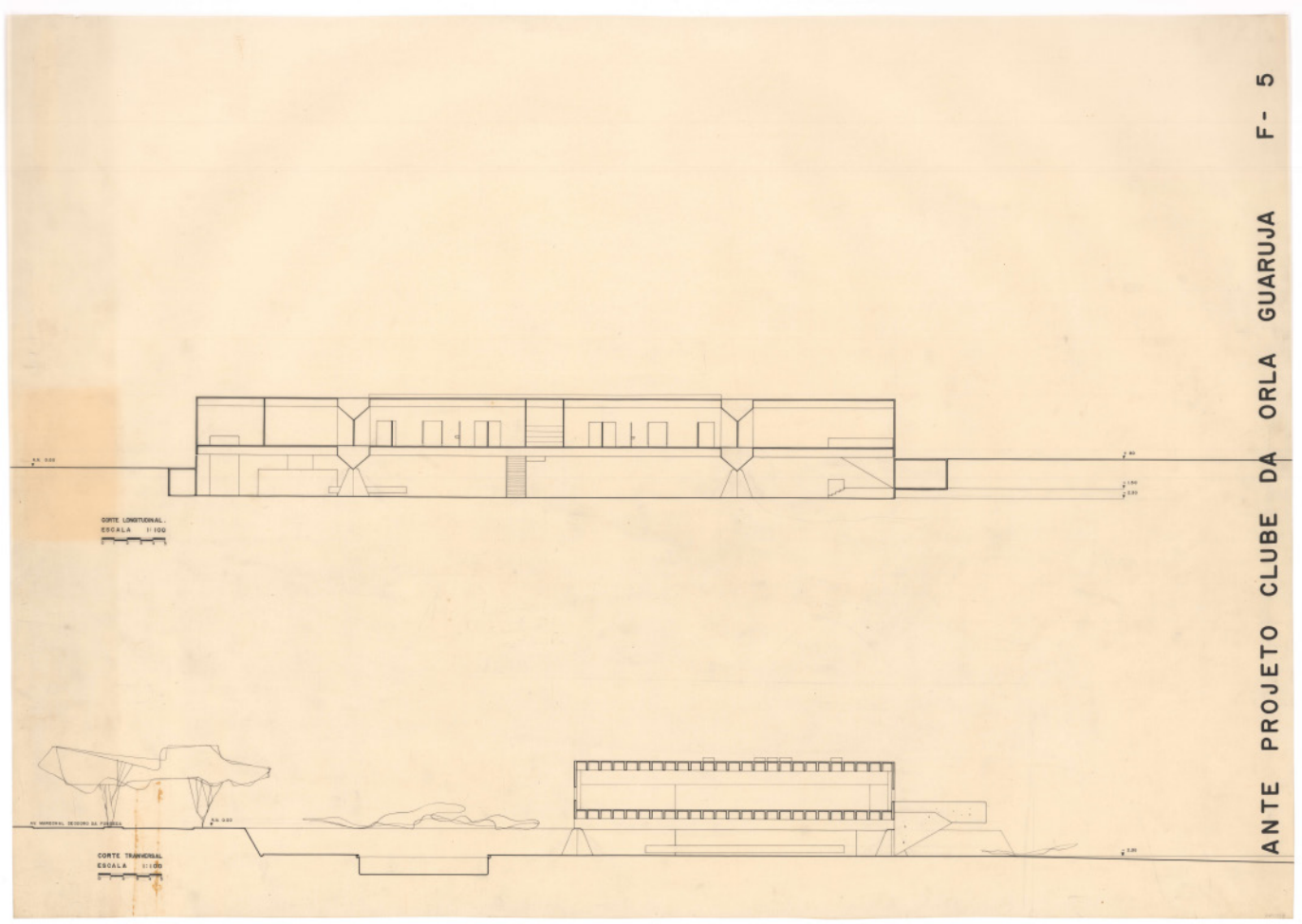


figura 35. PT_CA_PMR_2_PA-028-01-0004. fonte: Casa da Arquitectura

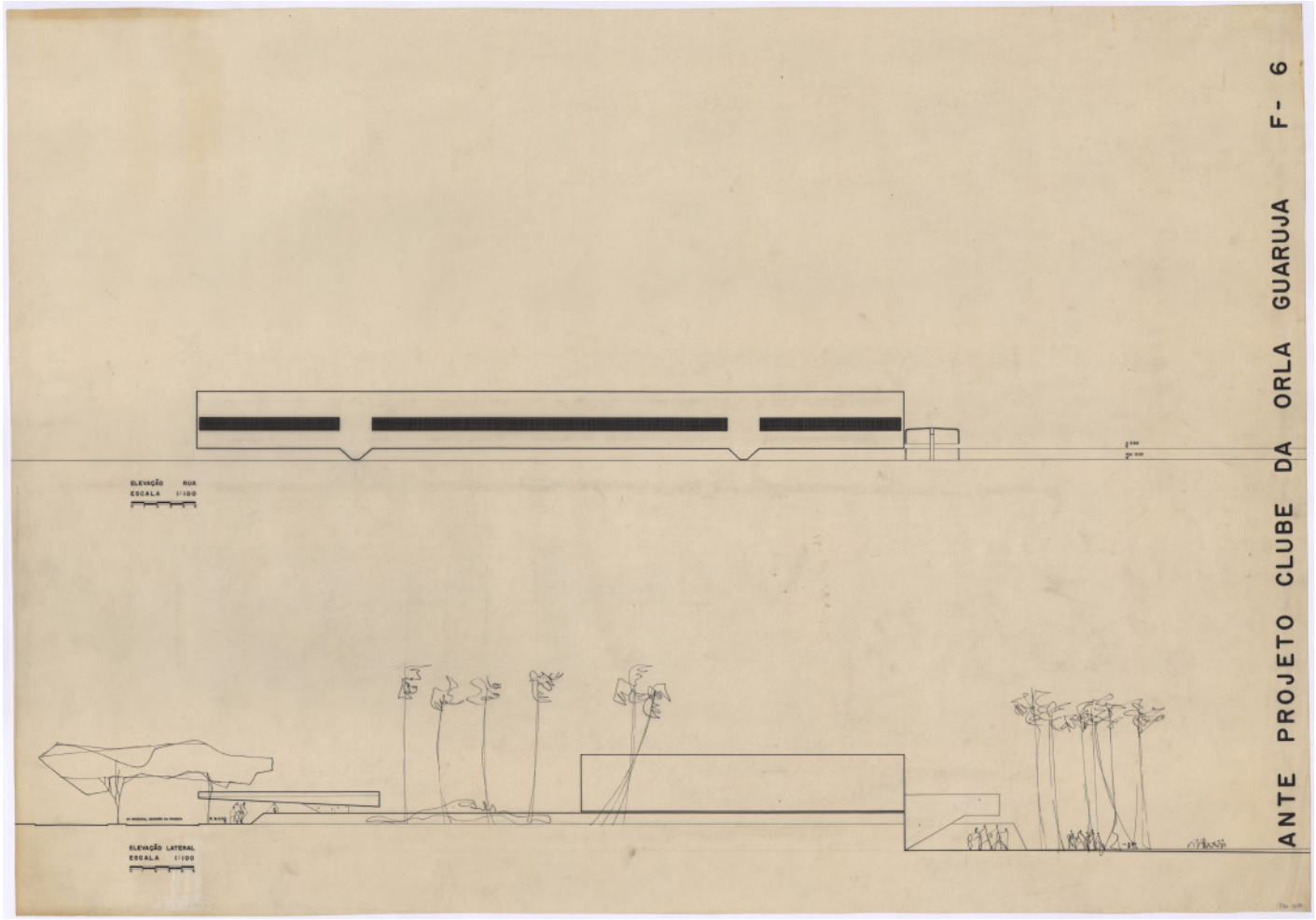


figura 36. PT-CA-PMR-2-PA-028_01020. fonte: Casa da Arquitectura

Clube da Orla do Guarujá 1963

são paulo

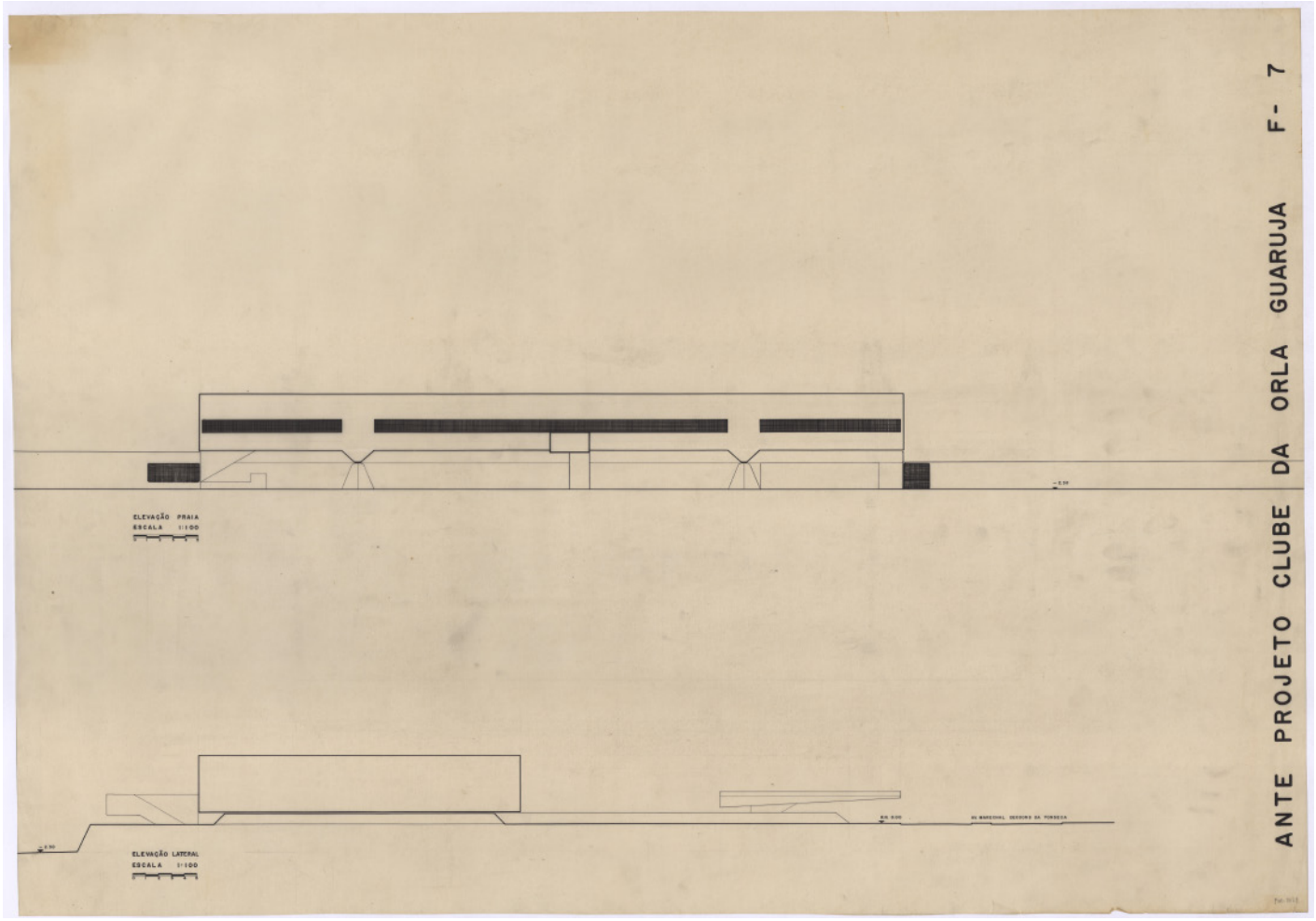


figura 37. PT-CA-PMR-2-PA-028_01021. fonte: Casa da Arquitectura

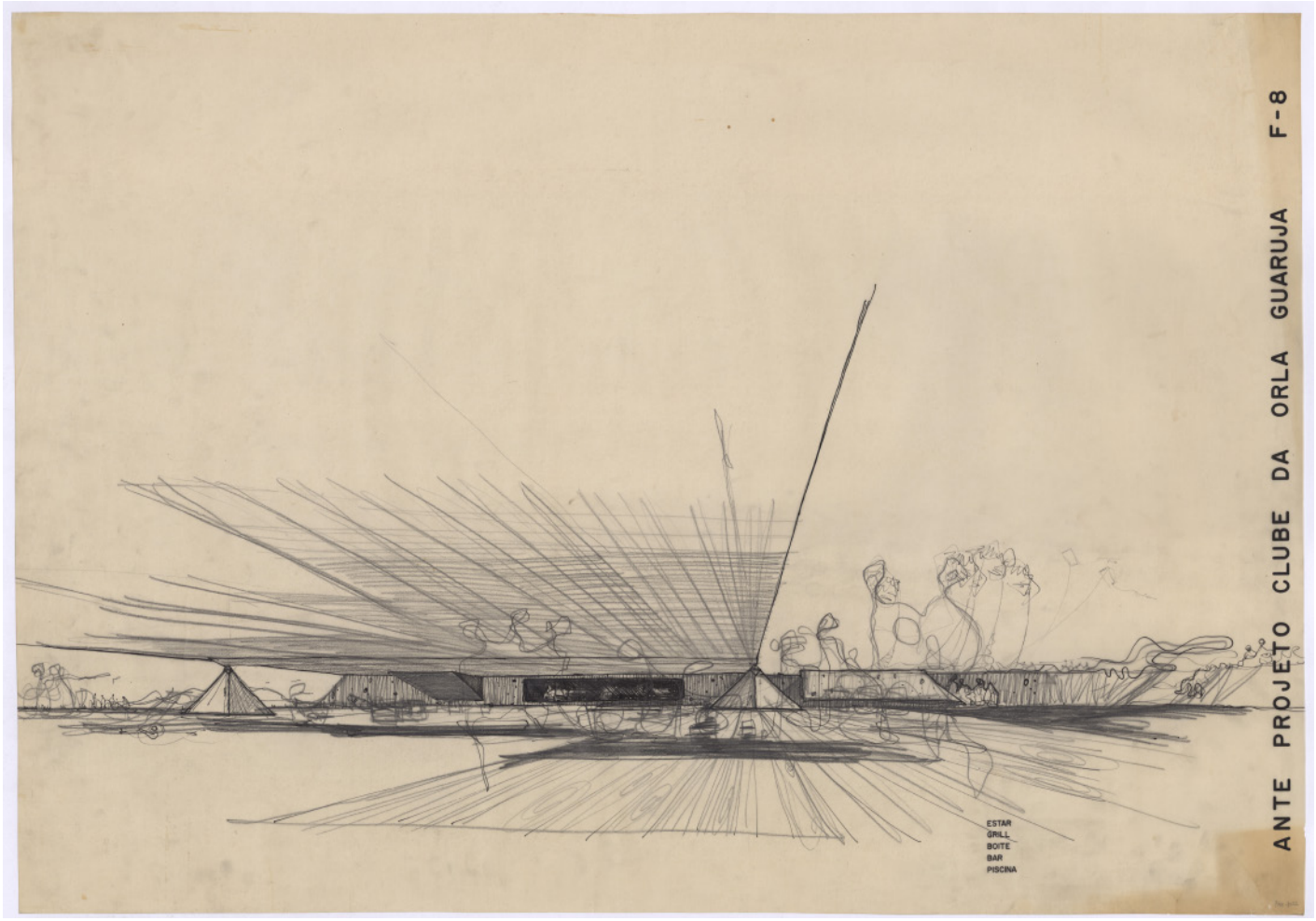


figura 38. PT-CA-PMR-2-PA-028_01022. fonte: Casa da Arquitectura

Clube da Orla do Guarujá 1963

são paulo

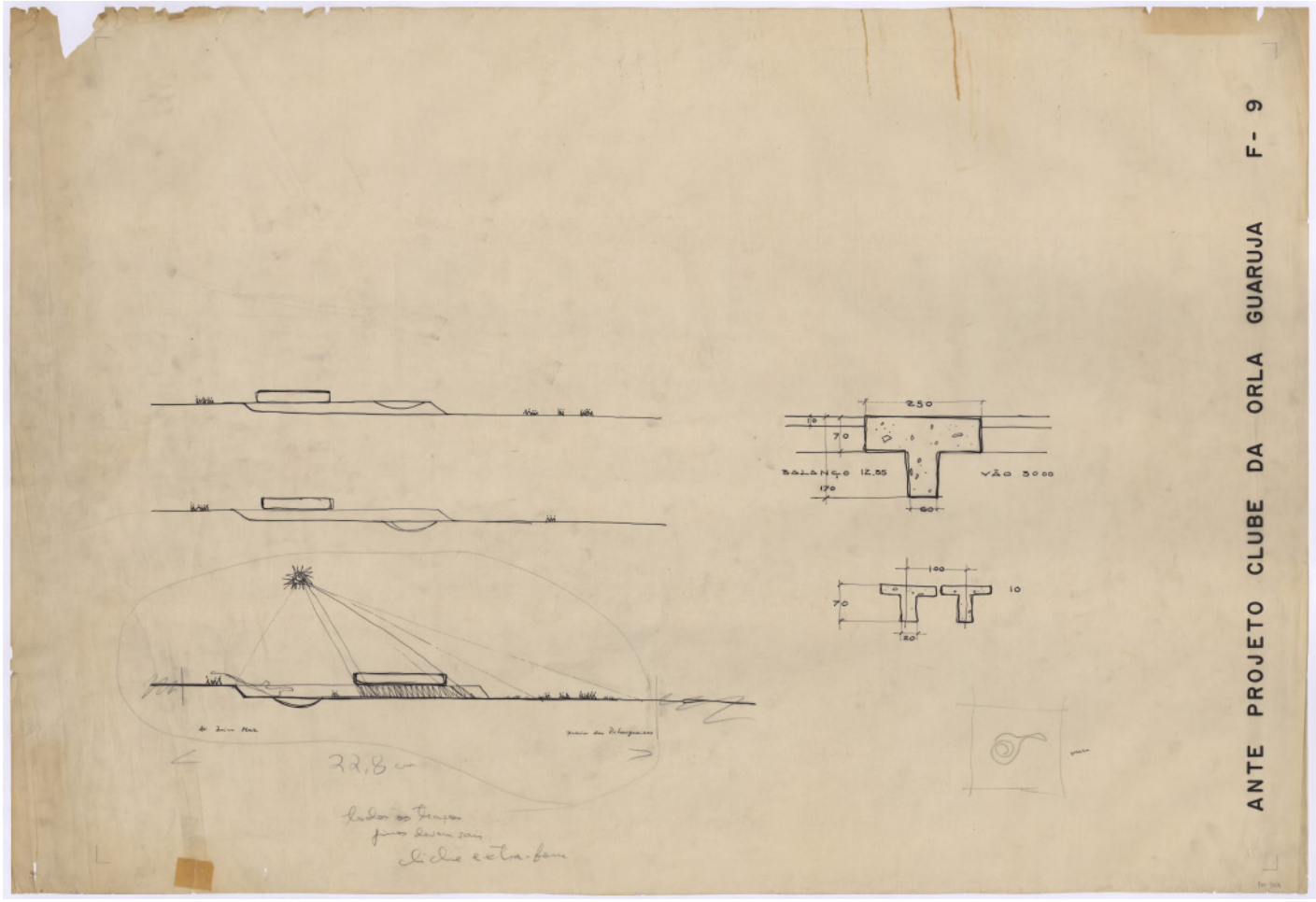


figura 39. PT-CA-PMR-2-PA-028_01024. fonte: Casa da Arquitectura

Clube da Orla do Guarujá 1963

são paulo

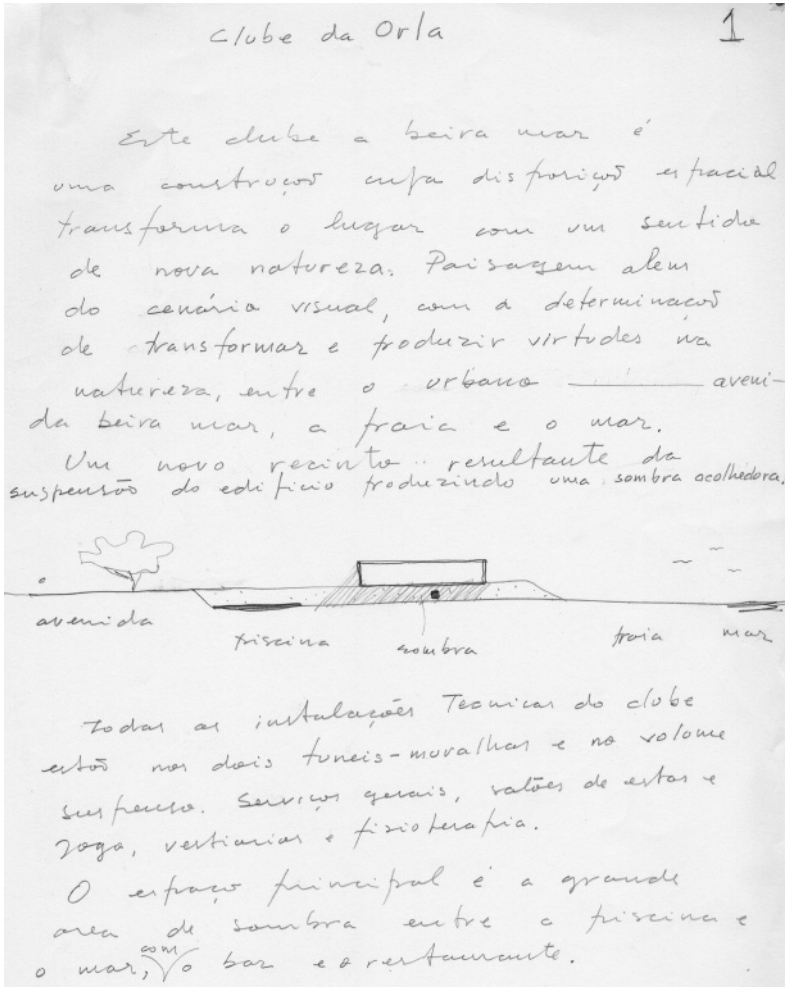


figura 40. pmr-c-cog-mem-00. fonte: Escritório PMR

Edifício Sede da Petróleo Brasileiro (PETROBRÁS) 1966

rio de janeiro

_ Tipo de Concurso

público nacional

_ Entidade Promotora

PETROBRÁS

_ Organizador do Concurso

Comissão designada pela Petrobrás

Grupo Executivo- Construção Edifício Sede

Chefe- Ary Fontoura de Arambuja

_Número de Projetos Entregues

32

_ Colocação Paulo Mendes da Rocha

não premiado

_ Premiados (Projetos selecionados)

Roberto Luis Gandolfi (vencedor)

Paulo de Mello Bastos

David Ottoni e Dácio Ottoni

Manoel R. Siqueira Figueiredo

Miguel Alves Pereira

_ Jurados

Vilanova Artigas
Mauro Ribeiro Viegas
Hélio Ribas Marinho
Ernane Vasconcelos
Lucas Mayerhofer
Ruy Guaraná
Antonio Tinoco Netto

_ Anotações-

- concurso realizado em duas fases
- alguns croquis foram refeitos por Pedro Paulo de Mello Saraiva para a publicação de Espallargas (2016)
- consta na lista da Casa da Arquitectura, porém não há arquivos disponíveis

_ Acervo Disponível

não foram encontrados registros no acervo do arquiteto

_ Equipe de Projeto

_ Bibliogafia

FLYNN, M. H. Concursos de arquitetura no Brasil 1850-2000. 2001. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo.

ESPALLARGAS GIMENEZ, L. Pedro Paulo de Melo Saraiva, arquiteto. São Paulo: Romano Guerra e Instituto Lina Bo e P.M. Bardi, 2016.

PISANI, D. Paulo Mendes da Rocha, Obra Completa. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

SOBREIRA, F; FLYNN, M. H.; RIBEIRO, P.V.B. (orgs.) Paulo Mendes da Rocha: sobre concursos e memórias (entrevista). Brasília: MGSR, 2018.

Edifício-Sede da PETROBRÁS 1966

rio de janeiro

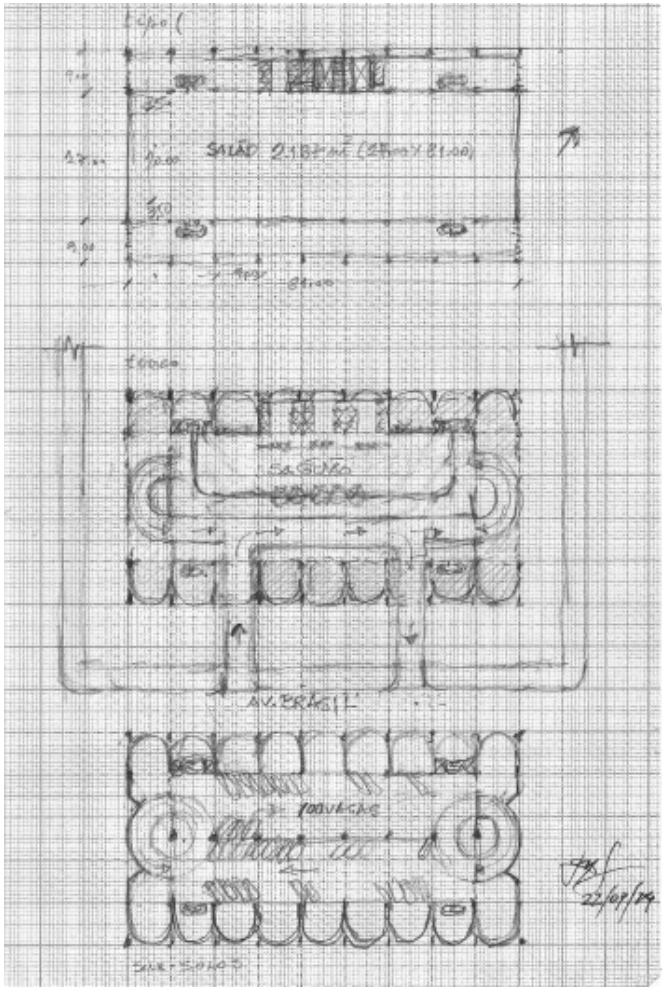


figura 41. croqui Pedro Paulo de Melo Saraiva. fonte: ESPALLARGAS GIMENEZ, 2016.

Sede Social do Esporte Clube Sírio São Paulo 1966

são paulo

_ Tipo de Concurso

fechado (carta convite)

_ Entidade Promotora

Esporte Clube Sírio São Paulo

_ Organizador do Concurso

IAB-SP

_Número de Projetos Entregues

9

_ Colocação Paulo Mendes da Rocha

não premiado

_ Premiados

1º lugar- Pedro Paulo de Melo Saraiva, Sami Bussab, Miguel Juliano e Silva, Mário Franco

_ Jurados

Alberto Rubens Botti

Rubens Carneiro Viana

Eduardo Corona

_ Anotações

a participação de Paulo Mendes da Rocha foi registrada apenas por Flynn (2001)

_ Acervo Disponível

não foram encontrados registros no acervo do arquiteto

_ Equipe de Projeto

_ Bibliogafia

FLYNN, M. H. Concursos de arquitetura no Brasil 1850-2000. 2001. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo.

Escola Técnica Federal de São Paulo 1969

são paulo

_ Tipo de Concurso

fechado (carta convite)

_ Entidade Promotora

Direção da Escola Técnica Federal São Paulo

_ Organizador do Concurso

IAB-SP

_Número de Projetos Entregues

-

_ Colocação Paulo Mendes da Rocha

não premiado

_ Premiados

1° lugar- Zenon Lotufo, Vitor Amaral Lotufo, Victor Piné, Cláudito Ganzerla

_ Jurados

_ Anotações

_ Acervo Disponível

não foram encontrados registros no acervo do arquiteto

_ Equipe de Projeto

_ Bibliogafia

FLYNN, M. H. Concursos de arquitetura no Brasil 1850-2000. 2001. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo.

PISANI, D. Paulo Mendes da Rocha, Obra Completa. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

Pavilhão do Brasil Expo Osaka 1969

japão

_ Tipo de Concurso

público nacional

_ Entidade Promotora

IAB Nacional

_ Organizador do Concurso

Itamaraty e Instituto de Arquitetos do Brasil -

_Número de Projetos Entregues

83

_ Colocação Paulo Mendes da Rocha

1° lugar

_ Premiados

2° lugar- K. Yamaguchi, Luigi Villavechia, Roberto Garcia, W. Caprera;
3° lugar- José Sanchotene, A. Willer, O. Muller;
4º lugar- Flávio Mindlin Guimarães, M. S. Landa;
4º lugar- Francisco Petraco, Edgar G. Dente, Ana Maria de Biase, Maria Helena Flynn, Miguel Juliano e Silva, A. Talaat, J. Zeido, Y. Nacagawa, J. A. Candolo, C. R. Azevedo, M. Acayaba;
4º lugar- Siegbert Zanettini;
4º lugar- Ivan Mizoguchi, R. Malinski;
4º lugar- A. Pontual, B. Pontual, R. Lifschits, M. Flaksman, W. Reiber.

_ Jurados

Pedro Paulo de Melo Saraiva | Henrique Ephim Mindlin | Miguel Alves Pereira | Giancarlo Gasperini | José Eugenio Macedo Soares

_ Anotações

- Paulo Mendes da Rocha teve o seus direitos como profissional e professor cassados pelo AI-5 no mesmo periodo do resultado do concurso
- o projeto de expografia elaborado junto com o professor Flavio Motta foi consurado pelo governo militar
- ainda que tenha havido o interesse por parte de Instituições japonesas de manter o edifício construído, o governo brasileiro optou pela demolição

_ Acervo Disponível

acervo completo (disponível na Casa da Arquitectura)

_ Equipe de Projeto

Flávio L. Motta | Rui Ohtake | Marcelo Nitsche | Siguer Mitsutani

Julio Katinsky | Jorge Caron | Carmela Gross

_ Bibliogafia

ARTIGAS, R. Paulo Mendes da Rocha. São Paulo: Cosac Naify, 2000.

ACRÓPOLE. São Paulo: Editora Max Gruenwald & Cia., ano 30, n. 361, MAI. 1969.

FLYNN, M. H. Concursos de arquitetura no Brasil 1850-2000. 2001. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo.

OTONDO, C. Relações entre pensar e fazer na obra de Paulo Mendes da Rocha. 247 p. Tese (Doutorado em Arquitetura e urbanismo). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

PISANI, D. Paulo Mendes da Rocha, Obra Completa. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

SOBREIRA, F; FLYNN, M. H.; RIBEIRO, P.V.B. (orgs.) Paulo Mendes da Rocha: sobre concursos e memórias (entrevista). Brasília: MGSR, 2018.

Pavilhão do Brasil Expo Osaka 1969

japão

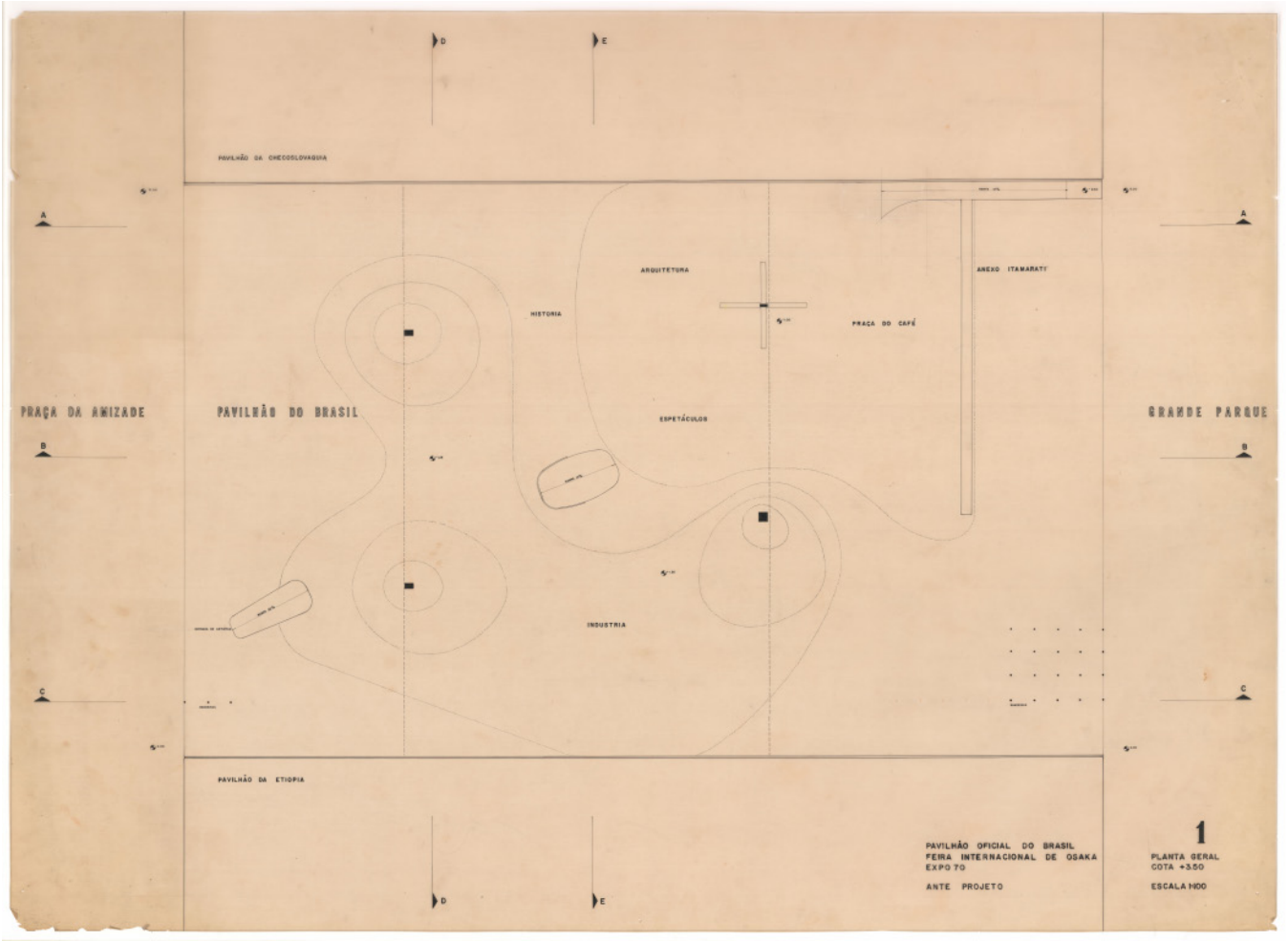


figura 42. PT_CA_PMR_3_PA-002-01-0008. fonte: Casa da Arquitectura

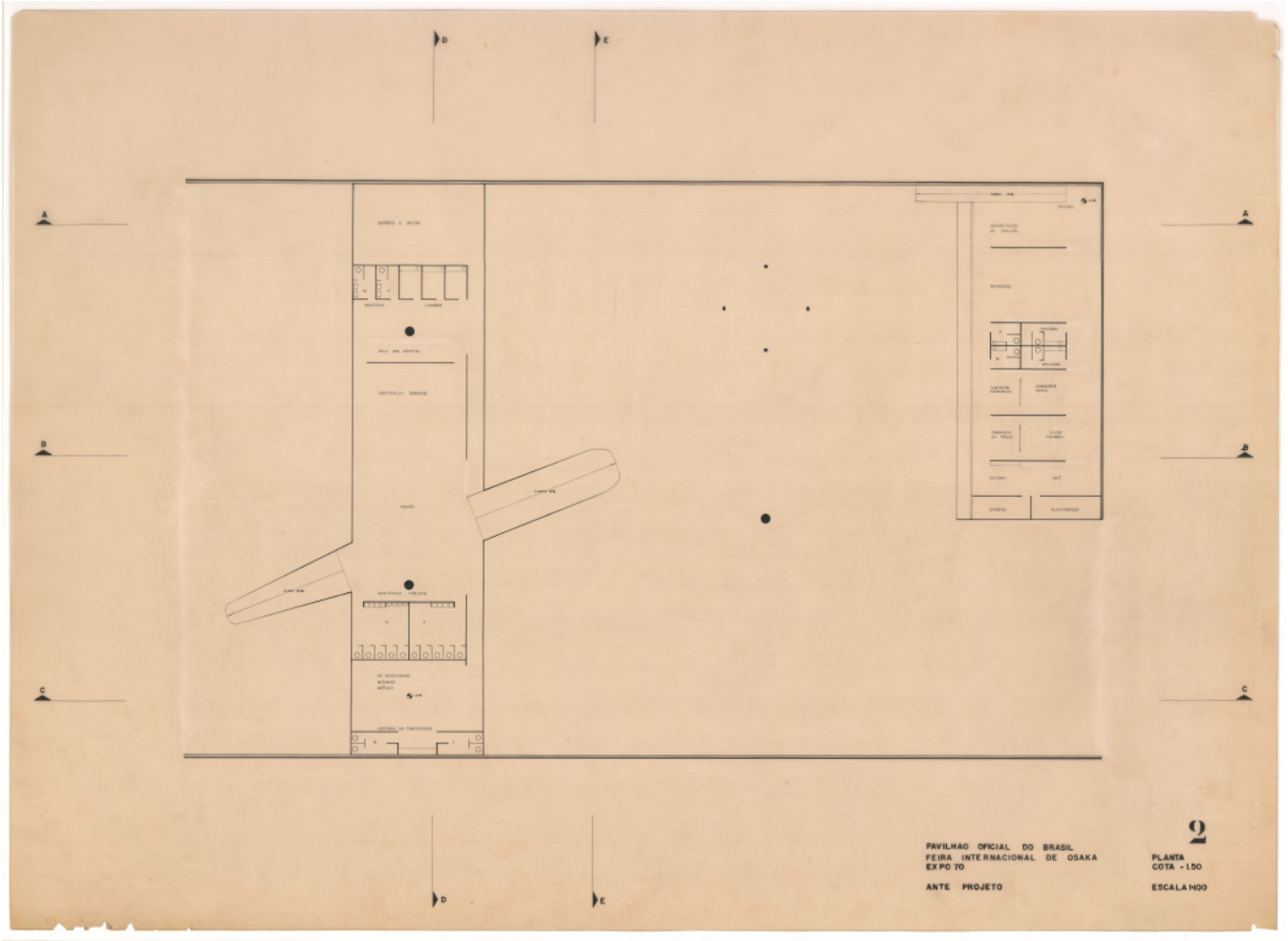


figura 43. PT_CA_PMR_3_PA-002-01-0009. fonte: Casa da Arquitectura

Pavilhão do Brasil Expo Osaka 1969

japão

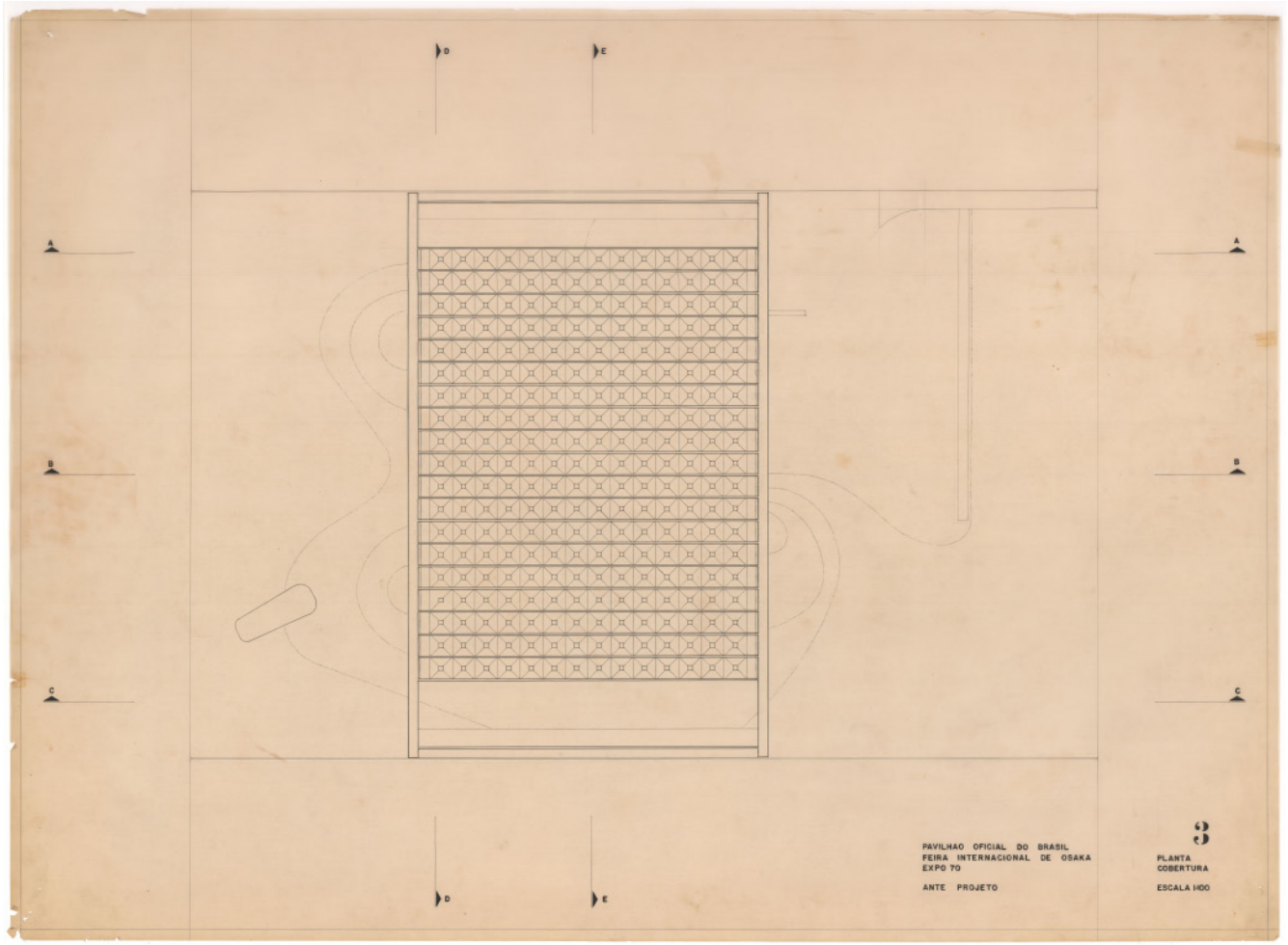
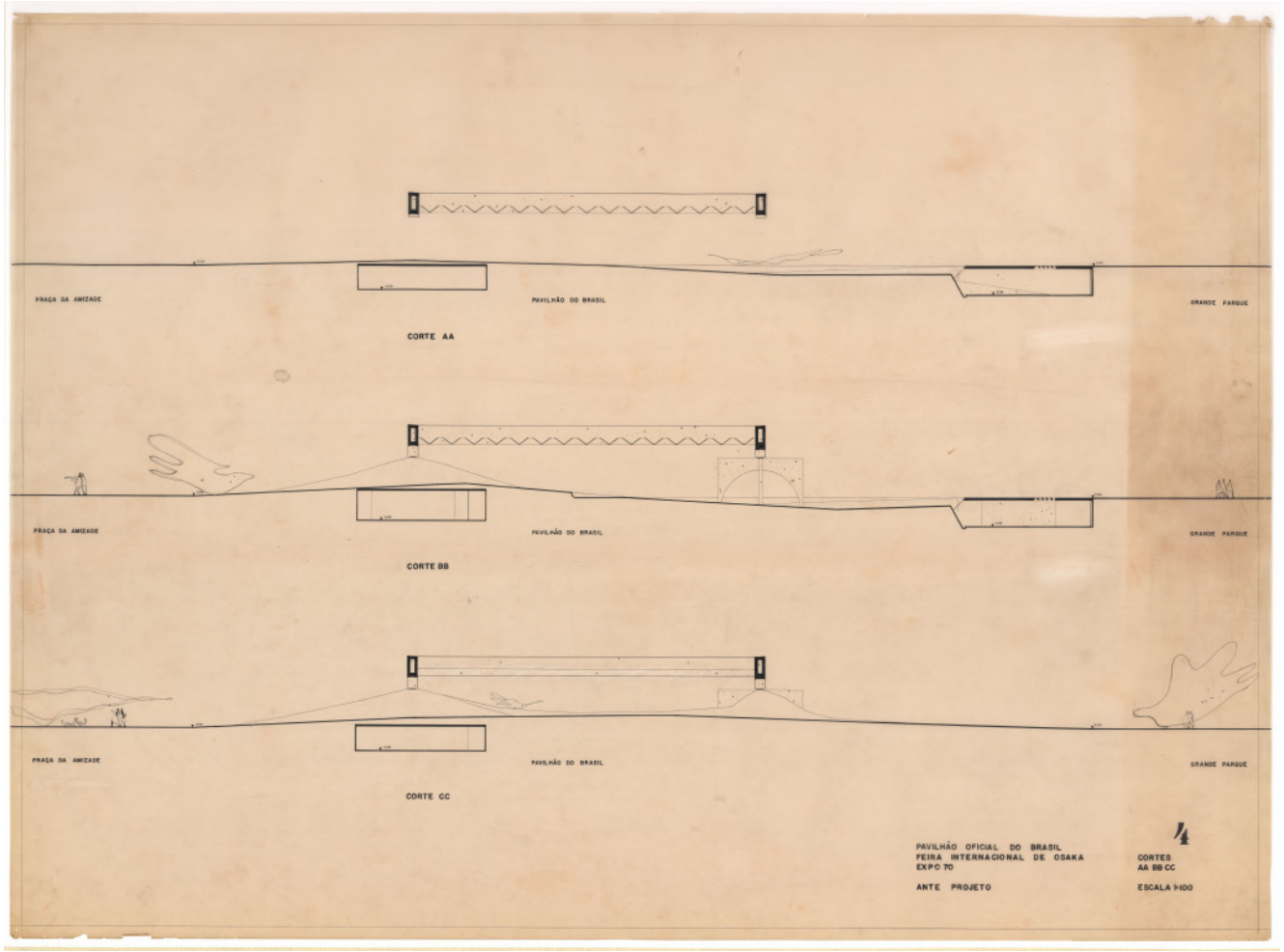


figura 44. PT_CA_PMR_3_PA-002-01-0010. fonte: Casa da Arquitectura



fonte 45. PT_CA_PMR_3_PA-002-01-0011. fonte: Casa da Arquitectura

Pavilhão do Brasil Expo Osaka 1969

japão

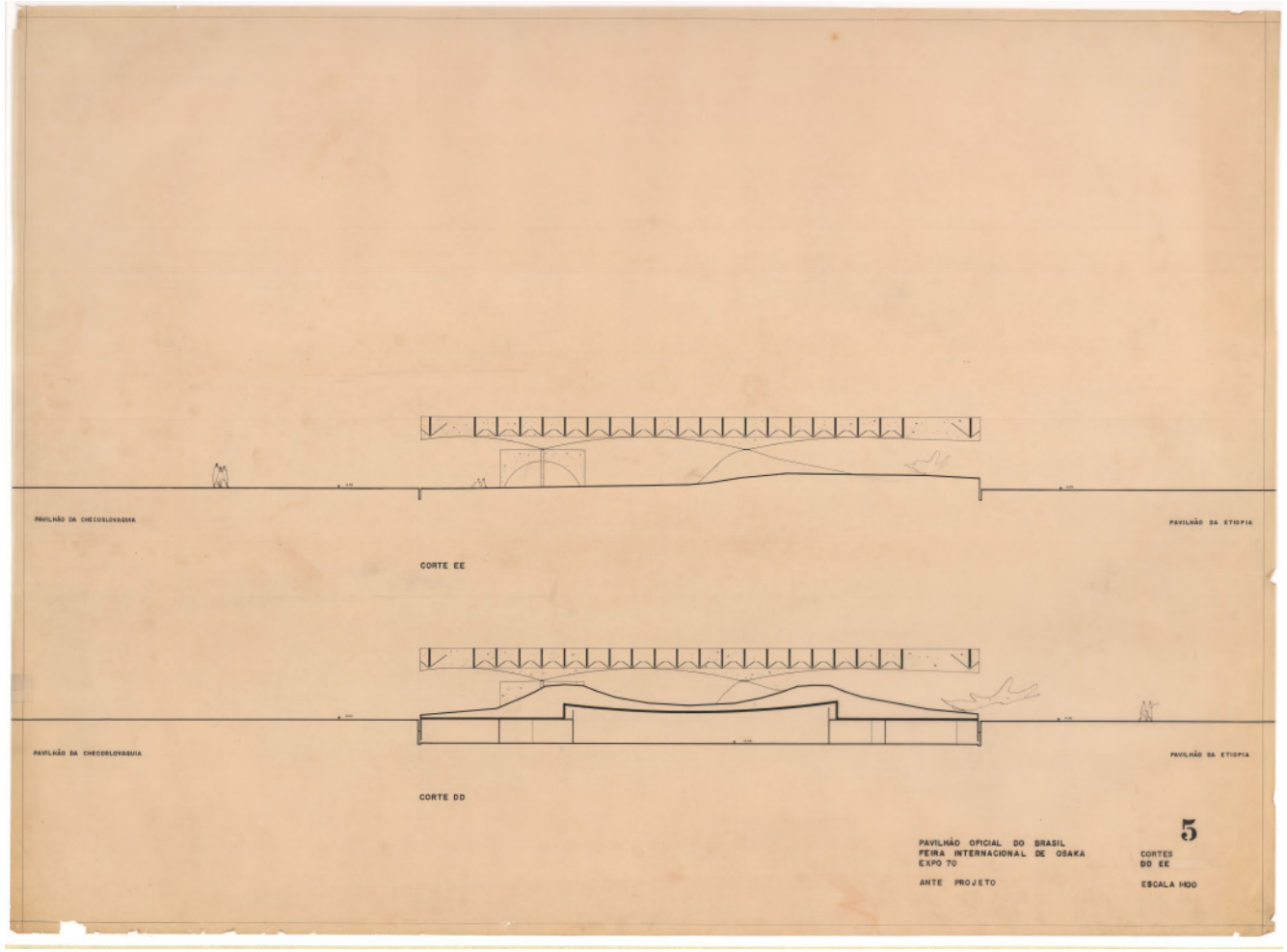


figura 46. PT_CA_PMR_3_PA-002-01-0012. fonte: Casa da Arquitectura

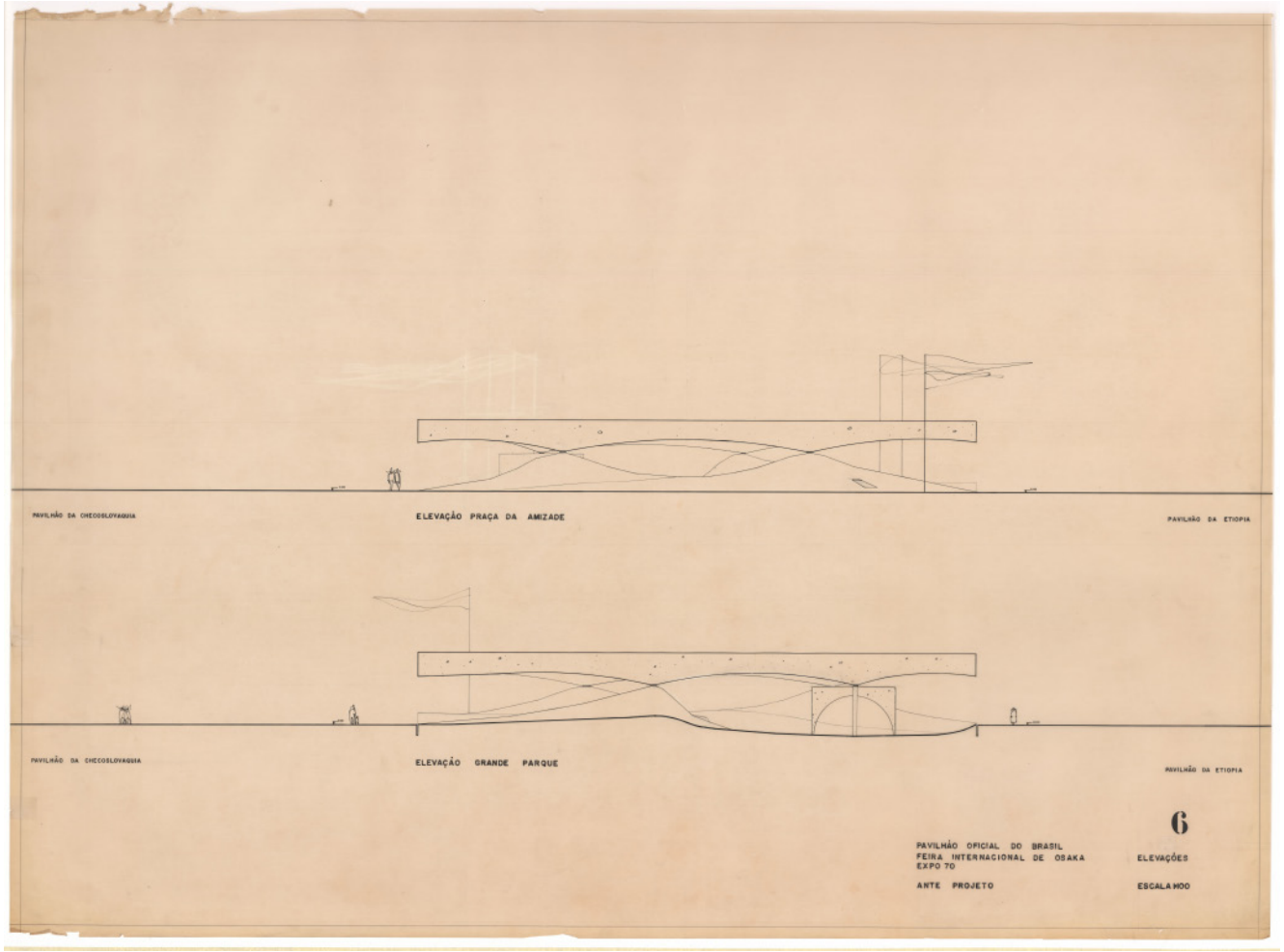


figura 47. PT_CA_PMR_3_PA-002-01-0013. fonte: Casa da Arquitectura

Pavilhão do Brasil Expo Osaka 1969

japão

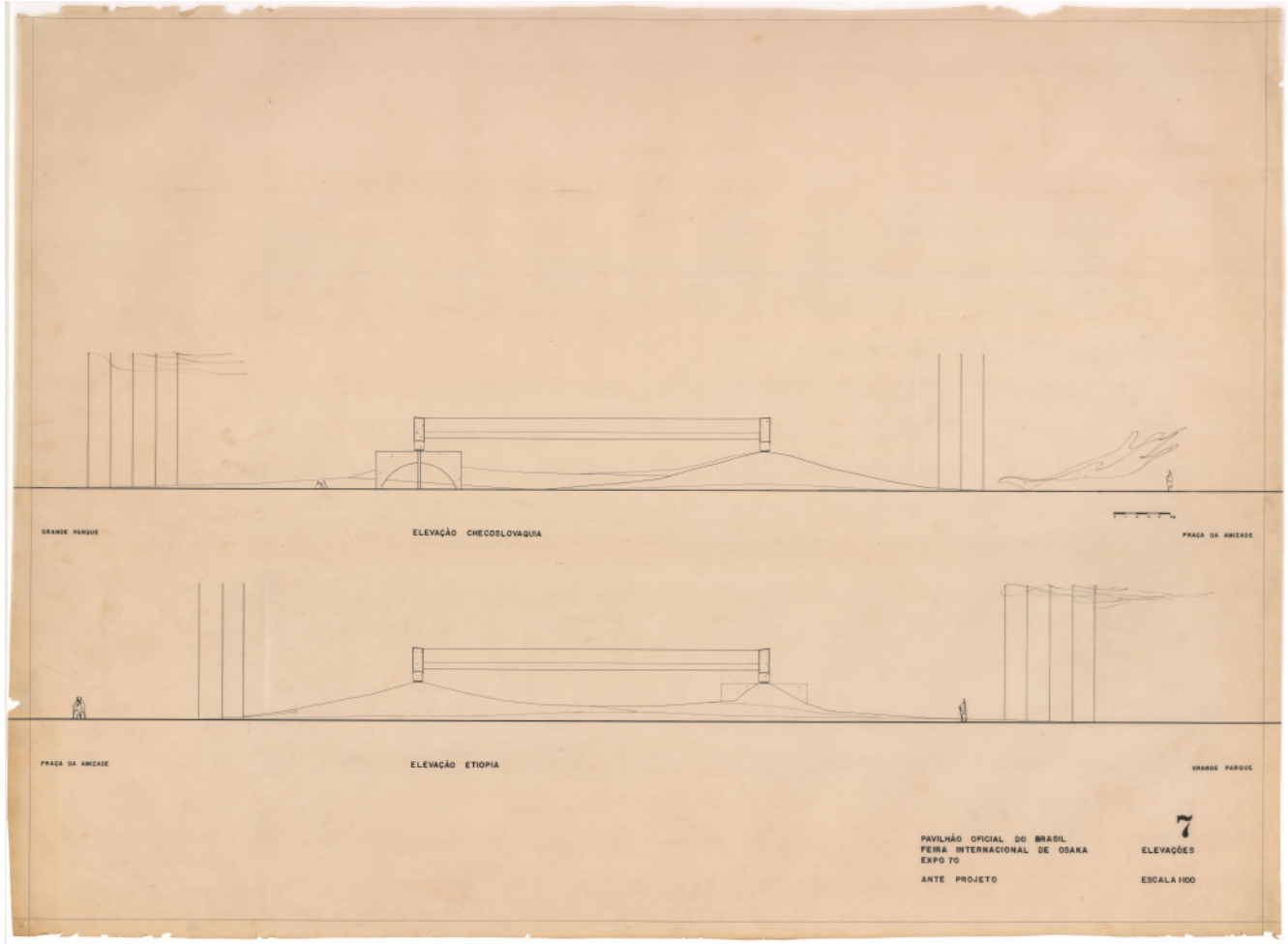


figura 48. PT_CA_PMR_3_PA-002-01-0014. fonte: Casa da Arquitectura

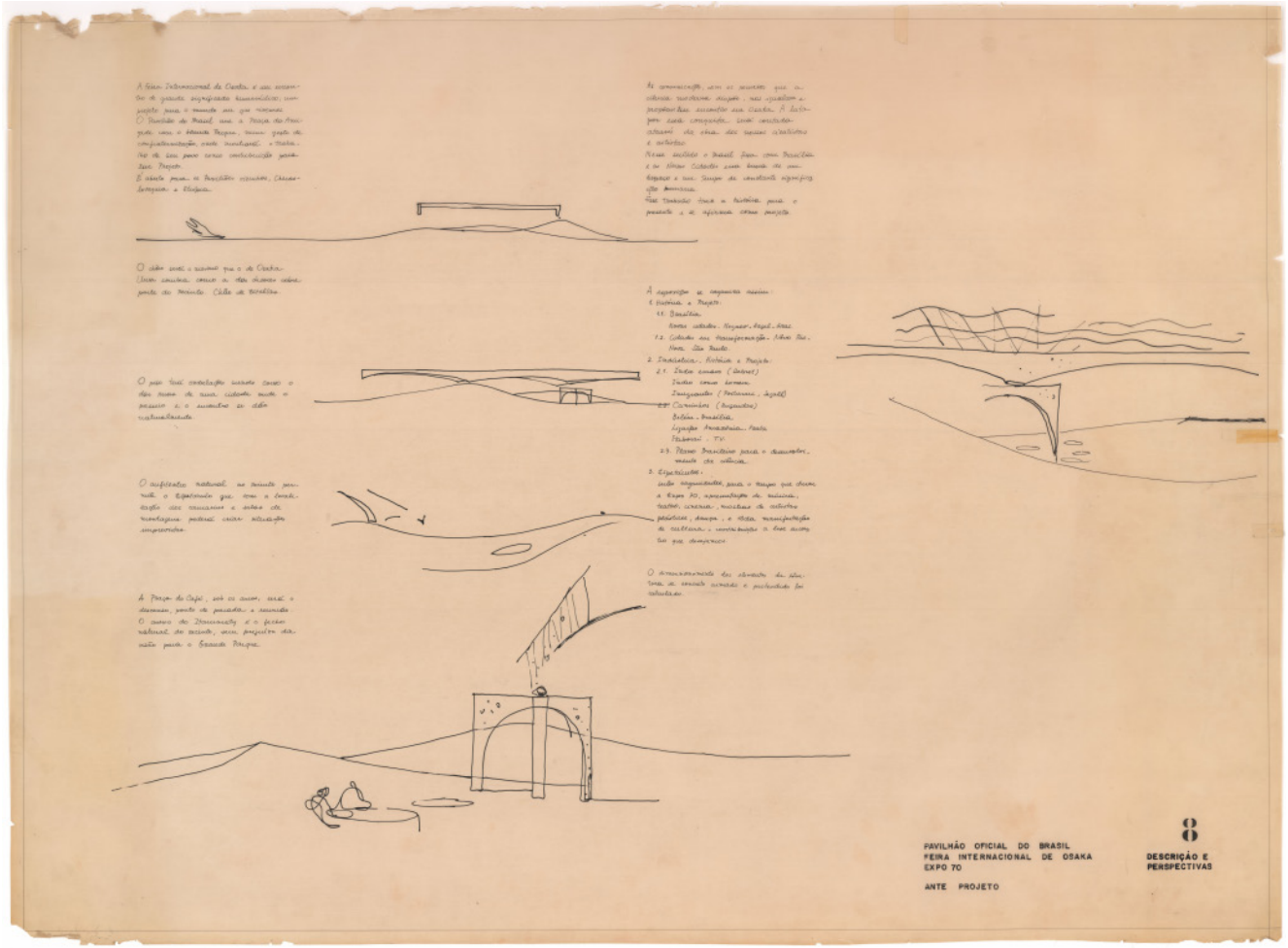


figura 49. PT_CA_PMR_3_PA-002-01-0015. fonte: Casa da Arquitectura

Pavilhão do Brasil Expo Osaka 1969

japão

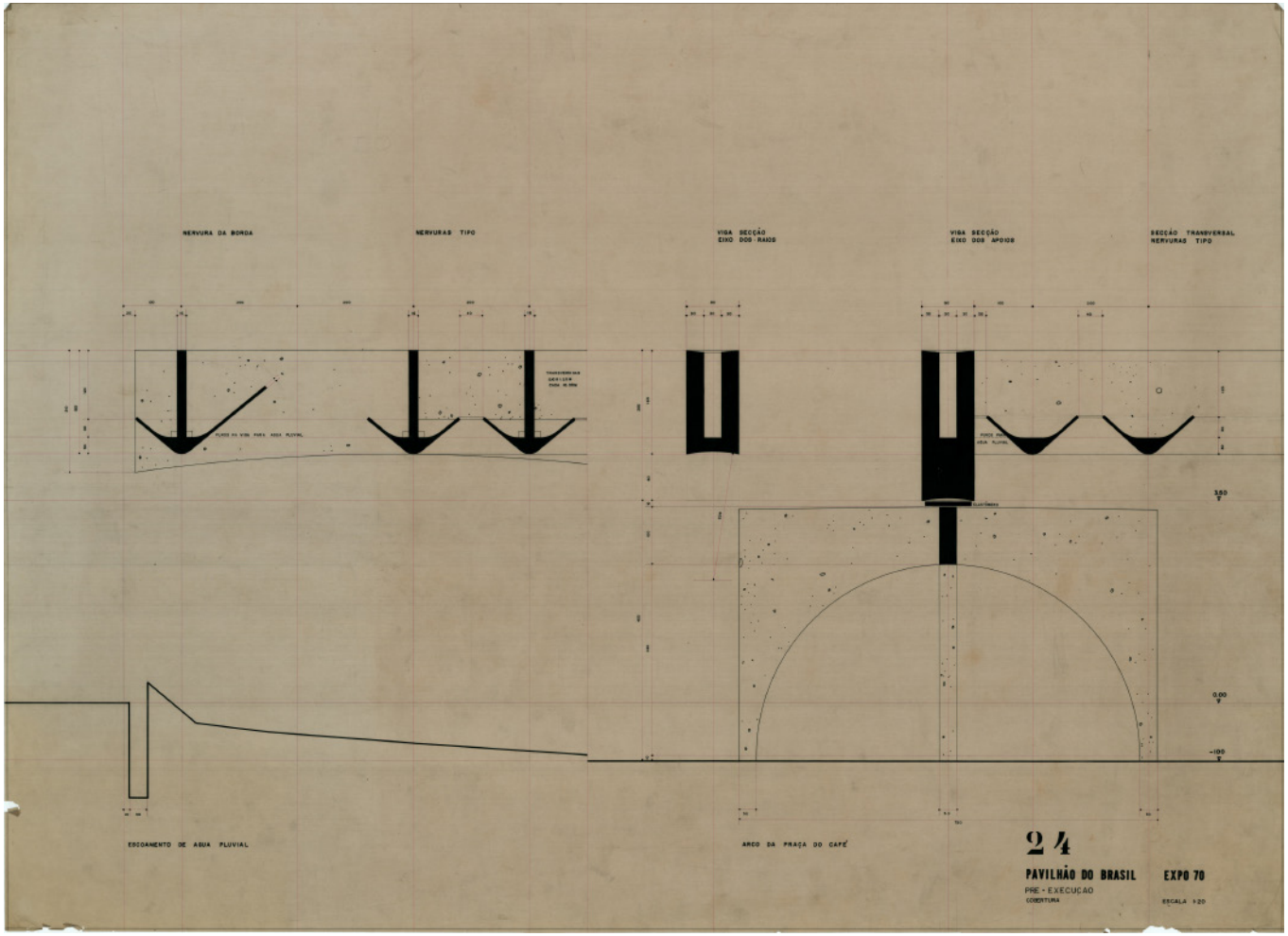


figura 50. pmr-c-pbo-pe-flh-24. fonte: Carlo Gandolfi.



figura 51. pmr-c-pbo-croqui-01. fonte: Escritório PMR

Pavilhão do Brasil Expo Osaka 1969

japão

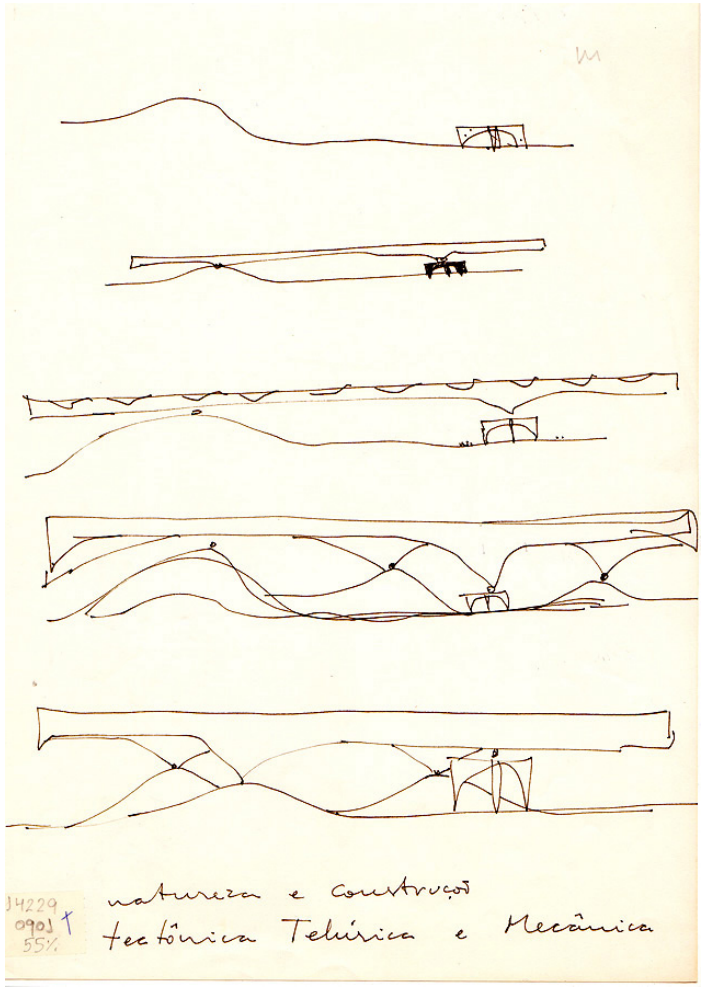


figura 52. pmr-c-pbo-croqui-02. fonte: Escritório PMR

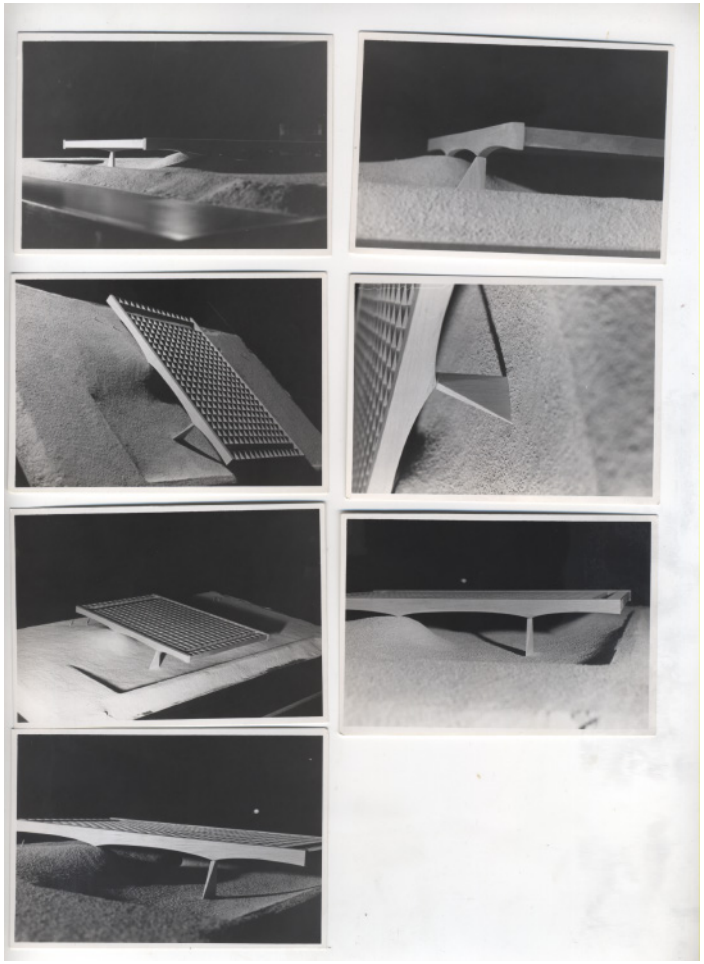
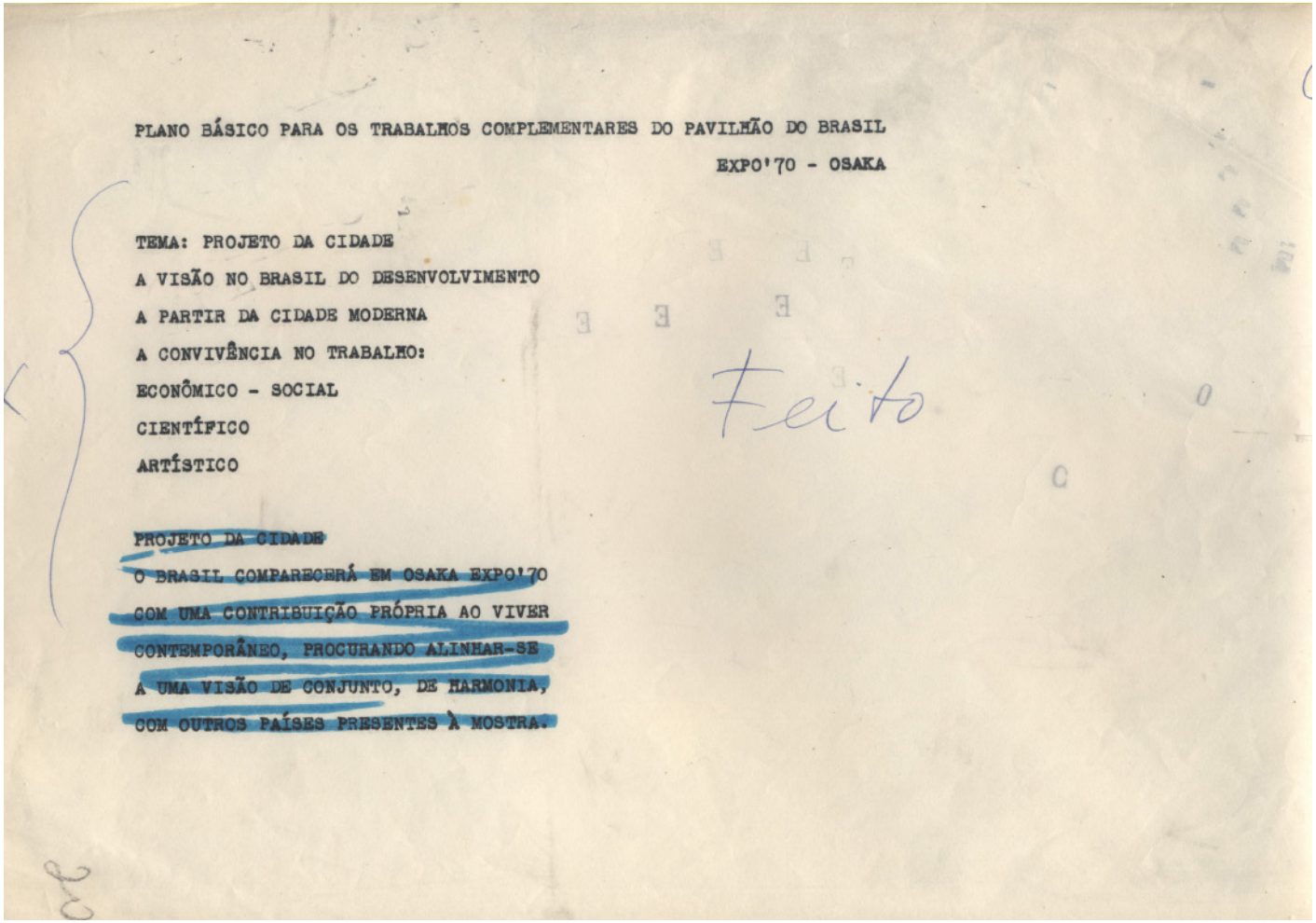


figura 53. pmr-c-pbo-maquete-01. fonte: Escritório PMR



PLANO BÁSICO PARA OS TRABALHOS COMPLEMENTARES DO PAVILHÃO DO BRASIL

EXPO'70 - OSAKA

TEMA: PROJETO DA CIDADE

A VISÃO NO BRASIL DO DESENVOLVIMENTO

A PARTIR DA CIDADE MODERNA

A CONVIVÊNCIA NO TRABALHO:

ECONÔMICO - SOCIAL

CIENTÍFICO

ARTÍSTICO

Feito

PROJETO DA CIDADE

O BRASIL COMPARECERÁ EM OSAKA EXPO'70

COM UMA CONTRIBUIÇÃO PRÓPRIA AO VIVER

CONTEMPORÂNEO, PROCURANDO ALINHAR-SE

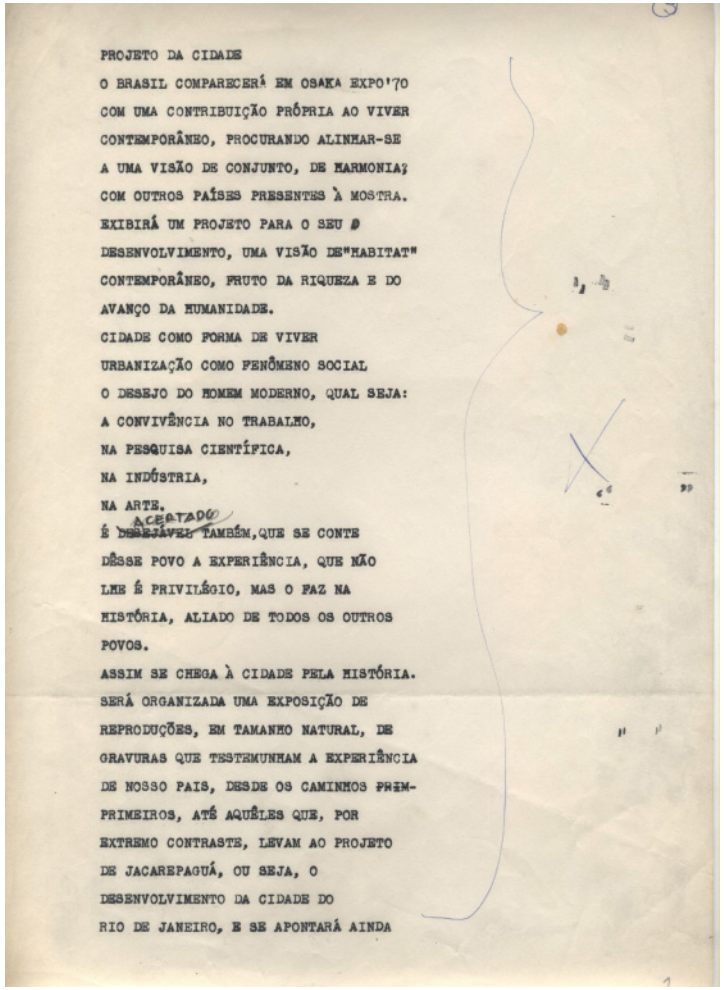
À UMA VISÃO DE CONJUNTO, DE HARMONIA,

COM OUTROS PAÍSES PRESENTES À MOSTRA.

figura 54. pmr-c-pbo-flaviomotta-mem-01. fonte: Escritório PMR

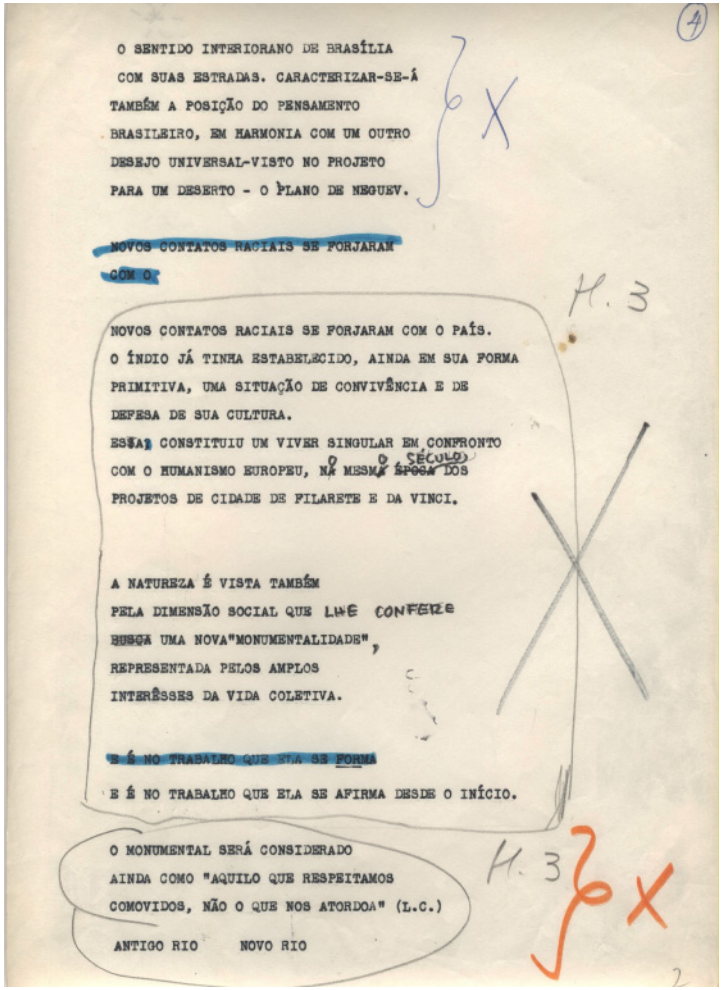
Pavilhão do Brasil Expo Osaka 1969

japão



PROJETO DA CIDADE
O BRASIL COMPARECERÁ EM OSAKA EXPO'70
COM UMA CONTRIBUIÇÃO PRÓPRIA AO VIVER
CONTEMPORÂNEO, PROCURANDO ALINHAR-SE
A UMA VISÃO DE CONJUNTO, DE HARMONIA;
COM OUTROS PAÍSES PRESENTES À MOSTRA.
EXIBIRÁ UM PROJETO PARA O SEU
DESENVOLVIMENTO, UMA VISÃO DE "HABITAT"
CONTEMPORÂNEO, FRUTO DA RIQUEZA E DO
AVANÇO DA HUMANIDADE.
CIDADE COMO FORMA DE VIVER
URBANIZAÇÃO COMO FENÔMENO SOCIAL
O DESEJO DO HOMEM MODERNO, QUAL SEJA:
A CONVIVÊNCIA NO TRABALHO,
NA PESQUISA CIENTÍFICA,
NA INDÚSTRIA,
NA ARTE.
É ACEITADO DESEJÁVEL TAMBÉM, QUE SE CONTE
DÊSSE POVO A EXPERIÊNCIA, QUE NÃO
LHE É PRIVILÉGIO, MAS O FAZ NA
HISTÓRIA, ALIADO DE TODOS OS OUTROS
POVOS.
ASSIM SE CHEGA À CIDADE PELA HISTÓRIA.
SERÁ ORGANIZADA UMA EXPOSIÇÃO DE
REPRODUÇÕES, EM TAMANHO NATURAL, DE
GRAVURAS QUE TESTEMUNHAM A EXPERIÊNCIA
DE NOSSO PAIS, DESDE OS CAMINHOS PRIM-
PRIMEIROS, ATÉ AQUÊLES QUE, POR
EXTREMO CONTRASTE, LEVAM AO PROJETO
DE JACAREPAGUÁ, OU SEJA, O
DESENVOLVIMENTO DA CIDADE DO
RIO DE JANEIRO, E SE APONTARÁ AINDA

figura 55. pmr-c-pbo-flaviomotta-mem-02. fonte: Escritório PMR



O SENTIDO INTERIORANO DE BRASÍLIA
COM SUAS ESTRADAS. CARACTERIZAR-SE-Á
TAMBÉM A POSIÇÃO DO PENSAMENTO
BRASILEIRO, EM HARMONIA COM UM OUTRO
DESEJO UNIVERSAL-VISTO NO PROJETO
PARA UM DESERTO - O PLANO DE NEGUEV.

NOVOS CONTATOS RACIAIS SE FORJARAM
COM O

NOVOS CONTATOS RACIAIS SE FORJARAM COM O PAÍS.
O ÍNDIO JÁ TINHA ESTABELECIDO, AINDA EM SUA FORMA
PRIMITIVA, UMA SITUAÇÃO DE CONVIVÊNCIA E DE
DEFESA DE SUA CULTURA.
ESSA CONSTITUIU UM VIVER SINGULAR EM CONFRONTO
COM O HUMANISMO EUROPEU, NA MESMA ÉPOCA DO SÉCULO
PROJETOS DE CIDADE DE FILARETE E DA VINCI.

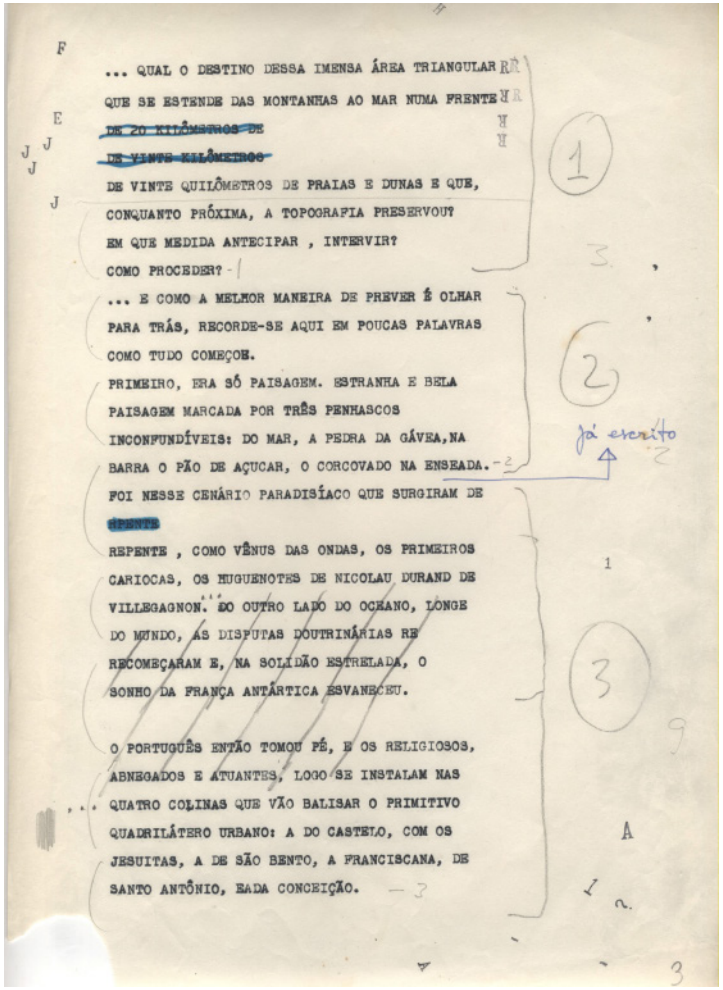
A NATUREZA É VISTA TAMBÉM
PELA DIMENSÃO SOCIAL QUE LHE CONFERE
BUSCA UMA NOVA "MONUMENTALIDADE",
REPRESENTADA PELOS AMPLOS
INTERÊSSES DA VIDA COLETIVA.

E É NO TRABALHO QUE ELA SE FORMA
E É NO TRABALHO QUE ELA SE AFIRMA DESDE O INÍCIO.

O MONUMENTAL SERÁ CONSIDERADO
AINDA COMO "AQUILO QUE RESPEITAMOS
COMOVIDOS, NÃO O QUE NOS ATORDOA" (L.C.)

ANTIGO RIO NOVO RIO

figura 56. pmr-c-pbo-flaviomotta-mem-03. fonte: Escritório PMR



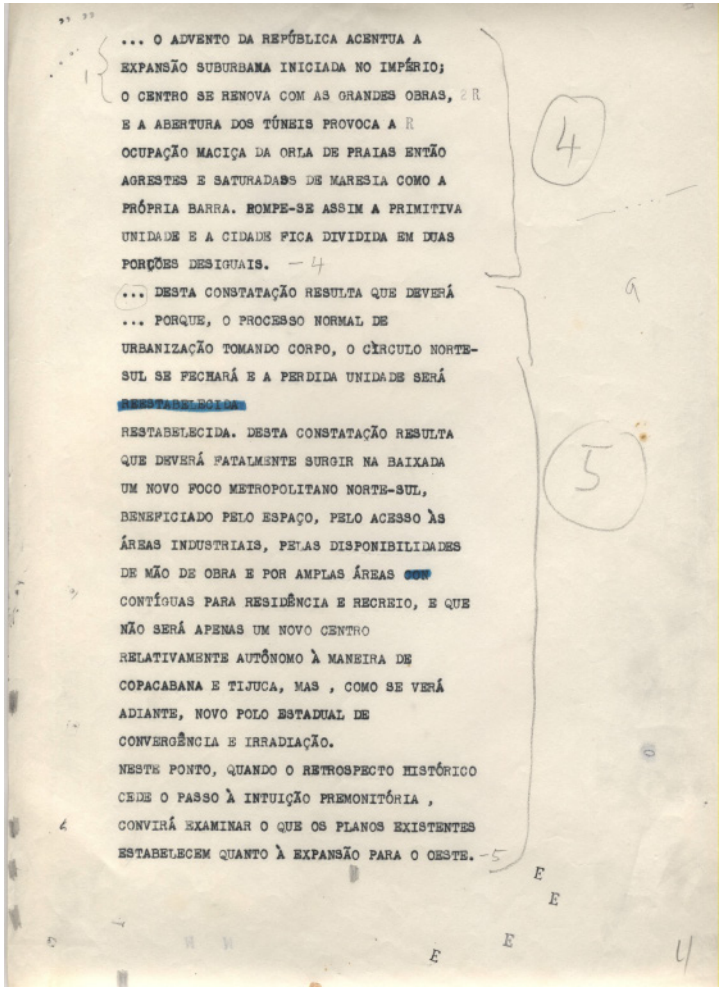
... QUAL O DESTINO DESSA IMENSA ÁREA TRIANGULAR
QUE SE ESTENDE DAS MONTANHAS AO MAR NUMA FRENTE
~~DE 20 KILÔMETROS DE~~
~~DE VINTE KILÔMETROS~~
DE VINTE QUILÔMETROS DE PRAIAS E DUNAS E QUE,
CONQUANTO PRÓXIMA, A TOPOGRAFIA PRESERVOU?
EM QUE MEDIDA ANTECIPAR , INTERVIR?
COMO PROCEDER?

... E COMO A MELHOR MANEIRA DE PREVER É OLHAR
PARA TRÁS, RECORDE-SE AQUI EM POUCAS PALAVRAS
COMO TUDO COMEÇOU.
PRIMEIRO, ERA SÓ PAISAGEM. ESTRANHA E BELA
PAISAGEM MARCADA POR TRÊS PENHASCOS
INCONFUNDÍVEIS: DO MAR, A PEDRA DA GÁVEA, NA
BARRA O PÃO DE AÇUCAR, O CORCOVADO NA ENSEADA.
FOI NESSE CENÁRIO PARADISÍACO QUE SURGIRAM DE
REPENTE
REPENTE , COMO VÊNUS DAS ONDAS, OS PRIMEIROS
CARIOCAS, OS HUGUENOTES DE NICOLAU DURAND DE
VILLEGAGNON. DO OUTRO LADO DO OCEANO, LONGE
DO MUNDO, AS DISPUTAS DOUTRINÁRIAS RE
RECOMEÇARAM E, NA SOLIDÃO ESTRELADA, O
SONHO DA FRANÇA ANTÁRTICA ESVANECEU.

O PORTUGUÊS ENTÃO TOMOU PÉ, E OS RELIGIOSOS,
ABNEGADOS E ATUANTES, LOGO SE INSTALAM NAS
QUATRO COLINAS QUE VÃO BALISAR O PRIMITIVO
QUADRILÁTERO URBANO: A DO CASTELO, COM OS
JESUITAS, A DE SÃO BENTO, A FRANCISCANA, DE
SANTO ANTÔNIO, E ADA CONCEIÇÃO.

já escrito

figura 57. pmr-c-pbo-flaviomotta-mem-04. fonte: Escritório PMR



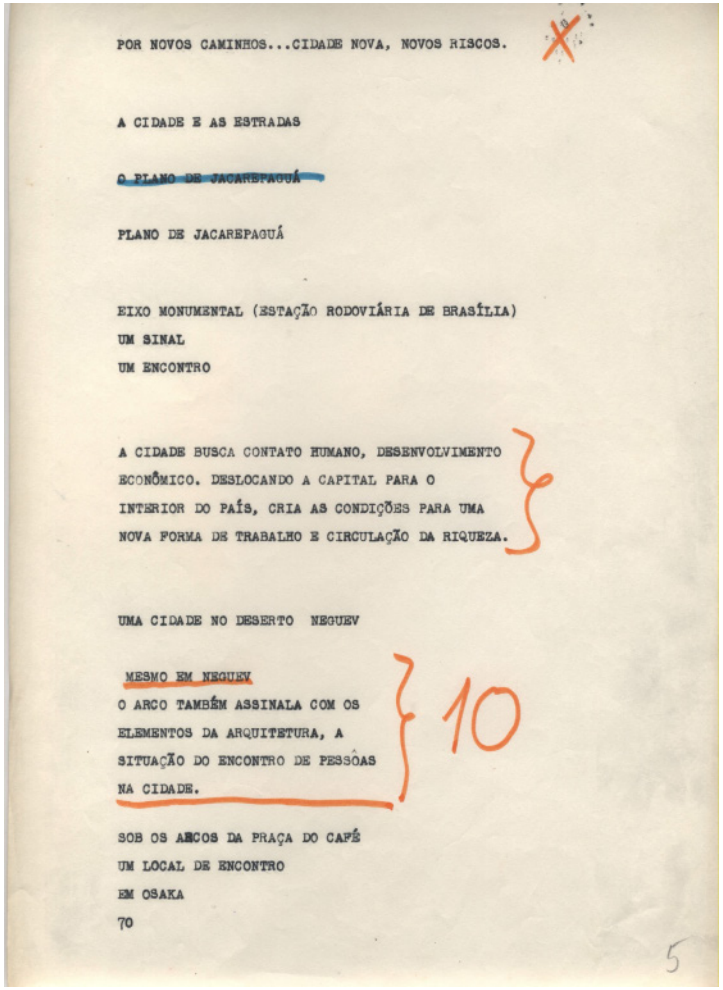
... O ADVENTO DA REPÚBLICA ACENTUA A
EXPANSÃO SUBURBANA INICIADA NO IMPÉRIO;
O CENTRO SE RENOVA COM AS GRANDES OBRAS,
E A ABERTURA DOS TÚNEIS PROVOCA A
OCUPAÇÃO MACIÇA DA ORLA DE PRAIAS ENTÃO
AGRESTES E SATURADAS DE MARESIA COMO A
PRÓPRIA BARRA. ROMPE-SE ASSIM A PRIMITIVA
UNIDADE E A CIDADE FICA DIVIDIDA EM DUAS
PORÇÕES DESIGUAIS.

... DESTA CONSTATAÇÃO RESULTA QUE DEVERÁ
... PORQUE, O PROCESSO NORMAL DE
URBANIZAÇÃO TOMANDO CORPO, O CÍRCULO NORTE-
SUL SE FECHARÁ E A PERDIDA UNIDADE SERÁ
~~RESTABELECIDA~~
RESTABELECIDA. DESTA CONSTATAÇÃO RESULTA
QUE DEVERÁ FATALMENTE SURGIR NA BAIXADA
UM NOVO FOCO METROPOLITANO NORTE-SUL,
BENEFICIADO PELO ESPAÇO, PELO ACESSO ÀS
ÁREAS INDUSTRIAIS, PELAS DISPONIBILIDADES
DE MÃO DE OBRA E POR AMPLAS ÁREAS ~~QUE~~
CONTÍGUAS PARA RESIDÊNCIA E RECREIO, E QUE
NÃO SERÁ APENAS UM NOVO CENTRO
RELATIVAMENTE AUTÔNOMO À MANEIRA DE
COPACABANA E TIJUCA, MAS , COMO SE VERÁ
ADIANTE, NOVO POLO ESTADUAL DE
CONVERGÊNCIA E IRRADIAÇÃO.
NESTE PONTO, QUANDO O RETROSPECTO HISTÓRICO
CEDE O PASSO À INTUIÇÃO PREMONITÓRIA ,
CONVIRÁ EXAMINAR O QUE OS PLANOS EXISTENTES
ESTABELECEM QUANTO À EXPANSÃO PARA O OESTE.

figura 58. pmr-c-pbo-flaviomotta-mem-05. fonte: Escritório PMR

Pavilhão do Brasil Expo Osaka 1969

japão



POR NOVOS CAMINHOS...CIDADE NOVA, NOVOS RISCOS.

A CIDADE E AS ESTRADAS

O PLANO DE JACAREPAGUÁ

PLANO DE JACAREPAGUÁ

EIXO MONUMENTAL (ESTAÇÃO RODOVIÁRIA DE BRASÍLIA)
UM SINAL
UM ENCONTRO

A CIDADE BUSCA CONTATO HUMANO, DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO. DESLOCANDO A CAPITAL PARA O INTERIOR DO PAÍS, CRIA AS CONDIÇÕES PARA UMA NOVA FORMA DE TRABALHO E CIRCULAÇÃO DA RIQUEZA.

UMA CIDADE NO DESERTO NEGUEV

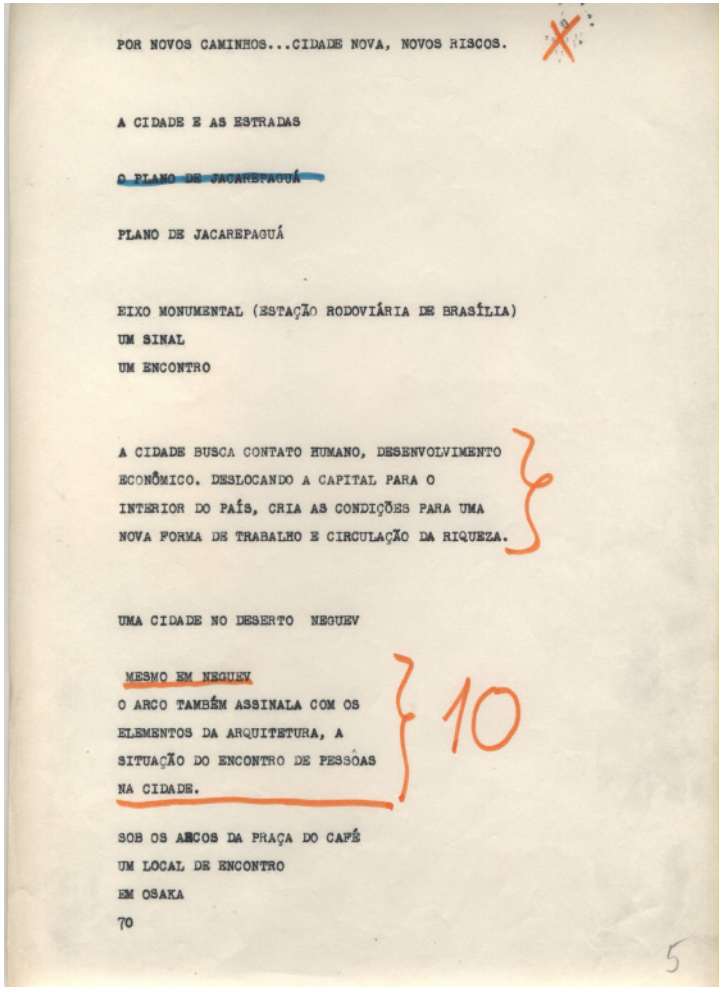
MESMO EM NEGUEV
O ARCO TAMBÉM ASSINALA COM OS ELEMENTOS DA ARQUITETURA, A SITUAÇÃO DO ENCONTRO DE PESSOAS NA CIDADE.

10

SOB OS ARCOS DA PRAÇA DO CAFÉ
UM LOCAL DE ENCONTRO
EM OSAKA
70

5

figura 59. pmr-c-pbo-flaviomotta-mem-06. fonte: Escritório PMR



POR NOVOS CAMINHOS...CIDADE NOVA, NOVOS RISCOS.

A CIDADE E AS ESTRADAS

O PLANO DE JACAREPAGUÁ

PLANO DE JACAREPAGUÁ

EIXO MONUMENTAL (ESTAÇÃO RODOVIÁRIA DE BRASÍLIA)
UM SINAL
UM ENCONTRO

A CIDADE BUSCA CONTATO HUMANO, DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO. DESLOCANDO A CAPITAL PARA O INTERIOR DO PAÍS, CRIA AS CONDIÇÕES PARA UMA NOVA FORMA DE TRABALHO E CIRCULAÇÃO DA RIQUEZA.

UMA CIDADE NO DESERTO NEGUEV

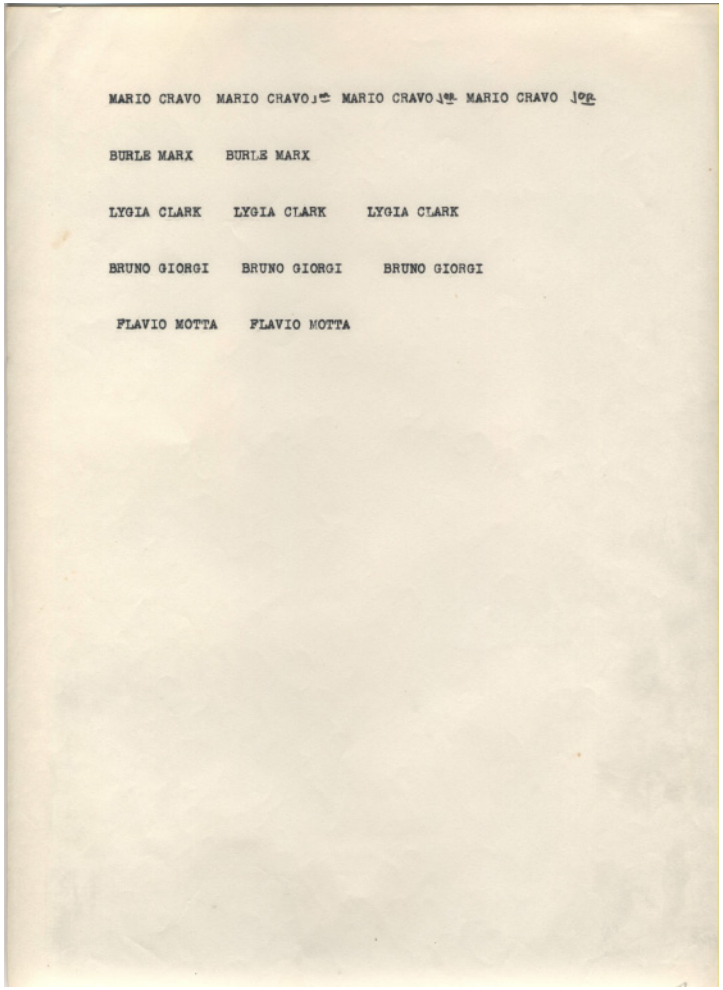
MESMO EM NEGUEV
O ARCO TAMBÉM ASSINALA COM OS ELEMENTOS DA ARQUITETURA, A SITUAÇÃO DO ENCONTRO DE PESSOAS NA CIDADE.

10

SOB OS ARCOS DA PRAÇA DO CAFÉ
UM LOCAL DE ENCONTRO
EM OSAKA
70

5

figura 60. pmr-c-pbo-flaviomotta-mem-07. fonte: Escritório PMR



MARIO CRAVO MARIO CRAVO MARIO CRAVO MARIO CRAVO

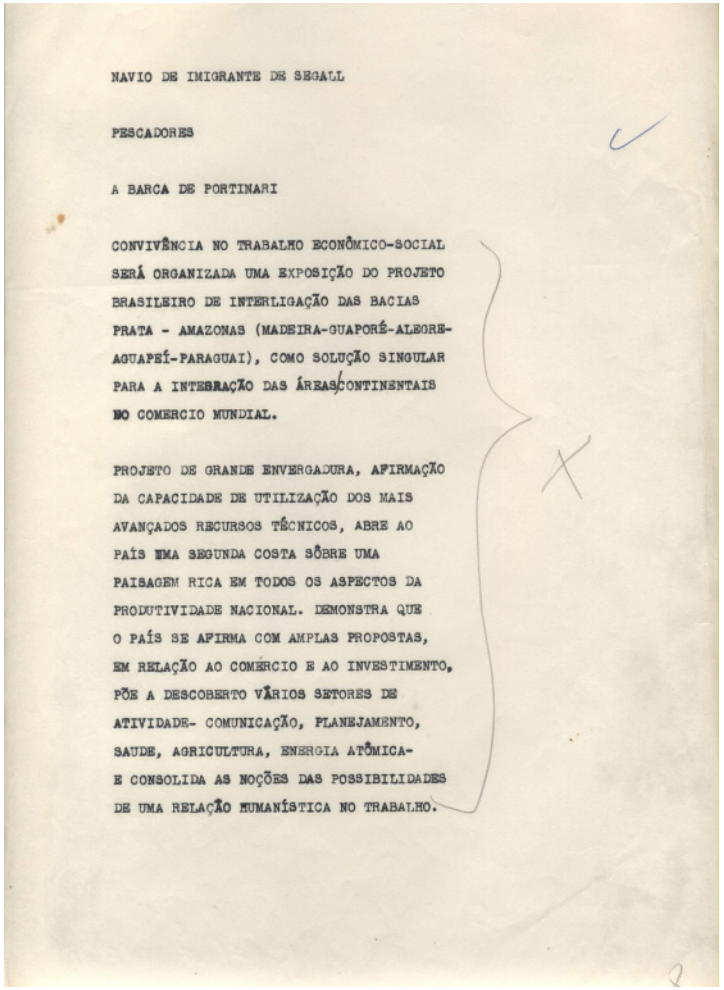
BURLE MARX BURLE MARX

LYGIA CLARK LYGIA CLARK LYGIA CLARK

BRUNO GIORGI BRUNO GIORGI BRUNO GIORGI

FLAVIO MOTTA FLAVIO MOTTA

figura 61. pmr-c-pbo-flaviomotta-mem-08. fonte: Escritório PMR



NAVIO DE IMIGRANTE DE SEGALL

PESCADORES

A BARCA DE PORTINARI

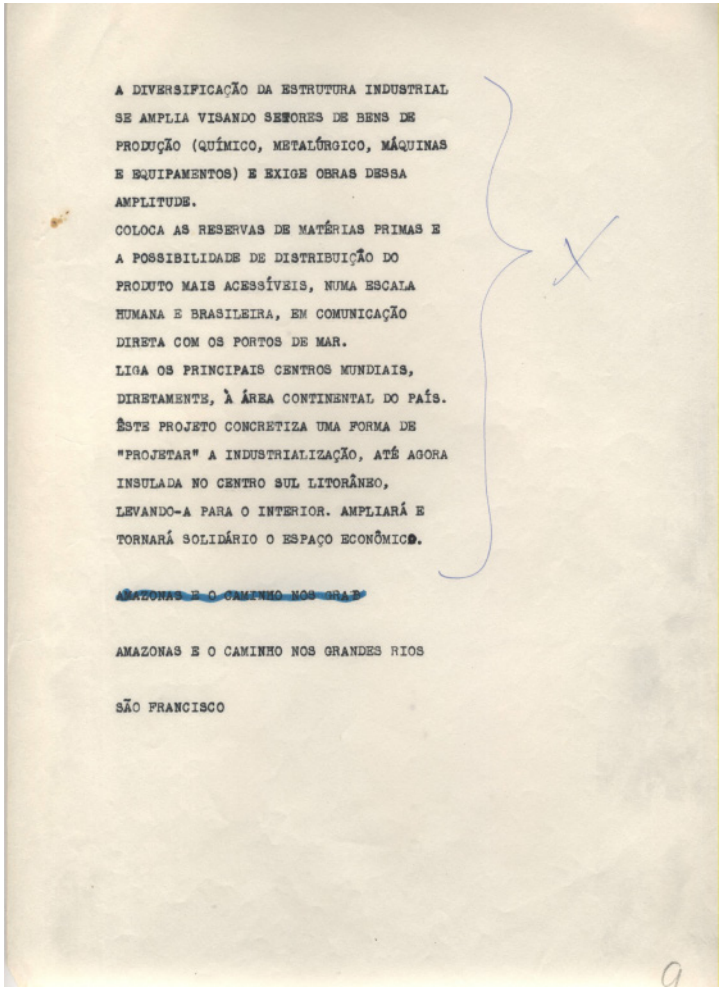
CONVIVÊNCIA NO TRABALHO ECONÔMICO-SOCIAL
SERÁ ORGANIZADA UMA EXPOSIÇÃO DO PROJETO
BRASILEIRO DE INTERLIGAÇÃO DAS BACIAS
PRATA - AMAZONAS (MADEIRA-GUAPORÉ-ALEGRE-
AGUAPEÍ-PARAGUAI), COMO SOLUÇÃO SINGULAR
PARA A INTEGRAÇÃO DAS ÁREAS CONTINENTAIS
NO COMERCIO MUNDIAL.

PROJETO DE GRANDE ENVERGADURA, AFIRMAÇÃO
DA CAPACIDADE DE UTILIZAÇÃO DOS MAIS
AVANÇADOS RECURSOS TÉCNICOS, ABRE AO
PAÍS UMA SEGUNDA COSTA SÔBRE UMA
PAISAGEM RICA EM TODOS OS ASPECTOS DA
PRODUTIVIDADE NACIONAL. DEMONSTRA QUE
O PAÍS SE AFIRMA COM AMPLAS PROPOSTAS,
EM RELAÇÃO AO COMÉRCIO E AO INVESTIMENTO,
PÕE A DESCOBERTO VÁRIOS SETORES DE
ATIVIDADE- COMUNICAÇÃO, PLANEJAMENTO,
SAUDE, AGRICULTURA, ENERGIA ATÔMICA-
E CONSOLIDA AS NOÇÕES DAS POSSIBILIDADES
DE UMA RELAÇÃO HUMANÍSTICA NO TRABALHO.

figura 62. pmr-c-pbo-flaviomotta-mem-09. fonte: Escritório PMR

Pavilhão do Brasil Expo Osaka 1969

japão



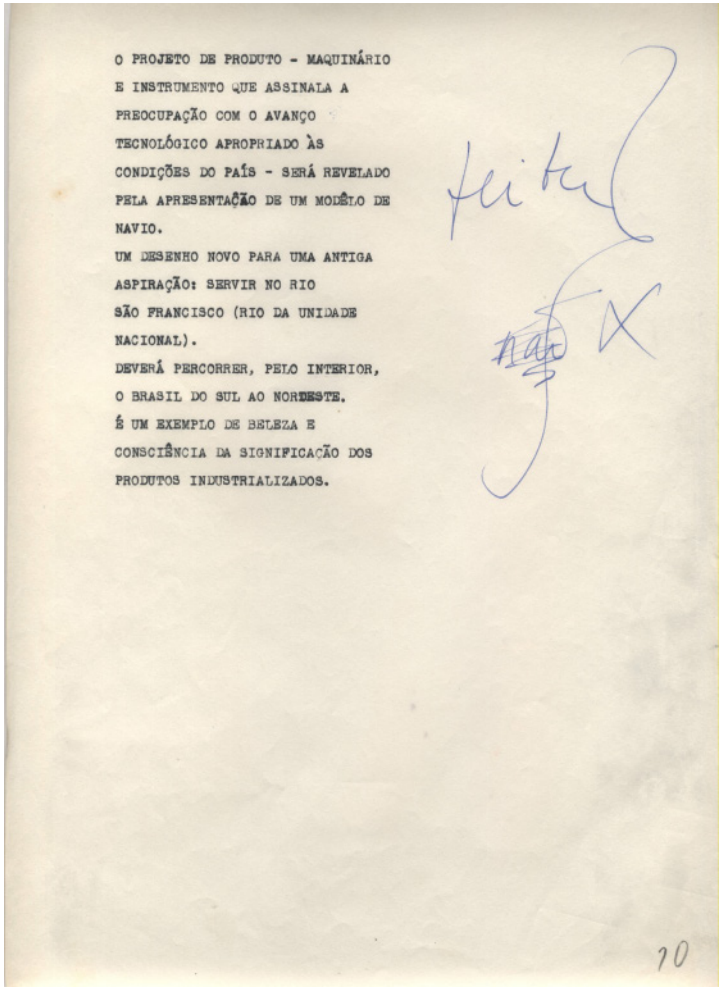
A DIVERSIFICAÇÃO DA ESTRUTURA INDUSTRIAL SE AMPLIA VISANDO SETORES DE BENS DE PRODUÇÃO (QUÍMICO, METALÚRGICO, MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS) E EXIGE OBRAS DESSA AMPLITUDE.
COLOCA AS RESERVAS DE MATÉRIAS PRIMAS E A POSSIBILIDADE DE DISTRIBUIÇÃO DO PRODUTO MAIS ACESSÍVEIS, NUMA ESCALA HUMANA E BRASILEIRA, EM COMUNICAÇÃO DIRETA COM OS PORTOS DE MAR.
LIGA OS PRINCIPAIS CENTROS MUNDIAIS, DIRETAMENTE, À ÁREA CONTINENTAL DO PAÍS.
ÊSTE PROJETO CONCRETIZA UMA FORMA DE "PROJETAR" A INDUSTRIALIZAÇÃO, ATÉ AGORA INSULADA NO CENTRO SUL LITORÂNEO, LEVANDO-A PARA O INTERIOR. AMPLIARÁ E TORNARÁ SOLIDÁRIO O ESPAÇO ECONÔMICO.

~~AMAZONAS E O CAMINHO NOS GRAN~~

AMAZONAS E O CAMINHO NOS GRANDES RIOS

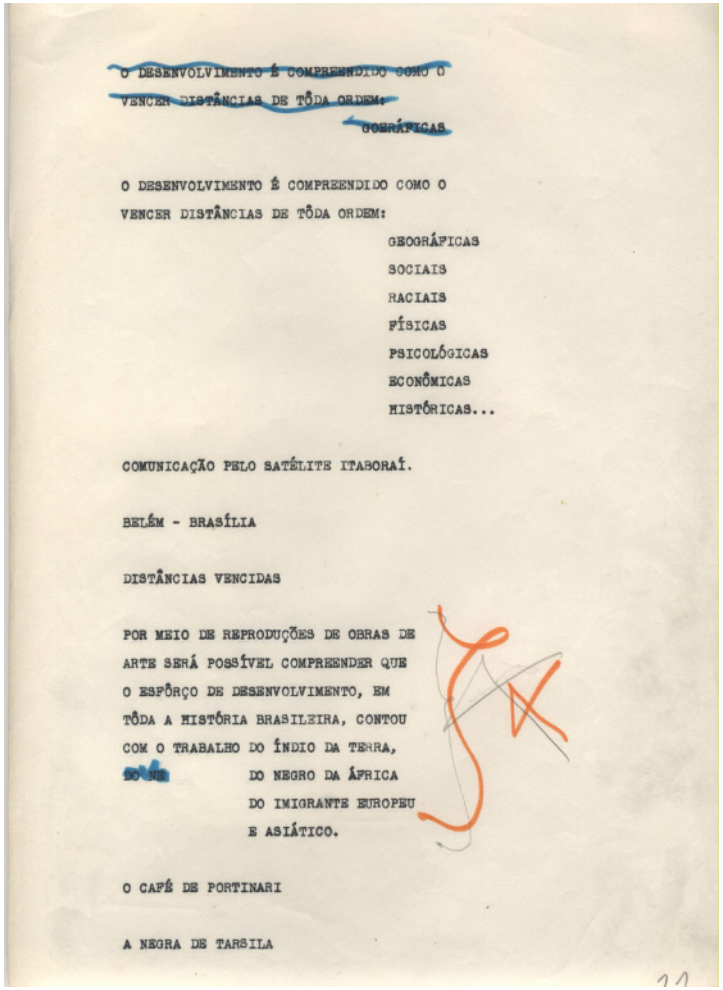
SÃO FRANCISCO

figura 63. pmr-c-pbo-flaviomotta-mem-10. fonte: Escritório PMR



O PROJETO DE PRODUTO - MAQUINÁRIO E INSTRUMENTO QUE ASSINALA A PREOCUPAÇÃO COM O AVANÇO TECNOLÓGICO APROPRIADO ÀS CONDIÇÕES DO PAÍS - SERÁ REVELADO PELA APRESENTAÇÃO DE UM MODÊLO DE NAVIO.
UM DESENHO NOVO PARA UMA ANTIGA ASPIRAÇÃO: SERVIR NO RIO SÃO FRANCISCO (RIO DA UNIDADE NACIONAL).
DEVERÁ PERCORRER, PELO INTERIOR, O BRASIL DO SUL AO NORDESTE.
É UM EXEMPLO DE BELEZA E CONSCIÊNCIA DA SIGNIFICAÇÃO DOS PRODUTOS INDUSTRIALIZADOS.

figura 64. pmr-c-pbo-flaviomotta-mem-11. fonte: Escritório PMR



O DESENVOLVIMENTO É COMPREENDIDO COMO O
VENCER DISTÂNCIAS DE TÔDA ORDEM:
GEOGRÁFICAS

O DESENVOLVIMENTO É COMPREENDIDO COMO O
VENCER DISTÂNCIAS DE TÔDA ORDEM:

GEOGRÁFICAS
SOCIAIS
RACIAIS
FÍSICAS
PSICOLÓGICAS
ECONÔMICAS
HISTÓRICAS...

COMUNICAÇÃO PELO SATÉLITE ITABORAÍ.

BELÉM - BRASÍLIA

DISTÂNCIAS VENCIDAS

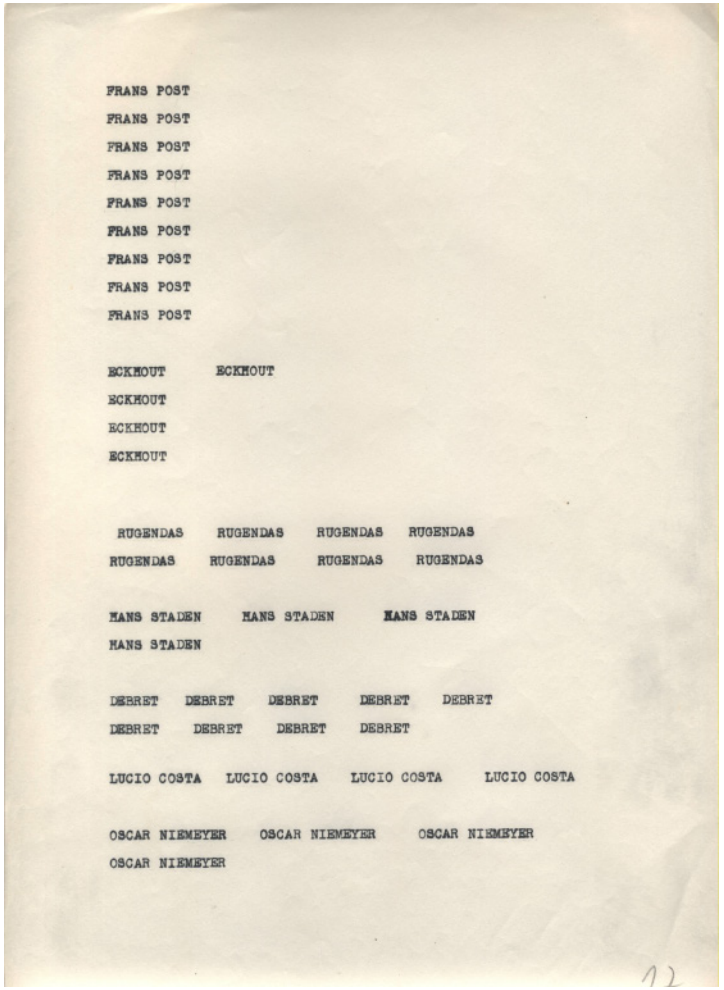
POR MEIO DE REPRODUÇÕES DE OBRAS DE
ARTE SERÁ POSSÍVEL COMPREENDER QUE
O ESFÔRÇO DE DESENVOLVIMENTO, EM
TÔDA A HISTÓRIA BRASILEIRA, CONTOU
COM O TRABALHO DO ÍNDIO DA TERRA,
DO NEGRO DA ÁFRICA
DO IMIGRANTE EUROPEU
E ASIÁTICO.

O CAFÉ DE PORTINARI

A NEGRA DE TARSILA

11

figura 65. pmr-c-pbo-flaviomotta-mem-12. fonte: Escritório PMR



FRANS POST
FRANS POST
FRANS POST
FRANS POST
FRANS POST
FRANS POST
FRANS POST
FRANS POST
FRANS POST

ECKHOUT ECKHOUT
ECKHOUT
ECKHOUT
ECKHOUT

RUGENDAS RUGENDAS RUGENDAS RUGENDAS
RUGENDAS RUGENDAS RUGENDAS RUGENDAS

HANS STADEN HANS STADEN HANS STADEN
HANS STADEN

DEBRET DEBRET DEBRET DEBRET DEBRET
DEBRET DEBRET DEBRET DEBRET

LUCIO COSTA LUCIO COSTA LUCIO COSTA LUCIO COSTA

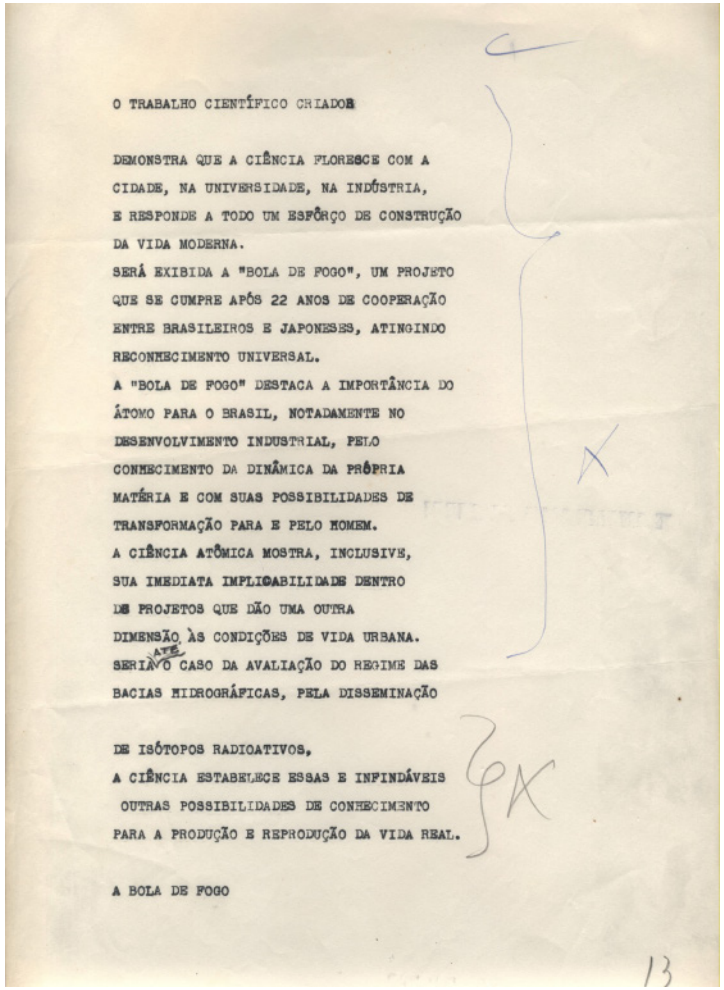
OSCAR NIEMEYER OSCAR NIEMEYER OSCAR NIEMEYER
OSCAR NIEMEYER

12

figura 66. pmr-c-pbo-flaviomotta-mem-13. fonte: Escritório PMR

Pavilhão do Brasil Expo Osaka 1969

japão



O TRABALHO CIENTÍFICO CRIADOR

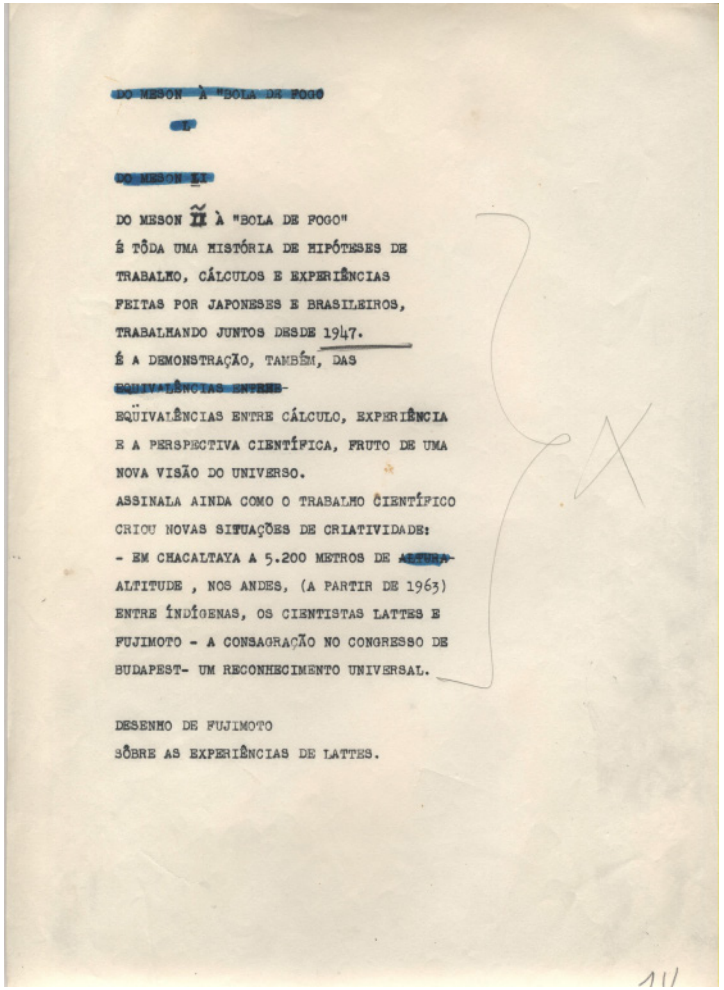
DEMONSTRA QUE A CIÊNCIA FLORESCE COM A
CIDADE, NA UNIVERSIDADE, NA INDÚSTRIA,
E RESPONDE A TODO UM ESFÔRÇO DE CONSTRUÇÃO
DA VIDA MODERNA.
SERÁ EXIBIDA A "BOLA DE FOGO", UM PROJETO
QUE SE CUMPRE APÓS 22 ANOS DE COOPERAÇÃO
ENTRE BRASILEIROS E JAPONESES, ATINGINDO
RECONHECIMENTO UNIVERSAL.
A "BOLA DE FOGO" DESTACA A IMPORTÂNCIA DO
ÁTOMO PARA O BRASIL, NOTADAMENTE NO
DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL, PELO
CONHECIMENTO DA DINÂMICA DA PRÔPRIA
MATÉRIA E COM SUAS POSSIBILIDADES DE
TRANSFORMAÇÃO PARA E PELO HOMEM.
A CIÊNCIA ATÔMICA MOSTRA, INCLUSIVE,
SUA IMEDIATA IMPLICABILIDADE DENTRO
DE PROJETOS QUE DÃO UMA OUTRA
DIMENSÃO ÀS CONDIÇÕES DE VIDA URBANA.
SERIA ATÉ O CASO DA AVALIAÇÃO DO REGIME DAS
BACIAS HIDROGRÁFICAS, PELA DISSEMINAÇÃO

DE ISÓTOPOS RADIOATIVOS,
A CIÊNCIA ESTABELECE ESSAS E INFINDÁVEIS
OUTRAS POSSIBILIDADES DE CONHECIMENTO
PARA A PRODUÇÃO E REPRODUÇÃO DA VIDA REAL.

A BOLA DE FOGO

13

figura 67. pmr-c-pbo-flaviomotta-mem-14. fonte: Escritório PMR



DO MESON À "BOLA DE FOGO"

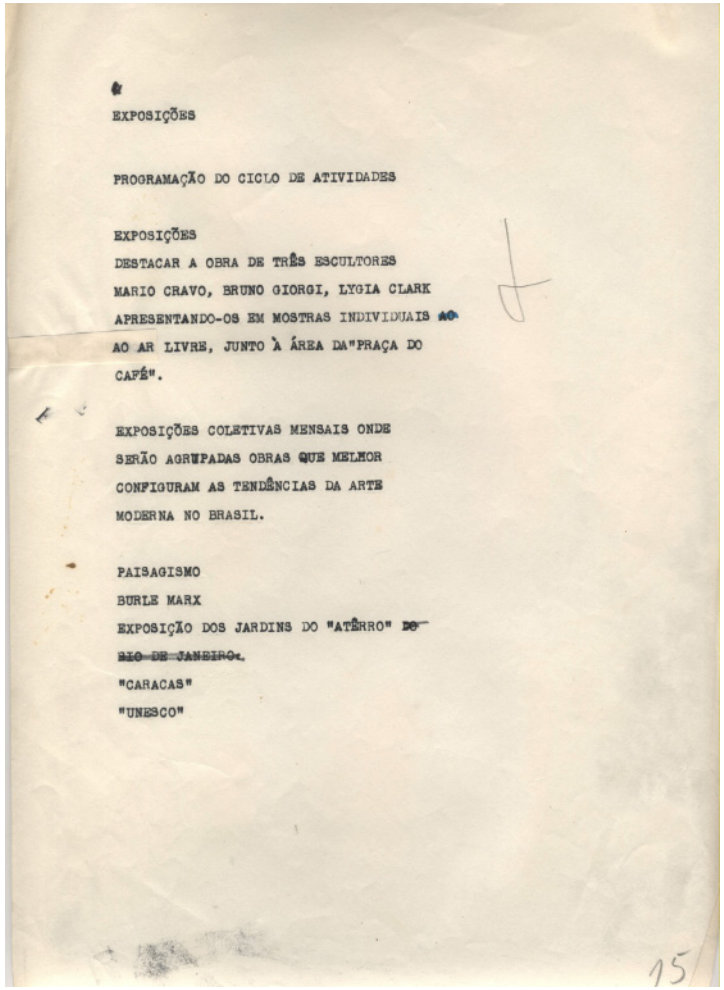
DO MESON II

DO MESON II À "BOLA DE FOGO"
É TÔDA UMA HISTÓRIA DE HIPÓTESES DE
TRABALHO, CÁLCULOS E EXPERIÊNCIAS
FEITAS POR JAPONESES E BRASILEIROS,
TRABALHANDO JUNTOS DESDE 1947.
É A DEMONSTRAÇÃO, TAMBÉM, DAS
EQUIVALÊNCIAS ENTRE
EQÜIVALÊNCIAS ENTRE CÁLCULO, EXPERIÊNCIA
E A PERSPECTIVA CIENTÍFICA, FRUTO DE UMA
NOVA VISÃO DO UNIVERSO.
ASSINALA AINDA COMO O TRABALHO CIENTÍFICO
CRIOU NOVAS SITUAÇÕES DE CRIATIVIDADE:
- EM CHACALTAYA A 5.200 METROS DE ALTURA
ALTITUDE , NOS ANDES, (A PARTIR DE 1963)
ENTRE ÍNDÍGENAS, OS CIENTISTAS LATTES E
FUJIMOTO - A CONSAGRAÇÃO NO CONGRESSO DE
BUDAPEST- UM RECONHECIMENTO UNIVERSAL.

DESENHO DE FUJIMOTO
SÔBRE AS EXPERIÊNCIAS DE LATTES.

11

figura 68. pmr-c-pbo-flaviomotta-mem-15. fonte: Escritório PMR



EXPOSIÇÕES

PROGRAMAÇÃO DO CICLO DE ATIVIDADES

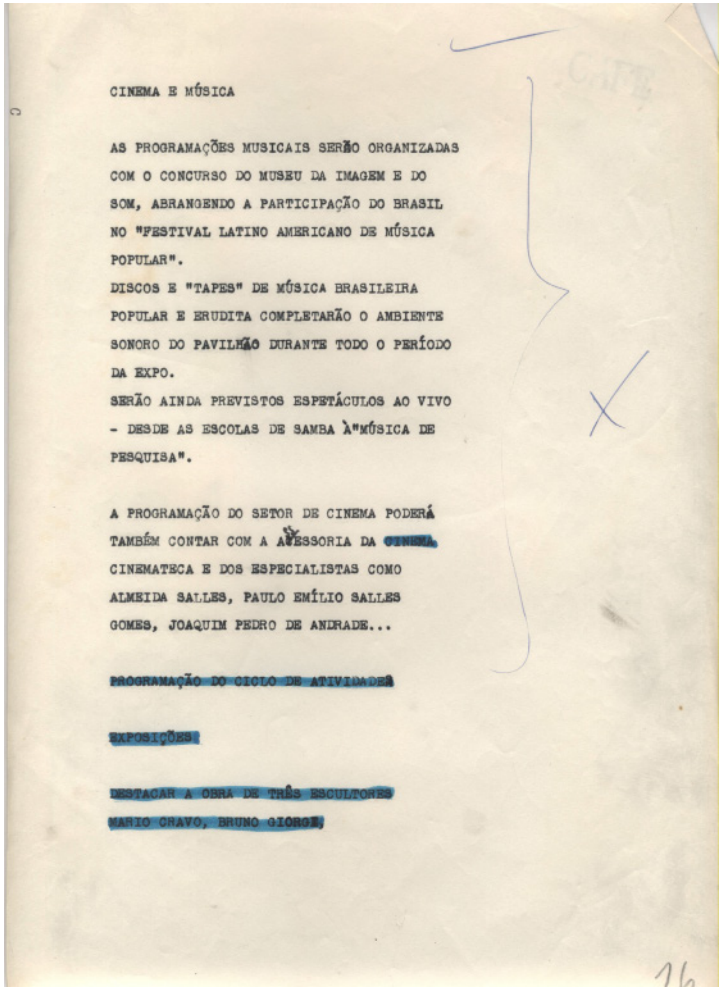
EXPOSIÇÕES
DESTACAR A OBRA DE TRÊS ESCULTORES
MARIO CRAVO, BRUNO GIORGI, LYGIA CLARK
APRESENTANDO-OS EM MOSTRAS INDIVIDUAIS AO
AO AR LIVRE, JUNTO À ÁREA DA"PRAÇA DO
CAFÉ".

EXPOSIÇÕES COLETIVAS MENSAIS ONDE
SERÃO AGRUPADAS OBRAS QUE MELHOR
CONFIGURAM AS TENDÊNCIAS DA ARTE
MODERNA NO BRASIL.

PAISAGISMO
BURLE MARX
EXPOSIÇÃO DOS JARDINS DO "ATÊRRO" DO
RIO DE JANEIRO.
"CARACAS"
"UNESCO"

15

figura 69. pmr-c-pbo-flaviomotta-mem-16. fonte: Escritório PMR



CINEMA E MÚSICA

AS PROGRAMAÇÕES MUSICAIS SERÃO ORGANIZADAS
COM O CONCURSO DO MUSEU DA IMAGEM E DO
SOM, ABRANGENDO A PARTICIPAÇÃO DO BRASIL
NO "FESTIVAL LATINO AMERICANO DE MÚSICA
POPULAR".
DISCOS E "TAPES" DE MÚSICA BRASILEIRA
POPULAR E ERUDITA COMPLETARÃO O AMBIENTE
SONORO DO PAVILHÃO DURANTE TODO O PERÍODO
DA EXPO.
SERÃO AINDA PREVISTOS ESPETÁCULOS AO VIVO
- DESDE AS ESCOLAS DE SAMBA À"MÚSICA DE
PESQUISA".

A PROGRAMAÇÃO DO SETOR DE CINEMA PODERÁ
TAMBÉM CONTAR COM A ASSESSORIA DA CINEMA,
CINEMATECA E DOS ESPECIALISTAS COMO
ALMEIDA SALLES, PAULO EMÍLIO SALLES
GOMES, JOAQUIM PEDRO DE ANDRADE...

PROGRAMAÇÃO DO CICLO DE ATIVIDADES

EXPOSIÇÕES:

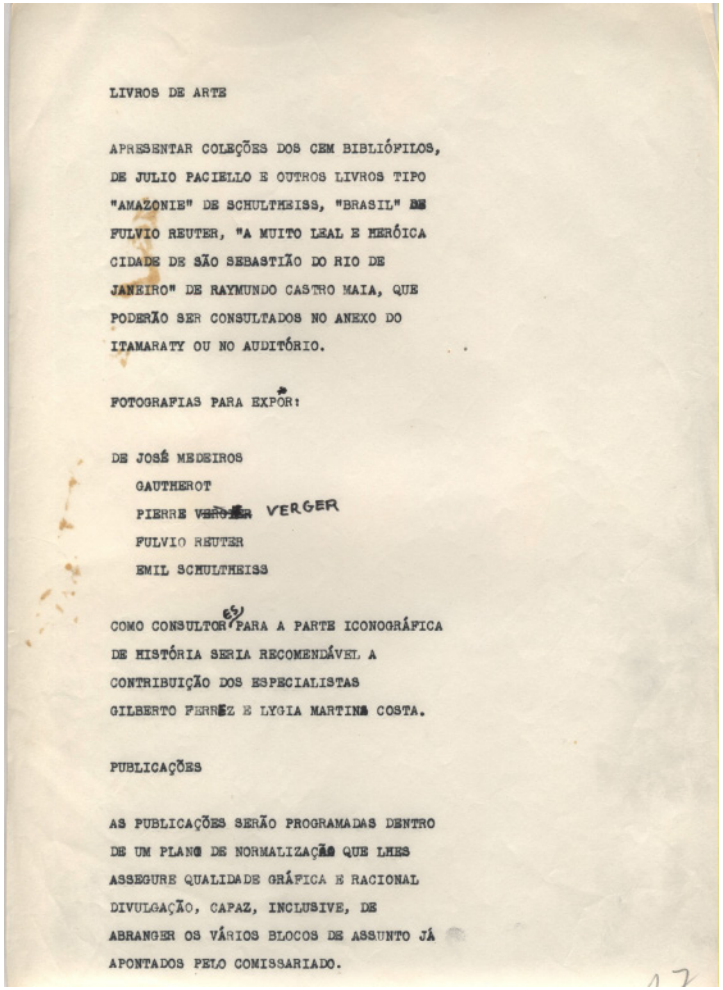
DESTACAR A OBRA DE TRÊS ESCULTORES
MARIO CRAVO, BRUNO GIORGI,

16

figura 70. pmr-c-pbo-flaviomotta-mem-17. fonte: Escritório PMR

Pavilhão do Brasil Expo Osaka 1969

japão



LIVROS DE ARTE

APRESENTAR COLEÇÕES DOS CEM BIBLIÓFILOS, DE JULIO PACIELLO E OUTROS LIVROS TIPO "AMAZONIE" DE SCHULTHEISS, "BRASIL" DE FULVIO REUTER, "A MUITO LEAL E HERÓICA CIDADE DE SÃO SEBASTIÃO DO RIO DE JANEIRO" DE RAYMUNDO CASTRO MAIA, QUE PODERÃO SER CONSULTADOS NO ANEXO DO ITAMARATY OU NO AUDITÓRIO.

FOTOGRAFIAS PARA EXPOR:

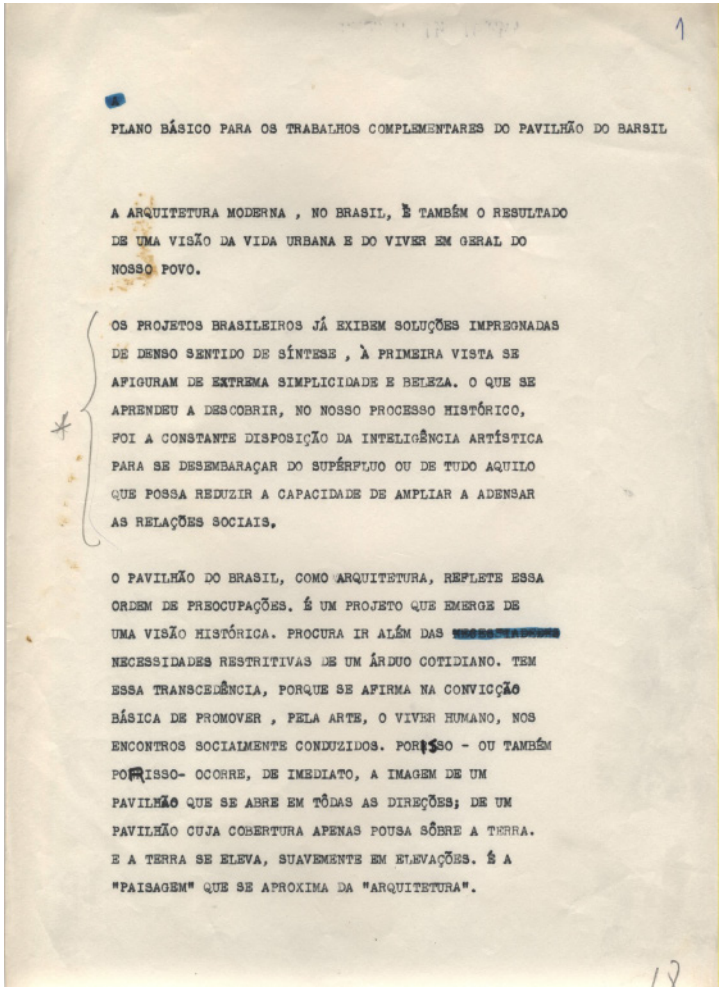
DE JOSÉ MEDEIROS
GAUTHEROT
PIERRE ~~VERGER~~ VERGER
FULVIO REUTER
EMIL SCHULTHEISS

COMO CONSULTOR PARA A PARTE ICONOGRÁFICA DE HISTÓRIA SERIA RECOMENDÁVEL A CONTRIBUIÇÃO DOS ESPECIALISTAS GILBERTO FERREZ E LYGIA MARTINS COSTA.

PUBLICAÇÕES

AS PUBLICAÇÕES SERÃO PROGRAMADAS DENTRO DE UM PLANO DE NORMALIZAÇÃO QUE LHES ASSEGURE QUALIDADE GRÁFICA E RACIONAL DIVULGAÇÃO, CAPAZ, INCLUSIVE, DE ABRANGER OS VÁRIOS BLOCOS DE ASSUNTO JÁ APONTADOS PELO COMISSARIADO.

figura 71. pmr-c-pbo-flaviomotta-mem-18. fonte: Escritório PMR



1

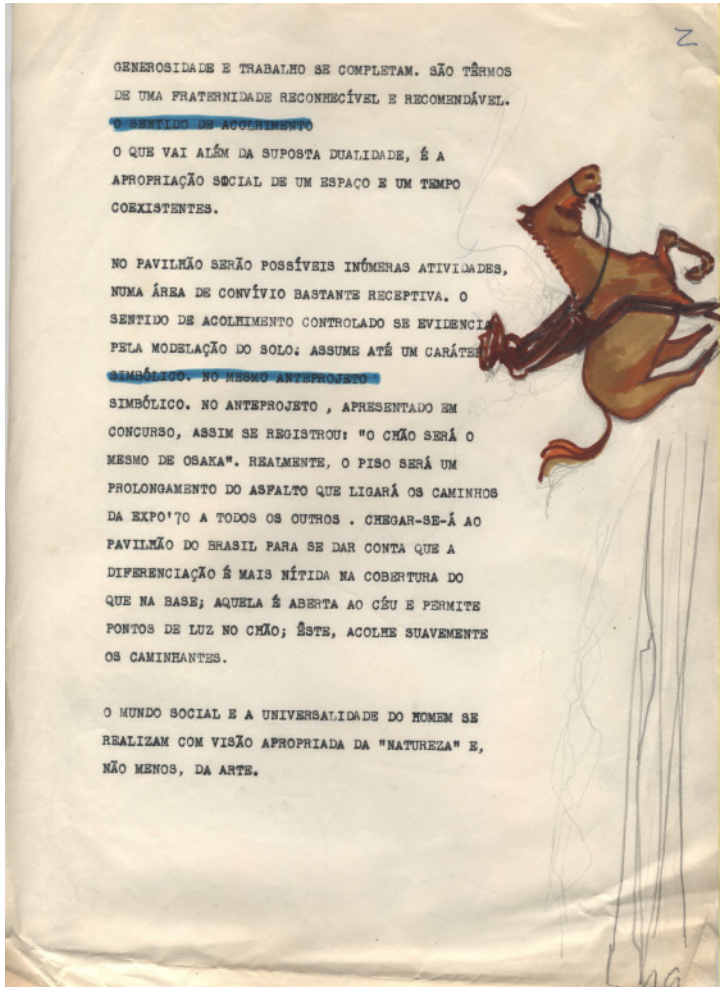
PLANO BÁSICO PARA OS TRABALHOS COMPLEMENTARES DO PAVILHÃO DO BARSIL

A ARQUITETURA MODERNA , NO BRASIL, É TAMBÉM O RESULTADO DE UMA VISÃO DA VIDA URBANA E DO VIVER EM GERAL DO NOSSO POVO.

OS PROJETOS BRASILEIROS JÁ EXIBEM SOLUÇÕES IMPREGNADAS DE DENSO SENTIDO DE SÍNTESE , À PRIMEIRA VISTA SE AFIGURAM DE EXTREMA SIMPLICIDADE E BELEZA. O QUE SE APRENDEU A DESCOBRIR, NO NOSSO PROCESSO HISTÓRICO, FOI A CONSTANTE DISPOSIÇÃO DA INTELIGÊNCIA ARTÍSTICA PARA SE DESEMBARAÇAR DO SUPÉRFLUO OU DE TUDO AQUILO QUE POSSA REDUZIR A CAPACIDADE DE AMPLIAR A ADENSAR AS RELAÇÕES SOCIAIS.

O PAVILHÃO DO BRASIL, COMO ARQUITETURA, REFLETE ESSA ORDEM DE PREOCUPAÇÕES. É UM PROJETO QUE EMERGE DE UMA VISÃO HISTÓRICA. PROCURA IR ALÉM DAS [redacted] NECESSIDADES RESTRITIVAS DE UM ÁRDUO COTIDIANO. TEM ESSA TRANSCEDÊNCIA, PORQUE SE AFIRMA NA CONVICÇÃO BÁSICA DE PROMOVER , PELA ARTE, O VIVER HUMANO, NOS ENCONTROS SOCIALMENTE CONDUZIDOS. POR ISSO - OU TAMBÉM POR ISSO- OCORRE, DE IMEDIATO, A IMAGEM DE UM PAVILHÃO QUE SE ABRE EM TÔDAS AS DIREÇÕES; DE UM PAVILHÃO CUJA COBERTURA APENAS POUSA SÔBRE A TERRA. E A TERRA SE ELEVA, SUAVEMENTE EM ELEVAÇÕES. É A "PAISAGEM" QUE SE APROXIMA DA "ARQUITETURA".

figura 72. pmr-c-pbo-flaviomotta-mem-19. fonte: Escritório PMR



GENEROSIDADE E TRABALHO SE COMPLETAM. SÃO TÊRMOS
DE UMA FRATERNIDADE RECONHECÍVEL E RECOMENDÁVEL.

O SENTIDO DE ACOLHIMENTO

O QUE VAI ALÉM DA SUPOSTA DUALIDADE, É A
APROPRIAÇÃO SOCIAL DE UM ESPAÇO E UM TEMPO
COEXISTENTES.

NO PAVILHÃO SERÃO POSSÍVEIS INÚMERAS ATIVIDADES,
NUMA ÁREA DE CONVÍVIO BASTANTE RECEPTIVA. O
SENTIDO DE ACOLHIMENTO CONTROLADO SE EVIDENCIA
PELA MODELAÇÃO DO SOLO: ASSUME ATÉ UM CARÁTER
SIMBÓLICO. NO MESMO ANTEPROJETO ,
SIMBÓLICO. NO ANTEPROJETO , APRESENTADO EM
CONCURSO, ASSIM SE REGISTROU: "O CHÃO SERÁ O
MESMO DE OSAKA". REALMENTE, O PISO SERÁ UM
PROLONGAMENTO DO ASFALTO QUE LIGARÁ OS CAMINHOS
DA EXPO'70 A TODOS OS OUTROS . CHEGAR-SE-Á AO
PAVILHÃO DO BRASIL PARA SE DAR CONTA QUE A
DIFERENCIAÇÃO É MAIS NÍTIDA NA COBERTURA DO
QUE NA BASE; AQUELA É ABERTA AO CÉU E PERMITE
PONTOS DE LUZ NO CHÃO; ÊSTE, ACOLHE SUAVEMENTE
OS CAMINHANTES.

O MUNDO SOCIAL E A UNIVERSALIDADE DO HOMEM SE
REALIZAM COM VISÃO APROPRIADA DA "NATUREZA" E,
NÃO MENOS, DA ARTE.

figura 73. pmr-c-pbo-flaviomotta-mem-20. fonte: Escritório PMR

Estádio do Paraná 1970

paraná

_ Tipo de Concurso

público nacional

_ Entidade Promotora

Federação Paranaensa de Futebol

Instituto de Arquitetos do Brasil

_ Organizador do Concurso

IAB-PR

_Número de Projetos Entregues

16

_ Colocação Paulo Mendes da Rocha

não premiado

_ Premiados

1° lugar- José Hermeto Palma Sanchonete, Alfred Willer, Oscar Mueller, A. Stelle, L. Oba, R. Sanchonete, Hans Eger;

2° lugar- Lubomir A. Ficinski Duni, Roberto Martins de Albuquerque, Luiz A. de Araujo Amora;

3° lugar- Roberto Luiz Gandolfi, Joel Ramalho Jr., José Maria Gandolfi, Luiz Forte Netto, Vicente de Castro, D. Slomp e O. Busarello;

4° lugar- Flávio de Olaveira Ferreira;

5° lugar- Carlos Porto, Luiz C. Neves, Pedro P. Machado, Sergio Porto e Francisco Garcia.

_ Jurados

Marcos Konder Neto
Marcelo Fragelli
Cyro C. O. Lira
Leo Grossman
Euro Brandão

_ Anotações

-

_ Acervo Disponível

- não foram encontrados registros no acervo do arquiteto
- foram publicados três imagens no livro “Obra Completa” de Pisani (2013), além de uma imagem presente na matéria do site arcvision sobre a trienal de Milão de 2014 com curadoria do próprio Pisani

_ Equipe de Projeto

_ Bibliogafia

ACRÓPOLE. São Paulo: Editora Max Gruenwald & Cia., ano 32, n. 382, MAR. 1971.

FLYNN, M. H. Concursos de arquitetura no Brasil 1850-2000. 2001. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo.

OTONDO, C. Relações entre pensar e fazer na obra de Paulo Mendes da Rocha. 247 p. Tese (Doutorado em Arquitetura e urbanismo). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

PISANI, D. Paulo Mendes da Rocha, Obra Completa. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

SOBREIRA, F; FLYNN, M. H.; RIBEIRO, P.V.B. (orgs.) Paulo Mendes da Rocha: sobre concursos e memórias (entrevista). Brasília: MGSR, 2018.

Estádio do Paraná 1970

paraná

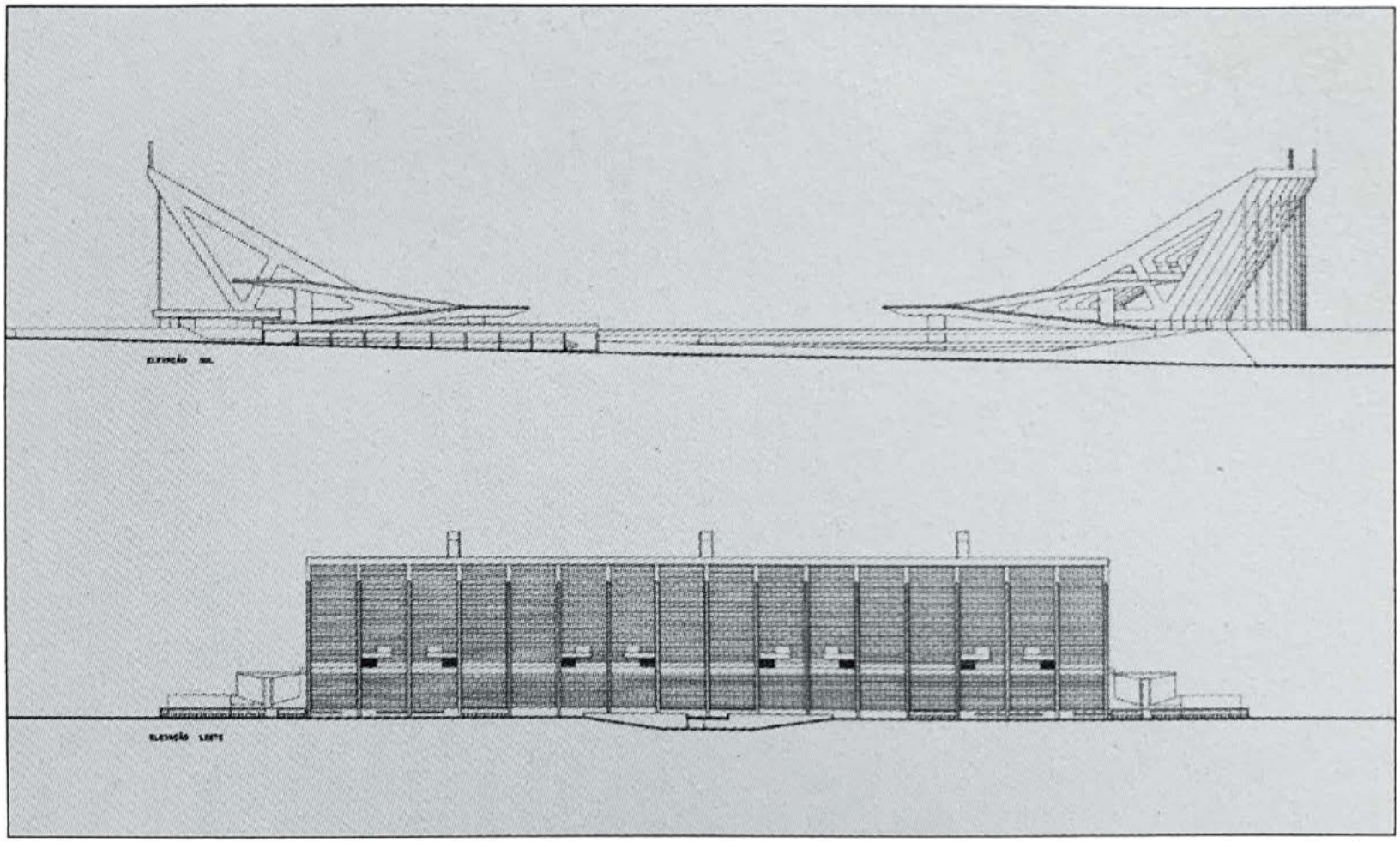


figura 74. pmr-c-epr-des-01. fonte: PISANI, 2013

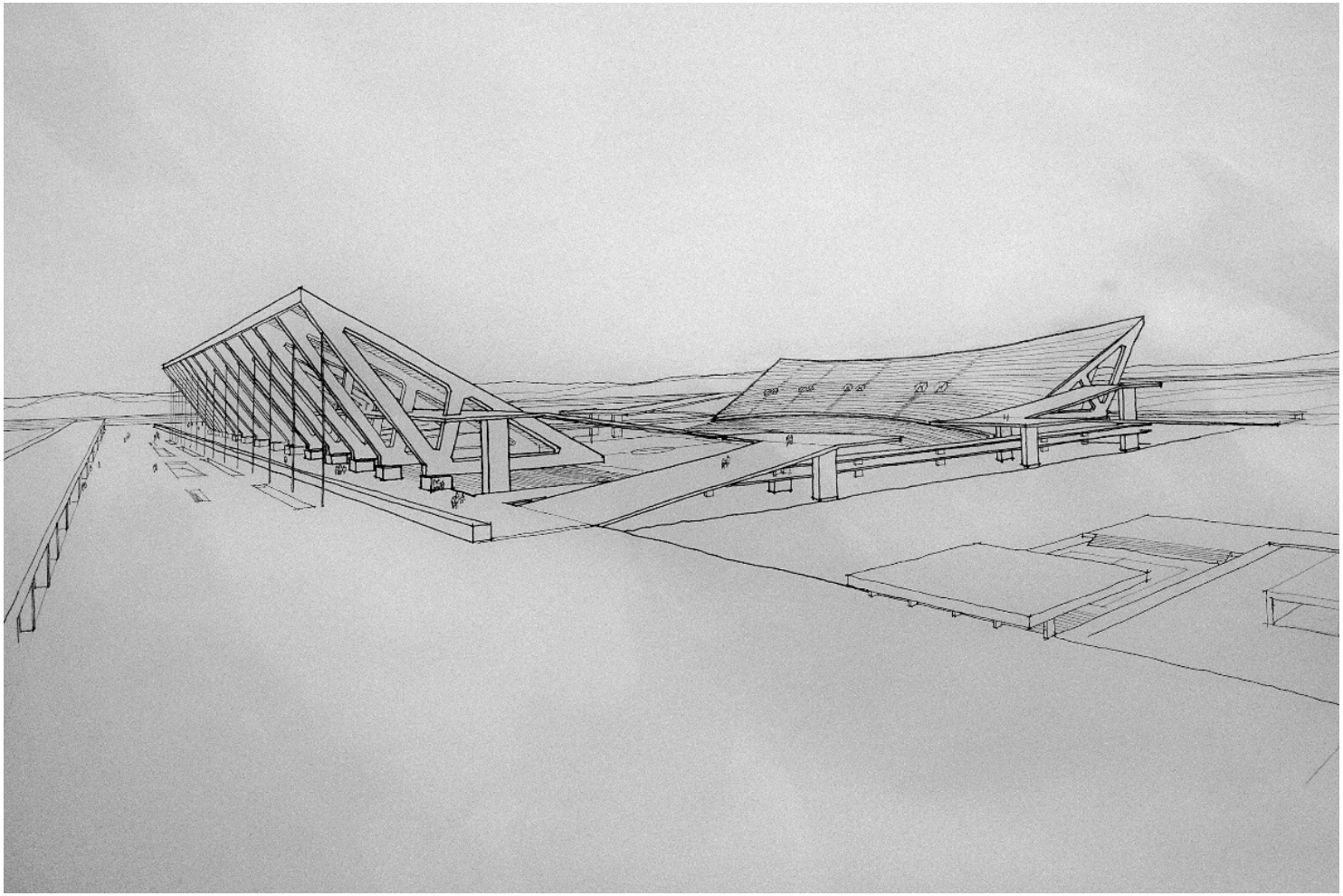


figura 75. pmr-c-epr-des-02. fonte: arcvision.org

Estádio do Paraná 1970

paraná

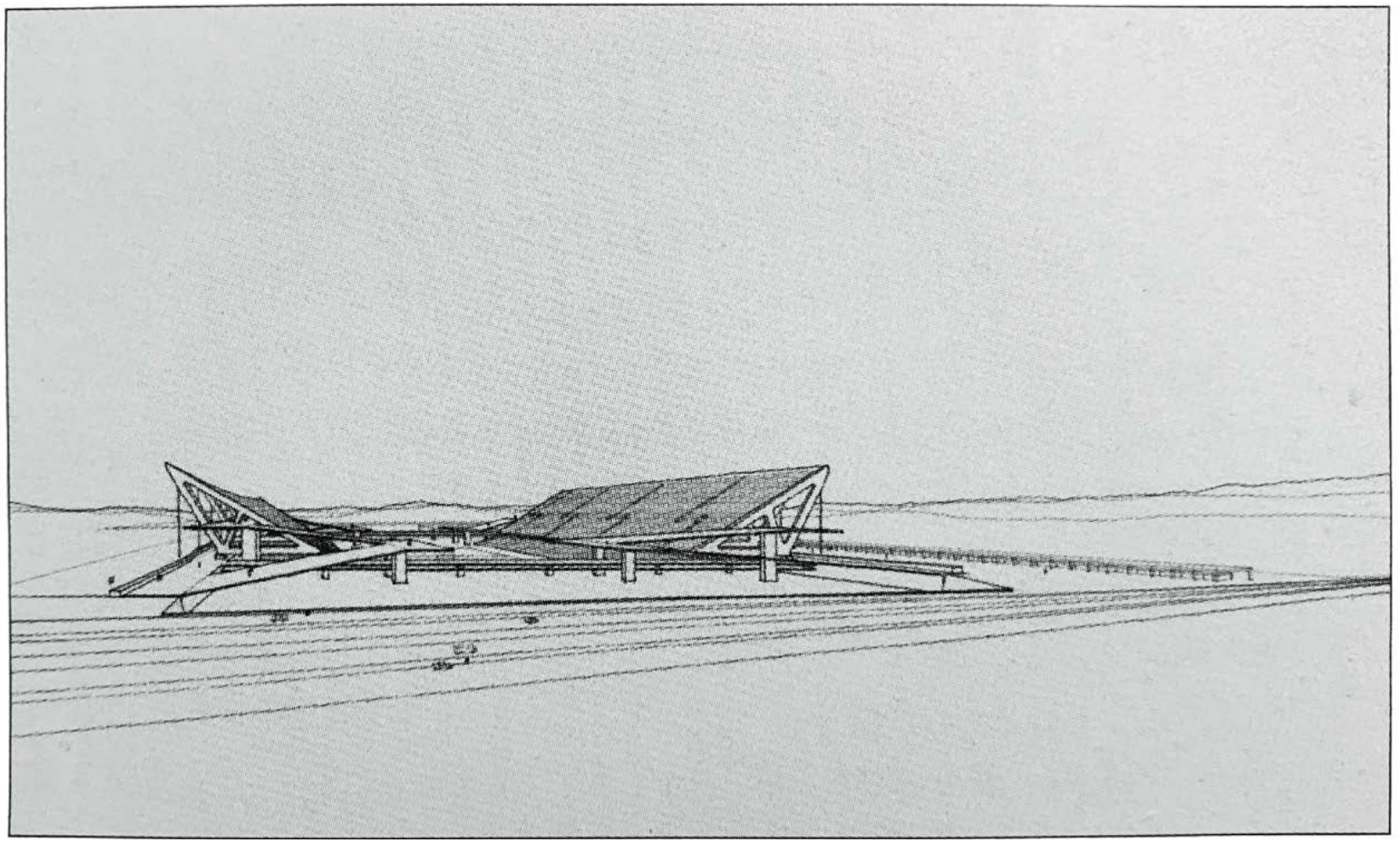


figura 76. pmr-c-epr-des-03. fonte: PISANI, 2013

Sede da União dos Bancos Brasileiros 1971

são paulo

_ Tipo de Concurso

fechado (carta convite)

_ Entidade Promotora

UNIBANCO

_ Organizador do Concurso

IAB-SP

_Número de Projetos Entregues

4

_ Colocação Paulo Mendes da Rocha

não premiado

_ Premiados

1° lugar- Roberto Loebe, Flávio Mindlin Guimarães, Marklen Siag Landa

_ Jurados

_ Anotações

projeto construído

_ Acervo Disponível

- não foram encontrados registros no acervo do arquiteto
- consta na lista da Casa da Arquitectura, porém não há arquivos disponíveis

_ Equipe de Projeto

Paulo Mendes da Rocha (autor)

Sami Bussab (autor)

_ Bibliogafia

FLYNN, M. H. Concursos de arquitetura no Brasil 1850-2000. 2001. Tese (Doutorado emArquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo.

OTONDO, C. Relações entre pensar e fazer na obra de Paulo Mendes da Rocha. 247 p. Tese (Doutorado em Arquitetura e urbanismo). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

PISANI, D. Paulo Mendes da Rocha, Obra Completa. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

SOBREIRA, F; FLYNN, M. H.; RIBEIRO, P.V.B. (orgs.) Paulo Mendes da Rocha: sobre concursos e memórias (entrevista). Brasília: MGSR, 2018.

Edifício Sede do CONFEA Brasília 1971

distrito federal

_ Tipo de Concurso

público nacional

_ Entidade Promotora

CONFEA

_ Organizador do Concurso

IAB-DF

_Número de Projetos Entregues

-

_ Colocação Paulo Mendes da Rocha

não premiado

_ Premiados

1º lugar- David Bondar, Arnaldo Knijnik

2º lugar- Mauro Juarez Tuleski, Nereu Barão, Ricardo Bahr

3º lugar- Manoel Coelho, Roberto Luis Gandolfi

_ Jurados

Marcos Prado

- não foram encontrados outros participantes do júri

_ Anotações

projeto construído

_ Acervo Disponível

_ Equipe de Projeto

_ Bibliogafia

PACHECO, Paulo Cesar Braga. O Risco do Paraná e os Concursos Nacionais de Arquitetura 1962-1981. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade do Rio Grande do Sul. Curitiba e Porto Alegre, 2004.

PISANI, D. Paulo Mendes da Rocha, Obra Completa. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

SOBREIRA, F; FLYNN, M. H.; RIBEIRO, P.V.B. (orgs.) Paulo Mendes da Rocha: sobre concursos e memórias (entrevista). Brasília: MGSR, 2018.

Centro Beaubourg Georges Poumpidou Paris 1971

França

_ Tipo de Concurso

público internacional

_ Entidade Promotora

Fundação Poumpidou

_ Organizador do Concurso

_Número de Projetos Entregues

681

_ Colocação Paulo Mendes da Rocha

entre os 30 premiados

_ Premiados

1° lugar- Renzo Piano e Richard Rogers

_ Jurados

Jean Prouvé
Philip Johnson
Emile Aillaud
Oscar Niemeyer
Michel Laclotte
Frank Francis
Willem Sandberg
Herman Liebaers
Gaetan Picon

_ Anotações

_ Acervo Disponível

acervo completo (disponível na Casa da Arquitectura)

_ Equipe de Projeto

Paulo Mendes da Rocha (autor)

Abrahaão Sanovicz (autor)

Osvaldo Gonçalves

Cláudio Gomes

_ Bibliogafia

ARTIGAS, R. Paulo Mendes da Rocha. São Paulo: Cosac Naify, 2000.

DAMON, Marcus Vinicius. Arquiteturas não construídas: modos de aproximação e representação aplicadas no MACUSP de 1975. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

MURTINHO, Vítor. Centro Pompidou: um espetáculo de luz, cor e aço. Coimbra, 2015.

OTONDO, Catherine. Desenho e espaço construído: relações entre pensar e fazer na obra de Paulo Mendes da Rocha. (Tese de doutorado). São Paulo: FAU USP, 2013, p. 135.

PISANI, Daniele. Paulo Mendes da Rocha: Obra completa. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

SOBREIRA, F; FLYNN, M. H.; RIBEIRO, P.V.B. (orgs.) Paulo Mendes da Rocha: sobre concursos e memórias (entrevista). Brasília: MGSR, 2018.

SOUTO, Ana. Projeto arquitetônico e a relação com o lugar nas obras de Paulo Mendes da Rocha 1958-2000. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul.

Centro Beaubourg Georges Poumpidou Paris 1971

França

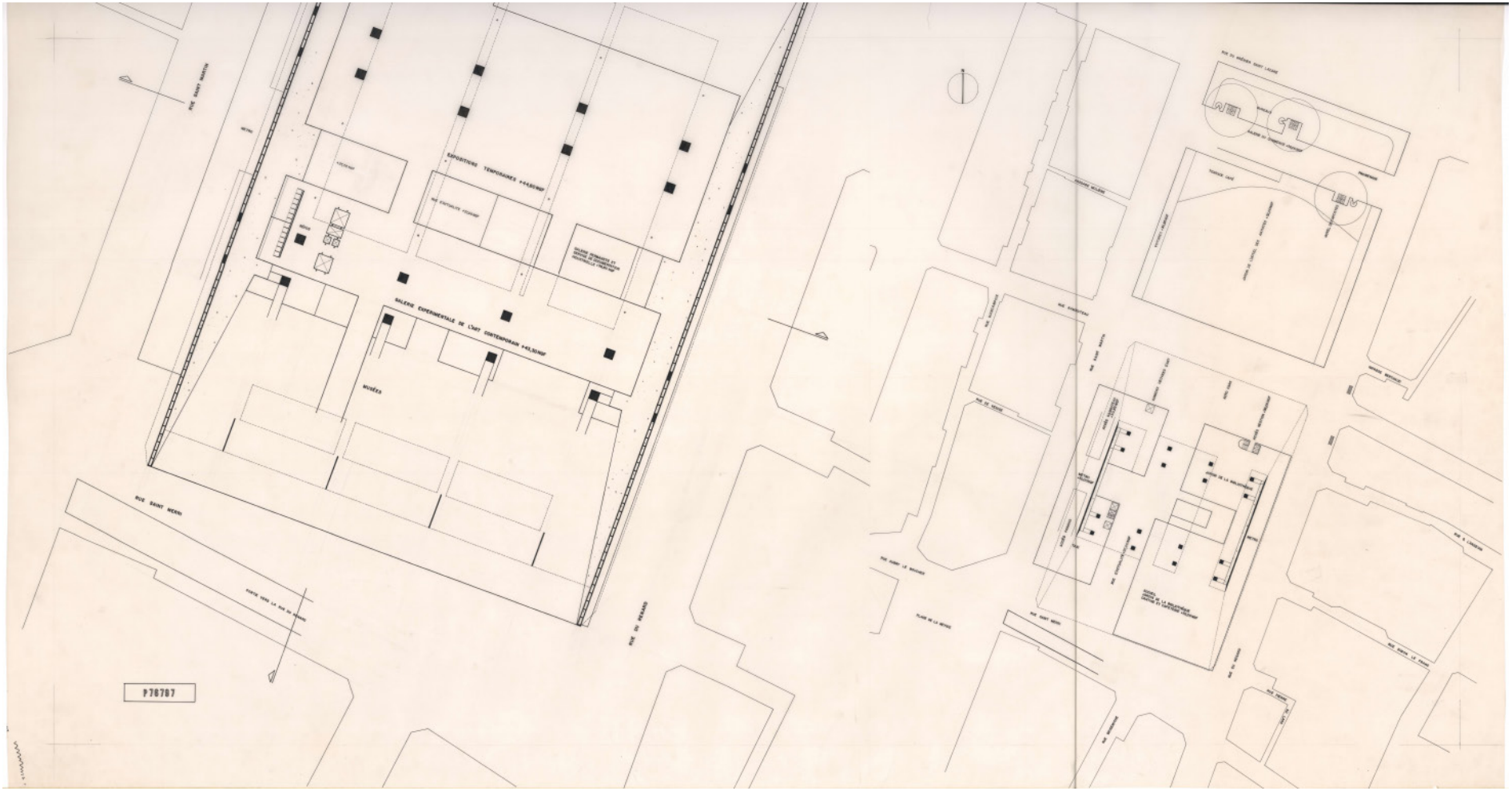


figura 77. PT_CA_PMR_3_PA-008-0003. fonte: Casa da Arquitectura

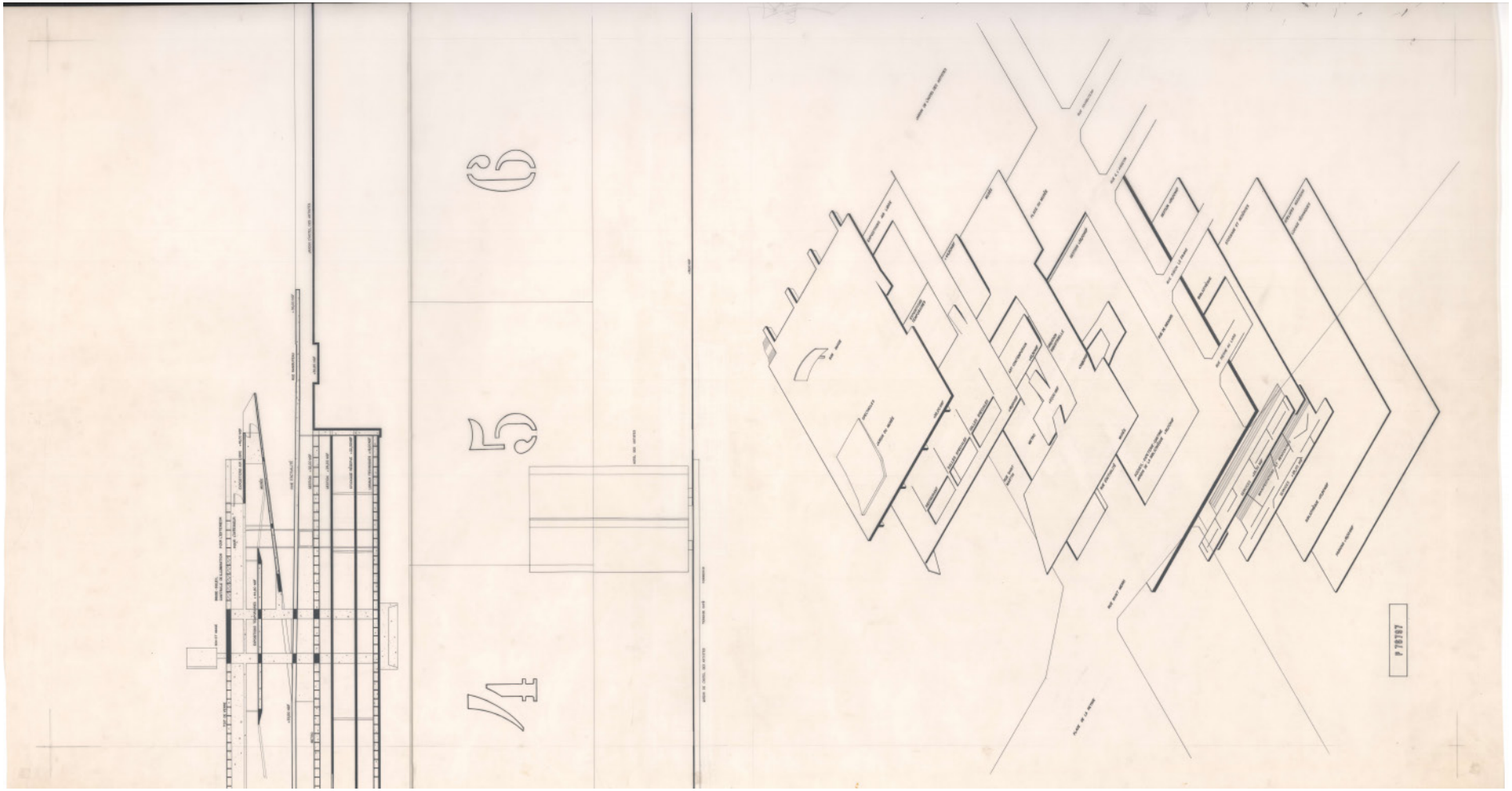


figura 78. PT_CA_PMR_3_PA-008-0004. fonte: Casa da Arquitectura

Centro Beaubourg Georges Poumpidou Paris 1971

França

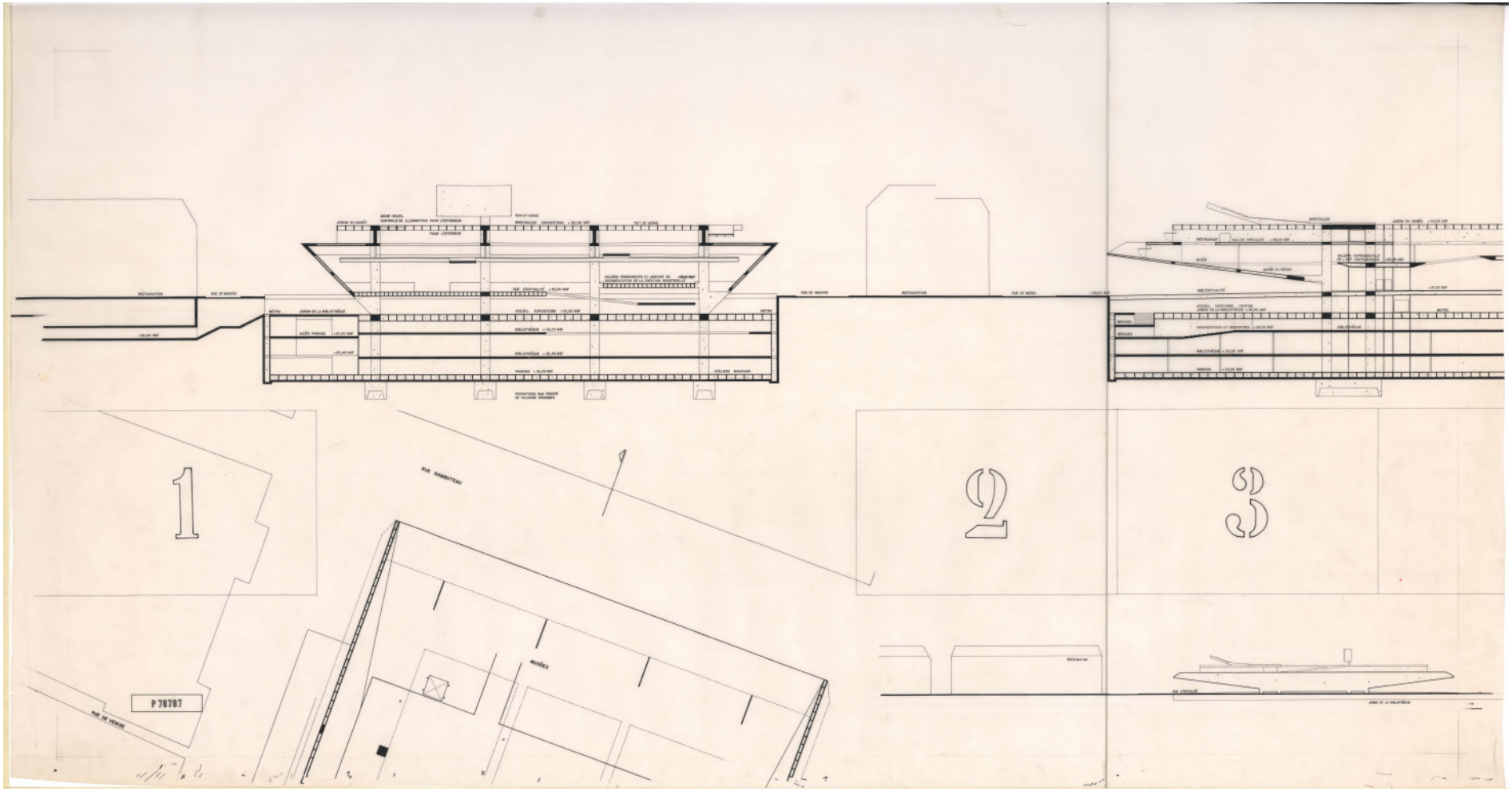


figura 79. PT_CA_PMR_3_PA-008-0005. fonte: Casa da Arquitectura

Centro Beaubourg Georges Poumpidou Paris 1971

frança

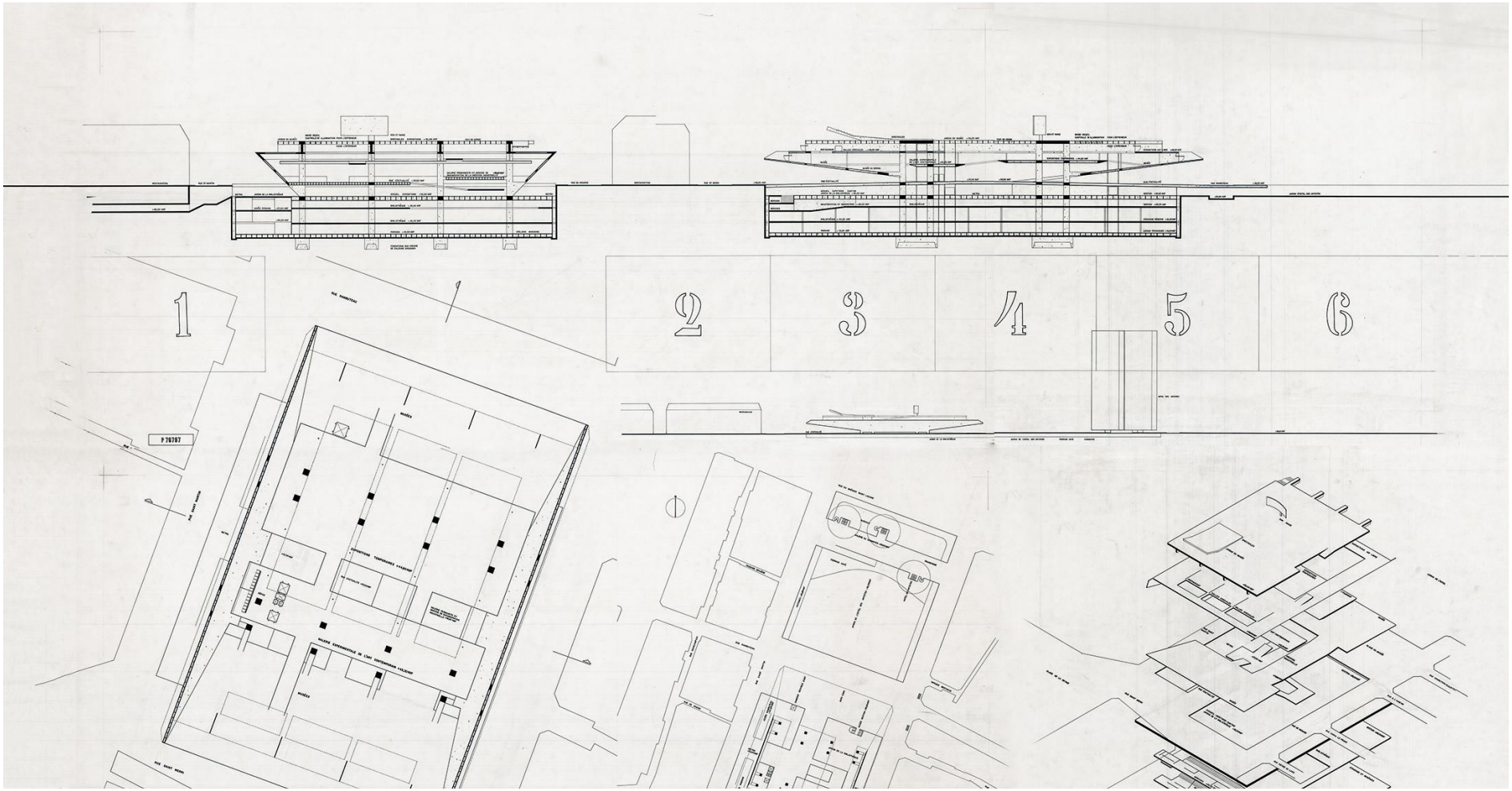


figura 80. pmr-c-cbpp-flh-00. fonte: Escritório PMR

Centro Beaubourg Georges Poumpidou Paris 1971

frança

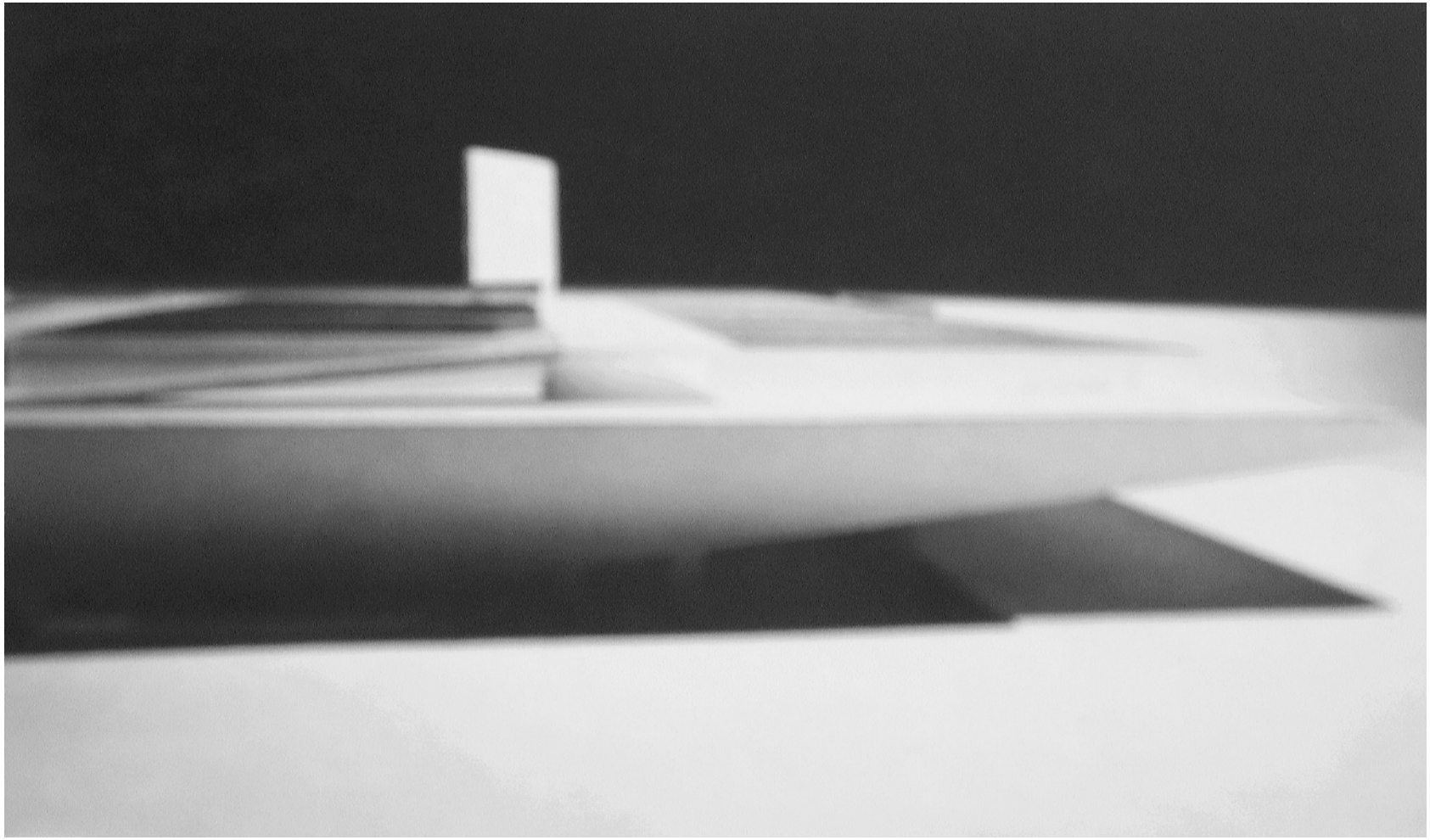


figura 81. pmr-c-cbpp-maquete-01. fonte: Escritório PMR

Centro Beaubourg Georges Poumpidou Paris 1971

frança

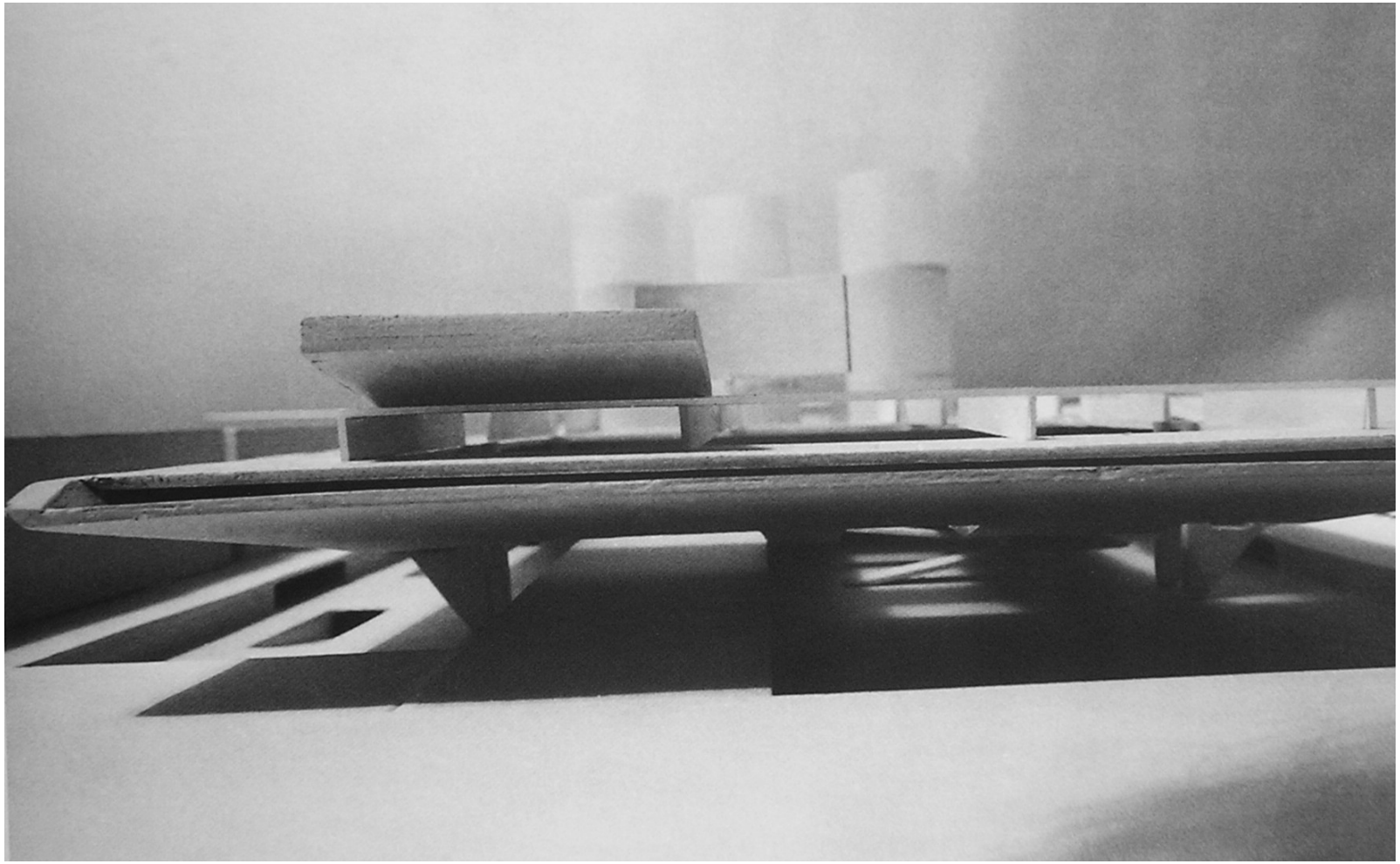


figura 82. pmr-c-cbpp-maquete-02. fonte: Escritório PMR

Transformação da Área Central de Santiago 1972

chile

_ Tipo de Concurso

público internacional de ideias

_ Entidade Promotora

UIA

_ Organizador do Concurso

Corporación de Mejoramiento Urbano (CORMU)

_Número de Projetos Entregues

87

_ Colocação Paulo Mendes da Rocha

não premiado

_ Premiados

1° lugar- Enrique D. Bares, Santiago F. Bó, Tomas O. Garcia, Roberto S. Germani e Emilio T. Sessa

2° lugar- Ivor Prinsloo

_ Jurados

Antonio Quintana de Cuba
Santiago Augurto
J. Wong
Miguel Lawner
Marcos Winograd
H. Valdés
M. Bedrack

_ Anotações

o projeto foi descontinuado após o golpe militar de Augusto Pinochet no ano seguiente

_ Acervo Disponível

acervo completo (disponível na Casa da Arquitectura)

_ Equipe de Projeto

Helene Afanasieff
Edgar Gonçalvez Dente
Maria Helena Flynn
Marcelo Nitsche
Roberto Leme
Ana Maria Dente
Georges Sallouti
Eduardo Homem
Newton Arakawa
Roberto Portugal

_ Bibliogafia

LAWNER, Miguel (1991). La Remodelación del Centro de Santiago. Santiago de Chile: Taller de Vivienda Social.

OTONDO, C. Relações entre pensar e fazer na obra de Paulo Mendes da Rocha. 247 p. Tese (Doutorado em Arquitetura e urbanismo). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

RIGOTTI, Ana Maria. Lecciones de la vivienda para construir ciudad: Megaformas para la remodelación del centro de Santiago de Chile.URBANA, V.6, no 8, jun.2014

PISANI, D. Paulo Mendes da Rocha, Obra Completa. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

SOBREIRA, F; FLYNN, M. H.; RIBEIRO, P.V.B. (orgs.) Paulo Mendes da Rocha: sobre concursos e memórias (entrevista). Brasília: MGSR, 2018.

SPIRO, A. Paulo Mendes da Rocha, Bauten und Projekte. Zurich: Niggli, 2002.

Transformação da Área Central de Santiago 1972

chile

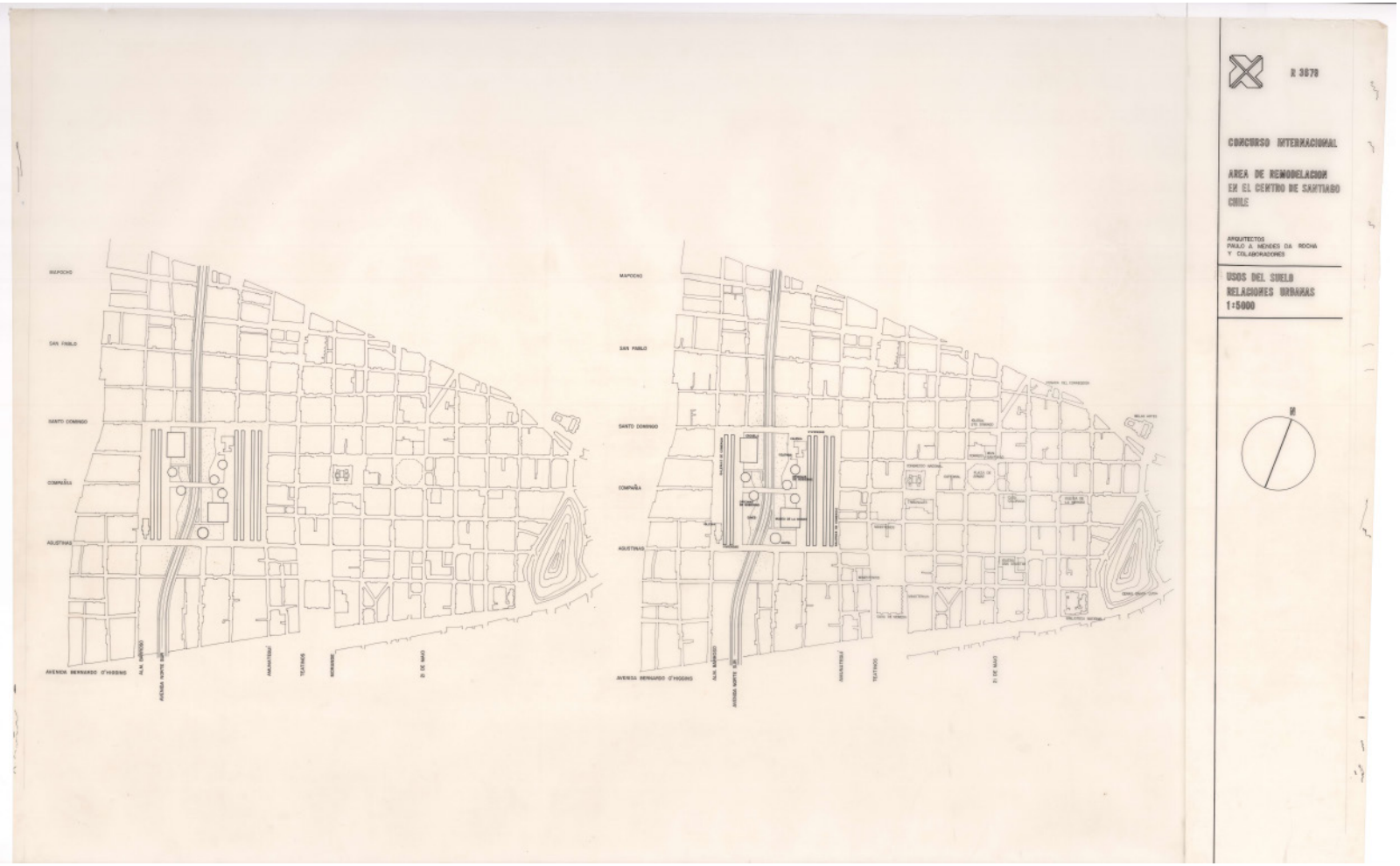


figura 83. PT_CA_PMR_3_PU-001-01-0001. fonte: Casa da Arquitectura

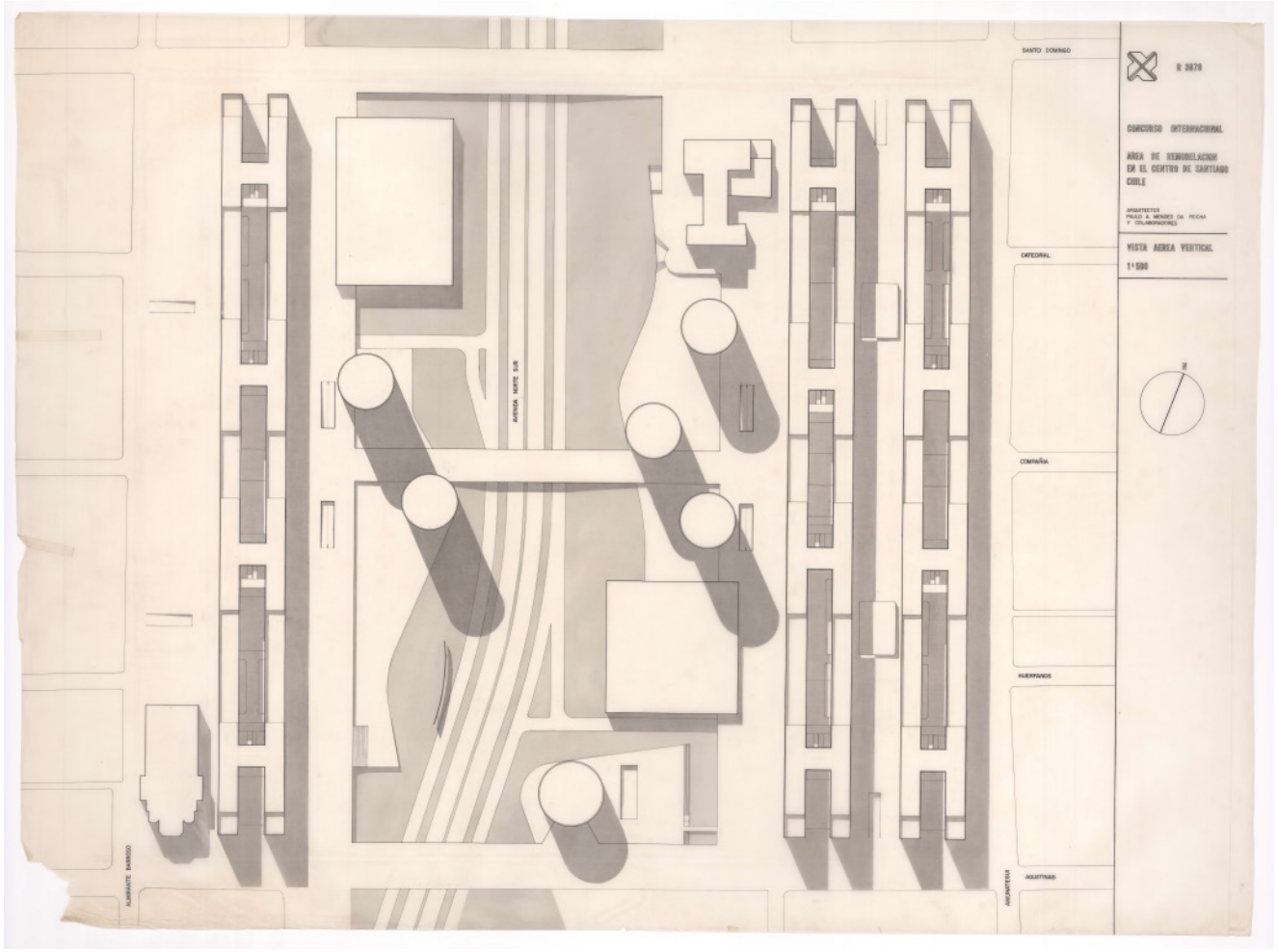


figura 84. PT_CA_PMR_3_PU-001-01-0002-A+B. fonte: Casa da Arquitectura

Transformação da Área Central de Santiago 1972

chile

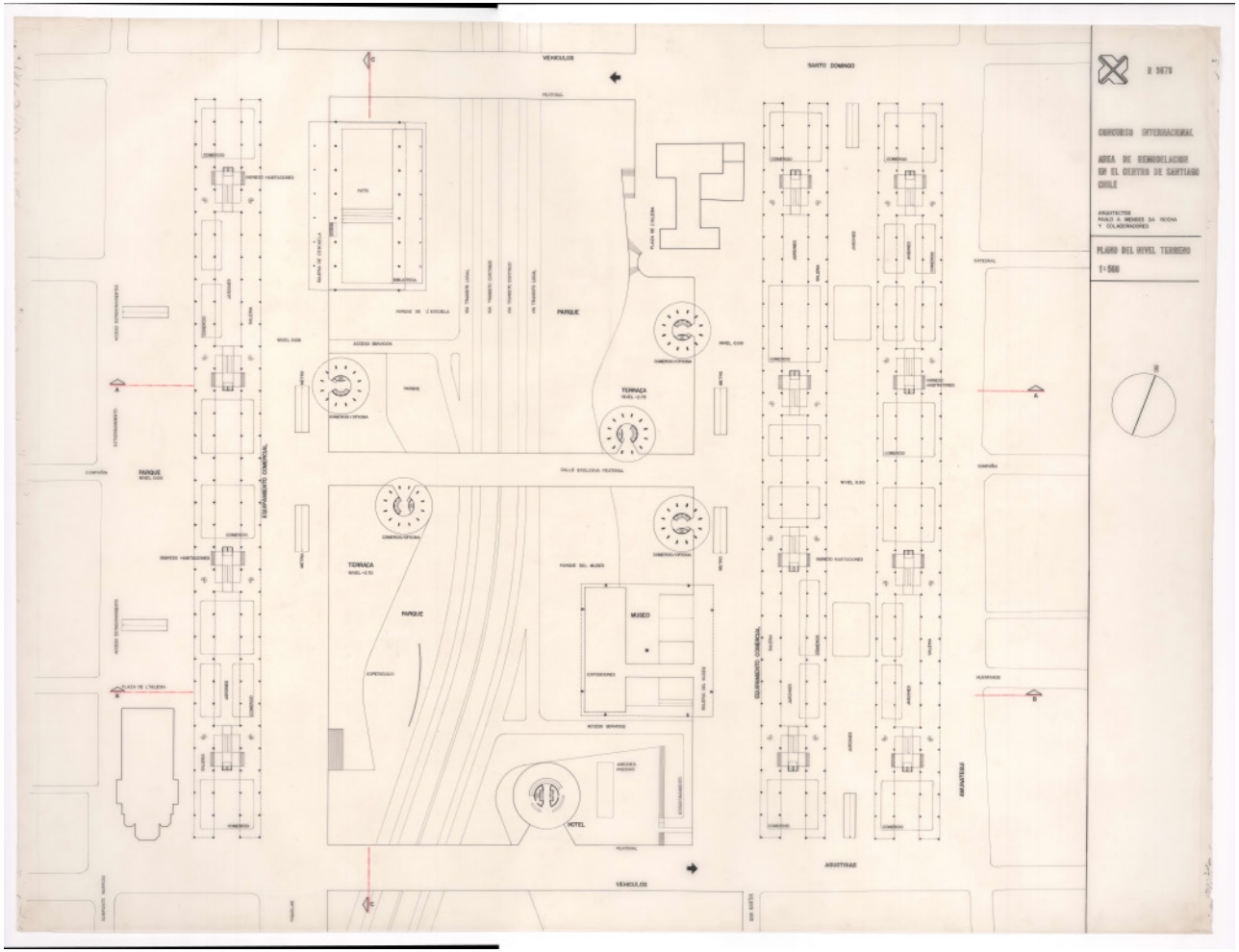


figura 85. PT_CA_PMR_3_PU-001-01-0003-A+B. fonte: Casa da Arquitectura

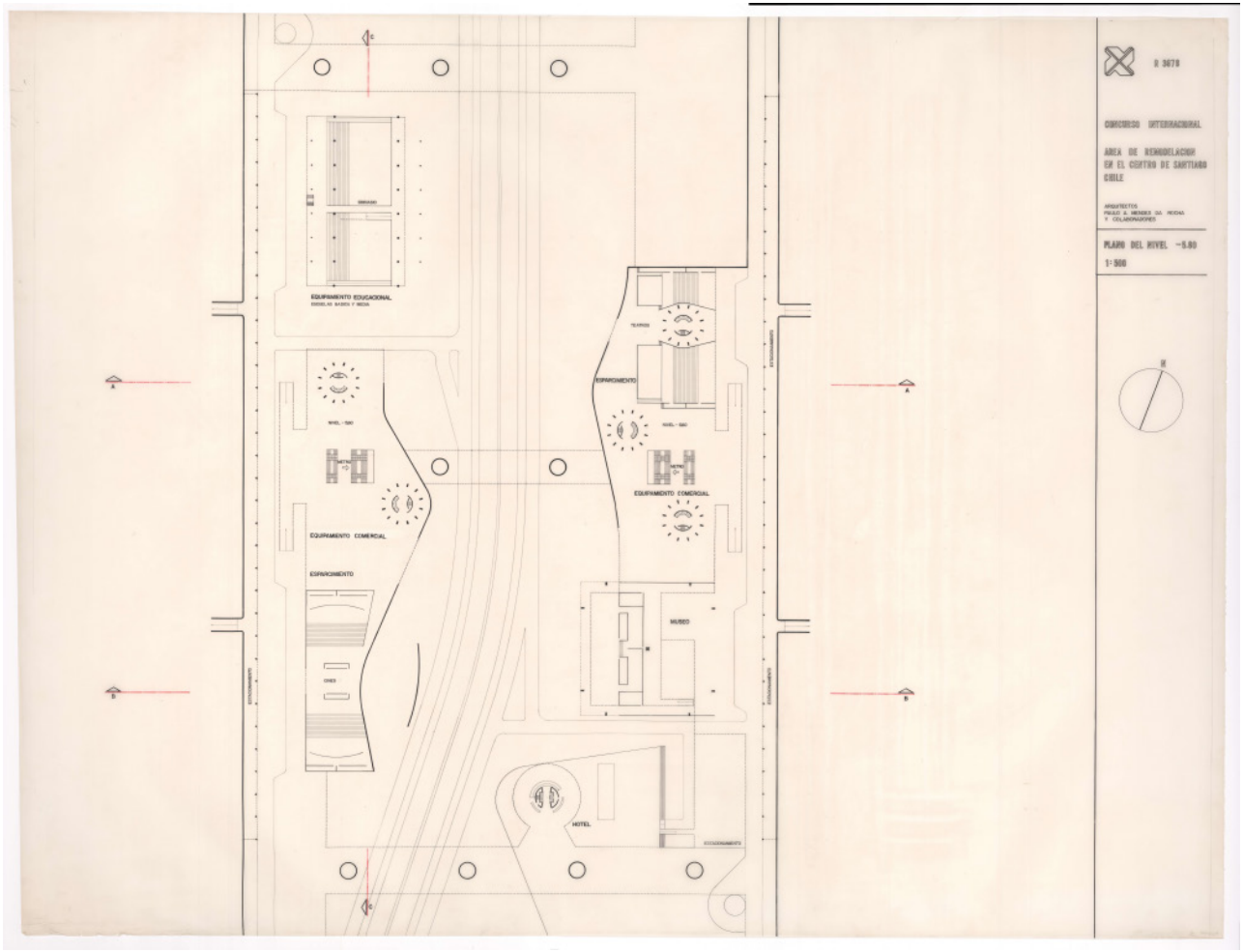


figura 86. PT_CA_PMR_3_PU-001-01-0004-A+B. fonte: Casa da Arquitectura

Transformação da Área Central de Santiago 1972

chile

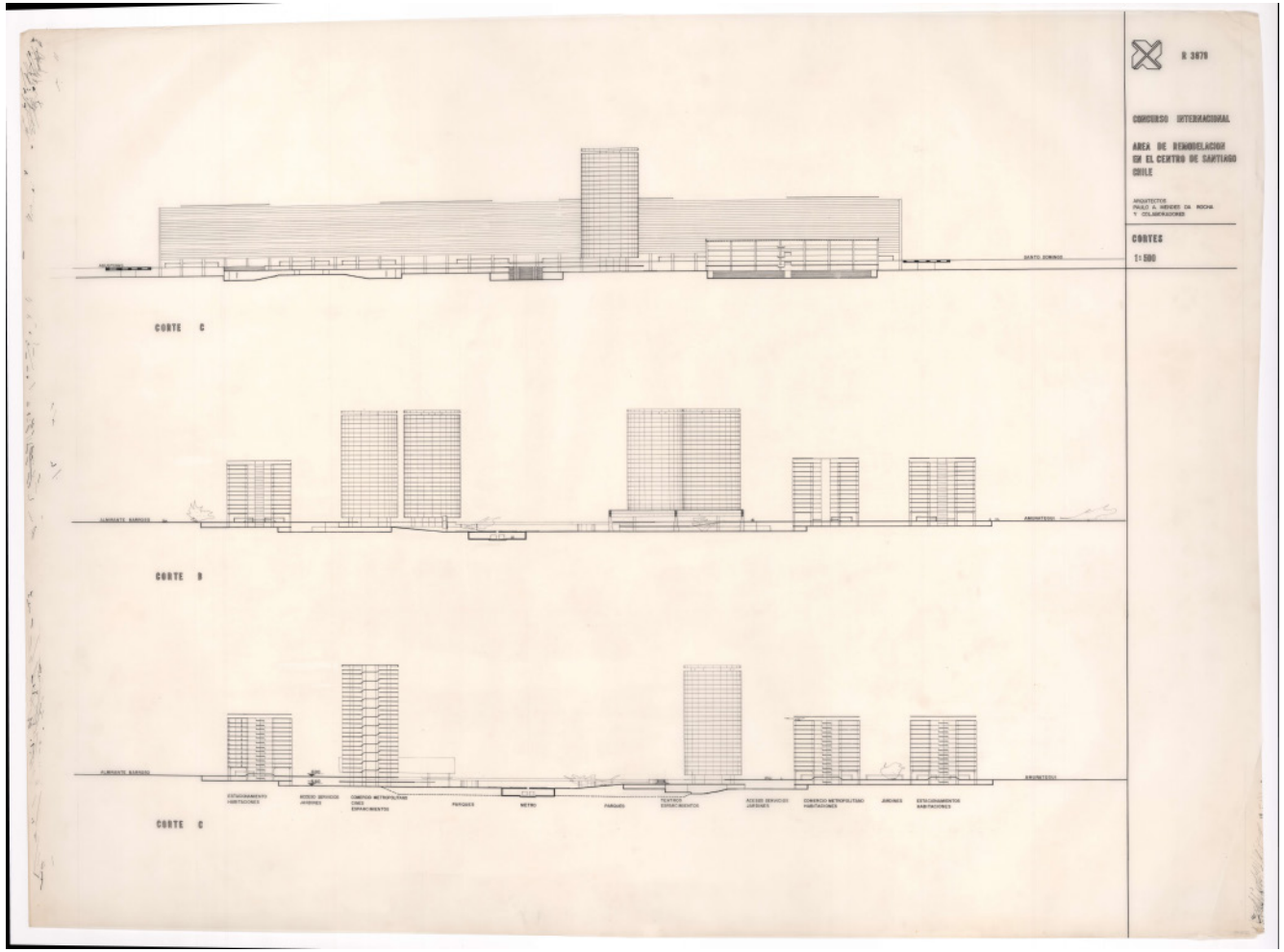


figura 87. PT_CA_PMR_3_PU-001-01-0005-A+B. fonte: Casa da Arquitectura



figura 88. PT_CA_PMR_3_PU-001-01-0006-A+B. fonte: Casa da Arquitectura

Transformação da Área Central de Santiago 1972

chile

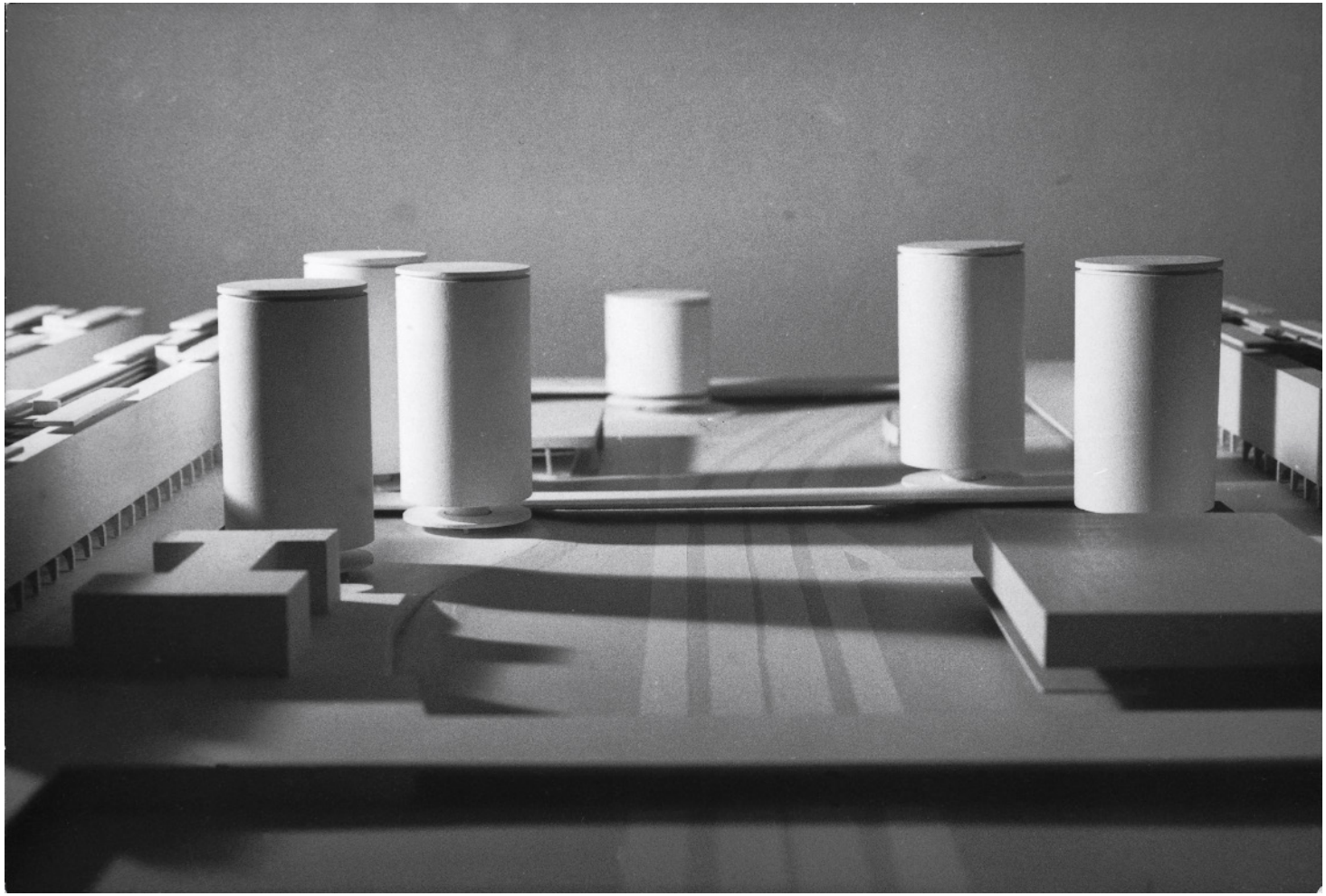


figura 89. pmr-c-tacs-maquete-01. fonte: Escritório PMR

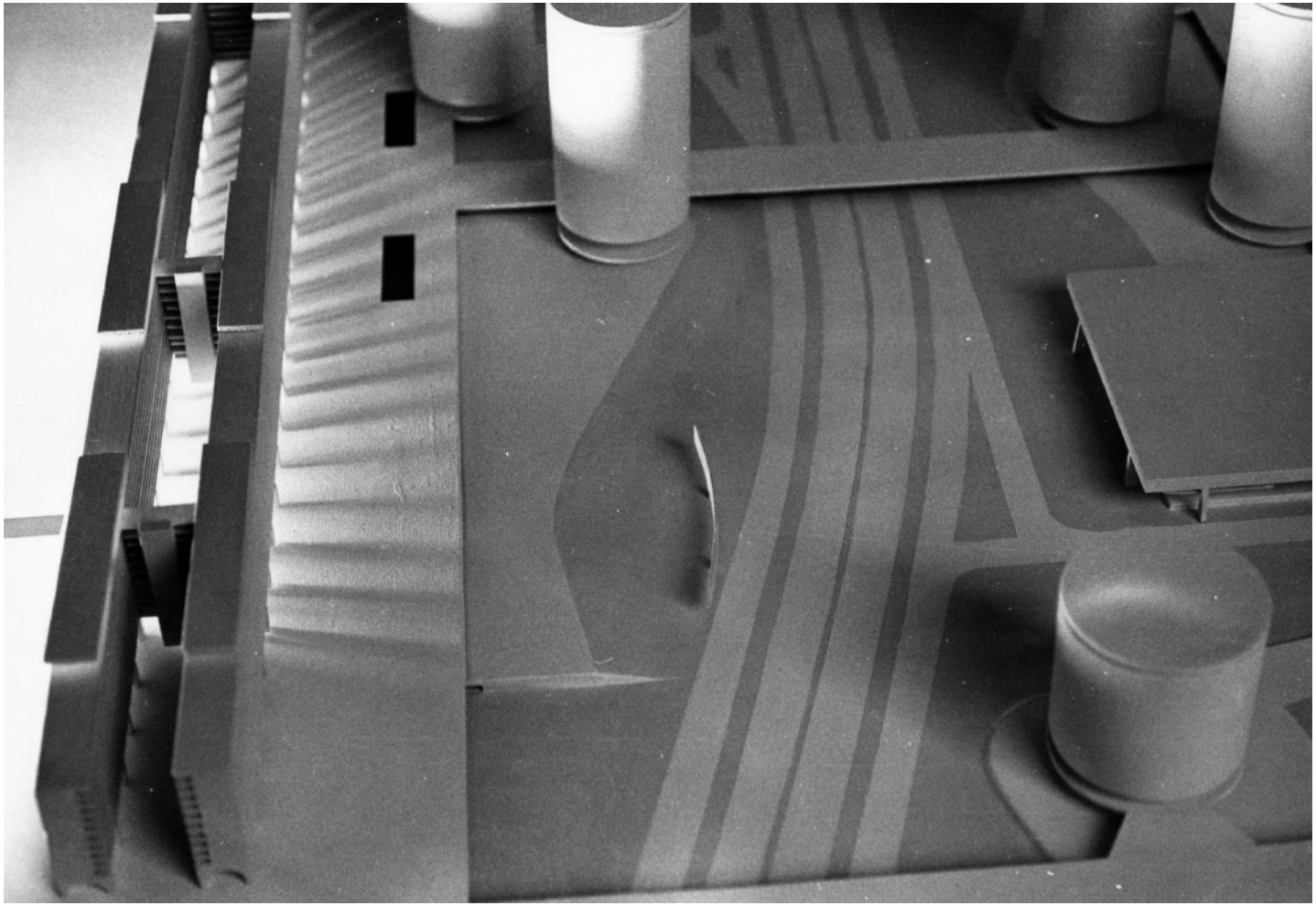


figura 90. pmr-c-tacs-maquete-02. fonte: Escritório PMR

Transformação da Área Central de Santiago 1972

chile

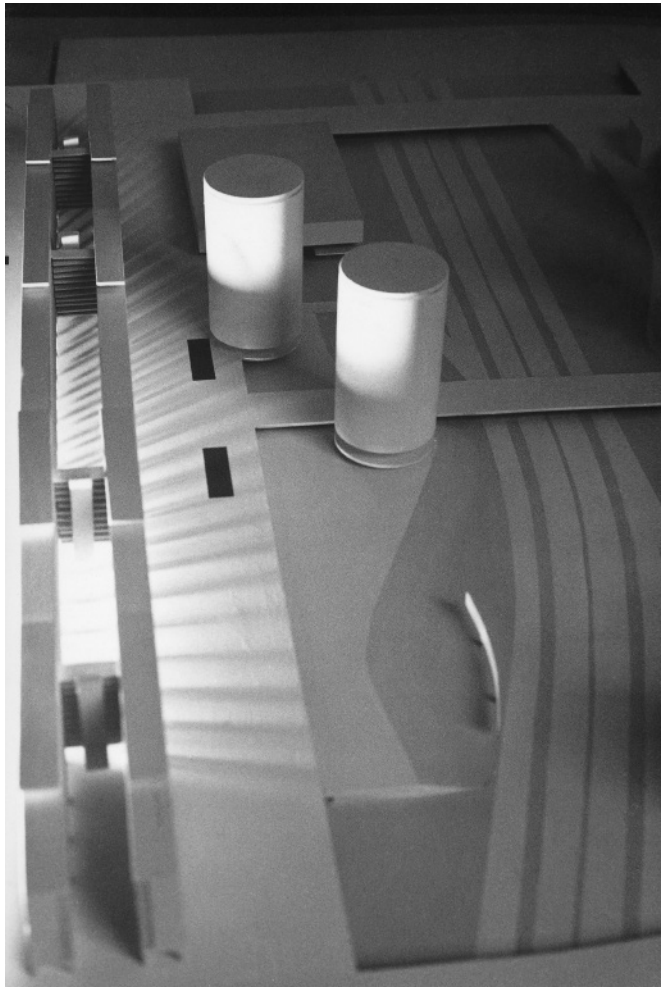


figura 91. pmr-c-tacs-maquete-03. fonte: Escritório PMR

Sede do Serviço Social do Comércio (SESC) Rio de Janeiro 1973

rio de janeiro

_ Tipo de Concurso

fechado (hipotético)

_ Entidade Promotora

SESC (hipotético)

_ Organizador do Concurso

SESC (hipotético)

_Número de Projetos Entregues

_ Colocação Paulo Mendes da Rocha

_ Premiados

1º lugar- Indio da Costa

_ Jurados

_ Anotações

_ Acervo Disponível

- com base na catalogação de Othondo (2013), o projeto se encontrava no tubo 2 do escritório do arquiteto com 13 pranchas A0
- não consta na lista da Casa da Arquitectura

_ Equipe de Projeto

_ Bibliogafia

OTONDO, C. Relações entre pensar e fazer na obra de Paulo Mendes da Rocha. 247 p. Tese (Doutorado em Arquitetura e urbanismo). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

PISANI, D. Paulo Mendes da Rocha, Obra Completa. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

SOBREIRA, F; FLYNN, M. H.; RIBEIRO, P.V.B. (orgs.) Paulo Mendes da Rocha: sobre concursos e memórias (entrevista). Brasília: MGSR, 2018.

Centro de Congressos de Campos do Jordão 1975

são paulo

_ Tipo de Concurso

fechado (hipotético)

_ Entidade Promotora

Secretaria de Estado dos Negócios de Esportes e Turismo de Campos do Jordão

_ Organizador do Concurso

_Número de Projetos Entregues

_ Colocação Paulo Mendes da Rocha

não premiado

_ Premiados

1º lugar- Giancarlo Gasperini, Roberto Aflalo e Orpheu Zamboni (hipotético)

_ Jurados

_ Acervo Disponível

acervo completo (disponível na Casa da Arquitectura)

_ Equipe de Projeto

Paulo Mendes da Rocha (autor)
Roberto Ferreira (coordenador)
Luiz Albuquerque
Ercules Turbiani
Regina Mottin
Claudio Dias
Aluisio Miranda
Eduardo Colonelli
Helena Afanasieff

_ Bibliogafia

PISANI, D. Paulo Mendes da Rocha, Obra Completa. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

SOBREIRA, F; FLYNN, M. H.; RIBEIRO, P.V.B. (orgs.) Paulo Mendes da Rocha: sobre concursos e memórias (entrevista). Brasília: MGSR, 2018.

Centro de Congressos de Campos do Jordão 1975

são paulo

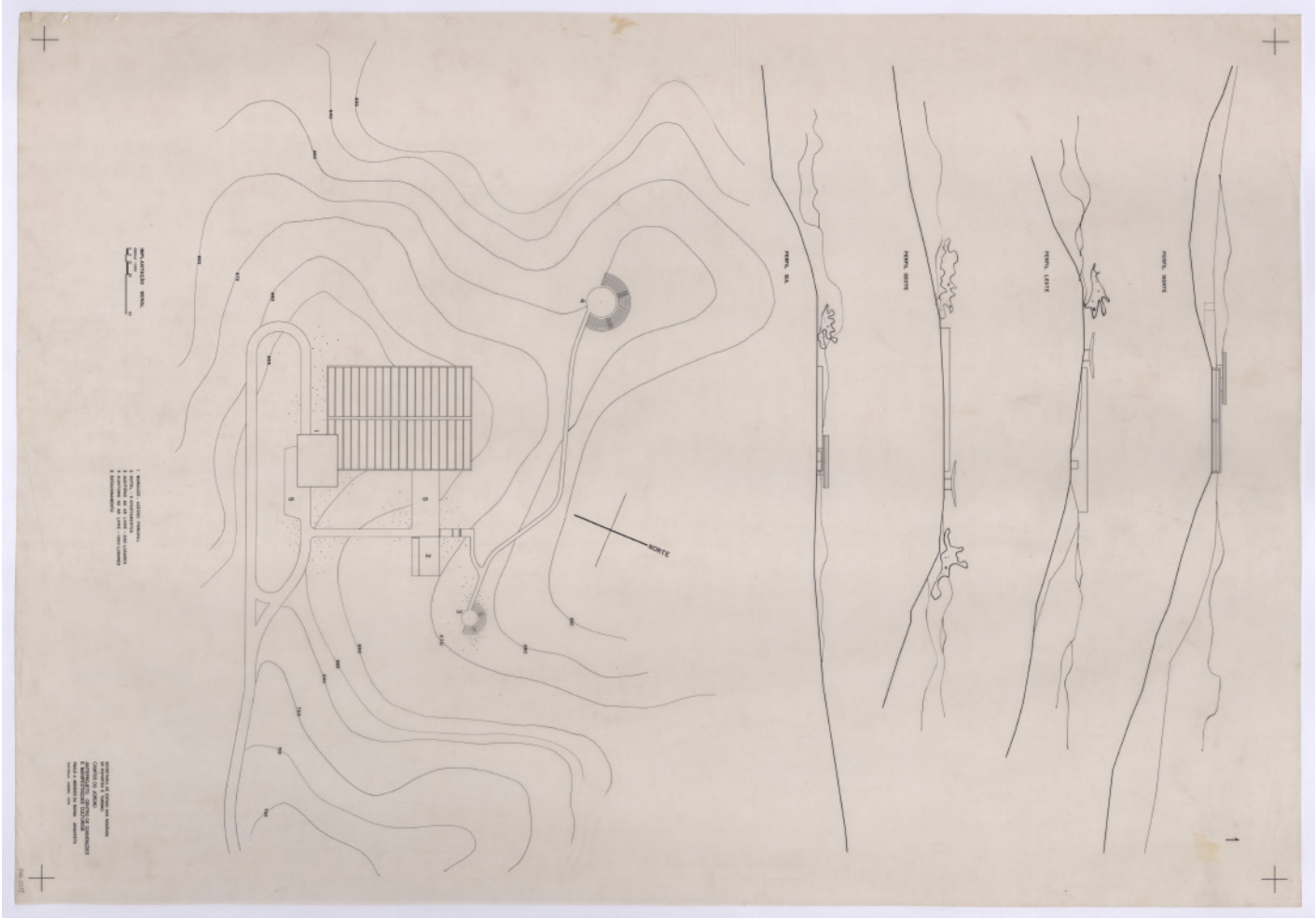


figura 92. PT-CA-PMR-3-PA-034_02811. fonte: Casa da Arquitectura

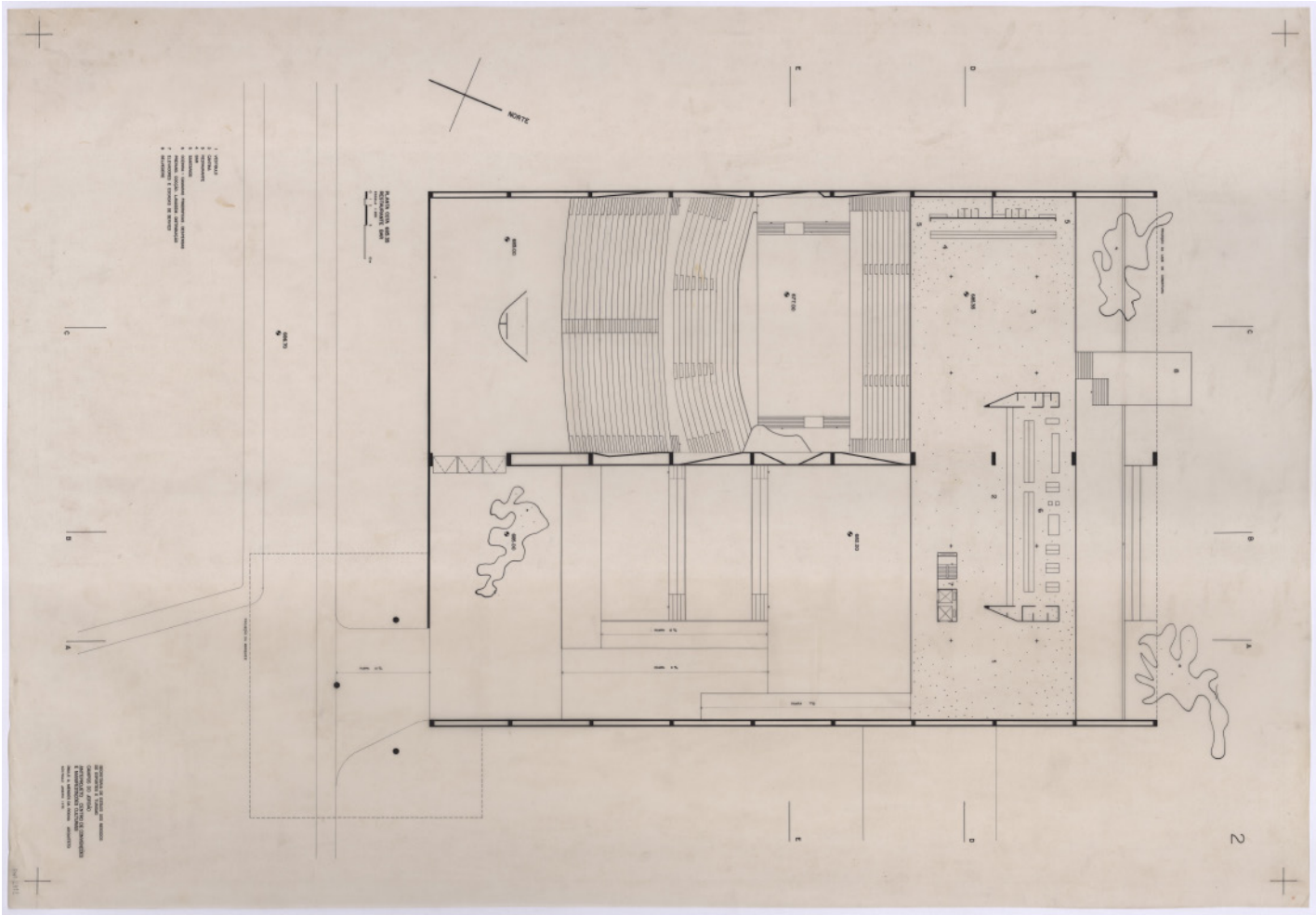


figura 93. PT-CA-PMR-3-PA-034_02812. fonte: Casa da Arquitectura

Centro de Congressos de Campos do Jordão 1975

são paulo

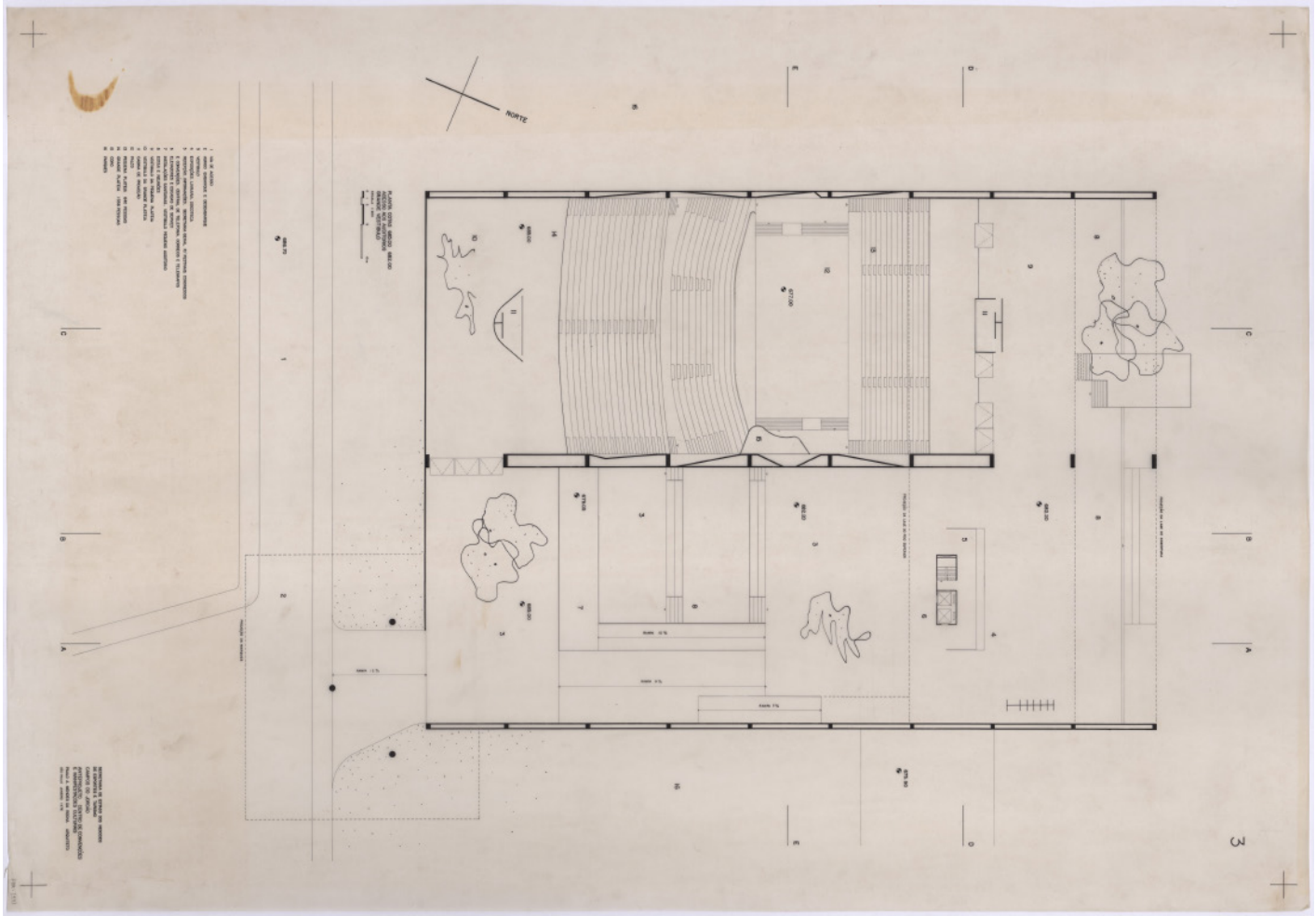


figura 94. PT-CA-PMR-3-PA-034_02813. fonte: Casa da Arquitectura

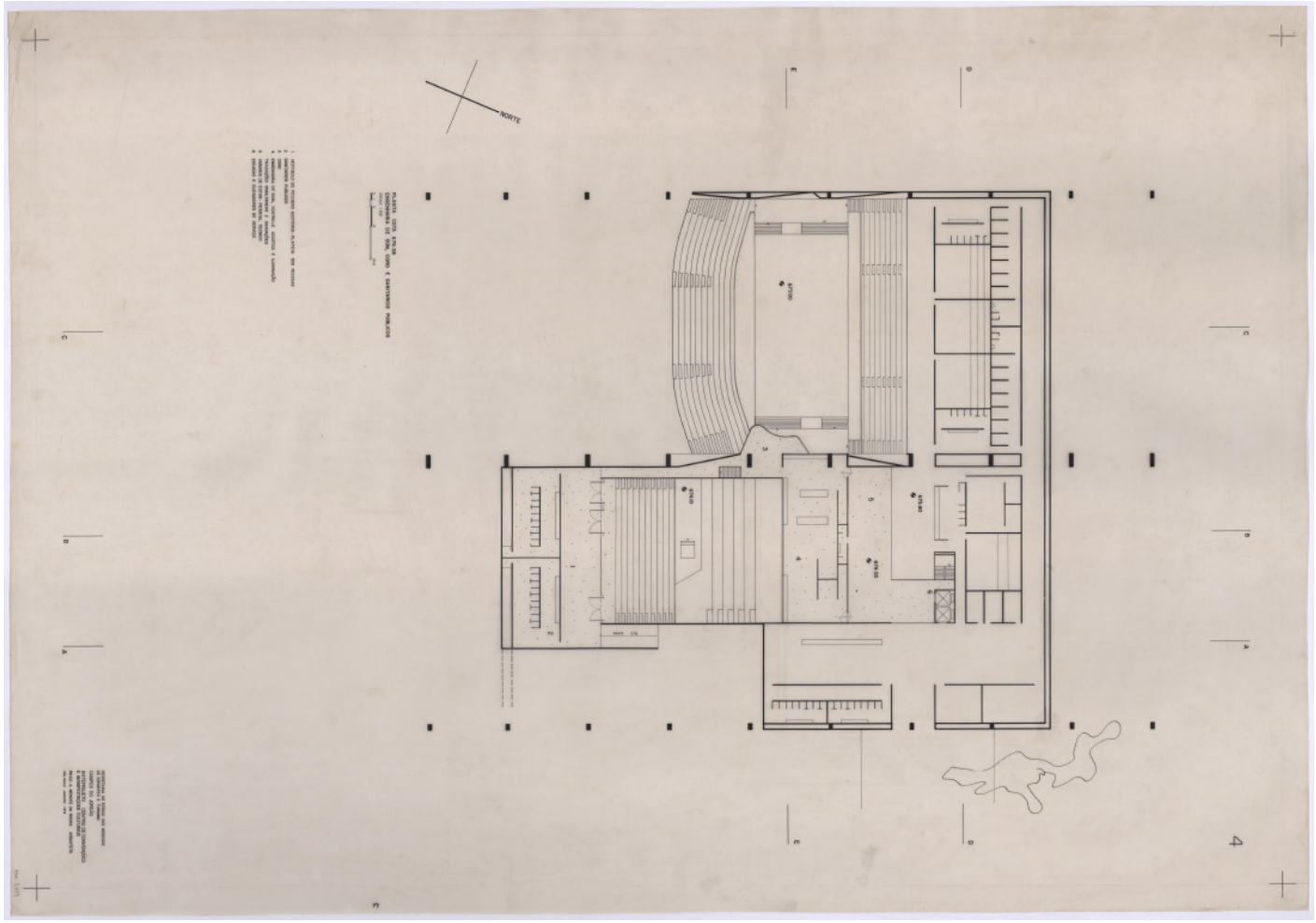


figura 95. PT-CA-PMR-3-PA-034_02814. fonte: Casa da Arquitectura

Centro de Congressos de Campos do Jordão 1975

são paulo

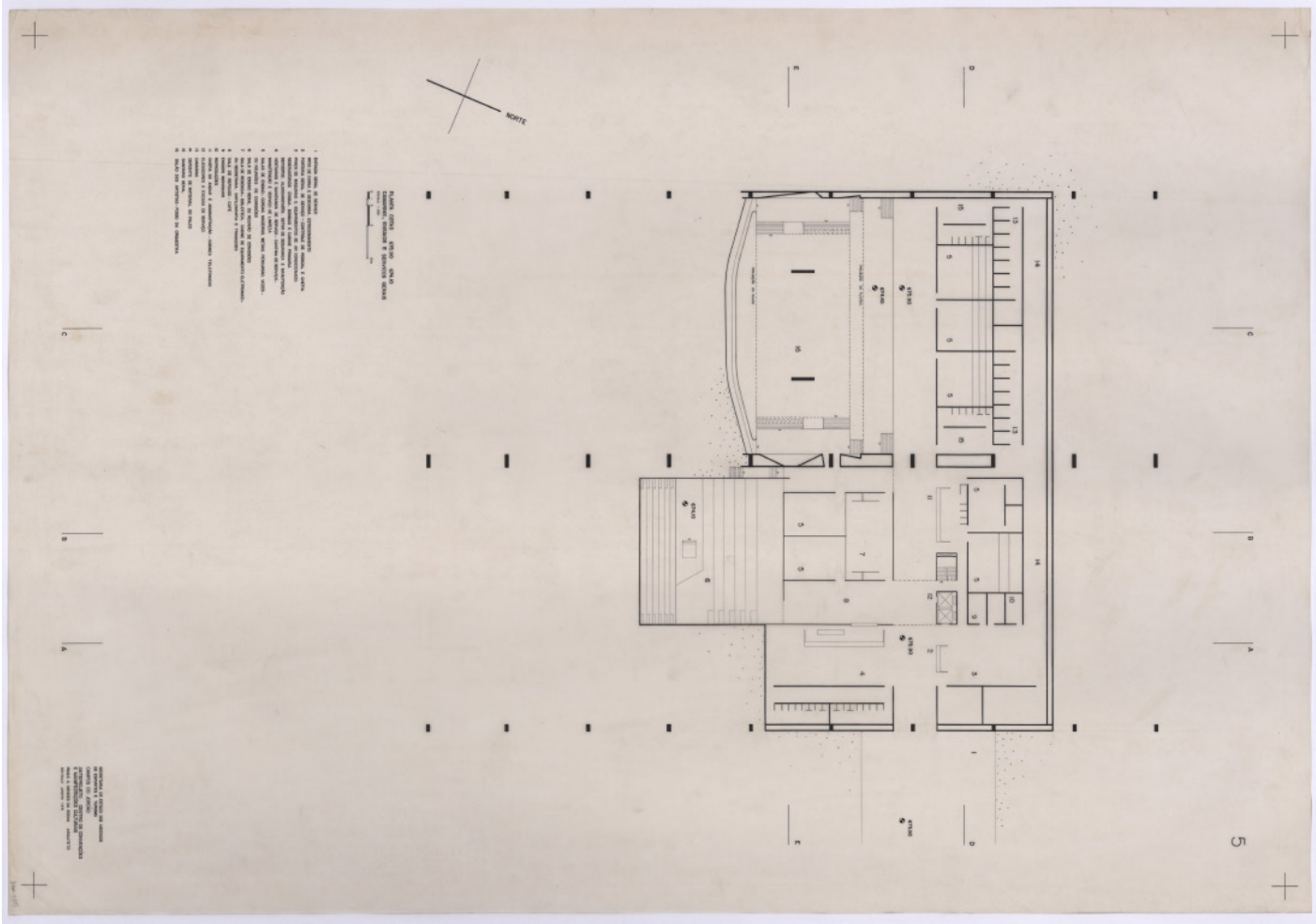


figura 96. PT-CA-PMR-3-PA-034_02815. fonte: Casa da Arquitectura

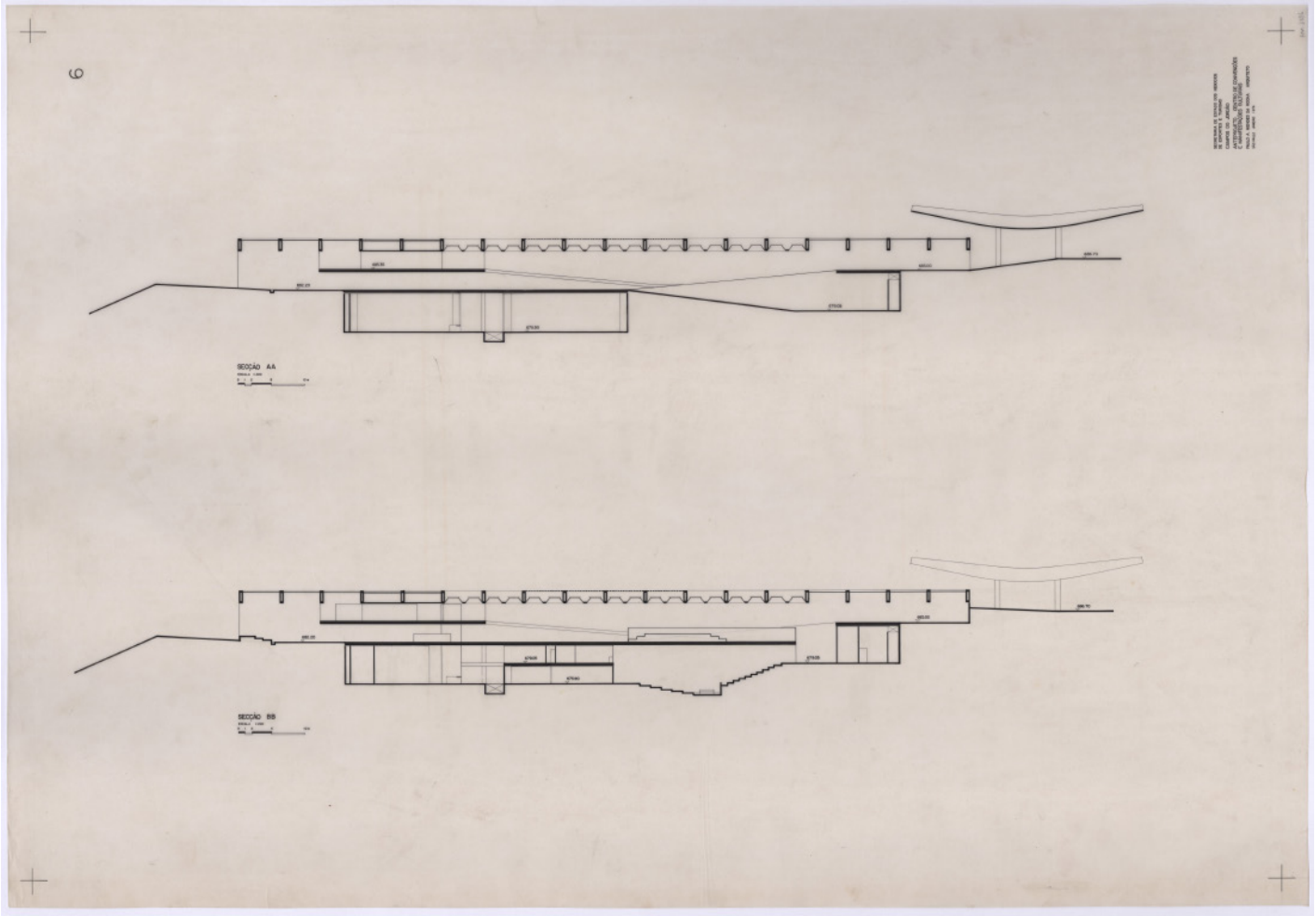


figura 97. PT-CA-PMR-3-PA-034_02816. fonte: Casa da Arquitectura

Centro de Congressos de Campos do Jordão 1975

são paulo

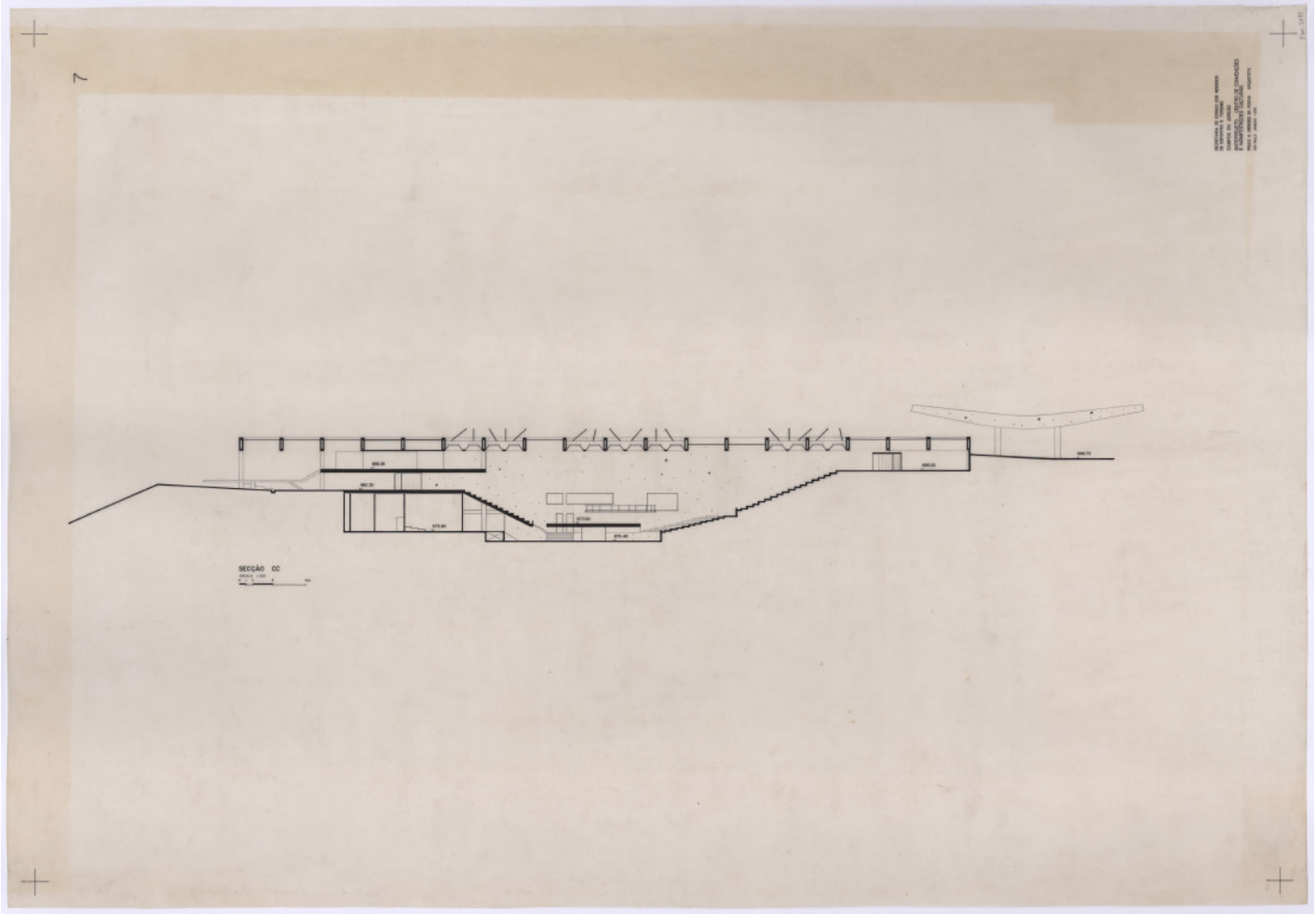


figura 98. PT-CA-PMR-3-PA-034_02817. fonte: Casa da Arquitectura

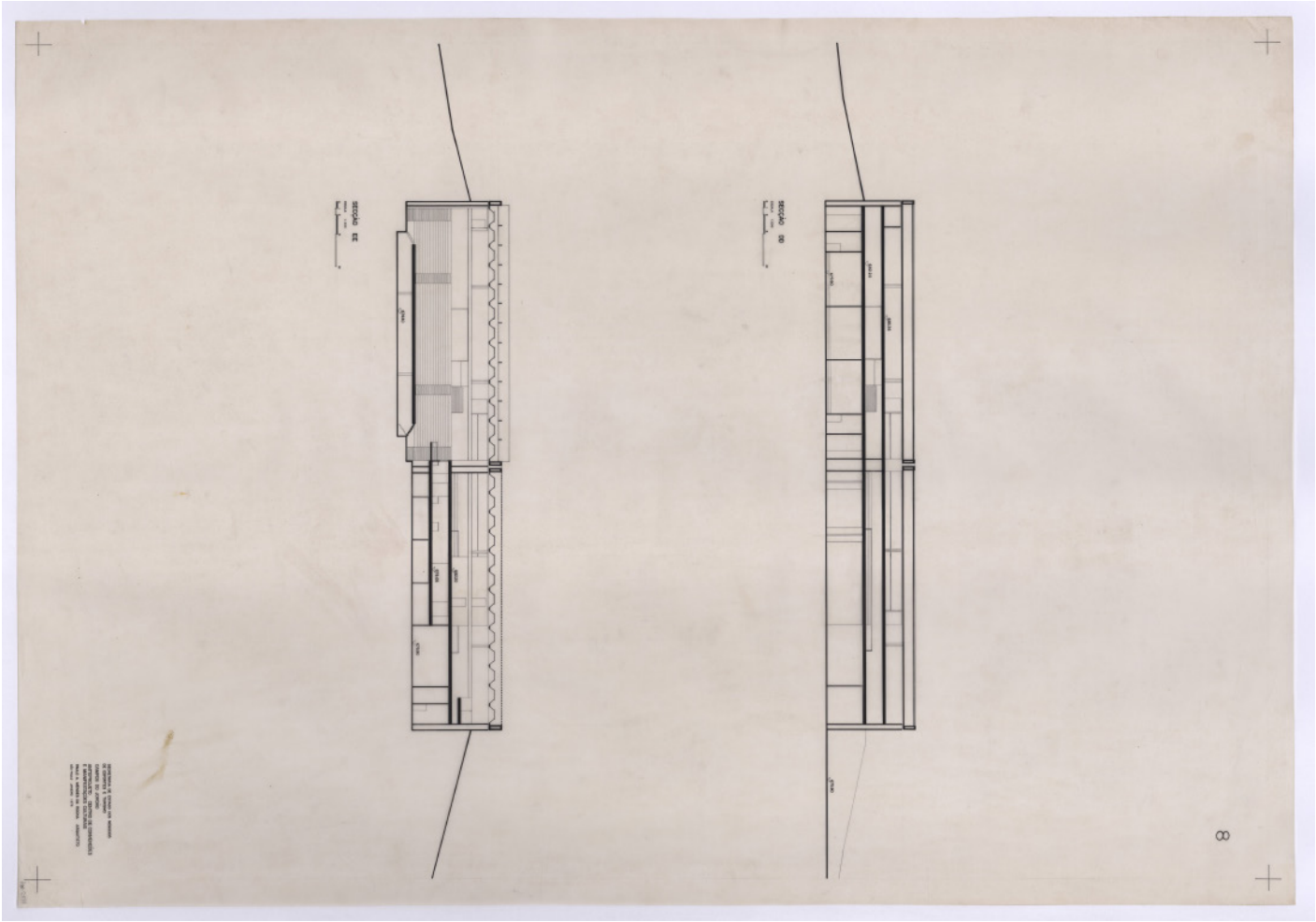


figura 99. PT-CA-PMR-3-PA-034_02818. fonte: Casa da Arquitectura

Centro de Congressos de Campos do Jordão 1975

são paulo

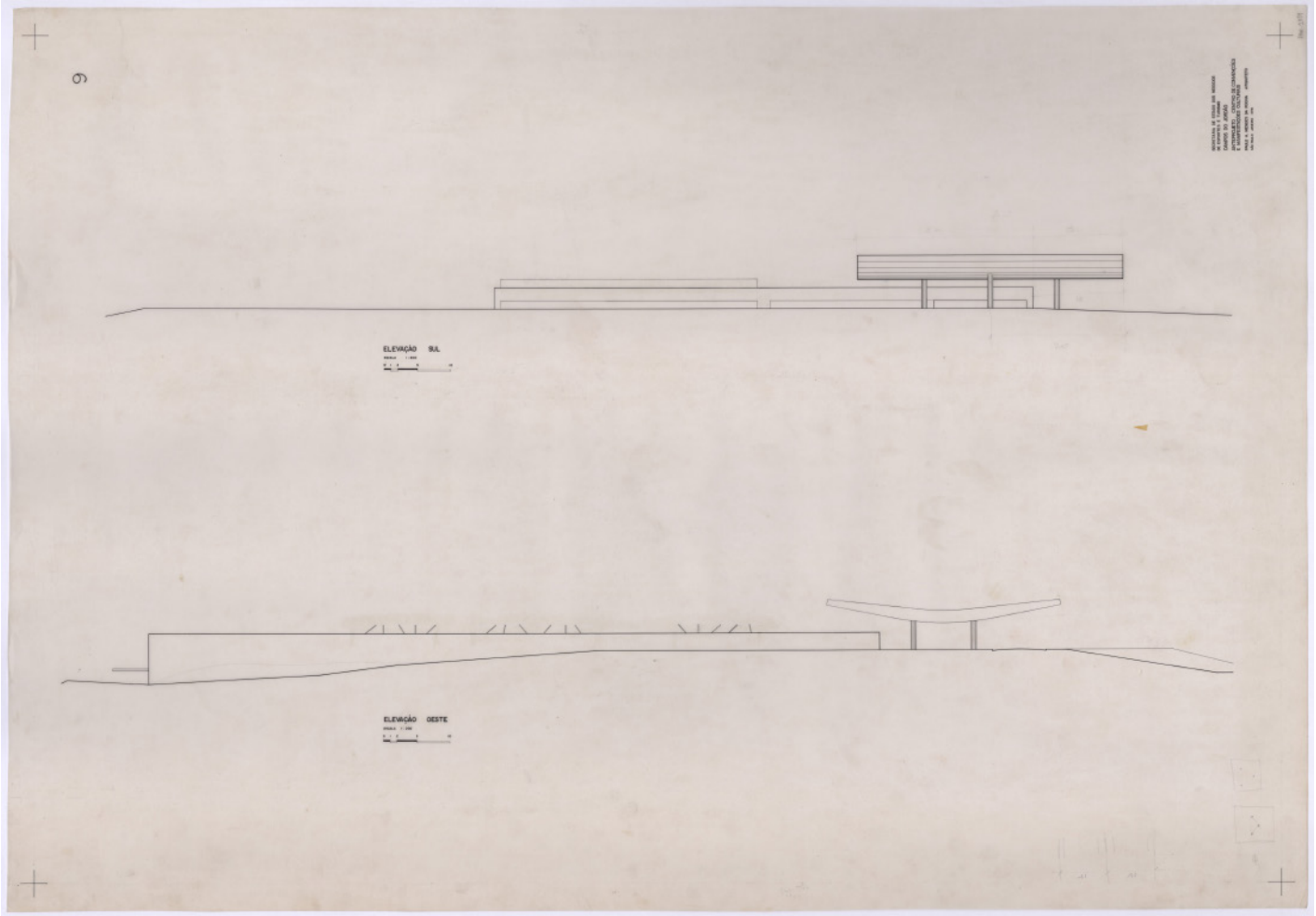


figura 100. PT-CA-PMR-3-PA-034_02819. fonte: Casa da Arquitectura

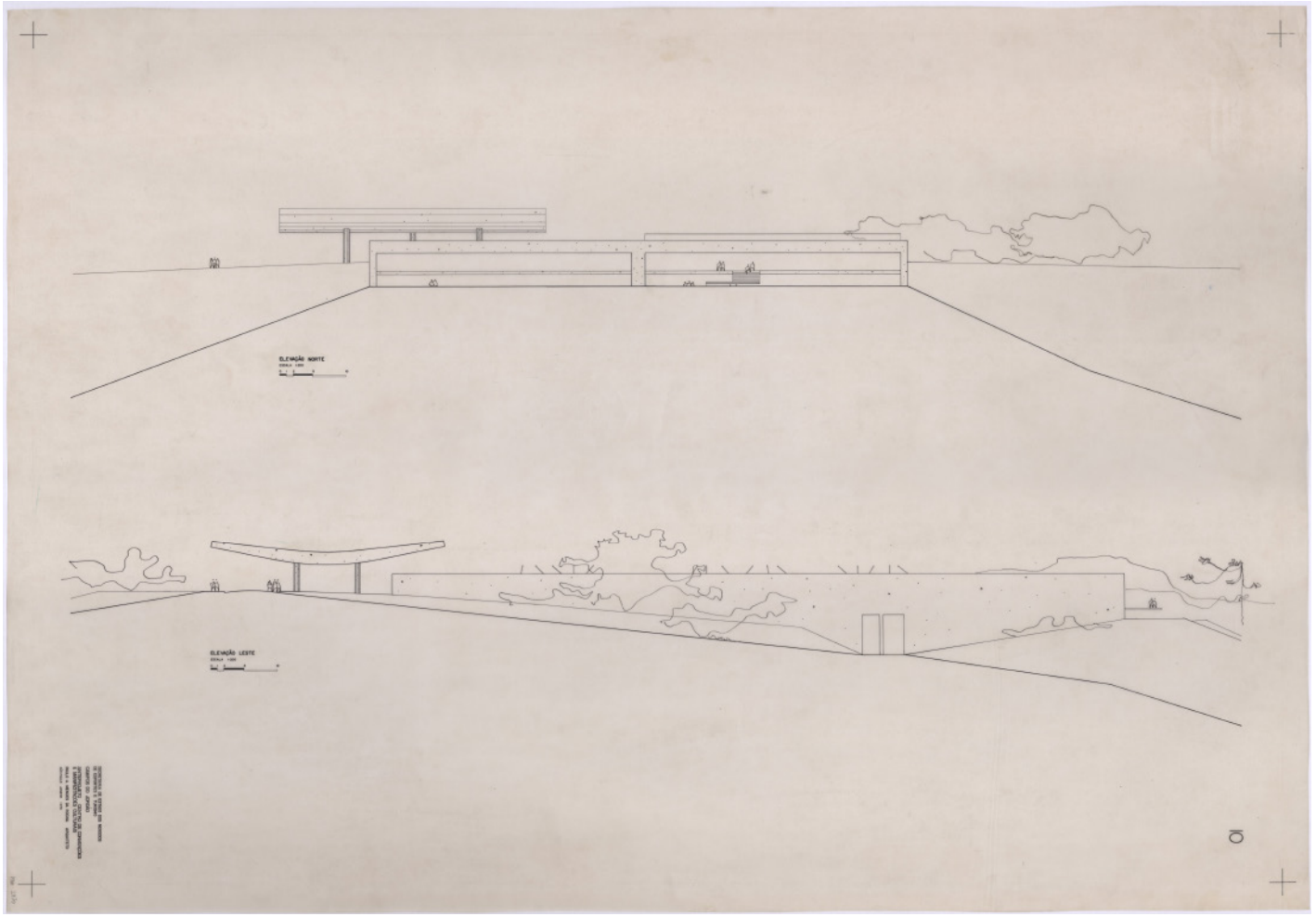


figura 101. PT-CA-PMR-3-PA-034_02820. fonte: Casa da Arquitectura

Instituto Caetano de Campos 1976

são paulo

_ Tipo de Concurso

fechado (carta convite)

_ Entidade Promotora

_ Organizador do Concurso

_Número de Projetos Entregues

3

_ Colocação Paulo Mendes da Rocha

não premiado

_ Premiados

1º lugar- Plínio Croce, Roberto Aflalo e Giancarlo Gasperini

_ Jurados

Mauricio Roberto (informação dada por Mendes da Rocha em entrevista)

_ Anotações

_ Acervo Disponível

acervo completo (disponível na Casa da Arquitectura)

_ Equipe de Projeto

Paulo Mendes da Rocha (autor) Abrahão Sanovicz (autor) Mário Franco (autor)

_ Bibliogafia

ARTIGAS, R. Paulo Mendes da Rocha. São Paulo: Cosac Naify, 2000.

DAMON, Marcus Vinicius. Arquiteturas não construídas: modos de aproximação e representação aplicadas no MACUSP de 1975. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

OTONDO, C. Relações entre pensar e fazer na obra de Paulo Mendes da Rocha. 247 p. Tese (Doutorado em Arquitetura e urbanismo). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

PISANI, D. Paulo Mendes da Rocha, Obra Completa. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

SOBREIRA, F; FLYNN, M. H.; RIBEIRO, P.V.B. (orgs.) Paulo Mendes da Rocha: sobre concursos e memórias (entrevista). Brasília: MGSR, 2018.

SPIRO, A. Paulo Mendes da Rocha, Bauten und Projekte. Zurich: Niggli, 2002.

SOUTO, Ana Elisa. Projeto Arquitetônico e a Relação com o Lugar nas Obras de Paulo Mendes da Rocha 1958- 2000. 2010. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2010.

Instituto Caetano de Campos 1976

são paulo

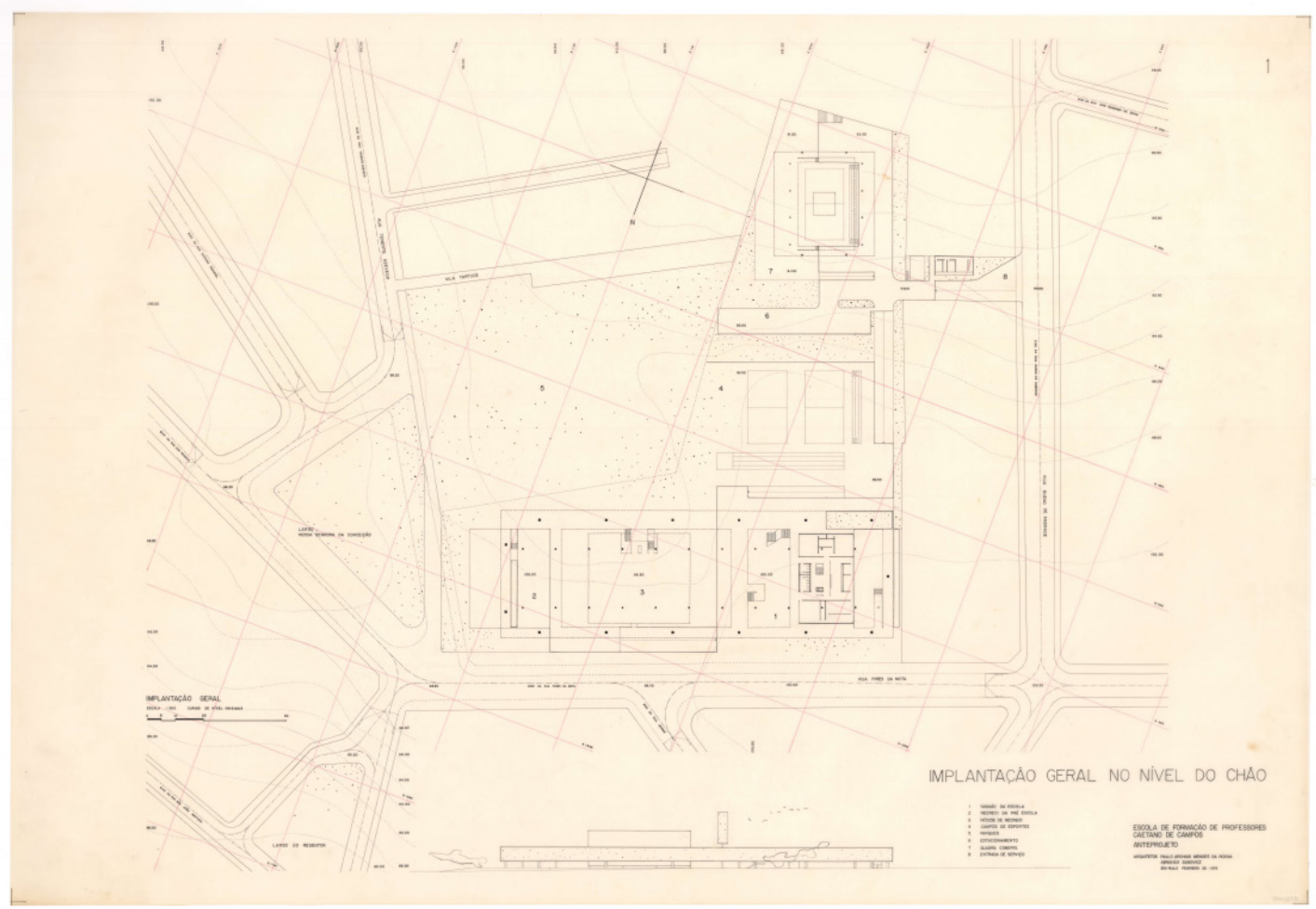


figura 102. PT_CA_PMR_3_PA-038-01-0005. fonte: Casa da Arquitectura

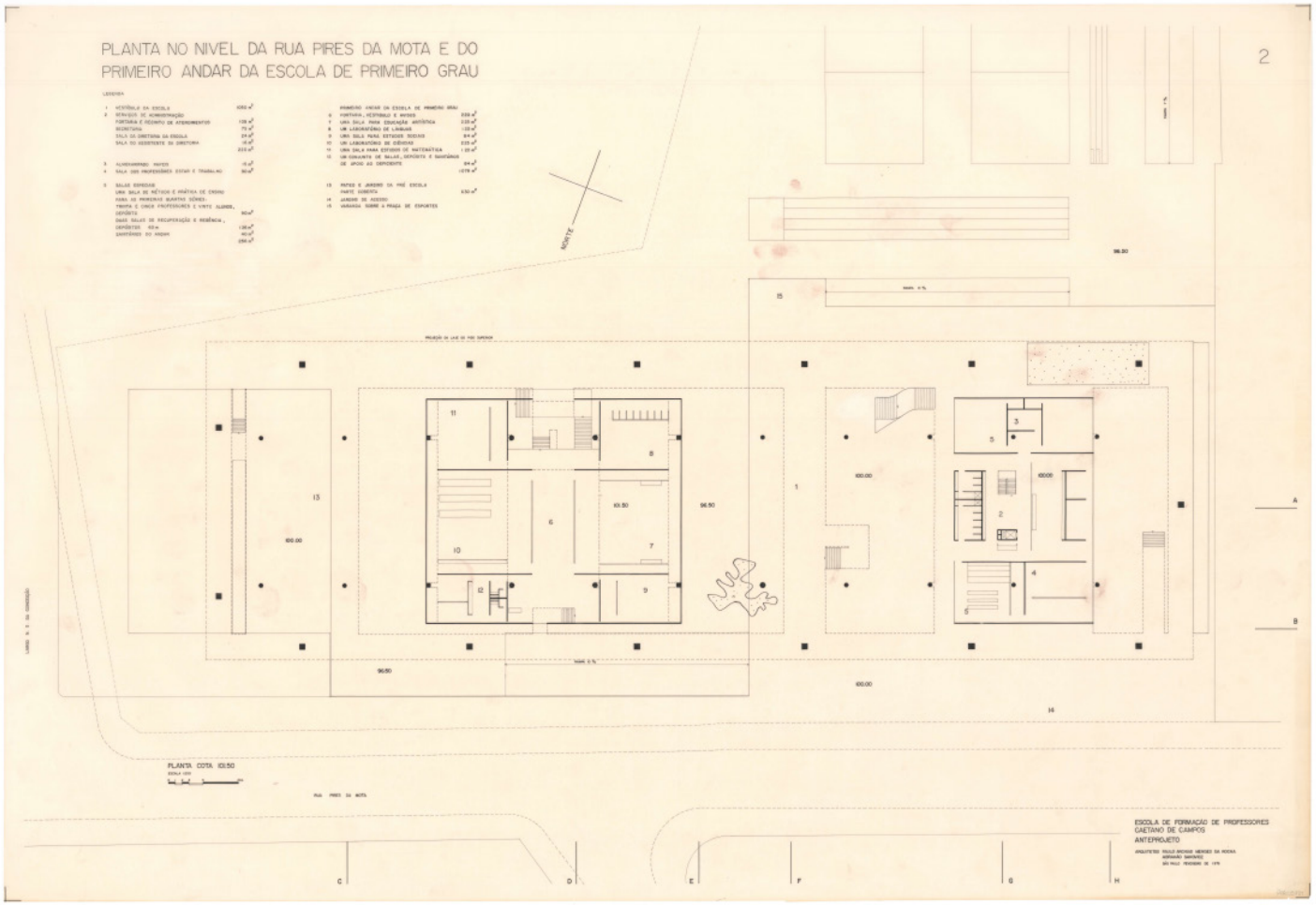


figura 103. PT_CA_PMR_3_PA-038-01-0006. fonte: Casa da Arquitectura

Instituto Caetano de Campos 1976

são paulo

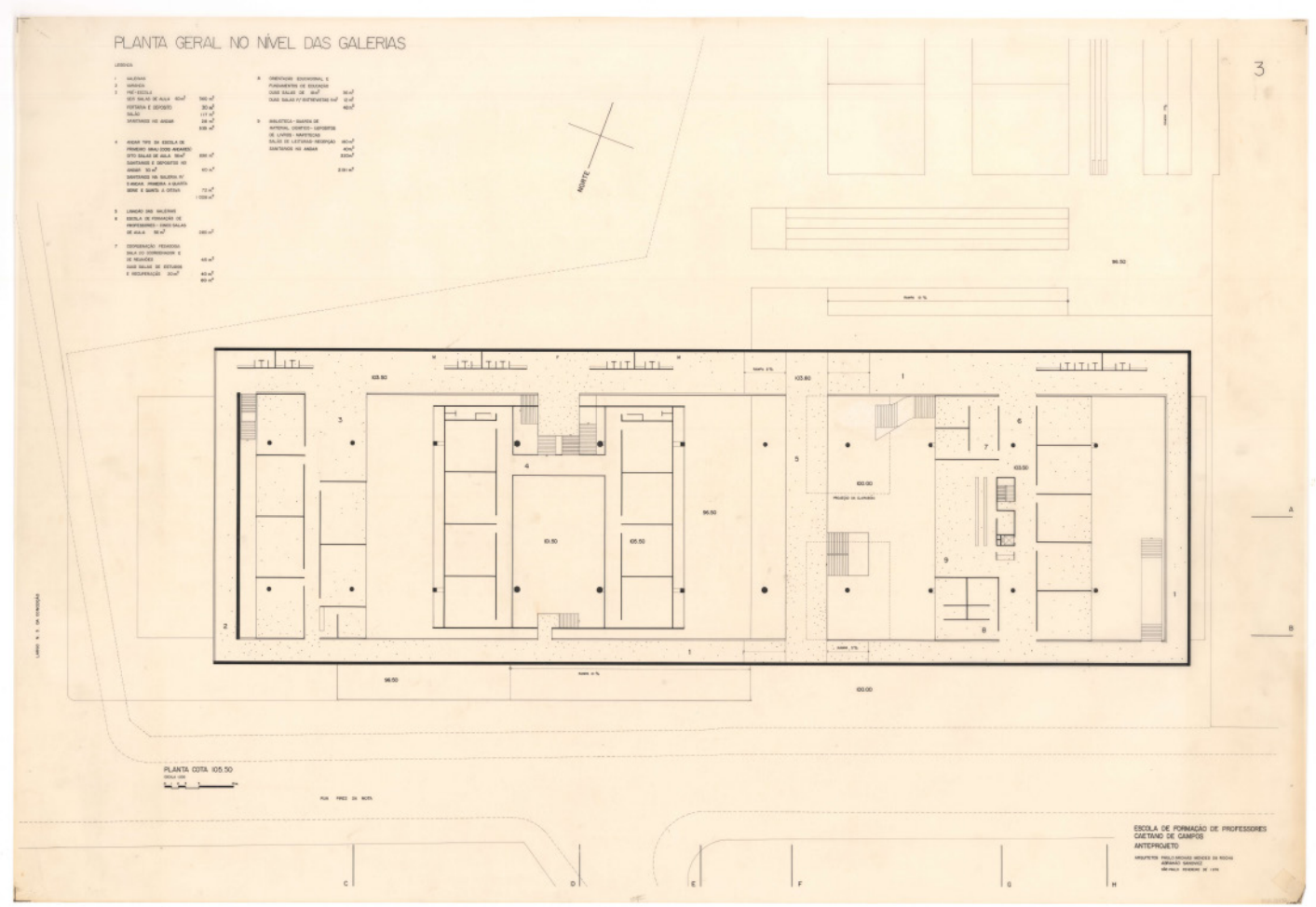


figura 104. PT_CA_PMR_3_PA-038-01-0007. fonte: Casa da Arquitectura

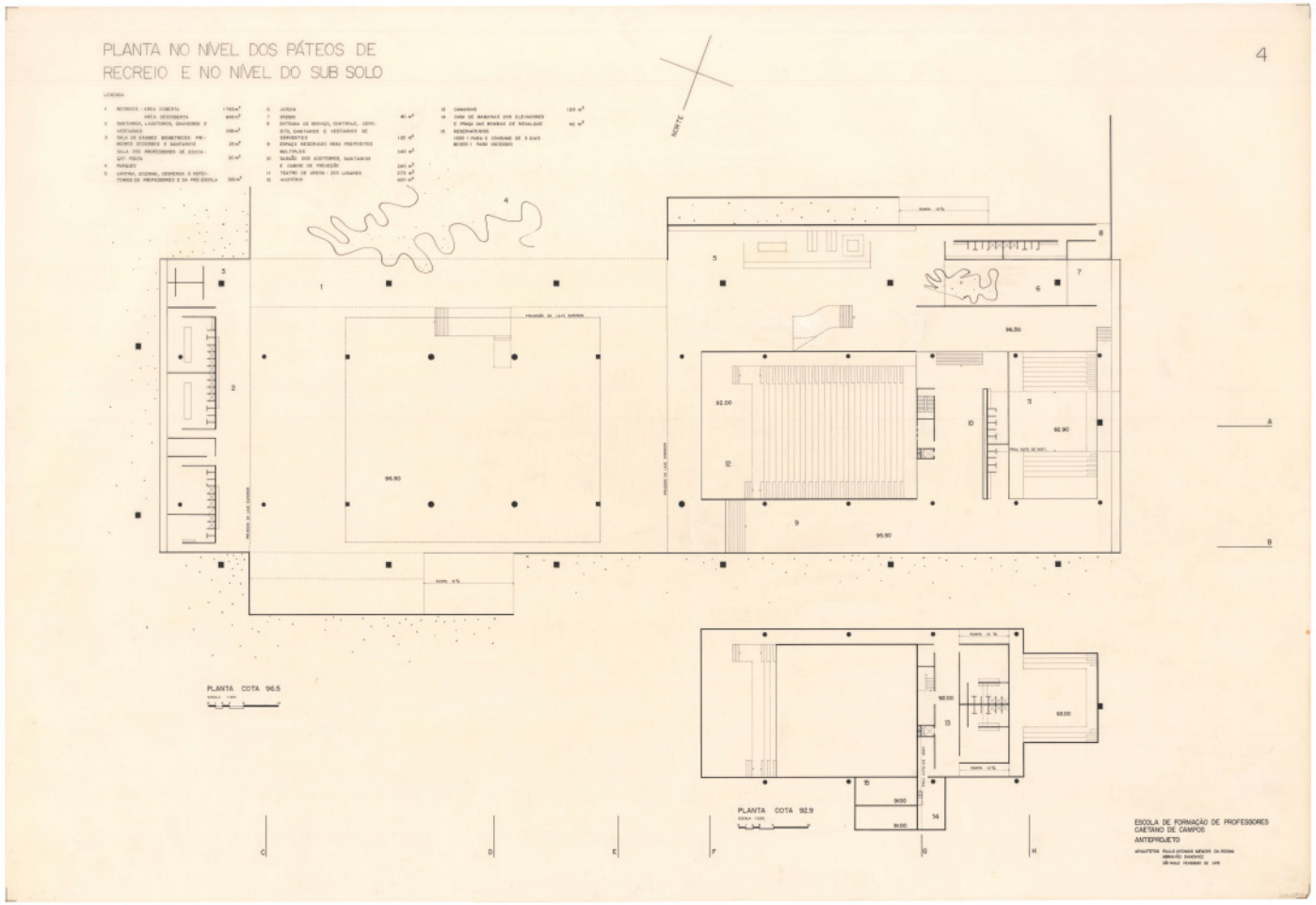


figura 105. PT_CA_PMR_3_PA-038-01-0008. fonte: Casa da Arquitectura

Instituto Caetano de Campos 1976

são paulo

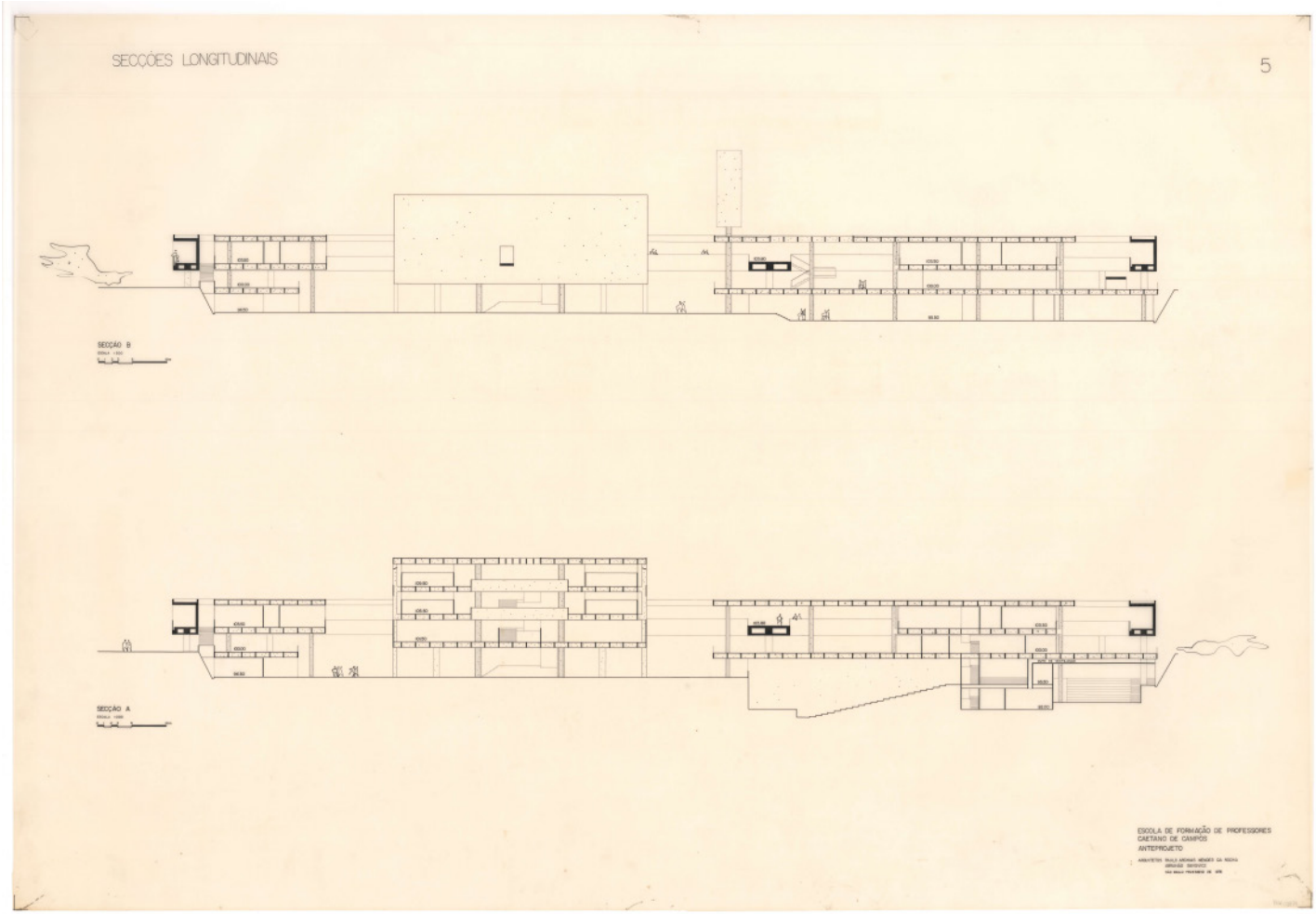


figura 106. PT_CA_PMR_3_PA-038-01-0009. fonte: Casa da Arquitectura

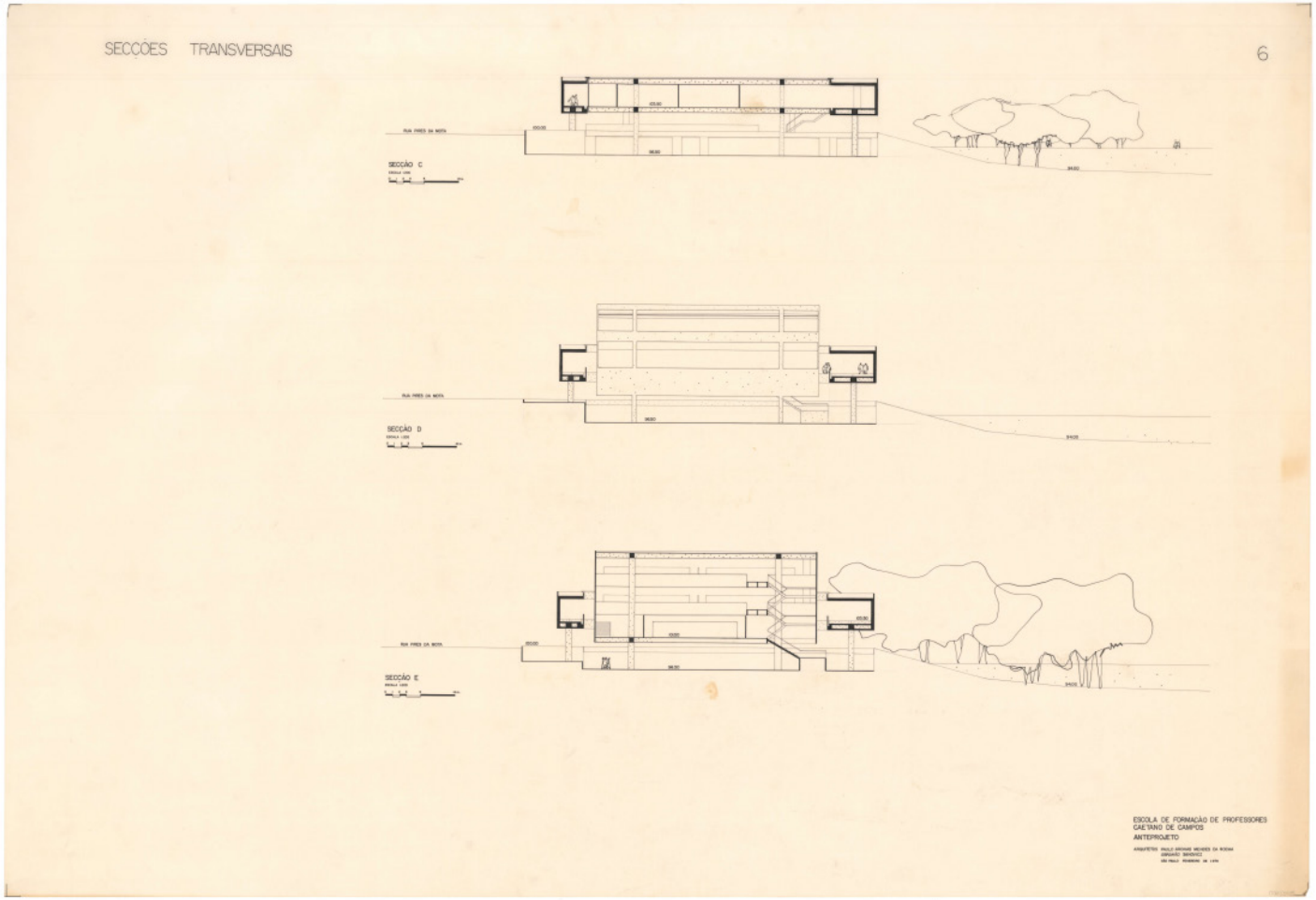


figura 107. PT_CA_PMR_3_PA-038-01-0010. fonte: Casa da Arquitectura

Instituto Caetano de Campos 1976

são paulo

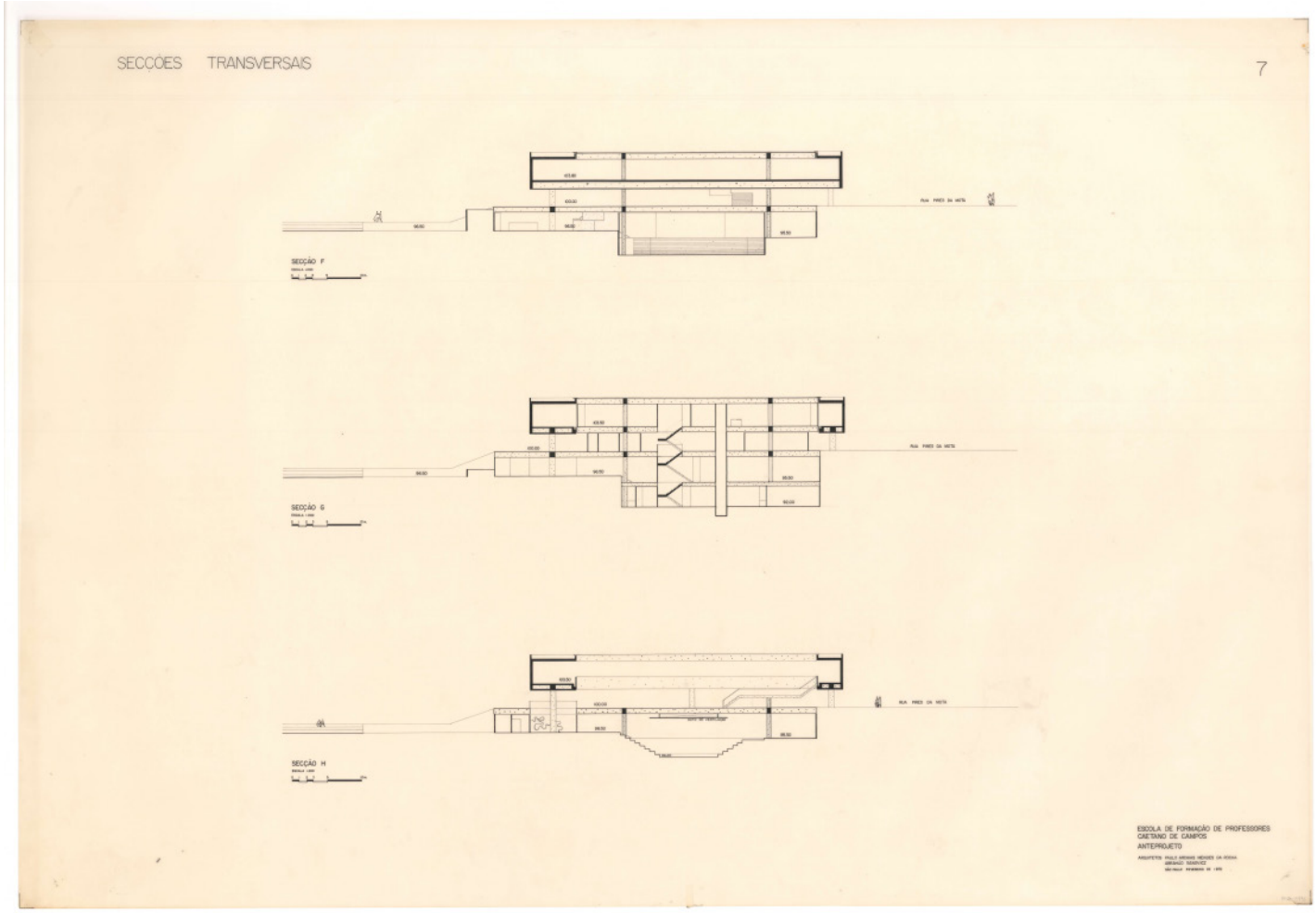


figura 108. PT_CA_PMR_3_PA-038-01-0011. fonte: Casa da Arquitectura

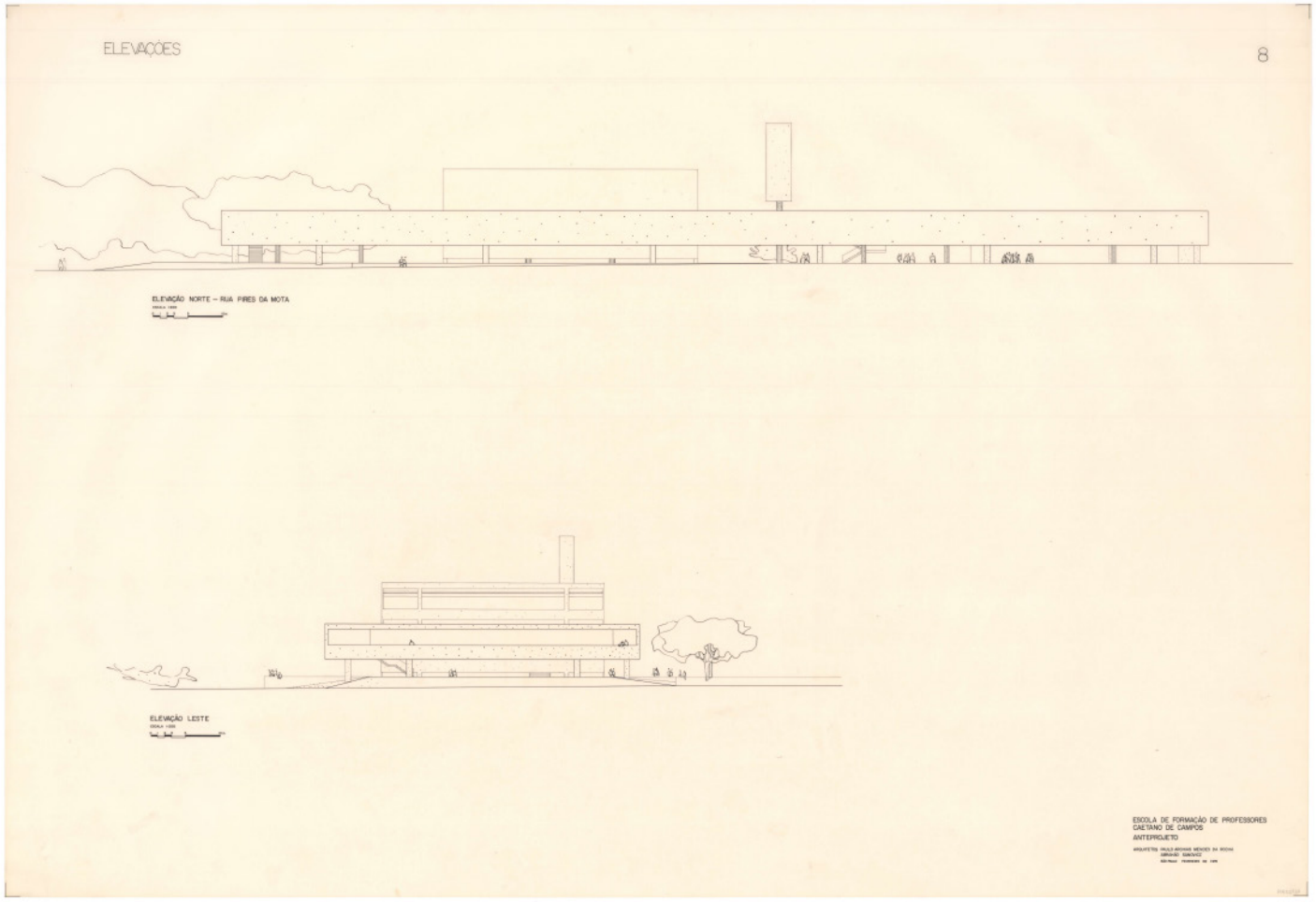


figura 109. PT_CA_PMR_3_PA-038-01-0012. fonte: Casa da Arquitectura

Instituto Caetano de Campos 1976

são paulo

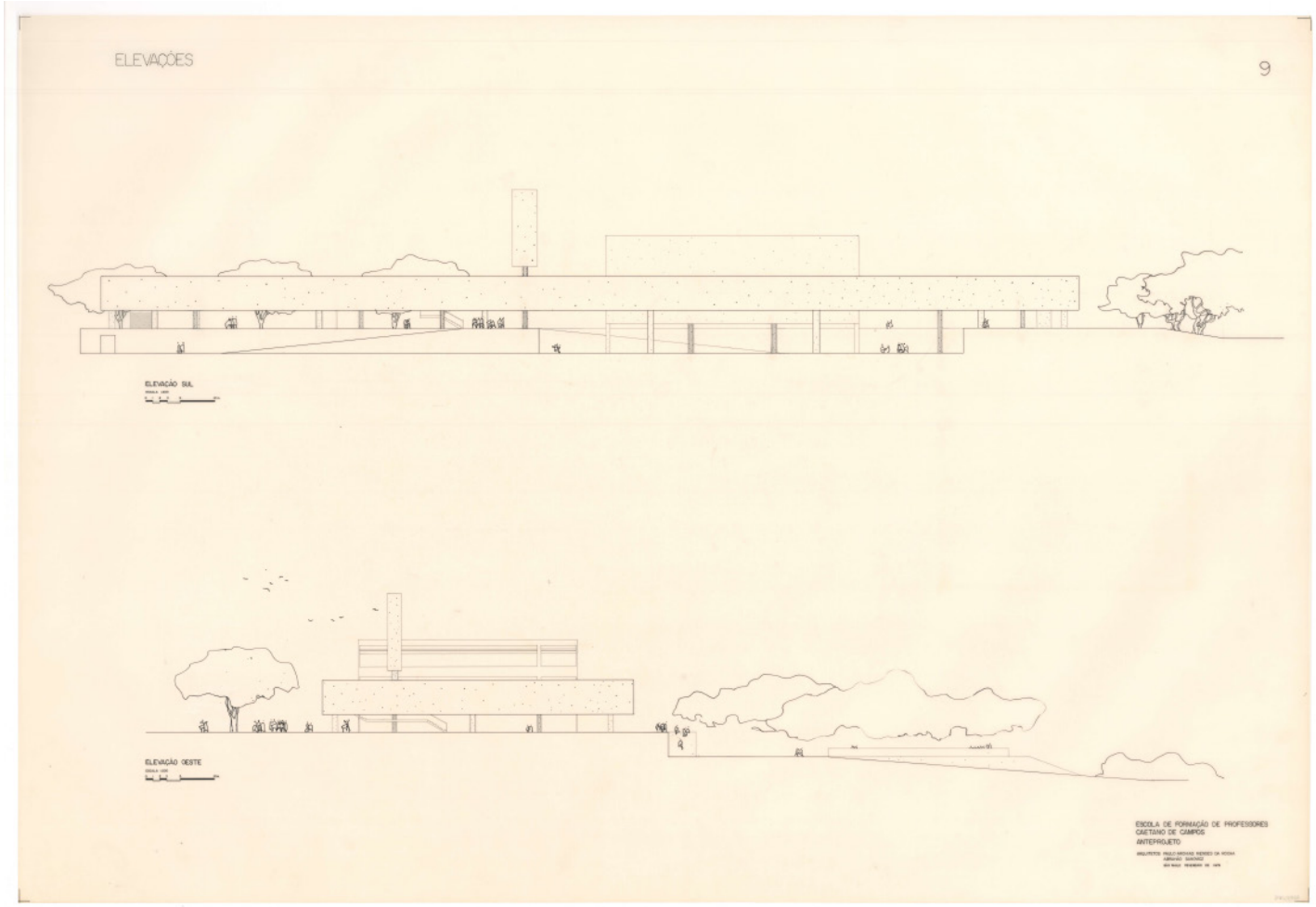


figura 110. PT_CA_PMR_3_PA-038-01-0013. fonte: Casa da Arquitectura

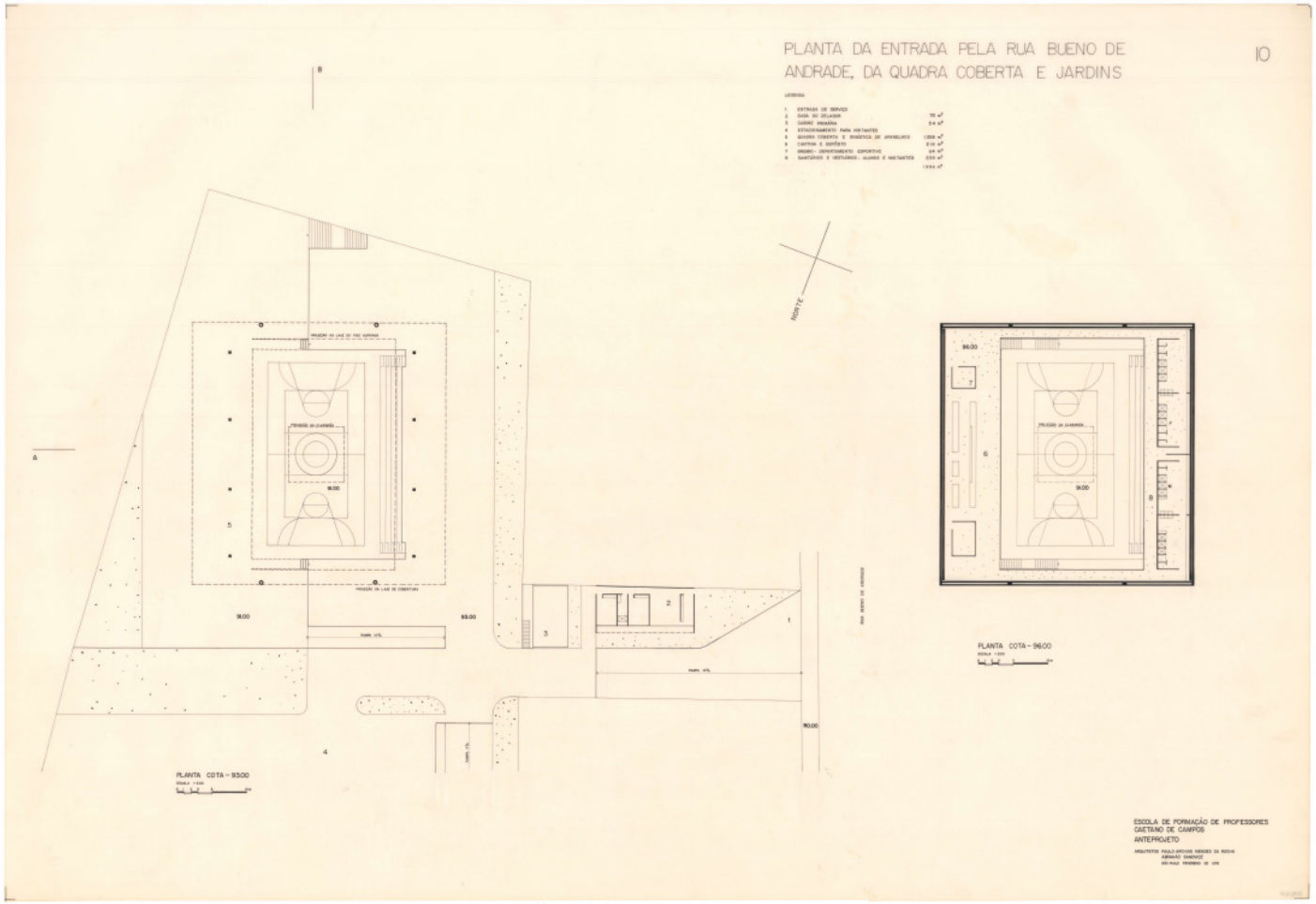


figura 111. PT_CA_PMR_3_PA-038-01-0014. fonte: Casa da Arquitectura

Instituto Caetano de Campos 1976

são paulo

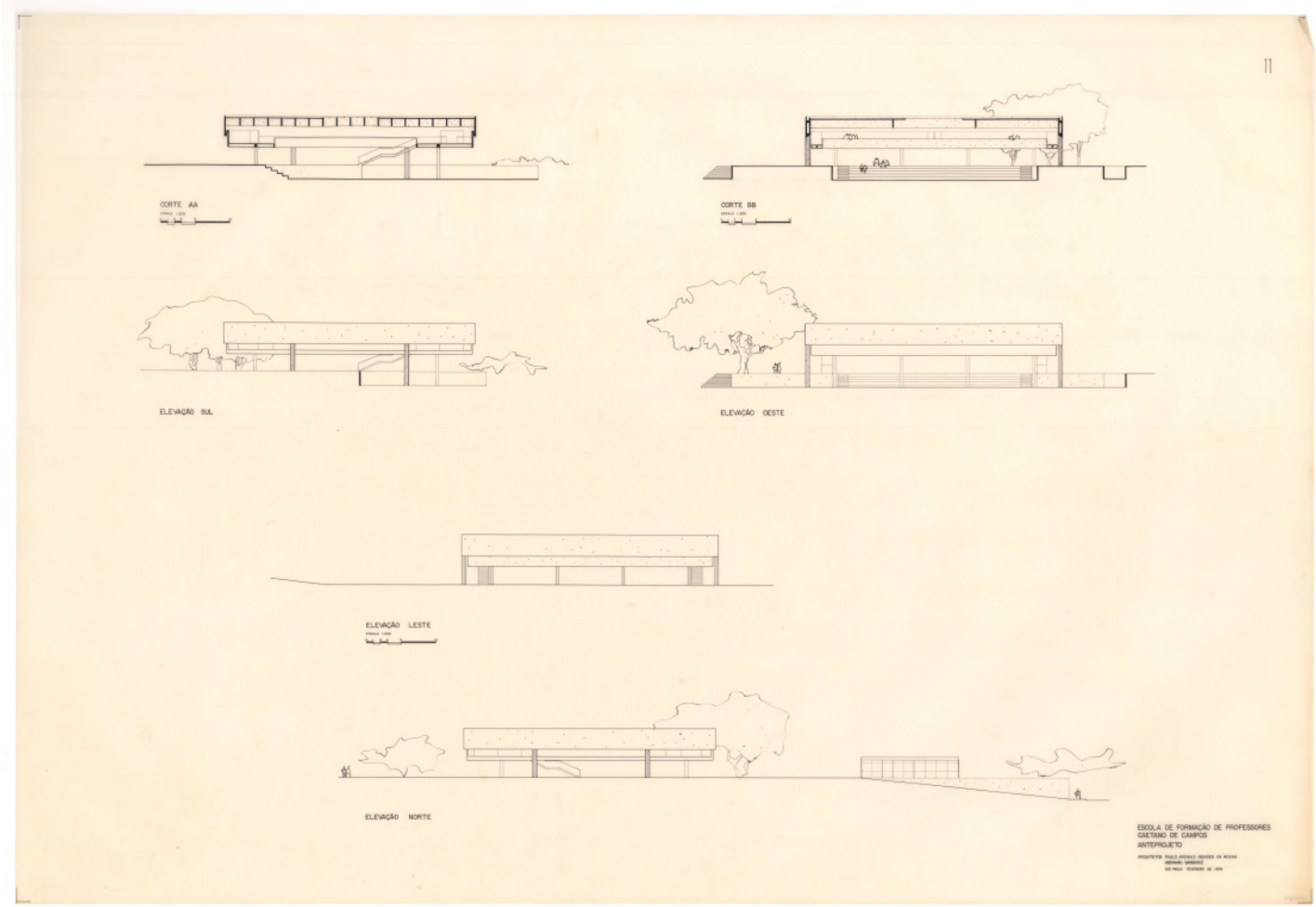


figura 112. PT_CA_PMR_3_PA-038-01-0015. fonte: Casa da Arquitectura

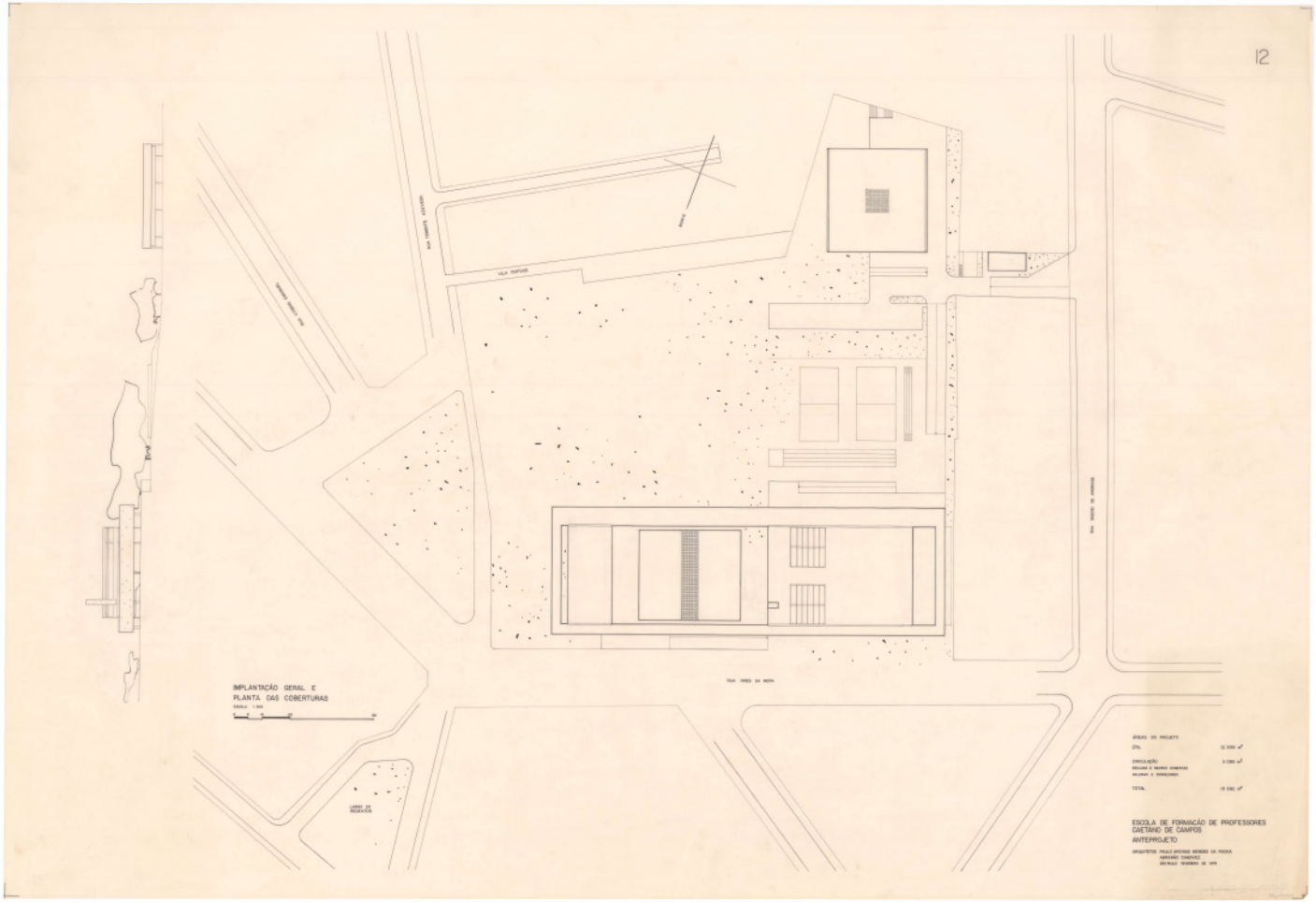


figura 113. PT_CA_PMR_3_PA-038-01-0016. fonte: Casa da Arquitectura

Instituto Caetano de Campos 1976

são paulo



figura 114. pmr-c-icc-maquete-01. fonte: Casa da Arquitectura

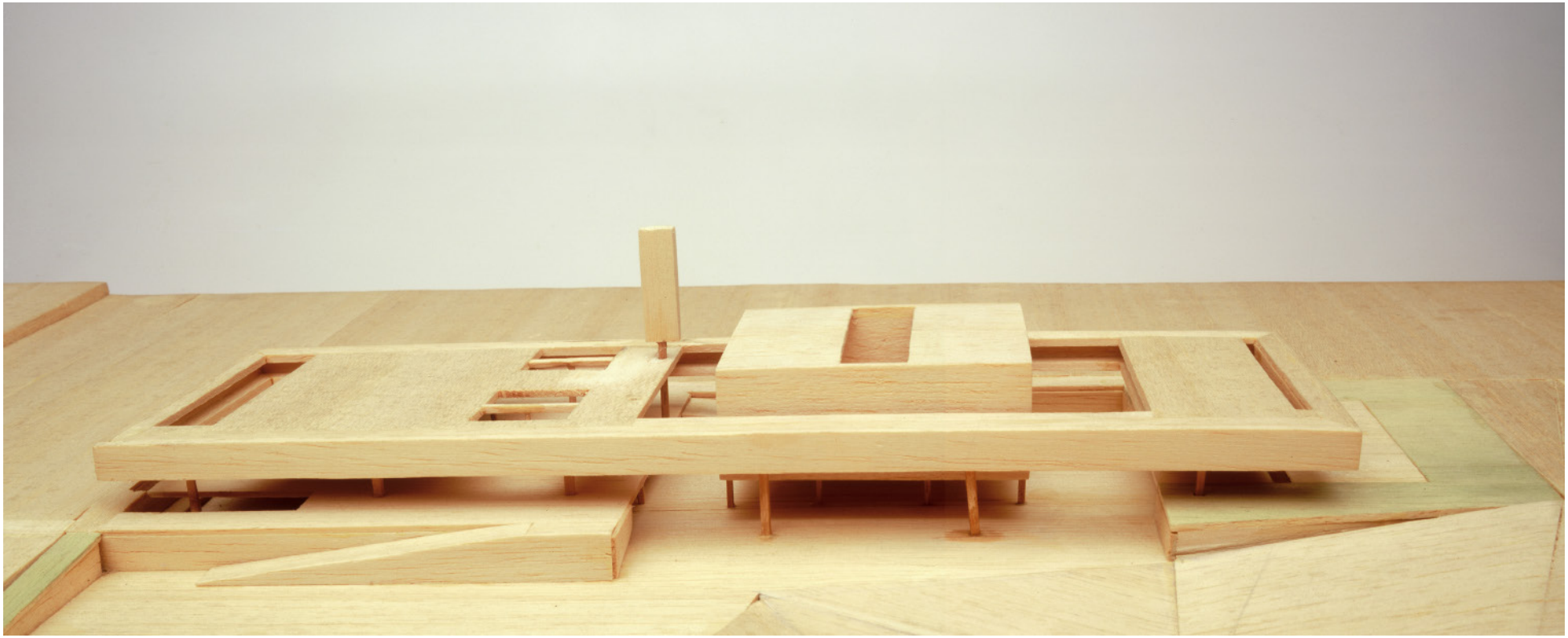


figura 115. pmr-c-icc-maquete-02. fonte: Casa da Arquitectura

Biblioteca Nacional Pahlavi - Teerã 1977

irã

_ Tipo de Concurso

público internacional

_ Entidade Promotora

Governo do Irã

_ Organizador do Concurso

Governo do Irã

_Número de Projetos Entregues

601

_ Colocação Paulo Mendes da Rocha

não premiado

_ Premiados

1º lugar- Von Gerkan e Volkwin Marg

1º lugar- Wilheim O. Mayer

_ Jurados

_ Acervo Disponível

consta na lista da Casa da Arquitectura, porém não há arquivos disponíveis

_ Equipe de Projeto

_ Bibliogafia

CO-ARC. Who we here. Disponível em: <https://www.co-arc.com/who-we-are/>. Acesso em: 17 de out. de 2022.

GMP. History. Who we here. Disponível em: <https://www.gmp.de/en/office/32/profile/48/history>. Acesso em: 16 de out. de 2022.

PISANI, D. Paulo Mendes da Rocha, Obra Completa. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

SOBREIRA, F; FLYNN, M. H.; RIBEIRO, P.V.B. (orgs.) Paulo Mendes da Rocha: sobre concursos e memórias (entrevista). Brasília: MGSR, 2018.

Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura 1978

são paulo

_ Tipo de Concurso

público nacional

_ Entidade Promotora

CREA 6° Região

_ Organizador do Concurso

IAB- SP

_Número de Projetos Entregues

_ Colocação Paulo Mendes da Rocha

3° lugar

_ Premiados

1° lugar- Ubirajara Gilioli

2° lugar- Adalberto Alves de Souza

4° lugar- Aldo Matsuda

5° lugar- Ronaldo M. C. Rêgo

Menção Honrosa- Leonardo Tossiaki Oba

Menção Honrosa- Claudio Farah

Menção Honrosa- Rogério A. Dorsa Garcia

Menção Honrosa- Ana Luisa Petrik Magalhães

Menção Honrosa- José Luiz Prieto Montalvo

_ Jurados

Máximo Martins da Cruz

Eduardo Kneese de Mello

Ariosto Mila

Eduardo Corona

Carlos Maximiliano

_ Anotações

_ Acervo Disponível

- acervo completo (disponível na Casa da Arquitectura)

_ Equipe de Projeto

Paulo Mendes da Rocha (autor)

Siger Mitsutani (engenheiro)

_ Bibliogafia

FLYNN, M. H. Concursos de arquitetura no Brasil 1850-2000. 2001. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo.

ARTIGAS, R. Paulo Mendes da Rocha. São Paulo: Cosac Naify, 2000.

PISANI, D. Paulo Mendes da Rocha, Obra Completa. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

SOBREIRA, F; FLYNN, M. H.; RIBEIRO, P.V.B. (orgs.) Paulo Mendes da Rocha: sobre concursos e memórias (entrevista). Brasília: MGSR, 2018.

Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura 1978

são paulo

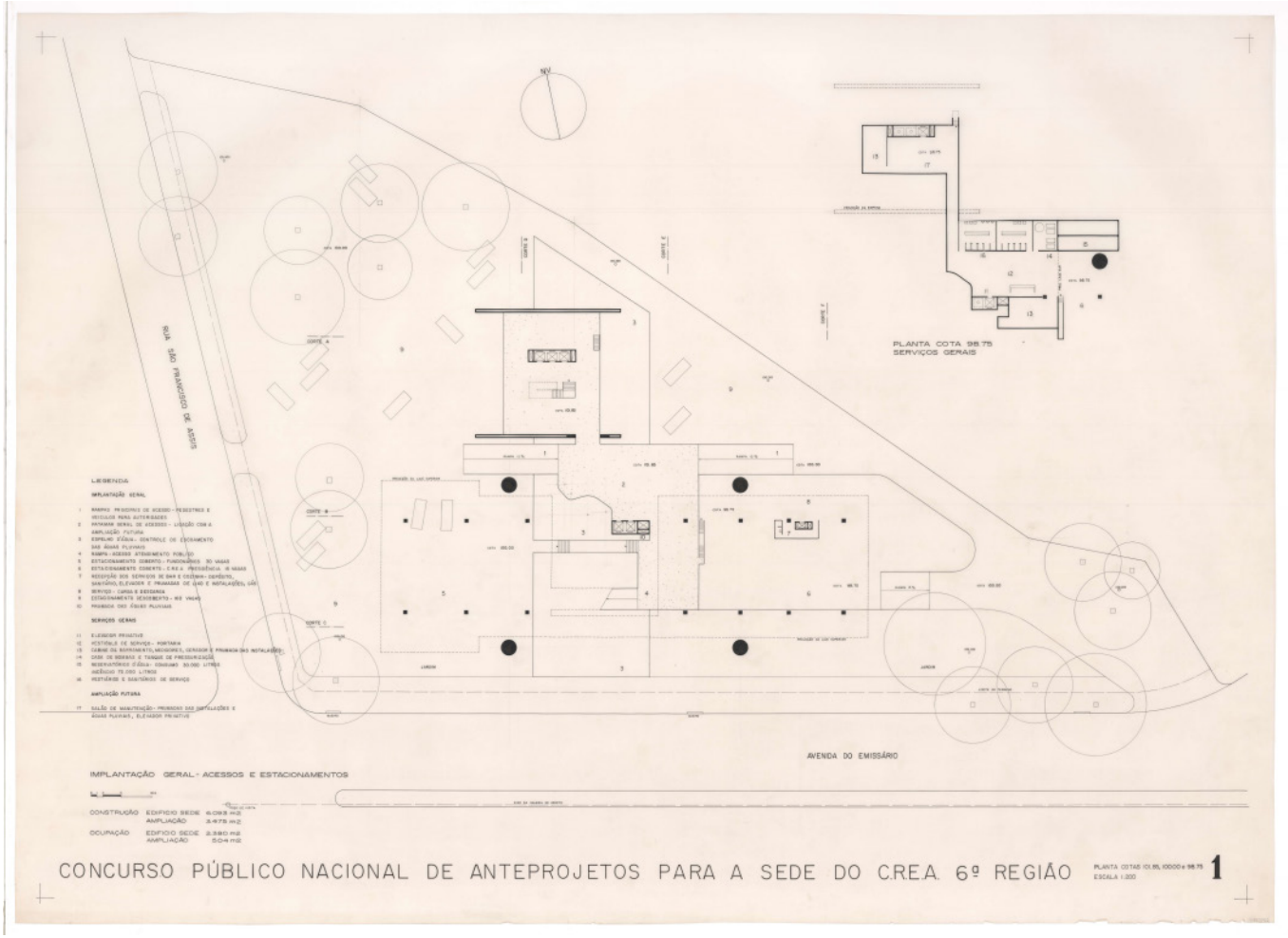


figura 116. PT_CA_PMR_3_PA-053-01-0005. fonte: Casa da Arquitectura

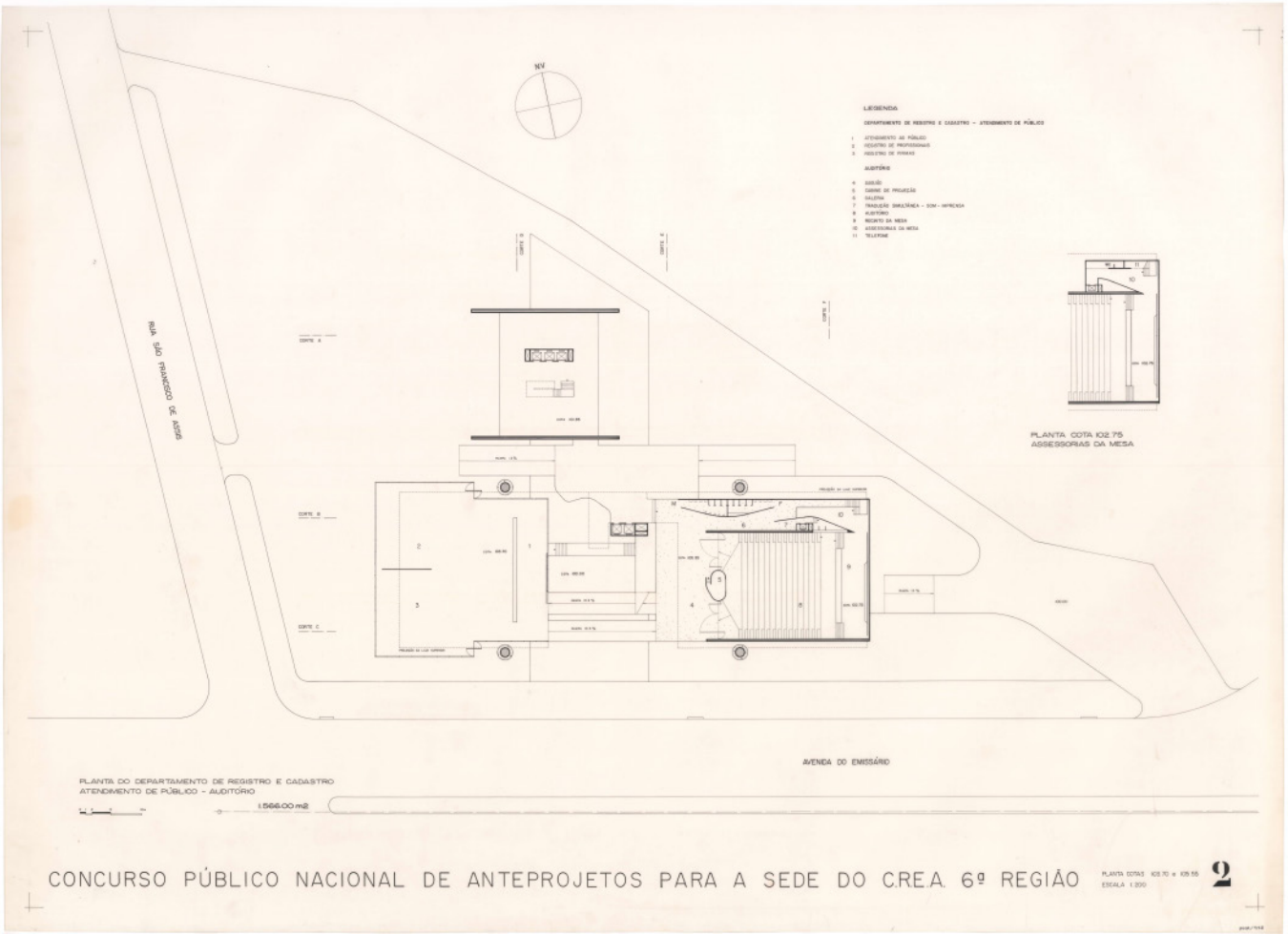


figura 117. PT_CA_PMR_3_PA-053-01-0006. fonte: Casa da Arquitectura

Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura 1978

são paulo

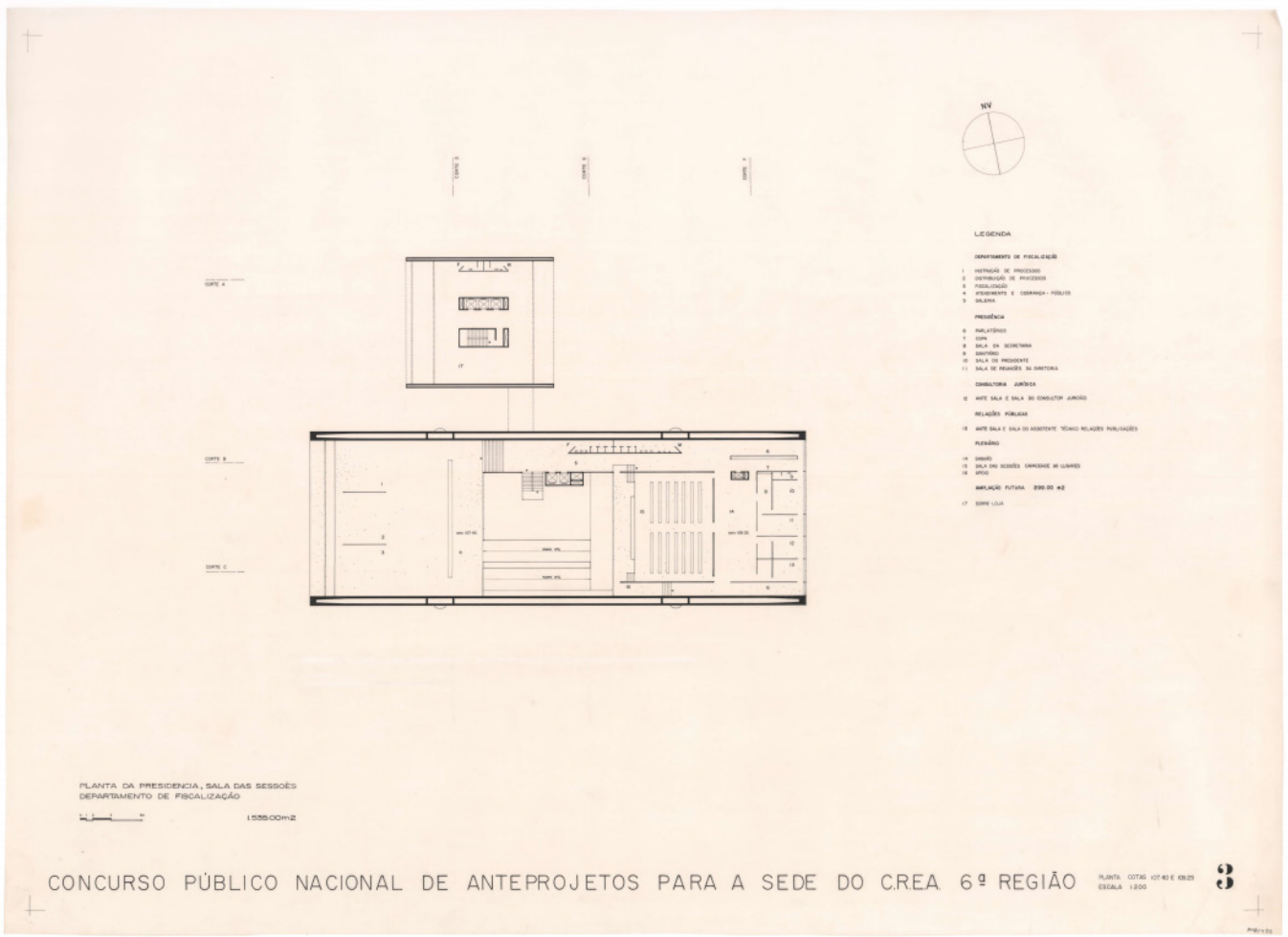


figura 118. PT_CA_PMR_3_PA-053-01-0007. fonte: Casa da Arquitectura

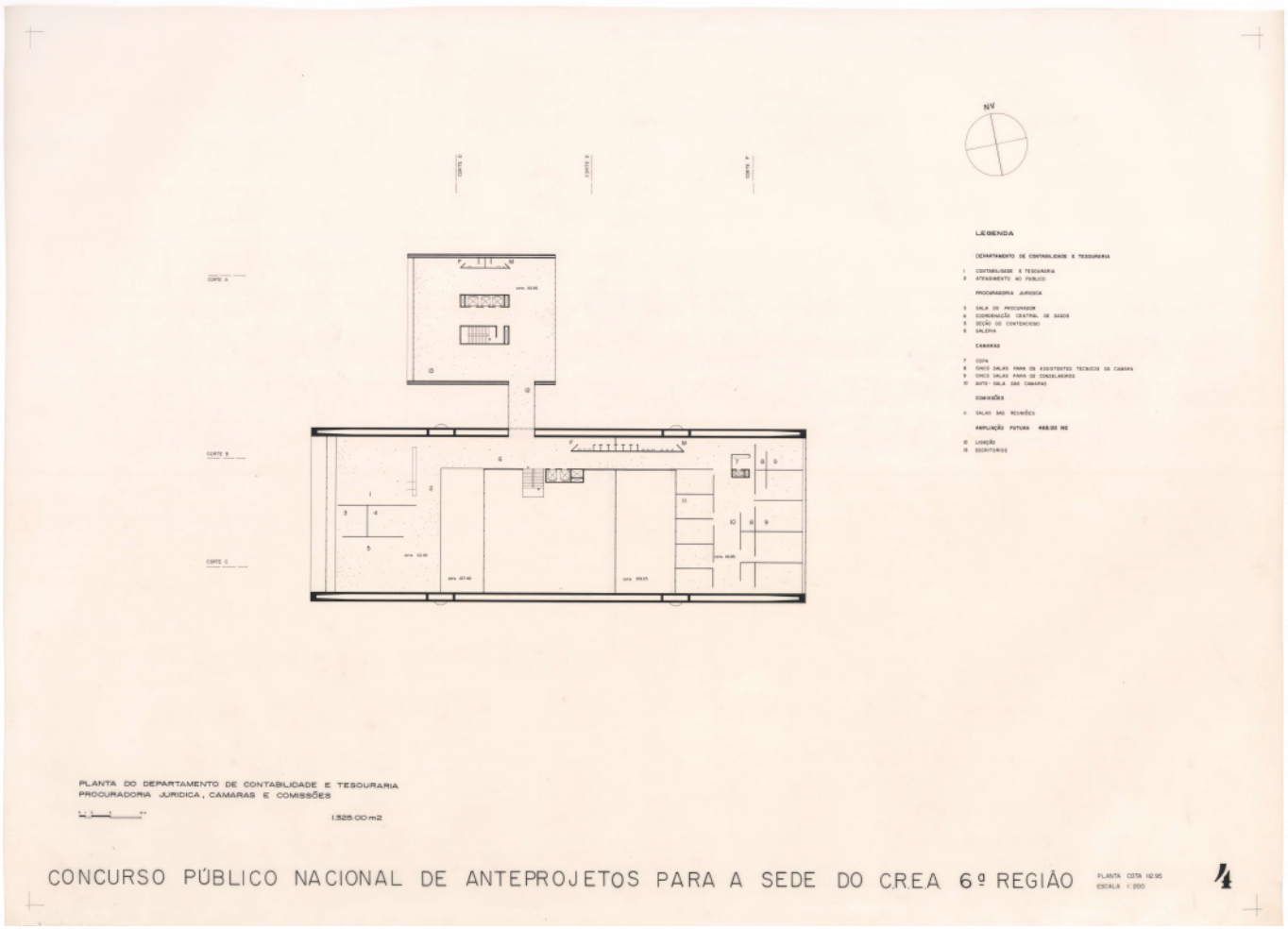


figura 119. PT_CA_PMR_3_PA-053-01-0006. fonte: Casa da Arquitectura

Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura 1978

são paulo

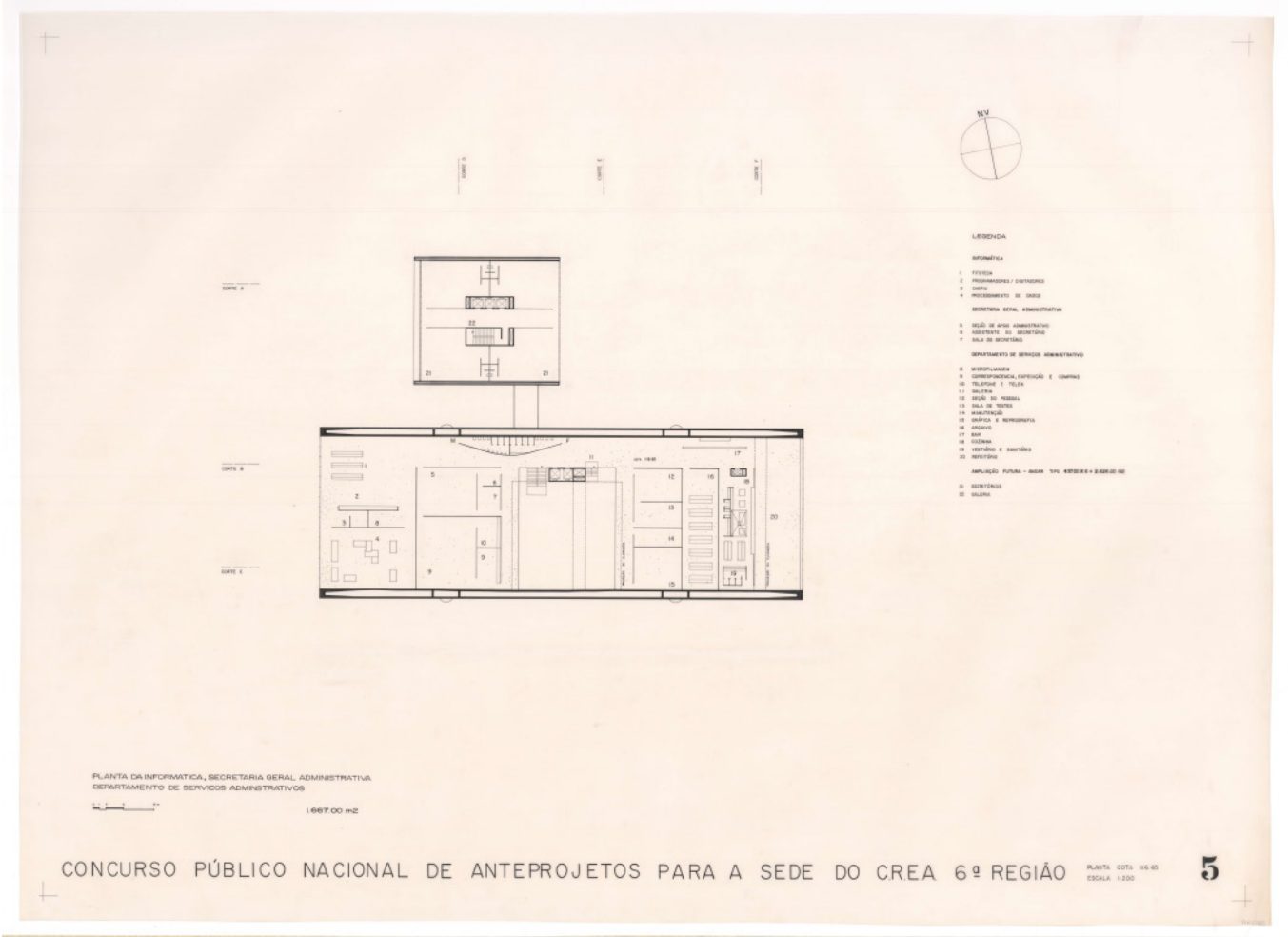


figura 120. PT_CA_PMR_3_PA-053-01-0009. fonte: Casa da Arquitectura

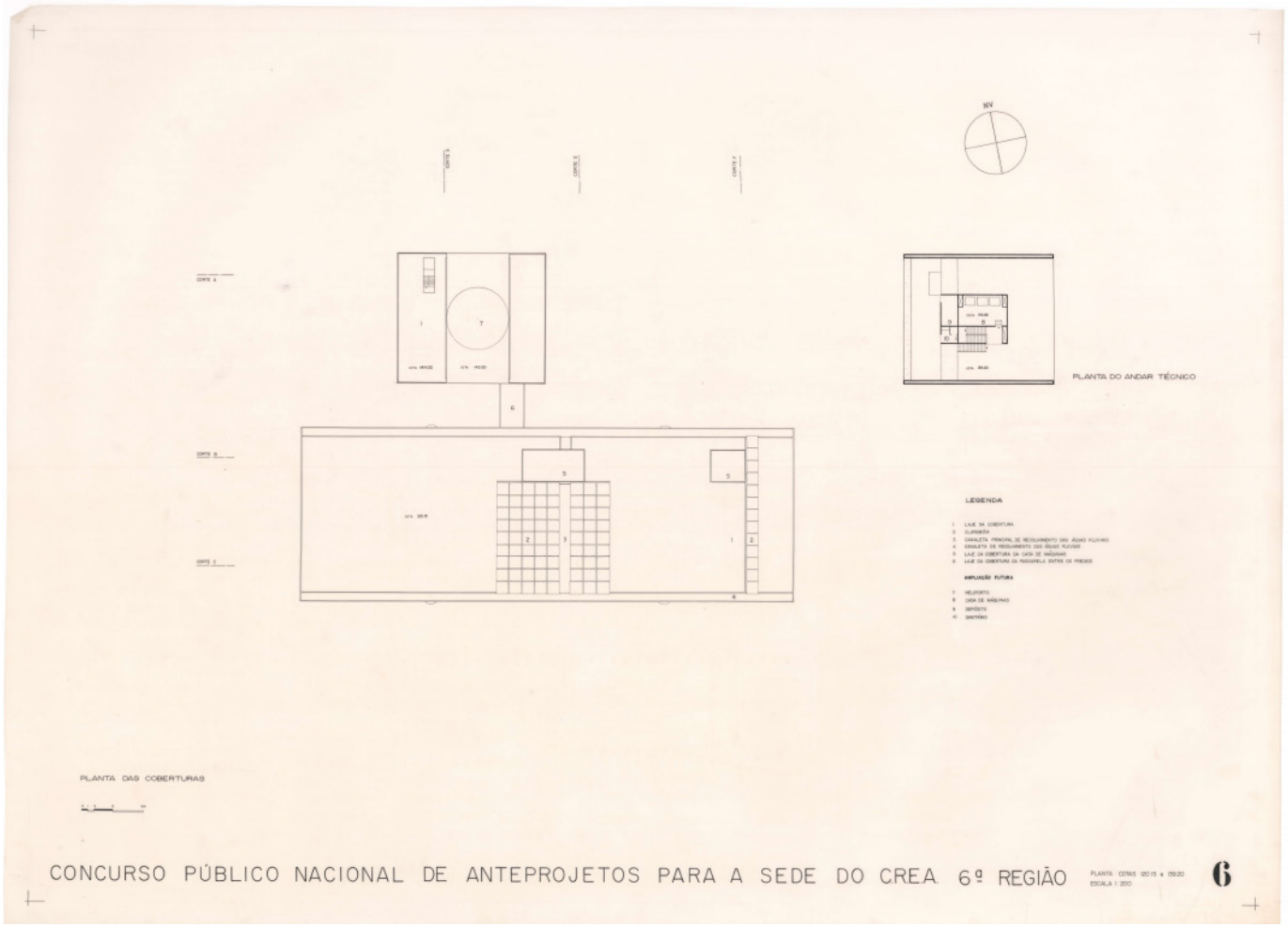


figura 121. PT_CA_PMR_3_PA-053-01-0010. fonte: Casa da Arquitectura

Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura 1978

são paulo

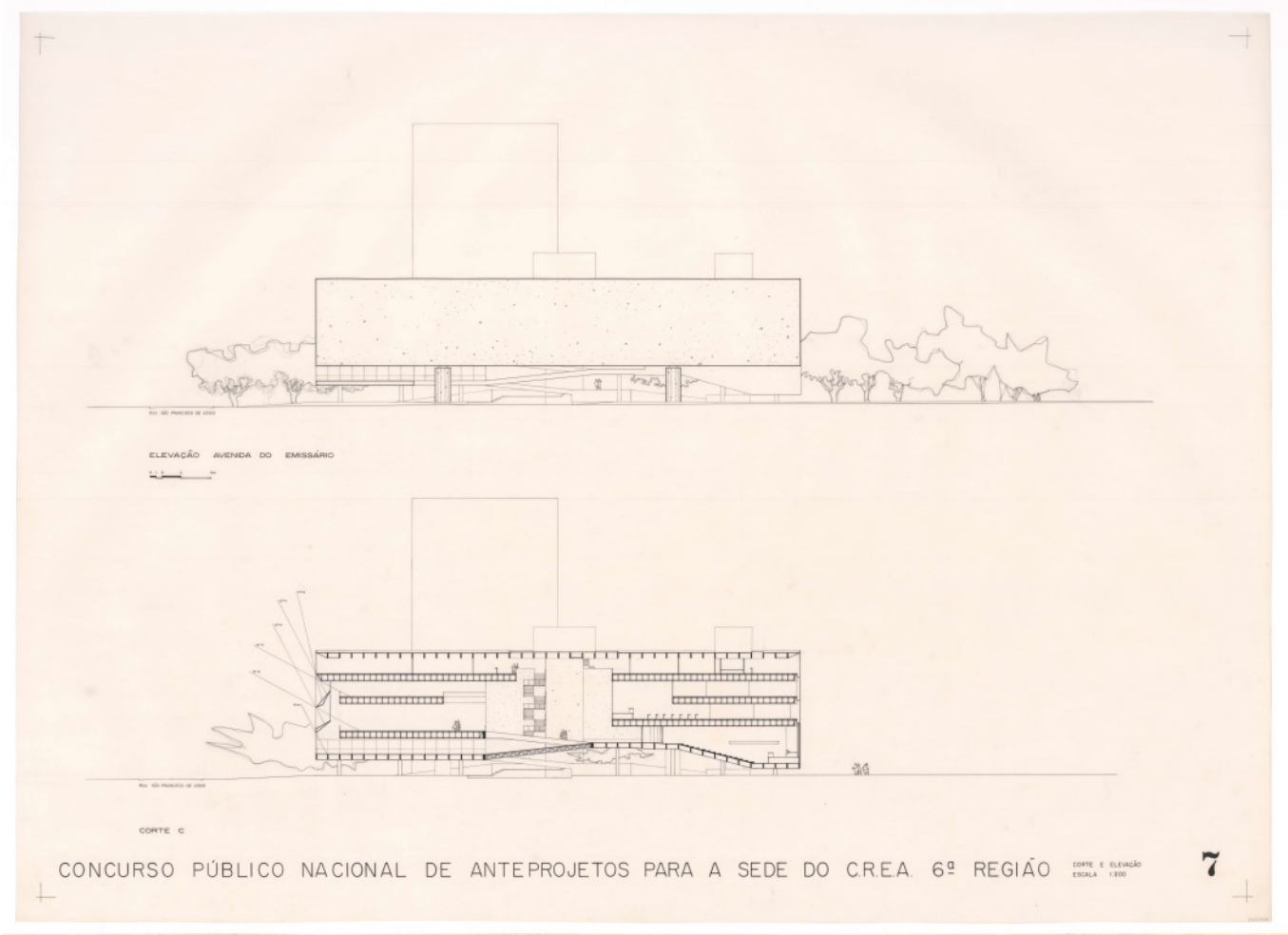
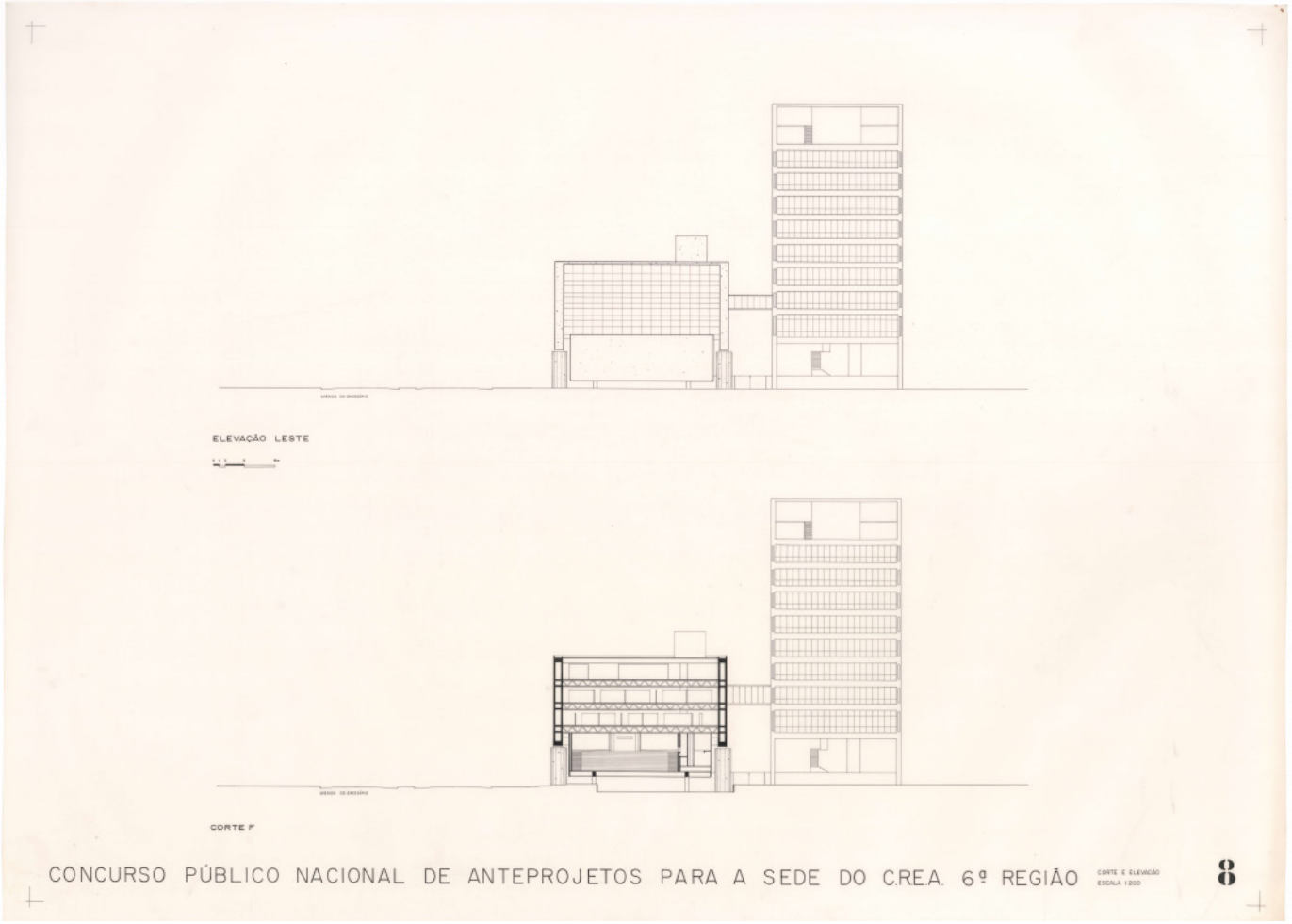


figura 122. PT_CA_PMR_3_PA-053-01-0011. fonte: Casa da Arquitectura



fonte 123. PT_CA_PMR_3_PA-053-01-0012. fonte: Casa da Arquitectura

Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura 1978

são paulo

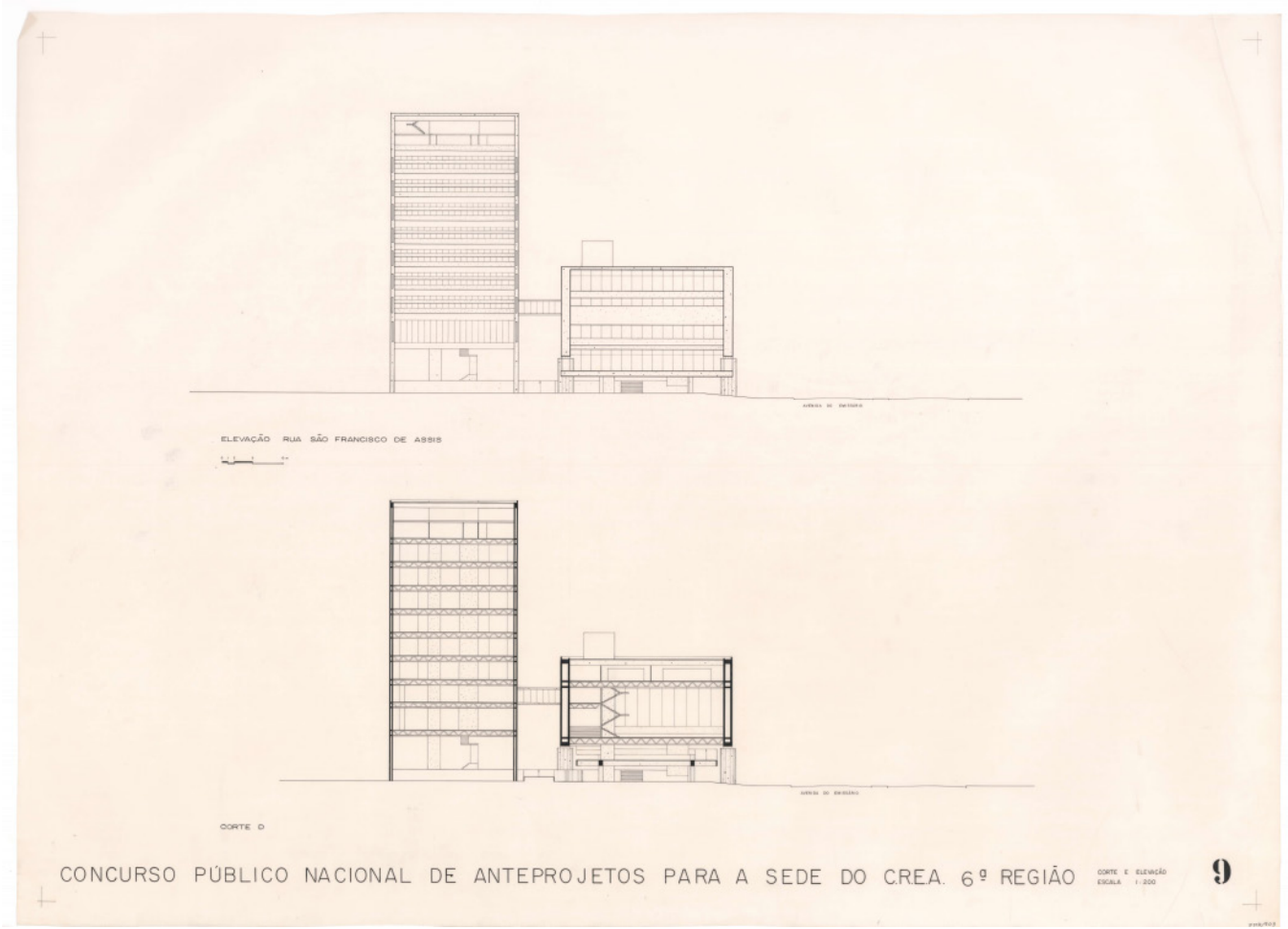


figura 124. PT_CA_PMR_3_PA-053-01-0013. fonte: Casa da Arquitectura

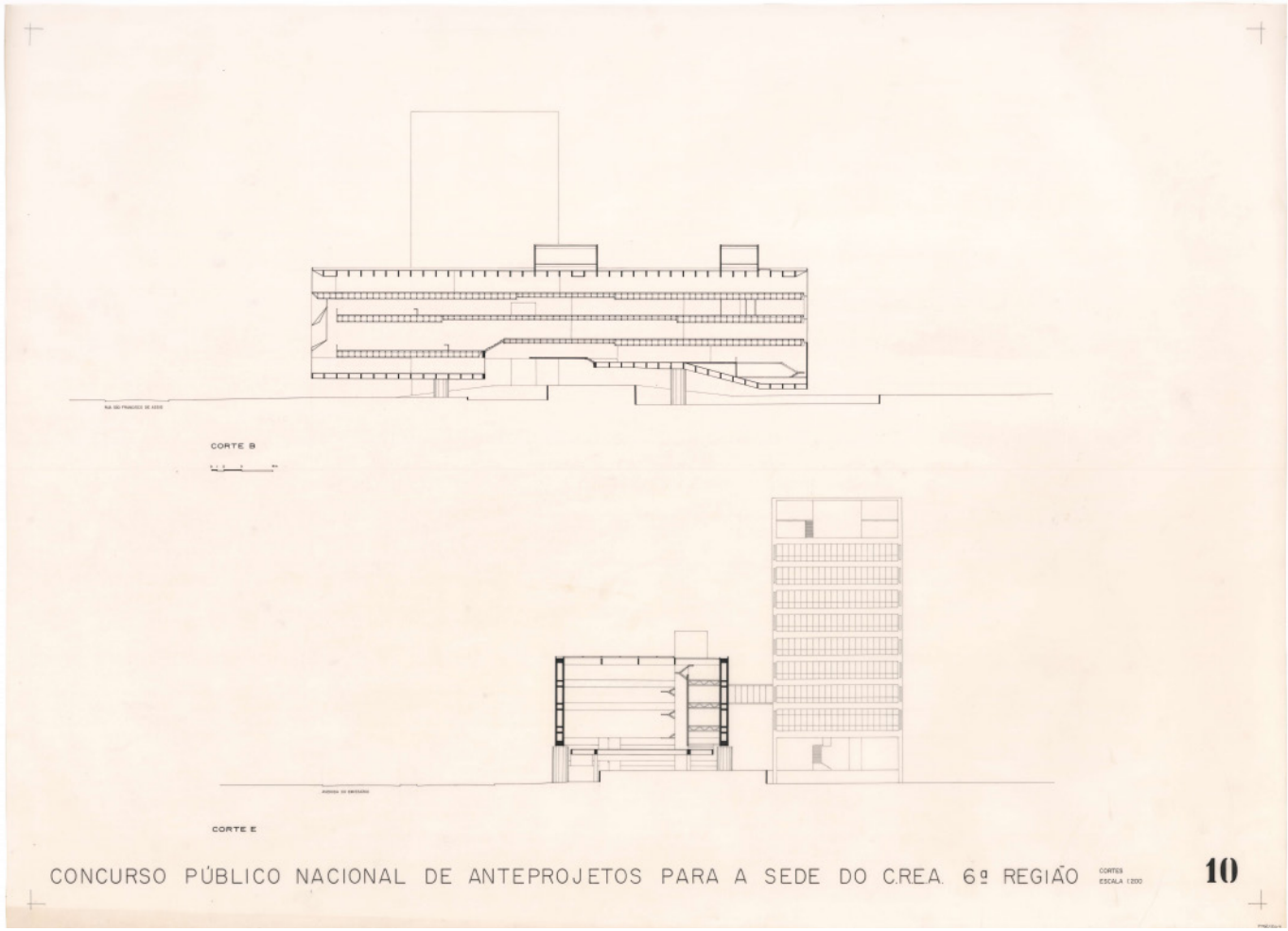


figura 125. PT_CA_PMR_3_PA-053-01-0014. fonte: Casa da Arquitectura

Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura 1978

são paulo

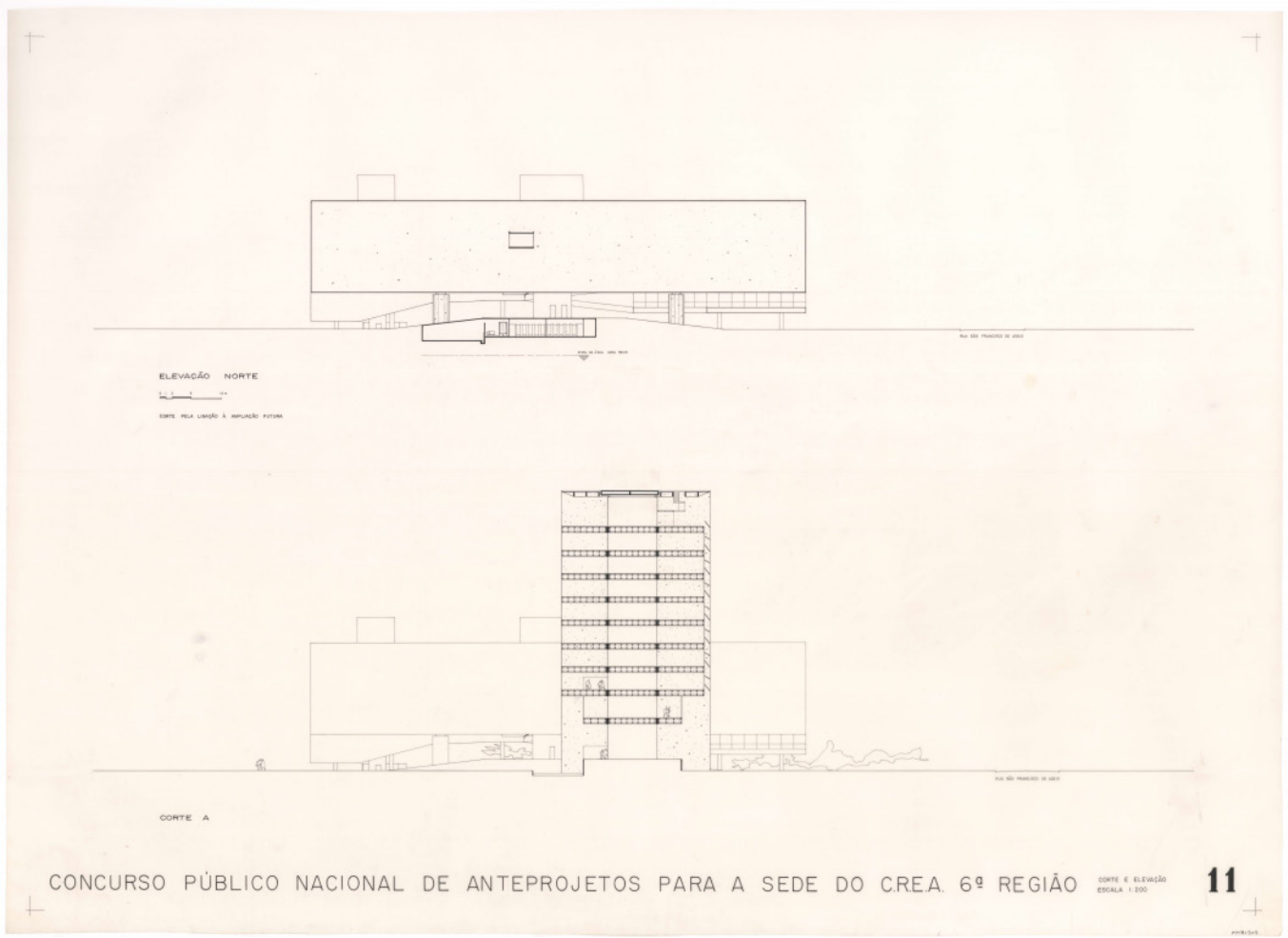


figura 126. PT_CA_PMR_3_PA-053-01-0015. fonte: Casa da Arquitectura

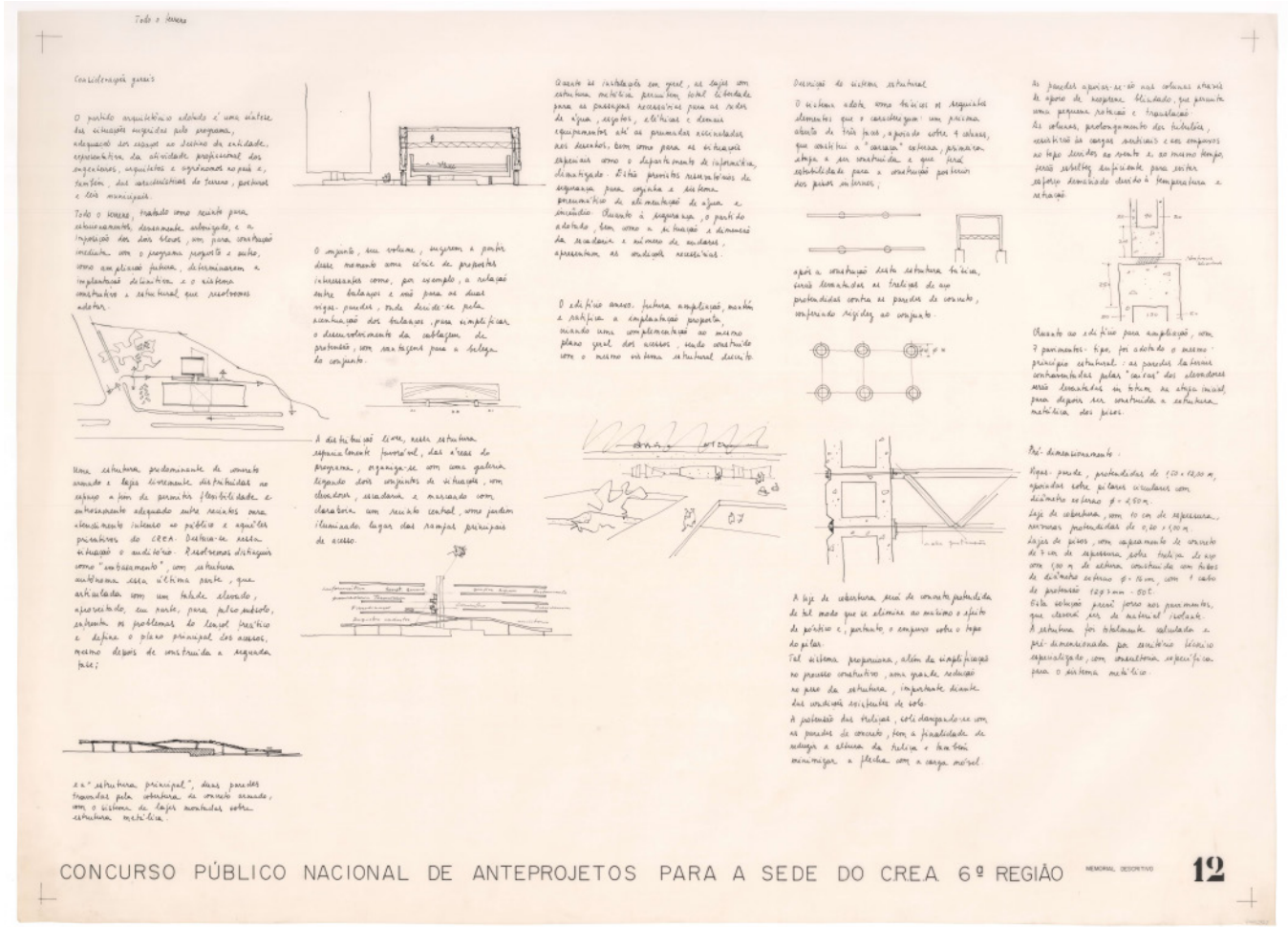


figura 127. PT_CA_PMR_3_PA-053-01-0016. fonte: Casa da Arquitectura

Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura 1978

são paulo

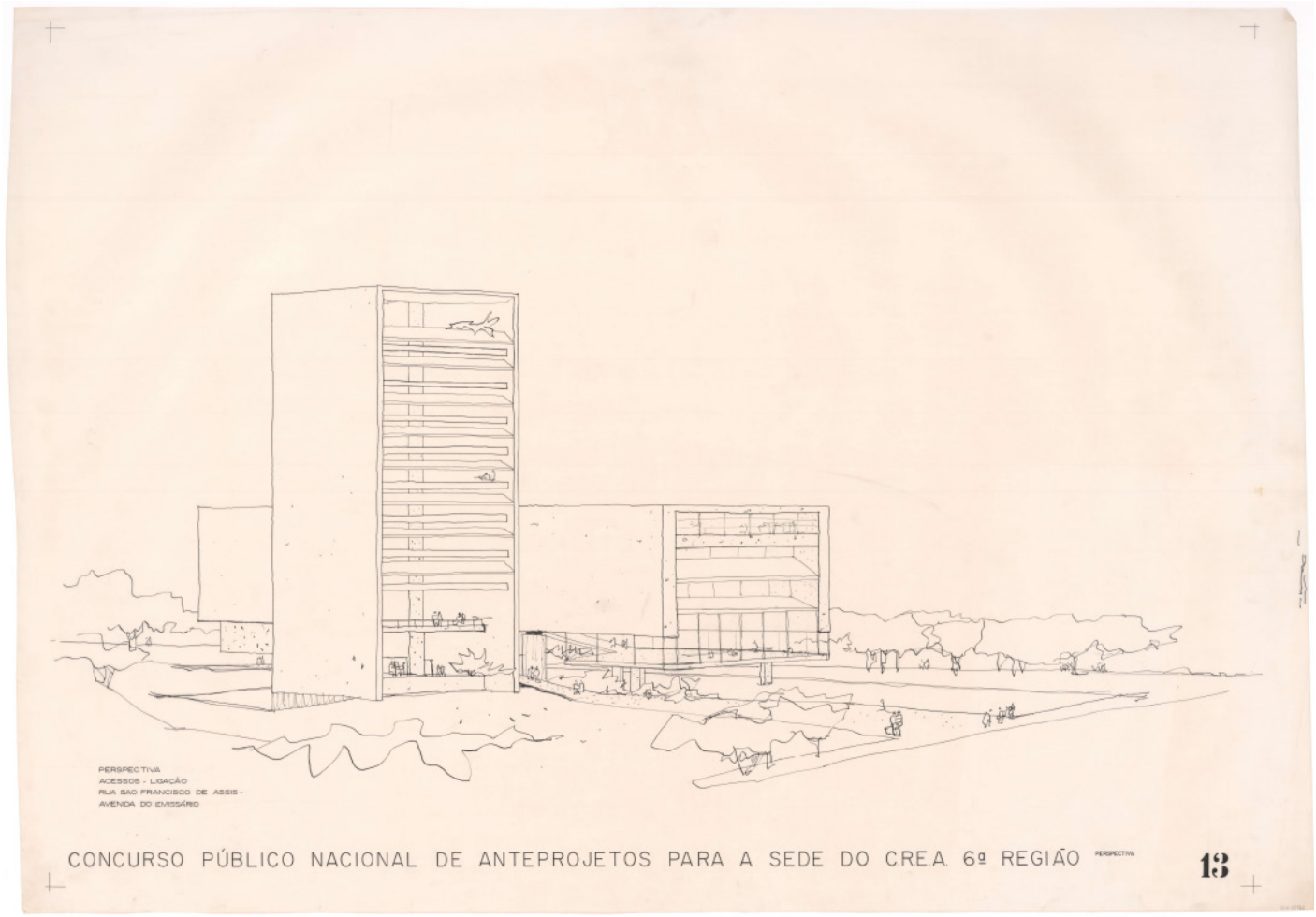


figura 128. PT_CA_PMR_3_PA-053-01-0017. fonte: Casa da Arquitectura

Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura 1978

são paulo

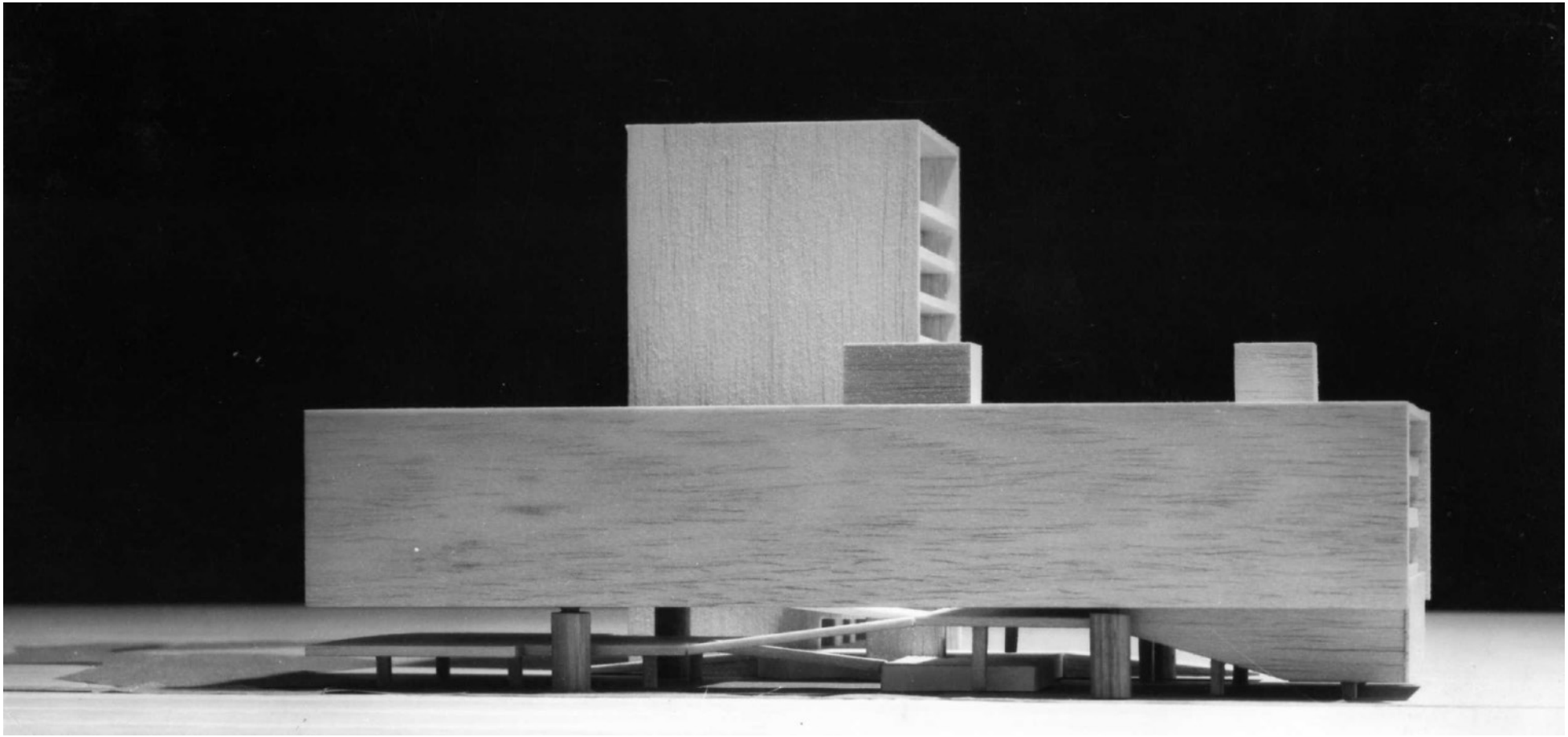


figura 129. pmr-c-creasp-maquete-01. fonte: Escritório PMR

Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) 1978

são paulo

_ Tipo de Concurso

público nacional

_ Entidade Promotora

_ Organizador do Concurso

IAB- SP

_Número de Projetos Entregues

70

_ Colocação Paulo Mendes da Rocha

não premiado

_ Premiados

1º lugar- José Hermeto Palma Sanchotene, Oscar Muller, Elídio Werka

2º lugar- Bernardo Klopfer, Jurandir Rios Garçoni, Helena Saia, Antonio Saia, Antenor Tadeu Bertarelli

2º lugar- Abrahão Sanovicz, Augusto Rittes Garcia, José Carlos Gasparica Olzon

2º lugar- Alberto Alves de Souza Sobrinho, Jairo Fernandes, Rodrigo de Araújo Moreira

2º lugar- Aldo Matsuda, Jurandir Nogueira, Renato Mueller, Alberto Foloni Junior

_ Jurados

Marcelo Fragelli

Telesforo Cristofani

João Filgueiras Lima

_ Anotações

_ Acervo Disponível

não foram encontrados registros no acervo do arquiteto

_ Equipe de Projeto

_ Bibliogafia

PACHECO, Paulo Cesar Braga. O Risco do Paraná e os Concursos Nacionais de Arquitetura 1962-1981. Dissertação (Mestrado)- Programa de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade do Rio Grande do Sul. Curitiba e Porto Alegre, 2004.

PISANI, D. Paulo Mendes da Rocha, Obra Completa. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

SOBREIRA, F; FLYNN, M. H.; RIBEIRO, P.V.B. (orgs.) Paulo Mendes da Rocha: sobre concursos e memórias (entrevista). Brasília: MGSR, 2018.

Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro 1984

rio de janeiro

_ Tipo de Concurso

público nacional

_ Entidade Promotora

Governo do Estado do Rio de Janeiro

Secretaria da Ciência e da Cultura

_ Organizador do Concurso

IAB- RJ

_Número de Projetos Entregues

168

_ Colocação Paulo Mendes da Rocha

não premiado

_ Premiados

1° lugar- Glauco Campello

2° lugar- Luiz Mário Camargo Xavier Filho

_ Jurados

Oscar Niemeyer

Marcelo Fragelli

Lydia Sambaquy

_ Comissão Organizadora

Darcy Ribeiro

Oscar Niemeyer

Leonel Kaz

Janice Monte-Mor

_ Anotações

- projeto construído

_ Acervo Disponível

- acervo completo (disponível na Casa da Arquitectura)

_ Equipe de Projeto

Paulo Mendes da Rocha (autor)

Eduardo Colonelli (autor)

Eduardo Aquino (autor)

Siger Mitsutani (engenheiro)

_ Bibliogafia

ARTIGAS, R. Paulo Mendes da Rocha. São Paulo: Cosac Naify, 2000.

FLYNN, M. H. Concursos de arquitetura no Brasil 1850-2000. 2001. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo.

OTONDO, C. Relações entre pensar e fazer na obra de Paulo Mendes da Rocha. 247 p. Tese (Doutorado em Arquitetura e urbanismo). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

PISANI, D. Paulo Mendes da Rocha, Obra Completa. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

SOBREIRA, F; FLYNN, M. H.; RIBEIRO, P.V.B. (orgs.) Paulo Mendes da Rocha: sobre concursos e memórias (entrevista). Brasília: MGSR, 2018.

SPIRO, A. Paulo Mendes da Rocha, Bauten und Projekte. Zurich: Niggli, 2002.

Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro 1984

rio de janeiro

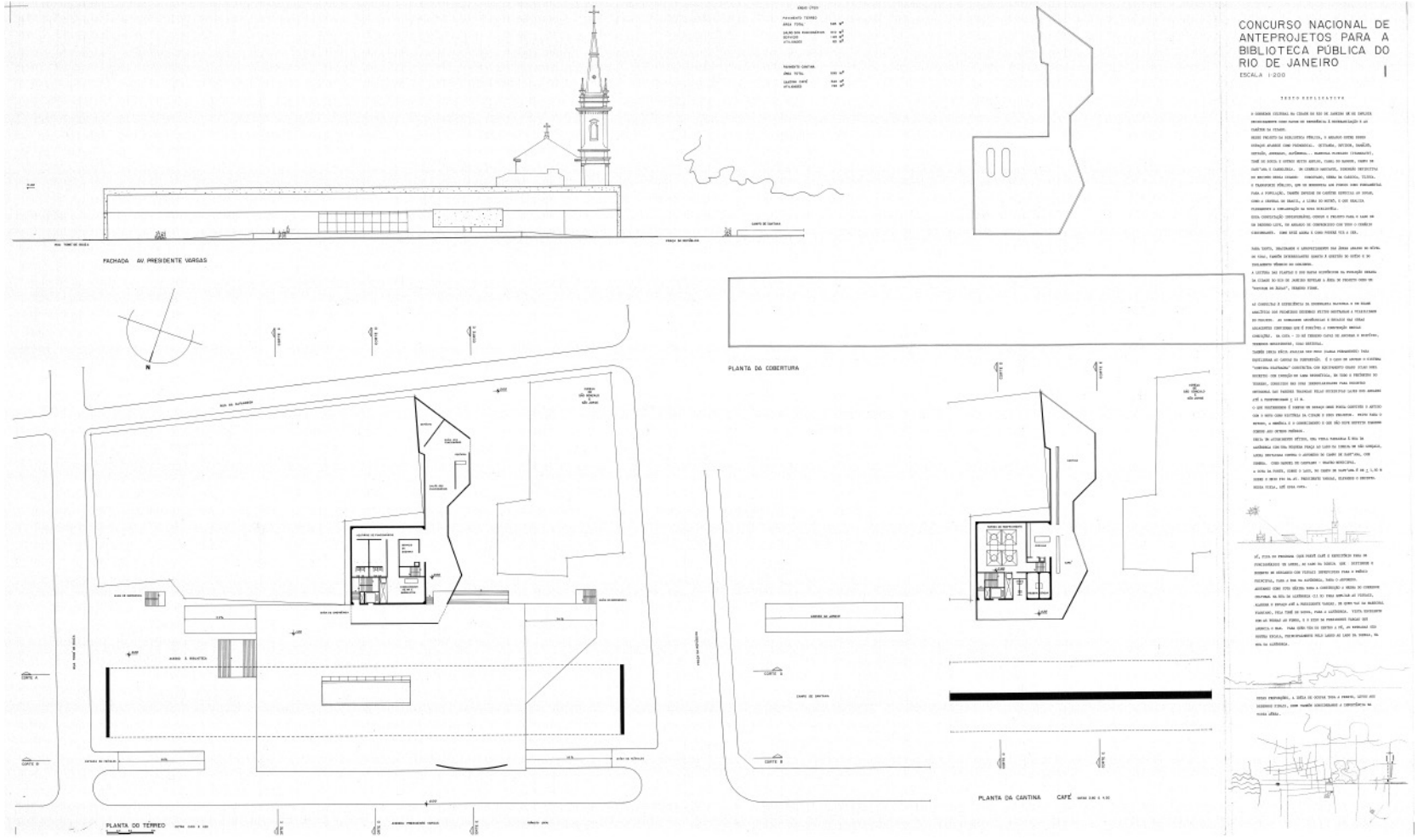


figura 130. pmr-c-bnrj-flh-01. fonte: Escritório PMR

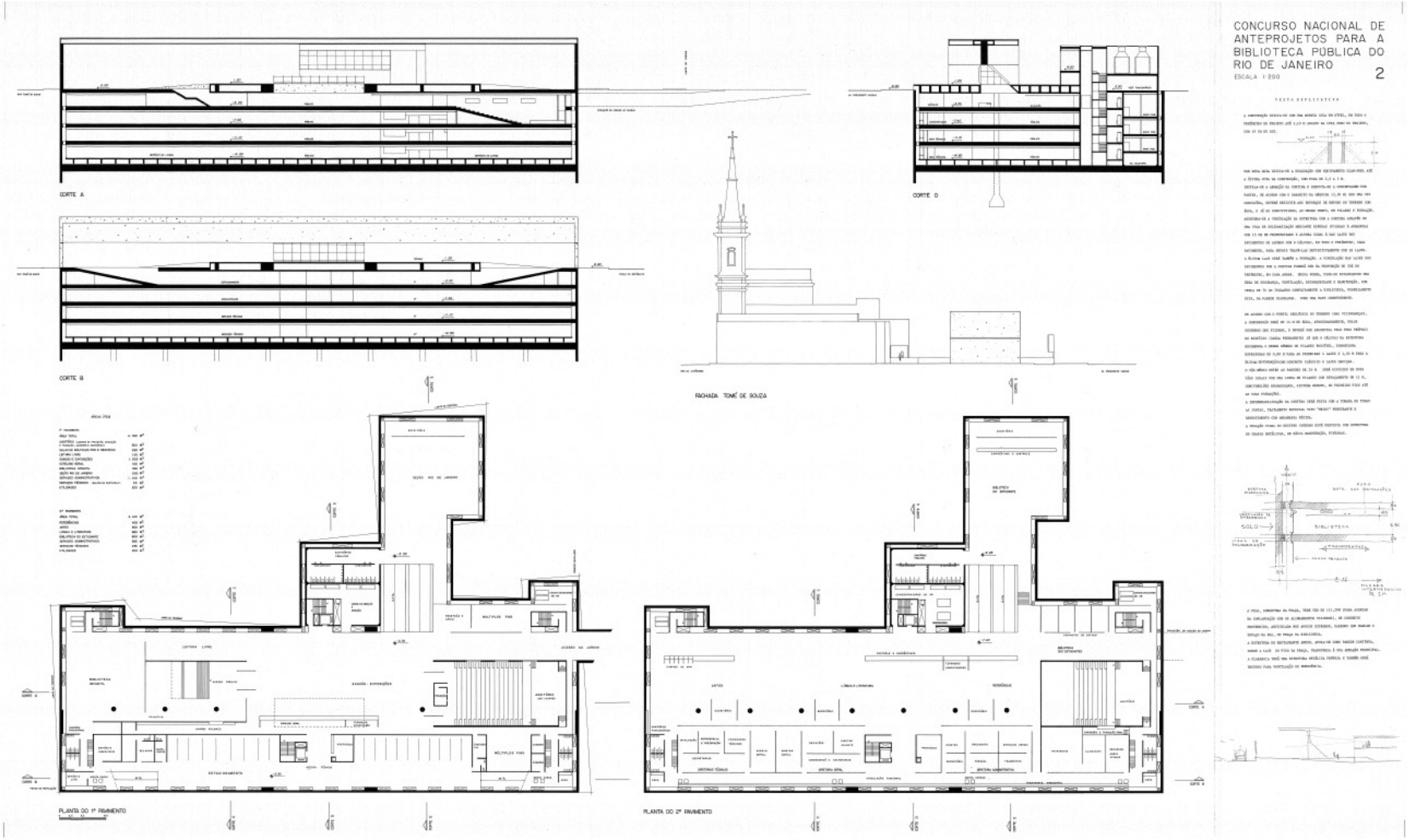


figura 131. pmr-c-bnrj-flh-02. fonte: Escritório PMR

Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro 1984

rio de janeiro

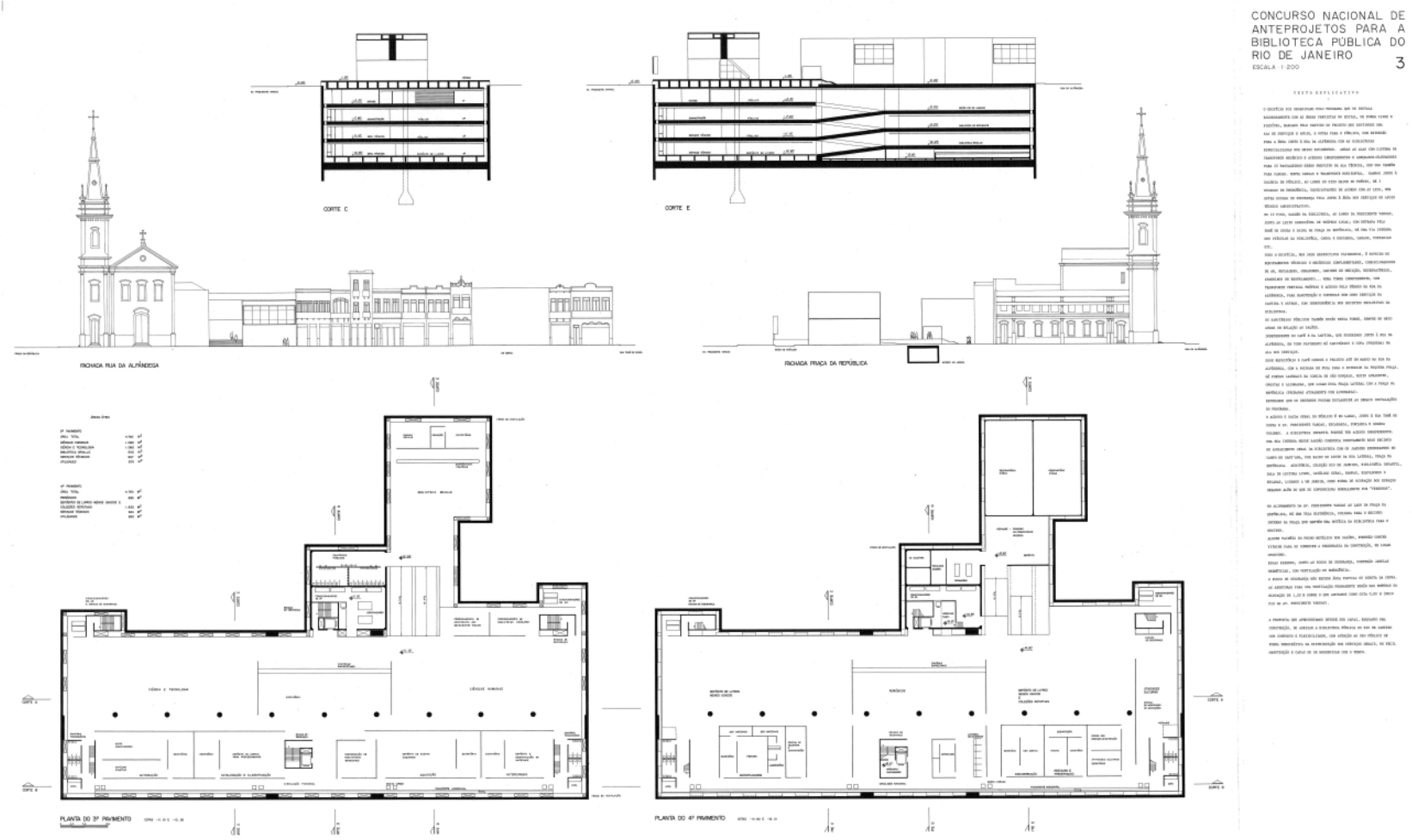


figura 132. pmr-c-bnrj-flh-03. fonte: Escritório PMR

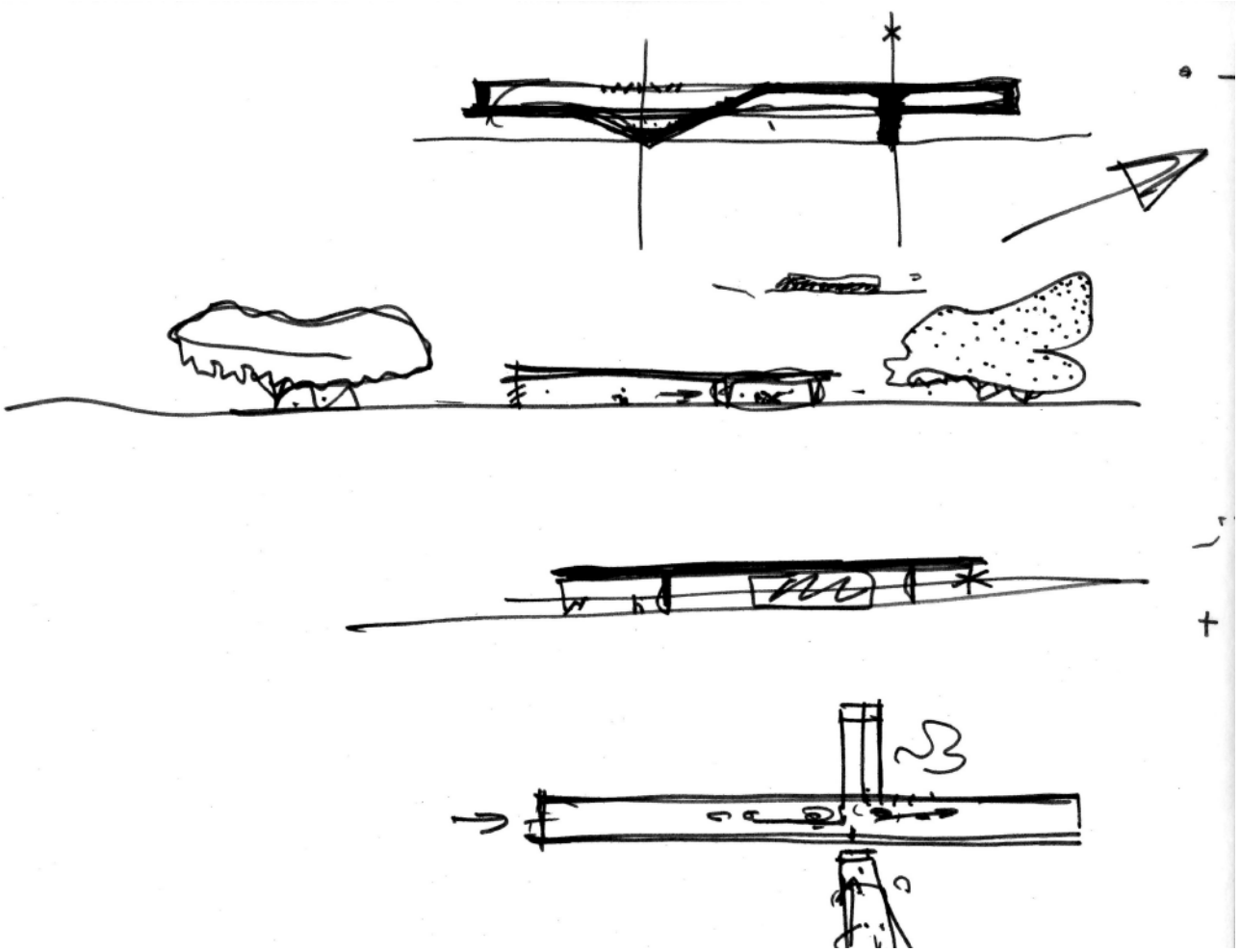


figura 133. Biblioteca Rio de Janeiro005. fonte: Escritório PMR

Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro 1984

rio de janeiro

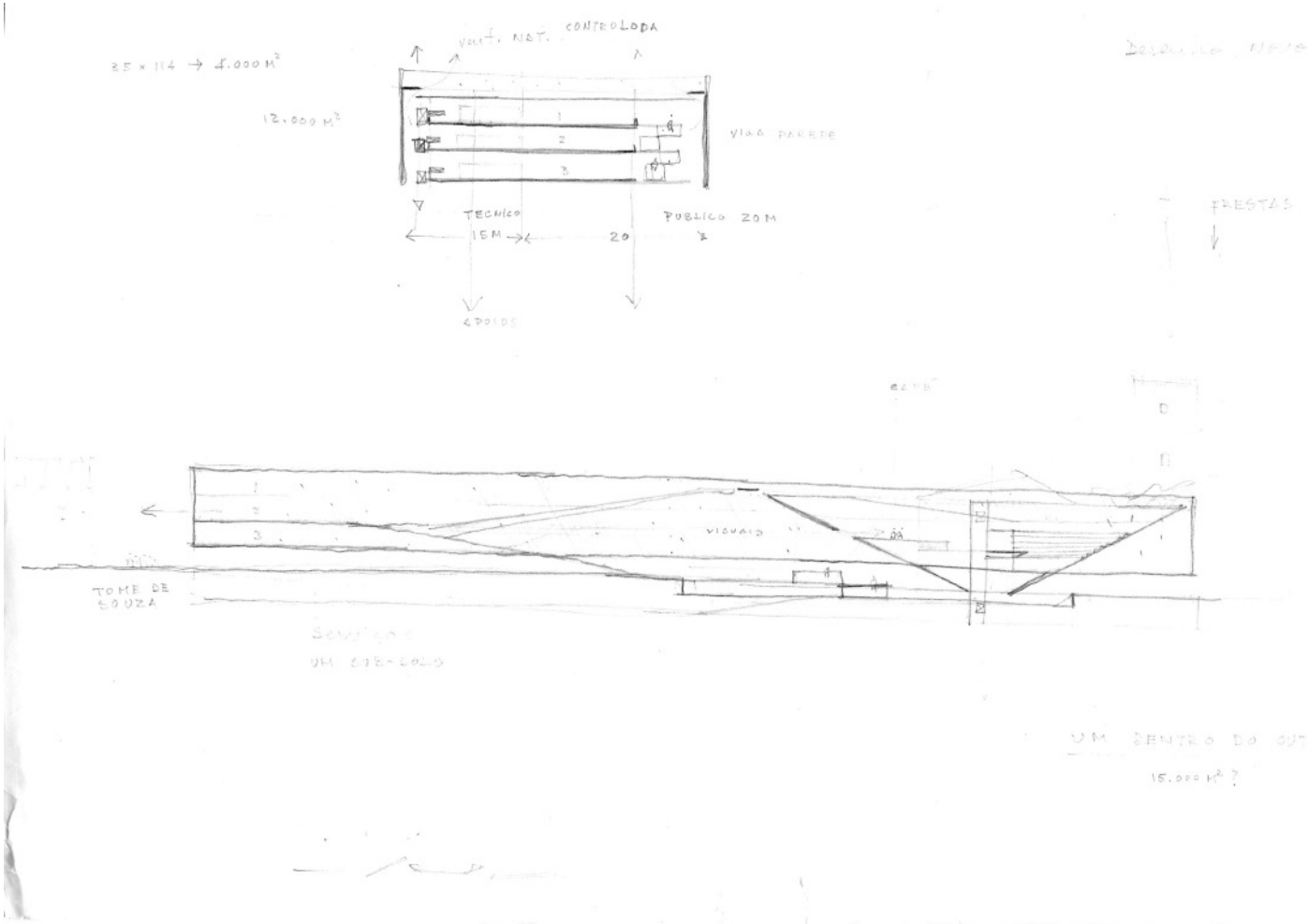


figura 134. Biblioteca Rio de Janeiro006. fonte: Escritório PMR

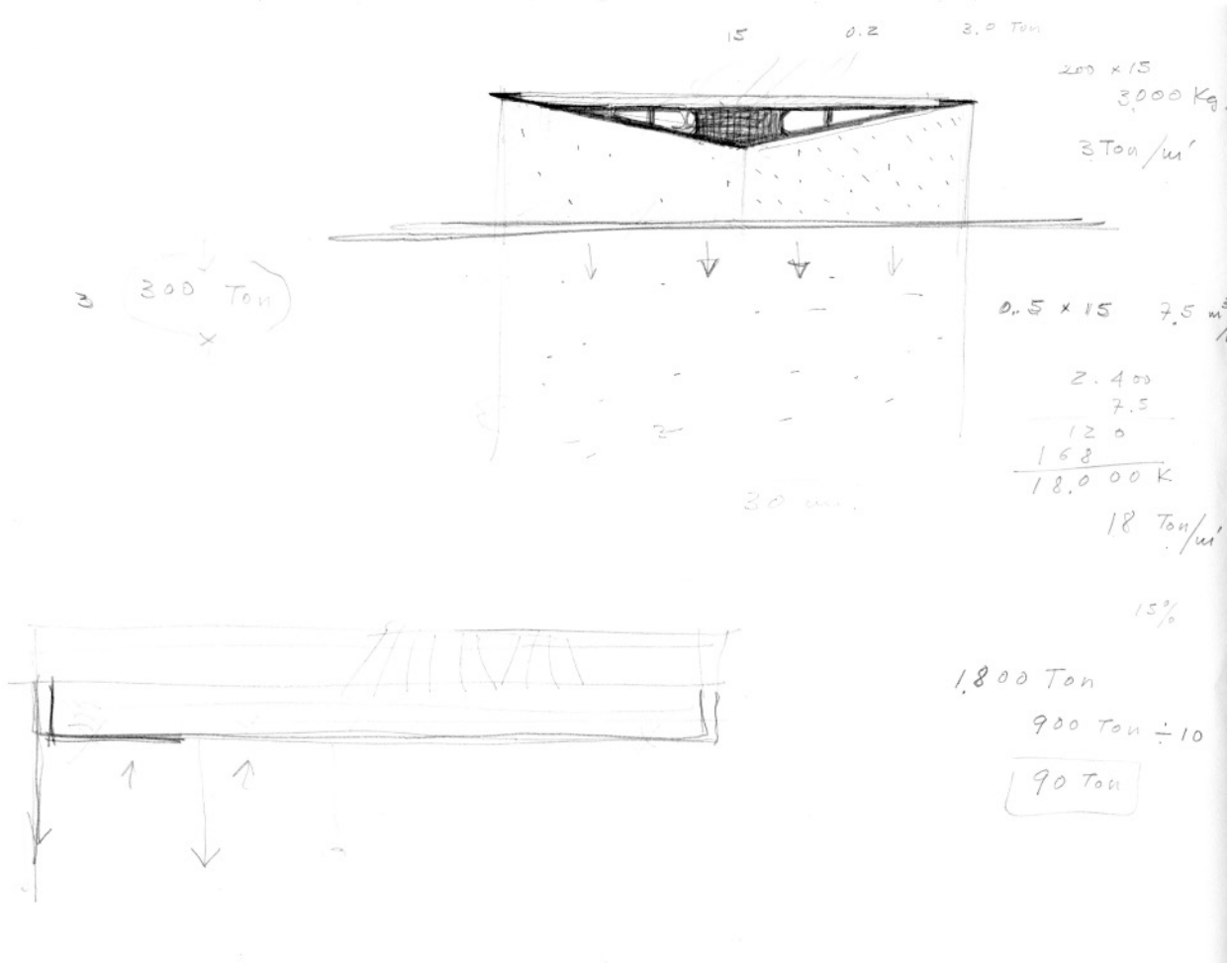


figura 135. Biblioteca Rio de Janeiro007. fonte: Escritório PMR

Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro 1984

rio de janeiro

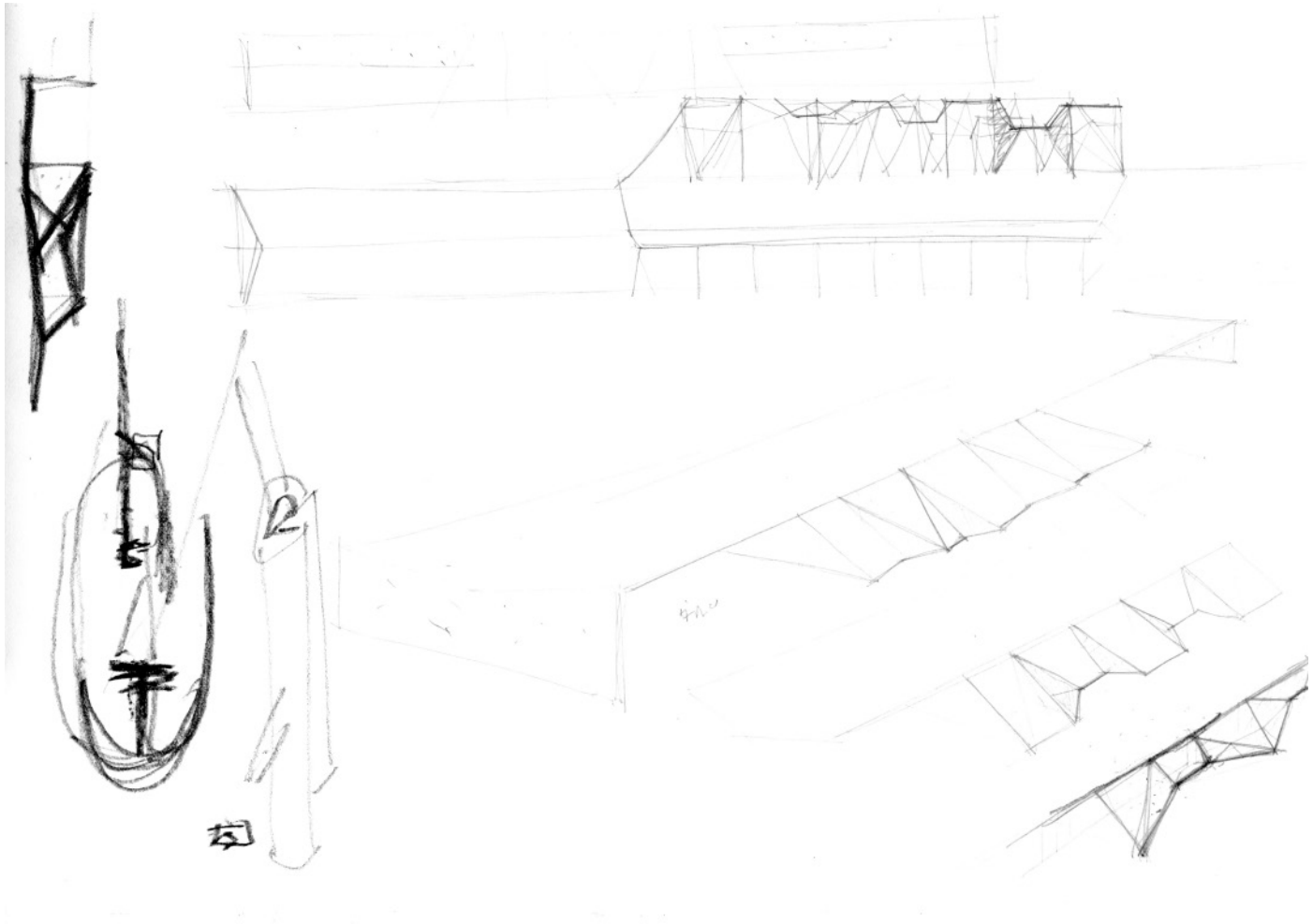


figura 136. Biblioteca Rio de Janeiro008. fonte: Escritório PMR

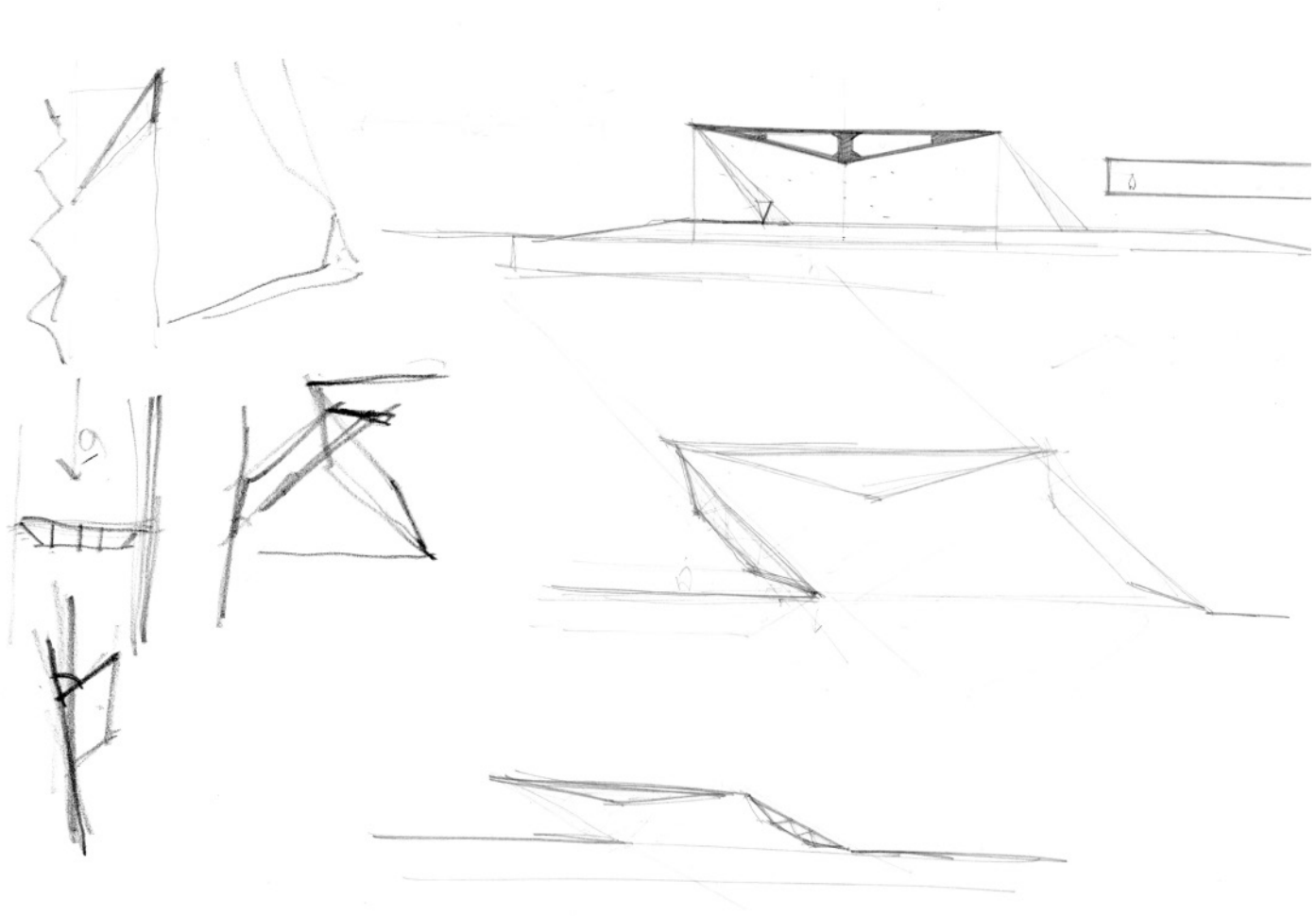


figura 137. Biblioteca Rio de Janeiro009. fonte: Escritório PMR

Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro 1984

rio de janeiro

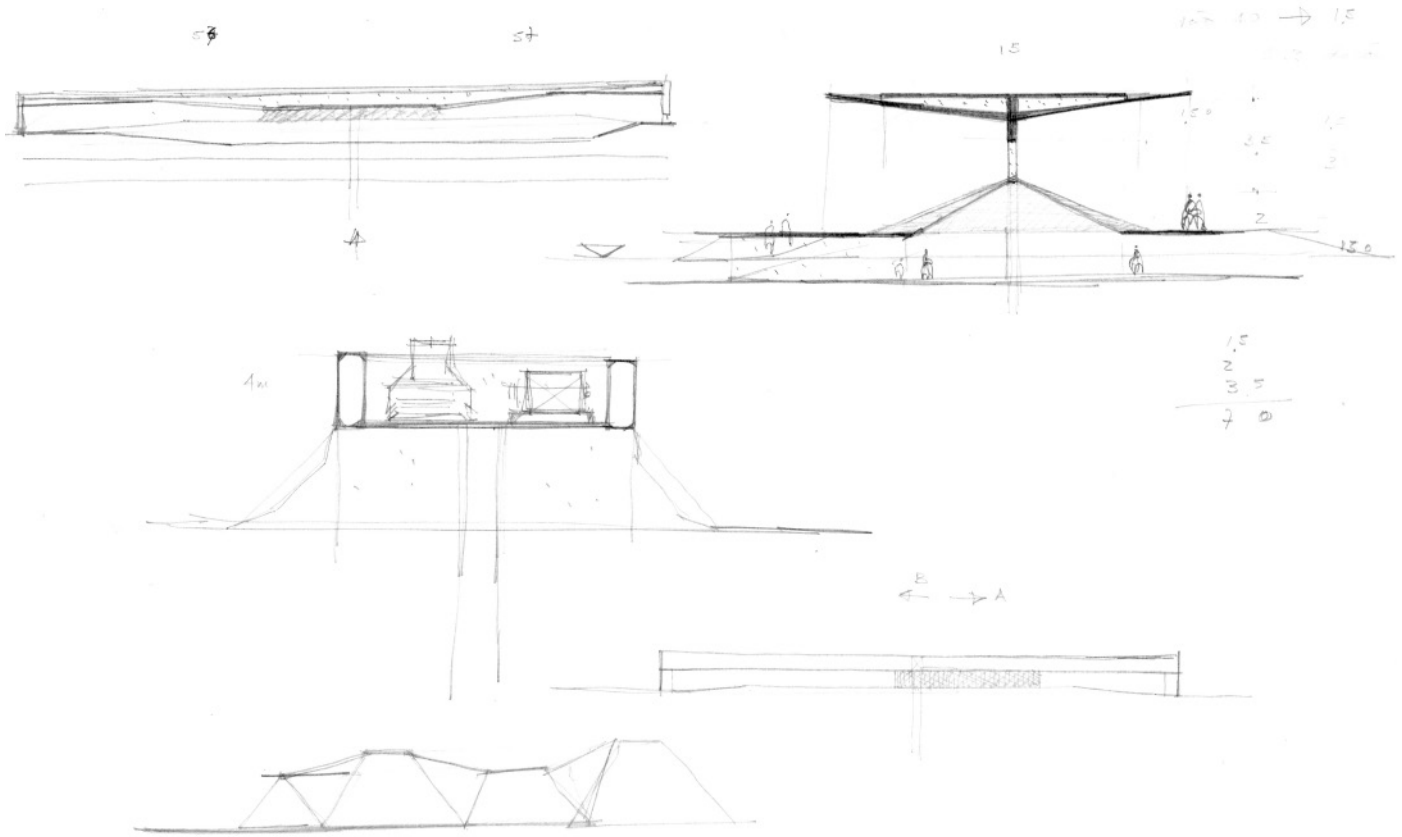


figura 138. Biblioteca Rio de Janeiro010. fonte: Escritório PMR

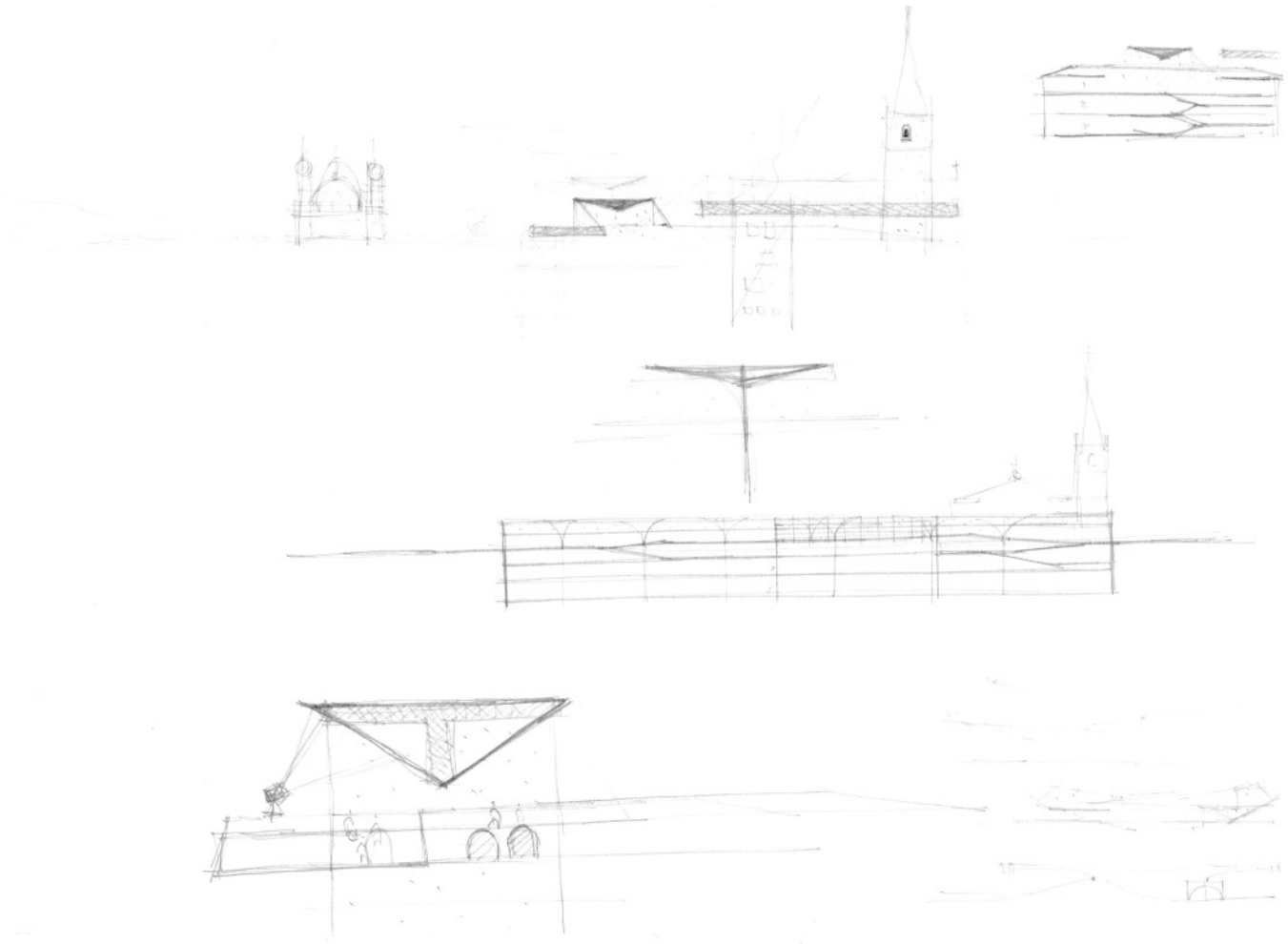


figura 139. Biblioteca Rio de Janeiro011. fonte: Escritório PMR

Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro 1984

rio de janeiro

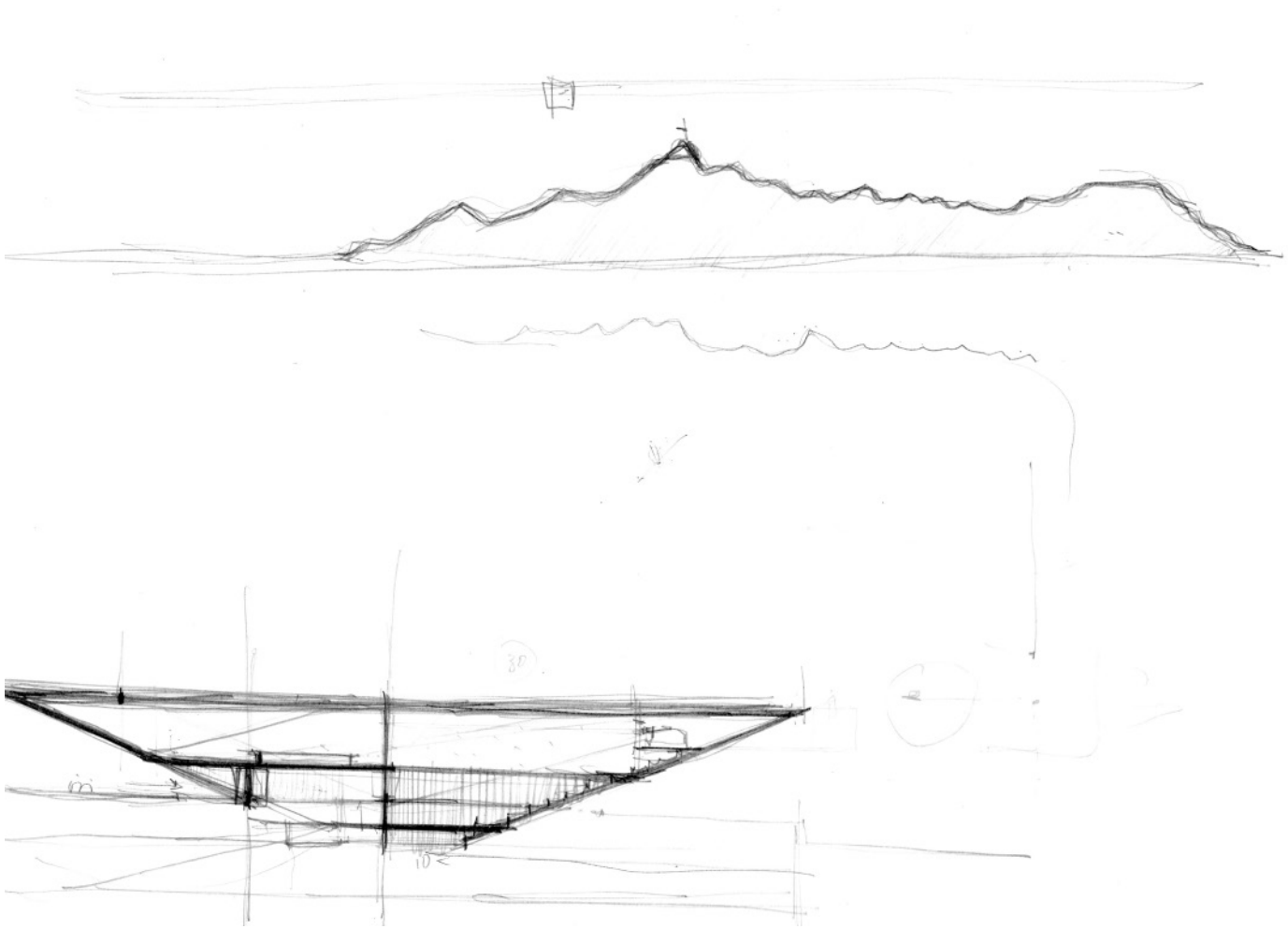


figura 140. Biblioteca Rio de Janeiro012. fonte: Escritório PMR

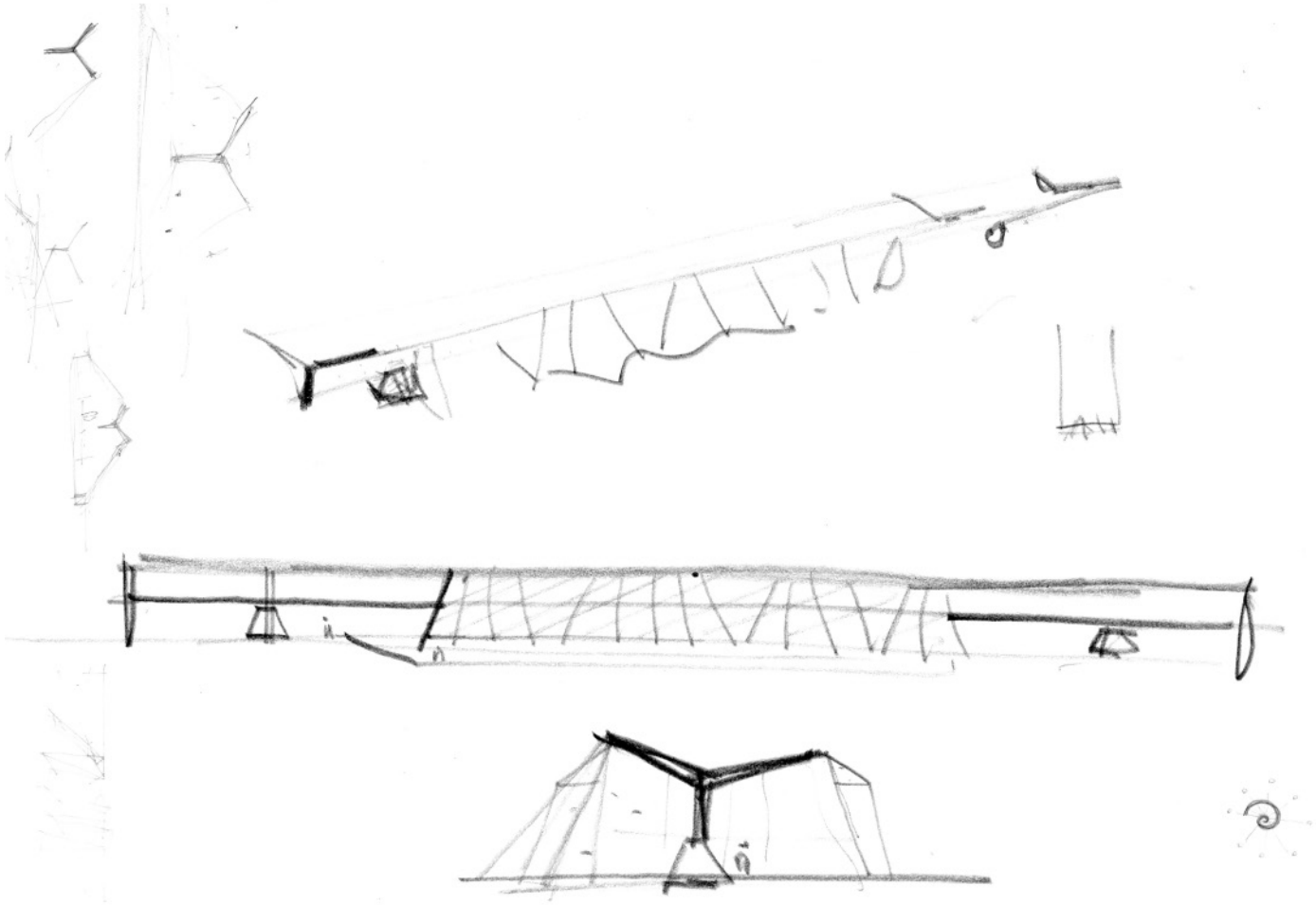


figura 141. Biblioteca Rio de Janeiro013. fonte: Escritório PMR

Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro 1984

rio de janeiro

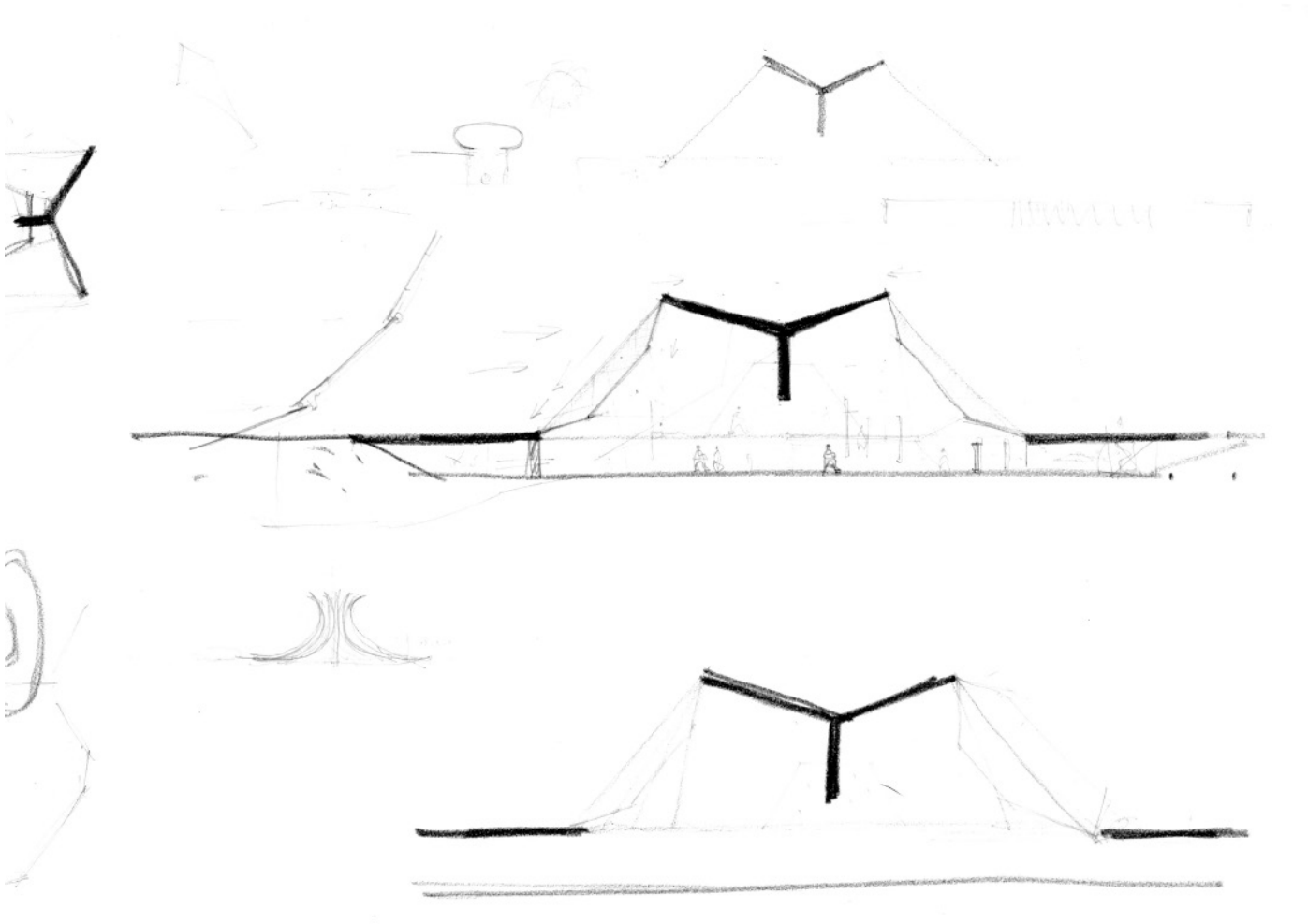


figura 142. Bibliotéca Rio de Janeiro014. fonte: Escritório PMR

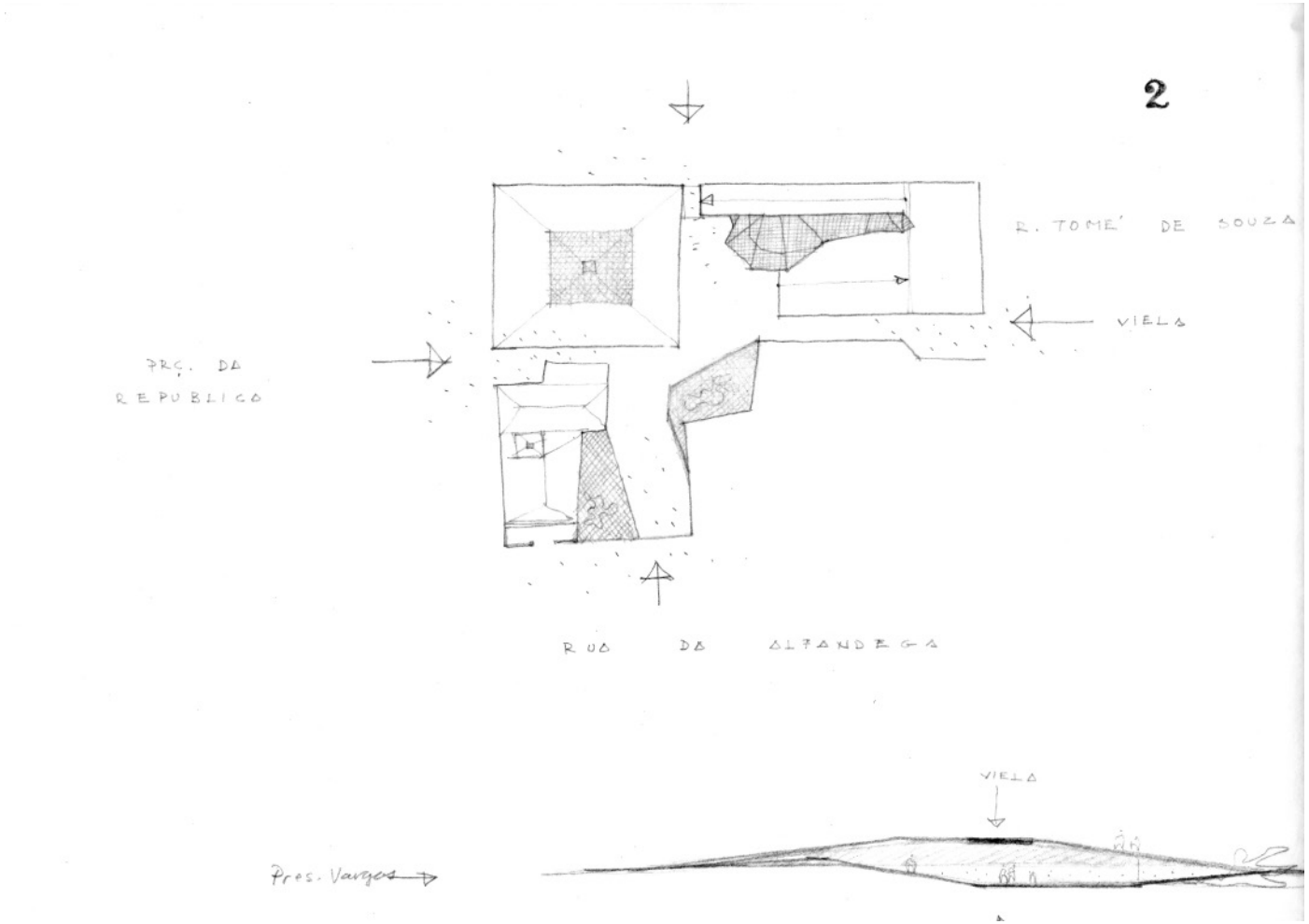


figura 143. Bibliotéca Rio de Janeiro015. fonte: Escritório PMR

Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro 1984

rio de janeiro

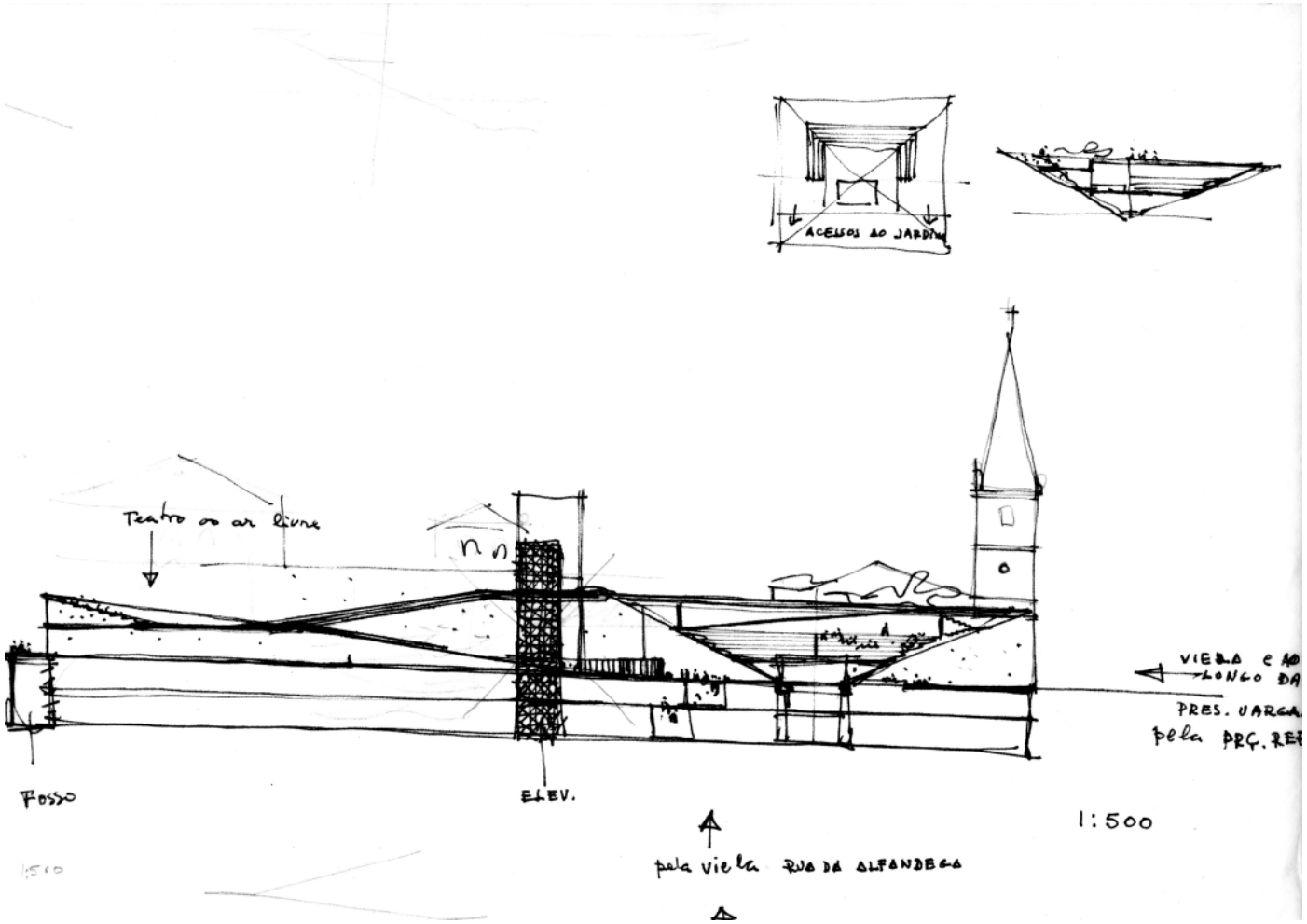


figura 144. Bibliotéca Rio de Janeiro016. fonte: Escritório PMR

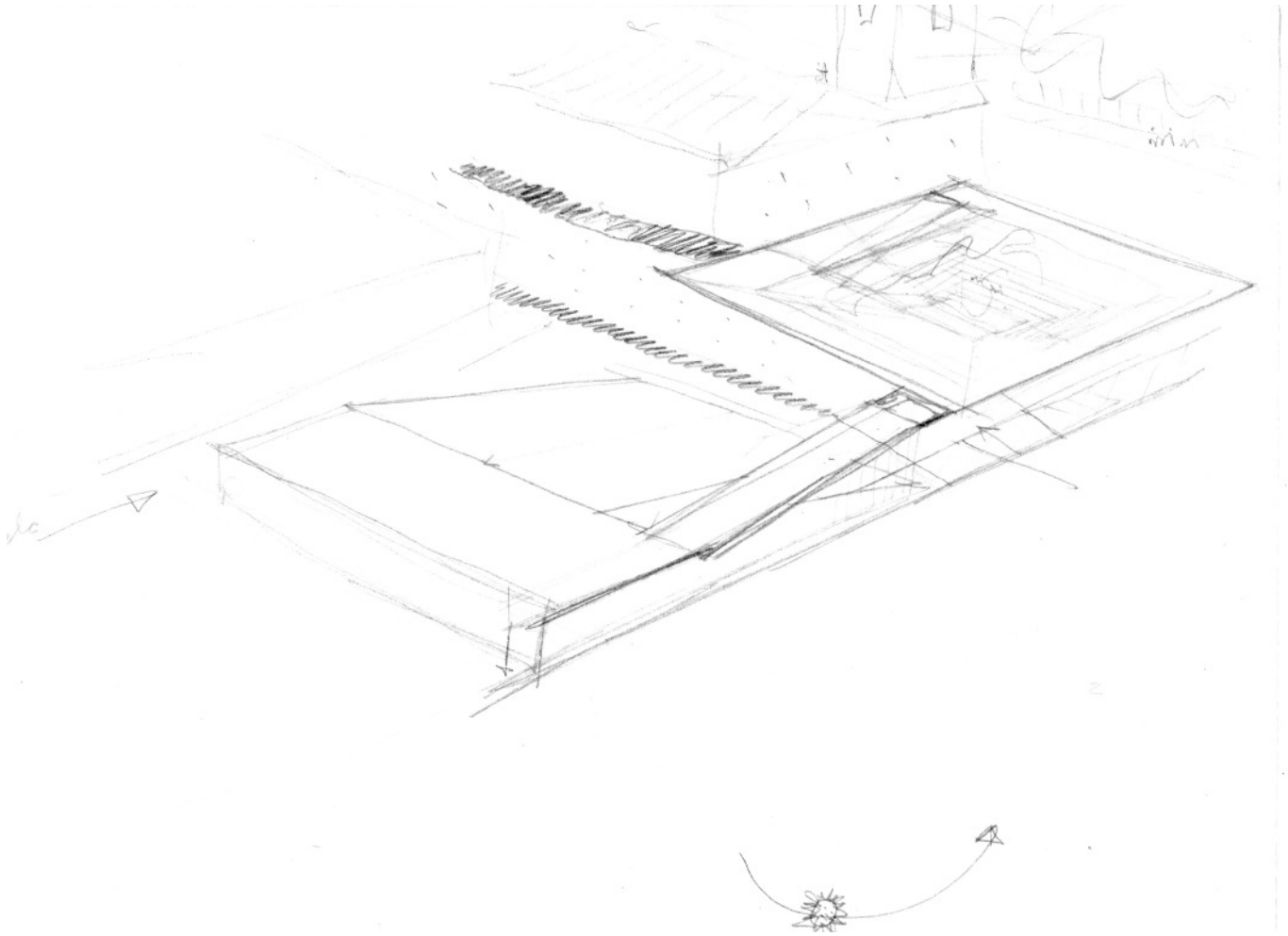


figura 145. Bibliotéca Rio de Janeiro017. fonte: Escritório PMR

Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro 1984

rio de janeiro

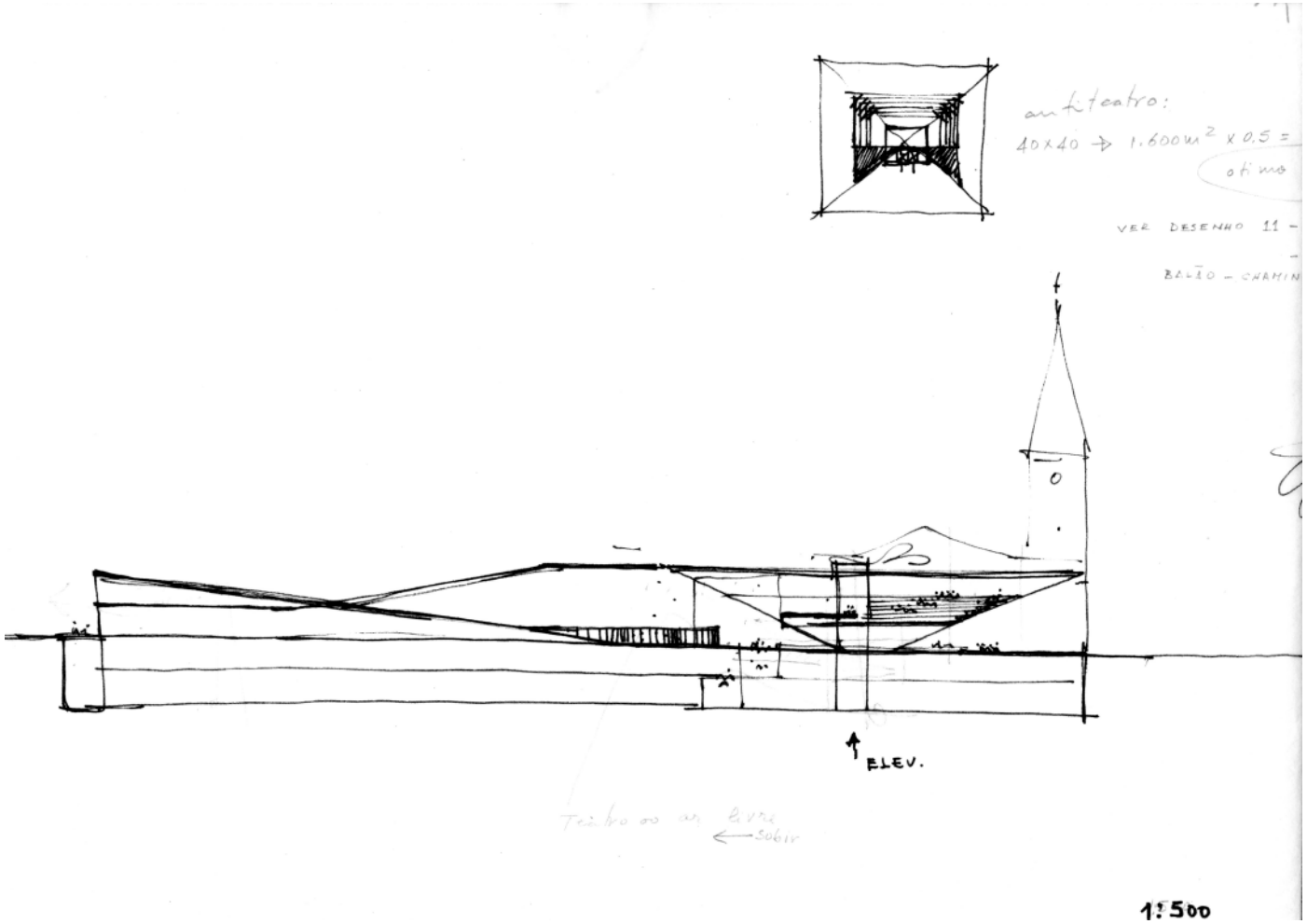


figura 146. Bibliotéca Rio de Janeiro018. fonte: Escritório PMR

Museu Brasileiro da Escultura 1986

são paulo

_ Tipo de Concurso

fechado (carta convite)

_ Entidade Promotora

Governo de São Paulo

_ Organizador do Concurso

Sociedade de Amigos dos Museus (SAM)

Sociedade Amigos dos Jardins Europa e Paulistano (SAJEP)

_Número de Projetos Entregues

13

_ Colocação Paulo Mendes da Rocha

1° lugar

_ Jurados

Fábio Penteado
Salvador Candia
Décio Tozzi
Fábio Magalhães
Maius Rathsan
João Walter Toscano
Jon Maitrejean
Jorge Yunes
Marilisa Rathsan
Roberto Saruê

_ Anotações

- foi necessário apresentar o projeto em um prazo de dez dias juntamente com as soluções para resolver a difícil concretização da obra;
- O juri foi escolhido pelos participantes;
- participaram do concurso, além de Mendes da Rocha: Ottoni Arquitetos; Croce, Aflalo & Gasperini; Pedro Paulo Saraiva; José Carlos Ladovia e Miguel Juliano; Siegbert Zanettini; Ubyrajara Gilioli e Cláudio Mattos; Paulo Bastos; Cândido Malta e Eduardo de Almeida; Marcos Acayaba; Clóvis Felipe Olga; Ruy Ohtake; Walter Makhohl e Cleber Machado; e Newton Massafumi Yamato.

_ Acervo Disponível

acervo completo (disponível na Casa da Arquitectura)

_ Equipe de Projeto

Paulo Mendes da Rocha
Alexandre Delijaicov
Geni Sugai
Pedro Mendes da Rocha
José Armênio
Carlos José
Dantas Dias
Rogério Marcondes Machado
Vera Domschke
Roberto Burle Marx (paisaismo)

_ Bibliogafia

FRAJNDLICH, Rafael; BRAGAIA, Flavio. Arquitetura Brasileira e Redemocratização: Revisão crítica do debate a partir de projetos e artigos publicados nas revistas “Projeto” e “Arquitetura e Urbanismo” entre 1985 e 1988, Campinas: mai-Ago, 2018.

OTONDO, C. Relações entre pensar e fazer na obra de Paulo Mendes da Rocha. 247 p. Tese (Doutorado em Arquitetura e urbanismo). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

PISANI, D. Paulo Mendes da Rocha, Obra Completa. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

SOBREIRA, F; FLYNN, M. H.; RIBEIRO, P.V.B. (orgs.) Paulo Mendes da Rocha: sobre concursos e memórias (entrevista). Brasília: MGSR, 2018.

SPIRO, A. Paulo Mendes da Rocha, Bauten und Projekte. Zurich: Niggli, 2002.

Museu Brasileiro da Escultura 1986

são paulo

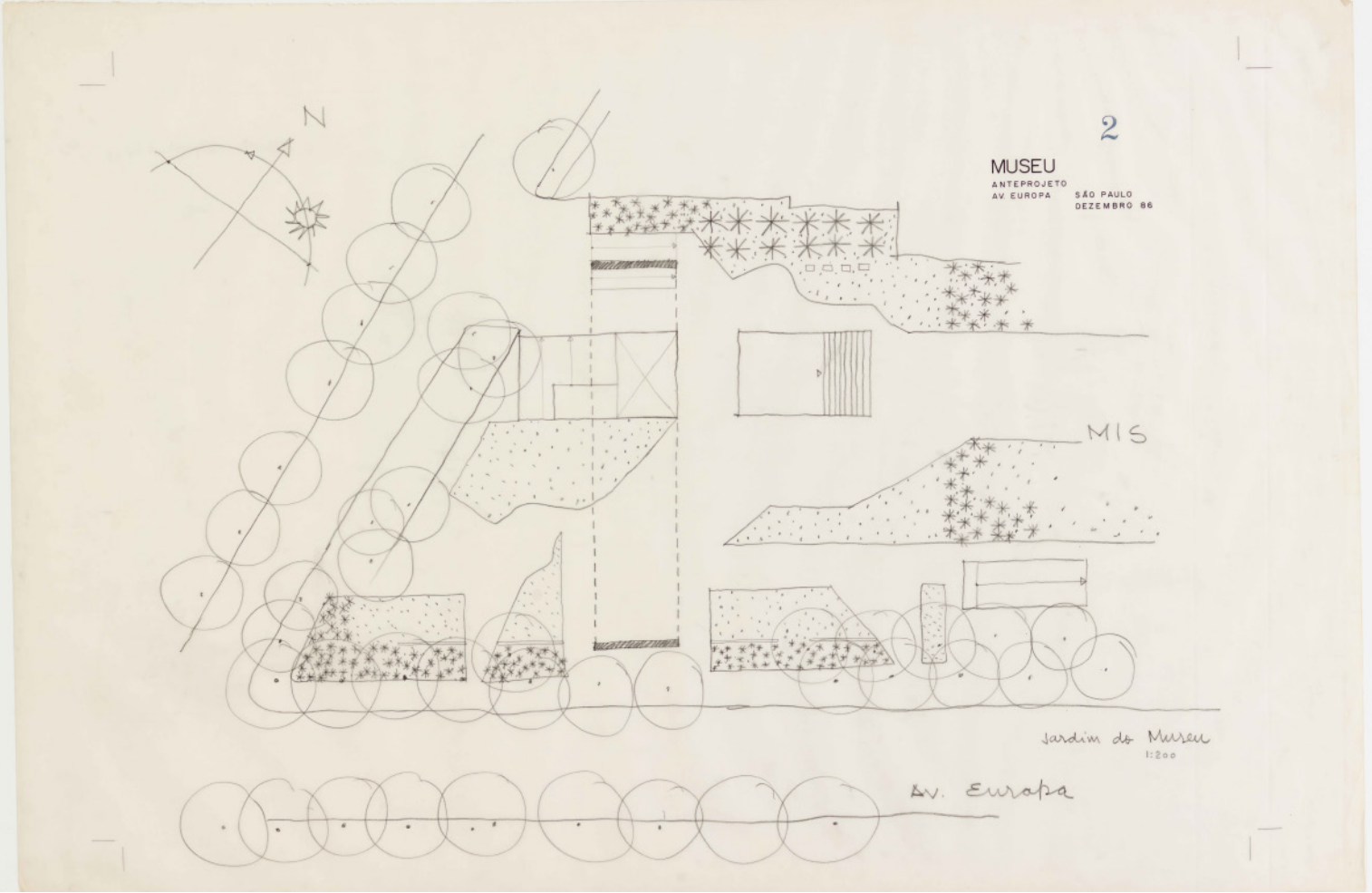


figura 147. ca_pt_00164. fonte: Casa da Arquitectura

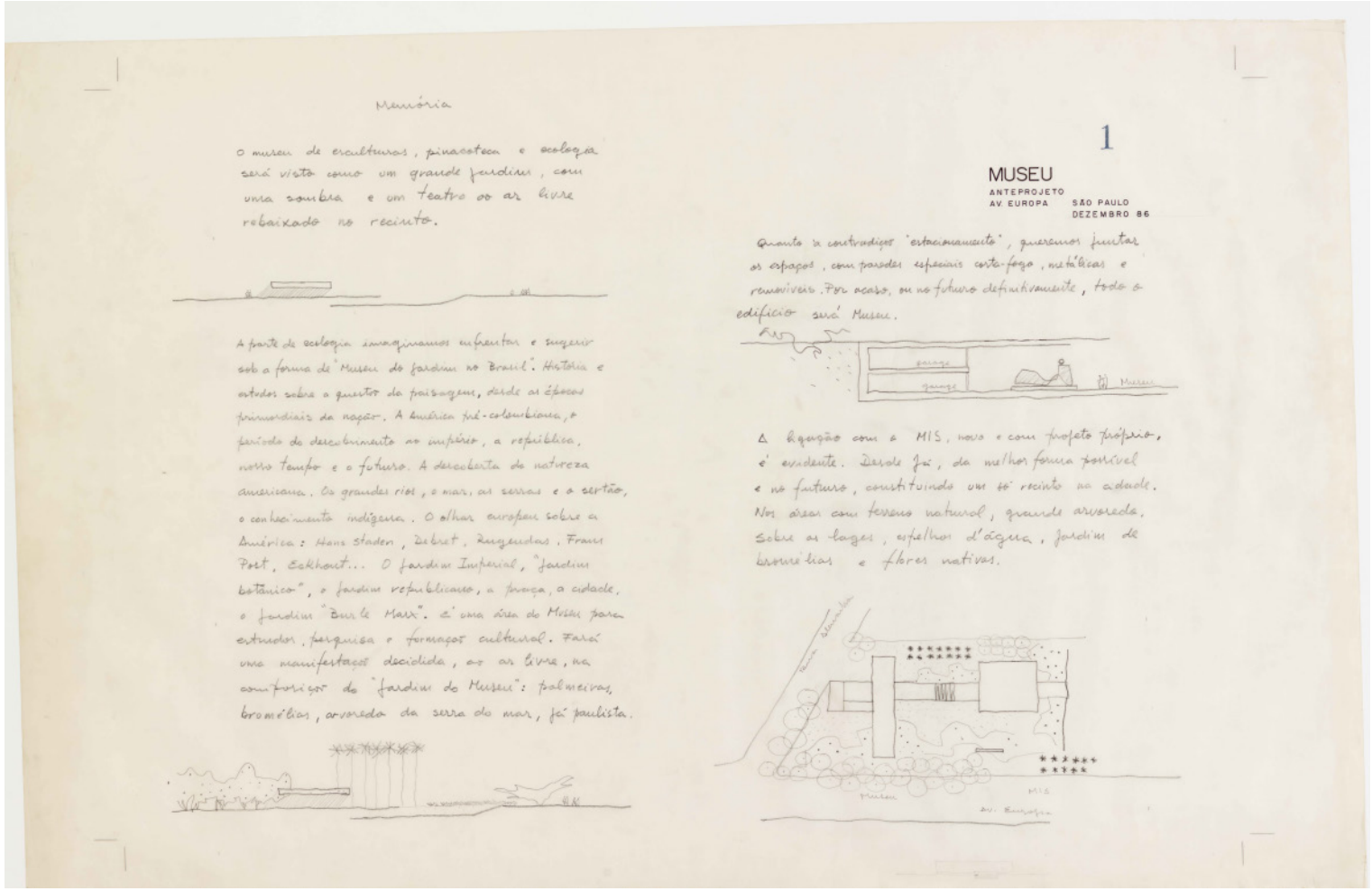


figura 148. ca_pt_00165. fonte: Casa da Arquitectura

Museu Brasileiro da Escultura 1986

são paulo

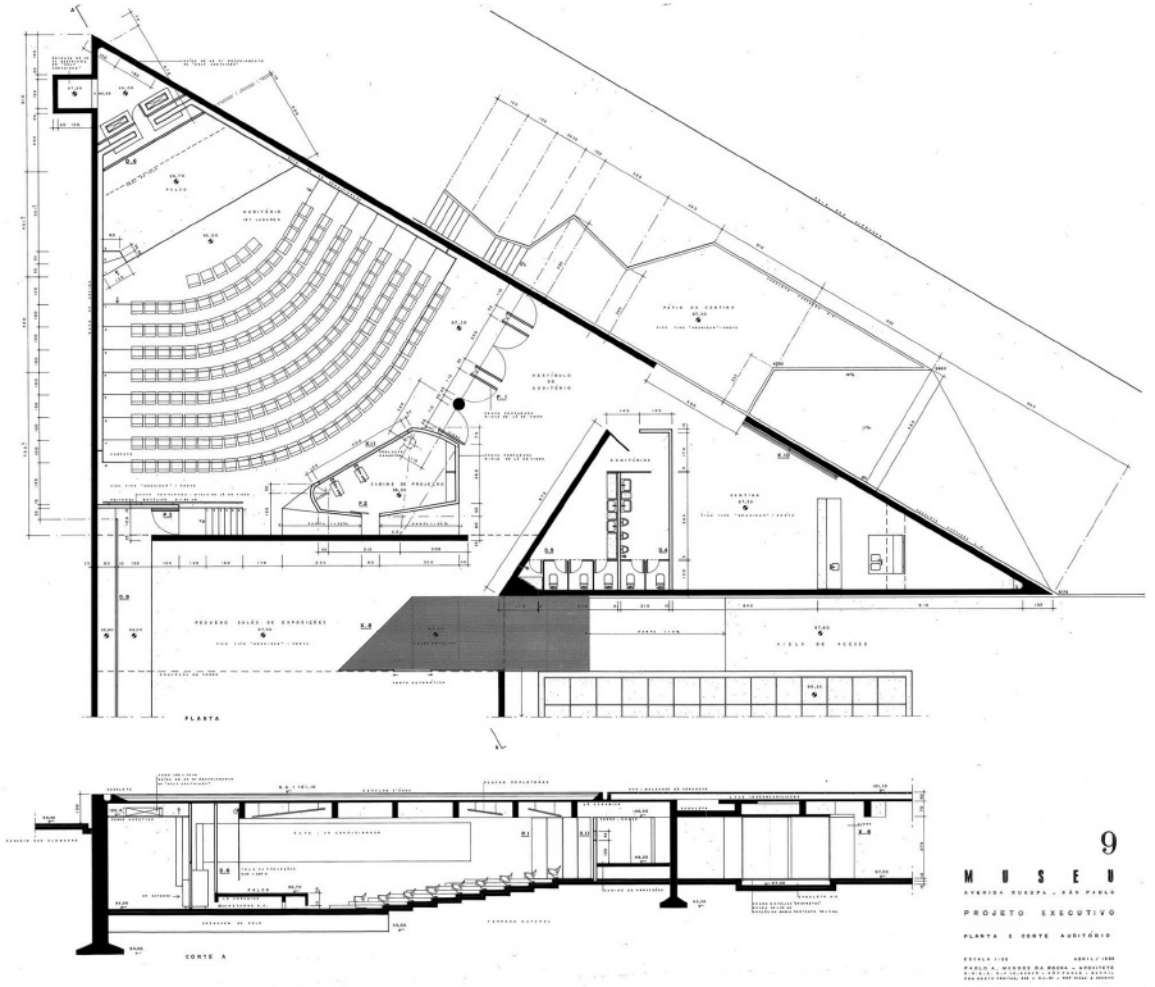


figura 149. pmr-c-mube-pe-flh-00. fonte: OTONDO, C; GOUVEA,J. 2007

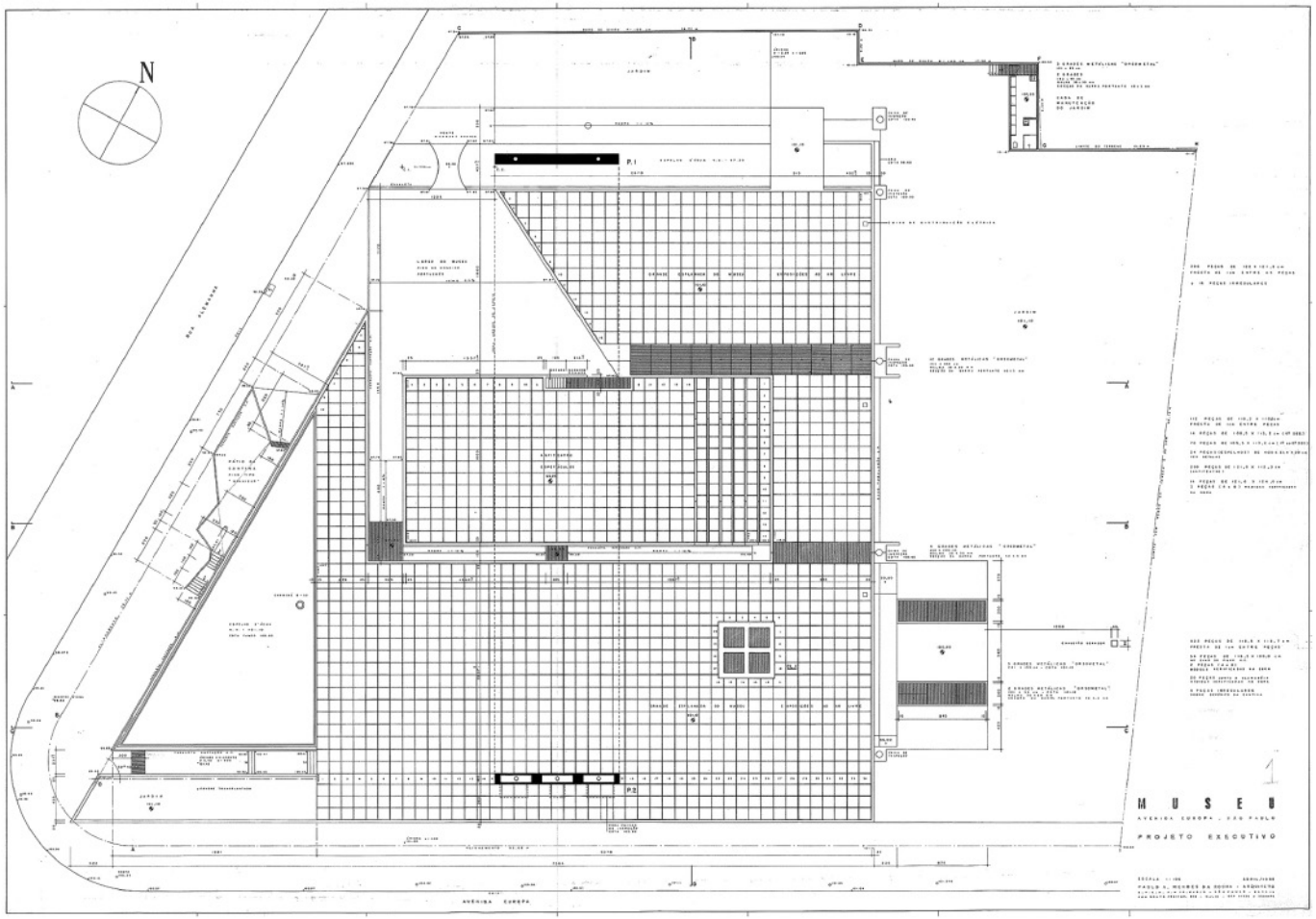


figura 150. pmr-c-mube-pe-flh-01. fonte: OTONDO, C; GOUVEA,J. 2007

Museu Brasileiro da Escultura 1986

são paulo

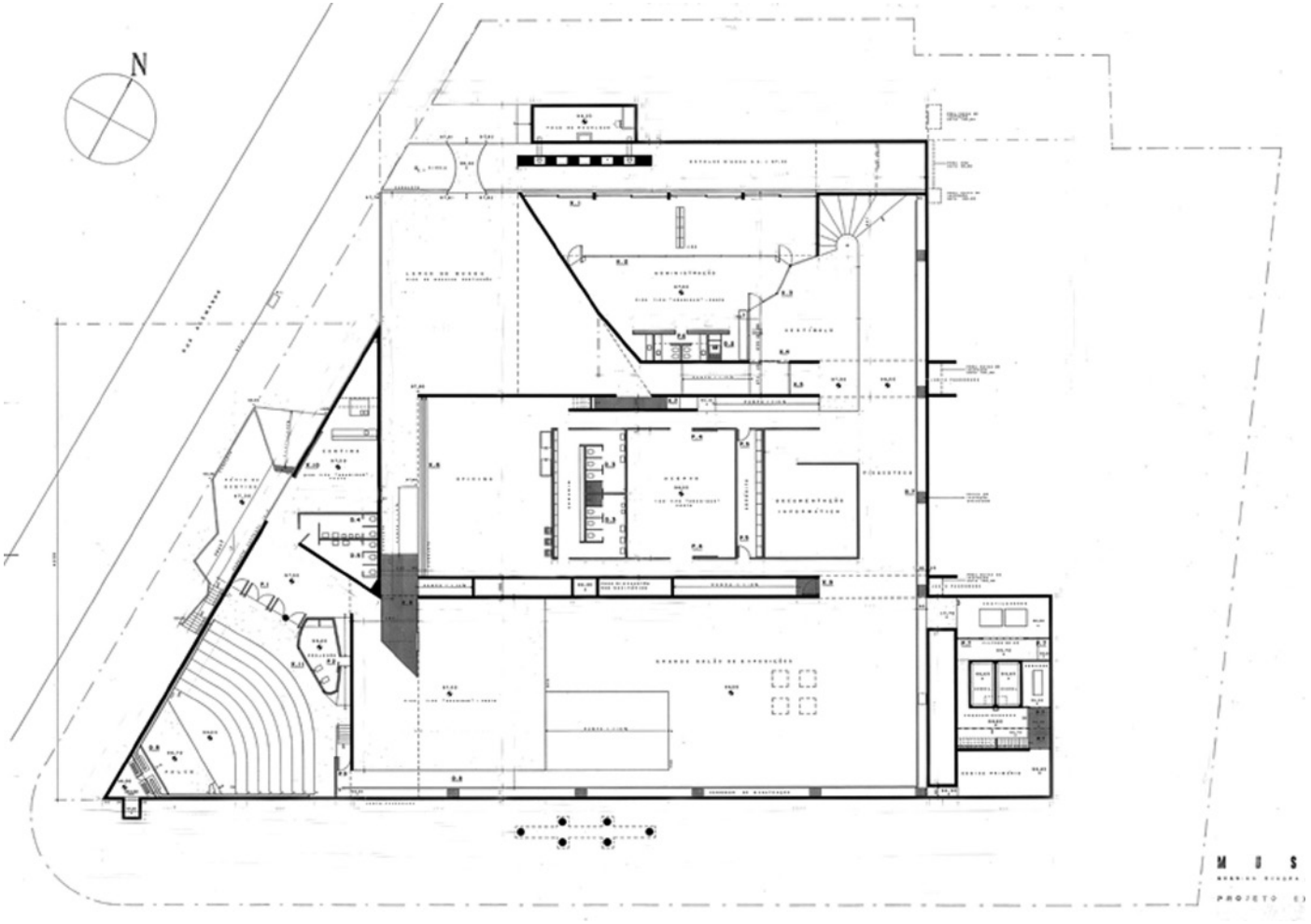


figura 151. pmr-c-mube-pe-flh-03. fonte: OTONDO, C; GOUVEA,J. 2007

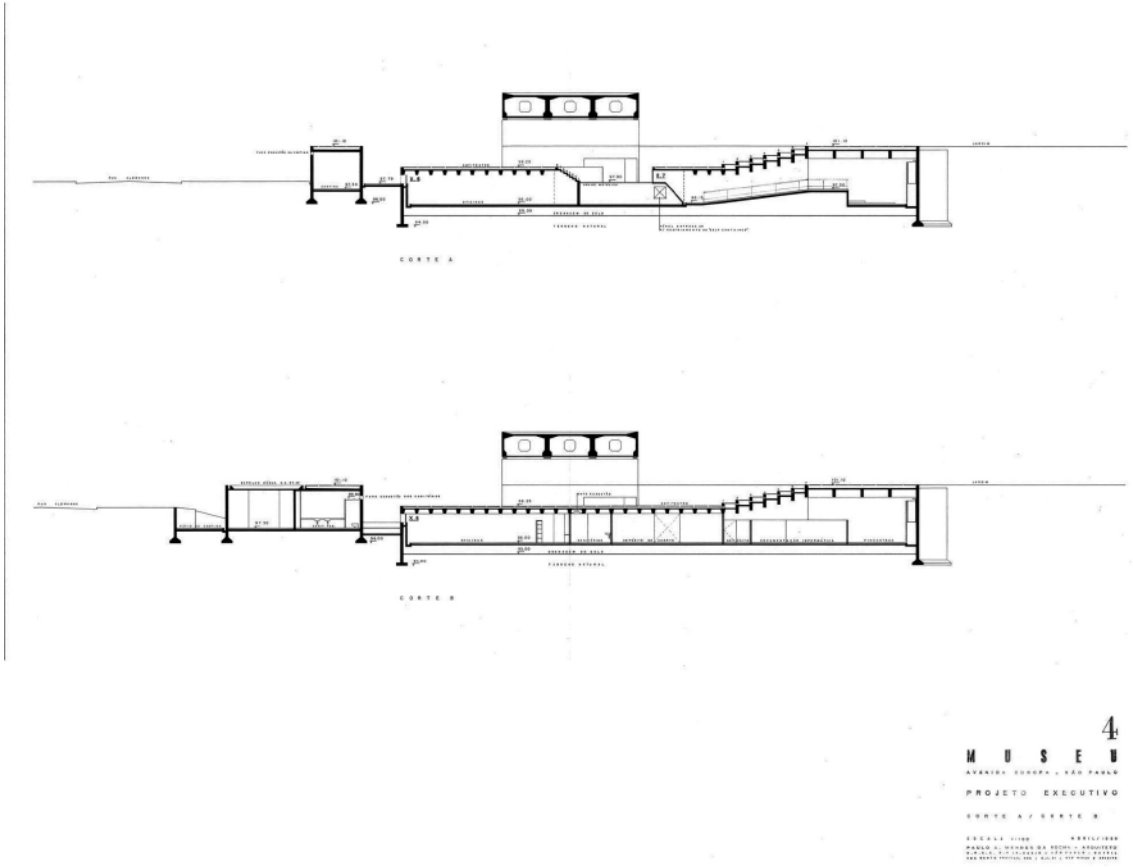


figura 152. pmr-c-mube-pe-flh-04. fonte: OTONDO, C; GOUVEA,J. 2007

Museu Brasileiro da Escultura 1986

são paulo

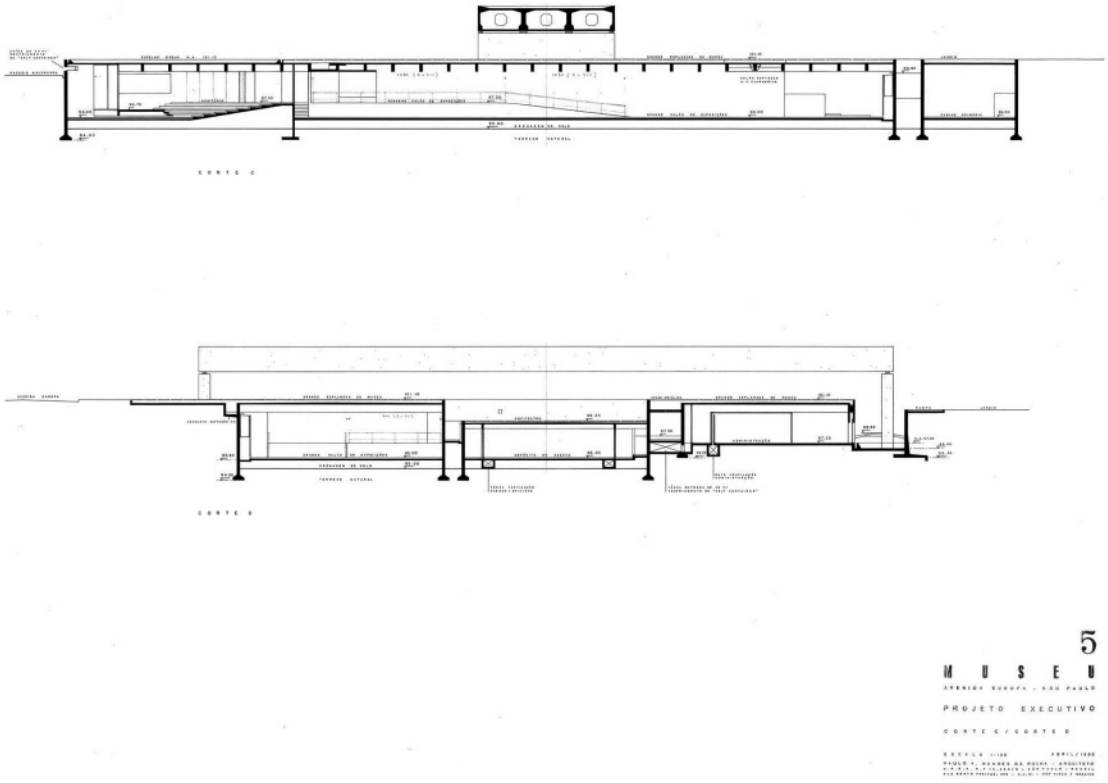


figura 153. pmr-c-mube-pe-flh-05. fonte: OTONDO, C; GOUVEA,J. 2007

Museu Brasileiro da Escultura 1986

são paulo

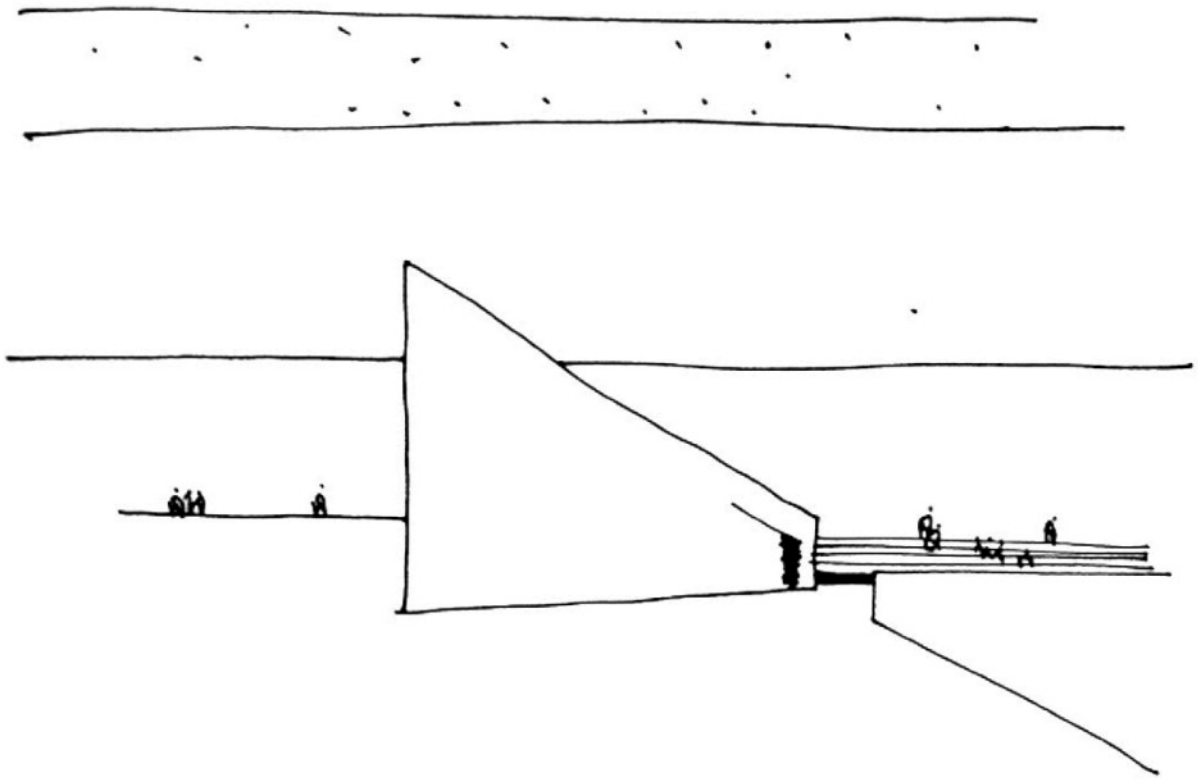


figura 154. pmr-c-mube-croqui-01. fonte: Escritório PMR

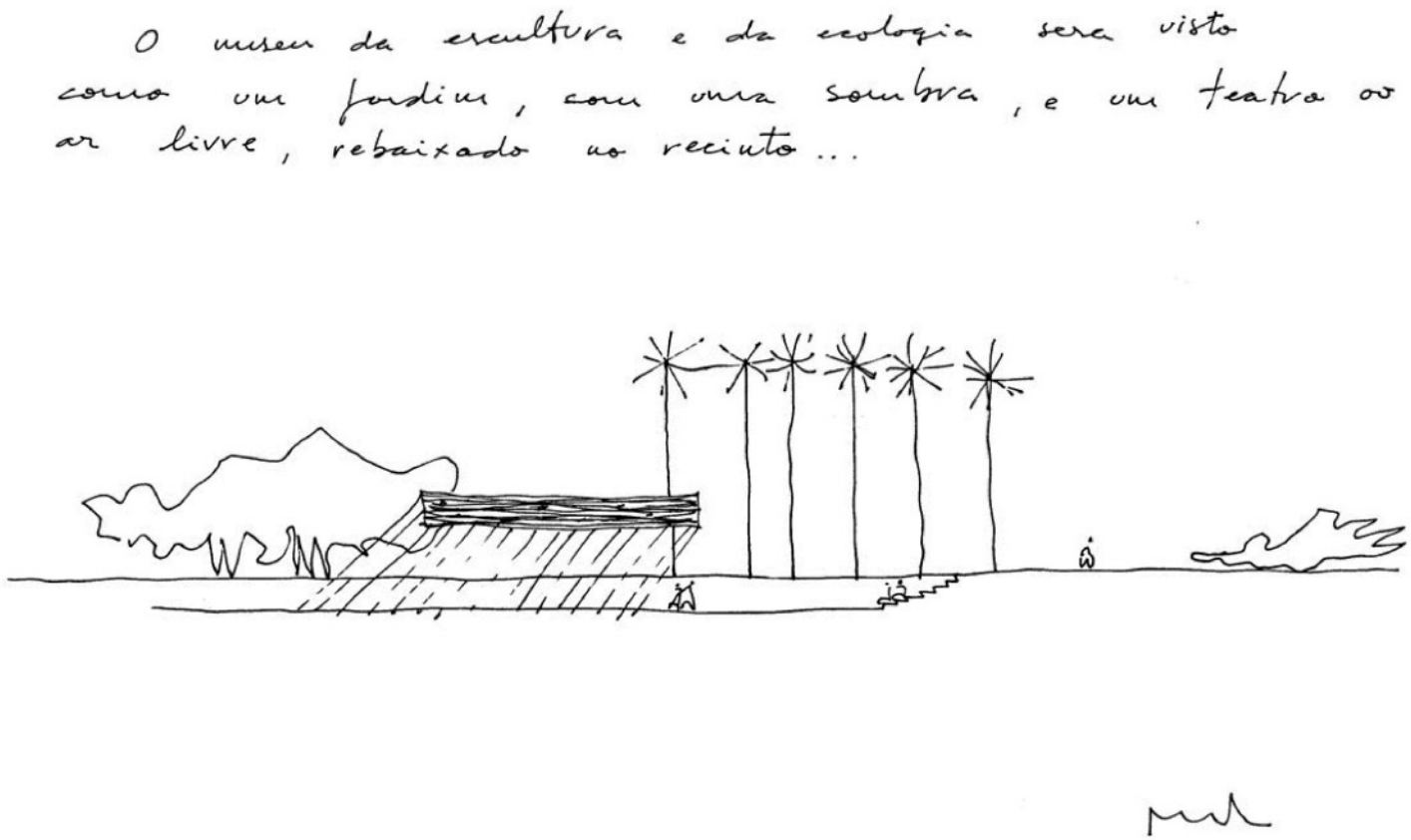


figura 155. pmr-c-mube-croqui-02. fonte: Escritório PMR

Sede Administrativa H. Stern 1987

são paulo

_ Tipo de Concurso

fechado (carta convite)

_ Entidade Promotora

H.Stern

_ Organizador do Concurso

_Número de Projetos Entregues

_ Colocação Paulo Mendes da Rocha

_ Premiados

1º lugar- Loebe Capote

_ Jurados

_ Anotações

não construído

_ Acervo Disponível

acervo completo (disponível na Casa da Arquitectura)

_ Equipe de Projeto

_ Bibliogafia

ARTIGAS, R. Paulo Mendes da Rocha. São Paulo: Cosac Naify, 2000.

LOEBCAPOTE. Nova sede H Stern. Disponível em: <http://www.loebcapote.com/projetos/6/prizes_publications>. Acesso em: 22 de out. de 2022.

OTONDO, C. Relações entre pensar e fazer na obra de Paulo Mendes da Rocha. 247 p. Tese (Doutorado em Arquitetura e urbanismo). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

PISANI, D. Paulo Mendes da Rocha, Obra Completa. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

SOBREIRA, F; FLYNN, M. H.; RIBEIRO, P.V.B. (orgs.) Paulo Mendes da Rocha: sobre concursos e memórias (entrevista). Brasília: MGSR, 2018.

SPIRO, A. Paulo Mendes da Rocha, Bauten und Projekte. Zurich: Niggli, 2002.

Sede Administrativa H. Stern 1987

são paulo

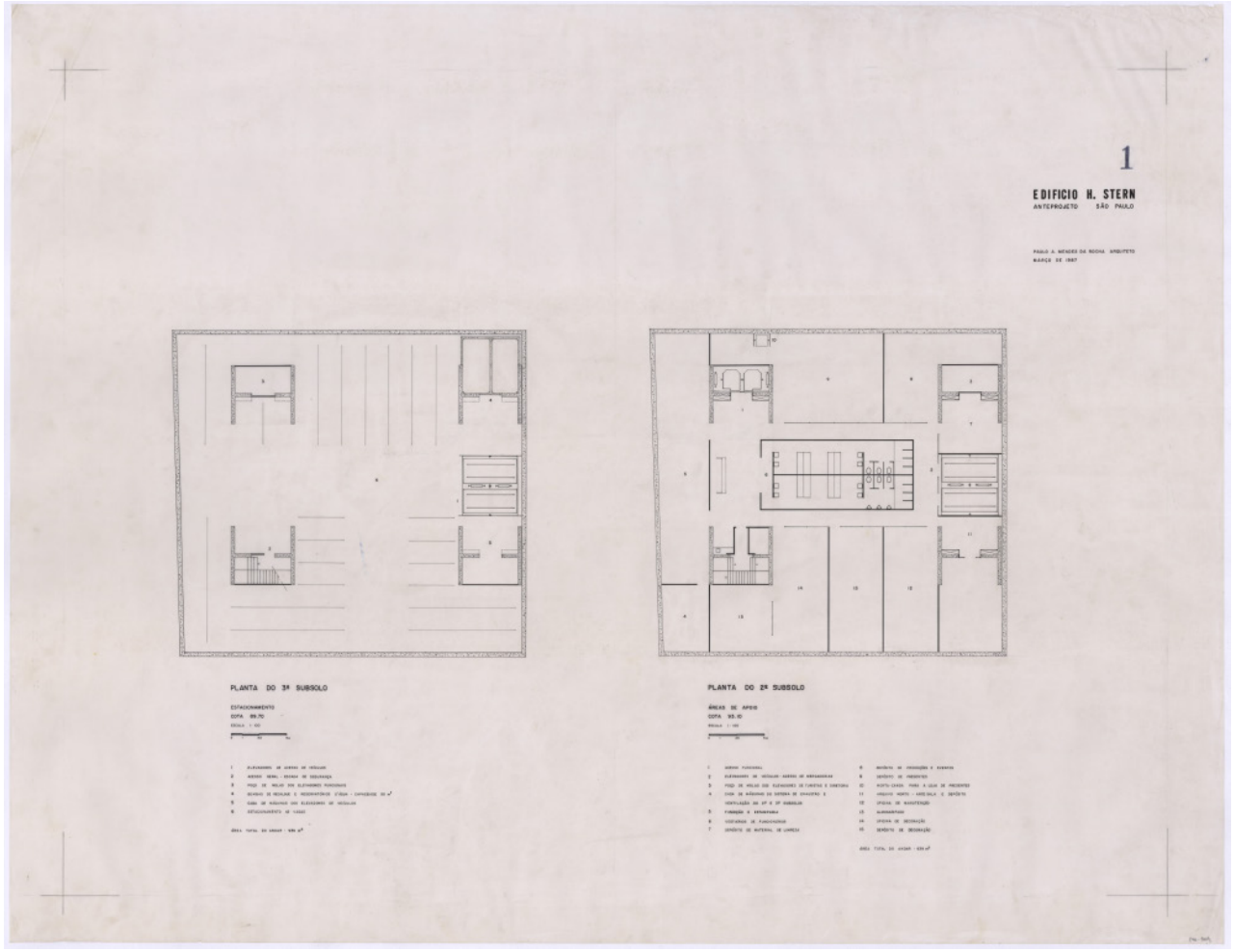


figura 156. PT-CA-PMR-3-PA-093_01004. fonte: Casa da Arquitectura

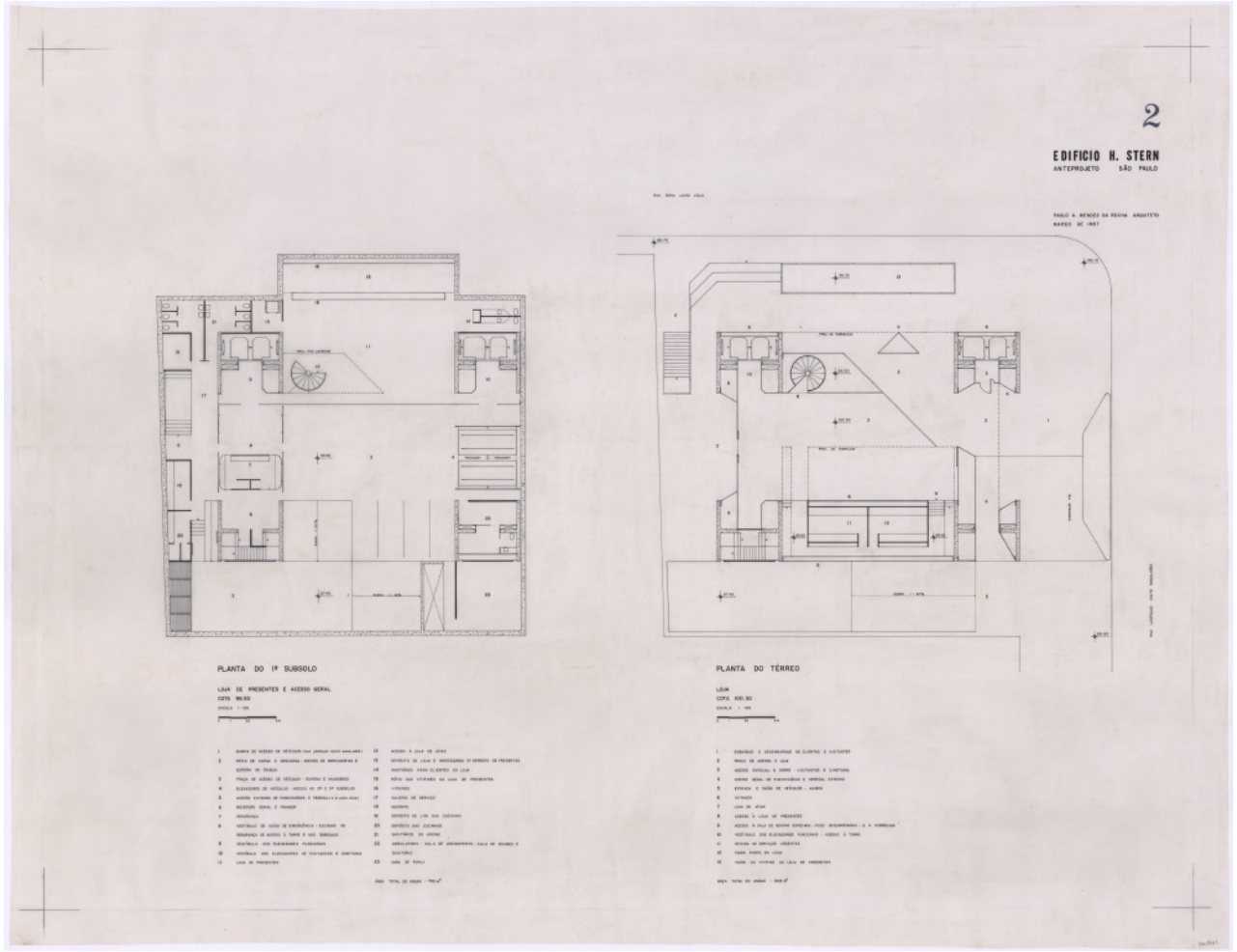


figura 157. PT-CA-PMR-3-PA-093_01005. fonte: Casa da Arquitectura

Sede Administrativa H. Stern 1987

são paulo

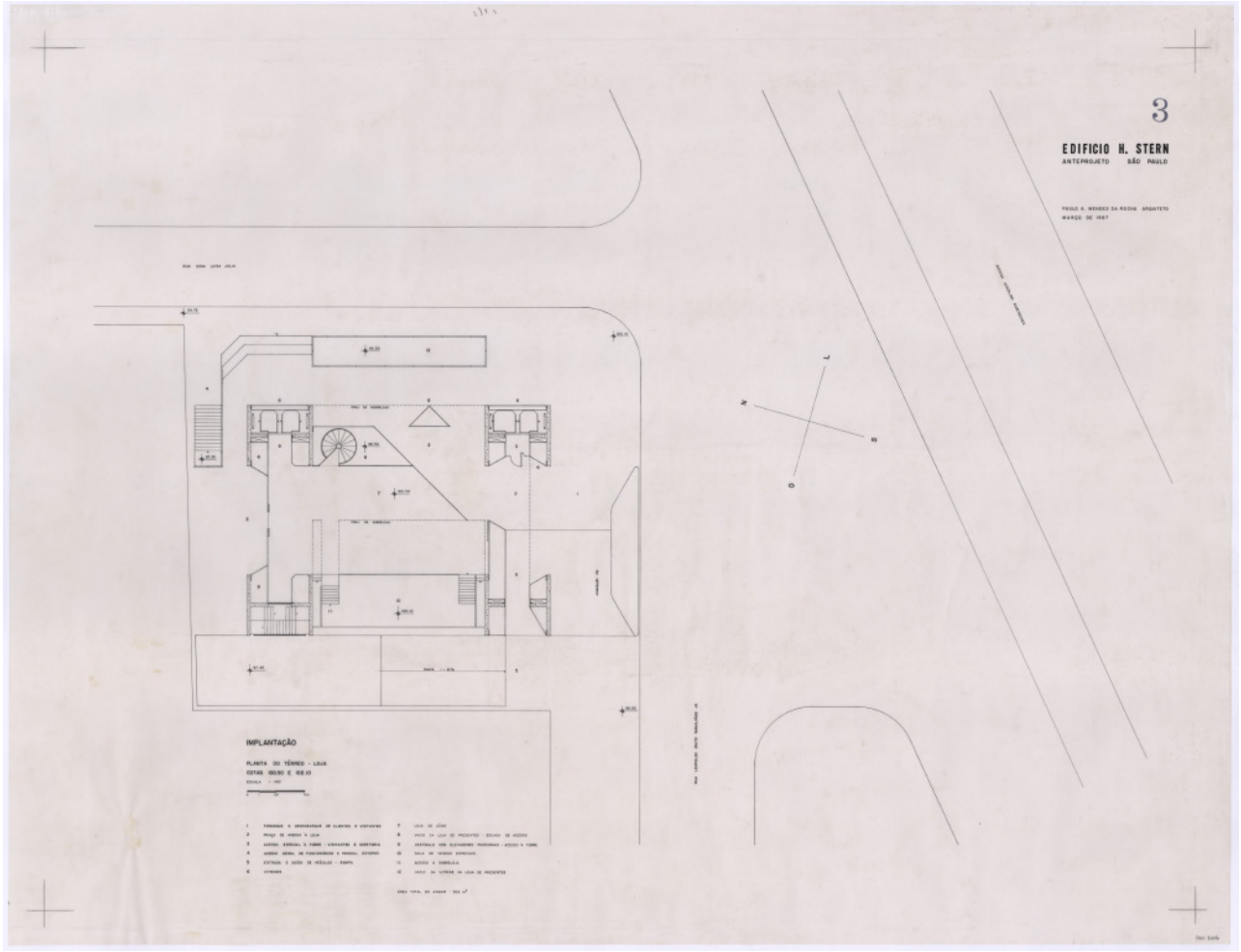


figura 158. PT-CA-PMR-3-PA-093_01006. fonte: Casa da Arquitectura.

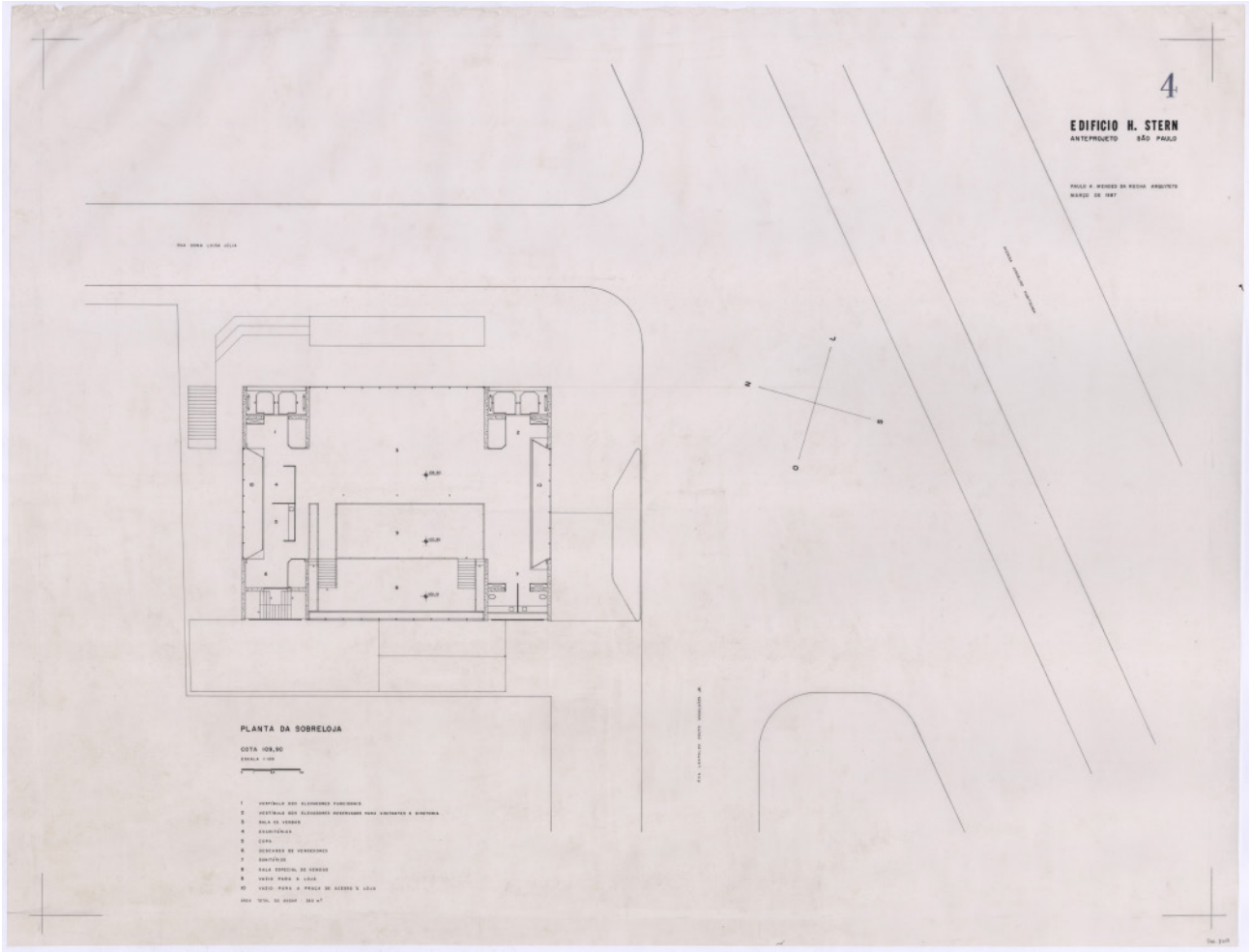


figura. 159. PT-CA-PMR-3-PA-093_01007. fonte: Casa da Arquitectura

Sede Administrativa H. Stern 1987

são paulo

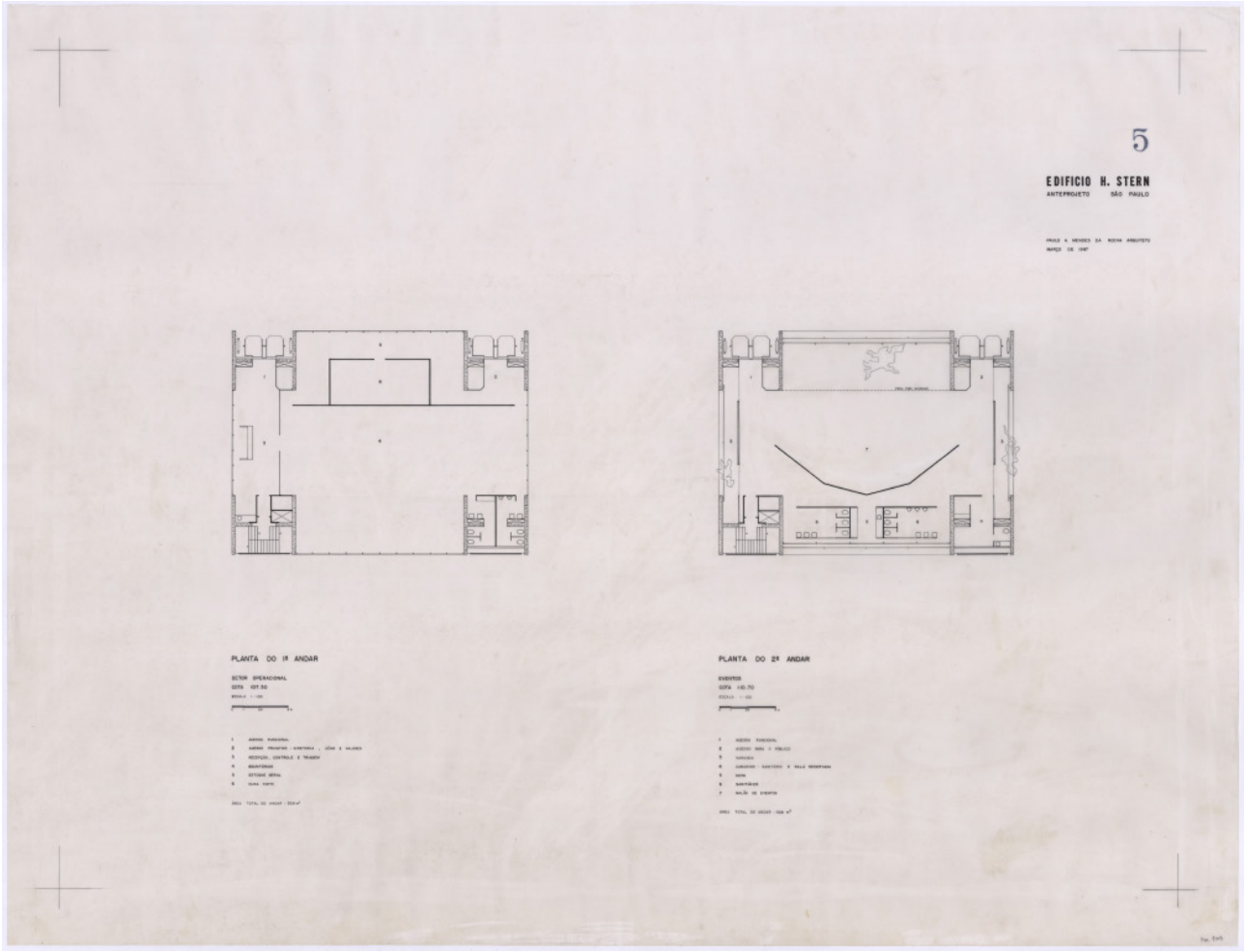


figura 160. PT-CA-PMR-3-PA-093_01008. fonte: Casa da Arquitectura

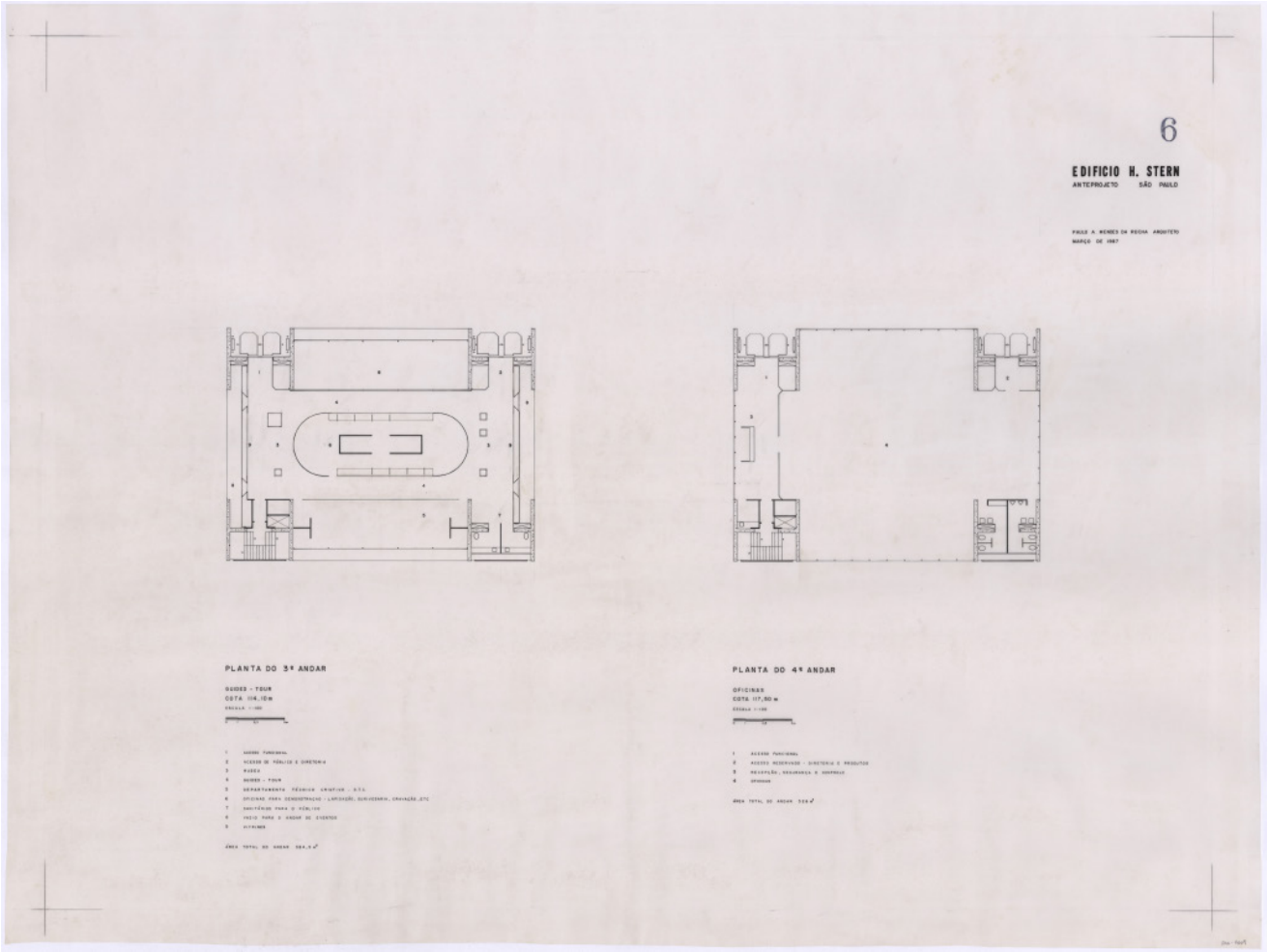


figura 161. PT-CA-PMR-3-PA-093_01009. fonte: Casa da Arquitectura

Sede Administrativa H. Stern 1987

são paulo

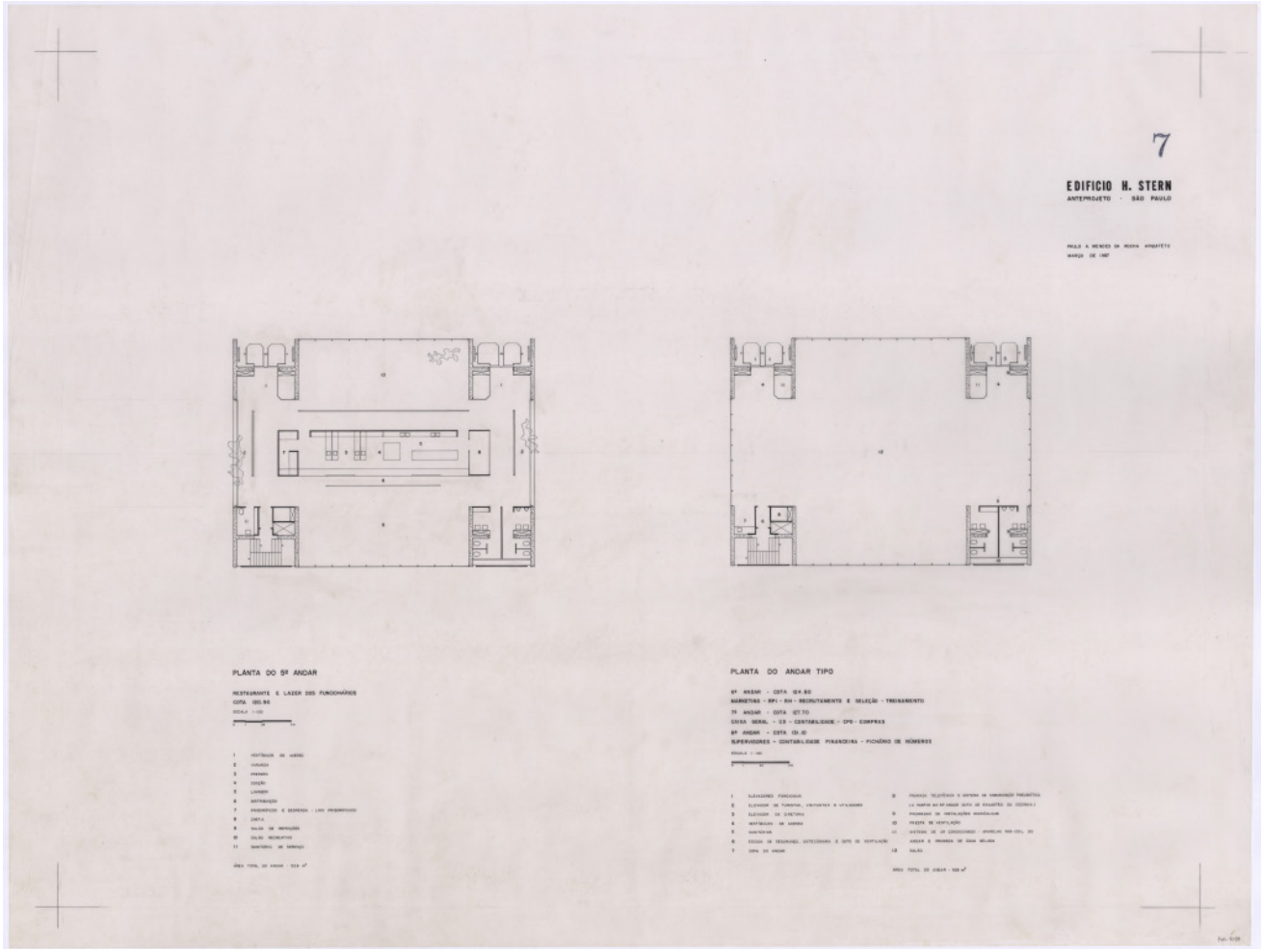


figura 162. PT-CA-PMR-3-PA-093_01010. fonte: Casa da Arquitectura

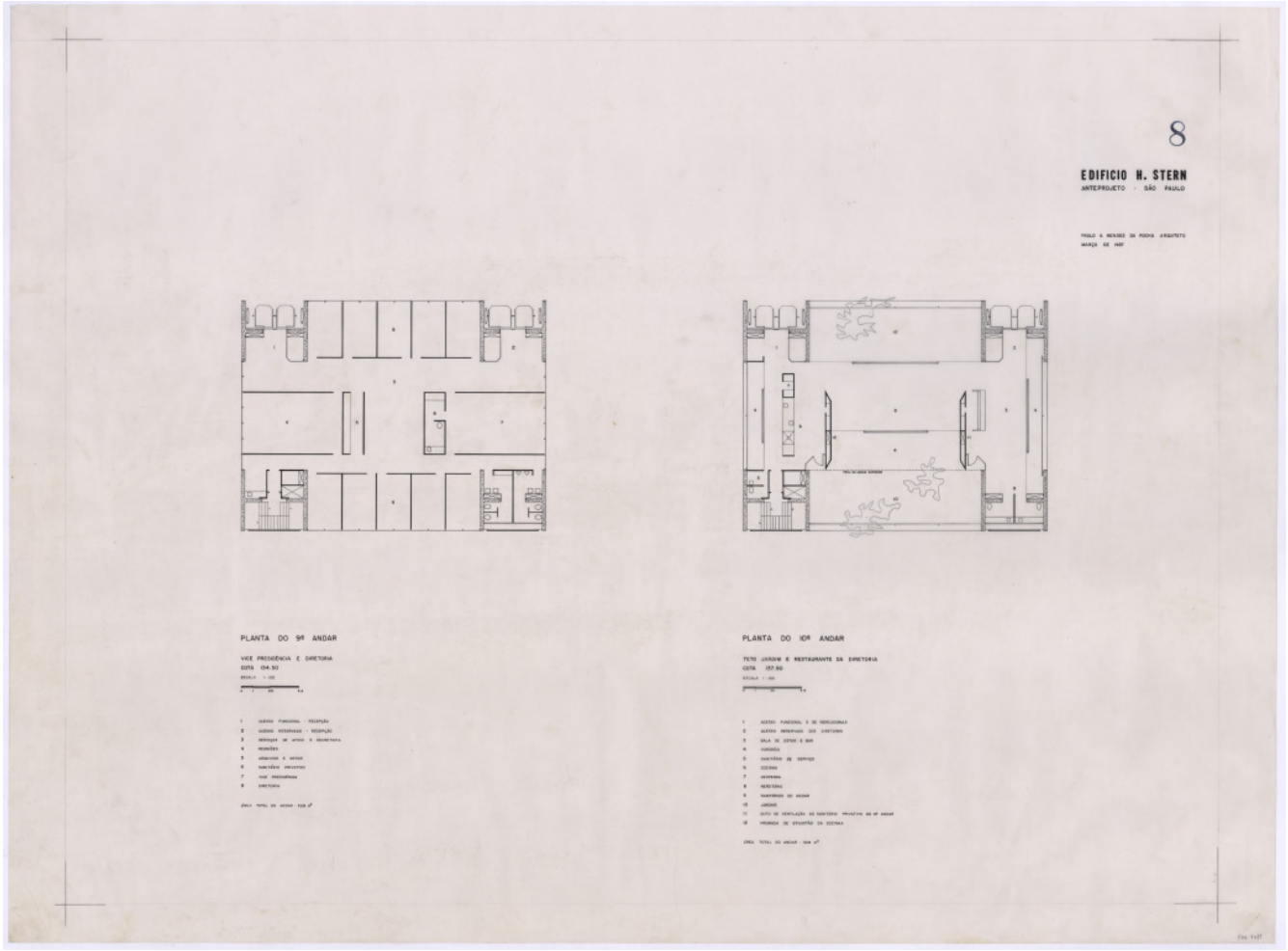


figura 163. PT-CA-PMR-3-PA-093_01011. fonte: Casa da Arquitectura

Sede Administrativa H. Stern 1987

são paulo

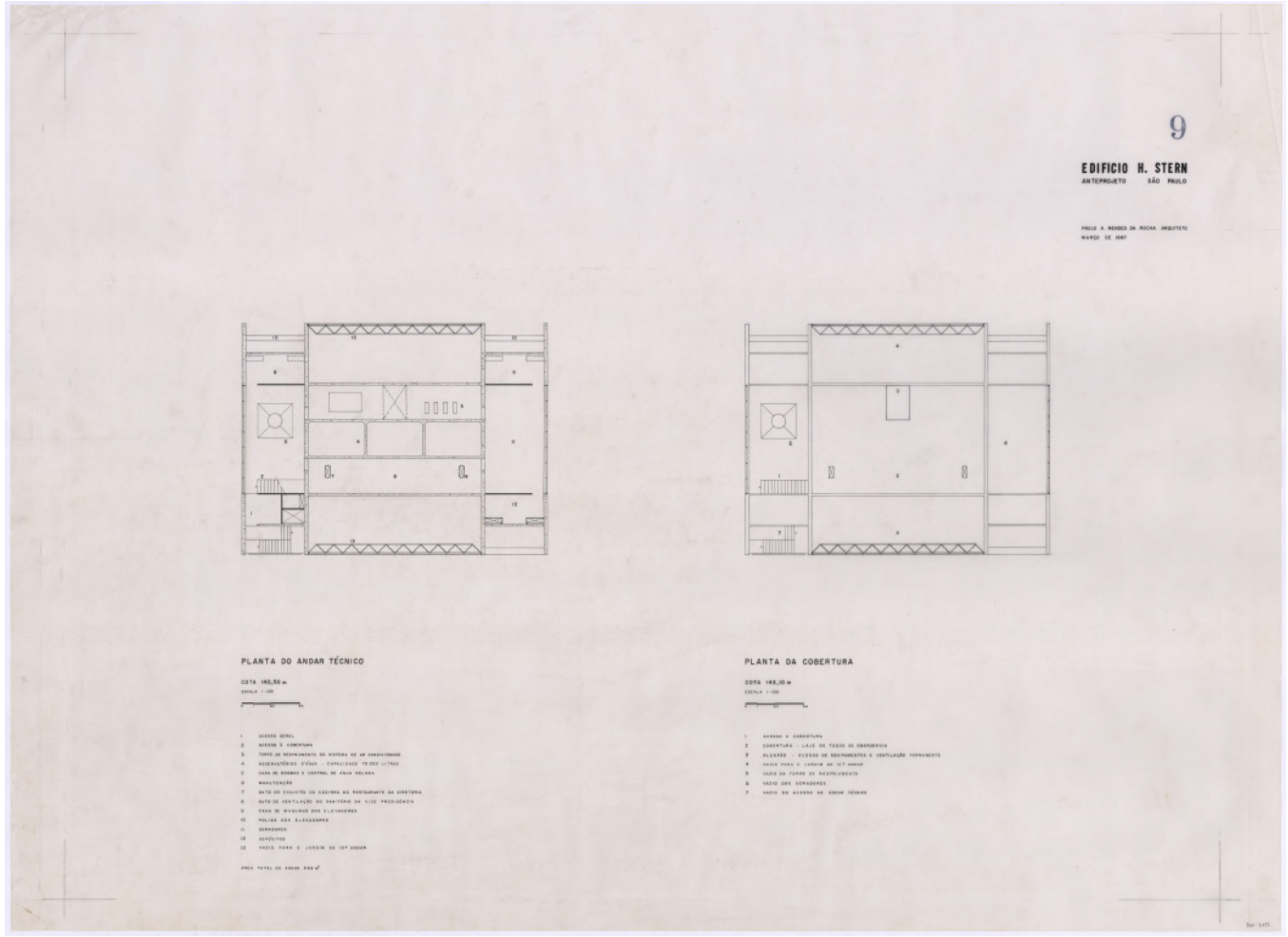


figura 164. PT-CA-PMR-3-PA-093_01012. fonte: Casa da Arquitectura

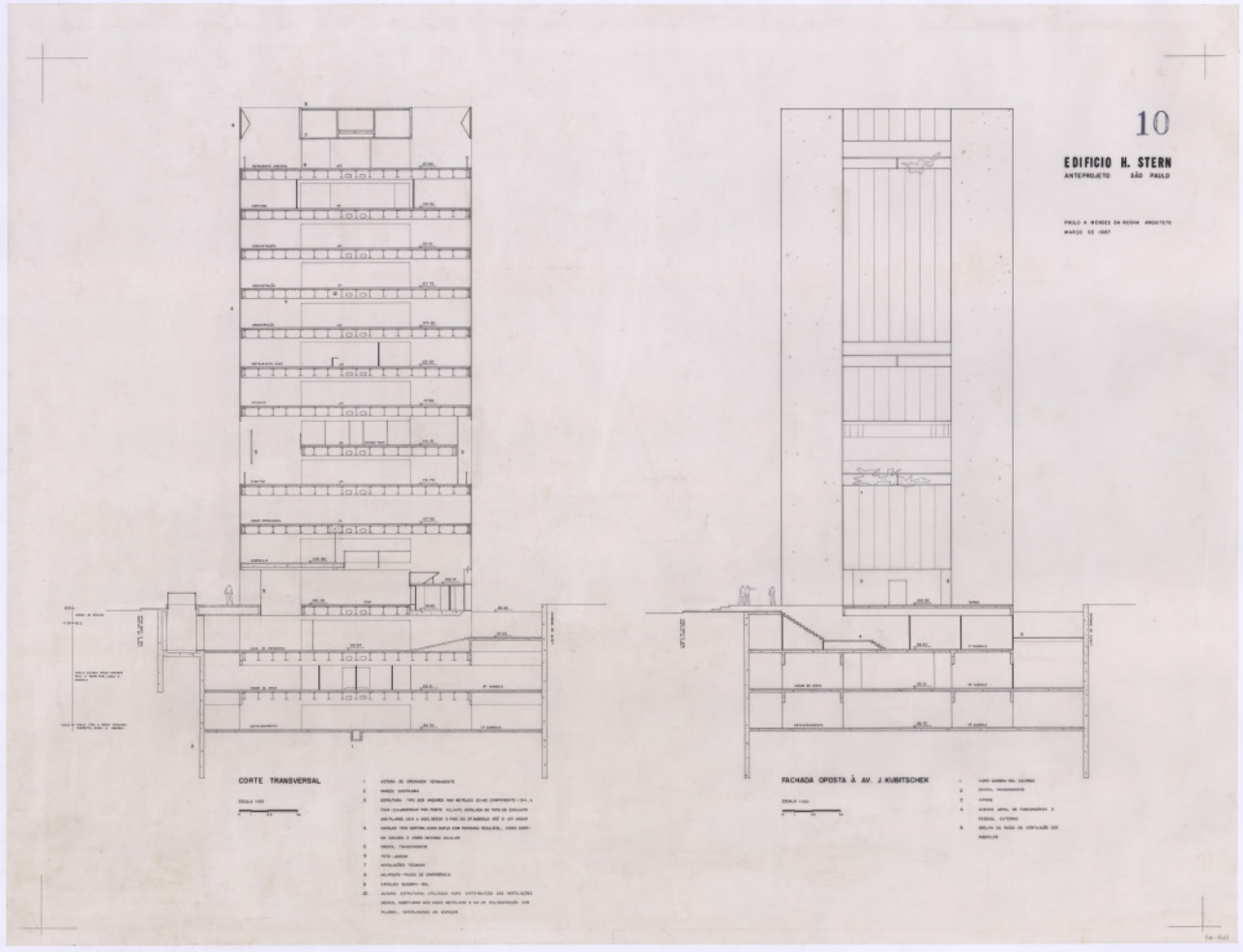


figura 165. PT-CA-PMR-3-PA-093_01013. fonte: Casa da Arquitectura

Sede Administrativa H. Stern 1987

são paulo

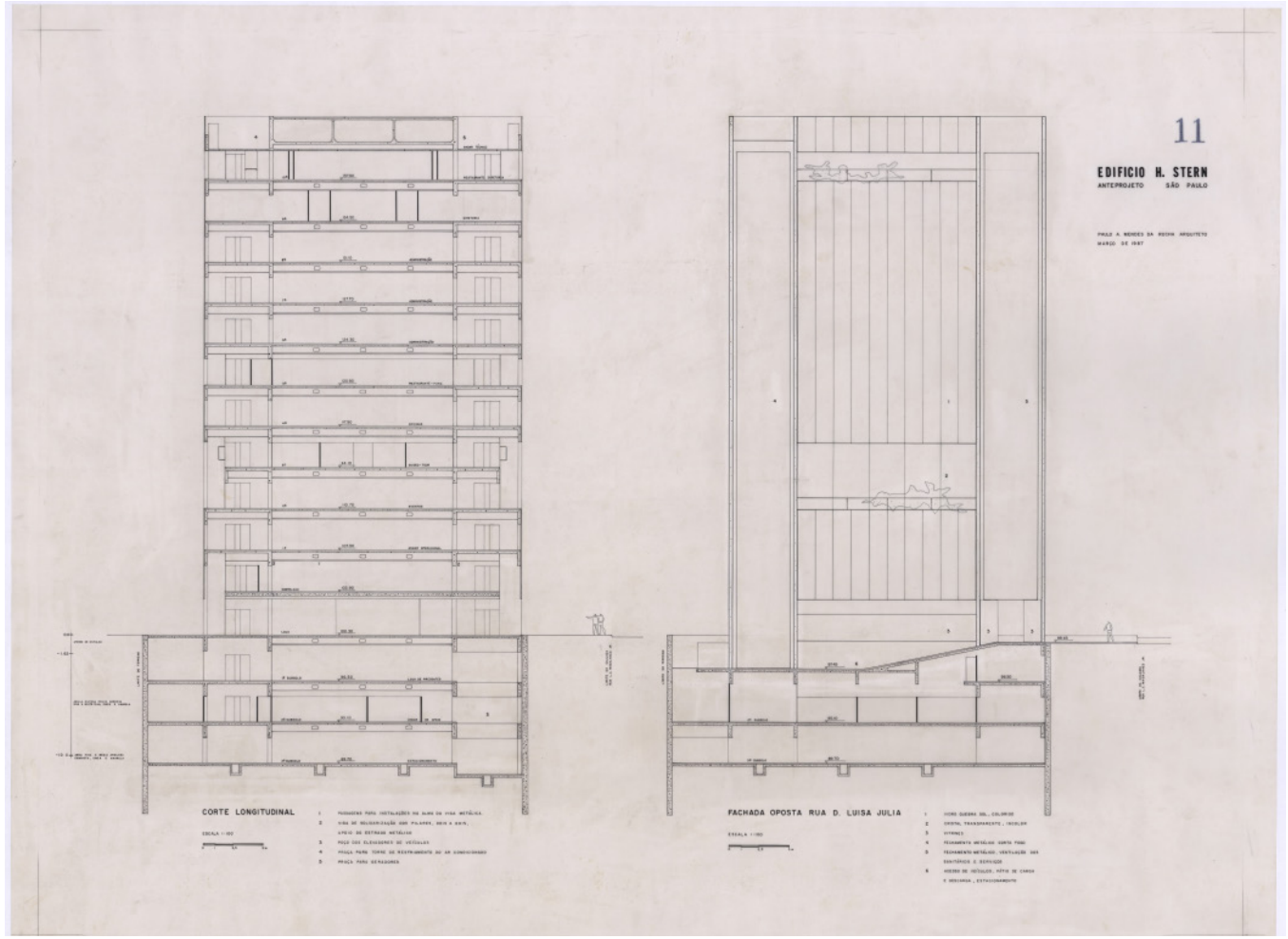


figura 166. PT-CA-PMR-3-PA-093_01014. fonte: Casa da Arquitectura

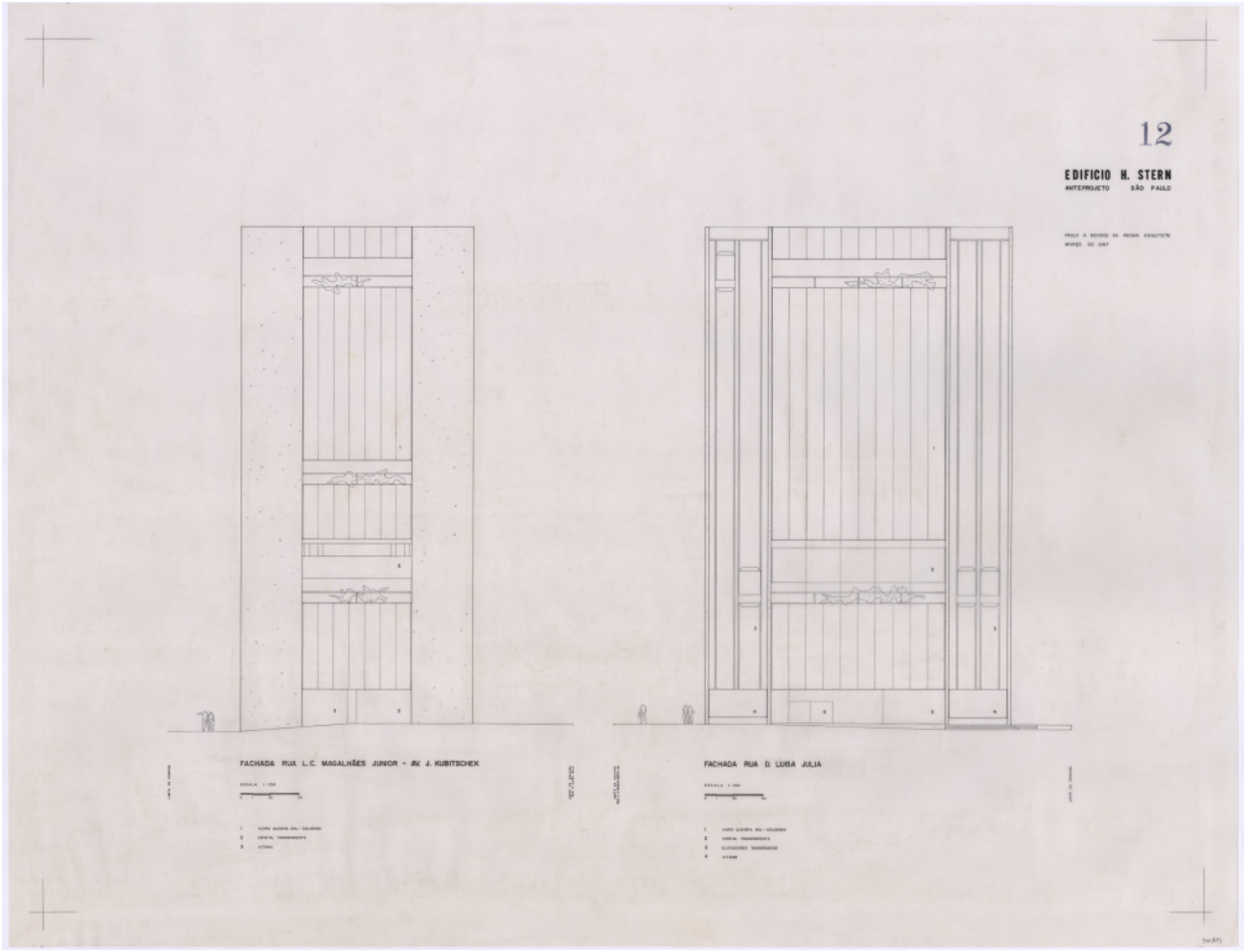


figura. 167. PT-CA-PMR-3-PA-093_01015. fonte: Casa da Arquitectura

Sede Administrativa H. Stern 1987

são paulo

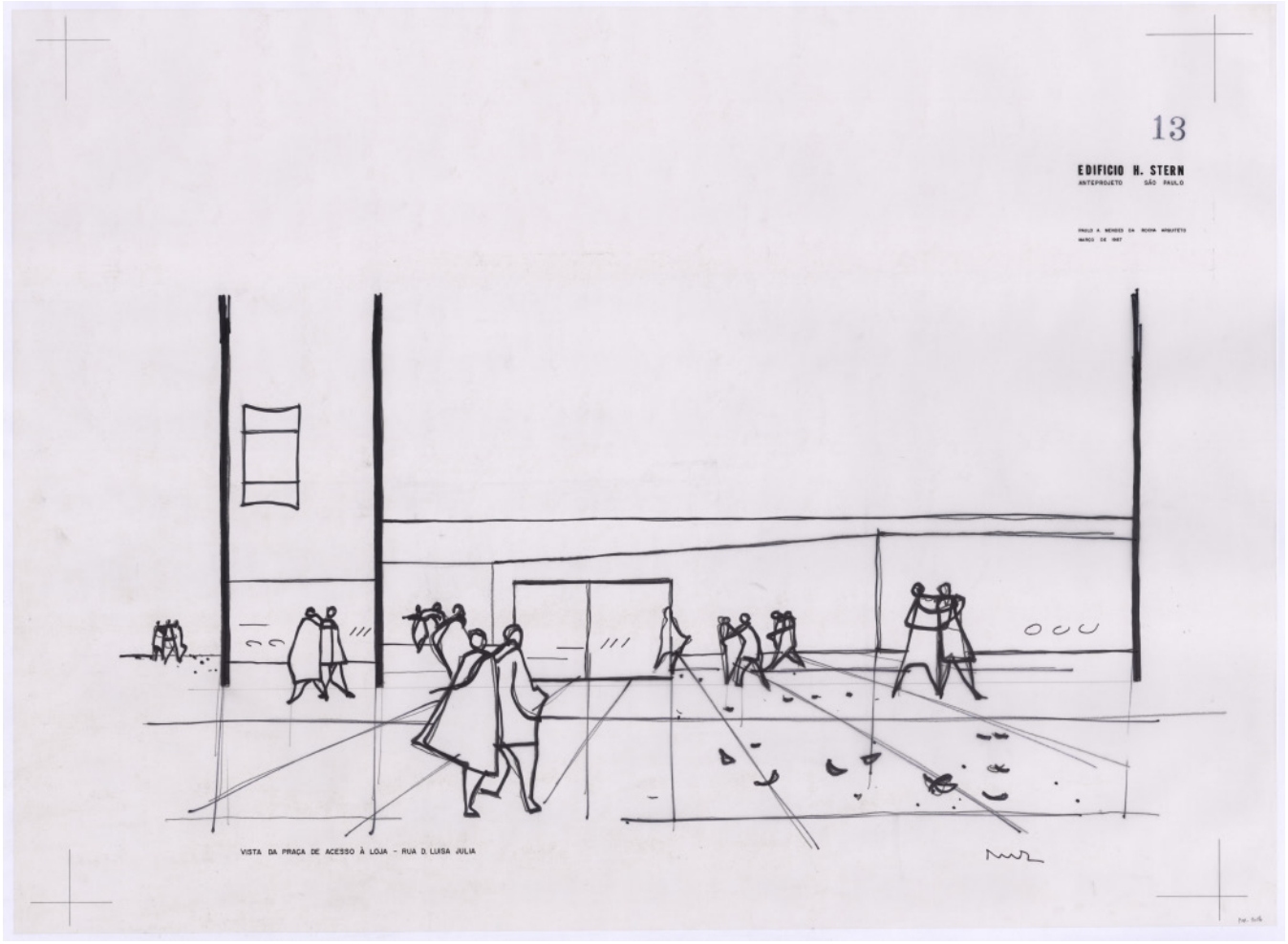


figura 168. PT-CA-PMR-3-PA-093_01016. fonte: Casa da Arquitectura

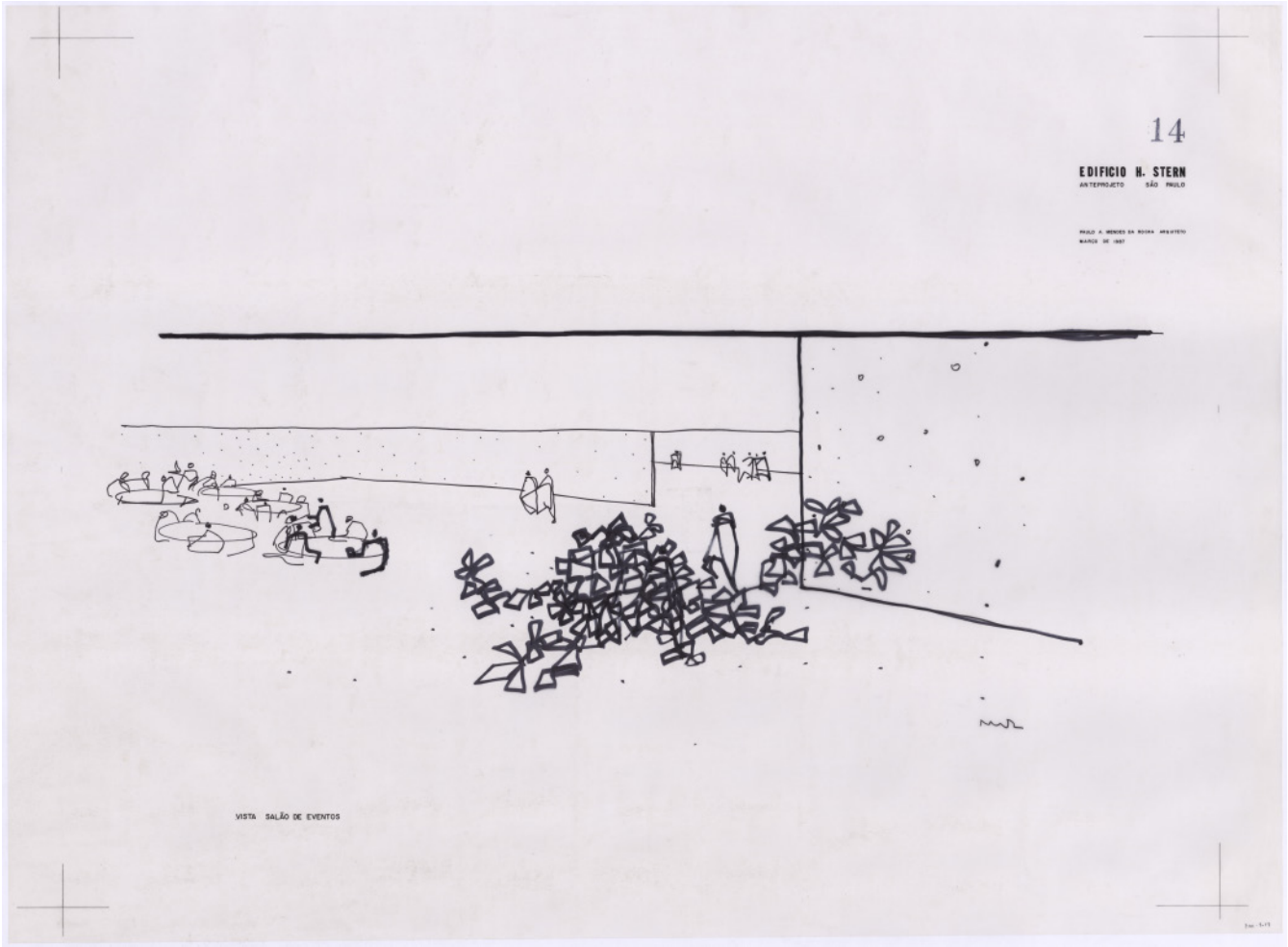


figura 169. PT-CA-PMR-3-PA-093_01017. fonte: Casa da Arquitectura

Sede Administrativa H. Stern 1987

são paulo

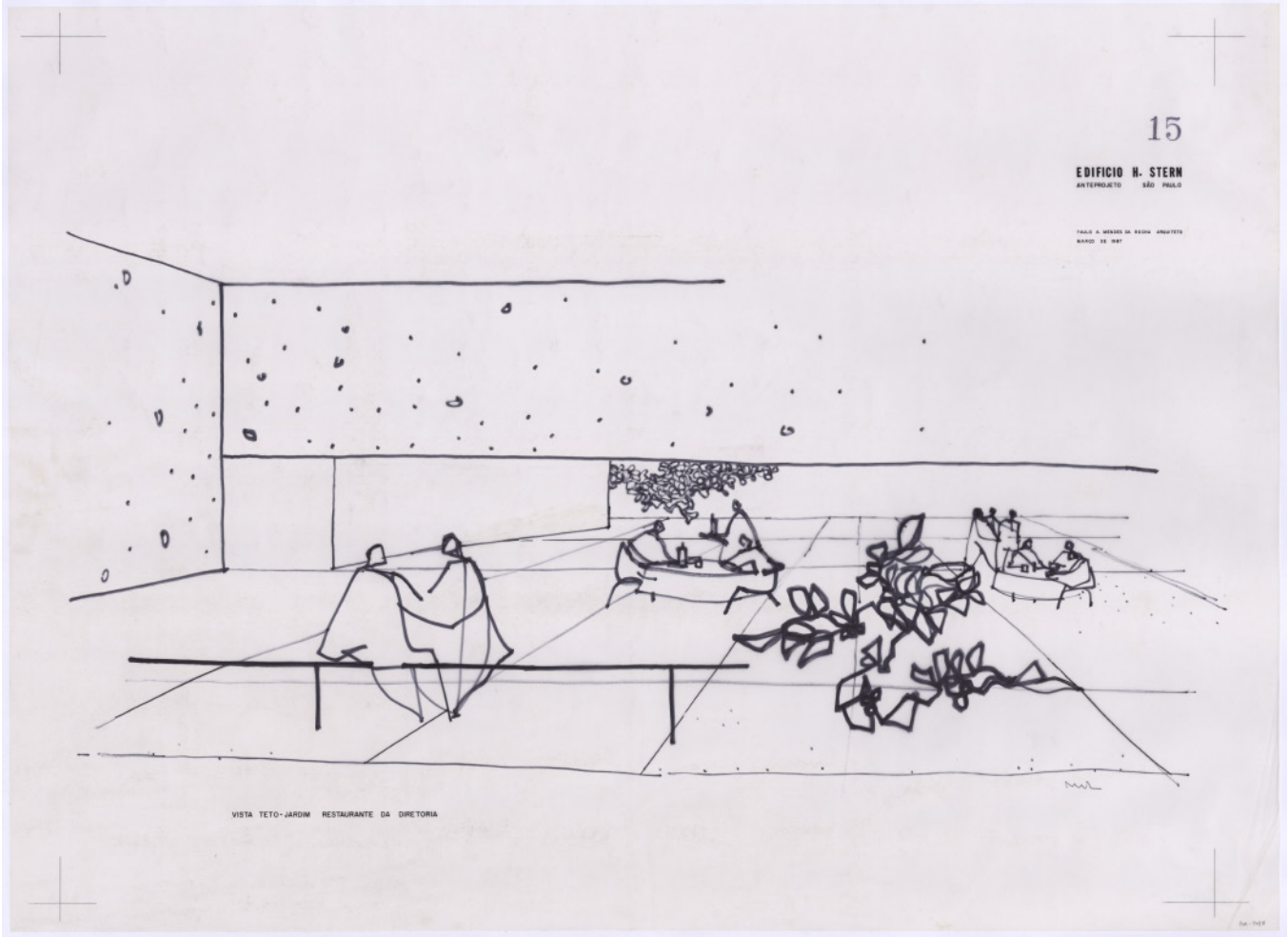


figura 170. PT-CA-PMR-3-PA-093_01018. fonte: Casa da Arquitectura

Biblioteca de Alexandria - Cairo 1988

egito

_ Tipo de Concurso

público internacional

_ Entidade Promotora

General Organization of Alexandria Library (GOAL)

_ Organizador do Concurso

UNESCO

_Número de Projetos Entregues

524

_ Colocação Paulo Mendes da Rocha

não premiado

_ Premiados

1° lugar- Snøhetta, Noruega

2° lugar- Manfredi Nicoletti, Itália

3° lugar- Fernando Ramaz, Brasil

13 menções especiais

18 menções honrosas

_ Jurados

Charles Correa
François Lombard
Fumihiko Maki
Franco Zagar
Jean-Pierre Clavel
John Carl Warnecke,
Mohammed Aman
Mohsen Zahran,
Pedro Ramirez Vasquez

_ Anotações

212 projetos não cumpriam com a regulamentação e 145 foram considerados insuficientes para serem julgados.

_ Acervo Disponível

acervo completo (disponível na Casa da Arquitectura)

_ Equipe de Projeto

Alexandre Delijaicov
Geni Sugai
Álvaro Puntoni
Álvaro Razuk
Ciro Pirondl
Francisco Rosa
Jorge Ricca Junior
Regina Fuveia

_ Bibliogafia

ARTIGAS, R. Paulo Mendes da Rocha. São Paulo: Cosac Naify, 2000.

OTONDO, C. Relações entre pensar e fazer na obra de Paulo Mendes da Rocha. 247 p. Tese (Doutorado em Arquitetura e urbanismo). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

PISANI, D. Paulo Mendes da Rocha, Obra Completa. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

SOBREIRA, F; FLYNN, M. H.; RIBEIRO, P.V.B. (orgs.) Paulo Mendes da Rocha: sobre concursos e memórias (entrevista). Brasília: MGSR, 2018.

SPIRO, A. Paulo Mendes da Rocha, Bauten und Projekte. Zurich: Niggli, 2002.

ZAHRAN, Mohsen. The new Bibliotheca Alexandrina: reflections on a journey of achievements. Alexandria, Egypt: Bibliotheca Alexandrina, 2007.

Biblioteca de Alexandria - Cairo 1988

egito

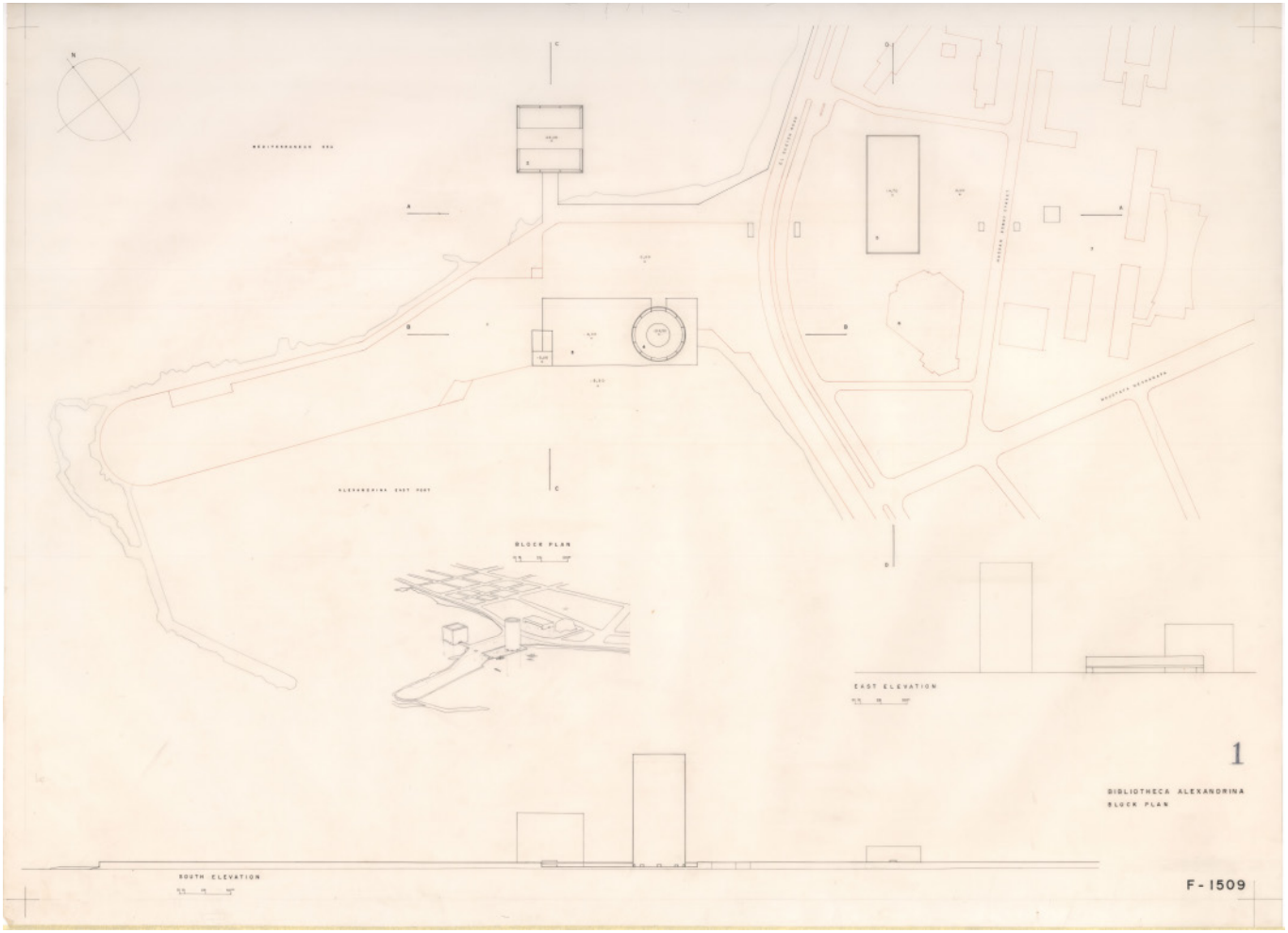


figura 171. PT_CA_PMR_3_PA-097-01-0001. fonte: Casa da Arquitectura

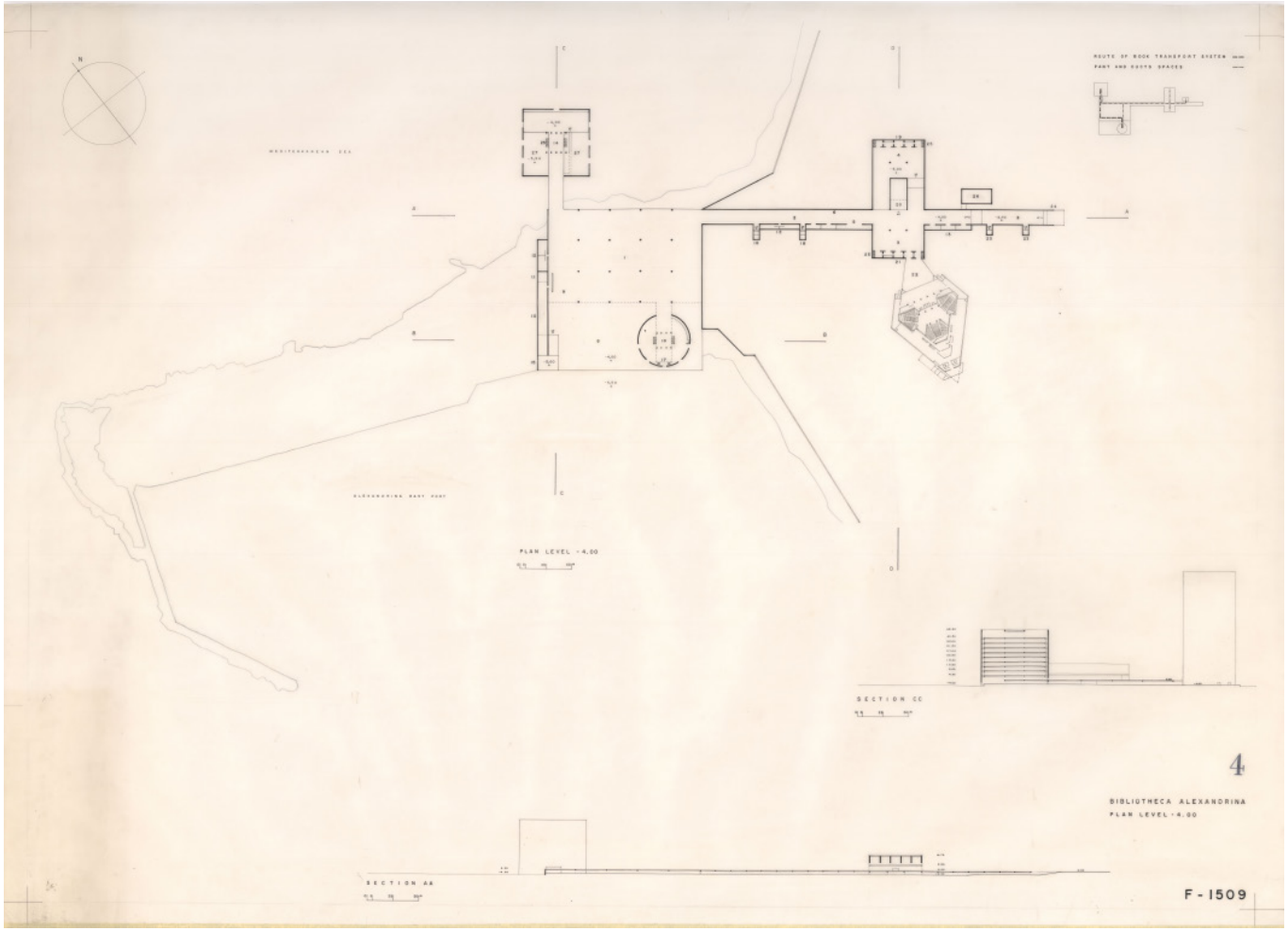


figura. 172. PT_CA_PMR_3_PA-097-01-0002. fonte: Casa da Arquitectura

Biblioteca de Alexandria - Cairo 1988

egito

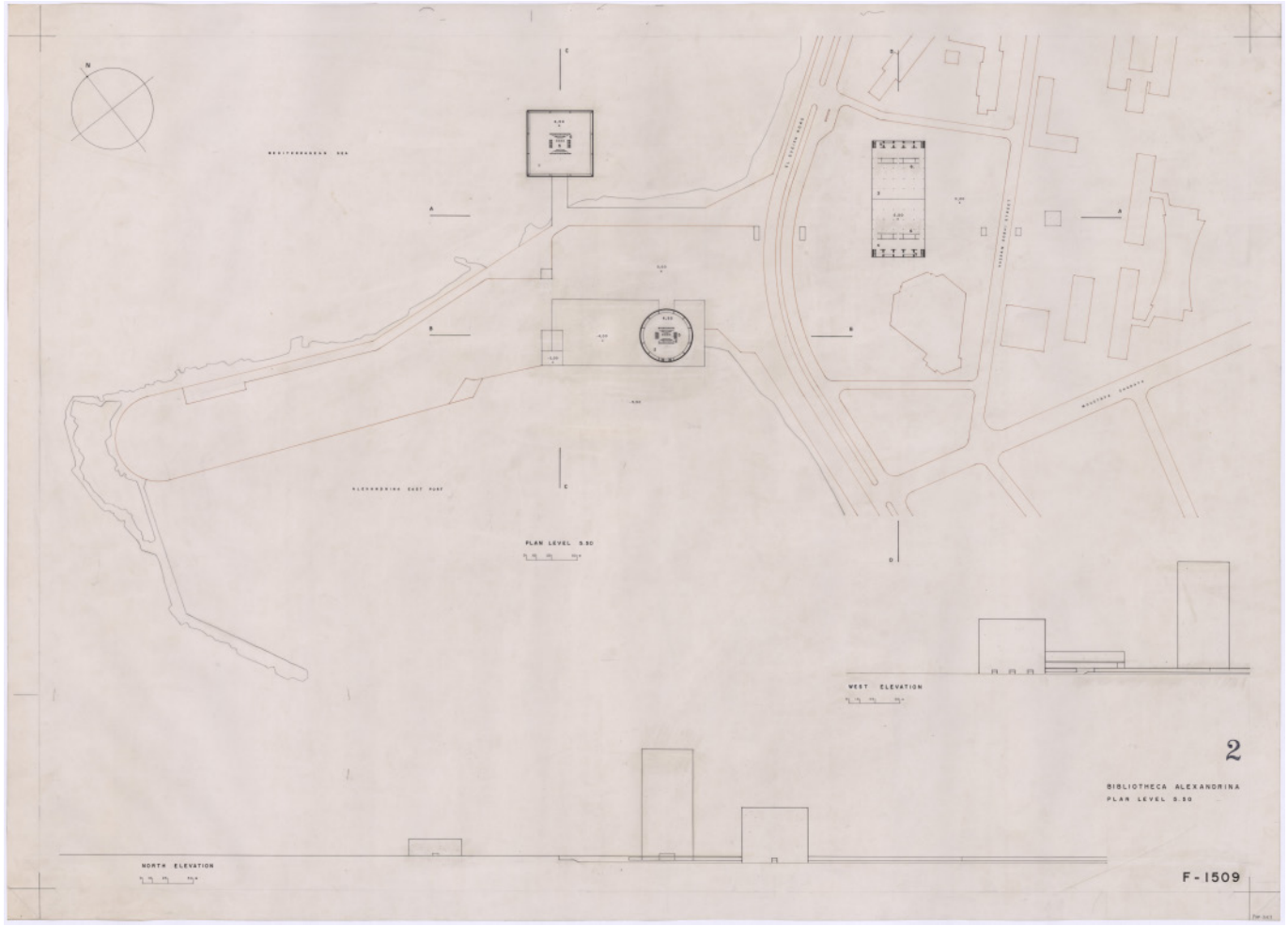


figura 173. PT-CA-PMR-3-PA-097_03027. fonte: Casa da Arquitectura

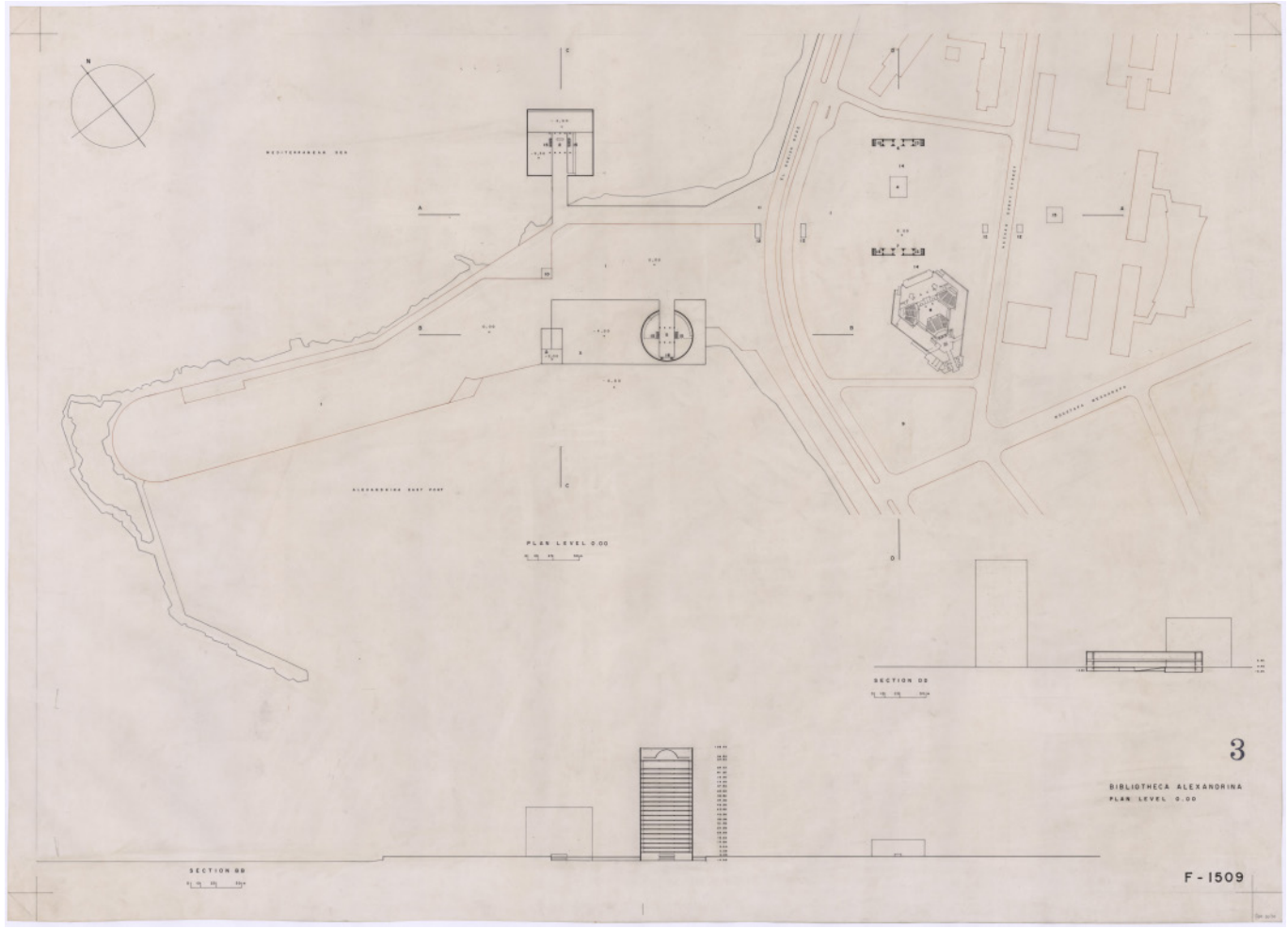


figura 174. PT-CA-PMR-3-PA-097_03030. fonte: Casa da Arquitectura

Biblioteca de Alexandria - Cairo 1988

egito

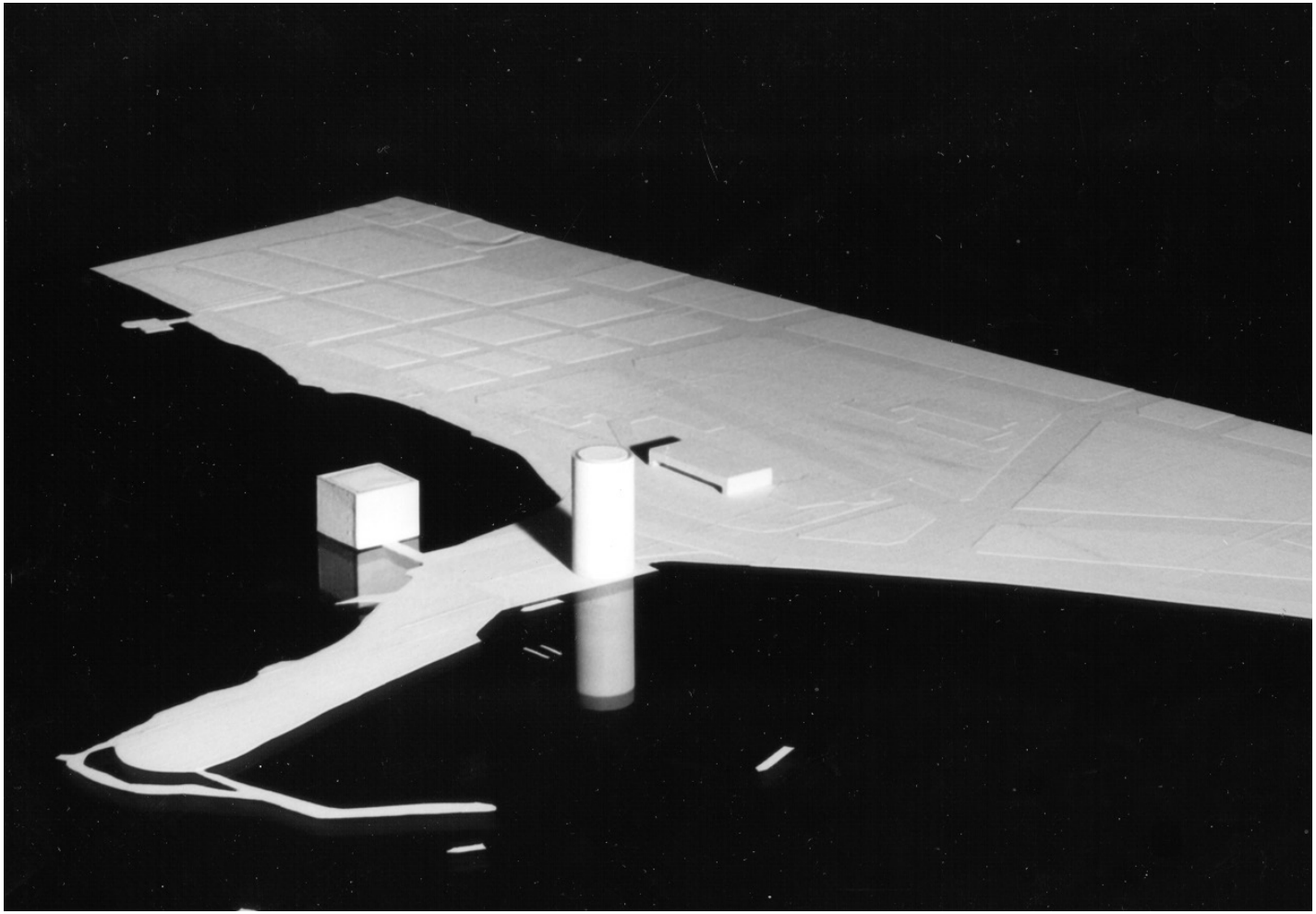


figura 175. pmr-c-bace-maquete-01. fonte: Escritório PMR

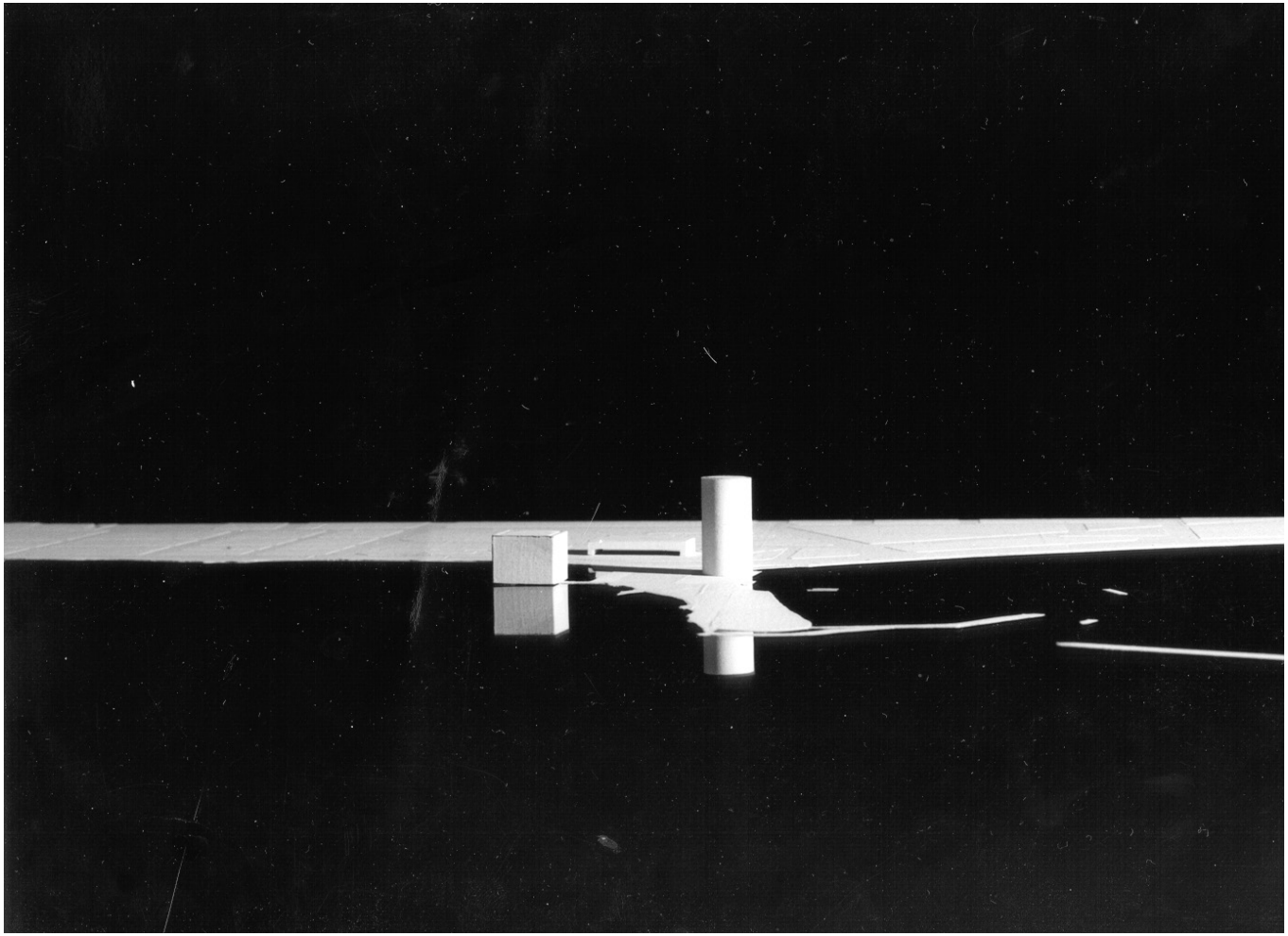


figura 176. pmr-c-bace-maquete-02. fonte: Escritório PMR

Biblioteca de Alexandria - Cairo 1988

egito

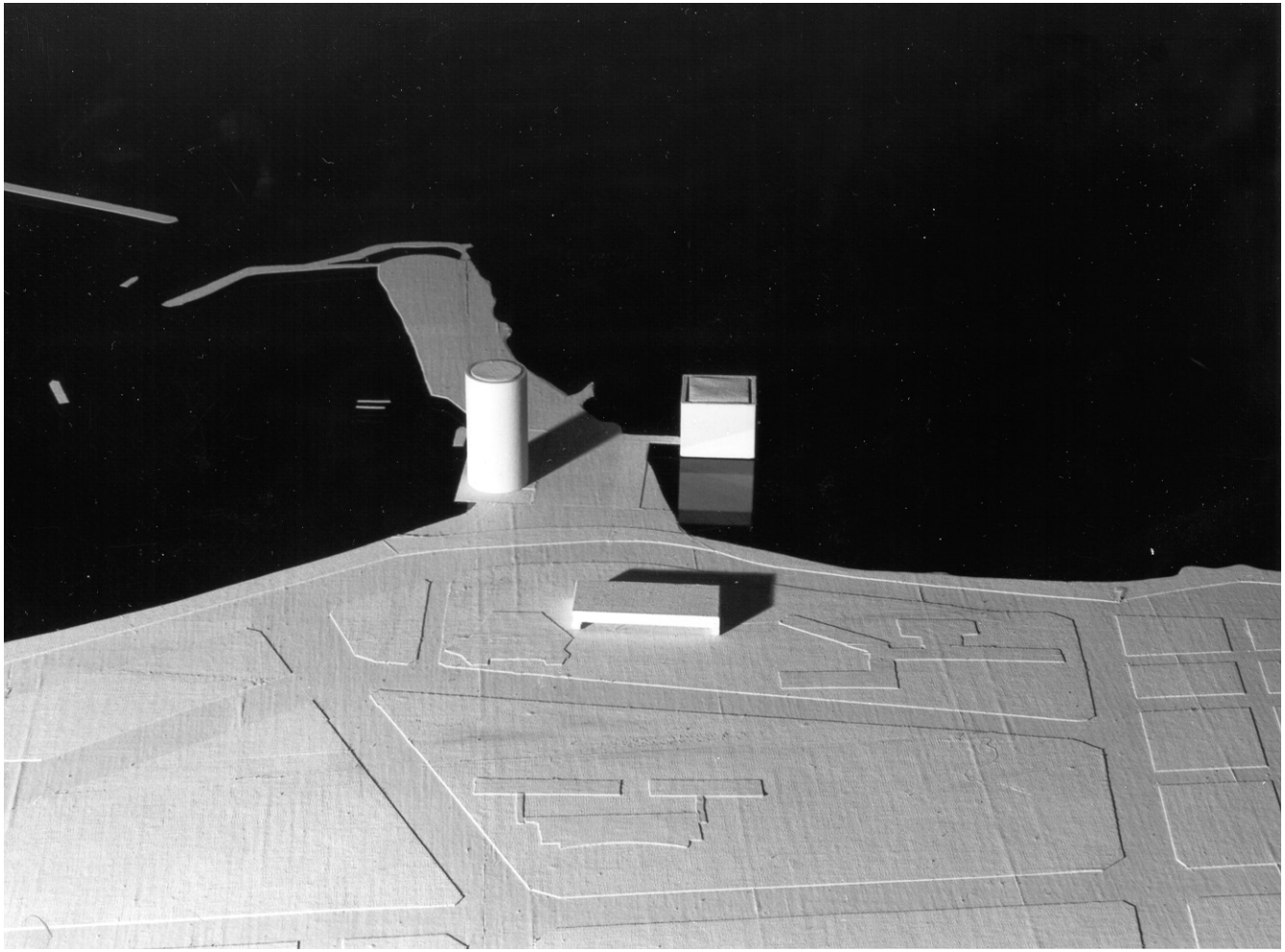


figura 177. pmr-c-bace-maquete-03. fonte: Escritório PMR

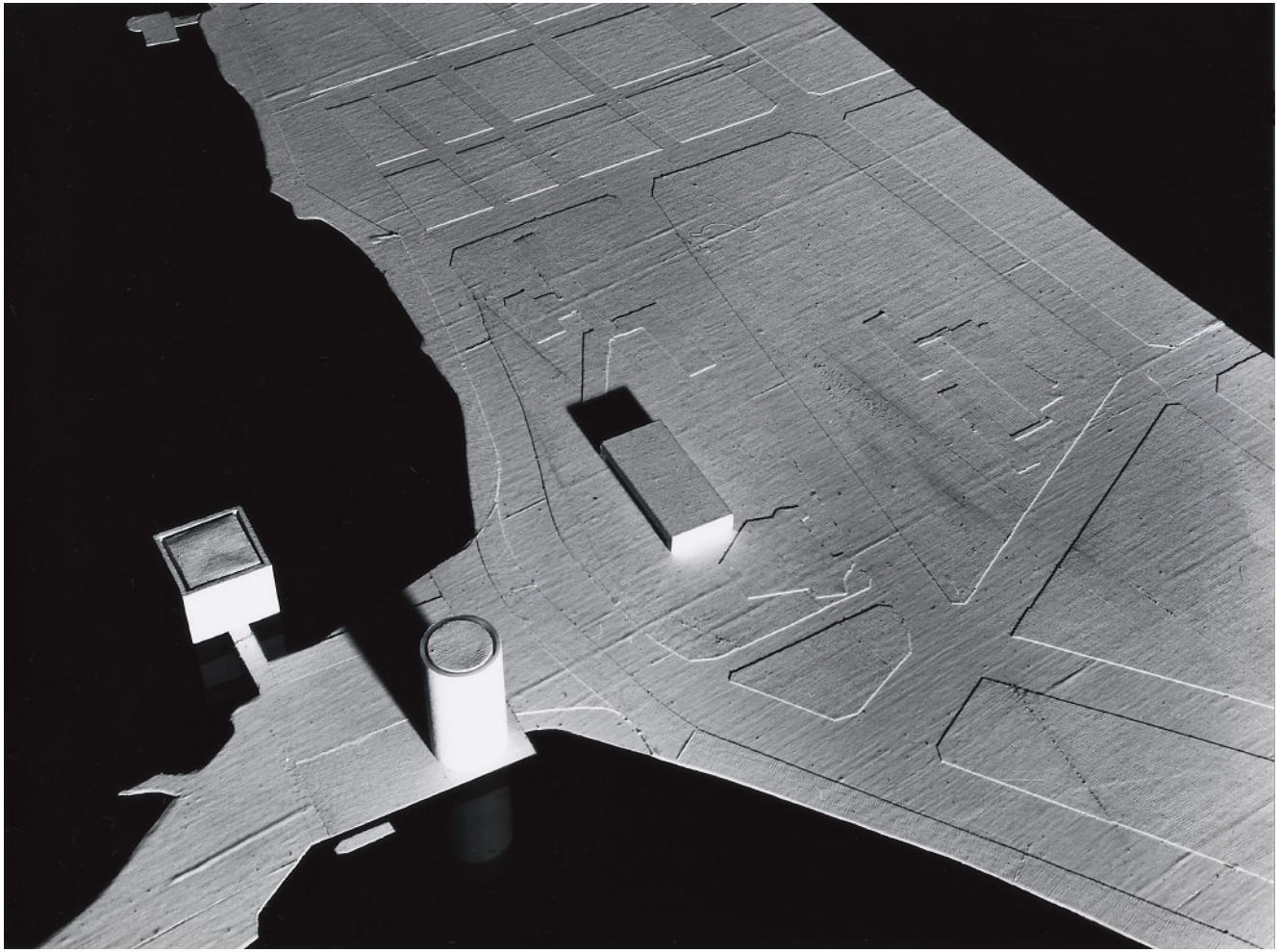


figura 178. pmr-c-bace-maquete-04. fonte: Escritório PMR

Biblioteca de Alexandria - Cairo 1988

egito

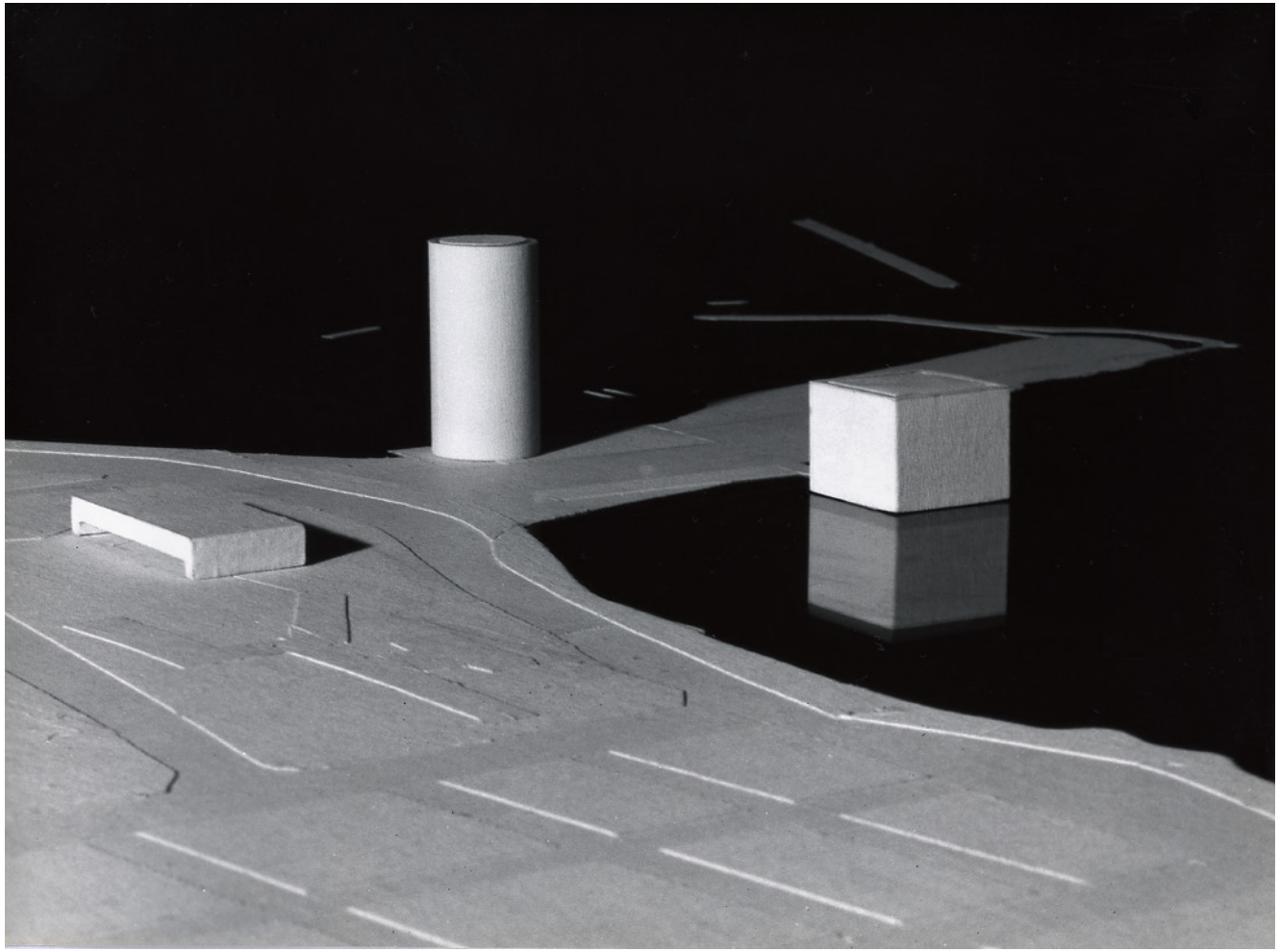


figura 179. pmr-c-bace-maquete-05. fonte: Escritório PMR

Instituto de Engenharia de São Paulo 1988

são paulo

_ Tipo de Concurso

_ Entidade Promotora

-

_ Organizador do Concurso

_Número de Projetos Entregues

_ Colocação Paulo Mendes da Rocha

não premiado

_ Premiados

_ Jurados

_ Anotações

curiosamente, o projeto completo está disponível na Casa da Arquitectura apesar da ausência de informações sobre o concurso

_ Acervo Disponível

acervo completo (disponível na Casa da Arquitectura)

_ Equipe de Projeto

_ Bibliogafia

PISANI, D. Paulo Mendes da Rocha, Obra Completa. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

SOBREIRA, F; FLYNN, M. H.; RIBEIRO, P.V.B. (orgs.) Paulo Mendes da Rocha: sobre concursos e memórias (entrevista). Brasília: MGSR, 2018.

Instituto de Engenharia de São Paulo 1988

são paulo

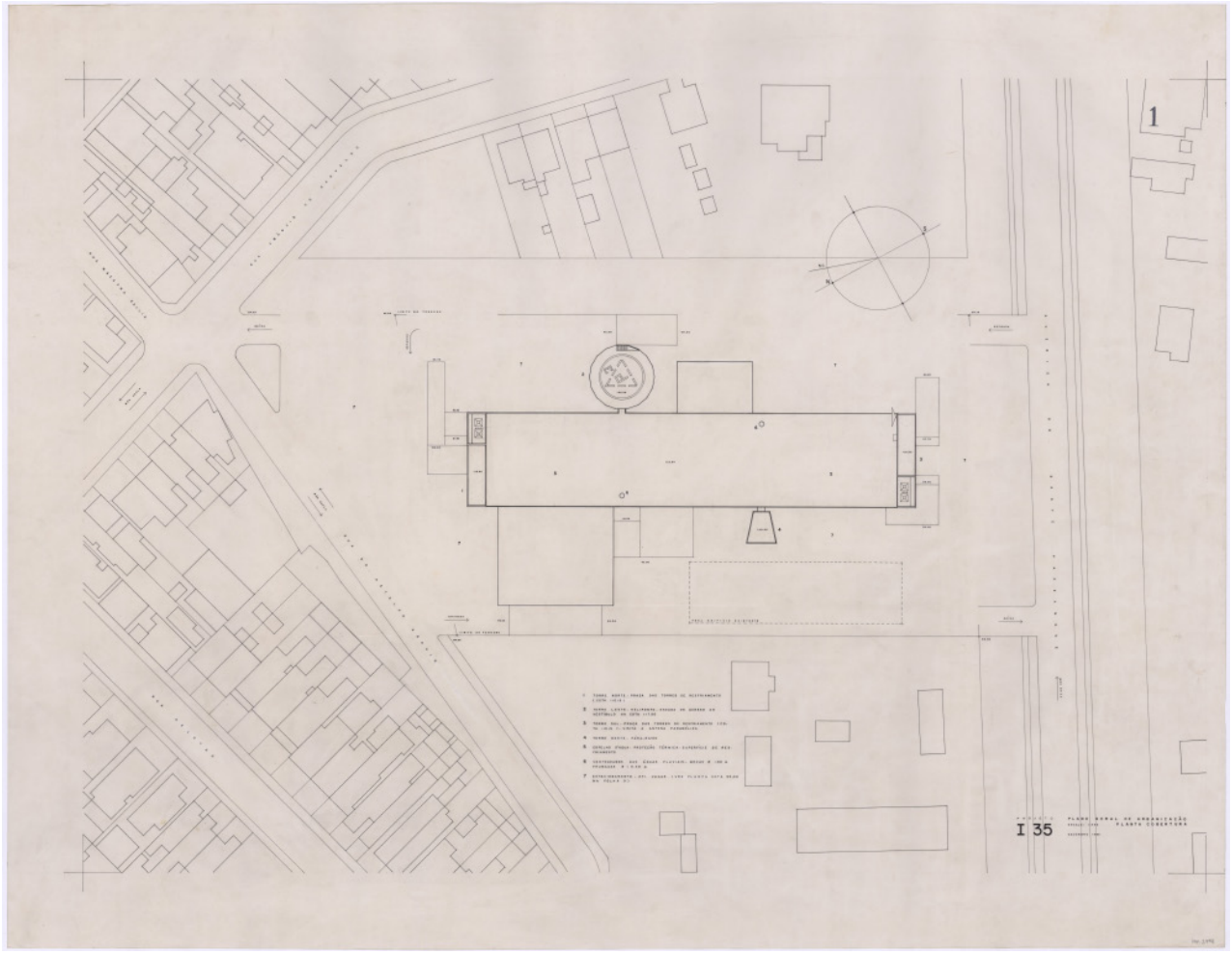


figura 180. PT-CA-PMR-3-PA-097_02998. fonte: Casa da Arquitectura

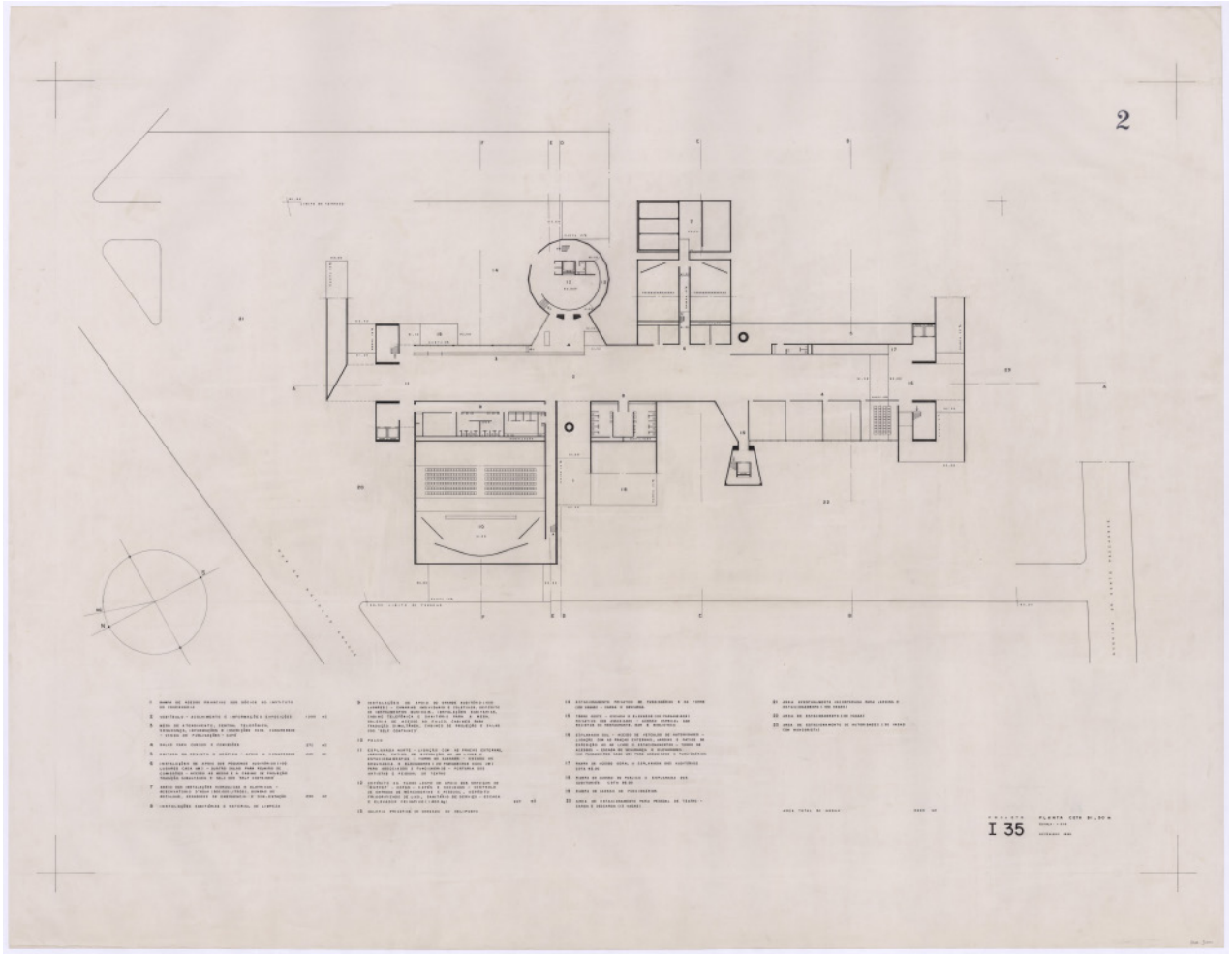


figura 181. PT-CA-PMR-3-PA-097_03000. fonte: Casa da Arquitectura

Instituto de Engenharia de São Paulo 1988

são paulo

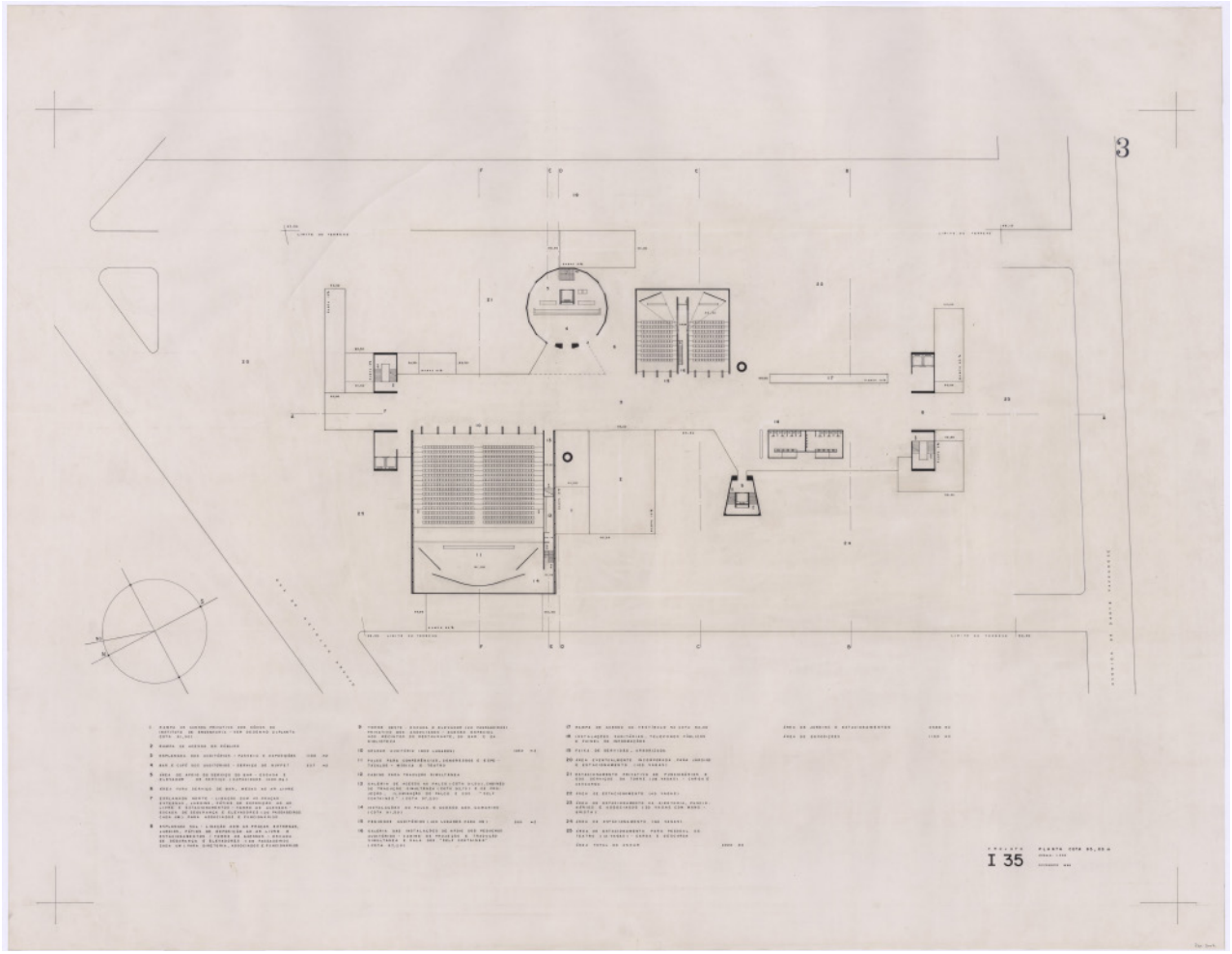


figura 182. PT-CA-PMR-3-PA-097_03002. fonte: Casa da Arquitectura

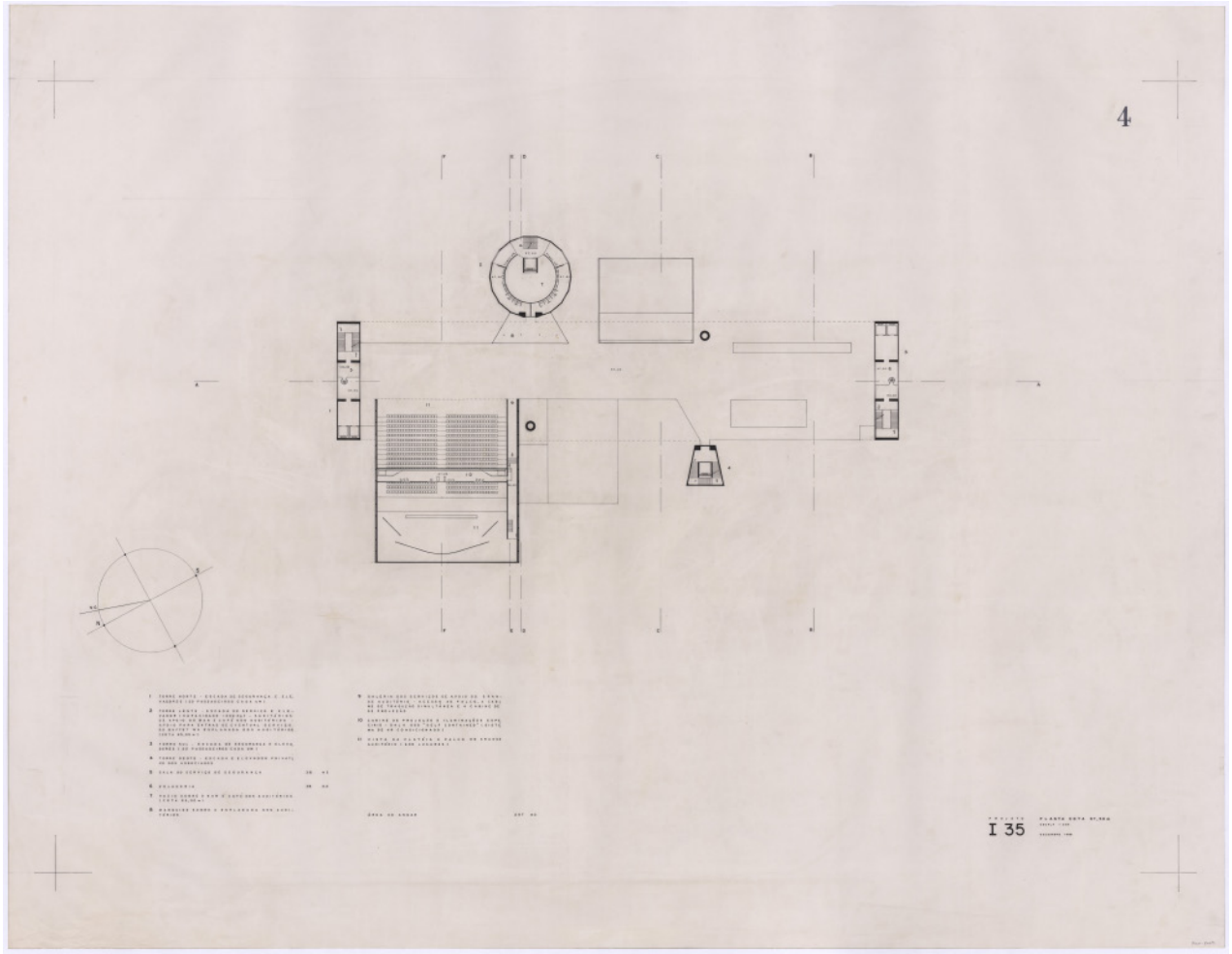


figura 183. PT-CA-PMR-3-PA-097_03004. fonte: Casa da Arquitectura

Instituto de Engenharia de São Paulo 1988

são paulo

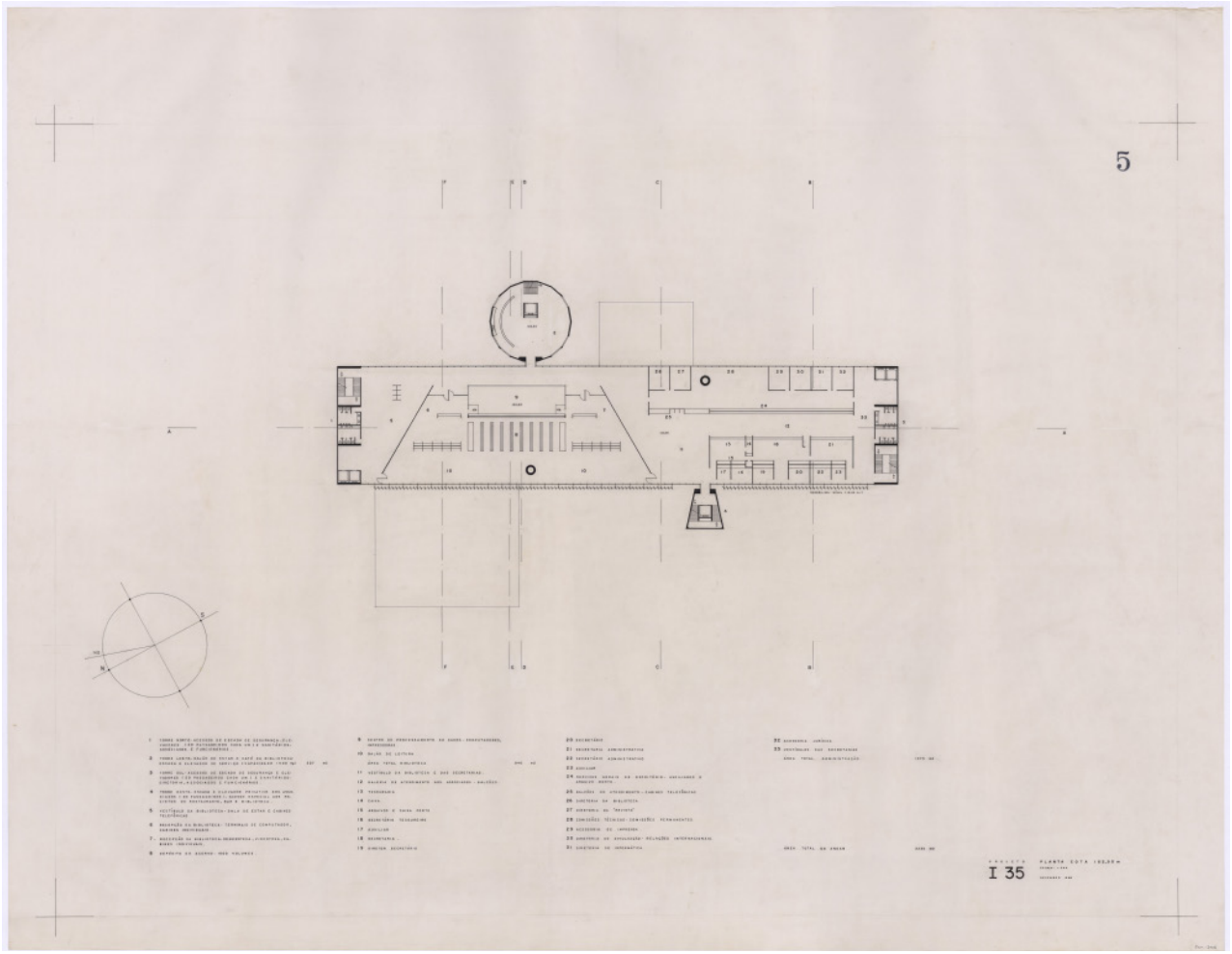


figura 184. PT-CA-PMR-3-PA-097_03006. fonte: Casa da Arquitectura

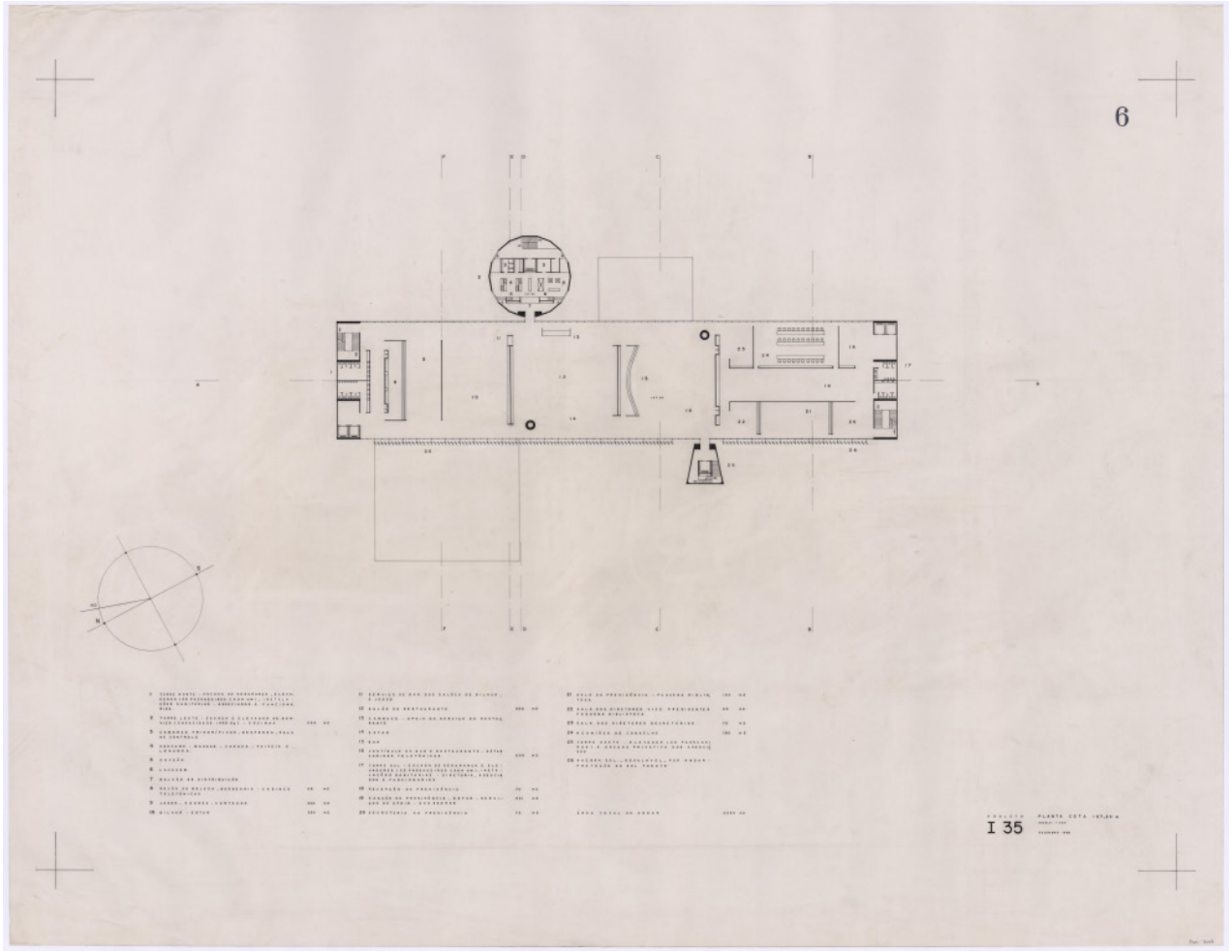


figura 185. PT-CA-PMR-3-PA-097_03008. fonte: Casa da Arquitectura

Instituto de Engenharia de São Paulo 1988

são paulo

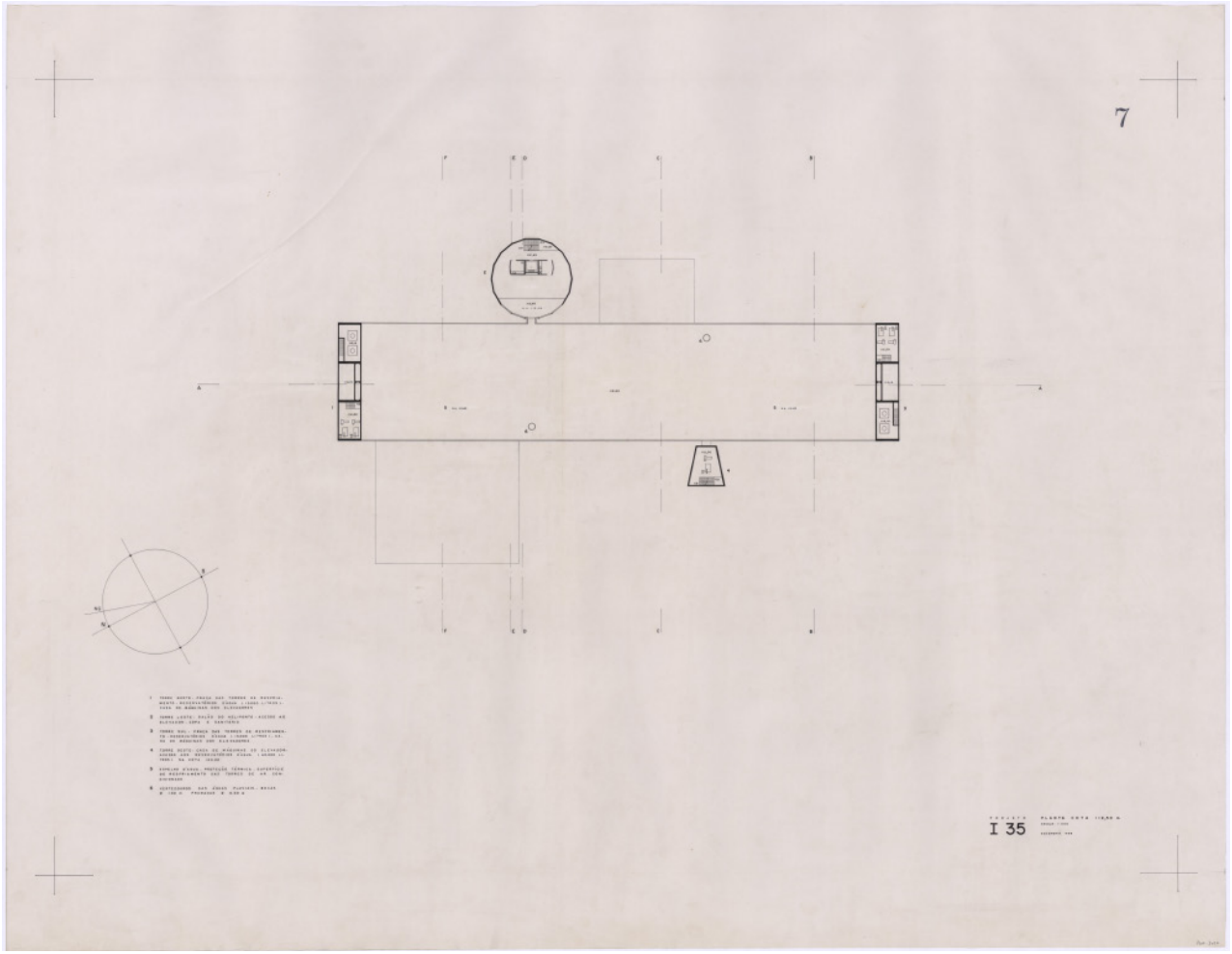


figura 186. PT-CA-PMR-3-PA-097_03010. fonte: Casa da Arquitectura

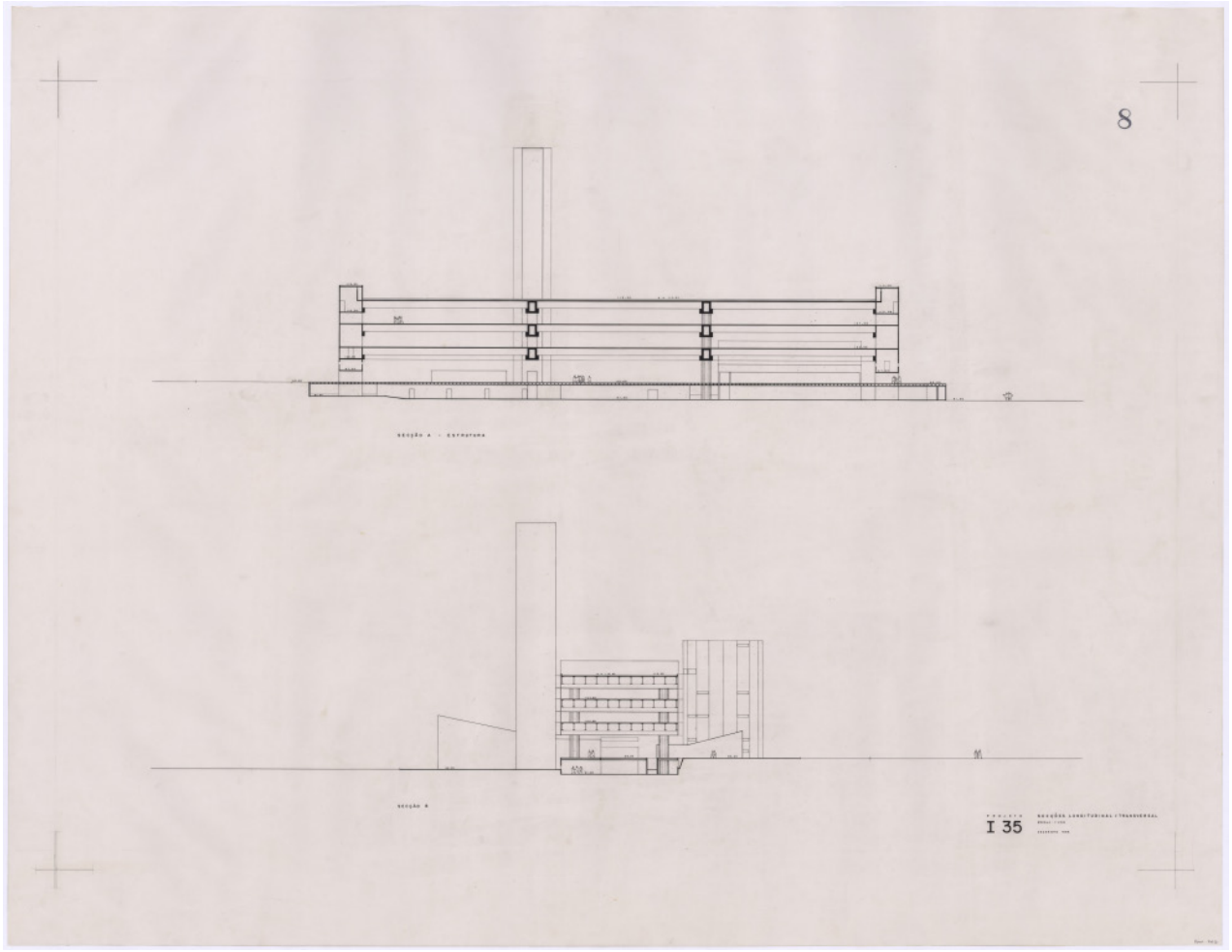


figura 187. PT-CA-PMR-3-PA-097_03012. fonte: Casa da Arquitectura

Instituto de Engenharia de São Paulo 1988

são paulo

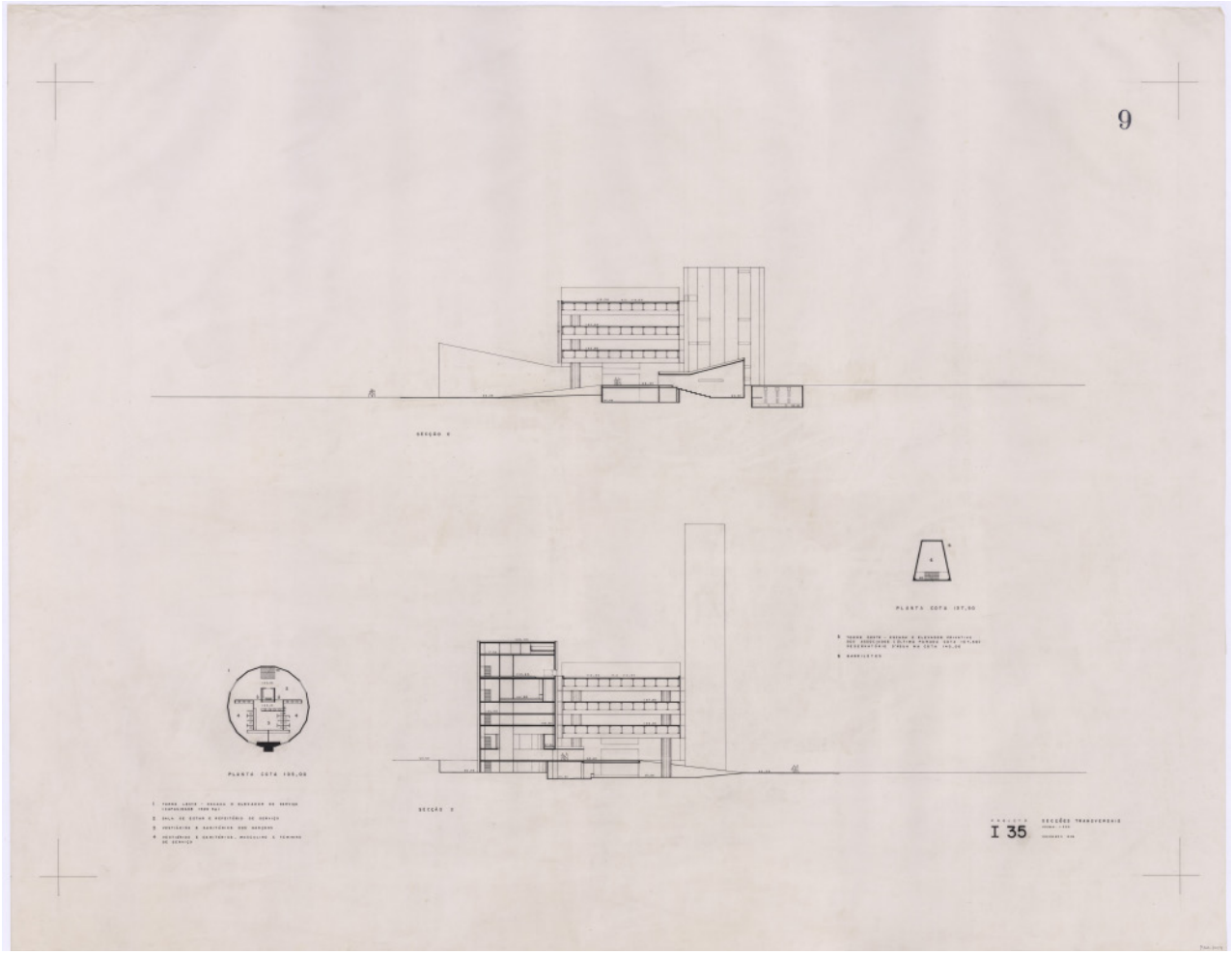


figura 188. PT-CA-PMR-3-PA-097_03014. fonte: Casa da Arquitectura

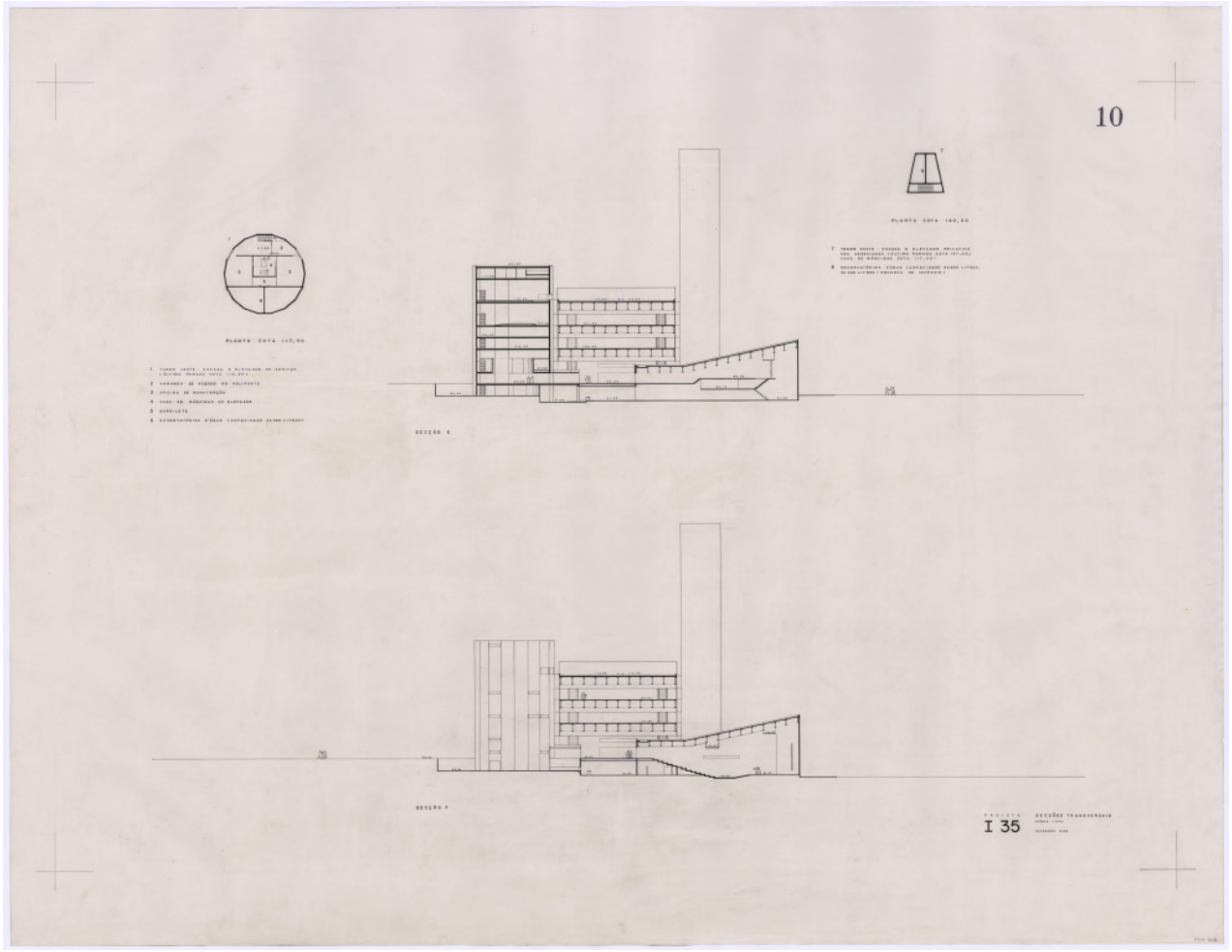


figura 189. PT-CA-PMR-3-PA-097_03016. fonte: Casa da Arquitectura

Instituto de Engenharia de São Paulo 1988

são paulo

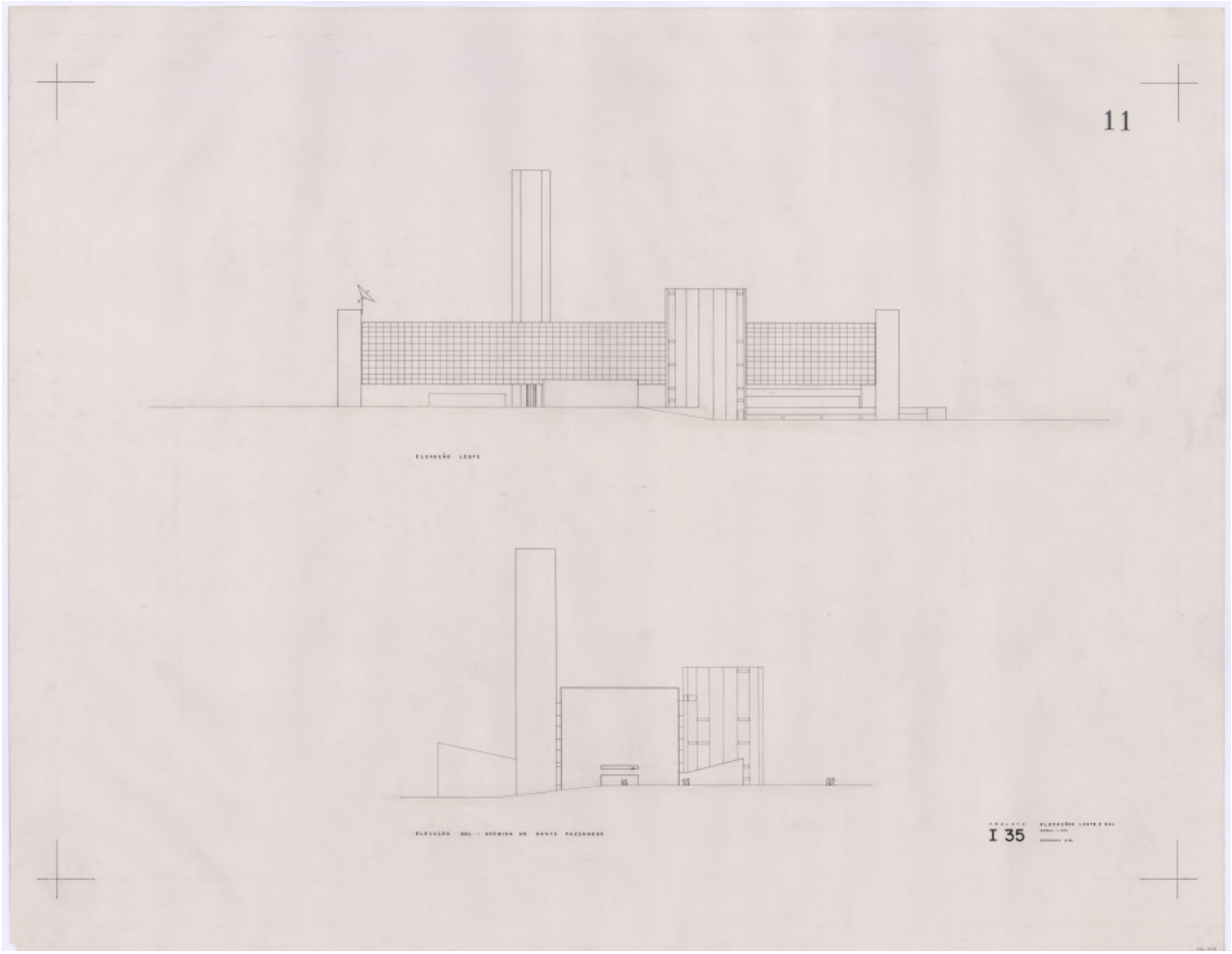


figura 190. PT-CA-PMR-3-PA-097_03018. fonte: Casa da Arquitectura

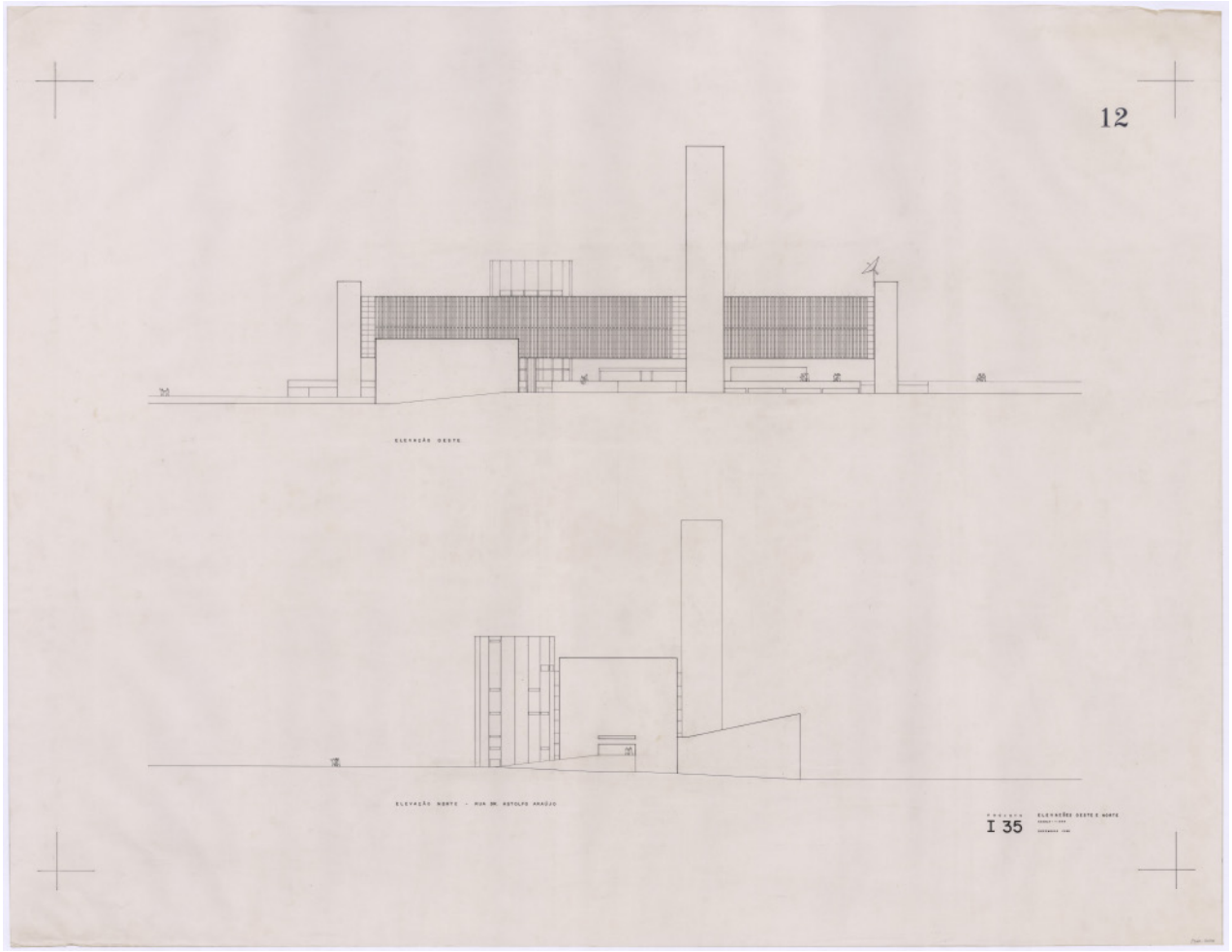


figura 191. PT-CA-PMR-3-PA-097_03020. fonte: Casa da Arquitectura

Instituto de Engenharia de São Paulo 1988

são paulo

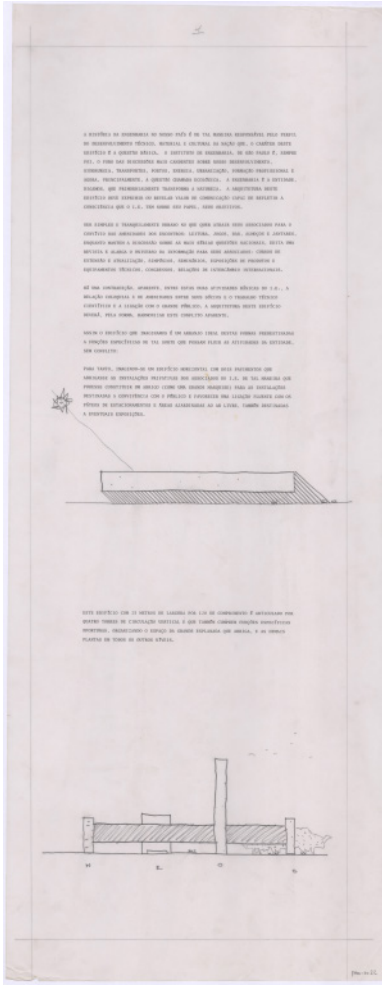


figura 192. PT-CA-PMR-3-PA-097_03022. fonte: Casa da Arquitectura

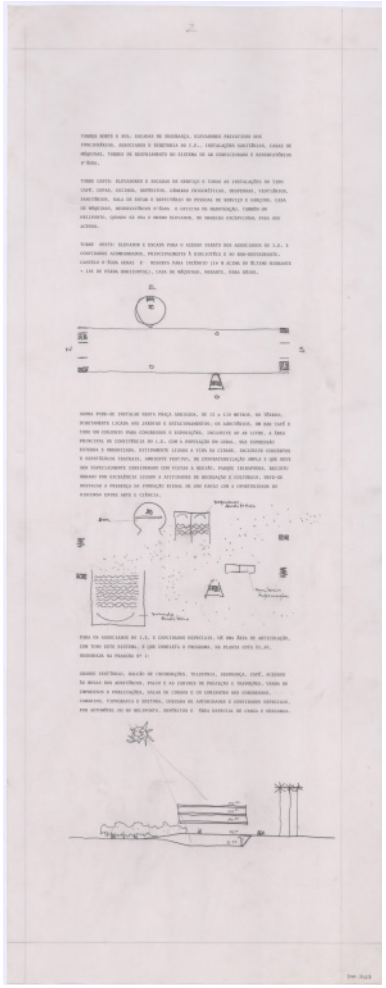


figura 193. PT-CA-PMR-3-PA-097_03023. fonte: Casa da Arquitectura

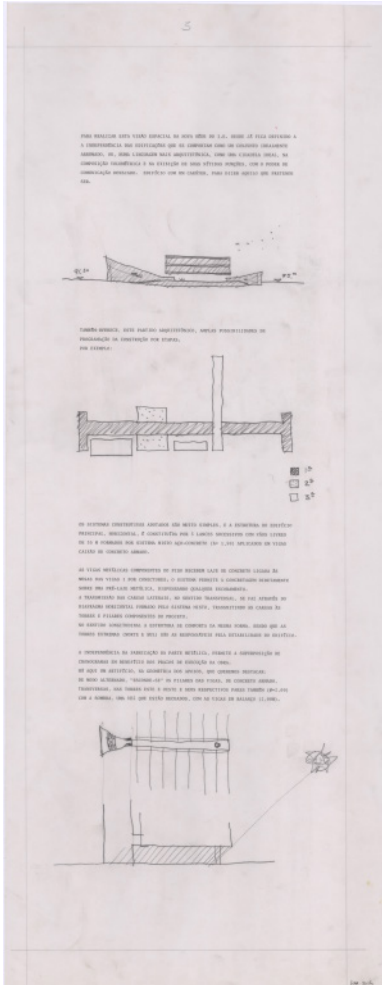


figura 194. PT-CA-PMR-3-PA-097_03024. fonte: Casa da Arquitectura

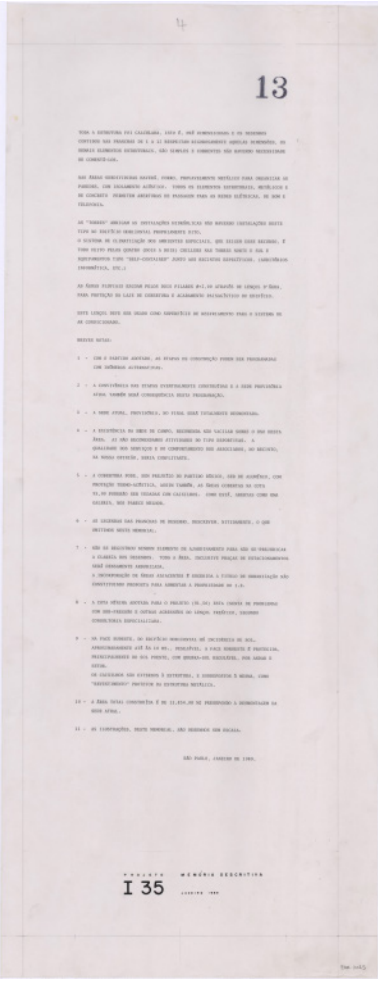


figura 195. PT-CA-PMR-3-PA-097_03025. fonte: Casa da Arquitectura

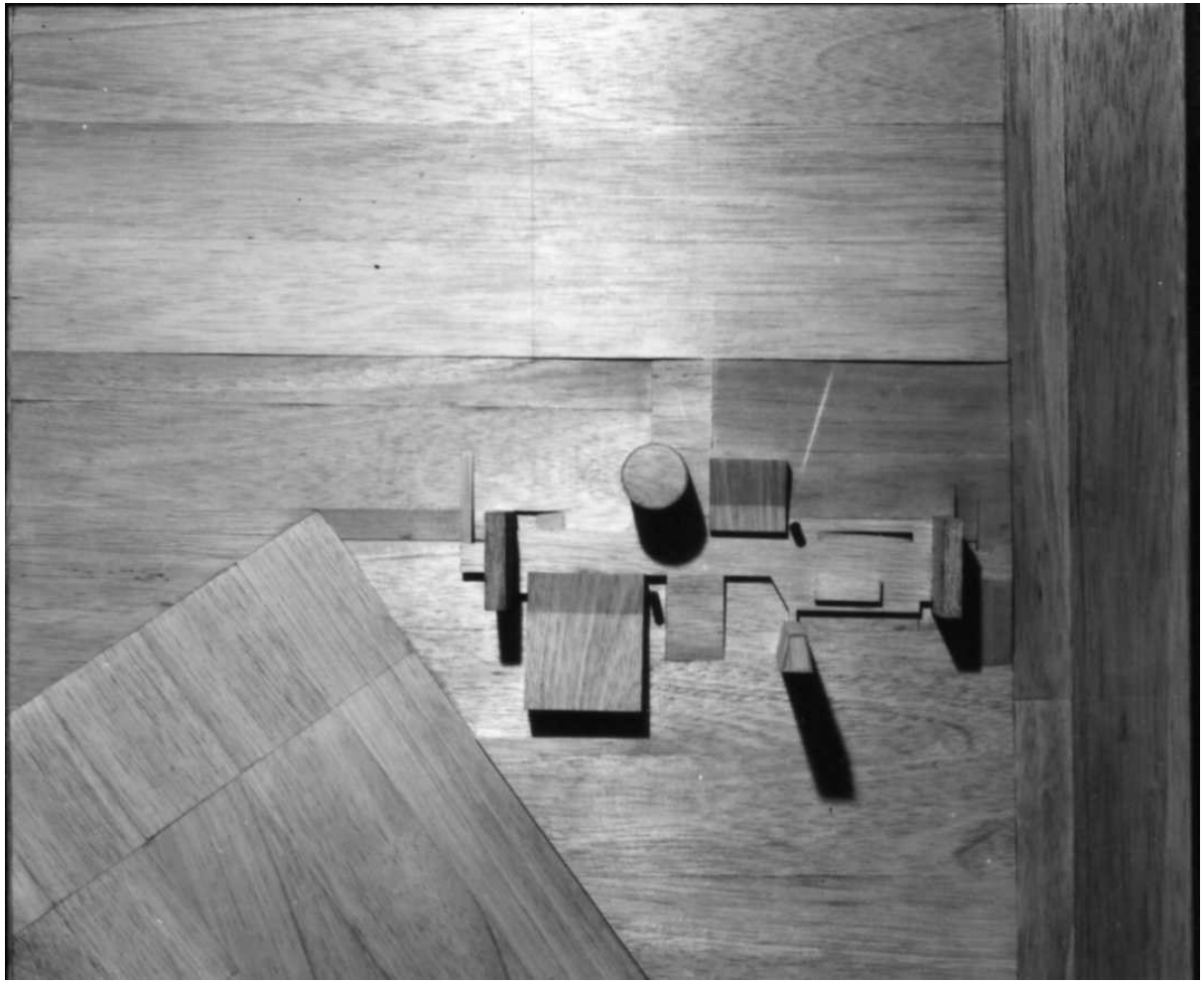


figura 196. pmr-c-iesp-maquete-01. fonte: Escritório PMR

Instituto de Engenharia de São Paulo 1988

são paulo

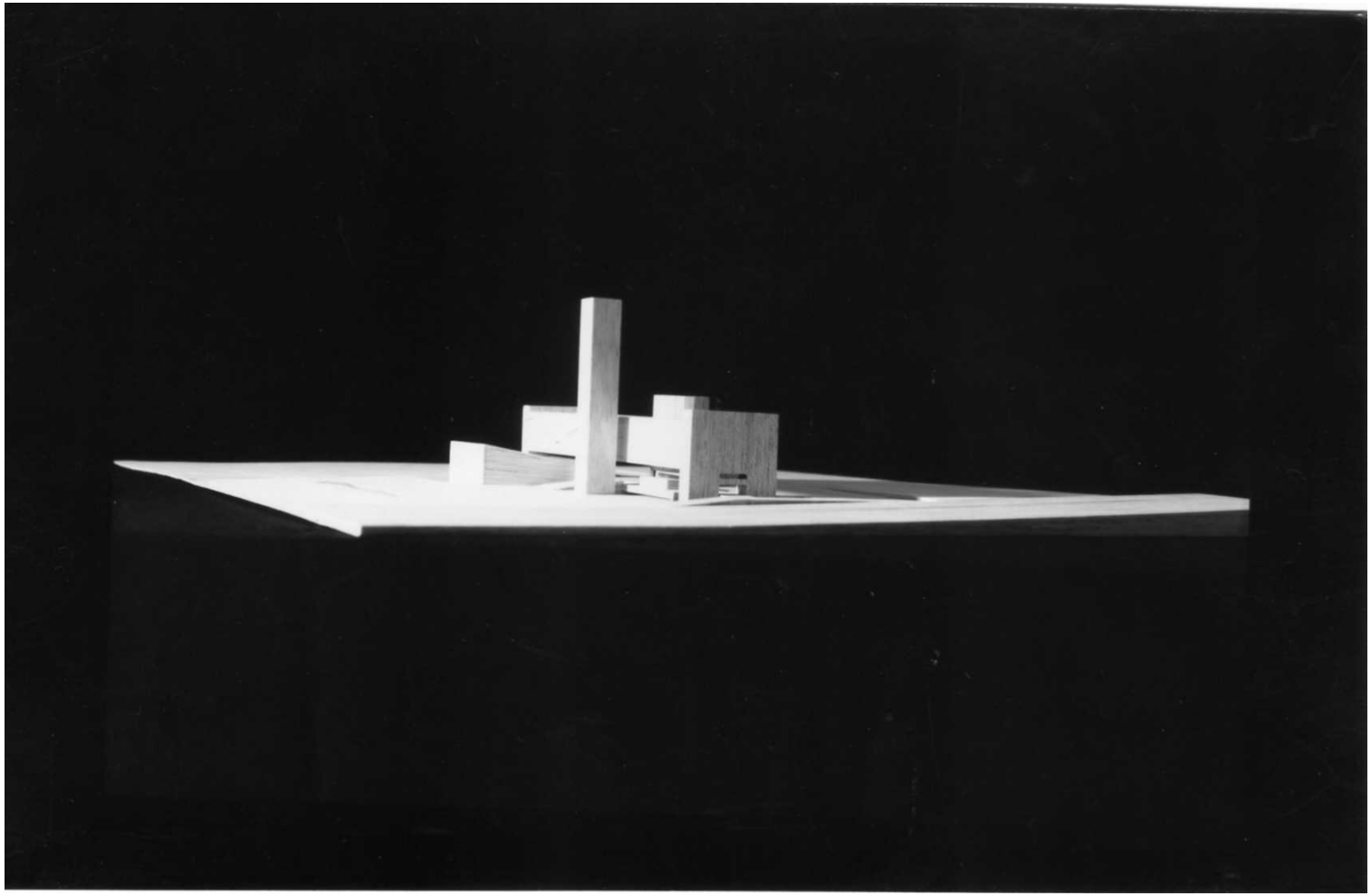


figura 197. pmr-c-iesp-maquete-02. fonte: Escritório PMR

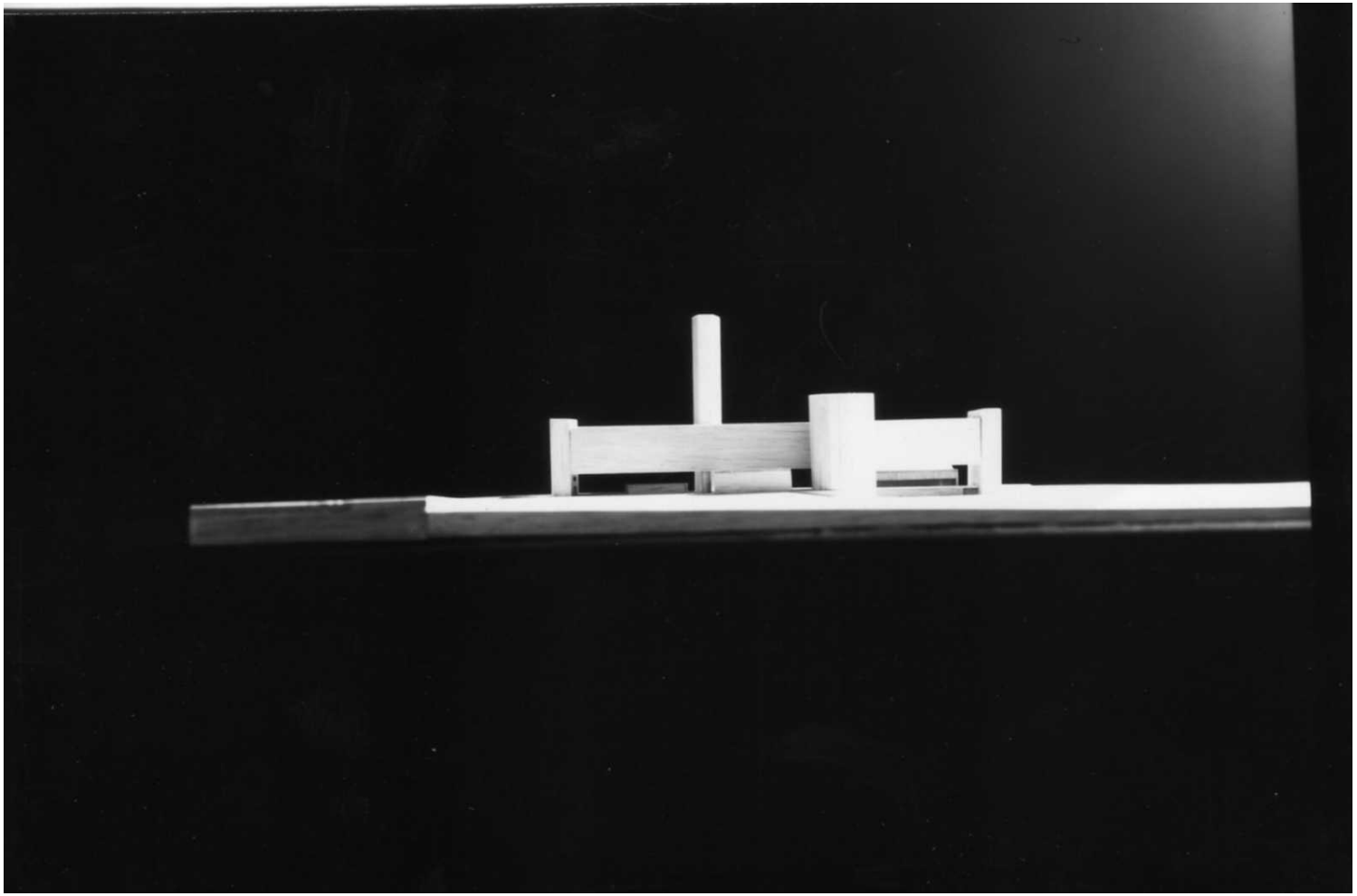


figura 198. pmr-c-iesp-maquete-03. fonte: Escritório PMR

Edifício Comercial da FAPESP 1991

são paulo

_ Tipo de Concurso

fechado (carta convite)

_ Entidade Promotora

FAPESPE

IAB-SP

_ Organizador do Concurso

IAB-SP

_Número de Projetos Entregues

10

_ Colocação Paulo Mendes da Rocha

não premiado

_ Premiados

1º lugar- Claudio Giancciarullo, Eduardo de Castro Mello, Christina de Castro Mello, Rita de Cássia Alves Vaz

2º lugar- Rino Levi

Destaque- Eduardo de Almeida

Destaque- Siegbert Zanettini

_ Jurados

Ruy Ohtake

Luiz Paulo Conde

Joaquim Guedes

_ Anotações

com base na tese de Othondo (2013), onde foram levantados os arquivos do arquiteto, foi apontado a existência de croquis, plantas e 4 pranchas

_ Acervo Disponível

- não foram encontrados registros no acervo do arquiteto
- não consta na lista da Casa da Arquitectura

_ Equipe de Projeto

_ Bibliogafia

FLYNN, M. H. Concursos de arquitetura no Brasil 1850-2000. 2001. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo.

OTONDO, C. Relações entre pensar e fazer na obra de Paulo Mendes da Rocha. 247 p. Tese (Doutorado em Arquitetura e urbanismo). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

PISANI, D. Paulo Mendes da Rocha, Obra Completa. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

SOBREIRA, F; FLYNN, M. H.; RIBEIRO, P.V.B. (orgs.) Paulo Mendes da Rocha: sobre concursos e memórias (entrevista). Brasília: MGSR, 2018.

Conselho Regional de Contabilidade (CRC) do Estado de São Paulo 1991

são paulo

_ Tipo de Concurso

_ Entidade Promotora

_ Organizador do Concurso

_Número de Projetos Entregues

_ Colocação Paulo Mendes da Rocha

não premiado

_ Premiados

1º lugar- Roberto Amá e Marcelo Barbosa

Menção Honrosa- Marcos Bambicini

Menção Honrosa- Valerio Piatratoria

Menção Honrosa- Escritório Projeto Paulista

Menção Honrosa- Rino Levi

_ Jurados

_ Anotações

_ Acervo Disponível

_ Equipe de Projeto

_ Bibliogafia

PISANI, D. Paulo Mendes da Rocha, Obra Completa. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

SOBREIRA, F; FLYNN, M. H.; RIBEIRO, P.V.B. (orgs.) Paulo Mendes da Rocha: sobre concursos e memórias (entrevista). Brasília: MGSR, 2018.

revista projeto nº 251 de janeiro de 2001

Escola Fundação Getúlio Vargas (FGV) 1995

são paulo

_ Tipo de Concurso

fechado (carta convite)

_ Entidade Promotora

FGV

_ Organizador do Concurso

_Número de Projetos Entregues

-

_ Colocação Paulo Mendes da Rocha

não premiado

_ Premiados

1º lugar- Eduardo de Almeida

_ Jurados

_Anotações

- não construído
- primeiro concurso graficado em meio digital

_ Acervo Disponível

projeto completo em formato digital (disponibilizado pelo escritório do arquiteto)

_ Equipe de Projeto

Paulo Mendes da Rocha (autor)
Fernado de Mello Franco (MMBB)
Marta Moreira (MMBB)
Milton Braga (MMBB)
Roberto Klain (colaborador)
Ana Paula Kouri (colaborador)

_ Bibliogafia

ARTIGAS, R. Paulo Mendes da Rocha. São Paulo: Cosac Naify, 2000.

OTONDO, C. Relações entre pensar e fazer na obra de Paulo Mendes da Rocha. 247 p. Tese (Doutorado em Arquitetura e urbanismo). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

PISANI, D. Paulo Mendes da Rocha, Obra Completa. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

SOBREIRA, F; FLYNN, M. H.; RIBEIRO, P.V.B. (orgs.) Paulo Mendes da Rocha: sobre concursos e memórias (entrevista). Brasília: MGSR, 2018.

Escola Fundação Getúlio Vargas (FGV) 1995

são paulo

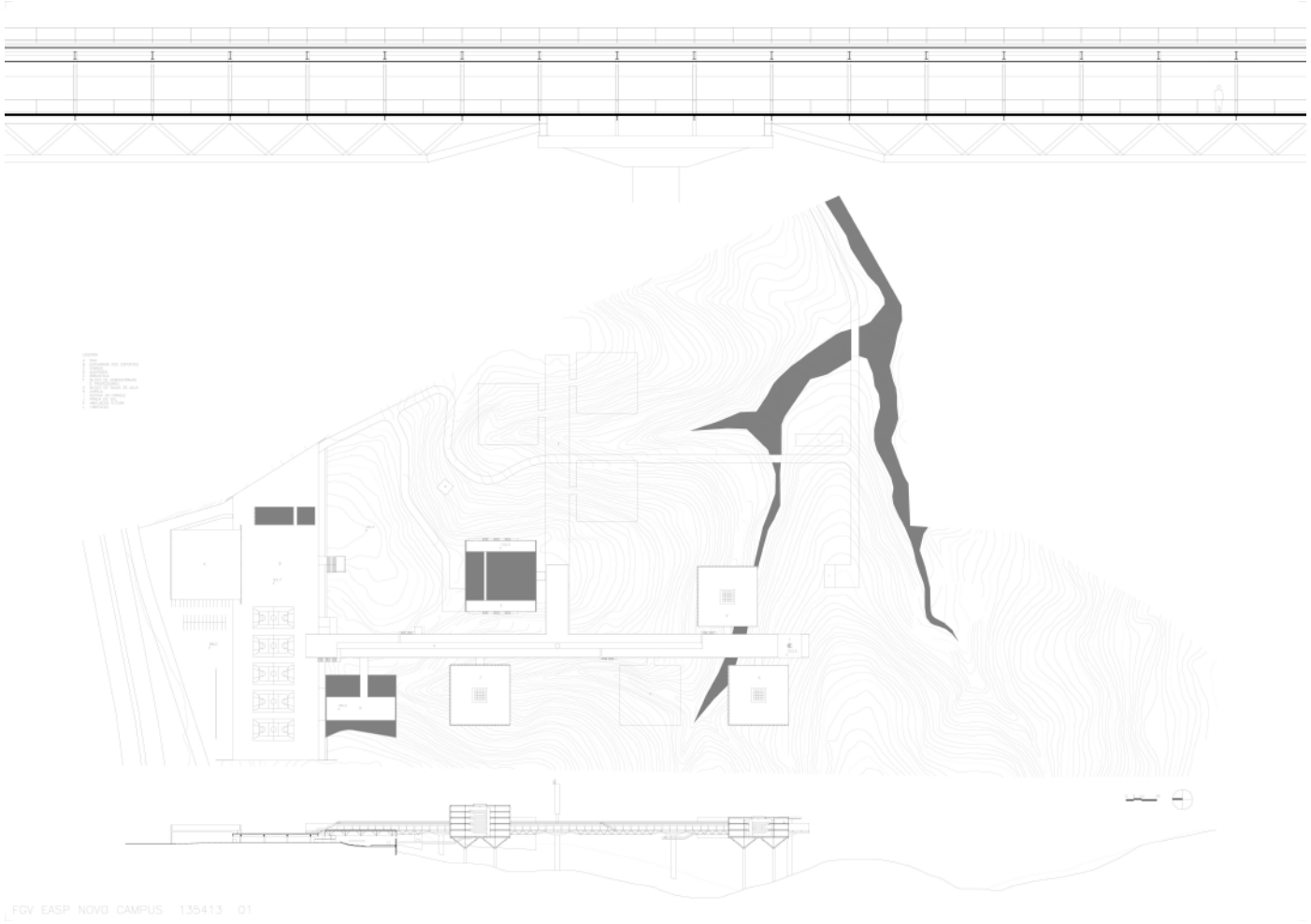


figura 199. pmr-c-ncfgv-flh-01. fonte: Escritório PMR

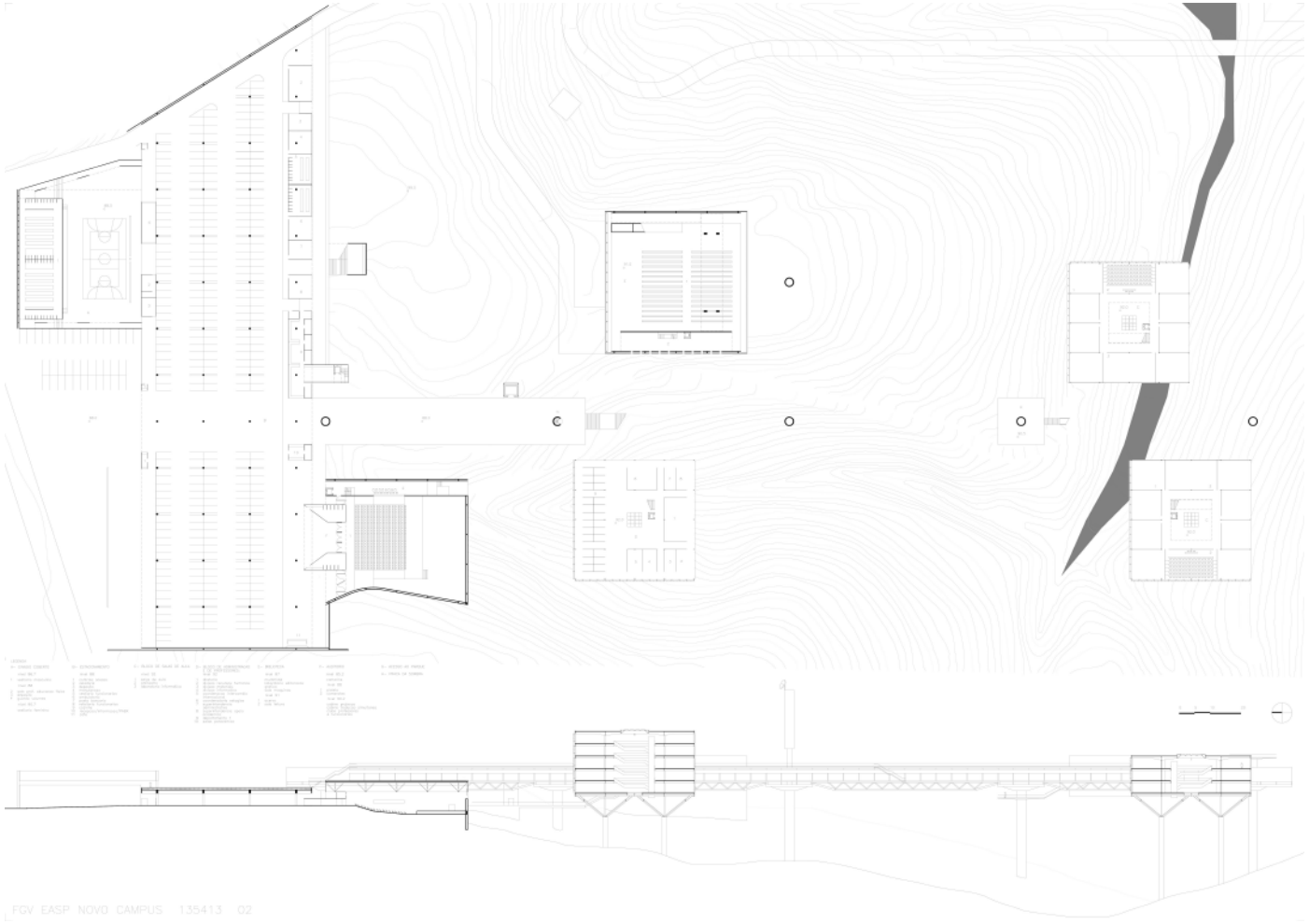


figura 200. pmr-c-ncfgv-flh-02. fonte: Escritório PMR

Escola Fundação Getúlio Vargas (FGV) 1995

são paulo

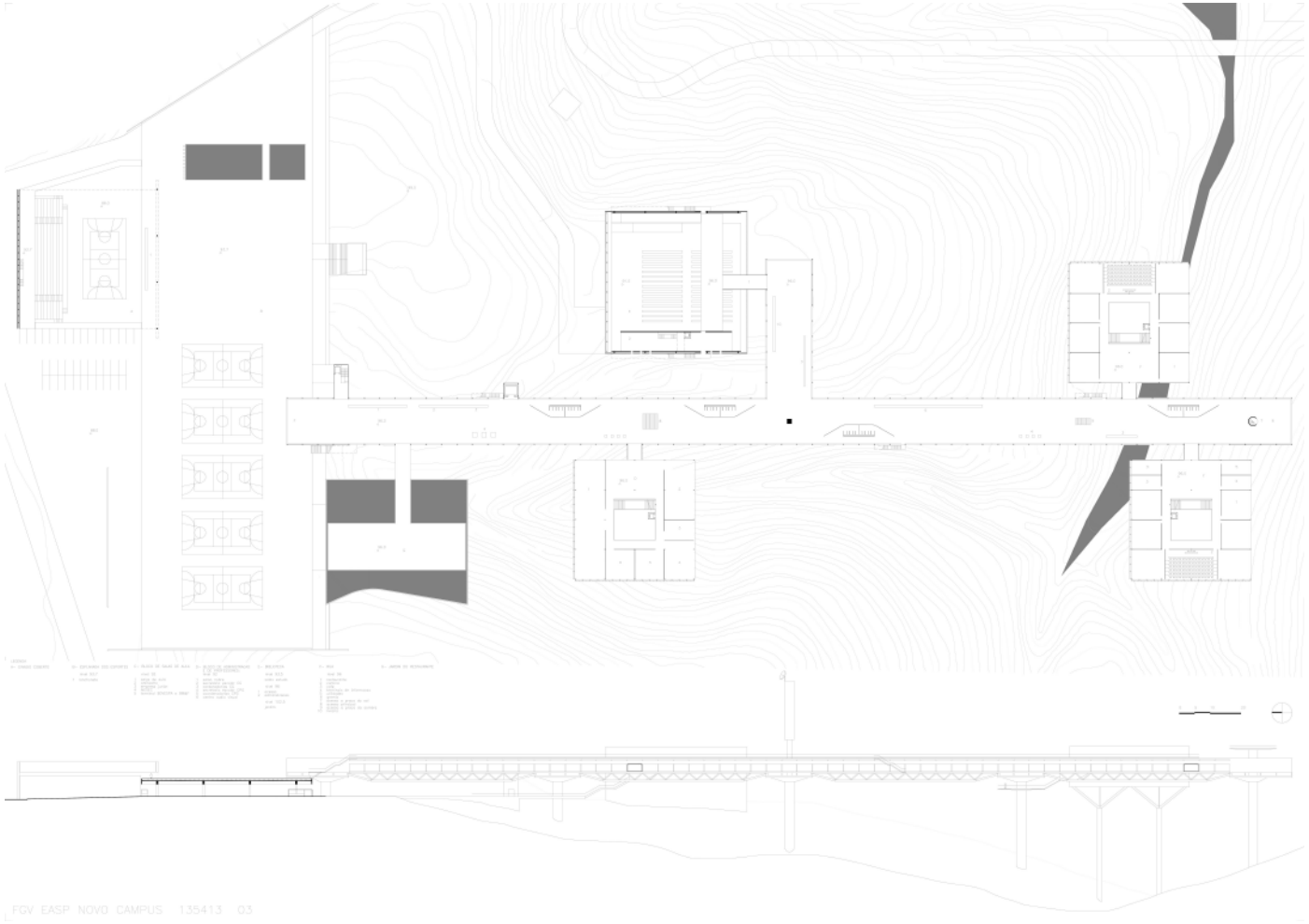


figura 201. pmr-c-ncfgv-flh-03. fonte: Escritório PMR

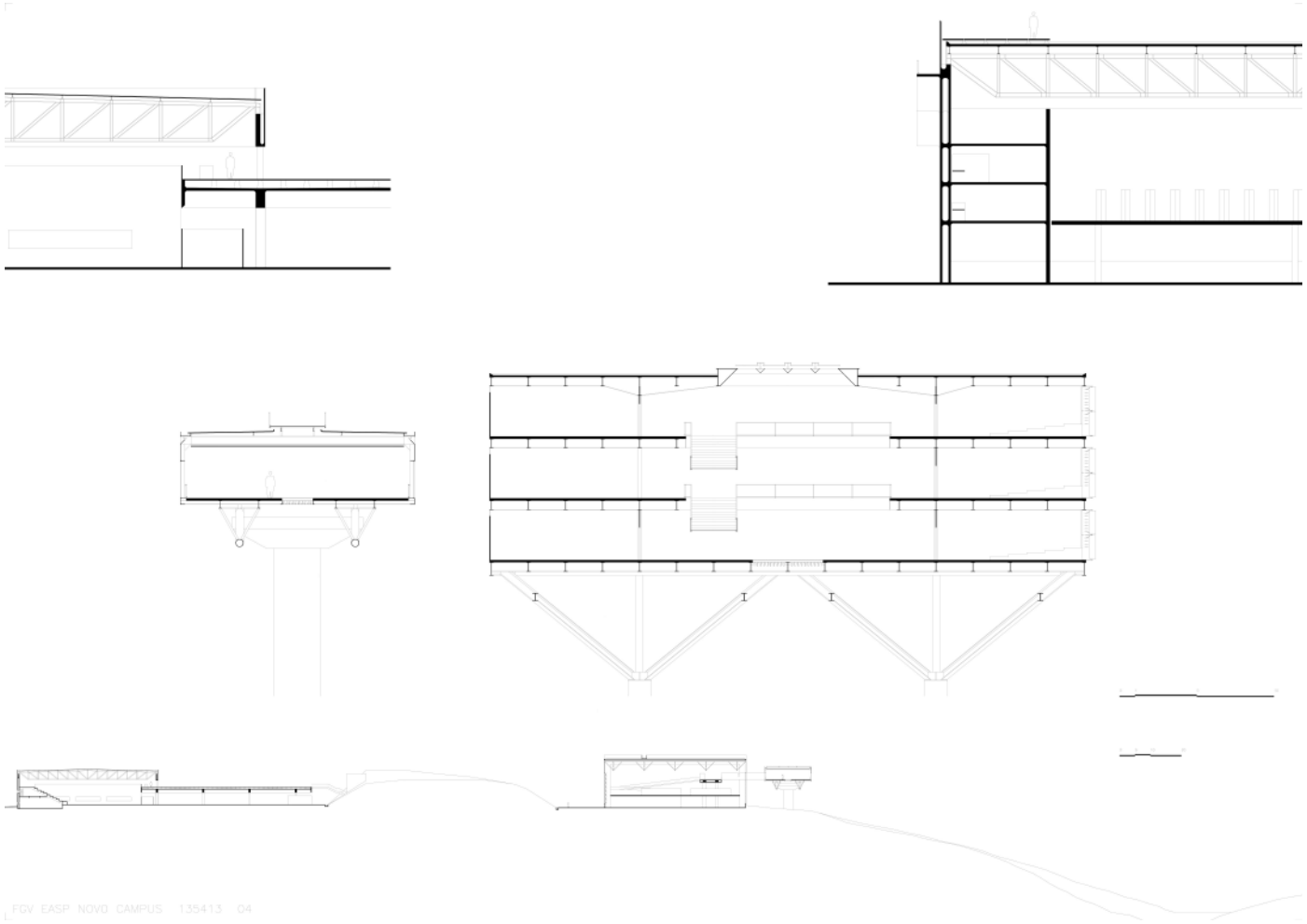


figura 202. pmr-c-ncfgv-flh-04. fonte: Escritório PMR

Sede do Serviço Social do Comércio (SESC) Tatuapé 1996

são paulo

_ Tipo de Concurso

_ Entidade Promotora

SESC

_ Organizador do Concurso

SESC

_Número de Projetos Entregues

_ Colocação Paulo Mendes da Rocha

não premiado

_ Premiados

_ Jurados

_ Anotações

_ Acervo Disponível

desenhos em formato digital

_ Equipe de Projeto

Paulo Mendes da Rocha (autor)
Angelo Bucci (MMBB)
Fernando de Mello Franco (MMBB)
Marta Moreira (MMBB)
Milton Braga (MMBB)
Carmem Moraes (colaboradora)
José Barbedo (colaborador)
Keila Costa (colaboradora)

_ Bibliogafia

ARTIGAS, R. Paulo Mendes da Rocha. São Paulo: Cosac Naify, 2000.

OTONDO, C. Relações entre pensar e fazer na obra de Paulo Mendes da Rocha. 247 p. Tese (Doutorado em Arquitetura e urbanismo). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

PISANI, D. Paulo Mendes da Rocha, Obra Completa. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

SOBREIRA, F; FLYNN, M. H.; RIBEIRO, P.V.B. (orgs.) Paulo Mendes da Rocha: sobre concursos e memórias (entrevista). Brasília: MGSR, 2018.

Sede do Serviço Social do Comércio (SESC) Tatuapé 1996

são paulo

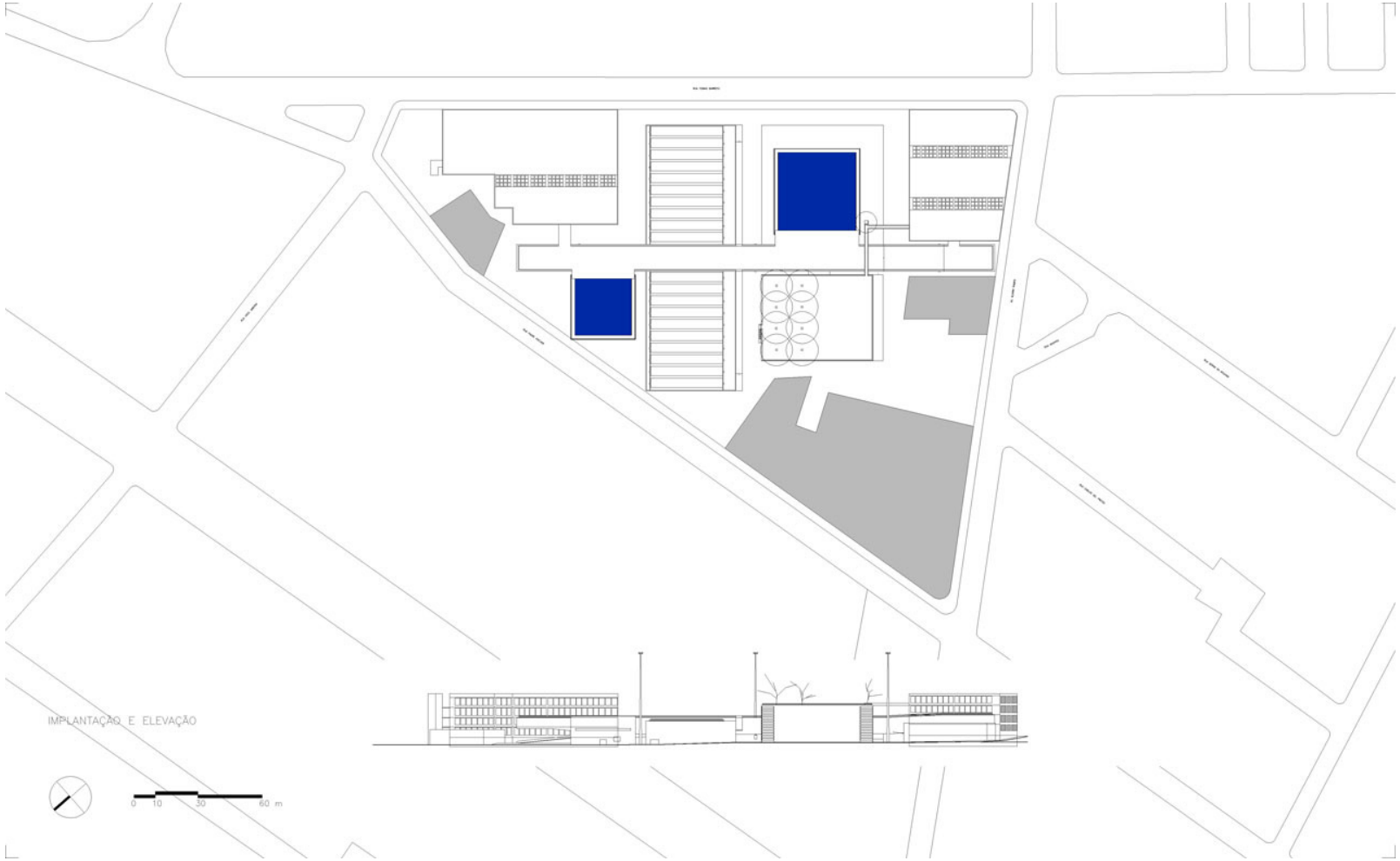


figura 203. pmr-c-sesct-des-01. fonte: Escritório PMR

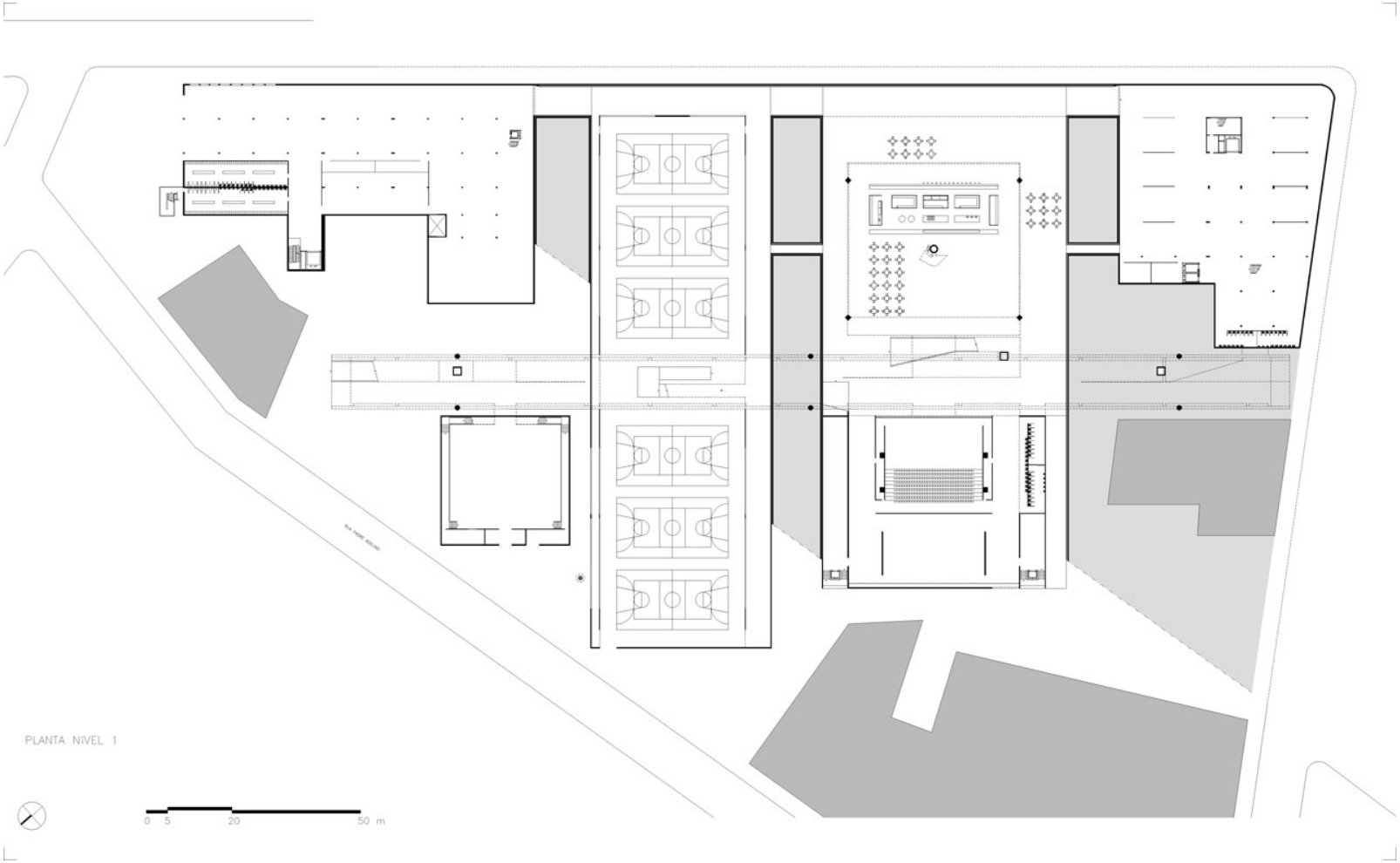


figura 204. pmr-c-sesct-des-02. fonte: Escritório PMR

Sede do Serviço Social do Comércio (SESC) Tatuapé 1996

são paulo

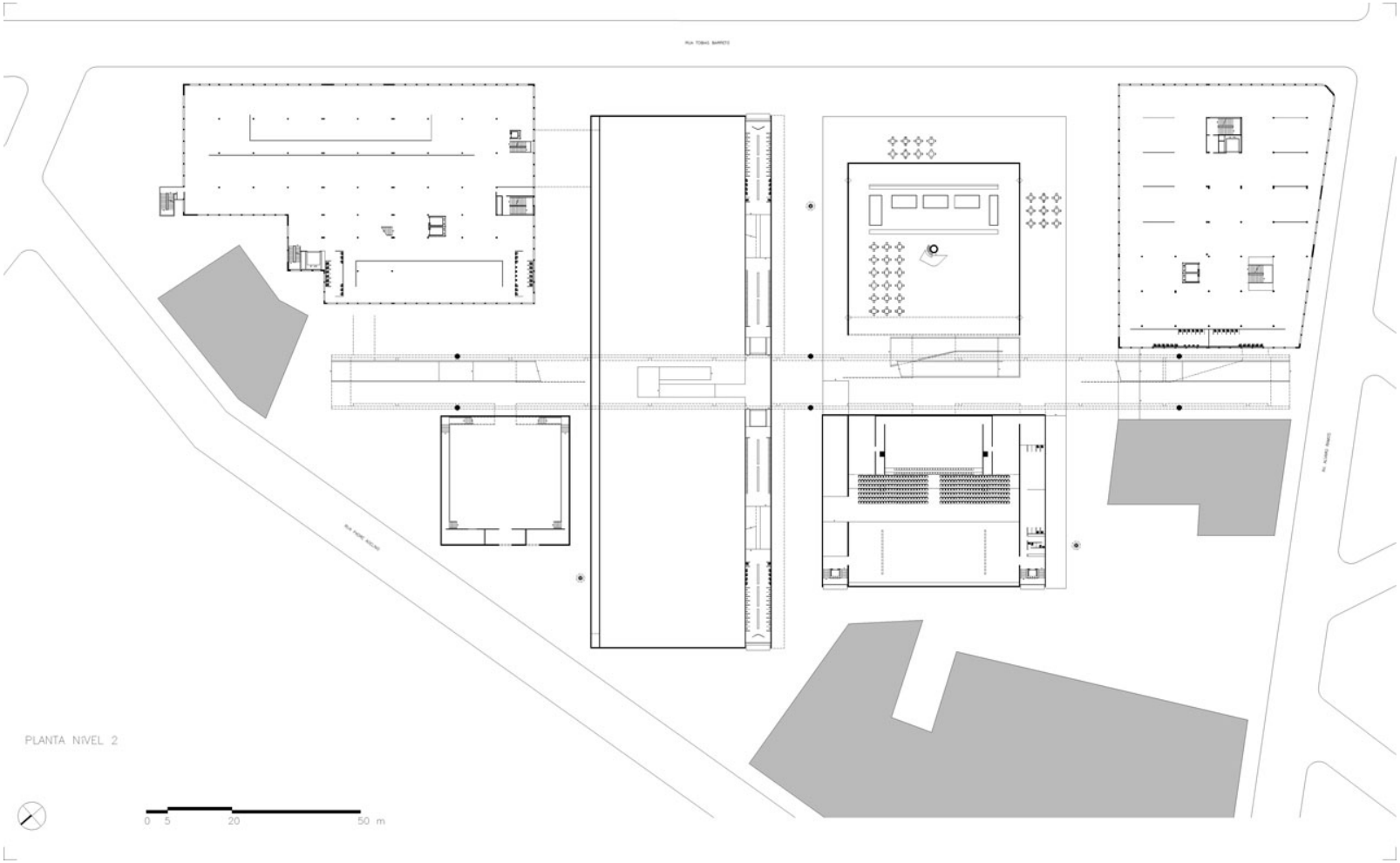


figura 205. pmr-c-sesct-des-03. fonte: Escritório PMR

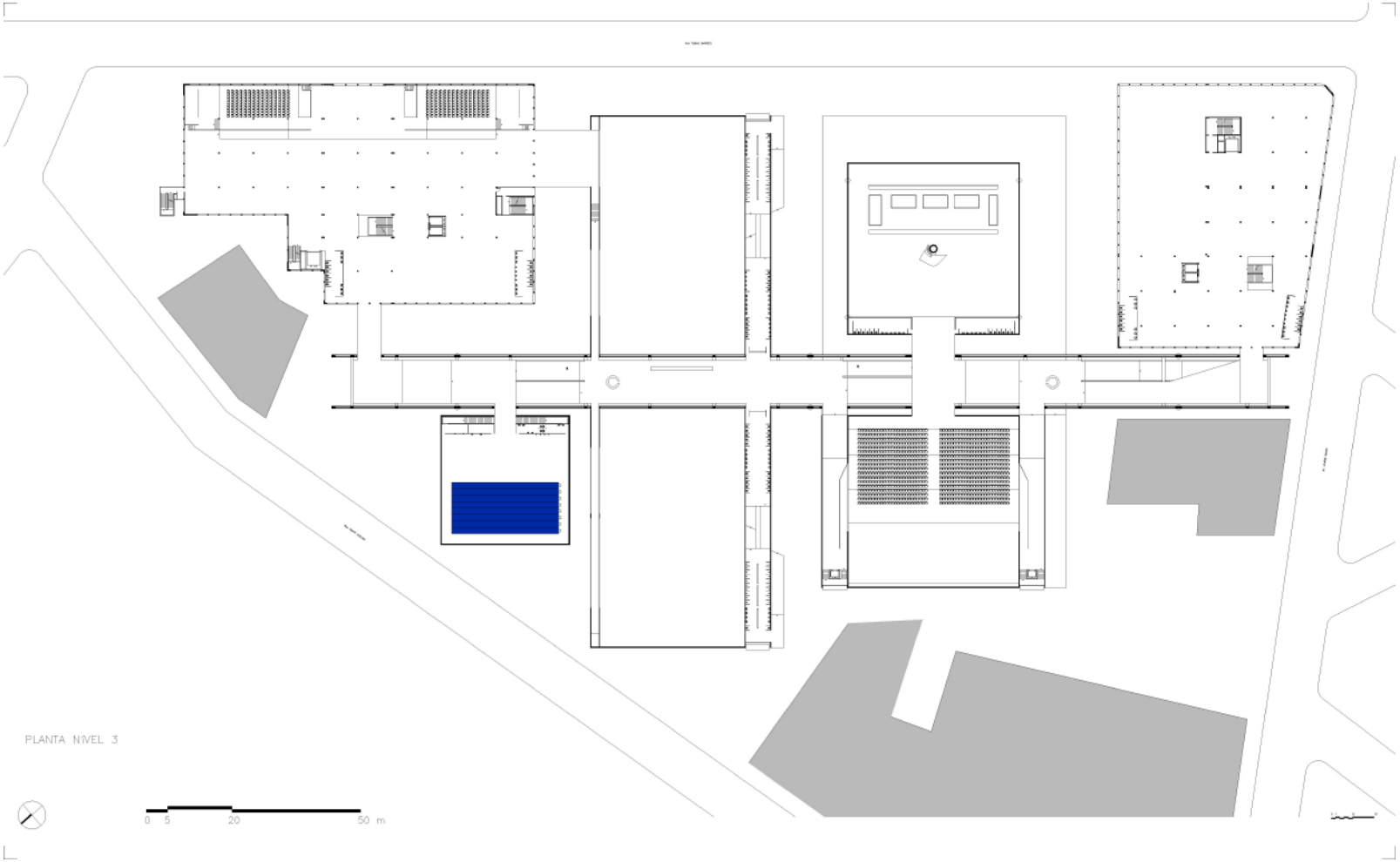


figura 206. pmr-c-sesct-des-02. fonte: Escritório PMR

Sede do Serviço Social do Comércio (SESC) Tatuapé 1996

são paulo

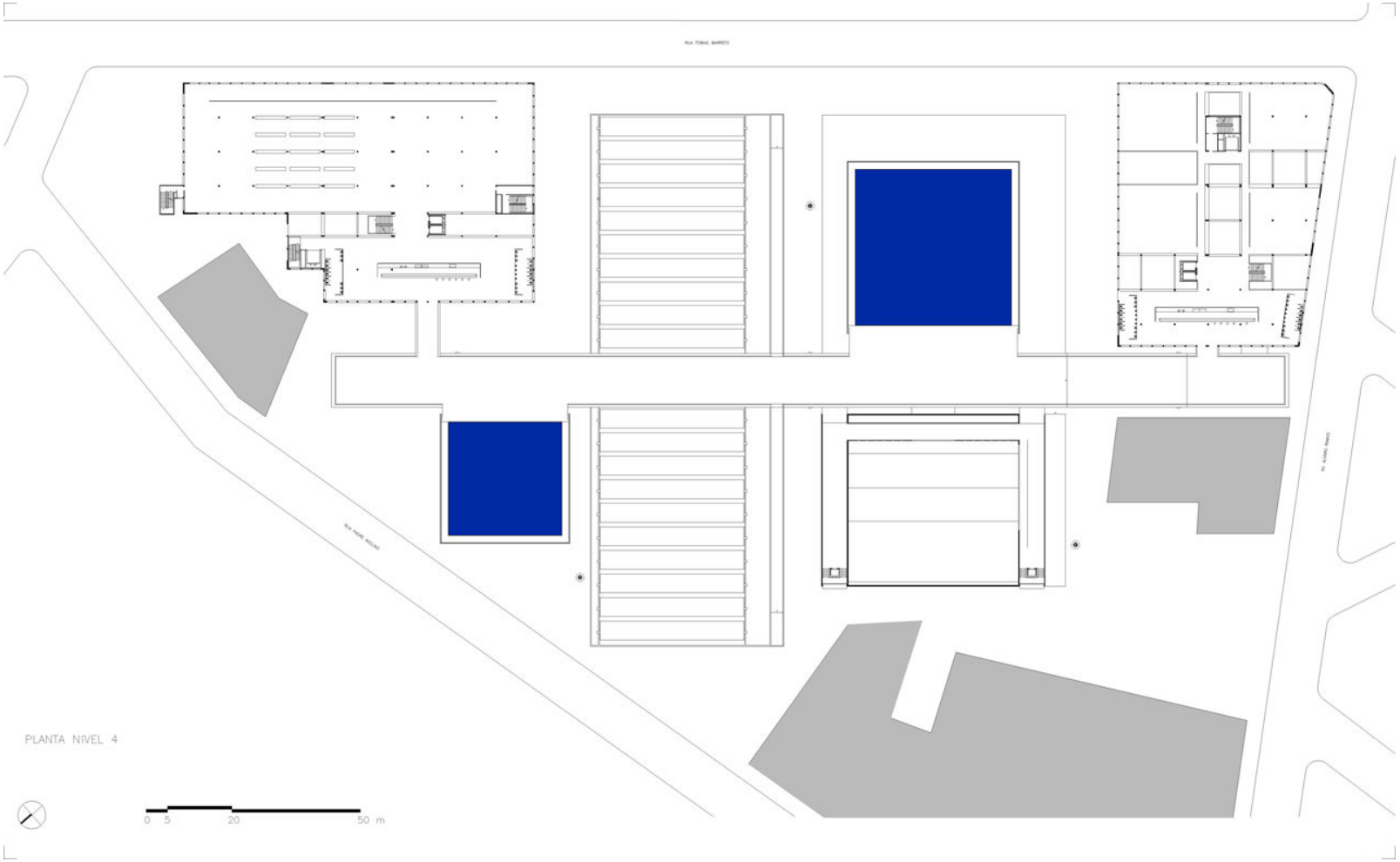


figura 207. pmr-c-sesct-des-05. fonte: Escritório PMR

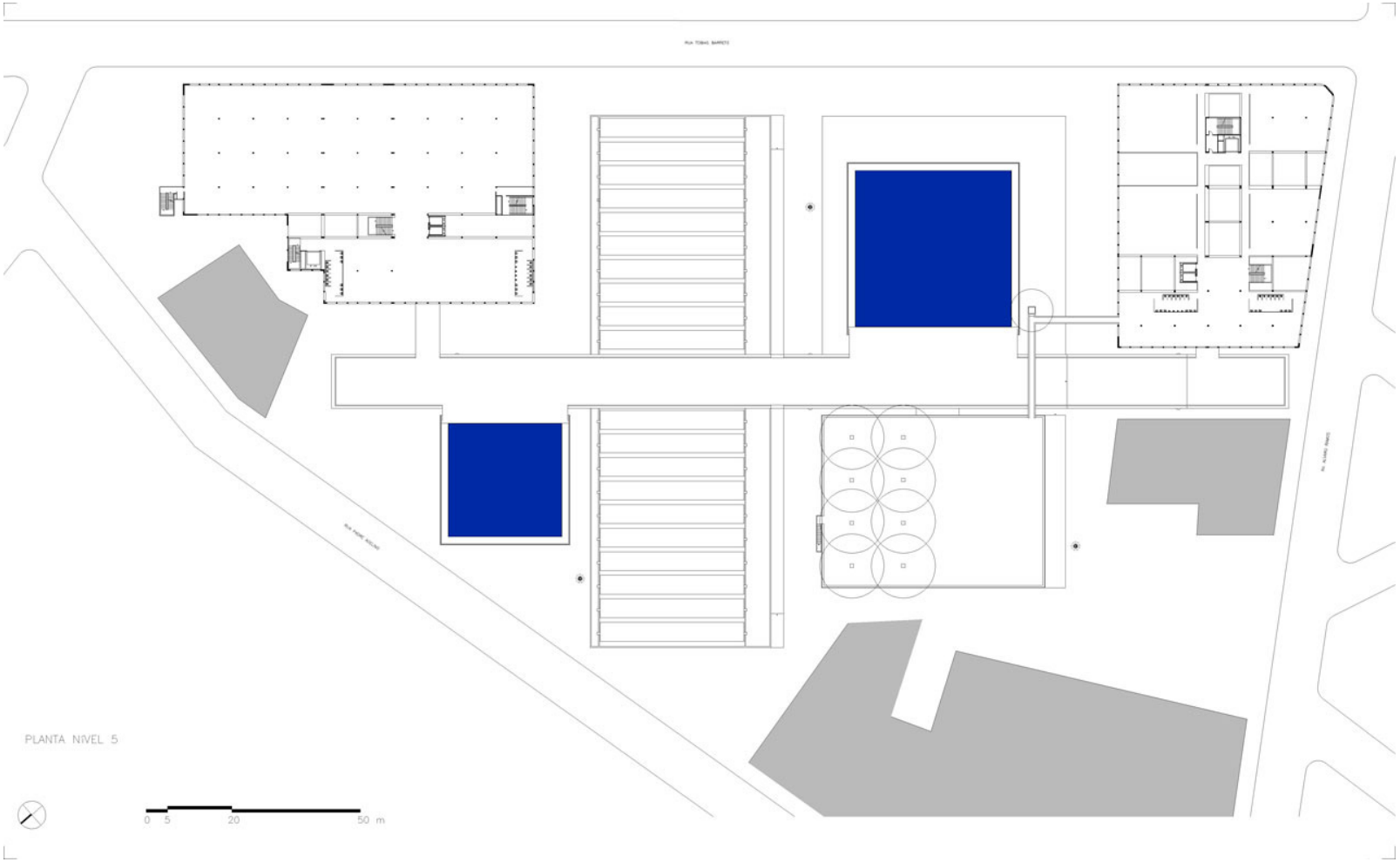


figura 208. pmr-c-sesct-des-06. fonte: Escritório PMR

Sede do Serviço Social do Comércio (SESC) Tatuapé 1996

são paulo

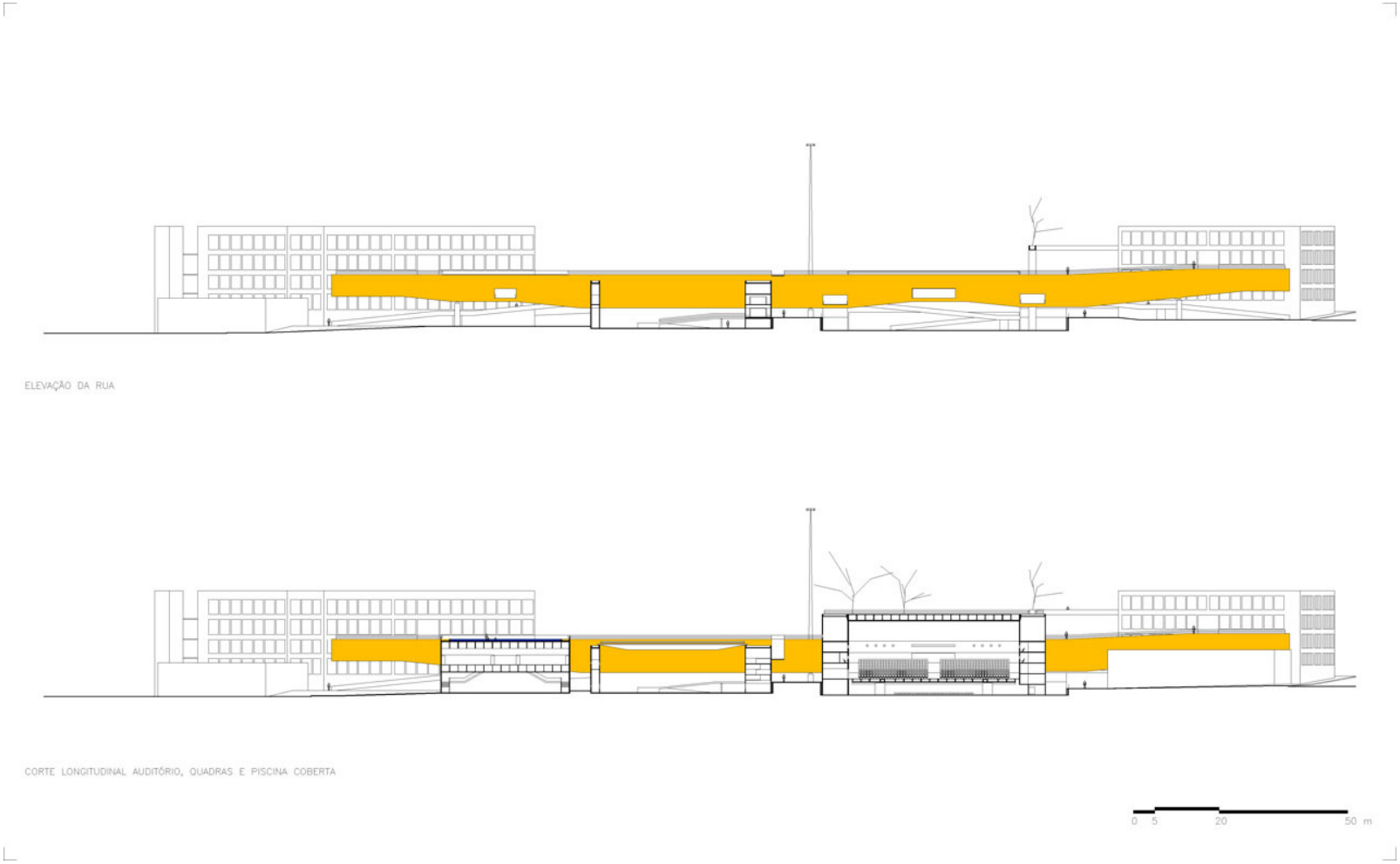


figura 209. pmr-c-sesct-des-07. fonte: Escritório PMR

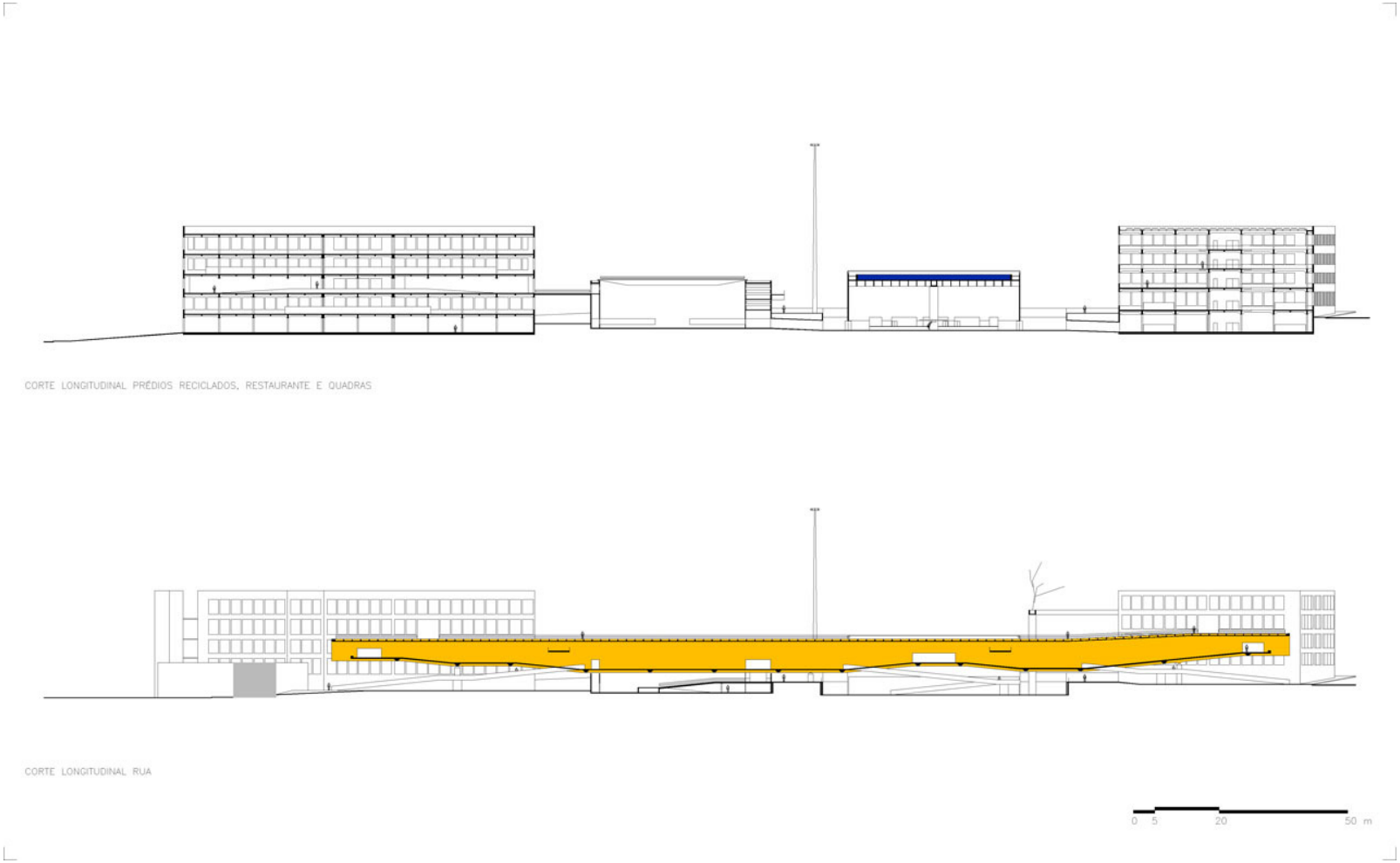


figura 210. pmr-c-sesct-des-08. fonte: Escritório PMR

Sede do Serviço Social do Comércio (SESC) Tatuapé 1996

são paulo

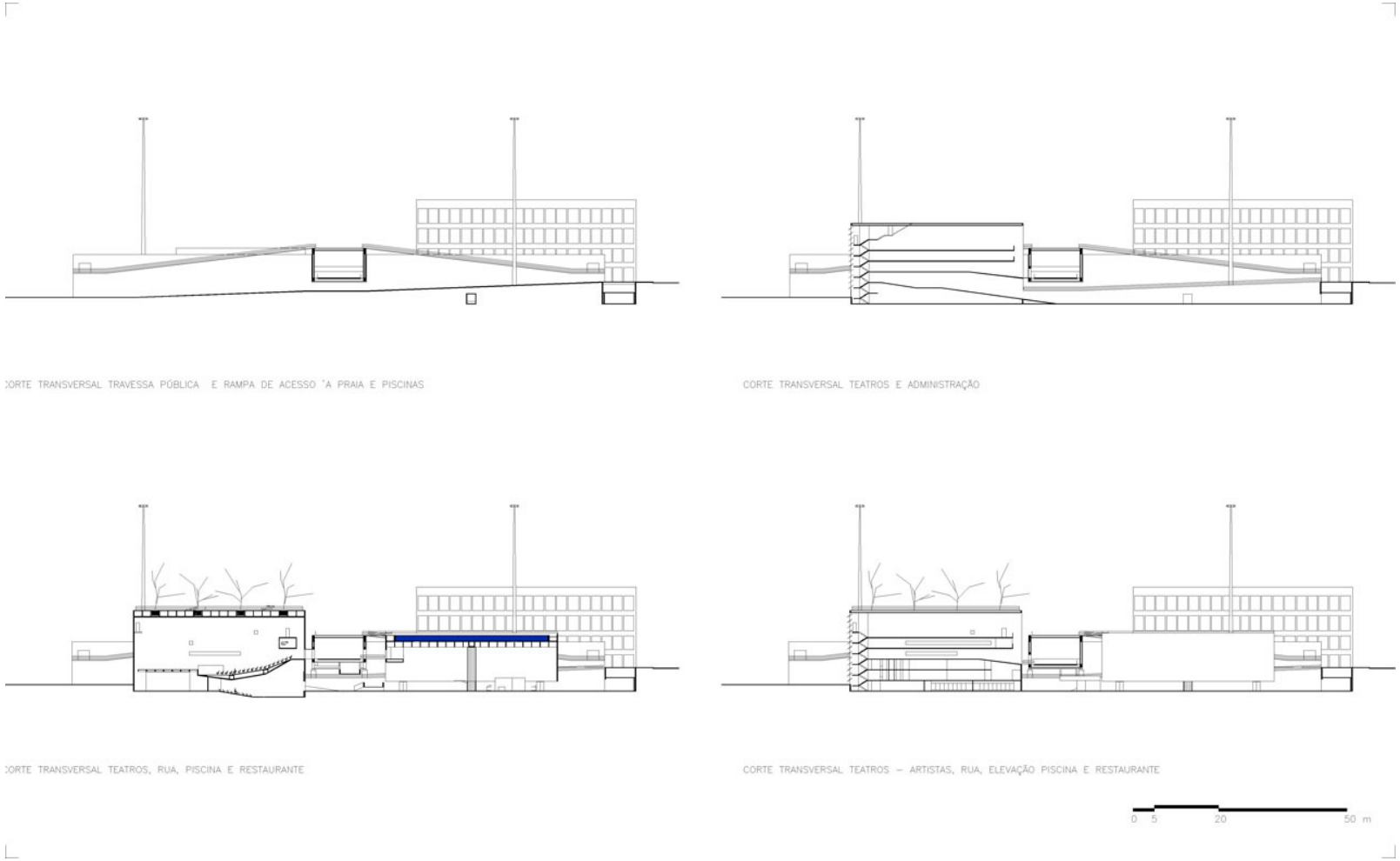


figura 211. pmr-c-sesct-des-09. fonte: Escritório PMR

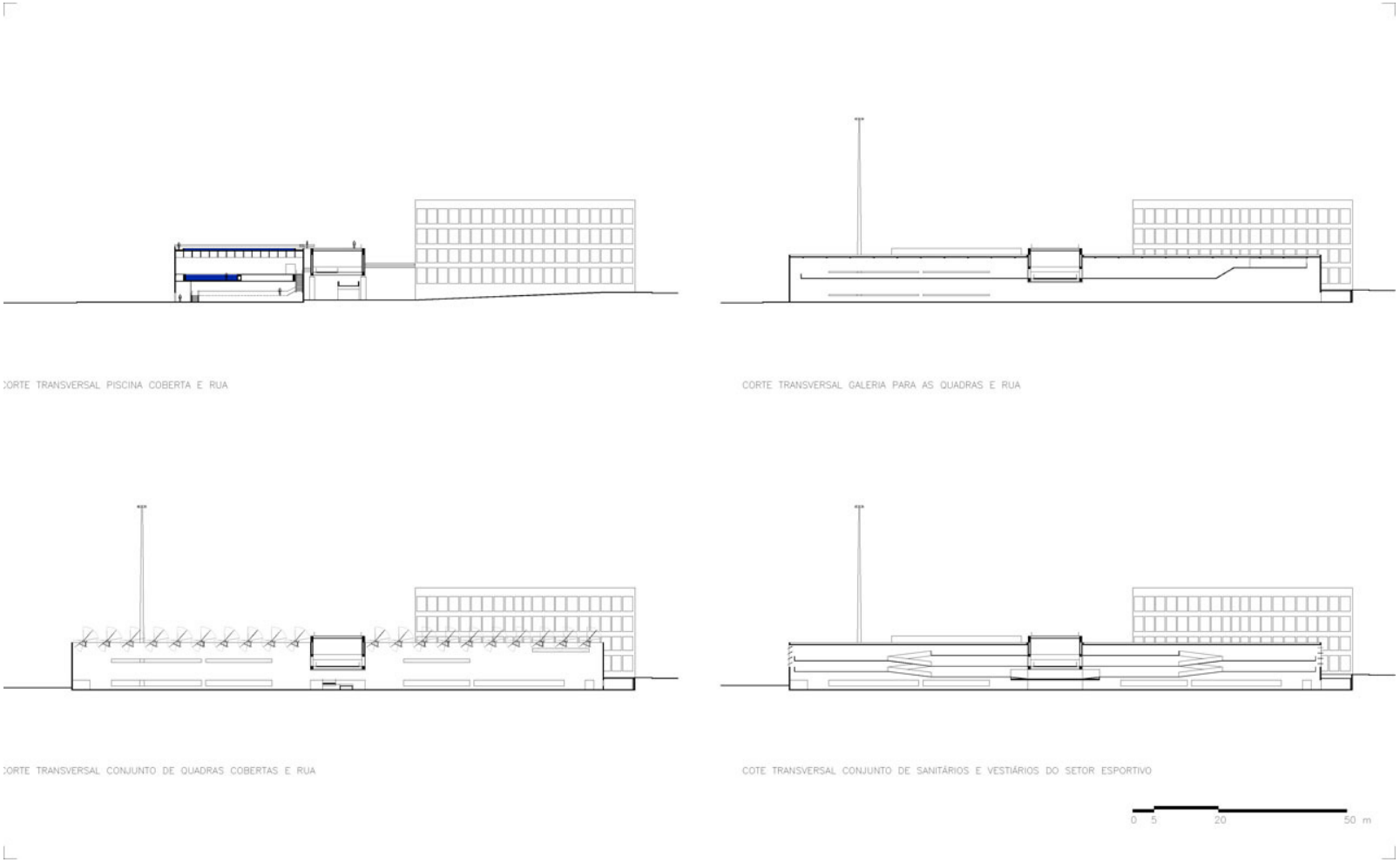


figura 212. pmr-c-sesct-des-10. fonte: Escritório PMR

Sede do Serviço Social do Comércio (SESC) Tatuapé 1996

são paulo

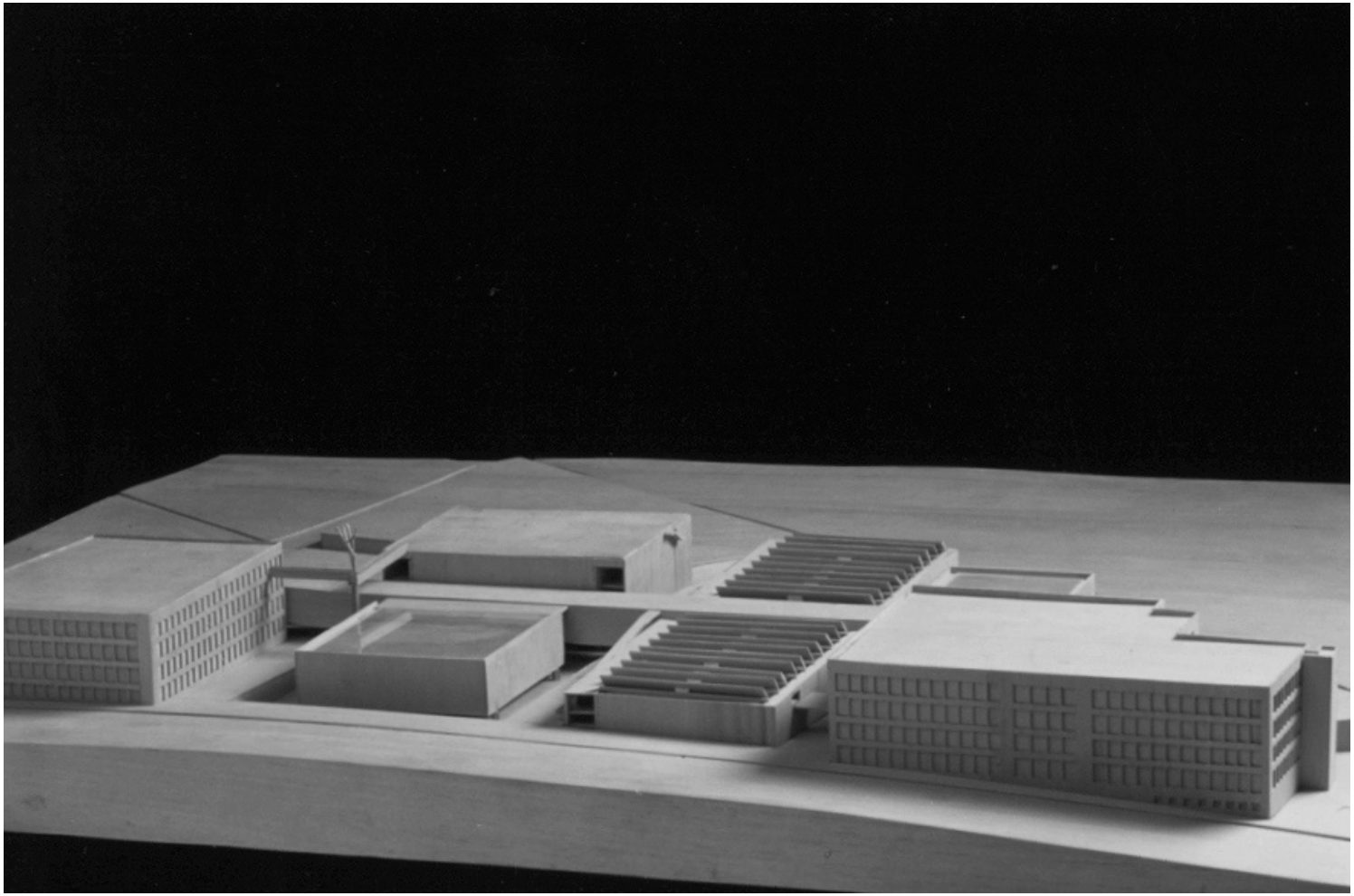


figura 213. pmr-c-sesct-maquete-01. fonte: Escritório PMR

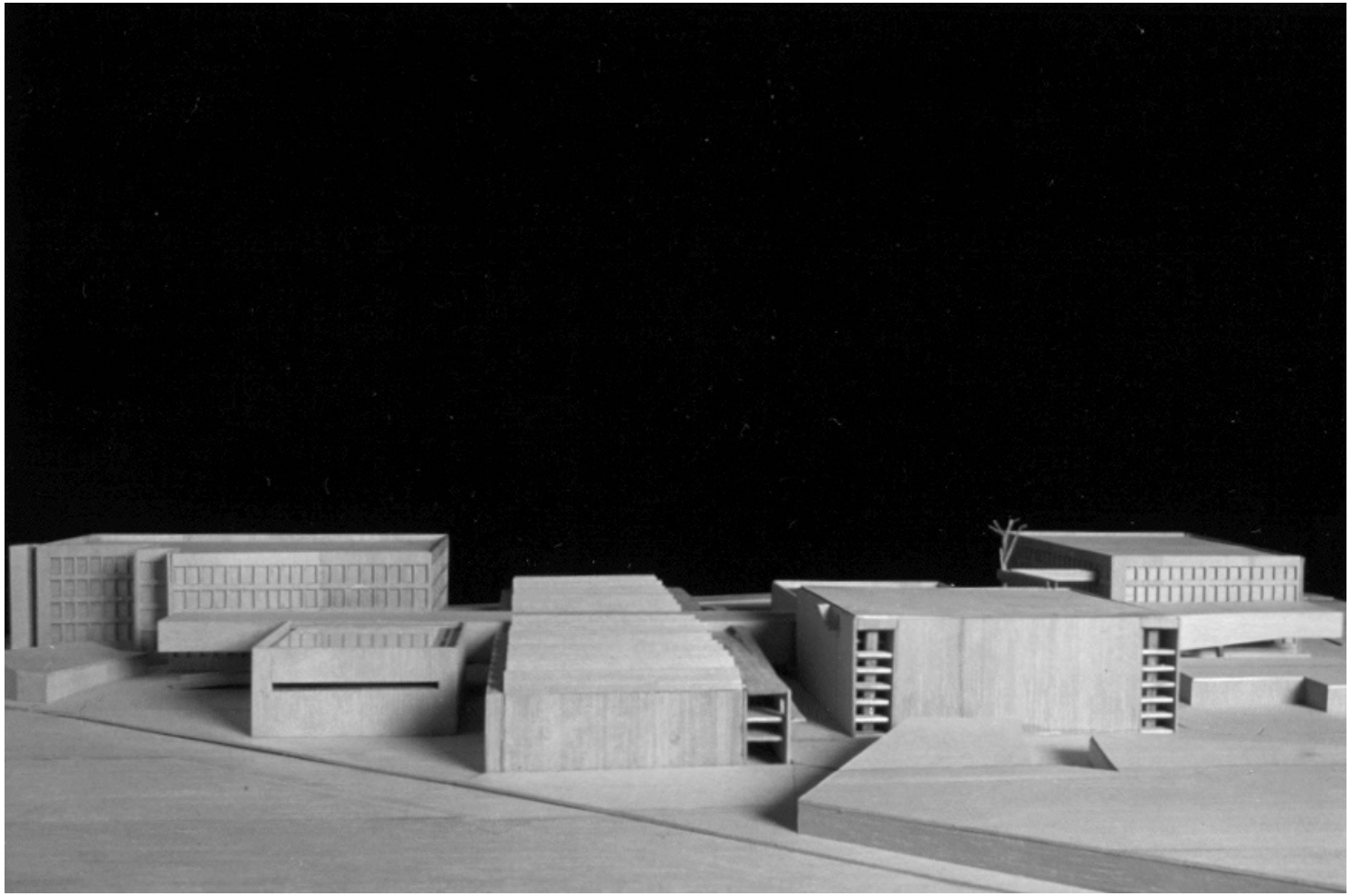


figura 214. pmr-c-sesct-maquete-02. fonte: Escritório PMR

Sede do Serviço Social do Comércio (SESC) Tatuapé 1996

são paulo



figura 215. pmr-c-sesct-maquete-03. fonte: Escritório PMR



figura 216. pmr-c-sesct-maquete-04. fonte: Escritório PMR

Museu Constantini - Buenos Aires 1997

argentina

_ Tipo de Concurso

público internacional

_ Entidade Promotora

-

_ Organizador do Concurso

UIA- União Internacional dos Arquitetos

_Número de Projetos Entregues

450

_ Colocação Paulo Mendes da Rocha

não premiado

_ Premiados

1º- Gaston Atelman, Alfredo Tapia e Martin Fourcade (ARG)

Menção Honrosa- Eduardo de Almeida (BRA)

_ Jurados

Sara Topelson de Grinberg
Mario Botta
Kenneth Frampton
Norman Foster
Joseph Kleihues
Enric Miralles
Terence Riley
Cesar Pell
Bernardo Dujovne
Jose Ignacio Miguens
Eduardo Costantini
Jorge Glusberg

_ Anotações

projeto construído

_ Acervo Disponível

projeto completo em formato digital (disponibilizado pelo escritório do arquiteto)

_ Equipe de Projeto

_ Bibliogafia

OTONDO, C. Relações entre pensar e fazer na obra de Paulo Mendes da Rocha. 247 p. Tese (Doutorado em Arquitetura e urbanismo). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

PISANI, D. Paulo Mendes da Rocha, Obra Completa. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

SANTOS, Valéria Cássia dos. Concursos de Arquitetura em São Paulo. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2002.

SOBREIRA, F; FLYNN, M. H.; RIBEIRO, P.V.B. (orgs.) Paulo Mendes da Rocha: sobre concursos e memórias (entrevista). Brasília: MGSR, 2018.

Museu Constantini - Buenos Aires 1997

argentina

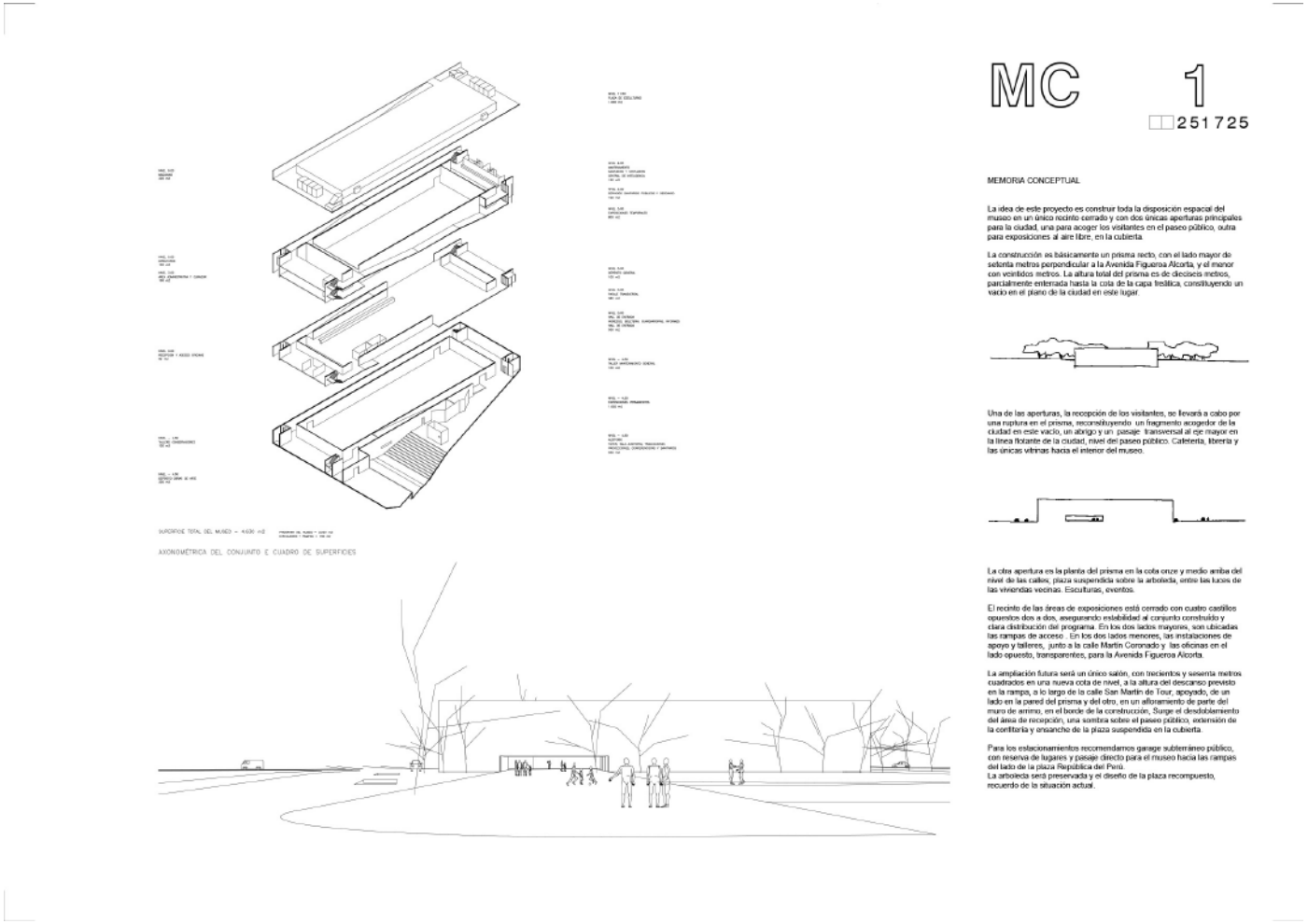


figura 217. pmr-c-mcb-flh-01. fonte: Escritório PMR

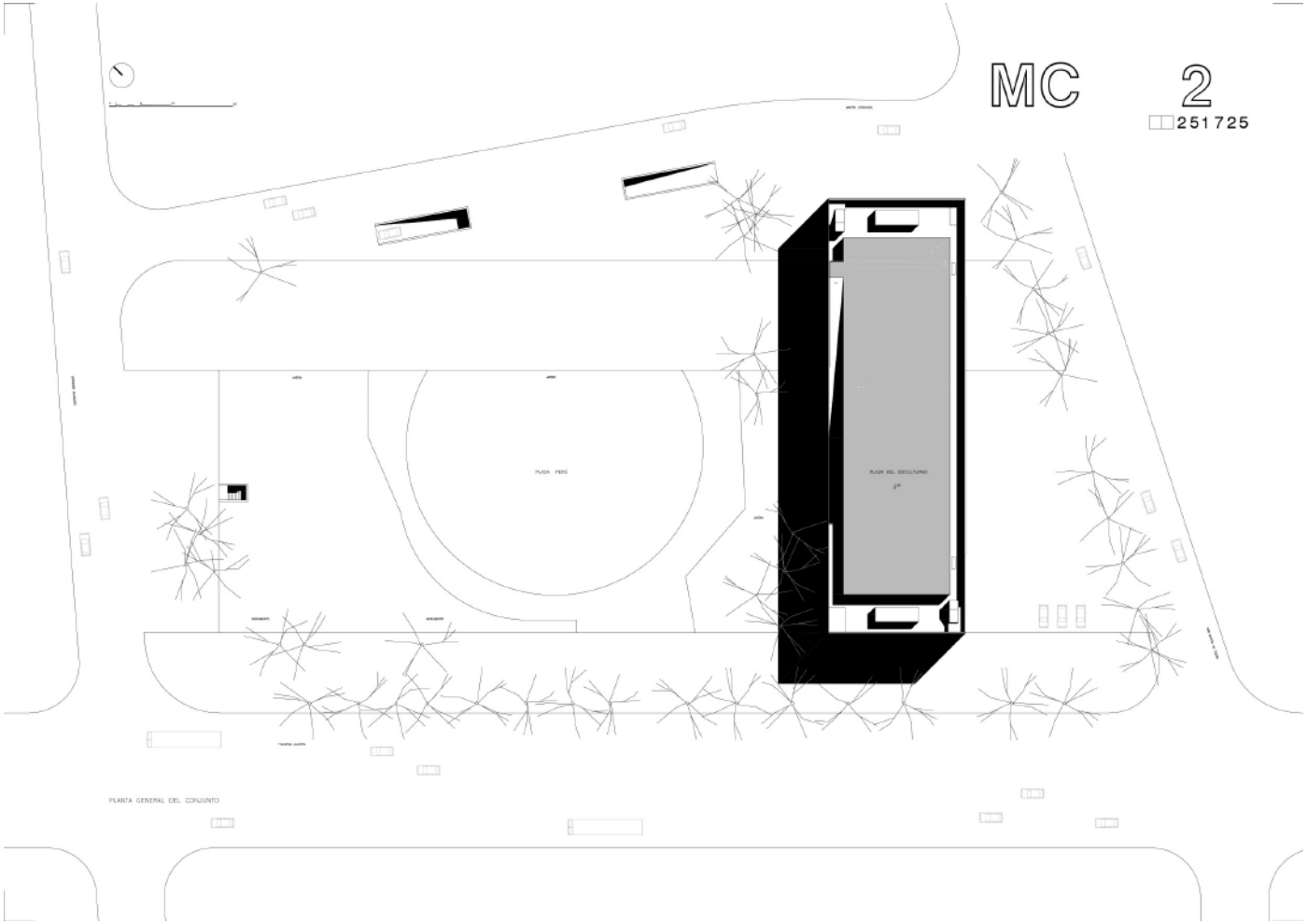


figura 218. pmr-c-mcb-flh-02. fonte: Escritório PMR

Museu Constantini - Buenos Aires 1997

argentina

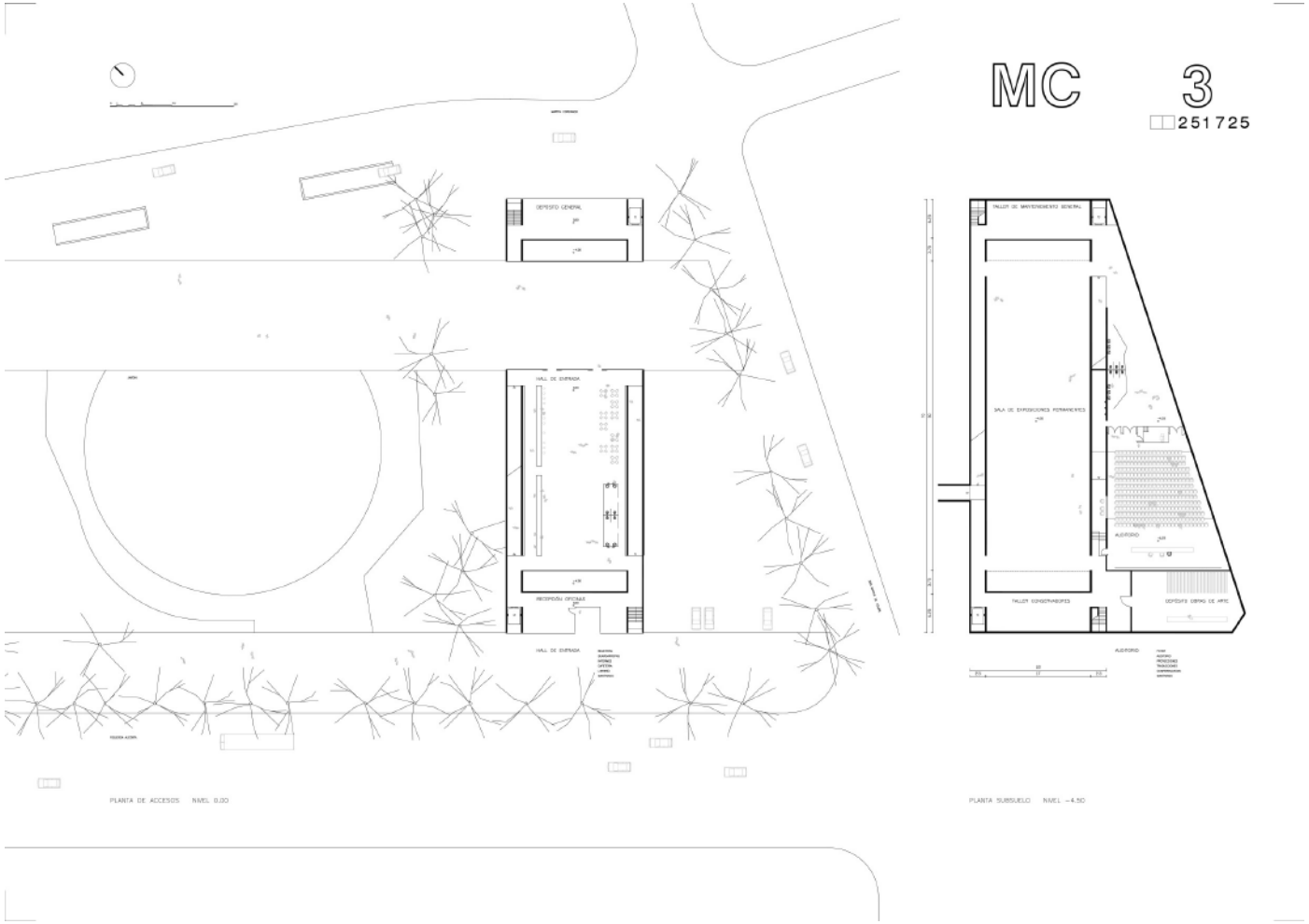


figura 219. pmr-c-mcb-flh-03. fonte: Escritório PMR

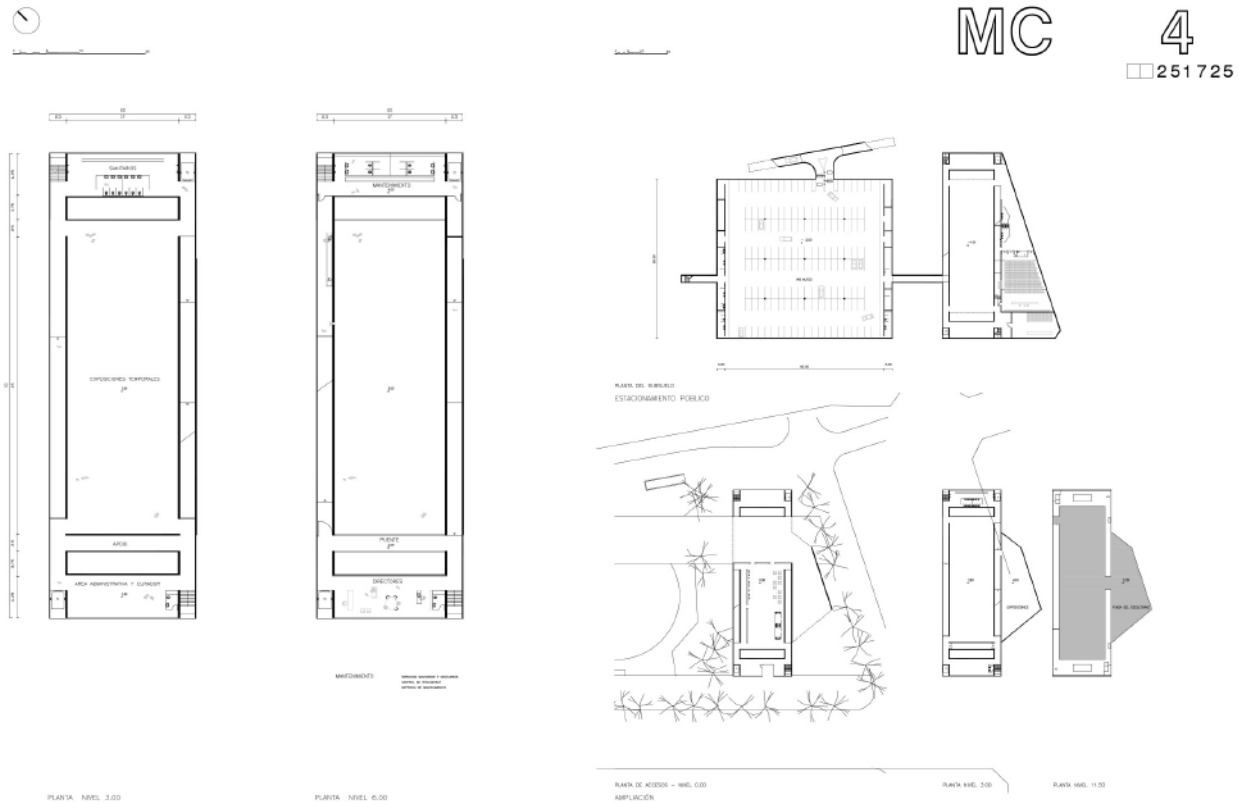


figura 220. pmr-c-mcb-flh-04. fonte: Escritório PMR

Museu Constantini - Buenos Aires 1997

argentina

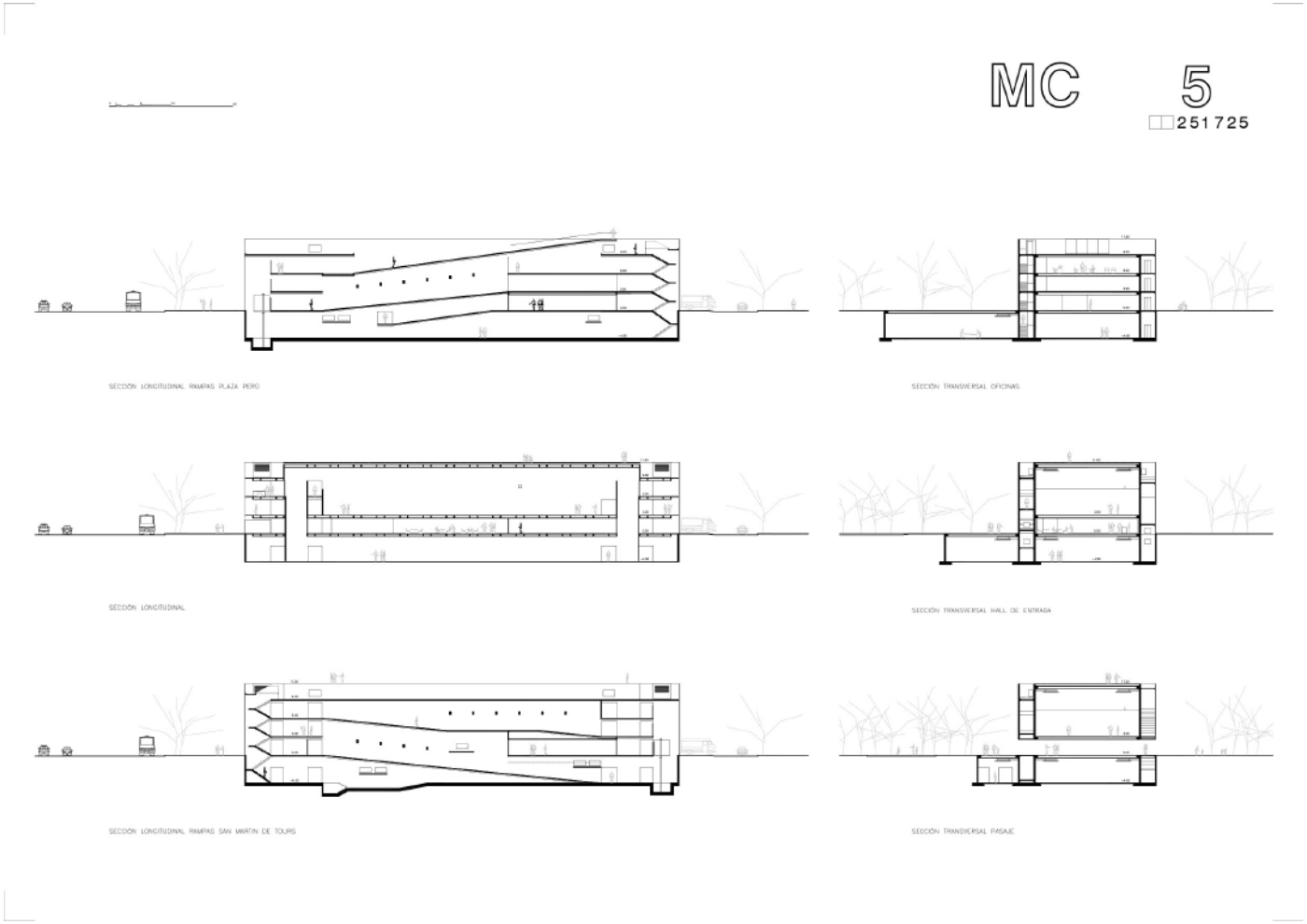


figura 221. pmr-c-mcb-flh-05. fonte: Escritório PMR

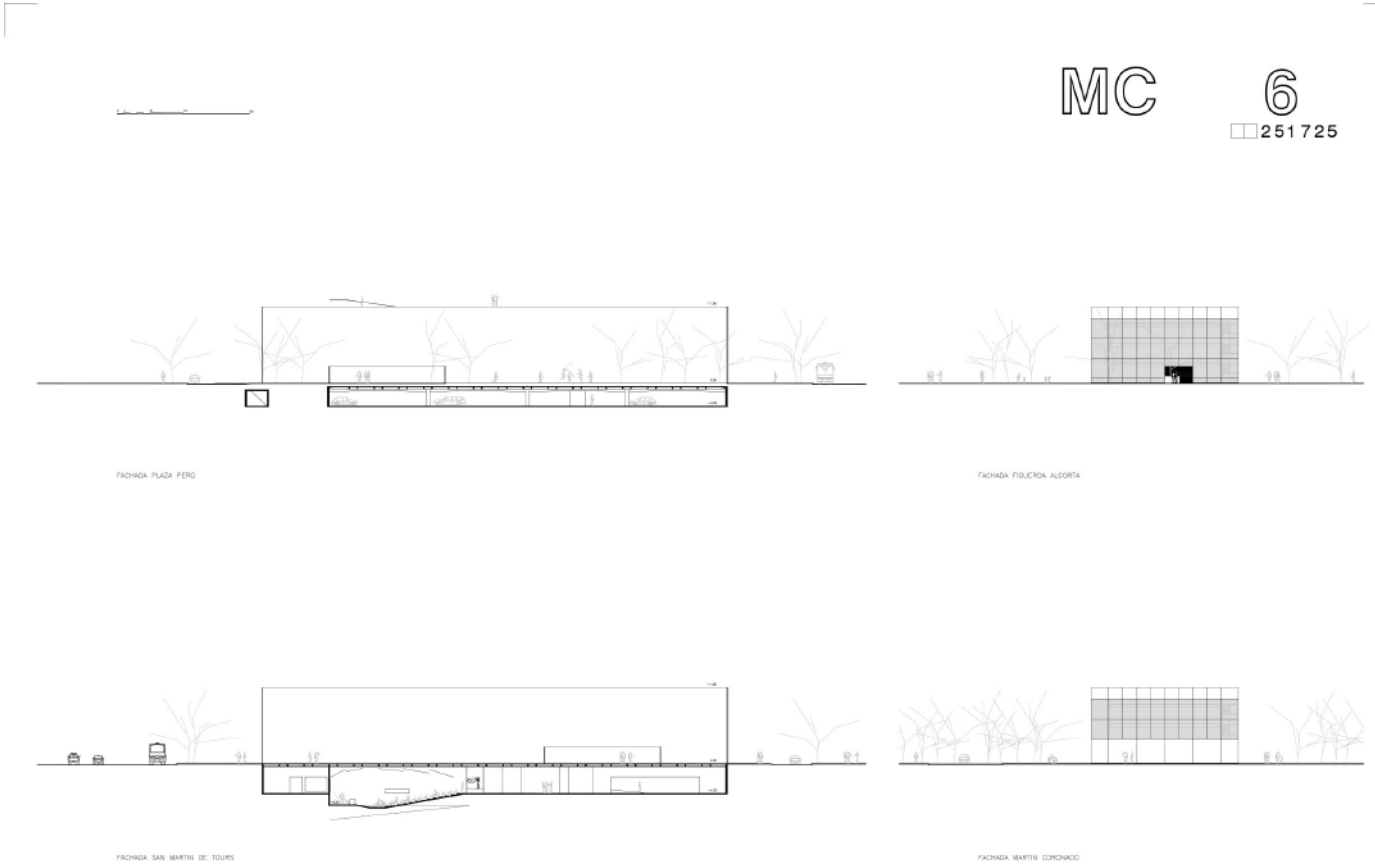


figura 222. pmr-c-mcb-flh-06. fonte: Escritório PMR

Centro de Coordenação Geral do SIVAM 1998

brasília

_ Tipo de Concurso

fechado (carta convite)

_ Entidade Promotora

Ministério da Aeronáutica

_ Organizador do Concurso

-

_Número de Projetos Entregues

2

_ Colocação Paulo Mendes da Rocha

não premiado

_ Premiados

1º- Sergio Parada

_ Jurados

_ Acervo Disponível

projeto completo em formato digital (disponibilizado pelo escritório do arquiteto)

_ Equipe de Projeto

Paulo Mendes da Rocha (autor)

Angelo Bucci (MMBB)

Fernando de Mello Franco (MMBB)

Marta Moreira (MMBB)

Milton Braga (MMBB)

Pablo Hereñu (estagiário)

Carmem Morais (estagiária)

_ Bibliogafia

2G, Revista internacional de arquitectura. n. 45. Paulo Mendes da Rocha. Barcelona: Gustavo Gili, 2011.

ANUALDESIGN. Edifício Sivam, s.d. Disponível em: <https://anualdesign.com.br/brasilia/projetos/1273/edificio-sivam/>. Acesso em: 19 de set. de 2022.

ARTIGAS, R. Paulo Mendes da Rocha. São Paulo: Cosac Naify, 2000.

OTONDO, C. Relações entre pensar e fazer na obra de Paulo Mendes da Rocha. 247 p. Tese (Doutorado em Arquitetura e urbanismo). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

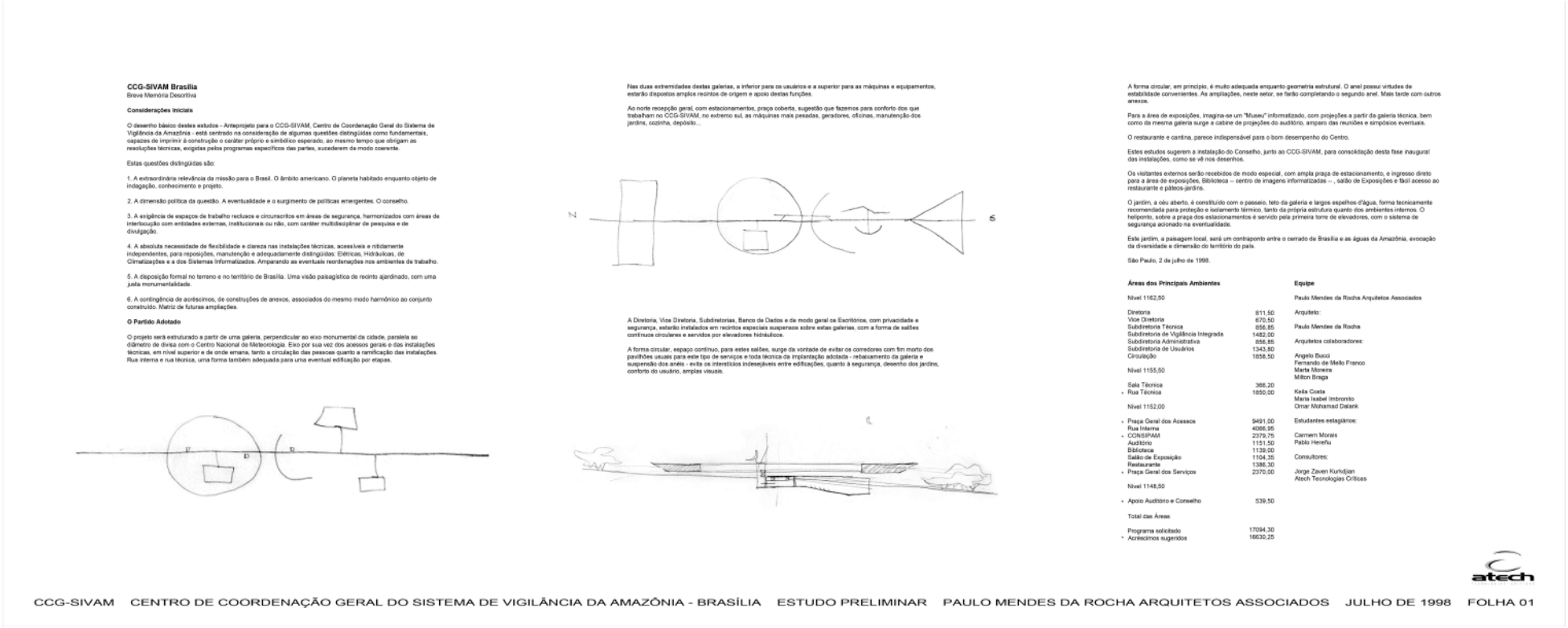
PISANI, D. Paulo Mendes da Rocha, Obra Completa. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

SOBREIRA, F; FLYNN, M. H.; RIBEIRO, P.V.B. (orgs.) Paulo Mendes da Rocha: sobre concursos e memórias (entrevista). Brasília: MGSR, 2018.

SPIRO, A. Paulo Mendes da Rocha, Bauten und Projekte. Zurich: Niggli, 2002.

Centro de Coordenação Geral do SIVAM 1998

brasília



CCG-SIVAM Brasília
Breve Memória Descritiva

Considerações Iniciais

O desenho básico destes estudos - Anteprojeto para o CCG-SIVAM, Centro de Coordenação Geral do Sistema de Vigilância da Amazônia - está centrado na consideração de algumas questões distinguidas como fundamentais, capazes de imprimir à construção o caráter próprio e simbólico esperado, ao mesmo tempo que obrigam as resoluções técnicas, exigidas pelos programas específicos das partes, sucederem de modo coerente.

Estas questões distinguidas são:

1. A extraordinária relevância da missão para o Brasil. O âmbito americano. O planeta habitado enquanto objeto de indagação, conhecimento e projeto.

2. A dimensão política da questão. A eventualidade e o surgimento de políticas emergentes. O conselho.

3. A exigência de espaços de trabalho reclusos e circunscritos em áreas de segurança, harmonizados com áreas de interlocução com entidades externas, institucionais ou não, com caráter multidisciplinar de pesquisa e de divulgação.

4. A absoluta necessidade de flexibilidade e clareza nas instalações técnicas, acessíveis e nitidamente independentes, para reposições, manutenção e adequadamente distinguidas: Elétricos, Hidráulicas, de Climatizações e a dos Sistemas Informatizados. Amparando as eventuais reordenações nos ambientes de trabalho.

5. A disposição formal no terreno e no território de Brasília. Uma visão paisagística de recinto ajardinado, com uma justa monumentalidade.

6. A contingência de acréscimos, de construções de anexos, associados do mesmo modo harmônico ao conjunto construído. Matriz de futuras ampliações.

O Partido Adotado

O projeto será estruturado a partir de uma galeria, perpendicular ao eixo monumental da cidade, paralela ao diâmetro de divisa com o Centro Nacional de Meteorologia. Eixo por sua vez dos acessos gerais e das instalações técnicas, em nível superior e de onde emana, tanto a circulação das pessoas quanto a ramificação das instalações. Rua interna e rua técnica, uma forma também adequada para uma eventual edificação por etapas.

Nas duas extremidades destas galerias, a inferior para os usuários e a superior para as máquinas e equipamentos, estarão dispostos amplos recintos de origem e apoio destas funções.

Ao norte recepção geral, com estacionamentos, praça coberta, sugestão que fazemos para conforto dos que trabalham no CCG-SIVAM, no extremo sul, as máquinas mais pesadas, geradores, oficinas, manutenção dos jardins, cozinha, depósito...

A Diretoria, Vice Diretoria, Subdiretorias, Banco de Dados e de modo geral os Escritórios, com privacidade e segurança, estarão instalados em recintos especiais suspensos sobre estas galerias, com a forma de salões contínuos circulares e servidos por elevadores hidráulicos.

A forma circular, espaço contínuo, para estes salões, surge da vontade de evitar os corredores com fim morto dos pavilhões usuais para este tipo de serviços e toda técnica da implantação adotada - rebaixamento da galeria e suspensão dos anéis - evita os intersticios indesejáveis entre edificações, quanto à segurança, desenho dos jardins, conforto do usuário, amplas visuais.

A forma circular, em princípio, é muito adequada enquanto geometria estrutural. O anel possui virtudes de estabilidade convenientes. As ampliações, neste setor, se farão completando o segundo anel. Mais tarde com outros anexos.

Para a área de exposições, imagina-se um "Museu" informatizado, com projeções a partir da galeria técnica, bem como da mesma galeria surge a cabine de projeções do auditório, amparo das reuniões e simpósios eventuais.

O restaurante e cantina, parece indispensável para o bom desempenho do Centro.

Estes estudos sugerem a instalação do Conselho, junto ao CCG-SIVAM, para consolidação desta fase inaugural das instalações, como se vê nos desenhos.

Os visitantes externos serão recebidos de modo especial, com ampla praça de estacionamento, e ingresso direto para a área de exposições, Biblioteca – centro de imagens informatizadas – , salão de Exposições e fácil acesso ao restaurante e pátios-jardins.

O jardim, a céu aberto, é constituído com o passeio, teto da galeria e largos espelhos d'água, forma tecnicamente recomendada para proteção e isolamento térmico, tanto da própria estrutura quanto dos ambientes internos. O heliponto, sobre a praça dos estacionamentos é servido pela primeira torre de elevadores, com o sistema de segurança acionado na eventualidade.

Este jardim, a paisagem local, será um contraponto entre o cerrado de Brasília e as águas da Amazônia, evocação da diversidade e dimensão do território do país.

São Paulo, 2 de julho de 1998.

Áreas dos Principais Ambientes

Nível 1162,50	
Diretoria	811,50
Vice Diretoria	670,50
Subdiretoria Técnica	856,85
Subdiretoria de Vigilância Integrada	1482,00
Subdiretoria Administrativa	856,85
Subdiretoria de Usuários	1343,80
Circulação	1858,50
Nível 1155,50	
Sala Técnica	366,20
• Rua Técnica	1850,00
Nível 1152,00	
• Praça Geral dos Acessos	9491,00
Rua Interna	4066,95
• CONSIPAM	2379,75
Auditório	1151,50
Biblioteca	1139,00
Salão de Exposição	1104,35
Restaurante	1386,30
• Praça Geral dos Serviços	2370,00
Nível 1148,50	
• Apoio Auditório e Conselho	539,50
Total das Áreas	
Programa solicitado	17094,30
• Acréscimos sugeridos	16630,25

Equipe

Paulo Mendes da Rocha Arquitetos Associados

Arquiteto:

Paulo Mendes da Rocha

Arquitetos colaboradores:

Angelo Bucci
Fernando de Mello Franco
Marta Moreira
Milton Braga

Keila Costa
Maria Isabel Imbronito
Omar Mohamad Dalank

Estudantes estagiários:

Carmem Morais
Pablo Hereñu

Consultores:

Jorge Zaven Kurkdjian
Atech Tecnologias Críticas

CCG-SIVAM CENTRO DE COORDENAÇÃO GERAL DO SISTEMA DE VIGILÂNCIA DA AMAZÔNIA - BRASÍLIA ESTUDO PRELIMINAR PAULO MENDES DA ROCHA ARQUITETOS ASSOCIADOS JULHO DE 1998 FOLHA 01

figura 223. pmr-c-csivam-flh-01. fonte: Escritório PMR

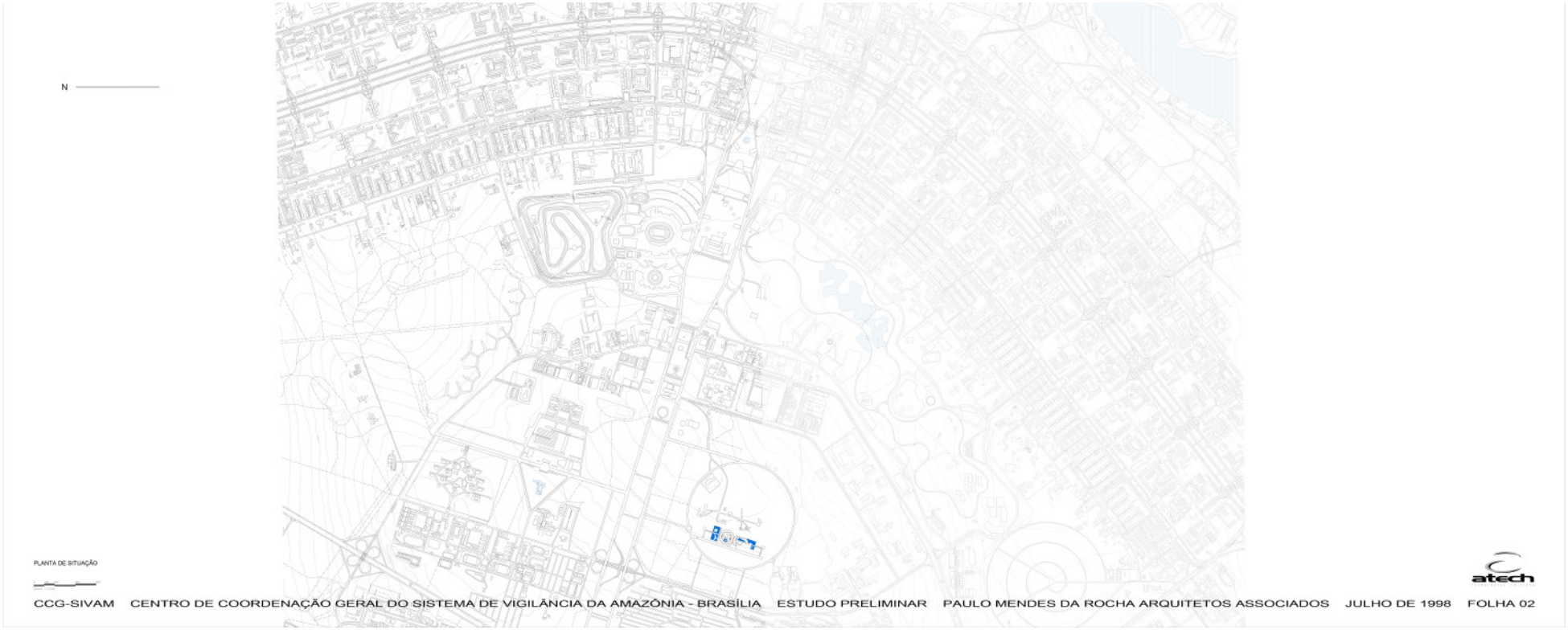


figura 224. pmr-c-csivam-flh-02. fonte: Escritório PMR

Centro de Coordenação Geral do SIVAM 1998

brasília

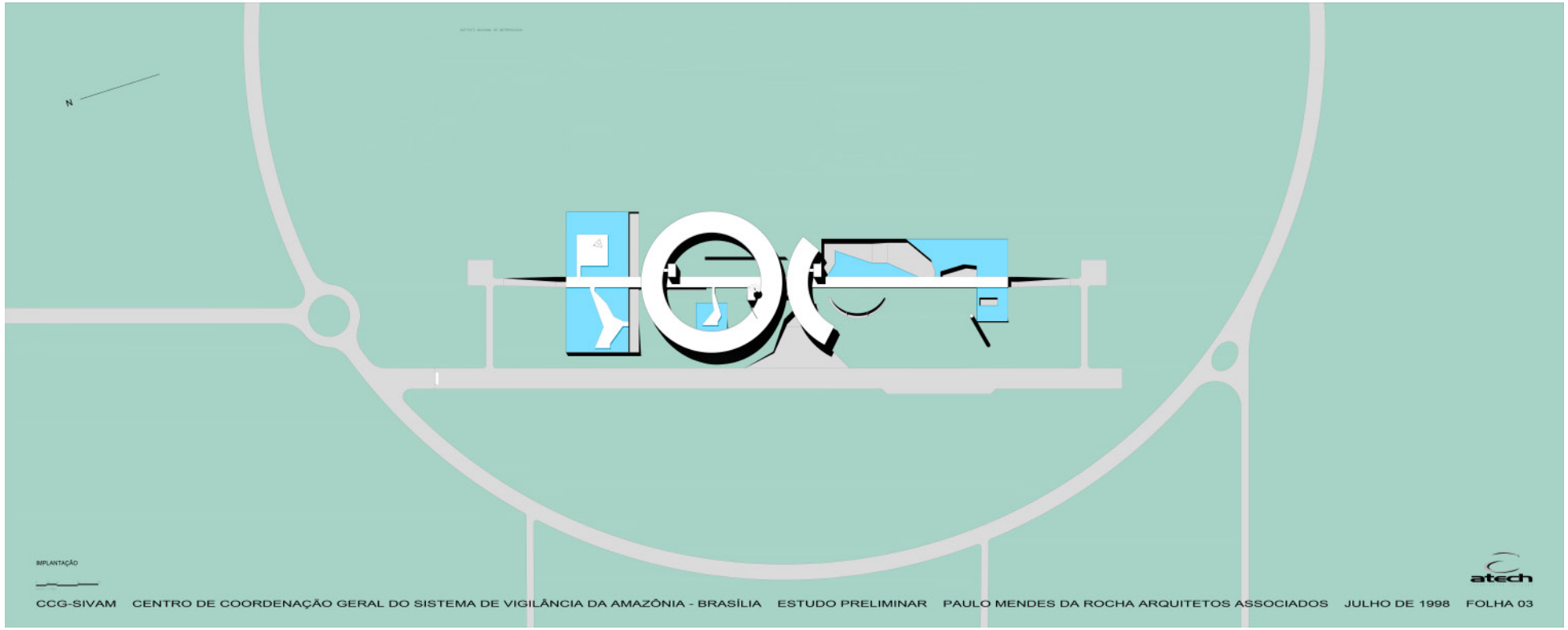


figura 225. pmr-c-csivam-flh-03. fonte: Escritório PMR

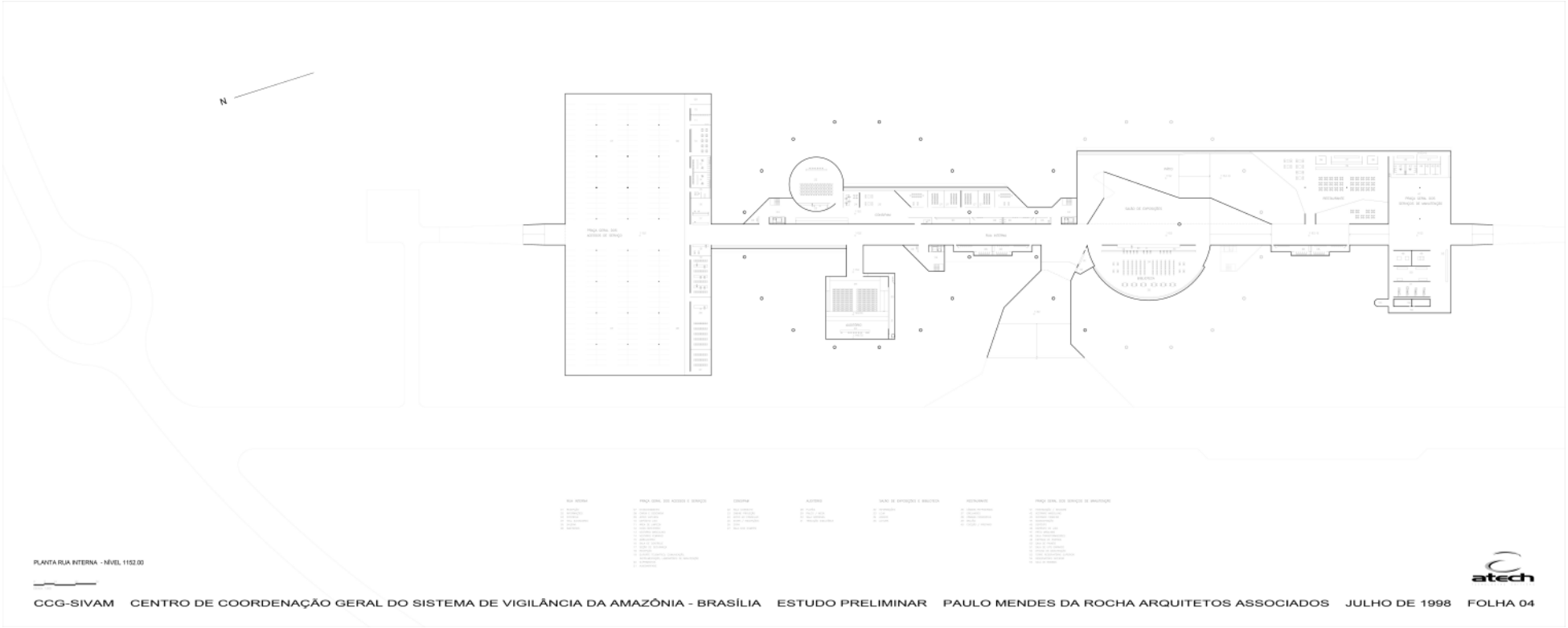


figura 226. pmr-c-csivam-flh-04. fonte: Escritório PMR

Centro de Coordenação Geral do SIVAM 1998

brasília

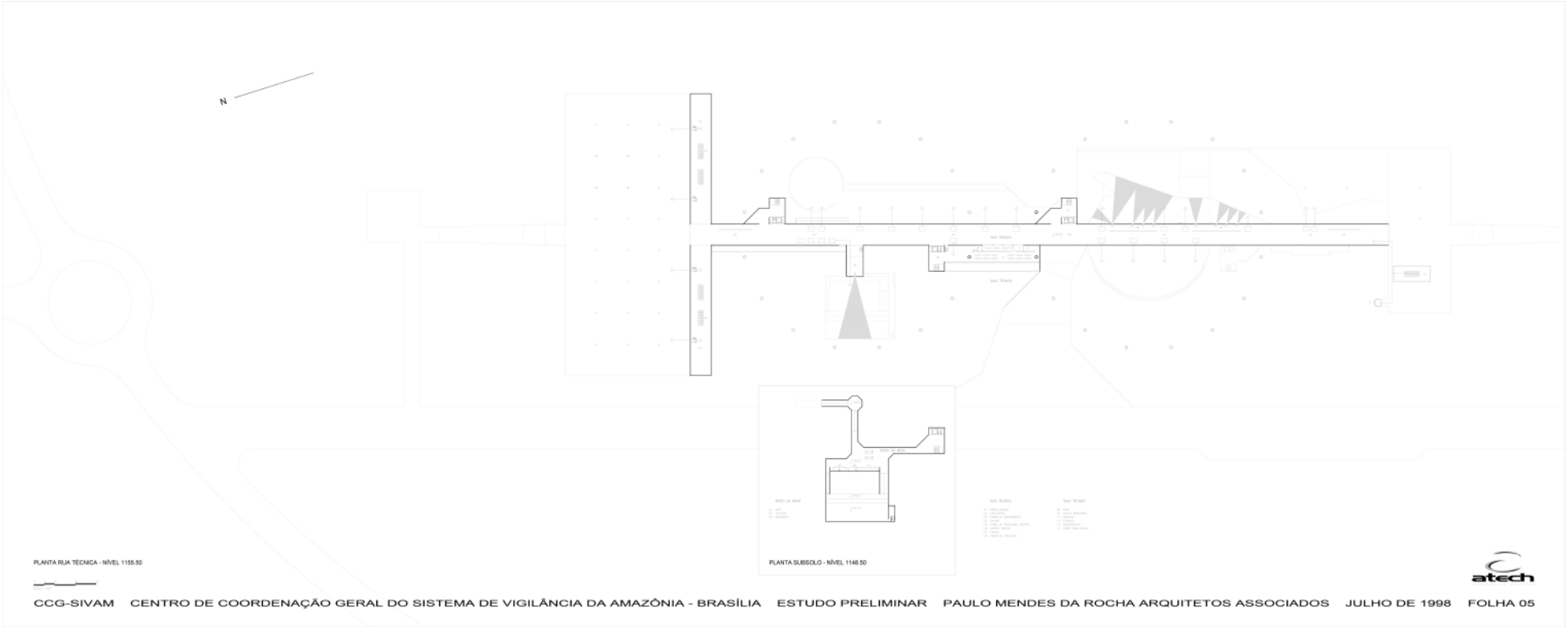


figura 227. pmr-c-csivam-flh-05. fonte: Escritório PMR

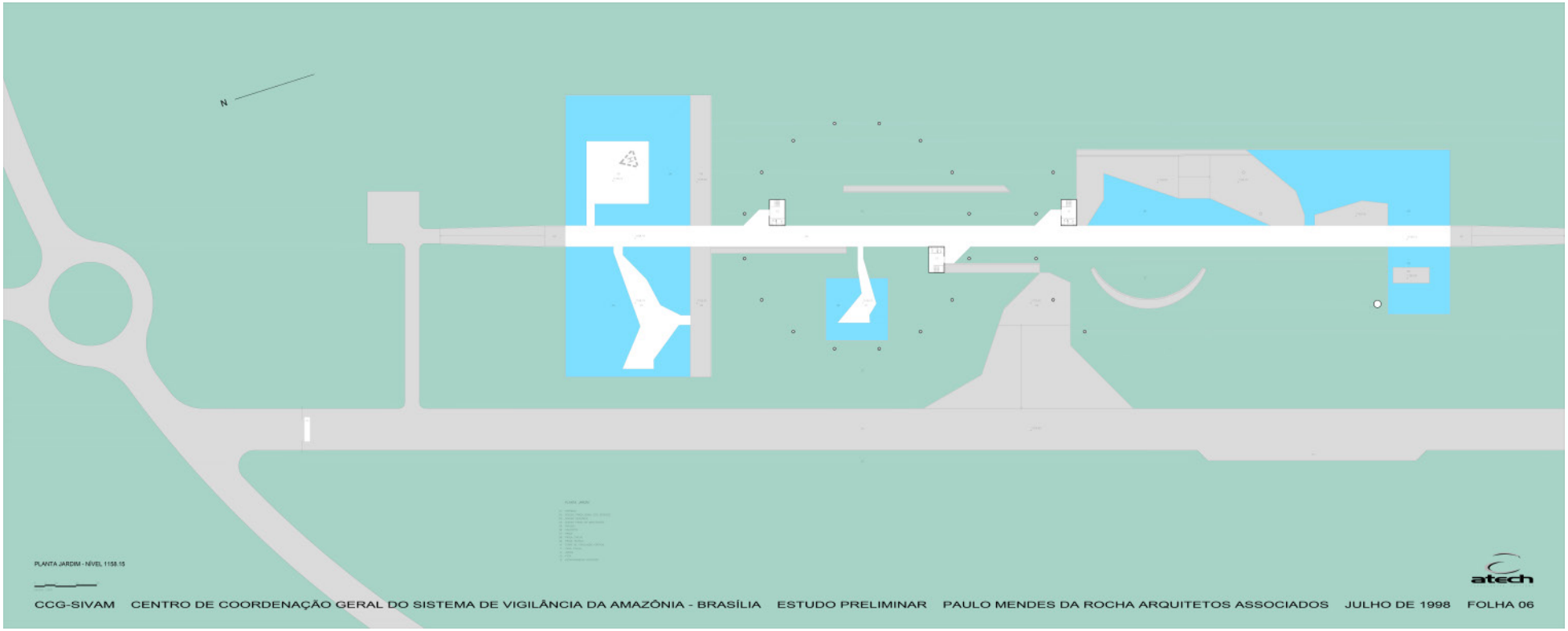


figura 228. pmr-c-csivam-flh-06. fonte: Escritório PMR

Centro de Coordenação Geral do SIVAM 1998

brasília

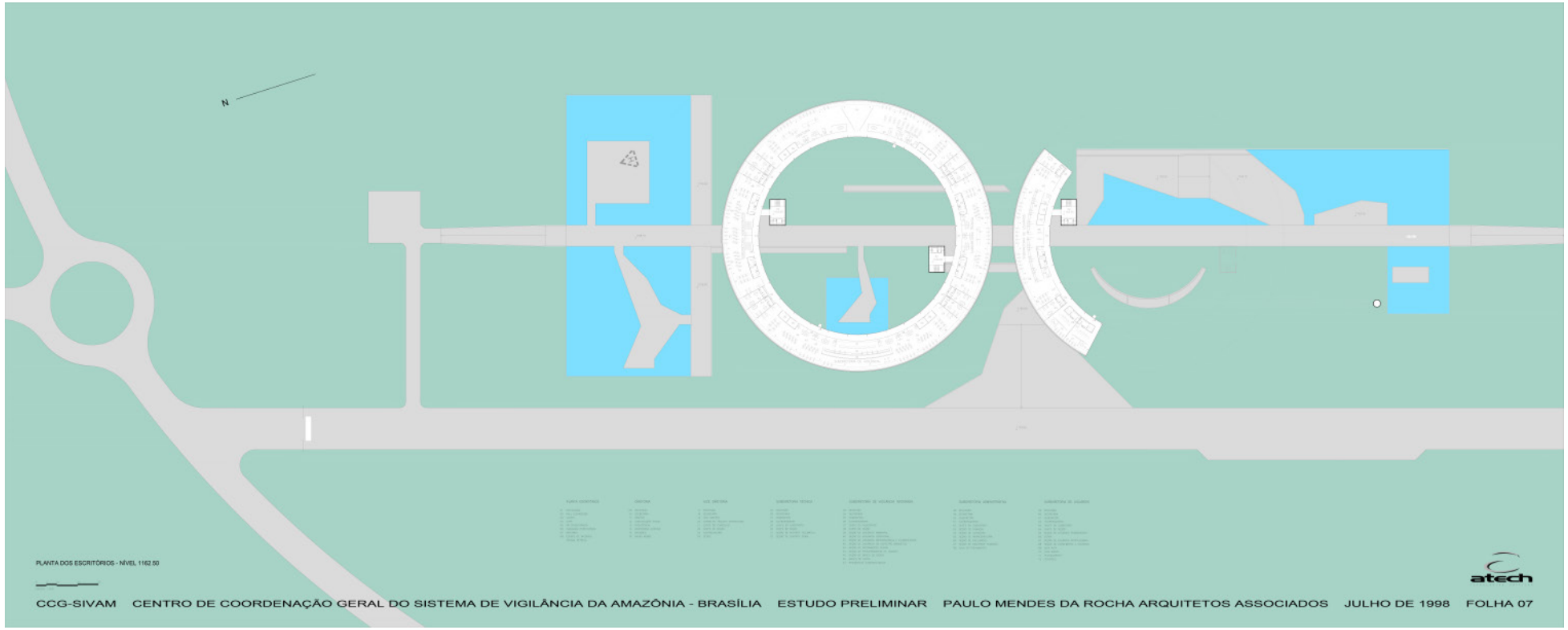


figura 229. pmr-c-csivam-flh-07. fonte: Escritório PMR

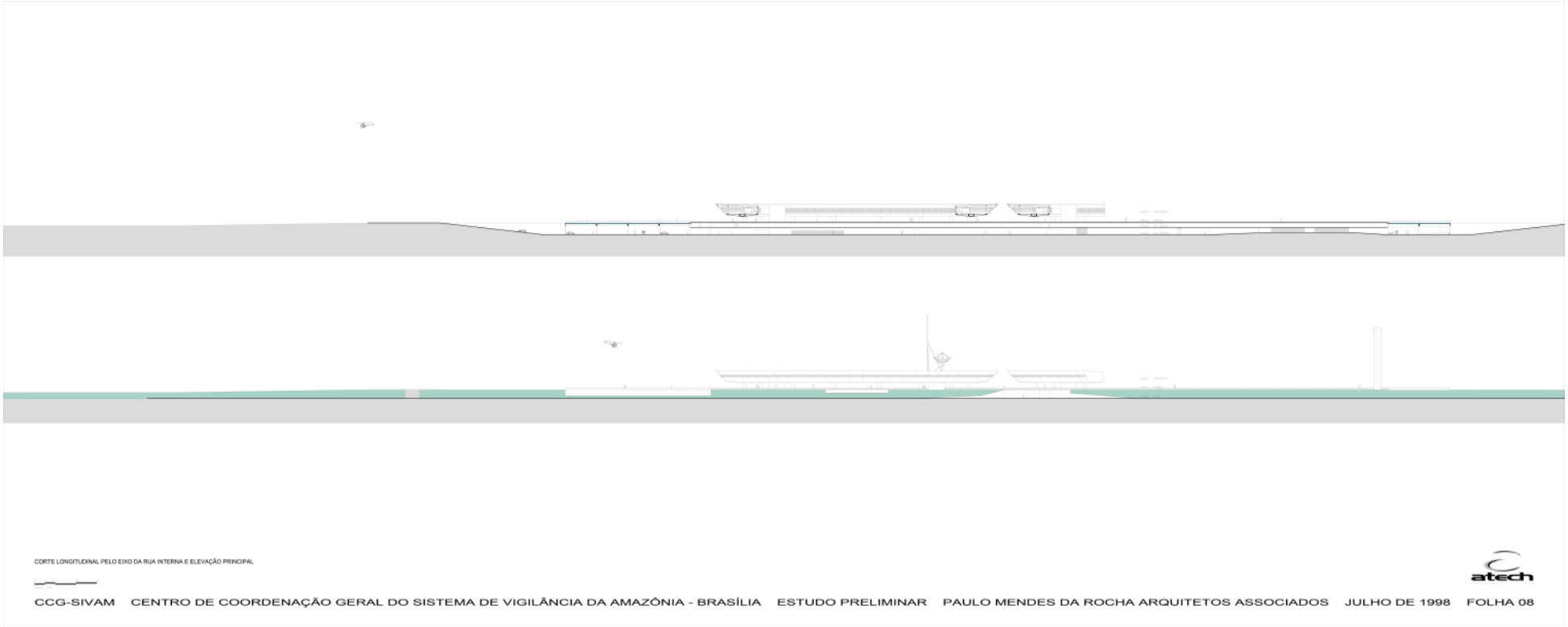


figura 230. pmr-c-csivam-flh-08. fonte: Escritório PMR

Centro de Coordenação Geral do SIVAM 1998

brasília

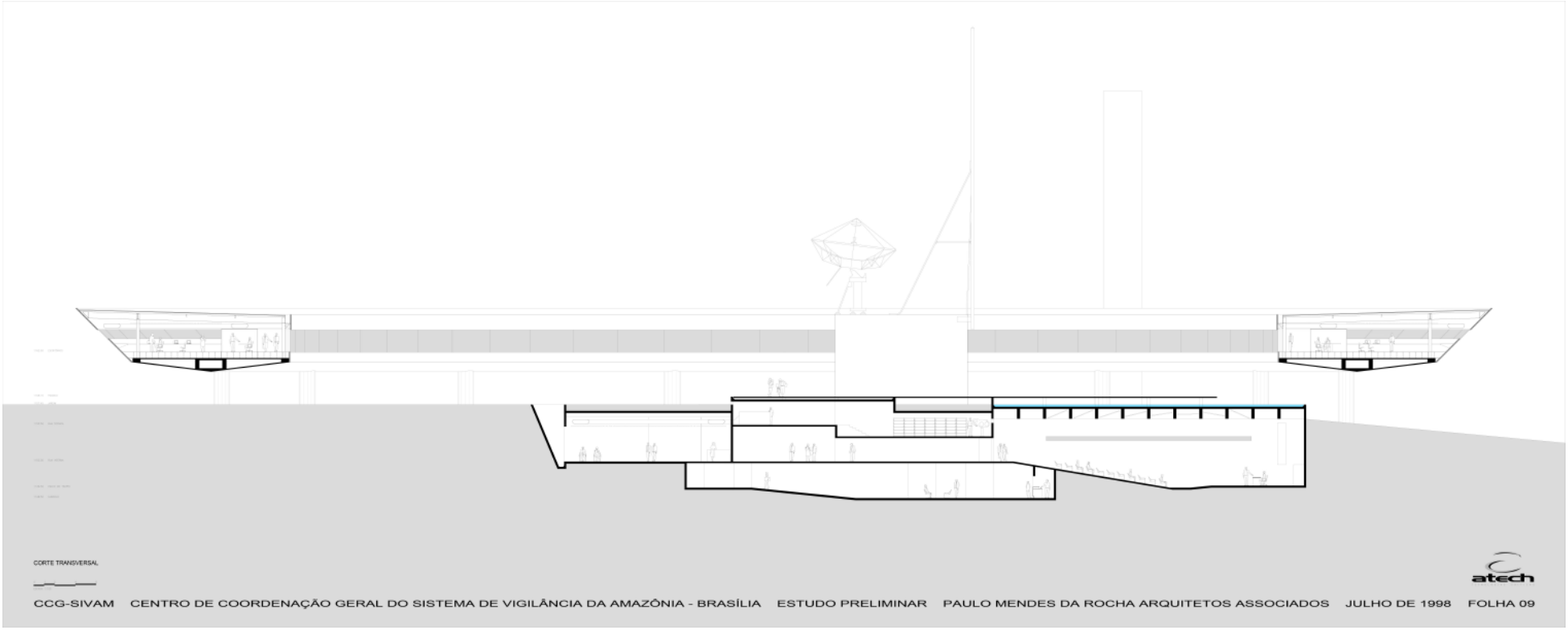


figura 231. pmr-c-csivam-flh-09. fonte: Escritório PMR

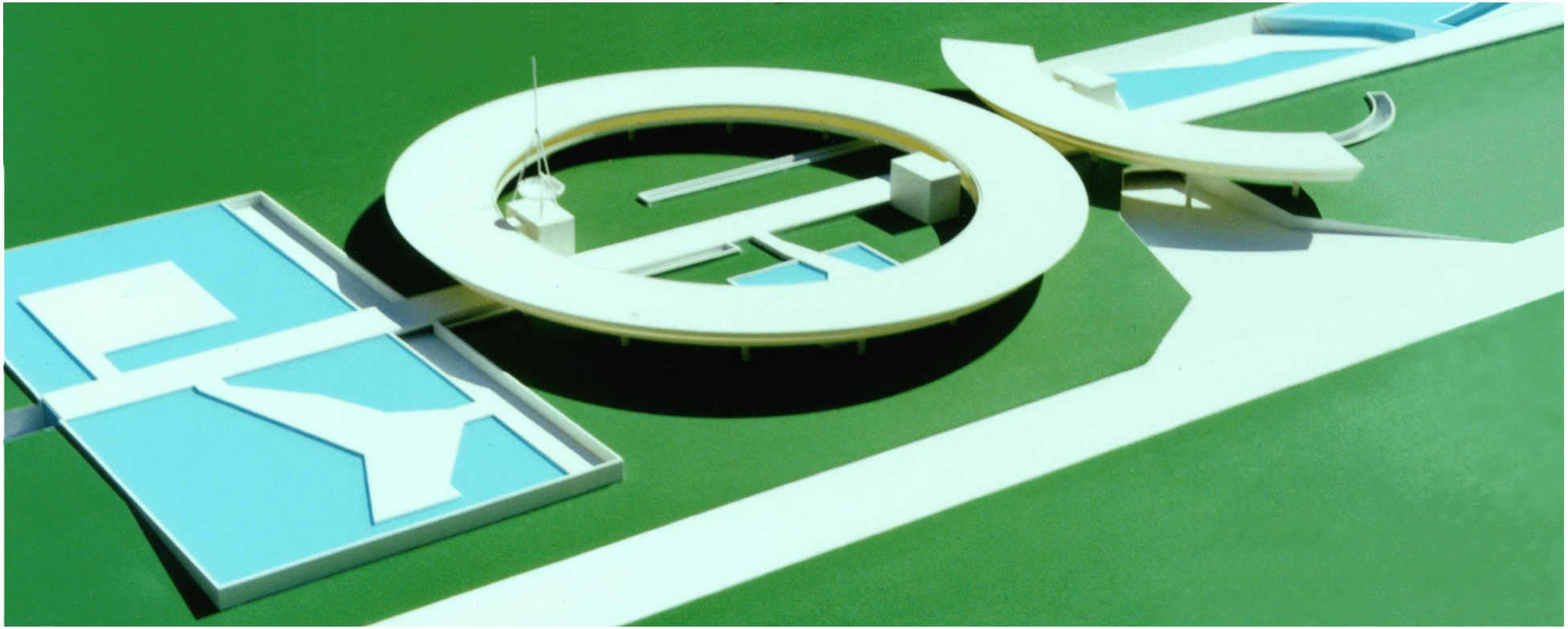


figura 232. pmr-c-csivam-maquete-01. fonte: Escritório PMR

Centro de Coordenação Geral do SIVAM 1998

brasília

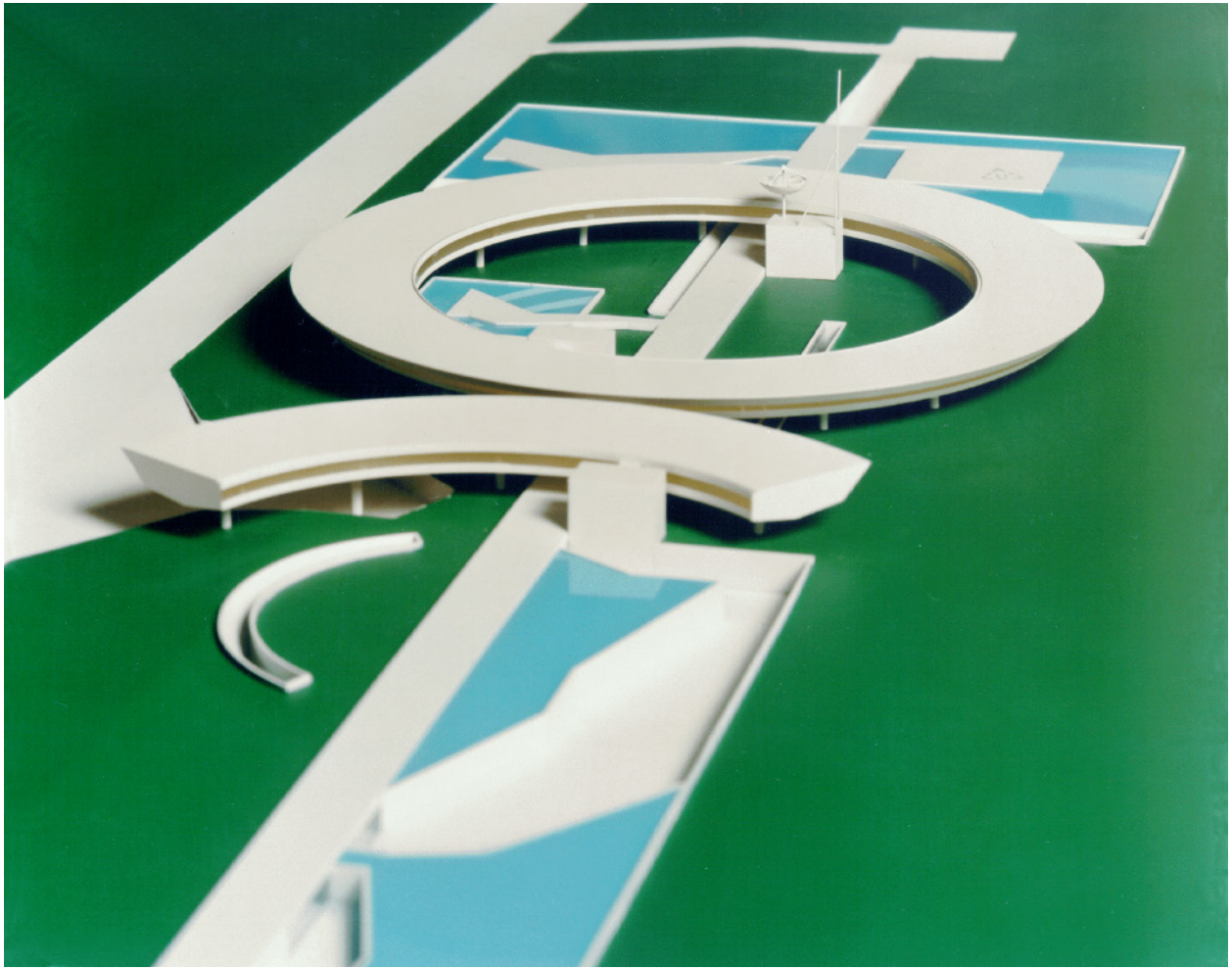


figura 233. pmr-c-csivam-maquete-02. fonte: Escritório PMR

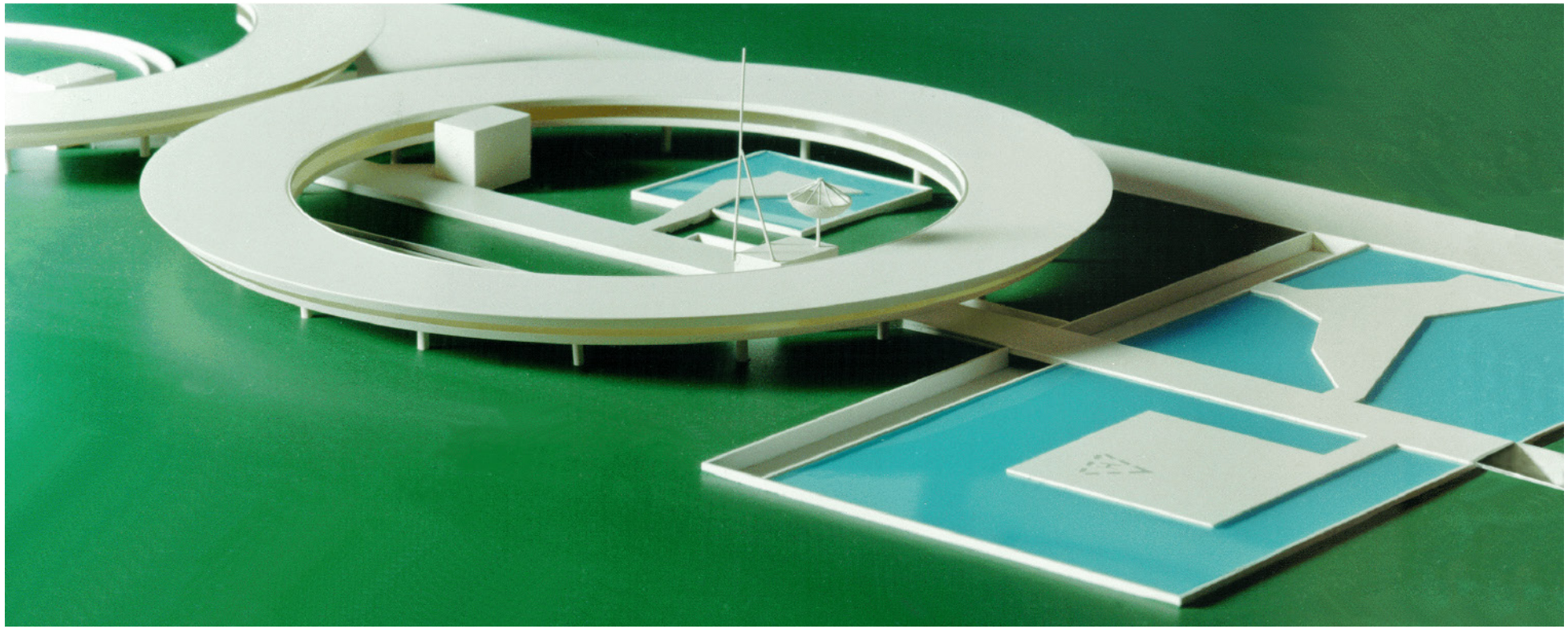


figura 234. pmr-c-csivam-maquete-03. fonte: Escritório PMR

Centro de Coordenação Geral do SIVAM 1998

brasília

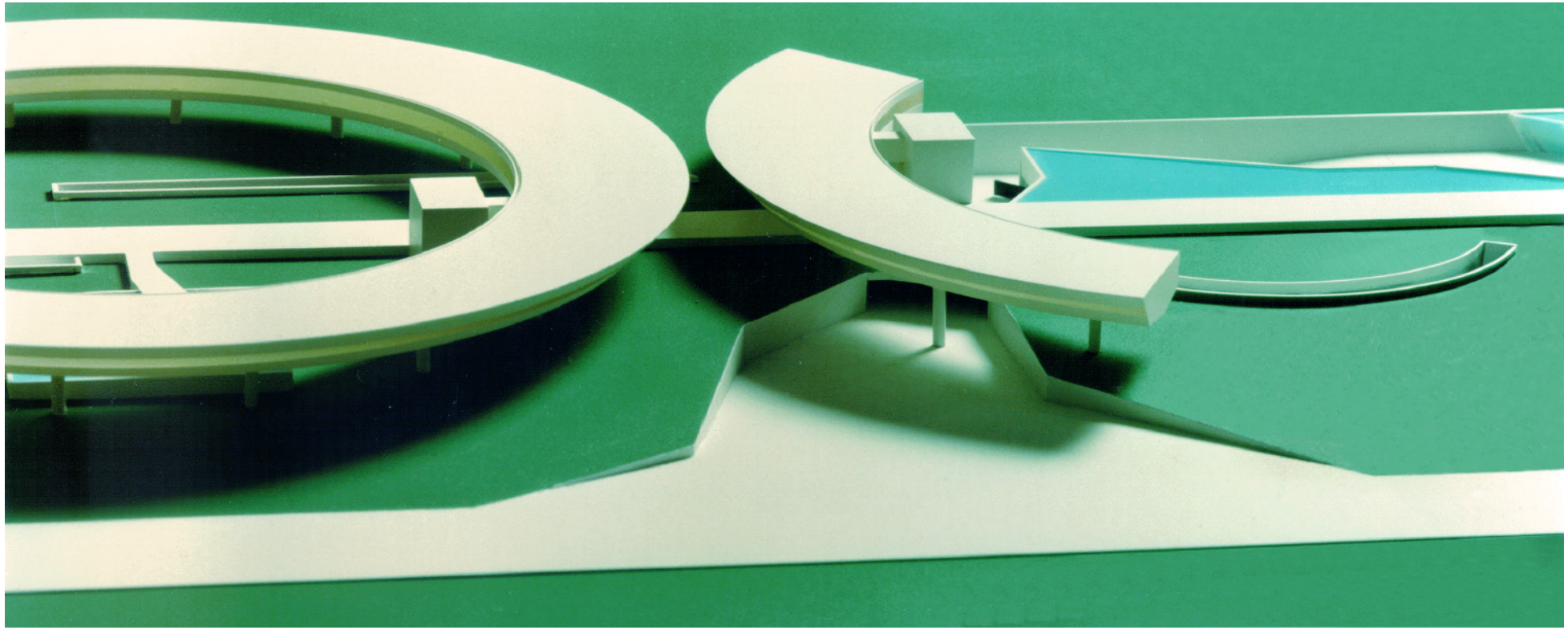


figura 235. pmr-c-csivam-maquete-04. fonte: Escritório PMR

Concurso de Ideias para o Boulevard dos Esportes Paris 2008 2000

frança

_ Tipo de Concurso

fechado internacional (carta convite)

_ Entidade Promotora

Ministério da Cultura e Comunicação da França

_ Organizador do Concurso

_Número de Projetos Entregues

12

_ Colocação Paulo Mendes da Rocha

não premiado

_ Premiados

_ Jurados

- Equipe de urbanistas e arquitetos franceses
- Comitê de Candidatura para a Organização dos Jogos Olímpicos, GIP. Paris 2008

_ Anotações

Os arquitetos foram agrupados em 3 temas propostos pelo concurso: Tema 1: O olimpismo e a cidade; Tema 2: Habitar esportivamente; Tema 3: O Bulevar dos Esportes.

_ Acervo Disponível

memória, imagens e desenhos diversos publicados nos sites dos colaboradores

_ Equipe de Projeto

Paulo Mendes da Rocha	Eduardo Colonelli	Hernan Pecci	Milton Braga	Weliton Torres
Alexandre Delijacov	Eduardo Ferroni	Maria Herklotz	Rastko Kovacevic	Jorge Zaven Kurkdjian
Angelo Bucci	Emilie Bouder	Marta Moreira	Roberto Klein	
Cecília Scharlach	Fernando Franco	Martin Corullun	Silvio Oskman	

_ Bibliogafia

OTONDO, C. Relações entre pensar e fazer na obra de Paulo Mendes da Rocha. 247 p. Tese (Doutorado em Arquitetura e urbanismo). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

PISANI, D. Paulo Mendes da Rocha, Obra Completa. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

SOBREIRA, F; FLYNN, M. H.; RIBEIRO, P.V.B. (orgs.) Paulo Mendes da Rocha: sobre concursos e memórias (entrevista). Brasília: MGSR, 2018.

VITRUVIUS. As Olimpíadas de 2008 em Paris e a participação de Paulo Mendes da Rocha, 2010. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.015/854>. Acesso em: 20 de set. de 2020.

Concurso de Ideias para o Boulevard dos Esportes Paris 2008 2000

frança

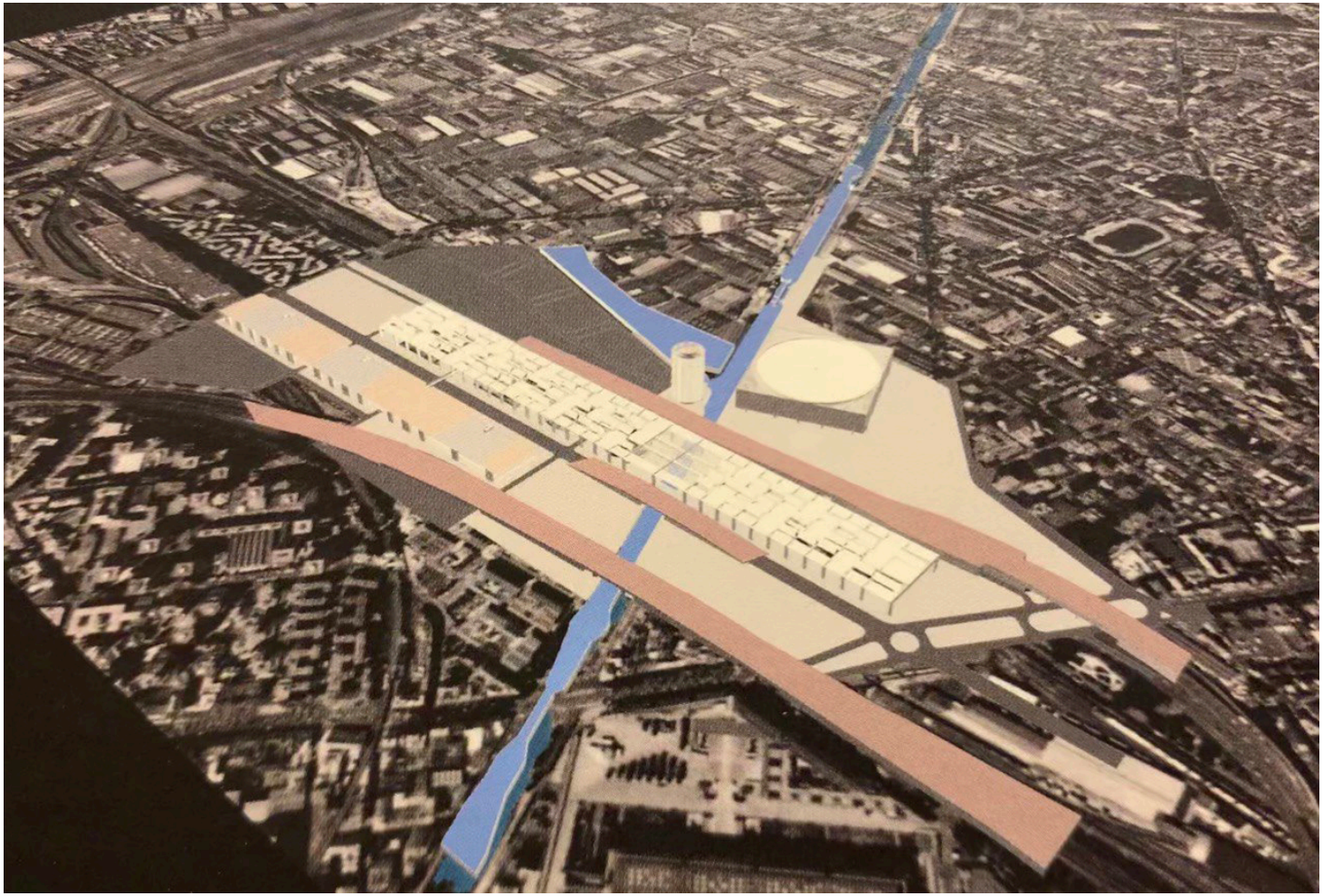


figura 236. pmr-c-ciop-img-01. fonte: Paris Olympiques, France, Le Moniteur, fev. 2001

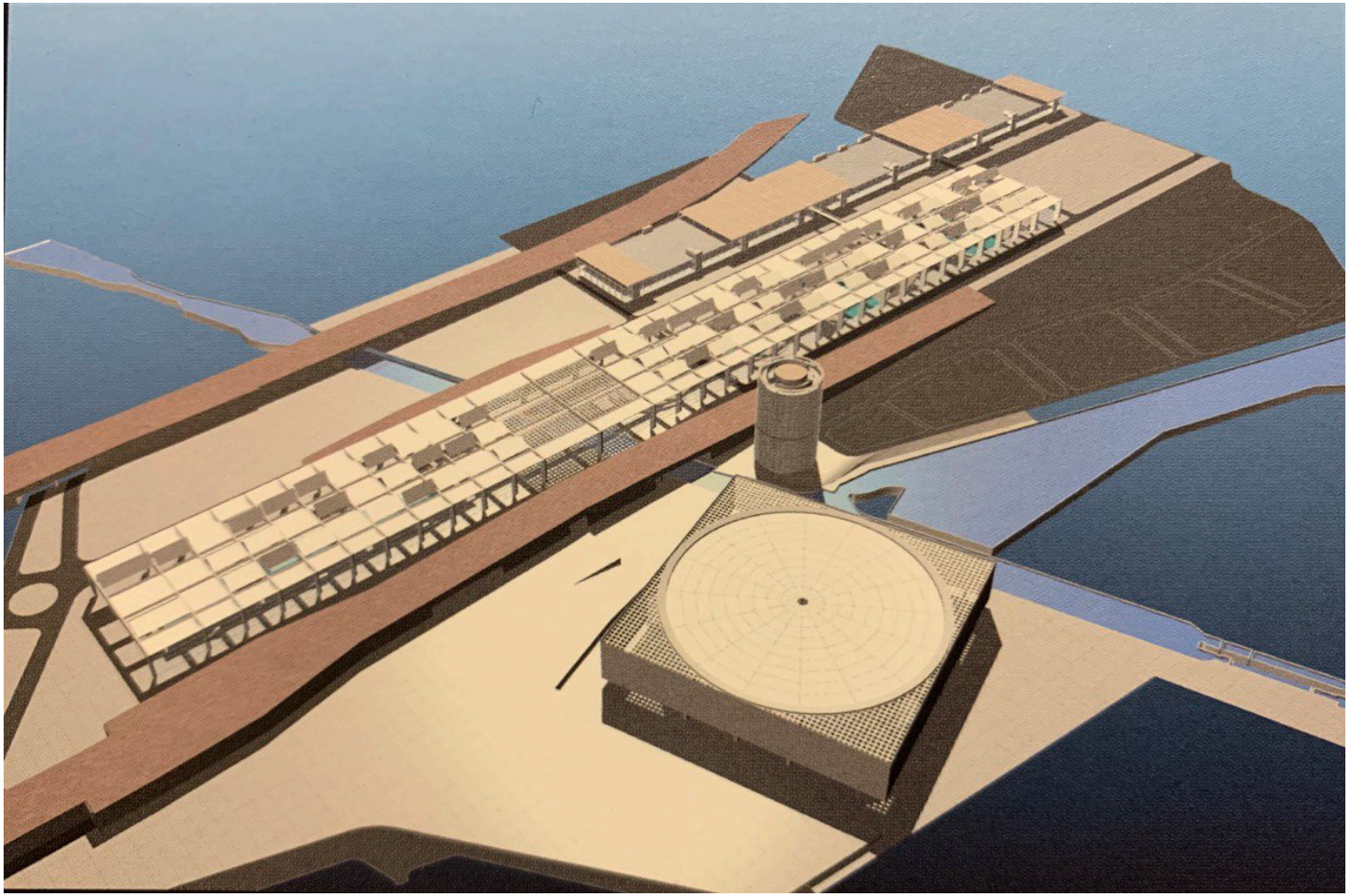


figura 237. pmr-c-ciop-img-02. fonte: Paris Olympiques, France, Le Moniteur, fev. 2001

Concurso de Ideias para o Boulevard dos Esportes Paris 2008 2000

frança

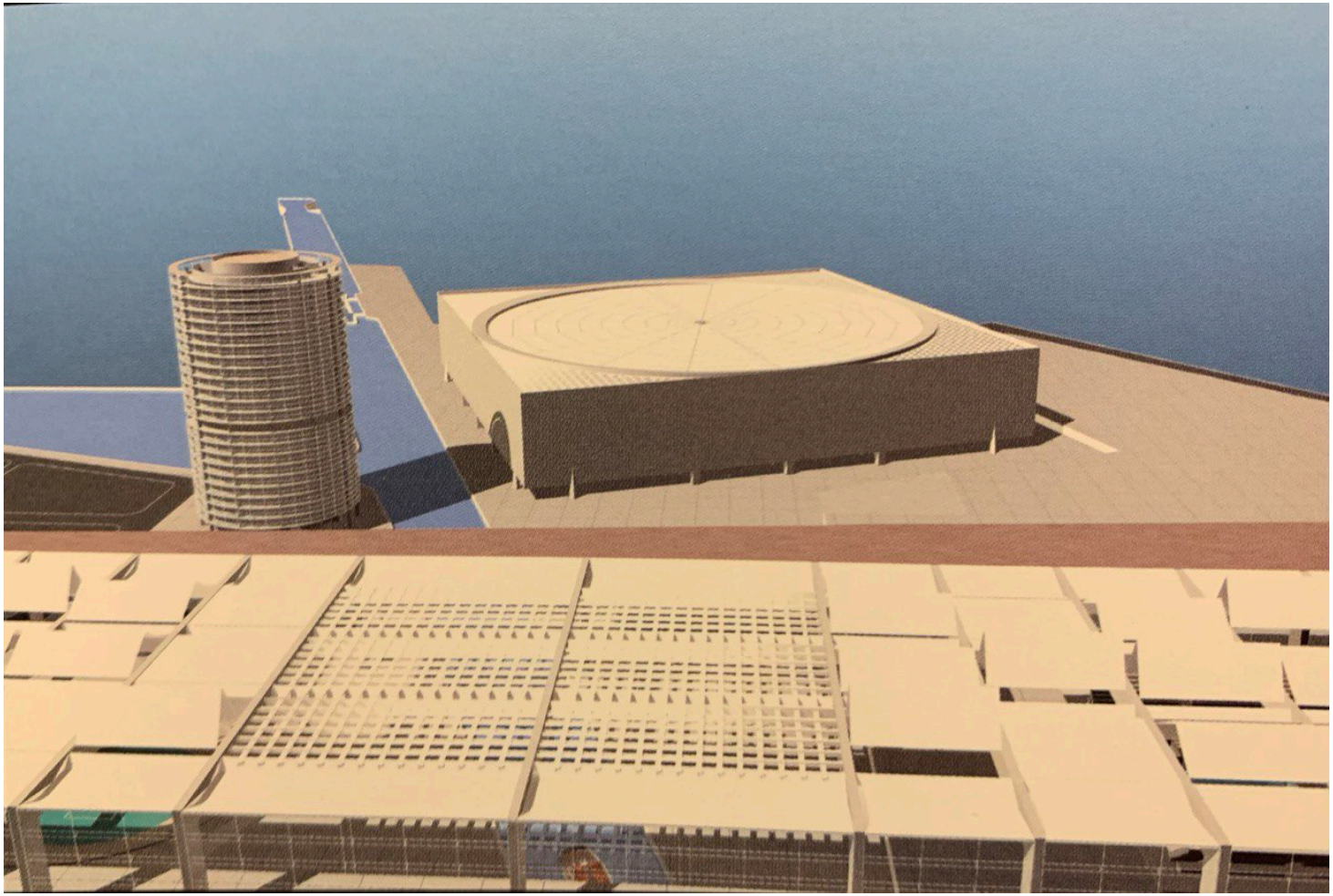


figura 238. pmr-c-ciop-img-03. fonte: Paris Olympiques, France, Le Moniteur, fev. 2001

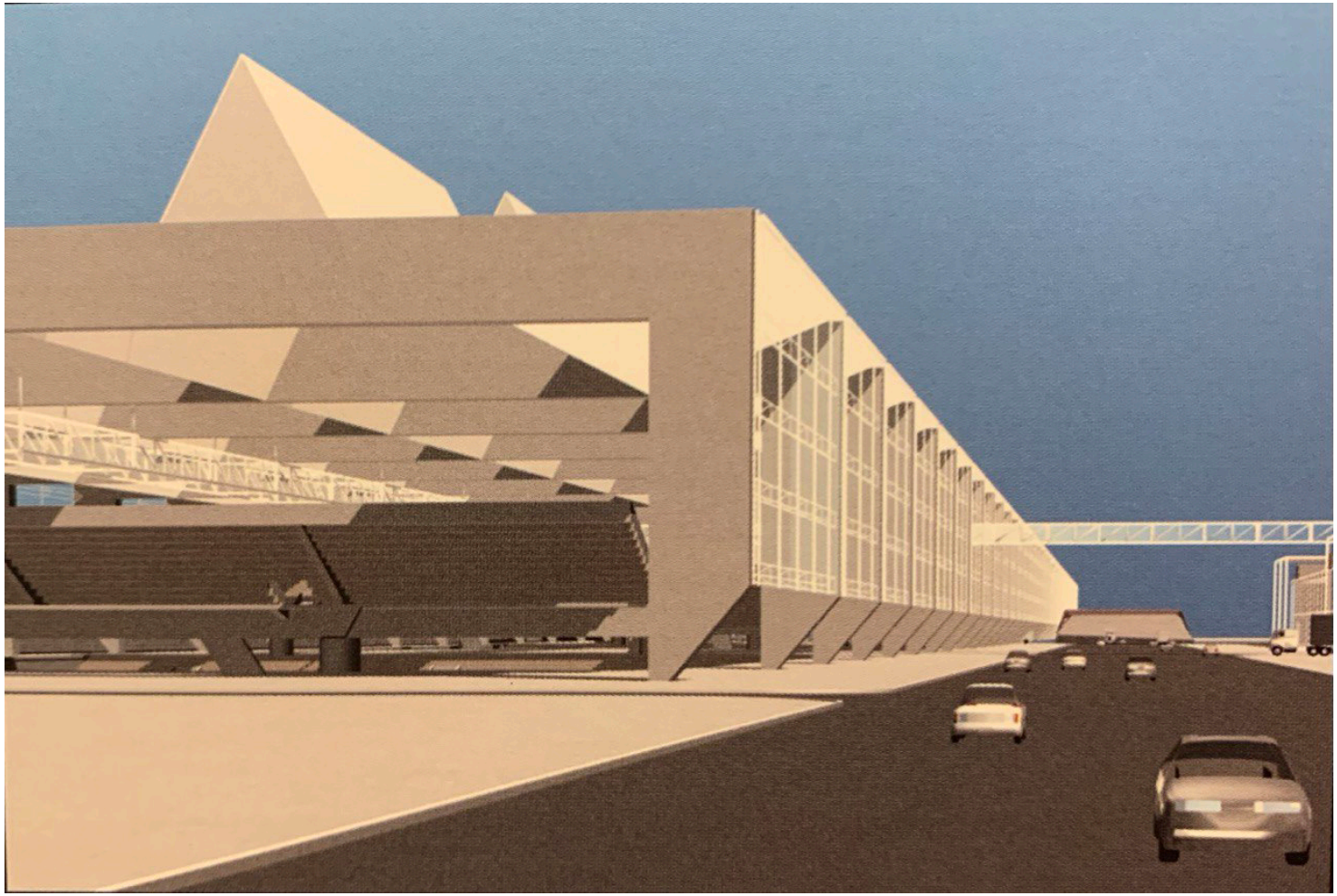


figura 239. pmr-c-ciop-img-04. fonte: Paris Olympiques, France, Le Moniteur, fev. 2001

Concurso de Ideias para o Boulevard dos Esportes Paris 2008 2000

frança



figura 240. pmr-c-ciop-img-05. fonte: Paris Olympiques, France, Le Moniteur, fev. 2001

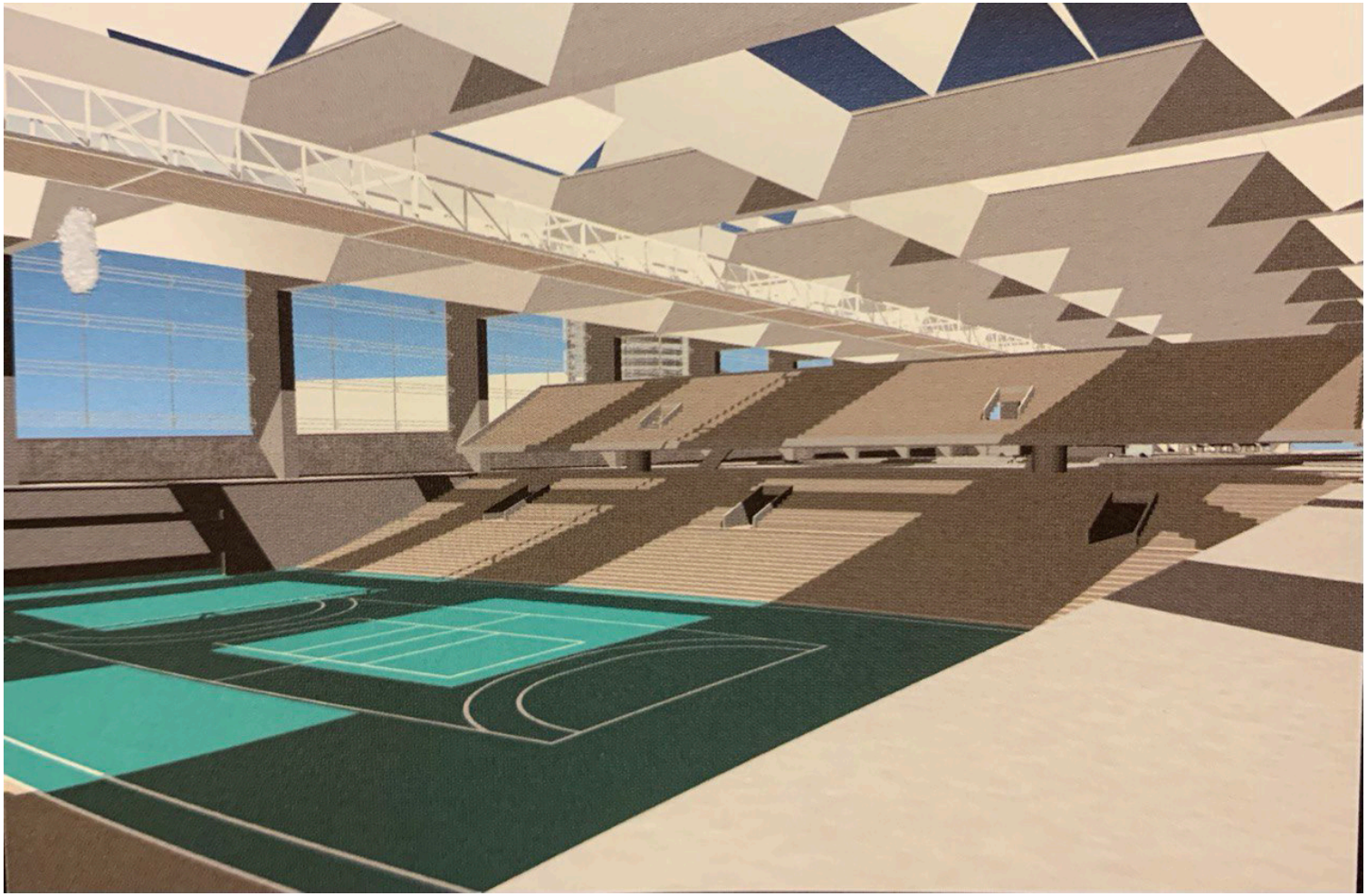


figura 241. pmr-c-ciop-img-06. fonte: Paris Olympiques, France, Le Moniteur, fev. 2001

Concurso de Ideias para o Boulevard dos Esportes Paris 2008 2000

frança



figura 242. pmr-c-ciop-img-07. fonte: Paris Olympiques, France, Le Moniteur, fev. 2001

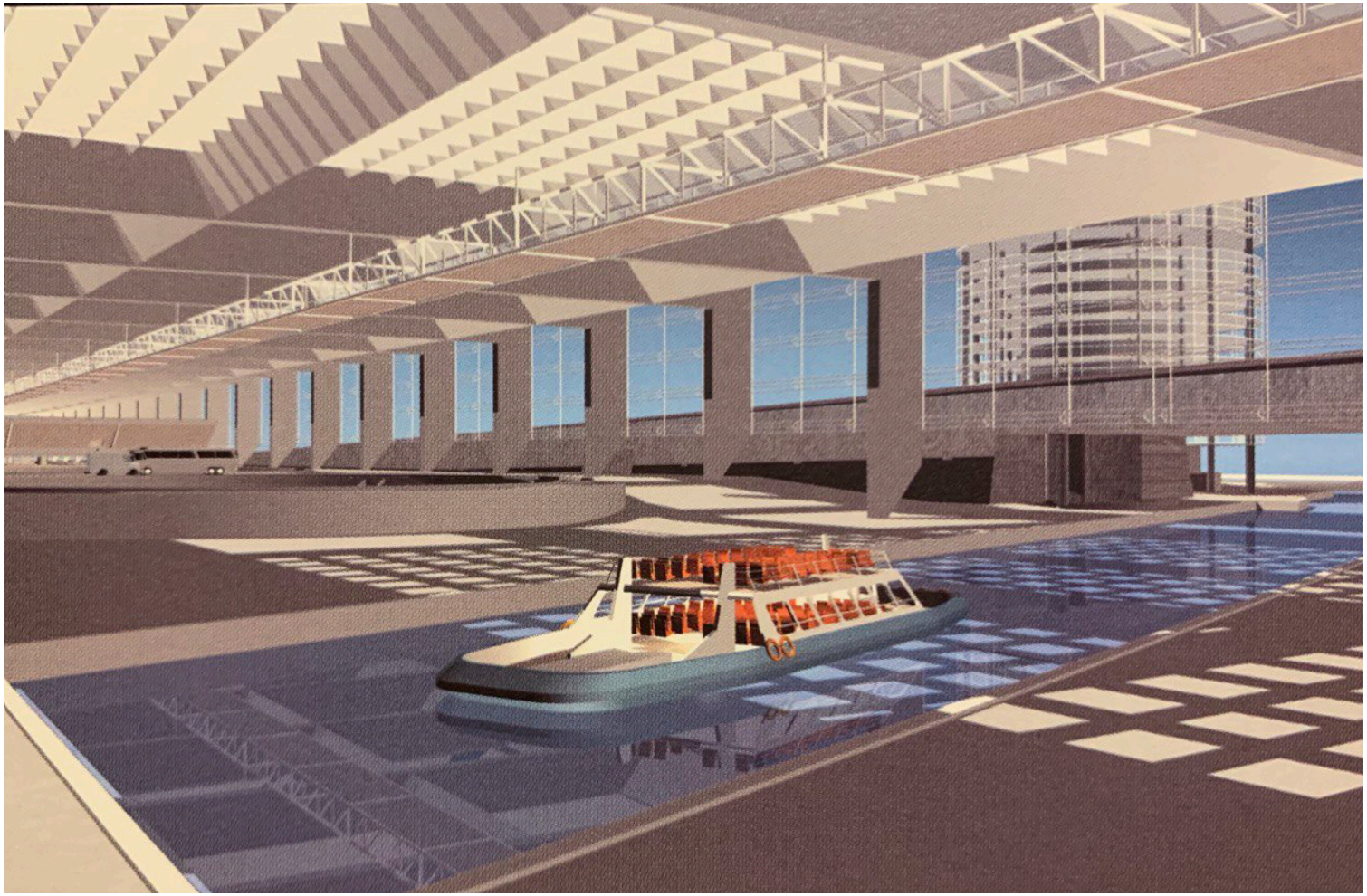


figura 243. pmr-c-ciop-img-08. fonte: Paris Olympiques, France, Le Moniteur, fev. 2001

Concurso de Ideias para o Boulevard dos Esportes Paris 2008 2000

frança



figura 244. pmr-c-ciop-img-09. fonte: Paris Olympiques, France, Le Moniteur, fev. 2001

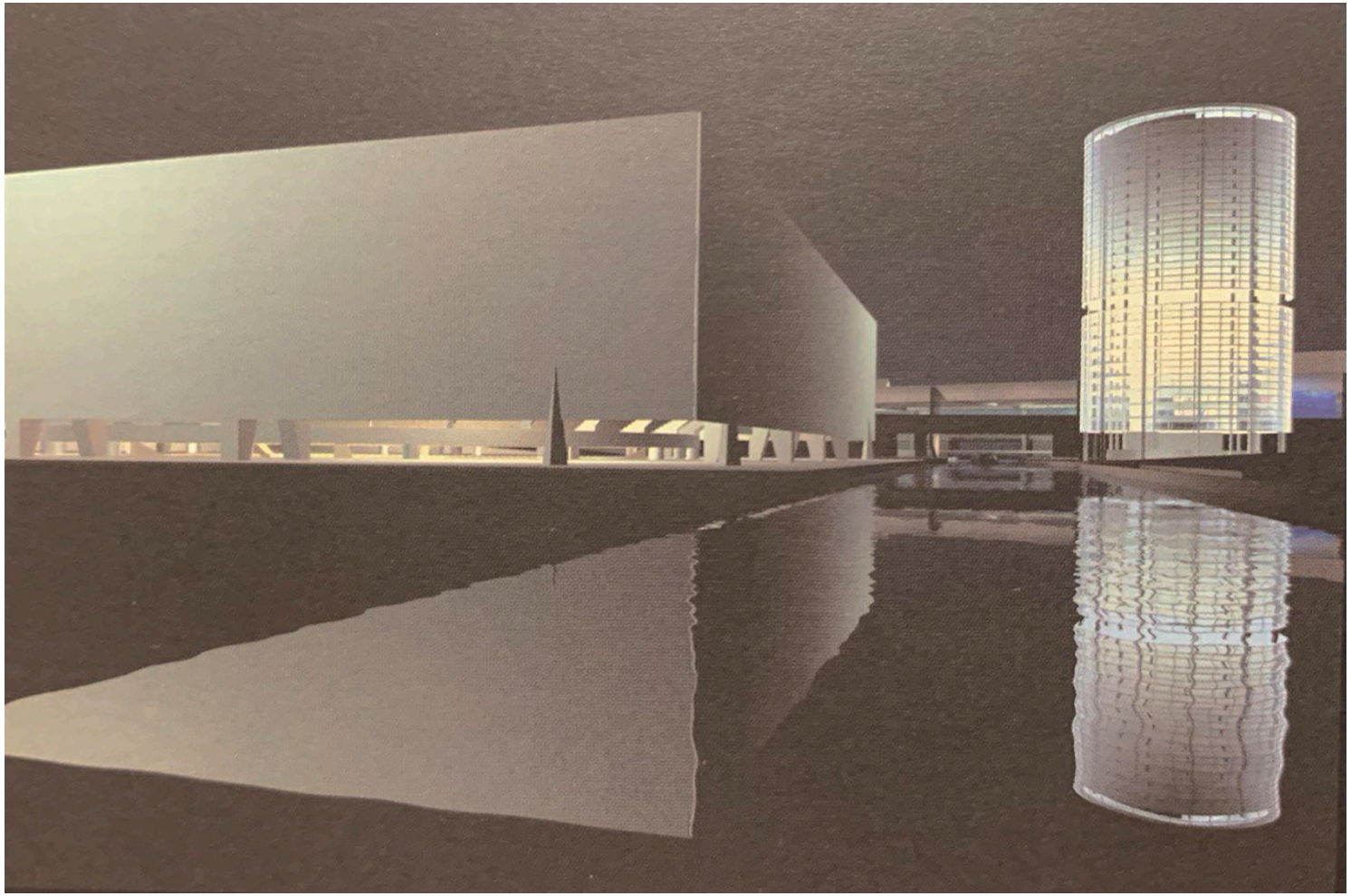


figura 245. pmr-c-ciop-img-10. fonte: Paris Olympiques, France, Le Moniteur, fev. 2001

Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo 2001

são paulo

_ Tipo de Concurso

fechado (carta convite)

_ Entidade Promotora

Associação dos Amigos do Museu de Arte Contemporânea da USP (AAMAC)

_ Organizador do Concurso

_Número de Projetos Entregues

4

_ Colocação Paulo Mendes da Rocha

não premiado

_ Premiados

1º lugar- Bernard Tschumi

_ Jurados

Walter Zanini
Regina Silveira
Frederick Fisher
Augustín Arteaga
Martin Foucade
José Teixeira Coelho Netto
Jessie Otto Hitte

_ Anotações

o resultado gerou repercussão negativa por parte dos órgãos de classe (Instituto dos Arquitetos – IAB-SP) e da própria Universidade de São Paulo (por meio da FAU-USP)

_ Acervo Disponível

imagens e desenhos diversos presentes na tese de Renato Maia Neto (2005)

_ Equipe de Projeto

Paulo Mendes da Rocha (autor)
R. Cervino
Guilherme Wisnik (Metro Arquitetos)
Edison Hiroyama
Milton Braga (MMBB)
Martin Corullon (Metro Arquitetos)
Ana Ferrari

_ Bibliogafia

MOTTA, Renata. Museu e cidade: o impasse dos MACs. Tese (Doutorado – Área de Concentração: História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) – FAUUSP. São Paulo, 2009.

Maia Neto, Renato de Andrade

OTONDO, Catherine. Desenho e espaço construído: relações entre pensar e fazer na obra de Paulo Mendes da Rocha. (Tese de doutorado). São Paulo: FAU USP, 2013, p. 135.

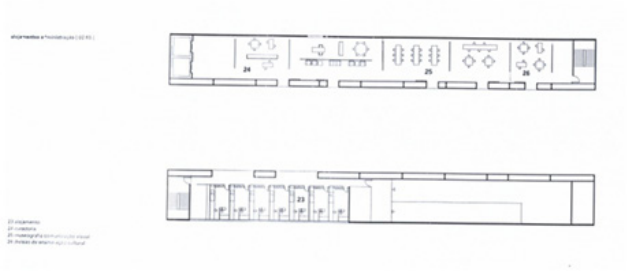
PISANI, Daniele. Paulo Mendes da Rocha: Obra completa. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

SOBREIRA, F; FLYNN, M. H.; RIBEIRO, P.V.B. (orgs.) Paulo Mendes da Rocha: sobre concursos e memórias (entrevista). Brasília: MGSR, 2018.

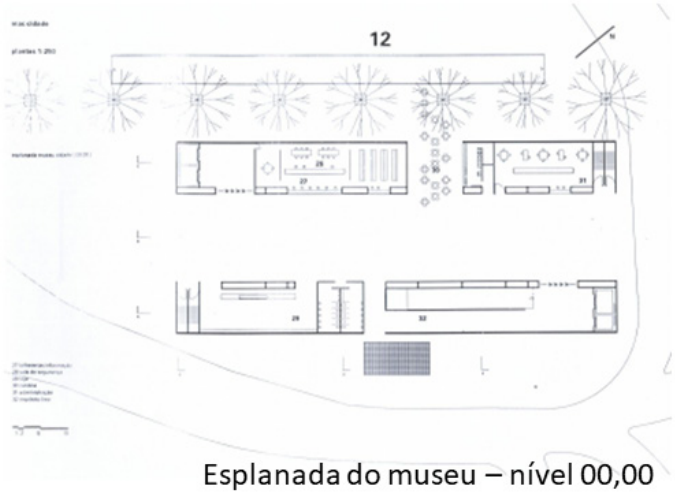
SOUTO, Ana Elisa. Projeto Arquitetônico e a Relação com o Lugar nas Obras de Paulo Mendes da Rocha 1958- 2000. 2010. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade do Rio Grande do Sul.

Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo 2001

são paulo

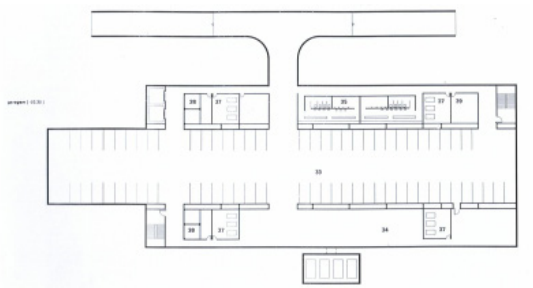


Alojamentos e administração – nível 02,65

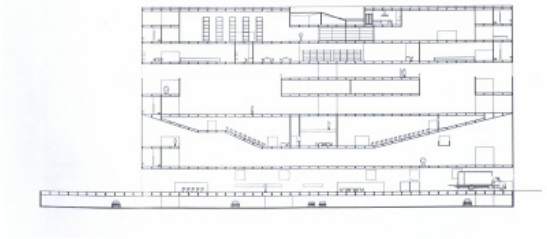


Esplanada do museu – nível 00,00

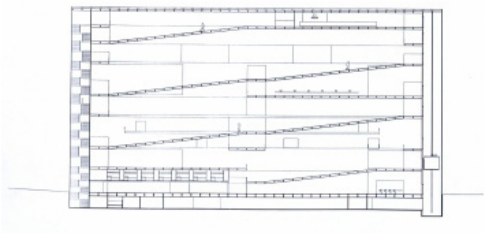
figura 246. pmr-c-mac-des-01. fonte: Maia Neto, 2004.



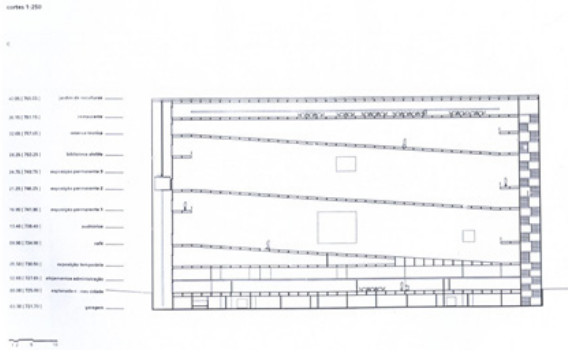
Garagem – nível -3,30



Corte B

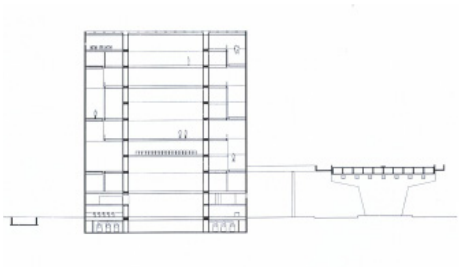


Corte A

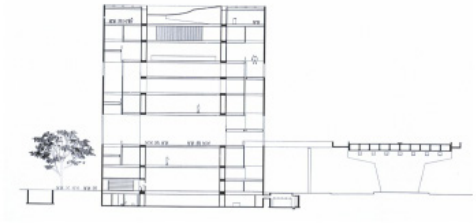


Corte C

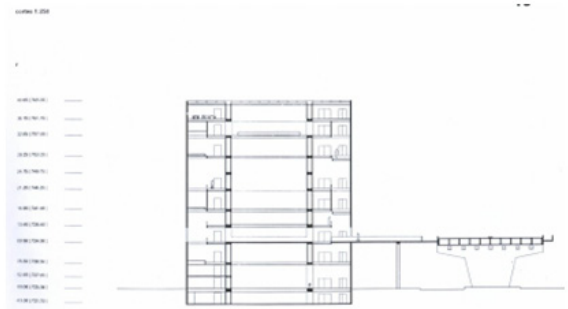
figura 247. pmr-c-mac-des-02. fonte: Maia Neto, 2004.



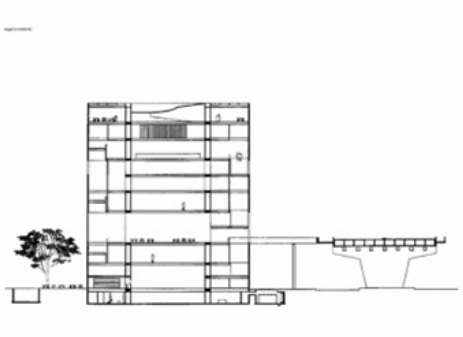
Corte D



Corte E

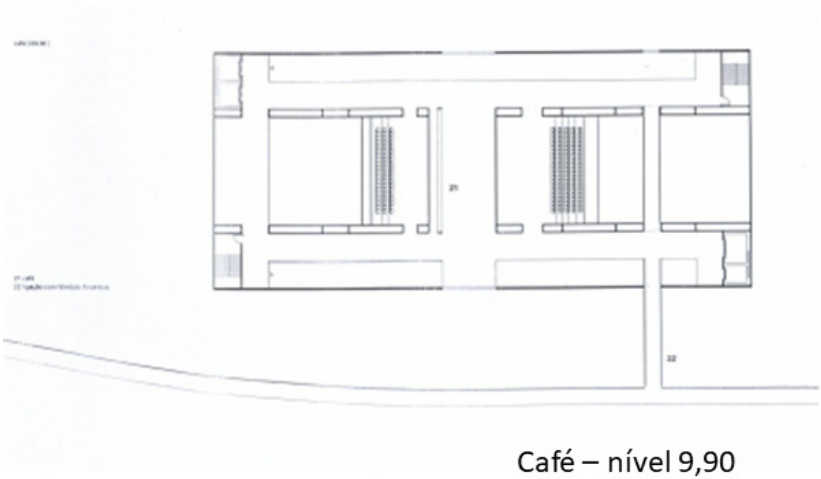


Corte F

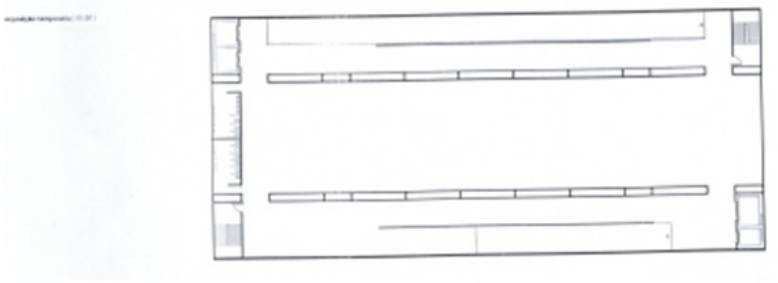


Corte G

figura 248. pmr-c-mac-des-03. fonte: Maia Neto, 2004.



Café – nível 9,90



Exposição temporária – nível 5,50

figura 249. pmr-c-mac-des-04. fonte: Maia Neto, 2004.

Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo 2001

são paulo

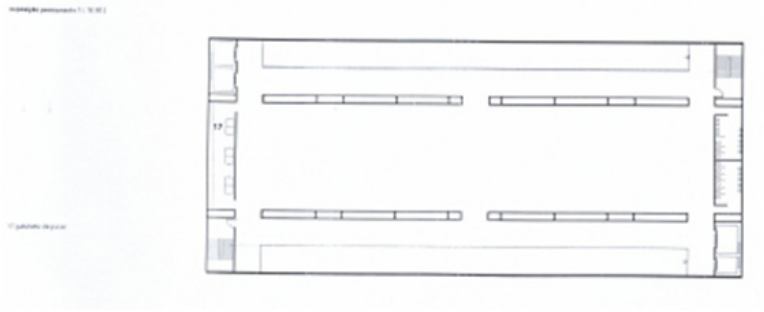


figura 250. pmr-c-mac-des-05. fonte: Maia Neto, 2004.

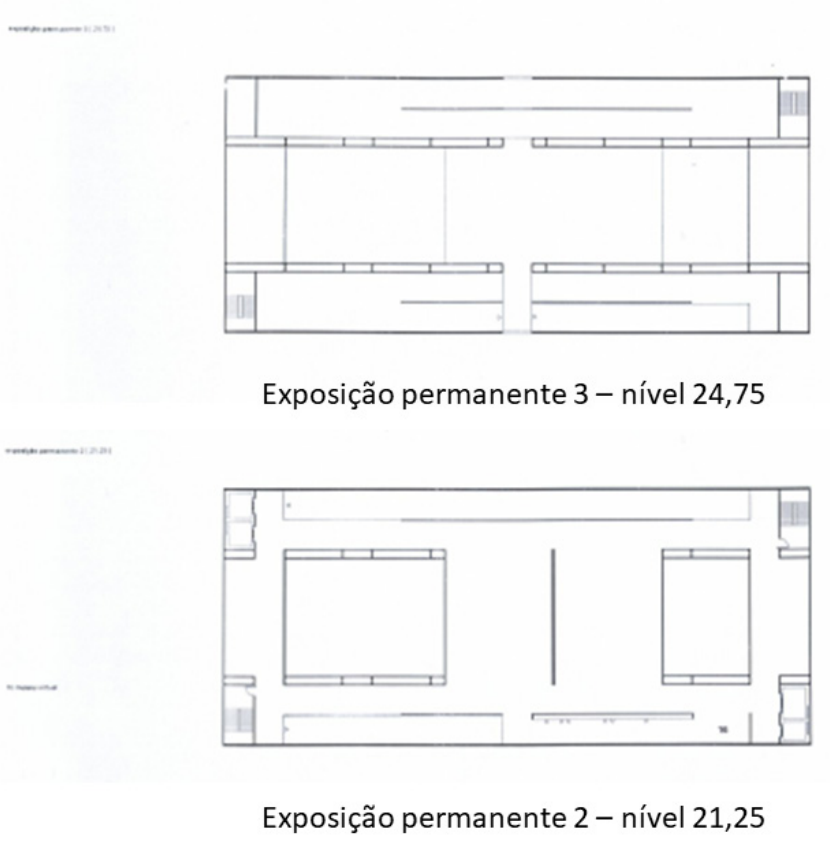


figura 251. pmr-c-mac-des-06. fonte: Maia Neto, 2004.

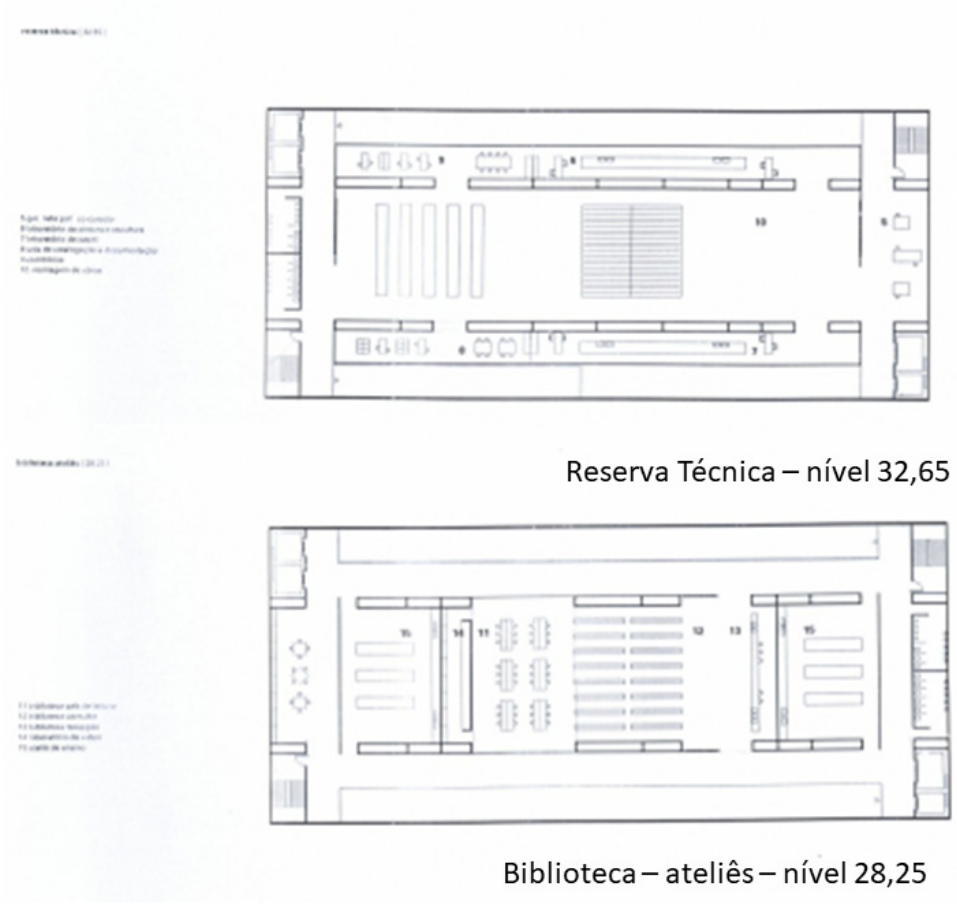


figura 252. pmr-c-mac-des-07. fonte: Maia Neto, 2004.

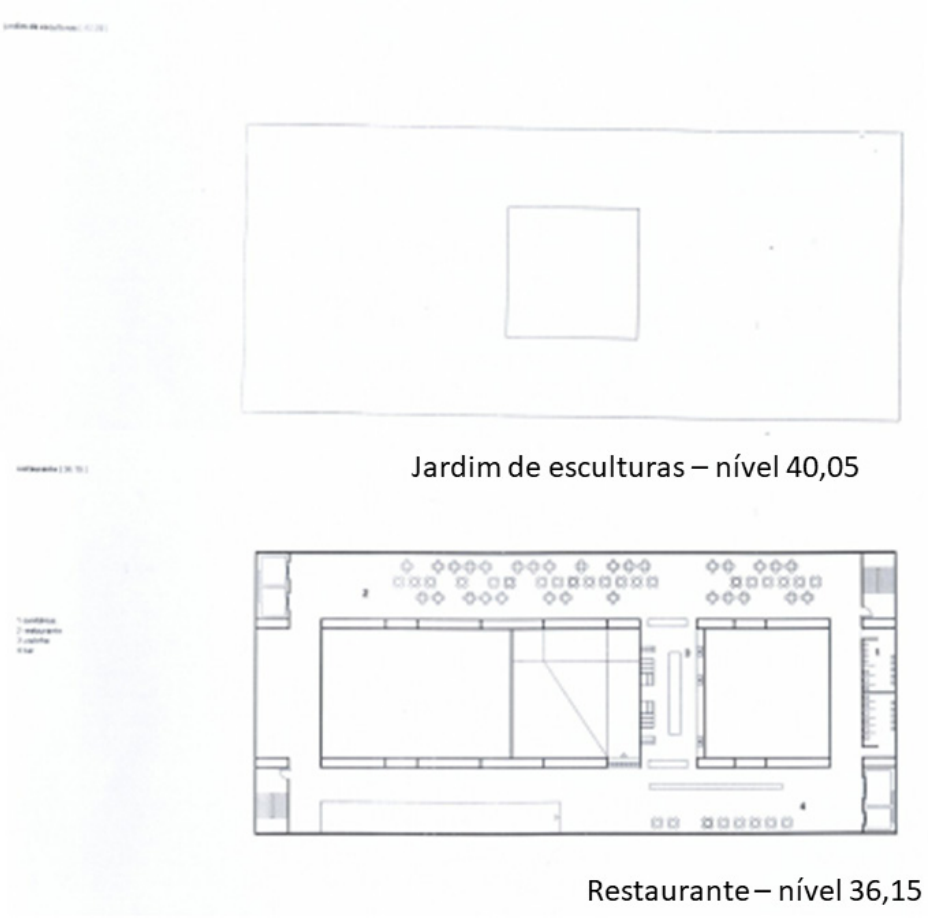


figura 253. pmr-c-mac-des-08. fonte: Maia Neto, 2004.

Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo 2001

são paulo

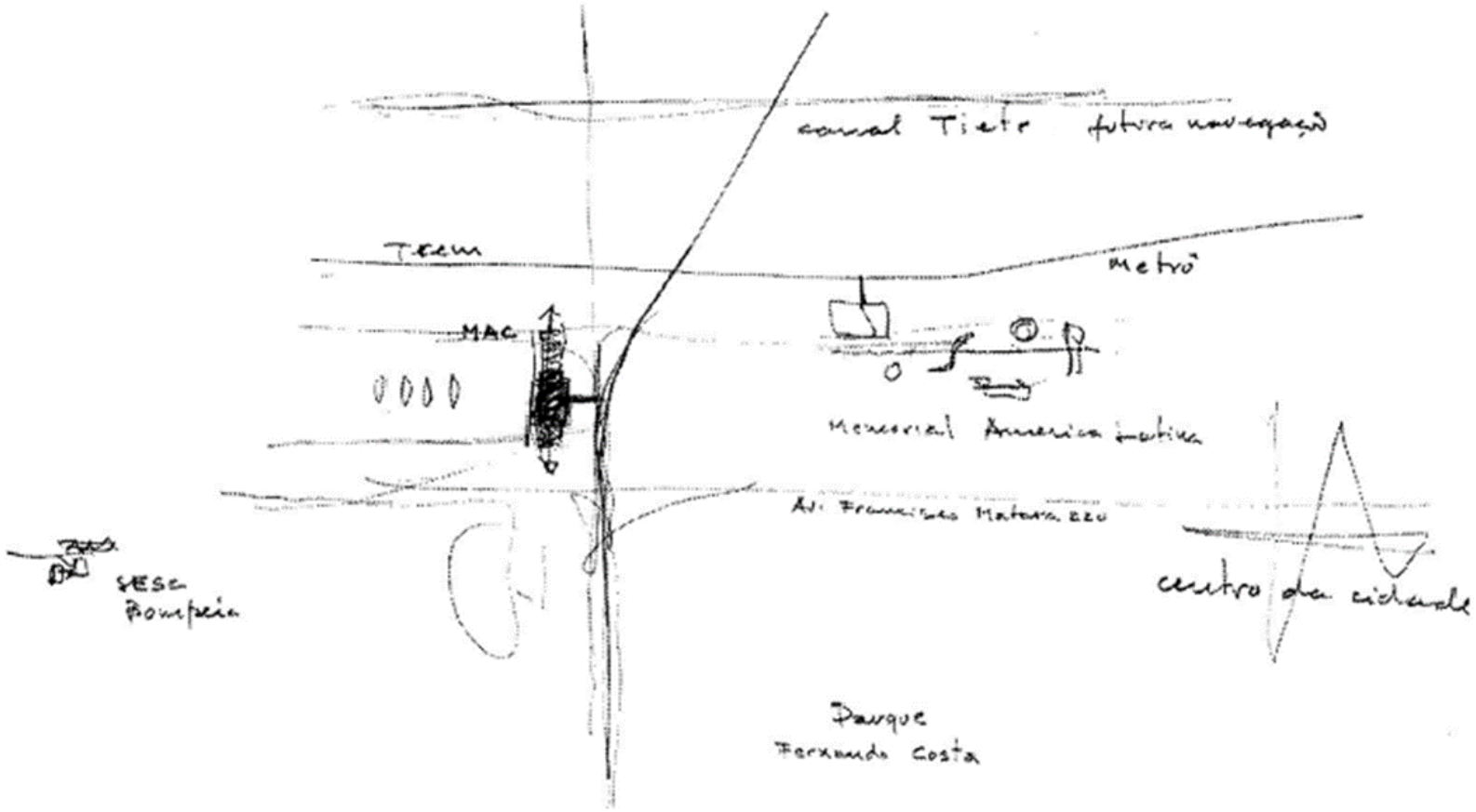


figura 254. pmr-c-croqui-01. fonte: Maia Neto, 2004.

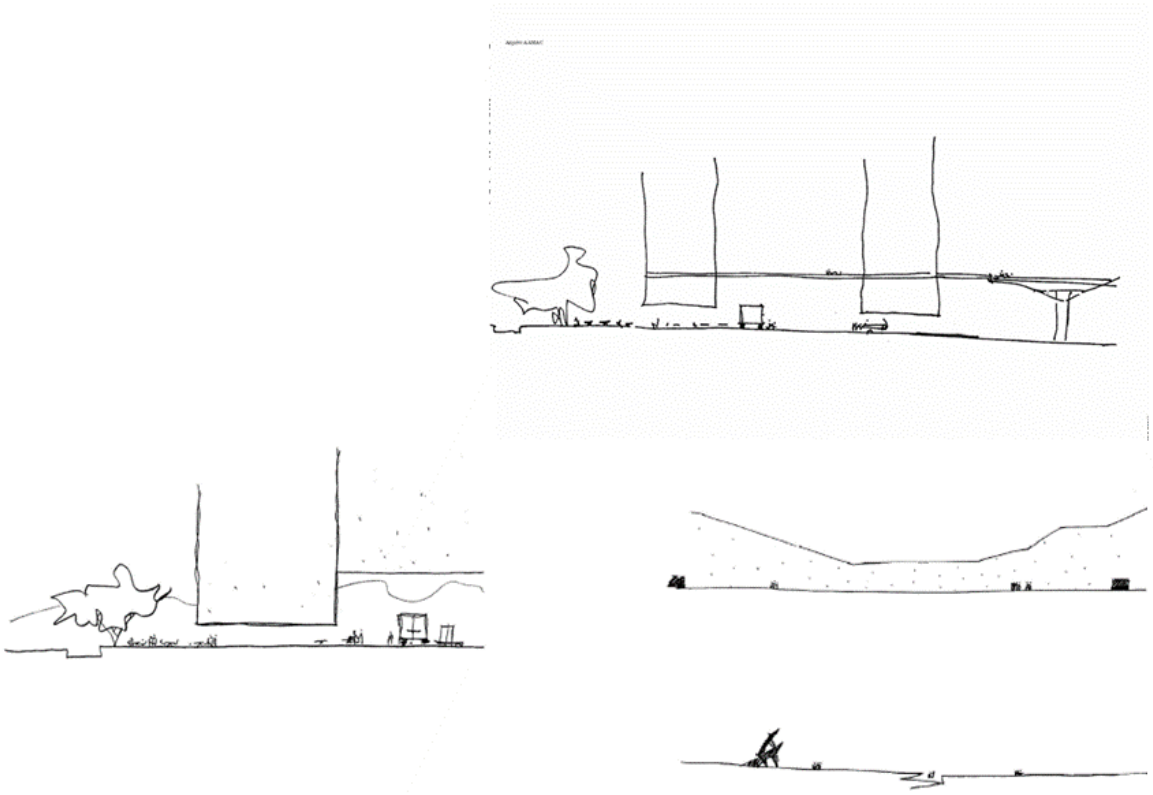


figura 255. pmr-c-croqui-02. fonte: Maia Neto, 2004.

Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo 2001

são paulo

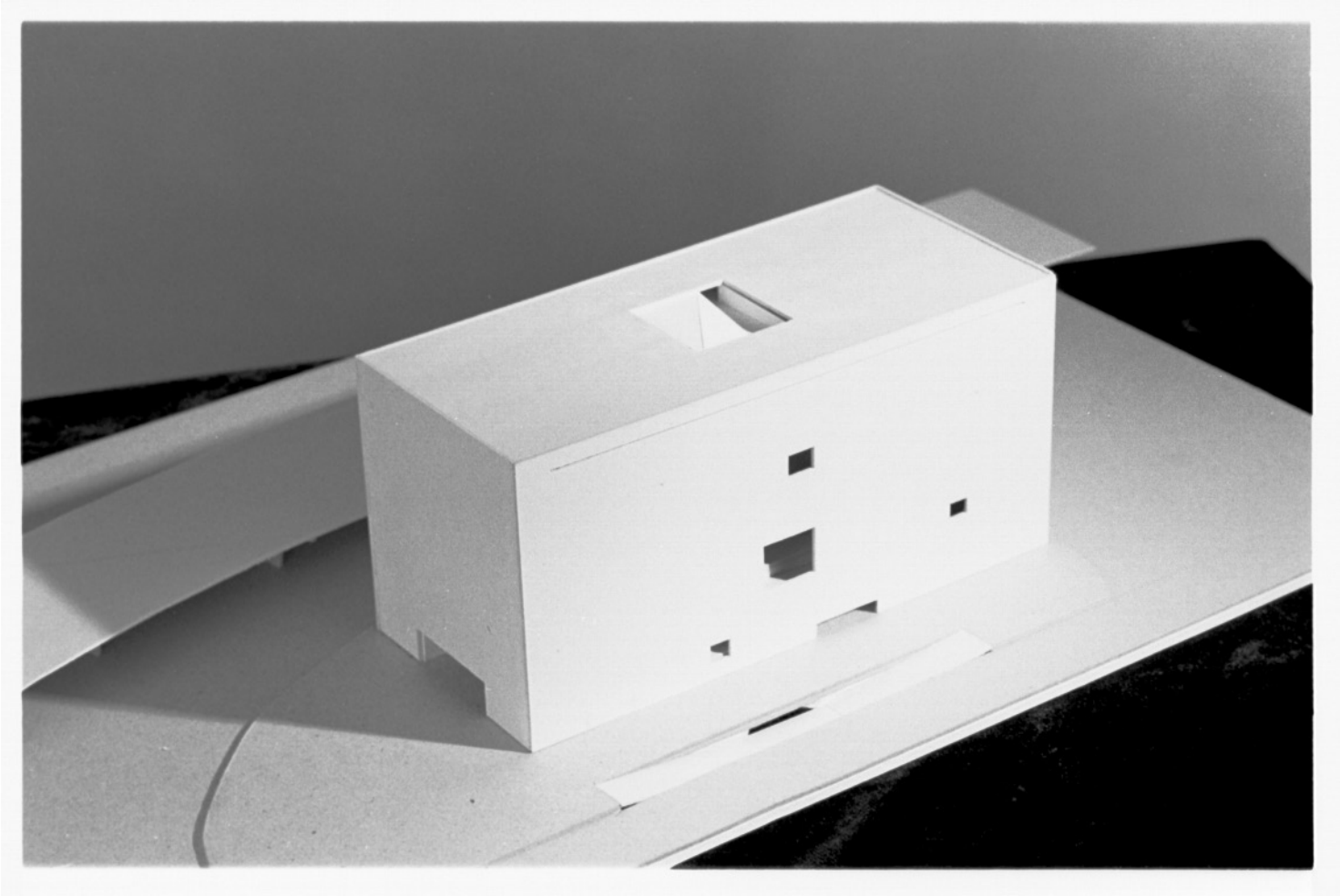


figura 256. pmr-c-mac-maquete-01. autor: Edison Hiroyama

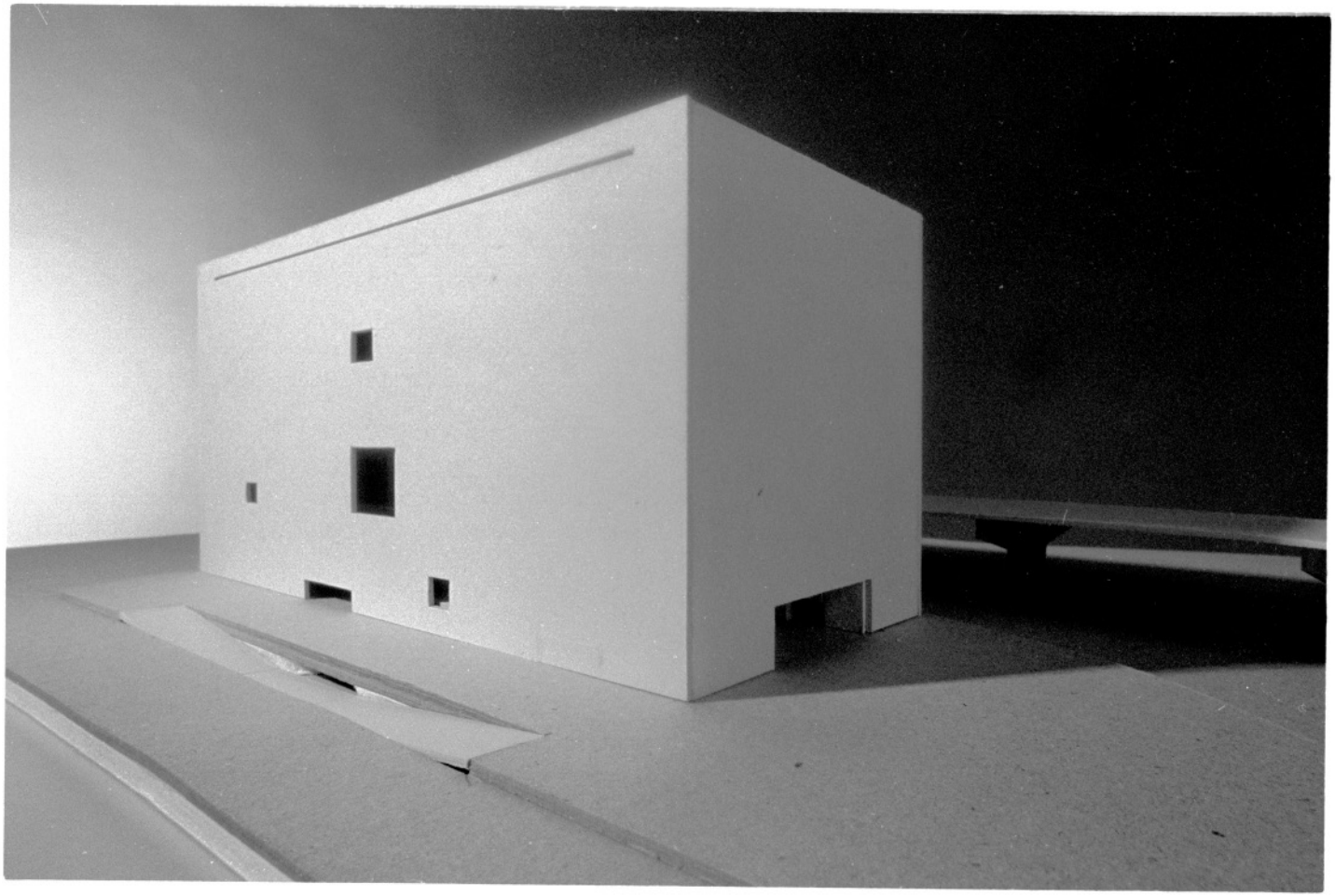


figura 257. pmr-c-mac-maquete-02. autor: Edison Hiroyama

Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo 2001

são paulo

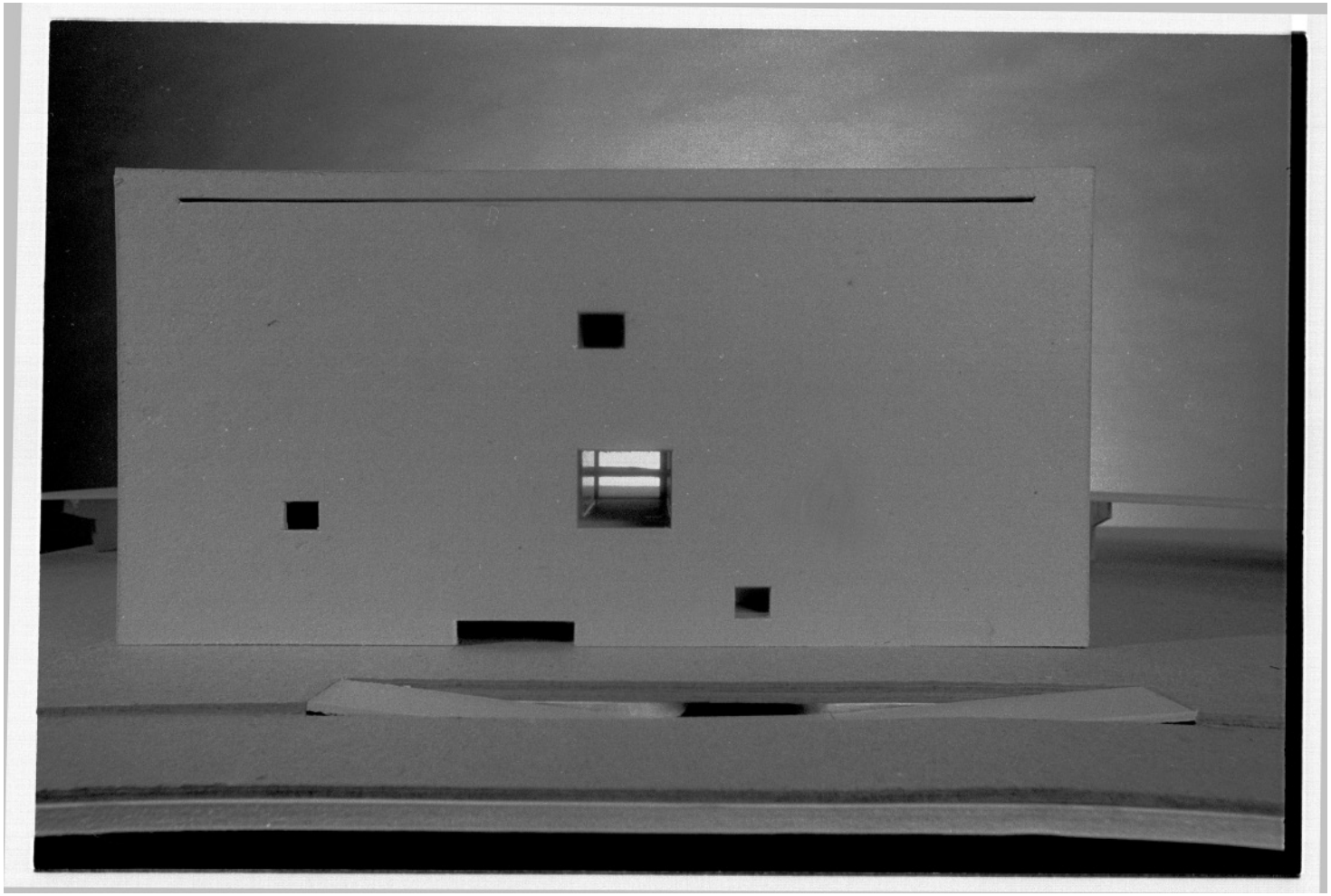


figura 258. pmr-c-mac-maquete-03. autor: Edison Hiroyama

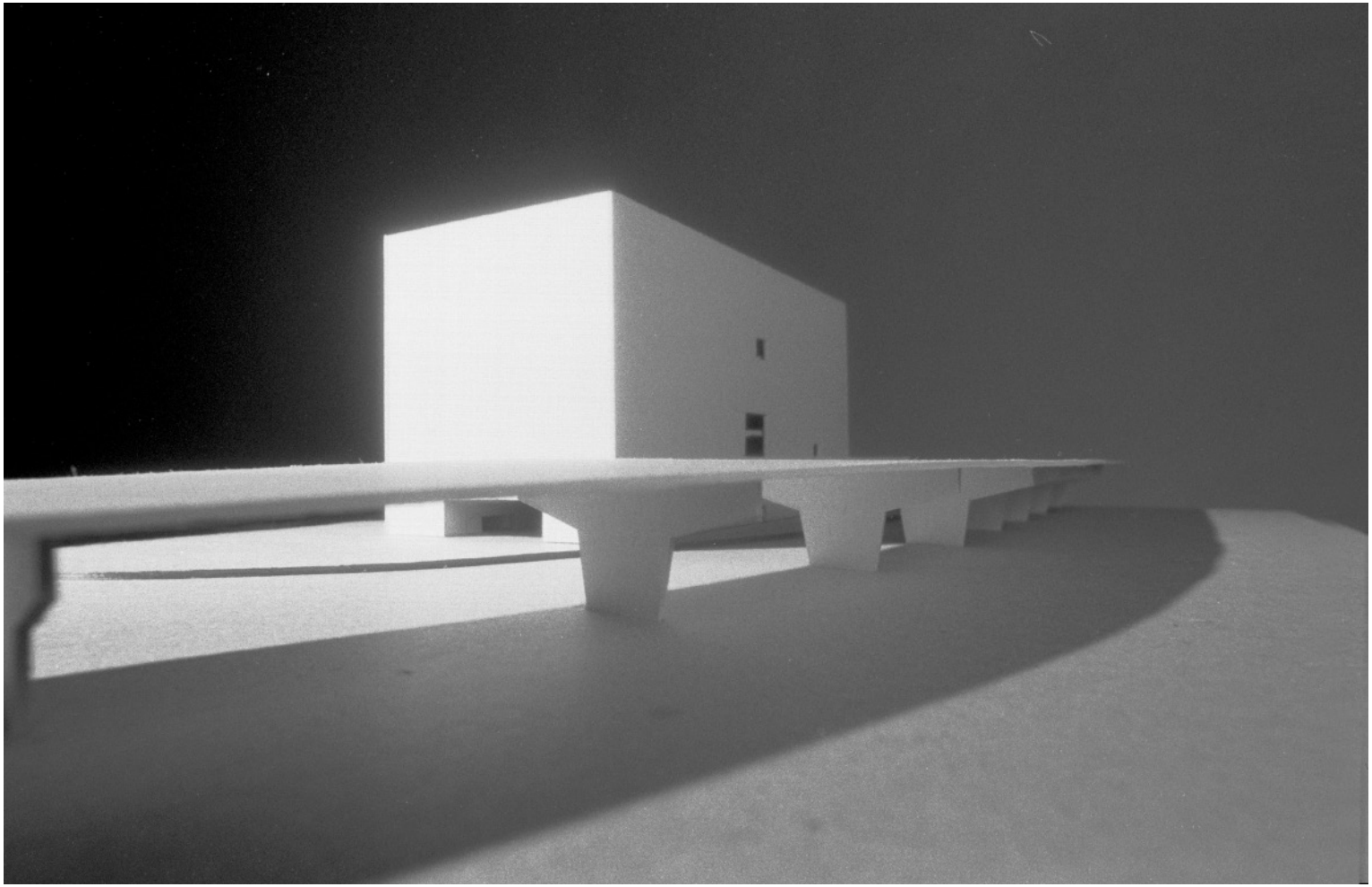


figura 259. pmr-c-mac-maquete-04. autor: Edison Hiroyama

Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo 2001

são paulo

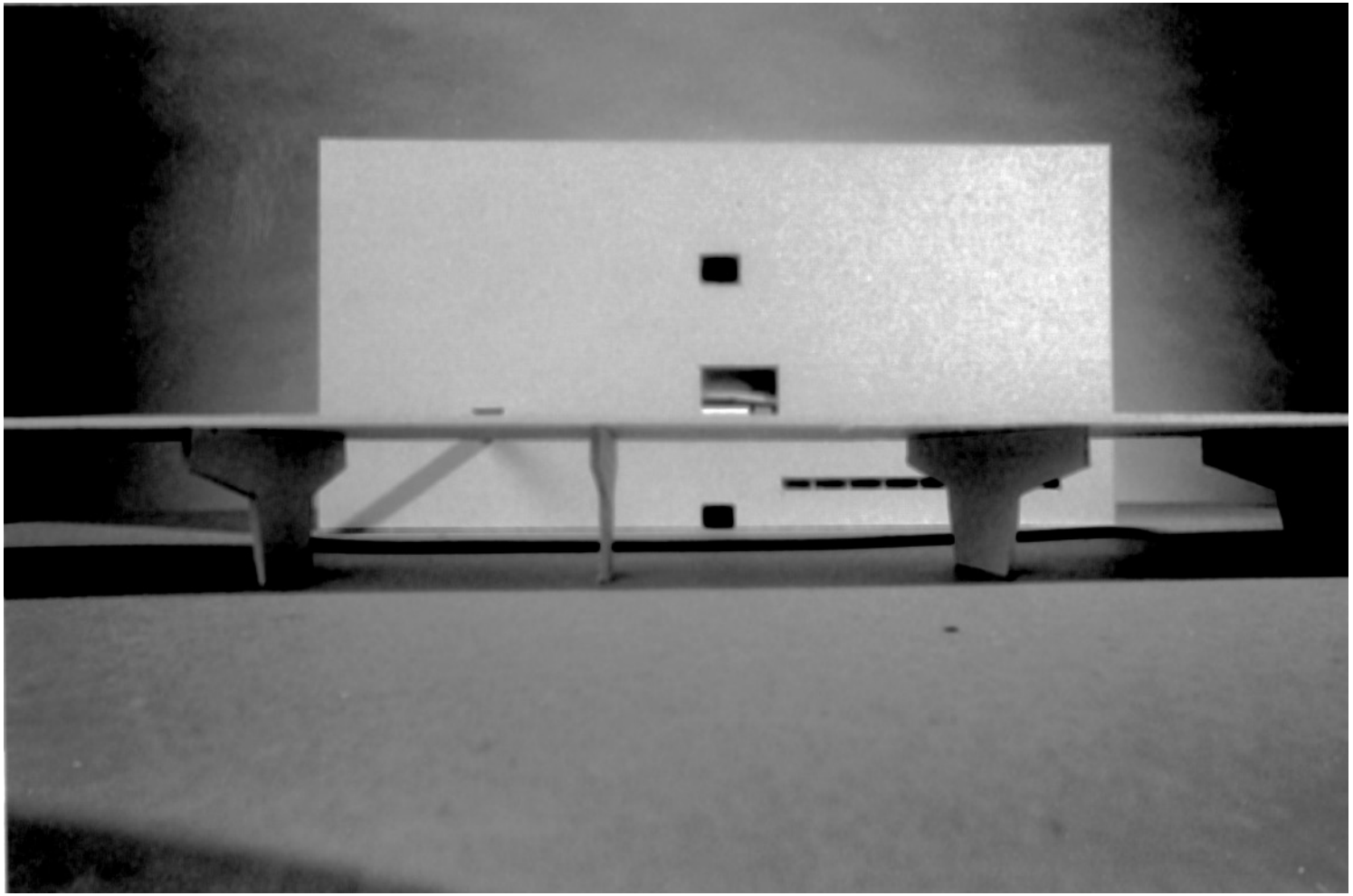


figura 260. pmr-c-mac-maquete-05. autor: Edison Hiroyama

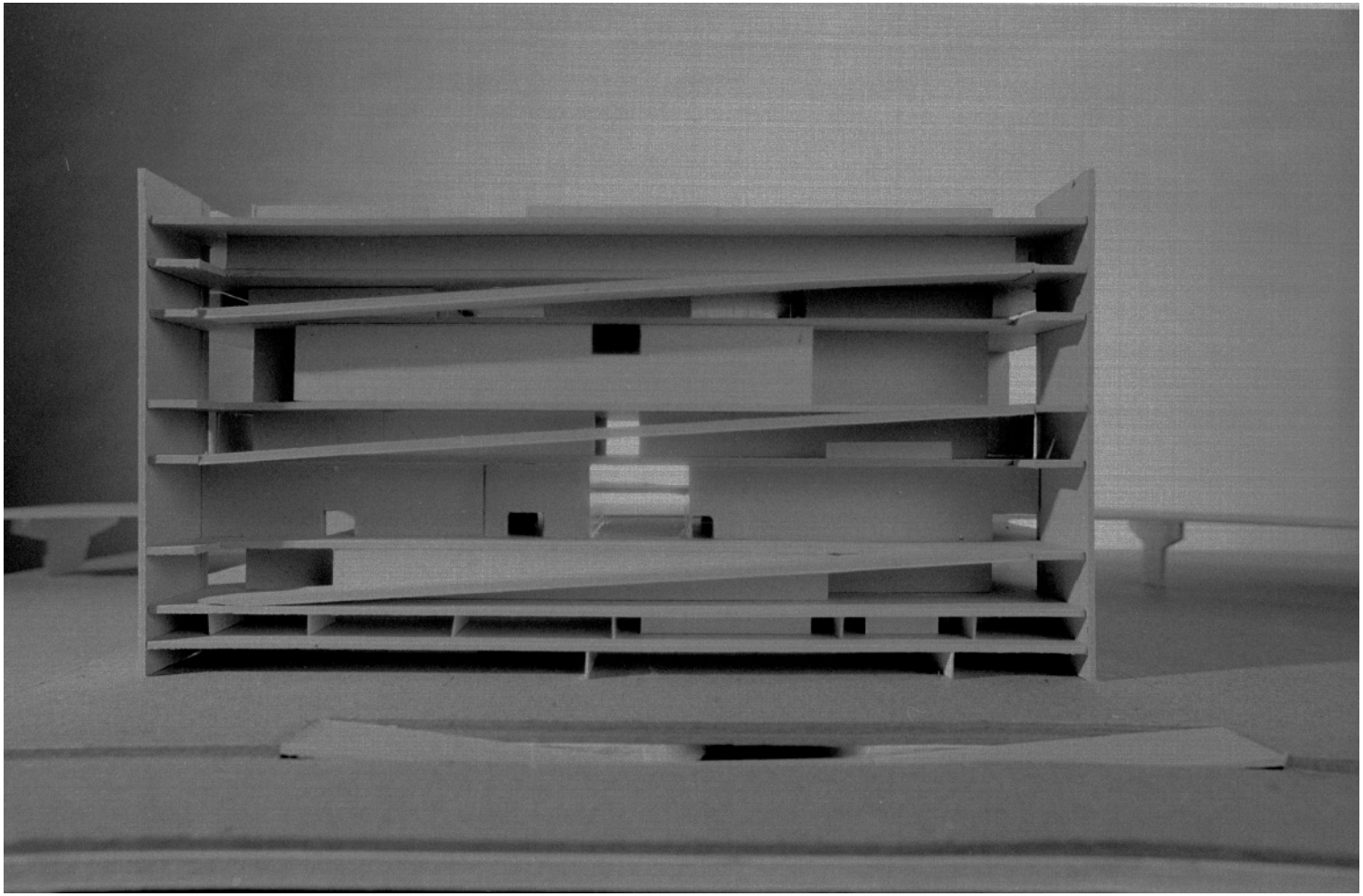


figura 261. pmr-c-mac-maquete-06. autor: Edison Hiroyama

Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo 2001

são paulo

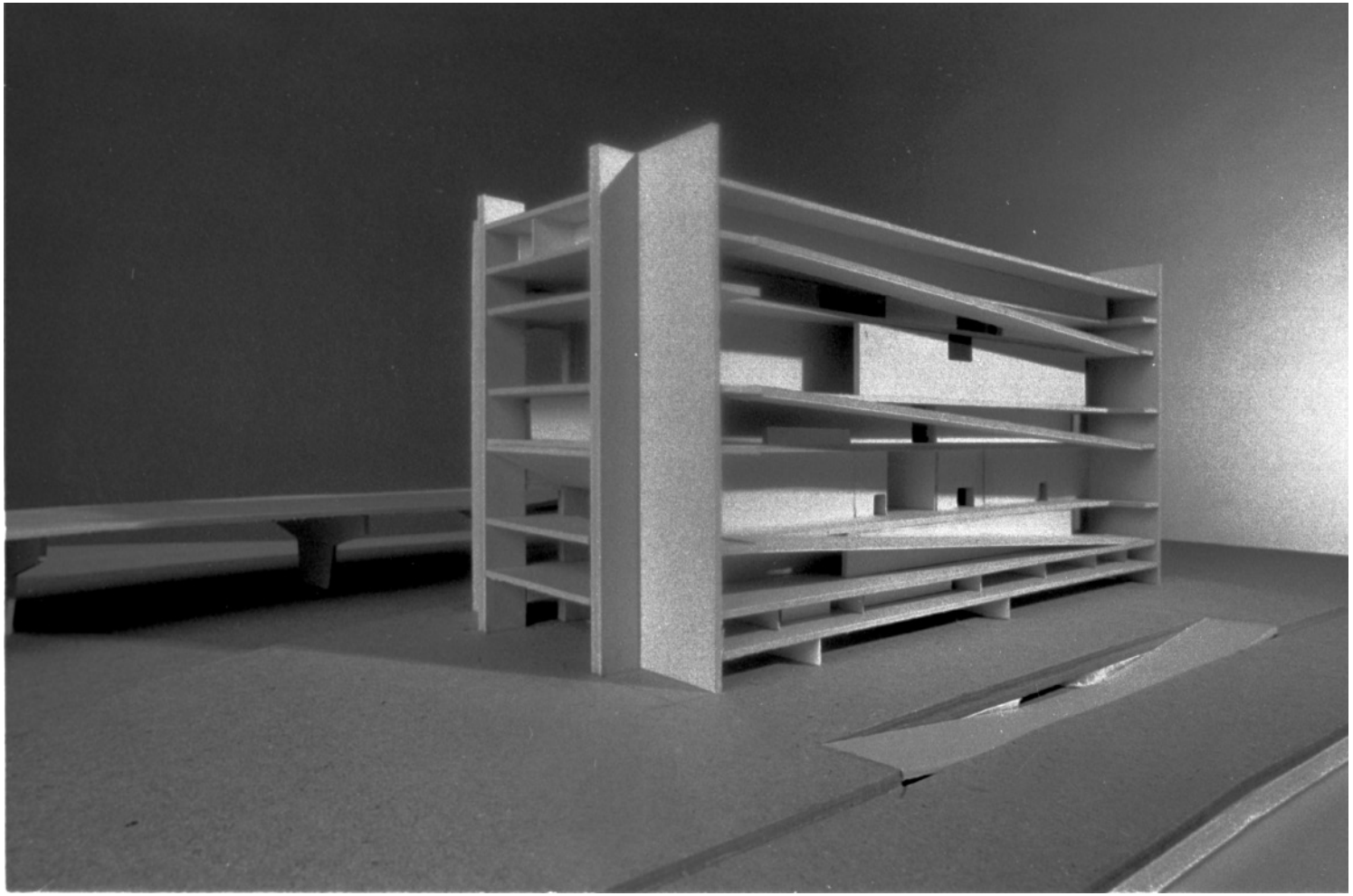


figura 262. pmr-c-mac-maquete-07. autor: Edison Hiroyama

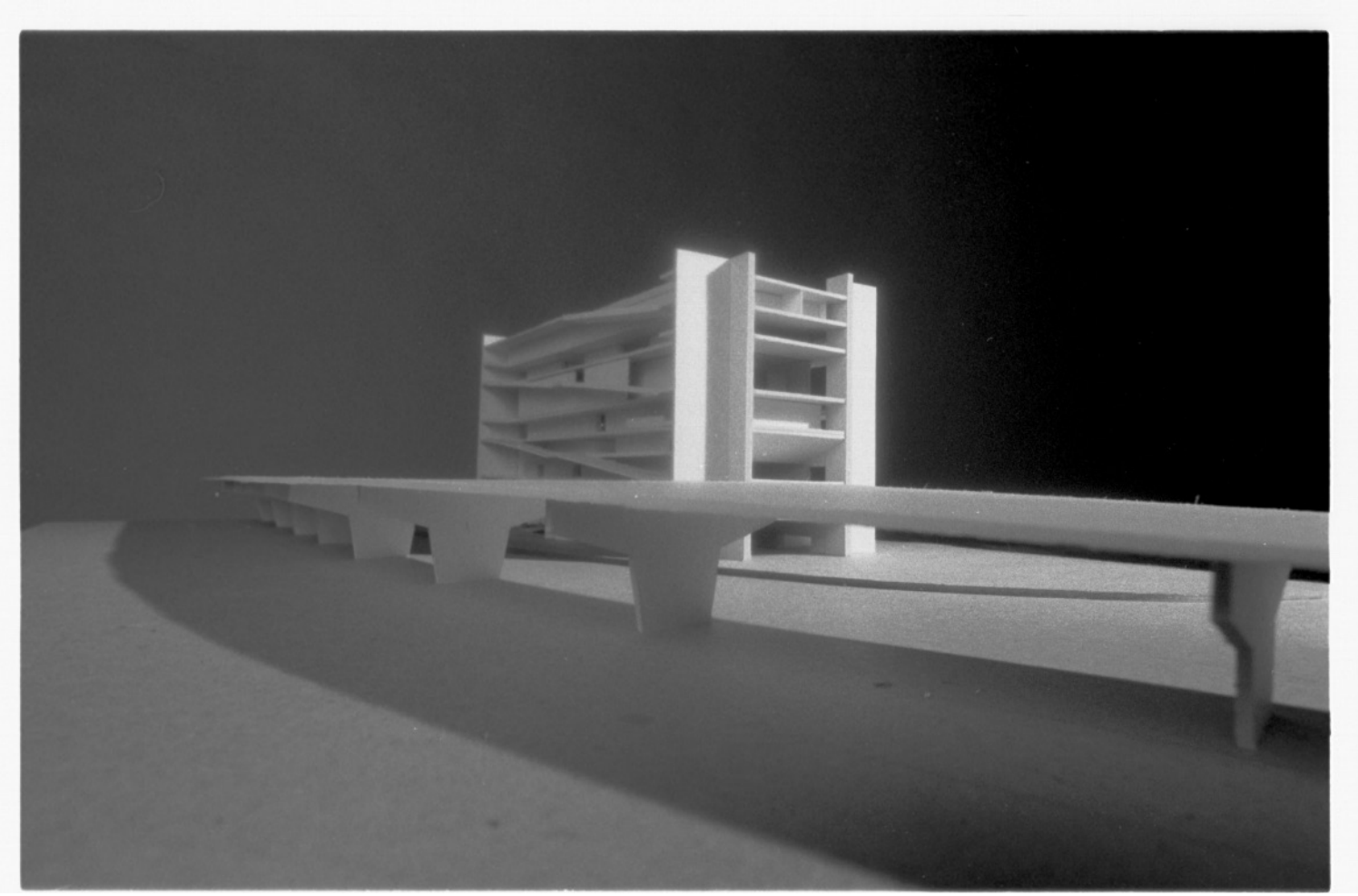


figura 263. pmr-c-mac-maquete-08. autor: Edison Hiroyama

Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo 2001

são paulo

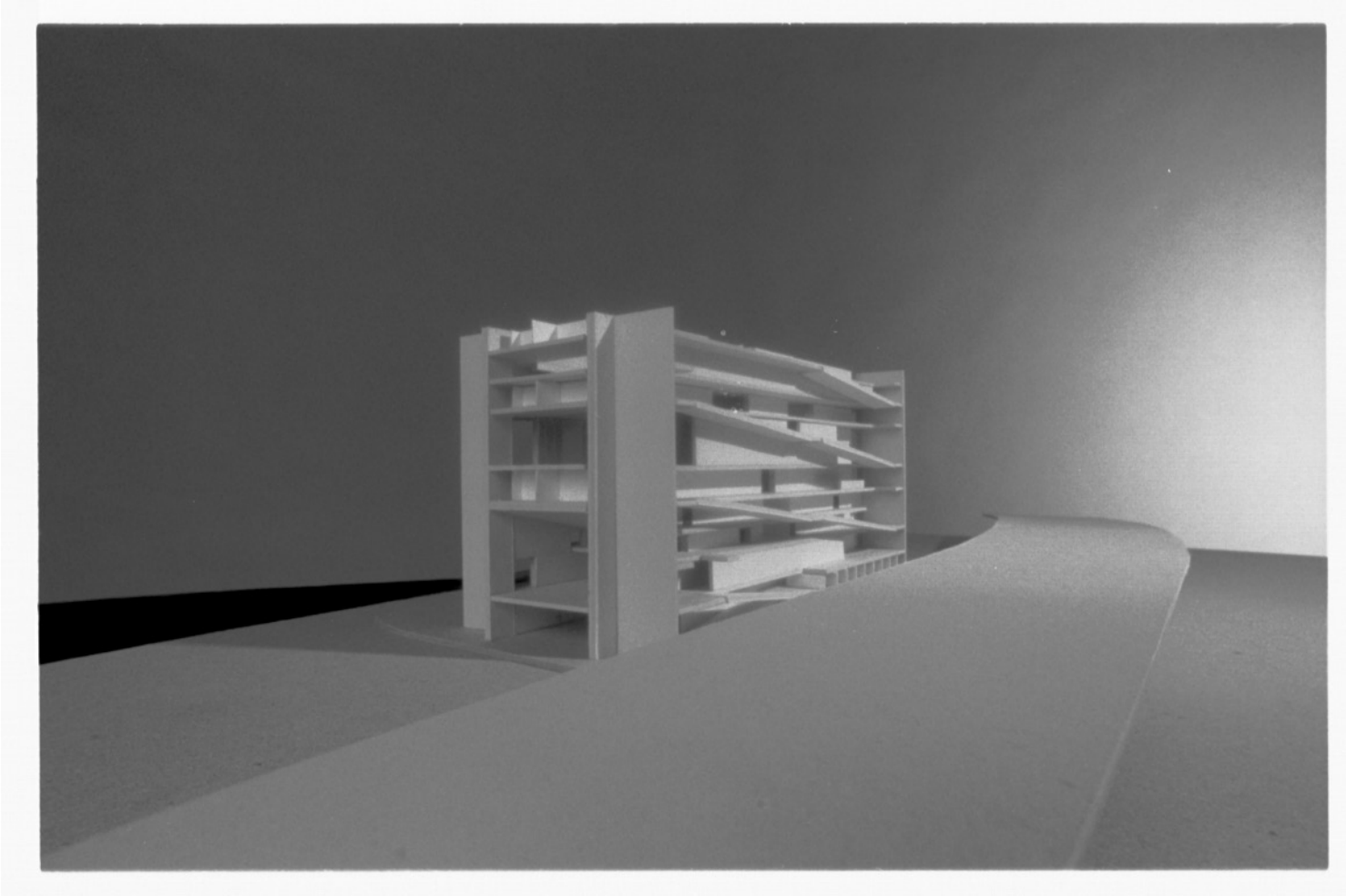


figura 264. pmr-c-mac-maquete-09. autor: Edison Hiroyama

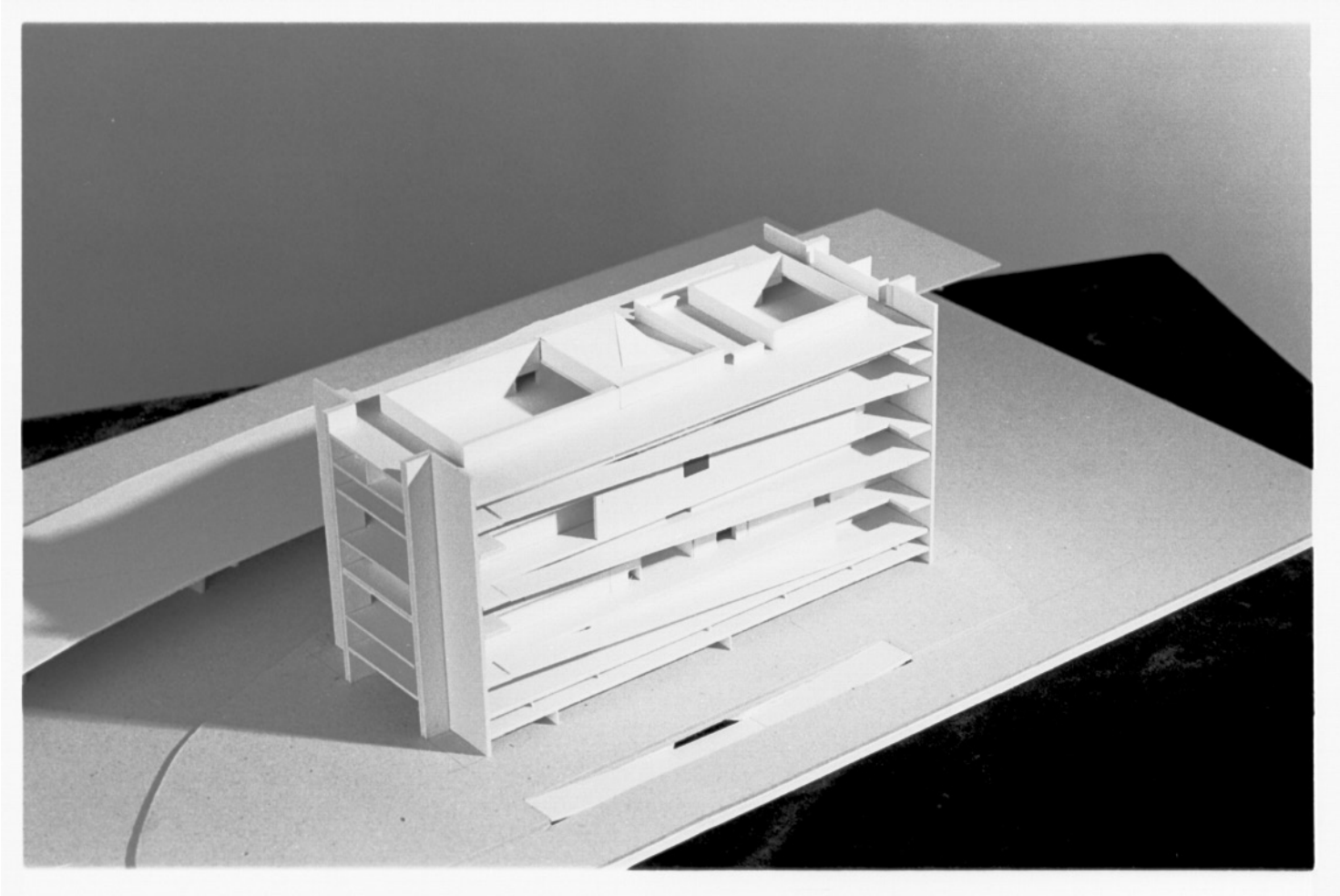


figura 265. pmr-c-mac-maquete-10. autor: Edison Hiroyama

Edifício de Correos y Telegrafos - Buenos Aires 2005

argentina

_ Tipo de Concurso

público internacional

_ Entidade Promotora

Ministerio de Planificación Federal

Inversión Pública y Servicios da Argentina

Secretaría de Cultura de la Nación

Prefeitura de Buenos Aires

_ Organizador do Concurso

Sociedade Central de Arquitetos

_Número de Projetos Entregues

aproximadamente 40

_ Colocação Paulo Mendes da Rocha

não premiado

_ Premiados

1° lugar- B4FS Arquitectos- Enrique Bares, Federico Bares, Nicolás Bares, Daniel Becker, Claudio Ferrari e Florencia Schnack

2º lugar- não houve

3º lugar- Juan José Vicario / Juan Ignacio Meoz

3º lugar- Luis Ibarlucía / César Jaimes

_ Jurados

Carlos Berdichevsky
Mario Línder
Mederico Faivre
José Miguens
Javier Castro
María Egozcue
Edgardo Minond
Ramón Boix

_ Anotações

não construído

_ Acervo Disponível

foram encontrados as bases do concurso e memoria de projeto

_ Equipe de Projeto

_ Bibliogafia

CONCURSOSDEPROJETO. Concurso internacional- Centro Culturam do Bicentenário- Argentina. 2009. Disponível em: <https://concursosdeprojeto.org/2009/02/25/concurso-internacional-centro-bicentenario/l>. Acesso em: 20 de set. de 2020.

OTONDO, C. Relações entre pensar e fazer na obra de Paulo Mendes da Rocha. 247 p. Tese (Doutorado em Arquitetura e urbanismo). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

PISANI, D. Paulo Mendes da Rocha, Obra Completa. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

SOBREIRA, F; FLYNN, M. H.; RIBEIRO, P.V.B. (orgs.) Paulo Mendes da Rocha: sobre concursos e memórias (entrevista). Brasília: MGSR, 2018.

Nova Corte de Justiça - Trento 2006

itália

_ Tipo de Concurso

aberto internacional

_ Entidade Promotora

Administração da Província de Trento- ITA

_ Organizador do Concurso

l'Ordine degli Architetti di Trento

_Número de Projetos Entregues

10

_ Colocação Paulo Mendes da Rocha

segunda fase- 10º lugar

_ Premiados

1 lugar- Pierluigi Nicolin e equipe- ITA

2 lugar- Francine M.J. Houben Olanda e equipe- HOL

3 lugar- Guillermo Vazquez Consuegra Spagna e equipe- ESP

4 lugar- Vittorio Gregotti e equipe- ITA

_ Jurados

_ Acervo Disponível

pranchas completas e fotos da maquete

_ Equipe de Projeto

Paulo Mendes da Rocha

M. Manzelle

MAP studio

S. Rocchetto

A. Lazzaroni

F. Gadotti (Planning s.r.l., Sidera s.r.l.).

_ Bibliogafia

MAP-STUDIO. Law court in Trento, s.d. Disponível em: <http://www.map-studio.it/project/law-court-in-trento/>. Acesso em: 29 de set. de 2022.

OTONDO, C. Relações entre pensar e fazer na obra de Paulo Mendes da Rocha. 247 p. Tese (Doutorado em Arquitetura e urbanismo). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

PISANI, D. Paulo Mendes da Rocha, Obra Completa. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

SOBREIRA, F; FLYNN, M. H.; RIBEIRO, P.V.B. (orgs.) Paulo Mendes da Rocha: sobre concursos e memórias (entrevista). Brasília: MGSR, 2018.

Nova Corte de Justiça - Trento 2006

itália

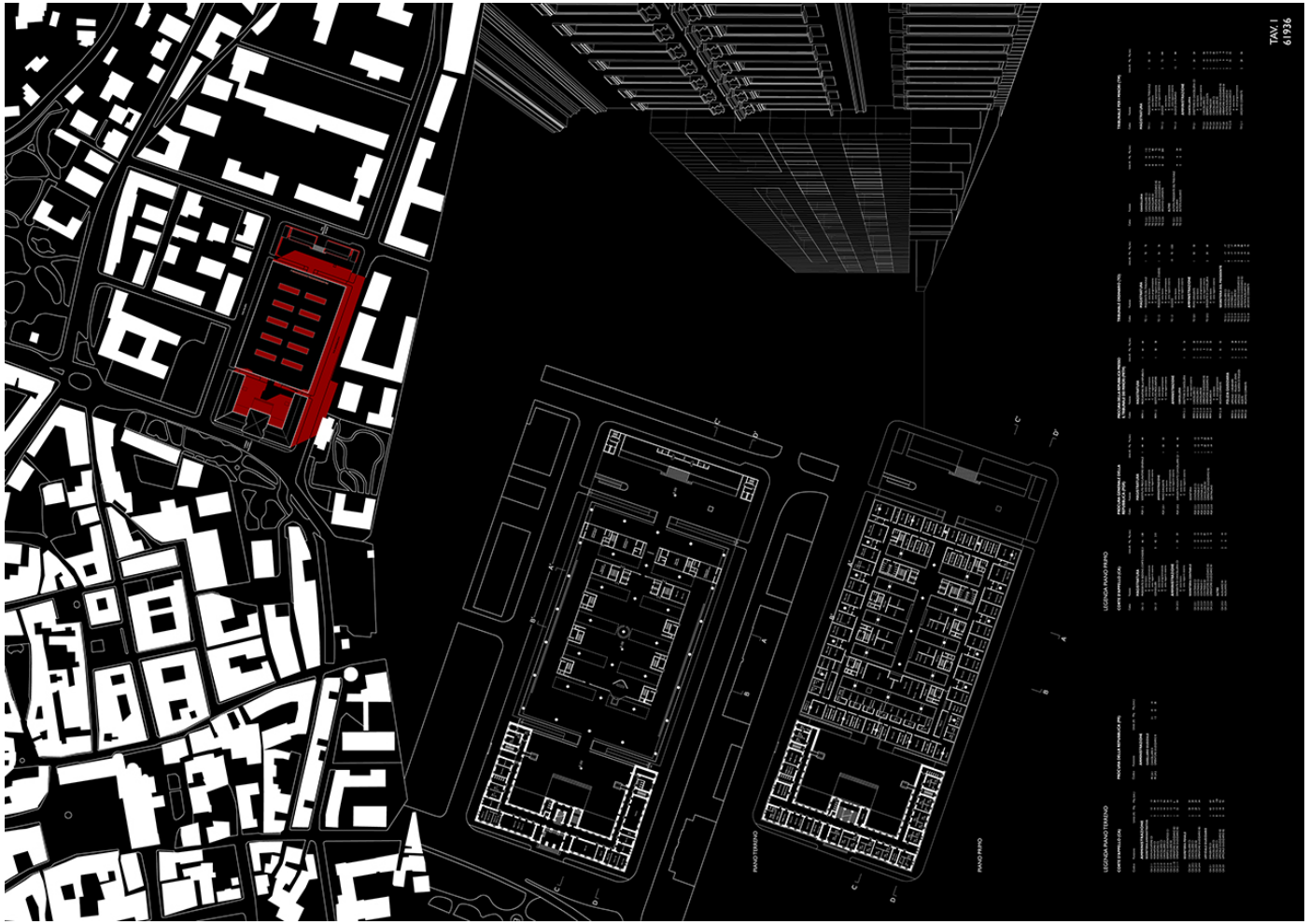


figura 266. pmr-c-ncjt-flh-01. fonte: map-studio.it

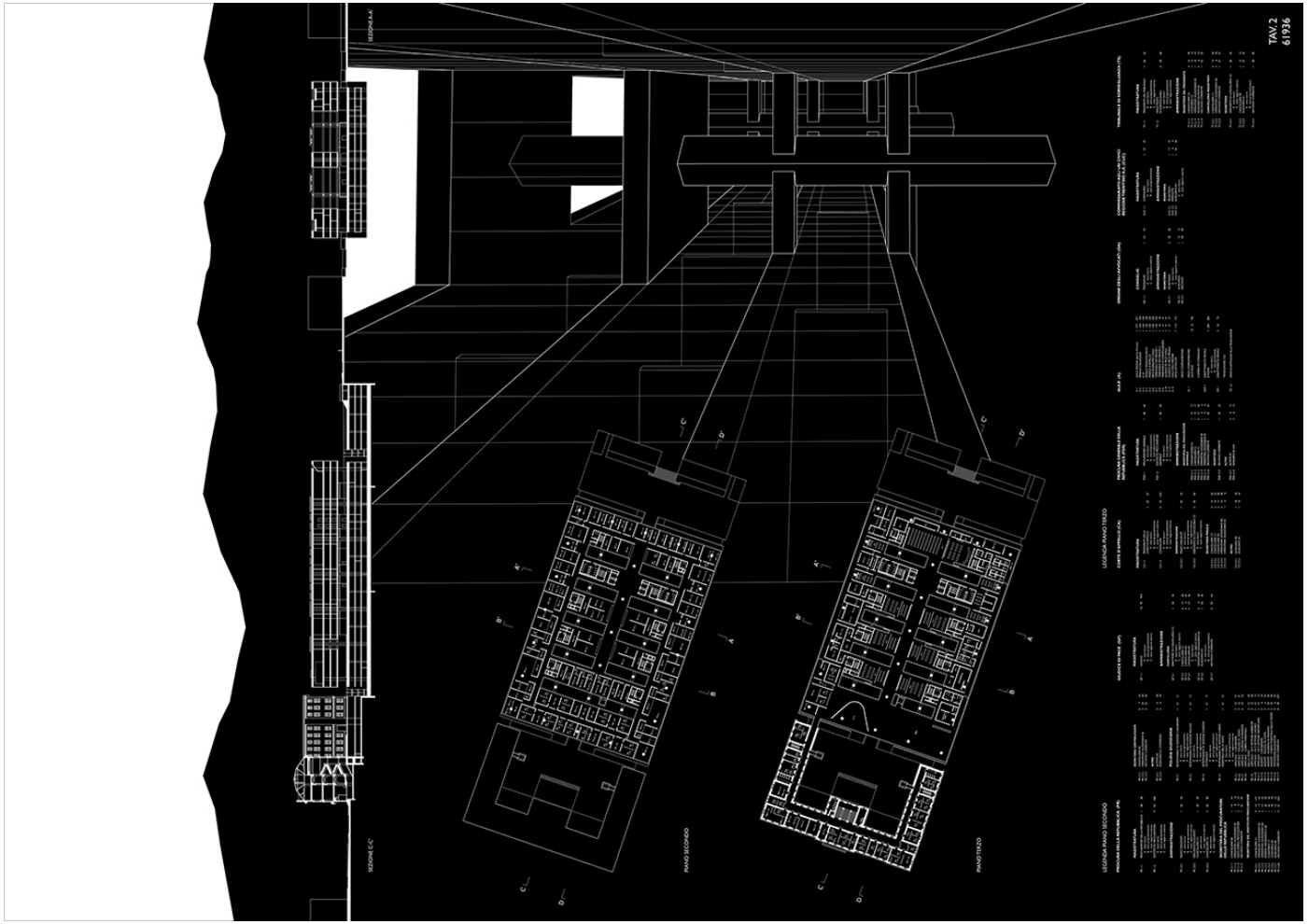


figura 267. pmr-c-ncjt-flh-02. fonte: map-studio.it

Nova Corte de Justiça - Trento 2006

itália

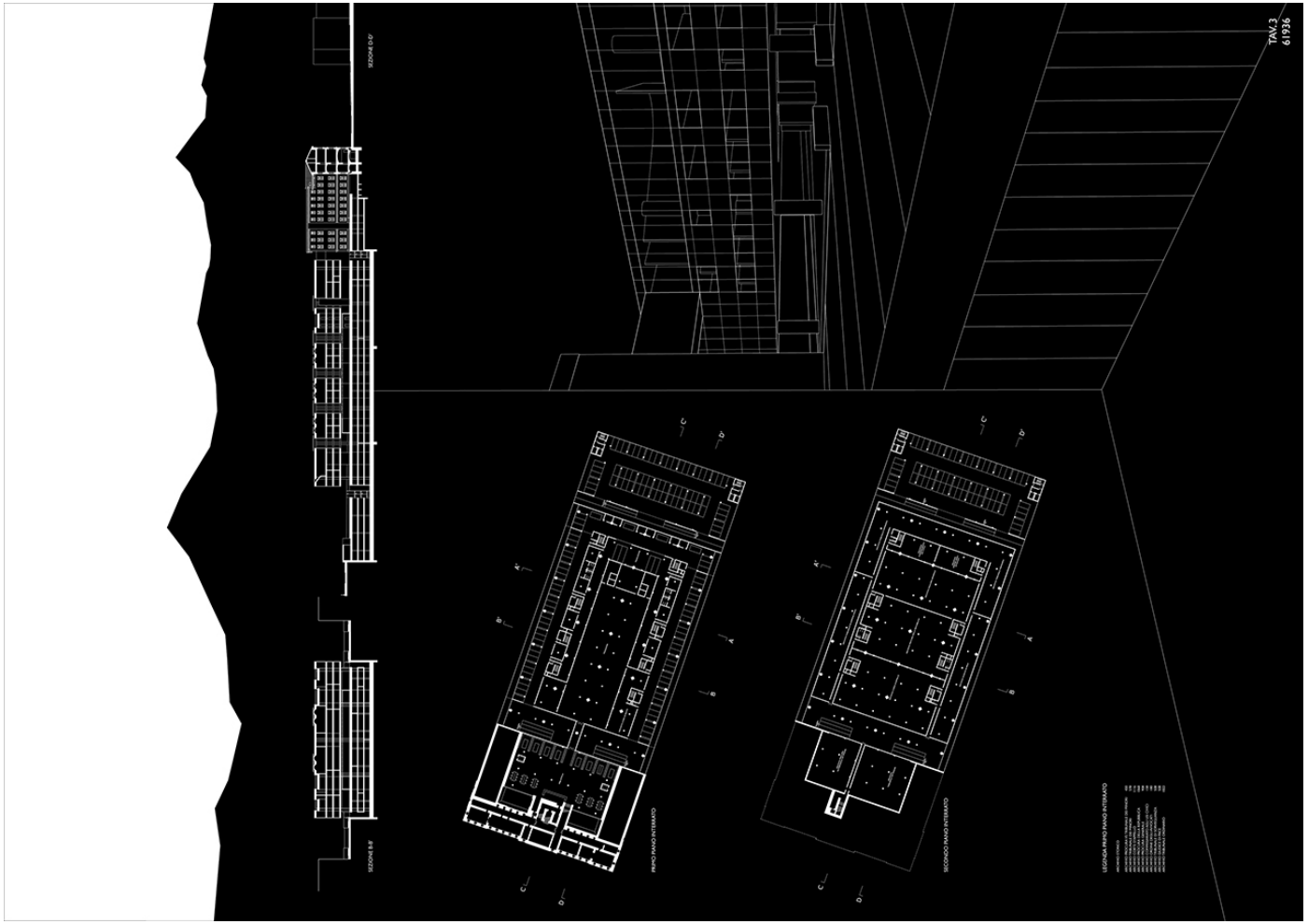


figura 268. pmr-c-ncjt-flh-03. fonte: map-studio.it

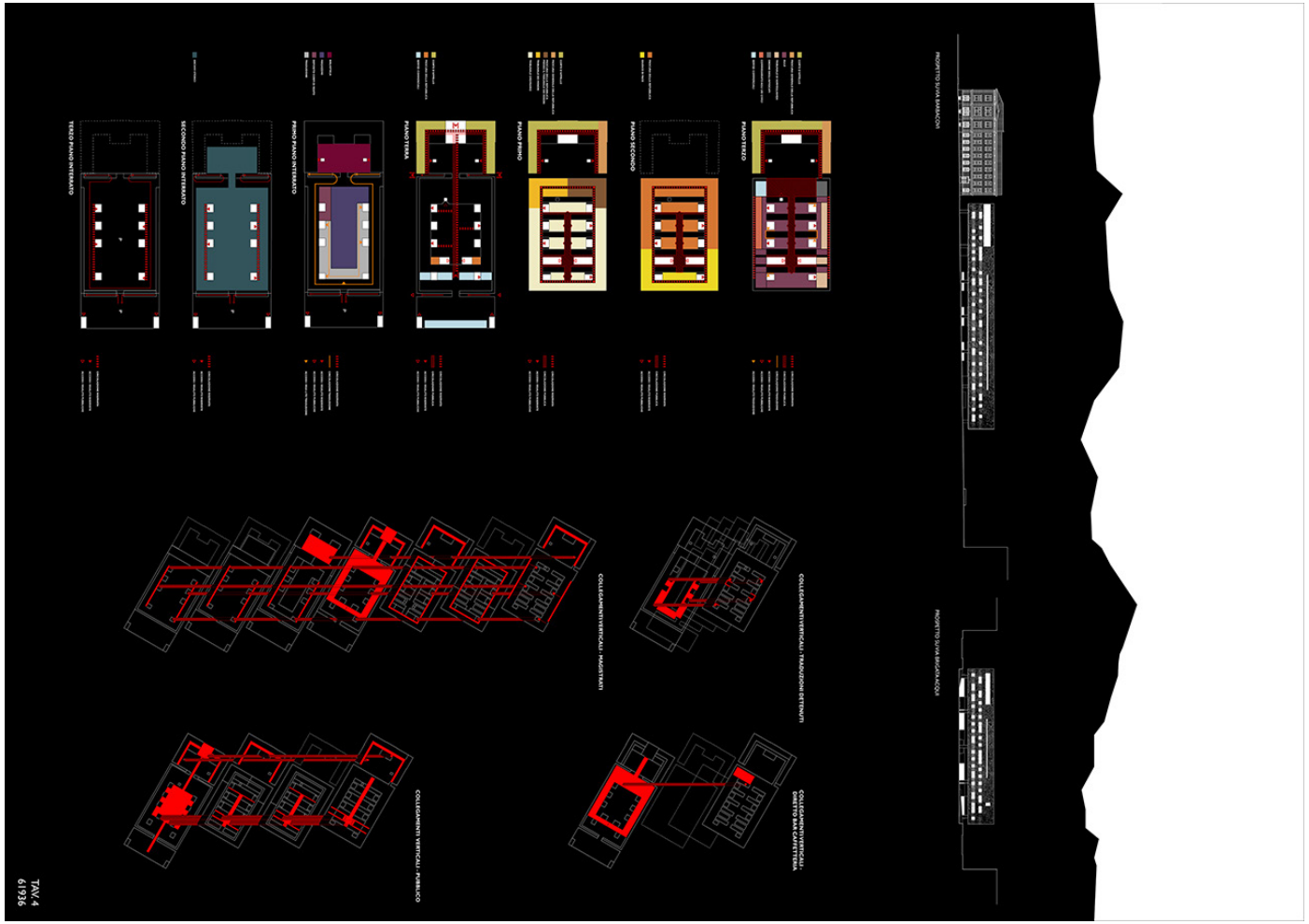


figura 269. pmr-c-ncjt-flh-04. fonte: map-studio.it

Nova Corte de Justiça - Trento 2006

itália

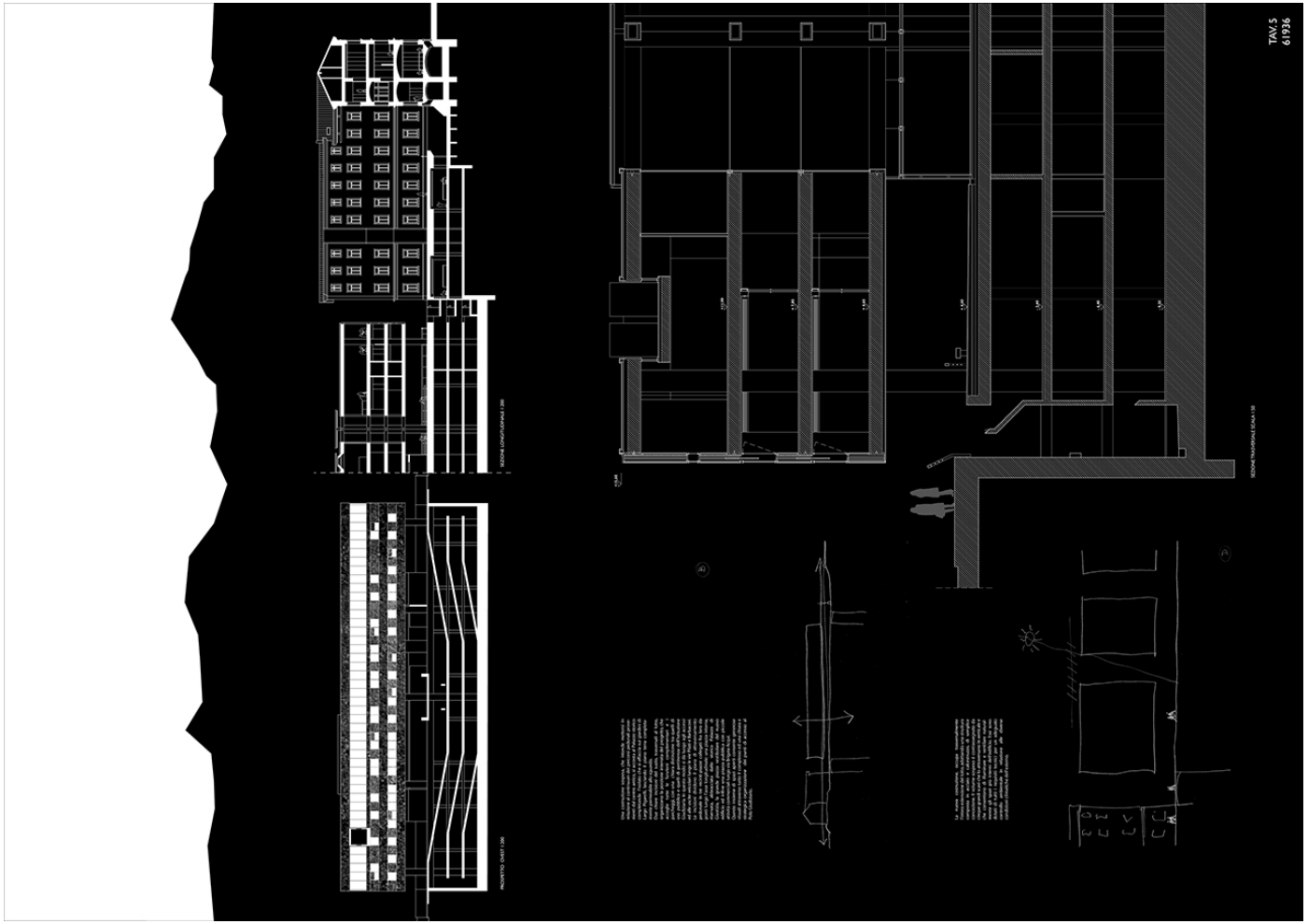
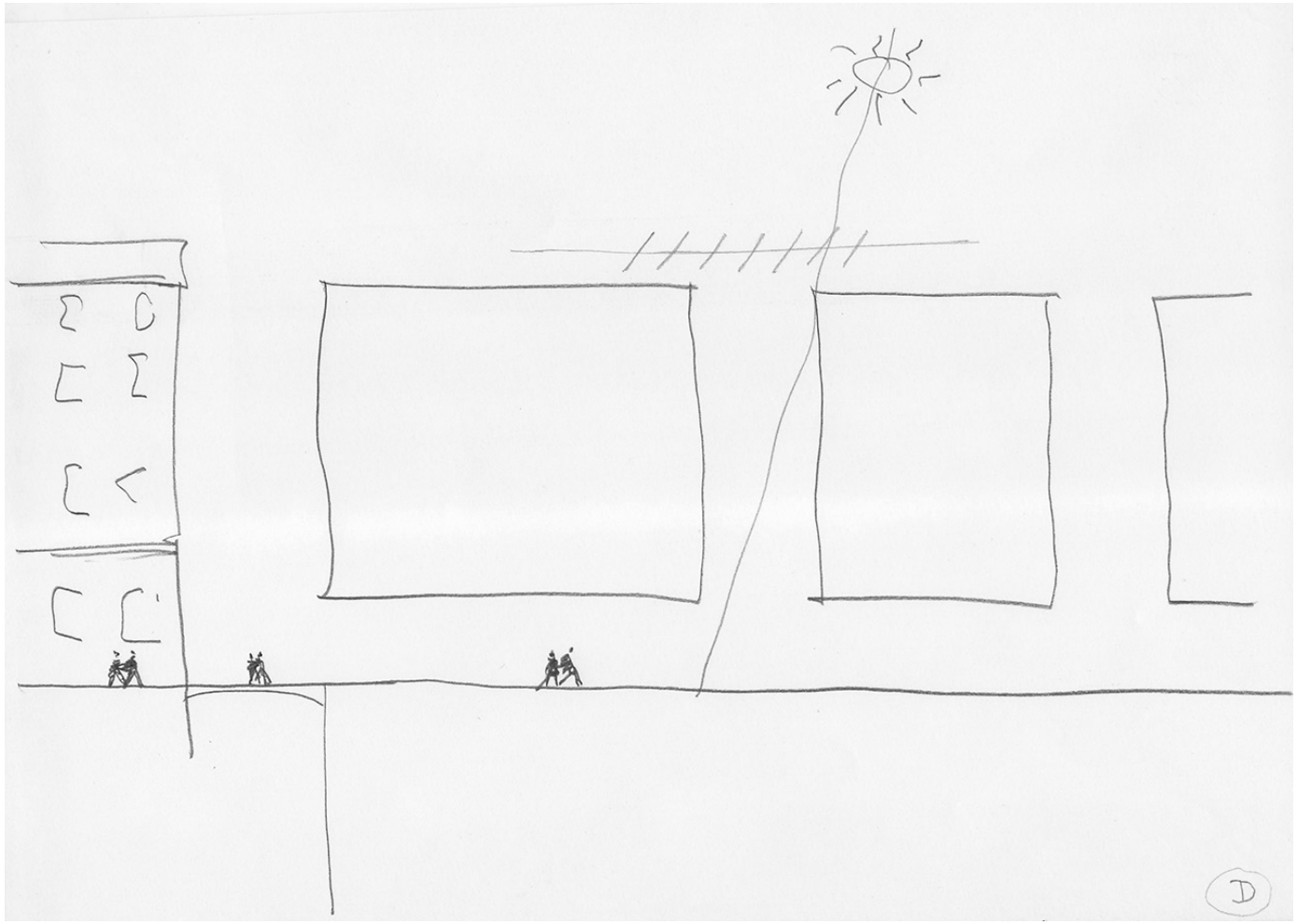


figura 270. pmr-c-ncjt-flh-05. fonte: map-studio.it



fonte 271. pmr-c-ncjt-croqui-01. fonte: map-studio.it

Nova Corte de Justiça - Trento 2006

itália

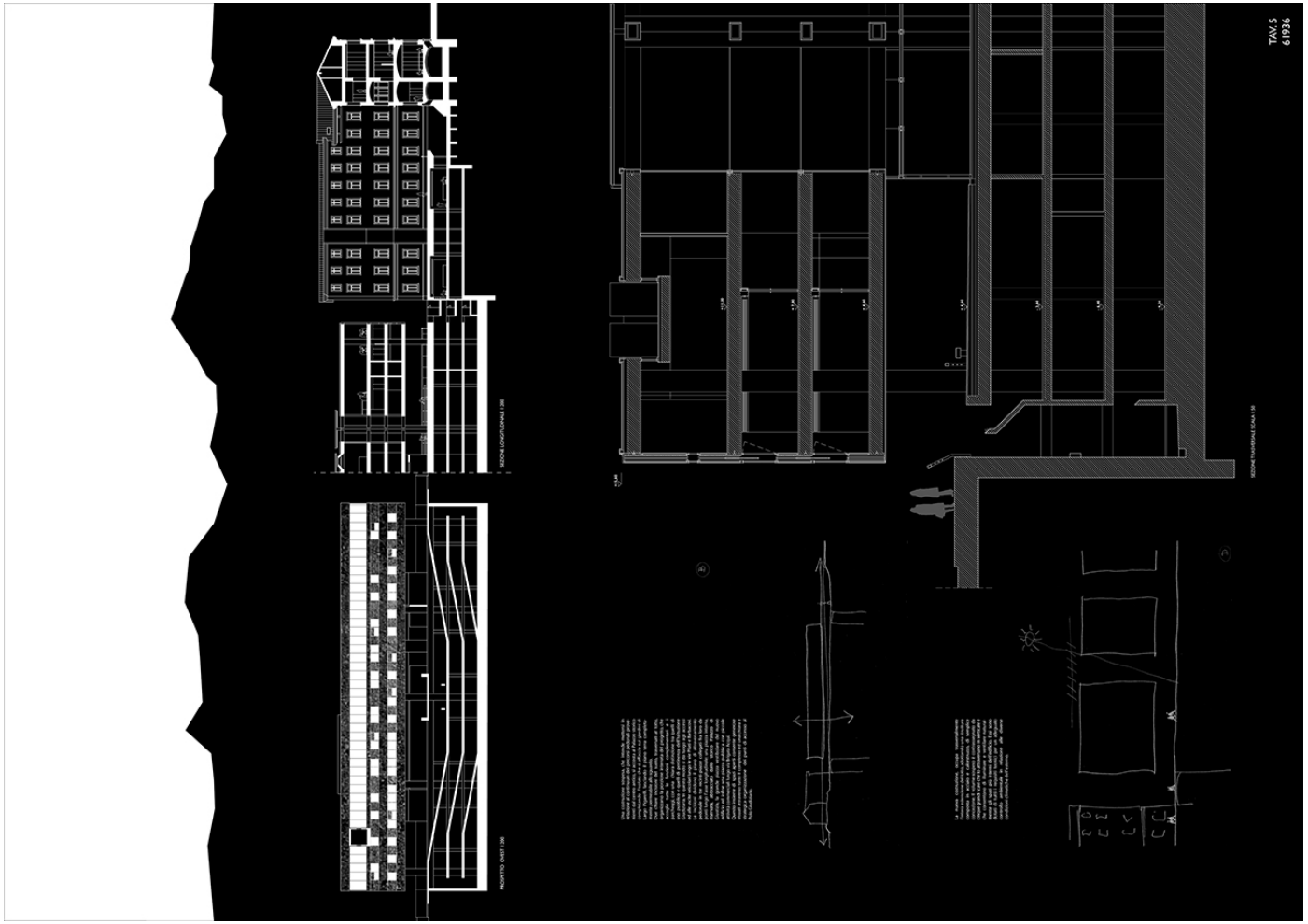
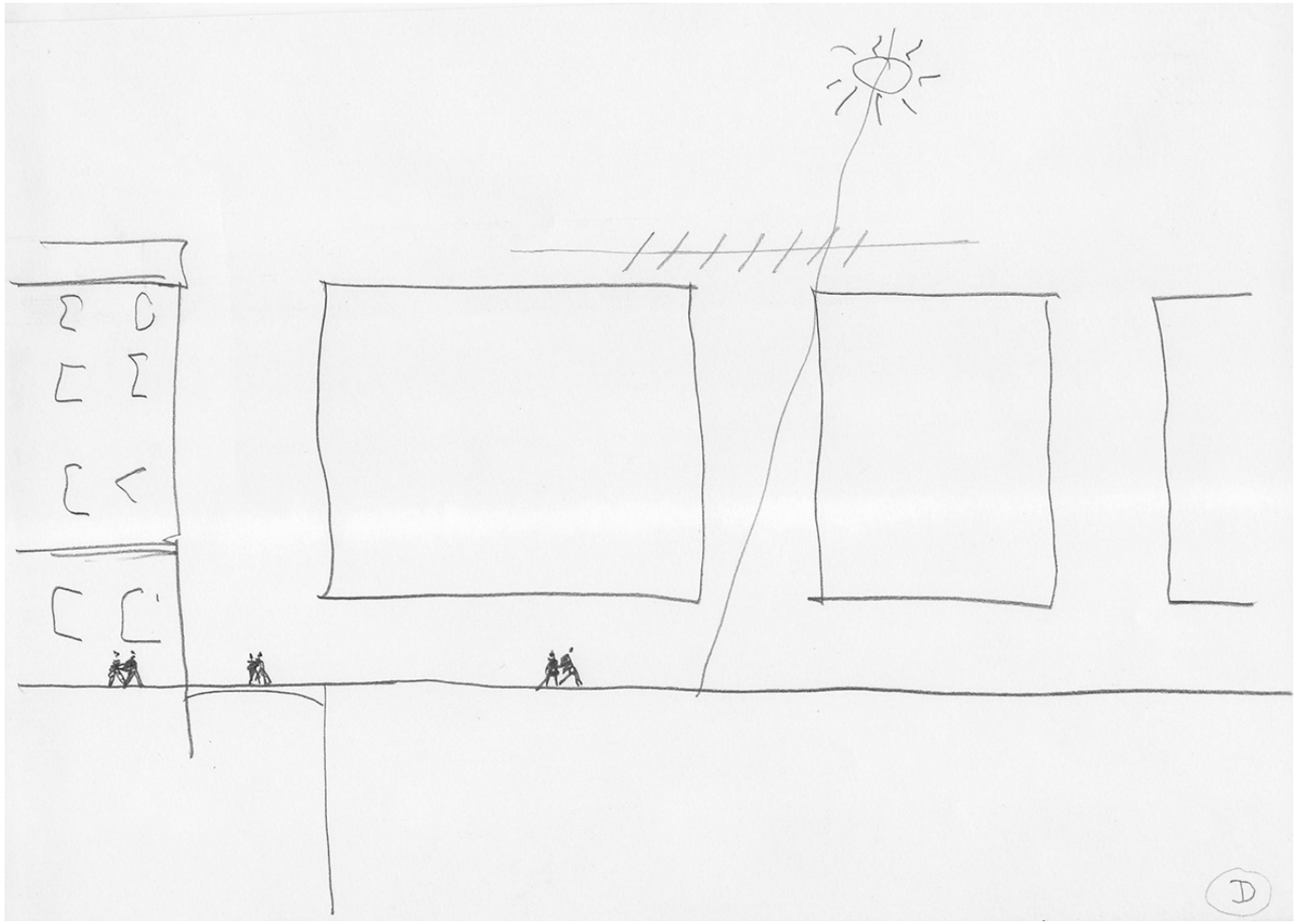


figura 272. pmr-c-ncjt-flh-05. fonte: map-studio.it



fonte 273. pmr-c-ncjt-croqui-01. fonte: map-studio.it

Nova Corte de Justiça - Trento 2006

itália

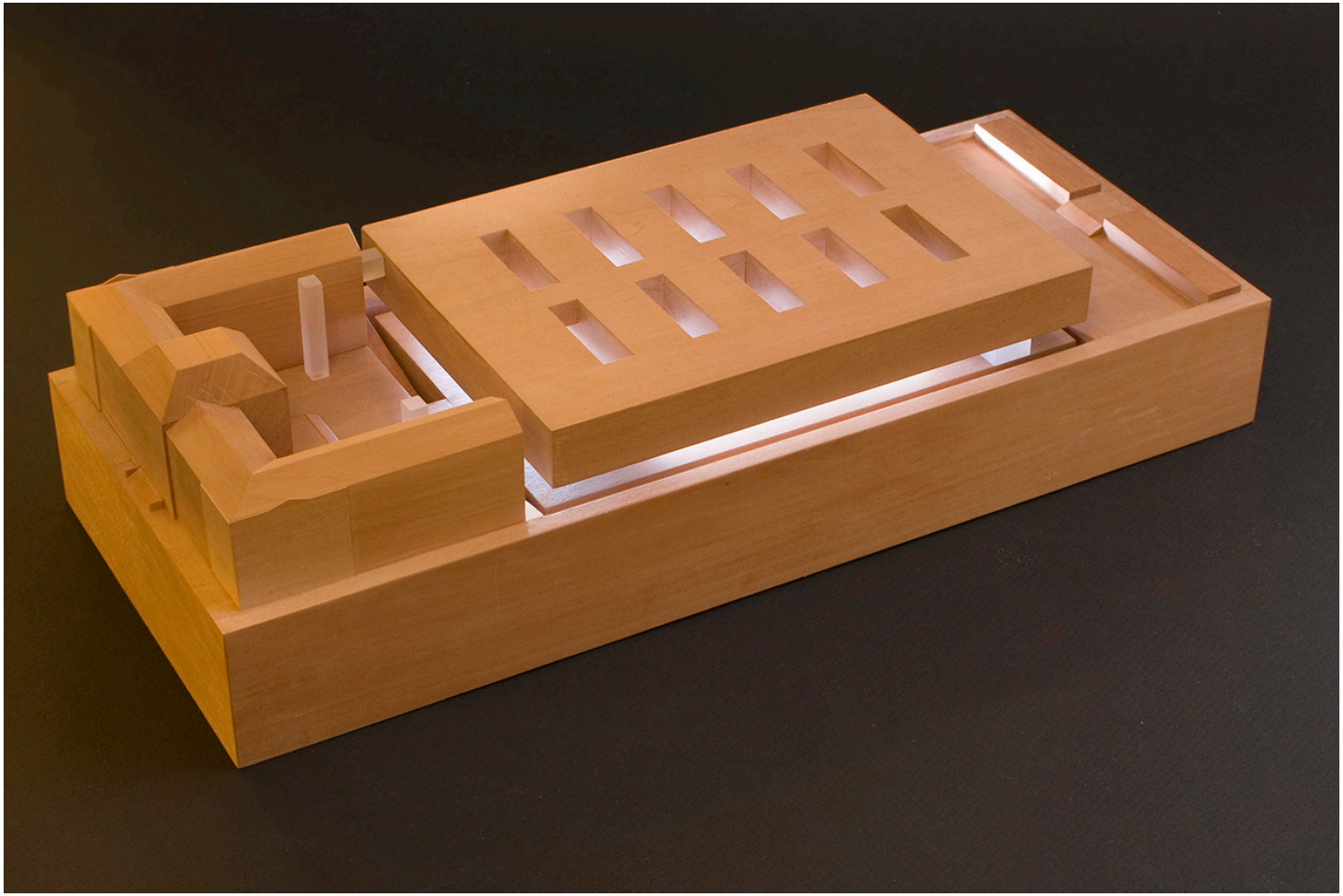


figura 274. pmr-c-ncjt-maquete-01. fonte: map-studio.it

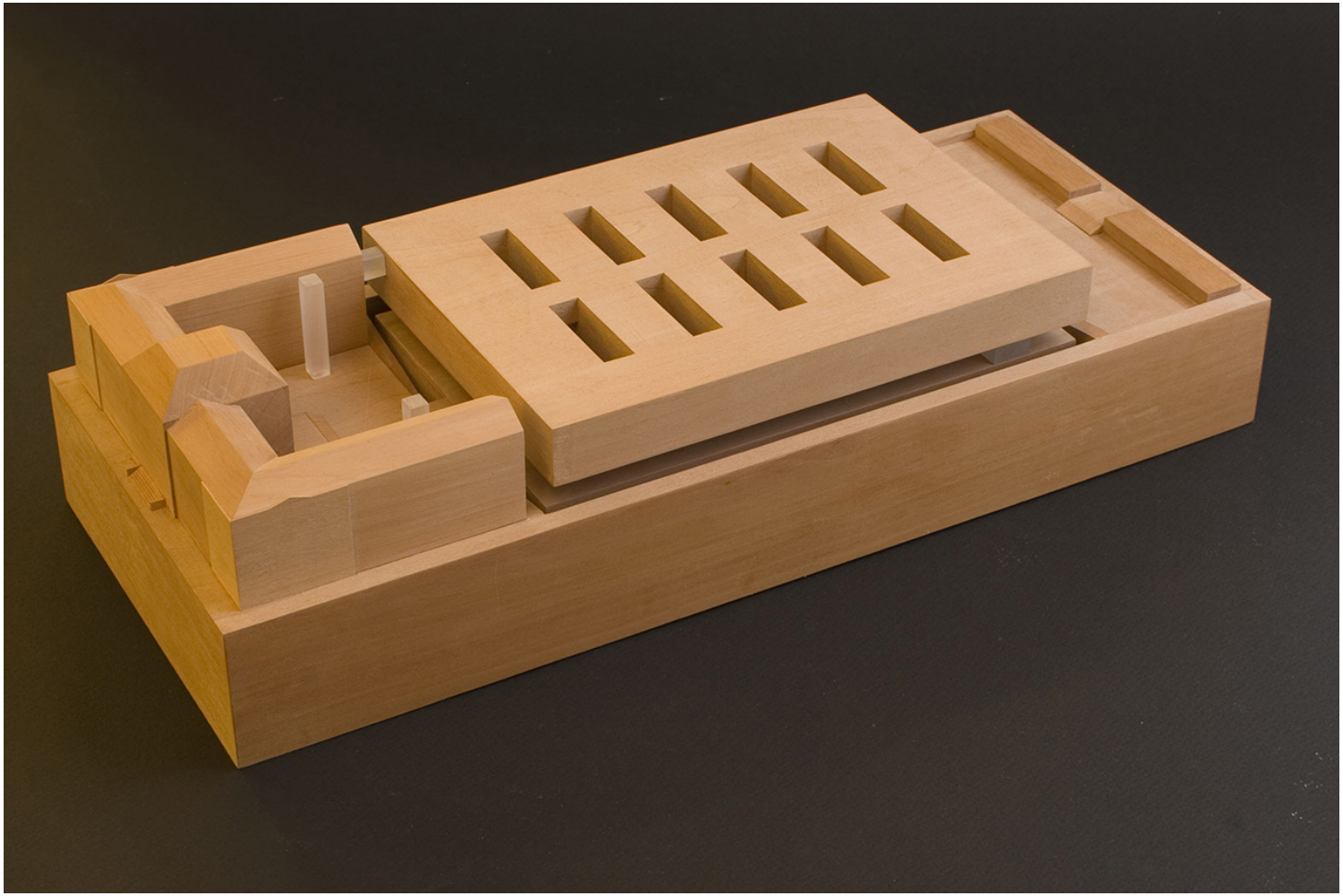


figura 275. pmr-c-ncjt-maquete-02. fonte: map-studio.it

Sede do Serviço Social do Comércio (SESC) Edifício Glória - Vitória 2007

espírito santo

_ Tipo de Concurso

_ Entidade Promotora

SESC

_ Organizador do Concurso

SESC

_Número de Projetos Entregues

-

_ Colocação Paulo Mendes da Rocha

não premiado

_ Premiados

1º- Ciro Pirondi e Sheila Basílio

_ Jurados

_ Anotações

_ Acervo Disponível

não foram encontrados registros no acervo do arquiteto

_ Equipe de Projeto

Paulo Mendes da Rocha (autor)

Pedro Mendes da Rocha (autor)

_ Bibliogafia

OTONDO, C. Relações entre pensar e fazer na obra de Paulo Mendes da Rocha. 247 p. Tese (Doutorado em Arquitetura e urbanismo). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

PISANI, D. Paulo Mendes da Rocha, Obra Completa. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

SOBREIRA, F; FLYNN, M. H.; RIBEIRO, P.V.B. (orgs.) Paulo Mendes da Rocha: sobre concursos e memórias (entrevista). Brasília: MGSR, 2018.

Sede do Serviço Social do Comércio (SESC) Edifício Glória - Vitória 2007

espírito santo

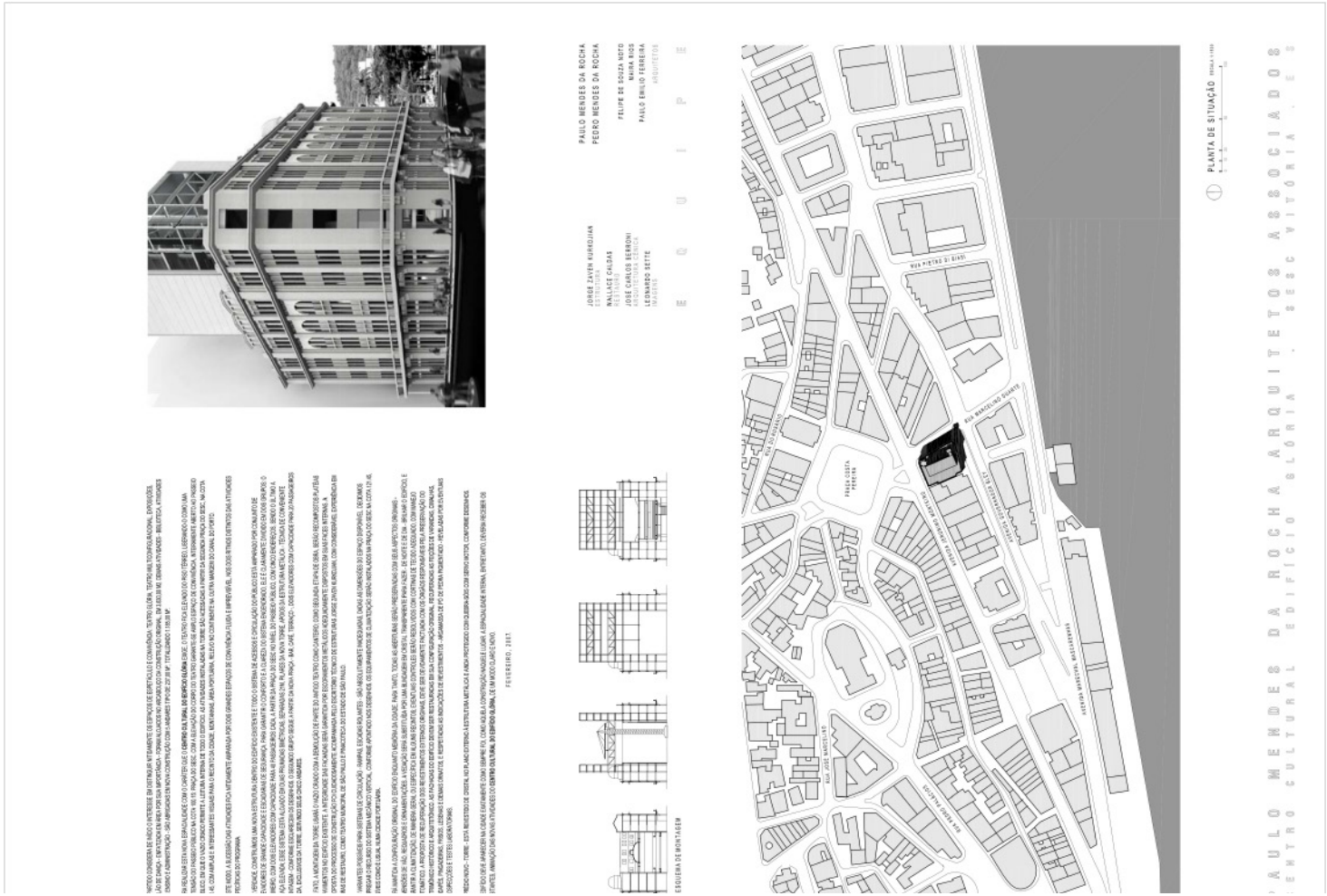


figura 276. pmr-c-sceg-flh-01. fonte: escritório Pedro Mendes da Rocha

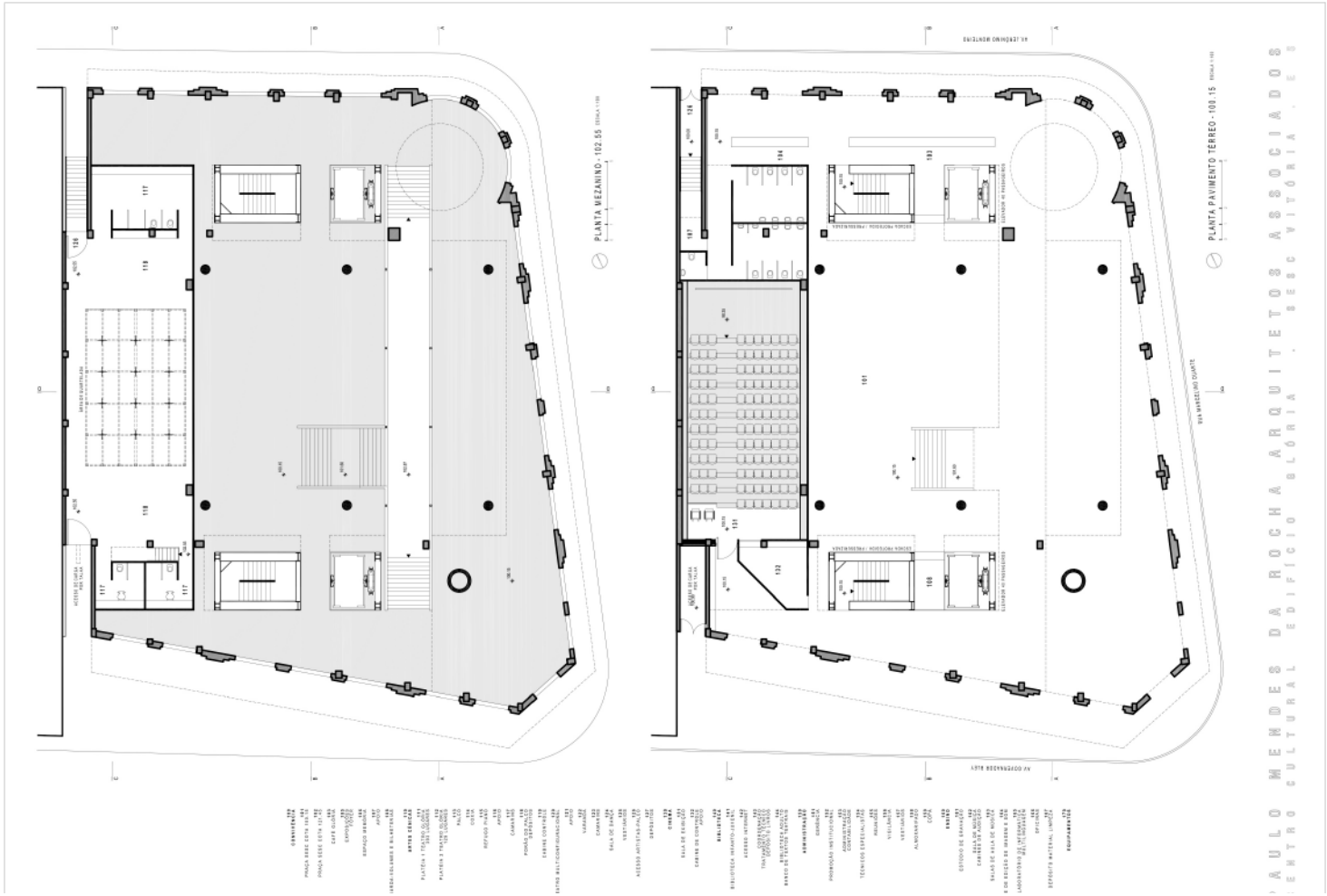


figura 277. pmr-c-sceg-flh-02. fonte: escritório Pedro Mendes da Rocha

Sede do Serviço Social do Comércio (SESC) Edifício Glória - Vitória 2007

espírito santo

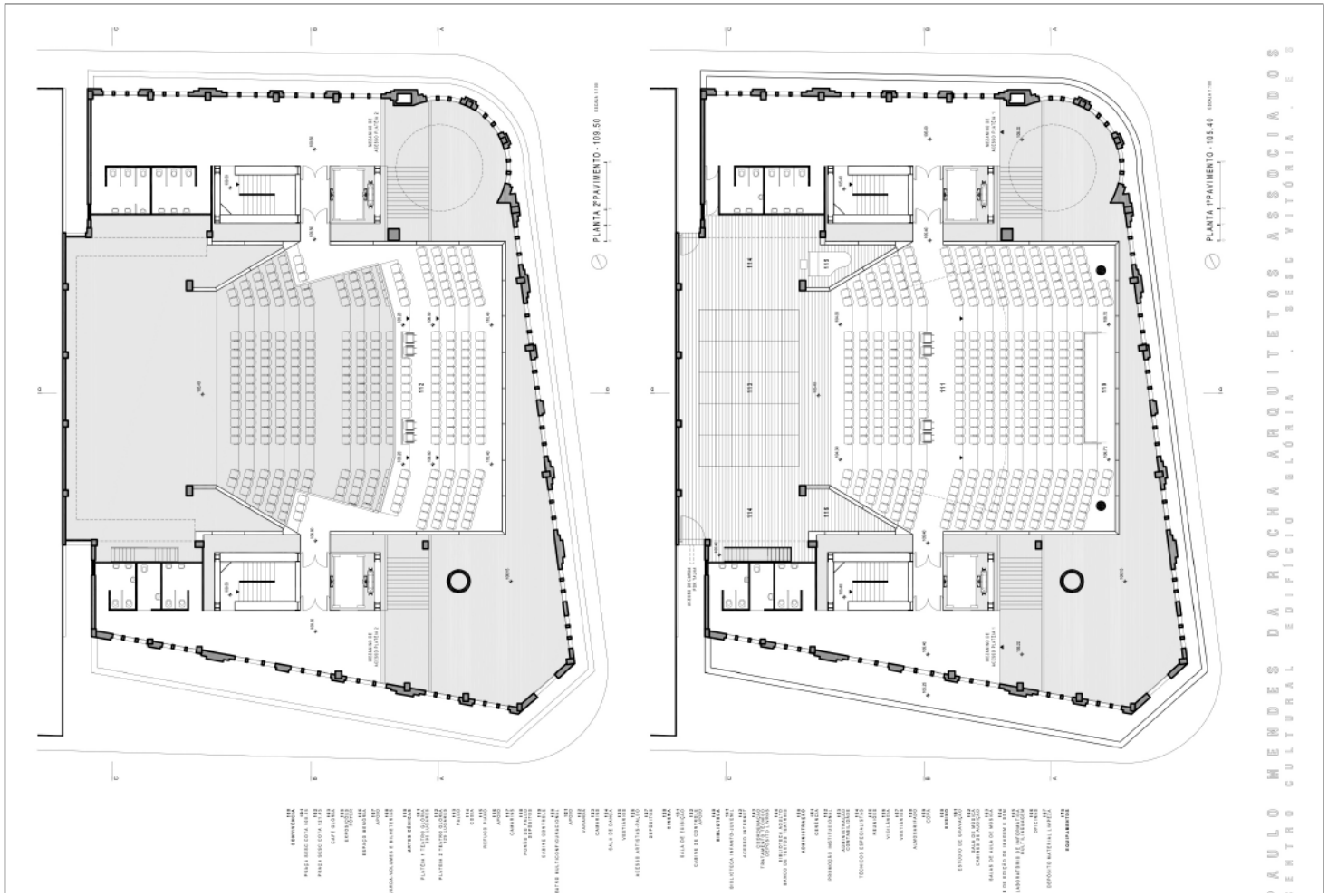


figura 278. pmr-c-sceg-flh-03. fonte: escritório Pedro Mendes da Rocha

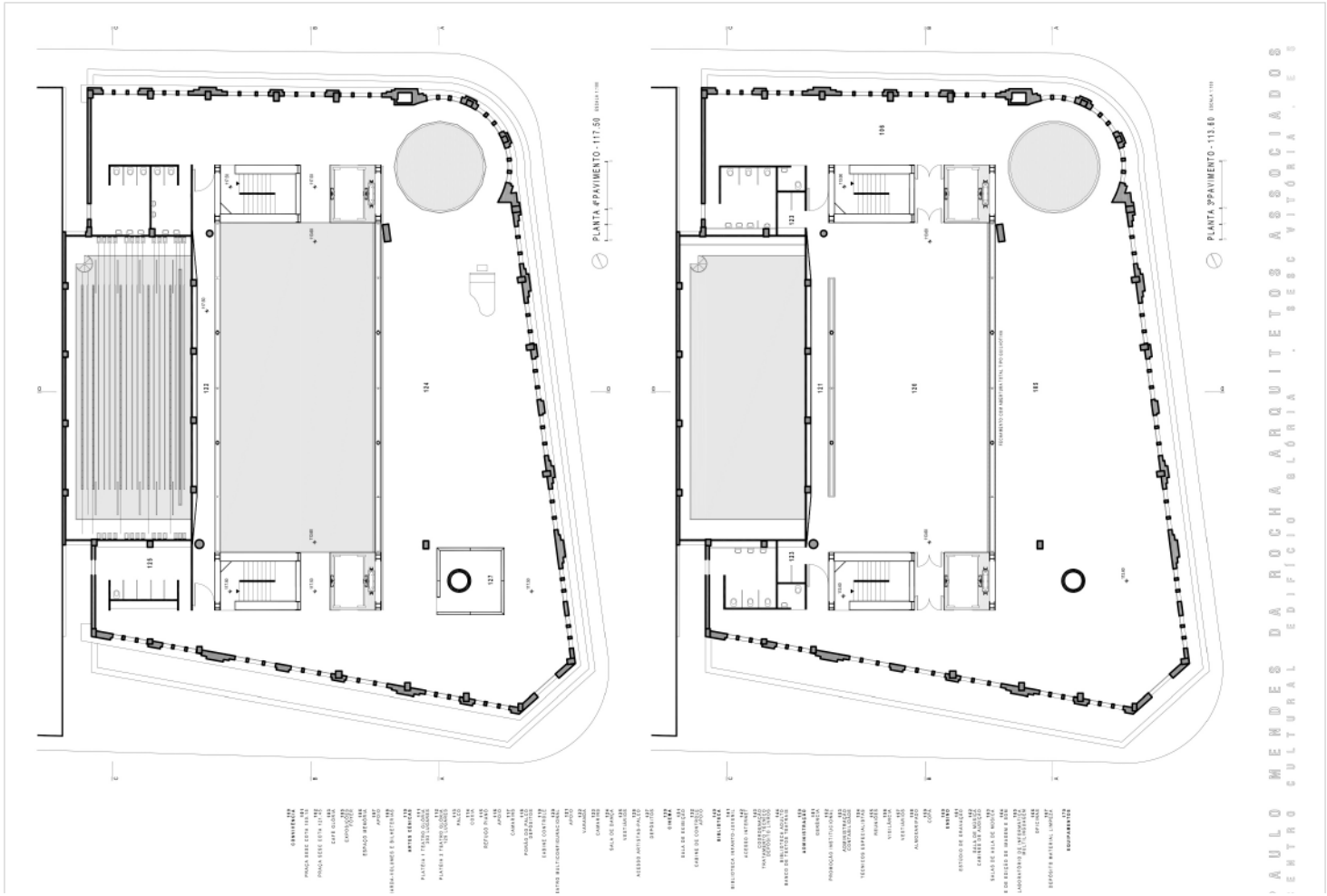


figura 279. pmr-c-sceg-flh-04. fonte: escritório Pedro Mendes da Rocha

Sede do Serviço Social do Comércio (SESC) Edifício Glória - Vitória 2007

espírito santo

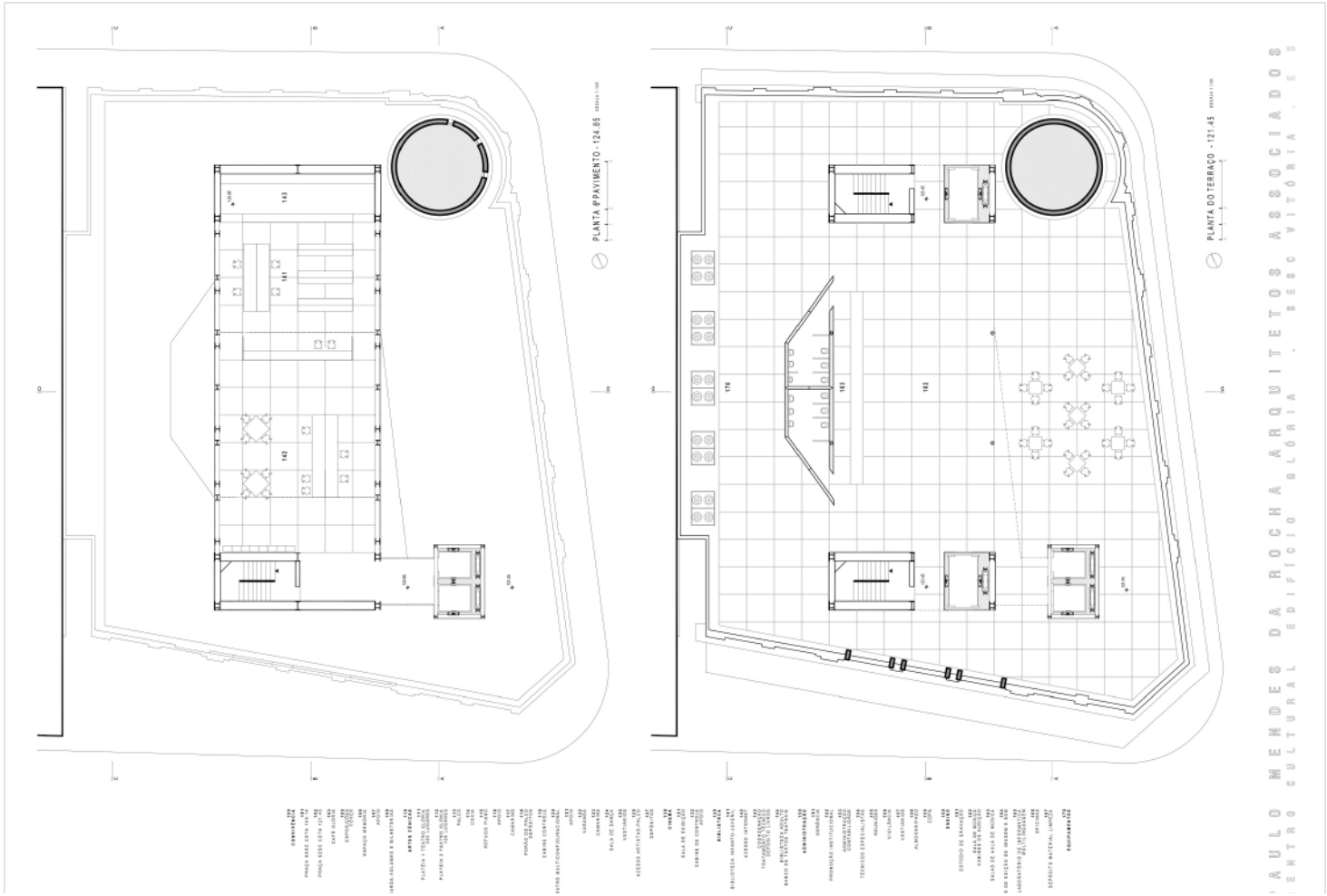


figura 280. pmr-c-sceg-flh-05. fonte: escritório Pedro Mendes da Rocha

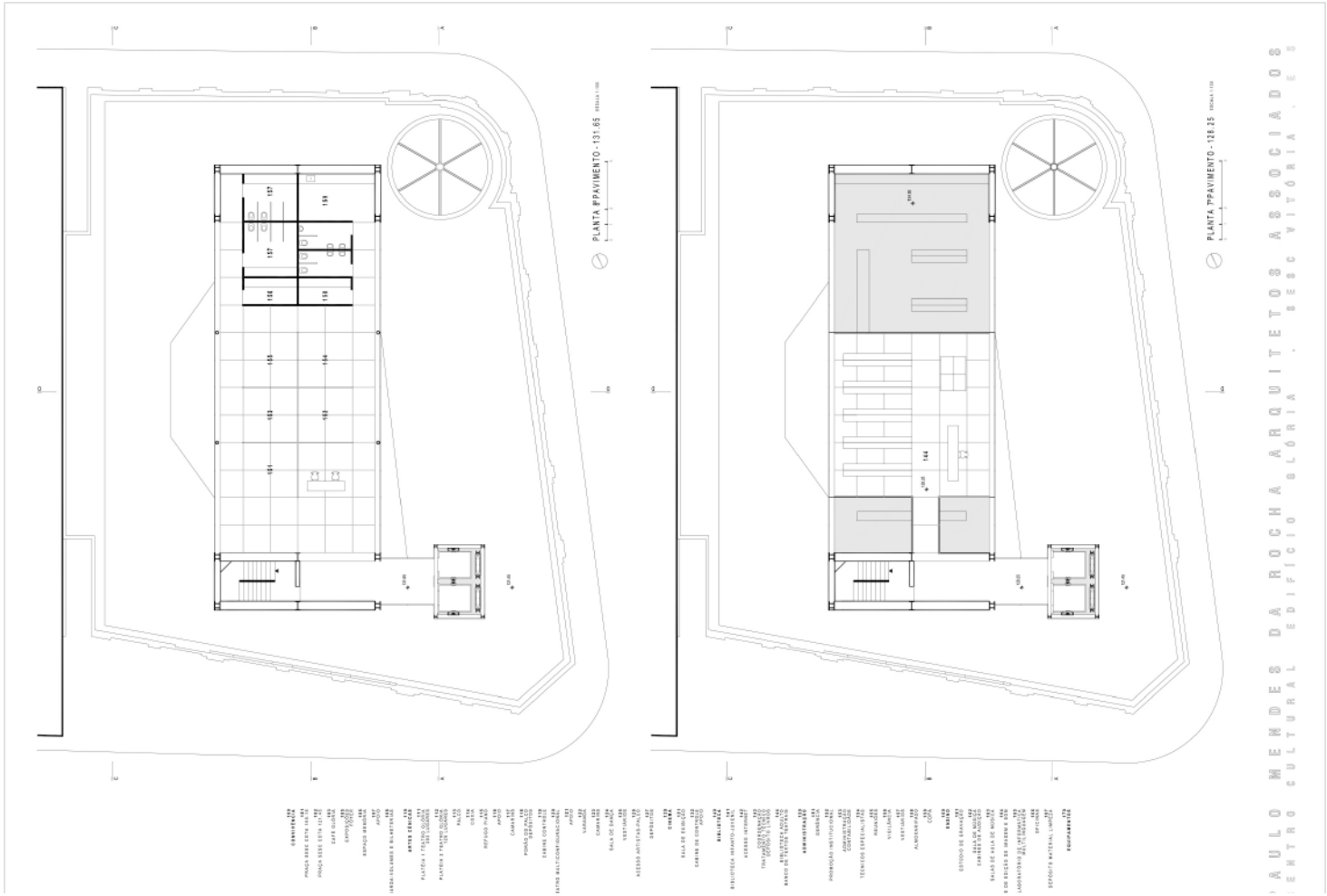


figura 281. pmr-c-sceg-flh-06. fonte: escritório Pedro Mendes da Rocha

Sede do Serviço Social do Comércio (SESC) Edifício Glória - Vitória 2007

espírito santo

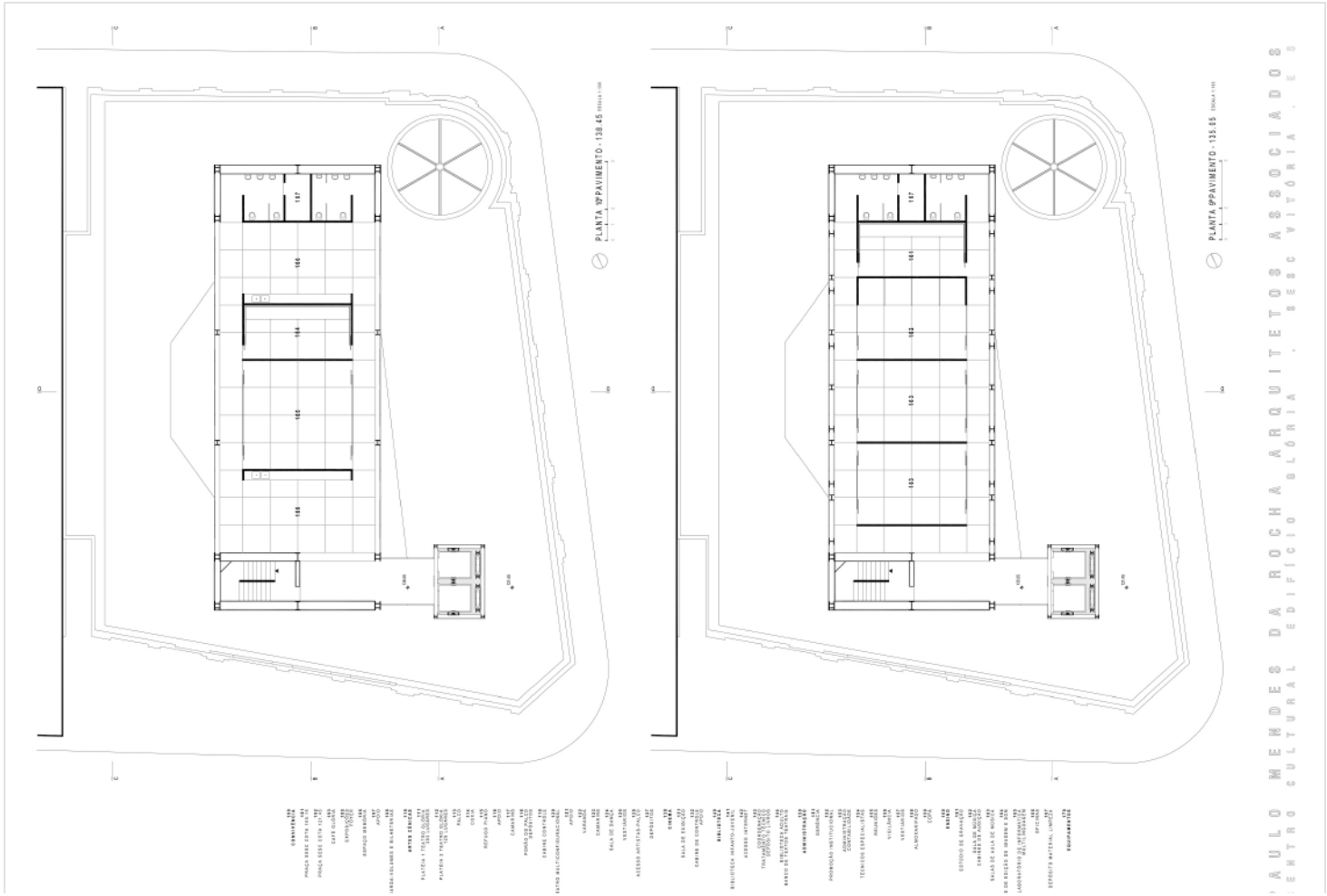


figura 282. pmr-c-sceg-flh-07. fonte: escritório Pedro Mendes da Rocha

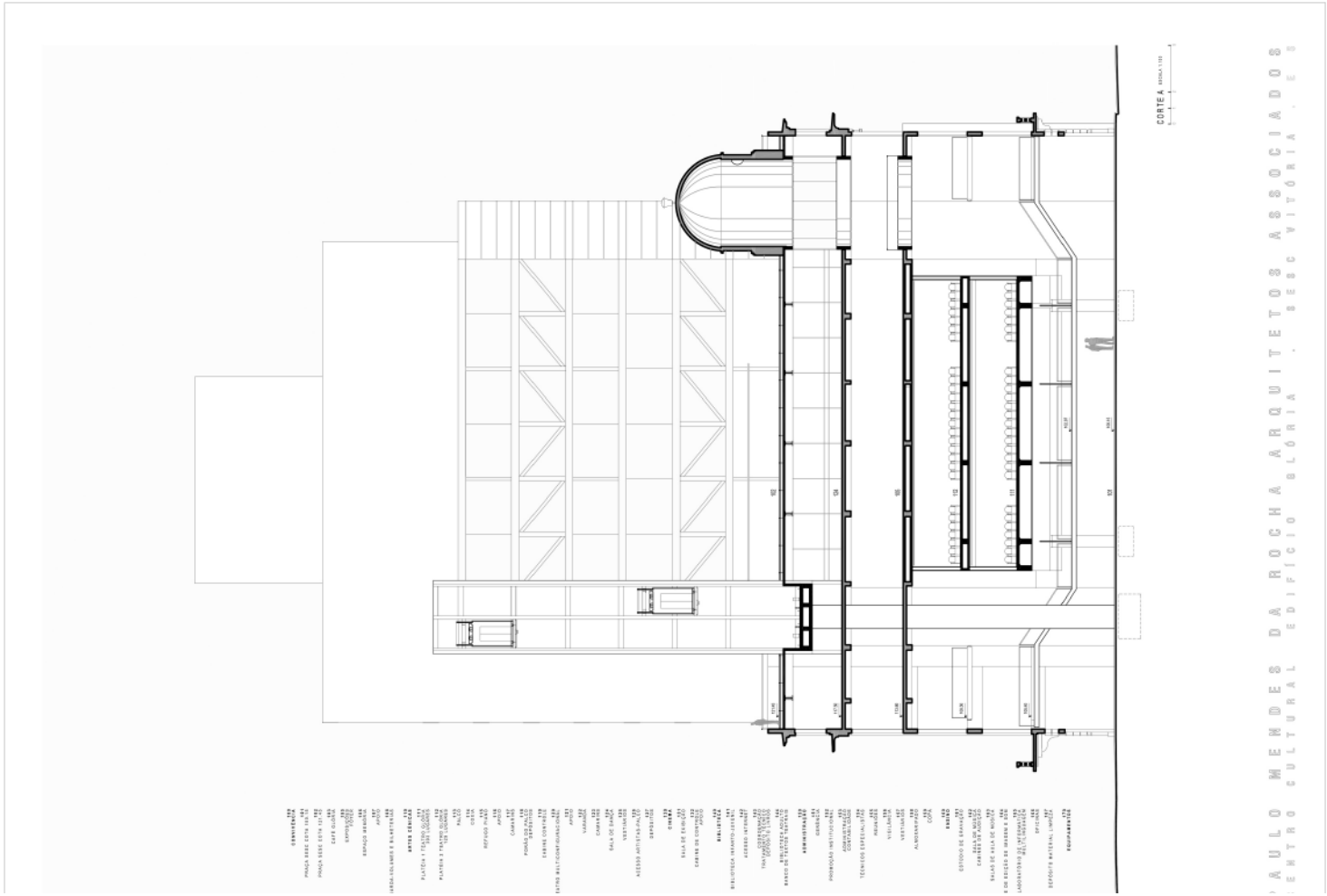


figura 283. pmr-c-sceg-flh-08. fonte: escritório Pedro Mendes da Rocha

Sede do Serviço Social do Comércio (SESC) Edifício Glória - Vitória 2007

espírito santo

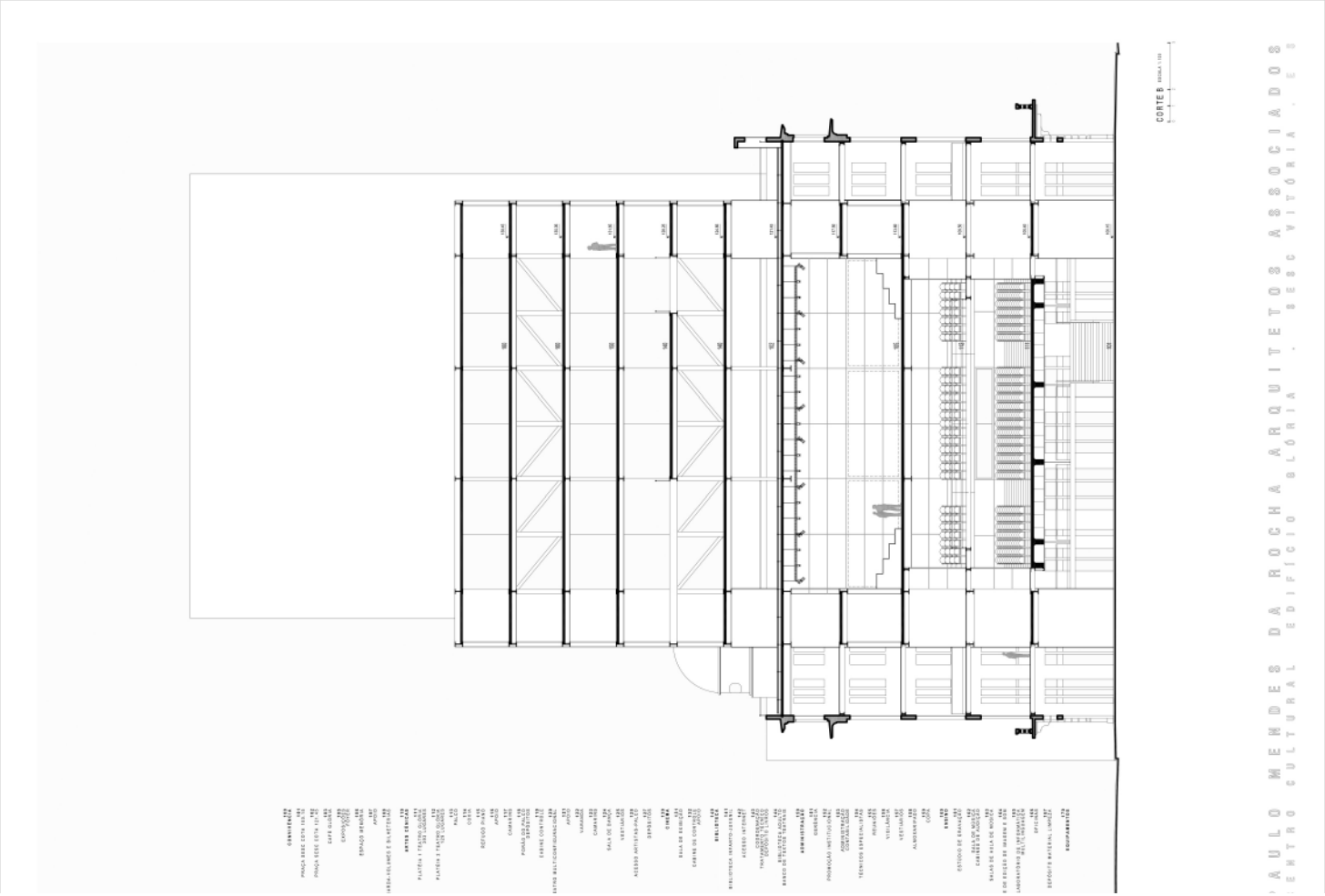


figura 284. pmr-c-sceg-flh-09. fonte: escritório Pedro Mendes da Rocha

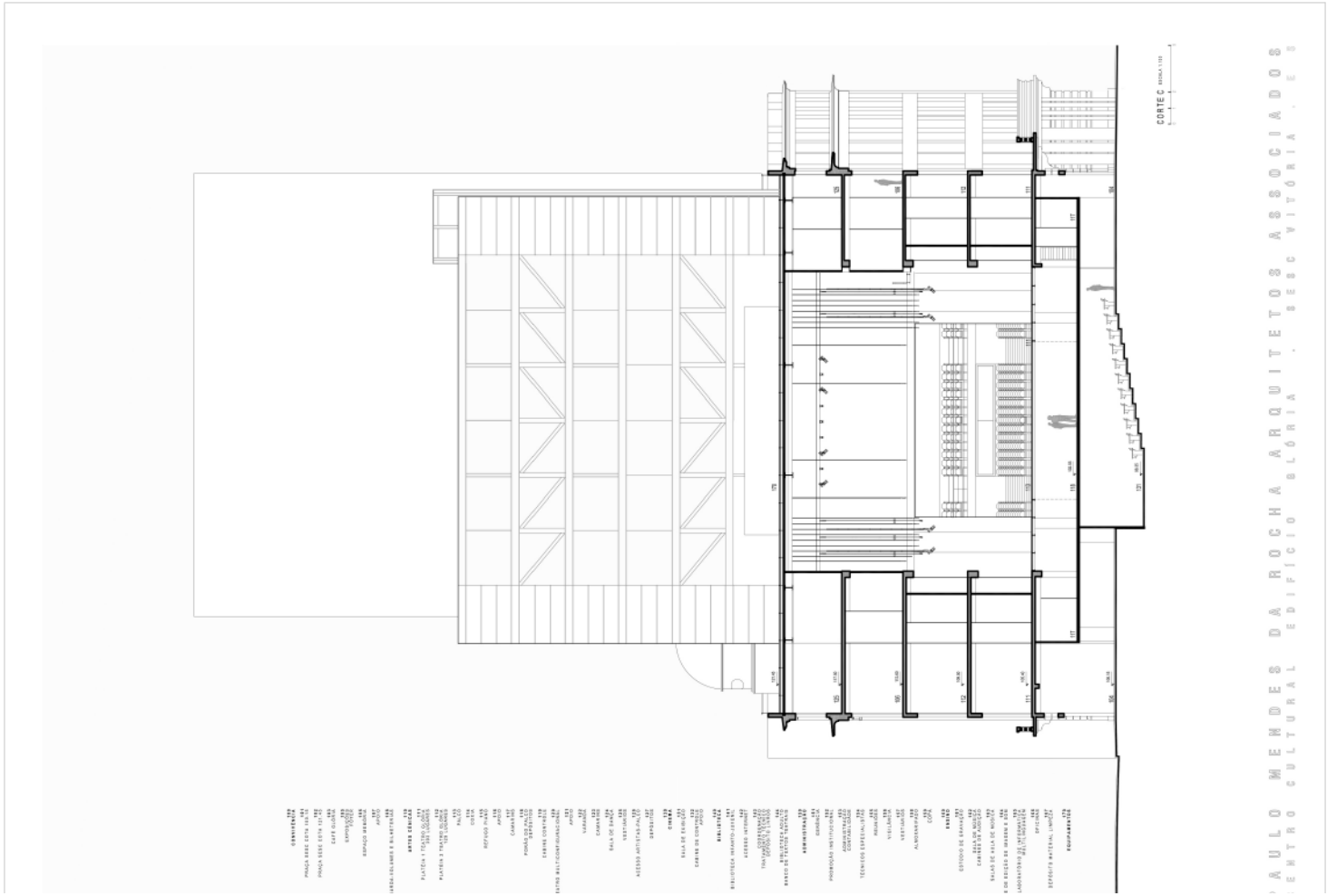


figura 285. pmr-c-sceg-flh-10. fonte: escritório Pedro Mendes da Rocha

Sede do Serviço Social do Comércio (SESC) Edifício Glória - Vitória 2007

espírito santo

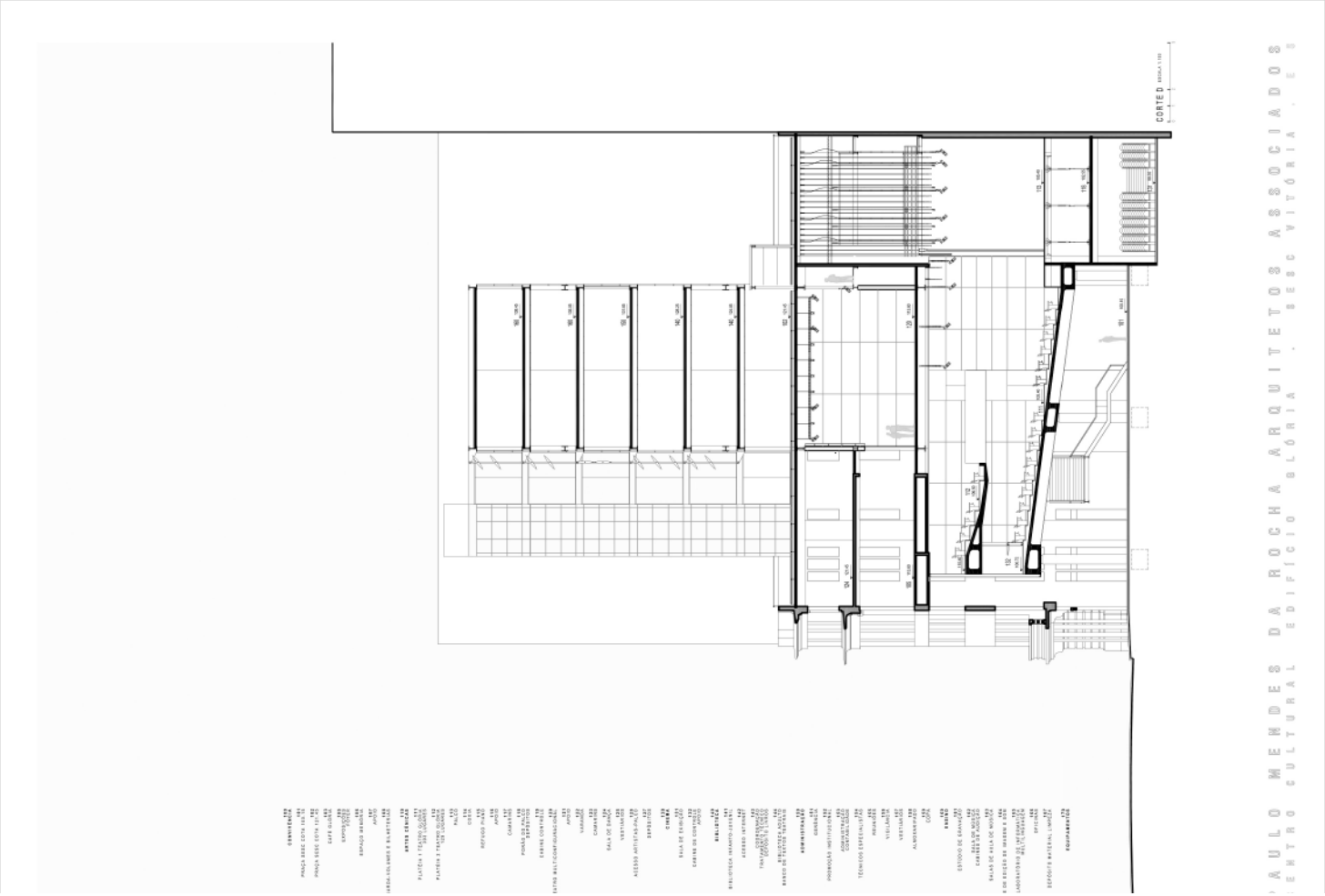


figura 286. pmr-c-sceg-flh-11. fonte: escritório Pedro Mendes da Rocha



figura 287. pmr-c-sceg-flh-12. fonte: escritório Pedro Mendes da Rocha

Sede do Serviço Social do Comércio (SESC) Edifício Glória - Vitória 2007

espírito santo

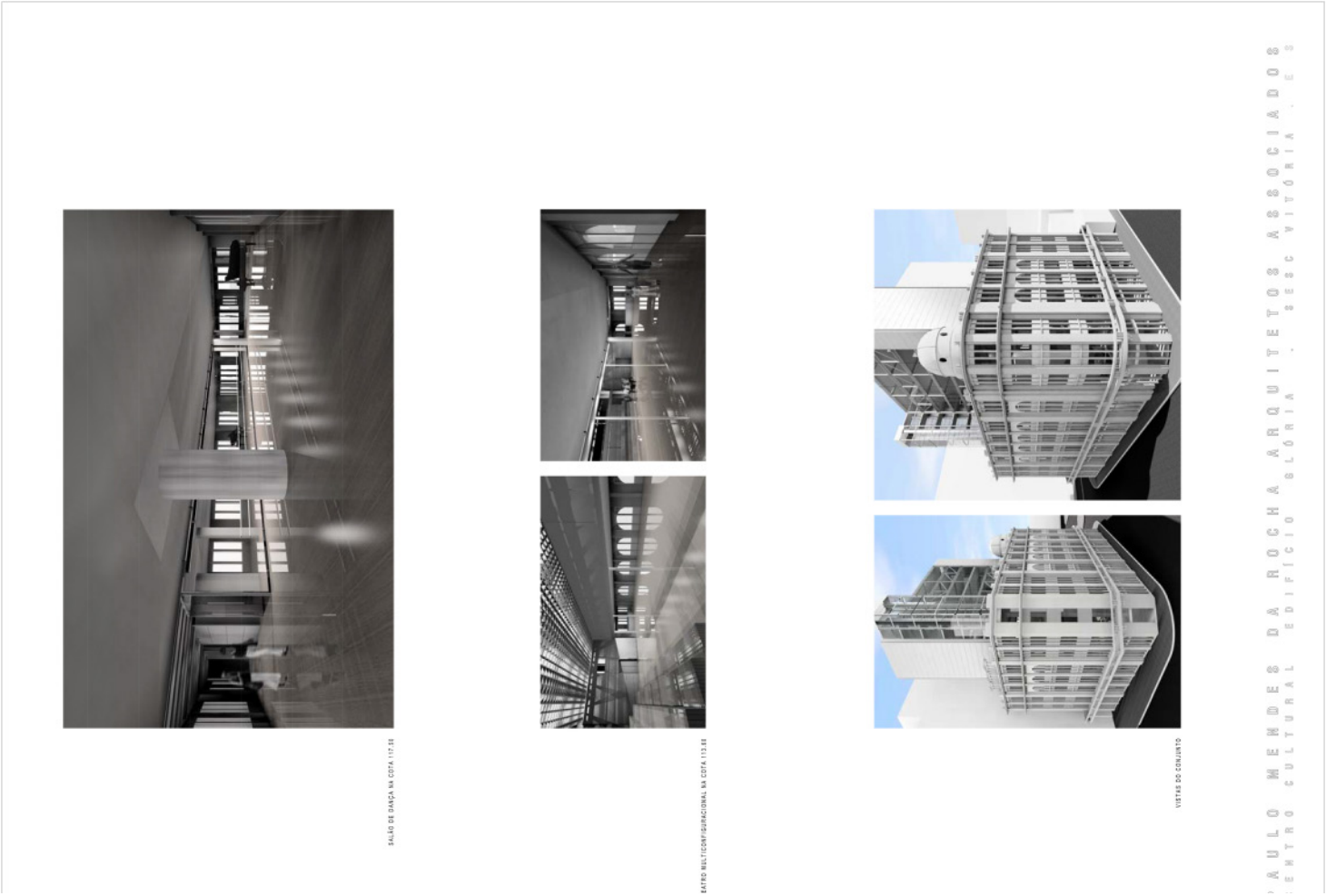


figura 288. pmr-c-sceg-flh-13. fonte: escritório Pedro Mendes da Rocha

Pavilhão do Brasil Expo Xangai 2008

são paulo

_ Tipo de Concurso

_ Entidade Promotora

APEX (Agência Brasileira de Promoção de Exportação e investimentos)

_ Organizador do Concurso

AsBEA (Associação Brasileira dos Escritórios de Arquitetura)

APEX (Agência Brasileira de Promoção de Exportação e investimentos)

_Número de Projetos Entregues

5

_ Colocação Paulo Mendes da Rocha

_ Premiados

1º- Fernando Brandão

_ Jurados

_ Anotações

projeto foi registrado por Othondo (2013), porém, tendo em vista a ausência de informações tanto do escritório quanto públicas, levanta-se a hipótese do trabalho não ter sido de fato enviado

_ Acervo Disponível

não foram encontrados registros no acervo do arquiteto

_ Equipe de Projeto

Paulo Mendes da Rocha (autor)

Bia Lessa

_ Bibliogafia

OTONDO, C. Relações entre pensar e fazer na obra de Paulo Mendes da Rocha. 247 p. Tese (Doutorado em Arquitetura e urbanismo). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

PISANI, D. Paulo Mendes da Rocha, Obra Completa. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

Parque Olímpico do Rio de Janeiro 2011

rio de janeiro

_ Tipo de Concurso

público nacional

_ Entidade Promotora

Prefeitura do Rio de Janeiro

_ Organizador do Concurso

IAB-RJ

_Número de Projetos Entregues

58

_ Colocação Paulo Mendes da Rocha

não premiado

_ Premiados

1° lugar- William Hanway, Daniel Gusmão, Joaquim Pujol, Sam Wright e Jonathan Rose

2° lugar- Ron Turner, Gerdo Aquino, Antonio Paulo Cordeiro, Miguel Pinto Guimarães, John Leys, Mark Merkelbach, Randy Schulze, Vicente del Rio

3° lugar- Tomás Almeida Fernandes Salgado, Nuno José Ribeiro Lourenço da Fonseca, Manuel Grade Ribeiro

_ Jurados

Gabriel Durand-Hollis
Nuno Portas
Luis Millet
John Baker
Sergio Dias
Jorge Wilheim
Flávio Ferreira
Christos Kourtis
Roberto Ainbinder
Gustavo Nascimento

_ Acervo Disponível

perspectivas, cortes, plantas e fachadas

_ Equipe de Projeto

Paulo Mendes da Rocha (autor)
BAK GORDON arquitectos (autor)
Rui Furtado (AFA Consult)
MMBB Arquitetos
Metro Arquitetos

_ Bibliogafia

AFACONSULT. Master plan do parque olímpico e paraolímpico rio 2016, brasil. Disponível em: <http://www.afaconsult.com/portfolio/421412/125/master-plan-do-parque-olimpico-eparaolimpico-rio-2016-brasil>. Acesso em: 20 de set. de 2020.

MACHADO, Vinicius. A Produção social do espaço urbano e da arquitetura no contexto dos megaeventos no Rio de Janeiro: Notas sobre o concurso Porto Olímpico. Rio de Janeiro. 2016. CAU. Parque olímpico foi escolhido por concurso público. 2016. Disponível em: <https://www.caubr.gov.br/rio-2016-parque-olimpico-foi-escolhido-por-concurso-publico/> Acesso em: 20 de set. de 2020.

OTONDO, C. Relações entre pensar e fazer na obra de Paulo Mendes da Rocha. 247 p. Tese (Doutorado em Arquitetura e urbanismo). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

PISANI, D. Paulo Mendes da Rocha, Obra Completa. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

SOBREIRA, F; FLYNN, M. H.; RIBEIRO, P.V.B. (orgs.) Paulo Mendes da Rocha: sobre concursos e memórias (entrevista). Brasília: MGSR, 2018.

Parque Olímpico do Rio de Janeiro 2011

rio de janeiro



figura 289. pmr-c-polr-flh-01. fonte: Bak Gordon Arquitetos

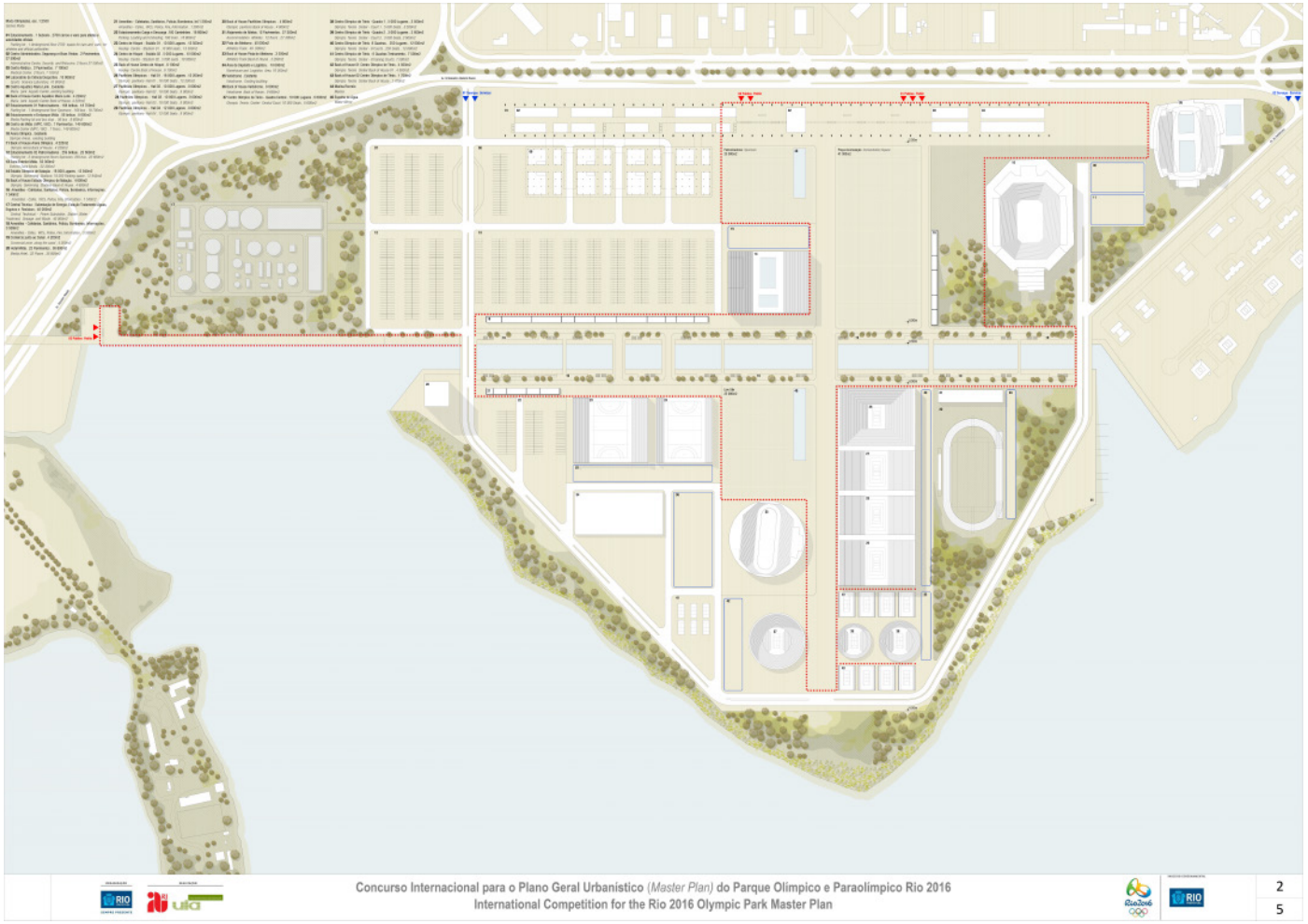


figura 290. pmr-c-polr-flh-02. fonte: Bak Gordon Arquitetos

Parque Olímpico do Rio de Janeiro 2011

rio de janeiro



figura 291. pmr-c-polr-flh-03. fonte: Bak Gordon Arquitetos

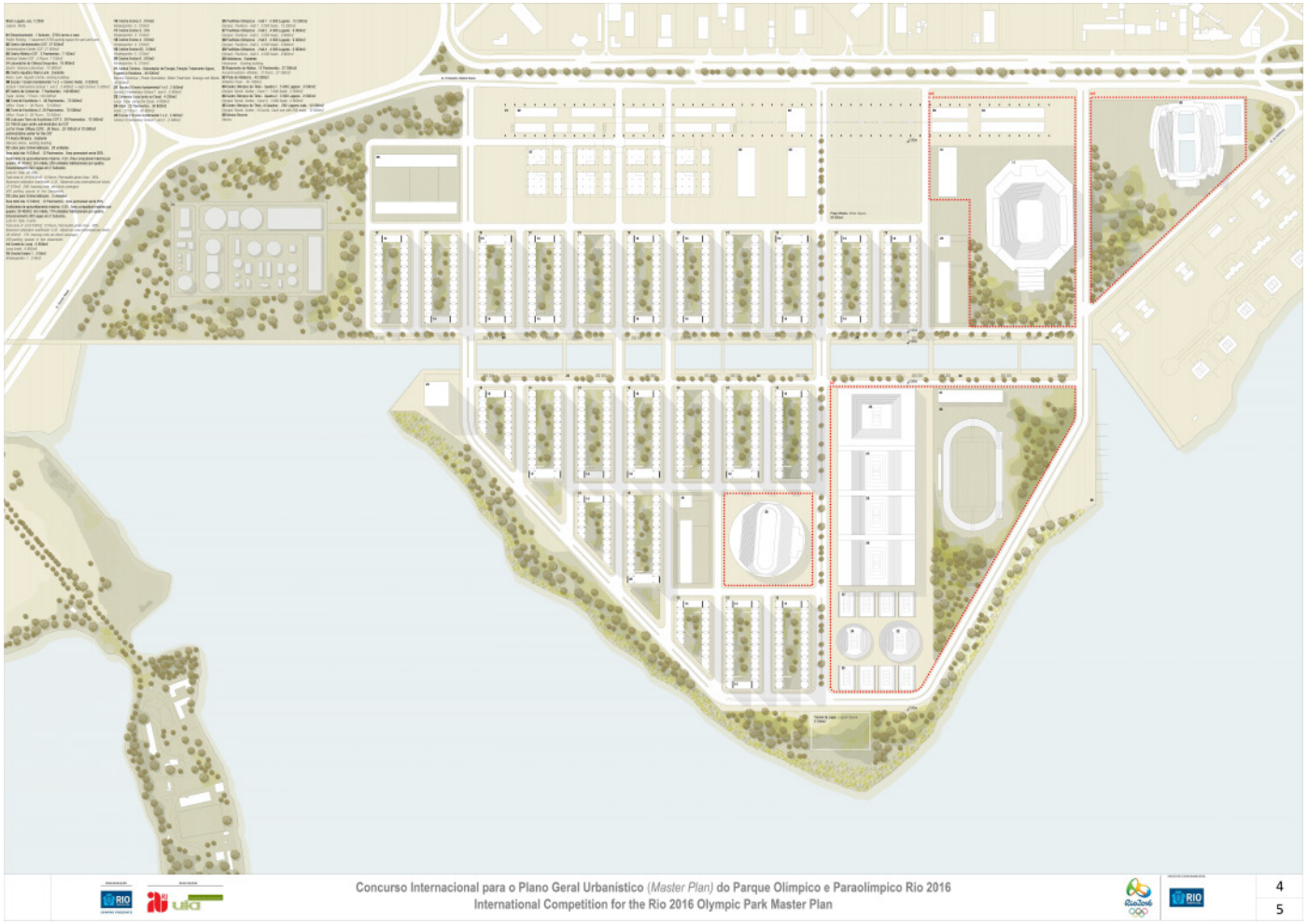


figura 292. pmr-c-polr-flh-04. fonte: Bak Gordon Arquitetos

Parque Olímpico do Rio de Janeiro 2011

rio de janeiro

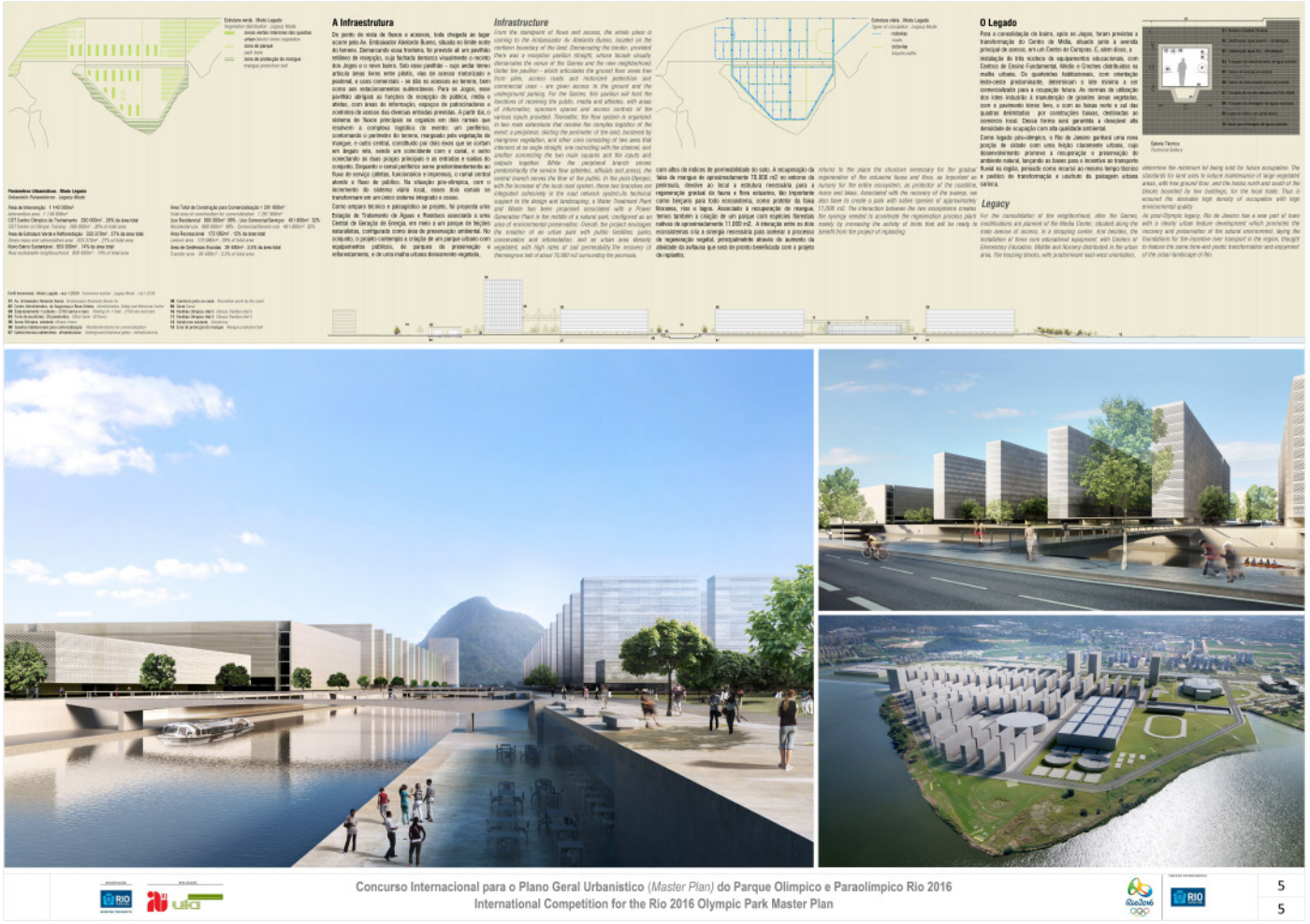


figura 293. pmr-c-polr-flh-05. fonte: Bak Gordon Arquitetos

Parque Olímpico do Rio de Janeiro 2011

rio de janeiro





figura 294. pmr-c-polr-img-01. fonte: Bak Gordon Arquitetos

Sede Axel Spring - Berlim 2014

alemanha

_ Tipo de Concurso

concurso internacional

_ Entidade Promotora

Axel Springer

_ Organizador do Concurso

-

_Número de Projetos Entregues

etapa de pré qualificação- 18

_ Colocação Paulo Mendes da Rocha

não premiado

_ Premiados

1° lugar- OMA

premiados- BIG- Bjarke Ingels Group e Buro Ole Scheeren

finalistas - SANAA e Kuehn Malvezzi

_ Jurados

Friedrich von Borries (presidente do juri)

Regula Lüscher

Mathias Döpfner

_ Anotações-

_ Acervo Disponível

- perspectivas, maquete fisica, maquete eletrônica

_ Equipe de Projeto

Paulo Mendes da Rocha (autor)
Gustavo Cedroni (Metro)
Martin Corullon (Metro)
Sol Camacho (Metro)
Miki Itabashi
Helena Cavalheiro
Isabel Vincke
Marcio Tanaka
Rui Furtado (AFA Consult)
Pedro Pereira (AFA Consult)

_ Bibliogafia

AXEL SPRING. Axel Springer architectural competition: Final decision in favor of concept from Rem Koolhaas (OMA), 2014. Disponível em: <https://www.axelspringer.com/en/press-releases/axel-springer-architecturalcompetition-final-decision-in-favor-of-concept-from-rem-koolhaas-oma>. Acesso em: 20 de set. de 2020.

BUSTLER. BIG, OMA & Buro Ole Scheeren win Axel Springer Campus Berlin competition- Who's on top?, 2013. Disponível em: <https://bustler.net/news/3241/big-oma-buro-ole-scheeren-win-axel-springer-campus-berlincompetition-who-s-on-top>. Acesso em: 20 de set. de 2020.

SOBREIRA, F; FLYNN, M. H.; RIBEIRO, P.V.B. (orgs.) Paulo Mendes da Rocha: sobre concursos e memórias (entrevista). Brasília: MGSR, 2018.

Sede Axel Spring - Berlim 2014

alemanha



figura 295. pmr-c-sasb-img-01. fonte: metroarquitetos.com.br



figura 296. pmr-c-sasb-img-02. fonte: metroarquitetos.com.br

Sede Axel Spring - Berlim 2014

alemanha

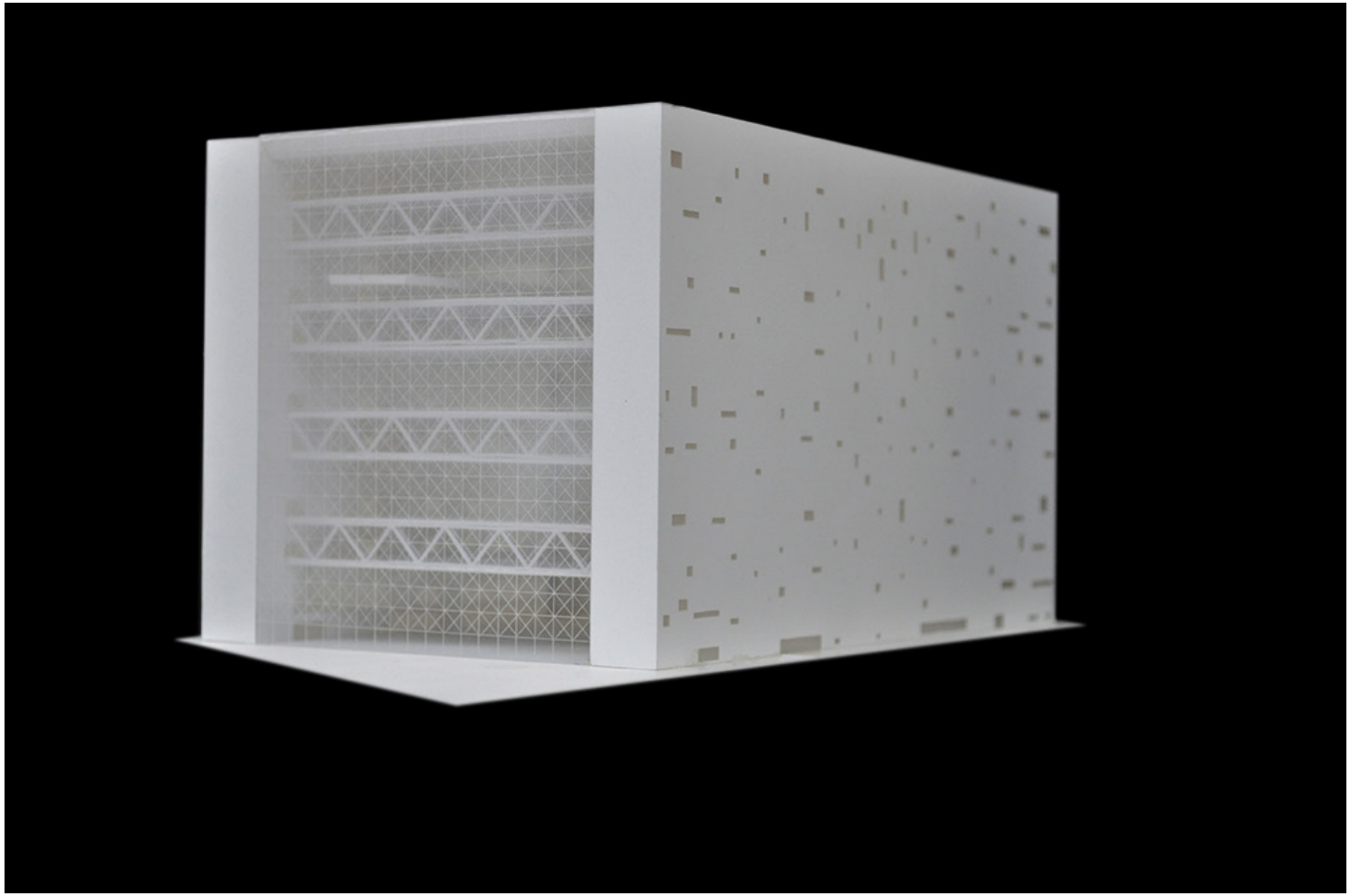


figura 297. pmr-c-sasb-maquete-01. fonte: metroarquitetos.com.br

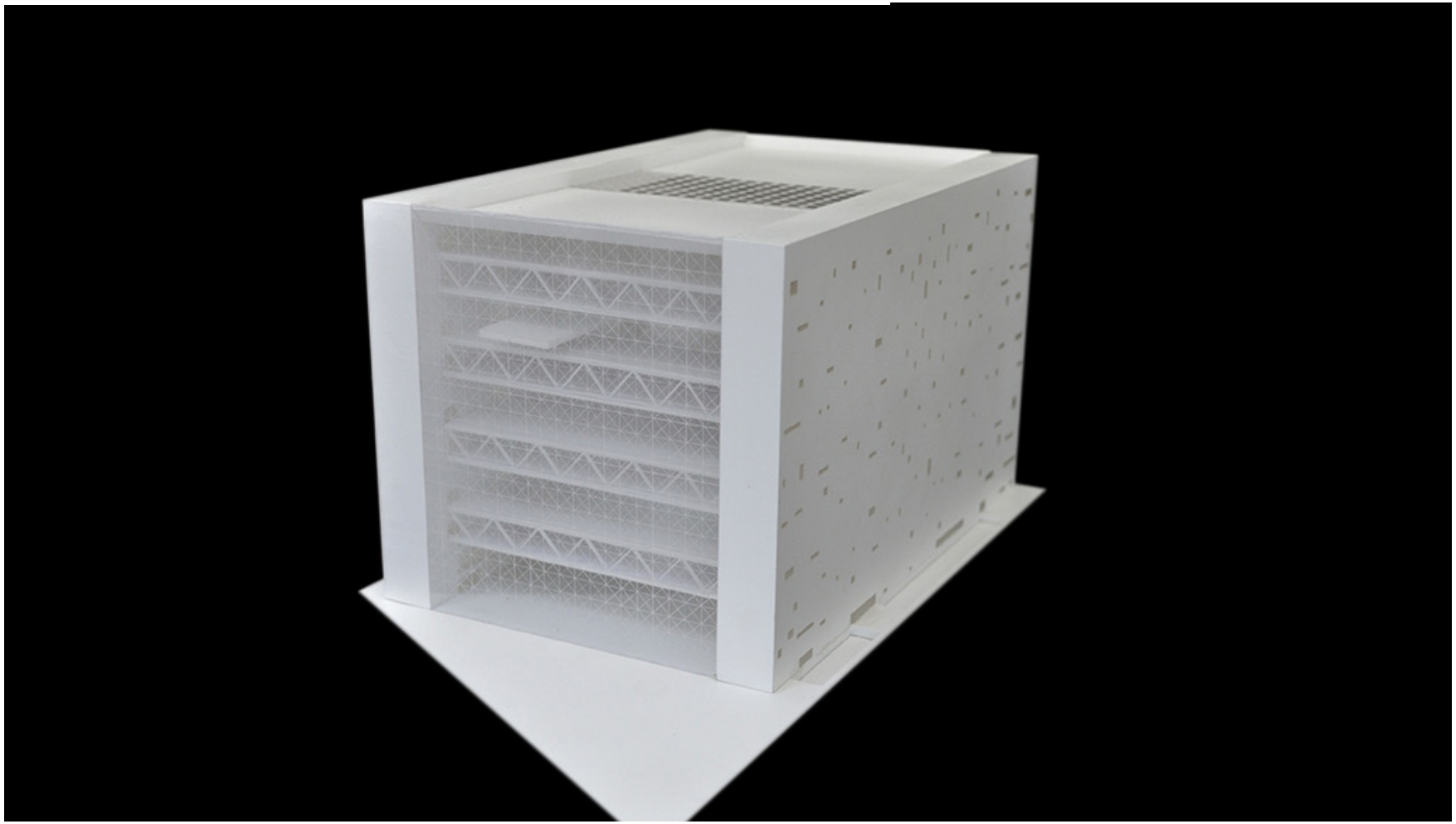


figura 298. pmr-c-sasb-maquete-02. fonte: metroarquitetos.com.br

Sede Axel Spring - Berlim 2014

alemanha

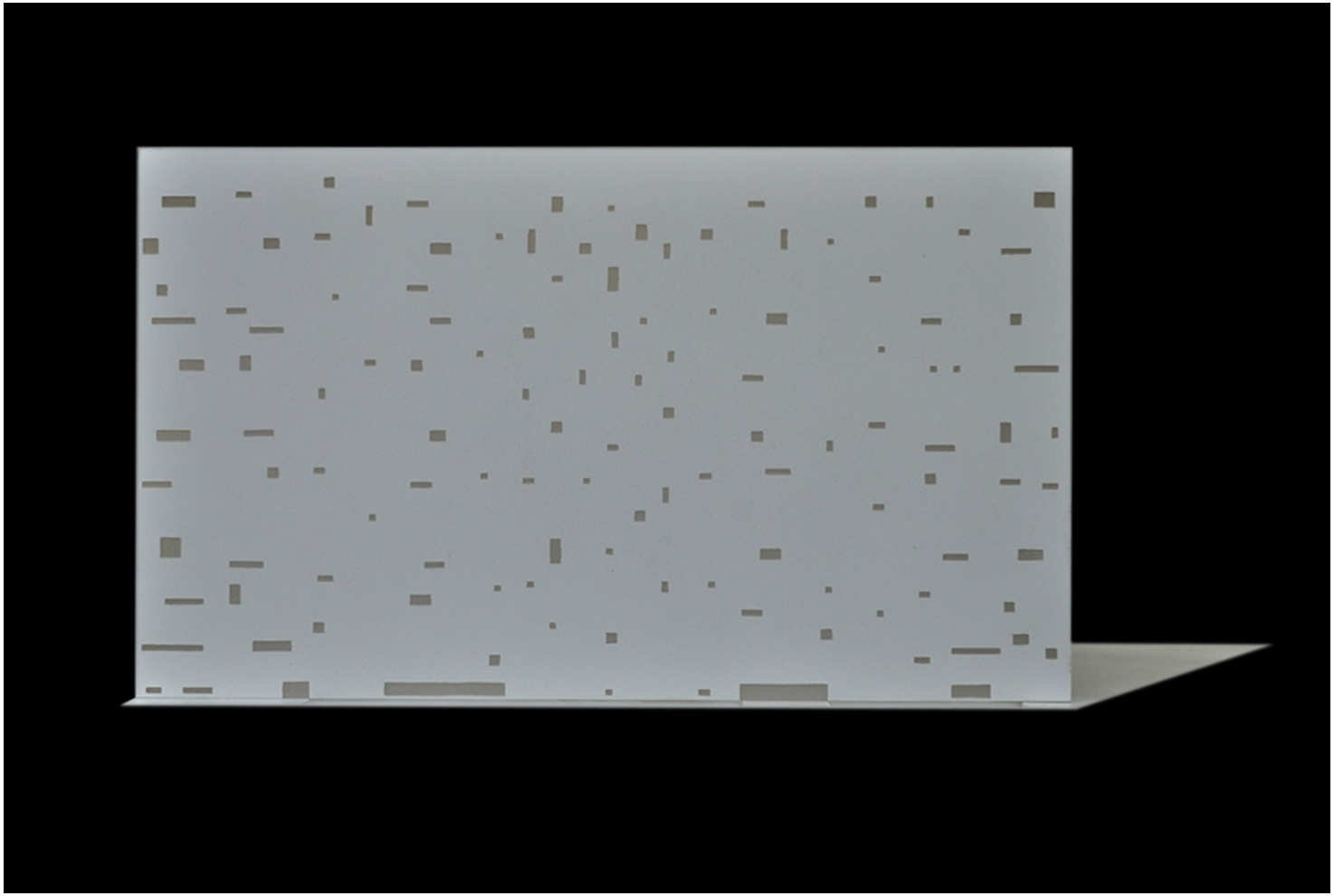


figura 299. pmr-c-sasb-maquete-03. fonte: metroarquitetos.com.br

Museu para o Século XXI - Berlim 2015

alemanha

_ Tipo de Concurso

concurso internacional

_ Entidade Promotora

Stiftung Preussischer Kulturbesitz

_ Organizador do Concurso

Stiftung Preussischer Kulturbesitz

_Número de Projetos Entregues

460

_ Colocação Paulo Mendes da Rocha

não premiado

_ Premiados

1 lugar- Herzog & de Meuron

2 lugar- Lundgaard & Tranberg Arkitekter

3 lugar- Bruno Fioretti Marquez

Menção Honrosa- Koolhaas (OMA)

Menção Honrosa- Aires Mateus

Menção Honrosa- SANAA

Menção Honrosa- STAAB ARCHITEKITEN

_ Jurados

Roger Diener
Undine Giseke
Heike Hanada
Arno Lederer
Hilde Léon
Till Schneider
Enrique Sobejano
Michael Eissenhauer
Monika Grütters
Herlind Gundelach
Regula Lüscher
Petra Merkel
Hermann Parzinger

_ Acervo Disponível

Perspectivas, cortes, plantas, diagramas e fachadas. Trechos do edital e ata de julgamento

_ Equipe de Projeto

Paulo Mendes da Rocha (autor)
Martin Corullon (Metro)
Gustavo Cedroni (Metro)
Helena Cavalheiro
Marina Ioshii
Juliana Ziebell
Amanda Amicis
Bruna Canepa
Alessandra Musto
Nara Diniz.

_ Bibliogafia

NATIONALGALERIE20. Herzog & de Meuron Design the Museum of the 20th Century. Disponível em: <https://metroarquitetos.com.br/projeto/museum-of-20th-century-berlim-2015/>. Acesso em: 20 de set. de 2020.

METRO. Museum of 20th century, berlim. Disponível em: <https://metroarquitetos.com.br/projeto/museum-of-20th-century-berlim-2015/>. Acesso em: 20 de set. de 2020.

SOBREIRA, F; FLYNN, M. H.; RIBEIRO, P.V.B. (orgs.) Paulo Mendes da Rocha: sobre concursos e memórias (entrevista). Brasília: MGSR, 2018.

Museu para o Século XXI - Berlim 2015

alemanha

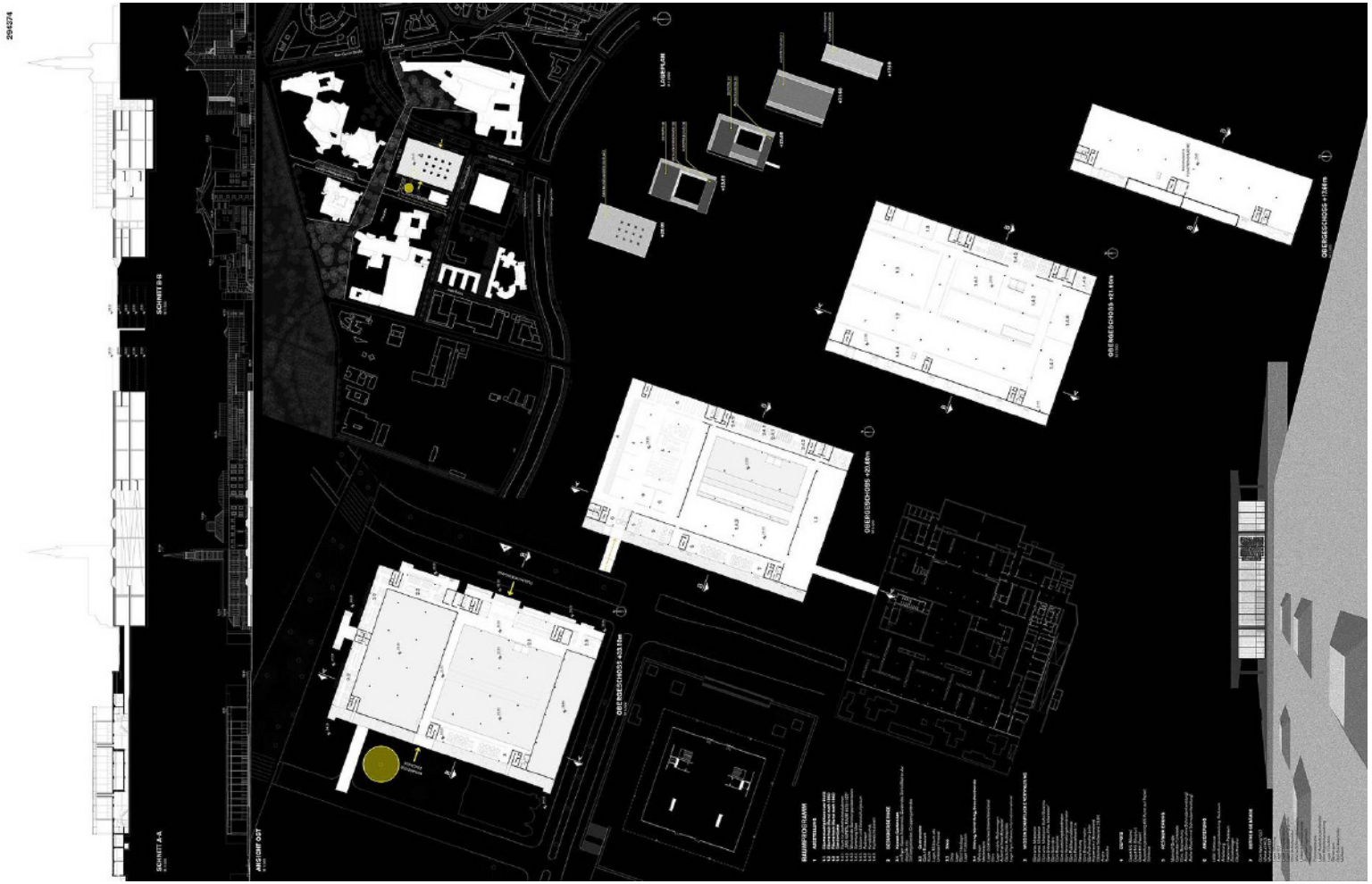


figura 300. pmr-c-mab-flh-01. fonte: nationalgalerie20.de



figura 301. pmr-c-mab-des-01. fonte: metroarquitetos.com.br

Museu para o Século XXI - Berlim 2015

alemanha

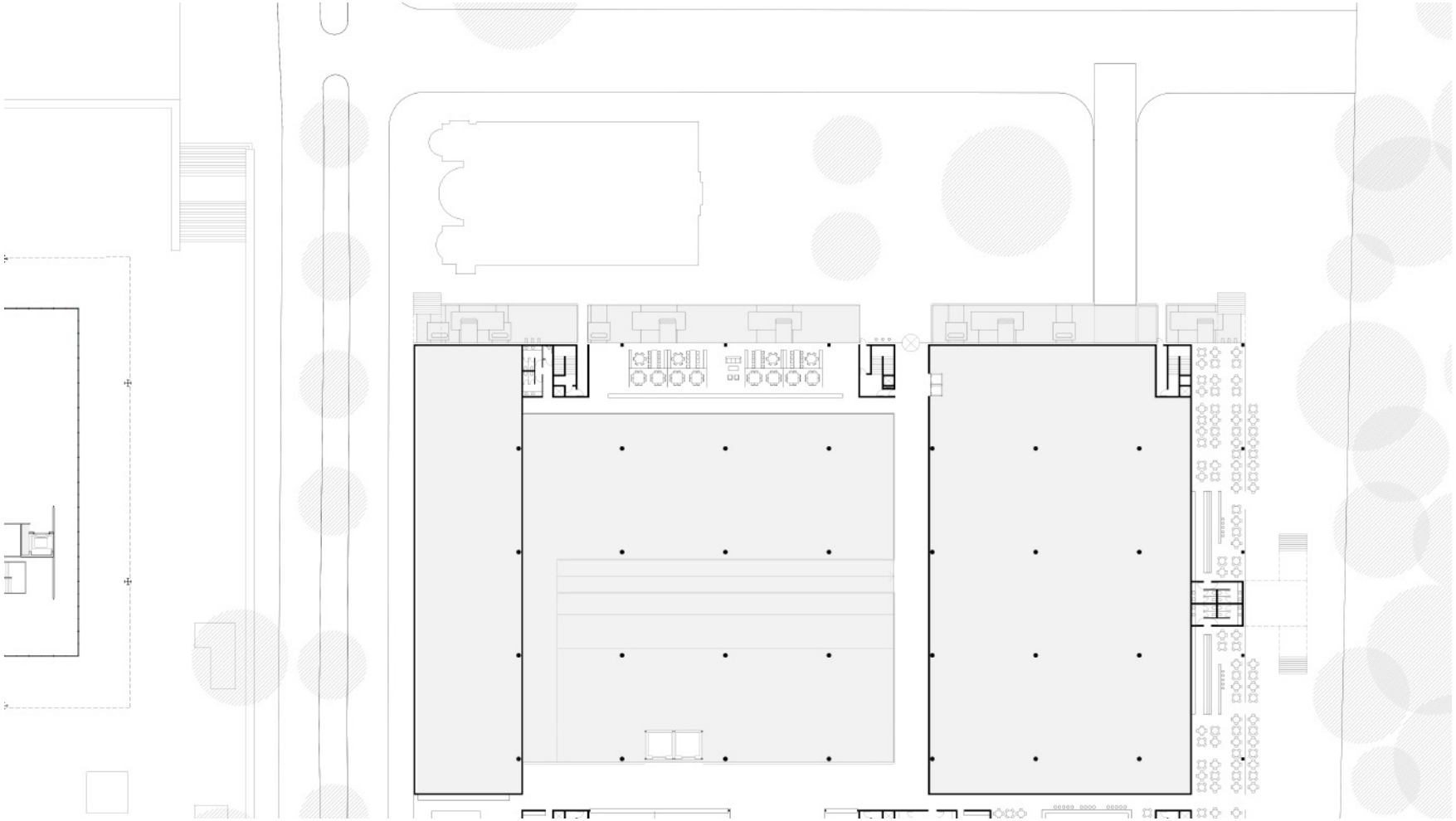


figura 302. pmr-c-mab-des-02. fonte: metroarquitetos.com.br

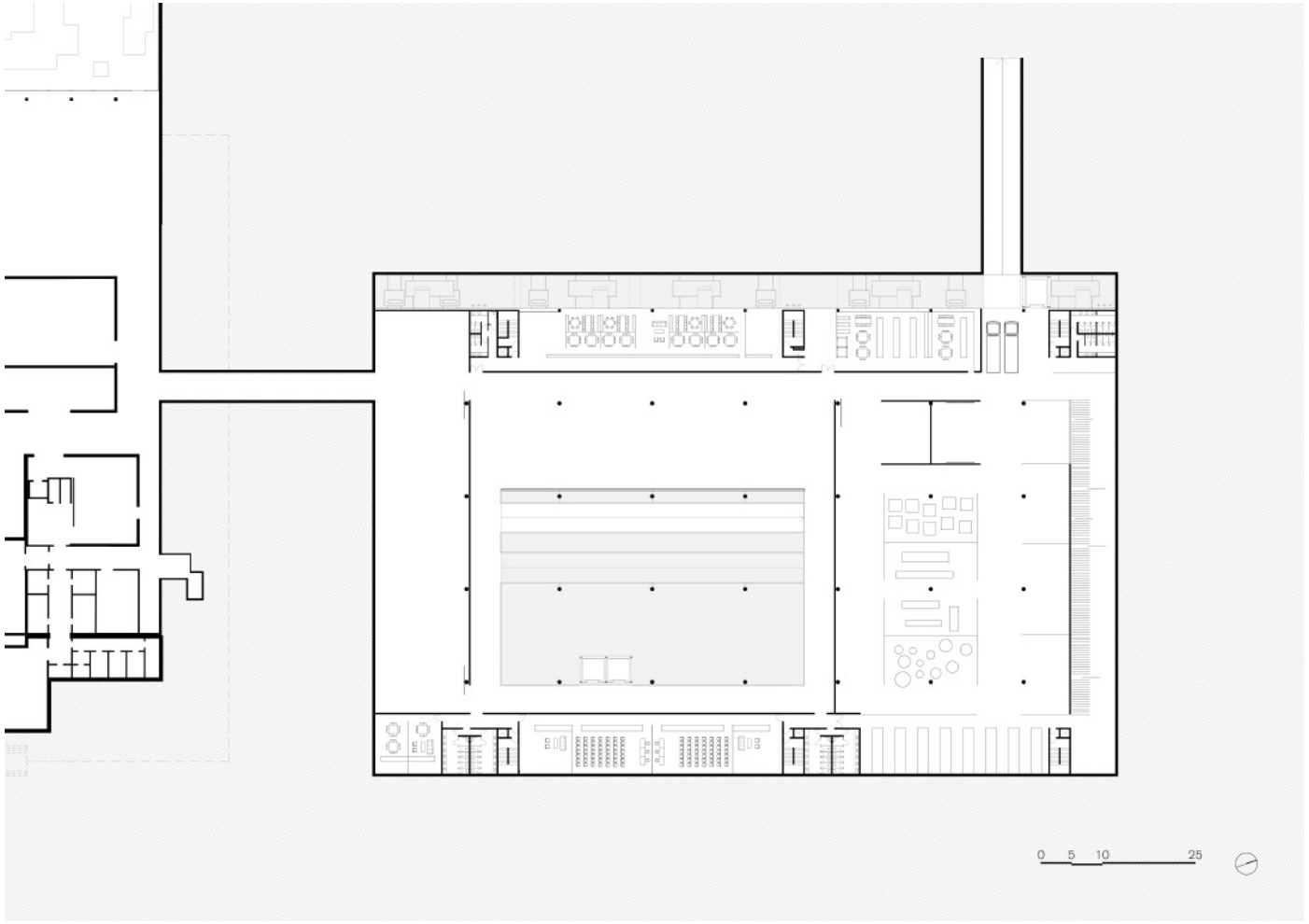


figura 303. pmr-c-mab-des-03. fonte: metroarquitetos.com.br

Museu para o Século XXI - Berlim 2015

alemanha

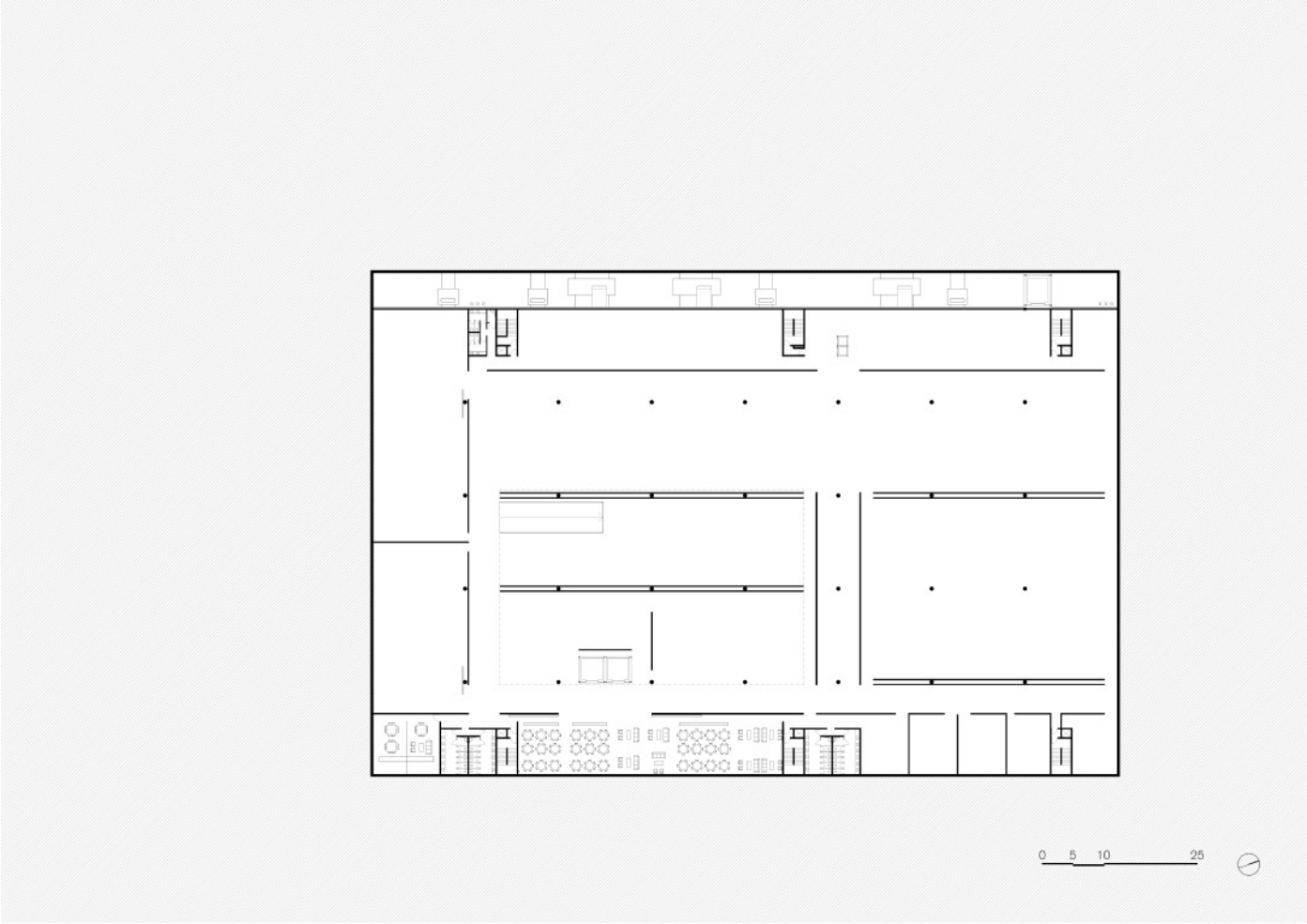


figura 304. pmr-c-mab-des-04. fonte: metroarquitetos.com.br

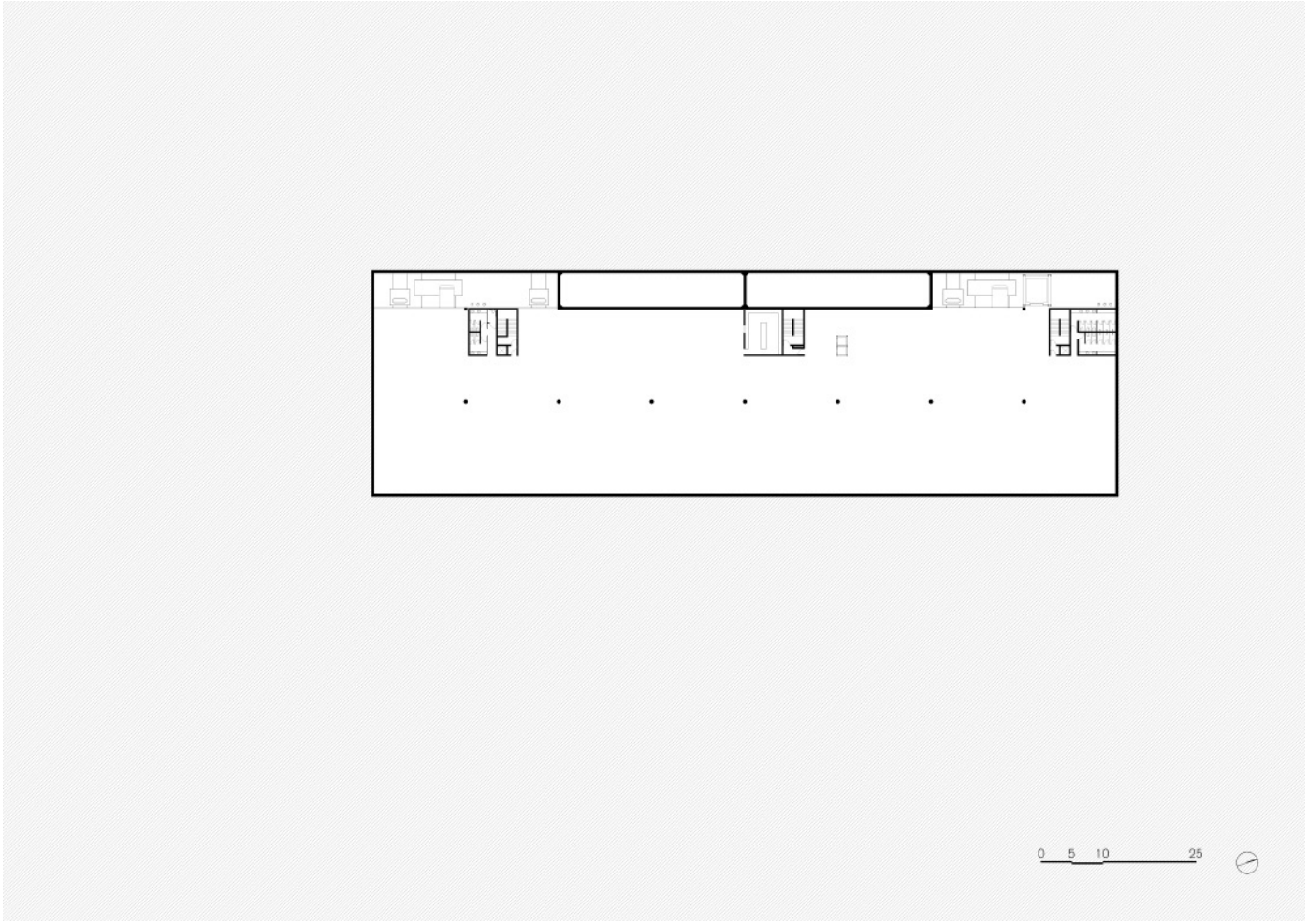


figura 305. pmr-c-mab-des-05. fonte: metroarquitetos.com.br

Museu para o Século XXI - Berlim 2015

alemanha

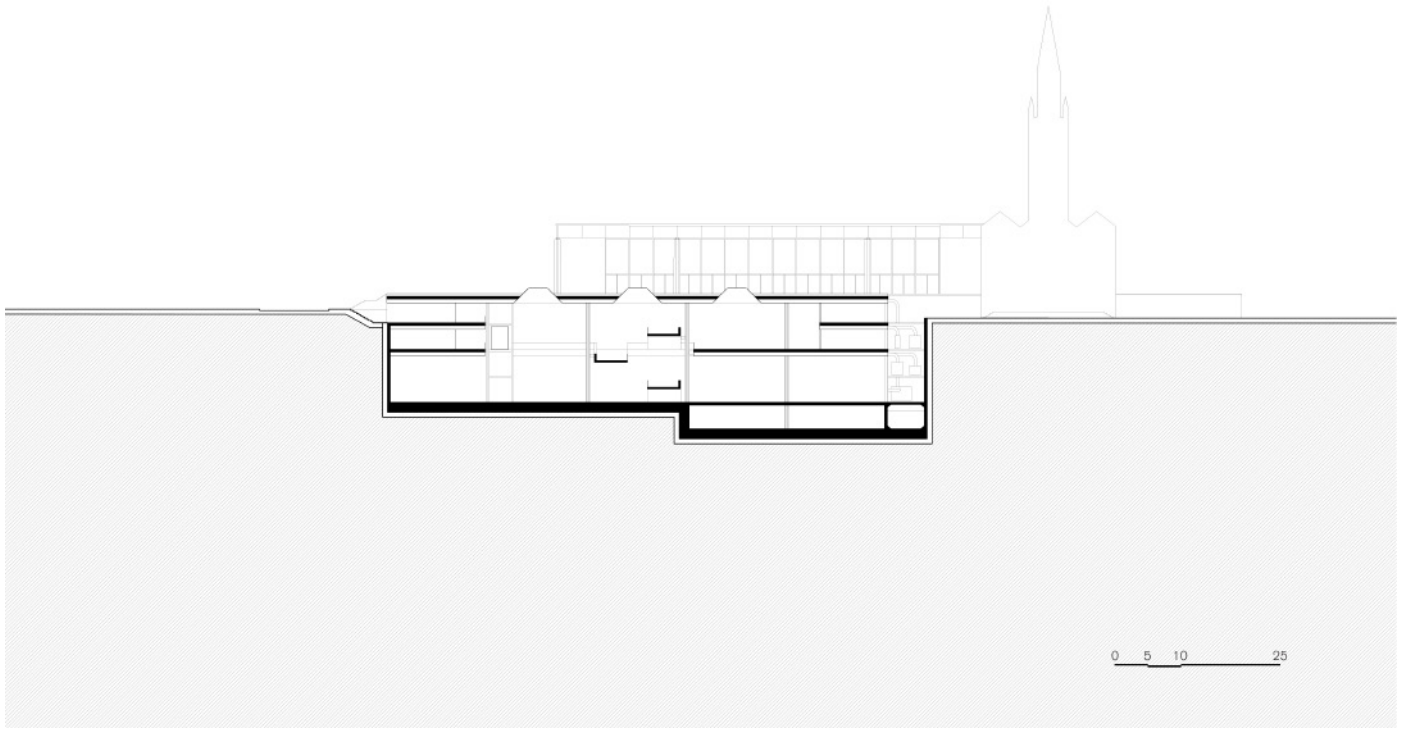


figura 306. pmr-c-mab-des-06. fonte: metroarquitetos.com.br

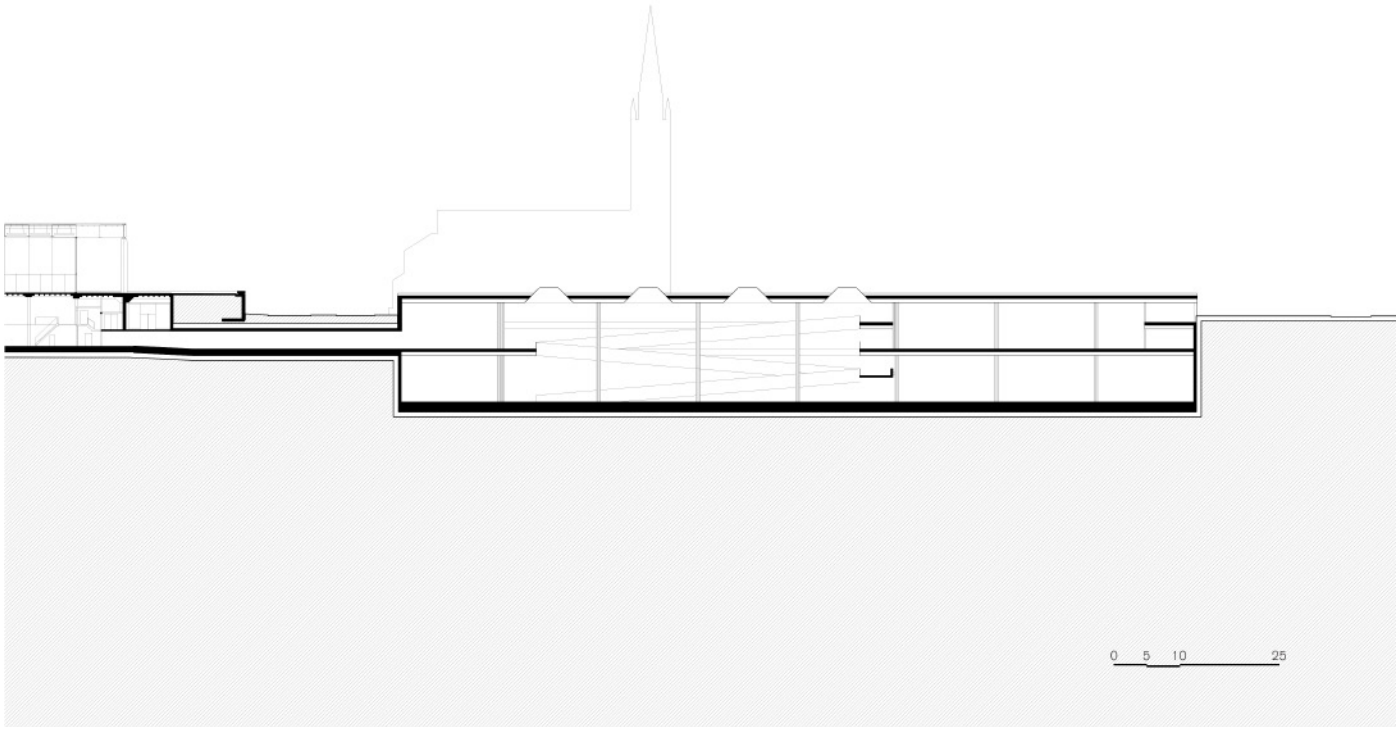


figura 307. pmr-c-mab-des-07. fonte: metroarquitetos.com.br

Museu para o Século XXI - Berlim 2015

alemanha

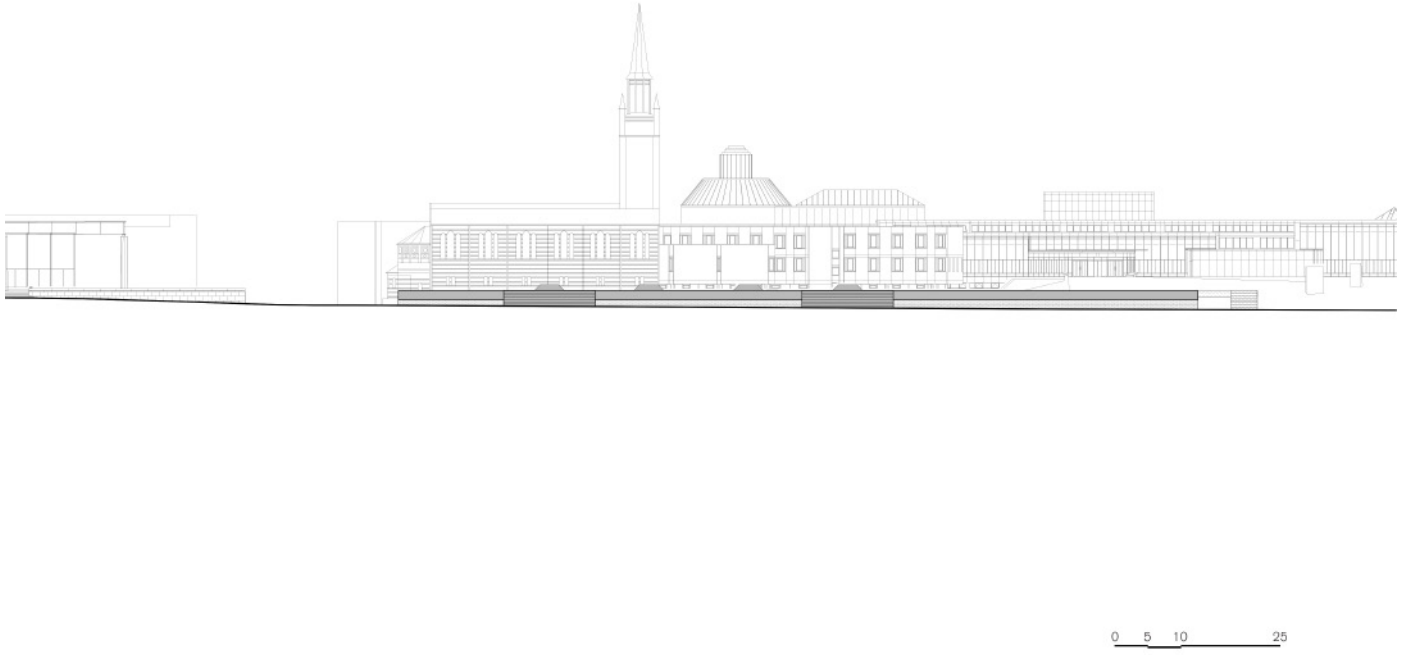


figura 308. pmr-c-mab-des-08. fonte: metroarquitetos.com.br

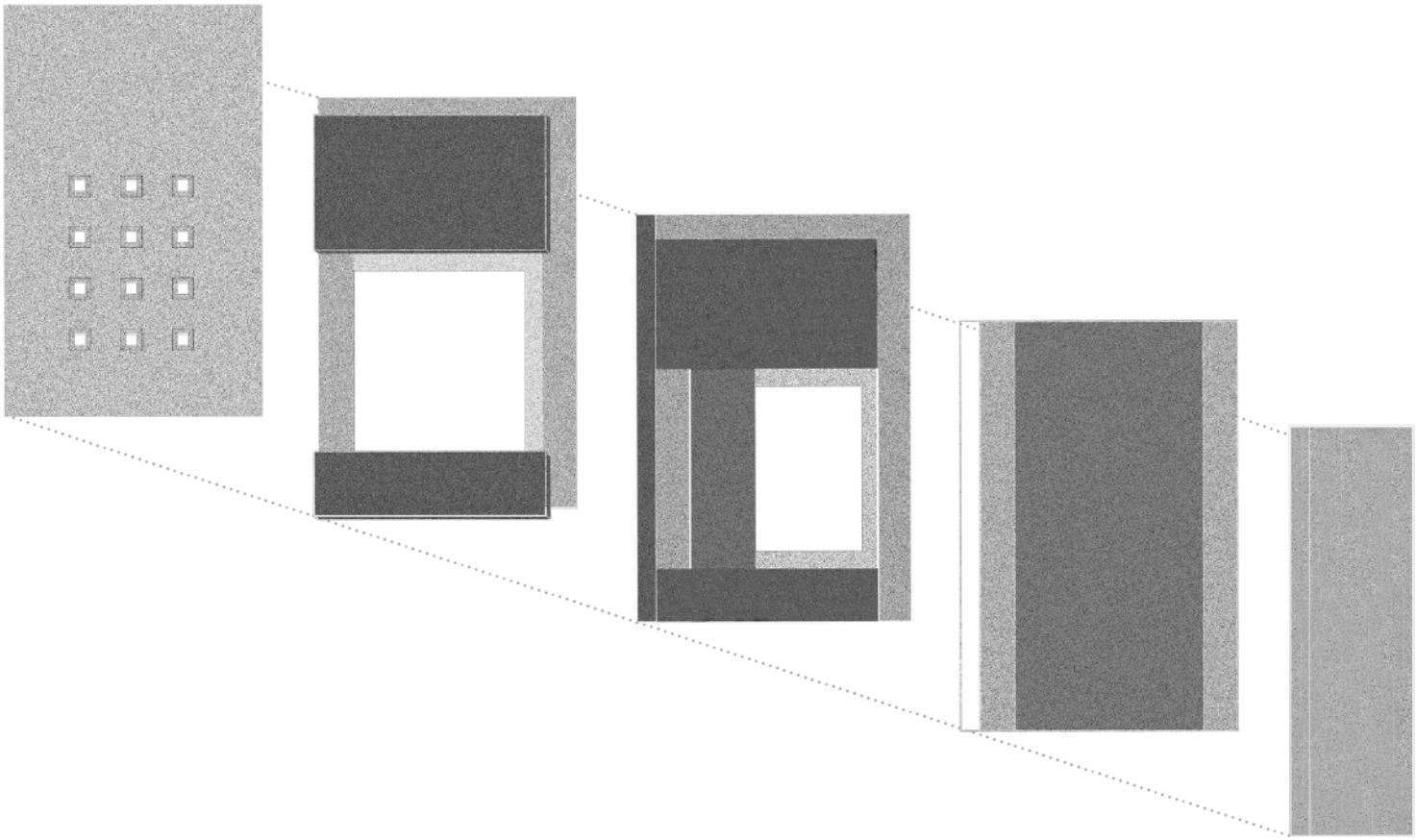


figura 309. pmr-c-mab-diag-01. fonte: metroarquitetos.com.br

Museu para o Século XXI - Berlim 2015

alemanha

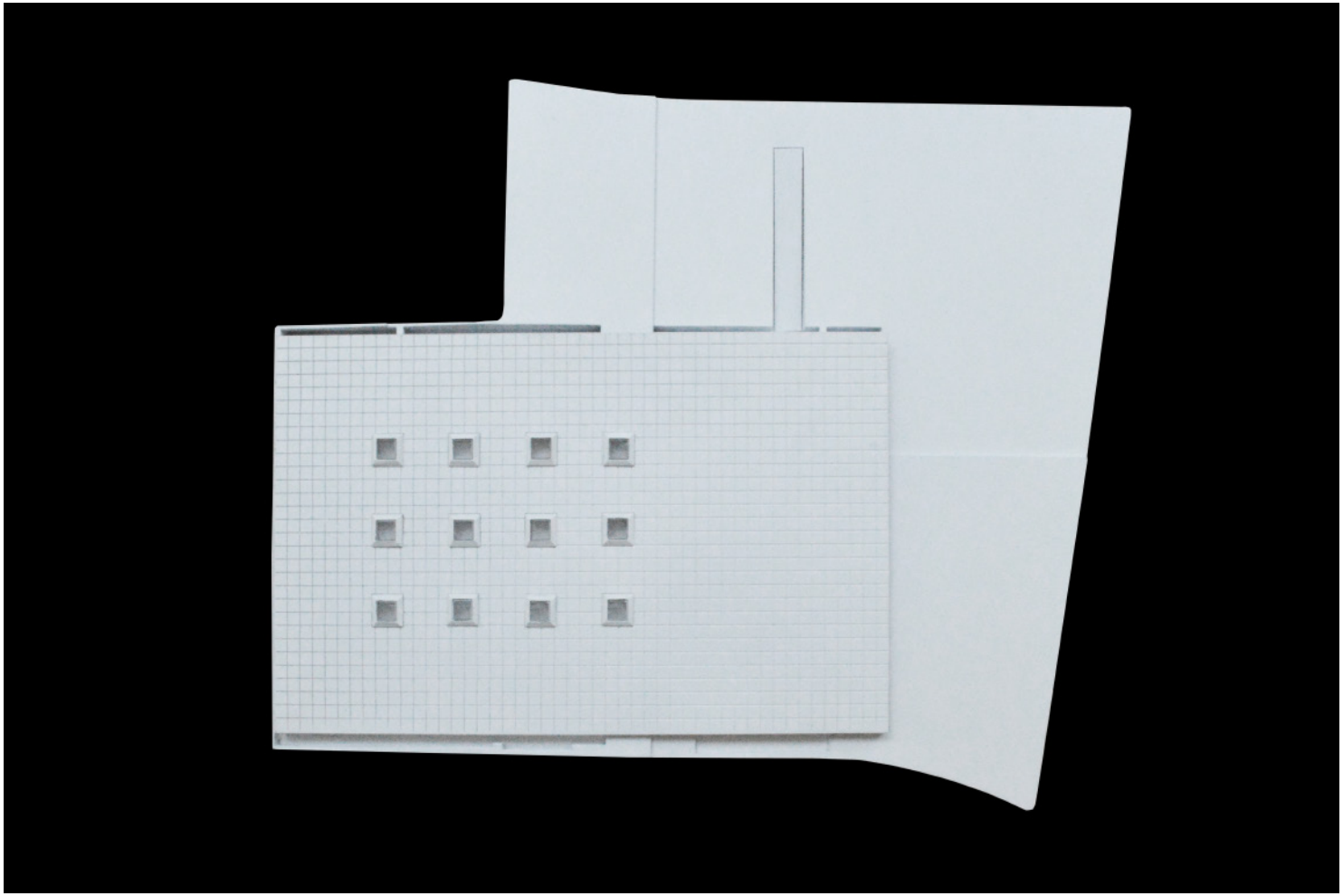


figura 310. pmr-c-mab-maquete-01. fonte: metroarquitetos.com.br



figura 311. pmr-c-mab-img-01. fonte: metroarquitetos.com.br

Mobiliário para Avenida Paulista 2018

são paulo

_ Tipo de Concurso

fechado (carta convite)

_ Entidade Promotora

Plataforma Esquina

Mattos Filho

_ Organizador do Concurso

Plataforma Esquina

_Número de Projetos Entregues

4

_ Colocação Paulo Mendes da Rocha

não premiado

_ Premiados

1º lugar- Königsberger Vannucchi Arquitetos Associados + Mauricio Alito

_ Jurados

Sol Camacho

Carlos Leite

Renato Ximenes de Melo

_ Anotações

-

_ Acervo Disponível

- fotos diversas em publicações digitais

_ Equipe de Projeto

Paulo Mendes da Rocha (autor)

Nadezhda Mendes da Rocha (autora)

_ Bibliogafia

ESQUINA. Aos 90, Paulo Mendes da Rocha cria primeiro mobiliário urbano, 2019. Disponível em: < http://www.esquina.net.br/2019/01/16/aos-90-paulo-mendes-da-rocha-cria-primeiro-mobiliario-urbano/>. Acesso em: 17 de set. de 2020.

ESQUINA. Em encontro, arquitetos apresentam ideias para mobiliário na Paulista, 2019. Disponível em: <http://www.esquina.net.br/2018/12/01/em-encontro-arquitetos-apresentam-ideias-para-mobiliario-na-paulista/>. Acesso em: 17 de set. de 2020.

PEREIRA, Matheus. Arquitetos consagrados propõem mobiliários urbanos para a Avenida Paulista. Archdaily, 2019. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/907064/arquitetos-consagrados-propoem-mobiliariosur-banos-para-a-avenida-paulista>. Acesso em: 20 de set. de 2020.

Mobiliário para Avenida Paulista 2018

são paulo



figura 312. pmr-c-mobp-img-01. fonte: Archdaily Brasil



figura 313. pmr-c-mobp-maquete-01. fonte: Revista Projeto

Mobiliário para Avenida Paulista 2018

são paulo



figura 314. pmr-c-mobp-maquete-02. fonte: Revista Projeto

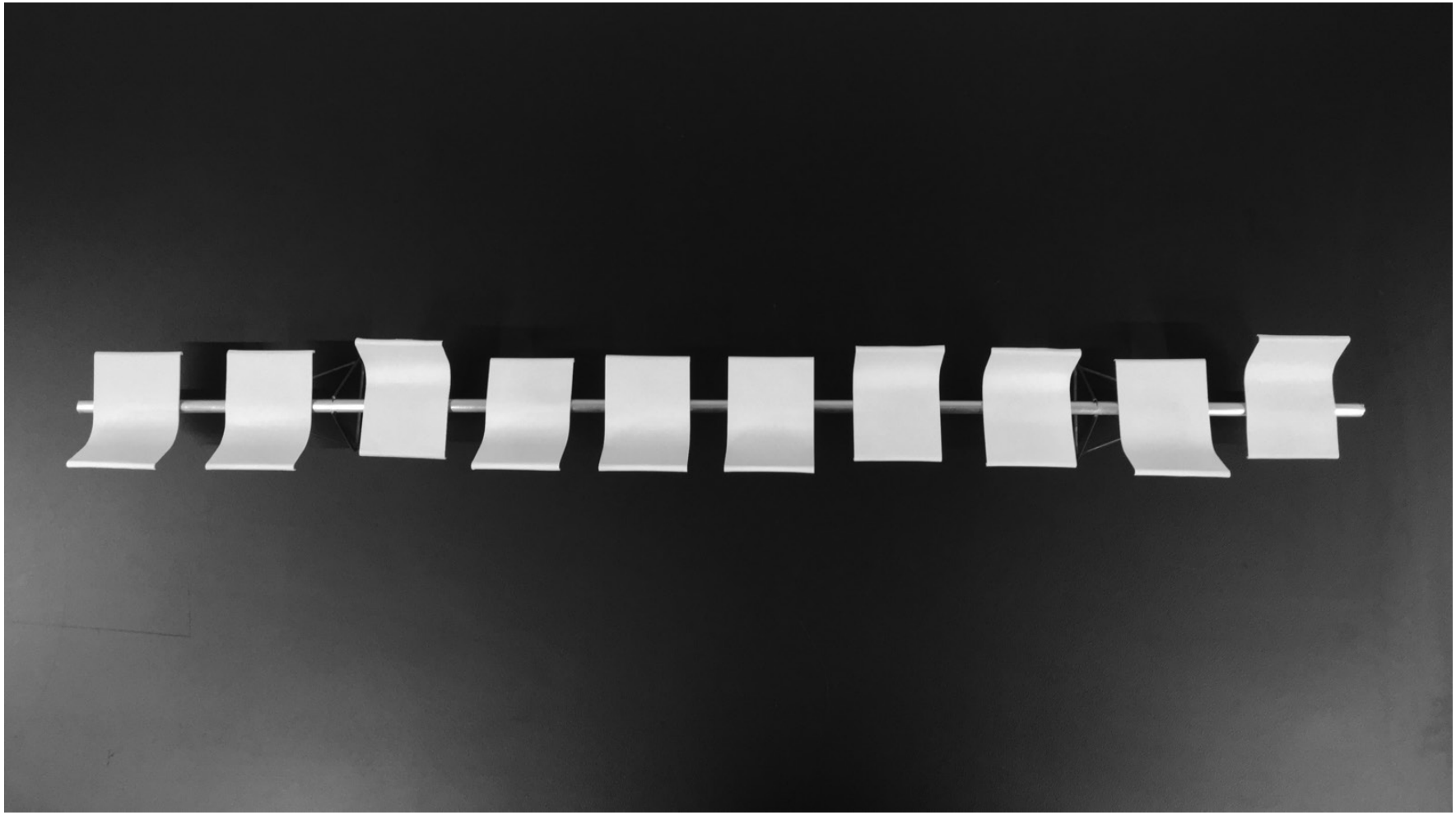


figura 315. pmr-c-mobp-maquete-03. fonte: Revista Projeto

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Assunção 2018

paraguai

_ Tipo de Concurso

Aberto a docentes e arquitetos formados FADA- Facultad de Arquitectura, Diseño y Arte UNA- PAR

_ Entidade Promotora

Facultad de Arquitectura, Diseño y Arte UNA- PAR

_ Organizador do Concurso

Facultad de Arquitectura, Diseño y Arte UNA- PAR

_Número de Projetos Entregues

_ Colocação Paulo Mendes da Rocha

não premiado

_ Premiados

1º lugar- Javier Corvalan

2º lugar- Viviana Pozzoli e Horacio Cherniavsky

Menção Honrosa- Nicolás Morales e Pablo Barbadillo

_ Jurados

_ Anotações

_ Acervo Disponível

pranchas completas em meio digital

_ Equipe de Projeto

Paulo Mendes da Rocha (autor)
Violeta Perez (autor)
Paola Moure (autor)
Miguel Duarte (autor)
Marianna Tucci
Agustina Burt
Ivana Rovira
Eloisa Barriocanal
Matias Barrios
Amado Franco
Daniel Diaz
Alvaro Iparraguirr

_ Bibliogafia

acervo escritório Paulo Mendes da Rocha

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Assunção 2018

paraguai

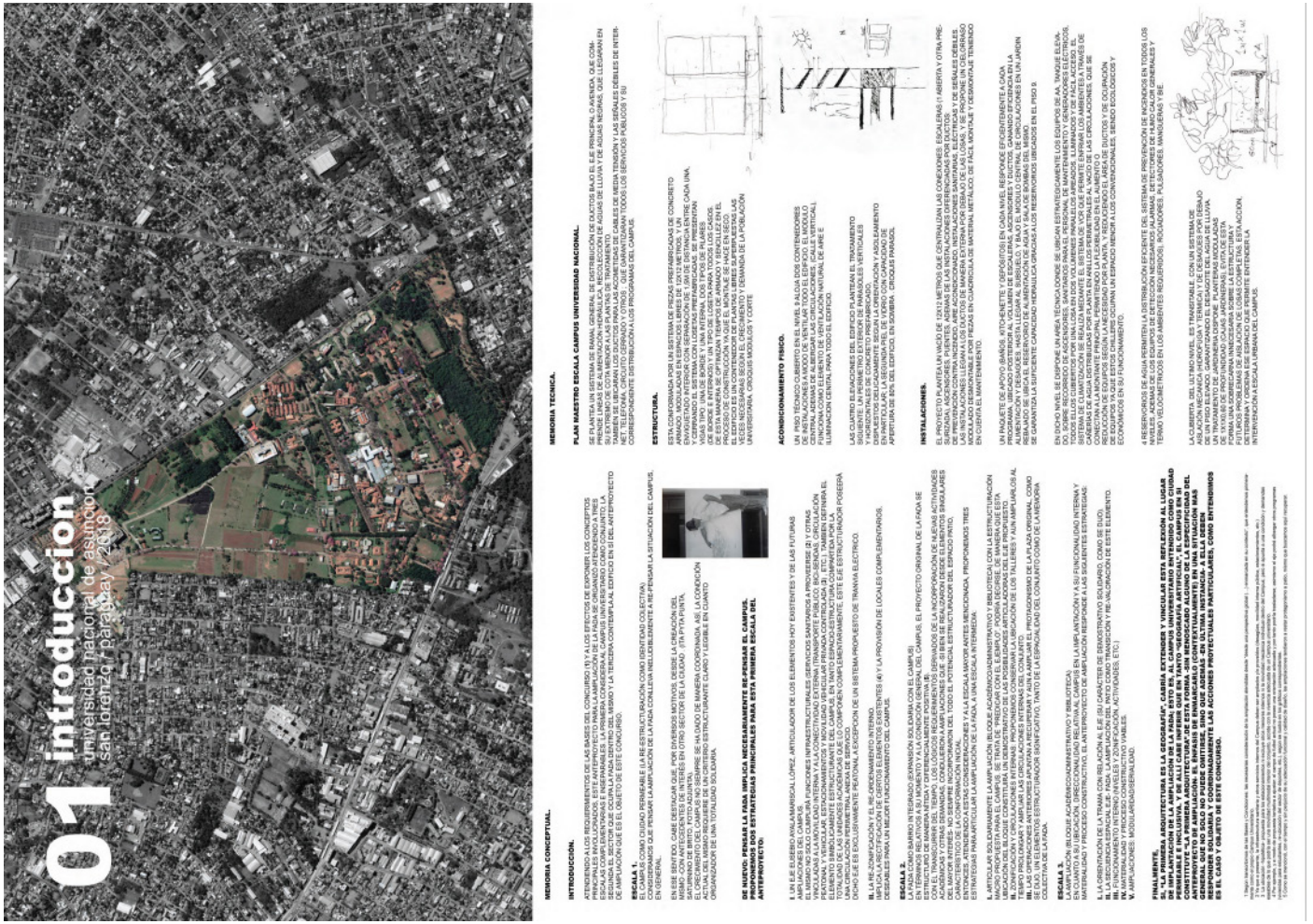


figura 316. pmr.meraki.m.tda-c-fada-flh-01. fonte: Escritório PMR

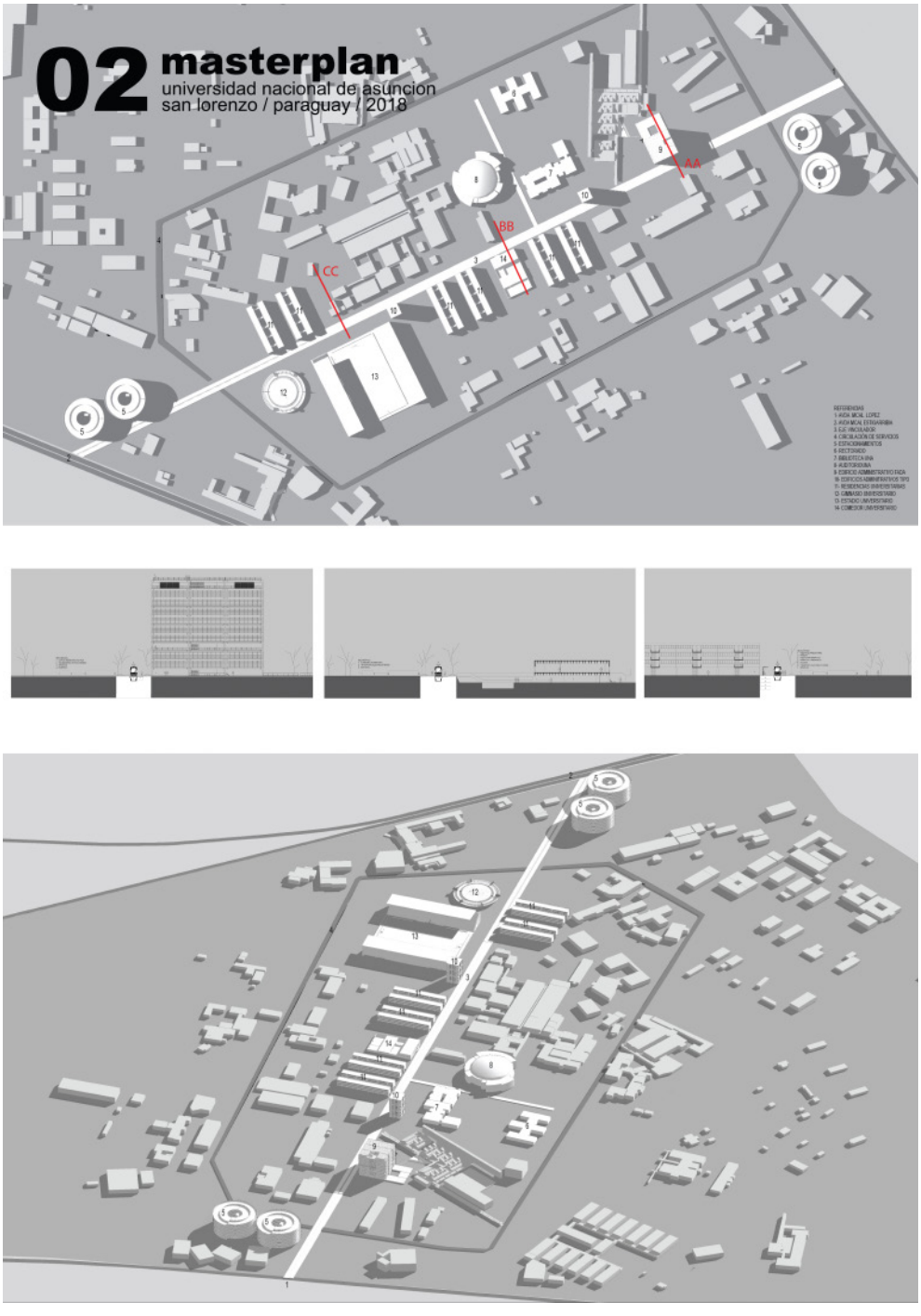


figura 317. pmr.meraki.m.tda-c-fada-flh-02. fonte: Escritório PMR

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Assunção 2018

paraguai

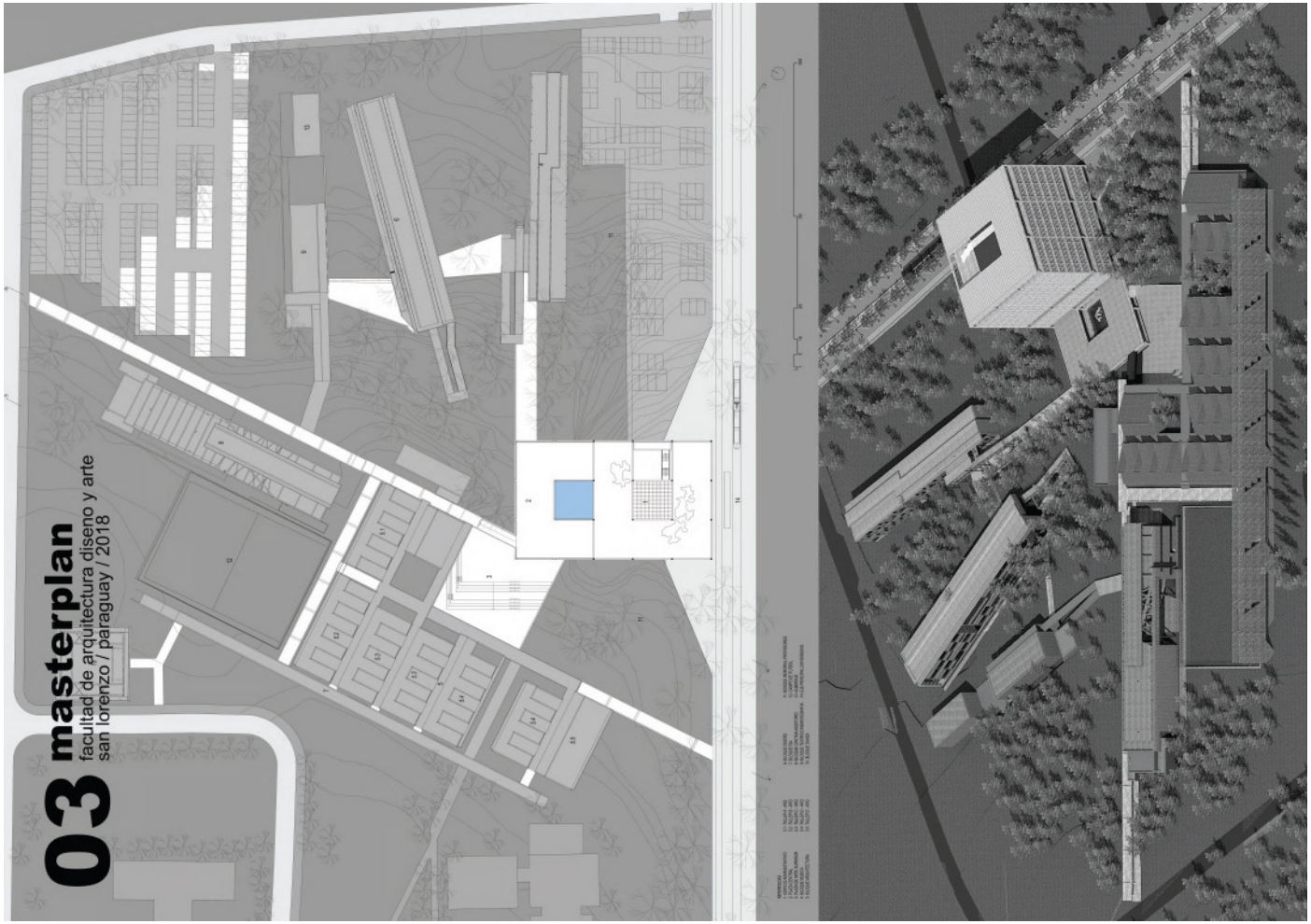


figura 318. pmr.meraki.m.tda-c-fada-flh-03. fonte: Escritório PMR

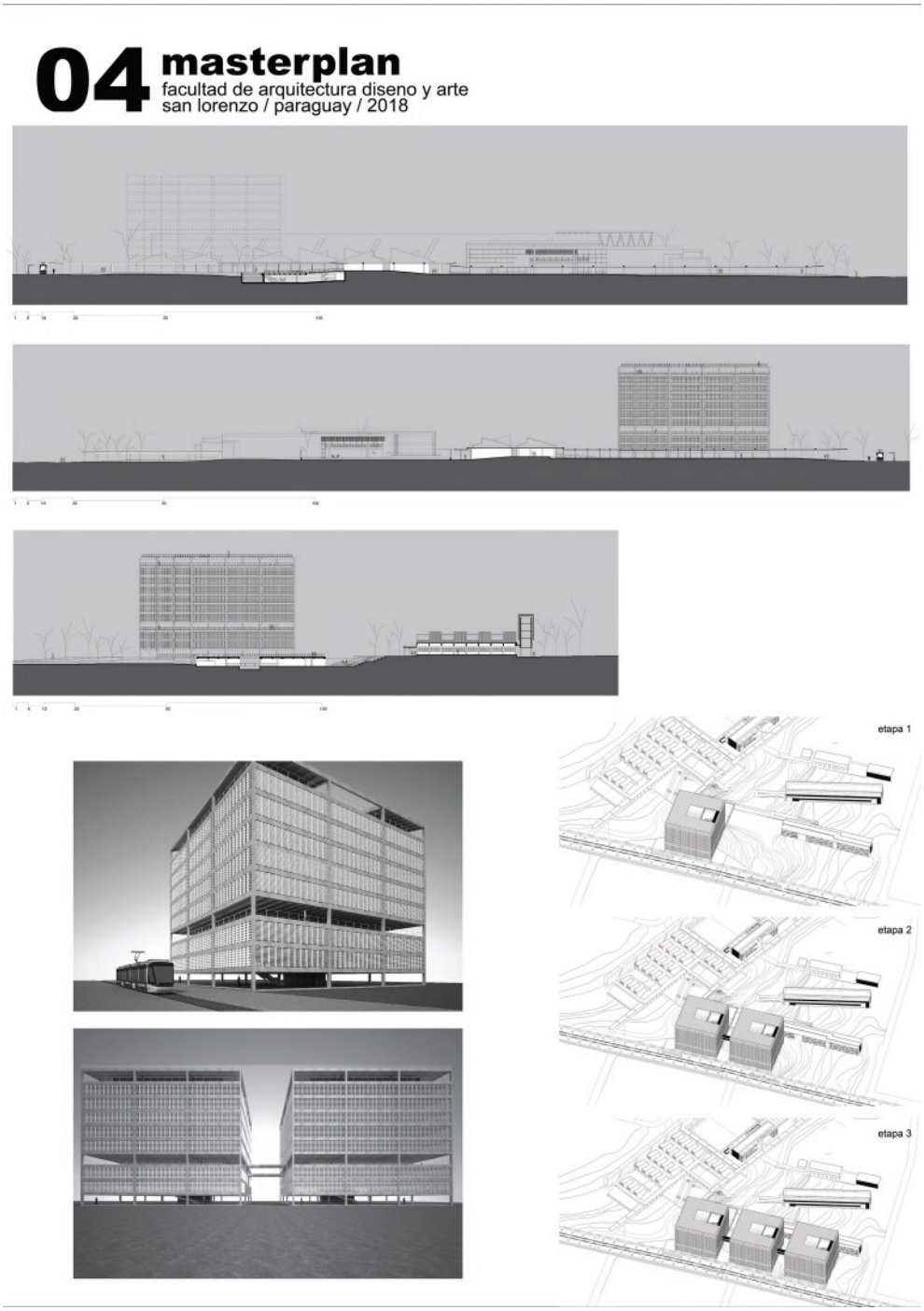


figura 319. pmr.meraki.m.tda-c-fada-flh-04. fonte: Escritório PMR

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Assunção 2018

paraguai

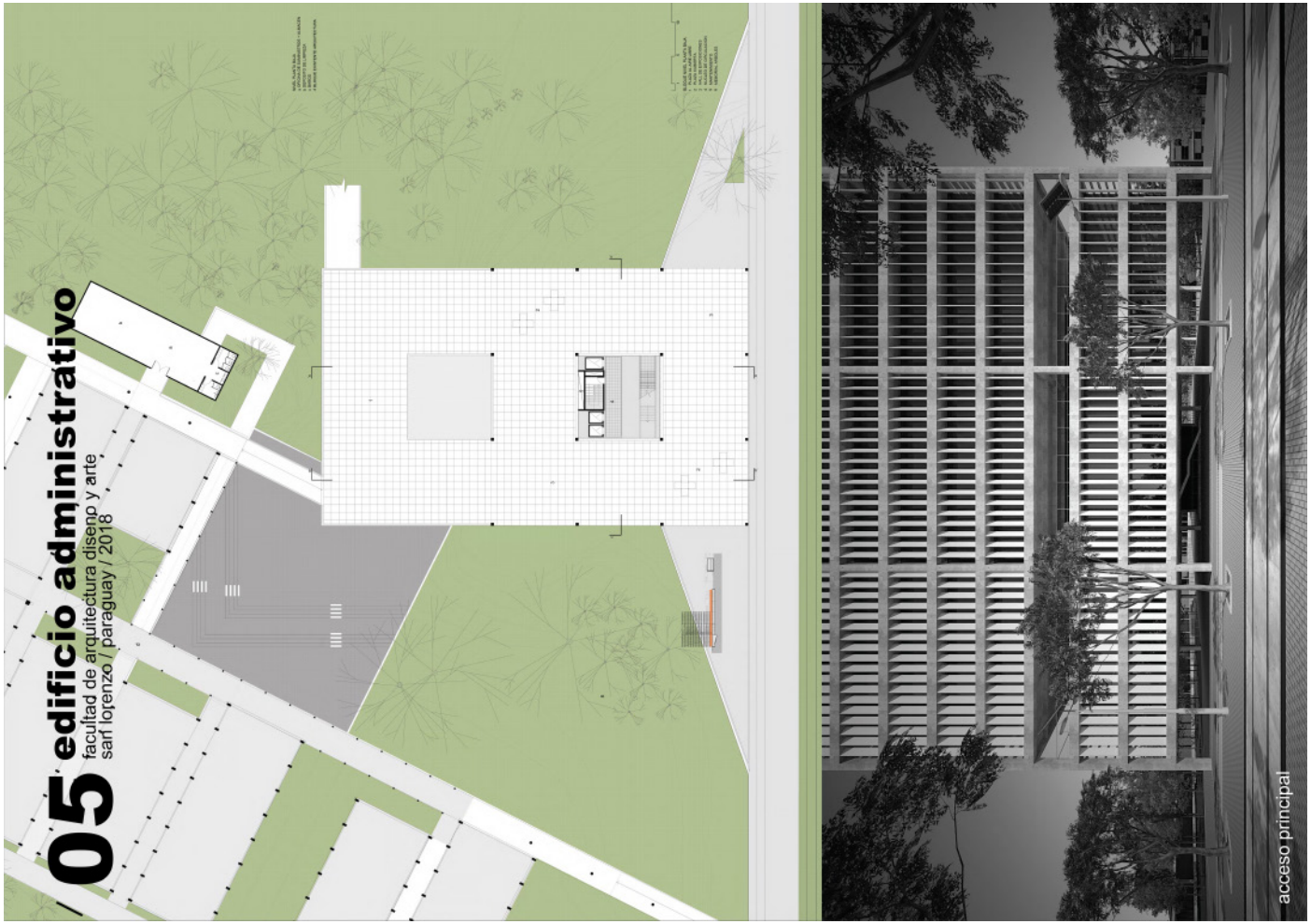


figura 320. pmr.meraki.m.tda-c-fada-flh-05. fonte: Escritório PMR

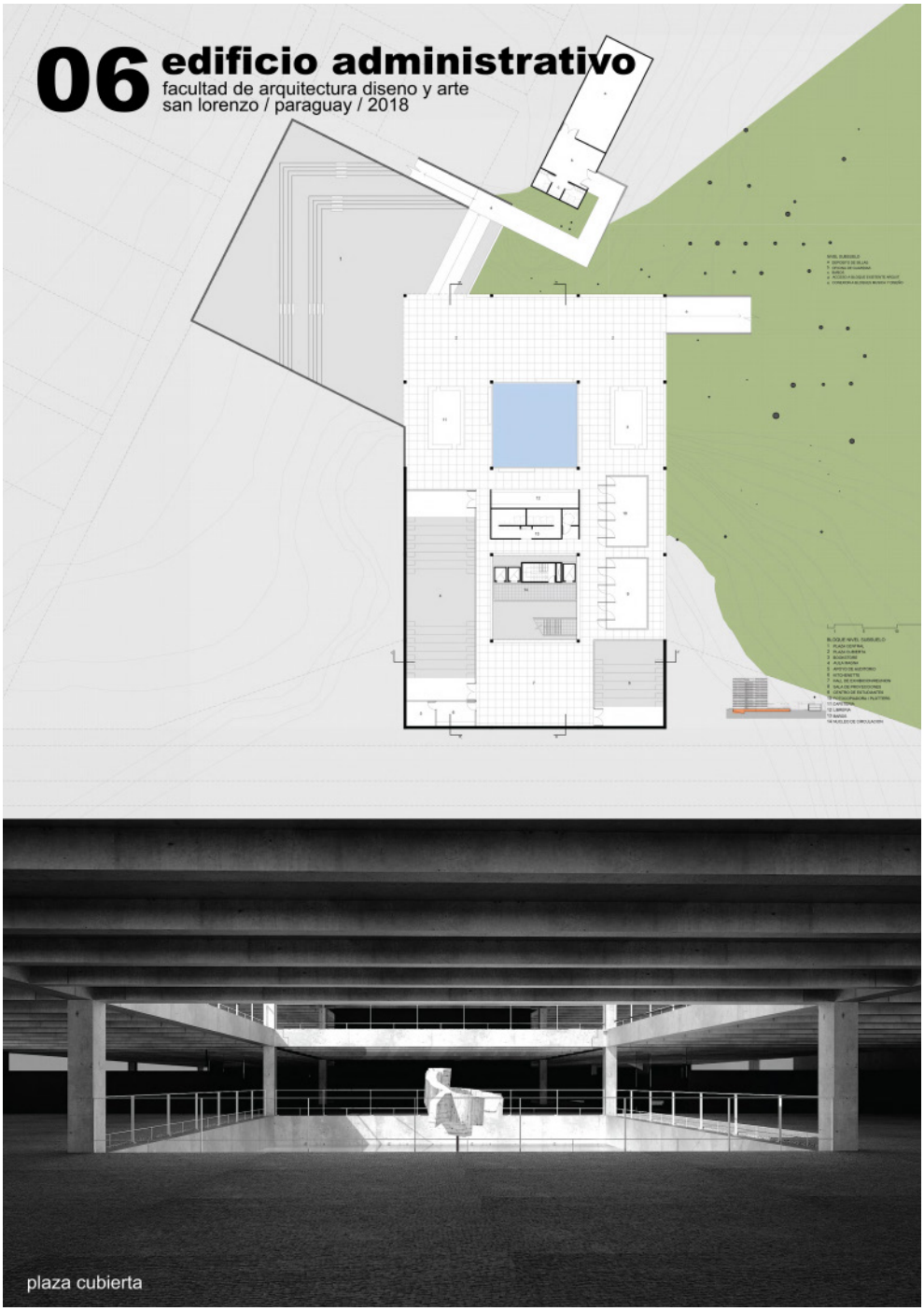


figura 321. pmr.meraki.m.tda-c-fada-flh-06. fonte: Escritório PMR

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Assunção 2018

paraguai



figura 322. pmr.meraki.m.tda-c-fada-flh-07. fonte: Escritório PMR



figura 323. pmr.meraki.m.tda-c-fada-flh-08. fonte: Escritório PMR

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Assunção 2018

paraguai

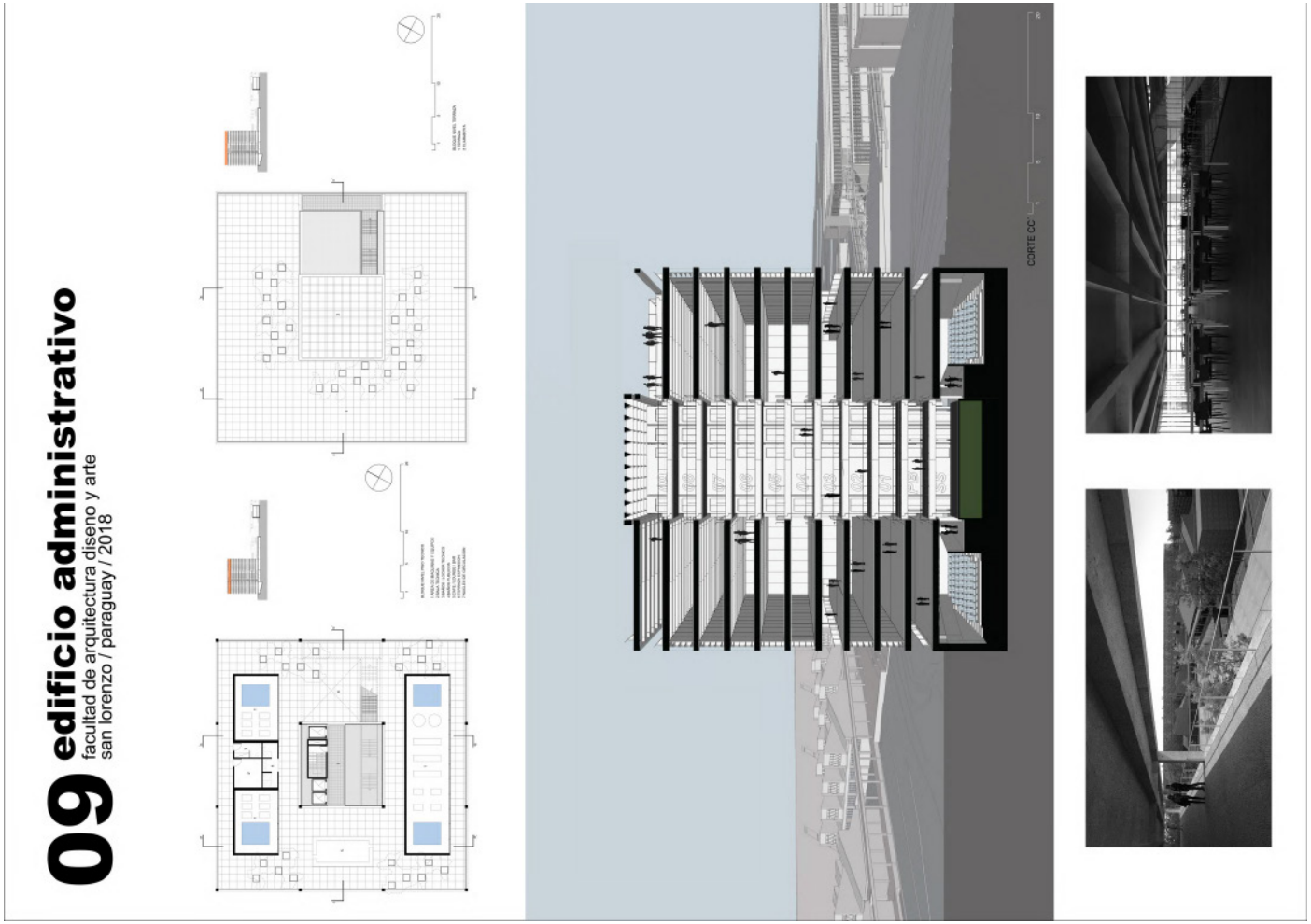


figura 324. pmr.meraki.m.tda-c-fada-flh-09. fonte: Escritório PMR

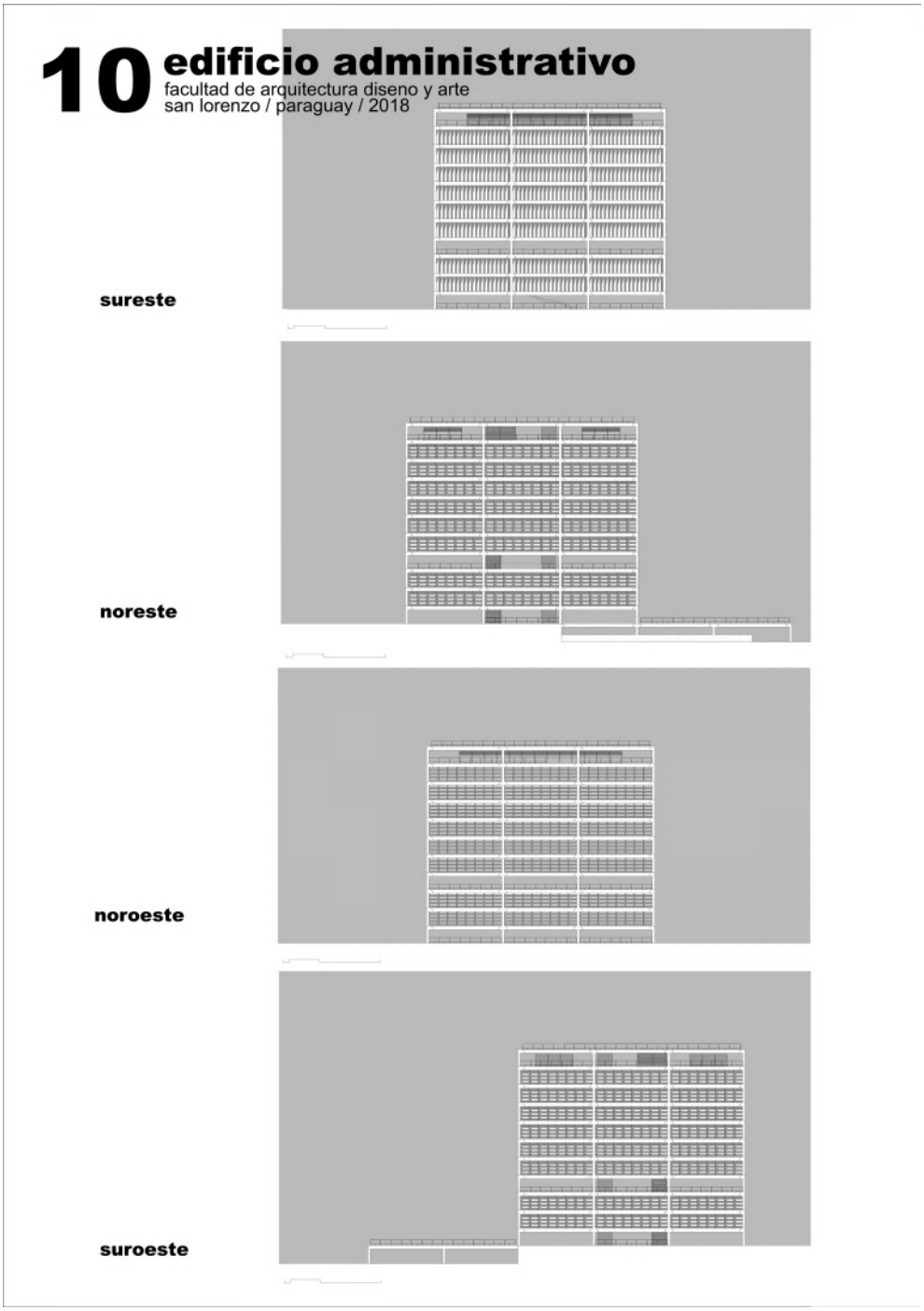


figura 325. pmr.meraki.m.tda-c-fada-flh-10. fonte: Escritório PMR

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Assunção 2018

paraguai



figura 326. pmr.meraki.m.tda-c-fada-flh-11. fonte: Escritório PMR

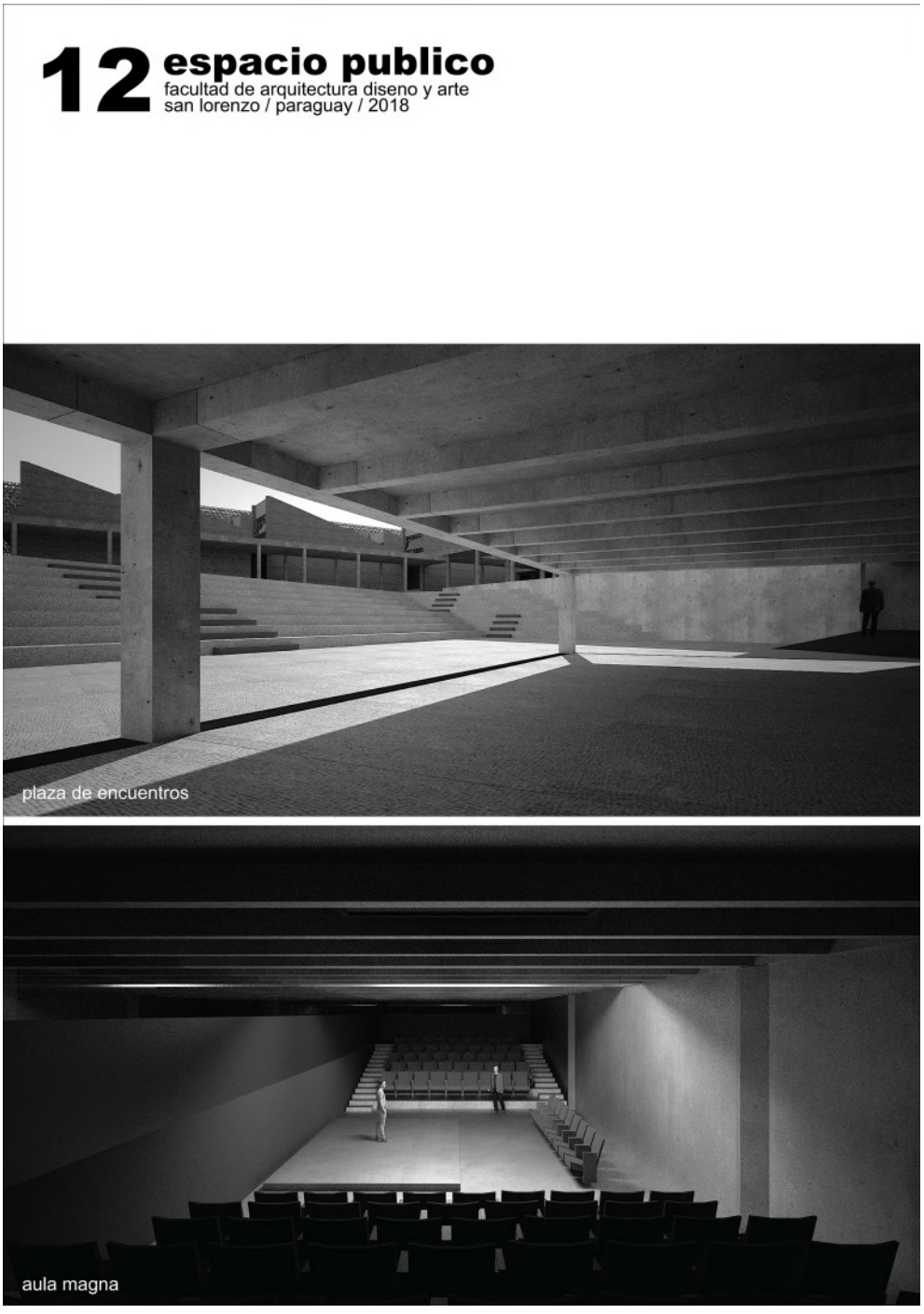


figura 327. pmr.meraki.m.tda-c-fada-flh-12. fonte: Escritório PMR

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Assunção 2018

paraguai



figura 328. pmr.meraki.m.tda-c-fada-flh-13. fonte: Escritório PMR

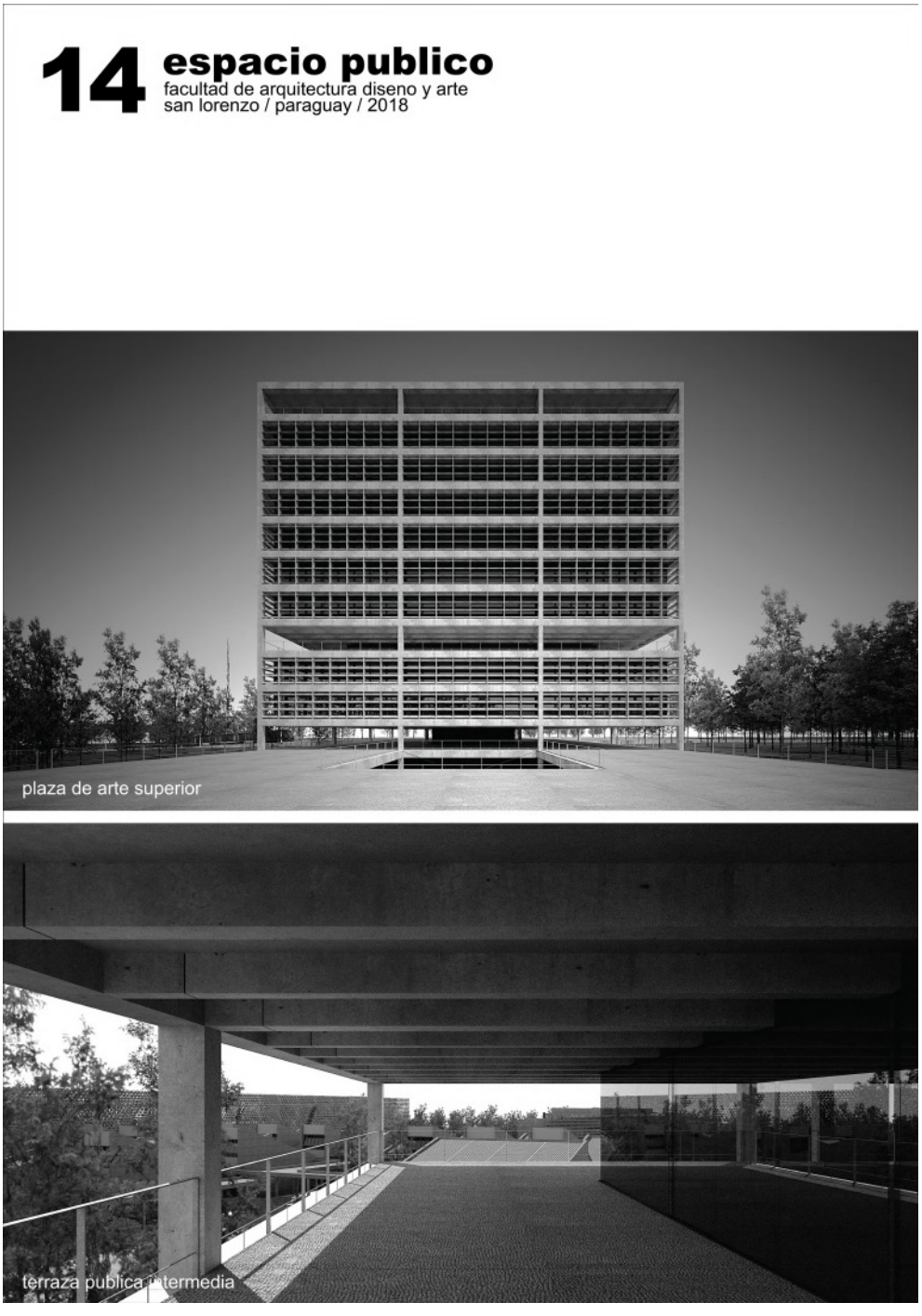


figura 329. pmr.meraki.m.tda-c-fada-flh-14. fonte: Escritório PMR

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Assunção 2018

paraguai

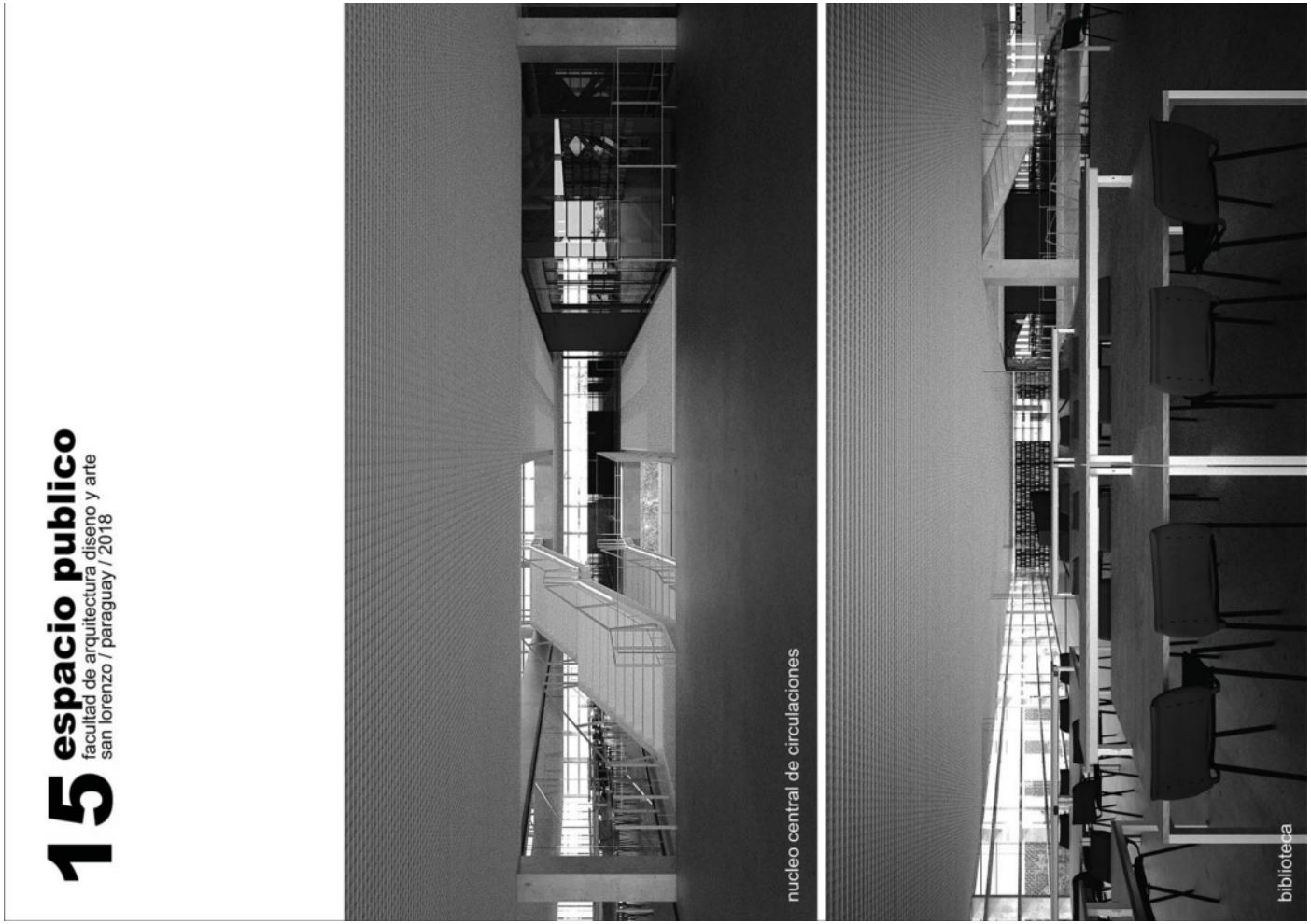


figura 330. pmr.meraki.m.tda-c-fada-flh-15. fonte: Escritório PMR

lista de figuras volume 2

1	FEB 1958 - ANO 20 - N° 232 – capa -	fonte: Revista Acrópole
2	FEB 1958 - ANO 20 - N° 232 - pg.129	fonte: Revista Acrópole
3	FEB 1958 - ANO 20 - N° 232 - pg.130	fonte: Revista Acrópole
4	FEB 1958 - ANO 20 - N° 232 - pg.131	fonte: Revista Acrópole
5	FEB 1958 - ANO 20 - N° 232 - pg.132	fonte: Revista Acrópole
6	FEB 1958 - ANO 20 - N° 232 - pg.133	fonte: Revista Acrópole
7	pmr-c-pcap-ap-flh-01	fonte: PISANI, 2013.
8	pmr-c-pcap-ap-flh-02	fonte: PISANI, 2013.
9	pmr-c-pcap-ap-flh-03	fonte: OTONDO, C; GOUVEA,J. 2011
10	pmr-c-pcap-ap-flh-04	fonte: OTONDO, C; GOUVEA,J. 2012
11	pmr-c-pcap-pe-flh-2a	fonte: OTONDO, C; GOUVEA,J. 2013
12	pmr-c-pcap-pe-flh-2b	fonte: OTONDO, C; GOUVEA,J. 2014
13	pmr-c-pcap-pe-flh-2c	fonte: OTONDO, C; GOUVEA,J. 2015
14	pmr-c-pcap-pe-det-diversos	fonte: OTONDO, C; GOUVEA,J. 2016
15	pmr-c-pcap-perspectiva-01	fonte: PISANI, 2013.
16	pmr-c-pcap-croqui-01	fonte: PISANI, 2013.
17	PT-CA-PMR-2-PA-021_01283	fonte: Casa da Arquitectura
18	JPT-CA-PMR-2-PA-021_01284	fonte: Casa da Arquitectura
19	PT-CA-PMR-2-PA-021_01285	fonte: Casa da Arquitectura
20	PT-CA-PMR-2-PA-021_01286	fonte: Casa da Arquitectura
21	PT-CA-PMR-2-PA-021_01287	fonte: Casa da Arquitectura
22	JPT-CA-PMR-2-PA-021_01288	fonte: Casa da Arquitectura

23	PT-CA-PMR-2-PA-021_01289	fonte: Casa da Arquitectura
24	JPT-CA-PMR-2-PA-021_01290	fonte: Casa da Arquitectura
25	PT-CA-PMR-2-PA-021_01291	fonte: Casa da Arquitectura
26	pmr-c-jcg-flh-10	fonte: Escritório PMR
27	JPT-CA-PMR-2-PA-021_01292	fonte: Casa da Arquitectura
28	pmr-c-jcg-croqui-01	fonte: Escritório PMR
29	pmr-c-jcg-croqui-02	fonte: Escritório PMR
30	pmr-c-jcg-maquete-01	fonte: Escritório PMR
31	PT_CA_PMR_2_PA-028-01-0001	fonte: Casa da Arquitectura
32	PT-CA-PMR-2-PA-028_01019	fonte: Casa da Arquitectura
33	PT_CA_PMR_2_PA-028-01-0002	fonte: Casa da Arquitectura
34	PT_CA_PMR_2_PA-028-01-0003	fonte: Casa da Arquitectura
35	PT_CA_PMR_2_PA-028-01-0004	fonte: Casa da Arquitectura
36	PT-CA-PMR-2-PA-028_01020	fonte: Casa da Arquitectura
37	PT-CA-PMR-2-PA-028_01021	fonte: Casa da Arquitectura
38	PT-CA-PMR-2-PA-028_01022	fonte: Casa da Arquitectura
39	PT-CA-PMR-2-PA-028_01024	fonte: Casa da Arquitectura
40	pmr-c-cog-mem-00	fonte: Escritório PMR
41	croqui Pedro Paulo de Melo Saraiva	fonte: ESPALLARGAS GIMENEZ, 2016.
42	PT_CA_PMR_3_PA-002-01-0008	fonte: Casa da Arquitectura
43	PT_CA_PMR_3_PA-002-01-0009	fonte: Casa da Arquitectura
44	PT_CA_PMR_3_PA-002-01-0010	fonte: Casa da Arquitectura
45	PT_CA_PMR_3_PA-002-01-0011	fonte: Casa da Arquitectura
46	PT_CA_PMR_3_PA-002-01-0012	fonte: Casa da Arquitectura
47	PT_CA_PMR_3_PA-002-01-0013	fonte: Casa da Arquitectura
48	PT_CA_PMR_3_PA-002-01-0014	fonte: Casa da Arquitectura
49	PT_CA_PMR_3_PA-002-01-0015	fonte: Casa da Arquitectura

50	pmr-c-pbo-pe-flh-24	fonte: Carlo Gandolfi.
51	pmr-c-pbo-croqui-01	fonte: Escritório PMR
52	pmr-c-pbo-croqui-02	fonte: Escritório PMR
53	pmr-c-pbo-maquete-01	fonte: Escritório PMR
54	pmr-c-pbo-flaviomotta-mem-01	fonte: Escritório PMR
55	pmr-c-pbo-flaviomotta-mem-02	fonte: Escritório PMR
56	pmr-c-pbo-flaviomotta-mem-03	fonte: Escritório PMR
57	pmr-c-pbo-flaviomotta-mem-04	fonte: Escritório PMR
58	pmr-c-pbo-flaviomotta-mem-05	fonte: Escritório PMR
59	pmr-c-pbo-flaviomotta-mem-06	fonte: Escritório PMR
60	pmr-c-pbo-flaviomotta-mem-07	fonte: Escritório PMR
61	pmr-c-pbo-flaviomotta-mem-08	fonte: Escritório PMR
62	pmr-c-pbo-flaviomotta-mem-09	fonte: Escritório PMR
63	pmr-c-pbo-flaviomotta-mem-10	fonte: Escritório PMR
64	pmr-c-pbo-flaviomotta-mem-11	fonte: Escritório PMR
65	pmr-c-pbo-flaviomotta-mem-12	fonte: Escritório PMR
66	pmr-c-pbo-flaviomotta-mem-13	fonte: Escritório PMR
67	pmr-c-pbo-flaviomotta-mem-14	fonte: Escritório PMR
68	pmr-c-pbo-flaviomotta-mem-15	fonte: Escritório PMR
69	pmr-c-pbo-flaviomotta-mem-16	fonte: Escritório PMR
70	pmr-c-pbo-flaviomotta-mem-17	fonte: Escritório PMR
71	pmr-c-pbo-flaviomotta-mem-18	fonte: Escritório PMR
72	pmr-c-pbo-flaviomotta-mem-19	fonte: Escritório PMR
73	pmr-c-pbo-flaviomotta-mem-20	fonte: Escritório PMR
74	pmr-c-epr-des-01	fonte: PISANI, 2013.
75	pmr-c-epr-des-02	fonte: arcvision.org
76	pmr-c-epr-des-03	fonte: PISANI, 2013.

77	PT_CA_PMR_3_PA-008-0003	fonte: Casa da Arquitectura
78	PT_CA_PMR_3_PA-008-0004	fonte: Casa da Arquitectura
79	PT_CA_PMR_3_PA-008-0005	fonte: Casa da Arquitectura
80	pmr-c-cbpp-flh-00	fonte: Escritório PMR
81	pmr-c-cbpp-maquete-01	fonte: Escritório PMR
82	pmr-c-cbpp-maquete-02	fonte: Escritório PMR
83	PT_CA_PMR_3_PU-001-01-0001	fonte: Casa da Arquitectura
84	PT_CA_PMR_3_PU-001-01-0002-A+B	fonte: Casa da Arquitectura
85	PT_CA_PMR_3_PU-001-01-0003-A+B	fonte: Casa da Arquitectura
86	PT_CA_PMR_3_PU-001-01-0004-A+B	fonte: Casa da Arquitectura
87	PT_CA_PMR_3_PU-001-01-0005-A+B	fonte: Casa da Arquitectura
88	PT_CA_PMR_3_PU-001-01-0006-A+B	fonte: Casa da Arquitectura
89	pmr-c-tacs-maquete-01	fonte: Escritório PMR
90	pmr-c-tacs-maquete-02	fonte: Escritório PMR
91	pmr-c-tacs-maquete-03	fonte: Escritório PMR
92	PT-CA-PMR-3-PA-034_02811	fonte: Casa da Arquitectura
93	PT-CA-PMR-3-PA-034_02812	fonte: Casa da Arquitectura
94	PT-CA-PMR-3-PA-034_02813	fonte: Casa da Arquitectura
95	PT-CA-PMR-3-PA-034_02814	fonte: Casa da Arquitectura
96	PT-CA-PMR-3-PA-034_02815	fonte: Casa da Arquitectura
97	PT-CA-PMR-3-PA-034_02816	fonte: Casa da Arquitectura
98	PT-CA-PMR-3-PA-034_02817	fonte: Casa da Arquitectura
99	PT-CA-PMR-3-PA-034_02818	fonte: Casa da Arquitectura
100	PT-CA-PMR-3-PA-034_02819	fonte: Casa da Arquitectura
101	PT-CA-PMR-3-PA-034_02820	fonte: Casa da Arquitectura
102	PT_CA_PMR_3_PA-038-01-0005	fonte: Casa da Arquitectura
103	PT_CA_PMR_3_PA-038-01-0006	fonte: Casa da Arquitectura

104	PT_CA_PMR_3_PA-038-01-0007	fonte: Casa da Arquitectura
105	PT_CA_PMR_3_PA-038-01-0008	fonte: Casa da Arquitectura
106	PT_CA_PMR_3_PA-038-01-0009	fonte: Casa da Arquitectura
107	PT_CA_PMR_3_PA-038-01-0010	fonte: Casa da Arquitectura
108	PT_CA_PMR_3_PA-038-01-0011	fonte: Casa da Arquitectura
109	PT_CA_PMR_3_PA-038-01-0012	fonte: Casa da Arquitectura
110	PT_CA_PMR_3_PA-038-01-0013	fonte: Casa da Arquitectura
111	PT_CA_PMR_3_PA-038-01-0014	fonte: Casa da Arquitectura
112	PT_CA_PMR_3_PA-038-01-0015	fonte: Casa da Arquitectura
113	PT_CA_PMR_3_PA-038-01-0016	fonte: Casa da Arquitectura
114	pmr-c-icc-maquete-01	fonte: Casa da Arquitectura
115	pmr-c-icc-maquete-02	fonte: Casa da Arquitectura
116	PT_CA_PMR_3_PA-053-01-0005	fonte: Casa da Arquitectura
117	PT_CA_PMR_3_PA-053-01-0006	fonte: Casa da Arquitectura
118	PT_CA_PMR_3_PA-053-01-0007	fonte: Casa da Arquitectura
119	PT_CA_PMR_3_PA-053-01-0006	fonte: Casa da Arquitectura
120	PT_CA_PMR_3_PA-053-01-0009	fonte: Casa da Arquitectura
121	PT_CA_PMR_3_PA-053-01-0010	fonte: Casa da Arquitectura
122	PT_CA_PMR_3_PA-053-01-0011	fonte: Casa da Arquitectura
123	PT_CA_PMR_3_PA-053-01-0012	fonte: Casa da Arquitectura
124	PT_CA_PMR_3_PA-053-01-0013	fonte: Casa da Arquitectura
125	PT_CA_PMR_3_PA-053-01-0014	fonte: Casa da Arquitectura
126	PT_CA_PMR_3_PA-053-01-0015	fonte: Casa da Arquitectura
127	PT_CA_PMR_3_PA-053-01-0016	fonte: Casa da Arquitectura
128	PT_CA_PMR_3_PA-053-01-0017	fonte: Casa da Arquitectura
129	pmr-c-creasp-maquete-01	fonte: Escritório PMR
130	pmr-c-bnrj-flh-01	fonte: Escritório PMR

131	pmr-c-bnrj-flh-02	fonte: Escritório PMR
132	pmr-c-bnrj-flh-03	fonte: Escritório PMR
133	pmr-c-brj-croqui-005	fonte: Escritório PMR
134	pmr-c-brj-croqui-006	fonte: Escritório PMR
135	pmr-c-brj-croqui-007	fonte: Escritório PMR
136	pmr-c-brj-croqui-008	fonte: Escritório PMR
137	pmr-c-brj-croqui-009	fonte: Escritório PMR
138	pmr-c-brj-croqui-010	fonte: Escritório PMR
139	pmr-c-brj-croqui-011	fonte: Escritório PMR
140	pmr-c-brj-croqui-012	fonte: Escritório PMR
141	pmr-c-brj-croqui-013	fonte: Escritório PMR
142	pmr-c-brj-croqui-014	fonte: Escritório PMR
143	pmr-c-brj-croqui-015	fonte: Escritório PMR
144	pmr-c-brj-croqui-016	fonte: Escritório PMR
145	pmr-c-brj-croqui-017	fonte: Escritório PMR
146	pmr-c-brj-croqui-018	fonte: Escritório PMR
147	ca_pt_00164	fonte: Casa da Arquitectura
148	ca_pt_00165	fonte: Casa da Arquitectura
149	pmr-c-mube-pe-flh-00	fonte: OTONDO, C; GOUVEA,J. 2007
150	pmr-c-mube-pe-flh-01	fonte: OTONDO, C; GOUVEA,J. 2008
151	pmr-c-mube-pe-flh-02	fonte: OTONDO, C; GOUVEA,J. 2009
152	pmr-c-mube-pe-flh-03	fonte: OTONDO, C; GOUVEA,J. 2010
153	pmr-c-mube-pe-flh-04	fonte: OTONDO, C; GOUVEA,J. 2011
154	pmr-c-mube-croqui-01	fonte: Escritório PMR
155	pmr-c-mube-croqui-02	fonte: Escritório PMR
156	PT-CA-PMR-3-PA-093_01004	fonte: Casa da Arquitectura
157	PT-CA-PMR-3-PA-093_01005	fonte: Casa da Arquitectura

158	PT-CA-PMR-3-PA-093_01006	fonte: Casa da Arquitectura
159	PT-CA-PMR-3-PA-093_01007	fonte: Casa da Arquitectura
160	PT-CA-PMR-3-PA-093_01008	fonte: Casa da Arquitectura
161	PT-CA-PMR-3-PA-093_01009	fonte: Casa da Arquitectura
162	PT-CA-PMR-3-PA-093_01010	fonte: Casa da Arquitectura
163	PT-CA-PMR-3-PA-093_01011	fonte: Casa da Arquitectura
164	PT-CA-PMR-3-PA-093_01012	fonte: Casa da Arquitectura
165	PT-CA-PMR-3-PA-093_01013	fonte: Casa da Arquitectura
166	PT-CA-PMR-3-PA-093_01014	fonte: Casa da Arquitectura
167	PT-CA-PMR-3-PA-093_01015	fonte: Casa da Arquitectura
168	PT-CA-PMR-3-PA-093_01016	fonte: Casa da Arquitectura
169	PT-CA-PMR-3-PA-093_01017	fonte: Casa da Arquitectura
170	PT-CA-PMR-3-PA-093_01018	fonte: Casa da Arquitectura
171	PT_CA_PMR_3_PA-097-01-0001	fonte: Casa da Arquitectura
172	PT_CA_PMR_3_PA-097-01-0002	fonte: Casa da Arquitectura
173	PT-CA-PMR-3-PA-097_03027	fonte: Casa da Arquitectura
174	PT-CA-PMR-3-PA-097_03030	fonte: Casa da Arquitectura
175	pmr-c-bace-maquete-01	fonte: Escritório PMR
176	pmr-c-bace-maquete-02	fonte: Escritório PMR
177	pmr-c-bace-maquete-03	fonte: Escritório PMR
178	pmr-c-bace-maquete-04	fonte: Escritório PMR
179	pmr-c-bace-maquete-05	fonte: Escritório PMR
180	PT-CA-PMR-3-PA-097_02998	fonte: Casa da Arquitectura
181	PT-CA-PMR-3-PA-097_03000	fonte: Casa da Arquitectura
182	PT-CA-PMR-3-PA-097_03002	fonte: Casa da Arquitectura
183	PT-CA-PMR-3-PA-097_03004	fonte: Casa da Arquitectura
184	PT-CA-PMR-3-PA-097_03006	fonte: Casa da Arquitectura

185	PT-CA-PMR-3-PA-097_03008	fonte: Casa da Arquitectura
186	PT-CA-PMR-3-PA-097_03010	fonte: Casa da Arquitectura
187	PT-CA-PMR-3-PA-097_03012	fonte: Casa da Arquitectura
188	PT-CA-PMR-3-PA-097_03014	fonte: Casa da Arquitectura
189	PT-CA-PMR-3-PA-097_03016	fonte: Casa da Arquitectura
190	PT-CA-PMR-3-PA-097_03018	fonte: Casa da Arquitectura
191	PT-CA-PMR-3-PA-097_03020	fonte: Casa da Arquitectura
192	PT-CA-PMR-3-PA-097_03022	fonte: Casa da Arquitectura
193	PT-CA-PMR-3-PA-097_03023	fonte: Casa da Arquitectura
194	PT-CA-PMR-3-PA-097_03024	fonte: Casa da Arquitectura
195	PT-CA-PMR-3-PA-097_03025	fonte: Casa da Arquitectura
196	pmr-c-iesp-maquete-01	fonte: Escritório PMR
197	pmr-c-iesp-maquete-02	fonte: Escritório PMR
198	pmr-c-iesp-maquete-03	fonte: Escritório PMR
199	pmr-c-ncfgv-flh-01	fonte: Escritório PMR
200	pmr-c-ncfgv-flh-02	fonte: Escritório PMR
201	pmr-c-ncfgv-flh-03	fonte: Escritório PMR
202	pmr-c-ncfgv-flh-04	fonte: Escritório PMR
203	pmr-c-sesct-des-01	fonte: Escritório PMR
204	pmr-c-sesct-des-02	fonte: Escritório PMR
205	pmr-c-sesct-des-03	fonte: Escritório PMR
206	pmr-c-sesct-des-04	fonte: Escritório PMR
207	pmr-c-sesct-des-05	fonte: Escritório PMR
208	pmr-c-sesct-des-06	fonte: Escritório PMR
209	pmr-c-sesct-des-07	fonte: Escritório PMR
210	pmr-c-sesct-des-08	fonte: Escritório PMR
211	pmr-c-sesct-des-09	fonte: Escritório PMR

212	pmr-c-sesct-des-10	fonte: Escritório PMR
213	pmr-c-sesct-maquete-01	fonte: Escritório PMR
214	pmr-c-sesct-maquete-02	fonte: Escritório PMR
215	pmr-c-sesct-maquete-03	fonte: Escritório PMR
216	pmr-c-sesct-maquete-04	fonte: Escritório PMR
217	pmr-c-mcb-flh-01	fonte: Escritório PMR
218	pmr-c-mcb-flh-02	fonte: Escritório PMR
219	pmr-c-mcb-flh-03	fonte: Escritório PMR
220	pmr-c-mcb-flh-04	fonte: Escritório PMR
221	pmr-c-mcb-flh-05	fonte: Escritório PMR
222	pmr-c-mcb-flh-06	fonte: Escritório PMR
223	pmr-c-csivam-flh-01	fonte: Escritório PMR
224	pmr-c-csivam-flh-02	fonte: Escritório PMR
225	pmr-c-csivam-flh-03	fonte: Escritório PMR
226	pmr-c-csivam-flh-04	fonte: Escritório PMR
227	pmr-c-csivam-flh-05	fonte: Escritório PMR
228	pmr-c-csivam-flh-06	fonte: Escritório PMR
229	pmr-c-csivam-flh-07	fonte: Escritório PMR
230	pmr-c-csivam-flh-08	fonte: Escritório PMR
231	pmr-c-csivam-flh-09	fonte: Escritório PMR
232	pmr-c-csivam-maquete-01	fonte: Escritório PMR
233	pmr-c-csivam-maquete-02	fonte: Escritório PMR
234	pmr-c-csivam-maquete-03	fonte: Escritório PMR
235	pmr-c-csivam-maquete-04	fonte: Escritório PMR
236	pmr-c-ciop-img-01	fonte: Paris Olympiques, France, Le Moniteur, fev. 2001
237	pmr-c-ciop-img-02	fonte: Paris Olympiques, France, Le Moniteur, fev. 2001
238	pmr-c-ciop-img-03	fonte: Paris Olympiques, France, Le Moniteur, fev. 2001

239	pmr-c-ciop-img-04	fonte: Paris Olympiques, France, Le Moniteur, fev. 2001
240	pmr-c-ciop-img-05	fonte: Paris Olympiques, France, Le Moniteur, fev. 2001
241	pmr-c-ciop-img-06	fonte: Paris Olympiques, France, Le Moniteur, fev. 2001
242	pmr-c-ciop-img-07	fonte: Paris Olympiques, France, Le Moniteur, fev. 2001
243	pmr-c-ciop-img-08	fonte: Paris Olympiques, France, Le Moniteur, fev. 2001
244	pmr-c-ciop-img-09	fonte: Paris Olympiques, France, Le Moniteur, fev. 2001
245	pmr-c-ciop-img-10	fonte: Paris Olympiques, France, Le Moniteur, fev. 2001
246	pmr-c-mac-des-01	fonte: Maia Neto, 2004.
247	pmr-c-mac-des-02	fonte: Maia Neto, 2004.
248	pmr-c-mac-des-03	fonte: Maia Neto, 2004.
249	pmr-c-mac-des-04	fonte: Maia Neto, 2004.
250	pmr-c-mac-des-05	fonte: Maia Neto, 2004.
251	pmr-c-mac-des-06	fonte: Maia Neto, 2004.
252	pmr-c-mac-des-07	fonte: Maia Neto, 2004.
253	pmr-c-mac-des-08	fonte: Maia Neto, 2004.
254	pmr-c-croqui-01	fonte: Maia Neto, 2004.
255	pmr-c-croqui-02	fonte: Maia Neto, 2004.
256	pmr-c-mac-maquete-01	autor: Edison Hiroyama
257	pmr-c-mac-maquete-02	autor: Edison Hiroyama
258	pmr-c-mac-maquete-03	autor: Edison Hiroyama
259	pmr-c-mac-maquete-04	autor: Edison Hiroyama
260	pmr-c-mac-maquete-05	autor: Edison Hiroyama
261	pmr-c-mac-maquete-06	autor: Edison Hiroyama
262	pmr-c-mac-maquete-07	autor: Edison Hiroyama
263	pmr-c-mac-maquete-08	autor: Edison Hiroyama
264	pmr-c-mac-maquete-09	autor: Edison Hiroyama
265	pmr-c-mac-maquete-10	autor: Edison Hiroyama

266	pmr-c-ncjt-flh-01	fonte: map-studio.it
267	pmr-c-ncjt-flh-02	fonte: map-studio.it
268	pmr-c-ncjt-flh-03	fonte: map-studio.it
269	pmr-c-ncjt-flh-04	fonte: map-studio.it
270	pmr-c-ncjt-flh-05	fonte: map-studio.it
271	pmr-c-ncjt-croqui-01	fonte: map-studio.it
272	pmr-c-ncjt-flh-05	fonte: map-studio.it
273	pmr-c-ncjt-croqui-01	fonte: map-studio.it
274	pmr-c-ncjt-maquete-01	fonte: map-studio.it
275	pmr-c-ncjt-maquete-02	fonte: map-studio.it
276	pmr-c-sceg-flh-1	fonte: Pedro Mendes da Rocha
277	pmr-c-sceg-flh-2	fonte: Pedro Mendes da Rocha
278	pmr-c-sceg-flh-3	fonte: Pedro Mendes da Rocha
279	pmr-c-sceg-flh-4	fonte: Pedro Mendes da Rocha
280	pmr-c-sceg-flh-5	fonte: Pedro Mendes da Rocha
281	pmr-c-sceg-flh-6	fonte: Pedro Mendes da Rocha
282	pmr-c-sceg-flh-7	fonte: Pedro Mendes da Rocha
283	pmr-c-sceg-flh-8	fonte: Pedro Mendes da Rocha
284	pmr-c-sceg-flh-9	fonte: Pedro Mendes da Rocha
285	pmr-c-sceg-flh-10	fonte: Pedro Mendes da Rocha
286	pmr-c-sceg-flh-11	fonte: Pedro Mendes da Rocha
287	pmr-c-sceg-flh-12	fonte: Pedro Mendes da Rocha
288	pmr-c-sceg-flh-13	fonte: Pedro Mendes da Rocha
289	pmr-c-polr-flh-01	fonte: Bak Gordon Arquitetos
290	pmr-c-polr-flh-02	fonte: Bak Gordon Arquitetos
291	pmr-c-polr-flh-03	fonte: Bak Gordon Arquitetos
292	pmr-c-polr-flh-04	fonte: Bak Gordon Arquitetos

293	pmr-c-polr-flh-05	fonte: Bak Gordon Arquitetos
294	pmr-c-polr-img-01	fonte: Bak Gordon Arquitetos
295	pmr-c-sasb-img-01	fonte: metroarquitetos.com.br
296	pmr-c-sasb-img-02	fonte: metroarquitetos.com.br
297	pmr-c-sasb-maquete-01	fonte: metroarquitetos.com.br
298	pmr-c-sasb-maquete-02	fonte: metroarquitetos.com.br
299	pmr-c-sasb-maquete-03	fonte: metroarquitetos.com.br
300	pmr-c-mab-flh-01	fonte: nationalgalerie20.de
301	pmr-c-mab-des-01	fonte: metroarquitetos.com.br
302	pmr-c-mab-des-02	fonte: metroarquitetos.com.br
303	pmr-c-mab-des-03	fonte: metroarquitetos.com.br
304	pmr-c-mab-des-04	fonte: metroarquitetos.com.br
305	pmr-c-mab-des-05	fonte: metroarquitetos.com.br
306	pmr-c-mab-des-06	fonte: metroarquitetos.com.br
307	pmr-c-mab-des-07	fonte: metroarquitetos.com.br
308	pmr-c-mab-des-08	fonte: metroarquitetos.com.br
309	pmr-c-mab-diag-01	fonte: metroarquitetos.com.br
310	pmr-c-mab-maquete-01	fonte: metroarquitetos.com.br
311	pmr-c-mab-img-01	fonte: metroarquitetos.com.br
312	pmr-c-mobp-img-01	fonte: Archdaily Brasil
313	pmr-c-mobp-maquete-01	fonte: Revista Projeto
314	pmr-c-mobp-maquete-02	fonte: Revista Projeto
315	pmr-c-mobp-maquete-03	fonte: Revista Projeto
316	pmr.meraki.m.tda-c-fada-flh-01	fonte: Escritório PMR
317	pmr.meraki.m.tda-c-fada-flh-02	fonte: Escritório PMR
318	pmr.meraki.m.tda-c-fada-flh-03	fonte: Escritório PMR
319	pmr.meraki.m.tda-c-fada-flh-04	fonte: Escritório PMR

320	pmr.meraki.m.tda-c-fada-flh-05	fonte: Escritório PMR
321	pmr.meraki.m.tda-c-fada-flh-06	fonte: Escritório PMR
322	pmr.meraki.m.tda-c-fada-flh-07	fonte: Escritório PMR
323	pmr.meraki.m.tda-c-fada-flh-08	fonte: Escritório PMR
324	pmr.meraki.m.tda-c-fada-flh-09	fonte: Escritório PMR
325	pmr.meraki.m.tda-c-fada-flh-10	fonte: Escritório PMR
326	pmr.meraki.m.tda-c-fada-flh-11	fonte: Escritório PMR
327	pmr.meraki.m.tda-c-fada-flh-12	fonte: Escritório PMR
328	pmr.meraki.m.tda-c-fada-flh-13	fonte: Escritório PMR
329	pmr.meraki.m.tda-c-fada-flh-14	fonte: Escritório PMR
330	pmr.meraki.m.tda-c-fada-flh-15	fonte: Escritório PMR